



TESE DE DOUTORADO DE

UNIVERSIDADE DE RENNES

ESCOLA DOUTORAL N° 645

Espaces, Sociétés, Civilisations

Especialidade: *Sciences de l'information et de la communication*

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

DOUTORADO EM COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE

Por

Mariana FAGUNDES AUSANI

O mundo social do midiativismo feminista digital:

As trajetórias entre jornalismo, ativismo *on-line* e militância política

Tese apresentada e defendida em Brasília, em 16 de novembro de 2023

Relatoras antes da defesa:

France Aubien Professora Associada, Dep. Literatura e Com. Social, Universidade Québec à Trois-Rivières
Virginie Julliard Professora, CELSA – Universidade de Sorbonne

Composição da banca:

Orientador: Fábio Henrique Pereira Professor – Universidade de Brasília
Coorientadora: Béatrice Damian-Gaillard Professora – Universidade de Rennes

Examinadoras: Erica Guevara Professora – Universidade Paris 8
Eugénie Saitta Professora – Universidade de Rennes
Florence Le Cam Professora – Universidade Livre de Bruxelas
Isabel Travancas Professora – Universidade Federal do Rio de Janeiro
Liliane Machado Professora – Universidade de Brasília
Virginie Julliard Professora – CELSA-Universidade de Sorbonne



Título: O mundo social do midiativismo feminista digital.

As trajetórias entre jornalismo, ativismo *on-line* e militância política

Resumo: O intuito da pesquisa é entender, a partir das trajetórias dos membros do mundo social e tomando como base os casos do Brasil e da França, como se estruturam publicações midiativistas feministas digitais e por que elas se mantêm. Opto por trabalhar com os dois países por serem representações de relevo no cenário geopolítico internacional do Sul (Brasil) e do Norte (França) global.

Assumo o midiativismo feminista como um espaço composto pelo interstício entre outros mundos sociais, como o do jornalismo, o do ativismo digital e o da militância política.

Para compreender quais formas de engajamento são construídas pelo grupo, a tese tem como objeto de análise as publicações brasileiras *AzMina*, *Think Olga* e *Lado M* e as publicações francesas *Georgette Sand*, *Les Glorieuses* e *Madmoizelle*. Utilizo as teorias sobre estudos de gênero e feminismos como apoio bibliográfico.

Recorro ao arcabouço teórico do interacionismo simbólico correlacionado aos mundos sociais da perspectiva beckeriana para traçar as convenções e as maneiras de cooperação, de interação e as negociações construídas pelo grupo. Busco suporte igualmente na sociologia crítica e na teoria dos campos sociais para observar relações de poder e de dominação que perpassam a prática e as vivências de entrevistadas(os).

A metodologia, de caráter qualitativo e indutivo, apoia-se em uma etnografia com entrevistas em profundidade com atrizes e atores que participam em diferentes graus da composição do mundo – produtoras(es) de conteúdos, equipes de apoio e públicos – e na observação direta das práticas desenvolvidas por participantes desses espaços para possibilitar a comparação multissítio e dar indícios transnacionais das formas de funcionamento das mídias feministas digitais.

Palavras-chave:

feminismos, midiativismo, mundo social, ativismo digital, militância, engajamento

Titre : Le monde social du médiactivisme féministe numérique.

Les trajectoires entre le journalisme, l'activisme en ligne et le militantisme politique

Mots clés : féminismes, médiactivisme, monde social, activisme numérique, militantisme, engagement

Résumé : L'objectif de la recherche est de comprendre, à partir des trajectoires des membres du monde social et en se fondant sur les cas du Brésil et de la France, comment se structurent et pourquoi se maintiennent les publications médiactivistes féministes numériques. J'ai choisi de travailler sur ces deux pays parce ce sont des acteurs majeurs du contexte géopolitique international du Sud (Brésil) et du Nord (France).

Le médiactivisme féministe est considéré comme un espace situé à l'interstice d'autres mondes sociaux, tels que le journalisme, l'activisme numérique et le militantisme politique. Afin de saisir quelles formes d'engagement sont construites par le groupe, la thèse analyse les publications brésiliennes *AzMina*, *Think Olga* et *Lado M*, ainsi que les publications françaises *Georgette Sand*, *Les Glorieuses* et *Madmoizelle*. Les théories sur les études de genre et les féminismes sont mobilisés comme support bibliographique. Ainsi, le cadre théorique de l'interactionnisme symbolique corrélé aux mondes sociaux de la perspective beckerienne est mobilisé pour décrire

les conventions et les modes de coopération, d'interaction et de négociation construits par les journalistes et les collaboratrices et collaborateurs de ces publications.

Je m'appuie également sur la sociologie critique et la théorie du champ social pour observer les rapports de pouvoir et de domination qui imprègnent la pratique analysée et les expériences des personnes interrogées.

La méthodologie, de nature qualitative et inductive, est fondée sur l'ethnographie à partir des entretiens approfondis effectués avec des actrices et des acteurs qui participent à différents degrés à la composition du monde – responsables pour la production de contenu, équipes de soutien et publics – et l'observation directe des pratiques développées par les participant-es dans ces espaces, pour permettre une comparaison multisite et fournir des preuves transnationales des façons dont les médias féministes numériques fonctionnent.

Title: The social world of digital feminist media activism.

Trajectories between journalism, online activism and political militancy

Keywords: feminisms, media activism, social world, digital activism, militancy, engagement

Abstract: The aim of the research is to understand, from the trajectories of the members of the social world and based on the cases of Brazil and France, how digital feminist media publications are structured and why they are maintained. I chose to work with these two countries because they are major players in the international geopolitical scenario of the global South (Brazil) and North (France).

I see feminist media activism as a space composed of the interstice between other social worlds, such as journalism, digital activism, and political militancy. To understand which forms of engagement are constructed by the group, the thesis analyzes the Brazilian publications *AzMina*, *Think Olga* and *Lado M* and the French publications *Georgette Sand*, *Les Glorieuses* and *Madmoizelle*. I use theories on gender studies and feminisms as bibliographical support.

I also turn to the theoretical framework of symbolic interactionism correlated to the social worlds of the beckerian perspective to trace the conventions and ways of cooperation, interaction and negotiation constructed by the journalists and contributors to these publications. Moreover, I seek support from critical sociology and social field theory to observe the relations of power and domination that permeate the practice analyzed and the experiences of the interviewees.

The methodology, of a qualitative and inductive nature, is based on ethnography with in-depth interviews with actresses and actors who participate to different degrees in the composition of the world – content producers, support teams and publics – and direct observation of the practices developed by participants in these spaces to enable multi-site comparison and provide transnational evidence of the ways in which digital feminist media work.

Dedico estas páginas – e todo o esforço que elas representam – às Therezas.

À minha bisavó, Thereza, de quem só conheci histórias e o imaginário de força e resiliência. E a todas as Therezas que dela descendem e que me inspiraram a amar e a admirar o ser mulher.

E, com tanto afeto quanto saudade, redijo e faço pesquisa/jornalismo/militância e o constante exercício de escrita em homenagem à Irene. Quem, no caos destes últimos anos, partiu. Mas que nunca vai nos deixar. E sempre vai andar ao meu lado, buscando novos percursos, rumos diferentes, outras estradas. Caminhos de liberdade.

Agradecimentos

Embora pareça solitário, o processo de elaboração de uma tese depende de redes de cooperação. Feito uma obra de arte ou uma notícia de jornal, o manuscrito leva meu nome, mas, se analisarmos sociologicamente os contextos que resultaram no produto final, pode-se retomar entrecruzamentos de mundos e trajetórias. Considero desvairado o projeto de dedicar quatro anos e algo de vida a um tema, sem nem ter hipóteses, tateando histórias alheias, tentando deixar o objeto falar por si. E o meu objeto tem voz. E rostos. São 63, cheios de bocas e olhos e peitos dispostos a falar, a sentir, a contar. São pessoas que recusam o silêncio e escolhem a partilha. No desvario compartilhado entre o viver equilibrando múltiplas versões de si, elas me escolheram para escutar e registrar suas histórias. É graças à coragem de quem me cedeu tempo e narrativas – às vezes, as mais dolorosas que tinham – que esta pesquisa se tornou realidade. Obrigada a cada uma e um que aceitou conceder entrevistas em profundidade para este estudo. Espero que estas páginas consigam representar, ao menos um pouquinho, quem vocês são e as dimensões dessa utopia feminista tão palpável que vocês coletivizam.

Para fins de reconhecimento e gratidão, há que se admitir, contudo, que os resultados são um pequeno pedaço aparente de um grande todo que, não raro, fica escondido e se perde na versão final do produto. Neste espaço, não quero deixar de registrar a relevância de quem está por trás da tese e, sobretudo, quero agradecer a cada um dos membros da minha persistente equipe de apoio. A começar pelo meu orientador, o professor Fábio Pereira. Porque, para existir tese, é preciso haver o desejo de doutorado. Ele não só achou, bem mais do que eu, que eu tinha forças e fôlego para seguir pesquisando, como acreditou e se engajou para que eu o fizesse além-mares e terras. Fábio, obrigada pela parceria e confiança de anos, e, especialmente, por me inspirar a fazer pesquisa-ação.

Agradeço também à Béatrice Damian-Gaillard, que não apenas aceitou o desafio de orientar uma pesquisa que já estava em andamento, como o fez e refez com explícita atenção, cuidado e zelo. Béatrice, obrigada pela paciência com o meu francês truncado e por

me lembrar, com o olhar cheio de encanto, que ser pesquisadora é um exercício cheio de possibilidades, que comporta a magia de desbravar diferentes mundos. Em se tratando da imersão etnográfica francesa e da relevância do pessoal de apoio, cabe destacar minha gratidão e carinho à Marylène Bercegeay, sem a qual, de fato, a Fac de droit esteve por desabar – como comprovam os recentes tremores de terra registrados no centro de Rennes. Obrigada, Marylène, por me acolher, de malas e tudo, por falar alto, sacudir mãos e braços e rir até gargalhar. Ter você por perto traz a sensação – nostálgica, mas também bonita e divertida – de estar mais perto de casa.

A experiência – da perspectiva da sociologia das emoções, da ordem do caos – de escrever uma tese bilíngue, de deixar o cerrado para conduzir parte da pesquisa em meio a brumas e lendas de magos e feiticeiras, de sair da zona de conforto e reestruturar a vida inteira, é outro elemento fundamental para a existência desta tese, em suas forma e essência finais. Devo essa chance de expandir os meus arredores e a mim mesma ao empenho da professora Zélia Leal Adghirni, que idealizou e conduziu as parcerias iniciais entre Universidade de Brasília (UnB) e Universidade de Rennes. Se hoje estou aqui – literalmente aqui, debaixo da garoa bretã refletindo sobre minha trajetória acadêmica – é, em boa parte, graças à confiança da professora Zélia no potencial das(os) estudantes.

Um conjunto de estruturas, feitas de pessoas e suas mobilizações, permitiu que o sonho desta tese se concretizasse. A base de todo este trabalho é a UnB, que me formou e me mostrou, entre aulas, corredores e centros acadêmicos, o tamanho que podem alcançar os sonhos coletivos. Agradeço à Faculdade de Comunicação da UnB, caminho por onde passam meus imaginários profissionais e acadêmicos para virar realidade. Sou também grata à Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), que acreditou na propagação da equidade, da diversidade e da inclusão e viabilizou a realização desta tese e, principalmente, da cotutela doutoral. Agradeço igualmente ao laboratório Arènes, que me recebeu na França e rapidamente me integrou ao grupo, através de reflexões instigantes e da apresentação de novas possibilidades teórico-metodológicas.

Ao longo deste processo, foi fundamental o contato com colegas, amigas(os) e professoras(es). Pessoas que encontrei nas minhas instituições de origem – entre as mesas e estantes da BCE ou no *bureau* da 511 – ou com quem esbarrei entre congressos, jornadas de estudo, seminários e viagens de trem para ir à Paris fazer entrevistas e etnografia. Registro, em especial, a contribuição – bibliográfica e emocional – para a conclusão deste trabalho desempenhada pelo grupo de pesquisa Madalenas em Ação, coordenado pela professora Liliane Machado. Sem nossos afetos, movidos à indignação e esperança, esta tese e eu mesma seríamos menos feministas e, portanto, seríamos menos nós.

Agradeço a todas as convidadas que compõem a banca. Obrigada às professoras Florence Le Cam, Isabel Travancas e – mais uma vez – Liliane, por participarem da minha banca de qualificação da UnB em meados de 2021, momento que reafirmou meu desejo de compreender as trajetórias das pessoas que fazem parte do mundo do midiativismo feminista. Obrigada à Eugénie Saitta, que compôs o meu Comitê de Acompanhamento Individual na França por dois anos consecutivos e que, na parceria de Isabel e Liliane – incansáveis figuras-chave para a realização desta tese – contribuiu com preciosas sugestões e observações. Agradeço também às pesquisadoras Virginie Julliard e Erica Guevara, que tanto me ajudam a compreender intersecções entre ativismo digital, gênero, mídia e militância política, por aceitarem o convite de participar da banca. Ademais, sou grata à professora France Aubin, que gentilmente aceitou ser uma das relatoras do trabalho antes da defesa.

Finalmente, não fosse o empenho de minha mãe, Sued, colando letras em folhas de ofício pelas paredes do quarto para me ensinar a decifrar palavras inteiras e tentando me fazer tomar gosto pela leitura através dos livros perfumados pelos anos da biblioteca de Jaguari, esta trajetória acadêmica teria tomado outros rumos, certamente mais curtos e com bem menos aventuras. Não fosse a vontade de Fabiano, meu pai, de, quando é preciso, trabalhar adentrando madrugadas e dedicar-se para tornar desimpossíveis desafios profissionais que parecem intransponíveis, eu não teria aprendido a ter ânimo para ir até o fim. Não fosse a ressonância revolucionária que a existência de Laura, minha irmã, causa na

minha – e a alegria que ela me traz cada vez que subverte mais e mais as imposições do patriarcado –, esta pesquisa não teria nem tema nem base.

Esta tese é, ainda, uma espécie de homenagem-póstuma – como tudo que eu faço, sou e escrevo – à minha avó, Irene. Não acredito em outras vidas nem em promessas de paraísos. Entretanto, acredito que a gente segue existindo umas através das outras e sou imensamente grata de ter tanto de minha vó em mim. Por fim, a pesquisa é também resultado de esforços e renúncias feitos em dupla, por mim e, sobretudo, por meu amor e parceiro de vida, Rodrigo, que deixou muito para trás para embarcar em um sonho que sequer era dele, mas que ele soube compartilhar e passou a sonhar junto. Obrigada por cruzar mares e oceanos entre as tempestades da vida adulta para estar ao meu lado.

Sumário

Introdução.....	17
Antes, façamos algumas ponderações sobre a linguagem (não) neutra.....	21
Mas, afinal, sobre o que é esta pesquisa?.....	24
Como a tese está estruturada	30
Para mudar o que não podemos mais aceitar	33
1. Mídia, engajamento e feminismos.....	37
Midiativismo feminista e seus ecos na internet	38
<i>A tecnologia impulsiona primaveras e insurreições feministas.....</i>	41
<i>As origens do midiativismo feminista digital e suas características</i>	47
<i>Riscos e desafios da produção de conteúdo ativista e feminista na internet.....</i>	50
<i>Uma nova forma de ativismo frente a velhos entraves de gênero.....</i>	53
<i>A tecnocultura digital do midiativismo feminista e o antifeminismo.....</i>	57
As nuances do engajamento dentro do jornalismo	60
<i>O que é midiativismo, afinal?</i>	63
Definições e contextualização da noção de gênero e das lutas feministas.....	65
<i>Gênero e as relações de poder na academia.....</i>	68
<i>Feminismos, entre ondas, lutas e gerações.....</i>	71
<i>Movimentos sociais e estruturas de militância</i>	85
Gênero e jornalismo	88
<i>Imprensa e mulheres</i>	88
<i>Imprensa (denominada) feminina.....</i>	91
<i>Imprensa feminista.....</i>	94
2. O mundo social entre emoções, dominação e cooperação	99
Mundo social: conceitos e reflexões	99
<i>Mundos sociais em suas complexidades e fluidez.....</i>	101
<i>As convenções do mundo social.....</i>	104

<i>Envolvimento de atrizes e atores com o mundo social</i>	108
Os mundos sociais do jornalismo	111
<i>Intersecções e a reinvenção de modelos convencionais</i>	113
<i>A sociologia das profissões</i>	114
Sociologia das emoções.....	117
Poder, dominação e violências: reflexões sociológicas e críticas	120
<i>Violência simbólica</i>	123
<i>Dominação masculina e os feminismos</i>	124
<i>O campo jornalístico</i>	126
<i>O campo político e a militância</i>	130
Entre os campos e o mundo social.....	132
<i>Diagramas de Venn-Euler e relações entre campo e mundo social</i>	134
<i>Por entre relações de poder e formas de cooperação, as trajetórias</i>	137
3. Percursos metodológicos e desafios etnográficos.....	139
A escolha pela pesquisa qualitativa.....	139
<i>Métodos etnográficos</i>	140
<i>Etnografia em múltiplos espaços</i>	142
<i>A observação participante</i>	144
<i>A experiência etnográfica multissítio</i>	146
<i>Uso de entrevistas em profundidade</i>	147
Os casos Brasil e França: feminismo transnacional	150
Construção do campo de pesquisa: as mídias feministas.....	153
<i>Think Olga, a organização de inovação social para mulheres</i>	154
<i>AzMina: uma revista para mulheres de A a Z</i>	156
<i>Lado M: portal sobre empoderamento e protagonismo feminino</i>	158
<i>Georgette Sand: é preciso se chamar George para ser levada a sério?</i>	159
<i>Les Glorieuses: a newsletter feminista e cultural</i>	161
<i>Madmoizelle: sociedade se escreve no feminino</i>	162

<i>Mídia, ativismo digital e militância feminista?!</i>	163
A imersão no campo de pesquisa.....	164
<i>Registro, edição e tratamento das entrevistas</i>	168
<i>Procedimentos de codificação e interpretação dos dados.....</i>	172
Uma pesquisa engajada e para além do meio acadêmico.....	175
4. Trajetórias e histórias de vida de midiativistas feministas.....	177
Perfil sociodemográfico das midiativistas feministas.....	177
<i>Perfil profissional e trajetórias de formação.....</i>	186
As descobertas do engajamento feminista	196
<i>Representações dos feminismos e do midiativismo</i>	199
Formas de mobilização e engajamento e sua integração às carreiras.....	202
<i>O despertar do engajamento feminista impulsionado pela dor.....</i>	208
Retornos financeiros e estratégias de sobrevivência econômica individuais	212
As inquietações e frustrações em torno das escolhas profissionais.....	217
Violências e ataques contra as midiativistas e seus desdobramentos	221
<i>Resistências e estratégias para evitar violências</i>	230
Do individual para o coletivo: a trajetória de uma fala por outras.....	233
5. As trajetórias de ativismo e militância das audiências de publicações feministas..	235
Perfil sociodemográfico das audiências entrevistadas.....	236
Concepção de feminismos e identificação com a pauta	247
O descortinar: as trajetórias de militância e ativismo digital das leitoras	250
Ascendências e descendências: vínculos afetivos e engajamentos políticos.....	258
<i>Tentativas de percorrer trajetórias inversas às das antepassadas</i>	264
<i>O engajamento motivado pela descendência.....</i>	266
Organização militante e categorias de engajamento feminista	270
Formas de violência contra os públicos engajados.....	290
A identificação via pertencimento	302
6. As emoções em torno da prática do midiativismo feminista digital	307

Entre o sentir e o agir: uma síntese das emoções das(os) entrevistadas(os)	307
As emoções em torno da ação de reivindicar-se feminista	310
A raiva como motivador do engajamento político e feminista	314
Os desgastes emocionais provocados pela experiência midiativista	320
Gestão de sentimentos relativos à legitimidade profissional de midiativistas	323
Os sentimentos entre o medo e a coragem de ser militante	326
Entre trajetórias e ação engajada, as emoções	328
7. A formação do mundo social do midiativismo feminista digital	335
Nível de envolvimento de atrizes e atores com o mundo social	335
A inserção e as modalidades de participação de midiativistas no mundo social	338
<i>Formas de acesso a publicações de midiativismo feminista</i>	347
Elementos e descobertas advindos da observação participante como midiativista.....	356
<i>A experiência de fazer midiativismo no Brasil</i>	357
<i>A experiência de fazer midiativismo na França</i>	359
As convenções do mundo do midiativismo feminista	364
<i>Processos de socialização e representações da prática</i>	371
<i>Papel das hierarquias</i>	376
Formas de cooperação de midiativistas feministas.....	379
Estratégias de financiamento das mídias	384
Convergências que atravessam o Atlântico	393
<i>Diferenças e adaptações socioculturais</i>	395
8. A manutenção do mundo social do midiativismo feminista.....	399
Formas de negociação de atrizes e atores do mundo social	399
<i>Conclusões sobre as estratégias de organização das midiativistas</i>	422
Profissionais dissidentes e o papel de redes de apoio.....	424
<i>A relevância do pessoal de apoio</i>	430
As interações dos públicos com o mundo social.....	432
Relações de poder e os conflitos que atravessam o mundo social	438

A relevância do reconhecimento e prestígio do mundo para sua manutenção	447
Entre jornalismo, ativismo digital e militância política.....	450
Conclusões: Não se nasce feminista, torna-se.....	463
Referências bibliográficas	481
Apêndices	537
Apêndice A.....	537
Apêndice B.....	538
Apêndice C.....	539
Apêndice D.....	542
Apêndice E.....	545
Apêndice F	547
Apêndice G	971

Introdução

A minha própria trajetória e sua relação com a tese

Esta tese¹ tem a pretensão de romper com padrões de distanciamento e isenção do campo acadêmico e de quebrar a barreira que nos impede de falar em primeira pessoa. Escrevo a partir de um lugar, de uma trajetória e de um percurso de vida, como qualquer outra pessoa que se aventura ao exercício da escrita e da pesquisa. E assumo os “eus” no texto para defender que, por trás das teorias, análises e resultados, existe alguém. A impessoalidade pode gerar estranhamento. Mas prefiro evidenciar, para reforçar o que aprendi com o que estudei até aqui, que há uma pessoa real, com ideais e uma história, conduzindo esta pesquisa. Ela terá vieses, invariavelmente, como qualquer outra. A diferença, talvez, seja a transparência de admiti-los.

Dito isso, abro o texto compartilhando com você, leitora ou leitor, a minha própria trajetória, para, de antemão, explicitar o que me trouxe até aqui.

Não sei, ao certo, quando se deu minha descoberta sobre o Feminismo – coloco-o no singular para remeter à sua integralidade, mas, ao decorrer dos debates, procuro tratá-lo no plural, para abranger suas diferentes propostas e ramificações. Decerto, foi quando nasci e iniciei meus esforços de observar o que há ao redor. Constatar as iniquidades de gênero é um exercício que acomete, conscientemente ou não, a todas nós, mulheres. Entretanto, consigo ainda captar com vivacidade na memória a lembrança de quando me tornei feminista – embora ainda não soubesse disso.

Eu devia ter seis² ou sete anos quando escutei com atenção pela primeira vez – digo isso porque, certamente, já havia ouvido a mesma conjectura em outras ocasiões – minha

¹ Que redijo em dois idiomas – o português, minha língua nativa, e o francês, que aprendo ao mesmo tempo em que conduzo este trabalho.

² Nesta tese, adota-se a convenção dos manuais de jornalismo brasileiros, em que números de zero a dez são escritos por extenso, de 11 a 999 são usados algarismos e a partir de mil usado o algarismo acrescido da palavra para números redondos ou aproximados (exemplo: 4,3 mil). Usa-se como referência o Manual de Comunicação da Secretaria de Comunicação (Secom) do Senado brasileiro. Disponível em: www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao.

avó protestar, em forma de uma tímida queixa, que, se fosse homem, seria caminhoneiro. No masculino mesmo, claro. Na concepção dela, as contrariedades da vida sequer admitiam que uma mulher pudesse exercer tal profissão. Eu, por outro lado, carregava comigo a honestidade infantil de quem ainda não sabia que uma série de restrições patriarcais³ poderiam impor tamanhos limites aos nossos quereres. Perguntei, encucada, e enfatizando o feminino no substantivo e o presente no verbo:

– E por que você não é caminhoneira?

Ela riu o riso melancólico da desilusão. Não quis me contar, naquele momento, que, mais dia, menos dia, o mundo acabaria por despedaçar minhas verdades de infância, revelando que só vontade e um tanto de esforço não são suficientes para chegar lá – seja lá onde for. Dona Irene, minha vó, queria ser “caminheiro” para poder viajar país afora. E – isso ela não me disse, mas é preciso saber ler as entrelinhas –, em especial, para experimentar o sabor ímpar que a liberdade tem.

No seu imaginário, assumir a direção, pegar a estrada e virar a curva era libertar-se. Era poder conduzir os próprios caminhos.

Ela não se tornou caminhoneira e, tampouco, livre. Percorreu os anos sob as amarras do marido, dos filhos, da casa e da reprodução social⁴ (Fernandes, 2019). Mas plantou uma, duas, três, até mais de dúzia de sementes. Fez desabrochar uma feminista em minha tia quando essa decidiu que só teria um filho ou uma filha depois dos 30, após estar financeiramente estabilizada e com uma bagagem grande de estudos, festas e carnavais. Germinou uma feminista em minha mãe quando ela decidiu, aos 21 anos e a contragosto do

³ Recorro à definição de Saffiotti (2015), que diz que patriarcado é a dominação social masculina sustentadora das hierarquias e desigualdades de gênero e que é socialmente presumida como natural e universal, mesmo que ocorram variações sociais, culturais e temporais a respeito disso.

⁴ Da perspectiva do feminismo marxista, que se apropria do termo usado por Marx e o ressignifica com foco no movimento, a reprodução social engloba o contexto de atividades, comportamentos, emoções e responsabilidades necessárias para se manter a vida (Fernandes, 2019). A pesquisadora e doutora em sociologia Sabrina Fernandes explica que essas atividades criam condições necessárias para que a vida se mantenha e seja reproduzida, como o cuidado com crianças e idosos(as), a limpeza da casa, o preparo de comida. Tal trabalho, que ocorre no âmbito doméstico privado, não é reconhecido e valorizado – nem remunerado – e na maioria das vezes é assumido por mulheres.

meu avô, me deixar em nossa pequena cidade aos cuidados da minha avó para realizar o sonho de fazer faculdade.

Floresce uma feminista quando minha prima diz que não vai esconder os fios brancos de cabelo pelo simples fato de ser mulher. Ou quando outra prima defende com convicção os direitos reprodutivos de mulheres e nosso direito de escolha quanto à maternidade. Cresce uma feminista cada vez que minha irmã recebe outra medalha de matemática ou de astronomia em competições da escola. E transbordam feminismos em mim sempre que penso nas conquistas das meninas e mulheres ao meu redor, das mulheres que leio, estudo e escuto e, mais ainda, das mulheres anônimas que circulam por aí.

A cientista social e antropóloga⁵ Rosana Pinheiro-Machado (2019) narra o potencial das renovações geracionais ao reproduzir em seu livro *Amanhã Vai Ser Maior* a fala da senhora que trabalhava na padaria perto de sua casa: “Se tu achas a minha neta de 20 [anos] feminista, é porque tu não conheceu a de 12” (Pinheiro-Machado, 2019, p. 181). A pesquisadora enfatiza que nós, que hoje ocupamos posições nas escolas, universidades, na imprensa e em diferentes esferas da sociedade, não devemos nos isentar da responsabilidade de criar condições para que essas jovens possam, amanhã, viver uma realidade maior, melhor e mais justa.

Foi isso que vó Irene⁶ fez, mesmo sem perceber, comigo, com minha mãe, irmã, tia e primas. E é por isso que escrevo e desenvolvo esta pesquisa. E, sobretudo, porque acredito

⁵ Neste trabalho, as formações e profissões das pessoas serão utilizadas para introduzir sinteticamente quem elas são. Mas friso que isso não necessariamente as define por completo e, não fosse impossível contatar uma a uma, eu as apresentaria acrescentando quem elas consideram ser (e não somente o que fazem), do que elas gostam e desgostam, o que elas amam e com o que elas sonham, pois as pessoas e suas trajetórias extrapolam suas carreiras e profissões. Ademais, esta pesquisa é também uma homenagem a tantas mulheres que não tiveram o direito de ser alguém profissionalmente, mas que, nem por isso, deixaram de existir e de imprimir suas marcas no mundo.

⁶ Escolhi abrir esta tese compartilhando um pouco de minha própria trajetória e explicando como ela se conecta ao feminismo – já que, na sequência, tratarei das trajetórias de midiativistas e de leitoras de publicações feministas. Outra escolha proposital foi evitar a formalidade e permitir que o texto provoque a sensação de aproximação, de familiaridade (por isso, uso o termo “vó”). Não só não pretendo me basear em uma escrita que siga o padrão acadêmico de impessoalidade como quero permitir que a noção de ancestralidades atravesse a pesquisa, uma vez que as trajetórias feministas de cada uma das mulheres que entrevistei começa também com suas mães, avós, tias, bisavós, enfim, vêm desde as antepassadas.

não simplesmente que há de vir, mas que já chegou um futuro mais feminista. Me disponho, então, a documentá-lo, analisá-lo e debatê-lo, na tentativa de trazer contribuições ao movimento. Defendo, como pesquisadora apoiada na abordagem do interacionismo simbólico, que deixar que as pessoas contem suas próprias histórias é um desafio teórico-metodológico que enriquece a pesquisa e pode imprimir a essa olhares novos, diferentes dos que partem do meio acadêmico, trazendo ao trabalho a originalidade da descoberta de outros mundos sociais. E, enquanto feminista, entendo que dar voz às mulheres e permitir que elas narrem a vida de seus próprios pontos de vista é, como disse a historiadora Joan Scott (1986), reescrever a história do mundo.

É para buscar ser coerente com os estudos de gênero e também para ser transparente com quem me lê que começo esta pesquisa apresentando um pouco de minha própria história. Sei que recorrer ao pronome “nós” – no lugar do “eu” –, na tradição acadêmica, é uma maneira não só de sinalizar distância entre o sujeito e a escrita, como também de demonstrar que existe um legado de pesquisas e autoras(es) que vieram antes de quem se aventura a conduzir novas investigações. Mobilizo, portanto, argumentos de acadêmicas, jornalistas e feministas que vieram antes de mim e que têm apontado os mitos em torno das noções de neutralidade e objetividade como ferramentas para camuflar ideologias dominantes (Guillaumin, 1981; Coffin, 2020; Breda, 2022; Jeantet, 2021; Perez, 2022) – brancas, masculinas e heterossexuais.

Ao mesmo tempo, busco me apoiar no que aprendi na universidade – circulando entre a biblioteca e os centros acadêmicos, nos espaços de convivência e ativismo estudantil – sobre o simbolismo e o peso de quebrar tradições. Eu não quero assinalar distâncias justamente por acreditar que os trabalhos não podem nem devem ser tão impessoais, uma vez que eles são feitos por pessoas. Apresentar-se ao(à) leitor(a) é um jeito de situar o contexto da obra, é evidenciar que estamos inseridas(os) em um período histórico e em um lugar no mundo.

A liberdade de se mostrar na pesquisa e de assumir uma posição no texto, é claro, deve ser conduzida com compromisso teórico e metodológico. Dedico-me ao trabalho

emocional, esperado das(os) cientistas sociais, de encontrar uma implicação afetiva na pesquisa que não signifique uma distância grande nem uma aproximação excessiva do objeto (Dechezelles & Treini, 2018). A tentativa de adotar uma postura crítica em relação às minhas próprias práticas – analisando o papel que desempenho na dinâmica da investigação que conduzo – permite que eu possa compreender melhor o ativismo orientado para a mídia (Ferron & Guevara, 2017). Uma vez que foi minha história de vida que me trouxe até esta tese, considero fundamental pontuar, para ser honesta com quem se deparar com estes escritos, que eu mesma estou inserida em uma conjuntura de emancipação, de ideais feministas e de militância por um academicismo que se aproxime das pessoas – a começar pelo(a) autor(a).

Dito isso, convido você, leitora ou leitor, a desbravar os novos mundos que as mulheres que fazem midiativismo feminista digital estão (re)escrevendo e (des)construindo.

Antes, façamos algumas ponderações sobre a linguagem (não) neutra

Escrever uma pesquisa sobre feminismo e como uma feminista é desafiador desde a primeira linha, quando percebemos que a língua em si já é um instrumento de exclusão e de reprodução do *status quo*. A língua, seja ela o português ou o francês, é machista (Louro, 1997; Machado, Schons & Melo Dourado, 2019; Silva, 2010; Wolf, 1992). E inventar formas de contornar suas imposições patriarcais é um malabarismo constante. Esse esforço tem sido feito por pesquisadoras e pesquisadores em diferentes disciplinas (filosofia, direito, sociologia, ciência política, linguística, comunicação etc.) e conta com mobilizações que procuram formas não sexistas de usar a língua em diversos países – França, Brasil, Alemanha, Grã-Bretanha, Canadá, Suécia (Loison *et al.*, 2020). A linguagem inclusiva utiliza diferentes técnicas, grafias e sintaxes em uma luta por equidade de gênero.

Trata-se, portanto, de tornar visíveis mulheres e pessoas não-binárias, oralmente ou por escrito, opondo-se à ideia de que o masculino e o homem representariam o universal. Os termos de linguagem não discriminatórios, epicenos, igualitários, inclusivos, sem gênero, não sexistas, desmasculinizados, etc. referem-se à mesma

questão: banir o uso de uma linguagem que reproduza as relações de gênero.⁷ (Loison *et al.*, 2020, p. 5)

Na França, militantes feministas propõem uma série de convenções de escrita para tornar a língua menos sexista, como usar os nomes de funções, graus, ofícios e títulos de acordo com o gênero (em francês, comumente, adota-se o masculino para mencionar uma profissional, ainda que seja uma mulher⁸), utilizar os termos no feminino e no masculino, usar um ponto médio (por exemplo, *étudiant.e*) ou recorrer a termos epicênicos⁹ (Haddad & Baric, 2016). Segundo a linguista Julie Neveux (2021), esse seria um movimento que ganhou força em 2017 e que vai no sentido inverso ao da masculinização do idioma que ocorreu no século 17 com a Academia Francesa, quando se definiu que o masculino seria o gênero nobre e deveria prevalecer frente ao feminino.

No Brasil, a linguagem inclusiva também ganhou destaque no debate público nos últimos anos, em especial, após Dilma Rousseff reivindicar o uso do termo “presidenta”, em vez da palavra neutra presidente, até então mais frequentemente utilizada para se referir à ou ao líder do Executivo no país. Dilma foi a primeira mulher a presidir o Brasil e, por meio dessa adaptação linguística, procurava dar ênfase à ascensão de uma mulher ao poder. Diante da nova conjuntura, a antropóloga Debora Diniz (2015), ao fazer reflexões sobre gênero na escrita brasileira, questiona-se sobre qual seria a opção mais conveniente: usar barra, “x”, arroba, masculino, feminino? Não há, segundo a antropóloga, uma resposta definitiva. Mas, para ela, é importante notar que o uso de barra, “x” ou “@” – recursos que

⁷ Livre tradução da autora para o trecho: “Il s'agit donc de rendre visibles des femmes et des personnes non binaires, à l'oral ou à l'écrit, en s'opposant à l'idée que le masculin et les hommes représenteraient l'universel. Les termes langages non discriminant, épïcène, égalitaire, inclusif, dégenré, non sexiste, démasculinisé, etc. renvoient au même enjeu : bannir l'emploi d'un langage qui reproduit les rapports de genre”.

⁸ Os nomes das profissões são geralmente escritos ou falados na forma masculina em francês, sem que o feminino seja aceito ou institucionalizado. Esta questão tem sido debatida na sociedade francesa durante as últimas décadas e a Academia Francesa de Letras levantou a questão da feminização dos nomes das profissões e funções em várias ocasiões. Em 2019, a instituição se posicionou a favor de um princípio de mudança, considerando que não há “nenhum obstáculo em princípio” para a feminização das profissões.

⁹ Termo que se refere a um substantivo que pode designar os seres independentemente dos gêneros, como a palavra criança.

equivalem ao ponto médio em francês – é uma barreira para pessoas que utilizam ledores. Precisamos, portanto, ter a sensibilidade de buscar incluir – e não excluir – e, ao mesmo tempo, de dar espaço e destaque às mulheres em nossas investigações.

Neste estudo, escolhi usar substantivos femininos sempre que possível e, em situações que se referem a ambos os gêneros, fiz o esforço de mencionar cada um dos dois, não partindo somente da generalização apoiada no masculino, para marcar e lembrar que as mulheres também precisam ser incluídas no âmbito da linguagem¹⁰. Em uma espécie de simulação de banca a qual fomos submetidas(os) – exemplo de como as ocorrências acima citadas vão aparecer ao longo do trabalho – em uma disciplina do programa de pós-graduação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB), uma professora me chamou atenção para o fato de que, para falar de mulheres, eu usava um termo masculino. Ela se referia a atores, conceito recorrente para tratar dos membros de grupos em pesquisas de interacionismo simbólico e de mundos sociais – abordagens teóricas que são as bases deste estudo.

Eu sabia que se tratava de uma crítica absolutamente pertinente. Afinal, eu mesma tinha tido essa sensação ao escrever o texto – só não sabia como contorná-la. Conversei com meu orientador da UnB sobre o tema e ele, invariavelmente compreensivo e aberto para reforçar a causa feminista, fez uma série de sugestões para resolver a problemática, dentre essas, propôs que eu arriscasse usar a terminologia atrizes ou até mesmo que criasse uma nova – como atoras. Fiquei maravilhada com as possibilidades da pesquisa. Mas tive receio de ir longe demais. Até que me deparei com um artigo da historiadora da mídia Claire Blandin (2017). Ela, ao analisar as novas práticas militantes dos feminismos, adota o termo “atrizes”. Tomei coragem então, e resolvi seguir a mesma trilha. No fim, tal qual a pesquisa, a língua nos permite imaginar – e reinventar – palavras, conceitos e até mundos inteiros.

¹⁰ Na tese redigida em francês, a adoção da linguagem inclusiva segue o padrão proposto pela versão atualizada (de 2022) do Guia Prático Para uma Comunicação Pública sem Estereótipos de Gênero, elaborado pelo Conselho Superior para a Igualdade entre Mulheres e Homens da França.

Mas, afinal, sobre o que é esta pesquisa?

Ao longo de minha trajetória profissional e acadêmica, tenho me interessado por como as produções jornalísticas atingem os públicos e como esses mobilizam as interações que fazem com a mídia e se apropriam das informações políticas que consomem para propor formas de ativismo digital (Ausani, 2017). Decidi desenvolver pesquisas na área de comunicação porque sou jornalista e o meu meio profissional me desperta curiosidade. Desde que imerge na vastidão de disciplinas e possibilidades da universidade, contudo, tento realizar investigações não restritas a essa área de estudo. Eu pretendia buscar inspiração na sociologia. Mas não em uma sociologia funcionalista, como com frequência estudos sobre mídias são conduzidos (Pereira, 2008). Mais do que isso: eu queria, de alguma forma, observar as práticas jornalísticas e ativistas sob a ótica da coletivização das experiências.

Delimitar o campo desta pesquisa foi um processo gradativo que partiu de indagações sobre meu papel enquanto jornalista, pesquisadora e mulher. Ao ingressar no doutorado, minha proposta era trabalhar com mídias independentes na internet e, em especial, em mídias sociais. No Brasil, eu me aprofundaria em projetos como o coletivo *Mídia Ninja* e a rede de coletivos *Jornalistas Livres*. Na França, focaria no jornal de informação digital *Mediapart*¹¹ e na publicação semanal *Le 1*¹². Já havia um anseio prévio por investigar o funcionamento de estruturas de mídia que se propõem a lançar um olhar menos “objetivo” e que eu enxergo como mais humanitário a pautas de classe, raça, orientação sexual e gênero. Além da vontade de dar continuidade a pesquisas sobre ativismo digital e uso de dispositivos sociotécnicos que conduzi ainda no mestrado.

Ao refletir sobre os caminhos do estudo e o tempo investido na elaboração de uma tese, considerei fundamental partir de elementos que remetem a afinidades, contemplando assuntos de interesse, que geram curiosidade, inquietações e vontade de mudança. A pauta feminista e os direitos e conquistas das mulheres são temáticas que me despertam, como

¹¹ Disponível em: <https://www.mediapart.fr/>.

¹² Disponível em: <https://le1hebdo.fr/>.

pesquisadora, um senso de responsabilidade sócio-histórica diante de discrepâncias de gênero – dentre outras – e aguçam em mim o desejo, como mulher, de percorrer trajetos que deem visibilidade a perspectivas de mundo ainda não contadas e escritas.

Tento entender e analisar os processos que dão sustentação ao midiativismo feminista enquanto um mundo social – recorrendo à noção proposta por Becker (1982) – atravessado por outros mundos (do jornalismo, do ativismo digital e da militância política)¹³. Parto do olhar interacionista ao considerar que mundo social é uma entidade processual, que está em contínua composição e recomposição através das interações entre atrizes e atores e das interpretações cruzadas que organizam as trocas entre esses (Morrissette *et al.*, 2011, p. 1). O conceito e as noções relacionadas a essa abordagem são apresentados e debatidos mais a fundo no segundo capítulo da tese.

Midiativismo feminista é a nomenclatura que evoco para definir processos em que ativistas feministas recorrem a dispositivos sociotécnicos para construir novas formas de criação e escrita em rede a partir da tecnologia digital, do uso de plataformas *on-line* e de mídias sociais e da apropriação de técnicas jornalísticas. É uma nova prática digital, que ganha fôlego a partir de 2015, em que coletivos¹⁴, ONGs e publicações feministas compartilham por meio da internet informações que abarcam o debate de gênero e os direitos de mulheres e de grupos feminilizados.

Embora sejam projetos com diferentes estatutos¹⁵ (organizações não-governamentais, coletivos, revistas femininas, revistas feministas, sites), compartilham o

¹³ Pensei, no início do processo de pesquisa, em recorrer à ideia de submundo para me referir a esse espaço. Mas, após reflexões e debates acadêmicos, percebi que a terminologia soa pejorativa, em especial, para um trabalho que se propõe a estudar gênero e feminismos. Alternativamente, adotei, por um período, a expressão “mundo social derivado”, para pensar a atividade como algo que advém do jornalismo. Finalmente, percebi que os mundos se atravessam e se reorganizam em dinâmicas que eu prefiro não hierarquizar por meio de nomenclaturas que podem, de alguma forma, reduzi-los.

¹⁴ Grupo de pessoas e/ou entidades que compartilham ou são motivadas por pelo menos uma questão ou interesse comum.

¹⁵ Estatuto é uma posição, uma condição ou um *status*. Aplicada a indivíduos, é uma tipificação de caráter duradouro que as pessoas adquirem e exercem ao longo de suas trajetórias (Pereira, 2008). Os estatutos remetem a atributos como formação, capacidade, idade, podendo ser explícitos (como um diploma) ou não tácitos (como a cor da pele) (Strauss, 1992; Pereira, 2008).

intuito central de produzir informação feminista de qualidade, baseada em apuração e investigação jornalística e preceitos de forma e escrita advindos do padrão de reportagem, além de oferecerem também textos opinativos. São conteúdos midiativistas – o conceito de midiativismo é apresentado com mais detalhes no capítulo um – e, portanto, são caracterizados por aspectos de colaboração, defesa de uma ou mais causas sociais e por tentarem envolver o público nos debates (Santos & Miguel, 2019), aplicando estratégias de ativismo digital com o intuito de produzir conteúdos plurais (Bentes, 2015).

Ao assumir como objeto de estudo¹⁶ as práticas de um jornalismo engajado e digital produzido por feministas, parto das trajetórias das atrizes e atores desse mundo para observar as interações, a construção de convenções e as formas de colaboração e de articulação de publicações feministas digitais e tentar entender o que é e como se organiza esse espaço. Analiso como as emoções que emergem das vivências desses indivíduos são ressignificadas e direcionadas para ações de ativismo feminista, levando à inserção e permanência dessas pessoas no âmbito das publicações pesquisadas. Em suma, desejo entender o processo de emergência e de funcionamento desse mundo social específico. Considero também as relações de poder e os conflitos que o atravessam. Diferentes atrizes e atores do grupo, incluindo membros de equipes de apoio e públicos/audiências¹⁷, contribuíram com esta pesquisa, imprimindo uma multiplicidade maior de visões e relatos aos resultados.

É importante elucidar, desde o princípio, que mobilizo a noção de trajetória no sentido de ser uma ideia que coloca um passado em contato com o presente (Setton, 2002) e que vai além de uma experiência individual. Recorro, assim, à concepção de trajetórias sociais

¹⁶ Aplico a noção objeto de pesquisa também com base no que foi proposto por sociólogos do interacionismo simbólico (Blumer, 1982; Strauss, 1992; Pereira, 2008). Ou seja, não se trata de um construto apartado do(a) investigador(a). O objeto de estudo advém de um conjunto de interações sociais, físicas e abstratas. Ao escolher trabalhar com midiativismo feminista e interagir com colaboradoras desse espaço, produzo minhas próprias interpretações sobre elas e construo eu mesma um novo objeto de pesquisa a partir dessas relações.

¹⁷ Assume-se, nesta pesquisa, a visão de Jouët (2018) de que a distinção teórica entre as noções de audiência e público estão agora se desfazendo/misturando, desde que as novas mídias impulsionaram participação e engajamento de pessoas comuns em questões públicas.

que considera que as pessoas estão inseridas em redes de relações e significados (Penna & Marin, 2019) socialmente compartilhados.

Mais do que entender como se constitui o espaço de interações do midiativismo feminista digital, tento descobrir o que leva as atrizes a se afastarem de outros mundos sociais e se engajarem nesse em particular, a partir da construção de novas práticas coletivas. Como as trajetórias dessas pessoas as encorajam a participar e a permanecer nesse mundo social? O que motiva as audiências/públicos a interagir com publicações feministas? De que forma as emoções individuais conduzem as atrizes a desenvolver ações coletivas de engajamento feminista? Quais são as formas de organização interna que possibilitam que esses projetos alternativos sigam existindo? Pressupõe-se que elementos como desejo pelo encontro, acolhimento, anseio por produzir em conjunto com outras mulheres, vontade de inovar e fazer um jornalismo diferente e mesmo o sentimento de não pertencimento ao mundo social do jornalismo hegemônico¹⁸ são fatores que dão indícios de como é sistematizada a cooperação no âmbito do jornalismo feminista.

Quero entender por que as atrizes optam por aderir e permanecer em publicações de midiativismo feminista, como essa escolha afeta suas vidas pessoais e profissionais, como são as dinâmicas de trabalho, quais são as estratégias de financiamento – e seus benefícios e desafios –, como as colaboradoras interagem e se relacionam entre si, como ocorre a adesão e a interação do público com esses espaços e quais são as formas de construção de vínculos dessas pessoas com o mundo analisado. Com tais inquietações em mente, aponto como objetivo geral do trabalho o esforço de, a partir das trajetórias pessoais e profissionais das atrizes – e eventuais atores –, e suas práticas compreender e analisar as formas de

¹⁸ A noção de hegemonia pressupõe que uma classe ou um bloco de classes conquistem consenso e liderança cultural, política e ideológica frente às demais. No âmbito da mídia, que é usada pelo capitalismo para reproduzir a hegemonia do sistema, o jornalismo hegemônico – também chamado de tradicional nesta tese – cumpre um papel de reprodução de significações que reforçam e fundamentam relações de poder capazes de beneficiar classes dominantes. Enquanto um jornalismo contra-hegemônico seria aquele que procura promover sentidos entre a formação de consciência crítica e a realidade histórica (Moraes, 2010, p. 66), trazendo debates de classe, raça e gênero.

engajamento¹⁹ que elas estabelecem com o mundo do midiativismo feminista digital. Para fazer essa análise, é necessário conhecer as rotinas de produção de conteúdos das publicações²⁰, as formas de cooperação entre os membros do grupo, os modos de distribuição de tarefas e outras práticas e interações do meio.

Os objetivos específicos de pesquisa dividem-se nos seguintes eixos:

- Analisar/Descrever as trajetórias das atrizes e atores – produtoras(es) de conteúdo, pessoal de apoio e públicos – e suas formas de engajamento com práticas de ativismo feminista e, sobretudo, com o mundo do midiativismo feminista digital.
- Observar as dinâmicas de transformação do jornalismo, do militantismo e do ativismo digital sob a lente das trajetórias de entrevistadas(os).
- Compreender como midiativistas e públicos interiorizam as convenções já existentes no mundo analisado, como esses indivíduos produzem novas convenções e como os arranjos convencionais são mobilizados para que as pessoas possam interagir, negociar e cooperar com a prática feminista engajada.
- Identificar, a partir das dinâmicas de funcionamento do mundo social, as formas de violência e de dominação que incidem sobre as trajetórias de midiativistas feministas e dos públicos e como esses grupos mobilizam capitais sociais, culturais, econômicos e simbólicos²¹ para se engajar na produção ou no consumo de informação sob a perspectiva de gênero.

¹⁹ Parto da compreensão de engajamento como um conceito interdisciplinar no âmbito das ciências sociais, sendo a vinculação do indivíduo aos seus atos comportamentais, que pode se traduzir por ideais ou ações e que busca a mudança de significados, comportamentos e valores (Bernard, 2014). Da perspectiva beckeriana, é um conceito que indica a perseverança dos atores sociais em um curso de ação.

²⁰ As rotinas produtivas e, portanto, as atividades jornalísticas das mídias feministas, extrapolam o espaço das redações. Assim, esta pesquisa parte do princípio de que o exercício jornalístico abarca diversos âmbitos da sociedade ao interagir com diferentes espaços, domínios e atores e atrizes sociais (Ruellan, 1993; Travancas, 2011; Pereira, 2008).

²¹ Seriam ativos sociais, culturais, econômicos e simbólicos que levam à manutenção ou mobilidade de indivíduos em estratos sociais, mostrando que condições socioeconômicas não se restringem à acumulação de bens físicos, mas também dependem de relações de poder associadas a elementos como educação, qualificações acadêmicas, conhecimentos e comportamentos sociais, redes de contatos, influências familiares e outros elementos multidimensionais que extrapolam questões materiais (Bourdieu, 2014).

A abordagem metodológica do trabalho tem caráter indutivo e qualitativo. Consiste em uma etnografia (Amaral, 2010; Klem, 2013; Miller & Slater, 2004; Polivanov, 2013; Travancas, 2012) pautada na observação das práticas das atrizes e atores presencialmente e por meio de publicações e relatos em mídias digitais. Decidi analisar os projetos midiativistas brasileiros *AzMina*, *Think Olga* e *Lado M* e os franceses *Georgette Sand*, *Les Glorieuses* e *Madmoizelle* – conforme explico com mais detalhes no capítulo três. Ao desenvolver uma análise multissítio da circulação transnacional do fenômeno do midiativismo feminista digital, recorro a Brasil e França – enquanto países representativos econômica, política e culturalmente, respectivamente, dos cenários geopolíticos do Sul e do Norte global – para tentar entender a ação engajada feminista voltada para a produção de informação.

Mobilizo a categoria de Norte-Sul do mundo para trazer ao texto a natureza hierárquica das relações – marcadas por lógicas capitalistas e imperialistas – entre essas duas partes do globo. “No Norte global, os ‘outros’ saberes, para além da ciência e da técnica, têm sido produzidos como não existentes e, por isso, radicalmente excluídos da racionalidade moderna” (Meneses, 2008, p. 5). Enquanto pesquisadora latino-americana, ao propor um diálogo entre práticas feministas e midiativistas a partir de casos inseridos nos contextos do Brasil e da França, tento construir caminhos que possam mostrar ao Norte como chegar ao Sul e como aprender a partir de e com esse²².

Com base na experiência de campo e em mais de 60 entrevistas em profundidade com atrizes e atores que compõem o espaço do midiativismo feminista digital nos dois países, tento entender como se estruturam essas publicações e de que forma elas permanecem existindo. Foram conduzidas 30 entrevistas na França e 33 no Brasil, com diferentes participantes do mundo social – diretoras, repórteres, editoras, colunistas, leitoras,

²² A escolha também diz respeito a uma conjuntura semântica – embora vá bem além dessa –, já que, ao usar Norte/Sul global, deixo de falar em “Ocidente” e “Terceiro Mundo” (Matos, 2010), ou mesmo em países em desenvolvimento ou desenvolvidos, de modo a deslocar a carga que essas expressões carregariam para outros aspectos do debate geopolítico, abordados mais a fundo nos capítulos de análise.

produtoras(es) de *podcasts* e vídeos, pessoal de apoio²³ de captação financeira e de recursos humanos – de outubro de 2020 a novembro de 2022. Procurei conversar com, pelo menos, cinco colaboradas(es) e com cinco leitoras(es) de cada publicação, a fim de ouvir suas histórias e experiências pessoais e profissionais e refletir sobre como essas vivências colaboram com a manutenção do mundo analisado.

Acredito que a relevância do trabalho reside, justamente, no exercício de ouvir as atrizes e atores que dão vida ao mundo observado. Indo além das jornalistas e produtoras(es) de conteúdo, mas destacando também a relevância de membros de equipes de suporte – que, através de tarefas voltadas para captação de recursos, recrutamento de pessoas e monitoramento de sites e redes sociais, desempenham papéis fundamentais para a continuidade das publicações feministas. Além disso, mobilizar as histórias de vida dos públicos e analisar como essas trajetórias contribuem para a manutenção do midiativismo feminista digital, em uma pesquisa de caráter transnacional, auxilia a identificar equivalências na prática de produção de informação sob a perspectiva de gênero em diferentes realidades e contextos socioeconômicos e políticos. A pesquisa aponta que, desde o processo de adesão e escolhas para se aproximar do mundo, passando pelas interações e vínculos entre os indivíduos, e examinando-se o funcionamento, a manutenção e as mudanças no mundo social, sua constituição e sua sustentação partem do individual para o coletivo.

Como a tese está estruturada

Quando comecei a contemplar o midiativismo feminista, me deparei com uma infinidade de perguntas. As produtoras desse tipo de conteúdo, normalmente, advêm de redações de jornal tradicionais ou de outras práticas jornalísticas – como o jornalismo engajado? Elas costumam iniciar as carreiras já produzindo jornalismo de caráter ativista? Ou elas vêm do campo político, dos movimentos sociais, dos movimentos feministas? Como

²³ Rede de suporte composta por pessoas que fornecem ferramentas e materiais para a condução do mundo social e cuja atuação contribui para a elaboração e entrega do produto em torno do qual o espaço se movimenta (Becker, 1982) – o que, no caso do jornalismo, por exemplo, é a informação.

são recrutadas as novas participantes desse espaço? Como seu ingresso e permanência em publicações feministas são instigados pelas relações com as leitoras e leitores? Como os públicos interagem com o mundo e contribuem com esse? Entre tantas outras dúvidas.

Para me ajudar a respondê-las, ainda bem, conto com o arcabouço teórico e as análises desenvolvidas por várias pesquisadoras ao longo dos últimos anos – Bittelbrun (2019); Blandin (2017); Buitoni & Lopes (2018); Duarte *et al.* (2017); Jouët (2018; 2022); Julliard (2016); Machado *et al.* (2019); Olivesi (2017); Santos (2019); Santos & Miguel (2019); Schander & Bertasso (2019). Tais estudos indicam que as atrizes – e atores – do espaço observado criam suas próprias organizações com a intenção de substituir aquelas que, anteriormente, não funcionaram para elas.

Muito além do jornalismo ou da militância, disponho de pesquisas e reflexões feitas por mulheres sobre as próprias mulheres durante o último século. Aqui devo explicar que preferi trabalhar sobretudo com autoras – principalmente ao abordar a história dos feminismos e ao trazer um retrospecto dos estudos de gênero. Ainda que considere de grande importância o apoio de estudiosos que se dedicam a criticar as iniquidades de gênero – Jonhson, 1997; Castells, 1999; Bourdieu, 2002 –, pois precisamos fazer dessa uma luta coletiva, optei por dar visibilidade às mulheres, que, ao longo das últimas décadas, vêm realizando estudos aprofundados sobre gênero e feminismos (Beauvoir, 2016; Butler, 2003; Davis, 2016; Federici, 2019; hooks, 2018; Woolf, 2014), opondo-se a assumir um lugar de silenciamento e de marginalização na academia (Louro, 1997) – e fora dela.

Guiada pelas discussões e apontamentos de pesquisadoras que, antes de mim, exploraram as temáticas que dialogam com a construção do midiativismo feminista, estruturei o capítulo um desta tese no formato de uma revisão bibliográfica. Resgato a história recente das mídias feministas digitais no Brasil e na França, indicando como essas publicações têm se apropriado de dispositivos sociotécnicos. Apresento noções de midiativismo e trato sobre as nuances do engajamento no âmbito do jornalismo. Retomo definições sobre a concepção de gênero e a história dos movimentos feministas enquanto movimento social para contextualizar a atuação na sociedade da imprensa tradicionalmente voltada para mulheres

(imprensa dita feminina) e suas semelhanças e diferenças frente ao jornalismo feminista (imprensa feminista).

O capítulo dois traz o referencial teórico que sustenta a tese: a abordagem interacionista dos mundos sociais. São apresentados e debatidos conceitos que permitem a compreensão das interações no espaço do midiativismo a partir da observação das convenções e formas de negociação e cooperação entre os indivíduos. Somado a isso, para examinar as estruturas de dominação e as forças que atravessam as práticas estudadas, mobilizo perspectivas da sociologia crítica e estudos feministas que analisam o jornalismo através de uma lente de gênero. E, uma vez que a teoria feminista nos faz prestar atenção ao papel das emoções no desenvolvimento das atividades sociais (Fortino *et al.*, 2015), recorro também à sociologia das emoções para, partindo das trajetórias individuais de midiativistas e audiências, retraçar a formação coletiva desse espaço.

No capítulo três, descrevo os caminhos metodológicos que levaram à análise das trajetórias de vida e profissional das midiativistas feministas e de seus públicos. Explico os critérios de escolha do *corpus* e as estratégias de coleta, codificação (*codage*, em francês) e análise dos depoimentos. Tento operacionalizar os conceitos trazidos nos capítulos anteriores traçando os percursos etnográficos que percorri e mostrando como se deu a construção do campo e a minha imersão nesse.

O capítulo quatro traça, com base nas trajetórias das(os) midiativistas, uma linha condutora da perspectiva social e biográfica que busca explicar como as atrizes e atores se envolvem na criação e manutenção das publicações feministas. Já o capítulo cinco mostra como aspectos das trajetórias de vida das audiências se relacionam com o desenvolvimento de práticas engajadas e feministas, aproximando-as das mídias estudadas. Para dar suporte à análise das formas de engajamento e de ação ativista de entrevistadas(os), o capítulo seis traz uma síntese das emoções do grupo relacionadas à experiência ativista e ao diálogo com o movimento feminista. O sétimo capítulo explica como o mundo do midiativismo feminista digital se constitui e o oitavo dá indícios de como o espaço se mantém. Por fim, são

apresentadas as potenciais contribuições da pesquisa para a esclarecer as dinâmicas do mundo e a consolidação e perpetuação das práticas observadas.

Para mudar o que não podemos mais aceitar²⁴

Há algum tempo, antes de me aprofundar em apontamentos de teóricas feministas – mas quando já começava a ler e a me identificar com a causa dos feminismos –, senti um desconforto ao me deparar, na obra distópica *O Conto da Aiá*, de Margaret Atwood (2017), com a constatação da personagem central de que não há uma palavra para falar da empatia e do sentimento fraternal entre mulheres. Sim, temos de recorrer ao termo masculino (fraterno) para explicar a ideia. Minha professora Liliane Machado e as colegas Aline Schons e Laila Melo Dourado também constataram tal problemática. “Em breve pesquisa por dicionários de língua portuguesa não encontramos o termo ‘sororidade’, apenas ‘fraternidade’ (irmandade entre homens) e ‘irmandade’” (Machado, Schons & Melo Dourado, 2019, p. 239)²⁵.

Sororidade²⁶, essa ideia que traduz relações de afeto e união entre as mulheres, raramente é levada em consideração em espaços formais de interação. Isso nos mostra, mais uma vez, o patriarcalismo da língua. Mas não só. É também uma síntese de como as estruturas de dominação – a despeito da resistência – se organizam para preservar a ordem da vida – política, social, econômica, doméstica – como está posta. Os homens – normalmente os brancos e heterossexuais²⁷ –, que são quem quase sempre dita as regras,

²⁴ O subtítulo faz referência a uma frase da filósofa feminista Angela Davis (1983, 2016) em que, ao abordar suas estratégias de militância, ela afirma: “Não aceito mais as coisas que não posso mudar, estou mudando as coisas que não posso aceitar”.

²⁵ Após 2020, o termo começou a constar em alguns dicionários, mas ainda de maneira esparsa. Não está presente, por exemplo, no dicionário Aurélio, referência na língua portuguesa. Mas já consta nas edições mais recentes da enciclopédia Larousse.

²⁶ A professora e pesquisadora Vilma Piedade propõe uma extensão da noção de sororidade a fim de abarcar a luta e as dores das mulheres negras. Ela diz: “Dororidade carrega no seu significado a dor provocada em todas as Mulheres pelo Machismo. Contudo, quando se trata de Nós, Mulheres Pretas, tem um agravamento nessa dor. A Pele Preta nos marca na escala inferior da sociedade. E a Carne Preta ainda continua sendo a mais barata do mercado. É só verificar os dados...” (Piedade, 2017, p. 17).

²⁷ Louro reforça que nossa sociedade é guiada pela hegemonia branca, masculina, heterossexual e cristã, e as pessoas que destoam disso são tachadas de diferentes (Louro, 1997, p. 50).

uma vez em posições de poder, acabam por manter tudo do jeito que está. Talvez por comodismo, talvez por simplesmente não pensarem no assunto. E parte de manter a ordem das coisas é garantir que as mulheres não reflitam sobre sua condição na sociedade – ou sobre a condição de outras mulheres, porque não somos uma categoria homogênea.

Ações e posturas voltadas para o gênero feminino – como o jeito que vamos nos relacionar entre nós, mulheres, ou mesmo a forma como vamos nos relacionar com nós mesmas – acabam por ser formuladas sob a ótica masculina (Duarte *et al.*, 2017). Mecanismos físicos e simbólicos nos violentam, nos assediam e tentam nos convencer de nossa suposta fraqueza – e fragilidade.

A luta contra a violência sofrida pelas mulheres passa não apenas por sua exclusão física como também por questões do âmbito simbólico e do imaginário social, que hierarquizam o mundo, produzindo regimes de verdade excludentes e autoritários. (Bittelbrun, 2019, p. 2.090)

É aí que entra a sororidade. E os feminismos – os de ontem e os contemporâneos. Os estudos de gênero. E o midiativismo feminista – físico e digital. Esses fatores se entrelaçam a insurreições feministas que vêm acontecendo ao redor do mundo e que confirmam a constatação da historiadora Guacira Lopes Louro de que “os grupos dominados são, muitas vezes, capazes de fazer dos espaços e das instâncias de opressão, lugares de resistência e de exercício de poder” (Louro, 1997, p. 33). Nós, as feministas, vamos, aqui e ali, fazendo nossas revoluções. Cruzamos nossas trajetórias e nos juntamos. Nos apropriamos da sororidade – reconhecendo as diferenças entre as mulheres e atentando-nos às interseccionalidades²⁸. Nos reunimos em grupos e coletivos de militância. Criamos nossos jornais e revistas. E, agora, no contexto da internet e das mídias sociais, reinventamos práticas e convenções jornalísticas para propor o midiativismo feminista digital.

²⁸ A definição de interseccionalidade surge da crítica feminista negra e procura dar instrumentalidade tanto teórica quanto metodológica à ideia de que o racismo, o capitalismo e o cisheteropatriarcado são estruturalmente inseparáveis (Akotirene, 2019). Enquanto ferramenta analítica, a interseccionalidade considera as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, etnia e faixa etária como inter-relacionais, como fatores que moldam uns aos outros (Collins & Bilge, 2020).

Esta pesquisa, portanto, é sobre midiativismo feminista, mas é, antes de qualquer outra coisa, sobre feminismos. E, assim sendo, ela é sobre mim, sobre você – leitora ou leitor – e sobre a sociedade em que vivemos. É um convite para pensar mudanças possíveis – e tangíveis. É um esforço para colocar as mulheres no centro do conhecimento, tirá-las da invisibilidade, investigá-las (Clair, 2016). Deixar que elas falem e tenham voz. Finalmente, é um imenso aprendizado para mim, o qual deixo de contribuição para quem quiser entender um pouco mais sobre o que move e motiva as mulheres que fazem jornalismo e feminismo na internet e nas mídias sociais.

Capítulo um

Mídia, engajamento e feminismos

Neste capítulo, faço um resgate da história recente do jornalismo engajado e feminista no Brasil e na França – países de referência que utilizo na pesquisa para traçar a comparação dessas práticas em uma perspectiva Norte/Sul global. Busco refletir sobre como essas publicações têm se apropriado de dispositivos sociotécnicos. A fim de pensar sobre formatos que inspiram a constituição de mídias feministas digitais, trago a noção de midiativismo. Também retomo estudos que contextualizam a história da imprensa voltada para mulheres (imprensa dita feminina) e suas semelhanças e diferenças frente ao jornalismo feminista (imprensa feminista).

Uso como fio condutor desta recapitulação da literatura sobre o tema os períodos históricos e temporais em que foram se constituindo os fenômenos que observo. Por isso, tento apresentar um panorama da conjuntura internacional e, na sequência, abordo os casos específicos do Brasil e da França. Escolhi não trazer de maneira separada o cenário de cada país – evitando dividi-los em subtítulos – porque acredito que, para conduzir uma pesquisa de caráter transnacional, é preciso apontar e debater, no curso de um texto contínuo, elementos que convergem ou divergem na realidade de cada país, já que são conjunturas nacionais que se desenrolam em um contexto mundial.

Por fim, para situar esta pesquisa frente a outras investigações que já foram conduzidas até aqui, resgato autoras, autores e obras que definem e debatem a concepção de gênero e os movimentos feministas. Este trabalho inicial de revisão de literatura serve de base para as discussões posteriores em torno do referencial teórico-metodológico escolhido para a tese e, em especial, dá suporte à condução do campo e à construção das análises que advém da experiência etnográfica.

Militância

Designa a ação de um indivíduo em um movimento de caráter político e social, estando atrelado a uma noção de responsabilidade e compromisso (Saraiva, 2010). É uma prática que se aproximaria do modelo de organização sindical e partidário, com maior centralização das informações e decisões e assimetria nas relações de poder em relação a ações ativistas (Seidl, 2014; Sales, 2019).

Ativismo

Forma de ação e mobilização sociopolítica que busca horizontalidade e a preservação de autonomia para seus membros (Sales, 2019), com ausência de lideranças formais e estando vinculada a uma forte articulação em rede e ao uso estratégico das tecnologias de informação e comunicação (TIC) para dar visibilidade às ações (Castells, 2013).

Midiativismo feminista e seus ecos na internet

Há mais de uma década, temos visto despontar na internet uma diversidade de iniciativas feministas de diferentes correntes, mas que têm em comum o uso de ferramentas digitais para difundir conteúdos. Qualificado como neofeminismo esse novo campo de subversão que procura abolir relações de dominação em uma interpenetração entre o mundo virtual e o mundo físico (Jouët, 2022). Desvendar e analisar um segmento do feminismo digital, o midiativismo feminista, é o que me proponho a fazer neste capítulo. Os conteúdos midiativistas têm um caráter colaborativo, interseccional e ativista e se preocupam em estender a narrativa para a defesa de determinadas causas, envolvendo o público e pluralizando o debate, no caso do midiativismo feminista, sobre gênero (Santos & Miguel, 2019). Recorrem, portanto, a estratégias de ativismo digital para democratizar conhecimentos e pluralizar fontes e informações (Bentes, 2015).

Neofeminismo

Conceito que define os novos movimentos políticos de mulheres que surgem no século 21, impulsionado por mobilizações que partem do Sul Global – de países como Brasil, Egito e Índia (Borba & Moreira, 2015; Pinheiro-Machado, 2019). O fenômeno está fortemente conectado à internet, propondo a combinação entre práticas digitais e ações no espaço físico (Jouët, 2022).

As mídias feministas encontram suporte nas produções em rede, traçando novas formas de criação e escrita a partir da tecnologia (Lemos, 2009) e recorrendo a esses espaços para implementar seus desejos de uma militância menos hierarquizada (Blandin, 2017), em relação às instâncias de militantismo tradicionais, como os sindicatos. No ciberespaço²⁹, as publicações podem se engajar em debates nos quais jornalistas não costumam poder se aprofundar ao escreverem para a mídia hegemônica (Ferreira & Vizer, 2007; Andrade & Pereira, 2022), trazendo pautas que tratam de direitos humanos ou direitos das mulheres, de grupos LGBTI+³⁰ e de pessoas racializadas. Apropriar-se dos novos meios é mais do que um processo instrumental, é também um movimento cultural e social (Manovich, 2005).

O que os novos movimentos sociais e as minorias – etnias, raças, mulheres, jovens ou homossexuais – demandam não é tanto serem representados, mas reconhecidos: fazerem-se visíveis socialmente em sua diferença. O que dá lugar a um novo modo de exercer politicamente seus direitos. E, em segundo lugar, nas imagens produz-se um profundo descentramento da política tanto sobre o sentido da militância como do discurso partidário. (Martín-Barbero, 2014, p. 108)

Pessoas racializadas

Uma pessoa que pertence a um grupo que passou por um processo de racialização. Assumindo-se o racismo como um processo político, social e mental pelo qual um grupo define outro como fundamentalmente diferente, em função de características físicas, religiosas, territoriais, linguísticas. Reforçando que a noção de raça não é objetiva nem biológica, mas construída e usada para representar, categorizar e excluir o que uma cultura ou sociedade entende por "o outro" (Pierre, 2017).

²⁹ Compreendido nesta tese como uma representação física e multidimensional do universo abstrato da informação (Gibson, 1986; Monteiro, 2007).

³⁰ Diante do debate sobre qual seria a sigla mais adequada para fazer referência à diversidade sexual e de gênero e frente às constantes mudanças e readaptações dessas denominações, recorro ao que pontua Quinalha. Ele explica que não há uma instância oficial de validação das siglas, que se consolidam a partir de negociações e disputas por visibilidade. O que o faz optar pelo uso do termo LGBTI+, que inclui pessoas intersexo e contém um sinal de soma para expressar “o caráter indeterminado, aberto e em permanente construção dessa comunidade que desafia as estruturas binárias e heterocisnormativas da nossa sociedade” (Quinalha, 2022, p. 11).

Constitui-se, então, no âmbito do movimento feminista, uma dimensão sociotécnica comunitária que passa a ser utilizada pelas militantes para a mobilização, dando origem ao conceito de ciberfeminismo: que designa todas as possibilidades oferecidas pelas tecnologias para que a sociedade se desvencilhe do patriarcado (Blandin, 2017). As pesquisadoras Romissa Accossatto e Mariana Sendra (2018) trazem um exemplo da apropriação de ferramentas digitais pelo movimento feminista, ao tratarem das estratégias comunicacionais do movimento *Ni Una Menos* – ou, em português, Nem uma a menos. As estudiosas apontam que a mobilização foi um modo de ativismo *off-line* facilitado pelas tecnologias da informação e da comunicação. Ampliando esse caso específico para o universo da militância na internet, elas enumeram alguns impactos do uso da tecnologia na ação política: interação rápida, efeito multiplicador, organização interna, coesão de redes e alcance global.

Nesse contexto, o uso das TICs pelas/os ciberativistas tem facilitado a mobilização da participação, a coordenação das ações e tem sido utilizado como uma ferramenta tática em si. O uso de redes de computadores reduz os custos de transação associados à organização da ação coletiva e, assim, nivela o campo de atuação da política. Em suma, as organizações podem se beneficiar do uso das TICs, melhorando sua capacidade de se comunicar de maneira eficaz com maior velocidade, custos reduzidos e facilidade de interação entre uma rede dispersa internacionalmente. (Accossatto & Sendra, 2018, p. 123)³¹

Impulsionadas pelo ciberfeminismo, publicações como revistas, sites, ONGs e coletivos feministas passam a compartilhar no ambiente digital informações relacionadas ao debate de gênero e aos direitos de mulheres e de grupos feminilizados³², fazendo despontar

³¹ Livre tradução da autora para o trecho: “En este contexto, el uso de las TICs por parte de los cyberactivistas ha facilitado la movilización de la participación, la coordinación de las acciones y se ha utilizado como una herramienta táctica en sí misma. La utilización de redes informáticas reduce los costos de transacción asociados con la organización de la acción colectiva y, por lo tanto, nivela el campo de juego de la política. En suma, las organizaciones pueden beneficiarse del uso de las TICs mejorando su capacidad para comunicarse de manera efectiva con mayor velocidad, costos reducidos y facilidad de interacción entre una red internacionalmente dispersa”.

³² Recorro a ideias de corpos feminilizados para tratar não apenas de mulheres, mas de todas as pessoas que são colocadas em uma posição feminina no contexto social (Schurr, 2012; Santos & Bussinguer, 2017) e que, em decorrência disso, enfrentam violências de gênero.

a noção de midiativismo feminista digital. Sem negligenciar as técnicas e a ética profissional³³ (Sousa, 2017), o midiativismo absorve recursos característicos da comunicação em rede para aproximar-se do público. Por exemplo, recorre a *hashtags*, termos associados a uma informação que têm alto potencial de organização e distribuição de conteúdo (Hollanda, 2019).

Nesse sentido, é relevante notar que as ativistas dessa nova geração são especialistas na produção de narrativas visuais (imagens, vídeo, etc.) e no uso de repertórios de ação não convencionais (como humor e sátira) voltados para a internet (Jouët, 2018). As publicações feministas exigem um saber-fazer (*savoir-faire*) e competências específicas de produção digital de suas colaboradoras (Jouët, 2022). Dispositivos sociotécnicos contribuem para a propagação de um modelo de produção jornalística em que são incluídas concepções de ativismo e que permite desviar o foco das notícias estritamente factuais (*hard news*), aprofundando a cobertura de temáticas relacionadas aos direitos humanos. A construção de uma tecnocultura digital (Van Dijck, 2013) permite que midiativistas usem a tecnologia e se apoiem nos domínios que membros do grupo mais desenvolvidos com essas ferramentas possuem para ecoar a militância e compensar, de algum modo, a considerável discrepância de verba e financiamento entre seus projetos e o jornalismo da mídia tradicional.

A tecnologia impulsiona primaveras e insurreições feministas

No contexto da ampliação do uso de novas tecnologias e, ao mesmo tempo, no mundo ocidental, do aprofundamento da crise de representatividade política, algumas pautas conseguiram se sobressair no debate público. Conforme apontam as pesquisadoras da área

³³ Ética profissional são as normas de conduta (Caldas, 2005) de indivíduos que exercem determinada profissão. No caso do jornalismo, vale destacar dois fatores que vêm influenciando os contornos da ética para quem atua na área. O primeiro é relativo à conjuntura mercadológica e diz respeito ao fato de que o referencial ético obtido pelo jornalista em seu processo de formação disputa espaço com “valores de ordem prática da cultura organizacional em razão de um processo natural de socialização do profissional na instituição” (Dias, 2012, p. 104). O segundo é ligado à inserção no espaço midiático de novas atrizes e atores, advindos de outras áreas, o que amplia a porosidade da profissão e altera barreiras, acarretando mudanças no diálogo entre fontes, produtores de informação e consumidores (Christofoletti, 2014). Essas reflexões atravessam constantemente as formas de negociação do mundo social do midiativismo feminista.

da Comunicação Cristiane Guilherme Bonfim e Márcia Vidal Nunes, em meados dos anos 2010, despontaram diversas campanhas na internet relativas a causas que atingem as mulheres. Os movimentos vinham atrelados a *hashtags* e, utilizando-se de bandeiras feministas, ganharam notoriedade nas mídias sociais.

Esse feminismo ativista e combativo ebuliu em diferentes pontos do mundo, combinando em ações massivas ferramentas digitais com estratégias tradicionais de movimentos sociais (greves e manifestações nas ruas). A corrente transnacional se espalhou por lugares como Polônia, Argentina, Itália, Espanha, Turquia, Peru, Estados Unidos, México, Chile e dezenas de outros, com lemas de repercussão global: #NosotrasParamos, #WeStrike, #VivasNosQueremos, #NiUnaMenos, #TimesUp, #Feminism4th99 (Arruzza *et al.*, 2019).

Entre essas palavras-chave, no Brasil, pode-se destacar as campanhas #PrimeiroAssédio, #meuamigosecreto, #meucorponãoépúblico e #eutambém. Na França, o #metoo e o #balancetonporc, versão nacional da campanha, ganharam relevo no país (Jouët, 2019) e ainda hoje repercutem na sociedade francesa³⁴, uma vez que o ecossistema gerado pelo movimento representou a retomada de um apoio popular à luta feminista no país (Jouët, 2022). As campanhas trataram de assuntos historicamente marginalizados e comumente abordados de maneira estigmatizada pela mídia tradicional (Bonfim & Nunes, 2017).

As jornalistas e professoras Dulcília Buitoni e Martha Lopes (2018) denominam de Primavera das Mulheres – ou Primavera Feminista – esse conjunto de protestos que tiveram seu ápice em 2015, com convocações, pelas redes sociais, de atos e mobilizações feministas. As autoras afirmam que, no Brasil, tais iniciativas de ciberativismo³⁵ interconectam-se com as

³⁴ O MeToo é uma temática frequente na mídia e nos debates de militância feminista, tendo inspirado fortemente a forma de atuação das mídias francesas estudadas nesta pesquisa. Como uma forma de dar continuidade à campanha, relatos seguem sendo publicados rotineiramente em um site criado para veicular depoimentos sobre violência e agressão sexual vivenciadas por mulheres. Houve também uma expansão do movimento para além do digital, por meio de iniciativas como o movimento *Balance ton bar*, que traz denúncias de assédios a mulheres em bares e restaurantes de cidades francesas e encoraja esses estabelecimentos a se comprometerem com o combate ao assédio por meio de cartazes e campanhas educativas. Disponível em: <https://www.balancetonporc.com/> e <https://balancetonbar.com/>.

³⁵ De acordo com o economista e pesquisador das redes de internet David Ugarte (2008), o ciberativismo, no que se refere ao discurso, abre possibilidades de mudanças no mundo e de empoderamento das pessoas a partir de novas identidades que facilitam a união de desconhecidos.

ações de junho de 2013³⁶, articuladas também pela internet e originalmente advindas da insatisfação popular com as representações políticas e da desconfiança das pessoas para com as instituições. Em tal conjuntura, atores oriundos da mídia contra-hegemônica, como os Ninjas (como são chamados os membros do coletivo de comunicação *Mídia Ninja*³⁷), pautaram a mídia corporativa e tradicional.

Jornalismo tradicional/hegemônico/mainstream

O jornalismo hegemônico – também chamado de tradicional, convencional, de referência, *mainstream* ou comercial – está associado ao pressuposto de que estaria produzindo informação neutra, imparcial e objetividade, a um amplo alcance em termos de audiências, à influência política e econômica na sociedade e ao fato de contar com uma estrutura financeira estável (Loose, 2022).

Jornalismo engajado/alternativo/não-hegemônico

O jornalismo engajado abarca publicações que não possuem uma forte estrutura organizacional, atingem públicos menores e, em níveis variados, afastam-se do princípio da objetividade (Loose, 2022), assumindo posicionamentos político-ideológicos. É uma prática que procura sustentar características como comunicação horizontal, produção participativa de conteúdos, diálogo com movimentos sociais, independência econômica e engajamento com as comunidades (Hackett, 2016).

Já quanto às ferramentas, o ciberativismo carrega consigo o traço de autoprodução da cultura *hacker* (“*do it yourself*” ou “faça você mesmo”), como reforça Jouët (2018).

³⁶ Série de mobilizações de massa ocorridas simultaneamente em todas as regiões do Brasil no ano de 2013. O movimento tinha como principais reivindicações a tarifa zero nos transportes públicos, o fim da violência policial, a ampliação de investimentos em serviços públicos e a expansão dos direitos trabalhistas.

³⁷ A plataforma *Mídia Ninja* surge em 2013 com as manifestações de junho no Brasil, por meio de transmissões das mobilizações de rua ao vivo pelo Facebook e YouTube e, rapidamente, passa a pautar a mídia tradicional (Reis, 2017). Narrativas Independentes Jornalismo e Ação – daí a sigla Ninja – é um coletivo de comunicadores independentes. Sua lógica financeira acontece em rede, a partir de iniciativas da rede de produção cultural Fora do Eixo (FdE), que participa de diferentes editais públicos para financiamento de festivais que acabam retornando para a *Mídia Ninja* (Bastos & Silva, 2018). O FdE é um conjunto de coletivos que surgiu no início dos anos 2000 e busca dar visibilidade à produção cultural independente, em especial, voltada à música, com o intuito de disputar com o modelo de produção e distribuição de cultura hegemônico no país (Lahorgue & Maheirie, 2019).

A escritora e professora de teoria crítica da cultura Heloisa Buarque de Hollanda e a pesquisadora em tecnologias da comunicação e estética Maria Bogado (2019) assinalam que a atuação dos midiativistas tem sido eficaz ao promover novas narrativas políticas. Há que se considerar que estruturas de mobilização como as jornadas de junho, contudo, foram apropriadas pela mídia hegemônica e por parcelas mais reacionárias do cenário sociopolítico brasileiro, contribuindo, nos anos subsequentes, para o crescimento da extrema-direita (Pinheiro-Machado, 2019).

No que tange a Primavera das Mulheres e a expansão dos feminismos com apoio de ferramentas tecnológicas, um conjunto de características atravessam o movimento e o definem, como, por exemplo: a noção de coletividade e a ideia de que as ações precisam ser feitas em conjunto; a performatividade como uma ferramenta que se constitui por meio do empoderamento³⁸; e a horizontalidade do movimento (Hollanda, 2019; Jouët, 2022; Pinheiro-Machado, 2019). Hollanda & Bogado (2019) mapeiam os aspectos do ativismo feminista digital no Brasil, atributos que podem se aplicar também aos grupos que encabeçam insurreições feministas na França:

Há pelo menos dois pontos a serem destacados acerca dos modos de organização dos ativismos contemporâneos que eclodiram em junho de 2013 e são a marca do feminismo atual. Por um lado, a busca pela horizontalidade, a recusa da formação de lideranças e a priorização total do coletivo. Por outro, uma linguagem política que passa pela performance e pelo uso do corpo como a principal plataforma de expressão. (Hollanda & Bogado, 2019, p. 32)

Na França, as ativistas feministas voltam esforços para ações que chamam atenção e são midiaticáveis, à semelhança de outros movimentos militantes que, ao resultarem em prisões e atos teatrais e performativos fazem com que vídeos, imagens e depoimentos circulem pela internet e acabem alcançando também a mídia tradicional. Há similaridades,

³⁸ Do ponto de vista feminista, o processo de empoderamento refere-se à capacidade de desenvolver uma consciência crítica das questões sociais em que mulheres e homens se inscrevem (Guétat-Bernard & Lapeyre, 2017).

por exemplo, nas estratégias de atuação do movimento contra o colapso do clima *Extinction Rebellion* (XR)³⁹ e do grupo feminista Femen. Esse último surgiu na Ucrânia, em 2008, logo se expandindo para o resto da Europa, e é marcado por mulheres de seios nus e pelos nas axilas que fazem protestos com seus próprios corpos. Segundo a socióloga francesa e professora emérita em Ciência da Informação e da Comunicação Josiane Jouët, a técnica da subversão e do choque seria uma continuação do que outras gerações de feministas já haviam percebido que era efetivo: “De fato, já nos anos 70, subverter as normas dos lugares públicos, contestar a dominação patriarcal sobre o corpo da mulher tem sido um protesto comum das feministas” (Jouët, 2018, p. 144)⁴⁰.

Assim como ocorreu em diversos países do mundo, campanhas pautadas por *hashtags* também vêm sendo amplamente usadas como ferramenta de ativismo digital pelas militantes feministas no contexto francês, como a #WomenTax (*la taxe rose* ou taxa rosa), que foi lançada em países anglófonos e absorvida pelo movimento feminista do país e passou a denunciar o fato de que bens de consumo comuns, como lâminas de barbear, são mais caros para mulheres do que para homens. O coletivo *Georgette Sand*, publicação analisada nesta tese, esteve à frente de tal movimento de protesto que resultou, em 2015, na considerável redução da taxa pelo parlamento francês.

³⁹ O *Extinction Rebellion* é um movimento que surgiu como protesto pelas mudanças climáticas em outubro de 2018. Baseia-se nos princípios da desobediência civil não violenta, com ação direta, e pretende obrigar os governos a enfrentar a crise climática e ecológica provocada pela humanidade. Um ano depois, em outubro de 2019, organizaram atos em mais de 350 cidades e 60 países (Brandão, 2019; Booth, 2019; Gragnani, 2019), conhecidos como “Rebellion week” ou “Autumn uprising” cujo lançamento oficial ocorreu em Londres em 6 de outubro. O movimento cresceu muito no primeiro semestre de 2019, quando seus participantes – de jovens a ativistas mais velhos – fizeram grandes protestos em Londres. Por 11 dias, eles colocaram seus corpos em frente a trens para impedir a movimentação dos veículos, marcharam no aeroporto e bloquearam avenidas importantes, incluindo uma ponte inteira. Nesta ocasião, mais de 1.000 ativistas foram presos (Gragnani, 2019) e abriram caminho para ações semelhantes em todo o mundo. Outros protestos ocorreram ao mesmo tempo em cidades de todo o mundo. Os grupos europeus foram particularmente ativos, com ações que ocorreram na Bélgica, França, Espanha, Holanda, Áustria, Alemanha, Itália, Grécia, Eslováquia, Irlanda e Hungria.

⁴⁰ Livre tradução da autora para: “In fact, as far back as the seventies, subverting the norms of public places, contesting the patriarchal domination on women’s body has been a common protest of feminists”.

Outras ações, como a do grupo *La Barbe*, que busca paridade na esfera política e profissional, são fortemente atravessadas por dispositivos sociotécnicos. Essas ativistas mapeiam, via Twitter⁴¹, reuniões públicas onde os palestrantes são todos homens, comparecem ao evento e, de repente, se levantam e sobem ao palco, colocam uma barba falsa e parabenizam os homens por terem resistido à equidade de gênero, como explica Jouët (2018). A intervenção é gravada com um celular e divulgada nas mídias sociais. Para estimular a ampliação da prática, o *La Barbe* dá instruções, em seu site, de como produzir barbas falsas e reproduzir a performance⁴².

Dinâmica semelhante se reproduz, em paralelo no Brasil, onde a *SlutWalk*⁴³ ou “Marcha das Vadias é um exemplo-chave da experiência do protesto, que comporta suas próprias formas de expressão e tem no corpo um elemento central” (Bogado, 2019, p. 33), nos mesmos moldes do que fazem as ativistas do Femen. São estratégias de um ativismo que se apoia no corpo como instrumento de protesto e ao mesmo tempo como objeto de reivindicação de autonomia para as mulheres.

Assim, organiza-se um modo de ativismo que não é apenas expressivo, mas é também performático (Tilly, 2008; Jouët, 2018; Hollanda, 2019) e alcança grande repercussão na esfera pública. Essas estratégias de engajamento remetem a novas formas de organização da coletividade e de compartilhamento de ideias, além de consistirem em experimentações e tentativas de formular percursos alternativos, que vão além das mídias hegemônicas, para comunicar as demandas do grupo.

⁴¹ No final de julho de 2023, o microblog passou a usar o símbolo X, em vez do tradicional pássaro azul, após ser comprado pelo empresário e bilionário Elon Musk. A tendência é que o nome da rede social também seja modificado.

⁴² Disponível em: <https://labarbelabarbe.org/Kit-d-Action-Feministe-en-ligne>.

⁴³ A *SlutWalk* começou no Canadá em 2011 e rapidamente percorreu o mundo, ganhando versões no Brasil, na Colômbia e no México e também em países da Europa, como a França.

Engajamento

Estado do indivíduo que se sente mobilizado a participar de uma causa, atividade ou evento (Dahlgren, 2009; Andrade, 2020). Considerando-se que a ação pressupõe algum grau de disposição ao posicionamento, o engajamento seria pré-requisito para a participação social. Através da atuação engajada, a vinculação desse indivíduo a uma causa pode se traduzir em ideais ou ações na busca da mudança de significados, comportamentos e valores (Bernard, 2014).

As origens do midiativismo feminista digital e suas características

O uso das tecnologias da informação e comunicação pelo movimento feminista iniciou-se há mais de 30 anos, ou seja, o feminismo entrou no ciberespaço já na década de 1990 (Miguel & Boix, 2013; Ferreira, 2015). Foi em 1991 que quatro mulheres se reuniram na Austrália em um grupo denominado VNS (VeNuS) Matrix para elaborar um projeto que articulava arte, virtualidade e a identidade⁴⁴ da mulher. Elas chamaram a ação de ciberfeminismo, termo que, rapidamente, ativistas de outras partes do mundo também começaram a utilizar (Miguel & Boix, 2013). Com o passar dos anos, o uso da tecnologia no contexto da militância se acentuou ainda mais com as redes sociais, mecanismos que, desde a década de 2010, tornaram-se centrais no impulsionamento de mobilizações políticas:

O Twitter, por exemplo, foi criado explicitamente para a militância. Teve início com o programa *TXTMob*, criado nos Estados Unidos para, através do celular, organizar manifestações contra a convenção nacional do Partido Republicano de 2004. Seu desdobramento, o Twitter tal como o conhecemos, foi lançado dois anos mais tarde e manteve esse DNA ativista, tendo sido o principal instrumento das manifestações iranianas de 2009 e nas inglesas de 2011. (Hollanda & Costa, 2019, p. 43)

São alargados, com isso, os espaços de resistência das mulheres contra as violências de gênero, com as mídias sociais e os dispositivos sociotécnicos colocando à disposição de ativistas um ambiente de sociabilização e de expressão e reprodução de opiniões e ideias

⁴⁴ Compreendo a noção de identidade a partir do contexto social, sendo o sentimento de pertencimento a um grupo atrelado à maneira pela qual indivíduos percebem a si mesmos e aos outros em relação a si (Tilio, 2009). É o que temos em comum com algumas pessoas e o que nos diferencia de outras pessoas ou grupos (Weeks, 1990, p. 88).

políticas. As plataformas *on-line* atuam como uma rede de comunicações intermediadora de múltiplas relações entre sistemas sociais (Recuero *et al.*, 2015). Mas as convivências físicas não perdem relevância, com grupos de militância seguindo preocupados em promover encontros presenciais para expandir a atuação dos movimentos. O *Osez le Féminisme*, por exemplo, faz assembleias e convida pessoas a participarem do grupo, não necessariamente para se tornarem membros, mas ao menos para conhecer a proposta. As ativistas dão cursos para jovens mulheres sobre o que é o feminismo. Outras iniciativas fazem piqueniques e *happy hours* para atrair simpatizantes (como *Les effronté.es* e *Georgette Sand*), conforme descreve Jouët (2018).

Ao observar a estruturação de um militantismo menos hierarquizado por causa da tecnologia, Blandin (2017) reafirma que a interatividade é sem dúvida a primeira característica da internet da qual as feministas se apropriam. Para ela, uma das especificidades dos usos da web pelas feministas do século 21 é o apagamento de fronteiras, ou pelo menos a circulação acelerada de conteúdos e projetos de um espaço da web para outro, colaborando para a constituição de feminismos no plural. Embora as militantes feministas dessa fase sejam, com frequência, criticadas por focarem em visibilidade e conectividade, o que resultaria em mero ativismo preguiçoso, de sofá, ou *slacktivism* (Sebastião & Elias, 2012), sem levar a mudanças sociais efetivas, as midiativistas criam estratégias para alcançar seus objetivos. Essas táticas, como menciona Jouët (2018), remetem àquelas utilizadas pelas militantes de gerações anteriores: ao mesmo tempo em que fazem provocam agitações *on-line*, também enviam comunicados de imprensa para a grande mídia e contatam as/os jornalistas que se interessam por pautas feministas, além de fazerem *lobby* no meio político com parlamentares que apoiam o movimento.

Todas as grandes campanhas não são apenas respaldadas por estratégias de visibilidade na imprensa e no espaço público, mas por trabalho de campo e *lobbies*, o

que significa que as estratégias políticas e os repertórios de ação não mudaram tanto desde o início do feminismo. (Jouët, 2018, p. 147)⁴⁵

Mas, ao contrário de feministas de outras gerações, as militantes contemporâneas do movimento têm o benefício de poder utilizar instrumentos que permitem maior disseminação de ideias e mobilização, o que provoca uma série de mudanças. Ao passo que o feminismo torna-se mais pragmático e se desvincula do marxismo e de teorias mais alinhadas ao espectro político de esquerda, adquirindo um caráter menos revolucionário – e assumindo formas de insurreições (Hollanda, 2019) –, também se aproxima da cultura pop e formula um modo mais convencional de atuar, menos crítico ao sistema, contando com ícones que não são mais escritoras ou filósofas, mas são astros e estrelas pop que defendem os direitos das mulheres com mensagens simples (Jouët, 2018), recorrendo a estratégias empresariais de atuação.

Além de recorrer a mecanismos para potencializar a massificação da informação, um dos principais instrumentos políticos do feminismo em rede é a força mobilizadora dos relatos pessoais (Hollanda & Costa, 2019; Pinheiro-Machado, 2019). Nesse sentido, para construir uma rede de coletivos e comunidades, as ativistas apresentam histórias individuais, de modo a dar continuidade às características de humanização do movimento e tentando imprimir perspectivas singulares à militância ao trazer experiências em primeira pessoa (Hollanda & Bogado, 2019), ou seja, apresentando histórias que ocorreram com uma mulher especificamente, mas que perpassam a realidade de muitas delas. “O que importa é menos buscar culpados ou resolver uma situação individual, e mais trazer à tona testemunhos pessoais, numa performance narrativa pública” (Hollanda & Costa, 2019, p. 52). É a dinâmica de coletivização e apropriação de uma causa comum por meio de relatos e olhares individuais que incita a mobilização feminista digital e, com o passar dos anos, faz essa forma de engajamentos se expandir também para as ruas.

⁴⁵ Livre tradução da autora para o trecho: “It is important to underline that all major campaigns are not only backed by strategies for visibility in the press and in the public space, but by fieldwork and lobbying, meaning that political strategies and repertoires of action have not changed so much since the beginning of feminism”.

Riscos e desafios da produção de conteúdo ativista e feminista na internet

Assim que surge, o ativismo digital parece se adaptar melhor a campanhas específicas apoiadas em *hashtags*, que contam com o compartilhamento de conteúdo informacional e com o engajamento de atrizes e atores individuais (Prudencio, 2014), do que a formas de militância tradicionais de movimentos sociais – como amplas mobilizações nas ruas, por exemplo. Essa estruturação inicial do ativismo feminista na internet – e também de outras vertentes militantes – ocasionou dúvidas no meio acadêmico sobre os limites da atuação ativista para além do ciberespaço. A jornalista e pesquisadora Dulce Mazer (2012), apesar de defender que a internet se mostra como um espaço de menor resistência para a propagação de conteúdos de cunho humanitário, afirma que a rede conta com menos engajamento efetivo, em função de os debates provocados serem de curto prazo.

O argumento vai ao encontro do que aponta o sociólogo e economista Manuel Castells (2013), ao analisar como a comunicação em larga escala tem se transformado tecnológica e organizacionalmente. Ele retoma o conceito de autocomunicação de massa. Segundo o autor, os canais de interação na internet – em decorrência de sua horizontalidade e multidirecionalidade – permitem que os usuários exponham suas opiniões e argumentos de maneira global, contudo, a grande quantidade de conteúdos e de visões que circulam na rede impede que tudo seja lido, interpretado e debatido. Compõe-se, assim, uma situação em que as pessoas opinam e escrevem acreditando que serão vistas e lidas, enquanto, na realidade, suas posições ficam restritas a si mesmas ou a um pequeno círculo de contatos próximos.

Há um aumento de bolhas sociais – “espécie de confinamento informático ao qual são submetidos os usuários de ferramentas *on-line*”⁴⁶ (Barreto Junior & Miniuchi Pellizzari, 2019, p. 58) – impulsionado por ferramentas digitais levando à limitação do fluxo das pessoas a grupos restritos que reverberam discursos com os quais elas já tinham afinidade

⁴⁶ O confinamento advém de uma programação informática, determinada por algoritmos – os quais consistem em uma sequência de comandos formuladas por técnicos de informática e alimentadas pelos próprios usuários da rede – que determina quais informações vão ser oferecidas no ambiente *on-line* ao usuário quando ele acessa suas redes sociais, realiza pesquisas em mecanismos de busca (como Google), verifica preços em agregadores ou lojas virtuais, entre outras atividades de navegação (Barreto Junior & Miniuchi Pellizzari, 2019).

anteriormente. Tal conjuntura faz com que se questione o potencial horizontalizador da internet, onde, cada vez mais, algoritmos e estruturas de marketing e de publicidade limitam a circularidade dos conteúdos, promovem com mais força a repercussão de discursos extremos – e de ódio – e resultam no afastamento de usuários uns dos outros em decorrência de divergências político-ideológicas.

O uso de ferramentas digitais por midiativistas com o intuito de propagação de direitos e de promoção da democracia, na realidade, deve ser debatido com cuidado. A apropriação dessas ferramentas passou por todas as fases de sentimento, desde o entusiasmo à depressão, até alcançar perspectivas mais realistas e modestas (Gomes, 2016). Para utilizar a internet como instrumento de disseminação de conteúdo, a mídia independente tem de aderir a dinâmicas e canais impostos por forças hegemônicas, como programas, buscadores, mídias sociais e outros espaços controlados por empresas – dentre as quais estão Google (parte do conglomerado Alphabet), Amazon, Facebook, Apple e Microsoft, o GAFAM (Lanham, 2007; Smyrniaios, 2017), assim como o microblog Twitter – que vêm limitando o acesso amplo à rede ao criar um oligopólio nesse setor.

Conforme argumenta Jouët (2018), o ativismo feminista digital surge na esteira do neoliberalismo contemporâneo, impulsionado pela cobrança por reconhecimento individual nas sociedades neoliberais, o que faz com que as práticas digitais e o engajamento feminista se constituam apoiados em princípios do liberalismo global – como o uso de ferramentas do GAFAM e do Twitter –, ainda que as feministas critiquem esses princípios. É importante, ainda, enfatizar os perigos do tecno-otimismo e do determinismo tecnológico e pontuar que a internet não é um espaço livre e, tal qual os movimentos sociais se organizam para utilizá-la como ferramenta de militância, outros atores também se apropriam delas para alcançar seus interesses, como, por exemplo, os governos que usam a tecnologia para mapear e monitorar ativistas (Sousa, 2017).

Ao longo da história da comunicação, apareceram diferentes tipos de mídias abertas com grande potencial de inclusão de públicos e de democratização da informação, mas que foram, cada uma em sua devida época, tornando-se fechadas e controladas pela indústria

(Magrani, 2014). Tal conjuntura desencadeia formatos de disseminação de conteúdo pensados de acordo com anúncios publicitários e com o intuito fundamental de gerar lucro, o que se reflete na personalização de conteúdos e na criação de espécies de bolhas que limitam o contato entre usuários da rede com diferentes gostos e ideologias. Constituem-se, assim, comunidades homogêneas, onde circulam as mesmas ideias, que se encontram distantes e isoladas umas das outras.

Processos como esse, atrelados ao uso das ferramentas digitais, contribuem para que se fortaleça um cenário de crescimento de forças reacionárias, com a prática do ativismo de extrema-direita, um tipo de ativismo que se distancia da luta por direitos sociais e que refuta pautas progressistas (Cf. Massuchin *et al.*, 2022). Trata-se de um fenômeno essencialmente político, que combina *fake news*, políticos populistas conservadores e mídias sociais e que é viabilizado através de tecnologias (Bucci *et al.*, 2019). Esse ativismo disputa espaço com a militância política digital alinhada ideologicamente à esquerda e com publicações como as de mídias feministas, que comumente se engajam à defesa dos direitos humanos, mas que, pela dinâmica dos algoritmos e da rede, tendem a ter a circulação de conteúdos limitada a um público restrito e que com frequência já está de acordo com as causas defendidas por esses grupos (Pariser, 2012; Loiola, 2018; Kondlatsch, 2019).

Na esfera do midiativismo feminista, portanto, é colocado o desafio de utilizar o ciberespaço como uma possibilidade de ampliar a comunicação e a troca de conhecimentos multidisciplinares entre as ativistas, criando-se, assim, uma consciência feminista por meio da tecnologia, como defende a filósofa e professora Sonia Reverter Bañón (2013). Mais que isso, para atingir diferentes públicos e aumentar a circularidade do debate sobre gênero, é necessário estabelecer técnicas de atuação paralelas dentro e fora do digital, com um ativismo multissítio capaz de transitar entre as ruas e as redes.

Para as atrizes e atores que produzem conteúdo informativo e feminista na internet, as estratégias de ação e performance devem ser pensadas frente ao que parece ser um dos maiores obstáculos imposto a esse mundo social (como têm indicado a observação de campo e as entrevistas realizadas ao longo desta pesquisa): as(os) midiativistas feministas precisam

convencer outros atores, como jornalistas e pesquisadores, de que seus conteúdos não são meramente ativismo, mas são, também, jornalismo.

Uma nova forma de ativismo frente a velhos entraves de gênero

O midiativismo feminista, além de tentar contornar barreiras impostas pelo uso humano da tecnologia, procura se desvencilhar das imposições sociais e dos modos de construção da notícia ligados ao gênero. Hollanda & Bogado (2019), ao analisar as insurreições feministas contemporâneas, trazem o relato de uma ativista – Manuela Miklos – que revela que, antes de participar de protestos durante da Primavera Feminista, jamais tinha refletido sobre como naturalizamos a ideia de que a voz do coletivo é masculina. Dentro de um contexto de reprodução de forças hegemônicas, o jornalismo tende a compactuar com iniquidades de gênero, de modo que a cultura profissional do jornalismo, em geral, adota um ponto de vista masculino do que é notícia ou não (Wolf, 1992; Silva, 2014).

Conforme pontuam Machado, Schons e Melo Dourado (2019), a prática jornalística engloba representações sociais sobre mulheres e homens, assim como expectativas quanto aos papéis sociais de atrizes e atores que compõem o mundo do jornalismo. Assim, publicações de mídia acabam por reproduzir estereótipos e discursos generificados como, por exemplo, a incitação da rivalidade entre mulheres e a desconfiança entre elas, sentimentos que são reiteradamente estimulados por produtos da mídia e da cultura contemporânea. Outro exemplo é o fato de que a decisão de quem ganhou um campeonato de futebol sai na primeira página, enquanto uma modificação na legislação sobre creches vem escondida em um parágrafo de página interna, salientando uma ótica masculina com relação ao que vale a pena ser visto (Wolf, 1992). O jornalismo, portanto, ao produzir significados, colabora com as construções e representações de gênero (Machado, Schons & Dourado, 2019; Olivesi, 2017).

A escritora feminista estadunidense Naomi Wolf (1992) destaca que, de modo geral, a cultura assume as interpretações masculinas do que deve ou não se tornar notícia, já que as decisões do que vale a pena ou não ser visto baseiam-se nos pontos de vista dos homens

– em especial, brancos, heterossexuais e pertencentes a classes dominantes econômica e socialmente. Na tentativa de subverter tal estrutura, as mídias feministas tentam construir discursos que refletem sobre o gênero como um modo de dar significado a relações de poder (Scott, 1986) – ao passo que, paralelamente, lidam com suas próprias construções e desconstruções de estereótipos que perpetuam formas de dominação.

As plataformas de midiativismo feministas procuram romper com padrões estabelecidos, produzindo conteúdos críticos de oposição ao jornalismo hegemônico, (Schander & Bertasso, 2019). Optam por escolhas de redação e de produção noticiosa diferentes do tradicional, recorrendo a novas convenções relativas a valores-notícia e a processos produtivos que perpassam o fazer jornalístico. Para concretizar esse deslocamento de discursos e de modos de produção de informações, as midiativistas feministas acabam por utilizar formatos advindos da denominada imprensa feminina, como se verá mais a fundo neste capítulo.

Como o tempo e a depender de interesses econômicos e sociopolíticos de diferentes grupos ideológicos, foram se desenhando diferenças e semelhanças entre a vertente de imprensa dita feminina e a feminista. Há equivalências discursivas e de conteúdos, com a imprensa feminista buscando uma linguagem mais informal e descontraída para se aproximar da leitora (Lévêque, 2009; Olivesi, 2017). Mas há, igualmente, diferenças relevantes. Como o fato de o jornalismo feminista trazer com frequência pautas relativas ao corpo, mas de modo a tentar dar a essas uma perspectiva que estimule as mulheres a se sentirem bem mesmo que seus corpos não atendam aos padrões socialmente estipulados de peso, medidas, tamanhos e cor. Ademais, o conhecimento produzido pela mídia feminista tem compromisso político “com a realidade histórico-social e com o jornalismo em sua singularidade” (Schander & Bertasso, 2019, p. 47), ou seja, propõe-se a desempenhar um jornalismo engajado, mas pautado em técnicas e na ética da profissão.

Ao se valer de recursos e temáticas da imprensa dita feminina, os canais de midiativismo feministas propõem, por exemplo, textos no formato de dicas de entretenimento (que englobam desde conselhos sobre relacionamentos amorosos, maternidade, trabalho até

sugestões de filmes e séries) – estratégia de apresentação de conteúdo recorrente nas revistas convencionalmente voltadas para mulheres (Bittelbrun, 2019), sem deixar de produzir reportagens investigativas aprofundadas – baseadas nos métodos do jornalismo informativo. Recorrem também a métodos que destacam sentimentos e sensações e aplicam técnicas que fogem de parte das convenções jornalísticas, como textos em primeira pessoa – guardando, na forma, similaridade com a tradição das revistas denominadas femininas. Ao mesmo tempo, apropriam-se de ferramentas tecnológicas para propagar os conteúdos.

Há algo de espetacular com traços de performances (Hollanda & Costa, 2019) artísticas e teatrais no lançamento de *hashtags*, em petições *on-line* e em campanhas de mobilização social através das redes, no sentido de que as atrizes e atores que criam tais ações o fazem com o intuito de serem estrondosas(os), tentando chamar atenção para uma causa. Por meio dessas táticas, as publicações abordam debates sobre desigualdades de gênero e tentam imprimir aos conteúdos um aspecto de insubmissão – com personagens que fogem dos padrões, como mulheres negras, gordas, trans, indígenas, entre outras. É o que se observa nos sites de iniciativas como as revistas digitais *Madmoizelle* e *AzMina*, ambas objeto deste estudo:

Além de trazer reportagens de enfoque político ou mesmo de esportes, a revista não deixa de abordar ainda temáticas de moda, comportamento, sexualidade. Não é difícil perceber, então, que a magazine chega a remeter às concepções mais tradicionais de revistas femininas. Ela igualmente se vale da linguagem coloquial, do tom de proximidade com a leitora, invocando as conhecidas “fórmulas” dos textos voltados para as mulheres. Porém, em suas abordagens, *AzMina* parece unir, com um viés feminista, aspectos dessas publicações para o público feminino com características do jornalismo informativo que, pela aridez de assuntos contemplados, como política e questões sociais, tende a ser associado ao público masculino, enquanto as mulheres seriam associadas aos temas do âmbito doméstico ou a comportamento e moda. (Bittelbrun, 2019, pp. 2.092-2.093)

O midiativismo feminista guia-se pela preocupação pedagógica de fornecer uma espécie de educação política da abordagem de gênero para as leitoras, segundo a pesquisadora (Silva, 2017). As produtoras desses conteúdos desafiam convenções pré-estipuladas e reformulam práticas de produção jornalística, procurando posicionar a mulher como agente de sua própria vida, de forma a desvinculá-la dos preconceitos e estereótipos que querem condicionar o gênero feminino a ser coadjuvante nos debates sociopolíticos que impactam a totalidade de sua existência. Frente aos dispositivos sociotécnicos, as militantes se apropriam do ambiente tecnológico para alcançar suas demandas e se propõem a dominar técnicas de como ocasionar burburinho e fazer barulho na internet, explorando o potencial viral das mídias sociais (Jouët, 2018).

Dispositivos sociotécnicos

O termo propõe a observação da tecnologia como um sistema inter-relacional que combina características técnicas e sociológicas (Coutant, 2015), em uma articulação entre a esfera técnica e a complexidade do social (Miège, 2007).

Em suma, ao se observar os entrecruzamentos entre mídia e feminismo, nota-se que há um entrelaçamento histórico entre as ondas ou gerações feministas, a militância e a imprensa feminista, uma vez que são processos correlatos. Blandin (2017) aborda a correlação entre o movimento feminista e a mídia ao notar que são práticas que se desenvolvem em paralelo:

Foi na era da imprensa popular triunfante que a luta sufragista surgiu no espaço público. Para reivindicar o direito de dispor de seus corpos, as ativistas da década de 1970 se revezavam entre a imprensa de revistas e o vídeo. Caracterizada pela diversidade de atores, questões e estratégias, a terceira onda contemporânea floresce nas novas mídias. (Blandin, 2017, p. 9)⁴⁷

⁴⁷ Livre tradução da autora para o trecho: "C'est au temps de la presse populaire triomphante que le combat des suffragistes émerge dans l'espace public. Pour revendiquer le droit à disposer de leurs

Demarco tal sobreposição de temas para enfatizar que a divisão do movimento feminista em ondas, ou simplesmente gerações, quando analisado por uma perspectiva microssociológica, resulta em movimentos, coletivos e ações de militância como algumas das acima abordadas. Faço um retrospecto dessas gerações e dos próprios feminismos, que se expressam como uma evolução da militância em termos de causas e modalidades de atuação política, para refletir sobre novas formas de produção ativista e jornalística que irrompem das mutações históricas do movimento.

A tecnocultura⁴⁸ digital do midiativismo feminista e o antifeminismo

Considero necessário, ainda, abordar um elemento inerente ao contexto do ativismo digital e do midiativismo feminista que se reflete nas trajetórias de entrevistadas(os) e na prática de produção de conteúdo engajado sob o prisma de gênero: o movimento antifeminista. A visibilidade conquistada pelo feminismo digital acaba por abrir espaço para um agressivo cibersexismo, como pontua Jouët (2018), ao enfatizar que, em todos os países do Ocidente, as feministas estão enfrentando a reemergência de forças reacionárias. Ocorre, então, um embate entre o poder dos feminismos – que consegue se expandir, mesmo em tempos em que forças conservadoras estão se intensificando nas sociedades ocidentais – e o antifeminismo e sua aversão à busca das mulheres por direitos equânimes.

No Brasil, com a guinada conservadora que se desenrolou desde o golpe político-parlamentar de 2016 e, principalmente, após a ascensão da extrema-direita ao poder em 2018, essa realidade tornou-se cada vez mais explícita. Representantes de renome do movimento feminista no país recebem ameaças constantes, como ocorreu com Nana

corps, les activistes des années 1970 jouent des relais de la presse magazine et expérimentent la vidéo. Caractérisée par la diversité des acteurs, des enjeux et des stratégies, la troisième vague contemporaine s'épanouit dans les nouveaux médias".

⁴⁸ Compreendo tecnocultura como a reestruturação da sociedade a partir da tecnologia que faz com que toda a experiência de realidade se torne em alguma medida tecnológica (Bassani, 2020). É um novo sistema técnico que afeta a vida cotidiana “de forma radical com a formação e planetarização da sociedade de consumo e do espetáculo” (Lemos, 2015, p. 52).

Queiroz⁴⁹ – da revista *AzMinia* –, com a professora da Universidade Federal do Ceará (UFC) e blogueira feminista Lola Aronovich⁵⁰, com a antropóloga e professora da UnB Debora Diniz⁵¹, entre outras.

Na França, o aumento da violência digital contra as mulheres foi mencionado em um relatório da Assembleia Nacional e levou ao lançamento, em 2016, da campanha *#Stopcybersexisme*⁵². Insultos, ameaças de intimidação e até mesmo de morte são violências corriqueiras, segundo depoimentos de feministas de diversos países criadoras de sites e iniciativas de militância feminista (Keller, Mendes & Ringrose, 2018). Os sites e blogs de feministas são regularmente *hackeados*, como ocorreu com a iniciativa *Osez le féminisme* e com a Femen, o que acabou forçando os membros dessa última a passarem a trocar mensagens criptografadas e a procurar continuamente novos lugares para encontros e reuniões (Jouët, Niemeyer & Pavard, 2017). Há ainda relatos de militantes que são

⁴⁹ Após organizar o protesto “Não mereço ser estuprada”, Nana passou a sofrer ameaças de estupro e de agressão. A jornalista registrou ocorrência na Delegacia da Mulher e cobrou medidas do poder público no combate a esse tipo de violência de gênero.

Disponível em: <https://noticias.band.uol.com.br/noticias/100000673192/ameacada-organizadora-de-protesto-registra-queixa-na-delegacia.html>.

⁵⁰ Há mais de década, Lola é alvo de grupos de ódio e de misoginia na internet. Quando ocorreu o massacre de estudantes em uma escola de Suzano, no interior de São Paulo, identificado como um ato promovido por membro de um grupo de ódio às mulheres, a jornalista e professora foi citada pelos que comemoravam as mortes de estudantes. Desde 2009, ela recebe ameaças diversas – à época das eleições de 2018 no Brasil, foram diárias – de ser estuprada, presa, torturada, assassinada. Os ataques à ativista estimularam a deputada federal brasileira Luizianne Lins (PT-CE) a fazer um projeto de lei que atribui à Polícia Federal a investigação de crimes contra mulheres na internet. Em 2018, a Lei Lola foi aprovada. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/reportagens-especiais/lola-aronovich-dez-anos-sendo-alvo-de-grupos-de-odio-que-agem-no-submundo-da-web/#page3>.

⁵¹ Ativista dos direitos humanos e defensora da descriminalização do aborto, Debora passou a ser reiteradamente ameaçada de morte e precisou ser incluída no Programa de Proteção aos Defensores dos Direitos Humanos, tendo que deixar o Brasil. Ela foi intimidada em eventos públicos e vivenciou episódios em que precisou escapar de manifestantes antiaborto e antifeministas. Familiares e amigos da pesquisadora também sofreram ameaças. Membros de grupos de ódio às mulheres cogitaram realizar um massacre na Universidade de Brasília caso Debora continuasse dando aulas na instituição, mas a polícia identificou tais planos de atentado terrorista antes que viessem a se concretizar. A professora é detentora do prêmio *Foreign Policy* como uma das 100 pensadoras globais de 2016. Ela também está no comando do Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero (Anis), no Brasil. Em agosto de 2018, participou, com escolta policial, de uma audiência pública no Supremo Tribunal Federal brasileiro (STF) sobre a descriminalização do aborto até a 12ª semana, encontro comandado pela ministra Rosa Weber. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2018/12/ameacada-de-morte-ativista-defensora-do-aborto-vai-deixar-o-brasil/>.

⁵² A campanha pode ser consultada no link: <https://www.stop-cybersexisme.com/>. Mais informações estão disponíveis em: <https://www.centre-hubertine-auclert.fr/article/stopcybersexisme-la-campagne-est-lancee>.

pessoalmente perseguidas, a ponto de precisarem encerrar suas próprias contas nas redes sociais (Jouët, 2019).

Fortalecem-se, ao redor do mundo, grupos misóginos na internet, que estimulam a radicalização da misoginia, principalmente no contexto político da extrema-direita (Pinheiro-Machado, 2011). Os discursos masculinistas⁵³, por meio do fomento direto e explícito ao ódio a mulheres (Amato & Fuchs; 2022), levam a formação de microcosmos digitais como o dos autodenominados celibatários involuntários – ou, no diminutivo, incel (Andrade, 2021), que vem da expressão em inglês “*involuntary celibates*”. Os “incels” são um grupo organizado que se reúne em fóruns de discussões *on-line* para compartilhar experiências sobre solidão, insegurança ou sobre a frustração por não conseguirem se relacionar sexualmente com mulheres. Os espaços, porém, acabaram se tornando recantos de disseminação de ódio e misoginia onde os “incels” conferem a culpa por sua falta de vida sexual às mulheres, ao feminismo e, em menores proporções, aos homens sexualmente ativos.

Os membros fazem incitação direta à prática de estupros e outros tipos de violência. Além da misoginia, eles também estimulam racismo e xenofobia. Segundo a entidade estadunidense Southern Poverty Law Center⁵⁴, que monitora grupos extremistas e classificou os “incels” como radicais que disseminam discurso de ódio, o movimento seria uma nova forma de expressão da perspectiva de mundo de supremacistas masculinos. Nesta pesquisa, acredito que é relevante mostrar como a exacerbação da misoginia se reflete no cotidiano de membros do mundo social do midiativismo feminista digital e como as colaboradoras das publicações engajadas lidam com essa realidade.

Em síntese, ao se pensar sobre a tecnocultura digital do midiativismo feminista e suas consequências, observa-se que o fortalecimento de correntes político-ideológicas

⁵³ Os masculinistas são “um grupo de homens que se articulam e compartilham de uma identificação a partir de narrativas misóginas, ancoradas na ideia de uma supremacia masculina, expressa em seus discursos como uma posição ameaçada pelas mulheres” (Amato & Fuchs, 2022). Estão subdivididos em organizações como incels (celibatários involuntários), homens sanctos, *fathers for justice* e movimento pelos direitos dos homens.

⁵⁴ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43916758>.

reacionárias ao redor do mundo permite que comentários e discursos sexistas sejam expressos abertamente na internet e também no ambiente *off-line*. O espaço *on-line*, mesmo que também seja um terreno de emancipação social, é fértil para a propagação de grupos que atacam minorias sociais e ameaçam a manutenção das relações de poder (Jouët, Niemeyer & Pavard, 2017). Mas, nesse sentido, as reações de *trolls*⁵⁵ e *haters*⁵⁶ indicam que a voz das feministas se fazer ouvir na internet e está no centro das transformações, com potencial para abalar a ordem estabelecida.

As nuances do engajamento dentro do jornalismo

A noção de mídia alternativa não é um consenso entre pesquisadoras e pesquisadores, sendo objeto de definições múltiplas e por vezes até contraditórias. Esses tipos de mídias são denominados de maneira diferente de acordo com o contexto e os interlocutores, podendo ser chamadas de independentes⁵⁷, alternativas, radicais, cidadãs, autônomas, comunitárias ou até nanicas. O escritor e jornalista Bernardo Kucinski (1991) explica que a concepção de alternativo traduz características fundamentais dessa categoria de jornalismo, indicando que a prática se baseia na produção de informação não ligada a políticas dominantes e no desejo de atrizes e atores que a compõem de protagonizar as transformações sociais que pregam. É um jornalismo que se concentra em atuar contra o neoliberalismo, a globalização, a direita política e a grande imprensa (Fiorucci, 2011).

⁵⁵ Na gíria da internet, o troll é um indivíduo que busca atenção a partir de comportamentos que resultam em sentimentos negativos nos outros. É alguém que busca gerar controvérsias, seja por mensagens, por debates em tom conflituoso ou por outras posturas de depreciação da pessoa com quem ele interage.

⁵⁶ Os *haters* ou odiadores são pessoas que postam comentários de ódio ou crítica na internet, em atos de violência sem justificativa clara frente à sociedade, priorizando o conflito e a disseminação do ódio (Rebs & Ernest, 2017). Para Zago (2012), os *trolls* podem ser considerados *haters* em algumas situações, já que são indivíduos que perturbam o andamento das interações *on-line* a partir do envio de mensagens agressivas.

⁵⁷ Ferron (2010) acredita que a expressão “mídias independentes” traz muitos problemas de definição e propõe usar o termo “mídias de movimentos sociais”, de modo a colocar a questão da autonomização dessas últimas em um “movimento social de mídias”.

Benjamin Ferron, sociólogo e pesquisador das mídias, alega que é como se esses atores e atrizes se lançassem na construção de um mundo da mídia invertido, não profissional, não institucional e também não capitalista, distinto das instituições de imprensa influenciadas por governos ou pelo setor privado. É como se eles propusessem uma espécie de terceiro setor⁵⁸ midiático (Ferron, 2016b).

Os movimentos de mídias alternativas podem ser definidos como redes de cidadãos e associações, estruturadas em torno de organizações especializadas que mobilizam um repertório de ações coletivas (educação, mobilização, manifestações, campanhas etc.), que realizam combates políticos para alcançar transformações sociais no que diz respeito à imprensa e os meios de comunicação em geral e, em particular, o desenvolvimento de meios de comunicação “alternativos”. (Ferron, 2016b, p. 1)⁵⁹

São publicações contra-hegemônicas pouco interessadas em lucro e até em regras organizacionais convencionais (Bona & Carvalho, 2015), frequentemente conectadas a movimentos sociais (Reis, 2017) e que partilham valores relativos à justiça social e à igualdade, formando uma rede de troca de informações criada por vínculos de solidariedade e de busca por desenvolvimento social e econômico de modo sustentável (Goés, 2008). É um modelo de produção jornalística caracterizado por não manter vinculação econômica ou editorial com grandes grupos empresariais (Reis, 2017), sustentando-se por meio de fontes alternativas de financiamento, como apoio de fundações internacionais, editais e financiamento coletivo. O intuito é, ao sobreviver com o apoio de doações ou vendas, evitar obrigações comerciais para com financiadores ou com o governo (Santos, 2019). Portanto, o jornalismo digital independente é formado por diferentes redes de apoio – permitindo a

⁵⁸ O Terceiro Setor é uma alternativa à dicotomia entre público (o primeiro setor, o poder público) e privado (o segundo setor, o mercado) e reúne uma multiplicidade de atores que operam na esfera social, com atividades de natureza voluntária e sem fins lucrativos: instituições religiosas, filantrópicas, organizações voluntárias e empresas não governamentais.

⁵⁹ Les *mouvements de médias alternatifs* peuvent être définis comme des réseaux de citoyens et d'associations, structurés autour d'organisations spécialisées mobilisant un répertoire d'actions collectives (éducation, mobilisation, manifestations, campagnes, etc.), qui mènent des combats politiques pour réaliser des transformations sociales en ce qui concerne la presse et les médias en général, et en particulier le développement de médias “alternatifs”.

criação lenta, mas contínua, de novas e diversificadas estruturas dentro do ecossistema de notícias – e se constitui em uma prática relacional, que funciona sem limites claramente definidos e cuja relacionalidade é necessária para que sobreviva aos ataques que enfrenta (Ganter & Paulino, 2021).

No Brasil, o jornalismo alternativo e independente traz discursos de resistência em relação à mídia tradicional desde antes da internet e das mídias sociais, tendo sido uma ferramenta especialmente importante no combate a repressões da ditadura militar (Cf. Kucinski, 1991). Desde o surgimento oficial da imprensa escrita brasileira, ainda no século 19, publicações jornalísticas engajadas aparecem em diferentes contextos político-sociais (Lima, 2013)⁶⁰. Enquanto na França, embora projetos assim já existissem muito antes na história do país, é depois dos anos 1970 que as mobilizações a favor de práticas alternativas às das mídias dominantes se multiplicam com mais força (Ferron, 2016b).

Nas últimas décadas, com o impulso das interações digitais, mídias alternativas no mundo todo encontram espaço para a atuação política pautando-se em fenômenos como mobilização pela internet, ativismo digital, protestos baseados em tecnologias digitais, engajamento via mídias sociais, discussão e conversação política digital e ação coletiva *on-line* (Gomes, 2016). A possibilidade de resistência dessas publicações e mesmo dos públicos frente ao jornalismo hegemônico permite questionar as relações de poder tradicionais (Castells, 2015). Iniciativas alternativas do fazer jornalístico, antes reduzidas a espaços restritos e com quantidades significativamente menores de leitores(as), são transpostas para o digital e assumem uma visibilidade capaz de superar lógicas de circulação de conteúdo essencialmente atreladas a anunciantes, como ocorreu com a *Mídia Ninja* e a *Mediapart*⁶¹.

⁶⁰ Exemplos disso são os jornais humorísticos dos anos 1930, como *A Manha*, e as revistas *Pasquim* e *Realidade*, no período da ditadura militar. No jornalismo impresso contemporâneo do país, há exemplos de publicações como *Carta Capital*, *Fórum* e *Caros Amigos*.

⁶¹ Jornal francês digital, participativo e independente. Foi lançado em 2008 por jornalistas investigativos e combina os recursos dos jornais *on-line* tradicionais com ferramentas de comunidade colaborativa. Convida o público assinante a comentar, realizar trocas e escrever, tornando a audiência coautora e coprodutora da informação. A *Mediapart* conseguiu desenvolver um modelo econômico de financiamento por assinaturas, por meio do qual garante sua independência em relação ao mercado publicitário (Cardon & Granjon, 2013).

Nesta pesquisa, entendo que a mídia alternativa é o ponto de origem do midiativismo, mas não é o bastante para caracterizá-lo (Braighi & Câmara, 2018). O fazer midiativista atravessa outras noções, sendo contra-hegemônico – pois tenta combater a hegemonia de discursos ou de ideias de mídias que compactuam com o *status quo* –, é alternativo – no sentido de se apresentar como uma opção às mídias financeiramente dominantes –, é independente – ao buscar produzir conteúdos e se sustentar sem manter vínculos com patrocinadores –, é ativista e, atualmente, é digital. Diante dessas características múltiplas, opto por utilizar na tese as denominações seguintes para me referir ao jornalismo engajado e feminista na internet: mídia alternativa, mídia independente e, principalmente, midiativismo.

O que é midiativismo, afinal?

O conceito de midiativismo, que ainda está em mutação e mesmo em formação, surge da convergência entre a noção de mídia independente e os propósitos ativistas. Ou seja, é uma prática que se movimenta na fronteira entre o jornalismo e o ativismo (Sousa, 2017). Os midiativistas não acreditam no discurso da imparcialidade e se propõem a assumir um lugar de fala diante dos conteúdos que produzem. É um movimento que oscila entre a adoção e, ao mesmo tempo, a rejeição de certas convenções jornalísticas, como os ideais de neutralidade e objetividade, mas segue técnicas de apuração e investigação para construir e compartilhar informações. As práticas midiativistas “visam romper com (e estabelecer resistência a) estruturas consolidadas de difusão vertical e unilateral de informações” (Dias & Borelli, 2018, p. 841). A proposta está intrinsecamente ligada a atrizes e atores sociais que o compõem e o tornam possível:

Midiativismo só se faz com midiativistas, sujeitos portadores de uma vontade solidária, que empreendem ações diretas transgressivas e intencionais, e veem as próprias capacidades de intervenção social, antes localizadas, sendo potencializadas. Isso, por meio de um registro midiático que visa necessariamente amplificar conhecimento, espalhar informação, marcar presença, empreender resistência e estabelecer estruturas de defesa. (Braighi & Câmara, 2018, p. 36)

Nas últimas décadas, grupos que produzem midiativismo passaram a recorrer a tecnologias midiático-digitais para realizar intervenções engajadas. Eles se apoiam em dispositivos sociotécnicos para midiaticizar os conteúdos que produzem. Orientam estratégias de atuação para garantir a atualidade das informações, o que é possibilitado pela ausência de uma grade de programação, exploram as possibilidades técnicas da comunicação móvel por meio de transmissões via *streaming* e são capazes de publicar vídeos e fotos nas redes sociais minuto a minuto (Sousa, 2017). Quanto às formas de produção, as(os) profissionais-ativistas recorrem a diversos formatos audiovisuais, como vídeos, áudios, imagens, memes e *gifs*, além de textos, e buscam realizar um jornalismo móvel e ciberdigital.

Os modos de organização do trabalho de pessoas inseridas no meio midiativista podem alcançar outros âmbitos da vida cotidiana dos colaboradores, para além das rotinas jornalísticas. No caso da *Mídia Ninja*, por exemplo, parte da equipe que produz conteúdo para o canal reside em casas coletivas. Nesses espaços, o grupo procura se organizar e viver com base em uma economia de colaboração (Lahorgue & Maheirie, 2019). Quem mora nas casas coletivas se adequa a uma lógica de desmonetização, com adoção de moeda própria, e os membros e colaboradoras(es) da rede não recebem salários para desenvolver suas atividades jornalísticas (Bastos & Silva, 2018). Os valores arrecadados pelas ações de financiamento para a *Mídia Ninja* são usados, entre outras coisas, para sustento dos jornalistas que moram nesses lugares.

O midiativismo seria, portanto, um fenômeno anterior à internet e às interações em redes digitais, mas que se fortalece em um cenário de mutações que transformam o meio e alteram processos de produção, recepção e circulação de conteúdos. Contudo, o movimento não se limita, de forma alguma, ao ambiente *on-line*: “é rua, é chão, é corpo a corpo” (Braighi & Câmara, 2018, p. 40). É uma prática que se constrói à medida que perpassa também as histórias e intimidades de atrizes e atores que compõem o meio e que se inserem nos acontecimentos de modo a garantir que o midiativismo aconteça para além da simples fusão das noções de mídia e de ativismo. É um conceito que se expressa não só pelas palavras e técnicas, mas, sobretudo, pelas pessoas.

Definições e contextualização da noção de gênero e das lutas feministas

Para compreender o mundo social do midiativismo feminista e as formas de colaboração e de articulação das atrizes e atores que compõem esse espaço, considere necessário buscar apoio bibliográfico nas teorias sobre estudos de gênero e feminismos. Revisar esse arcabouço teórico deve possibilitar uma melhor compreensão das trajetórias das atrizes, das relações de gênero, das convenções, das interações e das maneiras de cooperação construídas pelas jornalistas e colaboradoras das iniciativas de midiativismo. Os estudos de gênero e dos feminismos serão integrados a este trabalho de forma a servirem como sustentação para a utilização de preceitos interacionistas e de mundos sociais na análise do jornalismo feminista.

A noção de gênero trata de como estruturas sociais, políticas, econômicas e ideológicas delimitam as relações entre os sexos⁶² e consolida-se como uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado (Scott, 1986). Surge para refutar explicações biológicas e reforçar a ideia de construções sociais em torno de interações entre mulheres e homens. Ou seja, é um conceito que busca desidentificar qualquer determinismo médico-biológico quando se trata de relações sociais (Almeida, 2017). Trata-se de um sistema de relações que pode incluir a concepção de sexo, mas não é diretamente determinado por essa e também não determina diretamente a sexualidade⁶³ (Scott, 1986). Marca a diferenciação da ideia de identidades sexuais, que se constituem pelos modos como as pessoas vivem sua sexualidade (com parceiras ou parceiros do mesmo gênero, do gênero oposto ou de ambos e mesmo sem parceiras ou parceiros), e identidades de gênero – noção que faz referência a como os sujeitos se identificam, social e historicamente, como femininos, masculinos ou não-binários. Embora essas duas identidades estejam intrinsecamente relacionadas, elas não têm o mesmo significado.

⁶² Refiro-me à sexo como as características biológicas que diferenciam homens e mulheres e que usualmente são determinadas pelas genitálias (Moraes & Medeiros, 2021).

⁶³ Sexualidade se refere à orientação sexual de uma pessoa, indicando por qual ou quais gêneros ela sente atração sexual ou romântica (Moraes & Medeiros, 2021).

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos. (Louro, 1997, p. 21)

Ativistas estadunidenses foram as primeiras a recorrer ao conceito de “gênero” como forma de tentar contornar o uso de termos como “sexo” ou “diferenças sexuais”, questionando definições normativas da feminilidade (Scott, 1986). Elas propuseram a utilização do termo “*gender*” (gênero) como algo distinto de “*sex*” (sexo). A partir do final dos anos 1980, primeiro timidamente, depois de forma mais ampla, as feministas começaram a utilizar o termo. Para Scott (1986), falar em “gênero”, no final do século passado, soava menos ameaçador do que usar o termo “mulheres”. Essa mudança de abordagem não vem para negar a biologia, mas emerge para enfatizar, deliberadamente, que existem construções sociais e históricas produzidas sobre as características biológicas das pessoas (Louro, 1997).

Scott (1986), por outro lado, defende que a utilização do conceito de gênero rejeita explicitamente as explicações biológicas. Para a autora, o termo passa a negar argumentos dados como naturais e que acabam por encontrar como denominador comum as diversas formas de subordinação feminina, como a capacidade das mulheres de dar à luz e a ideia de que os homens têm uma força muscular superior. A historiadora acredita que gênero é um elemento constitutivo de relações sociais que se baseia nas diferenças entre os sexos e apresenta-se como uma forma de dar significado às relações de poder, articulando elementos como papéis, crenças e valores.

O debate sobre as relações e hierarquias de poder na sociedade traz a reflexão de que a polarização dos gêneros oculta a pluralidade que existe em cada um desses polos (Louro, 1997). Isso implica que homens que se afastam dos aspectos hegemônicos de masculinidade – e se aproximam de características físicas e/ou comportamentais

tradicionalmente consideradas femininas – passam a ser considerados diferentes, experienciando discriminação e, tal qual as mulheres, subordinação (Connell, 2005). Do mesmo modo, mulheres que não se enquadram nos padrões de feminilidade são vistas com estranhamento e tornam-se discriminadas por não seguirem o protótipo que o sistema em que homens têm o poder primário lhes estabelece.

Estudiosos vêm problematizando essa concepção. Por um lado, são enfatizadas as formas e locais de resistência feminina; por outro lado, são observadas as perdas ou os custos dos homens no exercício de sua superioridade social; além disso, o movimento gay e o movimento de mulheres lésbicas também vêm demonstrando que o esquema polarizado linear não dá conta da complexidade social. (Louro, 1997, pp. 37-38)

Em decorrência de discussões como essa, a concepção de gênero passa a receber críticas, como as trazidas pela filósofa Judith Butler a partir de 1990 e reforçadas pela teoria *queer* ao longo das últimas décadas, com posições que questionam a noção de identidade enquanto fundamento da ação política do feminismo (Butler, 2003; Firmino & Porchat, 2017). Butler (2003) propõe uma quebra na manutenção de relações hierárquicas entre homens e mulheres por meio de determinismos culturais e procura incluir sujeitos não enquadrados nas exigências da binaridade, traçando críticas ao modelo de heterossexualidade compulsória.

(...) a ideia de que o gênero é construído sugere um certo determinismo de significados do gênero, inscritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável. Quando a ‘cultura’ relevante que ‘constrói’ o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino. Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino. (Butler, 2003, p. 26)

Esses questionamentos promovem reflexões sobre a performatividade de identidades e a hegemonia de representações heterossexuais nos mundos sociais, acarretando efeitos nas subjetividades das pessoas, em seus corpos e em suas formas de nomearem a si

mesmas (Perreau, 2018). A identidade do sujeito do feminismo – até então, atrelado à mulher – é repensada e deslocada para um não-lugar no qual não há uma definição precisa (Firmino & Porchat, 2017), levando à busca por um novo tipo de política feminista.

Em síntese, há três elementos que são ressignificados a partir da concepção da ideia de gênero: 1) Passa-se a reunir em um único conceito tudo o que, das diferenças entre os sexos, parece ser social e arbitrário; 2) Seu singular (gênero, e não gêneros) ajuda a mudar a ênfase das partes divididas (masculino e feminino) para o próprio princípio de partição; e 3) A noção de hierarquia é firmemente ancorada ao conceito, o que permite considerar de outros ângulos as relações entre as partes divididas pela noção (Delphy, 2001). Com isso, ao criticar a divisão hierárquica e desigual entre os gêneros, podemos verdadeiramente pensar o gênero a partir do momento em que for possível imaginar o não-gênero (Delphy, 2001). Nesta tese, na tentativa de evitar contribuir com a manutenção da estabilidade de relações hierárquicas entre feminino e masculino (Butler, 2003; Firmino & Porchat, 2017), procuro não reafirmar apenas a “mulher” como sujeito dos feminismos e trato o movimento como uma luta pelo direito das mulheres e de grupos socialmente feminizados⁶⁴.

Gênero e as relações de poder na academia

As dinâmicas da sociedade patriarcal fazem despontar relações de poder socialmente delineadas que levam a uma hierarquia entre os gêneros e reforçam a dominação⁶⁵ do masculino sobre o feminino. Sociopoliticamente, essa relação entre dominantes/dominados está explícita entre homens e mulheres, brancos e negros, brancos e indígenas, ricos e pobres, heterossexuais e homossexuais, países do Norte e países do Sul, entre outros. É uma estrutura que se reproduz nos diferentes âmbitos da vida cotidiana e se reflete nas

⁶⁴ Almeida (2017) pontua que, historicamente, mulheres vêm ocupando um lugar de inferioridade na sociedade e, por consequência, grupos socialmente marginalizados são associadas ao polo feminino em organizações patriarcais.

⁶⁵ Assumo dominação como o exercício de autoridade de modo assimétrico, que se formula por meio do controle de recursos materiais e simbólicos, fazendo com que determinados atores e atrizes fiquem submetidos a comportamentos que passam a beneficiar os que detêm o poder (Miguel, 2018).

interações entre pessoas, instituições e sistemas (políticos, econômicos, sociais etc.), resultando em lógicas hierárquicas sustentadas pela propagação de violências simbólicas (Bourdieu, 2002).

As formas de organização sociopatriarcais fazem com que questões como guerra, diplomacia e alta política pareçam não ter correlação explícita com as relações de gênero, de modo que historiadores(as) e pensadores(as) sigam vendo o tema como irrelevante em termos de política e poder, como explica Scott. “‘Gênero’ é um novo tema, um novo domínio da pesquisa histórica, mas não tem poder analítico suficiente para questionar (e mudar) os paradigmas históricos existentes” (Scott, 1986, p. 76). Para construir uma pesquisa feminista, portanto, é relevante refletir sobre essas relações e sobre como superar discursos e impressões dentro da academia que reduzem os estudos e debates de gênero à mera política identitária⁶⁶. É preciso pensar a pesquisa a partir da tríade gênero, classe e raça e, ao se realizar uma investigação transnacional, deve-se, especialmente, considerar também o espaço geográfico como um fator importante.

A socióloga francesa Isabelle Clair (2016), ao pensar sobre como construir pesquisas de campo feministas, relembra que muitas pesquisadoras, ao tentarem evitar serem tachadas de militantes e no intuito de serem vistas como investigadoras sérias, capazes de conduzir trabalhos considerados “neutros”, acabaram por ignorar seus próprios posicionamentos, se afastando de seu *corpus* de referência e se privando de uma parte do trabalho produzido dentro desse quadro.

Para não repetir esse tipo de situação, a filósofa estadunidense Sandra Harding (1988) defende que é preciso combater a objetividade que busca invisibilizar práticas culturais, ao passo que, simultaneamente, ressalta crenças e práticas já predominantes advindas de

⁶⁶ O identitarismo ou movimento identitário é composto por grupos de pessoas que compartilham aspectos de suas identidades, como etnia, orientação sexual, gênero, classe, nacionalidade. Tem sido criticado por pesquisadores e personalidades políticas que defendem que é preciso focar na análise das raízes materiais do capitalismo em vez de se debater questões de gênero, raça, orientação sexual ou pautas ecológicas, que estariam pulverizando a luta por direitos mais urgentes (Miskolci, 2021; Folter, 2022). Nesta tese, defendo que é preciso considerar esses movimentos em paralelo, não de maneira hierarquizada, pois são pautas que perpassam e influenciam umas às outras e, para resolver problemas estruturais, é preciso pensar em políticas públicas conjuntas.

perspectivas acadêmicas sexistas e androcêntricas. Clair dá indícios de como realizar pesquisas que considerem as condições materiais de existência do(a) pesquisador(a) e seus inevitáveis engajamentos particulares e, ao mesmo tempo, sejam comprometidas com a produção de conhecimento.

Disponer de ferramentas feministas diante das crises no campo, cuidar para não colocar o campo do “privado” fora de questão, questionar a posição de poder que se pode ocupar ao investigar os outros, ver no posicionamento feminista um critério e um instrumento de reflexividade metodológica, promovendo finalmente o desenvolvimento de uma reflexão deontológica sobre o exercício da profissão de sociólogo. (Clair, 2016, p. 69)⁶⁷

Para fazer uma pesquisa de gênero e feminista, tomo consciência de que a posição de saber é, por si só, uma posição de poder (Bourdieu, 2011) e admito que construir uma investigação engajada é um exercício que carrega a responsabilidade de, por um lado, afirmar vínculos entre teoria, método e política e, por outro, não impor meus ideais à realidade que observo e às análises que conduzo. Proponho-me, então, a assumir o desafio de desenvolver uma pesquisa que não trate a questão de gênero como isolada e/ou como objeto de pesquisa separado e autônomo em relação às demais disciplinas que atravessam o mundo social (Damian-Gaillard, Frisque & Saitta, 2009).

Apesar de, desde a década de 1970, os feminismos dialogarem com movimentos sociais anticoloniais, raciais, étnicos, LGBTI+ e ecológicos, procurando reformular lugares de fala e mentalidades (Silva, 2000), é importante observar que a condução de pesquisas ligadas a movimentos sociais e a grupos socialmente minoritários não implica, necessariamente, a renovação de teorias dominantes. Porém, não abrir espaço para tais vozes intensifica a exclusão do mundo acadêmico de pessoas e objetos já posicionados fora do saber tradicional

⁶⁷ Livre tradução da autora para o trecho: “Disposer d’outils féministes face aux crises de terrain, prendre garde à ne pas remiser le terrain du “privé” dans le hors sujet, interroger la position de pouvoir que l’on est susceptible d’occuper quand on enquête sur autrui, voir dans le positionnement féministe un critère et un instrument de réflexivité méthodologique, enfin promouvoir le développement d’une réflexion deontologique sur l’exercice du métier de sociologue”.

e fora da norma. Nesse sentido, faz parte da epistemologia do posicionamento feminista a observação aos conhecimentos produzidos fora do conhecimento consagrado, de modo que se pense a partir das vidas marginalizadas e se abra espaço, no campo científico, para posições e visões minoritárias (Clair, 2016). Fazer pesquisa feminista é, portanto, reconhecer contextos e experiências de luta política em uma investigação sociológica.

Feminismos, entre ondas, lutas e gerações

A luta das mulheres atravessa a história do mundo. Diferentes mulheres se sobressaíram em todas as épocas e contextos da humanidade ao mostrar resistência à ordem social constituída e ao denunciar opressões. Elas vinham de nacionalidades diferentes e cada uma tinha seu motivo para reivindicar. Anne Frank, Anita Garibaldi, Dandara, Frida Kahlo, Greta Thunberg, Joana D'Arc, Malala Yousafzai, Maria da Penha, Marie Curie, Njinga Mbandi, Rosa Luxemburgo, Rosa Parks, Valentina Tereshkova e tantas outras meninas e mulheres anônimas. Nem todas eram ricas ou mesmo tinham formação escolar, muitas foram mortas e, sem dúvidas, as que são reconhecidas constituem uma minoria (Costa, 2018).

Florence Rochefort (1998), especialista na história dos feminismos na França, enfatiza que a história das mulheres, a história do gênero e a história do feminismo, embora muitas vezes se encontrem e mantenham vínculos estreitos, são distintas. Segundo a pesquisadora, os movimentos de protesto pela emancipação das mulheres desempenham o papel fundamental comum de procurar construir uma identidade coletiva capaz de inscrever a mulher na história da humanidade como um todo.

Desde os primórdios da Revolução Francesa, no século 18, é possível identificar mulheres que de forma mais ou menos organizada lutaram por seu direito à cidadania, a uma existência legal fora de casa, único lugar em que tinham algum tipo de reconhecimento como esposas ou mães. Fora dos limites da casa restavam-lhes a vida religiosa ou a acusação de bruxaria. (Pinto, 2003, p. 13)

Assim, diante de restrições de direitos impostas às mulheres devido a questões relacionadas a gênero e a contextos de ordem social da desigualdade, ao longo da história,

movimentos têm sido organizados para reivindicar direitos e pedir por equidade de tratamento entre homens e mulheres em diferentes instâncias da vida cotidiana (profissional, doméstica, amorosa, acadêmica etc.). Quando ocorre um acúmulo de reivindicações e de conquistas desse tipo em determinado intervalo temporal, encabeçado simultaneamente por diversos movimentos organizados e que atuam em prol da mesma causa ou de pautas afins, convencionou-se chamar o momento histórico, para fins acadêmicos e de estudos de gênero, de onda feminista.

A noção deve ser usada com cautela, uma vez que associações e grupos feministas vêm se mobilizando de maneira contínua no curso das últimas décadas, contudo, é um conceito operacional que se refere a uma quantidade significativa de mulheres e pessoas feminizadas engajadas em torno de um tema em um espaço sociotemporal específico (Jouët, 2022).

Portanto, uma onda feminista é um momento histórico de relevo em que há grande efervescência militante e acadêmica e em que temáticas correlatas a mulheres se insurgem e dominam o debate (Franchini, 2017). “A onda, no imaginário político, evoca a força de um movimento que varre toda a sociedade para transformá-la em profundidade”⁶⁸ (Pavard, 2018, p. 1). No movimento feminista, a distinção das ondas entre si é feita de acordo com as demandas das mulheres em uma época específica ou cruzando os ideais defendidos por feministas em momentos particulares da história. Desse modo, para propósitos didáticos, foram definidas três ondas do movimento feminista – e há pesquisas que já apontam uma quarta – conforme reivindicações majoritárias e principais dos movimentos de mulheres em períodos históricos distintos, que englobam teorias e movimentos paralelos diferentes (Franchini, 2017).

Vale ressaltar que a classificação não é um consenso (Fournier, 2021; Jouët, 2022). A ideia de uma primeira e de uma segunda onda feministas se consolidou na década de 1970

⁶⁸ Livre tradução da autora para o trecho: “La vague, dans l’imaginaire politique, évoque la puissance d’un mouvement qui balaye l’ensemble de la société pour la transformer en profondeur”.

nos Estados Unidos e já na década seguinte, em 1980, o termo “onda” foi contestado. Há tensões em torno da definição de quem determina o nascimento ou a morte de uma onda (Pavard, 2018). Além de críticas sobre o termo passar a ideia de que um novo feminismo estaria rompendo com o anterior – em alusão às ondas da perspectiva da física: tidas como perturbações que se deslocam no espaço, elas vêm, passam e depois dão lugar a uma nova perturbação que se desenvolve na mesma intensidade –, sendo que as feministas, conforme as gerações, permanecem comprometidas com causas comuns, como direitos reprodutivos e combate à violência de gênero (Jouët, 2018).

Blandin (2017) enfatiza que a organização da história do movimento em ondas é internacional, embora os feminismos tenham tido diferentes extensões a depender do lugar do mundo. Para a autora, uma mesma onda pode ter limites diferentes a depender do país, o que torna relevante que os feminismos sejam pensados em sua pluralidade, fluidez e porosidade. De modo a tentar contornar o dilema, é possível recorrer ao conceito de gerações, capaz de abranger as nuances dos distintos períodos históricos, ou a dimensões dos feminismos. De qualquer forma, a divisão em períodos ainda é usada como uma ferramenta para elucidar com mais clareza a história do movimento feminista:

Apesar desses desafios, o termo onda continua sendo usado com frequência porque a noção, embora imperfeita, permite delimitar períodos e contextos, o que é útil para a compreensão e o ensino de história. Também evoca a força de um movimento que pretende varrer e mudar a sociedade.⁶⁹ (Fournier, 2021, p. 4)

Em suma, na história política e social, tratar de novas ondas é também uma maneira de fazer referências às novas gerações que surgem dentro de determinado movimento. No âmbito dos estudos de gênero e feminismos, a terminologia desencadeia debates, gera críticas e as pesquisadoras que recorrem a ela reconhecem os seus limites. Isso porque seus usos foram construídos em meio a questões acadêmicas e militantes, mas, no fim, permitem

⁶⁹ Livre tradução da autora para: “Malgré ces remises en question, le terme de vague reste fréquemment utilisé car la notion, bien qu'imparfaite, permet de délimiter des périodes et des contextes, ce qui est utile pour comprendre et enseigner l'histoire. Elle évoque aussi la puissance d'un mouvement qui entend balayer et changer la société”.

delimitar períodos e contextos, continuidades e rupturas, circulando com fluidez entre a diversidade das mobilizações feministas em dado período (Pavard, 2018).

Ações coletivas organizadas de forma autogestionária, participativa e democrática, além de ondas ou gerações, podem ser chamadas de momentos ou ciclos (Groppo, 2018). O fato é que escolha do uso desses termos indica, de alguma forma, características que queremos sublinhar na análise do objeto. Quinalha (2022), por exemplo, reforça uma reflexão crítica sobre a evolução das lutas de minorias sociais quando recorre à noção de ciclo. Ele destaca a recorrência de retrocessos e a necessidade de retomar periodicamente lutas que antes pareciam superadas, dando luz às condições de precariedade e de constante demanda de reconhecimento desses grupos por meio da metáfora de um deslocamento cíclico.

Nesta tese, enxergo o movimento feminista como uma mobilização de caráter ininterrupto, apoiada em processos contínuos entre os diferentes períodos de atividade de pico. O que precisa ser observado com cuidado é que alguns grupos empenham esforços na causa sem receber visibilidade por estarem em condições periféricas. Os movimentos sociais não morrem nem desaparecem, mas sofrem recuos e adaptações a depender do ambiente político, de modo a elaborar novas estratégias adequadas ao meio externo (Taylor, 1989). Nesse sentido, pesquisadoras como Karen Offen (2012) propõem alternativas para delimitar a história dos feminismos, como a analogia com um vulcão, que não cessa suas atividades e, de quando em quando, entra em erupção. Já a historiadora francesa Christine Bard (2017) prefere imaginar que há uma sobreposição das ondas que segue o movimento do mar, com as mais novas ganhando espaço.

Primeira geração do feminismo. A jornalista e ativista francesa Hubertine Auclert (1848-1914), fundadora do periódico anarcofeminista parisiense *La Citoyenne*, apropriou-se do termo “féministe”, até então usado na área médica para designar um homem afeminado, e passou a utilizá-lo em seu significado atual (Briatte, 2020). O mundo vivia então o período de 1848 a 1880 e o movimento feminista começava a se desenhar, com reivindicações esparsas focadas nos direitos das mulheres e com diretrizes como a reforma da educação

para as meninas e a flexibilização da lei do casamento. Com o transcorrer dos anos, outras demandas foram se somando a essas, como a reforma da moral sexual, a igualdade de gênero perante o sistema judiciário e o acesso das mulheres a universidades e a ocupações qualificadas (Briatte, 2020).

No início do século 20, as manifestações por direitos de gênero ganham robustez e levam a uma campanha de engajamento político em que mulheres reclamam direito ao voto e a participar de eleições como candidatas. O “sufragismo”, como foi chamado esse momento histórico, ganhou amplitude inesperada e se espalhou por vários países ocidentais (mesmo que com força e resultados diferentes), tornando-se o que ficou conhecido como a primeira onda ou geração do feminismo. Apoiadas por alguns homens, as sufragistas alcançaram os direitos de votar e de ocupar cargos públicos (Dagorn, 2011). A geração foi marcada por ideais herdados da revolução francesa, com desejos de modernidade, justiça, igualdade e liberdade, com caráter transgressor e de ruptura à ordem estabelecida (Rocheftort, 2018). O grupo, contudo, procurava manter-se neutro política e religiosamente, apresentando-se como movimento desconectado da política. As pautas uniam feministas apertidárias, militantes socialistas, ativistas ligadas à temática da maternidade e sindicalistas.

A partir dos anos 1920, a luta sufragista estendeu-se, inclusive em muitos países da América Latina⁷⁰, abarcando também reivindicações imediatas voltadas para a organização da família, oportunidade de estudo ou acesso a determinadas profissões (Louro, 1997). Mulheres, a maioria de classe alta e média – já que era um movimento ainda distante de negras e pobres, que há muito tempo eram trabalhadoras⁷¹ –, conduziam os protestos por meio de uma ação direta junto ao legislativo, de modo que conseguiram, efetivamente,

⁷⁰ O caso brasileiro trouxe uma distinção marcante entre pautas diretamente feministas e pautas de mulheres não necessariamente alinhadas aos feminismos, já que havia movimentos sociais que reivindicavam direitos das mulheres, mas sem correlacionar a conjuntura que não lhes garantia esses direitos a um contexto de opressão (Pinto, 2003). No país, muitas mulheres que pediam amplo direito ao voto e mais espaço nas discussões políticas, além de vagas de trabalho, alinhavam-se a discursos ideológicos de cunho conservador e vieram a participar, posteriormente, de atos como a *Marcha com Deus pela família e a liberdade* (Almeida, 2017), conjunto de ações populares que deram suporte ao golpe civil-militar brasileiro em 1964.

⁷¹ Mulheres das classes trabalhadoras e camponesas já exerciam, há bastante tempo, atividades fora de casa, trabalhando em fábricas, oficinas e lavouras (Louro, 1997; Monteiro & Gati, 2012).

conquistar o direito ao voto⁷². Contudo, depois disso, elas se desarticularam e o movimento feminista em maiores proporções adormeceu na maioria dos países latinoamericanos, tal qual aconteceu nos Estados Unidos e na Europa⁷³. Essa onda tinha um caráter ainda universalista – sem considerar as distinções entre grupos de mulheres – e opunha as figuras “mulher” e “homem” (Costa, 2018), além de ser alvo de críticas em decorrência de seu caráter elitista.

Segunda geração do feminismo. Impulsionada pelos debates propostos pela filósofa Simone de Beauvoir (2016) desde 1949, é no final da década de 1960 que tem início a denominada segunda onda ou geração do feminismo. Ela marca uma mudança de costumes e de representações e se mostra uma fase de exploração dos direitos adquiridos no momento anterior. Havia um anseio por dominar o corpo fértil (Dagorn, 2011), uma vez que as mulheres conquistaram espaço no mercado de trabalho e, a partir disso, desejavam limitar os nascimentos, usar métodos contraceptivos, implementar estratégias de planejamento familiar e descriminalizar o aborto. Taticamente, o movimento explorou, durante essa fase, a potencialidade de atividades coletivas, promovendo a conscientização e o compartilhamento de vivências por meio de encontros e debates (Franchini, 2017).

Discutia-se não apenas as formas de opressão, mas também constrangimentos da rotina doméstica, sexualidade e autoconhecimento (Pedro, 2005). As feministas protestavam por melhores condições de trabalho, colocando-se contrárias à dupla ou tripla jornada das

⁷² No Equador, a conquista se deu em 1929, e o país foi o primeiro da região a estabelecer o voto feminino. No Brasil, no Uruguai e em Cuba, a vitória feminista ocorreu no início dos anos 1930. Na Argentina e no Chile, foi logo após o final da Segunda Guerra Mundial. Já no México, Peru e Colômbia, só ocorreu na década de 1950 (Jaquette, 1994). Vale ressaltar, ainda, que foi com a implementação da Constituição de 1934 no Brasil que o direito ao voto feminino foi confirmado. Porém, só mulheres que exercessem profissão remunerada poderiam votar. Somente em 1965 o direito ao voto ficou livre dessa restrição definitivamente. E apenas com a Constituição de 1988 o direito se estendeu para as pessoas analfabetas, para as quais o voto é facultativo.

⁷³ É do final dessa fase a obra *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, publicada em 1949 na França. O livro ressalta que o destino de mulheres não está ligado a determinações biológicas, mas resulta de uma construção cultural com o intuito de torná-las submissas (Beauvoir, 2016). Considero importante destacar a relevância histórica da obra (Rocheftort, 2018). Mais de 70 anos depois, o livro segue sendo um ícone do movimento feminista e dialoga com a situação contemporânea das mulheres. Ao fazer uma análise das condições das mulheres em termos sociais, políticos e sexuais, Beauvoir debate a experiência de ser uma mulher e desconstrói estereótipos sobre feminilidades.

mulheres, às divisões sexuais no mercado de trabalho e às diferenças salariais entre homens e mulheres (Franchini, 2017). “Com o objetivo de fazer avançar essas análises e acreditando na potencialidade dos empreendimentos coletivos, algumas mulheres vão fundar revistas, promover eventos, organizar-se em grupos ou núcleos de estudos (...)” (Louro, 1997, p. 18), de modo que passam a ser produzidos conteúdos jornalísticos voltados para questões de gênero.

Ao mesmo tempo, grupos de lésbicas, negras, indígenas e outras mulheres racializadas tecem críticas ao fato de que o feminismo hegemônico traçaria como sujeito a diferença sexual de mulheres e homens, não dando visibilidade às diferenças da subjetividade das mulheres entre si no que diz respeito à raça, etnia, sexualidade, classe social e espaço geográfico (Butler, 2003; Lécosais, 2015; Montanaro, 2016; Portolés, 2004). Mas é só a partir de 1970 que, na Europa e nos Estados Unidos, surge a ideia de se construir um movimento feminista internacional e que busque combater coletivamente o patriarcado (Montanaro, 2016). A filósofa Angela Davis, em 1981, com a obra *Mulheres, Raça e Classe*, denuncia o racismo dentro do movimento feminista, ao passo que faz críticas também ao alinhamento das sufragistas a demandas capitalistas que, segundo ela (Davis, 2016a), exploram, especialmente, as mulheres racializadas. Há, então, uma desconstrução da noção de homogeneidade entre as mulheres e a militância volta-se para as diferenças de vivências entre elas:

O feminismo negro surge ao mesmo tempo nos Estados Unidos, notadamente com Angela Davis, e opera uma virada radical ao denunciar uma opressão simultânea de raça, classe, gênero e o modelo de sexualidade que o acompanha. O feminismo negro e as feministas lésbicas em particular forçarão outras correntes heteronormativas a integrar em suas análises de classe e sexo as dimensões de “raça”, etnia, heterossexualidade, exclusão social. As feministas afro-americanas realmente

ajudaram a explodir a noção de “diferença comum” entre todas as mulheres. (Dagorn, 2011, p. 5)⁷⁴

Essas reflexões sublinham que o movimento não se limita às demandas que vêm do Norte global, embora muitos dos registros históricos sejam eurocêntricos e mostrem os relatos de uma perspectiva de mulheres não periféricas, brancas, burguesas e urbanas, imprimindo traços do colonialismo à produção teórica e à práxis política do feminismo dominante. Desse modo, é importante observar que diferenças sociopolíticas entre os eixos Norte e Sul do mundo orientam os rumos do movimento feminista. O feminismo que eclodiu entre as décadas de 1960 e de 1970 nos Estados Unidos e na Europa está intrinsecamente ligado à efervescência cultural e política dessas regiões à época, o que impulsionou o surgimento de movimentos sociais (Pinto, 2003). Isso porque, na Europa Ocidental, havia uma frustração por parte de movimentos sociais e de militância com relação à revolução socialista que não aconteceu e com os crimes stalinistas que acabaram por vir à tona. Já nos EUA, a guerra da Coreia e, em especial, a guerra do Vietnã comprometeram o ideal do “sonho americano”.

A segunda geração feminista, na França, foi bastante influenciada por maio de 1968 e carrega a característica de espontaneidade pautada em uma cultura de contrapoder e pela contestação conduzida de maneira horizontalizada (Rocheft, 2018). Nessa fase, as francesas “obtem o direito à contracepção e reivindicam o direito ao aborto, em uma geração que está aprendendo a administrar a vida profissional e a vida familiar, enquanto têm o direito de administrar seu patrimônio” (Blandin, 2012, p. 2)⁷⁵. O direito à interrupção voluntária da gravidez no país – popularmente chamado pela sigla IVG – acontece na sequência, em 1974,

⁷⁴ Livre tradução da autora para o trecho: “Le black féminisme émerge au même moment aux Etats-Unis avec notamment Angela Devis et opère un tournant radical en dénonçant une oppression simultanée de race, de classe, de sexe et du modèle de sexualité qui va avec. Le Black feminism et les lesbiennes féministes notamment, forceront les autres courants (hétéronormatifs) à intégrer à leurs analyses de classe et de sexe les dimensions “races”, ethnies, hétérosexualité, exclusion sociale. Les féministes afro-américaines ont en réalité contribué à faire éclater la notion de “différence commune” entre toutes les femmes”.

⁷⁵ Livre tradução da autora para o trecho: “Alors que les femmes obtiennent le droit à la contraception et revendiquent celui à l’avortement, dans une génération qui apprend à gérer vie professionnelle et vie de famille, alors qu’elles sont en droit de gérer leur patrimoine...”.

após protestos ativos em um contexto político propício a reivindicações e a reformas⁷⁶ (Dagorn, 2011).

No Brasil, em 1968, o clima era de “repressão, ditadura e morte” (Pinto, 2003, p. 43). O feminismo que ganha força no país, portanto, assume condições específicas e isso se reflete na sua posterior consolidação. A maioria das militantes feministas do período, por exemplo, simpatizavam ou participavam da luta contra a ditadura militar. A efetiva consolidação do feminismo no país se dá a partir 1975, data definida pela Organização das Nações Unidas (ONU) como Ano Internacional da Mulher. O retorno de exiladas políticas que tiveram contato direto com reivindicações feministas em países da Europa e nos Estados Unidos também foram importantes para consagrar o movimento feminista brasileiro. Mas há debates que ainda hoje não avançaram, como a ampliação da legislação relativa aos direitos reprodutivos⁷⁷, o que reforça diferenças sociais e históricas que caracterizam as lutas feministas no Brasil e na França.

⁷⁶ Um exemplo marcante é o manifesto das 343, uma petição francesa publicada em 5 de abril de 1971 na edição nº 334 da revista *Le Nouvel Observateur*, e assinada por 343 mulheres que alegaram ter feito um aborto, expondo-se, à época, a processos criminais e ao risco de serem presas. O manifesto também foi capa do *Charlie Hebdo*. O texto foi redigido por Simone de Beauvoir e assinado pelas atrizes Catherine Deneuve e Jeanne Moreau, pelas escritoras Marguerite Duras e Françoise Sagan, por Ariane Mnouchkine, diretora de teatro, e Gisèle Halimi, advogada defensora de direitos humanos, entre centenas de outras mulheres. Disponível em: <https://www.rfi.fr/br/podcasts/a-semana-na-imprensa/20210402-revista-celebra-50-anos-de-manifesto-feminista-que-impulsionou-legaliza%C3%A7%C3%A3o-do-aborto-na-fran%C3%A7a>.

⁷⁷ Ainda hoje, o aborto induzido é proibido e é considerado crime no Brasil, com pena prevista de um a três anos de prisão para as mulheres que se submetem ao procedimento e de um a dez anos para o profissional ou indivíduo que o realiza (Cook *et al.*, 2004). Assim, a maioria dos abortos realizados atualmente no país – com exceção dos abortos juridicamente aceitos, que são classificados como necessários (quando não há outro meio de salvar a vida da gestante), humanitários (em caso de gravidez resultante de estupro) e nos casos de anencefalia – são feitos de forma clandestina, colocando a vida das mulheres em risco, em especial a daquelas que não podem pagar por uma intervenção feita em clínicas privadas (Bonfim *et al.*, 2021).

Terceira geração do feminismo. Na sequência histórica, políticas identitárias ganham força e levam à emergência da terceira geração feminista. Marcada pela queda do muro de Berlim – e pelo fim da União Soviética –, com a consequente solidificação do neoliberalismo e de um consumismo exacerbado⁷⁸ e a expansão do imperialismo cultural dos Estados Unidos (Franchini, 2017), essa nova fase começa nos anos 1990. Traz uma certa continuidade organizacional (nos formatos de encontros, atividades e ações), embora represente também uma ruptura com o movimento anterior, com variações significativas cujo denominador comum reside na ideia de diversidade: diversidade de atrizes e atores, interseccionalidade e também diversidade de estratégias (Lamoureux, 2006).

Tal período de reformulação da militância feminista é comumente associado aos movimentos *punk* femininos, carregando em seu cerne a ideia de “faça você mesma(o)” e a completa negação a corporativismos (Franchini, 2017). No que tange a produção de conteúdo informativo, essas mulheres introduziram a estética dos zines⁷⁹ ao feminismo, recorrendo a produtos de cultura independente para tratar de temas como patriarcado, estupro, sexualidade e empoderamento. Em paralelo, a internet passa a servir de plataforma para a propagação dos ideais do grupo. Consolida-se um feminismo digital capaz de cativar diferentes públicos – embora seja um movimento fragmentado – e que tem no uso das mídias sociais o elemento mais característico. As ferramentas *on-line* serviram para propagar os ideais do movimento, organizar atos e encontros, angariar militantes e conscientizar mulheres sobre a causa. O pensamento interseccional se torna fundamental ao articular gênero com demandas de classe, étnico-raciais, geracionais e de sexualidade (Matos, 2010).

⁷⁸ Em decorrência desse contexto de consumo exagerado, setores do mercado passam a se apropriar da noção de feminismo para realizar campanhas publicitárias e ações de *marketing*. O capitalismo encontra, assim, maneiras de promover serviços e produtos, a fim de conquistar um público que simpatiza com os ideais do movimento, mas sem se conectar a sua base e às reivindicações que o originaram. A pauta feminista torna-se, na conjuntura contemporânea, um elemento mercadológico de promoção de vendas, dissociando-se, por vezes, de sua relevância política e social.

⁷⁹ Publicação impressa independente e de pequena escala que costuma ser produzida por um pequeno grupo de pessoas ou por um(a) único autor(a).

É atrelada a um momento de rejeição da luta pela quebra de estereótipos de gênero, resultando em um movimento inverso: a apropriação desses estereótipos, de posturas e de símbolos relacionados à feminilidade. “Em outras palavras, elas [as militantes feministas] pegaram os sutiãs, os batons e os saltos que suas precursoras haviam abandonado e os colocaram de volta, em defesa da liberdade individual de cada mulher” (Fanchini, 2017). A Marcha das Vadias – ou *SlutWalk* –, por exemplo, constitui uma tentativa de ressignificação de instrumentos de opressão, já que mulheres se apropriam de uma estigmatização social a elas atribuída para mostrar resistência.

Mas essa geração não se resume a isso, ela dialoga com os períodos anteriores do feminismo hegemônico, e, concomitantemente, traça estratégias para descentralizar a luta e incluir grupos feminilizados que antes se encontravam à margem do debate. As formas de atuação feministas, contudo, acabam por se pulverizar e são atravessados por uma variedade de visões teóricas e epistemológicas. Ainda que não exista uma coesão teórica sobre esse momento – que, por vezes, já é chamado de quarta onda do feminista (Fanchini, 2017) –, pode-se destacar seu foco em debates relacionados ao combate à cultura do estupro, à representação da mulher na mídia, a abusos vividos no ambiente de trabalho ou nas universidades, tudo isso atrelado a uma postura de denúncia e de recusa ao silenciamento.

Vivemos a quarta geração do feminismo? Há pesquisadoras (Castro & Abramovay, 2019; Paveau, 2020; Perez & Ricoldi, 2019; Pinheiro-Machado, 2019; Oliveira, 2019) que acreditam que a quarta onda ou geração do feminismo vem ganhando forma desde os anos 2010 e tem se apresentado como um movimento ainda em elaboração, um modelo de militância que está em pleno curso de construção. O período seria caracterizado pela forte presença de seus membros nos meios de comunicação digitais, pela organização em forma de coletivos e por considerar, mais do que anteriormente, as diversas clivagens sociais que perpassam o gênero, configurando um feminismo interseccional (Perez & Ricoldi, 2019). Seria um modo de ativismo que intersecciona classe, gênero e raça, considerando diferentes sistemas de opressões (Castro & Abramovay, 2019) em suas estratégias de atuação. É

composto por mulheres jovens, nascidas nos anos 1980-1990 – ou mesmo em 2000 – e que começam a militar em um universo midiático inteiramente conectado e estruturado pela internet (Paveau, 2020).

Impulsionadas pelas novas mídias digitais, emergiu no mundo todo, mas em especial no Sul global, a quarta onda feminista, que é orgânica, desenvolveu-se de baixo para cima e cada vez mais reinventa localmente os sentidos do movimento global #MeToo, que busca expor casos de assédio e abuso contra mulheres. O levante internacional perpassa todas as gerações, mas é entre as jovens e adolescentes que desponta seu caráter mais profundo, no sentido de ruptura da estrutura social: há uma nova geração de mulheres que não tem nada a perder nem a temer. (Pinheiro-Machado, 2019, pp. 170-171)

A militância feminista contemporânea, portanto, estrutura-se como resultado de uma nova configuração dos movimentos sociais e advém de uma agenda temática ligada à terceira ou quarta geração do feminismo. É uma luta feita de “*hashtags* e memes, mas não só, pois a estamos carregando com nossos corpos” (Pinheiro-Machado, 2019, p. 174). É um movimento que se consolida a partir de figuras de meninas e mulheres tomando a dianteira de atos políticos e sociais. Como ocorreu à época das ocupações das escolas no Brasil em 2016, quando jovens – e, em especial, meninas – se opunham à proposta de emenda à Constituição do teto dos gastos de Michel Temer (vice-presidente que substituiu Dilma Rousseff após o golpe político-parlamentar de 2016), que impôs um limite ao crescimento dos gastos públicos por 20 anos atrelado ao percentual da inflação nos 12 meses anteriores, levando à redução de investimentos em educação. No cenário eleitoral do país, o chamado “efeito Marielle Franco”⁸⁰ tem permitido que o legado político da ex-vereadora assassinada no Rio de Janeiro influencie na eleição de mulheres de esquerda, negras e originárias da periferia.

⁸⁰ Em 14/03, aos 38 anos, a então vereadora da cidade do Rio de Janeiro foi assassinada com quatro tiros na cabeça em um atentado que também vitimou Anderson Gomes, motorista que acompanhava a política na ocasião. O crime provocou mobilizações não só no país, mas também internacionalmente – a cidade de Paris, por exemplo, dedicou à brasileira um jardim público que leva seu nome e está localizado no 10e *arrondissement* da capital francesa. Marielle se tornou um símbolo de novas lutas políticas por equidade e inclusão de mulheres e, em especial, de mulheres negras e periféricas. Desde

Na França, jovens mulheres também têm se organizado para militar por equidade de gênero. A versão francesa do movimento *#MeToo*, o *#BalanceTonPorc*, foi oficialmente ancorada na sociedade civil através da criação do coletivo *#NousToutes*, fundado em julho de 2018 e responsável por mobilizações que ecoam ainda hoje. O coletivo organizou diversos comícios e marchas em cerca de 50 cidades para denunciar a violência sexual e sexista e, mais especificamente, a nomeação para o governo francês de membros cujos comportamentos e posições são considerados incompatíveis com uma política feminista (Jousse, 2020).

Na Europa, o ecofeminismo foi impulsionado frente às reivindicações encabeçadas por jovens mulheres, como Greta Thunberg, para que governos adotem medidas mais duras para lutar contra o aquecimento climático, ativismo que sublinha novas ligações entre feminismo e ecologia. Na América Latina, houve a descriminalização do aborto na Argentina em dezembro de 2020, reivindicação do movimento da Onda Verde, protagonizado por milhares de mulheres de todas as faixas etárias que tomaram as ruas de Buenos Aires usando bandanas verdes e protestando por direitos reprodutivos. E, em fevereiro de 2022, o movimento feminista colombiano celebrou a decisão da Corte Constitucional do país de descriminalizar abortos realizados até a 24ª semana de gestação, em resposta a uma ação apresentada em 2020 pelo movimento Causa Justa, uma coalização de diversas organizações que buscam a liberdade e a autonomia reprodutiva das mulheres⁸¹.

Mobilizações como essas, com caráter orgânico e que se fortalecem pelo uso da internet, mas sem deixar de tomar as ruas amplamente, são características da geração feminista atual e dos movimentos sociais feministas na contemporaneidade. Elas até ultrapassam os limites do debate de gênero, com as mulheres se apresentado como parte

então, ocorre um movimento no âmbito legislativo em que o número de mulheres eleitas para cargos políticos e, em especial, de mulheres negras, vem aumentando no Brasil.

⁸¹ Os direitos sofrem também recuos, como vimos, em 2022, com a anulação pela Suprema Corte estadunidense da decisão da década de 1970 que ancorava a possibilidade de escolha para realizar um aborto no país. O caso, conhecido como "Roe vs Wade", estabelecia que o direito ao respeito à vida privada garantido pela Constituição se aplicava ao aborto. No último ano, contudo, a justiça revisou o entendimento e passou a autorizar cada estado federal a adicionar restrições ao direito ao aborto.

importante da renovação política, formando um bloco de resistência contra o autoritarismo (Pinheiro-Machado, 2019) em sociedades que veem discursos reacionários crescerem. Mais do que uma nova onda, seria um feminismo maremoto que sai dos guetos para formular insurgências (Castro & Abramovay, 2019). Tais experiências coletivas, por vezes, transformam-se e ganham diferentes formatos para dar continuidade à atuação em prol de uma reivindicação. No caso dos feminismos, dentre essas novas formas de agir, informar e ampliar a militância no meio digital, está o midiativismo feminista.

Reflexões sobre as gerações ou ondas do feminismo. A falta de consenso da academia sobre as fases do feminismo reforça a visão de linhas teóricas que recusam classificar o movimento por ondas. A crítica se volta para o fato de que as subdivisões convencionais (em três ou quatro partes) contemplariam, somente, o feminismo hegemônico (Costa, 2018). Ou seja, não levariam em conta movimentações que ocorreram em lugares periféricos, para além da Europa e dos EUA – como no Brasil. Louro (1997) realça que diferentes divisões sociais acabam por provocar distintas lutas e solidariedades, que podem ser parciais ou provisórias.

“É indispensável admitir que até mesmo as teorias e as práticas feministas — com suas críticas aos discursos sobre gênero e suas propostas de desconstrução — estão construindo gênero” (Louro, 1997, p. 35). Impor uma única e permanente base para uma luta política implica o risco de apagamento de diversidades históricas, culturais e territoriais no âmbito da militância política. Os movimentos sociais, diante da fluidez das relações de poder, são impelidos a se reinventar e se adaptar a novas realidades. O feminismo, por extensão, percorre variadas práticas e teorias na tentativa de moldar estudos de gênero e de desconstruir concepções patriarcais.

Em termos temporais, pode fazer uma síntese sobre as reflexões centrais que cada onda feminista gerou: a primeira geração se centrou na promoção de participação política e social como um direito humano; a segunda geração abriu espaço para o debate das noções de biologismo e sexismo, acarretando mudanças nas representações sobre gênero; ao passo

que a terceira enfatiza traços como diversidade e diferença entre as mulheres, ampliando as pautas do movimento feminista e tornando-o mais interseccional. As feministas reúnem-se e subdividem-se a depender de alinhamentos políticos e ideológicos e de momentos históricos em uma ampla gama de movimentos sociais e de filosofias, os quais, para abarcar essa multiplicidade de agendas, foram definidos como feminismos, no plural. Mas, em essência, há o objetivo comum de libertação de padrões impostos pelo patriarcado e baseados no gênero. Propósito que eu, enquanto mulher, pesquisadora e feminista, também persigo e me empenho em ajudar a construir.

Movimentos sociais e estruturas de militância

Os movimentos sociais são um tipo de ação coletiva que busca obter consequências políticas em determinado período histórico e em que a participação de organizações que apoiam as suas causas é um fator fundamental para o sucesso da atuação do grupo (Nunes, 2014). Em outros termos, para que os objetivos de um movimento social sejam bem-sucedidos, é preciso que se construa um sistema coerente de crenças entre as e os participantes, de maneira que esses se sintam encorajados a engajar-se na causa (Langman, 2005).

Para isso, recorre-se aos repertórios e afinidades culturais entre os membros do grupo. A noção de repertório abarca um conjunto de memórias, de compreensões e de acordos compartilhado entre as pessoas (Tilly, 1995). São relações sociais e ações apoiadas em padrões conhecidos e recorrentes, ou seja, trata-se de criações culturalmente construídas que advêm de lutas contínuas e dos retornos dados a essas por atores que detêm o poder na sociedade (Abers *et al.*, 2014). Os repertórios correlacionam-se com os hábitos e convenções de determinada cultura, colaborando para a definição de como vai se constituir um movimento social e suas ações, a depender do contexto. Na prática, a interação e as formas de ação levam em conta tradições e oportunidades de mudança, conforme a lógica volátil das conjunturas políticas. Por exemplo, “em contextos democráticos, passeatas são

mais seguras que guerrilhas; em contextos repressivos, pode bem ser o contrário”. (Alonso, 2012, p. 22).

Em uma democracia, os movimentos sociais, ao terem espaço para fazer pressão no Estado e para opor-se a esse, constituem uma forma de mensurar a força do regime político e a estabilidade das instituições. São estruturas guiadas por valores universais de direitos humanos e que defendem minorias sociais (Machado, 2006; Woitowicz, 2012). Ao se fazer uma contextualização histórica, nota-se que o questionamento do estado social ocorre no contexto da supranacionalidade europeia e da globalização neoliberal ativada pelo colapso do comunismo (Pigenet & Tartakowsky, 2014, p. 11), e é perpassado pelos movimentos conhecidos como “sem”, de pessoas sem condições básicas de alojamento, emprego ou mesmo sem registros formais de cidadão, junto a movimentos antiglobalização e iniciativas que propõem alternativas para se viver de forma diferente (Neveu, 2019a ; Vindt, 2021). Os movimentos sociais conectam-se, então, a lutas pela garantia de necessidades básicas como os direitos à terra e à moradia.

No curso da evolução temporal desses grupos, há uma classificação diferenciada para os movimentos sociopolíticos autônomos que despontam entre as décadas de 1970 e 1980, a fim de distingui-los dos movimentos sociais clássicos (Santos, 2019). Eles são chamados de novos movimentos sociais, baseados na organização descentralizada, na crítica cultural e na atuação política identitária. O cientista político Érik Neveu (1996) explica que a diferença primordial entre esses tipos de movimentos sociais é a forma como eles se organizam. Os novos assumem um caráter mais descentralizado, com uma hierarquia horizontal, ampliando seu escopo para além de sindicatos e instituições, embora, quando se institucionalizam, tenham tendência a se centrar em uma única causa.

Desvinculando-se dos fundamentos marxistas dos movimentos sociais clássicos, os novos movimentos sociais substituem demandas focadas em redistribuição de renda por outras que envolvem identidades e estilos de vida, como as pautas LGBTI+, feminista, antirracismo e ambientalista, procurando legitimar uma cultura fora do controle não só do Estado, mas de qualquer poder externo à vida privada (Santos, 2019). O cerne do debate

deixa de se restringir ao coletivo para englobar o individual, dialogando com as mudanças de estrutura de vida na sociedade ocidental contemporânea, com a concentração de pessoas em grandes centros urbanos.

Adentrando-se o século 21, já nos anos 2010, iniciam-se um conjunto de protestos ao redor do mundo como reação à crise do neoliberalismo (Pinheiro-Machado, 2019). São as chamadas primaveras⁸², que perpassam desde a Primavera Árabe, passando por atos antiausteridade na Europa (em países como Grécia, Islândia, Portugal e Espanha), pelo Occupy Wall Street nos Estados Unidos (que depois percorreu outros países com ocupações em frente a prédios de símbolos financeiros), pela China, com reivindicações por mais democracia, até chegar ao Brasil, com o ciclo de protestos das jornadas de junho. Na França, em 2018, o movimento dos coletes-amarelos também ganha amplitude por meio de mídias sociais, em um diálogo entre ruas e ciberativismo para expandir a militância contra catástrofes sociais e ecológicas (Brier *et al.*, 2020).

Essas “primaveras” inauguram o que se chama de novíssimos movimentos sociais (Neveu, 2019; Pinheiro-Machado, 2019). São insurreições baseadas em micropolítica, criatividade, descentralização e afeto radical (Pinheiro-Machado, 2019), organizando-se em espaços que procuram não reproduzir internamente estruturas hierárquicas⁸³. A novidade está no papel de ferramentas digitais, como Facebook e Twitter, que desencadeiam um efeito triplo: “disponibilização de uma ferramenta de coordenação que afeta grandes números sem a mediação de estruturas políticas ou organizacionais prévias, rápida e poderosa capacidade de mobilização, abertura de espaços para debates e trocas altamente horizontais” (Neveu,

⁸² Expressão que, posteriormente, inspirou a criação do termo "primavera feminista".

⁸³ Tais movimentos eclodiram antes que a internet se fechasse em espaços menos democráticos em decorrência de algoritmos e filtros-bolha. Atualmente, os algoritmos, controlados por empresas de tecnologia monopolistas que mapeiam e orientam as interações dos usuários a partir da constante extração de dados, impelem os militantes a fazerem um ativismo codificado, ou seja, em que as ações coletivas estão presas às leis dos códigos, programações e algoritmos (Figueiredo, 2019).

2019, p. 67)⁸⁴. São movimentos que tentam implementar, em seus pequenos grupos, a sociedade que desejam construir.

Gênero e jornalismo

O jornalismo se consolida como uma profissão e um espaço fundamentalmente masculino (Louro, 1997; Silva, 2010), com redações sustentadas por hierarquias de gênero e com acentuada desigualdade na distribuição de funções entre homens e mulheres (Damian-Gaillard & Saitta, 2011). Enquanto conhecimento social, a prática reproduz saberes advindos historicamente de instâncias de poder predominantes e, a partir disso, também acaba por reproduzir relações de gênero hegemônicas que prevalecem nos traços culturais da sociedade. Ao tentar mapear os modos de funcionamento do mundo social do midiativismo feminista e a fim de desnaturalizar estereótipos sobre gênero, sexo e sexualidade, esta tese resgata como as relações entre jornalismo e gênero foram sendo operadas a depender de lugares, tempos e contextos históricos.

Imprensa e mulheres

O papel da imprensa na busca das mulheres por mais visibilidade e espaço em contextos sociopolíticos é ambíguo. Os produtos da mídia, historicamente, significam, para elas, uma forma de libertação e de resistência alicerçada na capacidade de leitura e na possibilidade de refletir e desenvolver pensamento crítico (Pinto, 2003). Mas esses produtos também constituem manuais repletos de regras patriarcais sobre como uma mulher deve agir ou se portar (Pinto, 2003; Blandin, 2010). A imprensa mostra-se, há séculos, uma ferramenta para impulsionar a libertação de mulheres de amarras que as impedem de estar no mesmo patamar social, econômico e cultural dos homens (Duarte, 2017). Todavia, também pode ser

⁸⁴ Livre tradução da autora para: “disponibilité d’un outil de coordination touchant le grand nombre sans la médiation de structures politiques ou organisationnelles préalables, capacité rapide et puissante de mobilisation, ouverture d’espaces de débats et d’échanges fortement horizontaux”.

– e, mais comumente, é – instrumento para manter e reproduzir as formas de dominação vigentes.

Embora o lugar destinado às mulheres e às pessoas em posições feminizadas na conjuntura sociopolítica do mundo seja constantemente atualizado, ele mantém raízes em antigas estruturas familiares ou políticas (Garcin-Marrou, 2019). Tanto no Brasil como na França, ocorreu a disseminação de produtos de nicho para mulheres, baseada em propósitos essencialmente econômicos e estimulada pelo mercado publicitário (Pinto, 2003; Melo Cabral, 2008; Thérenty, 2010; Geers, 2016). A consolidação das mulheres como leitoras repousa sobre um forte caráter econômico, pois o capitalismo passou a vê-las como potenciais consumidoras de literatura, não só de revistas e jornais, mas, principalmente, dos produtos anunciados pela imprensa (Melo Cabral, 2008), o que fazia industriais da moda investirem nessas publicações. E, em ambos os países, houve esforços de controle a esse consumo advindos de forças e estruturas como igreja, Estado, família e escola (Duarte, 2017).

Na França, a alfabetização das mulheres foi impulsionada pelo Estado e aumentou consideravelmente a partir da segunda metade do século 19. Mas, ainda que as mulheres estivessem se tornando potenciais leitoras, o estímulo ao contato com matérias de jornais, muitas vezes, era proibido pelos maridos, que queriam que as esposas se envolvessem em tarefas de cuidado doméstico, e por instituições religiosas, que consideravam a leitura um desvio moral (Geers, 2016, p. 44). No mesmo período, as mulheres da burguesia brasileira não eram estimuladas a ler, pois as famílias e a sociedade da época consideravam que as informações traziam riscos subversivos e podiam encorajar a comunicação das moças com rapazes. Posteriormente, acabou-se permitindo que jovens brasileiras de classes altas recebessem educação elementar e religiosa e noções de língua estrangeira, em paralelo às aulas de bordado e de tarefas do lar (Cabral, 2008).

No mundo inteiro, ao terem acesso ao letramento, as mulheres, na sequência, apropriaram-se da leitura e, logo, da escrita – inclusive de uma escrita crítica. Contudo, esse processo esbarrava em uma mentalidade de superioridade masculina que ainda dominava os espaços de debate, de modo que havia um entendimento pautado no senso comum de

que os livros e as histórias voltados para as mulheres e lidos por essas não eram, de fato, literatura, mas, sim, uma espécie de subliteratura que não merecia ser levada a sério – à semelhança de como as próprias mulheres eram vistas na sociedade (Duarte, 2017).

Embora a mídia fosse usada como ferramenta de controle econômico e político –com publicações que empenhavam esforços para, na contramão dos movimentos de emancipação feminina, devolver às mulheres o orgulho de estar em casa e reativar discursos familialistas (Blandin, 2010) –, a partir do contato com livros e jornais, grupos de mulheres com acesso à educação formal tomaram consciência de suas próprias condições subalternas e das condições ainda piores de mulheres analfabetas.

Independente de serem poetisas, ficcionistas, jornalistas ou professoras, a leitura lhes deu consciência do estatuto de exceção que ocupavam no universo de mulheres analfabetas e da condição subalterna a que o sexo estava submetido, possibilitando o surgimento de escritos reflexivos e engajados, tal a denúncia e o tom reivindicatório que muitos deles ainda hoje contêm. Mais que os livros, foram os jornais os primeiros e principais veículos da produção letrada feminina, que desde o início se configuraram em espaços de publicidade, aglutinação e resistência. (Duarte, 2017, p. 98)

Desde o início do movimento feminista, militantes da causa observavam que a mídia tinha papel relevante na propagação de estereótipos de gênero, o que as fazia sentir a necessidade de criar canais próprios e com discursos alternativos ao hegemônico. A relação ambígua das mulheres com a imprensa fez despontarem dois novos nichos diferentes de jornalismo: a imprensa denominada feminina e a imprensa feminista. Buitoni (1990) defende que se deve demarcar bem as distinções entre elas. A primeira, de acordo com a pesquisadora, era voltada para as mulheres de modo a corroborar com padrões que ditavam a vida dessas, impondo regras aos corpos e às mentes das leitoras. Diferentemente, a imprensa feminista desponta com o intuito de promover os direitos das mulheres e mostrar a essas maneiras de libertarem-se de amarras socialmente estipuladas.

São categorias que podem, eventualmente, convergir, mas, de modo geral, a imprensa dita feminina e a imprensa feminista são distintas e carregam características até

opostas. Uma tem caráter mais conservador e, historicamente, é marcada pela propagação de estereótipos de gênero e por corroborar com discursos que realçam a ideia da mulher como figura frágil e designada ao espaço doméstico. Já o jornalismo feminista nega a disseminação de rótulos e formas de escrita atrelados a gênero, propondo-se a construir narrativas que impulsionem mulheres e pessoas feminilizadas a negar estruturas de dominação patriarcais e a ocupar posições de poder na sociedade. Na cultura midiática contemporânea, tornam-se cada vez mais frequentes as tentativas de unir ambas as perspectivas transformando os conteúdos da imprensa dita feminina em canais com abertura para as pautas da imprensa feminista.

Imprensa (denominada) feminina

Por quase meio século, a imprensa retratou o universo das mulheres através da moda, da literatura, da beleza e de informações sobre entretenimento, centrando os conteúdos na importância do papel da mulher como mãe e esposa (Lajolo & Zilberman, 1999; Bronstein, 2008) e impondo a ideologia desse papel por meio de critérios sociais e culturais (Buitoni, 1981). Muitos jornais, criados por padres, médicos e jornalistas, empenhavam-se em convencer as mulheres – em especial, as da burguesia – a se tornarem mães dedicadas, estimulados por preocupações com os números de mortalidade infantil e em uma estratégia de assegurar o crescimento populacional (Duarte, 2017). As publicações focadas em mulheres se constituem, portanto, como ferramentas para perpetuar as hierarquias de poder.

São conteúdos que oferecem receitas culinárias e de bordados, diretrizes para mães e pais relativas à criação de filhos e instruções de manutenção da vida doméstica, apresentando-se como indispensáveis para o funcionamento da rotina familiar (Blandin, 2012), ao lado de testes de personalidade e acontecimentos ligados à privacidade de astros e estrelas do cinema e da televisão (Bronstein, 2008). É construído um imaginário da mulher centrado na ideia de cuidar de si (Flausino, 2003). Além disso, são implementadas mudanças nos moldes de escrita jornalística, com ênfase na proximidade com a leitora e com as publicações, procurando criar intimidade com quem as lê, traçando um diálogo entre o

jornalismo informativo e os elementos de personalização e sedução próprios da publicidade (Schmitz, 2010).

Mesmo na entrada do século 20, não houve grandes renovações de conteúdo e de forma na imprensa voltada para esse público. As mulheres seguiam sendo tratadas como sensíveis e frágeis (Bronstein, 2008). Com o decorrer das décadas, contudo, as cidades cresciam e se modificavam, possibilitando a configuração de novos públicos leitores. A cultura de massa que se fortalecia à época, somada ao cenário da Primeira Guerra Mundial e suas consequências, foi abrindo espaço para que a figura da mulher passasse da representação de fragilidade pueril para a força da maternidade.

Ser bonita neste tempo, significava ser consciente de sua educação e direitos, significava estar informada sobre saúde e sobre o seu mundo e o que acontecia em outros contextos sociais, não enquanto agente de mudanças, mas como um ser dotado de racionalidade que, em certo sentido, materializava a essência do conceito de beleza da época. (Bronstein, 2008, p. 26)

A indústria editorial de publicações femininas como imprensa de nicho crescia, já que a mídia hegemônica produzia conteúdos pensando essencialmente no público masculino. Como consequência, a figura da mulher parecia ainda mais distante dos acontecimentos da vida pública, direcionando-se para os arquétipos das revistas e para a vida privada (Bronstein, 2008). Com o tempo, estimuladas por fatores econômicos, algumas empresas de mídia contavam com páginas destinadas à audiência feminina em jornais ou publicações feitas para homens, fenômeno que ficou conhecido como “*page magazine*” ou página de revista (Geers, 2016).

Ao passo que a *presse magazine* crescia e atendia consumidoras com dinheiro, para as mulheres de meios mais populares, os editores desenvolveram a imprensa de romances populares, apoiando-se em estereótipos de classe para oferecer a mulheres pobres, consideradas pouco cultas com relação a temáticas políticas e literárias, um prazer imediato a partir da leitura (Geers, 2016, p. 50). Tais publicações eram conhecidas como “*presse de cœur*” (“imprensa do coração”) e continham pouca publicidade e imagens, uma vez que os

anunciantes avaliavam que se tratava de um público sem recursos financeiros suficientes para se dedicar ao consumo.

Os anos de 1960, contudo, representam uma virada nessa conjuntura e reforçam o caráter emancipatório do jornalismo especializado para mulheres. Estrutura-se um cenário político internacional que incita o questionamento e a rebeldia, inspirado no movimento de maio de 1968 na França, o qual espelhava a força de uma cultura jovem e progressista. As publicações midiáticas que não apreenderam essas modificações, viram parte do seu público leitor, jovem, ativo, de alto nível cultural e intelectual, migrando para revistas de caráter mais informativo (Charon, 2008).

Mas, mais do que conteúdos preocupados com a equidade de gênero e liberdade sexual, as revistas eram instrumentos para angariar mais leitoras e, por meio da publicidade, aumentar os lucros. O incentivo da imprensa à autonomia da mulher permitia que ela escolhesse os rumos de sua própria vida e, em especial, quais produtos fariam parte disso (Buitoni, 1981). O empoderamento fomentado nas décadas anteriores adentra os anos 1990 como um fator que consolida a figura da mulher multitarefas (Bronstein, 2008). A mídia corrobora com a ideia de que a mulher é capaz de assumir a dianteira de diferentes âmbitos da vida⁸⁵, conquistando espaço no mercado de trabalho, nas universidades, ao mesmo tempo em que cuida da casa, mantendo um relacionamento conjugal e criando os filhos.

O jornalismo especializado para mulheres dos anos recentes segue acompanhando a ordem capitalista e acentua a publicidade nos veículos à medida que cresce a ascensão feminina nos postos de trabalho (Maia, 2013). A dicotomia da imprensa feminina, entre a propagação de valores reacionários e de ideais de equidade de gênero, perdura. A massificação de tecnologias da informação faz com que novos canais de divulgação de conteúdo possam se constituir e propor formas de fazer jornalístico distintas da hegemônica. Mas os ambientes digitais ainda ecoam discursos misóginos e machistas.

⁸⁵ É fundamental notar que a quantidade de demandas que recaem sobre a mulher é um mecanismo de manutenção da dominação patriarcal, já que as mulheres são sobrecarregadas com atividades que as consomem em termos psicológicos e de tempo, dificultando que elas encontrem espaço e energia para participação no debate público.

Em suma, ao contrário da mídia diária, a imprensa dita feminina não se preocupa em divulgar *hard news*⁸⁶, mas foca em trazer entrevistas, opiniões de especialistas, análises sobre assuntos da atualidade, e, simultaneamente, aproxima-se mais do entretenimento e da prestação de serviço (Buitoni, 1981). Ainda que eventualmente abra espaço para conteúdos feministas, de forma geral, esse estrato jornalístico perpetua estereótipos de gênero colaborando para manter a mulher distante do debate público e assegurando a existência de um público consumidor capaz de conservar a lucratividade das publicações e da indústria em torno dessas.

Imprensa feminista

A imprensa assume um papel de relevo na divulgação de ideias feministas ao redor do mundo, contribuindo para que o movimento se fortaleça politicamente. No jornalismo, os discursos relacionados à equidade de gênero podem aparecer de três formas: em publicações que se mostram resistentes a tratar de questões feministas; nas que apresentam um discurso sensível às pautas do feminismo, mas sem afirmar diretamente se alinhar com esse; e, por fim, há as mídias explicitamente feministas, que se assumem como tal e fazem ecoar as ações do movimento feminista de seu tempo (Olivesi, 2017, p. 178). Os dois últimos serão tratados a seguir.

Desde que se constituiu, a imprensa se tornou a ferramenta que pessoas com novas ideias buscavam para se expressar, mesmo que isso se limitasse a classes médias e altas urbanas e cultas (Pinto, 2003). A princípio, os jornais e publicações impressas constituíam a única forma de disseminar informações massivamente, já que não existia rádio e televisão. A imprensa feminista, desde seu surgimento, a partir de meados do século 19, promovia ações de ocupação do espaço público por meio de instrumentos midiáticos, recorrendo a essas

⁸⁶ São as notícias recentes consideradas relevantes no contexto do jornalismo *mainstream* e que estão comumente associadas ao cenário político ou econômico.

ferramentas para denunciar opressões e como forma de contestar narrativas androcêntricas (Santos, 2019).

Feministas se lançaram ao desafio de criar pequenos jornais, com frequência artesanais, para publicar artigos e opiniões sobre a condição da mulher. Eram publicações, não raro, produzidas por apenas uma ou duas pessoas, que empenhavam grande esforço para mantê-las em circulação (Pinto, 2003). Esses conteúdos costumavam ser produzidos e consumidos por mulheres de classes mais altas, ligadas às pautas do movimento sufragista (Formaglio, 2017), e os projetos duravam pouco tempo, em especial devido ao seu caráter contra-hegemônico e à ausência de anúncios publicitários (Poupeau, 2018) que pudessem servir de apoio para assegurar sua sobrevivência financeira.

Foi por meio do jornalismo dito feminino que algumas mulheres da burguesia⁸⁷ encontraram espaço para participar mais diretamente da produção de conteúdo midiático e, em alguns casos, para divulgar ideais emancipatórios e críticas ao machismo na sociedade (Santos, 2019). É difícil mapear historicamente o trabalho dessas figuras feministas, pois, o que é preservado, de maneira proposital, no curso da história é a atuação de mulheres que compactuaram com o mantimento do *status quo*, apoiando a continuidade e a manutenção de sistemas de opressão, ao passo que mulheres que propunham ideias libertárias eram sujeitadas ao esquecimento político (Muzart, 2003). Há registros, contudo, de que militantes feministas se lançavam na carreira como jornalistas na imprensa tradicional e, com frequência, observavam que a estratégia de criar mídias alternativas poderia ser mais eficiente para a propagação de suas ideias (Lévêque, 2009; Bravard & Pasteur, 2014).

A história do feminismo está entrelaçada com a história da mídia alternativa, uma vez que as mulheres desde cedo perceberam a necessidade de se fazerem ouvir, apostando em um discurso combativo que assumiu, em alguns momentos, o duplo

⁸⁷ Mulheres pobres não transitavam por esses espaços e assumiam ofícios de costureiras, fiandeiras, fabricavam botões e rendas ou tinham de trabalhar como domésticas, ocupando posições invisíveis na sociedade (Monteiro & Gati, 2012).

papel de denunciar e de mobilizar as mulheres na defesa dos seus direitos e na conquista da cidadania. (Woitowicz, 2014, p. 5)

Com o decorrer do tempo, outros elementos sociotécnicos contribuem para a disseminação do pensamento feminista. A televisão se populariza e as pautas feministas que conseguem adentrar os programas femininos fazem com que, junto às tradicionais informações sobre culinária, moda e educação dos filhos, apareçam também temas até então impensáveis, como orgasmo feminino, anticoncepção e violência doméstica (Costa, 2005, p. 15). No contexto atual, em especial com a difusão das ferramentas digitais e com o crescimento de mídias sociais com capacidade de horizontalizar discursos, a imprensa feminista vem se ampliando e cativando um público mais vasto. O surgimento das revistas *on-line*, de caráter notadamente feminista, que aparecem na última década, “não deixam de ser um levante em prol da maior representatividade de outras mulheres e mesmo em prol de outras maneiras de ser mulher” (Bittelbrun, 2019, p. 2.087).

Tais projetos procuram ir além do feminismo racista, classista e heteronormativo – em que a heterossexualidade institucionalizada é obrigatória dentro de um contexto de hegemonia cultural (McCarl Nielsen *et al.*, 2009) –, a fim de não ficarem restritos a mulheres brancas, burguesas e com alto nível educacional, assumindo uma postura progressista, frente à mídia dita feminina tradicional, ao se dedicarem aos direitos das mulheres – enquanto a imprensa feminina volta-se para os “deveres” (Bandeira, 2015). Eles se propõem a abranger pautas relativas ao feminismo negro, à causa LGBTI+ e às rotinas de mulheres pobres e socialmente marginalizadas.

Costumam apropriar-se do estilo jornalístico da imprensa dita feminina, adotando um tom leve de escrita em comparação aos jornais *mainstream*, mas se propondo a tratar também de temáticas políticas e econômicas. Utilizam técnicas e convenções jornalísticas de redação e edição – como o uso do formato de pirâmide invertida e do lide⁸⁸ nos textos e de

⁸⁸ No jornalismo, lide é o parágrafo de introdução da notícia, em que se situa o(a) leitor(a) sobre os principais elementos do acontecimento (o que, quem, quando, onde, como, por que). Já a pirâmide invertida é uma forma de estruturar o conteúdo da reportagem priorizando os fatos considerados de maior destaque antes das demais informações.

padrões de valores-notícia⁸⁹ – e estratégias de construção de conteúdos à semelhança da imprensa denominada feminina – como o uso da primeira e da segunda pessoas do singular ou da segunda pessoa do plural nos textos, uso de listas e tutoriais e matérias cuja finalidade é sugerir serviços. É um jornalismo híbrido que absorve as características dos novos meios (Santos & Miguel, 2019, p. 7) e do midiativismo para produzir e veicular conteúdos gratuitos e declaradamente independentes de amarras comerciais e publicitárias.

A título de visualização, as semelhanças e diferenças entre os dois nichos de mídias estão dispostas nas figuras 1 e 2, logo abaixo. Vale enfatizar, contudo, que essas são generalizações de cenários historicamente construídos e que as mídias denominadas femininas podem apresentar características mais alinhadas aos feminismos e à quebra de estereótipos de gênero, raça, classe e orientação sexual, como tem ocorrido nos últimos anos no Brasil e na França.

Figura 1

Semelhanças gerais entre a imprensa dita feminina e a imprensa feminista

Semelhanças da imprensa denominada feminina e da imprensa feminista
Escrita em tom mais leve e pessoal em comparação aos jornais <i>mainstream</i>
Usam técnicas e convenções jornalísticas de redação e edição de conteúdos (ex.: valores-notícias e técnica da pirâmide invertida)
Busca-se criar uma relação de proximidade com leitoras por meio de abordagens em primeira pessoa do singular ou do plural nos textos
Uso de listas e tutoriais e matérias cuja finalidade é sugerir assuntos de utilidade pública

⁸⁹ Critérios de seleção e de apresentação de acontecimentos utilizados por jornalistas na definição de quais informações serão ou não publicadas.

Figura 2

Diferenças gerais entre a imprensa dita feminina e a imprensa feminista

Diferenças da imprensa denominada feminina e da imprensa feminista	
Imprensa (denominada) feminina	Imprensa feminista
Elaboração de conteúdos com foco em mulheres como potenciais consumidoras	Elaboração de conteúdo para estimular pensamento crítico das mulheres enquanto membros ativos do debate político e social
Informações relacionadas ao âmbito privado da vida (culinária, moda e tarefas domésticas)	Informações relacionadas ao âmbito público da vida (política, economia, meio ambiente)
Centra-se em abordar posturas socialmente atreladas aos deveres ou ao que se espera das mulheres na sociedade	Centra-se em tratar de reivindicações e direitos das mulheres com o intuito de reclamar para elas novos papéis sociais
Frequentemente reproduzem padrões socioculturais normativos relacionados a corpo, raça, orientação sexual e classe	Buscam romper com padrões normativos relacionados a corpo, raça, orientação sexual e classe

Mesmo na mídia hegemônica, os discursos generificados vêm se modificando. Não só publicações da imprensa denominada feminina, mas até periódicos que não são de nicho e que focam em coberturas factuais e de atualidades começam a debater temáticas ligadas à equidade de gênero. É o caso dos jornais brasileiros *G1*, *Folha de S.Paulo* e *Metrópoles* e dos franceses *L'Obs* e do *Ouest France*, publicações que vêm buscando fazer reportagens para dar visibilidade aos números alarmantes de violência contra as mulheres e às desigualdades de gênero no mercado de trabalho. Embora haja nessa mudança interesses comerciais, ela também permite a ampliação de debates sociopolíticos sobre direitos das mulheres e de pessoas feminizadas. Portanto, há que se reconhecer que, apesar de desafios históricos, a imprensa contemporânea conta com mais ações empenhadas a dar visibilidade e voz às mulheres, consolidando uma fazer midiático mais feminista.

Capítulo dois

O mundo social entre emoções, dominação e cooperação

Este capítulo aborda o referencial teórico que serve de alicerce para a construção da tese: estudos que explicam a perspectiva interacionista dos mundos sociais. Mobilizar discussões trazidas por outras(os) pesquisadoras(es) me permite fazer a adaptação do conceito sociológico de mundo social para os estudos de jornalismo, feminismos e militância. As noções contribuem para a compreensão de como se constituem as interações no âmbito do midiativismo e como se estruturam formas de negociação, cooperação e as convenções nesse espaço. Parto das trajetórias individuais das(os) midiativistas e leitoras(es) entrevistadas(os) para analisar a formação coletiva desse mundo, observando a partir da sociologia das emoções como são construídas as formas de engajamento do grupo.

Assumo ainda que, para tratar de um objeto de pesquisa feminista e da perspectiva dos estudos de gênero, existem situações em que a interpretação das interações de uma ótica fundamentalmente colaborativa não é suficiente para abarcar as dinâmicas do mundo social. As midiativistas estão submetidas a relações de poder que advêm de atrizes e atores externos ao espaço em que elas interagem e que também atravessam o midiativismo feminista. Essas forças macrosociológicas se constituem em decorrência de conjunturas econômicas, sociais e étnico-raciais. Por isso, faço uma reapropriação de estudos e perspectivas da sociologia crítica para analisar o espaço do midiativismo feminista digital, que, embora seja baseado em dinâmicas de cooperação, também é atravessado por conflitos. Apoiada nessas abordagens teórico-metodológicas, retraço as trajetórias do grupo a fim de compreender como, através da ação coletiva, o mundo estudado se constitui e se mantém.

Mundo social: conceitos e reflexões

Um mundo social é constituído por uma rede de pessoas envolvidas na realização de uma atividade coletiva baseada em relações de cooperação (Becker, 1982; Gilmore, 1990; Strauss, 1992; Pereira, 2008). As investigações que adotam essa perspectiva tentam

compreender como se constitui a ação coletiva do grupo em torno de uma atividade específica – dentro da ideia de “fazer as coisas juntos” (ou, no original, “*doing things together*”), proposta pelo sociólogo e músico estadunidense Howard Saul Becker (1982). Por meio dessa rede de interações, as ações das atrizes e atores entre si se coordenam no sentido de produzir a ação conjunta. Os mundos são distintos de instituições e de organizações, uma vez que suas dinâmicas e formas de funcionamento não estão, necessariamente, apoiadas em relações de poder, autoridade ou dominação (Gilmore, 1990; Pereira, 2008).

Conduzo esta pesquisa ancorada no conceito sociológico de mundo social, adaptado aos estudos de jornalismo, porque quero compreender dinâmicas e modalidades de engajamento em práticas situadas no interstício entre mídia e militância. Para isso, parto das trajetórias das atrizes recorrendo à perspectiva do interacionismo simbólico, em que reconstruir os pontos de vista dos membros dos grupos é um dos elementos que fundamentam tal abordagem (Blumer, 1969; Mead, 1934; Flick, 2014). A concepção interacionista pressupõe que os indivíduos são conscientes e aptos a interpretar ativamente o mundo por meio de relações que vivenciam.

Esse enfoque teórico-metodológico se ampara em três premissas (Mead, 1934; Blumer, 1969): o ser humano age em direção às coisas (objetos, outras pessoas, instituições) de acordo com os significados que aquelas coisas carregam para ele; o significado de tais coisas advém de interações sociais entre pessoas próximas; e o indivíduo atribui esses significados a partir de um processo interpretativo utilizado por ele próprio para lidar com as coisas que encontra, ou seja, a dimensão simbólica. Portanto, a consciência da(o) outra(o) orienta e direciona a conduta do indivíduo ao tomar decisões. Cada atriz ou ator pondera as respostas e reações do(a) interlocutor(a) para selecionar as próprias condutas e respostas e dar prosseguimento à comunicação.

Os contatos entre atrizes e atores inseridos em um mesmo universo social acarretam uma série de interações e, mais especificamente, de negociações quando as pessoas precisam, de maneira individual ou coletiva, lidar com problemas e vivências concretas (Strauss *et al.*, 1964; Pereira, 2008). Dessas negociações, resultam conjuntos de regras,

acordos, entendimentos e arranjos sociais (Strauss *et al.*, 1964) ou, na linguagem beckeriana, convenções (Becker, 1982). As relações que se formulam em torno de processos negociais são complexas e heterogêneas, podendo ser estruturadas por dinâmicas de poder e hierarquias, assim como por motivações de ordem ideológica e por relações pessoais.

O interacionismo simbólico, dessa forma, traz elementos importantes para a compreensão da perspectiva dos mundos sociais, a qual parte do entendimento de que toda interação é um processo de ação sobre o outro e defende que essas relações se articulam nas dimensões estrutural/sociológica e individual/psicológica (Pereira, 2008). Assim, cada mundo social engloba um composto de características culturais, sociais e institucionais que orientam as ações de atrizes e atores envolvidos em uma atividade coletiva (Becker, 1982; Strauss, 1978; Unruh, 1980).

Diversos mundos sociais foram destrinchados por pesquisadoras(es) em diferentes épocas, como os mundos sociais das artes (Becker, 1982), das populações gays urbanas (Warren, 1974), de gangues (Cohen, 1955), dos blogs (Tredan, 2011), inclusive o do jornalismo (Dickinson, 2008; Travancas, 2011; Lewis & Zamith, 2017; Lowrey & Sherrill, 2019; Langonné *et al.*, 2019; Pereira, 2008). Inspirada por esses estudos, procuro aplicar a abordagem interacionista para interpretar o mundo do midiativismo feminista digital. O que me permite olhar para a interação simbólica como um espaço de análise dos fenômenos sociais, marcados por práticas coletivas e dinâmicas de cooperação.

Mundos sociais em suas complexidades e fluidez

Mundos sociais podem ser observados em toda a sociedade. Sua existência depende de engajamentos em graus variados de atrizes e atores que desempenham diferentes tarefas nos grupos em que circulam. O alicerce de um mundo social, então, é a coordenação da ação coletiva, apoiada nas interações e colaborações que sustentam a realização de determinada atividade. Seja para publicar um livro, produzir um espetáculo ou atualizar um portal de notícias, para a efetiva concretização de um objetivo comum entre um grupo que desenvolve uma atividade conjunta, estabelece-se uma *rede de suporte*, composta por pessoas que

fornece ferramentas e materiais e atuam para garantir a condução do trabalho final em torno de um produto central, chamadas de pessoal de apoio – ou, no original, *support personnel* (Becker, 1982). Esses indivíduos não são meramente acessórios para o processo. Eles são, na realidade, fundamentais para que se obtenha o resultado esperado diante de uma atividade específica.

Transpondo-se a ideia para a área do jornalismo, a construção de um produto noticioso depende não só do(a) repórter, do(a) editor(a), do(a) fotógrafo(a) e do(a) diagramador(a), mas também do(a) responsável pela impressão na gráfica, do(a) entregador(a) de jornal, do(a) vendedor(a) da banca de revistas, da equipe de informática, do(a) produtor(a) de tinta, do(a) fornecedor(a) de papel e da equipe de limpeza da redação (Cf.: Pereira, 2008; Travancas, 2011; Lewis & Zamith, 2017). Há, portanto, grande complexidade nas redes de cooperação de cada mundo, de modo que esses podem se cruzar e sofrer intersecções entre si – como ocorre com o midiativismo feminista. O sociólogo estadunidense Anselm Leonard Strauss tratou das possíveis dimensões desses espaços, alegando que eles podem se estender a variadas áreas de conhecimento, ajustando-se a uma diversidade de tamanhos, atores e fatores:

Alguns mundos são pequenos, outros enormes; alguns são internacionais, outros são locais. Alguns são inseparáveis de determinados espaços; outros estão ligados a redes, mas são muito menos identificáveis espacialmente. Alguns são altamente públicos e divulgados; outros são quase invisíveis. Alguns são tão emergentes que dificilmente podem ser apreendidos; outros estão bem estabelecidos, até bem organizados. Alguns têm limites relativamente restritos; outros possuem limites permeáveis. Alguns são muito hierárquicos; alguns são menos ou quase nada. Alguns são claramente vinculados à classe, alguns (como o beisebol) transpõem classes. Mas observe que as atividades e as comunicações dentro desses mundos enfocam diferentemente em torno de questões intelectuais, ocupacionais, políticas, religiosas,

artísticas, sexuais, recreativas, científicas; isto é, mundos sociais são característicos de qualquer área substantiva. (Strauss, 1978, p. 121-122)⁹⁰

A execução da atividade coletiva do mundo depende da fixação e de atribuições de diferentes tarefas a distintos participantes do grupo. Os indivíduos se organizam, comunicam-se e partilham afazeres com o intuito de preservar o andamento planejado de uma atividade coletiva. No mundo das artes, por exemplo, um conjunto de atrizes e atores desenvolvem seus trabalhos de forma que essa cooperação resulta em uma obra. Não necessariamente isso é feito de modo consciente ou em prol da elaboração da peça artística. Assim, um indivíduo que corta pedaços de madeira que posteriormente se tornarão cavaletes e servirão de suporte para um quadro não o faz pensando na contribuição que dará ao mundo das artes, mas simplesmente executa um trabalho que lhe garantirá meios de subsistência. Há, então, um entrecruzamento entre distintos mundos sociais (por exemplo, o da arte e o da carpintaria) que se movimentam em variadas direções e acabam por se interseccionar em alguns momentos.

Strauss (1982, p. 172) defende que uma das mais importantes características dos mundos sociais é sua inevitável divisão em outros mundos (também denominados de micromundos, submundos ou segmentos). Para que surja um desses mundos derivados, de acordo com o autor, é preciso que exista uma hierarquia de tarefas definidas dentro do espaço de cooperação. De modo que determinados atores e atrizes estariam destinados a executar tarefas de mais ou menos prestígio. No âmbito da medicina, por exemplo, ele aponta o caso da acupuntura para exemplificar uma prática que ficaria no limite do que é ou não aceito por profissionais da área como pertencente à prática médica. Em meio aos processos de

⁹⁰ Livre tradução da autora do trecho a seguir: "Some worlds are small, others huge; some are international, others are local. Some are inseparable from given spaces; others are linked with sites but are much less spatially identifiable. Some are highly public and publicized; others are barely visible. Some are so emergent as to be barely graspable; others are well established, even well organized. Some have relatively tight boundaries; others possess permeable boundaries. Some are very hierarchical; some are less so or scarcely at all. Some are clearly classlinked, some (like baseball) run across class. But note that the activities and communications within these worlds focus differentially around matters intellectual, occupational, political, religious, artistic, sexual, recreational, scientific; that is, social worlds are characteristic of any substantive area".

legitimação dos mundos sociais, haveria, portanto, uma busca por reconhecimento dos novos espaços:

O mundo social emergente está pedindo um lugar merecido no firmamento da palavra social mais ampla, e começando a marcar sua distinção até mesmo no mundo social derivado mais imediato do qual está brotando ou se fragmentando, ou mesmo, por meio de processos de intersecção, invadindo. (Strauss, 1982, p. 175)⁹¹

São processos fluidos, capazes de atravessar diferentes mundos, que me interessam nesta pesquisa. Compreendo o midiativismo feminista não somente como um mundo derivado do jornalismo, mas como um universo que é composto por convenções e formas de negociação advindas também da militância política, do ativismo digital e, potencialmente, de outros espaços. Embora práticas midiativistas possam surgir ou serem vistas como atividades marginais ligadas a um mundo central, tento me desvencilhar desta lógica para analisar as publicações digitais de mídias feministas de uma perspectiva de entrecruzamentos de diferentes modos de organização e ação.

As convenções do mundo social

Cada mundo social se constitui com base em um conjunto de *convenções* partilhadas pelo grupo. Para que uma atividade se mantenha e o fluxo de suas dinâmicas transcorra regularmente, essas convenções organizam as formas de participação dos diferentes membros, tornando-as mais simples e menos dispendiosas em tempo, energia e outros recursos. Ou seja, as mesmas pessoas costumam cooperar repetidamente de maneiras semelhantes para produzir um padrão de trabalhos (Becker, 1982). Com isso, quando alguém deixa de fazer parte de um mundo, seu substituto ou substituta, ao dominar as convenções associadas ao grupo, saberá executar as tarefas preestabelecidas, a fim de dar continuidade ao processo como um todo.

⁹¹ Livre tradução da autora para o trecho: “The emergent SSW is asking for a deserved place in the firmament of the larger social world, and beginning to mark off its distinctiveness even from the more immediate SSW from which it is budding or splintering off, or even, through intersecting processes, invading”.

Ao se observar o conjunto de práticas do jornalismo, pode-se dizer que a profissão também é atravessada por uma multiplicidade de convenções. Como a periodicidade de publicação, as rotinas produtivas – de apuração, redação, edição – e as técnicas jornalísticas – o uso das estruturas de lide e de pirâmide invertida e o emprego de verbos no presente, por exemplo. Há também convenções que não se restringem aos jornalistas e às demais pessoas que atuam em uma mídia e podem ser estendidas a outros membros da rede de colaboradoras(es) desse mundo, de modo a permitir que outros atores também contribuam com o desenvolvimento das atividades do grupo.

Estabelece-se uma sistemática em que, a partir do domínio das convenções, atrizes e atores – incluindo aqueles que compõem as redes de apoio – podem se inserir no mundo social de maneira entrosada, com desenvoltura, já que conhecem as técnicas, os costumes e os padrões de negociação daquele ambiente. As redes e convenções cooperativas que constituem o mundo criam oportunidades e restrições (Becker, 1982, p. 78) de interação para os membros que participam desse espaço.

A existência de um padrão de convenções, contudo, não impede a inovação ou a realização de trabalhos que destoem de uma gama específica de convenções, apenas torna esses processos mais difíceis. As mudanças podem ocorrer e os modos convencionais de cooperação e de ação coletiva não precisam necessariamente persistir. As pessoas constantemente improvisam (Becker, 1997), inventam outros modos de ação e encontram os recursos necessários para praticá-los.

Pode-se interpretar o mundo social como uma combinação de aspectos convencionais e inovadores (Becker, 1982; Pereira, 2008), conforme se observa nas dinâmicas do midiativismo feminista, já que a prática recorre a convenções anteriormente estipuladas em outros mundos sociais para tentar criar seu próprio espaço de interação. A opção de inovar ou de seguir usando as convenções do mundo depende de como o grupo concilia seus interesses (de experimentar algo novo ou de solucionar um problema) e o modo como as mudanças são aceitas.

Convenções partilhadas e inovações: as intersecções entre mundos. Os modos de organização social, as formas de colaboração e as convenções que transpassam as práticas e interações de um mundo, por vezes, acabam por gerar fissuras e por permitir que se formem subgrupos autônomos no interior de um mundo social de origem (Becker, 1982; Strauss, 1978). Nessas divisões, passa-se a identificar características relativas aos processos intrínsecos a cada um desses espaços e aspectos partilhados entre eles. Em síntese, as interações entre os grupos e suas subdivisões são pautadas pelas convenções compartilhadas/estabelecidas e pelas destoantes.

As intersecções entre os mundos serviriam como uma forma de estimular inovações nas convenções de cada um desses espaços. Os encontros com grupos diferentes acabam por gerar novos modos de interações, de modo que a inovação é produzida nos interstícios entre esses contatos (Tredan, 2012). Assim, por exemplo, o mundo do jornalismo engajado reinventa táticas de obtenção de verba para manter as atividades da equipe de apoio e o desenvolvimento do produto final, resgatando convenções do mundo da militância política e do ativismo digital, como as coletas de fundo participativas pela internet.

Em termos de financiamento, um mundo social já estabelecido costuma ter seus meios de manutenção da estrutura de trabalho. Já um mundo novo, ao se desvincular do mundo de origem, geralmente precisa formular as próprias estratégias de subsistência, considerando as dificuldades de ser um espaço provavelmente menos conhecido e reconhecido que os grupos anteriormente existentes com os quais dialoga, e com recursos frequentemente limitados.

Nessas situações, as equipes precisam alocar esforços a mais para conseguir recursos materiais. Em vez de dedicar-se a fazer a atividade fim, um conjunto de atores e atrizes precisam gastar tempo e energia para fazer ou conseguir materiais para viabilizar a atividade. As midiativistas feministas têm de destinar parte das equipes para desenvolver estratégias de captação a fim de sustentar os projetos. Essas pessoas se empenham, parcial ou integralmente, em obter financiamento e outras maneiras de manutenção econômica para as publicações, em detrimento da produção de conteúdo. Mas, apesar dos constrangimentos

causados pela economia monetária, a falta de dinheiro não é fatal para a existência de derivações de mundos sociais.

O conjunto de práticas que procura se desprender de um mundo social e de suas convenções, porém, tende a ter dificuldades de desvincular-se por inteiro desses. Mesmo quando o indivíduo não quer fazer algo seguindo as convenções de determinado grupo, o que ele deseja fazer pode ser mais bem descrito na linguagem que vem dessas convenções, já que essa é a ferramenta que os demais membros dominam e conhecem (Becker, 1982, p. 56). Portanto, esse desvencilhamento das convenções de origem acontece somente em partes, já que é importante para membros de um novo mundo recorrer às técnicas anteriormente disseminadas a fim de abrir caminhos de diálogo com outros indivíduos e viabilizar, por meio de convenções consagradas, que se explique a proposta de adoção de convenções alternativas.

Não são apenas atrizes e atores envolvidos em alguma medida no processo de produção e execução de uma atividade que partilham da base convencional. Os públicos também conhecem, em maior ou menor medida, os padrões e formatos do conteúdo que costumam consumir e criam expectativas frente a tais configurações. No âmbito do jornalismo engajado, por exemplo, uma parcela do público é composta de profissionais da área que acompanham as publicações de mídias não-hegemônicas. Diante dessa audiência especializada, produtoras(es) de conteúdo podem fazer materiais com enfoque nos interesses de leituras do grupo, na expectativa de serem adequadamente lidos e compreendidos.

Nota-se, por outro lado, que as audiências menos envolvidas com determinado mundo social tendem a prezar bastante pelas convenções formais e pelas tradições desse espaço. No mundo da arte, por exemplo, esse perfil de público vai ao balé para ver movimentos difíceis e eruditos, o que consideram a “dança real” – não esperam ver pulos, corridas e passos inovadores (Becker, 1982, p. 50). Assim, atrizes e atores envolvidos em um mundo social necessitam prever as respostas prováveis dos públicos, e, a partir disso, buscar criar os efeitos que desejam provocar.

Envolvimento de atrizes e atores com o mundo social

Há diferentes maneiras de classificar os graus de engajamento das pessoas no interior de um mundo social. Becker (1982), por exemplo, ao analisar o mundo das artes, traz as noções de profissionais integrados, dissidentes, artistas populares e artistas ingênuos (*integrated professionals, mavericks, folk artists e naive artists*). Os dissidentes são atrizes ou atores que derivam de outro espaço que consideraram inaceitavelmente restritivo, decidindo desvincular-se desse. São pessoas que conhecem o sistema, sabem como funciona, entraram no mundo e foram reconhecidos, mas se desvinculam do grupo por não concordarem com suas convenções.

Becker (1982) elucida que, mesmo que violem os acordos do mundo de origem, os grupos dissidentes o fazem de maneira seletiva e seguem cumprindo parte das regras, mudando algumas práticas e aceitando mais ou menos de forma involuntária as demais. As midiativistas poderiam se encaixar nessa categoria. Contudo, a experiência de campo desta pesquisa mostrou que a trajetória de uma parte delas não passa pelo mundo social do jornalismo ou mesmo por outros – como o do militância política –, acessando diretamente espaços midiativistas. Assim, recorro às categorias propostas pelo sociólogo David Unruh (1980, p. 280), cujos detalhes e especificidades eu considero que dialogam mais diretamente com o universo do midiativismo feminista.

Unruh elenca quatro tipos de envolvimento no mundo social que podem diferenciar os atores e atrizes em termos de proximidade e conhecimento vital sobre o funcionamento do espaço. Há, primeiramente, a classificação denominada de estranhos – “*strangers*” –, que inclui atrizes e atores (e, em menor medida, organizações, eventos e práticas) que não pertencem ao mundo social em questão, mas devem ser levados em consideração pelos habitantes do mundo. É relevante destacar que essa é uma categoria relacional, ou seja, alguém que é estrangeiro ou estranho em um mundo pode ser um *insider* – ou integrado – em outro.

São indivíduos que ficam à margem, na periferia de um mundo. Eles envolvem-se com esse espaço como atrizes e atores distantes e marginais e servem como pontos de referência para quem faz parte efetivamente do espaço em questão. No mundo social do jornalismo, para o pesquisador de comunicação e mídia Roger Dickinson (2008), escritoras(es) de ficção ou diretoras(es) de longa-metragem que não atuam em publicações midiáticas estariam abrangidas(os) por essa classificação, por serem de fora do mundo em questão, mas servirem de pontos de referência para aquelas(es) envolvidas(os) no ofício de escrever ou criar imagens para a divulgação de notícias.

Já a categoria de turistas (Unruh, 1980, p. 281) – “*tourists*” – refere-se a espectadores, figuras não envolvidas com o funcionamento do mundo social, mas ligadas a esse em decorrência de sua presença ocasional no mundo. São um tipo genérico de participantes desse espaço e estão ali simplesmente por curiosidade e com pouco, ou nenhum, compromisso de longa data com o andamento das atividades do grupo. Ao contrário de estranhos, turistas devem estar conscientes do mundo social com o qual se conectam, embora estejam comprometidos com esse apenas enquanto permanecer divertido ou lucrativo para eles. No caso do jornalismo, a classificação se adequaria a articulistas ou outras(os) colaboradoras(es) de jornais cujas principais ocupações estão fora do mundo das notícias – já que são acadêmicas(os), políticas(os) ou mesmo pessoas do mundo do entretenimento (Dickinson, 2008). Uma parcela do público pode ser considerada turista, a depender da assiduidade com que consome os conteúdos.

Enquanto o agrupamento de regulares – “*regulars*” –, por sua vez, trata de participantes habituais do mundo social devidamente integradas(os) às atividades contínuas desse (Unruh, 1980). Diferentemente de estranhos e de turistas, regulares devem ser vistos como tendo um grau significativo de comprometimento com o mundo – tanto em momentos bons quanto ruins. Ao se considerar mundos sociais como aglomerados de atrizes e atores, organizações, eventos e práticas, é a regularidade dessas colaborações que fornece uma estrutura duradoura ao espaço.

No jornalismo, todos os atores e atrizes regularmente empregados e atrelados aos processos de produção de notícias fazem parte de tal categoria, conforme Dickinson (2008). Nesse grupo, pode-se citar, por exemplo, repórteres, fotógrafas(os), diagramadoras(es), revisoras(es), redatoras(es), membros da equipe de apoio (pessoal da limpeza, almoxarifado, profissionais administrativos e financeiros e atrizes e atores externos como entregadores de jornais), fontes e os públicos recorrentes.

Finalmente, há a categoria de *insiders*, que são pessoas atreladas a uma organização ou grupo, geralmente com domínio de informações não acessíveis aos demais (Unruh, 1980). Elas têm um alto nível de envolvimento no mundo social, ou seja, detêm um conhecimento íntimo das atividades desse ambiente e possuem autonomia para controlar ou determinar a estrutura ou o caráter do espaço e de suas dinâmicas, como destaca Unruh (1980). *Insiders* se concentram na criação e manutenção de atividades para outras(os) participantes e no recrutamento de novos atores e atrizes.

São atrizes e atores que constroem ou expandem um mundo social e têm muito a ganhar ou perder quando esse espaço é bem-sucedido ou fracassa (Unruh, 1980, p. 282). No jornalismo, editores(as) e, particularmente, o(a) editor(a)-chefe assumem tal posição. Em maiores proporções, os(as) proprietários(as) dos veículos de mídia também são *insiders*. A diferença fundamental entre membros regulares e *insiders* é, portanto, o controle de informações-chave que esses últimos possuem para garantir o devido andamento do mundo. De forma que um conjunto de repórteres podem transitar entre a categoria de regulares e a de *insiders*, dependendo de como interagem com as atividades de manutenção do espaço.

Uma vez que mundos sociais são difusos e permeáveis, não é simples entender as distinções que levam os membros a serem mais ou menos envolvidos com as atividades e processos do grupo. Ao entrelaçar níveis de engajamento teóricos com as práticas, Unruh (1980, p. 278-279) registra a possibilidade de haver um envolvimento parcial, quando uma atriz ou ator só pode estar envolvida(o) em uma parte do total de acontecimentos de qualquer mundo. Há também a identificação múltipla, que decorre da natureza segmentada da vida social e indica que todos os atores e atrizes, organizações, eventos e práticas provavelmente

estão envolvidos ou funcionam como suporte de múltiplos mundos sociais. Em suma, raramente, um único mundo engloba toda a vida de um indivíduo.

Mobilizo tais classificações para analisar a inserção de produtoras(es) de conteúdo, equipes de suporte e públicos no âmbito do midiativismo feminista digital. Os engajamentos das atrizes flutuam entre as diferentes categorias, mas recorrer a essas classificações colabora com a análise das mudanças que o midiativismo acarreta a práticas jornalísticas (com figuras antes ocasionais assumindo papéis de relevo no mundo) e a práticas do militantismo feminista contemporâneo (que se mostram, nesta pesquisa, menos horizontais e mais hierárquicas do que tem apontado a literatura sobre o tema).

Os mundos sociais do jornalismo

Pensar o jornalismo como um mundo social – como os mundos do jornalismo – significa assumir que esse é uma atividade coletiva que pressupõe formas convencionadas de construir narrativas (Zelizer, 1993) e de coordenação das atividades entre atrizes e atores – ou seja, não se trata apenas de um conjunto de operações unificadas. É também uma forma de enfatizar que o jornalismo não é feito apenas por jornalistas e não é feito somente a partir das redações de jornais.

Os arranjos sociais que envolvem a prática jornalística estão interseccionados a mundos distintos, que se formam em torno dos vários gêneros textuais – como informativo, opinativo e interpretativo –, formatos que advêm do fazer profissional – notícia, reportagem, crônica, coluna, entrevista, artigo, editorial etc. (Lewis & Zamith, 2017) – e de outras relações que vão além das práticas de apuração e escrita, perpassando desde atividades que viabilizam a produção de informação (como a atuação de técnicos de informática e de profissionais responsáveis por atividades financeiras e administrativas) até dinâmicas socioeconômicas, históricas e políticas. Segundo Becker (1982), um indivíduo pode pertencer a vários mundos sociais ao mesmo tempo, mas desempenhando funções diferentes dentro dessas respectivas redes cooperativas, de forma que a pessoa que colabora com mundos

variados receba diferentes graus de reconhecimento – ou mesmo nenhum reconhecimento – de acordo com cada grupo.

As dinâmicas de cooperação entre distintos mundos sociais indicam interdependências entre esses espaços, como ocorre com o midiativismo feminista contemporâneo, cujas práticas interseccionam lógicas convencionais midiáticas, militantes e digitais. As demandas de um mundo específico dependem da disponibilidade de oferta de mão-de-obra ou de materiais de outros mundos. Os grupos precisam realizar a gestão de recursos materiais e humanos, já que para executar uma atividade, é preciso ter meios tanto financeiros quanto simbólicos de produção. Os indivíduos que controlam esses recursos têm de lidar com restrições e exigências, impelindo o mundo social a se (re)organizar para que atrizes e atores possam rotineiramente encontrar estratégias para sua manutenção.

O jornalismo engajado, por exemplo, precisa realizar intercâmbios com outros grupos para dar sustentação às práticas do seu mundo, apoiando-se nas relações com públicos, nas grandes corporações responsáveis por plataformas digitais nas quais parte de seus conteúdos estão alojados – como Facebook, Twitter e TikTok – e nas coberturas de mídias hegemônicas. No caso do midiativismo feminista digital, as publicações analisadas se estruturam apoiadas em equipes que aprendem a se especializar em estratégias de captação financeira para garantir a continuidade dos projetos, formadas por profissionais que advêm de outras áreas de formação não diretamente atreladas ao jornalismo, como relações públicas, ciências sociais e ciências políticas. Há casos em que a quantidade de colaboradoras(es) permanentes alocadas para tratar de atividades administrativas e financeiras supera o tamanho das equipes dedicadas exclusivamente à produção de conteúdo – como ocorre com a revista *AzMina* e com a ONG *Think Olga*.

Para Dickinson (2008), a abordagem dos mundos sociais voltada para os espaços de mídia coloca jornalistas e suas interações cooperativas no centro da análise. No âmbito do midiativismo feminista, tanto produtoras(es) de conteúdo quando equipes de suporte e inclusive as audiências assumem essa posição de centralidade no mundo. Em decorrência da orientação empírica e da ênfase dada ao que realmente acontece no contexto de produção

das notícias, são enfatizados processos em vez de estruturas e exploram-se redes de interações em ambientes sociais que são o resultado de encontros e de atividades cotidianas. É justamente essa aplicação teórico-metodológica que aplica à experiência etnográfica da tese e às análises das entrevistas, como será detalhado nos capítulos seguintes.

Intersecções e a reinvenção de modelos convencionais

Quando jovens atrizes e atores de um mundo social propõem-se a repensar e questionar as convenções, eles desencadeiam um exercício de resistência e de oposição às estruturas estabelecidas. Esse movimento pode levar ao ponto derradeiro no qual a atividade de um mundo social se transforma ou se segmenta. Surgem mudanças coletivas a partir do momento em que membros mais jovens, mais novos e rebeldes do grupo se recusam a seguir as convenções estipuladas, propondo objetivos diferentes, com regras distintas, em uma estrutura em que parte dos conhecimentos e das técnicas antigas são irrelevantes e supérfluas e já não se encaixam mais na execução do trabalho (Becker, 1982, p. 303).

Os mundos sociais, então, podem se dissolver e novos mundos podem surgir. Mas, ainda que os mundos se repartam, eles acabam por encontrar formas de coexistir, modificando-se uns aos outros e interseccionando-se (Strauss, 1982). Nesta pesquisa, trato o jornalismo como uma prática que transpassa diversos mundos sociais. Dentre esses, está o do midiativismo feminista, que propõe resgatar convenções jornalísticas para traçar novos modelos convencionais, baseados em interseccções com o militância político e com o ativismo digital, constituindo-se, portanto, em um espaço atravessado por outras práticas.

Ao segmentar-se em um outro mundo, o midiativismo feminista cria suas próprias redes de cooperação e suas práticas de produção de notícias e de colaboração entre os membros que compõem o grupo. Ou seja, uma gama convencional própria. Essas mídias costumam contar com uma quantidade fixa de participantes somada a uma quantia de colaboradoras(es) flutuantes. Nesse espaço, as atrizes com frequência são dissidentes do mundo do jornalismo hegemônico (Salvador & Soares-Correia, 2017; Santos, 2019; Santos & Miguel, 2019).

Há também casos em que atrizes e atores são oriundos ou ainda participantes de coletivos culturais – como os relacionados à música, à produção audiovisual e à produção de eventos culturais diversos (Andrade, 2020) – ou integram outros coletivos de produção de informação engajada. Nas publicações analisadas nesta tese, foram constatadas ambas as situações, e notou-se, ainda, cenários em que as(os) colaboradoras(es) migram de outras áreas e profissões, como letras e literatura, para o midiativismo.

Existem igualmente situações em que profissionais da administração e contabilidade optam por atuar em espaços atrelados ao ativismo. Essas tendências indicam características de intersecção de diferentes mundos na formação do midiativismo feminista, possibilitando que se reconstitua os percursos de apropriação de antigas convenções e as tentativas de criações de novos padrões convencionais do grupo, como se debate nos capítulos de análise.

A sociologia das profissões

A fim de analisar as trajetórias e carreiras das mulheres que colaboram com o mundo do midiativismo feminista, busco suporte nos estudos sobre a identidade profissional do jornalismo recorrendo ao arcabouço teórico do interacionismo simbólico. Partindo da compreensão de que uma profissão supõe um conjunto de critérios para se constituir – as condições formais de acesso à atividade, que se dão por meio de diplomas e certificados; a detenção de um monopólio sobre a atividade; regras e posturas de cultura e ética acordadas entre o grupo; e a formação de uma comunidade real, com membros conscientes de que têm interesses comuns e que dedicam energia social à prática (Neveu, 2019), tento extrapolar visões funcionalistas ao assumir que o profissionalismo se constitui não somente sobre bases deontológicas, mas depende também de imperativos de gestão de interesses de atrizes e atores que o envolvem (Ruellan, 2020).

Os resultados desta pesquisa confirmam a constatação de que os jornalistas procuram reafirmar a capacidade que têm de preencher um papel social, que é formulado através de competências técnicas pautadas em saberes previamente transmitidos ao grupo, o que permite que a profissão se estabeleça como uma área delimitada de conhecimento e

atuação, com capacidades bem estabelecidas (Ruellan, 1992). Ao considerar a profissão como um tipo de trabalho organizado que, ao atingir essa posição social, torna-se mais respeitado e estimado que uma outra ocupação qualquer (Becker, 2009), procuro conduzir a análise das publicações feministas refletindo sobre em que medida os *status* profissionais são negociados e reconhecidos, no cotidiano das interações ou diacronicamente, nas carreiras e por meio de dinâmicas que permitem que a atriz ou ator se insira em um grupo social, uma prática coletiva ou em grupos profissionais.

A análise da profissão de midiativista a partir das trajetórias das colaboradoras(es) e dos públicos de projetos feministas me possibilita observar as negociações entre grupos considerados desviantes ou amadores (Pereira, 2008). A participação desses indivíduos no mundo social não depende necessariamente de um pertencimento institucional e de atributos relacionados a diplomas específicos – como o de jornalismo – ou cargos, estando mais associada a formas convencionais de agir e de desenvolver as atividades concernentes ao espaço de interação. Na realidade, essas pessoas costumam estar envolvidas em dinâmicas de duplo ou mesmo de triplo pertencimento, com estatutos híbridos e complementares ao de midiativistas.

Cada estatuto, enquanto tipificações de caráter duradouro que são adquiridas e exercidas pelas pessoas no decorrer de suas vidas, correlaciona-se a uma sequência de atributos, que podem ser explícitos, como a formação e a idade, ou tácitos, como a cor da pele e o estilo de vida (Pereira, 2008). Da perspectiva estatutária, as interações vão além das relações interpessoais e atingem também o imaginário social e características estruturais do contexto social (Strauss, 1992).

Os mecanismos de formação, inserção e atuação profissional fazem com que o acesso à mídia seja resultado não só, mas também da ação de redes de diferentes atrizes e atores engendrados na elaboração de um trabalho cada vez mais profissionalizado frente a uma causa social. Este fenômeno pode incorrer em riscos para a profissão, como a perda de legitimidade, assim como estimula renovações, como o surgimento de mecanismos regulatórios e o impulsionamento de vertentes mais participativas de jornalismo (Neveu,

2019), como é o caso do midiativismo. Ou seja, percebe-se, a partir da análise da prática do midiativismo feminista digital, uma correlação entre carreiras desviantes e a renovação da base convencional de um mundo social.

Admitindo-se que o jornalismo é uma profissão com limites incertos e dimensões fluidas (Ruellan, 1992), devo pontuar que a identidade social das midiativistas feministas pode parecer incompleta, inacabada ou pouco nítida. Ainda assim, o grupo é reconhecido e respeitado frente a diferentes mundos sociais – recebendo visibilidade midiática, política e acadêmica em decorrência de suas ações e produções engajadas. Para entender como as trajetórias das atrizes e atores os levam a se inserir no espaço midiativista, é relevante retrazar a constituição de tal reconhecimento e analisar como as múltiplas identidades das(os) colaboradoras(es) e leitoras(es) das mídias feministas impactam nas interações e formas de cooperação do grupo.

Ao retomar estudos da sociologia do trabalho e das profissões, tento entender as formas de identidades profissionais das midiativistas, as quais são moldadas ao mesmo tempo em que são adquiridas (Camilleri *et al.*, 1990) e sofrem influências da conjuntura a partir da qual são formadas (Le Cam & Pereira, 2022). A identidade profissional se configura através de um agrupamento de percepções e de representações que constroem a imagem que o indivíduo ou o grupo formam de si mesmos e de seu papel na sociedade, de sua legitimidade, autoridade, prerrogativas e poder (Le Cam & Pereira, 2022, p. 12).

O paradigma internacional dominante dos estudos sobre identidades jornalísticas se concentra na análise de mecanismos de coesão do grupo profissional e em uma visão normativa dos jornalistas frequentemente ligada a alguns papéis sociais, como difusor e intérprete de informação (Deuze & Dimoudi, 2002), guardião de poderes (Ruellan, 1992) e defensor de interesses públicos (Le Cam & Pereira, 2022). Procuo percorrer caminhos distintos e me alinhar à perspectiva que avalia que as identidades jornalísticas são construídas a partir de diferentes contextos e conforme o desenrolar de cursos históricos. Assim, sob o ângulo do interacionismo simbólico, tento apreender os diferentes processos de

negociações de si feitas pelas atrizes do mundo do midiativismo feminista para, com isso, traçar as interações coletivas do grupo.

Breves considerações sobre os mundos sociais. A fim de analisar o mundo social do midiativismo feminista, esta pesquisa apresenta interações entre atrizes – e, eventualmente, atores – do grupo, formas de cooperação e como se constroem e se mantêm essas redes de colaboração. Leva-se em conta, para tanto, o caráter bastante empírico e indutivo da perspectiva dos mundos sociais (Langonné et al., 2019). Com o apoio da percepção de que os membros dos grupos são influenciados por referências e legitimidades culturais partilhadas, interseccionadas por redes locais de pertencimento e por sistemas de representação culturais (Tredan, 2011, p. 21), uso como base as trajetórias das atrizes que compõem esses espaços para entender as formas de engajamento que as levam a fazer parte do grupo.

No Brasil, os estudos sobre jornalismo permanecem bastante relacionados à sociologia funcionalista, à aplicação das perspectivas da linguística ou à abordagem bourdieusiana de campo de maneira estrita (Pereira, 2008). A construção da metodologia de análise desta pesquisa percorre caminhos teóricos diferentes desses, para retratar a constituição de um mundo social relativamente novo (Cf. Strauss, 1982), que está estruturado nos primeiros anos da década de 2010, com o intuito de explicar mecanismos de inovação, segmentação e mudanças nas práticas do jornalismo.

Sociologia das emoções

Nesta pesquisa, recorro à abordagem dos estudos das emoções para analisar e buscar compreender o envolvimento, a adesão e o engajamento de midiativistas e de suas audiências com os espaços de produção de informação feminista. A dimensão afetiva dá pistas de como as pessoas se envolvem não só com as causas militantes, mas também com o modo de vida que elas constroem em torno do ativismo. Para mobilizar o arcabouço da sociologia das emoções, contudo, é importante manter um olhar de criticidade frente à

capacidade de mobilidade e fluidez das posições dos indivíduos enquanto sujeitos (Ahmed, 2014), pois as emoções dependem de atribuições sociais, econômicas e institucionais que interferem no potencial de mudanças atribuído a atrizes e atores que se engajam em prol de uma pauta.

Interrogar o agir social a partir da observação das emoções é uma estratégia teórico-metodológica para investigar o que move as pessoas, o que as mobiliza, o que as liga, o que as conecta umas às outras (Andrade, 2020), a partir da análise de como vínculos sociais constituídos entre os indivíduos conduzem a uma organização coletiva de ação. A partir do estudo das emoções, pode-se acessar os valores e os sentidos que atrizes e atores atribuem a suas maneiras de agir (Andrade, 2020; Bernard, 2015), dando lugar à experiência vivida (Dosse, 2018).

O movimento de se engajar em ações, agrupamentos e espaços públicos carrega um componente emocional intrínseco (Andrade, 2020; Ahmed, 2004, 2014; Bernard, 2015; Cordell, 2017; Dosse, 2018; Faure, 2021; Goodwin & Jasper, 2006; Hochschild, 2003, 2012; Koury, 2018; Reddy, 2001; Rosenwein, 2006; Sommier, 2015). Esse engajamento se apresenta como pré-requisito para a participação, já que a ação demanda algum grau de disposição prévia, ao exigir dedicação e tempo, além do domínio de certas habilidades (Dahlgren, 2009). Por meio da perspectiva teórica da sociologia das emoções, observo os engajamentos que levam à inserção e permanência de indivíduos em arranjos coletivos de mídia e ativismo, a fim de compreender, através de dimensões afetivas que partem de narrativas e trajetórias pessoais, como se constroem interações e redes de cooperação coletivas.

As teorias da ação racional e da mobilização de recursos colonizaram os estudos da ação coletiva, tendendo a reduzir as iniciativas de mobilização a cálculos de interesse material ou simbólico, pautando-se na retórica da economia e dos capitais disponíveis (Cefäi, 2009). Nesse sentido, as ciências sociais instituem quadros teóricos que buscam reprimir as emoções, colocando-a em contraposição à racionalidade, que seria dotada de lógica e atrelada a dinâmicas de eficácia e produtividade, enquanto a emoção seria subversiva,

desordenada e irregular, podendo incapacitar a ação (Enriquez, 1990; Hall, 2005; Dahlgren, 2009; Ahmed, 2014; Andrade, 2020). A oposição dualista entre polos emocional e racional nas ciências modernas também foi aplicado ao domínio do jornalismo, que passou a apoiar sua prática na noção de objetividade e no esvaziamento das emoções ao longo da condução dos processos produtivos da profissão (Le Cam & Ruellan, 2017).

Assim, historicamente, as perspectivas emocional e racional foram se distinguindo, formando duas tensões constitutivas no âmbito dos estudos das emoções: a fronteira entre o corpo e a emoção e a articulação entre a emoção e a razão (Víctora & Coelho, 2019). Para analisar os dados levantados no decorrer desta tese, traço interconexões entre a circulação de afetos e o espaço político (Dahlgren, 2009; Safatle, 2016; Andrade, 2020), assumindo que as mobilizações coletivas não partem exclusivamente da ordem da razão ou da emoção, mas se constituem através de entrecruzamentos entre essas.

Há diferentes abordagens para tentar compreender os afetos. Desde estudos clássicos, que os organizam em pares apoiados em oposições, como amor/ódio, alegria/tristeza e medo e esperança (Descartes, 2012; Spinoza, 2009). Ou interpretações que separam os afetos entre positivos (como empatia e solidariedade) e negativos ou não-positivos (como medo, raiva e ódio), sendo considerados como elementos significativos para consolidar as relações (Dahlgren, 2009; Lordon, 2015). Até autoras(es) que buscam pensar afetos a partir da complementaridade entre esses (Safatle, 2016).

Alguns estudos distinguem os termos emoção e afeto, defendendo que as emoções seriam construídas com base em circunstâncias históricas, sociais e culturais, ao passo que os afetos teriam um caráter material e seriam naturalizados, circulando em corpos biológicos na forma de excitações e sensações, constituindo-se de modo parcialmente inconscientes (Vandenbergh, 2017). Nesta pesquisa, não faço uma separação analítica entre emoções e afetos (Ahmed, 2014; Andrade, 2020), procurando manter a coerência com os estudos feministas e de gênero e com o intuito de não reforçar construções opostas entre natureza e cultura. Analiso os encontros e circularidades de emoções entre os aspectos pessoal e social, considerando as conjunturas em que essas dimensões emocionais se manifestam.

Para desenvolver uma análise via sociologia das emoções, é relevante considerar que os afetos podem ser instrumentalizados e usados para unir as pessoas ou incentivá-las a algum tipo de ação (Andrade, 2020) em prol de interesses políticos ou econômicos. Mas as emoções se constituem em um objeto complexo, por meio de processos desordenados e não necessariamente conscientes e identificáveis (Ahmed, 2014). De forma que as dimensões emocionais não são propriedades privativas dos indivíduos nem são dados abstratos das dinâmicas sociais, o que nos permite analisá-las da perspectiva relacional, como sentimentos que se manifestam e circulam entre pessoas, ambientes e ações e resultam em processos de interação e de organização coletiva, como ocorre com o mundo do midiativismo feminista digital.

Poder, dominação e violências: reflexões sociológicas e críticas

Dentro dos esforços de compreender as dinâmicas de interação e as trajetórias das midiativistas feministas e das audiências dessas publicações, consideramos relevante, para esta pesquisa, mobilizar reflexões da sociologia crítica relacionadas à teoria dos campos de Pierre Bourdieu. Parto do princípio de que “é impossível analisar o espaço jornalístico sem situá-lo numa rede de dependências com os campos político, econômico e intelectual, cujas lógicas determinam as modalidades de funcionamento dessa atividade” (Pereira, 2008, p. 22). Assim, assumo que o mundo social visto da perspectiva do interacionismo simbólico centra-se na análise de interações cooperativas e busco apoio na sociologia crítica para interpretar relações de hierarquia e de dominação que se constituem nas iniciativas de midiativismo feminista.

Tomo como base a compreensão de campos como espaços estruturados de posições ou postos (Bourdieu, 2003), ou seja, um universo intermediário, entre o objeto e os acontecimentos sociais, onde encontram-se agentes e instituições que produzem, reproduzem ou difundem, por exemplo, as artes e as ciências (Scartezini, 2011). É uma denominação que faz alusão à área de estudos da física, resgatando a ideia de um recurso matemático para aplicar às forças de ação que atuam à distância, de modo que o conceito

está em associação direta com a noção física de espaço e é estruturado por posições que agentes e instituições disputam entre si (Massi et al, 2021, p. 10). Em ciências sociais, a ideia de campo permite uma reflexão sobre as práticas sociais como lugares de produção simbólica (Winch, 2017).

Nesta pesquisa, recorro ao conceito de campo como apoio para mobilizar noções de poder simbólico e dominação, que contribuem com a análise de espaços marcados historicamente por relações desiguais de poder. Seja quando se trata de gênero e feminismos, seja ao se estudar as disputas que integram a militância política e o jornalismo engajado, práticas que atravessam o midiativismo feminista. Abordo a concepção relacional e sistêmica com que Bourdieu interpreta o social (Scartezini, 2011; Klüger, 2018; Peters, 2020; Massi *et al.*, 2021) para apreender nuances advindas de relações de poder nas trajetórias das atrizes que compõem o mundo investigado.

A teoria dos campos, a partir de sua natureza relacional, não nos permite observar a participação dos indivíduos no mundo social de forma isolada. “É fundamental entendermos de que maneira um agente se posiciona neste espaço sempre em relação à posição dos outros agentes” (Massi *et al.*, 2021, p. 10). Um campo específico sofre constantemente influências e alterações que vêm de outras ordens sociais, como o poder político, o poder econômico e mesmo o religioso (Bourdieu, 1989; Montagner & Montagner, 2011; Massi *et al.*, 2021). As interações entre pessoas e instituições fazem com que os campos se perpassem, interrelacionando-se em rede e de maneiras assimétricas, uma vez que há hierarquias entre esses, o que resulta em categorias de dominação.

“Dessa forma, as relações entre os campos são entre campos dominantes e campos dominados, e os agentes podem usar a estratégia migratória entre eles, através da conversão” (Montagner & Montagner, 2011, p. 263). Logo, agentes envolvidos com um campo dedicam esforços frequentes para estabelecê-lo como espaço legítimo em que se desenvolve determinada atividade (Massi *et al.*, 2021). É o caso da arte, consagrada histórica e socialmente como atividade a ser desenvolvida no campo artístico. Ou o jornalismo, visto socialmente como atividade que deve ser exercida no campo midiático, mas não no campo

do militantismo – o que confere ao midiativismo, muitas vezes, um *status* marginal dentro do espaço midiático.

Embora os campos tenham a abstração representacional como característica intrínseca de sua concepção, sendo formados por construções históricas, teóricas e culturais, é possível vislumbrar e mapear sua constituição sendo atravessada por interações pautadas em poder. Forma-se, então, o próprio campo do poder, no qual outros campos e poderes exercem suas influências e estabelecem suas disputas e imposições, resultando em um espaço social em que se desenvolvem cenários de dominações entre campos (Montagner & Montagner, 2011, p. 264). O campo do jornalismo, por exemplo, é constantemente pautado por demandas do campo econômico, uma vez que os agentes precisam encontrar estratégias para a manutenção financeira das publicações de mídia (Bourdieu, 1996), o que costuma ser feito pela atração de audiência e de receitas de publicidade. Projetos de midiativismo são afetados por essas injunções e, mesmo que tentem se desvencilhar de parte das estruturas de dominação econômica, abrindo mão de patrocinadores, ainda precisam encontrar formas viáveis de financiamento para manter as iniciativas.

O campo se organiza, então, como um universo em que recursos e bens, muitas vezes escassos, passam a ser disputados por indivíduos que nele circulam. Bourdieu, em sua obra, constrói uma percepção tanto relacional quanto sistêmica do social, em que as interações estariam inseridas em sistemas hierarquizados de poder e de privilégios, ditados por relações materiais e econômicas e também por relações simbólicas e culturais entre indivíduos e instituições (Peters, 2020). Posses e bens se consolidam como instrumentos de poder e a própria sensibilidade e capacidade de assimilar informações ou de se identificar com um objeto estão atreladas ao acesso e aprendizado prévio de códigos e instrumentos daquele campo.

A partir da formulação de relações sociais de conhecimento e de reconhecimento entre pares-concorrentes dentro de um campo, consolida-se a ideia de capital e, mais especificamente, de capital simbólico (Scartezini, 2011), em que elementos como renda, salário e imóveis seriam capital econômico e saberes e conhecimentos reconhecidos a partir

de títulos e diplomas equivalem a capital cultural (Peters, 2020). No espaço do midiativismo feminista, as jornalistas se apoiam no capital cultural (conhecimento das técnicas do jornalismo), relacional (acesso a certos atores do campo político) e simbólico que adquiriram previamente para terem acesso ao campo jornalístico, ao campo político e ao campo artístico com mais facilidade.

Os bens e recursos, deste modo, vão além de possibilidades materiais e se desdobram em múltiplas manifestações que podem se dar no âmbito simbólico. O acúmulo desse tipo de capital resulta no surgimento de um poder simbólico, que advém da inter-relação de outras formas de poder. Da perspectiva da sociologia crítica, essas dinâmicas de forças e dominação são vistas como intrinsecamente relacionadas a uma divisão de poderes bastante desigual, reflexo de uma sociedade ocidental capitalista pautada na hierarquia (Cf. Bourdieu, 1989). Os conflitos entre indivíduos e/ou instituições provocam situações de violências e, no que tange os estudos de gênero e feminismos, particularmente, de violências simbólicas, como se apresenta na sequência.

Violência simbólica

A noção de violência simbólica surge como uma teoria crítica da naturalização da desigualdade (Peters, 2020). É uma forma de violência que acontece sem deixar marcas ou vestígios explicitamente perceptíveis e que se constitui e se fortalece a partir da improbabilidade de um indivíduo se desvencilhar das malhas da sociedade, do peso imposto por tais estruturas, que se tratam de construções humanas, mas, ainda assim, são naturalizadas (Montagner & Montagner, 2011).

Isso que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível mesmo para suas vítimas, exercida essencialmente por vias puramente simbólicas de comunicação e de conhecimento – ou, mais precisamente, pelo desconhecimento do reconhecimento ou, no limite, do sentimento. (Bourdieu, 1998, p. 24)⁹²

⁹² Livre tradução da autora para o trecho: “(...) ce que j’appelle la violence symbolique, violence douce, insensible, invisible pour ses victimes mêmes, qui s’exerce pour l’essentiel par les voies purement

As relações de dominação, socialmente, são percebidas como legítimas, o que as faz serem historicamente reproduzidas (Bourdieu, 1992), apoiando-se em uma cumplicidade não necessariamente consciente, mas constituída na prática, entre agentes que dominam e os que são dominados, e que se pauta em entrecruzamentos entre cultura e as próprias formas de poder. Uma vez que o indivíduo toma consciência do mundo social ao redor, é possível criar estratégias de subversão (Bourdieu, 1987) e ferramentas para se desvencilhar de estruturas de dominação – mesmo que não seja tangível se desprender totalmente de um conjunto dessas dominações impostas pelas dinâmicas dos campos. É esse caminho que as midiativistas feministas e seus públicos parecem percorrer. Mas há também situações e momentos em que elas não rompem ou não conseguem romper barreiras de poder e é em tais casos que recorro às ideias de poder simbólico e dominação para interpretar as interações do grupo.

Dominação masculina e os feminismos

Partindo do pressuposto de que as pessoas tendem a adotar ao menos parte das crenças de indivíduos e instituições dominantes, absorvendo esquemas de ação e pensamento de modo inconsciente e naturalizado (Lazdan *et al.*, 2014), destaca-se a existência de mecanismos e estruturas que historicamente privilegiam a dominação masculina, como o Estado, as escolas e os ordenamentos religiosos, que se constituem como lugares de construções e de imposições de princípios de dominação (Beauvoir, 2016; Butler, 2003; Louro, 1997; Scott, 1986). Ao resgatar a compreensão de que o poder impõe um conjunto de práticas como legítimas, dissimulando relações de força (Senkevics, 2013), pode-se assumir que a incorporação da dominação masculina é potencializada por ritos institucionais (Lazdan *et al.*, 2014) e pela naturalização de comportamentos que ratificam posturas dominantes ou dominadas através de repetições (Gomes *et al.*, 2016).

symboliques de la communication et de la connaissance — ou, plus précisément, de la méconnaissance, de la reconnaissance ou, à la limite, du sentiment”.

As formas de dominação – tanto as masculinas quanto outras – se arranjam em esquemas de pensamento de aplicação universal tidos como diferenças naturais que, ao serem instituídos no mundo social, contribuem para a existência dessas estruturas e para sua manutenção (Bourdieu, 1998). O biologismo, socialmente construído (Scott, 1986; Louro, 1997; Bourdieu, 1998; Butler, 2003), por exemplo, é legitimado por uma relação de dominação que o apresenta como algo inato, impondo a naturalização das diferenças entre os sexos, conduzindo as interações generificadas ao longo da história.

Assim, a visão androcêntrica se apresenta como neutra e não necessita ser enunciada como masculina para se legitimar (Perez, 2022). Um exemplo disso – que dialoga com as escolhas de condução desta tese – são os elementos de linguagem e escrita, em que, tanto em francês quanto em português, o gênero masculino aparece como não marcado, como neutro, em oposição ao feminino, que deve ser explicitado enquanto tal (Beauvoir, 2016; Bourdieu, 1998; Louro, 1997; Perez, 2022; Silva, 2010), desencadeando uma lógica de ordenação social em que a construção de sentidos simbólicos reforça a dominação masculina sobre a qual suas próprias engrenagens são fundadas.

A existência da oposição entre homens e mulheres/grupos feminilizados é também fortemente relacional, o que implica que cada gênero é produto de um trabalho de construção teórico e prático que os coloca como corpos socialmente diferentes ao do gênero oposto. Constitui-se um caráter de submissão conferido à mulher na sociedade, enfatizando a divisão de gêneros entre a figura ativa e a passiva, o móvel e o imóvel, em contextos de interação atravessados pela divisão sexual dos usos do corpo (Beauvoir, 2016). De um lado, há os usos públicos e ativos advindos da extremidade masculina, estimulada a afrontar, a olhar no rosto e nos olhos, a colocar-se de frente, a tomar a palavra publicamente – uma vez que o discurso é socialmente posicionado como ação-monopólio dos homens; do outro, estão as mulheres ou grupos feminilizados, destinados ao polo da passividade (Bourdieu, 1998; Wolf, 1992; Silva, 2010).

O cenário de dominação é reforçado ainda mais quando as mulheres ou grupos feminilizados estão em condições em que podem ser dupla ou triplamente dominados, como,

por exemplo, uma mulher preta e pobre da periferia ou um homem gay também pobre e negro. Uma vez que os sistemas sociais se caracterizam pela tendência a criarem hierarquias, destacadamente de classe, gênero e raça, conferindo a mulheres racializadas posições de inferioridade em relações trabalhistas, econômicas e sociais (Rollins, 1990). São esses preceitos teórico-metodológicos que procuro seguir ao refletir sobre poder e violências neste trabalho, aplicando à análise da etnografia com as midiativistas feministas, o pessoal de apoio e seus públicos um olhar crítico que leve em conta as múltiplas relações de dominação impostas a mulheres e grupos feminilizados, incluindo mulheres pretas, pobres e periféricas.

O campo jornalístico

Desde o seu surgimento, a atividade jornalística desencadeia debates sociais (Neveu, 2019) frente a dinâmicas temporais e históricas, resultando em uma prática que acompanha e influencia processos de reestruturação e de reformulação de outros campos. O jornalismo contribui para formatar o discurso público e coproduz agendas, colaborando para a hierarquização de assuntos debatidos em um determinado momento na sociedade (Neveu, 2019b). A circulação dos conteúdos midiáticos por diferentes espaços é impulsionada pelo potencial da prática de atribuir sentido ao mundo ao redor e de fazer as pessoas acreditarem nas informações que estão sendo disseminadas (Silva, 2009), pautando as relações desse grupo profissional com diferentes atores que circulam por esse espaço – como fundações, organizações, partidos, movimentos sociais –, o que impacta nas interações entre os jornalistas e em suas redes de contato.

A prática jornalística se reflete e interfere no desenvolvimento de relações de poder e na interação entre forças e indivíduos para além do ambiente midiático. Assim como os mecanismos de funcionamento do jornalismo têm a autonomia reduzida em decorrência de sua dupla dependência de outros dois campos de poder: o econômico (por meio das verbas publicitárias) e o político (a partir, por exemplo, de subsídios estatais)⁹³ (Bourdieu, 1997;

⁹³ Embora essa reflexão tenha surgido em torno do contexto midiático francês, ela pode se estender à realidade brasileira, uma vez que o sistema de radiodifusão no país é pautado em concessões do

Bourdieu, 2005). De modo que a mídia está simbolicamente vinculada à posse dos meios de produção de informações e de publicização, reforçando estruturas de dominação (Bourdieu, 1997; Ferreira, 2005).

Assim, as dinâmicas midiáticas não são reflexo apenas da produção de jornalistas ou de editoras(es) e lideranças de grupos de imprensa. As reportagens, pautas e declarações divulgadas nos jornais são atravessadas por lutas complexas que se desenrolam dentro das redações, em relações que envolvem não só grupos políticos e econômicos, mas nas quais também têm impacto grupos mobilizados (movimentos sociais, grupos de pressão) e intelectuais (Neveu, 2019b). Esses aspectos de embates entre indivíduos e instituições que compõem um mundo social são fatores que me interessam, em especial, enquanto ferramentas para interpretar as hierarquias e relações de poder que se formulam dentro do midiativismo feminista digital.

As inter-relações entre campos vêm se transformando e acarretando mudanças no âmbito do jornalismo, impulsionadas, dentre outros fatores históricos e econômicos, pela ampliação do uso da internet. De forma similar, o militantismo também é remodulado através da ampliação do ativismo digital. Novos agentes advindos desses espaços têm conduzido mudanças nas relações de poder, como temos visto em eleições, guerras, revoltas e cenários decisivos para as histórias de diferentes países, em que o peso de interações no âmbito de mídias sociais pode ser mais determinante do que aquilo que é divulgado na mídia (Gomes, 2016; Pinheiro-Machado, 2019; Santos, 2019). É fundamental, para esta pesquisa, levar em consideração as mudanças que as tecnologias da comunicação e da informação provocam nos mundos sociais, uma vez que o ambiente da internet é onde se constitui e se desenvolve o midiativismo feminista contemporâneo.

O arcabouço teórico da sociologia profissional das(os) jornalistas colabora para a análise das categorias profissionais afetadas por transformações desencadeadas por um

espaço público para empresas privadas e, ao se tratar dos grupos que controlam a radiodifusão no país, fala-se direta ou indiretamente sobre internet e mídia impressa, já que, no Brasil, esses grupos são na maioria das vezes os mesmos, formando uma mídia oligopolizada constituída por elites políticas locais e regionais (Lima, 2013).

ecossistema digital e por dispositivos sociotécnicos (Damian *et al.*, 2002). Refletir sobre as mudanças que ocorrem nesse meio é também repensar a concepção de que, historicamente, o jornalismo assume uma posição relevante de poder, posicionando-se entre os poderes econômico, político e intelectual (Darras, 2017). Para evitar leituras ingênuas da prática jornalística, é relevante interpretar as relações que a perpassam sob a ótica de interesses econômicos e de grupos de pressão (Neveu, 2019b). O poder dos jornalistas precisa ser questionado, não devendo esse ser entendido como uma capacidade imediata de gerar influências no âmbito social.

No seio do exercício profissional, destaca-se que a ordenação do trabalho jornalístico é de natureza fragmentada e conflitante, de modo que não está clara a existência de um “código” profissional ou um conjunto de regras coletivas que o grupo adotaria e aplicaria (Bastin, 2009), percepção que se estende também para o mundo do midiativismo feminista digital. Por trás de uma ideia de unidade da imagem profissional que jornalistas tentam reproduzir sobre si mesmos, existe uma multiplicidade de setores de atividades, de especialidades, de condições de trabalho, de rendas e, assim, de posições profissionais com diferentes prestígios dentro da profissão (Lafarge & Marchetti, 2017).

Esta transformação progressiva contribui para aumentar a seleção social à carreira de jornalista, impondo barreiras para quem pretende atuar na profissão e dificultando, por exemplo, a empregabilidade de profissionais com outras formações – como ciência política e sociologia. Refletir sobre essas redefinições contemporâneas do exercício jornalístico me interessa, principalmente, porque dentro do mundo do midiativismo feminista é recorrente a incidência de indivíduos que advêm de outros percursos profissionais e que não trabalharam como repórteres em outras publicações, conforme constatei nas observações de campo.

Outro fator de destaque que influencia os rumos profissionais das(os) colaboradoras(es) de mídias feministas e o próprio jornalismo é a força crescente da lógica comercial dentro desse espaço. A hierarquização das editorias dentro das redações reflete um movimento de ascensão da lógica econômica em relação à lógica política (Lafarge & Marchetti, 2017). A soma desse conjunto de elementos de mutação no interior da profissão

ocasiona o surgimento de uma geração mais escolarizada de jornalistas (Lemieux *et al.*, 2010) e um espaço midiático mais jovem e feminizado (Damian-Gaillard, Frisque & Saitta, 2009), com acúmulo de funções e salários mais precários.

Em suma, a organização de uma estrutura midiática se forma com base em um sistema de relações que diferentes atrizes e atores contribuem, de maneiras desiguais, para constituir. As regras de funcionamento de uma redação – tanto implícitas quanto explícitas – servem como suporte para a construção de posições e de estratégias na constituição da complexa dinâmica do mundo social (Damian-Gaillard *et al.*, 2010, p. 255). Há, por exemplo, estruturas de segregação horizontal entre homens e mulheres traduzidas na distribuição de especialidades jornalísticas no interior das redações a partir da existência de setores, departamentos, seções de mídia e habilidades atreladas ao gênero, como é o caso da imprensa especializada em revistas, que historicamente se consagrou como o principal meio profissional para mulheres jornalistas (Damian-Gaillard *et al.*, 2010, p. 25).

A partir da observação da atividade jornalística como prática atrelada a limitações e a uma complexa rede de interdependências que perpassam as relações com as fontes e a estruturação do campo jornalístico e suas relações com o campo econômico (Neveu, 2019), tento compreender as formas como indivíduos, ainda que sofram constrangimentos sociais, conseguem implantar inovações e inventividade no âmbito da profissão, de modo a encontrar no mundo profissional espaços de expressão, de autonomia e de realização (Lemieux, 2010). Olhar para a perspectiva das mutações no contexto da mídia me ajuda a analisar subáreas especializadas do jornalismo que despontaram nos últimos anos, como o midiativismo de maneira geral e também o midiativismo feminista.

Também colaboram para a análise do objeto de pesquisa as reflexões sobre mecanismos que acentuam o processo de feminização da profissão jornalística, em um contexto de mercado de trabalho em que não só a entrada, mas também a permanência das mulheres no jornalismo é acompanhada por uma reconfiguração de princípios de segmentação vertical (como distribuição de funções e cargos de poder) e horizontal (distribuição em setores, atividades e especialidades) (Damian-Gaillard, Montañola & Saitta,

2021). Esse arcabouço teórico serve de base para a interpretação de elementos que caracterizam o grupo entrevistado, como idade, formação e perfil socioeconômico de midiativistas feministas e seus públicos.

A dominação masculina faz parte das rotinas diárias de divisão e coordenação do trabalho de apuração e edição jornalística e das relações sociais com as fontes de informação (Damian-Gaillard, Montañola & Saitta, 2021). Entender as relações de poder e as forças que influenciam na organização das mídias feministas me instiga a desenvolver esta pesquisa *in situ*, de maneira que seja possível avaliar as condições de exercício da profissão e retratar as relações de poder entre homens e mulheres ou pessoas feminilizadas engajados na produção de informação e as estratégias de resistência das midiativistas contra formas de dominação patriarcal.

O campo político e a militância

O campo da política é especialmente marcado por estruturas de poder, sendo o espaço por excelência em que se exerce o capital simbólico (Bourdieu, 2014; Pinto, 1996). Na política, mais do que ser, do que estar lá, do que existir, é preciso se fazer notar, ser reconhecido, dinâmica que deixa os(as) políticos(as) vulneráveis (pois o descrédito a que elas e eles estão sujeitos, à medida em que aparecem e se permitem serem vistos, seria o inverso da acumulação de capital simbólico) (Bourdieu, 2014). O capital ao qual a população tem acesso, em termos econômicos, sociais, acadêmicos e mesmo políticos, influencia, portanto, a compreensão que os indivíduos terão desse campo específico e como vão interagir com ele.

Em meio aos jogos de forças, o campo político está constantemente em transformação, o que abre espaço para a constituição do subcampo da militância política, formado por agentes dotados de recursos sociais adquiridos por meio de trajetórias individuais e que estão correlacionados a variadas maneiras de se inserir ou de atuar em ambientes de participação coletiva (Bourdieu, 1996). Um arcabouço de experiências, conquistadas através da participação prévia em espaços políticos e sociais, possibilita às e

aos militantes desenvolver competências específicas que lhes conferem um grau mais elevado de potencial intervenção no campo político (Bourdieu, 1989).

Os indivíduos que se dedicam à militância estabelecem vínculos com a política por meio de inserções em espaços diversos que acabam por servir de base e até mesmo de elemento conector entre a(o) militante e o poder político, como o ambiente familiar, religioso, sindical, acadêmico (a partir do movimento estudantil, por exemplo) e os partidos políticos (Silva, 2012). Portanto, para analisar a ação militante, considerando seu movimento, continuidade, conflitos e rupturas em relação a distintos tipos de capitais (Silva, 2012), deve-se levar em conta a relação entre os indivíduos, as disposições sociais com as quais esse se depara e sua posição política, perpassando elementos como posição social e capacidade de engajamento.

O que distingue o espaço da militância do campo político é o caráter de subversão do primeiro em relação ao segundo, já que o militantismo se propõe a contestar as regras impostas, colocando em xeque, assim, o próprio jogo político (Massi *et al.*, 2021). O subcampo origina-se a partir do momento em que começam a ser criadas estratégias para subverter o caráter dominante de grupos que acumulam maior quantidade de capital e que têm mais chances de impor seus desejos no contexto social. Em contrapartida, indivíduos alinhados às forças dominantes da política se movimentam para conter essas ações:

Como todo jogo, os agentes utilizam estratégias para modificar ou manter sua posição na estrutura do campo, visando posições mais favoráveis. As estratégias podem ser de conservação ou subversão, aqueles que detêm mais capital específico tendem às estratégias de conservação (ortodoxia), enquanto aqueles que detêm menos capital tendem às estratégias de subversão (heresia, heterodoxia) da estrutura e de suas posições. (Massi *et al.*, 2021, pp. 17-18)

Enquanto atrizes e atores advindos de uma interseção entre os mundos sociais da militância política, do ativismo digital e do jornalismo, as midiativistas feministas se apoiam na subversão dos poderes simbólicos advindos do jornalismo e da política. São pessoas que, frequentemente, têm suas origens em espaços de dominação (acadêmicos, econômicos,

políticos, culturais), circulam com alguma desenvoltura e facilidade por campos dominantes e utilizam-se dessa possibilidade de circulação para se lançar em projetos de ativismo e militância. Impulsionadas por suas trajetórias pessoais e coletivas, elas decidem contribuir com a constituição de um espaço em que possam atuar para tentar romper com forças sociais dominantes.

Entre os campos e o mundo social

Para entender como se constitui e como se mantém a prática do midiativismo feminista digital, busco conciliar abordagens de uma perspectiva da sociologia crítica apoiada em noções bourdieusianas de poder e dominação com a análise microssociológica de mundos fornecida pelos estudos interacionistas. Essas linhas de análise podem ser lidas como antagônicas⁹⁴. O próprio Pierre Bourdieu (1989) aponta que os estudos interacionistas seriam demasiado simplistas por não levarem em conta a multiplicidade de relações de poder que cercam o mundo social. Enquanto a sociologia de Bourdieu também recebe críticas pelo fato de dar ênfase a mecanismos de reprodução de estruturas sociais sem apontar possibilidades de transformação (Miguel, 2015). O autor busca estimular a compreensão social, mas sem demonstrar confiança na capacidade transformadora de ações interativas na sociedade.

Contudo, acreditar na ruptura com o monoteísmo metodológico, combinando diferentes linhas teórico-metodológicas (Bourdieu, 1989), é um caminho que considero coerente para entender a potencialidade inovativa do mundo social que investigo. Em uma

⁹⁴ O trabalho de Becker (1982) sobre mundos sociais é lembrado, por uma parcela de sociólogos, somente pela virtude positiva da cooperação que ele apresenta e, outras vezes, suas especificidades são negadas, sendo tido como variante mais otimista do campo de Bourdieu, conforme nota o sociológico francês Alain Pessin em uma conversa documentada com Howard Becker (Becker & Pessin, 2006). Pessin acredita que promover um diálogo entre mundos sociais e campos seria uma leitura simplista das abordagens. Já a grande crítica de Becker sobre a teoria dos campos é o fato de que, para o autor, a essência da proposta advém da física e de arranjos mecânicos, que não parecem estar tratando de pessoas reais, de carne e osso, trazendo interações que, segundo ele, dão a ideia de serem unicamente baseadas em conflito. De acordo com o sociólogo, as diferenças chave entre ambas as abordagens seria a de que, enquanto a dos mundos sociais é “aberta a múltiplas possibilidades, descoberta no decorrer da imersão na vida social; a outra se concentrou em demonstrar, com base em considerações *a priori*, a verdade de uma posição filosófica abstrata já estabelecida” (Becker & Pessin, 2006, p. 286).

pesquisa que se propõe a debater gênero e iniciativas de caráter feminista, considere de extrema relevância abordar contextos de dominação e as forças que os regem e se refletem no andamento e na organização do espaço em que se produz o midiativismo feminista de maneira transnacional, partindo-se dos casos Brasil e França.

A teoria dos campos se apoia em um arcabouço marxista para desenvolver suas reflexões críticas, o que contrasta com fundamentos filosóficos da percepção de Becker sobre as interações nos mundos sociais, como pontua Dickinson (2008). Porém, ao me aprofundar em cada uma das linhas teóricas, constatei que “níveis de análise oferecidos por cada abordagem são utilmente complementares” (Dickinson, 2008, p. 1.397). Ao recorrer à teoria de Bourdieu para interpretar relações de poder e dominação e aos mundos sociais de Becker para traçar um entendimento de interações pautadas em cooperações, percorro um caminho científico que pretende ecoar a potência sociológica de dar voz a quem vivencia rotineiramente as cooperações, conflitos e forças desse espaço de trocas.

Ademais, discordo da avaliação de Pessin (Becker & Pessin, 2006) de que as duas abordagens sociais não são compatíveis. Acredito que elas sejam complementares à medida que nos permitem entender como se dão interações dentro de um contexto determinado, pautado nas ações e reações de atrizes e atores diante delas(es) próprias e de interlocutoras(es), analisando, em paralelo, estruturas de poder que influem na organização do grupo e na distribuição de papéis, de tarefas e de posições.

Recorrer, de modo complementar, a abordagens teórico-metodológicas cujos principais expoentes acreditam ser incompatíveis é um desafio. Lanço-me a ele assumindo que os campos, embora sejam espaços de competição, marcados por estruturas de dominação, também são compostos por alianças entre atrizes e atores sociais que cooperam entre si, à semelhança do que defende Dickinson (2008). Em contrapartida, o conceito de mundo social de Becker (1982) me permite analisar a construção de ações coletivas e as negociações que se dão na construção do midiativismo feminista. A partir desses pressupostos, optei por me unir a autores que consideram possível uma complementação

entre as duas abordagens (Fine, 1992; Negus, 2006; Dickinson, 2008) e traçar as semelhanças e diálogos entre elas.

Diagramas de Venn-Euler e relações entre campo e mundo social

Para facilitar a visualização da aplicação do suporte teórico-metodológico deste estudo, que abrange áreas de atuação multidisciplinares, proponho a construção de um diagrama de Venn-Euler que indique as possíveis intersecções entre os mundos sociais que se interseccionam para formar o midiativismo feminista e suas relações com os campos (jornalístico, político e econômico). A organização em diagrama possibilita que se analise aspectos complexos e inter-relacionados das interações, como a intensidade e a relevância dessas (Verdejo, 2006). Já a disposição dos elementos em um diagrama de Venn-Euler funciona como ferramenta para observar cadeias recíprocas de relacionamentos e interações sistêmicas (Vos, 2007).

A fim de representar graficamente os espaços de interações em que se desenrolam cooperações e convenções de midiativismo feminista, tracei três círculos que se interseccionam e representam: o mundo do jornalismo, o do ativismo digital e o da militância política. Apesar de haver outros mundos sociais envolvidos na composição das mídias feministas – como o mundo da tecnologia, o da gestão e administração e mesmo o das artes –, optei por destacar os mais relevantes para a análise que pretendo conduzir a partir da trajetória das atrizes. Ao centro, na intersecção desses espaços, encontra-se o mundo estudado.

Os mundos sociais são representados com cores para melhor delimitá-los e indicar que há diferentes convenções, formas de cooperação e interações que se desenrolam em cada um deles. Mesmo que, por vezes, eles se encontrem. O contorno dos círculos, contudo, não aparece no desenho. O objetivo é salientar que as linhas traçadas para separar mundos sociais são uma conveniência analítica, não algo que, de fato, existe ou pode ser encontrado pela investigação científica, já que o mundo não é uma unidade fechada (Becker, 2006).

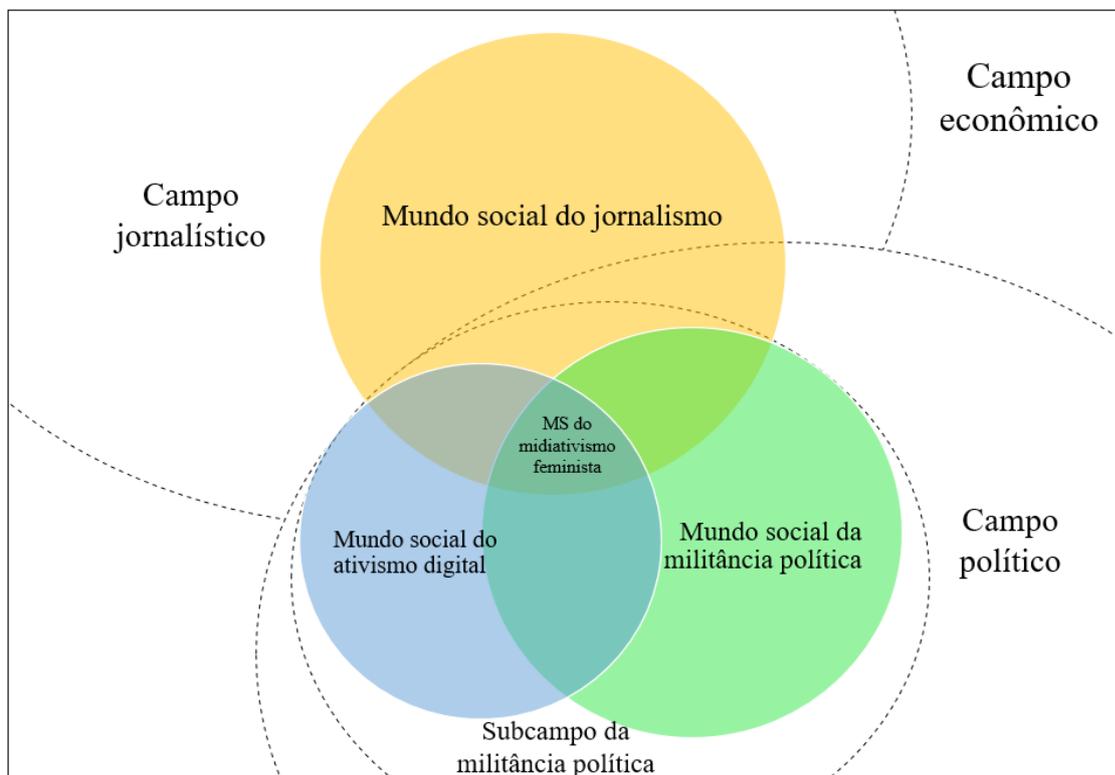
Os campos, por sua vez, aparecem em preto e branco com o intuito de ressaltar o caráter simbólico dos mecanismos que movem as relações de poder. O campo econômico é um conjunto universo⁹⁵, representado no diagrama como o traço preto que inclui todos os demais. Isso se dá porque as forças econômicas perpassam tanto os campos quanto os mundos sociais, sendo determinantes para o andamento das interações como um todo. Embora seja importante enfatizar que, mesmo que um campo não consiga obter independência total frente às demandas do mercado, também não há como atingir a subordinação integral a demandas externas, o que lhe garante um grau de autonomia diante de forças econômicas – ainda que parcial (Massi *et al.*, 2021).

O campo jornalístico, além de estar contido no campo econômico, abarca o mundo social do jornalismo – mas suas forças se expandem para além desse –, inclui uma parte do mundo do ativismo digital e outra do mundo da militância política e é atravessado pelo campo político. Esse último, por sua vez, está inserido no campo econômico, contém o subcampo da militância política, cerca os mundos sociais do militantismo e do ativismo digital e influencia parte considerável do mundo social do jornalismo. Já o subcampo da militância política circunda os mundos do ativismo digital e do militantismo e influi em uma parcela do do jornalismo. No centro, indicando o encontro dos campos e também dos mundos sociais, encontra-se o mundo do midiativismo feminista.

⁹⁵ Na matemática e, em particular, na teoria dos conjuntos e na lógica matemática, um universo é um conjunto cujos elementos incluem todos os objetos que desejamos considerar em um determinado contexto.

Figura 3

Diagrama de Venn-Euler sobre campos e mundos sociais



Outras confluências entre os espaços apontados enquadram diferentes formas de elaboração de conteúdo jornalístico, militante e ativista. O encontro do mundo do ativismo digital com o da militância política, sem incluir o do jornalismo, por exemplo, resulta em projetos de criação de conteúdo militante para a internet como blogs e sites feministas, antirracistas ou de direitos LGBTI+, com produções de caráter opinativo ou de divulgação – não voltados para informação, apuração e elaboração de notícias.

O encontro estritamente entre o mundo social da militância política e o do jornalismo pode ocasionar a confecção de projetos físicos de conteúdo jornalístico, como revistas, jornais e fanzines em versões impressas. E mesmo o cruzamento entre os três mundos não diz respeito, apenas, ao midiativismo feminista digital, mas abrange também outros tipos de midiativismo e de jornalismo digital independente. No diagrama, porém, escolhi apontar os

elementos que aparecem mais recorrentemente ao longo do processo de análise do mundo social investigado nesta tese.

Com o recurso do diagrama, pretendo indicar que campos e mundos sociais são entidades que coexistem. Destaco como visualizo suas formas de atuação frente ao meu objeto de pesquisa, evocando a pista de Dicknson (2008) de aplicar o mundo social de Becker para uma análise do contexto microsociológico das interações e das formas de cooperação entre as atrizes e de recorrer à sociologia crítica e às relações de poder de Bourdieu para interpretar estruturas de forças e dominação meso-macrossociológicas.

Por entre relações de poder e formas de cooperação, as trajetórias

Ao tomarem consciência de que fazem parte de um espaço social, os indivíduos passam a compreender sua trajetória individual ou mesmo coletiva como resultante de uma série de eventos sociais e também pessoais. Aprender a ação militante, pessoal e profissional de colaboradoras(es) e audiências de publicações midiáticas feministas digitais demanda a observação de “detalhes biográficos minuciosos dos diferentes momentos das trajetórias (pessoais, profissionais, escolar, religiosa, política) dos sujeitos” (Silva, 2012, p. 17). Ao assumir que as trajetórias dos indivíduos se correlacionam de maneira direta com suas formas de inserção, interação e atuação no mundo social, tento entender como os recursos obtidos através dessas trajetórias se convertem em formas de engajamento, negociações e cooperações.

Os apontamentos trazidos até aqui viabilizam uma perspectiva analítica capaz de possibilitar que se trabalhe com o *corpus*. Partindo da sociologia das emoções para compreender como as trajetórias individuais das entrevistadas levam à ação coletiva, aplico a abordagem interacionista de mundos sociais ao midiaticismo feminista, levando em consideração as forças que envolvem tal atividade. Proponho-me a observar como as atrizes se inserem nesse mundo, quais são seus modos de cooperação, as convenções que elas criam, como suas trajetórias as levam a se engajar nesses espaços e como suas histórias de vida se refletem nas formas como elas interagem entre si.

Para melhor estruturar os percursos metodológicos da pesquisa e desenvolver a análise, contudo, parto do princípio de que a teoria dos campos de poder e o interacionismo simbólico são abordagens que provêm de contextos históricos e sociais pautados pelo patriarcado e por dinâmicas acadêmicas heteronormativas. Isabelle Clair (2010), ao analisar a obra *Outsiders*, de Becker (1973), enfatiza que, apesar de a realidade de dominação masculina ser evocada ao longo dos textos do autor, ele o faz de modo a, logo em seguida, relativizá-la, tratando a questão por meio de silenciamentos. Bourdieu (1989 e 1998)⁹⁶, igualmente, traz cargas de seu sexismo no transcorrer de diferentes textos, reforçando estruturas de apagamento de pesquisadoras mulheres e das mulheres enquanto coletividade.

Na tentativa de evitar cometer erros semelhantes, já que também sou uma pessoa inserida em uma conjuntura socio-patriarcal, tento conduzir a construção metodológica e a análise etnográfica desta tese apoiada constantemente, para além do interacionismo simbólico e da teoria dos campos, no vasto arcabouço de estudos de gênero e feminismos que colegas pesquisadoras vêm desenvolvendo sobre as temáticas de mídia, militância e, mais recentemente, ativismo digital. Para tanto, é importante mapear a melhor maneira de coletar informações de pessoas que pertencem às iniciativas de midiativismo feminista e os modos de tratar os dados que advêm desse contato. Por isso, o capítulo a seguir detalha a metodologia de análise, esmiúça o caráter qualitativo da investigação e trata da busca por critérios de escolha, de coleta e de tratamento de dados.

⁹⁶ Vale destacar que Pierre Bourdieu foi bastante criticado na ocasião do lançamento de *A dominação masculina* (1998), em especial devido ao silenciamento que ele impôs a colegas pesquisadoras, notadamente à Simone de Beauvoir (Burawoy, 2012).

Capítulo três

Percursos metodológicos e desafios etnográficos

Este capítulo desenvolve os aspectos metodológicos que dão suporte à análise, realizando uma explanação sobre as escolhas consideradas mais apropriadas para a pesquisa em termos de metodologia. Com o intuito de explicar como se constituem as mídias estudadas, são levadas em consideração minhas reflexões enquanto pesquisadora, mulher, jornalista e feminista. Aponto os métodos e técnicas utilizados na pesquisa etnográfica, debatendo as possibilidades e limites da entrevista em profundidade e da observação participante. Explico como foi construído o campo da pesquisa, como se deu o agendamento e a realização das entrevistas, além do registro, edição e tratamento dessas. Por fim, pondero o caráter engajado tanto das mídias que estudo quanto de minha própria pesquisa, tentando indicar pistas de como aplicar o que aprendi com a tese em outros domínios da vida.

A escolha pela pesquisa qualitativa

A opção pelo método qualitativo é concomitante com a perspectiva do interacionismo simbólico para compreender as trajetórias, os vínculos e as formas de engajamento de atrizes que compõem o mundo social do midiativismo feminista digital. A metodologia permite justamente que se entenda as motivações que levam os indivíduos à ação (Dantas & Lima, 2018) e dispõe de uma gama de métodos que favorecem a inovação científica em decorrência de sua abordagem indutiva advinda das análises resultantes de dados que vêm do campo (Novo & Woestelandt, 2017).

Essa metodologia tem origem na sociologia e na antropologia, impulsionada por pesquisadores formados na Escola de Chicago (Jaccond & Mayer, 2008) e por estudiosos que procuravam encontrar a posição dos sociólogos na universidade inspirando-se nos trabalhos e técnicas interacionistas de Mead e Blumer (Novo & Woestelandt, 2017). A pesquisa qualitativa é uma ferramenta para observar as dinâmicas da relação entre o sujeito e o mundo socialmente construído, levando em conta o valor que os indivíduos dão à própria

prática social (Neves, 1996). A coleta de dados qualitativos ocorre para que se possa conhecer melhor aspectos de uma realidade que não são diretamente observáveis e mensuráveis, como sentimentos, pensamentos, intenções e comportamentos (Aaker, Day & Kumar, 2009).

A abordagem se pauta nas relações sociais estabelecidas em diversos ambientes. Ao se analisar os fenômenos de forma integrada, observando os pontos de vista dos indivíduos envolvidos (Godoy, 1995), procura-se entender os processos, convenções e formas de cooperação que regem o objeto de investigação. Através do exercício qualitativo, aceito me posicionar no mundo analisado enquanto sujeita-observadora, já que me aproprio de uma metodologia composta por um conjunto de práticas interpretativas e materiais que possibilitam tornar, a partir de recortes do(a) pesquisador(a), esse mundo visível, transformando-o e construindo representações a partir dele – por meio de notas de campo, entrevistas, conversas, fotografias, registros em áudio, anotações pessoais (Geertz, 1997). Fazer uma pesquisa qualitativa, dessa forma, envolve uma postura interpretativa diante do mundo, por meio de esforços para entender ou interpretar os fenômenos a partir de sentidos que as pessoas lhes atribuem (Denzin & Lincoln, 2006).

Em suma, a perspectiva qualitativa possibilita que o(a) pesquisador(a) tente analisar fenômenos partindo do ângulo de quem participa da situação em questão, tomando essa compreensão de mundo como base para construir sua própria interpretação do acontecimento (Neves, 1996). Recorrer à tal metodologia, com apoio do arcabouço teórico do interacionismo simbólico e da sociologia crítica, é o que entendo como percurso mais coerente para interpretar as trajetórias das(os) colaboradoras(es) e públicos do midiativismo feminista e entender como o grupo e suas atividades se estruturam.

Métodos etnográficos

O método etnográfico surge entre o final do século 19 e o início do século 20, no campo da antropologia, em decorrência do interesse de pesquisadoras(es) de entender comportamentos, costumes, crenças e elementos compartilhados dentro de comunidade

externas às que elas(es) próprias estavam inseridas(es) (Zanini, 2015). A etnografia se consolida como um processo de interpretação que busca abarcar estruturas significantes que estão por trás e dentro dos menores gestos humanos (Travancas, 2011). É uma metodologia que desenvolve ferramentas para que se analise a organização social aceitando a ideia de que os fatos são reconhecíveis por quem deles participa (Watson, 2001). Ou seja, a atividade de “retratar a sociedade” é reformulada e passa a considerar ações e interpretações de atrizes e atores envolvidos no mundo social estudado.

Para que uma pesquisa seja considerada etnográfica, pressupõe-se a ocorrência do exercício de ir a campo, o uso de duas ou mais técnicas de coleta de dados (princípio multifatorial), o acúmulo descritivo de detalhes (já que o método é indutivo) e o retrato mais completo possível do grupo pesquisado (Dantas & Lima, 2018, p. 133). Os métodos etnográficos podem recorrer, por exemplo, a técnicas como entrevistas informais e à observação participante (Pereira, 2008). Em uma constante espécie de bricolagem intelectual (Peirano, 2014), o processo carrega a possibilidade de aprimoramento a partir do confronto com dados novos e novas experiências de campo.

Para a realização desta pesquisa, portanto, recorro a métodos etnográficos ou de inspiração etnográfica como: a etnografia em si (tanto presencial quanto em portais e plataformas de mídias sociais das iniciativas midiativistas feministas selecionadas no campo de pesquisa); as entrevistas em profundidade com atrizes que participam em diferentes graus da composição desse mundo social; e a observação direta, enquanto técnica para me aproximar do grupo, recorrendo ao acompanhamento de eventos e atividades presenciais promovidas pelas publicações e até à produção de conteúdos para iniciativas midiativistas feministas.

Ao longo desta tese, optei pela estratégia de compartilhar relatos e vivências pessoais para buscar estreitar os laços com os indivíduos estudados e, assim, deixá-los confortáveis para contarem suas próprias histórias, angústias e desejos. Minha escolha é uma maneira de marcar um posicionamento acadêmico e profissional – e ideológico –, visto que a bibliografia em que me apoio para analisar o campo de pesquisa e para escrever este trabalho indicam

que, historicamente, a dita neutralidade é uma ferramenta de perpetuação de poderes dominantes (o masculino, o burguês, o capitalista). Já a aproximação, a imersão e o contato direto com o mundo social são também uma forma de reivindicar minha posição nesse espaço pelo qual transito e circulo, o que não me impede de – e, ao contrário, me ajuda a – estudá-lo e analisá-lo.

Etnografia em múltiplos espaços

O significativo crescimento de ambientes digitais acarretou a constituição de diferentes cenários para a realização de pesquisas etnográficas, de modo que, a partir de 1990, a metodologia etnográfica foi transportada para o ambiente da internet, passando a receber diferentes nomes, como etnografia digital, etnografia virtual, netnografia e webnografia (Fragoso *et al.*, 2011). Nesta pesquisa, porém, não faço diferenciações ou hierarquias entre experiências etnográficas realizadas de maneira presencial ou digital, visto que vivemos em um tempo e espaço em que esses ambientes se mesclam e se atravessam constantemente, permitindo que as etnografias realizadas em um ou outro se complementem.

Estar *off-line* não implica, necessariamente, a realização de uma etnografia, assim como estar *on-line* não indica que não se está fazendo uma etnografia ou que se está fazendo uma etnografia de categoria inferior. A escolha metodológica está atrelada a uma conjuntura específica que deve atender aos objetivos que envolvem a pesquisa (Miller & Slater, 2004), isso independe de as interações ocorrerem com ou sem mediação de tecnologias, desde que elas ocorram e possam ser observadas.

Até mesmo a socióloga Christine Hine (2000), vista como responsável pela popularização do termo “etnografia virtual”, passou a discutir a suposta diferenciação entre os espaços *on* e *off-line*, propondo que a etnografia aconteça de acordo com continuidades e atravessamentos, tal qual demonstram os estudos práticos. Hine (2017) afirma que a internet não é um meio desvinculado das práticas sociais rotineiras e, por isso, seria cabível usar, simplesmente, o termo etnografia. Neste trabalho, em que o mundo social analisado se

consolida em um misto de interações profissionais, militantes e pessoais, tanto digitais quanto presenciais, também me arrisco a fazer o que chamo de etnografia, seja onde for.

A etnografia no ambiente das mídias sociais. Para tecer um panorama mais preciso do desenvolvimento metodológico da tese, esta subdivisão do capítulo busca explorar as possibilidades da etnografia realizada em ambientes digitais e, em especial, em mídias sociais. A pesquisa se pauta fortemente em vivências observadas no ambiente *on-line*, caráter intrínseco ao midiativismo digital. Há uma diversidade de ferramentas eletrônicas às quais as atrizes recorrem para manter seu trabalho e militância, desde e-mails, chats, listas de discussão, softwares, blogs, jogos eletrônicos, recursos de imagem e de produção e difusão artísticas, dispositivos móveis, aplicativos, até as redes sociais. São estruturas que moldam formas de lazer, ativismo e politização e indicam a multiplicação e expansão de tecnologias que têm se tornado onipresentes (Segata & Rifiotis, 2016, p. 9).

Por isso, considerei relevante refletir sobre como a metodologia etnográfica pode ser aplicada em situações em que, mais do que no contato presencial, as atrizes e atores podem definir rigorosamente o que querem ou não que seja visto de si mesmas e de suas opiniões, vivências e experiências. Empregar a etnografia no espaço das mídias sociais permite que se investigue detalhes das relações *on-line*, fazendo da internet não apenas um meio de comunicação, mas um artefato cotidiano na vida das pessoas, um local de encontro que possibilita a formação de comunidades, de grupos mais ou menos estáveis e até mesmo o surgimento de uma nova forma de sociabilidade (Ardèvol *et al.*, 2003).

É importante ressaltar que a etnografia realizada no contexto digital não constitui uma mera adaptação de uma velha metodologia para um novo meio. A internet enquanto artefato tecnológico não é só uma possibilitadora de um conjunto de ações sociais, mas também faz parte das estruturas de sociabilidade, o que resulta em uma hibridização sociotécnica (Ardèvol *et al.*, 2003). Assumo, então, que “qualquer tecnologia representa uma invenção cultural, no sentido de que ela produz um mundo. Toda tecnologia emerge de condições

culturais particulares ao mesmo tempo em que contribui para a criação de novas condições culturais” (Escobar, 2016, p. 22).

Assim, em uma pesquisa multissituada, em que se entrecruzam tanto ambientes digitais quanto analógicos, procuro observar as atrizes e atores não de um ponto único e fixo, mas de forma a percorrer seus fluxos e me deixando levar por esses (Leitão & Gomes, 2017). A dissolução de fronteiras possibilita a observação participante e faz com que sejam reduzidas as distâncias entre o que seria a ideia de vida real e de vida digital (Segata, 2016). Embora as dualidades entre *on-line* e *off-line*, técnico e social, sujeito e objeto ainda persistam (Rifiotis, 2016), o exercício de aproximar esses universos a partir da análise do mundo do midiativismo feminista contemporâneo é reconhecer que eles se mesclam e se invadem, caminhando em direção à superação de dicotomias.

A observação participante

Em uma etnografia, ocorre uma densa imersão do(a) pesquisador(a) no mundo social, com trocas e interações mútuas, a partir das quais ele(a) não só observa, mas também passa a ser observado(a) (Lévi-Strauss, 1974). A interação, portanto, é a condição da pesquisa etnográfica. A técnica de observação conduz a(o) etnógrafa(o) a mapear, no interior do mundo social, valores éticos e morais, códigos de emoções, intenções e motivações que orientam a constituição de determinado grupo ou sociedade (Rocha & Eckert, 2008).

A proposta de simultaneamente observar e imergir no mundo social começa a ser adotada por volta dos anos 1920, nos Estados Unidos, pelos sociólogos da Escola de Chicago, que se apoiam na observação direta para estudar o meio urbano. A observação, a partir daí, encontra um lugar central nos métodos de pesquisa, constituindo uma espécie de intersecção da tradição antropológica com a tradição jornalística (Jaccoud & Mayer, 2008, p. 257), recorrendo a métodos da sociologia para compreender a história do mundo social (Mauss, 2006) e do jornalismo para aprofundar-se nesse.

Considera-se, nesta pesquisa, que há três tipos possíveis de observação (Jaccoud & Mayer, 2008). O primeiro segue o modelo da passividade, em que o(a) pesquisador(a) coleta

dados de natureza essencialmente descritiva, observa a vida cotidiana do grupo e mantém uma intervenção mínima com o ambiente, de modo que sujeito e objeto ficam dissociados. O segundo modelo seria o da impregnação, em que a observação seria caracterizada pela inserção da(o) etnógrafa(o) no mundo social, de acordo com os pressupostos interacionistas de compreensão do real através da participação e envolvimento com o grupo. Por fim, o terceiro modelo, o da interação, considera que o distanciamento objetivo não é possível, propondo uma relação despolarizada entre observador(a) e investigado(a) apoiada na consciência crítica de que a(o) etnógrafa(o) carrega vieses socioculturais (Jaccoud & Mayer, 2008).

Nesta tese, assumo essencialmente a terceira forma de observação. Reconhecendo que a metodologia da observação participante, tal como outros métodos de coleta de dados nas humanidades – e mesmo nas ciências exatas –, não conta com critérios absolutos de cientificidade, tornando a análise e mesmo os resultados relativos (Jaccoud & Mayer, 2008). Assumo a perspectiva de reconhecer que o observador(a) pode modificar e ser modificado(a) pelo contexto em que se insere para realizar a pesquisa.

A realização de uma etnografia pautada na observação participante presencial, no caso desta pesquisa, encontrou algumas barreiras, já que não há um espaços físicos para conduzir o exercício de ir a campo ou uma rotina profissional delimitada para ser observada⁹⁷. Os conteúdos midiativistas feministas desenvolvidos pelas publicações selecionadas para o estudo ou não são feitos em espaços físicos determinados – principalmente após a implementação mais ampla do teletrabalho –, destoando da ideia clássica de redações jornalísticas, ou são realizados em escritórios compartilhados – geralmente com o trabalho sendo desenvolvido ao lado de outras publicações midiáticas –, o que interfere na condução etnográfica. As equipes são difusas, com colaboradoras(es) espalhadas(os) em diferentes partes de cada país, e as dificuldades financeiras ou a própria proposta de criação de uma

⁹⁷ Ademais, durante um primeiro momento da pesquisa (em 2020 e 2021), a tentativa de execução de uma etnografia em campo não-digital foi inviabilizada devido à pandemia ocasionada pelo vírus Covid-19. As dinâmicas de trabalho precisaram ser repensadas de maneira geral, o que englobou não só o fazer jornalístico, por parte das midiativistas feministas, mas também o meu fazer acadêmico.

mídia voltada para o meio digital fazem com que essas iniciativas não necessariamente se estabeleçam nem se concentrem em um endereço único e específico.

Dessa forma, houve uma maior exploração da observação participante no ambiente digital, com o mapeamento de conteúdos das mídias feministas em sites e mídias sociais e também com o acompanhamento das postagens de midiativistas e leitoras em seus perfis pessoais ou em seus espaços de produção de conteúdo individual na internet. À medida do possível, foram feitas visitas presenciais aos escritórios compartilhados das midiativistas, quando essas aceitaram me receber.

De maneira prática, segui o método inicial de trabalho para o desenvolvimento da observação participante, iniciando um diário de campo, no qual foram anotadas as experiências vivenciadas ao longo do cotidiano de pesquisa e onde se destacam fichas, objetos recolhidos no mundo social e outros elementos que servem de repertório para a investigação (Mauss, 1972). A partir dessas anotações, percepções e sentimentos com relação a minha imersão no campo, pude desenhar os percursos metodológicos seguintes, como a condução das entrevistas em profundidade.

A experiência etnográfica multissítio

Comecei meu processo etnográfico acompanhando as mídias feministas na internet e seguindo os perfis das midiativistas e das leitoras, os conteúdos que elas produziam. Mas eu tinha em mente que aquilo seria um complemento, algo que serviria de suporte para a etapa em que eu fosse desenvolver a etnografia presencial. Essa diferenciação que eu fazia era, na verdade, um preconceito meu. A experiência etnográfica multissítio se mostrou transversal e complementar.

A condução dos encontros etnográficos presenciais foi mais difícil do que eu supunha. Uma vez dentro das salas de redação, eu tive a sensação de que era uma completa intrusa e de que estava lá atrapalhando a execução do trabalho alheio. Em uma das mídias, era perceptível que as pessoas em posição de chefia não queriam que eu estivesse lá. As jovens e estagiárias demonstravam entusiasmo para conversar comigo, mas a chefe as observava

com olhar de desaprovação, de modo que elas se sentiam desestimuladas a dar prosseguimento aos diálogos. Mesmo nos ambientes em que eu não era vista com desconfiança, eu ainda era uma estranha observando o trabalho dos outros por horas a fio, em um contexto em que as equipes são pequenas e as pessoas dividem ambientes de *coworking* com profissionais que não têm correlação alguma com minha pesquisa. Era como se ninguém estivesse suficientemente à vontade para desenvolver suas respectivas atividades. Nem elas, nem eu.

Enquanto a etnografia digital se desenrolou sem esses constrangimentos. Eu pude seguir as pessoas nas mídias sociais, acompanhar as publicações delas, ver os históricos de compartilhamentos e de postagens, observar o que elas seguem e curtem, o que elas comentam e as narrativas que fazem de suas próprias rotinas. Isso me permitiu conhecer mais a fundo as trajetórias de midiativistas e dos públicos. Essa dinâmica me fez perceber que é preciso saber adequar ao objeto de pesquisa as ferramentas que temos à disposição e que nos possibilitam acessar o campo, em uma dinâmica de complementariedade entre diferentes sítios por onde transitam atrizes e atores que compõem o mundo estudado.

Uso de entrevistas em profundidade

A principal técnica de coleta de dados da pesquisa foi a utilização de entrevistas semiestruturadas em profundidade realizadas ou em presencial – em especial, na França, onde as respondentes se mostravam mais à vontade para encontros nesses moldes – ou por videochamadas e chamadas de voz – solução inicialmente proposta, principalmente, em decorrência da situação de pandemia. A entrevista, em suma, configura uma conversa a dois com propósitos devidamente definidos, a partir da qual o(a) pesquisador(a) busca mapear informes por meio da fala de atrizes e atores do mundo social (Neto, 1994).

São “construções da realidade, ocasiões em que o entrevistado busca fabricar significados à sua experiência tendo em vista o seu interlocutor” (Pereira, 2008, p. 71). A entrevista é uma forma de apreender com detalhes as crenças, atitudes, valores, sentimentos, desejos e motivações que desencadeiam os comportamentos das pessoas em contextos

sociais específicos (Gil, 1987; Bauer & Gaskell, 2002; Dantas & Lima, 2018). O caráter qualitativo da entrevista permite que se conceda à entrevistada ou ao entrevistado um espaço para que ela(e) conte, da sua maneira, a própria trajetória (Pereira, 2008).

Nesta tese, busco utilizar a entrevista como um diálogo, com o intuito de salientar seu caráter exploratório e seu potencial para compreender e explicar fenômenos sociais. Proponho a desinstitucionalização do ato da entrevista concebido através das posições de entrevistador(a)-entrevistado(a) (Becker, 1997). Assumo que, durante a interação, ocorre a reordenação de experiências ao passo que se busca criar uma narrativa coerente. Assim, os relatos da(o) outra(o) carregam simulacros, artificialidades e interpretações, que não são apenas estratégias de falseamentos. Ocorre, ao longo do processo, a reconstrução de si realizada por cada uma das partes no contexto de interação.

A estruturação das entrevistas em profundidades. As entrevistas em profundidade desta pesquisa têm um formato semiestruturado, apoiando-se em roteiros de perguntas preparados com antecedência, mas que permitiram alguma liberdade para que eu transitasse por vias que não estavam, primeiramente, previstas no plano. O estudo não possui um roteiro com hipóteses previamente levantadas a partir de dados conhecidos (Dantas & Lima, 2018), já que a pesquisa é de essência indutiva e as próprias descobertas advindas da aplicação metodológica devem indicar as características e modos de estruturação do mundo social investigado. A ideia é dialogar com diferentes membros do mundo social do midiativismo feminista digital, com o propósito de englobar relatos e perspectivas de atrizes e atores que atuam nesse meio em diferentes graus, desde colaboradoras(es) centrais até figuras que assumem posições mais periféricas enquanto equipe de apoio, incluindo, também, os públicos.

Os roteiros de entrevistas foram divididos em três tipos⁹⁸: o primeiro com foco nas produtoras de conteúdo das mídias feministas (repórteres, colunistas, redatoras), o segundo

⁹⁸ Os modelos de roteiros de entrevista estão nos apêndices desta tese.

voltado para a equipe de apoio (com perguntas mais específicas sobre que tipo de trabalho elas desenvolvem e quais seus papéis e influências dentro do grupo), e o terceiro foi pensado para ser aplicado às audiências. Desde as primeiras entrevistas, procurei deixar que as entrevistadas relatassem suas próprias histórias de vida. Por isso, iniciei as conversas sempre pedindo que a interlocutora me contasse sua trajetória, pessoal e profissional, até o momento daquele contato.

Os três roteiros incluíam questões sobre o feminismo. De início, eu perguntava: “você se considera feminista (e o porquê)?” e “o que é ser feminista para você?”. Na sequência, tentava entender como e quando elas desenvolviam afinidades com a causa, como essa afinidade afeta suas vidas, se elas participaram de grupos ou coletivos de militância feminista, se já se sentiram acuadas por se identificarem com o feminismo, se já sofreram algum tipo de violência ou ameaça em decorrência dessa identificação, se convivem com outras pessoas com posicionamentos feministas e como o fato de ser feminista se reflete nos convívios familiares, com amigos(as) e no ambiente de trabalho.

Para as leitoras, fiz ainda perguntas relacionadas à percepção delas sobre a cobertura da mídia hegemônica relativa às questões de gênero⁹⁹ e busquei compreender diferenças e semelhanças que elas percebem entre as mídias feministas e as demais. Depois tentei me aprofundar em aspectos dos hábitos de consumo que elas desenvolvem frente às mídias feministas. Como o que as motiva a acompanhar as iniciativas, quando e como elas conheceram as publicações, se elas acessam conteúdos de projetos semelhantes e as formas e dispositivos utilizados para o consumo do conteúdo (se navegam pelo celular ou computador; de casa, da rua ou do trabalho; em quais dias e horários e com que frequência; se vão ao portal ou se recorrem às mídias sociais). Além disso, questionei se elas costumam interagir (por comentários, mensagens, e-mails ou outras formas) com as publicações midiativistas.

⁹⁹ São elas: “como você acha que a mídia, no geral, aborda a temática da violência contra a mulher?”; “a mídia trata do machismo estrutural na sociedade (se sim, como)?”; “como a mídia aborda a temática da descriminalização do aborto?”; “e a posição das mulheres no mercado de trabalho?”.

Para as colaboradoras das mídias, pedi que me explicassem por que escolheram trabalhar em uma iniciativa que faz jornalismo feminista, o que tem de diferente e de semelhante nesse trabalho diante de outros em que elas já atuaram, se gostam do que fazem e se a opção profissional é financeiramente viável para elas. Pedi que me relatassem como é um dia típico de trabalho, quais tarefas cada uma desenvolve e como se organiza para executá-las, com quem interagem no cotidiano, quais são as dinâmicas da equipe (em termos de metas, reuniões, contatos, fontes, horários), as relações com colegas, o perfil do público e o que gera mais satisfação ou insatisfação no trabalho para cada uma.

Estipulei que as conversas fossem faladas – e não escritas – e acompanhadas do recurso de vídeo. No caso das midiativistas, tentei conduzir os encontros em presencial – o que, por fim, só foi possível desenvolver na França, após o longo período de isolamento ocasionado pela pandemia de Covid. A opção por realizar entrevistas faladas – e, sempre que possível, presencialmente ou com vídeo –, permite que se sobressaiam sentimentos, reações, sensações e entonações durante a interação que, provavelmente, não seriam captados em um contato meramente por texto, dando ênfase aos elementos da comunicação não-verbal no decorrer do processo interativo.

Aposto em entrevistas em profundidade com viés etnográfico a fim de dar voz aos sujeitos da pesquisa e abrindo espaço para conversas longas sobre questões variadas, como consumo de mídia, relações de classe e gênero, trajetórias de vida e profissional. Me apoio na modalidade de entrevista que se centra em histórias de vida como ferramenta para entender uma realidade específica e cuja função fundamental é retratar experiências, vivências e definições dadas pelo próprio grupo às estruturas, interações e convenções que compõem o mundo social.

Os casos Brasil e França: feminismo transnacional

Nesta tese, a ideia de analisar o midiativismo de maneira transnacional a partir dos cenários Brasil e França surgiu, como frequentemente acontece no curso da vida, não de maneira premeditada desde o início da pesquisa, mas pelo simples fato de que uma

sequência de eventos, interações e negociações acabaram me conduzindo para a proposta de cotutela entre a Universidade de Brasília e a Universidade de Rennes. Os acordos e parcerias entre as instituições possibilitaram o desenvolvimento de minha investigação nos dois países e, ao me ver diante desses contextos nacionais distintos, considerei que caberia traçar um paralelo entre ambos.

Foi ao chegar na França, já com o arcabouço das experiências de campo realizadas no Brasil, que notei que é somente a partir da correta compreensão da natureza do objeto que o(a) pesquisador(a) é capaz de escolher os métodos adequados para explicar os fenômenos sociais (Castro, 2018). Frente a dois cenários tão diversos em termos políticos, sociais e econômicos, mas ainda assim com amplas convergências culturais, assumi o desafio de observar mídias engajadas digitais nos dois países e, partindo de uma leitura que perpassa o Sul e Norte global, refletir sobre o fenômeno do midiativismo feminista transnacionalmente.

A identificação de irregularidades, deslocamentos e transformações nesses contextos possibilita a construção de tipologias e a esquematização de continuidades e descontinuidades, de modo que se identifica o que há de semelhante e o que há de diferente entre os casos Brasil e França, levando a explicações que conduzem à constituição de fenômenos sociais (Schneider & Schmitt, 1998). Através da perspectiva de análise dos casos de dois países de relevo no contexto geopolítico global, procuro compreender, de maneira transnacional, o que é o mundo social do midiativismo feminista digital e, principalmente, quem são as pessoas que o constituem.

Foram as singularidades das sociedades brasileira e francesa e suas discrepâncias entre si que me instigaram a desbravar o mundo das mídias feministas em cada uma delas. Mas acabei por identificar também uma série de correspondências e semelhanças entre os processos de produção de conteúdo ativista e jornalístico entre os dois países, o que me permite traçar de maneira multissituada características e dinâmicas do mundo social como um todo. Conduzo a pesquisa sem me limitar a fazer generalizações a partir da realidade de

um único país e desenvolvendo um exercício de observação etnográfica por meio de uma perspectiva transnacional.

As diferenças políticas, sociais e históricas entre Brasil e França indicam que o desenvolvimento do movimento feminista não se deu de maneira paralela nesses países. No Brasil, no início da década de 1970, havia uma ditadura militar em curso e em seu auge na época em que, na França, as feministas conquistavam direitos importantes no que tange as políticas de gênero, como o acesso ao aborto legal e seguro para todas. Esses descompassos no cenário de militância e de avanços nas pautas de equidade se refletem ainda hoje no modo como o ativismo feminista se organiza em cada país e na forma como o mundo social das mídias feministas se constrói de Norte à Sul. Isso porque as experiências e trajetórias das pessoas que compõem tal mundo são igualmente afetadas por eventos históricos e políticos.

Temáticas de pesquisa socio-históricas, como desenvolvimento econômico, política industrial, relações raciais e étnicas, identidades nacionais, emergência de governos democráticos e autoritários e direitos de gênero e das mulheres, têm ganhado destaque (Rueschemeyer & Mahoney, 2003). De modo que fazer um paralelo entre os casos Brasil-França, como representativos dos eixos Sul e Norte globais, parece contribuir para a análise de uma perspectiva transnacional do mundo do midiativismo feminista digital, perpassado pelo contexto de engajamento a partir do uso de dispositivos sociotécnicos.

Elementos da identidade nacional e dos hábitos de uso da tecnologia ou mesmo das ferramentas de militância e ativismo tornam a observação desses dois casos mais dinâmica à medida em que o campo se desenrola e as análises começam a despontar. Fatores como a imersão digital, por exemplo, fazem com que movimentos militantes brasileiros se destaquem no ativismo nas redes, lançando novas técnicas de militantismo e de atuação engajada *on-line*, como ocorreu com iniciativas de midiativismo feminista no Brasil a partir de 2015, muito antes do *MeToo* e de seus desdobramentos na França.

As interdependências de fenômenos entre diferentes lugares estão ligadas a fatores como globalização, influências recíprocas, aumento da transversalidade de políticas públicas

e crescente papel em termos de ações públicas de atores e atrizes internacionais (Hassenteufel, 2014). É esse contexto que me leva a conduzir uma pesquisa transnacional de um fenômeno sociopolítico recente que se desenrola não só no Brasil e na França, mas ao redor do mundo inteiro.

Construção do campo de pesquisa: as mídias feministas

Nesta tese, escolhi analisar projetos de midiativismo feminista e digital. Ou seja, publicações *on-line* que produzem informação de caráter jornalístico e que se reivindicam como feministas, voltando-se para o debate de gênero. No Brasil, por meio do projeto da *Agência Pública* que traçou o mapa do jornalismo independente no país, foi possível levantar as propostas que se enquadram nesse escopo: Instituto *AzMina*, portal *Geledés*, revista *Capitolina*, portal *Lado M*, blog *Cientista Que Virou Mãe*, empresa de mídia *Frida Diria*, revista *DR*, *Mães de Peito*, coletivo *Nós, mulheres da periferia*, projeto *Maria Pauteira*, revista virtual *Geni – dá pra qualquer um/a*, site *Mulher no Cinema*, organização de inovação social *Think Olga*, portal de notícias *Catarinas*, revista *Gênero e Número*, *Blogueiras Negras* e o site *Las Abuelitas*. Notou-se que, de modo geral, esses projetos se propõem a desenvolver um ativismo digital alternativo em relação ao que é feito pela mídia hegemônica e, preponderantemente, têm um viés político e ideológico de esquerda.

Na França, procurei possíveis publicações a serem investigadas com base em leituras bibliográficas e estudos que mapeiam a militância e o jornalismo de gênero no país nas últimas décadas (Bard & Chaperon, 2017; Blandin, 2017; Hache-Bissette, 2017; Olivesi, 2017; Jouët, 2022). Identifiquei, nesse levantamento, iniciativas como: a revista impressa *Caussette*, a revista digital feminina *Madmoizelle*, a revista produzida pelo coletivo *50/50*, o jornal *on-line* *Les Nouvelles News*, a mídia feminista digital *Cheek Magazine*, a *newsletter* *Les Glorieuses*, os podcasts *Quoi de Meuf*, *La Poudre*, *Generation XX* e *Badass*, o blog *Les Martiennes*, o coletivo *Georgette Sand*, o blog *Ladies and Gentlemen* (vinculado à *France Info*) e a revista dedicada a feminismos e gênero *La Déferlante*.

Com base nos perfis, nas interações (mensuradas por métricas de engajamento como curtidas, compartilhamentos e comentários) e nas quantidades de seguidoras(es) dessas iniciativas em mídias sociais como Facebook, Instagram, Twitter e YouTube, defini quais seriam as selecionadas. Foi preciso ponderar quais publicações se propõem a produzir conteúdos informativos feministas e/ou de jornalismo feminista – ou seja, quais iniciativas se autodeclararam jornalísticas ou midiativistas – e quais são voltadas estritamente para divulgar ações e atividades de determinados grupos – como eventos, seminários, encontros e debates de organizações ou coletivos feministas – ou têm caráter essencialmente opinativo.

Ademais, em decorrência das limitações de tempo e espaço para o desenvolvimento de uma pesquisa que aborde com maior profundidade o mundo social do midiativismo feminista, considerei que não caberia analisar mais de três publicações por país – já que cada escolha implica o acompanhamento etnográfico de um grupo de atrizes envolvidas em múltiplos processos dentro de cada iniciativa. Dessa forma, selecionei projetos que se sobressaem por sua relevância de atuação na chamada Primavera Feminista¹⁰⁰ (Alves, 2017). No Brasil, são eles: organização não-governamental *Think Olga*, revista *AzMina* e portal *Lado M*. Já na França, trata-se de: coletivo *Georgette Sand*, newsletter *Les Glorieuses* e revista *Madmoizelle*.

Think Olga, a organização de inovação social para mulheres

A *Think Olga* se define como “uma ONG feminista que usa a comunicação como a principal ferramenta para sensibilizar, educar e instrumentalizar agentes de mudança na vida das mulheres” (Olga, 2020). A organização realiza projetos, campanhas, ferramentas e conteúdos sobre a pauta feminista em diferentes plataformas digitais – site, Facebook, Instagram, LinkedIn, Twitter e YouTube. Além disso, no âmbito não-digital, busca criar estratégias de sensibilização da população para o debate de gênero através de palestras, debates, parcerias, campanhas e consultorias.

¹⁰⁰ Também denominada Primavera das Mulheres.

O portal de conteúdos jornalísticos é uma vertente da organização não-governamental de mesmo nome, que, em parceria com a consultoria de inovação social Think Eva, tenta traçar soluções para contornar desigualdades de gênero. O projeto foi criado em 2013 e está centrado em São Paulo. Mantém-se com doação de pessoas jurídicas, realização de consultorias e cursos e a partir de *crowdfunding* – ou financiamento coletivo. O site é um projeto feminista desenvolvido pela jornalista Juliana de Faria para empoderar e visibilizar as mulheres em espaços em que essas não são vistas (Salvador & Soares-Correia, 2017). Em 2023, conta com cerca de 170 mil seguidoras(es) no Facebook e 95 mil seguidoras(es) no Instagram.

Santos (2019) ressalta que a ONG pode ser considerada um *think tank*, ou seja, uma instituição com foco em solucionar problemas e produzir conteúdo e conhecimento para movimentos sociais. A *Think Olga* ganhou notoriedade em meio ao público após a criação de campanhas encabeçadas por *hashtags*, como a #ChegadeFiuFiu e a #primeiroassédio. A primeira foi um movimento pioneiro contra o assédio em locais públicos no Brasil, idealizada para que mulheres pudessem denunciar essas violências. Iniciada em 24 de julho de 2013, acabou rapidamente tornando-se referência de ativismo digital e de gênero, de modo que a organização responsável pela ação também se destacou. Os conteúdos foram massivamente compartilhados nas redes sociais, resultando em um movimento de caráter nacional (Salvador & Soares-Correia, 2017)¹⁰¹.

A campanha #primeiroassédio, por sua vez, surgiu como forma de prestar apoio a uma menina de 12 anos que foi alvo de comentários de caráter sexual na internet enquanto participava de um *reality show* de culinária. A *Think Olga* lançou a *hashtag* no Twitter e

¹⁰¹ Uma pesquisa realizada pela *Think Olga*, com mais de 7,7 mil mulheres brasileiras, baseada nos dados da campanha Chega de Fiu Fiu, mostrou que 81% das colaboradoras do levantamento deixaram de lado algum hábito, como passar em determinada rua ou lugar, com medo de sofrer assédio, além de constatar que 90% das participantes já trocaram de roupa antes de sair de casa pensando onde iriam e cogitando possibilidades de assédio a depender do local. Por meio da campanha, foi elaborado um mapa que indica os locais onde acontecem os abusos, um e-book – *Meu Corpo Não é Seu* – e até uma parceria com a Defensoria Pública do Estado de São Paulo, por meio da qual a *Think Olga* criou uma cartilha sobre assédio sexual. E, em 2018, foi lançado o documentário *Chega de Fiu Fiu*, mostrando o cotidiano do assédio e como a estrutura das cidades reforça essa realidade.

convidou usuárias do microblog a contarem suas histórias de primeiro assédio. Nos cinco dias iniciais da ação, a palavra-chave foi reproduzida mais de 80 mil vezes. De acordo com a ONG, as respostas mostraram que a primeira experiência do tipo que as mulheres enfrentam é com a idade média de 9 anos¹⁰².

AzMina: uma revista para mulheres de A a Z

A revista *AzMina* é um segmento do Instituto AzMina, que tenta usar informação, tecnologia e educação no combate à violência de gênero¹⁰³. O instituto se configura como uma associação sem fins lucrativos cujo intuito é ampliar o debate de gênero e empoderar mulheres. O que levou a organização a se constituir foi a onda de protestos #NãoMereçoSerEstuprada¹⁰⁴, criada por Nana Queiroz, fundadora da iniciativa (Santos, 2019). Enquanto a revista é uma produção jornalística que surgiu em 2015 e está situada em um portal web (www.azmina.com.br) e também nas plataformas YouTube, Facebook, Twitter e Instagram (Santos & Miguel, 2019). A publicação se autodeclara independente e feminista, alegando não se alinhar com movimentos e partidos políticos (Duarte *et al.*, 2017).

A equipe responsável pelo projeto criou e alimenta uma revista digital, realiza campanhas, palestras, eventos e consultorias, além de desenvolver outras ferramentas que visam ajudar no combate ao machismo na sociedade brasileira – como o aplicativo PenhaS¹⁰⁵, destinado ao enfrentamento da violência doméstica. O público central da revista é de mulheres de 18 a 35 anos – mas também existe uma parcela de mulheres situadas na faixa etária entre 35 e 50 anos – e cerca de 15% dos leitores são homens (Duarte *et al.*, 2017). O projeto vem conquistando reconhecimento em seu âmbito de atuação. Em 2017,

¹⁰² Disponível em: <https://thinkolga.com/projetos/primeiroassedio/>.

¹⁰³ Disponível em: <https://azmina.com.br/instituto-azmina/>.

¹⁰⁴ Movimento iniciado após divulgação, em 2014, de levantamento do Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (Ipea) do Brasil que apontava que 65% dos entrevistados acreditavam que mulheres merecem ser atacadas ao usarem roupas que mostram o corpo.

¹⁰⁵ O aplicativo atua como uma rede de apoio para ajudar mulheres que enfrentam relacionamentos abusivos e como instrumento de educação e conscientização sobre direitos e violências de gênero. Disponível em: <https://azmina.com.br/projetos/penhas/>.

por exemplo, a revista foi ganhadora do Troféu Mulher Imprensa pela categoria “Melhor Projeto Jornalístico” (Schander & Bertasso, 2019).

A revista não tem redação fixa e reúne profissionais de diferentes localidades (Buitoni & Lopes, 2018), sendo frequente que as colaboradoras precisem conciliar esse trabalho com outros empregos para se sustentar (Duarte *et al.*, 2017). O projeto é composto por um grupo variado de mulheres, constituído por jornalistas, publicitárias, psicólogas, advogadas e outras profissionais – sempre mulheres –, e tem entre seus focos o jornalismo investigativo. *AzMina* mistura fazer jornalístico com ação ativista¹⁰⁶, sendo pautada em uma reconstituição da prática jornalística convencional:

A publicação não dá a menor importância para valores usuais que a imprensa tradicional afirma praticar, tais como a objetividade, neutralidade e imparcialidade diante dos acontecimentos. Muito pelo contrário, as jornalistas e colunistas de *AzMina* têm posicionamentos claros, assumem os feminismos como uma prática possível e desejável produzindo um jornalismo engajado nas causas que defendem. São jornalistas reinventando a prática profissional em meios digitais, imprimindo uma outra perspectiva para o presente e, quiçá, futuro da profissão. (Machado, Schons & Melo Dourado, 2017, p. 254)

O conteúdo proposto pela publicação procura desconstruir estereótipos sobre o movimento feminista, inclusive aqueles que partem de dentro do próprio movimento, como a temática do aborto, que costuma aparecer atrelada à morte, silêncio e dor, enquanto a revista propõe reinterpretá-la sob o prisma da liberdade, da escolha e da tranquilidade (Schander & Bertasso, 2019), em um movimento de ressignificação de sentidos.

A publicação não utiliza verba advinda de publicidade e depende de financiamento coletivo, doação de pessoas jurídicas, oficinas, eventos e palestras e do apoio de editais de

¹⁰⁶ O projeto independente estadunidense *Bitch Media*, que propõe conteúdos impressos e *on-line*, serviu de inspiração para a revista brasileira. *A Bitch Media* teve seu início em 1996, sendo distribuída em uma estação de metrô. Hoje a publicação é impressa a cada quatro meses, conta com artigos postados em seu site diariamente e possui ainda um *podcast* de periodicidade semanal (Buitoni & Lopes, 2018, p. 23). Disponível em: <http://bitchmedia.org>.

fomento de projetos jornalísticos e culturais. Também realiza outras atividades para além do jornalismo, como assessoria de empresas (Duarte *et al.*, 2017). A iniciativa está inserida na perspectiva de novas mídias e está atrelada às mudanças pelas quais o gênero revista vem passando (Duarte *et al.*, 2017). Em agosto de 2023, conta com 130 mil seguidoras(es) no Facebook e mais de 115 mil no Instagram.

Lado M: portal sobre empoderamento e protagonismo feminino

O portal *Lado M* surgiu em 2014 e classifica-se como um espaço de empoderamento e protagonismo feminino. Dentre as iniciativas brasileiras selecionadas, é a que tem menos visibilidade nas mídias sociais, com cerca de 60 mil seguidoras(es) no Facebook e pouco menos de 3 mil no Instagram em 2023. Também não recebe tanta atenção do meio acadêmico quanto os dois outros projetos do Brasil, os quais foram objeto de estudo de diversas pesquisas recentes¹⁰⁷. Esses fatores despertaram meu interesse em incluir a publicação na tese, uma vez que, pelo fato de ser um canal menos visado academicamente e em termos de público, o contato com as atrizes que compõem o mundo social acabou sendo mais acessível e até mesmo mais fluido, já que as midiativistas estavam dispostas a aproveitar a oportunidade de mostrar seu trabalho e dar visibilidade à publicação.

O portal é um projeto originário de São Paulo e despontou por iniciativa de estudantes de jornalismo da USP. Ainda hoje, a maior parte das colaboradoras são recrutadas nesse meio, onde a publicação já é conhecida e colaboradoras veteranas convidam colegas novatas a comparem a equipe. Embora durante um período a iniciativa tenha aberto espaço para publicidade no site, ela não conseguiu se manter dessa forma e acabou optando por recorrer

¹⁰⁷ A revista *AzMina*, por exemplo, foi objeto de estudos de graduação e pós-graduação, quase sempre na área de Comunicação, mas também aparecendo em algumas pesquisas de Ciências Sociais e Letras (Duarte, Sconetto & Agnez, 2017; Buitoni & Lopes, 2018; Bittelbrun, 2019; Machado, Schons & Melo Dourado, 2019; Santos, 2019; Santos & Miguel, 2019; Schander & Bertasso, 2019). Já a organização *Think Olga*, embora conte com menos estudos a seu respeito, também chama atenção no meio acadêmico (Bonfim & Nunes, 2017; Salvador & Soares-Correia, 2017; Santos, 2019). Sobre o portal *Lado M*, por outro lado, foi localizado apenas um projeto de pesquisa de especialização em Comunicação e Saúde, voltado para a análise de narrativas biográficas de mulheres com bulimia e anorexia em sites midiativistas feministas. O trabalho tratou não apenas da iniciativa *Lado M*, mas também de conteúdos publicados por *AzMina* e pela *Think Olga* (Alves, 2017).

a colaboradoras que produzem conteúdo de maneira voluntária. Encabeçou campanhas como #NãoQueroFlores¹⁰⁸ e #NãoSouObrigada¹⁰⁹ e possui conteúdos elaborados por mais de 50 voluntárias em todo o Brasil.

Os textos se dividem entre as editorias: “Feminismo”, “Mulheres reais”, “Comportamento”, “Saúde”, “Cultura” e “Cotidiano”. Entre esses espaços, distribuem-se matérias, reportagens e artigos em primeira pessoa (Alves, 2017). O projeto assume-se como uma publicação de linha editorial feminista e pretende se distanciar do jornalismo feminino clássico através da produção de conteúdos autorais e reportagens. A equipe busca criar um “ambiente de aprendizado, reflexão e debate sobre tabus e questões femininas da atualidade” (Lado M, 2019).

Georgette Sand: é preciso se chamar George para ser levada a sério?

“Precisamos nos chamar George para sermos levadas a sério?”. É com essa provocação que o coletivo Gergette Sand se apresenta, fazendo uma homenagem e referência à romancista francesa Amantine Aurore Lucile Dupin de Francueil, que usava o pseudônimo George Sand para ser reconhecida enquanto escritor(a), além de se vestir com trajes de homem, em tentativas de se emancipar sexual e economicamente (Viet, 2017). O coletivo tem um caráter misto e horizontal, com ações colaborativas realizadas majoritariamente *on-line* e que buscam recorrer ao humor como vetor de mudanças e de reflexão sobre representações das mulheres na sociedade.

As colaboradoras do coletivo denunciam desigualdades salariais, de poder e a falta de valorização de habilidades das mulheres, em particular no que diz respeito à mídia (Jouët,

¹⁰⁸ Campanha elaborada para tentar retomar o sentido original do Dia Internacional da Mulher. Por meio da criação da *hashtag* #NãoQueroFlores, o *Lado M* estimulou que mulheres denunciasses situações e comportamentos abusivos masculinos. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/campanha-naoqueroflores-pede-direitos-iguais-neste-dia-da-mulher/>.

¹⁰⁹ Também lançada na ocasião do Dia Internacional da Mulher, a campanha incentiva mulheres a não tolerarem assédios e abusos. Disponível em: <https://medium.com/lado-m/manifesto-da-campanha-n%C3%A3osouobrigada-chega-de-machismo-a361adb354ea>.

Niemeyer & Pavard, 2017). Elas têm ambições de, através de um trabalho de militância em paralelo com a produção de informação feminista, transformar o lugar da mulher no espaço público, combater visões essencialistas de gênero em termos de educação e mercado de trabalho, transgredir e subverter as normas de gênero e combater padrões reducionistas ligados a origens sociais, étnicas, religiosas, profissionais, características físicas ou orientação sexual (Latil, 2019).

Embora seja constituído como um coletivo mais informal, *Georgette Sand* construiu uma copresença em diferentes mídias digitais e, ao mesmo tempo, no site. De modo que as atrizes usam esses dispositivos sociotécnicos para inserir na página web do projeto ou em seus perfis em redes sociais o andamento ao vivo de determinados eventos (Jouët, Niemeyer & Pavard, 2017). O grupo ganhou destaque ao denunciar, a partir de setembro de 2014, o imposto da mulher ou taxa rosa, política de preços mais altos para as mulheres do que para os homens em produtos e serviços de consumo cotidiano, como cosméticos, lâminas de barbear, lavanderia ou cabeleireiro (Boulocher & Ruaud, 2017). Mulheres que, através do movimento contra a taxação de produtos de higiene feminina, assumiram posições importantes de porta-vozes e de liderança do grupo, acabaram por criar o coletivo (Domergue & Mullenheim, 2018).

O coletivo é composto por muitas colaboradoras advindas da área de comunicação, o que as permite desenvolver uma iconografia própria. Elas fazem parte de uma parcela da militância feminista que se apresenta constantemente por meio de uma marca registrada – no caso da *Georgette*, um laço verde no cabelo –, apoiando-se nesses símbolos para cruzar ações *on* e *off-line* como sinal de reconhecimento e performatividade, além de ser uma ferramenta lúdica (Jouët, Niemeyer & Pavard, 2017).

Em 2015, a iniciativa se engajou na criação de um Tumblr para compartilhar as histórias de mulheres relevantes em diferentes áreas profissionais que foram invisibilizadas¹¹⁰. A campanha faz sucesso e dá origem, dois anos depois, ao livro *Ni vues ni*

¹¹⁰ Disponível em: <https://invisibilisees.tumblr.com/>.

connues: Panthéon, histoire, mémoire, où sont les femmes? – ou, em livre tradução, *Nem vistas nem conhecidas: panteão, história, memória, onde estão as mulheres?* –, com observações sobre a efêmera notoriedade das mulheres na história (Ripa, 2018; Bard, 2018). Somado a isso, o grupo desenvolve ações de conscientização de gênero em escolas e instituições e milita para combater o sexismo no âmbito legislativo, fazendo *lobby* pela implementação de leis mais equânimes em termos de gênero. As colaboradoras dependem de doações para manter o projeto. Em agosto de 2023, elas contam com cerca de 20 mil seguidoras(es) no Facebook e 8 mil no Instagram.

Les Glorieuses: a newsletter feminista e cultural

A *newsletter Les Glorieuses* é um boletim feminista que foi lançado na França em 2015 e que partilha semanalmente informações feministas por e-mail e também no site da iniciativa. Esses conteúdos abordam temáticas relacionadas à política, maternidade, cultura, sexo, entre outras. O projeto também conta com outras editoriais, apresentadas em formato de *newsletter*: *Les Petites Glo*, voltada para adolescentes; “Economia”, sobre gênero e mundo do trabalho; e *Impact*, que gira em torno de políticas públicas relacionadas às mulheres em âmbito nacional e internacional.

A publicação é frequentemente mencionada em pesquisas e levantamentos que apontam atores da produção midiática feminista na França contemporânea (Falcoz, 2017; Hache-Bissette, 2017; Olivesi, 2017; Makowiak, 2021; Sénac, 2021). A *newsletter* se reivindica uma mídia independente, ainda que se apoie no patrocínio de empresas específicas que, de acordo com as colaboradoras (em entrevista à autora entre junho e novembro de 2022), estão alinhadas com os princípios e ideais do grupo e não interferem diretamente na produção de conteúdo. Em agosto de 2023, a publicação conta com 52 mil seguidoras(es) no Facebook e mais de 90 mil no Instagram.

Madmoizelle: sociedade se escreve no feminino

Madmoizelle é uma revista digital francesa assumidamente feminista que começou a ser produzida em 2005. Ela se apresenta como uma publicação “comprometida, inclusiva e atrevida”, que informa leitoras e leitores sobre sociedade, cultura e pessoas (Madmoizelle, 2020). Em 2020, foi integrada ao grupo Humanoid, sociedade midiática francesa que atua como editora de imprensa *on-line*. Essa, por sua vez, é vinculada ao EBRA, grupo de imprensa cotidiana regional francesa, propriedade do banco Crédit mutuel Alliance fédérale. O Humanoid, contudo, assim como a *Madmoizelle*, diz ser um projeto independente e, à semelhança do que relatam as integrantes de *Les Glorieuses*, entrevistadas para esta pesquisa que atuam na *Madmoizelle* alegam que os patrocinadores da revista são selecionados seguindo critérios de alinhamento com a pauta feminista e com os princípios defendidos pela publicação.

A mídia se intitula uma revista feminina, trazendo um tom mais leve de escrita, embora trate também de temáticas sociopolíticas. Além de empregar estratégias de humor e ferramentas como memes e *gifs* para se aproximar de seu público pelo site e mídias sociais, o projeto tenta se afastar da reprodução de estereótipos em torno dos corpos das mulheres, refletindo sobre branquitude, heterossexualidade, magreza e a validade de normas restritivas e oferecendo ferramentas de ação feministas e inclusivas aos públicos (Madmoizelle, 2020).

O projeto foi criado por um homem: o produtor de conteúdos Fabrice Florent (Luzi & Luzi, 2014). Hoje a chefia foi alterada e Florent não compõe mais a equipe. O tom despojado, inspirado em formatos de interação via mídias sociais, faz a mídia tratar de questões políticas e sociais com um foco em um público jovem, ainda que se proponha a ser uma publicação que reflete todas as gerações de mulheres (Madmoizelle, 2020). O site inspira adolescentes e jovens ao abordar, sem tabu, diversas temáticas, como copo menstrual, homossexualidade, amor a três e amor livre (Lamy, 2019). Além disso, apropria-se de ícones da cultura pop e da cultura da internet para atingir seus públicos.

A equipe faz referências e entrevista personalidades da atualidade que se identificam como feministas ou que se posicionam como representantes das mulheres em geral, como a

gamer Mar Lard, a blogueira Anne-Charlotte Husson¹¹¹, a escritora feminista indiana Sarojini Sahoo¹¹², a ilustradora Timtimsia ou a cantora Beyoncé, símbolo recorrente do feminismo pop que é seguidamente citado no portal (Olivesi, 2017). Em 2023, a revista possui cerca de 300 mil seguidoras(es) no Facebook e 202 mil no Instagram.

Mídia, ativismo digital e militância feminista?!

A fim de refletir sobre as denominações e os limites ou (não) fronteiras que se aplicam à atividade jornalística, busco analisar a classificação do meu objeto de pesquisa no campo da mídia. Mesmo as publicações que cogitei estudar ou que efetivamente escolhi para o campo de pesquisa não necessariamente se classificam como jornalísticas (é o caso de *Georgette Sand*, um coletivo, e *Think Olga*, uma ONG) ou militantes (como *AzMina*, *Les Glorieuses* e *Madmoizelle*), mas todas elas se reconhecem como produtoras de informação feminista e de gênero, com base em preceitos de escrita jornalística, além de se apoiarem em técnicas de ativismo digital para divulgação do conteúdo.

Além de ser um conceito ainda novo, o midiativismo feminista digital transita entre diferentes mundos sociais e se constrói a partir de uma configuração fluida. Em parte, isso se dá em decorrência da própria dinâmica da internet, que demanda adaptações constantes a diferentes formatos e ferramentas tecnológicas. Mas esse movimento também se apresenta como uma adaptação da prática midiativista aos novos espaços que o movimento feminista assume na sociedade – e no cenário do capitalismo.

Ao passo que, no âmbito do jornalismo, as convenções da profissão também vêm sendo repensadas, em uma desconstrução de mitos que giram em torno de objetividade, isenção e neutralidade. O midiativismo, que se apoia na produção técnica de informação, com a devida apuração, vai além da militância, organizando-se como um jornalismo que se compromete com determinadas causas e compromissos sociais (Ferron, 2010). Foi ao

¹¹¹ Suas publicações e obras estão disponíveis em: <http://achusson.com/>.

¹¹² Escreveu o livro *The Dark Abode* (2008) e coleção de ensaios *Sensible Sensuality* (2010).

desenvolver a etnografia e identificar tais características nas iniciativas que fazem parte do recorte desta tese que percebi que o midiativismo feminista pode ser composto por projetos com diferentes estatutos (organizações não-governamentais, coletivos, revistas femininas, revistas feministas, sites de artigos de opinião), mas que compartilham o intuito central de produzir informação feminista de qualidade.

A imersão no campo de pesquisa

A etnografia desta pesquisa teve início em 2019. Nesse período, comecei a realizar o acompanhamento das publicações e perfis de midiativistas, militantes feministas e jornalistas que cobrem os debates de gênero, com foco no Brasil. Assim que a cotutela se tornou uma possibilidade, passei a seguir também a rotina digital desses projetos no contexto francês. Com o suporte de um diário de campo, mapeei conteúdos, debates e discursos disseminados em publicações e mídias sociais que produzem informação voltada para o feminismo.

Para escolher as midiativistas entrevistadas, consultei, nos sites de cada iniciativa selecionada para o *corpus*, a aba “quem somos” ou equivalente. Essas seções costumam elencar os membros de cada equipe, juntamente com uma minibiografia. Quando os nomes não estavam listados claramente nos sites, recorri ao LinkedIn das publicações para localizar as participantes. Alguns nomes também foram localizados pelas mídias sociais ou nos sites dos projetos¹¹³. Contatei a maioria das colaboradoras por e-mail – a mensagem padrão dos contatos pode ser encontrada nos apêndices desta tese – e, nos casos em que não obtinha respostas¹¹⁴, procurei levantar os números telefônicos dessas mulheres pelo Google. A fluidez da primeira abordagem costumava ditar se a entrevista seria concretizada ou não.

¹¹³ No caso do coletivo *Georgette Sand*, por exemplo, encontrei diversas pessoas da equipe por meio de citações no fim de artigos disponíveis no site. Eram notas complementares que ofereciam o nome e e-mail ou celular de alguém responsável por dar mais informações sobre o assunto debatido no texto.

¹¹⁴ Por e-mail, com algumas pessoas que não me davam um retorno na primeira semana após o meu convite inicial, tentei ser insistente e enviar três ou quatro mensagens suplementares. Isso funcionou em raras situações (como foi o caso de uma colaboradora de *Madmoizelle*).

Com as leitoras, utilizei a estratégia de identificar perfis nas redes sociais (Facebook e Instagram) que interagem por meio de comentários com as iniciativas estudadas. A partir disso, acessei cada um desses perfis, analisei os conteúdos publicados e curti publicações que tinham alguma conexão com pautas feministas (em textos ou imagens), a fim de tentar criar vínculos e afinidades com as potenciais entrevistadas. Esse processo só pode ser feito em perfis abertos ou com alguns conteúdos abertos e, portanto, foram esses que selecionei para contatar.

Na sequência, eu adicionava ou pedia para seguir essas pessoas nas redes sociais e enviava uma mensagem explicando a pesquisa e convidando a leitora ou o leitor para uma entrevista – essa mensagem padrão de contato também está nos apêndices da tese¹¹⁵. Mantive os meus próprios perfis nas redes sociais abertos ao público, a fim de possibilitar que essas mulheres e (alguns poucos) homens pudessem saber mais sobre mim, ver quem sou e com o que me identifico. Deixei que as possíveis entrevistadas me conhecessem para que, assim, elas se sentissem mais à vontade para também se apresentarem.

As entrevistas no Brasil começaram a ser conduzidas a partir de outubro de 2020 (quando foram feitas três entrevistas piloto) e se concentraram entre junho e novembro de 2021 (momento em que foram realizadas as outras 30 entrevistas brasileiras)¹¹⁶. Enquanto na França, a técnica foi aplicada entre junho e novembro de 2022 (totalizando 30 entrevistas em profundidade). Quanto à quantidade de entrevistas, procurei conversar com cinco colaboradoras ou colaboradores de cada publicação (o que inclui pessoal de apoio, além de repórteres, colunistas, diagramadoras(os), entre outras) e cinco leitoras ou leitores. Nesse

¹¹⁵ Tive o cuidado de chamar cada uma pelo nome, para mostrar que não estava encaminhando um convite genérico, e de me apresentar, enviando meu contato e currículo.

¹¹⁶ Com a intenção de dar continuidade à pesquisa no Brasil, antes de iniciar a etapa de entrevistas, acionei o Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília solicitando a revisão ética do projeto de tese. Os instrumentos de coleta de dados do estudo, ou seja, os roteiros de entrevistas a serem usados para as conversas com as colaboradoras do mundo social, foram enviados para o comitê. Para efetuar a análise, contudo, a entidade solicitou que eu anexasse documentos de aceite por escrito e devidamente assinados de cada futura entrevistada para a tese. Visto que a proposta era construir a investigação de forma dinâmica, ao decorrer de anos, e já à época eu previa que as entrevistadas surgiriam conforme o objeto fosse sendo moldado, não foi viável atender à demanda do CEP/CHS, pois isso atrasaria a pesquisa como um todo.

processo, descobri que as equipes ou não contam com homens ou eles estão presentes em pequeno número. Da mesma forma, os leitores são esparsos e, os que localizei e contatei, não me deram retorno, com exceção de um leitor do site *Lado M*, que é o único representante masculino do público na tese.

Ainda em 2020, ao contatar a equipe d'*AzMina* para entrevistas piloto, acabei por me deparar com barreiras para me aproximar de membros do mundo social do midiativismo feminista no Brasil. Em especial, as colaboradoras com perfil de *insiders*, ou seja, editoras e diretoras dos grupos, mostravam resistência para me dar um retorno ou para aceitar participar da investigação. Isso se repetiu, consecutivamente, com a mesma publicação e também com a organização *Think Olga*. Essas iniciativas se recusaram a me receber para o desenvolvimento de etnografias presenciais, apesar da minha insistência – uma vez que, na França, pude fazer o exercício etnográfico nas mídias que possuem escritórios e espaços fixos.

As recusas corroboraram com minha percepção de que há uma relação de distanciamento significativa entre as mídias feministas brasileiras e a academia, em especial quando se faz um paralelo com a conjuntura francesa. No Brasil – com exceção da equipe do *Lado M*, cujas colaboradoras são todas voluntárias e a criadora revelou-se bastante motivada a contribuir –, lideranças dos projetos feministas me receberam com desconfiança e certa indisposição – ou, por vezes, sequer deram retorno. Enquanto na França, as criadoras ou chefias das publicações se dispuseram com maior prontidão a participar da investigação¹¹⁷, reação que sugere um olhar diferente da sociedade e da mídia alternativa francesa frente ao meio acadêmico.

Adversidades como essas acabaram por gerar algumas contribuições assíncronas do ponto de vista do material empírico produzido. Há duas colaborações, que chamarei de

¹¹⁷ Nos contatos para a condução da etnografia francesa, enfrentei dificuldades para a realização de entrevistas somente quando cogitei expandir o campo e incluir outras mídias, como a revista *La Déferlante*, cujo foco é tratar com profundidade jornalística das recentes e atuais militâncias feministas. Contatei cinco membros da equipe e obtive somente uma resposta, da coordenadora editorial, que buscou também me colocar em contato com outra colaboradora – que não me respondeu. Tentamos marcar uma entrevista, mas, eventualmente, a coordenadora parou de me dar retornos.

entrevistas de apoio, cujas respostas foram enviadas por áudios via WhatsApp. A primeira delas consiste na participação de Carolina Oms, diretora executiva *d’AzMina*, que preferiu não conceder uma entrevista em profundidade, mas aceitou enviar respostas a seis perguntas pontuais sobre o funcionamento da revista. A outra foi a contribuição de uma voluntária do *Lado M* que, na época, estava envolvida com a apuração de outras pautas jornalísticas em seu trabalho de caráter remunerado mas que, mesmo assim, não queria deixar de cooperar, então, ela pediu para responder as perguntas via áudio. Aloquei essas interações como elementos adicionais e complementares à investigação.

De maneira geral, as entrevistas foram realizadas à distância, por ligações convencionais, chamadas de áudio por WhatsApp ou por videochamadas via Zoom ou Instagram, a depender da preferência de cada entrevistada(o). As entrevistas presenciais foram feitas somente com midiativistas francesas – visto que o período de entrevistas no Brasil se deu durante a pandemia – e apenas com aquelas que aceitaram ou preferiram me encontrar face a face (no total, foram cinco). Destaco ainda que as leitoras tendem a ser muito mais acessíveis, embora eu tenha optado por não as entrevistar ao vivo – nos encontramos sempre por chamadas de áudio ou vídeo –, pelo fato delas morarem em variadas cidades, espalhadas pelos dois países, o que tornaria o deslocamento excessivamente oneroso.

Definido o campo de pesquisa, finalmente, friso que os estudos sobre feminismo digital geralmente analisam discursos e não costumam focar na contribuição de membros ativos dessas comunidades (Jouët, 2018). A proposta deste trabalho é inverter tal lógica, ao tratar o objeto por uma concepção qualitativa e interacionista. Pretende-se formular contribuições acadêmicas do ponto de vista teórico e metodológico ao ir até as atrizes que compõem o mundo social do midiativismo feminista digital e escutar suas experiências, motivações, frustrações. A essência da tese é conversar com as pessoas que constituem esse grupo, ouvi-las, acompanhá-las, observá-las e tentar compreendê-las, pois, só assim, acredito que poderei entender também o meio que as cerca.

Registro, edição e tratamento das entrevistas

As entrevistas foram gravadas pelo aplicativo de registro de áudios disponível no meu celular. Ao início de cada conversa, pedi a autorização da(o) entrevistada(o) para registrar os nossos contatos e, posteriormente, esses materiais foram transcritos¹¹⁸. Como resultado dessa etapa da pesquisa, foram registradas 58 horas e 20 minutos de entrevistas no total, sendo 32h29min no Brasil e 25h51min na França¹¹⁹.

Vale enfatizar que foram realizadas 19 entrevistas com midiativistas no Brasil, sendo duas entrevistas de apoio (áudios que totalizaram 26min06s e 12min42s), e 14 entrevistas com leitoras e um leitor desse país, totalizando 33 entrevistas em profundidade no campo brasileiro. Na França, por sua vez, foram realizadas 14 entrevistas com colaboradoras(es) e 16 com leitoras, em um total de 30. Nesse país, as conversas foram conduzidas em francês, com exceção de duas em que as midiativistas tinham línguas maternas diferentes e pediram para responder as perguntas, respectivamente, em inglês (idioma em que se deu o contato) e espanhol (contato que ocorreu com as perguntas sendo colocadas em francês e as respostas sendo dadas em espanhol).

As informações sobre quantidades de midiativistas e de leitoras entrevistadas em cada mídia, idioma da conversa e duração total dos contatos em cada país estão sintetizadas nas tabelas 1 e 2:

¹¹⁸ As entrevistas do Brasil foram transcritas por uma pessoa contratada para realizar essa atividade – com verba do edital de apoio à execução de projetos de pesquisas científicas, tecnológicas e de inovação de discentes de pós-graduação da Universidade de Brasília. Enquanto as entrevistas francesas foram transcritas pelo *software* Sonix – ferramenta disponibilizada para os(as) doutorandos(as) pelo laboratório Arènes.

¹¹⁹ As conversas em português, frequentemente, se estendiam por mais tempo, acredito que por uma questão de desenvoltura minha com relação ao idioma. Mesmo assim, a entrevista mais longa dentre todas foi com uma das colaboradoras da França (1h33min25s), contato que se passou em presencial. A entrevista sincrônica mais longa do Brasil foi com uma leitora e durou um tempo parecido (1h29min17s), tendo se desenrolado à distância, por telefone. As conversas sincrônicas mais curtas foram com uma midiativista francesa (21min21s), e com uma leitora brasileira (24min40s). Ambas fazem parte dos blocos iniciais de entrevistas que conduzi em cada país, período em que ainda estava me ajustando e aprendendo quais eram as melhores abordagens para me aproximar e fazer as entrevistadas falarem.

Tabela 1

Quantidade de pessoas entrevistadas, idioma e duração de entrevistas no Brasil

Entrevistas no Brasil			
Mídia	Quantidade de midiativistas ¹²⁰	Quantidade de leitoras	Total de entrevistadas
<i>AzMina</i>	10	5	15
<i>Lado M</i>	6	4 (sendo 1 leitor)	10
<i>Think Olga</i>	4	5	9
Outras informações			
Idiomas das entrevistas	Português		
Duração total de entrevistas:	32h39min		

Tabela 2

Quantidade de pessoas entrevistadas, idioma e duração de entrevistas na França

Entrevistas na França			
Mídia	Quantidade de midiativistas	Quantidade de leitoras	Total de entrevistadas
<i>Georgette Sand</i>	5	5	10
<i>Les Glorieuses</i>	4	5	9
<i>Madmoizelle</i>	5 (sendo 2 rapazes)	6	11
Outras informações			
Idiomas das entrevistas	Francês, com exceção de dois contatos que ocorreram em inglês e em espanhol/francês.		
Duração total de entrevistas:	25h51min		

Optei pela não anonimização de nomes e sobrenomes de midiativistas entrevistadas(os), uma vez que essas pessoas se engajam publicamente em atividades jornalísticas e/ou militantes e elas aceitaram participar da pesquisa enquanto representantes das publicações para as quais colaboram, concordando com a adivulgação dos conteúdos

¹²⁰ Uma das midiativistas entrevistadas atuava tanto na *Think Olga* quanto no *Lado M*, por isso sua contribuição foi contabilizada duas vezes.

das nossas conversas e dos materiais levantados via etnografia ao longo das experiências de campo nas salas de redação. Com relação aos públicos, contudo, uma parte das(os) entrevistadas(os) indicou que prefere que apenas seus nomes – mas não os sobrenomes – sejam divulgados. Assim, decidi empregar apenas os nomes de leitoras(es)¹²¹.

Para o grupo como um todo, em casos em que julgo importante preservar informações pessoais e evitar a identificação de personagens atreladas a relatos que podem conter histórias íntimas ou descrições de episódios com potencial para, de alguma forma, comprometer a integridade física e/ou emocional das(os) entrevistadas(os), abordo os depoimentos sem citar nomes¹²². Os temas tratados nessas situações dizem respeito a histórias de violência sexual e de gênero ou até mesmo do Estado (relacionadas às estruturas de saúde para mulheres que optam por fazer abortos induzidos tanto na França quanto no Brasil – onde a prática, em geral, é proibida) e quadros de problemas psíquicos e psicológicos.

Essa medida é adotada como estratégia para resguardar as midiativistas feministas e as leitoras, que, em sua maioria, descrevem serem vítimas de ataques e assédios em suas rotinas de trabalho e militância. Não sendo, de nenhum modo, o intuito desta pesquisa agravar violências de gênero – ao contrário, a tese pretende contribuir para combatê-las –, considero que a menção das histórias não-nominais não prejudica a essência dos relatos. Uma vez que as trajetórias e narrativas dessas mulheres são representativas da prática do jornalismo feminista e engajado em âmbito transnacional, em uma dinâmica que permite ao individual transbordar para o coletivo.

Entendo que a entrevista enquanto situação de interação é pautada na negociação identitária entre entrevistador(a) e entrevistado(a) (Järvinen, 2003). Com o intuito de estimular

¹²¹ Apenas uma pessoa da audiência não está identificada dessa forma e é chamada por um nome fictício. Isso porque ela disse que me daria uma resposta após o fim da entrevista sobre se preferia que seu nome fosse ou não inserido na pesquisa e, depois de duas tentativas de contato para confirmar a escolha da leitora, não obtive respostas.

¹²² Eu mesma também compartilhei histórias íntimas e bastante pessoais com as entrevistadas, uma vez que queria que as entrevistas em profundidade tivessem o tom de conversas e que fossem espaços de trocas e partilhas.

que as atrizes e atores que aderiram a esta pesquisa tivessem mais espaço para organizar subjetivamente suas trajetórias (Pereira, 2008), tentei conduzir as entrevistas em tom de conversas, com um caráter mais informal, procurando desvincular interlocutoras(es) de papéis institucionalizados de entrevistador(a)-entrevistado(a)¹²³.

As conversas, uma vez gravadas de modo consentido, contam com trechos reproduzidos ou mencionados no transcorrer das análises. As transcrições das entrevistas realizadas no Brasil estão nos apêndices, ao final deste trabalho, seguindo a tradição de reprodução da íntegra do material das universidades do país. Enquanto a totalidade das entrevistas conduzidas na França não constam na tese porque a prática predominante no país é manter o sigilo e a proteção do anonimato de entrevistados(as) na área das ciências sociais e porque a chefia de uma das publicações estudadas solicitou, explicitamente, que, uma vez que muitas pessoas da mesma mídia estavam contribuindo com a investigação e os resultados constarão de maneira pública nos repositórios das bibliotecas das universidades de Rennes e de Brasília, as conversas não fossem anexadas em sua integralidade na tese.

As entrevistas abordam, fundamentalmente, as trajetórias profissionais e pessoais das midiativistas feministas e das leitoras. A partir disso, adentro também nas experiências do grupo com relação a carreiras, jornalismo e militância política. São debatidas as interações com os demais membros do mundo social e a forma como as práticas de produção ou de consumo de jornalismo engajado e feminista se organizam.

¹²³ Esse procedimento, por vezes, não foi possível de ser conduzido. Por exemplo, a conversa com Mathilde Larrère (enquanto colaboradora do coletivo *Georgette Sand*), uma historiadora de renome francesa que disponibiliza seus textos para o uso de publicações e iniciativas feministas, foi breve e com pouca margem para perguntas mais íntimas, relacionadas à história de vida da entrevistada. Isso porque ela já estava adaptada a conceder aspas para a mídia e a dar contribuições pontuais para pesquisas acadêmicas de gênero e projetos feministas. Assim, ela orientou as próprias falas de acordo com experiências profissionais prévias que teve e restringindo-se a dar opiniões estritamente profissionais – não entrando na esfera o pessoal –, com respostas já estruturadas antecipadamente e sem se aprofundar em narrativas de situações por ela vividas e nas emoções que despontaram a partir dessas experiências.

Procedimentos de codificação e interpretação dos dados

Como os dados obtidos ao longo da condução desta tese são heterogêneos e de complexa tabulação, tento agrupar as interações em categorias, conforme papéis hegemônicos adotados pelas(os) respondentes, e, a partir disso, analiso as narrativas advindas das entrevistas e as apreensões obtidas da experiência de campo por meio de uma ordenação pautada em lógicas afetivas e performances emocionais.

Destaco que todas as pessoas que aceitaram participar da tese me trataram com bastante respeito e educação. Ainda assim, vale elencar mecanismos de poder verificados nas interações. Foi possível, com base na dinâmica dessas relações, traçar características gerais das interações e separá-las em três categorias distintas de papéis que as(os) entrevistadas(os) midiativistas assumiram ao longo de seus contatos comigo (pré, durante e pós-entrevistas): o papel de sororidade acadêmica, o papel de fonte jornalística, e o papel de debatedora-interessada.

O primeiro papel engloba midiativistas que estão cursando ou já cursaram pós-graduação ou iniciação científica¹²⁴ e se solidarizaram com meu apelo para sua participação em uma pesquisa de doutorado. Chamadas aqui de co-pesquisadoras, elas são pessoas que conhecem os funcionamentos do processo científico, que sabem o que é e como é feita uma entrevista em profundidade e uma observação de caráter etnográfico e que tentam contribuir com a tese orientando suas respostas com base em bagagens que elas mesmas possuem de experiências universitárias. Elas pareciam se sentir em um patamar de igualdade profissional com relação a mim, por também serem pesquisadoras, tinham mais tempo para me conceder e demonstraram curiosidade sobre o meu trabalho, querendo promover caminhos de trocas profissionais e acadêmicas.

O segundo papel, que chamei aqui de fonte jornalística, diz respeito às entrevistadas que possuíam pouco tempo disponível para conversar comigo e/ou que não entenderam o

¹²⁴ Modalidade de pesquisa acadêmica desenvolvida por estudantes de cursos de graduação nas universidades brasileiras. Consiste na participação em um programa que permite elaborar ou compor um projeto de pesquisa com a orientação de um(a) pesquisador(a) vinculado à universidade.

tema e os propósitos da minha pesquisa – ainda que esses elementos lhes tenham sido apresentados repetidamente. Acreditando que a nossa interação tinha um formato mais jornalístico do que acadêmico, elas me deram respostas o mais objetivas possíveis, como se estivessem concedendo entrevista a um jornal enquanto especialistas na temática do feminismo.

Enquanto o último papel, o de debatedora-interessada, abarca indivíduos que não advêm do meio universitário, mas, assim mesmo, atribuem relevância à investigação, valorizando o estatuto de pesquisador(a). São pessoas com carreiras construídas em espaços da iniciativa privada, que se sentem em uma posição profissional tão ou menos relevante que a minha e estão dispostas a compartilhar detalhes de sua vida pessoal. Elas interagem de forma a gerar reflexões e dividindo inquietações e vivências. Tanto esse grupo quanto as acadêmicas-sororas dão indícios de que também se sentem curiosas para entender quem sou eu e para descobrir mais sobre minha carreira e vida pessoal. Elas procuram compreender os rumos da pesquisa e, além de contarem histórias sobre si, querem saber sobre as minhas escolhas dentro do jornalismo, da academia e da militância.

Em termos de codificação de dados, me apoiei nessa categorização entre as midiativistas para identificar padrões, tendências e conexões entre as informações levantadas por meio das entrevistas em profundidade. Na sequência, sistematizei as entrevistas tanto com as(os) colaboradoras(es) quanto com as(os) leitoras(es) das publicações estudadas com base em observações gerais, que atravessam de maneira transversal as conversas com cada um desses grupos, e organizei as informações por meio de elementos condutores de caráter demográfico, de formação e de carreira, militante e de engajamento midiativista feminista.

Os elementos de análise foram divididos entre subgrupos de dados: faixas etárias e perfil sociodemográfico; formações e profissões; concepções de feminismos; históricos de ascendências e descendências; formas de violências e estratégias de resistência; trajetórias de militância e ativismo digital. No caso das(os) midiativistas, foram ainda separados os trechos das entrevistas que dizem respeito às rotinas de trabalho e a formas de negociação das interações no mundo social. Enquanto, com as(es) leitoras(es), foram retraçados hábitos

de consumo de informação midiativista feminista. A interpretação do material se estrutura utilizando como alicerce os objetivos de pesquisa e os conceitos teórico-metodológicos mobilizados nesta tese.

O contato com entrevistadas(os): a construção de si entre o *on-line* e o *off-line*.

Durante a pesquisa de campo e o trabalho de escrita, é relevante refletir sobre a fabricação dos dados e as produções narrativas (Petry, 2016) construídas tanto por entrevistadas(os) quanto por quem transmite os resultados encontrados na pesquisa. No interior do mundo social do midiativismo feminista – assim como ocorre em outros mundos atravessados pelos dispositivos sociotécnicos –, existe uma diferenciação entre as identidades *on-line* e *off-line* dos sujeitos, constituindo-se uma espécie de barreira que divide ambas, como dois conjuntos de traços pessoais que não estariam necessariamente conectados um ao outro (Polivanov & Santos, 2016).

Os indivíduos fazem usos concomitantes, multiconectados e multifuncionais de dispositivos sociotécnicos, de modo que os perfis em mídias sociais e plataformas digitais e as formas de apresentação de si de atrizes e atores tornam-se determinantes para se compreender as interações no interior do mundo social, em especial quando se trata da atenção dedicada pelos usuários a essas ferramentas. À semelhança do que ocorre com a mídia, as redes sociais permitem uma visibilidade que favorece a apresentação íntima de si desvinculada de restrições associadas à copresença no mesmo espaço físico (Thompson, 2005; Granjon & Denouel, 2010).

Portanto, no espaço do midiativismo feminista, o ambiente digital é usado como ferramenta para dar visibilidade às ações dos membros desse mundo, mas não só. As próprias atrizes e atores também constroem narrativas sobre si e as apresentam/gerem no âmbito da internet, vinculando-se à produção de informação com foco em gênero e feminismos e, a partir disso, buscando reconhecimento em termos pessoais e profissionais. Ao mesmo tempo em que praticam militância política e ativismo digital, esses indivíduos promovem ações de autopromoção. Exemplo disso é o caso da historiadora francesa

Mathilde, que cede textos e pesquisas autorais para coletivos feministas que queiram reproduzi-los (como a *Georgette Sand*)¹²⁵.

As transições da intimidade do privado para o público levam à reafirmação da concepção de que as redes teriam um caráter de ferramentas inventadas e inventivas (Segata, 2013). As novas tecnologias passam a dialogar com espaços familiares, profissionais, sociopolíticos, atingindo também o jornalismo e a militância política. De forma que, assiste-se, na última década, uma transformação no entendimento de que as atividades digitais teriam menos implicâncias concretas no contexto social – em decorrência do anonimato ou da possibilidade de dissimulação identitária (Granjon & Denouel, 2010), para o reconhecimento da relevância de entrecruzamentos entre *on-line* e *off-line* pautadas em construções diversas, complexas e fluidas que as pessoas tecem entre esses espaços (Miller & Slater, 2004). São essas engrenagens contemporâneas e as trajetórias das atrizes interseccionando jornalismo e militância que permitem a formação e manutenção do mundo social do midiativismo feminista digital.

Uma pesquisa engajada e para além do meio acadêmico

A percepção de que a academia não pode nem deve ficar restrita a si mesma se consolidou em mim depois dos acontecimentos que mudaram os rumos políticos e históricos do Brasil na última década. Ao realizar o trabalho de campo durante o mestrado, deparei-me com clareza com um movimento crescente de extrema-direita no país, traduzido em um ativismo digital reacionário e sexista, que contava também com pontos de resistência, em especial entre os jovens (Ausani, 2017). Na sequência, os anos mostraram que o distanciamento entre a sociedade de maneira geral e o ambiente acadêmico e universitário

¹²⁵ Em julho de 2023, ela conta com 126 mil seguidoras(es) no Twitter e alega que realiza esse trabalho de divulgação de textos e teorias feministas porque acredita que se empenhar nessa difusão é lutar contra a invisibilização de mulheres: "Estou firmemente convencida de que quanto mais disseminarmos as ideias feministas, mais lutamos contra a invisibilização das mulheres. De qualquer forma, as mulheres nunca conseguiram nada sem ser lutando" (entrevista, 2 de agosto de 2022)¹²⁵. Em paralelo, ela recebe notoriedade social e, quanto mais faz parcerias e permite que seus conteúdos sejam difundidos pelo movimento feminista, mais ela se torna conhecida e vira uma referência quando se aborda o tema.

criou relações de animosidade entre esses grupos e afastou da ciência uma parcela da população que não está diretamente ligada a esse meio, conjuntura que, ao longo da crise da pandemia de Covid-19, agravou-se ainda mais.

Desde que comecei a escrever esta tese, tentei arquitetar maneiras de não reduzi-la a espaços ou de pesquisa (a universidade) ou de militância (as mídias feministas). Enquanto jornalista, escritora e acadêmica, tenho aspirações de que esta pesquisa se torne útil e proveitosa para outras mulheres e homens interessados na temática do midiativismo feminista, de estudos de gênero e feminismos ou de mundos sociais. Para tanto, é necessário traçar métodos que possibilitem que a investigação vá além do universo acadêmico. Como parte desses esforços de popularização científica, tenho participado de projetos de elaboração de conteúdo sobre direitos para as mulheres e feminismos para a imprensa hegemônica e engajada, para coletivos feministas e para outras instituições que se interessam pelo tema.

Na Anatel, agência e instituição pública onde trabalho no Brasil, criei, em 2021, o Fórum de Diversidade, Equidade e Inclusão. Defendo que institucionalizar uma iniciativa como essa é um mecanismo para promover o acultramento da inclusão. O fórum é um espaço de diversidade e também de acolhimento e de bem-estar dentro do ambiente de trabalho. É uma ferramenta para ampliar a pluralidade de visões nas equipes, aumentar repertórios e buscar trazer inovação para as atividades do grupo.

Não fosse a tese, a etnografia sobre o mundo do midiativismo feminista digital e a oportunidade que tive de acompanhar de perto atrizes e atores que se engajam para mudar realidades que elas(es) não consideram igualitárias, eu não teria tido a ideia de construir esse fórum temático e muito menos teria tido o arcabouço teórico para defendê-lo. Difundir o que estudei e pesquisei em espaços profissionais e pessoais foi o modo que encontrei de traduzir as reflexões contidas na pesquisa para outros mundos e para outras pessoas que talvez também precisem apenas de alguma inspiração para se investir no que elas acreditam.

Capítulo quatro

Trajetórias e histórias de vida de midiativistas feministas

Este capítulo resgata as trajetórias de colaboradoras(es) do mundo social do midiativismo feminista, de modo a traçar uma linha condutora que permita situar, do ponto de vista social e biográfico, as práticas de atrizes e atores envolvidos na criação e manutenção das publicações. Por meio das histórias de vida de pessoas que compõem projetos de jornalismo engajado, analiso como o grupo se mobiliza em torno de ações de militância e ativismo digital de maneira a conciliar interesses político-ideológicos com suas carreiras. A partir da compreensão da inserção do grupo em espaços de engajamento feminista, tento entender como as(os) entrevistadas(os) se aproximam do midiativismo feminista e posicionam suas experiências nesse mundo diante de uma série de processos de cooperação e de negociação que se constituem coletivamente.

Inicio a análise a partir do perfil sociodemográfico das(os) colaboradoras(es) de projetos feministas e as trajetórias de formação profissional das atrizes e atores entrevistados. Resgato as descobertas da militância pelo grupo e revisito ainda as violências e ataques vividos pelas(os) entrevistadas(os) e suas estratégias de articulação e defesa no âmbito da atuação midiativista, a fim de refletir sobre os desdobramentos sociais das agressões e como esse elemento age como fator de coesão para o ativismo. Finalmente, busco observar/recuperar traços da coletividade do grupo por meio da análise e agregação das diferentes trajetórias individuais.

Perfil sociodemográfico das midiativistas feministas

Esta seção aborda as características sociais e demográficas associadas ao grupo de midiativistas entrevistadas para esta tese. Do total de 33 pessoas (19 brasileiras e 14

francófonas) que trabalham em publicações feministas e concederam entrevistas em profundidade para o estudo, 31 são mulheres e apenas duas são homens¹²⁶.

A faixa etária¹²⁷ predominante do grupo, que engloba quase metade desse, é de pessoas com idades entre 30 e 34 anos: 14 entrevistadas se encontram nessa categoria, das quais nove são midiativistas do Brasil e cinco são da França. Na sequência, há sete pessoas com idades entre 25 e 29 anos (seis mulheres e um homem), sendo três francesas e quatro brasileiras. Já a faixa de idade entre 20 e 24 conta com quatro entrevistadas(os), duas moças brasileiras e um rapaz e uma moça franceses. Quanto às colaboradoras que têm entre 35 e 39 anos, há quatro – duas da França e duas do Brasil. Por fim, há somente uma representante para cada uma das seguintes categorias: de 40 a 44 anos (mulher francesa), de 45 a 49 anos (brasileira) e de 50 a 54 anos (francesa). Uma pessoa não indicou a idade. As informações encontram-se na tabela 3:

Tabela 3

Síntese de informações sobre faixa etária de midiativistas feministas

Faixa etária	Quantidade de entrevistadas(os) que atuam no Brasil	Quantidade de entrevistadas(os) que atuam na França	Quantidade total de entrevistadas(os)
De 20 a 24 anos	2	2	4
De 25 a 29 anos	4	3	7
De 30 a 34 anos	9	5	14
De 35 a 39 anos	2	2	4
De 40 a 44 anos	-	1	1
De 45 a 49 anos	1	-	1
De 50 a 54 anos	-	1	1
Idade não mencionada	1	0	1

¹²⁶ Na ocasião do desenvolvimento da etnografia presencial na revista *Madmoizelle*, também tive a oportunidade de conversar com outro homem que compõe a equipe, mas com quem não fiz uma entrevista semi-estruturada, uma vez que tal etapa da pesquisa já estava encerrada.

¹²⁷ Foi utilizada como referência para divisão em grupos etários a tabela de classificação por idade da população brasileira feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18318-piramide-etaria.html>.

Ratificando as tendências de circularidade transnacional das práticas de midiativismo feminista e, de maneira mais ampla, da militância feminista contemporânea, esta tese confirma o perfil de militantes já observado por Jouët (2018) ao analisar o feminismo digital e a renovação do ativismo na França. A autora também identificou que há entre essas ativistas uma concentração de mulheres jovens, com 20 ou 30 anos, pertencentes às classes média-alta ou alta, com educação superior, produzindo informações feministas na internet. De acordo com a socióloga, para compor o mundo social, é preciso ter domínio da tecnologia e saber gerir de maneira autônoma ferramentas digitais – observações que ajudam a compreender a relativa homogeneidade de variáveis ligadas à idade e classe social no interior do grupo analisado. As midiativistas vêm de uma geração atravessada por práticas de texto e imagem amadoras, sendo que as lideranças dessas publicações frequentemente pertencem aos setores midiático e comunicacional (jornalistas, assessoras de imprensa, produtoras de conteúdo e editoras de vídeo).

Das 19 entrevistadas do Brasil, todas possuem nacionalidade brasileira. Enquanto, na França, dentre as 14 entrevistadas, há duas estrangeiras: Agustina¹²⁸ (*Les Glorieuses*), que é argentina, e Megan (*Les Glorieuses*), que é britânica e australiana. Outras entrevistadas reivindicam dupla nacionalidade – como Rebecca (*Les Glorieuses*), que é francesa e canadense – ou origens estrangeiras – como Fayrouz (*Georgette Sand*), cuja mãe é do Marrocos, e Océane (*Madmoizelle*), em que a mãe nasceu em Camarões.

Esses dados retratam diferenças importantes nos perfis populacionais e de configuração das sociedades dos países analisados. O Brasil é marcado por um histórico de exploração de povos originários e por uma cultura colonizatória apoiada na imigração forçada de pessoas negras escravizadas alocadas para trabalhar no país (Gonçalves, 2006).

¹²⁸ Para conservar a proposta de que este estudo sobre midiativistas feministas e suas trajetórias deve se centrar na maneira como elas(es) conduzem as apresentações de si, como gerenciam seus próprios estatutos e como descrevem as relações com outras atrizes e atores do mundo social, optei pela não anonimização das entrevistas com colaboradoras(es) de projetos feministas. A intenção é evitar a supressão da autoridade das pessoas observadas (Mccall & Wittner, 1990) e resguardar os resultados diante do risco de a omissão da identidade de indivíduos pesquisados provocar o enfoque excessivo em minhas visões ao longo das análises (Pereira, 2008), mesmo que esse processo não ocorra intencionalmente.

Posteriormente, a expansão populacional brasileira se deu com base em fluxos de imigração centrados em períodos de conflitos de unificação e de grandes guerras na Europa, em uma dinâmica de subseqüentes tentativas de embranquecer a população, ao mesmo tempo em que se explorava trabalhadoras(es) precarizadas(es). Essa fase teve seu ápice entre 1880 e 1930 (Reznik, 2020; Trento, 2022). A entrada de estrangeiros no território, atualmente, é pouco significativa, contabilizando cerca de 0,4% da população total (Teixeira, 2018).

A França, por sua vez, mantém uma estratégia política de imperialismo contemporâneo e atrai imigrantes de países pobres e/ou em desenvolvimento para atuar em seu território, geralmente alocando-os em subempregos (Vergès, 2019), mas também investindo na captura de mão-de-obra qualificada para alimentar o mercado interno – como é o caso de pais e mães de respondentes desta pesquisa ou das próprias entrevistadas. A soma de população imigrante (10,3%) e de estrangeiros(as) (7,7%) representa 18% do total de pessoas que habitam no país, segundo o Instituto Nacional da Estatística e dos Estudos Econômicos francês (INSEE) referentes ao ano de 2022¹²⁹.

Tais dados se refletem na configuração das mídias feministas e também nos discursos e ações de militância encabeçados pelo grupo. O Brasil conta com 56% da população autodeclarada preta e parda (categorias que, juntas, compõem o grupo de pessoas negras), conforme aponta o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em dados que correspondem ao ano de 2021. Na França, não foram localizados dados recentes sobre a porcentagem de pessoas que se consideram negras ou racializadas no país, uma vez que a legislação proíbe a coleta de dados pessoais que revelem, direta ou indiretamente, as origens raciais dos indivíduos (Masclat, 2017), motivando controvérsias em torno da questão da utilidade dessas estatísticas no combate à discriminação, na representação da diversidade da população e na análise dos processos sociais (Simon, 2014). Mas se percebe que as

¹²⁹ Informação disponível no site oficial do referido instituto francês:

<https://www.insee.fr/fr/statistiques/3633212#:~:text=1.,'entre%20eux%2C%20sont%20fran%C3%A7ais>.

diferentes características de cada país criam nuances na forma como as(os) midiativistas descrevem a si mesmas em termos étnico-raciais.

No Brasil, sete midiativistas feministas entrevistadas se autodeclaram negras (entre pardas e pretas) – e as outras 12 se dizem brancas. Já na França, a categorização de pretos(as) ou pardos(as) não abarca integralmente as particularidades migratórias do país e os preconceitos e discriminações a que são submetidas pessoas de origens estrangeiras vindas de países pobres ou em desenvolvimento. Há, em meio a colaboradoras(es) de projetos feministas franceses que contribuíram para esta tese, dois indivíduos autodeclarados negros (uma moça e um rapaz) e três mulheres que se consideram racializadas em decorrência de suas origens.

As proporções de midiativistas racializadas(os) frente ao total de entrevistadas(os) em cada país gira em torno de 36%. Isso indica que, levando-se em conta os dados étnico-demográficos do Brasil, que possui mais de metade da população racializada, a diversidade racial nas publicações brasileiras parece ser menor, com as mídias francesas sendo mais inclusivas, mesmo que as preocupações com pautas interseccionais e decoloniais apareçam com mais intensidade nas narrativas de entrevistadas brasileiras.

A constatação de que há menos midiativistas feministas negras(os) no Brasil, ainda que a população do país conte proporcionalmente com mais pessoas racializadas em comparação à França, remete ao problema das iniquidades socioeconômicas que reforçam desigualdades sociais e raciais. Ao recuperar os dados referentes à raça apresentados na última versão do relatório que traça o perfil dos jornalistas brasileiros (Lima *et al.*, 2022), observa-se a predominância de jornalistas brancos(as) – cerca de 70% do total – frente a 20% autodeclarados(as) pardos, 9% pretos(as), 1% amarelos(as) e menos de 0,5% indígenas. Embora os projetos feministas brasileiros sustentem discursos de inclusão e apesar de terem ampliado a diversidade das equipes no período de desenvolvimento desta pesquisa, os fatores socio-históricos que segregam a população do país, fazendo com que pessoas negras tenham menos acesso a formações de nível superior e ao mercado de

trabalho de jornalismo em comparação às brancas, emergem no âmbito do mundo do midiativismo feminista digital.

Finalmente, os aspectos habitacionais demonstram que há uma relevante concentração de profissionais entrevistadas(os) em grandes centros urbanos, até mesmo em decorrência de demandas do trabalho, da concentração geográfica dos sistemas de mídia e/ou da militância em projetos feministas. Do total, cerca de 85% do grupo mora em regiões metropolitanas com mais de 1 milhão de habitantes, concentrando-se principalmente na grande São Paulo (11) e em Paris e arredores (9). No Brasil, apenas duas entrevistadas não moram em uma capital, sendo que uma delas habita em uma grande cidade no interior paulista (Campinas, com 1,1 milhão de habitantes), localizada nas proximidades de São Paulo. A outra está alocada em zona rural, pois trabalha atualmente em uma fazenda. As midiativistas francófonas que não estão na zona parisiense, encontram-se em cidades menores francesas (Nantes e Tours) ou em outros países (Luxemburgo e Argentina).

Vale observar que o fato de as mídias feministas brasileiras possuírem equipes distribuídas fora do eixo Rio-São Paulo (Bahia, Maranhão, Pernambuco e Rio Grande do Sul) reforça discursos do grupo de que elas têm aberto espaços para pessoas de diferentes regiões do país e com trajetórias distintas daquelas dos membros originários dessas publicações. Todas as mulheres que vivem nesses estados e contribuem com tais mídias autodeclararam-se negras (pretas ou pardas), destoando da maioria das entrevistadas que moram em São Paulo e arredores ou no Rio de Janeiro. Já o midiativismo da França, mais especificamente a *newsletter Les Glorieuses*, parece se preocupar em internacionalizar o conteúdo da publicação, trazendo pessoas de outros países para contribuir (Agustina, da Argentina, e Megan, da Austrália e da Inglaterra).

As dinâmicas do mundo das midiativistas feministas segue a lógica observada por Becker (1982) sobre os mundos sociais dissidentes, que têm início com uma abrangência local, depois, caso consigam se estabelecer, atingem uma distribuição que chega a outras

localidades¹³⁰. Também é preciso considerar que, nas grandes cidades, costuma haver ofertas alternativas e “dissidentes” para as(os) profissionais que procuram trabalhos com essas características – em especial no caso de mídias engajadas *on-line*, que aproveitam o menor investimento na produção digital em comparação com a imprensa tradicional, levando em conta custos de fabricação e distribuição (Ruellan, 2002).

Destaca-se que o fator de localização geográfica é determinante na definição de conteúdos a serem tratados nas publicações, nas relações que se constroem entre as midiativistas e outras mídias ou atores e atrizes sociais (do cenário político, financeiro e militante), nas abordagens e enquadramentos escolhidos pelas repórteres e colunistas e, principalmente, no alcance que os conteúdos atingem em termos de públicos. A figura a seguir (4) traça uma síntese das informações demográficas acima apresentadas, relativas à idade, gênero, autodeclaração étnico-racial e local de moradia das(os) entrevistadas(os):

Figura 4

Perfil sociodemográfico das(os) midiativistas feministas

Nome	Faixa etária ¹³¹	Gênero	Raça/Etnia	Cidade/país onde mora
Agustina Ordoqui (<i>Les Glorieuses</i>)	De 30 a 34 anos	Feminino	Branca ¹³²	Buenos Aires – Argentina
Amanda Celio (<i>AzMina</i>)	De 30 a 34 anos	Feminino	Branca	Rio de Janeiro (RJ) – Brasil
Anthony Vincent (<i>Madmoizelle</i>)	De 25 e 29 anos	Masculino	Negro	Paris (Île-de-France) – França
Bárbara Fonseca (<i>Think Olga</i>)	De 30 a 34 anos	Feminino	Branca	Interior de São Paulo (SP) – Brasil
Blanche Baudouin (<i>Georgette Sand</i>)	De 40 a 44 anos	Feminino	Branca	Tours (Touraine) – França

¹³⁰ Unruh (1980) define que, geograficamente, há quatro níveis de análise para os mundos sociais: (1) mundos sociais locais; (2) mundos sociais regionais; (3) mundos sociais dispersos; e (4) sistemas mundiais sociais.

¹³¹ Os dados são referentes ao período em que transcorreram as entrevistas.

¹³² Quando morava em Paris, considerava-se racializada enquanto latina vivendo na França.

Bruna Escaleira (<i>AzMina</i>)	De 30 a 34 anos	Feminino	Branca	São Paulo (SP) – Brasil
Carolina Oms (<i>AzMina</i>)	De 30 a 34 anos	Feminino	Branca	São Paulo (SP) – Brasil
Catarina Ferreira (<i>Lado M</i>)	De 25 a 29 anos	Feminino	Negra	São Paulo (SP) – Brasil
Chloé Thibaud (<i>Les Glorieuses</i>)	De 30 a 34 anos	Feminino	Branca	Paris (Île-de-France) – França
Cris Guterres (<i>AzMina</i>)	De 35 a 39 anos	Feminino	Negra	São Paulo (SP) – Brasil
Emilie Rappeneau (<i>Madmoizelle</i>)	De 20 a 24 anos	Feminino	Branca	Paris (Île-de-France) – França
Fayrouz Lamotte (<i>Georgette Sand</i>)	De 25 a 29 anos	Feminino	Racializada (origem marroquina)	Luxemburgo – Luxemburgo
Flay Alves (<i>AzMina</i>)	Não mencionad a	Feminino	Negra	São Luís (Maranhão) – Brasil
Gabriella Feola (<i>Lado M</i>)	De 30 e 34 anos	Feminino	Branca	São Paulo (SP) – Brasil
Leandra Migotto (<i>AzMina</i>)	De 45 e 49 anos	Feminino	Branca	São Paulo (SP) – Brasil
Luisa Toller (<i>AzMina</i>)	De 30 a 34 anos	Feminino	Branca	São Paulo (SP) – Brasil
Malu Bassan (<i>Lado M</i>)	De 20 e 24 anos	Feminino	Branca	São Paulo (SP) – Brasil
Marguerite Nebelsztein (<i>Georgette Sand</i>)	De 30 a 34 anos	Feminino	Branca	Nantes (Pays de la Loire) – França
Mariana Miranda (<i>Lado M</i>)	De 30 a 34 anos	Feminino	Branca	São Paulo (SP) – Brasil
Marília Moreira (<i>AzMina</i>)	De 30 a 34 anos	Feminino	Negra	Salvador (Bahia) – Brasil
Marjana Borges (<i>Think Olga</i>)	De 25 e 29 anos	Feminino	Negra	Porto Alegre (Rio Grande do Sul) – Brasil
Mathilde Larrère (<i>Georgette Sand</i>)	De 50 a 54 anos	Feminino	Branca	Paris (Île-de-France) – França

Mathis Grosos (<i>Madmoizelle</i>)	De 20 a 24 anos	Masculino	Branco	Paris (Île-de-France) – França
Megan Clement (<i>Les Glorieuses</i>)	De 35 a 39 anos	Feminino	Branca	Montreuil (Île-de-France) – França
Morgane Frebault (<i>Georgette Sand</i>)	De 35 a 39 anos	Feminino	Branca	Tours (Touraine) – França
Nana Soares (<i>Think Olga e Lado M</i>)	De 25 a 29 anos	Feminino	Branca	São Paulo (SP) – Brasil
Océane Viala (<i>Madmoizelle</i>)	De 25 a 29 anos	Feminino	Racializada (origem camaronesa)	Alfortville (Île-de-France) – França
Paula Chang (<i>Think Olga</i>)	De 35 a 39 anos	Feminino	Branca	Campinas (SP) – Brasil
Rayana Burgos (<i>AzMina</i>)	De 20 a 24 anos	Feminino	Parda/Negra	Recife (Pernambuco) – Brasil
Rebecca Amsellem (<i>Les Glorieuses</i>)	De 30 a 34 anos	Feminino	Branca	Paris (Île-de-France) – França
Sophie Castelain- Youssef (<i>Madmoizelle</i>)	De 30 a 34 anos	Feminino	Negra	Saint-Ouen (Île-de-France) – França
Vanessa Panerari (<i>Lado M</i>)	De 25 a 29 anos	Feminino	Branca	São Paulo (SP) – Brasil
Verena Paranhos (<i>AzMina</i>)	De 30 a 34 anos	Feminino	Parda/Negra	Salvador (Bahia) – Brasil

Assim, partindo de diferentes localidades, idades, conjunturas socioeconômicas e atravessadas por um processo de transnacionalização das práticas midiativistas e feministas, nota-se que o grupo de colaboradoras(es) dos projetos estudados tenta criar, por meio da produção de informação feminista digital, “uma narrativa inclusiva, unificadora e legitimadora que é eficaz na combinação de espontaneidade e organização, antiguidade e novidade, experiência e amorismo, escala local e internacional, fragmentação e unidade” (Guevara,

2015, p. 55)¹³³. A compreensão de elementos das trajetórias das(os) midiativistas da perspectiva demográfica, etária, étnica e de gênero tende a contribuir para que se entenda como suas performances se refletem na exploração das práticas militantes e jornalísticas e permite melhor situá-las(os) no mundo social.

Perfil profissional e trajetórias de formação

Esta seção apresenta de modo sucinto os percursos de formação seguidos pelas(os) midiativistas entrevistadas(os). São indicadas e debatidas as escolhas de cursos e instruções educacionais e técnicas do grupo, assim como as profissões efetivamente exercidas por elas(es). Para adentrar nessas explicações, contudo, é relevante contextualizar que os formatos de graduação e pós-graduação no Brasil e na França são diferentes, tal qual as exigências para prática de determinadas profissões – como o jornalismo. A figura a seguir (5) resume as áreas de atuação originais e os rumos profissionais percorridos pelas pessoas entrevistadas:

Figura 5

Formações e profissões das(os) midiativistas feministas entrevistadas(os)

Nome	Formação	Profissão autodeclarada
Agustina Ordoqui (<i>Les Glorieuses</i>)	Graduada em Ciência Política e Relações Internacionais pela Universidade de Buenos Aires e Mestrado em Ciência Política no Instituto de Altos Estudos da América Latina (IHEAL)	Jornalista
Amanda Celio (<i>AzMina</i>)	Graduada em Comunicação e Jornalismo pelo Centro Universitário do Triângulo (UNITRI) com Pós-graduação Lato Sensu – Especialização em Jornalismo Esportivo pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)	Jornalista

¹³³ Tradução da autora para o trecho: “Les militants créent un récit inclusif, fédérateur et légitimateur efficace, qui permet de faire tenir ensemble spontanéité et organisation, ancienneté et nouveauté, expérience et amateurisme, échelle locale et échelle internationale, fragmentation et unité”.

Anthony Vincent (<i>Madmoizelle</i>)	Graduada em Literatura Moderna pela Université Sorbonne Nouvelle, Master 1 em Literatura Moderna, com especialização em Jornalismo, pela Université Paris-Sorbonne, e Master 2 em Jornalismo Cultural pela Université Sorbonne Nouvelle	Jornalista de moda
Bárbara Fonseca (<i>Think Olga</i>)	Graduada em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)	Mestra cervejeira
Blanche Baudouin (<i>Georgette Sand</i>)	Graduada em Letras (instituição não mencionada)	Professora escolar
Bruna Escaleira (<i>AzMina</i>)	Graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade de São Paulo (USP), Pós-Graduação Lato Sensu em Jornalismo Cultural pela Fundação Armando Alvares Penteado e Mestrado em Letras, Feminismo e Literatura pela USP	Jornalista e escritora
Carolina Oms (<i>AzMina</i>)	Graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade de São Paulo (USP) e Mestrado em Administração Pública e Governo pela Fundação Getulio Vargas (FGV)	Jornalista
Catarina Ferreira (<i>Lado M</i>)	Graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade de São Paulo (USP)	Jornalista
Chloé Thibaud (<i>Les Glorieuses</i>)	Graduada em Literatura Moderna pela Universidade Paris-Sorbonne, com Mestrado em Língua e Literatura Inglesa / Letras pela Royal Holloway, University of London, Master 1 em Pesquisa e literatura francesa pela Université Paris-Sorbonne e Master 2 em Jornalismo pela Ecole des Hautes Etudes en Sciences de l'Information et de la Communication (CELSA)	Jornalista
Cris Guterres (<i>AzMina</i>)	Graduada em Jornalismo em instituição não mencionada e Mestrado em Administração e Negócios pela Fundação Getulio Vargas (FGV)	Jornalista e apresentadora de televisão
Emilie Rappeneau (<i>Madmoizelle</i>)	Graduada em Artes pelo Sciences Po e Mestra pela l'École de journalisme de Sciences Po	Jornalista e videasta
Fayrouz Lamotte	Graduada em Direito pela Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines (UVSQ) com Mestrado em	Auditora financeira

(<i>Georgette Sand</i>)	Aprendizado fundamental de negócios pelo instituto de economia e comércio OMNES Education	
Flay Alves (<i>AzMina</i>)	Graduada em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-Goiás)	Escritora e jornalista
Gabriella Feola (<i>Lado M</i>)	Graduada em Jornalismo pela Universidade de Paulo (USP) com Mestrado em Comunicação e Educação também pela USP	Jornalista
Leandra Migotto (<i>AzMina</i>)	Graduada em Comunicação Social, com habilitação em produção social, pela Universidade Anhembi Morumbi	Jornalista
Luisa Toller (<i>AzMina</i>)	Graduada em Música pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) com Mestrado em sonologia pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP)	Musicista
Malu Bassan (<i>Lado M</i>)	Graduação em curso na área de Jornalismo pela Universidade de São Paulo (USP)	Jornalista
Marguerite Nebelsztein (<i>Georgette Sand</i>)	Graduação em História pela Université de Tours com Master 1 em Pesquisa Histórica pela Université de Pau et des Pays de l'Adour e Master Pro pela Ecole supérieure de journalisme de Paris (ESJ Paris)	Jornalista
Mariana Miranda (<i>Lado M</i>)	Graduada em Comunicação, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade de São Paulo (USP), com MBA em Marketing pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM)	Jornalista
Marília Moreira (<i>AzMina</i>)	Graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), com Mestrado em Comunicação e Estudos da Mídia também pela UFBA	Jornalista
Marjana Borges (<i>Think Olga</i>)	Graduada em Relações Públicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) com pós-graduação Lato Sensu em Educação, Diversidade e Cidadania pelo Centro Universitário Fael	Relações Públicas
Mathilde Larrère (<i>Georgette Sand</i>)	Graduada em História pela École normale supérieure de Fontenay-Saint-Cloud com doutorado na mesma área pela Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne	Professora universitária
Mathis Grosos (<i>Madmoizelle</i>)	Graduado em Ciências Políticas pelo Sciences Po Lyon com Mestrado em Jornalismo Cultural pela Sorbonne Nouvelle	Jornalista

Megan Clement (<i>Les Glorieuses</i>)	Graduada em História da Arte pela Universidade de Melbourne e graduada em Jornalismo pelo Instituto Real de Tecnologia de Melbourne (RMIT University)	Jornalista
Morgane Frebault (<i>Georgette Sand</i>)	Graduada em Ciências da Educação pela Université Paul Valéry	Professora escolar
Nana Soares (<i>Think Olga e Lado M</i>)	Graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade de São Paulo (USP) com Mestrado em Gênero e Desenvolvimento pela Universidade de Sussex	Jornalista
Océane Viala (<i>Madmoizelle</i>)	Graduada em Jornalismo com foco em audiovisual em escola superior privada cujo nome não foi mencionado	Jornalista multimídia
Paula Chang (<i>Think Olga</i>)	Graduada em Comunicação Social, com habilitação em Cinema, pela Fundação Armando Alvares Penteado, com Master 1 em Gestão Cultural pela Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne e Master 2 em Pesquisas no campo de cultura pela Université Paris Nanterre	Comunicadora, com foco em desenvolvimento institucional
Rayana Burgos (<i>AzMina</i>)	Graduada em Ciências Políticas pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) com especialização em Políticas Públicas e Justiça de Gênero pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais	Cientista política e consultora socioambiental
Rebecca Amsellem (<i>Les Glorieuses</i>)	Graduada em Ciências Políticas com Mestrado em Relações e Assuntos Internacionais pelo Sciences Po Toulouse e Doutorado em Economia cultural pela Universidade de Paris 1 Panthéon-Sorbonne	Empreendedora e economista
Sophie Castelain-Youssouf (<i>Madmoizelle</i>)	Graduada em Informação e Comunicação, estudos de comunicação e mídia, pela Université Paris 8 - Vincennes - Saint-Denis	Redatora e responsável por conteúdos de marcas
Vanessa Panerari (<i>Lado M</i>)	Graduada em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)	Jornalista com foco em cinema
Verena Paranhos (<i>AzMina</i>)	Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) com pós-graduação Lato Sensu em Administração de Empresas pela Fundação Getúlio Vargas (FGV)	Jornalista

Na França, embora a educação superior em jornalismo não seja pré-requisito para ingresso na profissão ou para a aquisição do *status* de jornalista, existem alguns percursos comuns para adentrar essa carreira (Pereira, 2020). Destaca-se o papel das escolas de jornalismo reconhecidas, em que quatorze cursos espalhados por todo o país contam com um duplo reconhecimento – pelo Ministério de Ensino Superior e Pesquisa e pelas organizações profissionais. Passar por uma dessas formações possibilita que as(os) estudantes obtenham um cartão de imprensa de *trainee* no final de seus estudos, dando-lhes acesso mais fácil a estágios de trabalho e a concursos organizados por empresas de mídia para selecionar jovens jornalistas (Le Cam & Pereira, 2022).

Esses cursos, contudo, são os que se consagraram através de forte posicionamento estratégico e simbólico no âmbito do jornalismo francês, mas há ainda outras possibilidades de acesso à formação em jornalismo, como cursos de treinamento em comunicação e jornalismo especializados em ensino vocacional para a profissão, embora esses sejam menos reconhecidas no meio profissional (Le Cam & Pereira, 2022). O acesso à profissão de jornalismo é feito por uma maioria de indivíduos de diversas origens e formações, que convivem com um número mais restrito de candidatos que concluíram seu treinamento em uma das 14 escolas reconhecidas pela profissão (Pereira, 2020).

No Brasil, desde 2009, não há mais nenhum requisito legal para ingresso na carreira de jornalista¹³⁴. Entretanto, as empresas de mídia ainda usam a obtenção do diploma superior como critério para selecionar e contratar profissionais (Renault, 2013). Devido ao decreto-lei de 1969¹³⁵, há meio século, o ensino universitário tornou-se uma forma quase exclusiva de

¹³⁴ Em junho de 2009, uma decisão do Supremo Tribunal Federal (STF), a suprema corte brasileira, extinguiu a obrigatoriedade do diploma de nível superior para o exercício do jornalismo. Com a mudança, foram reforçados discursos e estratégias corporativas de encobrimento de realidades estruturais (Pereira & Maia, 2016) de precarização da profissão.

¹³⁵ O Decreto-Lei n. 972, de 17 de outubro de 1969, é uma ferramenta de regulação que dispõe sobre o exercício da profissão de jornalista. Feito durante a ditadura civil-militar no Brasil, quando estava vigente o Ato Institucional número 5, de 13 de dezembro de 1968, conhecido como período mais violento desse regime de exceção no país. As disputas judiciais acerca da regulamentação da profissão de jornalista no Brasil nos anos 2000 giram em torno desse decreto, em que se questionava a legitimidade de uma lei criada em regime de exceção política, e apontava-se a potencial precarização dada a pessoas que exercem o jornalismo sem diploma (Nascimento, 2011).

acesso a esse mundo do trabalho no cenário brasileiro (Le Cam & Pereira, 2022), sendo a universidade o principal espaço de aprendizagem para novas gerações de jornalistas (Jorge, Pereira & Adghirni, 2012), mesmo que não haja mais a exigência de diploma.

Dentre as(os) midiativistas que colaboraram com entrevistas para esta tese, 20 têm formação em jornalismo, o equivalente a 61% do total de pessoas entrevistadas. Dentro da amostra com a qual trabalho, a incidência de profissionais com diploma nesse domínio é maior no Brasil, onde 13 midiativistas possuem graduação na área e 14 se reivindicam jornalistas – uma entrevistada cursou Comunicação Social com habilitação em Produção Social, mas atua como jornalista e, no contexto da legislação brasileira, é reconhecida como tal.

Na França, sete entrevistadas(os) têm formação específica em jornalismo, sendo que quatro delas(es) acessaram a carreira por meio de mestrado na área em escolas reconhecidas pela profissão (tendo como formações de base cursos em artes, letras, história e ciências políticas). Duas pessoas frequentaram escolas de jornalismo (uma delas, em paralelo com os estudos em literatura). As duas estrangeiras do grupo também trilharam percursos diferentes, conforme os contextos de seus países. Megan (*Les Glorieuses*) fez faculdade de jornalismo na Austrália e Agustina (*Les Glorieuses*) é cientista política formada na Argentina com mestrado em Estudos Internacionais feito na França.

Há também três pessoas com formação em outras áreas das Ciências da Informação e da Comunicação. São elas: Marjana (*Think Olga*), que cursou Relações Públicas; Paula (*Think Olga*), formada em Cinema; e Sophie (*Madmoizelle*), que fez Informação e Comunicação e, embora desejasse, não conseguiu entrar para uma escola de jornalismo na França, o que a levou a seguir outros rumos acadêmicos. As entrevistadas que não são originárias nem da área do jornalismo nem da comunicação cursaram Ciências da Educação (Morgane), Ciências Políticas (Rayana e Rebecca), Comércio e Direito (Fayrouz), História (Mathilde), Letras (Blanche) e Música (Luisa).

Merece destaque o fato de que a maioria das midiativistas são egressas de universidades de renome em seus respectivos países. No Brasil, das 19 midiativistas

entrevistadas, 12 formaram-se em universidades públicas bem-conceituadas no país. Oito delas são oriundas da Universidade de São Paulo (USP)¹³⁶ e as outras quatro são egressas das universidades federais da Bahia, Pernambuco e Rio Grande do Sul¹³⁷. Há três midiativistas que fizeram faculdade ou estudos complementares em instituições privadas de ensino superior que figuram entre as melhores do país, como a Pontifícia Universidade Católica (PUC) e a Fundação Getulio Vargas (FGV), e quatro que estudaram em instituições menos conhecidas. Sete entrevistadas brasileiras mencionaram ter cursado ou estar cursando alguma pós-graduação.

As(os) midiativistas francófonas, por sua vez, construíram seus percursos acadêmicos em universidades públicas e/ou em escolas de estudos superiores. Há sete entrevistadas(os) advindas(os) de universidades como Paris-Sorbonne, Sorbonne Nouvelle, Université de Tours, Université Paul-Valéry e Paris 8, geralmente com graduações em outras áreas e mestrado feito em escolas de jornalismo ligadas a essas instituições (como CELSA e Sciences-Po École de Journalisme). Três pessoas estudaram em um Instituto de Estudos Políticos, ou Sciences-Po, em diferentes cidades (Paris, Lyon e Toulouse). As demais fizeram escolas superiores de comércio ou jornalismo (Institut des hautes études économiques et commerciales e Ecole supérieure de journalisme de Paris - ESJ Paris).

As formações acadêmicas e os relatos de histórias de vida de entrevistadas(os) sugerem que a maioria delas(es), em ambos os países, vêm de famílias com condições financeiras estáveis e de classes médias ou médias-altas, em consonância com as constatações de Jouët (2018) sobre as ativistas feministas no âmbito francês. Os indivíduos que contaram ter enfrentado mais dificuldades para acessar e se manter nos espaços universitários e escolas superiores foram pessoas autodeclaradas negras (Anthony, Catarina,

¹³⁶ Luisa (*AzMina*) fez a graduação na USP e o mestrado na Unicamp, a Universidade Estadual de Campinas, que fica em São Paulo.

¹³⁷ Essas instituições se destacam em rankings internacionais, como o Shanguai, em que a USP aparece entre as posições 101 e 150. Já no Times Higher Education, ela está entre 201 e 250. As universidades federais da Bahia, Pernambuco e Rio Grande do Sul também figuram nesses rankings, mas em posições de menor destaque. Disponível em: <https://www.shanghairanking.com/> e <https://www.timeshighereducation.com/>.

Cris, Flay, Marjana e Sophie), tanto no Brasil quanto na França. O mesmo grupo também descreveu ser originário de famílias com situações financeiras menos privilegiadas. Além disso, Leandra (*AzMina*), única respondente com deficiência que fez parte desta pesquisa, contou, em paralelo às descrições que fez sobre as barreiras que pessoas com deficiência vivenciam no sistema educacional, que tentou ser aprovada em universidade pública, mas não obteve sucesso.

As adversidades apontadas por essas(es) entrevistadas(os) remetem a problemáticas econômicas e de classe (Freitas, 2018), agravadas por discriminações étnico-raciais que ainda se perpetuam e despontam nas narrativas e nas trajetórias de midiativistas feministas negras(os) na contemporaneidade¹³⁸. Sophie (da revista *Madmoizelle*), por exemplo, critica o caráter elitizado (Lafarge & Marchetti, 2011) e fundamentalmente branco das escolas de jornalismo reconhecidas na França, nas quais, para entrar, é preciso fazer cursos preparatórios custosos. Ainda que sonhasse em ser jornalista, a entrevistada, em sua fase de estudante, precisava trabalhar em tempo parcial para se manter na graduação e não tinha condições nem financeiras nem de disponibilidade de agenda para acessar a escola preparatória de jornalismo. Assim, precisou fazer escolhas alternativas de carreira.

Para entrar nas escolas superiores, muitas vezes, é preciso fazer cursos preparatórios particulares com antecedência, que são extremamente caros, e esses concursos não foram criados para a pessoa ser aprovada na primeira tentativa. Na minha escola preparatória, tinha gente que já tinha reprovado três vezes. Essas escolas são ambientes com pessoas muito brancas, que nunca tiveram problemas na vida. Acho que há uma hipocrisia em torno desse mundo. (entrevista, 1 de setembro de 2022)¹³⁹

¹³⁸ A jornalista e professora Viviane Gonçalves Freitas (2018) analisa a trajetória da imprensa feminista no Brasil e faz um resgate do histórico de publicação do jornal *Nzinga Informativo* (1985–1989), periódico que priorizava as agendas de mulheres negras do país e que, segundo a autora, não por acaso, era o jornal com menor número de edições publicadas entre as mídias feministas que ela resgata em seus estudos, com apenas cinco edições mapeadas.

¹³⁹ Tradução da autora para o trecho: “Souvent ça nécessite de faire des prépas avant qui sont déjà privés, qui coûte extrêmement cher et ce n'est pas des concours qui sont fait pour être du premier coup. Dans ma prépa il y avait des gens, c'était déjà la troisième fois qu'ils les rebaisser. C'est un univers avec des gens qui sont très blancs et qui n'ont jamais eu de soucis dans la vie. Il y a une hypocrisie à ce monde-là”.

Uma dinâmica semelhante, embora em outro contexto histórico e cultural, não permitiu que Cris (colunista d'*AzMina*, entrevista, 3 de setembro de 2021) estudasse em uma universidade bem-conceituada brasileira. Outras(os) entrevistadas(os) se apoiaram em mecanismos de compensação do Estado para sanar iniquidades de raça e classe, como aconteceu com Flay (colunista d'*AzMina*, entrevistada em 6 de agosto de 2021), que recorreu a financiamentos governamentais para cursar faculdade em uma universidade privada de renome – a PUC Goiás. Manter-se nesses ambientes de ensino, contudo, foi desafiador para as(os) entrevistadas(os) negros(as), que não se sentiam acolhidas(os) e/ou representadas(os).

Em termos de opções de carreira, é importante realçar que existem diferenças nos estatutos de jornalistas no Brasil e na França. No primeiro, não há atualmente uma legislação específica que caracterize e oriente a o ingresso e exercício da profissão, e, nas instituições de ensino de jornalismo, estudantes costumam receber formação para atuarem também como assessoras(es) de imprensa. No segundo, o Código do Trabalho francês¹⁴⁰ define como jornalistas profissionais os indivíduos que exercem a profissão em uma ou mais empresas de mídia, publicações cotidianas e periódicas ou agências de notícias, tendo a atividade como principal fonte de renda.

Os profissionais da área na França são ainda regidos e protegidos pela convenção coletiva nacional para jornalistas e, para serem contratados em publicações de mídia por mais de três meses, devem solicitar uma carta de imprensa para comprovar seu estatuto¹⁴¹. Apesar disso, o exercício do jornalismo sem carta é um elemento constitutivo da carreira da grande maioria de jornalistas franceses (Leteinturier, 2015), sendo a principal dificuldade desses profissionais para obter a identificação de imprensa a dificuldade de alcançar estatutos estáveis. Os jornalistas com cartas de imprensa são apenas uma parte do grupo profissional, mas são os mais legitimados (Leteinturier & Frisque, 2015).

¹⁴⁰ Disponível em: <https://www.legifrance.gouv.fr/>.

¹⁴¹ Disponível em: <http://www.ccijp.net/article-1-histoire-de-la-carte-de-presse.html>.

Na prática, nos dois países, as(os) midiativistas que se investem em coberturas midiáticas e na escrita de reportagens e informações jornalísticas possuem formação na área, com exceção de Leandra (*AzMina*) e Sophie (*Madmoizelle*), cujas graduações são em Comunicação, mas as habilitações não são em jornalismo. Leandra atua como jornalista profissional e Sophie é redatora e responsável pelo conteúdo de marcas na publicação em que trabalha, fazendo ou inserindo elementos das empresas patrocinadoras da revista em textos e produtos dessa. Outras figuras, como Rebecca (*Les Glorieuses*), Luisa (*AzMina*) e Fayrouz (*Georgette Sand*), também escrevem, conduzem entrevistas e/ou assinam textos nas mídias em que estão inseridas, embora não se identifiquem como jornalistas.

As demais colaboradoras das publicações de midiativismo feminista compõem as equipes de apoio, atuando, fundamentalmente, na captação de recursos materiais para o grupo, no recrutamento de pessoal e na criação e manutenção de redes de contatos para esses canais. É o que ocorre com Blanche (*Georgette Sand*), Marjana (*Think Olga*), Mathilde (*Georgette Sand*), Morgane (*Georgette Sand*), Paula (*Think Olga*) e Rayana (*AzMina*). Além disso, há jornalistas que acumulam duplas funções – de gestão de pessoas e de recursos e de redação e edição de textos –, como Carolina (*AzMina*), Marguerite (*Georgette Sand*), Mariana (*Lado M*) e Marília (*AzMina*).

Bárbara (*Think Olga*, entrevistada em 30 de julho de 2021), cuja formação é em antropologia, também costumava contribuir com as atividades de administração da ONG *Think Olga*, mas acabou mudando de carreira e tomando rumos bastante diferentes: ela se tornou mestra cervejeira, buscando conciliar suas escolhas profissionais com percursos de militância feminista que ela já havia iniciado anteriormente, quando, por diversão, passou a produzir cerveja com amigas e a ministrar cursos de produção cervejeira para outras mulheres.

Trajetórias como a de Bárbara (*Olga*) e de outras entrevistadas – como Catarina (*Lado M*) – sugerem que, ainda que se afastem da prática de produção de informação feminista, as midiativistas tendem a seguir desenvolvendo ações feministas engajadas e fazendo ativismo digital, por meio do compartilhamento e da visibilização em suas redes e grupos sociais de

conteúdos e projetos que propagam a equidade de gênero. As entrevistas indicam que pessoas inseridas no contexto do mundo social do midiativismo feminista, ainda que saíam desse, não se realocam no mundo social tradicional de suas profissões (seja ou não o jornalismo).

Contribuir com o mundo do midiativismo feminista gera ganhos para as atrizes e atores em termos de aquisição de capital cultural, independentemente da área de formação de onde a pessoa advém. O engajamento, no contexto da cultura de participação em rede, é usado como mecanismo para gerar envolvimento e conexão, não somente com as mídias, mas com possibilidades de ações que extrapolam essa (Grohmann, 2018). As habilidades desenvolvidas no exercício do midiativismo e os contatos criados nesse ambiente geram prestígio no âmbito midiático e digital e tendem a aproximar as(os) entrevistadas(os) de pessoas e instituições que ocupam posições de influência social – como personalidades feministas, artistas, pesquisadoras(es) e jornalistas –, reconfigurando as trajetórias profissionais das colaboradoras(es) de publicações analisadas.

As descobertas do engajamento feminista

Focar nas trajetórias de vida das pessoas que produzem/participam de mídia engajada, a partir de elementos socioeconômicos e familiares e de seus compromissos militantes e profissionais, viabiliza a reconstituição de dinâmicas sociais (Ferron & Guevara, 2017) que favorecem os processos de construção e manutenção do mundo social. A maior parte das(os) entrevistadas(os) conta que, desde a infância, já tinha uma identificação prévia com a causa dos feminismos, embora esse processo ocorresse em suas trajetórias comumente de modo não consciente e propositado.

Antes da aproximação com o militantismo, elas(es) não se reivindicavam feministas ou porque não tinham contato com o conceito e nem mesmo conheciam a palavra, como se constatou de modo mais recorrente nas narrativas das(os) entrevistadas(os), ou porque consideravam que a terminologia carregava uma conotação negativa (Adichie, 2014), sendo

vista como um extremismo ideológico ou até sendo confundida com misandria¹⁴². Assumir-se e/ou denominar-se feminista foram, em grande parte dos casos, processos graduais.

Já a percepção de que elas(es) estavam, efetivamente, vinculadas(os) à agenda dos feminismos, costuma estar associada a arcos temporais (Becker, 1973) específicos de suas carreiras (sendo o mais frequente deles a entrada na faculdade) ou a dinâmicas em que a reincidência de situações de reprodução de padrões patriarcais geram incômodo. O exemplo mais mencionado é o que entrevistadas constatarem que os irmãos não tinham a obrigação de realizar tarefas domésticas ao longo de sua criação, ao passo que elas, por serem meninas, eram impelidas a desenvolver tais atividades – casos que foram citados nas entrevistas em profundidade pelas midiativistas Catarina e Malu, ambas do site *Lado M*, Nana, colaboradora da ONG *Think Olga* e do site *Lado M*, e Agustina e Rebecca, membros da *newsletter Les Glorieuses*.

Essa percepção é transformada em engajamento feminista – por meio de ações ativistas ou militantes – e transpassa as trajetórias das(os) midiativistas entrevistadas, geralmente, desde a fase em que elas cursavam ensino médio – conforme descrevem Malu (*Lado M*), Vanessa (*Lado M*) e Verena (*AzMina*) –, na transição do período escolar para o universitário – caso de Catarina (*Lado M*) – ou, mais comumente, a partir da graduação – Agustina (*Les Glorieuses*), Anthony (*Madmoizelle*), Bárbara (*Think Olga*), Bruna (*AzMina*), Cris (*AzMina*), Flay (*AzMina*), Luisa (*AzMina*), Mariana (*Lado M*), Mathis (*Madmoizelle*), Océane (*Madmoizelle*), Rayana (*AzMina*). O que leva o grupo a se aproximar do movimento feminista de maneira engajada é a tomada de consciência de opressões sexistas e de violências de gênero que marcam suas próprias trajetórias e/ou as trajetórias de pessoas próximas.

Para algumas entrevistadas, contudo, a inserção definitiva na militância feminista só se concretizou no início da vida profissional no âmbito do jornalismo: Amanda (*AzMina*), Chlôe (*Les Glorieuses*), Gabriella (*Lado M*) e Nana (*Think Olga* e *Lado M*). Essa demora com

¹⁴² Discriminação contra homens e sentimento de aversão a esses e ao gênero masculino.

relação às demais entrevistadas se justifica por fatores diversos relacionados a conjunturas individuais (como influências familiares) e sociais (vínculos religiosos ou estruturas histórico-sociais). Gabriella, por exemplo, explica que teve uma criação rigidamente católica e acredita que, por isso, não se identificava como feminista, embora suas posturas fossem de uma. Até que começou a escrever sobre sexualidade e percebeu seu próprio alinhamento com a causa, o que a fez, progressivamente, contornar amarras religiosas e morais atreladas à sua educação de modo que pudesse imergir no militantismo de gênero.

Uma parcela das midiativistas francesas, como Blanche (*Georgette Sand*) e Chloé (*Les Glorieuses*), indicam terem resistido para se assumir feministas em decorrência da falsa impressão que, desde a infância, elas são levadas a ter de que, no país, a equidade de gênero já estaria social e institucionalmente garantida. Na faculdade, Blanche iniciou uma aproximação com o debate feminista, sendo apresentada a textos de Simone de Beauvoir e reflexões sobre os direitos das mulheres. Mas, à época, ela considerava que esses direitos já estavam dados, que não poderiam mais ser retirados. Com o tempo, foi percebendo que a equidade de gênero não está tão estabelecida na sociedade francesa. Chloé relata uma experiência similar:

Em termos de feminismo, durante muito tempo, como mulher, eu não me declarava necessariamente feminista. É claro que sou a favor da defesa da igualdade entre homens e mulheres, mas não era particularmente militante. E então, à medida que minhas aventuras profissionais avançavam, percebi que havia muito sexismo no mundo do jornalismo. Por exemplo, quando comecei a trabalhar para a France 3 ou para a televisão nacional, eu era uma repórter de TV em campo. Muitas vezes trabalhei com um cinegrafista homem mais velho e, veja bem, um bom exemplo de sexismo comum é quando a pessoa que você está entrevistando fala com seu colega homem, embora você seja o jornalista e faça as perguntas. Sim, isso acontecia com frequência. (entrevista, 5 de agosto de 2022)¹⁴³

¹⁴³ Tradução da autora para o trecho: “Par rapport au féminisme, moi, pendant assez longtemps, en tant que femme, je me suis pas forcément revendiquée féministe. Évidemment que je suis pour la

No Brasil, as entrevistadas não mencionam essa impressão de que os direitos das mulheres e de pessoas feminilizadas já estariam garantidos na sociedade brasileira. Entretanto, também há relatos de midiativistas que só tomaram consciência mais ampla de iniquidades de gênero ao se inserirem em redações de jornal. Foi o que ocorreu com Amanda (*AzMina*), que diz que passou a se reivindicar feminista em boa medida devido às consecutivas negativas que recebeu ao tentar atuar como repórter ou colunista esportiva na mídia hegemônica e, por ser mulher, não encontrar espaço nessa editoria.

Representações dos feminismos e do midiativismo

De modo geral, para as(os) entrevistadas(os), os feminismos e mesmo o conceito do que é ser feminista são concepções atreladas à ideia e ao sentimento de liberdade e também à desconstrução de noções pré-concebidas sobre papéis de gênero que elas(es) carregavam – e por vezes ainda carregam – em decorrência da imersão em espaços familiares, escolares, religiosos e outros ambientes sociais de caráter patriarcalista. As entrevistadas reforçam que essas desconstruções são também uma reformulação de si, um repensar permanente de posturas e ações no geral, mas especialmente no que se refere a elas próprias.

Os relatos de desconstrução de si mesmas motivados pelas reflexões sobre gênero e feminismos perpassam as entrevistas, em especial, quando os indivíduos abordam o próprio amadurecimento ideológico, a descoberta e o aprofundamento no debate feminista e o processo de desenvolvimento e apreensão de conceitos e de vertentes de militância na esfera de gênero, vivências decorrentes da imersão no mundo social. Chloé, jornalista da *newsletter Les Glorieuses*, define o ato de “ser feminista” como um aprendizado contínuo: “Eu acredito

défense de l'égalité entre les hommes et les femmes, mais je veux dire, je ne militais pas particulièrement. Et puis, au fur et à mesure de mes aventures professionnelles, je me suis rendu compte qu'y avait quand même beaucoup de sexisme dans le milieu du journalisme. Par exemple, quand j'ai commencé, je travaillais pour France 3 ou pour la télévision nationale, j'étais reporter pour la télévision et sur le terrain. Souvent je travaillais avec un caméraman homme et plus âgé et tu vois, un bon exemple de sexisme ordinaire, c'est quand la personne que tu interview s'adresse à ton collègue masculin alors que c'est toi la journaliste et que c'est toi qui pose les questions. Oui, ça s'est passé souvent”.

que a gente não para nunca de se desconstruir, de aprender, de abrir os olhos para a sociedade” (entrevista, 5 de agosto de 2022)¹⁴⁴.

Com o intuito de estruturar o desejo coletivo de ação social em prol da causa de gênero, as midiativistas propõem intersecções entre o espaço da militância política e o mundo do jornalismo, usando o meio digital como ferramenta de expressão e disseminação de informação. Elas(es) passam a lidar com o militantismo conferindo a este um estatuto de trabalho, de ocupação que requer comprometimento regular e assiduidade participativa. A criação de mídias feministas *on-line* é uma escolha assumida por profissionais que consideram que é preciso reinventar todo o sistema de produção de informação (Breda, 2022). Bárbara, assistente administrativa da *Think Olga*, por exemplo, conta que enxerga o feminismo como uma atividade laboral que, de acordo com ela, demanda persistência e constância e leva anos para se concretizar: “Eu acho que todas as nossas ações do dia a dia são pautadas pelo feminismo. Tudo o que a gente faz é político” (entrevista, 30 de julho de 2021).

As midiativistas ouvidas nesta tese reafirmam o entendimento de que a noção de feminismos implica exercer empatia por outras mulheres e pessoas feminilizadas. A expressão da solidariedade enquanto emoção evoca entre membros do grupo impulsos de compromisso e trabalho e o reconhecimento de que, mesmo que não tenham os mesmos sentimentos, vidas e corpos, mulheres compartilham um terreno comum (Ahmed, 2014). Mariana, criadora do portal *Lado M*, pontua que a militância acaba por aguçar no grupo um olhar mais “empático e humanitário para a sociedade” (entrevista, 15 de julho de 2021) como um todo. A entrevistada acredita que aceitar o rótulo de feminista é uma atitude que extrapola estereótipos, culminando na desmitificação de ideias pré-concebidas sobre o movimento e sobre práticas sociais, tanto para si e, ainda mais, para as(os) outras(os):

¹⁴⁴ Tradução da autora para o trecho: “Je pense qu'on ne cesse jamais de se déconstruire, d'apprendre, d'ouvrir les yeux sur la société”.

Ser feminista não é só você lutar puramente pelas mulheres. Eu acho que é você ir além dessas lutas e entender que tem o feminismo racial, que tem o feminismo das mulheres com deficiência, tem o feminismo das mulheres LGBTQIA+. Feminismo é você conseguir entender diferentes nuances e tentar criar uma sociedade mais justa e igualitária para todo mundo. (entrevista, 15 de julho de 2021)

Diante dos estereótipos que cercam a concepção do que seria o feminismo, as narrativas das(os) midiativistas indicam esforços empenhados pelo grupo em não limitar o movimento a ações pontuais e midiaticáveis, buscando formas de permitir que a militância perpassasse transversalmente os mundos pelos quais elas transitam. Amanda, colunista da revista *AzMinia*, salienta: “Feminismo não é o crucifixo na boceta e peito de fora em manifestação. Também é, se quiser ser!” (entrevista, 27 de agosto de 2021). A colocação da jornalista sublinha, por um lado, o olhar preconceituoso que uma parte da sociedade – de modo geral, englobando os contextos brasileiro e francês – confere ao movimento feminista, através da retórica de que essa causa ameaça valores atrelados ao ideal da família cristã (Cruz & Dias, 2015), propagando discursos antifeministas que reemergem em um contexto político e social em que neoliberalismo e neoconservadorismo se combinam para reforçar ideais reacionários (Devreux & Lamoureux, 2012). Por outro lado, a fala da entrevistada destaca que, para as midiativistas, ser feminista não se reduz a ações de performance e de incitação de perplexidade e choque – ainda que esses sejam elementos-chave em suas formas de militância (Hollanda, 2019; Jouët, 2022).

Da perspectiva individual, a noção de feminismo é, para as(os) entrevistadas(os), uma propulsão reflexiva que as faz se autoquestionar e questionar o mundo ao redor, traduzindo-se na concretização do sentimento de liberdade e, principalmente, na possibilidade de libertarem a si mesmas para percorrer autodescobertas profissionais e pessoais que, antes da militância, elas não se permitiam vivenciar. Mais do isso, o engajamento ganha proporções coletivas e é ampliado através do contato com outras(os) feministas. É a partir do encontro com as(os) demais ativistas que as(os) entrevistadas(os) se apropriam dos feminismos como ferramentas de confrontação a estruturas tradicionalmente patriarcais (como igreja e Estado)

e de combate a sistemas de opressão socioeconômicos e étnico-raciais aos quais elas se opõem.

Para além das diferenças em relação ao posicionamento frente ao exercício de um feminismo interseccional identificadas nos contextos brasileiro e francês, a análise dos materiais coletados ao longo desta pesquisa possibilita que se perceba um movimento transnacional de feminismos, que é comum aos dois países em que foram realizados os campos de maneira direta (Brasil e França) e que aparece também nas experiências de midiativistas que atuam em outras localidades (Argentina, Austrália, Luxemburgo e Reino Unido) e dos públicos por onde circulam os produtos feministas estudados (que também englobam Bélgica e Suíça).

Fortemente conectados por mobilizações de ativismo digital e impulsionados por coletivos feministas e por personalidades engajadas pela causa, os ideais feministas transitam por entre diferentes países, alimentando versões locais e regionais dessa causa, de modo a dialogar com as realidades socioeconômicas, históricas e culturais das populações, mas tendo como fio condutor anseios partilhados por equidade de gênero. Há um envolvimento e um senso de pertencimento e de comprometimento tanto com as causas que as(os) midiativistas defendem quanto com as práticas que desenvolvem e com as pessoas implicadas nessas atividades. Elas se engajam também com o modo de vida criado pelo grupo em torno das publicações nas quais atuam, desenvolvendo laços de amizade e tornando o espaço de convivência um componente que integra seus cotidianos.

Formas de mobilização e engajamento e sua integração às carreiras

Antes de se aproximarem dos feminismos, costuma existir uma identificação das(os) midiativistas com outras formas de engajamento ligadas a debates de classe, raça e diversidade, para além das mídias feministas ou mesmo do militantismo político clássico – atrelado a partidos ou movimentos sociais. As ciberativistas, de modo geral, têm frequentemente uma experiência sólida com outras formas de mobilização política e a partir de ações *on* e *off-line* que se dão de maneira entrelaçada (Breda, 2022). São pessoas que

se aproximam do discurso engajado a partir de ambientes familiares, acadêmicos e profissionais e que estão habituadas a circular por espaços ativistas.

Parte das(os) entrevistadas(os) desta pesquisa relatam terem descoberto o feminismo por outras vias militantes. A partir, por exemplo, da identificação prévia com ideologias do espectro político de esquerda, como ocorreu com Bruna (*AzMina*), Carolina (*AzMina*), Marguerite (*Georgette Sand*), Mathis (*Madmoizelle*), Morgane (*Georgette Sand*) e Vanessa (*Lado M*). Nesse aspecto, disciplinas cursadas na universidade e a inserção no movimento estudantil aproximaram as(o) midiativistas da atuação militante de maneira geral e, mais especificamente, das discussões de gênero.

Anthony (*Madmoizelle*, entrevista, 20 de julho de 2022), por exemplo, afirma que, enquanto pessoa *queer*, não cisgênero e negra, na faculdade, passou a se interessar por debates relacionados à diversidade e equidade. Bruna (*AzMina*, entrevista, 2 de agosto de 2021) se atentou para o fato de que não lia mulheres porque o currículo do seu curso não a estimulava a isso e, instigada por sua atuação no centro acadêmico (o que, segundo ela, teria aguçado sua noção de coletividade e de comportamento político), fundou um núcleo de gênero na faculdade e montou o primeiro coletivo feminista da Escola de Comunicação da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Catarina (*Lado M*) e Marjana (*Think Olga*)¹⁴⁵, duas mulheres negras e moradoras de regiões periféricas de grandes cidades, avaliam que suas formas de militância surgiram entre o fim do ensino médio e o início da faculdade, estando muito mais atreladas ao debate de raça do que ao de gênero, e a intersecção entre essas pautas aconteceu mais intensamente quando elas aderiram aos projetos feministas.

Quando eu comecei a estudar, eu digo que eu expandi o meu mundinho. Antes eu não tinha acesso a muitas discussões de movimento social. Foi quando eu entrei na

¹⁴⁵ A jovem se aproxima da militância política em 2015, quando viaja com colegas da faculdade para um encontro nacional de estudantes de comunicação, em Salvador – cidade brasileira com a maioria população autodeclarada negra e com um histórico amplo de luta desse movimento –, e se depara com outros estudantes também negros de sua universidade. Influenciados pela atuação de coletivos e movimentos sociais de outros estados, eles decidem criar o primeiro coletivo negro da faculdade em que estavam inseridos. Passam a organizar grupos de estudo, eventos e debates e pressionam corpo docente a inserir autores(as) negros(as) no currículo e nas discussões das disciplinas.

faculdade que eu comecei a entrar mais em contato com isso. Desde então, a minha graduação foi marcada muito por participação em movimento social. Eu para um encontro de estudantes e tinha bastante colegas negros no grupo que foi comigo. Quando a gente voltou, a gente voltou querendo fazer alguma coisa. Foi aí que a gente criou o Coletivo Afronta Fabico, que foi o primeiro coletivo de estudantes negros da Faculdade de Comunicação e de Biblioteconomia. Foi ali que começou mais ou menos a minha trajetória de movimento social. A gente fazia eventos, rodas de conversas. (Marjana, colaboradora da *Think Olga*, entrevista, 12 de agosto de 2021)

Há a construção de uma narrativa romantizada nos discursos de uma parcela das(os) entrevistadas(os) que sugere que a consciência de justiça social ou de militância feminista seria uma característica inata. Parte das midiativistas reforçam que, na infância, sentiam-se diferentes das demais crianças ou que, desde que possuem memória, já tinham formado algum senso crítico de classe, raça e/ou gênero. Um exemplo é a fala de Leandra (colunista *AzMina*), que, enquanto mulher com deficiência, diz que tinha atritos familiares por querer ser mais independente:

Eu acho que, desde que eu existo, eu sempre fui assim. Eu sou muito vaidosa, então eu sempre gostei de me maquiar, de colocar roupa de acordo com a minha idade, apesar de a família ser muito preconceituosa e de ter superproteção, de ter muita codependência e da família ter medo de a gente sofrer. (...) Eu queria avançar, mas, muitas vezes, era reprimida. A gente acaba querendo ser um corpo feminista. “Por que eu não posso ter direito de estar nos lugares?”, “Por que eu não posso ter direito de cursar uma faculdade, de trabalhar, de colocar uma saia, de a minha perna aparecer, de colocar um salto alto (mesmo estando em uma cadeira de rodas)?”, “Por que eu não posso passar um batom vermelho?” (entrevista, 2 de agosto de 2022)

O depoimento de Megan (jornalista da *Les Glorieuses*) também indica um movimento de reconstrução de si, que surge nas entrevistas biográficas como um mecanismo de reconstituição do passado para dar coerência do presente (Pereira, 2008). Ela conta que é feminista desde que tinha 5 anos de idade: “Eu me interessei pelo feminismo desde antes de

querer ser jornalista. Eu já era feminista aos 5 anos. Enquanto crescia, sempre me interessei pelos direitos das mulheres, pela justiça social e pela igualdade” (entrevista, 22 de julho de 2022)¹⁴⁶.

Outras referências ao despertar do militantismo feminista, embora também remontem à fase de infância, estão mais atreladas à criação e à educação que as midiativistas receberam em casa, especialmente das mães e avós, como apontam Fayrouz (colaboradora da *Georgette Sand*), Emilie (jornalista da *Madmoizelle*) e Mathilde (colaboradora da *Georgette Sand*). Fayrouz (entrevista, 24 de julho de 2022) menciona as viagens de férias que fazia na infância para visitar a família no Marrocos, episódios que ela considera determinantes para sua inserção na militância feminista, pois eram ocasiões em que ela via com mais clareza que as meninas e os meninos recebiam tratamentos diferenciados, com os direitos das mulheres sendo mais restritos do que os dos homens na sociedade marroquina em relação ao que ela observava na França.

Mathilde (colaboradora da *Georgette Sand*) – militante feminista e influenciadora digital no contexto francófono – ressalta a influência que recebeu da família nesse processo de inserção ativista. Sua mãe – a filósofa francesa e professora emérita da Universidade de Paris 1 - Panthéon Sorbonne Catherine Larrère – era uma figura engajada no movimento feminista francês desde os anos 1970. Portanto, dentro de casa, a historiadora tinha acesso a debates e obras feministas. Mas foi só ao se tornar professora, por volta dos anos 2000, que ela passou a contribuir diretamente com coletivos e estruturas de militância feminista.

Minha mãe fazia parte daquela geração de feministas dos anos 70. Portanto, sempre fui criada com um tipo de autoconfiança feminista. Havia livros feministas em casa. Quando eu era estudante, o feminismo não era um dos momentos mais mobilizadores. Foi quando eu estava na universidade como professora que as associações de estudantes me pediram para participar de festivais para fazer atualizações históricas,

¹⁴⁶ Tradução do trecho: “I have been interested in feminism since before I wanted to be a journalist. So I was a feminist when I was five. I'm very interested in women's rights, social justice and equality all growing up”.

especialmente sobre o direito ao aborto, e foi aí que conheci os grupos de estudantes feministas. Depois, muito rapidamente, muito rapidamente, usei minhas habilidades para explicar a história a serviço de coletivos feministas. Depois disso, passei a me envolver mais nas lutas feministas. (entrevista, 2 de agosto de 2022)¹⁴⁷

A influência do fator maternidade no engajamento feminista também é mencionada de uma outra perspectiva: a das entrevistadas que são mães. A fala de Morgane (*Georgette Sand*, entrevista, 8 de setembro de 2022) ilustra essa ideia quando a midiativista afirma acreditar que sua imersão no debate de gênero foi um processo progressivo, que eclodiu de vez quando ela teve filhas gêmeas. Algo semelhante ocorreu com Luisa (*AzMina*, entrevista, 8 de novembro de 2020), que narra que seu modo de militar e de participar dos espaços de ativismo foram ressignificados a partir do momento em que ela teve uma filha e começou a olhar para a causa feminista levando em conta seu papel e suas experiências como mãe.

Fatores geracionais também interferem em como as midiativistas podem ser introduzidas à militância, fazendo com que dispositivos sociotécnicos sejam fatores importantes no contato de entrevistadas mais jovens com pautas feministas. Malu (*Lado M*), com 21 anos à época da entrevista, descreve que, quando tinha entre 13 e 14 anos, aproximou-se do debate sobre equidade de gênero e a descriminalização do aborto pela internet, pois estava interessada pelo tema e recorreu a buscadores e redes sociais para pesquisar mais sobre o assunto. Nessa fase, ela acompanhou a eclosão da Primavera Feminista no Brasil: “Eu lembro, por exemplo, da Chega de Fiu Fiu da *Think Olga*, que foi bastante comentada. Eu lembro que eu tinha um blog na época, que era um blog pessoal, e

¹⁴⁷ Tradução do trecho: “Ma mère faisait partie de cette génération des féministes des années 70. Donc j'ai toujours eu dans mon éducation une espèce d'évidence du féminisme. À la maison, il y avait des ouvrages féministes. Et ensuite c'est quand j'ai été à la fac où des associations étudiantes, comme j'étais prof un, m'ont demandé de participer à des festivals pour faire des mises au point historique, notamment sur le droit à l'avortement et que donc j'ai rencontré des collectifs féministes d'étudiantes. Mais quand moi j'étais étudiante, le féminisme n'était pas un de ces moments les plus on va dire mobilisateurs. Donc il n'y avait pas vraiment d'associations féministes quand j'avais 20 ans quoi. En fait, très vite, très vite, j'ai utilisé mes capacités pour expliquer l'histoire au service au collectif de collectifs féministes. Après, je me suis plus engagée dans des luttes féministes”.

eu coloquei o *banner* da campanha no meu blog” (Malu, repórter do *Lado M*, entrevistada em 19 de julho de 2021).

A militância mais tradicional, nas ruas, também pode ser um recurso instigante no processo de imersão militante das midiativistas. Como ocorreu com a jornalista argentina Agustina (*Les Glorieuses*), que, quando estudava em Paris, entre 2015 e 2017, contribuiu com a organização da marcha *Ni Una Menos* em frente à embaixada de seu país na França. Ou com Chl e (*Les Glorieuses*), que, ainda que nunca tenha participado diretamente de um coletivo ou de uma organização de militância feminista, engaja-se em manifestações e ações de rua organizadas pelo grupo *Nous Toutes*.

Analisando-se o grupo da perspectiva geracional, nota-se que, embora as condições históricas e os contextos mudem e as feministas dos anos 1970 e as de hoje não compartilhem, por exemplo, a mesma cultura midiática (Jou t, 2018), elas parecem partilhar referências e estímulos culturais, socio-históricos e emocionais para se engajarem na luta de gênero. As midiativistas se apoiam, independentemente da faixa etária, em dispositivos digitais para darem continuidade e ampliarem suas formas de ativismo. Desde Malu, a mais nova do grupo, que usa o Google e o Instagram como canais de pesquisa sobre temáticas de gênero, até Mathilde, a mais velha dentre as entrevistadas, que recorre massivamente ao Twitter como plataforma para difusão de informa o feminista e, por meio dessa atua o, tornou-se uma militante reconhecida entre as novas gera es de ativistas franceses.

O engajamento feminista das atrizes e atores do mundo social sugere que elas buscam, no midiativismo, outras formas de recompensas profissionais, que extrapolam planos de carreira e implicam retribui es de ordem não-material (Andrade, 2020; Enriquez, 1990; Becker, 2008; Gaiger, 2016), recorrendo   produ o de informa o feminista e de gênero para, pelas experiências afetivas geradas nesse espaço, posicionarem-se frente a outras pessoas e desenvolverem rela es com indivíduos que circulam pelo grupo (Bernard, 2017), tornando-se parte do mundo pelo viés de um ativismo gerador de pertencimento.

O despertar do engajamento feminista impulsionado pela dor

A maior parte dos relatos das(os) midiativistas que participaram desta tese indicam uma imersão gradual do grupo nos espaços de engajamento feminista. Entretanto, para alguns indivíduos, esse processo se deu de modo mais doloroso, impulsionado por contextos de classe e raciais, por elementos etários¹⁴⁸ ou por episódios específicos da vida pessoal de cada um(a). A dor, usualmente, aparece inscrita no contexto do privado, como uma experiência solitária (Ahmed, 2014). Mas, através da militância, entrevistadas(os) reformulam essa concepção e dão um tom coletivo às suas próprias dores individuais e também às dores de outras mulheres e pessoas feminilizadas.

As experiências de racismo vivenciadas por Cris (*AzMina*), Flay (*AzMina*), Marjana (*Think Olga*), Marília (*AzMina*), Sophie (*Madmoizelle*) e Anthony (*Madmoizelle*) aparecem como intrinsecamente conectadas a seus percursos militantes. Anthony, ao avaliar seu próprio posicionamento engajado enquanto jornalista, afirma que não poderia dissimular um papel de neutralidade no âmbito profissional, uma vez que é um jovem negro, LGBTI+ e periférico: “Não posso me dar ao luxo de me fingir de neutro. Sou um jovem *queer* racializado na França e que nasceu em um bairro popular” (Anthony, entrevista, 20 de julho de 2022)¹⁴⁹. Ele acredita que sua presença em redações de jornais e revistas franceses é, por si só, uma forma de colocar em questão a homogeneidade de tais espaços.

Ao trabalhar em redações de mídias hegemônicas, Anthony tinha um constante sentimento “de ser um intruso, de não estar no seu lugar, de ser ilegítimo” (Anthony, na mesma entrevista acima mencionada). Essa era uma dinâmica que gerava nele um sentimento de ansiedade e de medo de, em decorrência de atributos físicos, não ser

¹⁴⁸ Os discursos das entrevistadas mais jovens trazem o elemento de preconceito etário como um impulsionador para o militantismo feminista dessas midiativistas. Rayana (*d’AzMina*) conta que, no início de sua carreira profissional, quando ainda estava na faculdade, percebeu que as pessoas repetidamente não davam credibilidade ao que ela dizia por ela ser mulher e jovem, e questionavam suas competências e habilidades. Com o tempo, ela observou que não era um problema atrelado a ela, especificamente, mas à uma conjuntura estrutural de opressão de gênero. O que a fez engajar-se ao ativismo feminista.

¹⁴⁹ Tradução da autora para o trecho: “J’ai pas le luxe de pouvoir prétendre être neutre. Je suis un jeune *queer* racisé en France qui est née dans les quartiers populaires” (Anthony, entrevista, 20 de julho de 2022).

reconhecido como um profissional da área, já que pessoas que circulavam pelo espaço da redação perguntavam com frequência se ele trabalhava como técnico de informática ou vigia ou se era da equipe da segurança. Não imaginavam que se tratava de um jornalista.

Em um relato que associa simultaneamente vivências de racismo e sexismo, Flay (*AzMina*) descreve que sentiu necessidade de se engajar com mais empenho nos feminismos em especial após fazer intercâmbio em países europeus (Portugal e Reino Unido), ocasiões em que enfrentou violências enquanto mulher racializada e estrangeira: “Muitas vezes, eu ia comprar alguma coisa e percebia que o homem tinha uma abordagem achando que eu seria mais permissiva por ser brasileira. ‘Brasileiras são quentes’, ‘brasileiras são fogosas’” (Flay, entrevista, 6 de agosto de 2021). Ela diz que, particularmente em Portugal, passou por muitos episódios de hipersexualização, em que insinuavam que ela seria uma prostituta, apenas porque era uma mulher negra e brasileira. Após essas vivências, a jornalista contatou a revista *AzMina* e pediu para criar uma coluna focada na temática de viagens/intercâmbio em correlação com o debate de raça e gênero.

As dores, por vezes, advêm da própria conjuntura de militância política. As midiativistas racializadas costumam indicar que enfrentam percursos relacionados aos sentimentos de decepção e frustração em seus contatos iniciais com o movimento feminista. Catarina (*Lado M*), que é moradora da periferia de São Paulo e cuja família é pobre, ficou decepcionada ao chegar na faculdade e tentar se inserir em grupos de militância feminista. “A faculdade é um ambiente muito branco” (Catarina, entrevista, 21 de julho de 2021). Ela reclama do que define como “falta de sensibilidade” do movimento feminista para abarcar as questões relativas à realidade de mulheres negras. Relatos semelhantes afloram em discursos de outras entrevistadas negras (Cris, Marjana, Sophie), mas também das brancas (Bárbara, Gabriella, Leandra, Luisa, Nana). Catarina resume a falta de acolhimento e de pertencimento que sentia:

Tinha algumas questões, alguns problemas, que eu entendia, na perspectiva de que o mundo é machista, independente da classe da pessoa, mas que não me acolhia de maneira nenhuma. Às vezes eu trazia algumas coisas que eu sentia falta e essas

coisas também não encontravam lugar, porque elas não se identificavam, porque aquela não era a realidade delas. Então, foi um pouco nesse momento que eu parei e pensei: Esse espaço talvez não seja para mim. (entrevista, 21 de julho de 2021)

Ela acabou optando por frequentar grupos de militância do movimento negro, ainda que não fossem voltados para o debate de gênero, porque, nesses espaços, encontrava mulheres com quem sentia maior identificação. Até que descobriu o feminismo negro, um novo marco na trajetória militante da entrevistada: “Essa roda de conversa sobre feminismo negro me abraçou muito mais. Ela me abraçou muito mais porque eram pessoas muito mais parecidas comigo” (Catarina em trecho da entrevista acima mencionada).

Ao passo que outras midiativistas negras, contudo, só tomaram consciência mais explicitamente da militância de gênero após entrarem para projetos de mídias feministas. Foi o que ocorreu com Marjana, da *Think Olga* (entrevistada em 12 de agosto de 2021), que se aproximou do movimento feminista devido ao contato com a ONG. Antes disso, fazia parte do movimento negro, mas ainda sem pensar no recorte de gênero. O fato de não conseguir se inserir no mercado de trabalho enquanto mulher negra no sul do Brasil – região com características culturais historicamente racistas (Magalhães, 1994) – a levou a descobrir a *Olga* e a se aproximar do debate sobre o feminismo. Processo semelhante aconteceu com Marília (*AzMina*, entrevistada em 18 de agosto de 2021). O convite para trabalhar na revista foi o catalisador para seu engajamento feminista. A partir dessa atuação profissional, já inserida no grupo, ela começou a refletir sobre sua vida e carreira da perspectiva de gênero.

Em outros casos, os elementos da vida pessoal que desencadeiam nas entrevistadas interesse pelos feminismos estão correlacionados a violências vividas no âmbito privado¹⁵⁰. Duas midiativistas compartilharam comigo, no processo de entrevistas em profundidade, histórias pessoais de abortos induzidos. Uma delas executou o procedimento no Brasil, onde a prática é proibida de maneira geral e, portanto, criminalizada, e a outra o fez na França,

¹⁵⁰ Para preservar as entrevistadas, neste e no próximo parágrafo, optei por não citar diretamente seus nomes e os projetos feministas com os quais contribuem.

com acompanhamento e suporte do Estado. Embora as experiências, dados os contextos de origem de cada uma, tenham sido bastante diversas – para a brasileira, o medo de ser presa era um fator adicional ao trauma e que pesou consideravelmente no impacto psicológico que o acontecimento lhe ocasionou¹⁵¹ –, ambas ainda lidam com esses episódios de suas trajetórias com ressalvas, não se sentem confortáveis para tratar abertamente do assunto com a maioria das pessoas e apontam essas histórias pessoais como motivação central para seus respectivos engajamentos no ativismo feminista.

Assédio e violência doméstica também aparecem como fatores que incitam o interesse de entrevistadas por pautas de gênero e equidade. Uma midiativista relata ter enfrentado episódios de sexualização de sua imagem e corpo desde a infância e início da adolescência, a começar pelo ambiente familiar, causando-lhe sensação de revolta e indignação. Outra conta ter sofrido assédio sexual de chefias quando era estagiária. Há também experiências de assédio em transportes públicos vividas por entrevistadas e que as fizeram se aproximar do movimento e/ou da militância feminista. Além disso, uma das entrevistadas presenciou em casa cenas de violência doméstica: “Meu pai agrediu a minha mãe e eu sabia que aquilo era muito errado. Minha mãe foi para a delegacia com o olho roxo” (entrevista à autora).

Conjunturas estruturais de violência de gênero ou de preconceitos (raciais, de gênero, de orientação sexual) aparecem como elementos de fundo em todos os relatos obtidos nesta pesquisa, gerando nas(os) entrevistadas(os) revolta, tristeza e frustração, mas também desejo de partilhar suas vivências e transformar a dor em engajamento ativista ou militante. No contexto dos feminismos, o ato de denúncia ou de compartilhamento de violências outrora sofridas é uma estratégia de coletivização de experiências que afetam o grupo como um todo e geram mobilização social ativista. É a forma de expressão de uma esperança por outro tipo de mundo, outra maneira de habitar o mundo (Ahmed, 2014). O sentir – raiva, acolhimento,

¹⁵¹ Durante a realização do procedimento, em uma clínica de abortos clandestina no Brasil, a polícia entrou no local, o que tornou o episódio ainda mais traumático para a entrevistada.

empatia, revolta, tristeza, realização – é o que costuma levar as(os) entrevistadas(os) à ação feminista engajada e, posteriormente, à atuação no interior do mundo do midiativismo feminista digital.

Retornos financeiros e estratégias de sobrevivência econômica individuais

A experiência financeira das midiativistas feministas costuma vir atrelada à três categorias de representações: 1. A sensação de que a profissão de jornalista sofre uma precarização generalizada – não sendo, portanto, um cenário que acomete somente o mundo do midiativismo; 2. O sentimento de sorte e de gratidão por estarem inseridas em um ambiente de mídia engajada capaz de lhes ofertar um conjunto de direitos trabalhistas; e/ou 3. A percepção crítica do custo emocional de se lançar em carreiras de midiativismo. A forma como cada atriz ou ator se enquadra nessa categorização varia, sendo que há indivíduos que descrevem possuir identificação com mais de uma dessas dimensões.

À semelhança do que ocorre com midiativistas entrevistadas(os) por Ferron (2016), quando o autor se investe na observação do mundo da mídia livre, há relatos recorrentes da precariedade e da instabilidade nas carreiras atravessando as falas das pessoas entrevistadas para esta tese, em especial, as(os) jornalistas. Há, contudo, a diferença de que alguns desses projetos (*AzMina*, *Madmoizelle* e *Think Olga*) parecem ter conseguido estabelecer dinâmicas de gestão interna que lhes permitem proporcionar a funcionários situações de estabilidade e/ou de renda que em outros setores do jornalismo elas(es) não encontram.

De modo geral, as(os) midiativistas que são remuneradas(os) pelas mídias feministas costumam ressaltar que ganham um valor justo pelo trabalho que prestam. Elas(es) salientam que, ao contrário de outros ambientes em que já prestaram serviços, encontram-se atualmente em posições em que não se sentem financeiramente exploradas(os). Essas entrevistadas reforçam a satisfação que estar inseridas nessas publicações lhes gera em termos de condições de trabalho. Sophie (entrevista, 1 de setembro de 2022), que é

responsável por conteúdo de marcas na *Madmoizelle*, menciona que, de uma perspectiva financeira, se considera com sorte por ter um contrato de duração determinada.

Anthony e Océane, membros da mesma publicação, igualmente enfatizam o sentimento de alívio pela possibilidade de terem um cargo fixo na revista. De acordo com Océane, ainda que o salário não seja elevado, a publicação tem o hábito de rapidamente contratar as pessoas por meio de contratos de duração indeterminado: “O bom do *Madmoizelle* é que, ao contrário de muitas mídias, os contratos são estáveis. A revista contrata pessoas com contratos permanentes muito rapidamente, e, ter um contrato permanente quando se é jornalista, é muito raro” (Océane, jornalista da *Madmoizelle*, entrevista, 2 de setembro de 2022)¹⁵².

Uma vez que esses atores e atrizes estão inseridos em uma lógica profissional em que jornalistas atuam, frequentemente, como *freelancers* (Ferron, 2016), a mídia que oferece a possibilidade de conceder cargos fixos em sua redação tem confere à equipe algum nível de segurança e conforto. Anthony (*Madmoizelle*) admite (entrevista, 20 de julho de 2022) que, embora a vida de *freelancer* seja mais dinâmica, ter um cargo fixo em uma redação é, segundo ele, mais confortável. Foi essa sensação de tranquilidade que fez com que o repórter de moda, que atuou como *freelancer* em diferentes mídias de 2017 até 2021, ficasse aliviado ao ser procurado pela *Madmoizelle* para compor a equipe da revista de maneira fixa.

Há conjunturas e estruturas profissionais ligadas à configuração do mercado de trabalho no jornalismo que interferem em como colaboradoras(es) de publicações engajadas se relacionam com suas carreiras de midiativistas – no caso da tese, atento-me, em especial, para as(os) entrevistadas(os) que advêm do meio jornalístico, já que esses relatos tenderam a ressaltar com maior recorrência as dinâmicas salariais da profissão. Nos dois países estudados, nota-se que, embora as mídias menores e engajadas costumem pagar menos, a percepção geral das atrizes e atores do mundo social estudado é de que as mídias maiores

¹⁵² Tradução da autora para o trecho: “Ce qui est bien chez *Madmoizelle* c'est que, contrairement à beaucoup de médias, il y a des contrats stables. *Madmoizelle* prend des gens en CDI rapidement et ça, avoir un CDI quand on est journaliste, c'est quand même assez rare”.

também pagam mal e, portanto, as(os) entrevistadas(os) avaliam que vale mais a pena, da perspectiva de satisfação profissional, atuar em alinhamento com alguma causa na qual acreditam (feminismos, antirracismo e/ou direitos LGBTI+).

O estatuto da profissão de jornalista no país de atuação e a legislação trabalhista também são fatores que influenciam no modo como as(os) entrevistadas(os) se relacionam com suas escolhas de carreira. Megan (*Les Glorieuses*), que é uma jornalista britânica-australiana que optou por viver na França, relata (entrevista, 22 de julho de 2022) que, na *newsletter*, onde atua três vezes por semana, está diante das melhores condições de trabalho que já teve na vida. Porém, a rotina de *freelancer*, que ela ainda precisa manter, continua sendo difícil e exaustiva:

São provavelmente as melhores condições de trabalho que já tive. E acho que uma das coisas de não ser francês e vir para a França trabalhar é que as condições de trabalho são muito protegidas, são melhores do que em Londres, onde eu estava antes, onde certamente havia um enorme excesso de trabalho, e do que na Austrália, onde eu trabalhava muitas horas. Portanto, esse é o lado bom e gerenciável. O lado *freelancer* é terrível. É trabalho nos fins de semana, noites, tudo isso. (entrevista, 22 de julho de 2022)

No âmbito brasileiro, constatou-se que, embora as lacunas legislativas em torno da não regulamentação da profissão de jornalista fragilizem a categoria de modo geral, no contexto da mídia engajada, foram observadas situações inversas à realidade francesa, com publicações midiativistas pagando melhores salários e garantindo às equipes melhores condições de trabalho do que mídias tradicionais. Marília, atual diretora operacional e de tecnologia da revista *AzMina*, conta (entrevista, 18 de agosto de 2021) que já foi repórter em jornais de renome da mídia hegemônica de Salvador (Bahia), cobrindo principalmente cultura, mas também política e cidades. Contudo, ela era mal remunerada, ganhando pouco mais de um salário mínimo brasileiro¹⁵³ – que, em agosto de 2023, equivale a R\$ 1.320 ou € 243,31.

¹⁵³ Segundo o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) do país, o salário mínimo do Brasil é cinco vezes menor do que a quantidade necessária para suprir

De acordo com a jornalista, a entrada n'*AzMina* foi um marco que “transformou o núcleo familiar” (Marília, entrevista, 18 de agosto de 2021), porque é o emprego de melhor remuneração que ela já teve até hoje. A partir do momento em que entrou para a revista, mesmo que ainda não seja um trabalho capaz de assegurar por completo direitos trabalhistas – ela é micro-empresária individual¹⁵⁴, forma de contratação de colaboradoras em que as garantias trabalhistas são reduzidas e não há carteira assinada, situação que a publicação ainda busca condições financeiras de reverter –, a jornalista passou a ter um salário que ela chama de digno.

AzMina tem uma coisa bem simbólica. Logo que eu entrei, no final do ano passado, elas falaram que a gente teria um regalinho, uma sessão de massagem. Era só pedir o reembolso. Seria presente de fim de ano. Foi a primeira vez que eu fiz uma massagem em mim. Eu fiquei pensando: “Vou pagar para minha mãe e para minha irmã também. Vou dar de presente de Natal isso. Vai ser uma sessão de massagem para nós três”. A minha mãe, também foi a primeira vez dela, e ela tem 57 anos. Ela, super emocionada, disse: “Nunca fui tocada dessa forma, nunca me proporcionei isso”. Minha mãe foi uma mulher que sempre trabalhou, a vida inteira. Ela é enfermeira, também foi formada pela Universidade Federal da Bahia. É uma mulher que está prestes a se aposentar, mas, enfim, com o desemprego, na faixa dos 50, não concluiu o tempo de serviço e, por consequência, o tempo de se aposentar. Enfim, minha mãe trabalhou a vida toda, viveu em função da família e tinha o dinheiro dela. Ela não tinha subempregos. Eram empregos de nível superior. Mas ela nunca tinha se proporcionado isso, por uma série de questões estruturais também, inclusive de para onde esse dinheiro vai, para que você trabalha. Você trabalha para crescer, para

alimentação, moradia, saúde, educação, vestuário, higiene, transporte, lazer e previdência para uma família de quatro pessoas. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/analisecestabasica/salarioMinimo.html>.

¹⁵⁴ No Brasil, é a pessoa que trabalha como pequena empresária de forma individual e que está amparada por uma legislação que lhe confere regras, benefícios e a formalidade da atuação profissional.

sua família, para servir sua casa e para cuidar de você, no máximo, para fazer unha, para fazer cabelo, para ficar apresentável para o trabalho. Mas não para você. Então a experiência da *AzMina* foi metafórica, de como um trabalho pode desencadear tantas outras coisas na vida de uma pessoa. E eu estou falando de uma coisa simbólica, sem nem pensar na renda, no sustento da casa. Eu sustento a minha casa. Eu sou bem melhor remunerada do que qualquer outro emprego que eu tivesse aqui, em Salvador. (Marília, entrevista, 18 de agosto de 2021)

As vantagens salariais que publicações midiativistas podem oferecer frente a outras atividades midiáticas no Brasil, contudo, não eliminam o sentimento de incômodo das entrevistadas com relação à falta de estabilidade nas carreiras atrelada a cenários de instabilidade política e econômica do país. Ainda assim, de modo geral em ambos os países, percebe-se que jornalistas de mídias alternativas, uma vez confrontadas(os) a mecanismos de ordem econômica e organizacional, procuram se estruturar de modo a basear a sua profissionalização em uma estrutura que seja convergente com os princípios políticos que carregam (Hubé, 2010). Apesar dos custos financeiros, a escolha pelo midiativismo tende a valer a pena para a maioria das pessoas entrevistadas, em decorrência da satisfação pessoal que a ação militante e a atuação coletiva acarretam na rotina do grupo.

Em suma, as vivências das midiativistas reforçam a ideia de que o jornalismo segue uma lógica empresarial de imprensa utilitarista, marcado por demandas de atividade econômica (Neveu, 2019), enquanto as mídias engajadas tentam se desvincular dessas amarras. *Insiders* e pessoal de apoio das publicações, contudo, acabam por reconhecer que seus conteúdos são impactados pelo contexto concorrencial e por contingentes econômicos relacionados às instituições enquanto empresas midiáticas (Le Champion, 2015). Observa-se, ainda, a partir dos casos de abandono do mundo social estudado, que a satisfação pessoal e o pertencimento coletivo encontrados na ação ativista feminista, ao agirem como forças motriz do engajamento, encontram limites diante das questões de ordem financeira e de aumento da precarização da profissão. As(os) midiativistas procuram balancear

expectativas salariais, investimento profissional e desejo militante, em esforços que costumam gerar mais satisfação do que decepção para as(os) entrevistadas(os).

As inquietações e frustrações em torno das escolhas profissionais

A metodologia desta tese implica o risco de que, enquanto pessoas que ainda atuam nessas mídias e dependem delas para receber seus salários no fim do mês, uma parte das entrevistadas simplesmente não tenham ficado suficientemente à vontade para mencionar, em uma entrevista acadêmica, constrangimentos em termos remuneratórios que vivenciam ou tenham vivenciado no interior do mundo social. Em contrapartida, pessoas que já se desvincularam desses espaços falaram mais abertamente sobre suas percepções da relação empregatícia e financeira que tinham com as publicações, como Océane (*Madmoizelle*) e Bárbara (*Think Olga*).

Océane, que atuou como jornalista multimídia na *Madmoizelle* e me concedeu entrevista em um momento em que já não tinha mais vínculos de emprego com a revista (em 2 de setembro de 2022), considera que era sub-remunerada e elenca algumas problemáticas atreladas a aspectos financeiros do trabalho que executava na mídia. Ela diz que, como o salário era baixo e o custo de vida em Paris é bastante elevado, acabava tendo de optar por morar longe. A jovem avalia que pagar menos aos funcionários era uma escolha da publicação, que, do seu ponto de vista, tinha condições organizacionais e econômicas que a permitiriam fazer esforços para conceder à equipe salários mais elevados e, segundo a entrevistada, justos.

Eu recebia um salário mínimo. Não dá para viver com uma criança, por exemplo. É complicado viver adequadamente com um salário mínimo se você precisa ter um apartamento em Paris. Portanto, eu não podia pagar um lugar para morar na cidade, o que significava que eu tinha que viajar 3 horas por dia, e isso tornava as coisas complicadas. Sim, porque não só o trabalho é exigente, mas, além disso, eu não tinha

uma qualidade de vida que me permitisse descansar direito fora do trabalho. (entrevista, 2 de setembro de 2022)¹⁵⁵

A concepção de precariedade no âmbito do jornalismo é uma constante nos discursos das(os) entrevistadas(os). Essa precarização se reflete na trajetória profissional de uma parcela do grupo, levando parte dos membros a desempenhar mais de uma atividade ou conciliando a atividade de midiativismo com o “trabalho diurno” (Becker, 1982) – que os remunera e garante seus sustentos. Para quem tem mais de um emprego, o cansaço surge nos discursos emotivos dessas(es) entrevistadas(os) intercalado com uma sensação de conformismo, de reafirmação do estereótipo do(a) jornalista multifuncional, ao mesmo tempo em que elas(es) revelam ter consciência das dinâmicas mercadológicas atreladas ao neoliberalismo que exigem que elas(es) acumulem funções para se sustentar.

Amanda, colunista de esportes d’*AzMina* – cargo voluntário que desenvolve ao lado do trabalho de checadora de informações no programa de jornalismo satírico *Greg News* e de roteirista do *podcast* da *Revista Maré* – ao contar que atuava em uma assessoria de comunicação ao mesmo tempo em que também era repórter em uma redação de um jornal, afirma que “jornalista sempre tem várias profissões, vários empregos” (entrevista, 27 de agosto de 2021). A mesma percepção aparece em discursos de outras(os) midiativistas, e independe do país, da nacionalidade e do local de atuação da(o) profissional.

Megan (*Les Glorieuses*), por exemplo, que foi repórter e ainda presta serviços como *freelancer* em publicações britânicas, australianas, estadunidenses e francesas, destaca que “o jornalismo não é uma escolha inteligente sob a perspectiva financeira” (Megan, entrevista, 22 de julho de 2022)¹⁵⁶. A entrevistada insiste nessa afirmação ao revelar que o marido

¹⁵⁵ Tradução da autora para: “J’étais payé au smic horaire. Tu ne peux pas vivre avec un enfant, c’est compliqué de vivre correctement avec un smic s’il faut avoir un appartement à Paris. Ce qui fait que moi je n’avais pas les moyens de prendre un logement, ce qui fait que j’avais 3 h de transport par jour et du coup c’était compliqué. Ouais, parce que non seulement le travail est prenant, mais à côté de ça, je n’avais pas une qualité de vie qui me permettait d’être très reposé en dehors du travail”.

¹⁵⁶ Tradução da autora para o trecho: “Journalism is not a financially smart choice”.

também é jornalista, o que ela avalia como duplamente ruim para a saúde familiar, uma vez que ambos seguem uma carreira marcada por precarização.

Meu parceiro também é jornalista, portanto, essa é uma opção duplamente ruim para nós. E a decisão de trabalhar exclusivamente com jornalismo feminista afetou muito meu salário. Eu poderia estar ganhando muito mais se estivesse fazendo qualquer outro tipo de jornalismo. De qualquer forma, as remunerações para *freelancers* são terríveis. Ser *freelancer* não paga bem e muitos jornalistas complementam suas rendas com redação de conteúdo publicitários ou algo assim. Eu não faço isso. Só faço reportagens, que são muito mal pagas. E os encargos sociais na França são muito altos. Então, não, financeiramente, essa não é uma boa opção de carreira para mim, mas ganho o suficiente para gostar e sobreviver. (entrevista, 22 de julho de 2022)

O fator salarial e o estresse gerado em torno da manutenção financeira pessoal e familiar, além do excesso de trabalho, levam uma parcela das midiativistas – cerca de 10% das pessoas entrevistadas – a desistirem da profissão. Foi o que ocorreu, por exemplo, com Marguerite (*Georgette Sand*). Ela optou por deixar o jornalismo, em decorrência da insegurança e da instabilidade que enfrentava na carreira. Mas não se afastou da atuação profissional engajada. Tornou-se gerente de comunidade (ou, em inglês, *community manager*) e tem como objetivo criar uma empresa de pedagogia feminista. Para se manter financeiramente, trabalha na área de comunicação de uma empresa que se dedica a atividades de engajamento social e que desenvolve ações voltadas para solucionar a problemática da precariedade menstrual.

Uma parte das colaboradoras de projetos feministas entrevistadas – 16 pessoas – conduzem, em paralelo, atividades remuneradas e o trabalho voluntário para as publicações engajadas. São elas: Amanda (colunista da *AzMina*), Blanche (colaboradora da *Georgette Sand*), Bruna (colunista da *AzMina*), Catarina (repórter do *Lado M*), Cris (colunista da *AzMina*), Fayrouz (colaboradora da *Georgette Sand*), Flay (colunista da *AzMina*), Gabriella (repórter do *Lado M*), Leandra (colunista da *AzMina*), Luisa (colunista da *AzMina*), Malu (repórter do *Lado M*), Marguerite (colaboradora da *Georgette Sand*), Mariana (editora do *Lado*

M), Mathilde (colaboradora da *Georgette Sand*), Morgane (colaboradora da *Georgette Sand*) e Vanessa (repórter do *Lado M*).

As midiativistas voluntárias são, em sua maioria (12 delas), jornalistas, e trabalham em outras mídias engajadas, em mídias hegemônicas – onde buscam se alocar para cobrir a pauta de gênero – ou atuam na área de comunicação como assessoras de imprensa. Elas mantêm o voluntariado porque a atuação ativista lhes gera satisfação pessoal e reconhecimento profissional, já que elas ganham visibilidade no âmbito midiático ao comporem as equipes de projetos feministas. Esse grupo costuma sustentar discursos que misturam sentimentos de culpa com vergonha devido à sensação que carregam de que não fazem o suficiente pela publicação feminista. Relatam que gostariam de ter mais tempo para contribuir com maior regularidade com a produção de conteúdos, mas a rotina de conciliar a atividade voluntária com os demais trabalhos não as permite escrever tanto quanto queriam.

Eu até tenho vergonha de falar isso, tem sete meses que eu não escrevo para a *AzMina*. Eu estou com muita dificuldade. Acho muito triste comigo. Eu me cobro muito. Eu estou com vergonha! (...) Mas é por questão de agenda mesmo que eu não encontrei tempo para escrever. Eu não estou conseguindo ter tempo. (Amanda, colunista da *AzMina*, entrevista, 27 de agosto de 2021)

Embora o fator financeiro seja transversal em suas rotinas e falas, as midiativistas parecem relutar para admitir, por vezes até para si mesmas, a relevância desse elemento em suas vidas. Tais posturas reforçam o estereótipo de que a militância deve ser uma atividade motivada essencialmente pela paixão – sem retornos remuneratórios (Souza, 2016). Por isso, de certa forma, surpreende a honestidade de Bárbara (*Think Olga*), que atuou como assistente administrativa na *Think Olga*, a respeito do que lhe gerava mais satisfação no trabalho: “Em todo o trabalho, no final das contas, o que a gente quer ver é o salário na conta. Trabalhar com uma causa não é diferente disso. É um trabalho, como qualquer outro” (entrevista, 30 de julho de 2021).

Violências e ataques contra as midiativistas e seus desdobramentos

A inserção no mundo do midiativismo feminista expõe suas colaboradoras(es) a situações de violências em diversos níveis – sejam violências públicas, ainda que em nível simbólico, nos âmbitos digitais e físicos, e/ou violências organizacionais sofridas dentro das redações, de caráter hierárquico, estatutário, econômico, relacional, ligado à carreira, gênero, orientação sexual, origem ou deficiência (Le Cam, Pereira & Ruellan, 2021) – e a potenciais ataques advindos de grupos antifeministas e/ou tradicionalistas que se opõem às pautas de direitos das mulheres e de pessoas feminilizadas levantadas pelos feminismos. Essas dinâmicas têm desdobramentos emocionais, em que a intimidação e o medo funcionam como sentimentos de base para a tentativa de propagação de relações de dominação por parte de atores e de estruturas sociais que buscam limitar o alcance de produções em prol de equidade de gênero.

Decorrem das situações de ameaças, agressões e assédios, um conjunto de formatos mais recorrentes de violências: cibersexismo, *gaslighting* – prática em que, em uma interação ou em relações afetivas, um indivíduo deslegitima o que é dito pela vítima, fazendo ela duvidar de suas percepções da realidade –, assédio moral, ataques à comunidade LGBTI+ e embates na família e em círculos de convívio. A seguir, são elencadas as formas mais recorrentes de violências identificadas no trabalho de campo e os desdobramentos dessas vivências enfrentadas pelas(os) entrevistadas(os).

Os ataques digitais são o formato de violência mais recorrente entre o grupo de pessoas entrevistadas: 17 dentre as(os) 33 midiativistas descreveram diretamente ter enfrentado algum tipo de ciberviolência em decorrência de sua atuação em torno da produção de conteúdo feminista. As propriedades tecno-semióticas de ferramentas de mídias sociais, a exemplo do Twitter – que conta com concisão de enunciados, circulação simultânea de textos e imagens e uso de *hashtags* –, parecem um terreno fértil para impulsionar controvérsias relativas ao debate de gênero, já que a ferramenta é propensa a produzir entidades discursivas polêmicas e reafirma a ausência de consenso possível entre duas posições inconciliáveis (Julliard, 2016).

No caso do grupo de midiativistas entrevistado, geralmente, as agressões consistem em comentários e mensagens privadas recebidos por e-mail, mídias sociais ou nos sites das publicações feministas – o que é mais raro, já que esses projetos costumam ter políticas de combate a discursos de ódio capazes de blindar significativamente as equipes, segundo as(os) próprias(os) entrevistadas(os). Tal dinâmica não ocorre só com as(os) colaboradoras(es) de forma individual, mas as próprias estruturas institucionais das publicações de midiativismo feminista também recebem ataques via sites e mídias sociais, além de sofrerem ataques *hackers* regulares (ou quando são abordados assuntos de caráter mais sensível no debate público, como o direito ao aborto).

Anthony (*Madmoizelle*), jornalista negro e *queer* da região parisiense, enfrenta ciber-assédios com frequência. Segundo ele, em média, uma vez por mês. O jovem enfatiza que essas violências são muito fragilizantes para a saúde mental, mas que, por pior que pareça o contexto de recorrência da agressão, as pessoas que as sofrem acabam por se habituar. Os ataques acontecem significativamente em maior quantidade pelo Twitter, em comparação a outras mídias sociais (como Instagram), e o entrevistado aponta que os agressores se identificam como masculinistas: “No Twitter, eles são muito mais virulentos e também muito mais organizados. Portanto, é bem difícil, mas a gente se acostuma” (Anthony, *Madmoizelle*, entrevistado em 20 de julho de 2022)¹⁵⁷.

O Twitter, no Brasil e na França, ainda figura entre as redes sociais mais utilizadas, embora venha perdendo espaço na última década. A ferramenta, que se caracteriza no ambiente digital como um espaço que reforça desigualdades de gênero e raça (Messias *et al.*, 2017), é citada pelas(os) entrevistadas(os) como cenário recorrente de ciberataques. Esses relatos são corroborados por dados levantados por uma pesquisa coordenada pela revista *AzMina* em 2021, em parceria com o projeto InternetLab, o Volt Data Lab e o INCT.DD,

¹⁵⁷ Tradução da autora para: “Sur Twitter, ils sont beaucoup plus virulents, beaucoup plus organisés aussi. Donc c'est assez pénible, mais on s'habitue”.

e o com apoio do Centro Internacional para Jornalistas (ICFJ)¹⁵⁸, que revela que mulheres jornalistas no Brasil recebem mais que o dobro de ofensas que os colegas homens no Twitter. Mas outros espaços de circulação de conteúdo e interação digital, como YouTube, Instagram e até a Wikipédia¹⁵⁹, também são mencionados por entrevistadas(os) como cenários em que se desdobram assédios e violências.

A historiadora Mathilde (*Georgette Sand*), que acabou se tornando uma militante feminista de destaque na França impulsionada pela quantidade de seguidoras(es) que possui nas redes sociais, conta (entrevista, 2 de agosto de 2022) que recebe grande quantidade de comentários violentos e até de ameaças por essas plataformas, especialmente no Twitter – onde possui mais de 125 mil seguidores(as). A forma como reage depende de seu humor e disposição. Há vezes em que não diz nada. Outras, faz piada com pessoas que disseminam discursos de ódio. Nessas ocasiões, ela recorre a estratégias como enviar aos *haters* imagens satíricas, como um desenho dela própria feito por uma ilustradora feminista, contendo a seguinte frase: “beba a minha menstruação”. Nota-se que a midiativista recorre à adoção da estratégia do humor como arma militante (Breda, 2022), apropriando-se de respostas lúdicas como contra-discurso ante grupos antifeministas.

Há situações de ataque, porém, em que a formulação de táticas de defesa não é suficiente para acalmar ou gerar sensação de segurança às vítimas. Duas entrevistadas trouxeram relatos pessoais de ocorrências de assédio que envolveram ameaças de morte: Amanda (*AzMina*) e Rebecca (*Les Glorieuses*). Há elementos que dão indícios de porquê perfis de midiativistas como elas são mais visadas, sofrendo perseguições digitais mais violentas. Rebecca é criadora da *newsletter* feminista em que atua e assume o papel de porta-voz do boletim informativo, o que dá a ela maior destaque midiático e *on-line* – as outras coordenadoras ou diretoras de publicações entrevistadas também narram enfrentar episódios

¹⁵⁸ Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/mulheres-jornalistas-recebem-mais-que-o-dobro-de-ofensas-que-colegas-homens-no-twitter/>.

¹⁵⁹ O coletivo *Georgette Sand* tem regularmente as informações sobre o grupo alteradas na *Wikipedia*, em ações coordenadas por pessoas que, segundo as colaboradoras, não compartilham das mesmas opiniões e ideais do projeto feminista.

de agressões mais intensas do que colaboradoras que não estão em posições de liderança no interior dos grupos.

Amanda, que é colunista d'*AzMina* – e, portanto, não executa atividades de gerência e nem está alocada como representante institucional da mídia para atores externos –, ganha destaque e chama atenção de grupos antifeministas por ser jornalista de esportes. Ao cobrir uma editoria culturalmente mais voltadas para o público masculino, ela se vê exposta a constantes manifestações de *haters*. Na situação mais grave, foi ameaçada de morte e perseguida virtualmente por grupo de torcedores que negavam a que a fala de um técnico, presenciada por ela em um jogo de futebol, teria sido machista¹⁶⁰. A ameaça se estendeu também para então marido e familiares.

Conjunturas de cibersexismo nesses mesmos moldes se reproduzem transnacionalmente. Do outro lado do Atlântico, Marguerite (*Georgette Sand*) igualmente relata ciber-assédios sofridos após escrever matérias sobre futebol. A experiência das repórteres salienta que ainda perdura a resistência à aceitação social de mulheres que se lançam a desenvolver atividades tradicionalmente vistas como masculinas – como é o caso da cobertura de pautas esportivas, em especial, de futebol.

O caráter preconceituoso dos ataques não se restringe à pauta de gênero e as violências costumam se intensificar quando há outros elementos que associam a vítima a grupos socialmente minoritários, como negros e pessoas com deficiência. Leandra, colunista d'*AzMina* que é uma mulher com deficiência e escreve sobre os direitos dessas, teve uma *live* invadida por *haters* quando ia fazer uma apresentação sobre a doença óssea genética da qual é portadora. Da mesma forma que o racismo estrutural se reflete de maneira agressiva nas experiências de midiativistas negras(os), como Cris, colunista d'*AzMina* e apresentadora de televisão, que sofreu fortes ataques digitais após publicar foto dela mesma

¹⁶⁰ Na semifinal da Libertadores, a jornalista estava no Maracanã quando presenciou o técnico do Grêmio, Renato Gaúcho, afirmar que o time estava jogando tão mal que até uma mulher grávida faria gol contra a equipe. Ela fez um *tweet* relatando e criticando o ocorrido e grupos de torcedores do time se voltaram contra ela, inclusive ameaçando matá-la.

se engajando em uma campanha como feminista negra. Sua imagem viralizou e ela enfrentou não só ataques misóginos, mas também racistas.

Eu fiz uma campanha que era uma foto minha com um cartaz escrito “Meu nome não é morena. Meu nome é Cris Guterres”. Na época, essa foto gerou um ataque virtual. A própria foto foi compartilhada mais de 200 mil vezes. Tinha compartilhamentos que tinham cinco ou seis mil recompartilhamentos. Fugiu do controle! As pessoas faziam, na época, fotos me zoando. Era uma foto que eu fiz que tinha um texto junto, que eu falava sobre intersecção do racismo com o machismo, de como as pessoas me chamavam de morena e invalidavam a minha existência e me objetificavam nesse lugar. É uma “morena” exótico, sexual, desejada. Foi muito difícil para mim. Foi absurdo! Na hora que eu postei, cinco minutos depois, já tinha 300 compartilhamentos. Isso há quatro ou cinco anos, era algo muito viral. (...) Foi algo bem brutal! (entrevista, 3 de setembro de 2021)

Os danos emocionais dessas violências se refletem no modo como as midiativistas que as sofrem reorganizam suas rotinas. Cris afirma que, quando se deu esse episódio em específico, sequer saía de casa, pois tinha medo de ser reconhecida e agredida na rua, além do sentimento de vergonha e da sensação de exposição. Embora tenha mantido seus perfis em redes sociais, deixou de publicar conteúdos e procurou se manter afastada da internet por um período. Já Rebecca (*Les Glorieuses*) revela (entrevista, 22 de setembro de 2022) que houve um momento em que sentiu tanto medo que retirou seu sobrenome do interfone¹⁶¹, na tentativa de não ser identificada.

Midiativistas que passam por esse tipo de violência costumam buscar suporte jurídico para contornar as situações – como fizeram Amanda e Cris, por exemplo –, mas acabam por avaliar que os ganhos financeiros tendem a não compensar diante do desgaste emocional dos processos judiciais que enfrentariam. Somado a isso, a vergonha, acompanhada de

¹⁶¹ Na França, culturalmente, tem-se o hábito de identificar os apartamentos pelos sobrenomes das pessoas no interfone e na caixa de correspondência, em vez de se utilizar as numerações de cada habitação.

variantes afetivas como humilhação, embaraço, falta de confiança e baixa autoestima, que formam o núcleo compreensivo da cultura emocional no social (Koury, 2018), influem nos comportamentos e formas de se posicionar no mundo que as vítimas passam a adotar após os ataques. Elas tendem a reduzir a quantidade de engajamentos que realizam em mídias sociais e passam até a questionar suas carreiras e os rumos de suas trajetórias profissionais.

Vale destacar ainda o fato de que as mulheres que contam que não sofreram violências que elas chamam de “mais graves” – ou seja, que provocam traumas físicos e/ou psicológicos –, se consideram com sorte. Esse elemento das entrevistas evidencia a dimensão micropolítica das emoções. Em um contexto em que a relação entre humilhação e gênero é mobilizada regularmente para atacar e enfraquecer a militância política e o ativismo digital de atrizes e atores que compõem o mundo social estudado, perceber-se como “não-vítima” evoca a sensação de alívio e estar nessa posição faz a pessoa ter a impressão de ser alguém privilegiado.

Em suma, o ciber-assédio sofrido pelas midiativistas feministas costuma estar atrelado a alguns fatores-chave que atuam como impulsionadores das proporções dos ataques. Os de maior destaque nas narrativas das(os) entrevistadas(os) são: momento político (como eleições em cada país ou a proeminência de algum debate relacionado à gênero no âmbito internacional); identificação étnico-racial, cultural ou de orientação sexual (o fato da pessoa se reivindicar negra e/ou LGBTI+¹⁶², por exemplo); e a ocorrência de menção de nome de

¹⁶² Os dois homens midiativistas que concederam entrevistas para esta tese pertencem à comunidade *queer* e relatam situações de assédio que viveram pelo fato de se identificarem com tal grupo. Anthony (*Madmoizelle*), que é jornalista de moda, já sofreu agressões físicas na rua, em decorrência de suas formas de se vestir. Mathis (*Madmoizelle*) relata que, às vezes, por usar maquiagem ou vestimentas culturalmente identificadas como femininas, ele sofre ameaças e insultos na rua. “Ça m’arrive d’être maquillée, ça m’arrive de porter des choses et encore, en termes de *look*, je suis assez *soft*, mais avoir un *look* un peu plus marqué et pas forcément les trucs les plus virils, là, forcément, dans la rue, j’ai déjà eu des moments un peu de menaces, j’as reçu des insultes, et ça c’est déjà des violences” (Mathis, entrevista, 2 de agosto de 2022).

atriz/ator ou de publicação feminista em canais de extrema-direita¹⁶³ ou em projetos de maior alcance que as mídias pesquisadas – inclusive em outros canais midiativistas¹⁶⁴.

A circularidade do conteúdo e do debate em torno de questões levantadas pelos projetos feministas é determinante para a continuidade dos ataques. Conforme as informações publicizadas pelas midiativistas param de circular na internet, as agressões também tendem a diminuir¹⁶⁵. Da mesma forma, as publicações mais visadas por propagadores de discurso de ódio são as que possuem maior projeção nas conjunturas nacionais. As controvérsias altamente mediatizadas têm o caráter singular de poderem ser dirigidas a diferentes públicos, dependendo da mídia e dos públicos visados, o que significa que o conflito pode ser enquadrado de diferentes maneiras (Cervulle & Julliard, 2018), fazendo as polêmicas ganharem destaque em determinados meios e com foco em audiências específicas.

De modo geral, membros das publicações reafirmam a dinâmica de ataques de grupos antifeministas de se manifestar em ocasiões pontuais, a depender da relevância da pauta no debate social e político. O caso mais emblemático desse processo, entre os depoimentos das

¹⁶³ Relatos de ataques advindos de grupos de extrema-direita são recorrentes em discursos de midiativistas brasileiras e francesas. Eles se organizam de forma coordenada por meio de grupos masculinistas (como descreve Anthony, da *Madmoizelle*, com relação a ciber-assédios que ele e colegas sofrem no Twitter, tal qual Amanda, Mathilde e Marguerite) e tendem a ser impulsionados por algumas figuras de relevo nesse meio. Marguerite (do coletivo *Georgette Sand*) vivenciou um ataque coordenado conduzido por um masculinista sobre o qual ela fez uma reportagem, a fim de ilustrar os perfis de representantes desses grupos na França. O masculinista incitou seus seguidores no Twitter a atacarem a entrevistada. Rebecca, criadora da *newsletter Les Glorieuses*, também descreve ofensivas da extrema-direita contra a publicação que dirige. Duas vezes, a mídia recebeu enxurradas de inscrições de e-mails no boletim informativo organizadas de maneira coordenada por grupos de *haters*, o que fez com que, nos buscadores e nos sistemas de e-mails, o conteúdo perdesse credibilidade e passasse a ser enviado para as caixas de spam das pessoas.

¹⁶⁴ Destaca-se o caso de Luisa, musicista e colunista de música e arte d' *AzMina*, que sofreu ataques após participar como representante da revista de debate entre diferentes vertentes de feministas e uma mulher antifeminista em um canal do YouTube. Ela conta que as críticas se ampliam quando esse tipo de conteúdo é compartilhado em outros canais midiativistas, como *Jornalistas Livres* ou *Quebrando o Tabu*. Essas publicações, que se alinham aos ideais da mídia feminista, são maiores e têm mais visibilidade na internet e, por consequência, atingem maior alcance entre os grupos de *haters*.

¹⁶⁵ Chloé (*Les Glorieuses*), por exemplo, diz que houve um episódio em que os ataques a ela foram mais numerosos. Após fazer um vídeo sobre a luta contra o sexismo entre os jovens para um canal popular na França sobre cultura, música e atualidades, o *Konbini*. Na ocasião, recebeu mais mensagens privadas e comentários, segundo ela, raivosos e com xingamentos, do que habitualmente recebe em suas redes sociais. Mas, após o vídeo parar de circular tanto, os ataques diminuíram.

mediativistas, parece ser o de uma reportagem realizada pela revista *AzMina* e assinada pela jornalista Helena Bertho, que explica como é feito um aborto seguro¹⁶⁶ – episódio citado por mais da metade das entrevistadas da publicação.

Apoiando-se em uma orientação técnica para abortamento seguro criada pela Organização Mundial da Saúde (OMS)¹⁶⁷, a revista traz explicações sobre como é feito o aborto no Brasil nas situações em que a prática é legalizada e como funcionam os procedimentos em países em que o aborto é descriminalizado, como na Colômbia. O texto sintetiza os protocolos da OMS para uso do Misoprostol, remédio que pode ser utilizado para interrupção da gravidez e que no contexto brasileiro é usado pelo Sistema Único de Saúde (SUS) para indução do parto, tratamento de hemorragias uterinas e para amolecimento cervical antes do parto.

De acordo com as colaboradoras d'*AzMina*, movimentos contrários à descriminalização do aborto no Brasil – grupos religiosos católicos e evangélicos, políticos de direita e de extrema-direita e movimentos antifeministas – consideraram a reportagem uma espécie de tutorial abortivo. Além da revolta de parcelas reacionárias da sociedade brasileira, a reportagem resultou em processos contra Helena e também contra Thais Folego, que editou a matéria. A então ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves, defensora de pautas conservadoras e antifeministas durante o governo Bolsonaro, afirmou publicamente ter denunciado a reportagem por “apologia ao crime”. A Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) repudiou a atitude da ministra e solidarizou-se com as responsáveis pelo texto, reafirmando a importância da liberdade de imprensa nas democracias¹⁶⁸. “Falar de aborto em um Brasil católico e paternalista é a pior coisa. É loucura total, infelizmente. É

¹⁶⁶ Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/como-e-feito-um-aborto-seguro/>.

¹⁶⁷ Disponível em:

https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/70914/9789248548437_por.pdf;jsessionid=1B26BD79A140DB6B38E32ADA42A99997?sequence=7.

¹⁶⁸ Disponível em: <https://fenaj.org.br/fenaj-solidariza-se-com-jornalistas-atacadas-apos-acusacao-de-ministra/>.

terrível! Eu acho que elas (repórteres e editoras) foram corajosas, muito corajosas”, afirma Leandra (entrevista, 2 de agosto de 2021), em reconhecimento ao trabalho das colegas.

Em termos de violências, observa-se nos depoimentos de mais de um terço das(os) midiativistas relatos de abusos psicológicos praticados por homens em diferentes formas e espaços (digitais ou físicos) contra as(os) entrevistadas(os). Ao se analisar os processos de violências enfrentados pelo grupo, pode-se ressaltar o fato de as(os) midiativistas sofrerem rotineiramente agressões verbais que buscam ofendê-las por meio do realce de características físicas (são chamadas de feias, gordas, velhas ou têm elementos de seus corpos ou rostos particularmente destacados como alvos de críticas); assim como vivenciam agressões verbais cuja estratégia é ofender através da utilização de xingamentos associados ao comportamento sexual passivo (putas, vadia, vagabunda, veado), em uma delimitação de espaços em que devem operar homens e mulheres, reforçando a posição masculina de dominante (Zanello & Gomes, 2011).

Em uma dinâmica em que os mecanismos de funcionamento do ambiente digital possibilitam a propagação e o impulsionamento de discursos de ódio, constata-se que os ataques pela via dos insultos nas mídias sociais são rotineiros e parecem ser encorajados pelo relativo anonimato dos atores que os encabeçam (Julliard, 2016). O destaque que as midiativistas ganham em suas militâncias e atuações profissionais faz de seus corpos alvos de ataques nas redes e, quanto mais voz e espaço elas conquistam, mais intensas se tornam as perseguições *on-line*.

De maneira mais velada, elas também passam por situações em que têm questionadas as suas capacidades intelectuais e psíquicas. Isso se dá em diferentes níveis. Desde eventos em que não são ouvidas ou levadas a sério, como ocorreu com Marília (entrevistada em 18 de agosto de 2021), jornalista da revista *AzMina* que foi representar a publicação em um programa de rádio para falar sobre o aplicativo de combate à violência doméstica criado pela mídia e percebeu que os apresentadores da atração demonstravam desinteresse pela temática que ela foi convidada a abordar – aparentando não ter estudado previamente a pauta – e pela entrevistada – errando seu nome, por exemplo.

Até episódios em que a sanidade ou as aptidões das profissionais são postas em dúvida (são chamadas de loucas, burras, despreparadas), como ocorre frequentemente com Vanessa (repórter do *Lado M*), que mantém um site sobre cinema e produções de mulheres onde costuma receber mensagens de homens que alegam que ela e as colegas não estariam aptas para analisar determinados filmes e/ou séries: “Esse é um clássico: ‘Vocês não entendem nada!’. Eles fazem parecer que você não entendeu porque você é mulher e por isso não tem referências” (entrevista, 19 de julho de 2021).

Finalmente, as(os) midiativistas também lidam de maneira habitual com discursos sexistas que afirmam que elas fazem ativismo e informação feminista por não estarem amorosa ou sexualmente envolvidas com homens. A reafirmação de posicionamentos androcêntricos aparece como tática de grupos e indivíduos antifeministas para tentar intimidar a ação dessas(es) midiativistas, recorrendo à humilhação de gênero e buscando retomar ideias de posições hierárquicas de poder entre homens e mulheres.

Uma vez elencadas as formas de violência mais comuns contra as midiativistas identificadas na experiência de campo desta tese, observa-se que os desdobramentos emocionais que emergem de tais vivências articulam sentimentos e ações de medo e de intimidação frente aos ataques, mas também de firmeza e de determinação na continuidade da militância. As(es) colaboradoras(es) enfrentam a sensação de desgaste psíquico em decorrência da constância de agressões psicológicas, mas, no geral, a identificação, em termos de identidade e pertencimento, que encontram com o grupo e com as pautas feministas e de gênero, faz com que permaneçam no mundo social.

Resistências e estratégias para evitar violências

O combate a violências sexistas sofridas por midiativistas em decorrência de suas atuações profissionais nesse mundo social se dá pautado em duas linhas estratégias: a formulação pelas equipes das publicações feministas de sistemáticas e medidas de combate ao cibersexismo e outras formas de violência contra as(os) colaboradoras(es); e táticas individuais adotadas pelas(os) entrevistadas(os) em suas rotinas e cotidianos para se

proteger de possíveis agressões, auxiliadas por redes de apoio construídas em espaços de interação e engajamento feminista.

Da parte da coordenação dos projetos feministas, existem esforços para blindar as equipes de ataques, em especial, no ambiente digital, onde circulam essencialmente as informações produzidas no mundo social. Todas as publicações sofrem ataques *hackers* periódicos, com os quais as lideranças e membros dos grupos responsáveis por atividades relativas à tecnologia da informação lidam mais diretamente, repassando para as colegas orientações sobre posturas e procedimentos protetivos a serem adotados por todas(os) – a fim de otimizar a proteção de senhas e de acesso aos espaços de trabalho digitais compartilhados pelas(os) profissionais.

As(os) entrevistadas(os) que mencionam essas medidas anti-cibersexismo reforçam que se sentem protegidas pelas estratégias de blindagem implementadas pelos projetos estudados. A moderação de comentários e o fato de repórteres e colunistas não precisarem ver nem ter contato de maneira assídua com xingamentos e mensagens agressivas provoca nelas as sensações de alívio. Essas atrizes e atores, em sua maioria, preferem não ver os ataques feitos aos seus trabalhos ou a elas próprias – com exceção de figuras pontuais, como a jornalista e videasta Emilie (*Madmoizelle*), que afirma (entrevista, 22 de julho de 2022) não se importar com os comentários negativos que seus vídeos e publicações para a revista recebem nas mídias sociais.

Para evitar que *hatters* e agressões de caráter antifeminista alcancem também seus espaços privados, como perfis pessoais em mídias sociais, as(os) midiativistas elaboram estratégias próprias de defesa. Não mencionar diretamente que trabalham com feminismo é uma delas¹⁶⁹. É o que faz Paula (entrevistada em 13 de agosto de 2021), da *Think Olga*: para se resguardar de ataques, ela costuma se identificar como uma profissional que atua em ONGs e no terceiro setor, sem citar diretamente sua relação profissional com um projeto

¹⁶⁹ É preciso notar, contudo, que essa tática, em algum nível, também resulta em uma forma de silenciamento de vozes feministas.

feminista. Já Rayana, da equipe de captação financeira d' *AzMina*, explica (entrevista, 28 de julho de 2021) que, embora não se sinta acuada nem tenha vergonha de se posicionar enquanto feminista, em ambientes que considera menos acolhedores para o debate, evita usar o termo “feminismo”, mesmo que converse com as pessoas sobre equidade de gênero e apresente suas posições em prol dos direitos das mulheres.

Manter perfis restritos em redes sociais – em vez de públicos – é também uma tática a qual parte das(os) midiativistas recorrem, em especial quando se trata de membros das equipes de apoio e lideranças dos grupos, que estão em contato mais regularmente com conteúdos violentos e tentativas de ataques. Há casos em que esse cuidado se estende igualmente para o tipo e o formato de informações que entrevistadas(os) expõem no espaço digital. Megan, jornalista da *newsletter Les Glorieuses*, por exemplo, conta (entrevista, 22 de julho de 2022) que não publica fotos de seu rosto na internet e tenta não se expor pessoalmente, com o intuito de não chamar atenção para si enquanto figura militante. Porém, estratégias como essa nem sempre são viáveis para as(os) profissionais da área, pois essas pessoas trabalham com comunicação e mídia e costumam depender das ferramentas de publicização de conteúdos oferecidas por plataformas digitais para dar visibilidade ao que produzem.

Outra tática a qual esses indivíduos recorrem é buscar não ter contato ou simplesmente ignorar os ataques que recebem. Um episódio relatado por Océane, da *Madmoizelle* (entrevista, 2 de setembro de 2022), ilustra tal dinâmica. A jornalista foi alertada por colegas de que um membro de um grupo masculinista estava divulgando na internet imagens dela junto a conteúdos que ela havia feito para a revista. Mas a midiativista optou por não pesquisar o que estava sendo dito e compartilhado sobre ela em espaços antifeministas, alegando que, se a pessoa atacada não se sente atingida, o agressor não consegue obter o resultado que busca.

Posturas de autopreservação e de não-retroalimentação de mecanismos de violência são usadas por entrevistadas(os) como um recurso de combate a ataques sexistas e também como uma forma de evitar a intensificação de sentimentos de raiva, humilhação, frustração e

estresse desencadeados por assédios e agressões de gênero contra profissionais que trabalham com pautas de direitos de mulheres e de pessoas feminilizadas, permitindo a continuidade dos esforços de ativismo digital e militância feminista do grupo.

Enfrentar as violências antifeministas, além de provocar choque, cansaço e desgosto, é uma experiência que desperta no coletivo sentimentos de comoção e de coesão, em uma lógica que fundamenta a sociabilidade do grupo e faz seus membros instituírem um espaço social, político, moral e emocional partilhado (Andrade, 2020). O compartilhamento de um projeto comum inclui e é amplificado pela união das(os) midiativistas no combate a elementos socioestruturais machistas que as(os) afetam coletivamente, de modo que as violências se revertem em componentes que fomentam a ação de produção de conteúdo feminista engajado.

Do individual para o coletivo: a trajetória de uma fala por outras

A experiência etnográfica e o contato com membros do mundo social do midiativismo feminista por entrevistas reforça o entendimento de que as formas de organização do movimento feminista levam histórias individuais a se tornarem elementos de base para representar uma dimensão mais coletiva desse espaço. Mesmo que as trajetórias pessoais e profissionais de midiativistas transcorram por caminhos diferentes, há uma gama de fatores comuns que fazem com que essas atrizes e atores se insiram no mundo estudado, em uma convergência de narrativas.

Para as(os) jornalistas, enquanto o exercício profissional em uma mídia hegemônica causa frustração e a sensação de falta de escuta (e de não escuta) ou de não ter suas opiniões levadas em consideração, provocando distanciamento e uma falta de identificação com o modelo da imprensa convencional (Andrade, 2020), a inserção no universo do midiativismo mobiliza expressões afetivas de pertencimento, esperança e satisfação. Indivíduos advindos de outras áreas de atuação também relatam encontrar nesse espaço uma rede de acolhimento mais estreita que lhes possibilita sentir maior satisfação profissional ao desenvolverem suas atividades profissionais.

Nota-se que pessoas inseridas no contexto do mundo do midiativismo feminista, mesmo que se desvinculem desse em algum momento, não voltam a atuar em espaços profissionais mais tradicionais no âmbito de suas respectivas áreas de atuação – sendo o caso mais emblemática o de Bárbara, antropóloga que compunha a equipe de suporte da *Think Olga*, executando tarefas administrativas e de captação de recursos, e, após sair da ONG, mudou de carreira, tornando-se mestra cervejeira.

Em síntese, assumindo-se que as(os) entrevistadas(os) produzem tópicos narrativos controlados de si mesmas(os) e que o que se conhece das pessoas é aquilo que elas querem deixar aflorar (Granjon & Denouel, 2010), a partir da análise das trajetórias como eixo organizador do agir social das pessoas que compõem o mundo do midiativismo feminista, identifica-se que o desenvolvimento de uma identidade coletiva entre o grupo e a sensação de pertencimento fomentam a militância de atrizes e atores e dão continuidade ao espaço que elas(es) partilham não só como ambiente de trabalho, mas também como rede de apoio e de interações que as fazem ter esperança no potencial transformador que elas(es) encontram em seus próprios afetos.

Capítulo cinco

As trajetórias de ativismo e militância das audiências de publicações feministas

O quinto capítulo desta tese apresenta aspectos das trajetórias pessoais de vida das leitoras e do leitor de projetos de midiativismo feminista entrevistadas(o) que se relacionam com o desenvolvimento de práticas de militância política e de ativismo digital conduzidas pelo grupo frente ao debate de gênero. Assumo que, para compreender a conjuntura de criação e de manutenção do mundo social do midiativismo feminista, é necessário escutar as experiências e resgatar as vivências dos públicos dessas mídias.

Embora não se consagrem diretamente à elaboração de informação jornalística e feminista digital, esses indivíduos aceitam a base convencional do espaço e ocupam a posição de consumidoras(es) e difusoras(es) dos conteúdos, tornando-se atrizes e atores chave para a manutenção da prática midiativismo feminista. Os públicos, portanto, são tidos tidos, neste trabalho, como uma extensão das equipes de apoio das publicações analisadas. Não apenas por serem o elemento que leva à criação e perpetuação desse espaço – já que as(os) colaboradoras(es) dos projetos afirmam encarar o retorno dado pelos públicos como principal motivador de seus engajamentos –, mas por serem figuras diretamente responsáveis pela expansão e visibilidade do mundo social.

A seguir, é apresentado o perfil sociodemográfico dos públicos. Na sequência, relato as trajetórias de aproximação e contato das leitoras e do leitor com espaços de militância para avaliar como esse histórico se converte em militantismo político e ativismo digital. Resgato os vínculos afetivos do grupo em termos de ascendência e descendência – a partir de laços familiares, culturais e históricos – para procurar compreender como isso se reflete em seus engajamentos políticos. Retraço as categorias de engajamento feminista das(o) entrevistadas(o) para compreender como os *status* de ativismo e/ou militantismo são negociados. Além disso, observo as formas de violência de gênero sofridas por membros da audiência em decorrência de sua atuação feminista e as estratégias de resistência que eles criam no combate a assédios e agressões no âmbito digital e presencial.

Perfil sociodemográfico das audiências entrevistadas

São apresentadas abaixo as características sociais e demográficas gerais dos públicos de projetos de midiativismo feminista digital no Brasil e na França – em diálogo com países francófonos – levantadas por meio das entrevistadas conduzidas ao longo desta tese. Vale reforçar que a seleção das audiências foi feita com base em métricas de engajamento de análise de conteúdos em redes sociais (Kaushik, 2009), considerando-se em especial a interação dessas pessoas via comentários nas páginas e perfis nas mídias sociais (Facebook e Instagram) das publicações estudadas¹⁷⁰. Do total de 30 pessoas da audiência entrevistadas (14 brasileiras e 16 francófonas) que leem, assistem ou escutam conteúdos produzidos por publicações feministas, 29 são mulheres¹⁷¹. Ou seja, somente um homem que compõe o público de mídias feministas aceitou participar da pesquisa¹⁷².

Abaixo, segue um resumo da quantidade de pessoas leitoras de projetos de midiativismo feminista digital que aceitaram conceder entrevistas em profundidade para esta

¹⁷⁰ É relevante ressaltar que, em decorrência das políticas de regulação das plataformas de mídias sociais, sabe-se que uma parcela dos públicos contatados não chegou a visualizar as mensagens que encaminhei, pois essas foram direcionadas para a caixa de saída de suas contas no Facebook ou no Instagram, sendo filtradas pelas ferramentas como lixo eletrônico ou *spam*, já que acionei pessoas que eu não conhecia e que estavam fora dos meus círculos de contato. Embora não seja possível identificar quantos foram os casos em que isso ocorreu, recebi cinco retornos de leitoras me indicando que demoraram a ver meu convite porque a minha mensagem foi classificada como suspeita pela rede social.

¹⁷¹ Entre as mulheres, 37 deram seu acordo para conceder entrevistas à esta tese. Houve três leitoras (uma brasileira e duas francesas) que aceitaram participar e depois desistiram e outras quatro (duas brasileiras e duas francesas) que responderam positivamente ao convite após o encerramento do período de entrevistas estabelecido para cada país de acordo com o cronograma de realização da pesquisa – ou seja, até setembro de 2021 no Brasil e até setembro de 2022 na França –, de modo que elas acabaram não sendo entrevistadas.

¹⁷² Isso se explica, em grande parte, pela baixa incidência de leitores do sexo masculino interagindo com os projetos de informação feminista nas mídias sociais. Nos recortes temporais de condução de entrevistas em profundidade em cada país, localizei somente três homens interagindo via comentários com as postagens em redes sociais das mídias feministas brasileiras (um no Facebook e dois no Instagram). Já na França, foram identificados quatro leitores comentando nas mídias sociais das publicações investigadas durante o período de condução das entrevistas (um no Facebook e três no Instagram). A título de comparação, foram convidadas a participar da pesquisa 99 leitoras brasileiras (44 via Facebook e 55 via Instagram) e 111 leitoras francófonas (39 via Facebook e 72 via Instagram). Além disso, quando localizados nos espaços de comentários de perfis de mídias feministas e contatados para colaborar com a tese, os homens leitores não se mostraram à vontade para falar sobre o assunto em uma entrevista acadêmica. Com exceção do roteirista de quadrinhos Victor (leitor do *Lado M*), 29 anos, que aceitou contribuir com a pesquisa.

pesquisa, considerando-se as publicações que elas acompanham – e o respectivo país de origem de cada mídia, indicado entre parênteses:

Tabela 4

Quantidade de pessoas entrevistadas que compõem os públicos de cada projeto

Mídia	<i>AzMina</i> (Brasil)	<i>Georgette Sand</i> (França)	<i>Lado M</i> (Brasil)	<i>Les Glorieuses</i> (França)	<i>Madmoizelle</i> (França)	<i>Think Olga</i> (Brasil)
Quantidade de leitoras	5	5	4	5	6	5
Quantidade total de pessoas dos públicos entrevistadas: 30 pessoas (14 brasileiras e 16 francófonas ¹⁷³)						

Há perguntas, como idade, formação e instituição de formação e estado civil dos indivíduos que, embora constassem nos roteiros de entrevistas originais, ao longo das conversas, percebi que podiam ocasionar desconfortos e constrangimentos nas(os) entrevistadas(os). Desse modo, passei a abordar esses elementos com cautela e procurei instigar as pessoas a falarem desses aspectos, mas sem perguntar diretamente quando não parecia cabível. Ao longo das conversas com os públicos, por exemplo, a idade não foi um elemento diretamente questionado, de modo que coube à leitora – ou ao leitor – decidir, de maneira orgânica, se iria ou não expor essa informação na entrevista.

Dentre as 30 pessoas entrevistadas, 25 mencionaram espontaneamente suas faixas etárias e cinco não abordaram o tema. Com faixas etárias entre os 20 e os 30 anos, as cinco pessoas que não citaram suas idades parecem não o ter feito, simplesmente, porque esse elemento não era relevante na construção de suas narrativas – e não porque tinham algum problema em revelar quanto anos possuem. Segue o quadro que consolida os grupos etários

¹⁷³ Optei por abordar a terminologia francófona, em referência aos falantes da língua francesa, para abarcar a diversidade territorial das leitoras entrevistadas de *Georgette Sand*, *Les Glorieuses* e *Madmoizelle*, uma vez que nem todas são originárias da França (há também leitoras belgas e suíças).

por país – Brasil, França e outros francófonos (Bélgica e Suíça) – e quantidades de entrevistadas(os):

Tabela 5

Grupos etários de audiências de publicações de midiativismo feminista entrevistadas

Faixa etária	Quantidade de leitoras/leitor que vivem no Brasil	Quantidade de leitoras/leitor que vivem na França	Quantidade de leitoras/leitor da Bélgica/Suíça	Quantidade total de leitoras/leitor
De 15 a 19 anos	1	0	0	1
De 20 a 24 anos	2	2	0	4
De 25 a 29 anos	2	3	0	5
De 30 a 34 anos	1	2	0	3
De 35 a 39 anos	0	1	1 (Suíça)	2
De 40 a 44 anos	4	1	1 (Bélgica)	6
De 45 a 49 anos	1	0	0	1
De 50 a 54 anos	0	1	0	1
De 55 a 59 anos	0	1	0	1
De 60 a 64 anos	1	0	0	1
Idade não mencionada	2	2	1 (Bélgica)	5

Nota-se que a faixa etária predominante entre os públicos entrevistados é a de pessoas entre 40 e 44 anos, sendo que as leitoras com essa idade se concentram no Brasil (há quatro brasileiras, uma francesa e uma belga nesse grupo). Em meio à audiência francesa, a faixa de idade mais recorrente foi de pessoas entre 25 e 29 anos (grupo em que

há três leitoras francófonas e uma leitora e um leitor brasileiros). Na sequência, há quatro entrevistadas com idades entre 20 e 24 anos (duas do Brasil e duas da França) e três pessoas na faixa etária dos 30 aos 34 anos (duas francesas e uma brasileira). Os demais grupos etários identificados englobam somente um indivíduo cada.

É válido destacar que, em se tratando de uma pesquisa qualitativa, contudo, os dados quantitativos desta tese são pouco representativos da realidade numérica das audiências das publicações investigadas, sendo capazes de contribuir de modo relevante na compreensão dos perfis de públicos que acompanham esses conteúdos, mas não servindo de base estatística para possíveis análises desse grupo.

Outro fator de destaque obtido a partir do contato com as leitoras e o leitor foi o mapeamento das cidades em que essas pessoas moram. Ao contrário do que se constatou com as midiativistas que colaboram diretamente com as mídias feministas, nota-se que as leitoras estão localizadas em cidades e regiões com aglomerações urbanas menores, geralmente abaixo de 1 milhão de habitantes. Há apenas seis exceções a essa tendência no interior do grupo: as três moradoras de megacidades, sendo duas habitantes de São Paulo capital e a outra, uma leitora que vive no subúrbio de Paris; e outros três indivíduos que vivem em capitais de estados brasileiros (Curitiba, Maceió e Recife).

Mesmo que Brasil e França sejam países com características bastante distintas em termos de distribuição populacional nos respectivos territórios – com as cidades médias francesas sobressaindo-se em termos de densidade de população quando comparadas proporcionalmente às cidades médias brasileiras, país onde as pessoas estão mais concentradas em grandes centros urbanos –, foi possível observar que os públicos entrevistados das mídias feministas estão em sua maioria fora da região de Paris e do eixo Rio-São Paulo, diferentemente do que acontece com as midiativistas dessas publicações.

Ainda que o número de indivíduos entrevistados para esta tese não seja representativo da totalidade das audiências dos projetos pesquisados, os resultados do levantamento do perfil sociodemográfico do grupo dão pistas sobre quem são e onde vivem as pessoas que acompanham os conteúdos jornalísticos feministas na internet. De maneira

oposta ao que eu supunha inicialmente, as publicações parecem estar chegando a regiões que vão além dos principais centros de produção jornalística e de concentração financeira dos respectivos países. Públicos de pequenas e médias cidades, de regiões periféricas e até de áreas rurais estão sendo atingidos pelas informações dos projetos de midiativismo feminista digital.

Em um contexto de comparação transnacional e de uma pesquisa que pretende refletir aspectos interseccionais e decoloniais dos projetos de jornalismo engajado investigados, deve-se considerar também os fatores raça e etnia na análise das entrevistas das audiências. Ao longo das conversas com as leitoras e o leitor, as pessoas não foram questionadas ou induzidas a se autodeclarar em termos raciais. Contudo, nota-se que quem o fez, utilizou esse elemento para exemplificar conjunturas de sobreposição de estruturas de dominação no seio da sociedade.

As duas entrevistadas que se identificaram como racializadas são francesas. Uma delas é Laura (leitora *Madmoizelle*), jovem negra, de 23 anos, que trabalha como modelo e ressalta o peso do debate em torno do racismo no seu engajamento militante inicial, tanto no âmbito do feminismo quanto no do movimento negro. A outra é Inès, artista plástica de 26 anos, que, mesmo que seja de origem algeriana, enfatiza que tem a pele clara, o que a faz sentir o racismo de maneira menos frontal, ao contrário do que ocorre com seus familiares. No Brasil, nenhuma entrevistada se autodeclarou negra – ainda que mais da metade da população do país se identifique como preta ou parda.

As outras 14 pessoas, além de Laura e Inès, que assinalaram a autodeclaração étnico-racial em suas falas se consideraram brancas (sendo oito brasileiras e seis francesas). Elas fizeram menção a tal temática justamente para enfatizar, em seus discursos, que percebem privilégios que lhe são conferidos pelo fato de não serem negras e estarem inseridas em uma conjuntura social racista. Houve ainda 14 indivíduos que não se referiram à temática racial (oito francófonas e seis brasileiras). Possivelmente, porque não consideraram a pauta relevante na narrativa de suas próprias trajetórias, o que indicaria que iniquidades de raça tendem a atingir de modo menos direto esse grupo e que tais leitoras foram menos

sensibilizadas ao debate antirracista em seus percursos militantes. Ou porque não se sentiram confortáveis em partilhar essa informação.

A observação das fotos e imagens disponíveis nos perfis pessoais do grupo de leitoras que não indicaram a autodeclaração racial sugere que elas são leitoras brancas e, aparentemente, não racializadas. Mas entendo que não cabe a mim apontar a identificação étnico-racial de quem preferiu ou não considerou devido abordar esse elemento em sua fala. Portanto, escolhi inserir na figura abaixo (6), que traz de maneira mais detalhada os perfis sociodemográficos das audiências que contribuíram para esta tese, apenas as informações expressamente apontadas pelas audiências no decorrer das entrevistas:

Figura 6

Perfil sociodemográfico das audiências de publicações de midiativismo feminista

Nome	Idade ¹⁷⁴	Raça/Etnia ¹⁷⁵	Onde mora	Mídia que acompanha
Alícia	23 anos	Branca	São João Del Rei (Minas Gerais)	<i>Think Olga</i>
Angela	50 anos	Branca (filha de imigrantes espanhóis)	Tours (Centre-Val de Loire)	<i>Georgette Sand</i>
Anna	27 anos	Não menciona	Vilarejo ao sul de Toulouse (Occitanie)	<i>Georgette Sand</i>
Carol	41 anos	Não menciona	São Paulo capital (São Paulo)	<i>AzMina</i>
Cassie	27 anos	Não menciona	Tourcoing (Hauts-de-France)	<i>Madmoizelle</i>
Cecília	17 anos	Não menciona	Sousa (Paraíba)	<i>Lado M</i>
Christel	43 anos	Branca	Tarn (Occitanie)	<i>Madmoizelle</i>
Cristine	30 anos	Não menciona	Curitiba (Paraná)	<i>AzMina</i>
Crystal	21 anos	Não menciona	Nantes (Pays de la Loire)	<i>Georgette Sand</i>

¹⁷⁴ Na ocasião da entrevista.

¹⁷⁵ Conforme autodeclaração ao longo das entrevistas.

Dayane	Não menciona	Branca	Maceió (Alagoas)	<i>Think Olga</i>
Debora	30 anos	Não menciona	Ilha de Córsega	<i>Madmoizelle</i>
Fany	42 anos	Branca	São Paulo capital (São Paulo)	<i>Lado M</i>
Fleur	Não menciona	Não menciona	Nômade ¹⁷⁶	<i>Madmoizelle</i>
Inès	26 anos	Racializada (família de origem algeriana) ¹⁷⁷	Ain (Auvergne-Rhône-Alpes) ¹⁷⁸	<i>Les Glorieuses</i>
Julie	33 anos	Branca	Val de Marne ¹⁷⁹ (Île-de-France)	<i>Les Glorieuses</i>
Karla	Não menciona	Branca	Jaboatão dos Guararapes (Pernambuco)	<i>Think Olga</i>
Keyla	24 anos	Não menciona	Osasco (São Paulo)	<i>AzMina</i>
Laetitia	44 anos	Não menciona	Namur (Bélgica)	<i>Les Glorieuses</i>
Laura	23 anos	Racializada (negra)	Bordeaux (Nouvelle Aquitaine)	<i>Madmoizelle</i>
Lucie	38 anos	Branca	Caen (Normandie)	<i>Georgette Sand</i>
Magali	Não menciona	Branca	Nice (Provence-Alpes-Côte d'Azur)	<i>Georgette Sand</i>
Maria Cecília	Mais de 60 anos	Não menciona	Toledo (Paraná)	<i>Think Olga</i>
Nathalie	57 anos	Não menciona	Lyon (Auvergne-Rhône-Alpes)	<i>Les Glorieuses</i>
Ophélie	Não menciona	Não menciona	Liège (Bélgica)	<i>Madmoizelle</i>
Patrícia	46 anos	Branca	Novo Hamburgo (Rio Grande do Sul)	<i>Think Olga</i>

¹⁷⁶ Na época da entrevista, estava passando um período em Paris.

¹⁷⁷ Enfatiza que tem a pele clara e, portanto, não sofre racismo de maneira direta e frequente: “Je suis d'origine algérienne et même si je suis claire de peau, donc forcément je ne vis pas le racisme de façon très très frontale” (entrevista, 16 de agosto de 2022).

¹⁷⁸ Entrevistada descreve que vive no subúrbio rural da região de Lyon.

¹⁷⁹ Região compõe o subúrbio de Paris.

Rafaela	35 anos	Branca	Nyon (Suíça)	<i>Les Glorieuses</i>
Suzana	40 anos	Branca	Recife (Pernambuco)	<i>Lado M</i>
Tamara ¹⁸⁰	40 anos	Branca	São Paulo capital (São Paulo)	<i>AzMina</i>
Tayná	25 anos	Não menciona	Araraquara (São Paulo)	<i>AzMina</i>
Victor	29 anos	Branco	Santo André (São Paulo)	<i>Lado M</i>

Por fim, visando retratar também as trajetórias profissionais e acadêmicas dos públicos entrevistados, segue o quadro que resume as áreas de atuação originais e os rumos profissionais percorridos pelas leitoras e pelo leitor de publicações midiativistas feministas digitais que contribuíram com a pesquisa. As instituições de formação do grupo foram citadas em poucas ocasiões, de modo que considere mais adequado não as inserir na figura-síntese abaixo.

Figura 7

Formação profissional e profissões exercidas por audiências

Nome	Área de formação	Profissão que exerce
Alícia	Graduação em Comunicação Social (com habilitação em Jornalismo)	Assessora de imprensa
Angela	Graduação em Medicina	Médica
Anna	Graduação em História do vestuário e da moda	Modista (moda e costura)
Carol	Graduação em Comunicação Social (com habilitação em Jornalismo) e em Design de Interiores	Empreendedora (proprietária de empresa de reformas)
Cassie	Graduação em Letras espanhol e curso de especialização em Música	Cantora e artista
Cecília	Estudante do Ensino Médio	Estudante e diarista
Christel	Formação militar para ser mecânica das Forças Armadas	Mecânica das Forças Armadas aposentada ¹⁸¹

¹⁸⁰ Nome fictício usado para evitar identificação da entrevistada, pois ela não deu seu acordo para divulgação do nome verdadeiro – disse que leria a transcrição e indicaria mais tarde sua escolha, mas, ao ser contatada posteriormente, não deu mais retornos.

¹⁸¹ Sofreu um acidente de trabalho e se aposentou.

Cristine	Graduação em Química com mestrado e doutorado na mesma área de formação	Professora de Ciências e Química dos Ensinos Fundamental e Médio
Crystal	Graduação em Farmácia (em curso)	Estudante e estagiária
Dayane	Não menciona	Empreendedora (agência de posicionamento digital e divulgação de marcas)
Debora	Não menciona	Gerente de palco em filmagens cinematográficas
Fany	Graduação em Publicidade	Trabalha em uma startup de tecnologia
Fleur	Não menciona	Blogueira e nômade digital
Inès	Graduação em Artes Plásticas com mestrado em Patrimônio de Museus	Assistente de produção de festival de cinema ¹⁸²
Julie	Graduação em Comunicação, TI e Multimídia	Consultora de SEO ¹⁸³
Karla	Graduação em Administração e em Direito (esta última ainda em curso)	Consultora financeira
Keyla	Graduação em Produção Cultural e MBA em Gestão de Comunicação Digital	Produtora executiva
Laetitia	Graduação em História	Comerciante (proprietária de loja de jogos e brinquedos)
Laura	Graduação em Direito	Modelo
Lucie	Graduação em Literatura e Língua francesa com mestrado e doutorado na área	Professora universitária
Magali	Graduação em Arquitetura	Ilustradora, desenhista e musicista
Maria Cecília	Graduação em Direito e em Filosofia	Advogada e política ¹⁸⁴
Nathalie	Graduação em Administração	Empreendedora, artista e escritora ¹⁸⁵
Ophélie	Graduação em Veterinária (em curso)	Estudante

¹⁸² À época da entrevista, havia acabado de voltar de um estágio em Portugal, onde atuou como assistente de produção cinematográfica, e estava buscando oportunidades para se realocar no mercado de trabalho.

¹⁸³ Sigla, advinda da expressão em inglês, de otimização para motores de busca.

¹⁸⁴ Maria Cecília foi Secretária de Políticas para Mulheres na cidade de Toledo (no estado do Paraná, Brasil), entre 2013 e 2014. Ela também foi a primeira mulher eleita vereadora em sua cidade, em 1992. À época da entrevista, presidia uma comissão de estudos sobre violência de gênero na Ordem dos Advogados do Brasil (OAB).

¹⁸⁵ Nathalie atuou por um período na área de publicidade e marketing. Depois abriu uma indústria de tecidos na França. Finalmente, decidiu virar escritora, já tendo publicado quatro livros. Em paralelo, também trabalha em uma galeria de arte.

Patrícia	Graduação em Psicologia com mestrado na mesma área de formação	Psicóloga, psicoterapeuta e professora universitária
Rafaela	Graduação em Turismo com mestrado em Administração de Negócios Internacionais	Gerente de operações
Suzana	Graduação em Jornalismo	Assessora de imprensa e criadora de conteúdo digital
Tamara	Graduação em Pedagogia	Artista e contadora de histórias
Tayná	Graduação em Letras (em curso)	Estudante
Victor	Graduação em História (incompleta) ¹⁸⁶	Educador e roteirista de quadrinhos

Quanto aos perfis acadêmicos e profissionais das leitoras e do leitor entrevistados, fica evidente, a partir do quadro acima, a concentração de indivíduos que advêm das áreas de estudo das ciências humanas, grupo que conta com 25 pessoas. Apenas cinco leitoras possuem formações nas ciências exatas ou biológicas – sendo nas áreas de Farmácia, Mecânica, Medicina, Química e Veterinária. Enfatiza-se também a presença de leitoras ligadas ao domínio da Comunicação entre as entrevistadas, com três pessoas graduadas em jornalismo, uma graduada em comunicação e multimídia, outra em publicidade e, ainda, uma leitora com MBA em comunicação digital. Destaca-se igualmente a quantidade de gente cujas profissões dialogam com o domínio de arte e cultura – cerca de um terço dos públicos entrevistados –, com indivíduos que atuam como artistas, escritoras, roteiristas, cantora, modista e pessoal de apoio cinematográfico.

No Brasil, as leitoras pertencem a estratos econômicos correspondentes às classes média-alta e alta – com exceção de uma única entrevistada, cujo percurso profissional (ela atua como faxineira) indica que ela não faz parte das classes altas. Na França, as leitoras pertencem a conjunturas socioeconômicas de classes médias, médias-altas e altas. Em ambos os países, o grupo é composto de pessoas com formações de nível superior, majoritariamente brancas, com acesso recorrente à internet e a equipamentos

¹⁸⁶ Começou a fazer faculdade, mas enfrentou dificuldades financeiras e, também por outros fatores, acabou optando por trancar o curso.

eletroeletrônicos e inseridas em contextos familiares que buscam estimular a manutenção ou ascensão social das atrizes pelo acúmulo de capital cultural. Os percursos acadêmicos das audiências, que geralmente perpassa ou dialoga com as áreas de humanidades, as instiga à reflexão sobre as pautas de gênero, movimento que é acentuado pelo acesso a conteúdos digitais ativistas com os quais elas têm contato na internet em decorrência de seus interesses políticos, ideológicos e culturais.

Sublinha-se, porém, que ter um diploma de curso superior no Brasil carrega diferenças significativas com relação a possuir essa mesma formação na França. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD Contínua Educação de 2022¹⁸⁷, 19,2% dos brasileiros têm ensino superior completo. A França, por sua vez, tem proporcionalmente o dobro de pessoas diplomadas em nível superior nas faixas etárias de plena atividade – de 25 a 64 anos: 41% da população (segundo indicadores do relatório sobre a educação da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico - OCDE em 2022)¹⁸⁸. O maior ou menor nível de acesso possibilitado por estruturas socioeconômicas, estatais e políticas a ferramentas de ampliação de capital cultural influi no interesse e na aproximação das atrizes por debates ativistas e de gênero. No Brasil, essas discussões parecem estar ainda mais restritas a classes sociais altas do que na França, pois são esses grupos que têm maior penetração em espaços acadêmicos.

A análise das audiências entrevistadas para esta tese a partir de conjunturas socioeconômicas e considerando-se localidades, idades, profissões e áreas de atuação do grupo contribui para a compreensão de quem são as pessoas que consomem a produção informacional advinda do mundo social investigado e que, segundo as midiativistas, são a principal inspiração para a manutenção desse espaço. Busco retratar características

¹⁸⁷ Conduzida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37089-em-2022-analfabetismo-cai-mas-continua-mais-alto-entre-idosos-pretos-e-pardos-e-no-nordeste>.

¹⁸⁸ Informações recuperadas de relatório sobre o estado do ensino superior, da pesquisa e da inovação na França elaborado pelo Ministério do Ensino Superior e da Pesquisa francês. Disponível em: https://publication.enseignementsup-recherche.gouv.fr/eesr/FR/T666/le_niveau_d_etudes_de_la_population_et_des_jeunes/.

demográficas, sociais, etárias e étnicas para, a partir disso, retrair a organização coletiva e transnacional das publicações de midiativismo feminista no Sul e no Norte global.

Concepção de feminismos e identificação com a pauta

Dentre as 30 pessoas (14 brasileiras e 16 francófonas) entrevistadas para esta tese que compõem a audiência das mídias engajadas estudadas, 27 se reivindicam feministas e três (sendo duas francófonas e uma brasileira) não se consideram feministas e preferem se desvincular desse movimento de militância. O que explica a segmentação de posicionamentos em dois grupos de entrevistadas (as autodeclaradas feministas e as que recusam tal rótulo) é o entendimento que essas mulheres e homem construíram sobre a concepção de feminismo ao longo de suas trajetórias de vida.

As(o) entrevistadas(o) que se assumem feministas associam o termo às noções de equidade e igualdade e à ideia de liberdade. Observa-se, assim como ocorreu com as entrevistas realizadas com colaboradoras(es) de projetos feministas, que o público francês tende a destacar com ainda mais veemência em suas construções narrativas esses elementos. A justificativa para isso pode estar relacionada a dois fatores. A reprodução sociocultural das ideias de liberdade e igualdade como dois dos três pilares que servem de alicerce para a sociedade francesa (juntamente com fraternidade), em esforços que atravessam o sistema educacional e mobilizam ferramentas de propaganda estatal do país no sentido de promover símbolos republicanos e de unificação e união da população. E o fato de que o movimento feminista na França, em especial a segunda geração desse – mais fortemente atrelada ao conceito de liberdade –, teve mais espaços de maturação e de enraizamento em ambientes culturais, acadêmicos e ativistas, já que a conjuntura política e histórica do país possibilitou que pautas de direitos das mulheres fecundassem em âmbitos institucionais, ao contrário do que ocorreu no Brasil, onde a militância feminista era ofuscada diante do contexto de opressão e ditadura (Pinto, 2003).

As(os) francesas(es) mencionam receber também, desde a infância nas escolas, estímulos para se lançarem a leituras que abordam o debate de gênero, sendo introduzidas,

especialmente, a textos de Simone de Beauvoir, evento citado explicitamente por três atrizes do público entrevistadas: Angela, Anna e Lucie, todas leitoras do coletivo *Georgette Sand*. O contato mais amplo e sistematizado com o debate feminista ao longo da formação pessoal das leitoras parece fazê-las se apropriarem de maneira mais padronizada do que as brasileiras das terminologias que definem os feminismos de uma perspectiva teórica, pois elas adotam expressões e termos iguais ou semelhantes para explicar seus engajamentos feministas – como igualdade entre homens e mulheres, luta por direitos e combate ao patriarcado. Enquanto as brasileiras formulam suas próprias percepções do que interpretam por feminismos a partir, ao menos em um primeiro momento, de experiências práticas.

O entendimento dos públicos do que é a reivindicação do rótulo de feminista pode ser resumida pela seguinte reflexão: “É a gente ter empatia pela outra, amar, sentir e acolher as mulheres que estão ao nosso lado e que também estão sofrendo provavelmente pelas mesmas coisas. Talvez, em diferentes aspectos e intensidades. É a gente estar junta pelo mesmo propósito” (Carol, leitora d’*AzMin*a, entrevista, 9 de julho de 2021). Na vida cotidiana de entrevistadas(o), o feminismo torna-se “um processo intelectual, prático, da vida, de sair desse lugar que eu ocupo, para conseguir ver o mundo de outra forma, para além de uma questão teórica” (Patrícia, leitora *Think Olga*, entrevista, 8 de julho de 2021).

Mas mesmo após se autorreconhecerem como feministas, dinâmicas de reprodução de estereótipos em torno da causa ainda podem provocar nas entrevistadas receio ou inquietudes quanto à assunção pública do rótulo de militante. Há custos emocionais de se admitir socialmente o vínculo com o ativismo, como os riscos de serem vistas como radicais ou raivosas e de serem descredibilizadas em ambientes profissionais, familiares e religiosos. O sentimento de vergonha militante tende a se reconfigurar a partir do amadurecimento pessoal em termos de idade e do domínio de conceitos e debates relacionados aos estudos de gênero. As conversas com os públicos mostram que é por meio do contato com conteúdos informativos que refletem sobre equidade de gênero – como as mídias engajadas feministas – que essas leitoras repensam suas próprias visões sobre o militantismo e sobre os feminismos.

Eu decidi curtir uma série de páginas para realmente obter uma diversidade de pontos de vista a partir de grupos como a *Les Glorieuses*, para me manter atualizada sobre assuntos que me interessam. Sigo pessoas que compartilham uma certa maneira de pensar que tenho em comum, mas que também me ajudam enriquecendo meu pensamento. Essas publicações tratam de coisas que não vemos na mídia. Há uma maneira de pensar por trás disso que é um compartilhamento, que é a construção de uma história das mulheres que ainda não foi feita em lugar algum. Portanto, há reequilíbrio de vozes em andamento. Acho que o tom das publicações é aberto, inclusivo, elas estão tentando fazer algo construtivo, há diálogo. Isso é tocante. (Laetitia, leitora da *Les Glorieuses*, entrevista, 8 de agosto de 2022)¹⁸⁹

Mas as leitoras não necessariamente se sentem confortáveis com a rotulação da militância e com o ato de se autodeclarar feminista. Há pessoas que preferem não serem classificadas como tal – Angela (leitora da *Georgette Sand*, entrevista, 23 de agosto de 2022), Dayane (leitora da *Think Olga*, entrevista, 15 de julho de 2021), Laetitia (leitora da *Les Glorieuses*, entrevista, 8 de agosto de 2022) e Magali (leitora da *Georgette Sand*, entrevista, 13 de agosto de 2022). Elas se identificam como “humanistas”, no sentido de que se alinham à crença de que é preciso reivindicar equidade entre as pessoas sem hierarquizações entre essas. Constata-se, entretanto, que o que essas leitoras chamam de humanismo é equivalente à interpretação das demais entrevistadas(o) e da literatura de estudos de gênero sobre o conceito de feminismo. O que justifica, porém, elas não se verem como feministas e terem um entendimento diferente das demais dessa noção são as experiências práticas que vivenciaram no contato com essa militância.

¹⁸⁹ Tradução da autora para: “Je suis allée liker un ensemble de pages pour avoir vraiment une diversité de points de vue au niveau des journaux de groupes comme Les Glorieuses, ce genre de choses pour me tenir au courant sur des sujets qui me parlent. Je suis des personnes qui en tout cas qui à la fois rejoignent une certaine façon de penser qui m'est commune mais qui en même temps m'apportent par l'enrichissement de leur réflexion aussi. Ils traitent de choses qu'on ne voit pas dans les médias. Il y a une réflexion derrière qui est un partage, qui a la construction aussi d'une histoire de la femme qui n'a pas encore été faite quelque part en mettant ce qui a existé. Donc il y a un rééquilibrage qui est fait. Je pense que le ton est ouvert, est inclusif, elles cherchent à construire, il y a du dialogue. Donc je pense que voilà, ça touche”.

Desvincular-se do movimento feminista é uma postura que, nas entrevistas, aparece atrelada a duas explicações de ordem sociocultural. A primeira consiste em influências que essas pessoas recebem para enxergar a militância feminista com desconfiança, o que parte de suas inserções em ambientes de caráter socialmente conservadores, podendo vir do âmbito familiar, do espaço de trabalho e/ou de formação profissional ou da imersão em estruturas religiosas. São os casos de Angela e Dayane. A segunda diz respeito às frustrações vividas pelas leitoras após o contato com grupos feministas, onde elas percebem a reprodução de mecanismos de poder de gênero, sociais, raciais e econômicos, como ocorreu com Laetitia e Magali.

O conjunto de concepções de feminismos sustentadas pelos públicos e as expressões da identificação dessas pessoas com a pauta feminista indica que a fluidez das interpretações de tais conceitos faz com que, a despeito de divergências de opiniões e até de identificação militante, o grupo encontre unidade no engajamento em prol da construção de espaços e da busca por oportunidades de gênero equânimes.

O descortinar: as trajetórias de militância e ativismo digital das leitoras

As audiências dos projetos de midiativismo feminista descrevem que suas adesões a movimentos/ideais militantes ou de ativismo digital tendem a acontecer de maneira gradual, em processos progressivos que se iniciam normalmente na infância ou adolescência. Mas há elementos que instigam uma aproximação maior com o militantismo feminista, de acordo com as narrativas do grupo. Esses componentes costumam estar atrelados a categorias de imersão social da ordem de educação formal (escola, faculdade), profissional (experiências nos ambientes de trabalho ou de inserção no mercado de trabalho), de relações afetivas (interações familiares e relacionamentos amorosos), de relações macroinstitucionais (com ferramentas do Estado, por exemplo) e da intersecção com outras formas de militância (movimento negro e/ou *queer*), sendo os contatos dos públicos com esses espaços atravessados por violências de gênero.

Mais de um terço das entrevistadas (Angela, Carol, Cassie, Cecília, Dayane, Debora, Inès, Laetitia, Laura, Patrícia e Tayná) indicam que o seu alinhamento com a causa feminista se iniciou na infância – em um processo semelhante ao apontado pelas midiativistas. Esse grupo descreve que, desde que eram crianças, carregavam em si um incômodo frente às iniquidades de gênero às quais elas próprias se viam submetidas enquanto meninas. Soma-se a isso uma percepção de não pertencimento – mesmo que seja um não pertencer parcial –, que faz essas pessoas acharem que não atendem a normas sociais impostas em termos de gênero.

Uma vez imersas no movimento feminista, as leitoras parecem ressignificar o estranhamento frente ao não enquadramento social, adaptando seus discursos e reinterpretando as próprias emoções, de modo a transformar o desconforto do deslocamento em algo que elas relatam como uma espécie de satisfação, de prazer por ser diferente, por não se submeter às regras e não aceitar iniquidades. Isso confirma a percepção de que ativistas criam estratégias sobre quais emoções devem ser suprimidas, assim como sobre quais tipos de emoções devem ser impulsionadas nos membros da militância (Goodwin & Jasper, 2006). A evocação de memórias de infância ligadas a uma percepção da desigualdade de gênero é recorrente nos depoimentos. Assim, entrevistadas descrevem a pré-descoberta feminista com orgulho, enfatizando que são pessoas que, desde a infância, tendem a não se ajustar a imposições socioculturais.

É no convívio familiar ou escolar que elas tomam consciência de seu não enquadramento, ao notarem gostos ou desgostos desalinhados com aquilo que lhes foi ensinado sobre características atribuídas a homens ou mulheres. A empreendedora Dayane, por exemplo, conta que gostava de jogar futebol e de participar de brincadeiras que eram tidas como masculinas: “As meninas têm que ser santinhas e eu nunca gostei disso. Quando eu era pequena, eu fazia umas coisas que eram de homem” (Dayane, leitora da *Think Olga*, entrevista, 15 de julho de 2021). Já a estudante de Letras Tayná (leitora d’*AzMina*, entrevista, 21 de julho de 2021), desde pequena, percebia que desviava da regra ao ser uma criança

que gostava de matemática na escola e uma adolescente que cogitava cursar engenharia na faculdade.

A tomada de consciência feminista, todavia, aparece nos depoimentos das leitoras como uma epifania, como a súbita revelação de conjunturas e problemáticas que antes elas(es) não conseguiam enxergar com clareza e que passam a se tornar evidentes a partir do contato com o espaço do militantismo feminista ou com os debates de gênero. A publicitária Fany (leitora do *Lado M*, entrevistada em 13 de julho de 2021), de 42 anos, define que a inserção na militância feminista, para ela, foi um “despertar”. À semelhança do que afirma a produtora cultural Keyla (leitora d’*AzMina*), 24 anos, para quem a descoberta das reflexões de gênero tem sido um exercício de reaprendizagem de como se relacionar com o mundo ao redor: “Perceber o feminismo tem me transformado em uma pessoa atenta aos detalhes que antes passavam despercebidos. Quando você presta atenção nos detalhes, tudo muda” (entrevista, 11 de julho de 2021).

A perspectiva da imersão militante associada à ampliação da visão de mundo também aparece na metáfora feita pela professora universitária Lucie (leitora da *Georgette Sand*), de 38 anos, em que ela explica (entrevista, 26 de agosto de 2022) o feminismo fazendo alusão ao uso de óculos: “Para mim, ser feminista, é como colocar um par de óculos que nos faz olhar para o mundo com uma forma de perspicacidade, de lucidez sobre a maneira como se constroem as relações humanas”¹⁹⁰. A artista e contadora de histórias Tamara, 40 anos, vai além e define a descoberta feminista em uma analogia que remete à ideia de que, uma vez em contato com os feminismos, quem tinha os olhos fechados, passa a poder abri-los:

É como tirar uma venda dos olhos, sabe? É você sair da *matrix*. Coisas que antes, para mim, passavam despercebidas – porque eu pensava “ah, a sociedade é assim mesmo, os homens são assim mesmo” –, hoje em dia, qualquer diálogo, qualquer filme que eu vejo, qualquer livro que eu leio, qualquer atitude de um amigo, eu já

¹⁹⁰ Tradução da autora para o trecho: “Pour moi, être féministe, c’est comme chausser une paire de lunettes qui fait regarder le monde avec une forme de perspicacité, de lucidité sur la manière dont se construisent les rapports humains”.

consigo enxergar ali o machismo. Isso tem me afetado muito. (entrevista, 6 de novembro de 2020)

As mídias engajadas feministas têm um papel relevante na condução do sentimento de descortinar entre os públicos, uma vez que as aproximações iniciais dessas pessoas com as teorias de gênero e com os argumentos feministas ocorre por meio de publicações de midiativismo digitais. Outros ambientes, como o escolar ou o familiar, também podem contribuir com a introdução sistemática do grupo às reflexões de gênero, como exemplifica a professora de literatura francesa Lucie (leitora *Georgette Sand*, entrevista, 26 de agosto de 2022), cuja admiração por figuras de mulheres na literatura e nas artes a aproximou do desejo de estudar gênero e feminismos.

A soma das experiências de violências sexistas que elas vivenciam em suas trajetórias ou que elas veem mulheres próximas e pessoas feminilizadas vivenciando, acrescida da leitura de textos e conteúdos feministas digitais, provoca nas leitoras o desejo de reagir diante de iniquidades que lhes causam mal-estar. O poder de mobilização da indignação fortalece a coesão do grupo dentro da sociedade e dá impulso às ações coletivas desse (Cordell, 2017a). A insatisfação com a conjuntura social se constitui, então, como impulsionadora de mudanças e como elemento central gerador de militância entre as audiências entrevistadas. Esse conjunto de violências que elas observam nos seus entornos – e que, em um primeiro momento, elas não sabem ao certo explicar por que tais conjunturas lhes causam mal-estar – acabam por levar as entrevistadas ao engajamento e à mobilização em torno da alteração de estruturas sociais. O depoimento da artista plástica Inès (leitora *Les Glorieuses*), 26 anos, sobre sua iniciação feminista, sintetiza as trajetórias de iniciação feminista do grupo:

Nós não nos engajamos no feminismo da noite para o dia. Desde que somos pequenas, percebemos que somos tratadas de forma diferente. Você pode testemunhar a violência... À medida que a gente cresce, o acúmulo dessas informações que a gente observou, mas que no início a gente não sabia realmente por que era diferente ou porque se eu fizesse isso, não estava certo, mas se um tio fizesse, estava tudo bem, tudo isso vem depois, e você percebe que é todo um

sistema, na verdade, toda uma sociedade que é desigual e violenta em relação às minorias de gênero. (entrevista, 16 de agosto de 2022)¹⁹¹

No caso das leitoras entrevistadas, as reflexões preliminares sobre iniquidades que sofrem por serem mulheres costumam estar associadas a experiências resultantes de relações afetivas, com pais e familiares, amigas(os), professoras(es), chefias e colegas de trabalho. São observações que amadurecem com o tempo e com as vivências de cada uma, culminando, geralmente, em um ou em uma série de episódios que elucidam e sumarizam as descobertas feministas particulares do grupo.

A lembrança resgatada pela militar do Exército Christel (leitora da *Madmoizelle*), 43 anos, mostra como as leitoras reconstroem memórias de infância e adolescência para dar coerência ao surgimento de suas consciências militantes. A entrevistada afirma que os espaços recreativos destinados às crianças nas escolas eram, para ela, uma síntese da dominação patriarcal que ela observava desde criança. Ela explica que os meninos brincavam e praticavam esportes, enquanto as meninas eram orientadas a apenas assistir a esses jogos e brincadeiras e a não atrapalhar. Essa memória está associada para ela à contenção, à restrição, à ideia de que as meninas deveriam se manter reprimidas, a fim de garantir que os meninos pudessem ocupar os espaços de circulação:

Os espaços recreativos são projetados por homens e para homens. Na minha época, os meninos jogavam futebol e as meninas não, isso estava arraigado em nosso inconsciente. Não era uma escolha deliberada, era apenas a maneira como as coisas eram. Os meninos deviam jogar futebol e as meninas não. Assim, os meninos ficavam com tudo, todo o espaço, com todos os direitos. Eles faziam o que queriam em todo o espaço entre nós – era um retângulo –, e nós, meninas, ficávamos nas bordas.

Estávamos sempre tentando ocupar o menor espaço possível para não atrapalhar os

¹⁹¹ Tradução da autora para o trecho: “On supporte pas le féminisme du jour au lendemain. C’est depuis qu’on est petite, on se rend compte qu’on est traité différemment. On peut être témoin de violences... Au fur et à mesure qu’on grandit, l’accumulation de ces informations qu’on a observées mais qu’au début on ne savait pas trop pourquoi c’était différent ou parce que si je faisais ça, ce n’était pas bien, mais si un oncle faisait, ça allait et tout ça vient plus tard qu’on se rend compte que c’est tout un système en fait, toute une société qui est inégalitaire et violente envers les minorités de genre”.

meninos. E isso, para mim, é exatamente a representação do patriarcado da sociedade. (Christel, entrevista, 12 de agosto de 2022)¹⁹²

Assim como ocorre com as midiativistas, uma parcela (cerca de um quarto) das leitoras se aproxima do debate feminista após serem vítimas de violências domésticas ou violências de gênero que deixam sequelas físicas além de psicológicas (como a opção por realizar um aborto induzido, mesmo que isso seja feito em um país onde a prática é legalizada¹⁹³). Mais uma vez, para buscar preservar a intimidade e para proteger as leitoras de exposições ou mesmo de eventuais agressões e da revitimização dessas pessoas, opto por desvincular as histórias a seguir dos nomes de quem as vivenciou e compartilhou – ainda que a reprodução do conteúdo tenha sido autorizada pelas entrevistadas.

As situações de violência doméstica que contribuem com o alinhamento das leitoras entrevistadas frente ao movimento feminista e que foram compartilhadas com esta pesquisa partem ou do pai ou de companheiros (namorado ou marido) das vítimas. Um dos relatos é de uma jovem brasileira que diz que foi estimulada a refletir sobre questões de gênero na escola, por uma professora. Ao imergir nesse debate e passar a observar como o pai tratava a mãe com agressividade, decidiu confrontar o pai, cuja reação diante desse conflito foi agredir fisicamente tanto a filha quanto a esposa. Em decorrência dos embates familiares, a entrevistada saiu de casa por um tempo e, depois, por questões financeiras, precisou retornar.

¹⁹² Tradução da autora para o trecho: “Les cours de récréation sont pensés par et pour des hommes. À mon époque, les garçons jouent au foot et les filles ne jouaient pas au foot, c'était ancré dans leur inconscient. Ce n'était pas un choix délibéré, c'était comme ça. Les garçons devaient jouer au foot et les filles ne devaient pas jouer au foot. Donc les garçons prenaient tout, tout l'espace avec tous les droits, faisait ce qu'ils voulaient dans tout l'espace entre nous – c'était un rectangle, et nous les filles, on était sur le bord comme ça. On était tout le temps en train d'essayer de prendre le moins de place possible pour ne pas gêner les garçons. Et ça, pour moi, c'est exactement la représentation du patriarcat de la société”.

¹⁹³ Uma das leitoras conta que engravidou aos 23 anos e optou por fazer um aborto. Ela morava nos EUA e, na época, ainda não haviam proibido a prática em uma parcela dos estados do país. Ainda assim, a entrevistada se viu confrontada com grupos contrários ao direito de escolha reprodutivo das mulheres protestando em frente à clínica onde foi realizar o procedimento. Sentiu-se impactada por esse contexto, especialmente pelas restrições impostas às mulheres frente a seus próprios corpos.

No exemplo acima, a aproximação da pauta feminista foi o elemento que desencadeou as agressões. O mais corriqueiro, contudo, são os relatos no sentido inverso. Como o da entrevistada que aponta que o fato de ter sido agredida pelo pai e de ter decidido sair de casa após sofrer tal situação de violência doméstica a fez despertar para as reflexões de gênero e, a partir de então, reivindicar-se militante feminista. Processo similar ocorre com as leitoras que relatam ter sofrido violência doméstica no casamento. A partir do momento em que elas se dão conta de que são vítimas – e não culpadas das situações de agressão – e de que essas violências não se originam de conjunturas individuais, mas, sim, de estruturas sociais e coletivas (Cardoso, 2017), as leitoras se sentem instigadas a se lançar no contexto de militância feminista.

Para além do âmbito privado das relações com os núcleos familiares e da inserção inicial na educação formal, a imersão social profissional é outro ambiente capaz de instigar o engajamento das entrevistadas, já que é um espaço que as faz observar com maior nitidez discrepâncias de gênero em termos salariais, sociais e culturais. Em concomitância com isso, a imersão social em ambientes que submetem as leitoras a assédios sexuais é outro componente com potencial para fazer irromper o interesse militante feminista nos indivíduos que foram assediados ou que observam conjunturas de assédio atingirem pessoas próximas – mais da metade das leitoras entrevistadas traz esse elemento como fomentador de seus alinhamentos com os feminismos. A médica Angela (leitora da *Georgette Sand*), de 50 anos, diz que, ao longo de sua carreira, observou diversos episódios de machismo e de discursos de objetificação sexual praticados pelos colegas homens com médicas, enfermeiras e pacientes.

Os relatos mais frequentes de assédios, contudo, centram-se nas experiências das próprias entrevistadas no que diz respeito à circulação na rua, onde elas sofrem abordagens de conotação sexual de homens que buscam importuná-las. Dentre as leitoras que trouxeram relatos nesse sentido – embora outras mencionem o fato desse tipo de assédio existir e atravessar a existência de mulheres de maneira generalizada –, chama atenção o fato de seis

serem francófonas (Anna, Angela, Crystal, Magali, Nathalie, Rafaela)¹⁹⁴ e apenas uma brasileira (Suzana).

A experiência etnográfica e de entrevistas desta pesquisa indica que, ao mesmo tempo em que os direitos de mulheres na França parecem mais sólidos institucionalmente em comparação ao Brasil, a frequência e a intensidade de depoimentos que descrevem episódios corriqueiros de medo e de desconforto para andar na rua são mais recorrentes no contexto francês, sugerindo que as engrenagens coordenadas institucionalmente pelo Estado – em termos de promoção de equidade salarial, de direitos reprodutivos e de estímulos a uma distribuição mais equânime de atividades domésticas – não são suficientes para combater o enraizamento da cultura do assédio em nível sociocultural.

No geral, as leitoras transformam traumas e incômodos em engajamento, recorrendo ao ativismo como recurso real para aliviar a raiva (Cardoso, 2017). A confrontação com um arcabouço de violências de gênero e sexistas de diversas ordens (individuais, culturais, econômicas, políticas, sociais) resulta no desejo e na ação militante feminista das leitoras entrevistadas, aproximando-as do debate em prol da equidade e dos direitos de mulheres e de grupos feminilizados.

Conclui-se que o engajamento feminista se estabelece na vida das leitoras como um mecanismo de modificações de estruturas de dominação masculina que lhes são impostas. Elas elencam o desrespeito (na rua, no trabalho, no ambiente doméstico e familiar), a falta de liberdade de circulação (em decorrência de sentimentos de medo e de insegurança), amarras financeiras e o desestímulo ao protagonismo e à ocupação de espaços de

¹⁹⁴ Dentre elas, a estudante de farmácia Crystal (leitora da *Georgette Sand*), 21 anos, conta (entrevista, 4 de agosto de 2021) que já passou por situações que a deixaram apavorada, como ser perseguida por um homem até chegar em casa. Em decorrência disso, decidiu aprender a lutar box e começou a fazer musculação, de modo que, agora, sente-se mais protegida ou preparada para enfrentar assédios de rua. Angela (leitora da *Georgette Sand*), ainda que tenha o dobro da idade de Crystal (50 anos), narra (entrevista, 23 de agosto de 2022) uma situação bastante similar de perseguição que vivenciou quando era mais jovem, após voltar para casa sozinha depois de uma Festa da Música - festa popular que ocorre anualmente na França no dia do solstício de verão. Ela descreve que correu extremamente rápido tentando despistar o homem que a seguia, de modo que conseguiu se livrar dele. Todavia, foi a ocasião de sua vida em que mais sentiu medo e ela ainda lembra com clareza desse sentimento.

liderança¹⁹⁵ como aspectos mais recorrentes para incitar suas posturas de ativismo feminista. Esses componentes têm como raiz comum violências simbólicas de gênero socialmente construídas e reproduzidas pelo sistema patriarcal.

Há, portanto, três conjuntos de eventos-chave que levam à adesão de leitoras aos feminismos: 1) Incômodos e a sensação de não pertencimento frente a normas sociais de gênero – o que ocorre geralmente na infância e/ou adolescência; 2) Ser vítima ou ver pessoas próximas sendo vítimas de violências de gênero (domésticas, de assédio ou de Estado, em ambientes privados ou públicos); e 3) O contato com conteúdos produzidos por coletivos feministas e/ou por publicações engajadas. De maneira transnacional, os processos de adesão ao ativismo ou ao militantismo feminista dos públicos são conduzidos pela experiência de desvendamento de opressões, conjunturas que as leitoras passam a enxergar, a compreender ou a ter ferramentas sociais, históricas e intelectuais para interpretar com mais clareza a partir do suporte que encontram no mundo do midiativismo feminista.

Ascendências e descendências: vínculos afetivos e engajamentos políticos

Em seus discursos, as leitoras indicam que, em alguma medida, os engajamentos do grupo são uma continuidade de esforços ou desejos por direitos das mulheres e por liberdades pelas quais suas ancestrais já reivindicavam ou ansiavam. Esse é um elemento que se destaca nas narrativas de mais da metade do grupo de audiências que concedeu entrevistas para esta tese. É válido enfatizar que, no decorrer das entrevistas, as participantes não foram instigadas diretamente a falar sobre a conexão de suas escolhas por aderir ao ativismo feminista com fatores relacionados a ascendências e descendências¹⁹⁶, de modo

¹⁹⁵ Cabe citar o relato de Patrícia (leitora da *Think Olga*, entrevista, 8 de julho de 2021), em que ela conta que sempre se considerou uma mulher com perfil de líder e explica que o debate de gênero a ajudou a encontrar espaços e formas de fazer com que essa liderança fosse social e profissionalmente aceita nos meios em que ela circula, de modo que, mesmo sendo uma mulher, ela possa ocupar posições de destaque.

¹⁹⁶ As leitoras foram questionadas, por outro lado, sobre como a inserção na militância feminista afeta suas relações familiares e com outros círculos de convivência mais próximos.

que as ligações familiares-afetivas como componente motivador de engajamento feminista surgiram espontaneamente nos discursos.

O seguinte conjunto de entrevistadas cita mães, avós, tias e outras mulheres responsáveis em alguma medida por suas criações (incluindo madrastas e irmãs, por exemplo) como figuras que lhes inspiram na prática feminista: Angela (leitora da *Georgette Sand*), Anna (leitora da *Georgette Sand*), Christel (leitora da *Madmoizelle*), Cristine (leitora d'*AzMina*), Crystal (leitora da *Georgette Sand*), Debora (leitora da *Madmoizelle*), Fany (leitora do *Lado M*), Julie (leitora da *Les Glorieuses*), Karla (leitora da *Think Olga*), Keyla (leitora d'*AzMina*), Laetitia (leitora da *Les Glorieuses*), Laura (leitora da *Madmoizelle*), Rafaela (leitora da *Les Glorieuses*), Patrícia (leitora da *Think Olga*), Suzana (leitora do *Lado M*) e Tayná (leitora d'*AzMina*).

Em meio a esse grupo, há seis relatos de pessoas que consideram que suas posturas e ideais feministas são um reflexo e uma extensão daquilo que lhes foi repassado dentro de casa, a partir do exemplo de suas ascendentes. Nos casos da militar da reserva Christel (leitora da *Madmoizelle*) e da gerente de operações Rafaela (leitora da *Les Glorieuses*), as formas de militância constatadas em seus históricos familiares têm um caráter mais clássico, com a inserção de antepassadas(os) em movimentos sociais ou ações de militância formais.

Christel relembra que seus pais já vinham de uma tradição de militância feminista francesa dos anos 1960 e 1970, e repassaram esses valores para a entrevistada. Enquanto Rafaela aponta sua mãe como modelo de mulher e também de feminista, indicando que ela compunha uma geração anterior do movimento, quando se identificar com esse ainda era motivo de constrangimento: "Tenho uma mãe que é muito feminista. Ela era feminista durante os anos em que feminismo não era uma palavra bonita, mas, na verdade, ela viveu uma vida

muito, muito feminista”, pontua a leitora da *Les Glorieuses* (entrevista, 22 de setembro de 2022)¹⁹⁷.

Observou-se também um subgrupo de leitoras entrevistadas cuja inspiração militante instigada por ascendentes é originada por estruturas informais e com base na constituição de modelos familiares não tradicionalistas. A jornalista Suzana (leitora do *Lado M*), de 40 anos, acredita que foi motivada pela mãe e pelas tias, ainda que de maneira indireta, a se tornar feminista. Não porque essas mulheres se reivindicavam como tal, mas simplesmente porque no interior do núcleo doméstico, essas figuras representavam papéis de autoridade e protagonismo, conforme explica a entrevistada: “A liderança, quando eu era criança, era sempre da minha mãe. Tinha também minhas tias ao redor. Então, eu sempre tive muitas figuras femininas na minha vida” (entrevista, 16 de julho de 2021). Outro exemplo de tal dinâmica é abordado pela publicitária Fany (leitora do *Lado M*), de 42 anos, que relata ter sido criada pela mãe e pela madrinha, ressaltando como essas relações influenciaram em suas escolhas em termos de trajetórias afetivas e familiares durante a vida adulta:

Eu venho de uma construção familiar não tradicional. Minha mãe era mãe solteira, então eu fui criada pela minha mãe e madrinha. Eu não sou casada e não tenho filhos. Então, eu já venho de toda uma construção familiar não tradicional. Me deparar com isso [o feminismo] foi uma libertação. “Não, eu não preciso seguir os padrões. Eu não preciso ter uma família Dorian para ser feliz. Isso foi o que colocaram na minha cabeça. Isso foi uma construção, na Idade Média, da igreja, para dominar. Eu não preciso disso! Tem outras coisas para eu ser feliz. (entrevista, 13 de julho de 2021)

As entrevistas em profundidade com as audiências permitiram, ainda, a constatação de um subgrupo de leitoras cujos incentivos feministas se originaram em decorrência da postura de mulheres da família diante de traumas resultantes de violências de gênero vividas no âmbito doméstico. Nesse sentido, a estudante de Letras Tayná (leitora d’*AzMiná*), de 25

¹⁹⁷ Tradução da autora para o trecho: “J’ai une mère qui est très féministe. Elle était féministe pendant les années où on ne disait pas féminisme ou c’était pas un beau mot, mais en fait elle a vécu une vie très très féministe”.

anos, cita a trajetória de superação da mãe como elemento motivador de base para seu próprio engajamento feminista, conforme explicita a entrevistada na fala a seguir: “Eu acho que a minha maior influência feminista foi a minha mãe, por não ter aceitado um relacionamento abusivo, com um marido agressor” (entrevista, 21 de julho de 2021).

A professora de ciências e química dos ensinos médio e fundamental Cristine (leitora d’*AzMina*, entrevistada em 7 de julho de 2021), de 30 anos, faz igualmente referência às influências da tia em seus percursos ativistas, visto que foi essa figura quem acolheu e orientou a entrevistada após ela sofrer um episódio de violência doméstica e decidir sair da casa dos pais. A tia já se reivindicava feminista e recebeu a entrevistada de maneira receptiva, sem revitimizá-la frente ao ocorrido, além de buscar apresentá-la à temática de gênero. Observa-se um movimento cíclico de repassar ideais feministas através do núcleo familiar quando a entrevistada conta que hoje tenta fazer o mesmo com a afilhada e mostrar para a jovem a relevância de se ter consciência dos seus direitos enquanto mulher e de se engajar em prol da equidade de gênero. Uma mobilização semelhante é constatada nas interações de um grupo de três entrevistadas (as francesas Crystal, Debora e Julie) que fazem alusão a suas relações com irmãs e irmãos, com quem procuram partilhar princípios de engajamento feminista e reflexões sobre direitos das mulheres e pessoas feminilizadas.

Há também um grupo de leitoras que se espelha nas trajetórias de suas ancestrais mesmo que essas nunca tenham se identificado como feministas ou que até sejam contrárias ao movimento. São as brasileiras Patrícia (leitora da *Think Olga*) e Tayná (leitora d’*AzMina*) e as francesas Angela (leitora da *Georgette Sand*) e Laura (leitora da *Madmoizelle*). A médica Angela, de 50 anos, por sua vez, descreve (entrevista, 23 de agosto de 2022) que se aproximou da agenda feminista graças à mãe, uma dona de casa que, mesmo que fosse impedida pelo marido de trabalhar fora e até de socializar em outros espaços que não o doméstico, estimulava as filhas a serem independentes e autônomas. A psicóloga Patrícia (leitora da *Think Olga*), de 46 anos – faixa etária próxima da de Angela –, também traz o relato de ter sido indiretamente influenciada pela figura materna a se tornar feminista. Ainda que sua mãe não se identificasse com a causa – e até recusasse tal rótulo.

Essas histórias de figuras femininas não alinhadas com os feminismos, mas que acabam por instigar a militância de filhas e parentes mais jovens, repetem-se através de gerações. A modelo Laura (leitora da *Madmoizelle*), de 23 anos, indica que as posturas e ações da madrasta enquanto mulher independente incitaram a aproximação da entrevistada com a militância feminista. A madrasta, contudo, não se identifica com esse movimento social e ela e a enteada enfrentam embates e divergências recorrentes em termos político-ideológicos, conforme conta Laura (entrevista, 16 de agosto de 2021).

É relevante destacar que as entrevistas com os públicos realizadas ao decorrer desta tese sugerem que as conexões traçadas pelas leitoras com suas antepassadas vão além do núcleo familiar imediato de pessoas com quem elas tiveram contato e podem se expandir para bisavós e gerações anteriores ou mesmo a grupos de mulheres que estão fixados nos imaginários das entrevistadas como representações ancestrais de suas próprias trajetórias ou de suas conjunturas socioculturais. Como é o caso das mulheres indígenas (abordado por Cristine, Patrícia e Victor) e das mulheres africanas escravizadas (pontuado por Alícia, Cristine, Fany, Patrícia, Suzana e Victor), imagens que surgem em relatos de leitoras do Brasil, e das bruxas, que aparecem em narrativas de entrevistadas francesas (Anna, Christel e Crystal).

Em meio aos públicos brasileiros que contribuíram com esta pesquisa, as menções a povos originários e a mulheres negras escravizadas são expressas de maneira secundária nos discursos, em referências às condições em que vivem descendentes desses grupos étnico-raciais na contemporaneidade do país e à relevância de construir feminismos interseccionais. Entretanto, nenhuma das pessoas do grupo parece ter suas trajetórias diretamente atingidas pelas estruturas socio-históricas de dominação às quais tais comunidades foram sujeitas. Uma vez que, entre as audiências entrevistadas no Brasil, não há indivíduos que tenham se autodeclarado negros ou indígenas.

Na França, diferentemente, o histórico de opressão e de perseguição a mulheres conduzido no período da Inquisição – com seu ápice entre 1580 e 1630, numa época em que as relações feudais já estavam dando lugar às instituições econômicas e políticas típicas do

capitalismo mercantil (Federici, 2017) – desponta com mais força nos percursos de vida de algumas leitoras. Mais explicitamente, de Anna (leitora da *Georgette Sand*), Christel (leitora da *Madmoizelle*) e Crystal (leitora da *Georgette Sand*). As três reivindicam ter conexões com magia e bruxaria em seus perfis em redes sociais, assim como nas entrevistas concedidas a esta tese. Elas explicam que essa é uma posição política, que não advém de crenças espirituais ou de superstições.

Christel, militar da reserva (43 anos), reforça que na cultura francesa há uma tradição forte advinda do paganismo que associa a mulher bruxa à ideia de liberdade e, por isso, a bruxaria acaba se tornando uma referência para o feminismo no país: “Na França, há uma antiga tradição pagã da bruxa, a mulher livre, e isso é algo que está gravado, creio eu, em nosso inconsciente coletivo. É por isso que muitas mulheres na França associam a mulher feminista à bruxa” (entrevista, 12 de agosto de 2022)¹⁹⁸.

Anna (leitora da *Georgette Sand*), profissional de moda e costura (27 anos), também se reivindica bruxa por uma questão de herança cultural e histórica, mais do que pela magia em si. Como uma extensão dessa expressão afetiva militante, ela relembra, em entrevista concedida para esta tese, os laços com a cultura celta que sua família carrega, correlacionando a temática com as imposições culturais e coloniais feitas pelo Estado francês às culturas regionais vivas em seu território.

As entrevistas desta tese salientam a constatação de que há vários tipos de retransmissores de socialização intermediários que orientam a ação feminista de membros do movimento, sendo o papel socializador desempenhado por pessoas da família um elemento de base nesse processo – para além de outras estruturas, como a educação superior em ciências humanas e sociais, que tende a levar ao contato com estudos de gênero; o ativismo; e as experiências de discriminação e desigualdade de gênero (Masclat, 2015). Portanto, os vínculos afetivos orientam os engajamentos políticos das atrizes do mundo

¹⁹⁸ Tradução da autora para o trecho: “En France, il y a une tradition faite païenne, donc ancienne de la femme sorcière, la femme libre, et c'est quelque chose qui est gravé, je pense, dans notre inconscient collectif. C'est pour ça que beaucoup de femmes en France associent la femme féministe avec la femme sorcière”.

social, sendo figuras de ascendentes e descendentes componentes de destaque na difusão e transmissão dos ideais feministas.

Tentativas de percorrer trajetórias inversas às das antepassadas

O impulsionamento do engajamento feminista a partir de vínculos afetivos com outras mulheres revela-se ainda, para um pequeno grupo de quatro entrevistadas (as brasileiras Cecília, Karla e Keyla e a belga Laetitia), como um esforço de construir percursos de vida diferentes daqueles trilhados por mães e/ou avós e bisavós que tiveram suas liberdades tolhidas por estruturas de dominação patriarcais. Fundamentalmente, os relatos das leitoras se centram em depoimentos de privação de circulação e da possibilidade de trabalhar ou estudar, atravessando diferentes períodos temporais, localizações geográficas e classes sociais.

A comerciante Laetitia (leitora da *Les Glorieuses*), que tem 44 anos e vive na cidade média de Namur (cerca de 113 mil habitantes) – localizada na região central da Bélgica –, relembra a história da avó que queria ser médica e foi impedida de estudar pelo pai, não porque a família não tinha meios de financiar seus planos de carreira, mas devido ao fato de ela ser mulher: “Minha avó, nascida no início do século 20, em 1912, era uma mulher inteligente e brilhante que gostaria de ser médica e que, devido à sua condição de mulher, não podia” (entrevista, 8 de agosto de 2022)¹⁹⁹. Segundo a entrevistada, esse episódio parecer desestimulado a geração seguinte de mulheres da família a cursar graduação, até que ela própria rompeu com esse ciclo: “Faço parte da primeira geração de mulheres da família que ousou ir para a universidade, o que é muito importante, faz parte da nossa história”, reforça ela (em trecho da mesma entrevista citada acima)²⁰⁰.

¹⁹⁹ Tradução da autora para o trecho: “Ma grand-mère, née au début du XX^e siècle, vers 1912, elle était une femme intelligente, brillante, qui aurait voulu être médecin et qui, à cause de son statut de femme, n'a pas pu l'être”.

²⁰⁰ Tradução da autora para: “Je fais partie de la première génération de femmes de la famille à avoir osé faire l'univ, ce qui est énorme, ça fait partie de notre histoire”.

Partindo de outro contexto sociocultural e econômico, mas igualmente baseada em uma narrativa de liberdades e desejos negados, Karla (leitora da *Think Olga*), consultora financeira (cuja idade não foi mencionada) que mora na região metropolitana de Recife – um grande centro urbano do nordeste brasileiro –, destaca que sua mãe atuou por um período como empregada doméstica e depois acabou sendo proibida pelo companheiro de trabalhar fora. A entrevistada salienta ainda a admiração que tem pela avó: “É preciso valorizar as raízes, as mulheres que vieram antes, como a minha avó, que lavava roupa para sustentar 13 filhos” (entrevista, 20 de julho de 2021).

Nota-se que relatos semelhantes perpassam as falas de diferentes gerações de leitoras entrevistadas. A produtora cultural Keyla (leitora d’*AzMina*), que tem 24 anos e mora em Osasco – cidade da região metropolitana de São Paulo capital –, pontua as origens de seu engajamento feminista retomando a trajetória da mãe, que foi privada de trabalhar pelo pai da entrevistada após ambos se casarem, sendo relegada a cuidar do lar e dos filhos: “A minha mãe não é feminista. Ela teve toda essa vida dela como mulher roubada, (...) mas, ainda assim, é a mulher que mais me ensina coisas sobre a minha vida” (entrevista, 11 de julho de 2021).

Ainda que essas mães e antepassadas não possuam vínculos com o movimento feminista, o engajamento das filhas e os esforços que essas empenham em se desvencilhar de imposições de gênero socialmente impostas a mulheres são motivo de orgulho para as figuras femininas das famílias do grupo de leitoras acima. Conforme ilustrado pela fala da estudante do Ensino Médio Cecília (leitora do *Lado M*), adolescente de 17 anos que mora no interior do Piauí (na região do Nordeste brasileiro), quando ela relembra que a mãe ficou feliz ao descobrir que a filha estava engajada na luta feminista: “A minha mãe, em si, não opina muito, mas ela gosta. Quando eu comecei a entrar para esse assunto, ela ficou super feliz. Não tem nenhuma mulher que não fica, porque o feminismo tem o seu lado bom” (entrevista, 17 de julho de 2021).

Reações como essa sugerem a existência de um ciclo de admiração e apoio mútuo entre mulheres próximas, que reverenciam e se espelham nas formas de resistência e, se

não no exemplo, ao menos nas vontades umas das outras. Em termos de militância, é como se, de certa forma, o legado de gerações anteriores não fosse rejeitado, mas integrado às novas formas de agir da atual geração feminista (Chapponière *et al.*, 2017). O militantismo feminista das atrizes do mundo social formula-se como uma herança das vivências de outras mulheres, como um encadeamento de trajetórias e de histórias de vida que se entrecruzam, resultando em novas expressões afetivas traduzidas pelo grupo em ativismo e ação.

O engajamento motivado pela descendência

Mais de um terço das leitoras entrevistadas – 12 pessoas – são mães e, em seus discursos ao longo de nossas conversas e dos contatos etnográficos, enfatizam a importância que dão às filhas e filhos como impulsionadores de seus engajamentos. São elas: Angela (leitora da *Georgette Sand*), que tem três filhas (de 13, 11 e 8 anos); Christel (leitora da *Madmoizelle*), cuja filha tem 15 anos; Cristine (leitora d'*AzMina*), que tem um filho ainda bebê (com quatro meses à época da entrevista em profundidade); Dayane (leitora da *Think Olga*), que tem uma filha de 11 anos e um filho de 12; Karla (leitora da *Think Olga*), cuja filha tem 22 anos e o filho tem 7; Lucie (leitora da *Georgette Sand*), com uma filha de 11 anos; Maria Cecília (leitora da *Think Olga*), que tem três filhos adultos, sendo duas mulheres e um homem (as idades não foram mencionadas); Nathalie (leitora da *Les Glorieuses*), com três filhas (de idades entre 17 e 20 anos); Patrícia (leitora da *Think Olga*), que tem um menino de 9 anos; Rafaela (leitora da *Les Glorieuses*), cujo filho ainda é bebê; Tamara (leitora d'*AzMina*), que tem uma filha de 10 anos; e Tayná (leitora d'*AzMina*), que é mãe de uma menina de 7 anos.

Os relatos se centram nos desejos e empenhos das leitoras em transmitir valores feministas a(os) filhas(os), especialmente para as crianças. Elas enfatizam que tentam repassar ideais pró-equidade de gênero dentro de casa e por meio de reflexões, conversas e exemplos. Esses esforços são coordenados geralmente pelas mulheres, mas algumas destacam o apoio que recebem dos companheiros para pautar essas discussões no âmbito doméstico – são os casos de Christel, Cristine e Rafaela.

Em meio aos depoimentos, as entrevistadas pontuam que o se tornar mãe não é o elemento que as impele à militância feminista. Mas é, por outro lado, um componente que tem peso expressivo na maior aproximação delas com o movimento. A empreendedora e artista Nathalie (leitora da *Les Glorieuses*, entrevista, 15 de agosto de 2022), de 57 anos, por exemplo, diz que ter três filhas foi o principal catalisador de seu militantismo em prol de equidade de gênero. Independentemente do gênero das crianças, a maternidade, antes de ocasionar preocupações e reflexões relacionadas à criação das(os) filhas(os), em primeira instância, parece reinventar o sentido do que é ser mulher para essas entrevistadas. É o que expõe a gerente de operações Rafaela (leitora da *Les Glorieuses*), 35 anos, ao explicar de que maneira o processo de gestar uma pessoa a afetou e transformou seu jeito de se relacionar com o mundo e com os feminismos, no sentido de que sua militância se deslocou do plano intelectual para uma extensão corporal e palpável:

Acho que me transformou no sentido de que sinto isso em minhas entranhas. Então, eu tenho isso em meu ventre, sabe, e sinto isso dentro de mim (...) Acho que mudou de uma compreensão intelectual para uma compreensão... Nem sei qual é a palavra, mas antes eu carregava tudo em minha cabeça, agora está em meu ventre. (entrevista, 22 de setembro de 2022)²⁰¹

Conscientes das diferenças persistentes na educação de meninas e meninos, as ativistas feministas contemporâneas recorrem aos espaços de militância – notadamente na internet – para realizar trocas e buscar conselhos sobre parentalidade antissexista e engajada (Breda, 2022). Leitoras que são mães de meninos reforçam a preocupação que têm – ou tiveram, no caso da política e advogada Maria Cecília (leitora da *Think Olga*), de mais de 60 anos, cujo filho já está adulto – em criar homens que contribuam com a luta por equidade de gênero (como foi assinalado nas entrevistas em profundidade com as brasileiras Cristine, Dayane, Karla e Patrícia e a suíça Rafaela). Parcelas da audiência que são mães apenas de

²⁰¹ Tradução da autora para o trecho: “Je pense qu'elle m'a changé dans le sens où je le sent dans mes tripes. J'ai donc dans mon ventre, tu vois, et je le sent dans moi (...) je pense que ça a changé d'une compréhension intellectuelle à une compréhension... Je ne sais même pas ce que c'est le mot, mais avant ça je portais tout dans la tête, maintenant c'est dans le ventre”.

meninas, como é o caso da empreendedora francesa Nathalie (leitora da *Les Glorieuses*, entrevista, 15 de agosto de 2022), de 57 anos, também sublinham a necessidade de se educar homens que prezem por valores feministas.

Além disso, na perspectiva de refletir sobre os danos do machismo para os homens, o único rapaz que aceitou contribuir com esta tese, o roteiro de quadrinhos Victor (leitor do *Lado M*), de 29 anos, traz o debate sobre a masculinidade tóxica – enquanto modelo específico de virilidade, orientado para a dominação e o controle (Grenier, 2019). Ele relata que é uma pessoa sensível e, pelo fato de ser homem, sentia-se mal por chorar, o que o levava a reprimir emoções para se alinhar a exigências sociais. O diálogo com os feminismos o fez repensar essas posturas e as construções sociais em torno do que é ser homem: “Eu posso ser um homem, eu posso ser sensível, eu posso não ser musculoso, eu posso ter medo de lagartixa, igual eu tenho (eu tenho pavor). Eu acho que esse contato me ajudou bastante a saber que a questão de gênero também pega na questão do que é ser homem” (entrevista, 13 de julho de 2021).

Dentro das comunidades de pessoas que são responsáveis por crianças e que se alinham aos feminismos, a formulação de uma consciência coletiva sobre os efeitos da socialização generificada sobre a estruturação do conjunto social (Breda, 2022) faz com que os esforços pedagógicos com as crianças e adolescentes ministrados pelas mães entrevistadas se voltem ao combate de estereótipos de gênero e à desconstrução de concepções de que determinadas atividades ou posturas devem ser atribuídas somente a meninas ou somente a meninos. Entre as mães de meninos, observa-se ainda que o grupo descreve enfrentar desafios e barreiras sociais diante do compromisso que assumem de tentar dar uma educação feminista aos filhos.

Essa dinâmica é ilustrada pela fala da professora para os ensinos fundamental e médio Cristine (leitora d’*AzMina*), de 30 anos, que diz que já ouviu críticas e questionamentos sobre como uma feminista pode criar um filho menino. Ela conta que se sente incomodada com indagações assim e rebate as(os) interlocutoras(es) com a seguinte argumentação: “A gente cria filhos meninos, justamente, para serem pró-feminismo, para serem homens que,

no futuro, tenham essa consciência de equidade de gênero, divisão de tarefas, igualdade no trabalho e nas condições de estudo” (entrevista, 7 de julho de 2021).

Ao mesmo tempo, esse grupo de leitoras apontam que, em alguma medida, ser mãe de menino parece ser um processo mais fácil, como defende Rafaela (leitora da *Les Glorieuses*), gerente de processos de 35 anos, ao explicar que considera que tem simplesmente o desafio fazer seu filho desenvolver consciência sobre opressões de gênero, dispondo-se a combatê-las. O que, para ela, é menos complexo do que os desafios enfrentados pelas mães feministas de meninas, que, de antemão, têm consciência das violências que suas filhas sofrerão em uma sociedade sexista e precisam ensiná-las a se proteger disso. A leitora lembra do papel dos meninos e homens na luta contra o sistema patriarcal de sociedade:

Não vamos nos esquecer de que a saída do patriarcado é por meio dos homens. Infelizmente, a única maneira de o sistema mudar é os homens decidirem ceder um pouco o seu lugar e abrir as portas para os demais. Portanto, precisamos criar homens que estejam preparados para mudar o patriarcado. (entrevista, 22 de setembro de 2022)²⁰²

Ademais, nota-se que o engajamento feminista fortalecido pela descendência, assim como se constatou na militância inspirada pelas ascendências, mostra uma característica de ciclicidade à medida em que, em um primeiro momento, as mães buscam inspirar ações e posturas feministas nas(os) filhas(os) e, com o passar do tempo, são essas(es) filhas(os) que inspiram as mães entrevistadas. Conforme é evidenciado pelas falas de Maria Cecília e Karla, cujas filhas(o) já são adultas(o).

Maria Cecília (leitora da *Think Olga*, entrevista, 13 de julho de 2021), advogada e política de mais de 60 anos de idade, reforça que suas duas filhas e o filho são bastante engajados em prol dos feminismos. A consultora financeira Karla (leitora da *Think Olga*), cuja

²⁰² Tradução da autora para: “Et puis n'oublions pas que pour sortir du patriarcat, ça va être à travers des hommes. Malheureusement, la seule manière pour que le système change, c'est que les hommes décident d'abandonner un petit peu leur place pour aller ouvrir la porte aux autres. Et donc il faut créer des hommes qui sont prêts à changer le patriarcat”.

idade não foi mencionada, expressa um ponto de vista similar ao descrever sua relação com a filha mais velha: “A minha filha de 22 anos é extremamente posicionada. Eu me sinto orgulhosa porque aquilo que eu gostaria de ser quando eu estava casada eu não fui, mas eu transformei a minha filha” (entrevista, 20 de julho de 2021).

As narrativas dessas entrevistadas revelam que, assim como ocorre com o grupo de leitoras que retomam figuras de mães, avós e outras antepassadas para se colocar em uma posição de continuidade de militância através de gerações, as leitoras mães também se sentem contribuindo com o militantismo ao instigar a transmissão geracional de preceitos feministas. Embora haja uma sobrecarga de acúmulo de funções assumidas particularmente pelas mães feministas, frente à ausência de políticas públicas suficientemente eficazes na promoção de uma educação igualitária para crianças e jovens (Breda, 2022), essas mulheres encontram em espaços de militância uma forma de compensação de falhas institucionais, que as ajudam a construir vínculos de solidariedade para seguirem engajadas em educar filhas e filhos partindo de perspectivas antissexistas.

Organização militante e categorias de engajamento feminista

Para conduzir esta análise, uso como base a distinção entre militância e ativismo que aponta que a primeira prática tende a valorizar elementos como disciplina e centralização e a segunda está mais atrelada à horizontalidade e autonomia, não sendo específicas de espectros político-ideológicos de esquerda ou de direita (Sales, 2020). A noção de militância se aproxima de modelos de organização sindical e partidários dos quais os novos movimentos sociais procuram se dissociar (Seidl, 2014). O ativismo está ainda vinculado a uma forte articulação em rede e ao uso estratégico das tecnologias de informação e comunicação (TIC) para dar visibilidade às ações (Castells, 2013)²⁰³.

²⁰³ Pode-se citar a Primavera Árabe, os Indignados da Plaza Del Sol em Madri e os movimentos *Occupy* nos Estados Unidos como expressões desse modo de engajamento, no qual se coloca em questionamento a capacidade de partidos e demais instituições políticas tradicionais de representarem os interesses da população, em uma retomada de formas de ação e organização de movimentos como anarquismo, zapatismo (no México) e Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST) do Brasil (Sales, 2020).

A forma primordial de arranjo do engajamento feminista das leitoras entrevistadas está focada em interações digitais, podendo progredir para ações de rua e para a produção de conteúdos ativistas autorais. As estratégias de atuação do grupo giram em torno da intersecção com formas de militância e/ou de ativismo, reforçando a identificação das feministas contemporâneas com o movimento negro e o movimento LGBTI+ (Jouët, 2018), o que resulta no posicionamento do grupo de que é preciso se pensar e se praticar um feminismo de caráter interseccional.

Em determinadas narrativas, sobretudo nas de leitoras mais jovens – como a brasileira Alícia, de 23 anos, e as francesas Crystal (21) e Laura (23) – o entrecruzamento entre agendas militantes é tão forte que elas não sabem distinguir ao certo por quais movimentos sociais circularam primeiro, sugerindo que esses espaços se organizam na contemporaneidade de maneira mais fluida e mantendo constante diálogo uns com os outros. A jornalista Alícia (leitora da *Think Olga*) diz que se descobriu não-heterossexual no início da adolescência, aos 12 ou 13 anos, e ao se lançar a reflexões em torno de sua orientação sexual percebeu também seu alinhamento com a luta feminista.

Já a modelo Laura (leitora da *Madmoizelle*) conta que, por volta dos 16 anos, deparou-se com uma reportagem documental que dava voz a mulheres racializadas e negras de uma perspectiva de gênero, o que a colocou em contato não só com o debate racial, mas também com os feminismos. Enquanto a estudante de farmácia Crystal (leitora da *Georgette Sand*) pontua que conduz seu engajamento sem participar especificamente de manifestações feministas, mas frequentando ambientes de militância LGBTI+, como a Parada do Orgulho ou Pride.

Há subdivisões dentro do grupo com relação ao tom que as leitoras assumem para apresentar seu engajamento feminista aos demais indivíduos com quem convivem e nos ambientes por onde circulam. Há pessoas (notadamente, as jovens Alícia e Cecília) que, embora sejam tachadas de feministas radicais, em especial no contexto da família, tentam se desvencilhar desse rótulo e recorrem a discursos mais amenos na propagação de ideias relacionados aos feminismos. Tática semelhante é utilizada por um conjunto de outras

entrevistadas (Cristine, Inès, Julie, Laura e Patrícia) que buscam expressar argumentos feministas com alguma moderação, adotando um tom pedagógico e conciliador, na tentativa de não deixar interlocutores(as) acuados e intimidados. Esses esforços vão no sentido contrário do que procuram fazer Anna (especialista em moda e cultura e leitora da *Georgette Sand*) e Rafaela (gerente de operações e leitora da *Les Glorieuses*), feministas assumidamente radicais que recorrem a um tom mais incisivo e enérgico como uma estratégia de ação em si.

As pessoas que querem se desvincular da ideia de radicalismo e de excessividade advêm de contextos familiares que elas descrevem como sendo marcados por posicionamentos mais conservadores e tradicionalistas em termos políticos e religiosos, o que as faz sentir certo embaraço por serem feministas, assim como medo do julgamento de pessoas próximas e por quem elas nutrem alguma estima. Enquanto as feministas ditas radicais receberam influências de figuras-chave em suas trajetórias – na família ou através de coletivos de militância – que as fizeram compreender os feminismos como uma luta que deve ser pensada sem timidez ou pudor, mas como um debate aberto e coletivo.

O espaço central de interação engajada das leitoras entrevistadas é o digital. É a partir de dispositivos sociotécnicos que elas gerem e dão sentido a seus hábitos e práticas militantes ou ativistas. Em resultados convergentes aos mostrados por Jouët (2018) ao conduzir entrevistas em profundidade e uma etnografia sobre o neofeminismo e como as feministas utilizam mídias digitais para promover sua causa, esta tese indica que os públicos entrevistados estão ou já estiveram dispostos a interagir pela internet, tecendo comentários, compartilhando conteúdos, assinando petições, engajando-se em debates. A mídia digital permite que as feministas entrevistadas se expressem, realizem trocas e intercâmbios e construam suas identidades (Jouët, 2018). Além disso, a depender da necessidade de exteriorizar inquietações relacionadas ao debate de gênero, essas mulheres podem aderir a manifestações e performances de rua ou podem se engajar na criação de conteúdos feministas autorais.

A fim de elucidar as principais estratégias de ação engajada das leitoras de projetos de midiativismo feminista digital, categorizei as formas de engajamento das entrevistadas a partir dos seguintes grupos-base, conforme os diferentes status das atrizes no decorrer de interação com os feminismos: 1) Público-leitor de publicações feministas; 2) Ativista digital; 3) Ativista *on e off-line*; 4) Militante política; 5) Ativista-produtora de conteúdo engajado. Essas pessoas podem circular entre as categorias e costumam pertencer a mais de uma delas.

1) Público-leitor de publicações feministas

O consumo de informações de publicações feministas é o pilar das dinâmicas de engajamento do grupo de leitoras e leitor entrevistados. Elas(e) consideram que o acompanhamento de projetos de midiativismo feminista é um jeito que encontraram de permitir que reflexões sobre equidade de gênero permeiem suas práticas cotidianas, em termos pessoais e profissionais. Além de ser, sobretudo, uma tática essencial para nutrir as(o) ativistas de argumentos e dados que elas(e) possam utilizar em debates com outros indivíduos, especialmente os que discordam de perspectivas feministas ou pró-equidade de gênero. Tal estratégia é utilizada pelo conjunto de públicos entrevistados, mas aparece com mais ênfase nas conversas com Cassie (leitora da *Madmoizelle*), Fany (leitora do *Lado M*), Laetitia (leitora da *Les Glorieuses*), Rafaela (leitora da *Les Glorieuses*) e Victor (leitor do *Lado M*).

O grupo é formado por pessoas com idades que variam entre 27 e 44 anos, com formações de nível superior e centradas nas humanidades (letras, história, publicidade e turismo), em profissões que dialogam com arte, cultura e comunicação (cantora, artista, publicitária, roteirista de quadrinhos, comerciante de jogos). O que parece instigar esses indivíduos a recorrer a publicações feministas como instrumento de aprendizado e de agrupamentos de embasamentos teóricos e estatísticos são as relações de resistência às pautas de equidade de gênero que elas(e) encontram em ambientes familiares (Cassie e Laetitia), profissionais (Fany e Rafaela) e de amizade (Victor).

O grupo procura acessar sites, blogs, mídias e conteúdos de redes sociais em diferentes plataformas em busca de reflexões e de informações feministas. A publicitária Fany (42 anos), por exemplo, alega que passou a acompanhar o trabalho do portal *Lado M* para ter ferramentas discursivas quando fosse abordar a temática dos feminismos com outras pessoas: “O meu objetivo é saber o que está acontecendo para conseguir argumentar e ter repertório” (entrevista, 13 de julho de 2021). Já Rafaela, que é fã de *podcasts* e escuta essas emissões de modo recorrente, destaca que se informar através desses materiais é uma de suas ferramentas principais de ativismo.

As trajetórias ativistas dos públicos se entrecruzam ainda com conteúdos advindos de outros movimentos sociais, encorajando as audiências a consumir conteúdos e a se engajar em prol de outras agendas, como ilustra o roteirista de quadrinhos Victor (29 anos): “Essas questões de preconceitos, seja racial, de gênero etc., são uma construção histórica, então eu estou sempre olhando blogs que falam sobre pautas feministas dentro da cultura *pop*, pautas negras dentro da cultura *pop* e assim por diante” (entrevista, 13 de julho de 2021). O *status* de público-leitor é geralmente uma forma de engajamento feminista inicial ou de fundo, que dialoga com as demais práticas de ação dos públicos.

2) Ativista digital

Todas as leitoras e o leitor entrevistados se enquadram nesta categoria, sendo que um grupo de pessoas restringe suas estratégias de engajamento feminista a ela. São as cinco leitoras entrevistadas que relatam desenvolver práticas ativistas fundamentalmente no âmbito digital e com foco no compartilhamento de conteúdos. São elas: Cecília (leitora do *Lado M*), Dayane (leitora da *Think Olga*), Fany (leitora do *Lado M*), Fleur (leitora da *Madmoizelle*) e Julie (leitora da *Les Glorieuses*). Essas mulheres têm idades entre 17 e 42 anos e, com exceção de Cecília – que ainda é estudante do ensino médio e trabalha como diarista –, atuam em profissões ligadas à tecnologia (blogueira, consultoras digitais e publicitária em *start-up*). São pessoas que advêm de contextos culturais e familiares que as faziam, inicialmente, enxergar o movimento feminista com desconfiança.

É válido destacar que a cultura do compartilhamento é uma importante forma de engajamento (Jouët, 2018), considerando-se que a arquitetura das mídias sociais é pautada em princípios de comunicação horizontal (Bastard *et al.*, 2017), em que o investimento pessoal dos usuários nas interações é determinante para a difusão de conteúdos – embora as dinâmicas algorítmicas tenham modificado políticas de regulação e as lógicas organizacionais dessas plataformas nos últimos anos. As escolhas e percursos ativistas das entrevistadas cujo engajamento é essencialmente digital se dão por uma série de razões e elementos motivadores – ou desmotivadores. Sendo os fatores de motivação principais o comodismo e a facilidade de encabeçar ações pontuais de militância *on-line*, como o compartilhamento de informações, curtidas em conteúdos feministas e a condução de debates e discussões digitais.

As audiências entrevistadas desejam apoiar, de algum modo, a causa feminista, e têm à sua disposição dispositivos sociotécnicos para fazê-lo. O engajamento desse grupo se dá em diferentes níveis. Há figuras como a agente de posicionamento digital Dayane (leitora da *Think Olga*, entrevista, 15 de julho de 2021) – idade não indicada –, que se restringe a compartilhar postagens do projeto feminista que acompanha, uma vez que, embora se considere ativista pela equidade de gênero, não se identifica especificamente com o movimento feminista e circula em espaços de socialização em que ser feminista não costuma ser bem-visto.

Enquanto outras leitoras conduzem o ativismo envolvendo-se na participação de campanhas *on-line* e de ações digitais. É o caso da publicitária Fany (leitora do *Lado M*, entrevista, 13 de julho de 2021), de 42 anos, uma das duas únicas leitoras brasileiras que participaram por meio da partilha de histórias pessoais de campanhas feministas pautadas em *hashtags*²⁰⁴. Fany aderiu à #MeuAmigoSecreto, lançada pelo coletivo feminista brasileiro

²⁰⁴ A outra leitora brasileira que descreveu ter participado dessas campanhas foi Suzana (entrevista, 16 de julho de 2021), que se engajou na #MeuPrimeiroAssédio, relembrando uma situação em que, aos 9 anos de idade, foi comprar sabão no boteco da esquina de casa, a pedido da mãe, e se deparou com um grupo de homens mais velhos que ficaram a abordando insistentemente e perguntando seu nome. Entre as leitoras francófonas, houve também apenas uma ocorrência de leitora que relatou ter compartilhado uma história pessoal em campanhas feministas pautadas em *hashtags*. Essa narrativa

Não Me Kahlo e na qual mulheres usavam a palavra-chave para denunciar situações sexistas e casos de assédio e violência vividos por elas ou por mulheres próximas, sem mencionar o nome do agressor, em referência à brincadeira de troca de presentes do período de festas de fim de ano. Na ocasião, a publicitária uniu-se ao movimento para contar sobre o pai ausente e sobre como esse vazio paterno a afeta.

A opção por não expandir o engajamento feminista para além do digital está atrelada a fatores que desmotivam as atrizes a participar de mobilizações em torno de coletivos feministas ou nas ruas. Pode haver uma falta de identificação com os discursos e com os espaços de encontro e interação de militância política, como acontece com Dayane (leitora da *Think Olga*), com a estudante Cecília (leitora do *Lado M*) e com a blogueira Fleur (leitora da *Madmoizelle*). Elas destacam a relevância que dão ao fator descrição em termos de envolvimento político-ideológico e procuram se desvencilhar das vertentes do militantismo feminista que consideram, segundo Fleur (entrevista, 24 de agosto de 2022), mais raivosas e menos sutis, a fim de não serem associadas, em seus círculos de convivência, ao estereótipo de radicalização feminista.

Esse posicionamento das leitoras remete à uma das categorias de círculos de audiências propostas por Jouët (2018), composta por mulheres que se dizem feministas, mas não estão interessadas em conteúdos da militância e acham o movimento feminista muito radical, além de acreditarem que as mudanças se dão no âmbito individual²⁰⁵. São ativistas que habitualmente procuram conteúdos feministas não conectados a estruturas de militância política e que preferem conduzir seus engajamentos com base em ações desvinculadas da coletividade.

está presente no depoimento da jovem estudante de farmácia Crystal (entrevista, 4 de agosto de 2022), de 21 anos. Ela mencionou uma experiência de violência de gênero relacionada ao relacionamento com um ex-namorado, mas preferiu não entrar em detalhes sobre o que aconteceu, justificando que não se sente confortável para abordar o episódio.

205 As outras duas categorias são: 1) Pequena parcela de ativistas que, embora façam parte de um coletivo específico, prestam muita atenção nos demais para saber o que esses estão fazendo; e 2) Grupo de mulheres feministas que seguem iniciativas de midiativismo feminista e conhecem bastante sobre o movimento feminista. Ocasionalmente, elas compartilham suas próprias experiências em comentários.

Outro componente desmotivador do ativismo para além do digital é a conjuntura de violência e de embates com as forças policiais enfrentadas por movimentos sociais. A profissional de produção multimídia Julie (leitora *Les Glorieuses*, entrevista, 18 de agosto de 2022), de 33 anos, descreve que mantém um engajamento feminista essencialmente digital porque estar em manifestações e atos de rua a deixa ansiosa e incomodada. Ela não é a única leitora a relatar esse medo – Fany (leitora do *Lado M*, entrevista, 13 de julho de 2021) e Angela (leitora da *Georgette Sand*, entrevista, 23 de agosto de 2022) também carregam tal desconforto, mas, ainda assim, optam por frequentar atos feministas.

De maneira ambígua, basear o próprio ativismo fundamentalmente na ação digital implica, para o grupo, além do conforto de poderem se engajar quando e de onde quiserem sem se exporem a riscos físicos, o desconforto de avaliarem que poderiam estar fazendo mais em prol da causa em que acreditam, como explicita a fala de Fany: “Esse é o ponto de crise para mim: o quanto eu sou ativista de mídia social e o quanto eu faço para mudar de fato a realidade. É muito fácil ficar postando na rede social e não ir lá dar a cara” (entrevista, 13 de julho de 2021). Elas se sentem, em alguma medida, apenas reproduzindo uma forma de participação social “preguiçosa” e relativamente passiva, como se fosse um “ativismo de sofá” (Sebastião & Elias, 2012).

As experiências de engajamento feminista desse conjunto de entrevistadas reafirma a observação de que as mídias digitais ajudam a conscientizar as pessoas sobre as causas feministas e a obter apoio de simpatizantes, mas essa forma de ativismo por si só não parece alcançar as mudanças políticas almejadas pelo movimento e, como ocorre no âmbito de outros movimentos sociais *on-line* (Pleyers, 2013), a ação feminista requer o apoio de manifestações de rua, de coberturas midiáticas e de figuras políticas (Jouët, 2018).

Isso não anula, contudo, a relevância do engajamento digital das pessoas que se sentem confortáveis a difundir debates feministas em seus perfis na internet. Ou que, mesmo com algum desconforto, o fazem. “Mesmo se compartilhar não for ativismo, mas sinal de engajamento fraco e de apoio distante, a prática dissemina questões da causa das mulheres, tece conexões e contribui para a construção da identidade e do sentimento de

pertencimento a uma comunidade” (Jouët, 2018, p. 151)²⁰⁶. No âmbito dos feminismos, o ativismo digital e seus desdobramentos são um fenômeno em “ebulição”, como o caracteriza a *designer* de interiores Carol (leitora *AzMina*, entrevista, 9 de julho de 2021). Da perspectiva do midiativismo, quando se considera que, nos anos 1980, as feministas só tinham à sua disposição revistas militantes com poucas leitoras como instrumento de divulgação da causa, a mídia digital se torna um espaço importante para a ampliação das vozes do movimento (Jouët, 2018).

Em meio a um grande público disperso, formam-se pequenas comunidades (Jouët, 2018). Mesmo que haja uma audiência oculta e ainda que se leve em conta as dificuldades de mensuração da circulação de conteúdos digitais, o compartilhamento de informações feministas por seguidoras(es) é um amplificador das discussões do movimento. A apropriação de dispositivos sociotécnicos por ativistas tem se mostrado como fomentador elementar de pautas e discussões na conjuntura dos neofeminismos, tornando de uma pertinência estratégica o papel de indivíduos como Dayane, Cecília e Fleur, cujos círculos de contato não costumavam dialogar com reflexões de gênero, realidade que é alterada pelo ativismo digital dessas entrevistadas.

3) Ativista *on* e *off-line*

Cerca de um terço das audiências entrevistadas busca conciliar táticas de ativismo digital com engajamentos ativistas em círculos de convivência – com amigas(os), familiares, no ambiente de trabalho e em outros espaços de socialização (como igrejas). As pessoas que se enquadram nessa categoria são: Cristine (leitora d’*AzMina*), Inès (leitora da *Les Glorieuses*), Keyla (leitora d’*AzMina*), Laetitia (leitora da *Les Glorieuses*), Laura (leitora da *Madmoizelle*), Patrícia (leitora da *Think Olga*), Rafaela (leitora da *Les Glorieuses*), Tamara (leitora d’*AzMina*), Victor (leitor do *Lado M*).

²⁰⁶ Tradução da autora para o trecho: “If sharing is not activism but a sign of loose engagement and of distant support, it disseminates issues of the women’s cause, knits connections and contributes to identity building and to the feeling of belonging to a community”.

O grupo é composto por pessoas com idades que variam entre 23 e 46 anos, com nível superior, e com uma concentração de indivíduos com formações de pós-graduação (há três mestras, uma doutora e uma leitora com MBA). As áreas de estudo estão centradas nas ciências humanas (letras, história, publicidade e turismo) e a maioria das profissões do grupo são correlacionadas com os domínios de arte e cultura (artes plásticas, produção cultural, publicidade, moda, jogos, quadrinhos). São ativistas que avaliam que estão em posições, em seus ambientes familiares (Inès e Laura), profissionais (Cristine, Patrícia, Rafaela), religiosos (Tamara) ou de círculos de amigos e conhecidos (Keyla, Laetitia e Victor), que lhes permitem influenciar em algum nível as posturas político-ideológicas das pessoas com quem convivem, fazendo-as se aproximarem dos feminismos.

As leitoras traçam estratégias de compartilhamento de conteúdos feministas em seus perfis em mídias sociais e de engajamento via comentários e curtidas e na posterior retomada desses debates na esfera privada, em conversas com amigas(os), familiares e pessoas próximas. Em alguns casos, são construídas comunidades emocionais (Rosenwein, 2006), como mencionado pela francesa Inès (entrevista, 16 de agosto de 2022) e pelas brasileiras Keyla (entrevista, 11 de julho de 2021) e Tamara (entrevista, 6 de novembro de 2020), que conseguem se inserir ou mesmo construir redes de apoio com outras mulheres também feministas para abordar questões de gênero e acolherem umas às outras. A gerente de operações Rafaela (leitora da *Les Glorieuses*, entrevista, 22 de setembro de 2022), 35 anos, explica que mobiliza esforços de expansão de ideais feministas para seu entorno por acreditar que o ativismo feminista se trate não necessariamente de mudar o mundo, mas ao menos de tentar modificar as estruturas de opressão em escala individual.

Essa forma de mobilização consiste em tentar, em alguma medida, estabelecer empatia e reflexões sensibilizando indivíduos que as cercam para a luta feminista. De modo geral, contudo, as entrevistadas relatam que o processo é lento e demanda forte empenho de disseminação de conteúdos feministas, como salienta Inès (leitora da *Les Glorieuses*), artista plástica de 26 anos: “É muito compartilhamento de informações, um verdadeiro

compartilhamento de informações, e um pouco de conscientização” (entrevista, 22 de setembro de 2022)²⁰⁷.

Para ir além do ambiente digital, o grupo adapta seus métodos de ativismo com o intuito de adequá-los aos demais mundos por onde circulam. Um exemplo é o mecanismo de impulsionar reflexões sociais adotado pela professora de ciências e química Cristine (leitora d’*AzMina*, entrevista, 7 de julho de 2021), de 30 anos, que dá aula para crianças e adolescentes. Ela tenta apresentar mulheres cientistas e negras para seus estudantes, inserindo nos cursos que ministra tópicos relacionados a pesquisas, descobertas e contribuições de mulheres para a área, e mostra correlações entre ciências e culturas indígenas e afrodescendentes, uma vez que os livros didáticos que utiliza ainda não abordam essas questões.

Outro caso que ilustra as estratégias de ativismo individuais dos públicos é o do único leitor entrevistado, o roteirista de quadrinhos Victor (leitor do *Lado M*, entrevista, 13 de julho de 2021), 29 anos, que orienta seu engajamento feminista a partir de tentativas de instigar reflexões sobre equidade de gênero em grupos de *gamers* e em ambientes relacionados ao consumo de produtos de cultura pop. Ele se apoia na facilidade de trânsito que possui nos espaços de jogadores(as) de videogames e jogos digitais para abordar o debate sobre a inclusão de mulheres nesse meio, e busca acolher as jogadoras que adentram tais grupos, as quais, segundo ele, tendem a se manter no anonimato, sem fazer referências ao fato de serem mulheres, para conseguirem se entrosar.

Como resultado do engajamento feminista, dentro das suas limitações e de acordo com o que permitem suas dinâmicas familiares, pessoais e profissionais, as leitoras e o leitor entrevistados que procuram conciliar ativismos *on-line* e *off-line* sentem que se dedicam como podem a uma prática ativista que, em certa medida, transforma os mundos sociais que as cercam. Essas transformações consistem no incentivo a reflexões sobre os direitos das

²⁰⁷ Tradução da autora para o trecho: “C’est beaucoup de partages d’informations, un vrai partage d’informations, et un peu de sensibilisation”.

mulheres e de pessoas feminilizadas em círculos de convivência, levando outros indivíduos a pensarem sobre sexismo e violências de gênero e, eventualmente, conseguindo fazer com que mais gente – parentes, amigas(os), colegas e/ou alunas(os) – se engaje pela causa.

4) Militante política

Quase metade dos membros das audiências entrevistados se engaja em formas de militância política – em práticas, portanto, de caráter coletivo –, dedicando-se a participar de encontros, atos e manifestações feministas e/ou de reuniões, grupos e coletivos associados a esse movimento social. As leitoras cujas ações feministas se enquadram em tal categoria são: Alícia (leitora da *Think Olga*), Angela (leitora da *Georgette Sand*), Anna (leitora da *Georgette Sand*), Carol (leitora d’*AzMina*), Cassie (leitora da *Madmoizelle*), Christel (leitora da *Madmoizelle*), Crystal (leitora da *Georgette Sand*), Magali (leitora da *Georgette Sand*), Maria Cecília (leitora da *Think Olga*), Nathalie (leitora da *Les Glorieuses*), Patrícia (leitora da *Think Olga*) e Tamara (leitora d’*AzMina*).

O grupo está mais concentrado na França (sete militantes são francesas e cinco são brasileiras), é composto por mulheres entre 21 e 60 anos, atravessando gerações feministas transversalmente. São pessoas de classes médias e altas, com formações de nível superior relacionadas às humanidades e carreiras que dialogam com áreas de artes, cultura e comunicação (jornalismo, *designer* de interiores, moda e costura, artes, arquitetura, ilustração, filosofia e política) – englobando ainda três pessoas da saúde: a médica Angela (leitora da *Georgette Sand*, de 50 anos), a psicóloga Patrícia (leitora da *Think Olga*, 46 anos) e a estudante de farmácia Crystal (leitora da *Georgette Sand*), de 21 anos. Elas moram, em sua maioria, em cidades pequenas e médias. As posições socioeconômicas e étnico-raciais (são pessoas brancas) dessas leitoras e o capital cultural que elas carregam possibilitam que elas invistam tempo e energia em projetos de militância. Mesmo que esse investimento acarrete riscos e desgastes emocionais, os seus engajamentos transcorrem de modo relativamente seguro, porque elas estão cercadas por estruturas econômicas e políticas de poder que as protegem.

O contexto francês parece contar com um engajamento de rua mais expressivo. Os discursos das entrevistadas francófonas sugerem que elas se alinham à tradição cultural do país de intensa ocupação de espaços públicos na defesa de pautas político-ideológicas, dedicando esforços para aderir a marchas e ações feministas presenciais e coletivas. Há situações em que esse tipo de militantismo se torna o cerne da prática feminista da entrevistada. Como aconteceu com a militar da reserva Christel (leitora da *Madmoizelle*), 43 anos, que descreve que iniciou sua ação militante participando de manifestações de rua e, à época da entrevista que concedeu para esta pesquisa (em 12 de agosto de 2022), havia acabado de ser convidada para criar a antena do coletivo feminista francês *Nous Toutes* – ou Nós Todas – em sua cidade.

A arquiteta Magali (leitora da *Georgette Sand*, entrevista, 13 de agosto de 2022) – cuja idade não foi mencionada – também se recorda, em seu depoimento para esta tese, que o momento em que ela, de fato, percebeu que estava implicada no movimento feminista foi em uma manifestação de novembro de 2018, em que feministas de toda a França foram convocadas a se reunir em Paris e marchar pelas ruas pedindo o fim das violências sexistas e sexuais²⁰⁸. Ao se perceber deslocando-se de Nice até a capital do país para participar do evento, ela tomou consciência do próprio comprometimento e interesse pela causa da equidade de gênero.

O modo de inserção mais recorrente das entrevistadas na militância de rua se dá através da adesão a atos e caminhadas, consistindo na presença física e participação regular em eventos. Embora elas não costumem fazer parte das organizações das marchas nem se lançar na realização de performances coletivas, como descreve a própria Magali e outras leitoras – Angela (leitora da *Georgette Sand*), Cassie (leitora da *Madmoizelle*), Nathalie (leitora da *Les Glorieuses*) e a jovem estudante Crystal (leitora da *Georgette Sand*), que, ainda que não frequente especificamente manifestações feministas, tem o hábito de

²⁰⁸ O ato foi convocado pelo coletivo *Nous Toutes*: <https://www.noustoutes.org/action/marche-2018/>.

frequentar atos do movimento LGBTI+, onde ela se reúne a vertentes pró-feminismo dessa militância.

O militantismo de rua das entrevistadas reúne diferentes gerações de mulheres e de pessoas feminilizadas. Como sugerem os depoimentos da empreendedora Nathalie (leitora *Les Glorieuses*, entrevista, 15 de agosto de 2022), de 57 anos, que conta que tem o hábito de frequentar manifestações em prol de equidade de gênero com as filhas, ao menos uma vez por ano, no 8 de março. E da médica Angela (leitora *Georgette Sand*, entrevista, 23 de agosto de 2022), de 50 anos, que, enquanto estava casada, não era estimulada pelo marido a participar de atos militantes, mas, uma vez divorciada, voltou a frequentar manifestações não só feministas, mas também pelo clima e pelos direitos LGBTI+. Há, segundo Jouët (2018), um encontro de gerações de feministas, em que nativas digitais militam ao lado de mulheres que, na década de 1970, estavam nas ruas lutando pelo direito ao aborto.

Outro posicionamento militante possível, porém verificado em menor escala entre as entrevistadas, é o engajamento em ações performáticas e intervenções em espaços públicos. Dentre as leitoras que contribuíram com esta pesquisa, somente a profissional de moda e costura Anna (leitora da *Georgette Sand*, entrevista, 12 de agosto de 2022), 27 anos, narrou fazer parte de ações militantes de colagens feministas – método de expressão que consiste em colar em muros das cidades frases e mensagens de combate ao sexismo – e de performances de coletivos como *Nous Toutes*, *Femen*, *Putain de Guerrières* e *Les Amazones*, mesmo que não seja membro de nenhum deles. Ela pondera, contudo, que essa escolha demanda preparo físico – para, se necessário, se proteger ou fugir de forças policiais ou de grupos antifeministas – e implica desgastes emocionais intensos relacionados à exposição de si e do próprio corpo em paralelo à visibilidade que esses coletivos costumam ganhar na mídia e na internet. A ativista explica a relevância dos exercícios de preparação do grupo antes das intervenções de rua:

A militância me deu as chaves para melhorar a força física e a resistência, porque antes da ação temos de nos preparar fisicamente para ficar em condições de participar dos atos. Quando você está em ação, em qualquer caso de ação, todo o corpo tem

de estar rígido e contraído, para afirmar uma posição de poder, mas também para absorver melhor os possíveis golpes e a violência que poderíamos sofrer dos transeuntes ou da polícia. (entrevista, 12 de agosto de 2022)

Essa entrevista enfatiza a percepção de que o engajamento estratégico pode ser perigoso. Mesmo em sociedades democráticas, os manifestantes geralmente temem ser presos, sofrer lesões corporais e até mesmo morrer, de forma que a participação contínua em movimentos de “alto risco” geralmente exige a atenuação dos temores dos participantes (Goodwin & Jasper, 2006), exercício que é feito por meio de treinamentos e de ações de preparação no âmbito dos coletivos de militância feminista.

Na conjuntura brasileira, os formatos de ação militante citados pelas audiências entrevistadas ou derivam de uma militância de rua mais contemporânea – que ganhou forma a partir dos anos 2010 e se entrecruza com o ativismo digital – ou estão associados a esferas políticas, artísticas e culturais, sem passar pela ocupação das ruas. Nesse sentido, a trajetória da advogada e política Maria Cecília (leitora da *Think Olga*), que tem mais de 60 anos de idade e 40 anos de atuação em movimentos sociais, remonta a períodos históricos da vanguarda feminista no Brasil em que – embora as militantes não estivessem, como na França, nas ruas protestando por direitos reprodutivos –, ela lutava pelo fim da ditadura militar e das opressões autoritárias impostas ao país nesse momento político e propunha, em sua região (a cidade de Toledo, no interior do sul do Brasil), debates incipientes sobre equidade de gênero e direitos das mulheres. “A minha atuação toda tem sido nesse sentido: buscar produzir e trazer para o cotidiano essas lutas das mulheres”, afirma ela (entrevista, 13 de julho de 2021). As práticas militantes da entrevistada seguem o fluxo da contemporaneidade, de modo que, na última década, a advogada passou a recorrer também a dispositivos sociotécnicos para difundir pautas dos feminismos.

No que tange as novas formas de militantismo feminista, a *designer* de interiores Carol (leitora d’*AzMina*, entrevista, 9 de julho de 2021), 41 anos, elucida que sua imersão no movimento ocorreu depois dos 30 anos, a partir de contatos com campanhas e ações ativistas

pela internet – como a campanha de combate ao assédio sexual Chega de Fiu Fiu²⁰⁹, criada pela *Think Olga* –, interações que a conduziram, na sequência, a atos de rua. Ela passou a participar da Marcha das Vadias e também da Parada do Orgulho LGBTQ+ de São Paulo e de outros eventos do movimento *queer*, denotando entrecruzamentos entre esses movimentos sociais.

Alícia (leitora da *Think Olga*), jornalista de 23 anos, também revela que, em um primeiro momento, interessou-se pelo feminismo ao acessar conteúdos *on-line* que debatiam a temática. Ela acompanhou os relatos da campanha #MeuPrimeiroAssédio, coordenada pela *Think Olga* em 2015. E recorda-se de como se sentiu tocada pelo vídeo viral “não tira o batom vermelho”, da youtuber e influenciadora brasileira Julia Tolezano (a Jout Jout²¹⁰), que trata sobre relacionamentos abusivos partindo de uma experiência pessoal. Esses elementos da cultura neofeminista digital a impulsionaram a frequentar manifestações de rua e serviram de estímulo para a entrevistada se engajar em pesquisas teóricas sobre mídia e gênero na universidade.

A trajetória de Alícia mostra confluências da pauta feminista com outros mundos sociais, como o da academia e da pesquisa científica. O movimento social também é interseccionado pela literatura e pela arte, espaços aos quais entrevistadas como Patrícia (leitora da *Think Olga*) e Tamara (leitora d’*AzMina*) recorrem para explorar reflexões sobre gênero e para encontrar outras mulheres ou pessoas feminilizadas com quem possam partilhar inquietações relativas a opressões sexistas. A psicóloga Patrícia (entrevista, 8 de julho de 2021), 46 anos, faz parte de coletivos feministas voltados para a literatura, como o Leia Mulheres²¹¹, e Tamara (entrevista, 6 de novembro de 2020) frequenta grupos de leitura

²⁰⁹ Campanha de combate ao assédio sexual em espaços públicos lançada pela ONG *Think Olga* em 2013.

²¹⁰ Youtuber, escritora e jornalista brasileira que ficou conhecida pelo seu canal no YouTube, o JoutJout Prazer, que viralizou em decorrência dos debates e abordagens feministas conduzidos pela influenciadora.

²¹¹ Projeto de valorização da produção intelectual feminina que consiste em clubes de leitura em que são recomendadas e debatidas obras de mulheres escritoras.

e estudos do livro *Mulheres que correm com os lobos*²¹², que funciona, segundo a leitora, como um espaço de escuta e acolhimento para mulheres. Essas intersecções entre mundos distintos e os entrelaçamentos entre espaços de militância política clássicos e formas de ativismo digital fazem as audiências percorrem caminhos de engajamento que convergem com os modos de atuação dos novíssimos movimentos sociais.

5) Ativista-produtora de conteúdo engajado

O contato com informações feministas, somado às próprias experiências de violências de gênero e a reflexões que advêm da imersão ativista e/ou militante, também é capaz de incentivar as audiências a se lançarem na produção autoral de conteúdos. A constatação de que ao menos sete das 30 leitoras entrevistadas revelam se engajarem na criação de materiais feministas ou na adesão a grupos que encabeçam esse tipo de ação condiz com a observação de que há uma preponderância na assunção de espaços de fala no âmbito digital por feministas amadoras, que concorrem com grandes mídias hegemônicas (Breda, 2022). Esse grupo de entrevistadas é constituído pelas seguintes atrizes: Anna (leitora da *Georgette Sand*), Cassie (leitora da *Madmoizelle*), Christel (leitora da *Madmoizelle*), Fleur (leitora da *Madmoizelle*), Karla (leitora da *Think Olga*), Magali (leitora da *Georgette Sand*) e Patrícia (leitora da *Think Olga*).

Mais de dois terços delas são francesas (cinco pessoas, sendo apenas duas brasileiras). Trata-se de um grupo de indivíduos com faixas etárias entre 27 e 47 anos e formações de nível superior, cujas carreiras estão essencialmente relacionadas às ciências sociais (nas áreas de artes, letras, moda e educação). Elas pertencem a classes médias e altas e estão localizadas em centros urbanos pequenos e médios. Estão em posições sociais e profissionais (Magali e Patrícia) ou de militância (Anna) em que já possuem reconhecimento, o que lhes permite se engajar na produção de conteúdo. Ou elas procuram,

²¹² O livro faz uma análise psicanalítica de contos populares e folclóricos ao redor do mundo, explorando a relação entre mulheres e a natureza e recorrendo à figura do lobo como um símbolo de força e intuição feminina, ao mesmo tempo em que debate a repressão social de gênero.

por meio da elaboração autoral de conteúdos, conquistar esse reconhecimento – como ocorre com Cassie, Christel, Fleur e Karla.

Não há uma separação clara entre as práticas jornalísticas com vocação feminista e os conteúdos de audiências amadoras que se reivindicam produtoras de informação feminista, como explica Breda (2022). Pessoas que não são profissionais da informação e comunicação podem contribuir com mídias engajadas ou mesmo criar seus próprios conteúdos. Essas atrizes assumem uma multiplicidade de posições no espaço do ativismo feminista, tendo, às vezes simultaneamente, blogs, canais no YouTube, contas em várias redes sociais, de modo que as formas de engajamento podem ir de uma simples curtida ou compartilhamento de informação até engajamentos de longo-prazo na elaboração de conteúdos próprios (Breda, 2022, pp. 40-41).

Dentre as entrevistadas, nota-se que a decisão pelo engajamento na produção autoral de conteúdos é uma estratégia para ressignificar emoções de indignação e de revolta frente ao sexismo e de tentar combater estruturas de dominação masculina. A consultora financeira Karla (leitora da *Think Olga*, entrevista, 20 de julho de 2021), cuja idade não foi mencionada, teve sua trajetória influenciada em diferentes âmbitos pelo contato com o movimento feminista. Após ser vítima de violência doméstica e tomar consciência de conjunturas sociais que corroboram com a replicação das violências de gênero, ela decidiu cursar a faculdade de Direito, com o intuito de ajudar mulheres a terem seus direitos garantidos. Para expandir seu ativismo, ela faz publicações em redes sociais com informações jurídicas voltadas para pessoas que enfrentam situações semelhantes à que ela viveu. A leitora alega que passou a desenvolver essas ações porque tinha vontade de se engajar mais diretamente na luta por equidade de gênero, mas não contava com recursos financeiros para tanto, até que percebeu que era possível informar, dialogar e produzir conteúdo para outras mulheres de maneira não onerosa pela internet.

A profissional de moda e costura Anna (leitora da *Georgette Sand*, entrevista, 12 de agosto de 2022), de 27 anos, também é ativa na produção de conteúdos para as redes, onde faz publicações contando sobre o cotidiano da militância feminista em grupos que realizam

intervenções urbanas e ações performáticas. Outro exemplo de leitora que faz materiais feministas autorais é o da militar da reserva Christel (leitora da *Madmoizelle*, entrevista, 12 de agosto de 2022), 43 anos. Ela criou uma página nas redes sociais para partilhar, de uma perspectiva feminista, sua experiência enquanto mulher com deficiência e as situações de preconceito e capacitismo que vivencia, em uma luta contra a invisibilização dessa causa.

As plataformas digitais também foram um recurso de engajamento feminista para a cantora e artista Cassie (leitora da *Madmoizelle*, entrevista, 21 de julho de 2021), 27 anos, que criou um perfil para expor mensagens de caráter sexual e pornográfico recebidas digitalmente por ela, as amigas e outras mulheres de seus círculos de convívio, em uma tentativa de combate a violências de gênero. A leitora manteve o perfil ativo durante alguns meses, contudo, recebeu muitas críticas de homens que se sentiam desconfortáveis e incomodados com as publicações e sinalizavam isso de modo agressivo para a entrevistada, como tática de intimidação. Em decorrência desses desgastes e da quantidade de tempo e energia que o projeto demandava, Cassie preferiu abandoná-lo e se investir em um ativismo com menos exposição pessoal – pautada fundamentalmente no compartilhamento de informações em suas contas privadas.

A aproximação com ações de ativismo feminista costuma atravessar as trajetórias profissionais das entrevistadas, ainda que indiretamente. Mas há situações em que isso transparece de maneira mais direta. Chamam atenção dois casos de leitoras de mídias feministas que se apoiaram nos espaços digitais e nos contatos feitos através desse ambiente para reorientar suas opções de carreiras. O primeiro é o da blogueira francesa Fleur (leitora da *Madmoizelle*), cuja idade não foi mencionada, que descreve (entrevista, 24 de agosto de 2022) que, embora sua militância seja feita substancialmente pelas mídias sociais, esse engajamento acabou ocupando um espaço profissional importante em sua vida. Fleur alimenta um blog sobre culinária e sobre a relação entre mulheres e a natureza e, em paralelo, está tentando criar um aplicativo de encontros voltado para as necessidades afetivas e íntimas de mulheres, o qual consiste em dormir com a pessoa sem manter relações sexuais com essa.

Já o segundo caso de leitora que fez do engajamento feminista uma oportunidade profissional é o da jornalista e *designer* de interiores Carol (leitora d'*AzMina*), de 41 anos, que enfatiza que o militantismo no âmbito dos feminismos foi decisivo em sua vida. Ela atuava na área do jornalismo e sentia-se desanimada e depressiva, com crises de ansiedade e elevados índices de estresse. Até que a imersão no movimento feminista a inspirou a montar um plano de negócios alternativo à carreira de jornalista. Ela fundou uma empresa de reformas com foco em mulheres e baseia a divulgação do serviço nos contatos via grupos feministas nas mídias sociais.

Eu atendo, massivamente, mulheres. 90% do meu público, tanto do público que me acompanha quanto dos negócios que eu fecho, são mulheres. Quando eu comecei o meu negócio, eu divulgava nos grupos feministas. Hoje o meu trabalho só acontece por causa desses grupos. (entrevista, 9 de julho de 2021)

As influências nas trajetórias profissionais das entrevistadas ocasionadas pela mobilização feminista vão além de ganhos financeiros e tendem a implicar igualmente a criação de redes de contato e de oportunidades de dar visibilidade a produções e a currículos das ativistas. A arquiteta e ilustradora Magali (leitora da *Georgette Sand*, entrevista, 13 de agosto de 2022), cuja idade não foi mencionada, aponta que foi convidada por diferentes grupos de militância a fazer ilustrações para divulgar a causa e a tocar acordeão em eventos e atos feministas. Ela também teve a oportunidade de contribuir escrevendo artigos para coletivos militantes, como a publicação *Georgette Sand*, em dinâmicas que a permitiam difundir e tornar visível seu trabalho artístico.

Ou seja, os espaços profissionais podem se tornar uma ferramenta de apoio à propagação de reflexões de gênero, como acontece com a psicóloga Patrícia (leitora da *Think Olga*, entrevista, 8 de julho de 2022), de 46 anos, que contribui voluntariamente como colunista para um jornal local da cidade onde mora (Novo Hamburgo, no sul do Brasil), e busca usar a mídia como recurso para impulsionar em leitoras(es) a conscientização sobre iniquidades de gênero. Patrícia também desenvolve, de maneira voluntária, o trabalho de

prestação de assistência psicológica para mulheres que viveram situações de violência de gênero atendidas por um coletivo de advogadas feministas.

As ações de engajamento das leitoras atingem diferentes esferas de suas vidas pessoais e profissionais. As formas de mobilização das audiências implicam o investimento de tempo e de habilidades pessoais a práticas feministas, em trocas que resultam na constituição de redes de contato e de apoio para as atrizes. As dimensões dinâmicas dos ativismos políticos não parecem se restringir à subjetividade individual, impulsionando as mobilizações coletivas e instigando o grupo a desenvolver estratégias de protestos (Cordell, 2017b), de forma que o comprometimento pessoal de cada uma dessas leitoras com ações feministas contribui para a ampliação e propulsão do movimento feminista como um todo.

Formas de violência contra os públicos engajados

Do total de leitoras(e) de projetos midiativistas feministas entrevistadas para esta tese, quase todas (26 pessoas de 30)²¹³ se sentem em algum nível acuadas(os) em decorrência de seu engajamento feminista e/ou são vítimas de ataques como respostas a suas ações ativistas. Depoimentos sobre isso aparecem nas entrevistas com: Alícia (leitora da *Think Olga*); Angela (leitora da *Georgette Sand*); Anna (leitora da *Georgette Sand*); Carol (leitora d'*AzMina*); Cassie (leitora da *Madmoizelle*); Cecília (leitora do *Lado M*); Christel (leitora da *Madmoizelle*); Cristine (leitora d'*AzMina*); Crystal (leitora da *Georgette Sand*); Debora (leitora da *Madmoizelle*); Fany (leitora do *Lado M*); Fleur (leitora da *Madmoizelle*); Inès (leitora da *Les Glorieuses*); Julie (leitora da *Les Glorieuses*); Keyla (leitora d'*AzMina*); Laetitia (leitora da *Les Glorieuses*); Laura (leitora da *Madmoizelle*); Lucie (leitora da *Georgette Sand*); Maria Cecília

²¹³ Há apenas quatro exceções de leitoras que não têm medo e não se sentem intimidadas por pessoas e grupos contrários às suas posturas de ativismo feminista. Duas delas fazem parte do pequeno conjunto de leitoras entrevistadas que não se identificam como feministas. São a arquiteta e ilustradora Magali (leitora da *Georgette Sand*, entrevista, 13 de agosto de 2022), que considera que nunca viveu violências atreladas ao seu engajamento pró-igualdade de gênero, e a agente de posicionamento digital Dayane (leitora da *Think Olga*, entrevista, 15 de julho de 2021), que não se sente acuada, uma vez que sequer se reivindica como membro do movimento. As outras duas são Karla (leitora da *Think Olga*, entrevista, 20 de julho de 2021), que nunca sofreu ataques ligados a suas ações feministas e não tem medo desses, e Nathalie (leitora da *Les Glorieuses*, entrevista, 15 de agosto de 2022).

(leitora da *Think Olga*); Ophélie (leitora da *Madmoizelle*); Patrícia (leitora da *Think Olga*); Rafaela (leitora da *Les Glorieuses*); Suzana (leitora do *Lado M*); Tamara (leitora d'*AzMina*); Tayná (leitora d'*AzMina*); e Victor (leitor do *Lado M*).

Salienta-se que há fundamentalmente duas estratégias de ação das audiências frente a violências antifeministas. A primeira delas é a escolha de evitar o conflito. Isso pode ser conduzido no âmbito presencial, como explicita a fala do roteirista de quadrinhos Victor (leitor do *Lado M*, entrevista, 13 de julho de 2021), que revela ter se afastado de grupos de amigos e conhecidos para evitar discussões e embates. Assim como no ambiente digital, conforme demonstram posturas como a da estudante de farmácia Crystal (leitora da *Georgette Sand*, entrevista, 4 de agosto de 2022), que bloqueia os indivíduos que a atacam nas redes sociais para não se desgastar nem se irritar mais.

A tática pode ser aplicada a situações corriqueiras, como (não) responder a comentários antifeministas nas mídias sociais. Vale destacar o exemplo da profissional de produção multimídia Julie (leitora da *Les Glorieuses*), que conta (entrevista, 18 de agosto de 2022) que, nas ocasiões em que fica realmente irritada com os xingamentos que recebe, recorre ao subterfúgio de escrever a mensagem, mas não enviar a resposta. Assim, extravasa a raiva sem precisar dar prosseguimento à discussão.

Já em casos de violências recorrentes, o ato de não responder pode ser uma escolha para tentar não prolongar o sofrimento e para evitar incômodos que assumam proporções institucionais. Foi o que aconteceu com a advogada e política Maria Cecília (leitora da *Think Olga*, entrevista, 13 de julho de 2021), que é uma figura pública na região onde mora (a cidade de Toledo, no interior do Paraná). Ela pensou em processar seu agressor após sofrer sistemáticos ataques na internet em decorrência de seu ativismo em prol dos direitos das mulheres. Mas acabou avaliando que seria menos desgastante psicologicamente para ela desistir do processo e apenas seguir com sua rotina de ações militantes. Ao contrário do que considerou a cantora Cassie (leitora da *Madmoizelle*, entrevista, 21 de julho de 2021), de 27 anos, que, ao ser vítima de ataques digitais sistemáticos, prestou queixa na polícia e guardou os conteúdos das agressões digitais como provas para dar continuidade ao processo judicial.

A segunda estratégia de ação das audiências diante de violências antifeministas consiste nos esforços de responder a comentários e rebater ataques procurando não recuar na manutenção de posturas militantes. A tática é aplicada por cerca de um terço das entrevistadas: as brasileiras Carol, Cristine, Patrícia, Suzana e Tayná e as francesas Anna, Cassie, Fleur e Laura. Elas descrevem se apoiar em ferramentas pedagógicas para traçar uma argumentação didática ao dialogarem com pessoas que criticam a pauta feminista. Esse empenho, contudo, tem um limite e se estende apenas até as trocas consideradas por elas como educadas e respeitadas. Se o(a) interlocutor(a) for rude ou mal-educado(a), as leitoras tendem a excluir o indivíduo dos círculos de contatos digitais e/ou bloqueá-los nas mídias sociais.

A fim de apresentar as formas de violências sofridas pelo grupo, os relatos sobre o tema trazidos a partir das entrevistas foram divididos em duas categorias: violências praticadas pelo núcleo familiar ou por círculos próximos; e violências digitais.

- Violências praticadas pelo núcleo familiar ou por pessoas próximas

Cerca de um terço dos públicos que contribuíram com entrevistas para esta tese revelam vivenciar desconfortos ao se posicionarem enquanto militantes feministas perante a família: cinco brasileiras(o) – Carol (leitora d'*AzMina*), Cecília (leitora do *Lado M*), Keyla (leitora d'*AzMina*), Tayná (leitora d'*AzMina*) e Victor (leitor do *Lado M*) – e cinco leitoras francófonas – Anna (leitora da *Georgette Sand*), Cassie (leitora da *Madmoizelle*), Debora (leitora da *Madmoizelle*), Laura (leitora da *Madmoizelle*) e Rafaela (leitora da *Les Glorieuses*).

Esse incômodo se acentua quando a crítica aos feminismos é tecida por mulheres próximas às entrevistadas, como mães, irmãos e amigas, o que sublinha a compreensão de que a oposição de mulheres a esse movimento torna-se um ativo para grupos antifeministas (Bard et al., 2019; Breda, 2022), fortalecendo esses discursos. As entrevistadas são impelidas pelas relações sociais a ajustarem suas relações com o militantismo ao que seus círculos de convívio esperam delas. A estudante de Letras Tayná, de 25 anos, por exemplo, procura evitar o desgaste de se posicionar em ambientes em que não se sente à vontade e onde acha

que as pessoas não estão abertas à reflexão. Nos espaços de interações digitais, ela preferiu se afastar do grupo familiar:

Eu acabei até excluindo todos os meus familiares do Facebook. Todo mundo que se manifestava contra nas minhas publicações – até amigos... Sabe aquela pessoa que nunca comenta em nada, nunca curte uma foto? Agora, se você publicou um negócio e a pessoa não concordou, ela sai do bueiro. (entrevista, 21 de julho de 2021)

Apesar do desconforto, os demais membros desse subgrupo de audiências se propõem a tentar dialogar com as famílias. Nem que seja com os núcleos mais próximos, como pai e mãe. É o que faz a cantora e artista Cassie (leitora da *Madmoizelle*, entrevista, 21 de julho de 2022), de 27 anos, cuja mãe não se identifica com o feminismo e, na verdade, tem até restrições com relação ao movimento. A gerente de palco Debora (leitora da *Madmoizelle*), 30 anos, também tenta conduzir no ambiente doméstico um movimento de diálogo com o pai, embora enfrente dificuldades: “É um pouco complicado com meu pai. Porque ele não acredita em tudo isso. Ele não acredita em ecologia, não acredita em feminismo, não acredita em homossexualidade. Para ele, tudo é apenas uma questão de moda” (Debora, leitora da *Madmoizelle*, entrevista, 4 de agosto de 2022)²¹⁴.

Situações de violências simbólicas praticadas pela família nuclear despontam igualmente no depoimento da modista Anna (leitora da *Georgette Sand*), de 27 anos. Ela conta (entrevista, 12 de agosto de 2022) que, quando iniciou sua inserção no feminismo, os parentes não viam com bons olhos o fato dela ter deixado de usar sutiã e de se depilar. Assim como há relatos de violências diretas, em forma de ameaças, como ocorreu com a cantora Cassie (leitora da *Madmoizelle*, entrevista, 21 de julho de 2022), cujo ex-companheiro, após o término do relacionamento, passou a dizer que se tornaria masculinista para rebater as posturas e discursos feministas da entrevistada.

²¹⁴ Tradução da autora para o trecho: “C'est un petit peu plus compliqué avec mon papa. Parce qu'il crois pas tout ça. Il ne croit pas à l'écologie, il ne croit pas au féminisme, il ne croit pas à l'homosexualité. Pour lui, tout ça, ce ne sont que des questions de mode”.

As violências e intimidações sentidas pelos públicos em decorrência de suas posturas militantes também podem partir de pessoas de outros círculos próximos de convívio que não o familiar. Conforme ilustrado pelo episódio apontado pela jornalista Suzana (leitora do *Lado M*), 40 anos, em que ela rememora a ocasião em que foi chamada de feminista em tom pejorativo por um colega de classe no curso de pós-graduação. A lembrança da entrevistada remete a uma situação narrada pela escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2015), em que ela também é chamada de feminista por um amigo que tem o objetivo de, com isso, ofendê-la, mas que acaba incentivando a descoberta dos feminismos pela escritora e gerando uma aproximação entre ela e essa causa, assim como ocorreu com a leitora entrevistada.

Eu me lembro de uma ocasião que eu fui xingada de feminista. O cara me disse? “Você é muito feminista.” Ele não falou outra coisa. O xingamento era “feminista”. “Você é muito feminista”, como se fosse: “você é muito burra” ou uma coisa negativa. Eu disse: “Muito obrigada”. (Suzana, leitora do *Lado M*, entrevista, 16 de julho de 2021)

O ambiente de trabalho é outro espaço que um grupo de leitoras – composto pelas brasileiras Carol (leitora de *Azmina*) e Patrícia (leitora da *Think Olga*) e a francesa Lucie (leitora da *Georgette Sand*) – elenca como potencialmente hostil para militantes feministas. Carol, 41 anos, que é *designer* de interiores e tem uma empresa de construção e reformas voltada para mulheres, relata preconceitos que enfrenta por ser uma mulher à frente de um empreendedorismo culturalmente associado à masculinidade: “Tem cliente que acha que a gente não é suficiente, que nosso trabalho tem que ser fiscalizado por alguém que seja mais competente”, observa ela (entrevista, 9 de julho de 2021).

A psicóloga Patrícia (leitora da *Think Olga*, entrevista, 8 de julho de 2021), 46 anos, afirma igualmente que a militância feminista lhe causa uma série de problemas profissionais, já que, além de terapeuta, ela também escreve para o jornal da cidade onde vive (no interior da região sul do Brasil) e aborda temáticas de gênero com frequência em sua coluna. Nesses dois espaços de trabalho, ela costuma receber críticas quando tenta instigar a reflexão antissexista. Por exemplo, a entrevistada teve uma exposição artística sobre violência

doméstica cancelada enquanto o evento já estava transcorrendo, porque colegas reclamaram das fotos exibidas na mostra. Ela também já teve trechos de texto censurados no jornal em que contribui voluntariamente como colunista, porque o material abordava o debate sobre equidade entre mulheres e homens.

A professora universitária na área de literatura francesa Lucie (leitora da *Georgette Sand*, entrevista, 26 de agosto de 2022), 38 anos, traz mais um relato sobre violências enfrentadas no âmbito profissional devido à militância feminista. Ela conta que, no decorrer de sua vida acadêmica, tem optado por usar a escrita inclusiva, ainda que seja da área da literatura – domínio em que as críticas a essa opção tendem a ser ainda mais severas. Certa vez, quando ainda estava no doutorado, enviou um e-mail para a lista do laboratório em que estava inserida e recebeu críticas de um professor que solicitava que ela reescrevesse a mensagem conforme as regras da Academia de Letras Francesa, afirmando que a linguagem inclusiva não reflete a correta forma de escrita do francês. A entrevistada rebateu, indicando que havia recomendações da universidade para usar esse tipo de escritura, e recebeu o apoio de alguns colegas e titulares.

Outro exemplo são os embates com grupos de convívio que se opõem a pautas feministas devido a posicionamentos religiosos. Duas leitoras brasileiras entrevistadas fazem alusão a conjunturas desse tipo, evidenciando as influências de instituições de caráter religioso no âmbito sociocultural do país – em contraposição à França, em que a alusão à laicidade é um elemento marcante das narrativas das leitoras. A publicitária Fany (leitora do *Lado M*, entrevista, 13 de julho de 2021), de 42 anos, desabafa sobre as dificuldades que enfrenta nas relações com amigas religiosas – especialmente as evangélicas –, pois tem vontade de fazê-las mudar de opinião, mas não sabe exatamente como abordar as temáticas de gênero com essas pessoas sem sofrer retaliações.

A artista e contadora de histórias Tamara (leitora d’*AzMina*, entrevista, 6 de novembro de 2020), de 40 anos, narra embates similares que enfrenta no contato com amigas evangélicas. Ela relata que costumava ser adepta dessa religião. Mas, uma vez sem o marido, percebeu que não havia espaço para mulheres divorciadas na igreja. Embora tenha parado

de frequentar os cultos, ela ainda mantém amizades com pessoas que conheceu nesse espaço. Esse convívio, porém, não comporta debates sobre feminismos, pois Tamara tem medo de entrar no assunto e ser julgada. Nas mídias sociais, todavia, a entrevistada se sente confortável para reivindicar sua aproximação com o movimento feminista – ainda que as amigas evangélicas acompanhem as postagens. Assim, apesar de haver discordâncias entre elas, a convivência física perdura, a despeito de um possível distanciamento digital.

Um outro subgrupo de três leitoras entrevistadas movimenta-se no sentido inverso, preferindo evitar manifestações na internet como estratégia para se preservar emocionalmente. É o que aponta a estudante de veterinária Ophélie (leitora da *Madmoizelle*): “Em geral, evito fazer comentários em redes sociais ou sobre assuntos desse tipo, que podem causar polêmica e as pessoas podem se exaltar um pouco” (entrevista, 25 de agosto de 2022)²¹⁵. Seguindo uma lógica similar, a comerciante Laetitia (leitora da *Les Glorieuses*, entrevista, 8 de agosto de 2022) diz que tenta se preservar e conduzir uma militância mais privada, dentro dos seus círculos de amigos e conhecidos mais próximos. Destaca-se ainda o caso da jovem estudante de farmácia Crystal (leitora da *Georgette Sand*, entrevista, 4 de agosto de 2022), que alega que evita compartilhar e deixar comentários em determinados conteúdos porque os potenciais embates ocasionados a partir dessa dinâmica lhe geram ansiedade.

Os ataques e agressões que as audiências entrevistadas sofrem ou temem sofrer as levam a repensar suas maneiras de interagir com pessoas conhecidas e próximas. A experiência da gerente de processos Rafaela (leitora da *Les Glorieuses*, entrevista, 22 de setembro de 2022), 35 anos, é um caso emblemático desses mecanismos construídos pelas militantes, pois ela frisa que escolhe cuidadosamente os grupos e ambientes por onde circula, inclusive profissionais, de modo a não ter contato com indivíduos que não aceitem suas posições feministas. Mesmo que as demais leitoras não queiram ou não tenham condições

²¹⁵ Tradução da autora para o trecho: “En général, j'évite de faire des commentaires sur les réseaux sociaux ou sur de tels sujets qui peuvent faire polémique et que les gens peuvent s'enflammer un peu”.

de adotar a mesma estratégia, observa-se que o conjunto de entrevistadas que sofrem essas violências acabam, em diferentes níveis, afastando-se de familiares e amigos(os) para se esquivar de represálias e do desconforto de lidar com os conflitos.

Ou seja, observa-se que a mesma dinâmica que ocasiona a aproximação de entrevistadas(o) de estruturas de militância também dá indícios de como elas(e) passam a gerir suas interações sociais após assumirem seus alinhamentos com a pauta feminista ou de equidade de gênero. Uma vez conscientes de suas próprias posições engajadas, elas(es) reorientam escolhas de amizades e de círculos de socialização em decorrência de posicionamentos políticos e ideológicos. Ou seja, optam por se cercar de pessoas também autoidentificadas como feministas ou simpatizantes do movimento. Como indica a fala da leitora da revista *AzMina* Carol (entrevista, 9 de julho de 2021): “não vou ter amizade que não seja feminista”.

Destaca-se o fato de ter surgido de maneira explícita somente em conversas com o público do Brasil a postura de desfazer ou evitar laços com pessoas com as quais possuam um desalinhamento ideológico claro – relatos presentes nas entrevistas com Carol (leitora d’*AzMina*), Cristine (leitora d’*AzMina*), Karla (leitora da *Think Olga*) e Victor (leitora do *Lado M*). Esse elemento permite a reflexão sobre como o momento político e histórico enfrentado por cada país onde foi conduzida a tese impacta os discursos, os ânimos e as formas de militância de entrevistadas(o). Na conjuntura do Brasil em 2020 e 2021, quando foram realizadas as entrevistas em profundidade no país, em que um governo de extrema-direita ainda estava no poder e os discursos de ódio e antifeministas eram instigados e reforçados por autoridades máximas da classe política (Pinheiro-Machado, 2019), esforços de reclusão em espaços de segurança e aceitação são movimentos de autopreservação emocional espontâneos e esperados por parte das ativistas.

Essas rupturas ou afastamentos tendem a acontecer de dois modos diferentes. No âmbito físico, de maneira velada, sem que entrevistadas discutam presencialmente sobre

discordâncias políticas, evitando desgastes e desentendimentos face a face²¹⁶. Ou, no âmbito digital, de forma mais abrupta, a partir da decisão de excluir ou bloquear um contato em determinada mídia social após o recebimento de mensagens privadas ou de comentários que ataquem os posicionamentos feministas das atrizes, como relatam Crystal (leitora da *Georgette Sand*), Debora (leitora da *Madmoizelle*) e Tayná (leitora d'*AzMiná*). Observou-se que os embates diretos, quando existem, centram-se no âmbito familiar, pois os grupos de amigos/as são cambiáveis, enquanto os parentes, não.

Há, em suma, processos de negociações de vivências nos âmbitos digital e físico que possuem diferentes significados em cada um desses universos e levam a distintas posturas das atrizes e atores que circulam nesses espaços. No contexto de comunicação mediada por dispositivos sociotécnicos, os indivíduos sentem-se mais à vontade para expressar suas opiniões sem receio de retaliações, restrições ou limitações baseadas em convenções de mundos sociais pelos quais transitam.

As posturas de entrevistadas(os) mostram que esses indivíduos não somente debatem o que se passa no mundo que os cerca, mas também fazem valer sua legitimidade de ação, especialmente no ambiente de interações mediadas por dispositivos sociotécnicos (Breda, 2022). Para além disso, nota-se que a decisão dessas pessoas de relatar e compartilhar as próprias trajetórias de vida, contribuindo para esta tese, é também um modo de ampliar empenhos de militância, quando se assume que o ato de contar sua história é uma estratégia de reconhecimento de si e uma demanda de obter o reconhecimento do outro (Ahmed, 2014).

²¹⁶ É ilustrativo o exemplo do roteirista de quadrinhos Victor (leitor do *Lado M*, entrevista, 13 de julho de 2021), único leitor de publicações midiativistas feministas que aceitou participar desta tese, o qual descreve que, ao tomar consciência de seu engajamento em prol dos feminismos, começou a enfrentar embates com amigos homens. Quando esses amigos teciam comentários reforçando estereótipos sexistas – como a ideia de que determinada mulher é alguém com quem se pode casar e outras têm o perfil de pessoas para se manter relações meramente sexuais, sem envolvimento afetivos e estabelecimento de compromissos –, o entrevistado tentava apontar as problemáticas em torno desses discursos, mas suas falas não eram bem aceitas pelos demais. O que o fez se afastar de grupos de amigos e círculos de homens com quem convivia.

- Violências digitais

Quase metade das leitoras entrevistadas (12 pessoas) detalham uma ou mais violências que sofreram no âmbito digital por se alinharem à militância feminista. Nesse grupo, há seis francesas e seis brasileiras: Angela (leitora da *Georgette Sand*), Anna (leitora da *Georgette Sand*), Cassie (leitora da *Madmoizelle*), Christel (leitora da *Madmoizelle*), Cristine (leitora d'*AzMina*), Fleur (leitora da *Madmoizelle*), Julie (leitora da *Les Glorieuses*), Keyla (leitora d'*AzMina*), Maria Cecília (leitora da *Think Olga*), Patrícia (leitora da *Think Olga*), Tamara (leitora d'*AzMina*) e Tayná (leitora d'*AzMina*).

Em termos de violências digitais, o incômodo principal descrito pelo grupo é a intensidade dos ataques, que tendem a tomar proporções maiores e também mais agressivas do que os embates presenciais, como salienta a política e advogada Maria Cecília (leitora da *Think Olga*, entrevistada em 13 de julho de 2021), que tem mais de 60 anos. Baseada na experiência de décadas de militância e de vida política, a leitora lamenta a hostilidade da internet e pontua que, presencialmente, os embates se dão de maneira mais respeitosa. Ela relembra episódios sistemáticos de perseguição digital que sofreu após se posicionar em defesa de pautas feministas durante o período das eleições de 2018 no Brasil, na forma de xingamentos e assédios *on-line* coordenados por um homem desconhecido.

As mensagens violentas recebidas pelas leitoras costumam se iniciar no formato de ofensas verbais, especialmente nas plataformas Facebook e Instagram, podendo se agravar para ameaças que alcançam a realidade física das leitoras. Os ataques são conduzidos tanto nos espaços públicos das redes sociais quanto via mensagens privadas e se dão após *haters* e grupos antifeministas identificarem que essas mulheres se posicionaram defendendo discursos de equidade de gênero.

A frequência e o volume dos ataques estão proporcionalmente correlacionados à presença das militantes nos ambientes de interação *on-line*. As que se mostram mais ativas e dispostas a se engajar em debates digitais, também são as que relatam serem vítimas de discursos de ódio com maior regularidade – como é o caso das francesas Anna (leitora da *Georgette Sand*), Cassie (leitora da *Madmoizelle*), Christel (leitora da *Madmoizelle*), Fleur

(leitora da *Madmoizelle*) e Julie (leitora da *Les Glorieuses*) e da brasileira Tayná (leitora d'*AzMina*). Em contrapartida, as militantes que se pronunciam menos também tendem a ser menos atacadas. Exemplo disso é a conduta de Angela (leitora da *Georgette Sand*), médica de 50 anos, que opta por ser menos presente em mídias sociais e por não deixar comentários públicos regulares em conteúdos que acompanha na internet.

A militar da reserva Christel (leitora da *Madmoizelle*), de 43 anos, que alimenta um perfil no Instagram para defender os direitos de mulheres com deficiência, conta que, a cada vez que posta algum conteúdo ou comentário nas redes sociais colocando em debate questões como capacitismo e gordofobia, recebe críticas e respostas agressivas: “Sou bombardeada com comentários de pessoas gordofóbicas e de homens em particular que defendem o patriarcado e a dominação masculina. Isso é infernal!”, queixa-se a leitora (entrevista, 12 de agosto de 2022)²¹⁷. Para além de se dedicar à resistência contra grupos antifeministas, o ativismo da entrevistada é também instrumento de combate ao movimento feminista tradicionalista que ignora ou minimiza a situação de mulheres com deficiência (Breda, 2022).

Outra narrativa de violência digital vivenciada por membros dos públicos foi abordada pela blogueira Fleur (leitora da *Madmoizelle*). Ela relata que os comentários com discursos de ódio na internet a atingem frequentemente e são encabeçados por homens que tentam descredibilizar conteúdos feministas sem, segundo ela, apresentar argumentos, mas simplesmente agredindo pessoalmente quem compartilhou ou criou a postagem, com foco nas características físicas da pessoa: “Nas redes, os insultos aparecem rapidamente. Sempre tem esse primeiro passo que é o da humilhação” (entrevista, 24 de agosto de 2022)²¹⁸.

As violências contra militantes feministas parecem desencadear uma tendência ao recuo e à adoção de posturas de cautela no momento da partilha de conteúdos digitais pelas

²¹⁷ Tradução da autora para o trecho: “Je me fais assommer de commentaires de gens qui sont grossophobe et des hommes notamment qui prônent le patriarcat et la domination masculine. Ah ça, c'est infernal ça!”.

²¹⁸ Tradução para o trecho: “Sur les réseaux, les insultes vont très très rapidement se mettre en place. Il y a toujours ce premier pas qui va être vraiment de l'humiliation”.

entrevistadas. A psicóloga Patrícia (leitora da *Think Olga*), de 46 anos, descreve que, em decorrência de seus posicionamentos ativistas digitais e no âmbito profissional, recebeu ameaças – em redes sociais e posteriormente por e-mail – de um influente jornalista da cidade onde vive: “Por conta de eu ter uma voz ativa e querer me posicionar, ele perguntou que condição eu achava que eu tinha de exercer o meu trabalho, falando que eu estava sendo agressiva. Eu falar o que eu pensava era ser agressiva. Eu cheguei a ficar bastante abalada e esgotada” (entrevista, 8 de julho de 2021).

Nesse contexto de violências digitais, os ataques que mais assustam e desestabilizam as leitoras entrevistadas são aqueles coordenados por grupos antifeministas e conduzidos de maneira sistemática. A cantora e artista Cassie (leitora da *Madmoizelle*, entrevista, 21 de julho de 2022), de 27 anos, após lançar um perfil em redes sociais que copila relatos de mensagens sexistas recebidos por mulheres, teve seu próprio perfil e informações pessoais (como cidade onde mora) divulgados em um grupo de masculinistas com mais de 5 mil membros. Em decorrência disso, ela recebeu uma sequência de agressões e xingamentos apoiados em discursos de ódio.

A profissional de moda e costura Anna (leitora da *Georgette Sand*), de 27 anos, cuja prática militante engloba performances e intervenções de rua, conta (entrevista, 12 de agosto de 2022) que já recebeu ameaças de morte, de estupro e incitação ao suicídio como respostas a comentários que fez em espaços de coletivos feministas ou em vídeos ou fotos de ações públicas feministas em que sua imagem aparece. A ativista narra que chorou por dias seguidos, sentiu-se muito abalada emocionalmente, tinha tremores e crises de estresse. Com o passar do tempo, e como estratégia de autopreservação, passou a não acompanhar os comentários e ofensas que recebe na internet.

As plataformas em que as leitoras engajadas defendem a causa feminista podem ser consideradas espaços de ativismo em si mesmas, ao mesmo tempo em que favorecem reações violentas que são uma das facetas do retrocesso de direitos, impulsionado pelo acesso a dispositivos sociotécnicos na contemporaneidade (Breda, 2022). Embora se sinta estressada e abatida diante dos ataques que enfrenta, Anna (entrevista, 12 de agosto de

2022) afirma que dá continuidade ao engajamento porque a militância lhe gera excitação e euforia. Tal depoimento reforça a ideia de que a exposição a violências antifeministas ocasiona nesse conjunto de leitoras entrevistadas emoções ambíguas. Ao mesmo tempo em que elas sentem desgastes e sentimentos da ordem do medo, da raiva e da frustração, elas também se sentem estimuladas a dar prosseguimento às ações militantes porque, em algum grau, esse engajamento provoca satisfação e alegria e, sobretudo, desencadeia identificação e pertencimento com o grupo.

A identificação via pertencimento

As entrevistas com os públicos de projetos de midiativismo feminista mostram que as leitoras são motivadas a acompanhar essas publicações sobretudo como forma de construção de redes de apoio e de acolhimento, o que acaba por desencadear também mecanismos para aplacar a solidão. As interações no âmbito do militantismo criam vínculos afetivos entre as atrizes e outros indivíduos que pensam de maneira similar a elas, produzindo dinâmicas de acolhimento e de pertencimento. Além de serem, em um segundo plano, ferramentas de aprendizagem que contribuem para o desenvolvimento argumentativo que essas pessoas utilizam para defender seus ideais em embates presenciais e digitais.

As constatações deste estudo são sintetizadas pelo depoimento de Debora (leitora da *Madmoizelle*), que é gerente de palco em filmagens cinematográficas e tem 30 anos. A leitora explica que acompanha informações feministas para se sentir menos solitária na luta por equidade de gênero e porque esses conteúdos a ajudam a assimilar e reformular internamente o que ela pensa – reflexões que, sem recorrer a esses canais, ela não necessariamente conseguiria expressar: “Tenho a sensação de que estou lendo coisas com as quais me identifico, então me sinto menos sozinha e adquirei vocabulário que me permite colocar em palavras o que estou pensando e sentindo”, explica a entrevistada (entrevista, 4

de agosto de 2022)²¹⁹. A aproximação da militância gera nos públicos o sentimento de pertencimento, em especial para as pessoas que se engajam na participação em coletivos e grupos feministas. Como exemplifica a narrativa da modista Anna (leitora da *Georgette Sand*), que enfatiza a relevância do suporte que as mulheres desenvolvem entre si em tais espaços:

Nesses grupos, eu estava cercada por mulheres que se apoiavam mutuamente em um mundo onde fomos ensinadas a nos matar. (...) Quando estamos todas assim, bem, é um pouco menos difícil de se viver, porque você não está sozinha lá fora, e também dá a impressão de que você não está sozinha carregando esse peso enorme, porque o peso do corpo feminino passa a ser compartilhado. (entrevista, 12 de agosto de 2022)²²⁰

A imersão no mundo social não apenas permite a criação de laços com mulheres engajadas no ativismo feminista, mas, em algumas situações, funciona como mecanismo para o indivíduo constituir ou retomar vínculos sociais de maneira geral, ou seja, para além da militância. Como acontece com a médica Angela (leitora da *Georgette Sand*), que, após se divorciar e, com isso, ser privada de antigos vínculos afetivos – como o contato com a família do ex-marido –, encontra nos feminismos novas possibilidades de interagir com outras pessoas.

Os depoimentos das leitoras entrevistadas mostram que o engajamento feminista passa a transpor todos os domínios de suas vidas. A aproximação com os feminismos parece estimular a sensibilidade do grupo para observar os contextos que as(o) cercam através da perspectiva do debate de gênero e, na maioria dos casos, adotando uma abordagem interseccional. Esse engajamento se estende para as escolhas de consumo jornalístico e

²¹⁹ Tradução da autora para o trecho: “J’ai un petit peu cette sensation que je lis des choses dans lesquelles je me retrouve et du coup je me sens moins seul et j’acquière du vocabulaire pour réussir à mettre les mots sur ce que moi je pense et sur ce que je ressens”.

²²⁰ Tradução da autora para: “Dans ces collectifs j’étais entourée de femmes où on se soutenait les unes les autres dans un monde où nous a appris à nous entretenir. (...) quand on est toutes comme ça, ben c’est un peu moins dur à vivre parce que du coup dehors on est pas toute seule, et ça donne aussi l’impression qu’on est pas toute seule à porter cet énorme sac qui est immensément lourd et que le poids du corps est partagé”.

informativo dos públicos, que, para manter o alinhamento ativista, indicam que preferem consumir mídias que se aproximam de seus ideais:

Ser mulher na sociedade é fazer tudo como um ato político, como um ato feminista, desde o meu trabalho e o que eu faço na minha profissão, desde o que eu faço para as outras mulheres e para outras pessoas, para outros homens. Ser feminista é, basicamente, isso tudo. É como eu me comporto com a mídia que eu leio, com o portal de comunicação que eu escuto, com as músicas que eu escuto, com o político que eu escolho, como eu ajo com o meu trabalho. Engloba tudo. (Keyla, leitora da *AzMina*, entrevista, 11 de julho de 2021)

A análise das estratégias de engajamento geradas pelas práticas de apropriação de publicações feministas pelas audiências a partir das trajetórias das leitoras e do leitor entrevistados traz um conjunto de categorias sociológicas que atravessam o grupo de modo transnacional. Essas pessoas possuem formação de nível superior, com áreas de estudo focadas centralmente nas humanidades e com percursos profissionais voltados para carreiras atreladas a artes, cultura e comunicação. A grande maioria das(o) entrevistadas(o) não são racializadas e pertencem a estratos socioeconômicos médios-altos e altos. Elas vivem principalmente fora de grandes aglomerações urbanas.

Para conduzir suas formas de ação feminista, o grupo pode mobilizar capitais sociais, econômicos e políticos que permitem aos indivíduos despende esforços – em termos de tempo, emprego de técnicas e aptidões e arcabouço emocional – sem que isso comprometa suas rotinas profissionais e financeiras de maneira direta. Embora as interações pessoais sejam afetadas pelas posições engajadas assumidas pelas atrizes e pelo ator. Em contrapartida, os ganhos tendem a compensar os desgastes que o ativismo pode ocasionar. A identificação dos públicos com o movimento feminista dá origem a dinâmicas de solidariedade e pertencimento, além de encontros e contatos – tanto pessoais quanto profissionais. Com isso, acentua-se o interesse das(o) entrevistadas(o) em acompanhar e interagir com publicações midiativistas feministas digitais, utilizando-as como base de suporte

na busca de dados e estatísticas de gênero, e até como inspiração para a mobilização das audiências em torno de ações de ativismo digital, de ativismo *off-line* e de militantismo político.

Breves considerações sobre o capítulo. Retraço os perfis sociodemográficos das audiências entrevistadas, retomando laços familiares, culturais e históricos, para entender suas identificações com a pauta feminista e as adesões do grupo a movimentos militantes ou de ativismo. Isso me permite analisar as categorias de engajamento feminista que as atrizes assumem, transitando entre papéis sociais de público-leitor de mídias feministas, ativista digital, ativista on e *off-line*, militante política e ativista-produtora de conteúdo engajado. Essas práticas dos públicos se mantêm em constante diálogo com conteúdos elaborados pelas publicações pesquisadas, fazendo o grupo imergir no mundo do midiativismo feminista digital.

Capítulo seis

As emoções em torno da prática do midiativismo feminista digital

Neste capítulo, apresento uma síntese das emoções de midiativistas e de leitoras de publicações feministas relacionadas às vivências do grupo e aos vínculos que essas pessoas criam com o mundo social observado. Para permitir a compreensão desse mundo sob a perspectiva da cooperação e da coletividade, a sociologia das emoções (Andrade, 2020; Cordell, 2017; Faure, 2021; Goodwin & Jasper, 2006; Hochschild, 2003; Reddy, 2001; Rosenwein, 2006; Sommier, 2015) serve de suporte no desenvolvimento da análise das formas de engajamento e de ação de entrevistadas(os). As atrizes e atores atribuem sentido às interações com esse espaço a partir das emoções que experimentam também nos entornos do trabalho (Andrade, 2020) ou do consumo de informação, através de trocas e vivências comunitárias. Assim, entender a adesão e a permanência dos indivíduos no ambiente do midiativismo feminista digital por meio de expressões emocionais colabora para a compreensão dos engajamentos coletivos.

Entre o sentir e o agir: uma síntese das emoções das(os) entrevistadas(os)

O midiativismo é, para as(os) entrevistadas(os), um espaço de partilha e de coletivização de emoções que dão suporte a engajamentos políticos e ideológicos do grupo, apoiando-se em dinâmicas de cooperação para viabilizar a produção e o consumo de conteúdo e conduzir as atrizes e atores a uma experiência de realização e satisfação enquanto profissional-ativista e/ou público-engajado. A socialização a partir da prática midiativista transpõe as vivências individuais para uma lógica de engajamento feminista coletivo, o qual, para elas(es), é “um jeito de se posicionar no mundo sobre tudo (...), uma maneira de interpretar o mundo”, como define a repórter do *Lado M* Vanessa (entrevista, 19 de julho de 2021). A análise das entrevistas salienta que o ativismo molda as posturas dessas pessoas e a forma como o grupo interage com a sociedade.

A ação do grupo surge por meio da recusa de remover certas experiências da esfera política e da negação de confinar expressões afetivas à esfera individual ou privada, o que permite que vivências antes excluídas e pulverizadas passem a ser refletidas, organizadas e compartilhadas coletivamente, de modo que possam se tornar recursos disponíveis para a ação geradora de mudanças (Bracke & Puig de la Bellacasa, 2013) a partir da formação de alianças e da solidariedade entre grupos ativistas.

Os vínculos sociais destacados por entrevistadas(os) e identificados no processo etnográfico me permitem mapear emoções diversas que perpassam a convivência dos grupos e as atividades desenvolvidas por esses, revelando a presença de uma dimensão afetiva (Andrade, 2020) pulsante no interior do mundo social. As histórias de vida das(os) entrevistadas(os) fornecem elementos que nos possibilitam dizer que sentir é o que lhes permite fazer (Le Cam & Ruellan, 2017), pois as emoções, em especial de raiva e indignação frente a situações de iniquidades e violências de gênero e de realização e satisfação profissional no exercício do jornalismo engajado, resultam em motivações de ordem ideológica que as(os) instigam a adotar opções de carreiras, seguidamente, precarizadas, com baixos retornos financeiros e exercendo atividades que elas consideram estressantes, mas também apaixonantes.

As narrativas reforçam a percepção de que as emoções não são somente passivas, elas também são ativas (Jeantet, 2021), no sentido de que mobilizam os indivíduos à ação. Analiso esse agir social das atrizes e atores que fazem parte do mundo do midiativismo feminista partindo da observação dos afetos – constituídos como um hiperônimo de outros elementos: emoção, inclinação, paixão, sentimento (Fiorin, 2007) – e emoções do grupo e me apoiando nos sentimentos²²¹ que despontam nas narrativas de cada pessoa que aceitou participar desta tese por meio de entrevistas em profundidade, entrevistas de apoio²²² ou pelo

²²¹ A emoção remete a uma dimensão mais profunda e estrutural, também mais identitária e cultural, que se pode chamar de sentimento, que fundamenta uma relação mais duradoura entre indivíduo e o meio em que esse está inserido, transcendendo emoções pontuais e sensações mais ou menos duráveis (Le Cam & Ruellan, 2017).

²²² Chamo de entrevistas de apoio as conversas assíncronas realizadas com duas midiativistas entrevistadas que aceitaram participar desta tese, mas não puderam conceder entrevistas em

contato nas vivências etnográficas de campo. Nesse sentido, assumo que os afetos são apreendidos a partir de suas manifestações, da expressão de emoções, enquanto as emoções se articulam como produtos das interações (Julliard, 2018).

As emoções circulam entre o individual e o social (Ahmed, 2014). No contexto do midiativismo feminista digital, esse movimento reitera o caráter neofeminista das publicações engajadas, que tomam relatos individuais como base para tratar de experiências coletivas dentro do debate de gênero, raça e classe. O ativismo é considerado pelas(os) entrevistadas(os) como uma prática em construção, algo que elas(es) estão aprendendo em um processo rotineiro e constante, ao passo que assimilam preceitos feministas a suas vivências, posturas e hábitos. A consciência da dimensão coletiva da ação faz emergir uma gama de emoções nas(os) ativistas (Guevara, 2015), o que as(os) ajuda a atribuir sentido ao desejo de se engajar e as(os) encoraja a se lançar em formas de engajamento conjunto.

Nesse sentido, os relatos analisados corroboram a concepção de que as emoções podem ter um papel performativo, impulsionando a ação e a mudança social (Fortino, Jeantet & Tcholakova, 2015). Constituem-se duas categorias centrais de expressões afetivas que atuam de modo a impelir ou a repelir a atuação engajada das pessoas em direção ao midiativismo feminista digital. Por um lado, emoções da ordem da raiva, da frustração e do cansaço levam atrizes e atores a um movimento de distanciamento, fazendo o grupo se afastar da prática ativista e/ou questionar a pertinência dessa em suas trajetórias. Por outro lado, emoções associadas a prazer, solidariedade e liberdade encorajam as pessoas à imersão em espaços de ativismo, em um movimento que as aproxima do mundo social analisado. Ocorre também a possível ressignificação de ordens emocionais de uma categoria a outra, fazendo com que sentimentos inicialmente repulsivos sejam transformados e se tornem motivadores para a impulsão ao engajamento.

profundidade. As conversas com essas atrizes foram conduzidas, a pedido delas, por WhatsApp. Envie as perguntas por escrito e elas me deram retornos via áudios.

A raiva é apontada como um dos elementos mobilizadores centrais para o ativismo digital e/ou o militantismo político das(os) entrevistadas(os). Elas(es) sentem raiva ao notarem e também ao experienciarem desigualdades de gênero e afirmam que isso as(os) faz se mobilizarem em torno da produção ou do consumo de informação engajada. Ocorre, nessa sistemática, a transformação do sentimento em instrumento ou técnica, ou seja, algo novo é criado partindo-se de um sentimento, uma sensação ou uma emoção que já existia previamente (Ahmed, 2014). Reafirma-se o entendimento de que “as emoções, uma vez que são moções, movimentos, comoções, são também transformações daqueles e daquelas que se emocionam” (Didi-Huberman, 2016, p. 38). A indignação – enquanto emoção decorrente do sentimento de injustiça provocado pela raiva (Espinosa, 2009) – e a revolta impulsionam a ação militante das(os) entrevistadas(os). A continuidade dessa ação se dá quando elas(es) passam a desenvolver vínculos com as(os) companheiras(os) de midiativismo, o que potencializa a sensação de pertencimento coletivo e de identificação frente ao grupo.

Portanto, a descoberta e a tomada de consciência de estruturas sexistas e social e politicamente excludentes impulsionam entrevistadas(os) a sentirem raiva, frustração e indignação, conduzindo-as(os) à ação engajada, e à imersão em espaços de interação e de trocas coletivas no âmbito digital (Souza, 2016) e para além desse, criando vínculos também físicos e presenciais. Ao inscreverem sua experiência pessoal no coletivo, as(os) ativistas formulam um efeito de acumulação de relatos e de disponibilização em rede de depoimentos, de modo que uma diversidade de mulheres percebe que não estão sozinhas (Breda, 2022). Elas encontram na prática engajada emoções da ordem do prazer, da satisfação e da liberdade, acentuadas por um movimento de solidariedade.

As emoções em torno da ação de reivindicar-se feminista

As conversas com as(os) entrevistadas(os) são marcadas pelo sentimento de descoberta, como se o contato com a militância e com as teorias de gênero fossem capazes de fazer midiativistas e públicos enxergarem conjunturas e problemáticas sociais que, antes da aproximação com os feminismos, elas não eram capazes de visualizar. Essas

descobertas, somadas aos convívios coletivos, impulsionam uma dinâmica em que, conforme os episódios emocionais individuais se espalham pelo grupo (Rimé, 2009), formam-se comunidades de afetos (Koury, 2018). Segundo Luisa, colunista da revista *AzMina*, o processo de descobrir-se e reivindicar-se feminista “é um descortinar”, atrelado a reformulações do que ela defende e acredita:

Eu acho que o trabalho mais difícil não é nem a gente ficar querendo transformar todo mundo. É a gente entrar em choque com as nossas contradições. Muitas vezes a gente lê e discute e produz um monte de conteúdo e percebe que a gente continua, às vezes, com os mesmos pensamentos. Então é um exercício diário. Minha filha é uma menina e me incomoda muito que se ela não está de rosa, todo mundo acha que ela é um menino. E ela pode estar de lilás, ela pode estar de amarelo, ela pode estar de azul, de verde. Mas aí os adjetivos que usam para ela são muito diferentes. Se é menina, é “uma princesa, é linda”. E se é um menino é um “campeão”. Mas eu, por exemplo, já vi um menino vestido de rosa e achei que fosse uma menina. Então para você ver que muitas vezes a gente se incomoda com coisas que a gente ainda reproduz, com o reflexo de uma criação que a gente mesma reproduz, então eu acho que essa é a parte mais difícil. O feminismo para mim acaba sendo essa desconstrução de tudo, principalmente de mim mesma. (entrevista, 8 de novembro de 2020)

O fato da expressão afetiva do “descortinar” estar presente transversalmente nos discursos do conjunto de entrevistadas(os) desta tese nos permite observar que a repetição das narrativas atua também como uma forma de partilhar emoções, as quais contribuem para solidificar a memória coletiva (Andrade, 2020) e para ordenar afetos relativos ao pertencimento ao grupo, de modo a dar sentido ao mundo social. Comparar sentimentos dá pistas sobre vínculos entre arranjos sociais maiores e as formas comuns de ver e sentir (Hochschild, 2012). A militância e a imersão no debate feminista provocam em uma parcela das entrevistadas e também nos homens entrevistados a sensação de que a consciência e o desejo do engajamento acentuam o incômodo diante de estruturas sociais que elas e eles

anseiam por alterar. “Ser feminista é estar sempre em uma posição de questionamento (...) e entender que as coisas não devem ser do jeito que elas são” afirma Malu, repórter do portal *Lado M* (entrevista, 19 de julho de 2021).

A reivindicação do feminismo para o grupo parte de uma construção emotiva e se organiza em torno de reflexões e da racionalização ou canalização de emoções em torno de um projeto de luta coletiva. De forma que a participação das atrizes e atores no mundo se associa a esforços de experimentação emotiva – em que os indivíduos buscam no espaço de socialização do engajamento ferramentas e oportunidades para compartilhar afetos –, mas também está conectada a um projeto político, de transformação profissional/pessoal e social.

A percepção de amarras de gênero na conjuntura sociopolítica e histórica acentua nessas pessoas o desejo de serem livres, como enfatiza Flay, escritora e colunista da revista *AzMina*: “Ser feminista é isso: essa busca pela liberdade, essa busca por não se amedrontar” (entrevista, em 6 de agosto de 2021). Como desdobramento dessas reflexões, os discursos das respondentes se baseiam em reivindicações por autonomia²²³ e respeito. O conceito de feminismo está atrelado, para o grupo, a não diminuição, limitação ou exclusão sociopolítica de uma mulher pelo simples fato de ela ser mulher, como reforça o discurso de Verena, gerente de comunidades d’*AzMina*. “Eu gostaria que não olhassem para mim diferente por eu ser mulher, mas me olham” (entrevista, 11 de agosto de 2021).

Os espaços de encontros e partilhas feministas encorajam essas mulheres a transformar sentimentos de vergonha e deslocamento em raiva e potência (Frye, 1983; Goodwin & Jasper, 2006). A aproximação com o movimento social tende a ressignificar uma série de medos que as entrevistadas possuem de maneira íntima e individual, os quais, quando compartilhados, tornam-se inquietações coletivas impulsionadoras da ação ativista. Essas dinâmicas mostram a característica “micropolítica” das emoções, através da

²²³ Rayana (entrevista, 28 de julho de 2021), gerente de captação d’*AzMina*, conceitua o feminismo como a compreensão de que mulheres têm direito à autonomia sobre as próprias decisões.

capacidade dos sujeitos que as sentem e/ou expressam de alterar as relações de poder, hierarquia ou *status* (Víctora & Coelho, 2019), desafiando estruturas de dominação.

O depoimento de Bruna, colunista de literatura na revista *AzMina*, exemplifica como se desenrolam os processos de engajamento ativista por meio da ressignificação de sentimentos. A jornalista relata que, por anos, não tinha coragem de se reivindicar escritora. Ao perceber que, enquanto colegas homens não enfrentavam essa hesitação, mulheres próximas viviam o mesmo desconforto que ela, Bruna criou junto com amigas um coletivo de escritoras e poetisas, de modo que umas apoiavam as outras a se reconhecerem nesses papéis sociais. O feminismo, para ela, está atrelado à transformação do medo em engajamento:

Para mim, ser feminista é ser eu mesma. É poder ser eu mesma, sem medo. É querer que todo mundo – não só as mulheres – possa ser, que todo mundo tenha a liberdade de ser você mesma e também ter as mesmas oportunidades. É ter a liberdade de ser quem você é, do jeito que você é – não importa seu gênero, sua orientação sexual, sua raça, sua condição econômica. (...) É ser eu mesma e que cada um possa ser também. (entrevista, 2 de agosto de 2021)

O comprometimento com a ação ativista está associado, para as(os) entrevistadas(os), ao sentimento de liberdade. A libertação acontece não apenas por uma perspectiva emocional, mas também é física e interfere em como o grupo lida com seus corpos e com suas autoimagens. A colunista da revista *AzMina* Leandra, que é uma mulher com deficiência, considera que feminismo é sinônimo de liberdade corporal, é “poder escolher como você quer criar os seus padrões” (entrevista, 2 de agosto de 2021). A busca pela despadronização ocasionada pela imersão no mundo social vai além do privado e atinge o coletivo, por meio de narrativas que defendem pautas interseccionais, decoloniais e com perspectivas de equidade de direitos e valorização de diversidades, em uma tentativa de romper barreiras discriminatórias.

A análise das entrevistas confirma que existe uma ambiguidade nas emoções ativistas, que vêm tanto da ordem da alegria e da esperança, quanto da raiva e da tristeza

profunda (Guevara, 2015), e salienta os sentimentos contraditórios que a ação ativista tende a gerar. Essa antítese da imersão no movimento feminista é resumida pela fala da modista Anna (leitora da *Georgette Sand*): “O feminismo nos faz sentir doentes, ansiosas, estressadas, com pesadelos e assim por diante. E, ao mesmo tempo, nos carrega e nos salva. Acho que o feminismo me dá força” (entrevista, 12 de agosto de 2022)²²⁴. Embora emoções vistas como positivas e negativas se mesquem e se alternem ao longo da experiência de engajamento do grupo, ao se assumirem feministas, as(os) atrizes e atores indicam que ocorre a sobreposição da sensação de liberdade ao sentimento de medo.

A continuidade do engajamento faz a pauta feminista cruzar as rotinas do grupo transversalmente, em uma dinâmica em que elas(es) recorrem a afetos como forças que movem os signos e os corpos (Ahmed, 2004). Assim, a ação engajada ultrapassa a esfera pessoal, na medida em que os indivíduos também procuram estendê-la para familiares e círculos de convívio, introduzindo nesses ambientes o debate feminista, procurando construir alianças com atores e atrizes com ideais convergentes aos seus e refletindo em conjunto sobre práticas e posicionamentos sexistas. Ou seja, além de contestarem a si mesmas(os) quanto a crenças e percepções ideológicas e de reverem suas próprias posições políticas e formas de pensar, as(os) midiativistas também tentam instigar contatos próximos a repensar questões de gênero. Em suma, uma vez inseridas(os) no mundo do midiativismo feminista digital, as atrizes e atores desenvolvem uma sensação de pertencimento com relação a esses espaços, encontrando no convívio com as demais uma rede de apoio emocional e ativista.

A raiva como motivador do engajamento político e feminista

A raiva é considerada uma expressão emocional fundamental no processo de conscientização feminista: é uma emoção que age como força motriz por trás do engajamento e encontra no ativismo um canal para se expressar (Cardoso, 2017; Hercus, 1999; Holmes,

²²⁴ Tradução da autora para: “Il rend malade, anxieuse, stressée, à faire des cauchemars, etc. Et en même temps ça nous porte et ça nous sauve. Je trouve que ça donne une force”.

2004). O motivador inicial e central de atrizes do mundo do midiativismo feminista digital para se lançarem no engajamento feminista é a revolta, os sentimentos de raiva e indignação ao tomarem consciência das iniquidades de gênero. Essas emoções perpassam transversalmente as narrativas das entrevistadas, sendo geralmente o impulsionador de base para que elas passem a produzir ou consumir informação feminista, recorrendo a dispositivos sociotécnicos para envolverem-se em práticas focadas em direitos humanos e, notadamente, das mulheres. O mundo analisado seria, assim, um espaço de canalização da indignação do grupo, em que as emoções de indignação são reorientadas para a ação ativista.

Há, contudo, um período prévio à imersão engajada em que a cólera descrita pelas entrevistadas pode ocasionar inércia. Em um primeiro momento, o sentimento parece gerar um efeito ou paralisador – a partir do qual elas não conseguem reagir frente aos fatores que lhes provocam revolta – ou de uma ação verbal circular e limitada – em que elas demonstram sua irritação repetidamente através de discursos voltados a um grupo restrito de pessoas, normalmente sem conseguir sensibilizá-las para a causa. Esse processo é traduzido pelo depoimento da estudante de Letras Tayná (leitora d'*AzMina*), de 25 anos, em que ela afirma que ser feminista é um engajamento de caráter desalentador:

Quando você se torna consciente de que você é oprimida, é muito deprimente, porque você começa a enxergar isso em todas as situações. Uma coisa é você estar preso sem saber que você está. Mas quando você sabe e não pode fazer muito a respeito, é doído. A mente fica fervendo, procurando maneiras de contornar aquilo, seja no trabalho, seja nos relacionamentos, na maternidade. (entrevista, 21 de julho de 2021)

Só em um segundo momento, passado o período inicial em que as atrizes aprendem a gerir internamente as emoções da ordem da indignação, é que elas se tornam capazes de se vincular a algum modo de engajamento ativo e formal. Embora as entrevistadas salientem que a indignação pode durar anos, até que essas pessoas encontrem meios de ressignificar o sentimento de revolta. Morgane, colaboradora do coletivo *Georgette Sand*, por exemplo, conta que passou dois ou três anos com muita raiva de situações de injustiças de gênero que observava na sociedade e da omissão das pessoas ao seu redor.

Somente após esse intervalo temporal, a midiativista começou a criar estratégias de como transformar toda a raiva que sentia em alguma forma de engajamento feminista. Ela afirma que o que mais lhe dá satisfação no trabalho é justamente conseguir passar da raiva, da indignação, para a ação: “Foi isso que descobri com a *Georgette Sand*, que, sim, estamos com raiva. Há muitos motivos para ficarmos indignadas e com raiva. Mas é preciso superar isso ou usar essa energia para agir” (entrevista, 8 de setembro de 2022)²²⁵. O depoimento de Julie (leitora da *Les Glorieuses*) também ilustra os esforços de reorganização interna das emoções geridas pelas atrizes frente ao engajamento feminista. Ela conta que, após tomar consciência de iniquidades de gênero na sociedade, por muito tempo, sentia uma raiva que ela caracteriza como excessiva e explosiva²²⁶:

Por muito tempo, fiquei revoltada e com raiva. E essa raiva é perfeitamente compreensível e saudável. Mas, em minha vida pessoal, não preciso mais dessa raiva e estou me desligando dela. Por muito tempo, ela foi a desculpa para todos os meus erros, para todas as minhas outras raivas, para pegar tudo e colocar toda a minha raiva na militância. (entrevista, 18 de agosto de 2022)

A cólera, contudo, tende a demorar a passar – quando passa – e nem sempre as entrevistadas conseguem convertê-la em emoções que lhes façam se sentir melhor. Podem ocorrer oscilações periódicas desse sentimento, afetando a rotina das entrevistadas com maior intensidade em alguns momentos de suas vidas. A gerente de operações Rafaela (leitora da *Les Glorieuses*), de 35 anos, por exemplo, elucida (entrevista, 22 de setembro de 2022) que o nascimento de seu filho alavancou sua radicalização enquanto militante feminista, pois ela teve uma depressão pós-parto e se percebeu sem suporte emocional e

²²⁵ Tradução da autora para o trecho : “C'est ça que j'ai découvert avec Georgette Sand, c'est que oui, on est en colère. Il y a plein de raisons d'être indignées et en colère. Mais après, du coup, il faut passer par-dessus ou utiliser cette énergie pour passer à l'action” (Entrevista à autora).

²²⁶ Tradução da autora para o trecho: “Pendant longtemps j'ai été révoltée, j'ai été en colère. Et c'est une colère qui est parfaitement compréhensible et qui est saine. Mais moi, dans mon parcours personnel, j'ai plus besoin de cette colère là et je m'en détache aujourd'hui et pendant très longtemps, ça a un peu été le prétexte de toutes mes erreurs, de toutes mes autres colères, de tout prendre et de mettre toute ma colère dans ce truc-là”.

psicológico do sistema de saúde e do Estado – na época, morava na Inglaterra –, de modo que ficou, segundo ela, bastante revoltada com as estruturas sociopolíticas que a cercam, tornando-se o que ela denomina de “feminista enraivecida”.

Ouvir e se expor a contextos de violências de gênero desperta uma série de emoções nas ativistas (tristeza, raiva, repulsa, sentimentos de impotência), que podem se espalhar em suas vidas privadas e em suas rotinas (Cardoso, 2017; Molinier, 2009; Wharton, 2004). A raiva, então, desponta como um sentimento capaz de mobilizar os indivíduos para a ação ativista e também contribui para que uma parcela do grupo se lance em determinadas carreiras, como a de jornalista. Marguerite (entrevista, 27 de julho de 2022), cofundadora do coletivo *Georgette Sand*, narra que decidiu unir jornalismo e feminismo em sua trajetória profissional porque estava com raiva e esse sentimento, de alguma forma, a impulsionou à ação ativista.

Embora haja uma ressignificação de determinadas categorias emocionais, a cólera, contudo, costuma perdurar ou reaparecer periodicamente no cotidiano dessas mulheres, mesmo quando elas tentam convertê-la em ativismo ou em ações de combate a problemáticas de gênero. A jornalista Chloé, da *Les Glorieuses*, afirma que, durante o período que trabalhou na *newsletter*, seu engajamento feminista intensificou-se e ela passou a sentir mais raiva, devido ao fato de lidar constantemente com pautas ligadas a violências sexistas. Até que deixou de trabalhar na mídia feminista porque se sentia irritada e triste de maneira sistemática com os assuntos que cobria:

Depois de um tempo, pesou moralmente para mim o fato de trabalhar com esses assuntos o tempo todo, porque isso nos deixa irritadas, tristes, de o tempo todo, todas as semanas lidar com questões difíceis, de violência, assédio, estupro. Na verdade, depois de um tempo, é desmoralizante. (entrevista, 5 de agosto de 2022)²²⁷

²²⁷ Tradução da autora para o trecho a seguir: “Au bout d'un moment, moi ça ma ça me pesait sur le moral en fait de tout le temps travailler sur ces sujets-là, parce que justement, comme je te l'ai dit, ça, ça te met en colère, ça te rend triste et de tout le temps, toutes les semaines en fait, aborder des problématiques difficiles, de la violence, du harcèlement, le viol en fait, au bout d'un moment, ça c'est démoralisant” (Chloé em entrevista à autora).

A raiva, então, é uma emoção que transita entre o caráter mobilizador que impulsiona à ação engajada e o atributo de afastar midiativistas e públicos do mundo social. Esse movimento, em uma ou outra direção, não ocorre de maneira ordenada ou constante e está associado a vivências, sentimentos e a períodos sociopolíticos enfrentados pelas atrizes e atores. A forma como os indivíduos vão se apropriar dessa emoção e revertê-la em ativismo ou até na recusa da prática engajada depende de fatores psicológicos, profissionais e socioculturais.

Nota-se, principalmente nos discursos das midiativistas, que a produção e o consumo de informação feminista são seguidos pelos sentimentos de frustração e irritação em decorrência da necessidade de repetição recorrente das mesmas temáticas sob a perspectiva de gênero. As(os) entrevistadas(os) têm a impressão de que comunicam e repassam informações feministas apenas para os mesmos grupos – majoritariamente mulheres e eventualmente homens já feministas e militantes –, sem conseguirem atingir públicos ainda não alinhados à pauta. A repórter do *Lado M* Malu, ao caracterizar como a atuação de midiativista a impacta emocionalmente, reclama, com a voz deixando transparecer desapontamento: “Eu fico muito revoltada de pensar ‘por que eu tenho que escrever sobre isso?’. Era uma coisa que não era nem para existir” (entrevista, 19 de julho de 2021).

Há, entre os contatos com as entrevistadas, narrativas constantes de que elas se sentem frustradas (tristes, irritadas, desapontadas, desanimadas) por verem que conteúdos ou notícias que elas já haviam debatido anteriormente (às vezes há alguns anos ou ao longo de diferentes anos) voltam a ganhar visibilidade de tempos em tempos, uma vez que as violências se repetem, em vez de cessarem. O restrito alcance dos conteúdos e as reincidências de casos e estatísticas de violências de gênero, provocam no grupo o sentimento de “desgosto”, como descreve a gerente de captação da revista *AzMina* Rayana: “Trabalhar com gênero, em geral, é bastante estressante, sabe? É como ficar sempre com raiva de alguma coisa: ‘Não acredito que isso aconteceu de novo e parece que nada vai mudar’” (entrevista, 28 de julho de 2021).

A raiva e a frustração também podem se converter em descrença nas próprias formas de engajamento, como acontece com a arquiteta Magali (leitora da *Georgette Sand*, entrevista, 13 de agosto de 2022), que se sente desapontada por considerar que os atos de rua feministas com os quais se envolveu, de combate ao assédio e a violências contra as mulheres, não conduziram a sociedade a ações concretas em termos de novas leis ou condutas socioculturais para garantir os direitos desse grupo. As emoções de tristeza e desânimo também podem levar a um afastamento ou desencantamento, ainda que temporário, com o ativismo feminista.

A jornalista e leitora da *Think Olga* Alícia (entrevista, 8 de julho de 2021) que participava de pesquisas sobre mídia e gênero na universidade, precisou fazer uma pausa durante a pandemia de Covid, pois, emocionalmente, era muito custoso lidar com os dados com os quais se deparava em termos de violências contra a mulher. Situação semelhante ocorreu com a modista e leitora da *Georgette Sand* Anna (entrevista, 12 de agosto de 2022) que, enquanto militante que participa de ações e intervenções de rua – como performances e colagens de frases feministas nas paredes e monumentos da cidade –, decidiu se afastar da militância presencial porque estava em tratamento psicológico e queria evitar o estresse de se submeter a possíveis agressões e embates.

As emoções da ordem da tristeza, contudo, não desestimulam por completo o desejo e a ação engajada do grupo, que encontra no ativismo feminista espaços de sororidade e de partilhas, em lógicas de identificação e acolhimento que, em outros ambientes, elas não conseguem criar. Ainda que os depoimentos mostrem que a escolha pela participação contínua em ambientes de ativismo feminista deixe traços emocionais de indignação, dor, cansaço e desgosto, o grupo tende a se apropriar da raiva como elemento que dá sustentação à continuidade do engajamento, através de uma domesticação dessa emoção com o objetivo de redirecionar as energias que advêm da cólera para o apoio de objetivos de ação social (Lyman, 2004).

Nesse sentido, reafirma-se que a raiva é uma emoção política indispensável (Lyman, 2004) e potencialmente subversiva (Cardoso, 2017). Ela serve de catalisador inicial da ação

engajada, que, uma vez transformada em mobilização ativista, resulta em euforia, realização e satisfação. De maneira geral, os relatos indicam entrecruzamentos afetivos, reafirmando que as emoções ativistas têm caráter ambíguo (Guevara, 2015), com sentimentos que variam entre raiva e exaustão, mas também entre realização e prazer pela atuação no contexto do ativismo ou militância e pelo desenvolvimento de práticas – pessoais ou profissionais – engajadas.

Independentemente do tom que entrevistadas(os) assumem na reprodução de ideais feministas, o ativismo é alicerçado em um grupo de emoções-base, que giram em torno de afetos essencialmente negativos que, com o tempo e a inserção ativista, através da partilha de experiências com outras mulheres, ganham novas formas e tendem a mutar para emoções relacionadas à alegria e à satisfação de se sentirem acolhidas e de se tornarem membros de uma comunidade, somadas ao entusiasmo pelos resultados do trabalho efetuado pelo grupo.

Os desgastes emocionais provocados pela experiência midiativista

Se, por um lado, atrizes e atores do mundo social analisado procuram alternativas a lógicas convencionais de atuação profissional – seja no jornalismo ou em outras áreas –, em que profissionais são estimulados a trabalhar sem se permitir sentir, acarretando problemas à saúde física e mental do(a) trabalhador(a) (Jeantet, 2021), por outro, a inserção em mídias engajadas, mesmo que permita a exposição de emoções, também traz danos emocionais e materiais – decorrentes do contato com fontes, públicos, *haters* e histórias de violência contra mulheres e grupos minorizados.

A fundadora da *newsletter Les Glorieuses*, Rebecca (entrevista, 22 de setembro de 2022), pensa em parar de escrever e de trabalhar com a temática feminista porque está cansada de viver em “estresse permanente”, expressão que ela emprega para descrever seu estado de saúde emocional no decorrer dos últimos meses. A vontade de desistir que desponta nos discursos de algumas lideranças das equipes está vinculada à percepção que elas têm de que a militância é um fator que pesa excessivamente sobre as suas carreiras. A cofundadora do coletivo *Georgette Sand Marguerite*, que atua voluntariamente como militante

feminista há uma década, conta que o tempo e empenho investidos nesse trabalho desviaram sua atenção de possibilidades profissionais capazes de lhe proporcionar uma vida financeiramente mais estável:

O problema é que o ativismo consumiu meu tempo de trabalho, minha energia, minha carreira. No final, uma parte de minha carreira em que eu poderia ter feito outra coisa, poderia ter colocado minha energia em outro lugar, coloquei grande parte dela no ativismo. O que também é ótimo, porque o ativismo é ótimo. Mas, ao mesmo tempo, consome grande parte de sua vida. (entrevista, 27 de julho de 2022)²²⁸

O cansaço – associado a sentimentos de chateação, desânimo, tristeza, angústia – é um componente intrínseco ao cotidiano profissional das(os) midiativistas entrevistadas(os), enquanto fator que aparece atrelado ao ativismo e às rotinas de trabalho e de atuação política dessas mulheres – e dos dois homens – no mundo do midiativismo feminista digital, mas que se relaciona também com outros espaços em que elas(es) circulam, gerando situações de estresse e angústia para membros das publicações. Nota-se, ainda, que o estresse surge fortemente associado à rotina do jornalismo e da produção de informação, cujo ritmo é acelerado e os imprevistos são uma constante no fluxo dos eventos dessas(es) profissionais (Neveu, 2019). A extenuação transparece até na voz de algumas entrevistadas, especialmente daquelas que assumem posições de chefias no interior das publicações, como Carolina (*AzMina*), Marguerite (*Georgette Sand*) e Rebecca (*Les Glorieuses*), cujos papéis sociais desempenhados frente aos grupos as fazem acumular mais tarefas do que as demais midiativistas.

A colunista da *AzMina* Amanda (entrevista, 27 de agosto de 2021) recorre a memes e referências de linguagem da internet para explicar que a exaustão atravessa a rotina de quem atua com jornalismo engajado: “Eu sou uma militante cansada”, ela afirma, reforçando que

²²⁸ Tradução da autora para o trecho a seguir: “En fait le problème c'est que le militantisme a bouffé mon temps de travail, mon énergie, ma carrière. Finalement une partie de ma carrière où j'aurais pu faire autre chose, j'aurais pu mettre mon énergie autre part, en fait, je l'ai mis beaucoup dans le militantisme, ce qui est génial parce que c'est génial le militantisme et en même temps ça bouffe beaucoup de la vie quoi” (Marguerite em entrevista à autora).

quer comprar um boné com os dizeres “Feminista Exausta”²²⁹. Mas, para uma parcela das atrizes do mundo social, o esgotamento se reverte em quadros de distúrbios físicos e psicológicos. Exemplo disso é a fala da repórter do *Lado M* Malu (19 de julho de 2021), que descreve que sente as consequências de lidar regularmente com pautas relativas a violências de gênero por meio de dores no corpo, nervosismo, estresse e desânimo frequente. As entrevistadas aprendem a gerir esses incômodos e desconfortos porque, de modo geral, consideram que a satisfação provocada pela ação ativista é mais compensatória do que os aspectos nocivos desse engamanto.

A dinâmica do midiativismo e do engajamento político-ideológico gera cansaço e autorreflexões sobre a necessidade ou não desses indivíduos estarem constantemente envolvidos com o tema dos feminismos, através, por exemplo, de posicionamentos e análises sobre atualidades ligadas a gênero nas mídias sociais. Sobre a sua postura de ativista digital e as intervenções que faz no âmbito da internet, a jornalista Amanda (*AzMina*) questiona-se em que medida a militância seria uma prática que ela faz em prol de seus ideais ou pela manutenção do papel social que ocupa em seus círculos de convívio: “É para suprir uma imagem que eu também já criei e que eu preciso manter naquele meio, como a Amanda militante e feminista?” (entrevista, 27 de agosto de 2021).

A reflexão da jornalista remete à noção de “fachada pessoal” (Goffman, 1999), em que atrizes assumem arcabouços expressivos que as caracterizam e devem segui-los ao longo de suas interações cotidianas. Aplicando-se essa ideia ao ambiente digital, os perfis, postagens e posicionamentos nas mídias sociais tornam-se aparatos estruturais na representação pessoal e profissional que as(os) midiativistas fazem de si. Mas também são fonte de estresse e cansaço à medida que demandam atualizações de conteúdos e interações periódicas com outros indivíduos, fazendo entrevistadas(os) acumularem

²²⁹ A menção faz referência ao boné criado e vendido pela loja *The Feminist Tea*, e que se popularizou no âmbito do movimento feminista brasileiro após ser usado por celebridades e personalidades feministas do país, como a atriz Taís Araújo.

atividades extras e, ao mesmo tempo, relevantes para a manutenção de suas imagens frente a públicos e colegas inseridos nas intersecções de mundos pelos quais o grupo circula.

A imersão na prática de midiativismo feminista digital, portanto, traz desdobramentos psicológicos e físicos associados ao desgaste emocional gerado pela ação ativista, em que as atrizes desafiam relações de força e poder em que, com frequência, elas ocupam posições de dominadas. O cansaço também está relacionado a lógicas mercadológicas às quais o grupo precisa se adequar para manter as publicações, em termos de busca por financiamento e de produção de conteúdo. A reafirmação da identidade de ativista é, em momentos de extenuação e/ou desânimo, colocada em questão. O cotidiano desses indivíduos é marcado por regulares ponderações sobre até que ponto as recompensas pessoais e profissionais e a satisfação gerada pelo trabalho compensam o esgotamento que acompanha a atuação engajada.

Gestão de sentimentos relativos à legitimidade profissional de midiativistas

Os indivíduos que se locomovem pelo mundo analisado desafiam a lógica hegemônica da tradição de pensamento dicotômica pautada em razão-emoção, que aponta que o trabalho produtivo se situa ao lado da racionalidade, da ordem e do masculino, enquanto as emoções estariam no polo oposto, junto à esfera privada e doméstica, ao caos e ao feminino (Jeantet, 2021). O grupo abre espaço para que as emoções existam para além de situações de lazer e do âmbito doméstico, permitindo que afetos surjam e se perpetuem nos ambientes de trabalho. Nesse sentido, segundo as(os) entrevistadas(os) que passaram por experiências no mundo do jornalismo tradicional, as emoções no interior dos escritórios e redações das publicações feministas seriam menos tolhidas do que em escritórios de jornalismo hegemônico, dinâmicas que interferem na forma como se estruturam os mundos pelos quais essas pessoas circulam.

O modo como as organizações tradicionalmente lidam com emoções e afetos, associando-as comumente a fatores como desordem, parcialidade, excesso, amadorismo, lentidão e perda de tempo e sugerindo que afetos permaneçam no espaço exterior, fora do

ambiente de trabalho (Jeantet, 2021), não condiz com o que se identificou nos contatos com as midiativistas feministas e com esse mundo social. Em consonância com a busca por construir uma utopia realizável através de um estilo de vida alternativo advindo da contribuição com propostas de mídias engajadas (Andrade & Pereira, 2022), as publicações observadas tendem a incentivar que colaboradoras(es) assumam posições ideológicas – como reivindicar-se abertamente feminista – e encorajam relações de trocas emocionais entre membros das equipes – por meio de processos de terapia em grupo, reuniões em formatos conviviais (como almoços ou *happy hours*) e interações sociais em que se instiga a partilha de sentimentos (encontros semanais da equipe para abordar, sem falar de trabalho, como foi a semana de cada uma).

As mulheres mais jovens, especialmente as com formação em jornalismo, tendem a sentir medo de serem atreladas ao feminismo em suas carreiras profissionais em proporções que comprometam seus anseios de ascensão a meios de jornalismo hegemônico. Elas temem serem vistas essencialmente como militantes, o que, para elas, não lhes conferiria credibilidade suficiente para serem respeitadas em seus ambientes profissionais. Como deixa transparecer o depoimento de Catarina, repórter do *Lado M*:

Quando eu comecei a procurar estágio, eu percebi que a maior parte dos textos que eu tinha no meu portfólio eram mais voltados para o feminismo e para a causa racial, aí eu fiquei com certo receio de não ser chamada para entrevistas em alguns lugares, por conta de estar envolvida com feminismo. Eu sempre contribuí com o *Lado M* e eu também contribuí com outro portal, que se chama *MinasNerds*. Então, eu ficava com receio de isso me tirar da seleção. Eu não sei se aconteceu. (entrevista, 21 de julho de 2021)

O relato da colaboradora da ONG *Think Olga* Marjana sobre as estratégias às quais recorria para se apresentar a vagas de emprego deixa transparecer os esforços de distanciamento do militância que uma parte das entrevistadas evoca com o intuito de conquistarem mais credibilidade em entrevistas e seleções de trabalho. Ela conta que existiam duas versões dela: “a universitária do movimento social e a das entrevistas de

emprego, que tentava se afastar completamente disso (da militância), para ter alguma chance de atuação na área”. A jovem afirma que tinha medo de revelar aos(às) recrutadores(as) seus gostos e interesses profissionais atrelados ao militantismo, porque acreditava que isso poderia causar barreiras na contratação: “Eu tinha muito isso de chegar e ter receio de como falar o que eu sou ou o que eu gosto, porque eu sei que não é isso o que estão procurando” (entrevista, 12 de agosto de 2021).

A percepção da entrevistada de que os perfis profissionais visados pelas empresas não se adequam ao que ela tem a ofertar é embasada em experiências que teve em círculos de trabalho. Sua fala é marcada pelo incômodo que sentia de ter de esconder convicções e posições políticas pessoais nos escritórios em que atuou antes de entrar para a publicação feminista. Nas redes sociais, ela limitava a visualização de suas postagens para determinados grupos, a fim de evitar que chefes e colegas vissem o que ela publicava no Facebook, pois chegou a receber em seu perfil na plataforma comentários públicos de chefias criticando as posições ideológicas que ela sustentava – mais especificamente, suas posturas anti-bolsonarismo. Ao passo que a atuação em ambientes de trabalho de caráter tradicional se associa a emoções que remetem à restrição e coibição, a participação em espaços de mídia alternativa aparece conectada ao sentimento de liberdade e de autonomia, em que as entrevistadas(os) ficam à vontade para expressar o que pensam e sentem sem sofrerem represálias.

Narrativas semelhantes ao longo das conversas com as midiativistas revelam que o grupo está ciente das dinâmicas de ocultação das emoções demandadas tradicionalmente no âmbito do mercado de trabalho convencional. Espaço em que “manifestar suas emoções é globalmente correr o risco de ser desqualificado, de não parecer ‘profissional’, de ser julgado negativamente em suas competências, capacidades e até em sua essência” (Jeantet, 2021, p. 100)²³⁰. As(os) colaboradoras(es) das publicações feministas reconhecem e

²³⁰ Tradução da autora para o trecho : “Manifester ses émotions, c’est globalement courir le risque d’être disqualifié, de ne pas paraître “professionnel”, d’être jugé négativement dans ses compétences, ses capacités et jusque dans son essence”.

valorizam o fato de estarem inseridas no mundo do midiativismo, onde é permitido e até estimulado demonstrar emoções. Mas, as mais jovens e com as carreiras menos consolidadas, parecem se preocupar em, ao não atenderem imposições mercadológicas, acabarem por não conseguir atingir as ascensões profissionais que almejam.

Observa-se, portanto, a contínua gestão de sentimentos relacionada à legitimidade profissional de se reconhecer enquanto indivíduo que atua com produção de conteúdo engajado. É possível identificar que as(os) midiativistas transitam entre o desconforto e a insegurança de não serem vistas com seriedade e profissionalismo pelo fato de trabalharem em publicações feministas e, em paralelo, sentem-se aliviadas(os) e satisfeitas(os) por estarem inseridas(os) em espaços onde podem se posicionar abertamente em termos políticos e ideológicos e por circularem em ambientes em que demonstrar emoções não é visto como uma falha que possa comprometer suas competências.

Os sentimentos entre o medo e a coragem de ser militante

É possível identificar cinco classes centrais de sentimentos das(os) entrevistadas(os) que resultam da exposição a violências contra suas formas de engajamento feminista ou que aparecem como reações do grupo frente a essas violências: medo, cansaço, indisposição, irritação e, em oposição aos demais, coragem. Diante do medo, as ativistas tendem a recuar ou acobertar suas posições ativistas. Tanto no ambiente digital – conforme exemplificam a estudante de Letras Tayná (leitora de *AzMiña*, entrevista, 21 de julho de 2021) e a médica Angela (leitora de *Georgette Sand*, entrevista, 23 de agosto de 2022) ao pontuarem que mantêm todas as suas contas em redes sociais privadas para correrem menos riscos de ataques –, quanto no presencial.

Estruturas do Estado e conjunturas macropolíticas são outros elementos capazes de intensificar a sensação de medo de se engajar no militantismo por parte de um grupo de entrevistadas – notadamente as francesas Angela (leitora de *Georgette Sand*) e Inès (leitora de *Les Glorieuses*) e a brasileira Fany (leitora de *Lado M*). As três apontam o receio que têm de participar de atos e manifestações de rua feministas devido a potenciais represálias

políticas e policiais. No contexto francês, a médica Angela, de 50 anos, que mora em Tours – uma cidade média e universitária, com cerca de 140 mil habitantes –, não deixa de frequentar esses espaços, mas ela tem medo de fazê-lo, especialmente, porque leva as três filhas, que ainda são crianças, junto.

As outras duas entrevistadas citadas, entretanto, sentem-se menos à vontade para se engajar na militância de rua. Inès, que é artista plástica, tem 26 anos e mora na periferia de Lyon, tem medo de ser submetida à violência policial e, em paralelo, tem receio de se deparar com agressões advindas de grupos fascistas. Por isso ela opta por não ir a manifestações e atos de rua, com o intuito de se preservar fisicamente e porque não tem, no seu entorno, pessoas engajadas na militância que possam a acompanhar.

O mesmo é feito pela publicitária Fany, de 42 anos, moradora de São Paulo capital. Ela nunca foi a uma manifestação de rua porque teme confrontos com a polícia. O ativismo da leitora foi também afetado diretamente pela conjuntura política do Brasil ao longo dos últimos anos, uma vez que, em 2018, assustada com o cenário de repressão e autoritarismo imposto a movimentos sociais pelo então governo de Bolsonaro, a entrevistada deletou todos os perfis que tinha em mídias sociais a fim de não ser identificada e perseguida por ser militante feminista.

Além de temores, as violências que enfrentam enquanto ativistas feministas geram emoções da ordem do desânimo nesse conjunto de entrevistadas, fazendo com que elas se sintam cansadas e até indispostas a dar continuidade ao ativismo em decorrência do contato com discursos de ódio. A irritação, em diferentes níveis, é outra emoção que aparece nas narrativas das pessoas que são vítimas desse tipo de ataques. Elas buscam, contudo, reorientar as emoções para a prática engajada, como demonstra a declaração da leitora d’AzMina e professora de química Cristine: “A partir do momento em que eu me entendi enquanto feminista, eu sabia que muita gente ia ‘torcer o nariz’, mas eu nunca me senti acuada por isso. Eu sei que o problema não é eu ser feminista, mas o mundo ser machista” (entrevista, 7 de julho de 2021). Os sentimentos associados ao medo, portanto, tendem a ser

transformados em novas emoções que dão suporte a ações de engajamento e resistência e possibilitam a continuidade das práticas ativistas do grupo.

Entre trajetórias e ação engajada, as emoções

Partindo-se da ideia de que não se pode purificar o espaço político da circulação de afetos (Safatle, 2016), e na tentativa de analisar o papel das emoções na ação coletiva desenvolvida por atrizes e atores do mundo do midiativismo feminista digital, apresento as expressões afetivas que aparecem com maior frequência nos depoimentos de entrevistadas(os). Tomando como base um conjunto de 13 emoções – apresentadas em uma ordem que elenca, primeiro, as emoções que provocam sentimentos considerados negativos e, na sequência, as que trazem sentimentos tidos como positivos – proponho categorizações que indicam como os aspectos emocionais conduzem ao engajamento feminista ou distanciam as(os) entrevistadas(os) desse. A figura abaixo sintetiza situações em que expressões emocionais são mobilizadas/experenciadas sob a perspectiva de gênero e como afetos explicam o vínculo com o mundo analisado.

Figura 8

Tipo de emoção, origem e implicação dessa nas formas de engajamento com o mundo social

Emoção	Origem	Implicação
Raiva	Emoção reflexa, enquanto forma de reação a uma ou mais adversidades, experienciada no confronto direto com as situações de machismo, misoginia e violência de gênero.	Serve fundamentalmente como motor – ou emotricidade (<i>emotricité</i>) ²³¹ – para explicar o vínculo e a permanência no mundo através da capacidade dos indivíduos de convertê-la em instrumento de ação social. Mas também pode causar estresse e afastar as pessoas do ativismo.
Indignação	Emoção moral, no sentido de que conecta as pessoas a estruturas sociais e à cultura por meio da autoconsciência (Ariza, 2016),	Ajuda a criar ações engajadas, conferindo latência às formas de ativismo (Grosso & Sousa, 2022) e também sendo utilizada para traçar estratégias de resposta a violências de

²³¹ Em uma fusão de emoção com motricidade (Le Cam & Ruellan, 2017).

	que está associada ao sentimento de injustiça provocado pela raiva (Espinosa, 2009).	gênero e a ataques sofridos por entrevistadas(os) em decorrência de alinhamentos com os feminismos.
Exaustão	Pulsão ou impulso diante de condições de trabalho e/ou de ativismo e frente aos limites da ação engajada com relação às atividades cotidianas.	Tende a levar a um movimento de dispersão no mundo e, eventualmente, à saída de atrizes ou atores desse. Mas também leva à criação de espaços de colaboração e acolhimento, como reuniões para amenizar os sentimentos de sobrecarga e cansaço, e reorganização de atividades para distribuição equânime de tarefas.
Medo	Emoção reflexa que surge durante o envolvimento com os feminismos e/ou outras formas de ativismo e se consolida frente a ameaças e repressões.	Emoção ambígua que, quando sentida no âmbito da ação engajada (protestos, manifestações ou perseguições a ativistas feministas) costuma afastar as pessoas do mundo social ou de pautas que geram mais polêmica – como aborto. Mas, quando sentida em outros contextos sociais (trabalho, rua, casa), tem o potencial de aproximar indivíduos do midiativismo feminista.
Frustração	Emoção reflexa que aparece com o tempo e frente à estagnação ou aos retrocessos sociopolíticos diante das pautas de equidade de gênero e ampliação de direitos das mulheres demandadas pelo grupo.	Provoca desânimo com relação ao engajamento e pode levar as pessoas a se desvincularem do mundo social. Também tende a se transformar em melancolia (Oliveira, 2015), uma vez que as pessoas sentem que há uma contradição entre os esforços que dedicam à prática ativista e os retornos socioculturais e político-legislativos conferidos à luta feminista.
Vergonha	Emoção moral desencadeada em entrevistadas(os) por serem mulheres ou então pessoas feminilizadas que não seguem ou não querem seguir padrões de gênero socialmente impostos.	É uma emoção que geralmente é ressignificada a partir do contato com a prática engajada feminista e transforma-se em impulsionador do ativismo, sob a justificativa de que é relevante garantir que outros indivíduos não sejam submetidos ao desconforto da vergonha de si.
Liberdade	É um estado de ânimo, enquanto sentimento que perdura em dado contexto (Groppa & Sousa, 2022), experienciado na descoberta dos feminismos, no momento em que	Reafirma o desejo de engajamento feminista de entrevistadas(os) e faz o grupo querer mostrar para outras pessoas como a descoberta e a consciência de pautas de classe, de gênero, de raça e de orientação sexual podem ser

	atrizes e atores constroem as categorias sociais, mas também – e como consequência – a liberdade de sentir e de experimentar emoções.	libertadoras e esclarecedoras dos contextos sociais e econômicos em que elas(es) vivem. É uma emoção que tem a característica de acentuar e ampliar a ação coletiva, ocasionando a mobilização pela integração de novos membros.
Alegria	Emoção reflexa atrelada à identificação que indivíduos encontram no mundo social com os demais membros e com as pautas debatidas nesse espaço. Associa-se ao pertencimento e ao acolhimento sentidos pelo grupo através da ação coletiva.	Aumenta o desejo e o empenho de engajamento de entrevistadas(os), que passam a sentir que há resultados possíveis que se originam a partir da prática ativista, tanto em termos emocionais, através do sentimento de identificação com o grupo e a causa, quanto no âmbito político e social, por meio da percepção de que o movimento ou a publicação atinge conquistas.
Euforia	Pulsão que surge quando se constatada a efetividade da ação engajada e a construção de uma coletividade.	Intensifica o engajamento e o comprometimento com a ação ativista ao causar a percepção de que os esforços e os desgastes estão sendo recompensados na forma de reconhecimento e visibilidade para o mundo social.
Prazer	Estado de ânimo que atrizes e atores encontram por meio da imersão no mundo social, ligada à execução da prática ativista em si e especialmente ao contato com outras pessoas cujos ideais são compatíveis aos seus.	É uma emoção que fomenta a continuidade da ação feminista e até a vontade de ampliar a atuação engajada. Pois o prazer encontrado no mundo social, com frequência, não é encontrado em outros espaços de imersão profissional ou mesmo pessoal por onde as(os) entrevistadas(os) circulam, o que acentua o interesse dessas(es) por permanecer no mundo social analisado.
Orgulho	Emoção moral originada devido aos resultados da ação engajada do grupo e do reconhecimento público e social desses.	Deixa as atrizes e atores mais à vontade para circularem por outros mundos sociais e apontarem de maneira aberta as ligações que possuem com o midiativismo feminista.
Solidariedade	Emoção reflexa para com demais integrantes do mundo social, sejam midiativistas ou públicos. Emerge da constituição de vínculos e da empatia que os indivíduos desenvolvem entre si.	Acarreta um papel importante no nível e no desejo de comprometimento com o mundo (Travancas, 2011), ao contribuir para a construção de uma zona de intensificação afetiva (Groppo & Sousa, 2022), onde atrizes e atores podem encontrar conforto e amparo.

Esperança	Constitui-se como um estado de ânimo encorajado pela constância participativa no mundo social. A permanência e as trocas afetivas que ocorrem nesse espaço motivam as pessoas a sentirem que podem ocorrer melhorias em termos de direitos e condições de vida de mulheres.	É o principal mecanismo de emotricidade (<i>emotricité</i>) do mundo social, para onde são canalizadas as emoções morais e emoções reflexas. É a esperança de mudança e de resultados a partir da ação engajada que mobilizam as atrizes e atores a entrarem e a permanecerem nos espaços de midiativismo feminista digital.
-----------	---	--

Baseado nas pesquisas de Jasper (2006, 2011, 2016),
Sallas & Meucci (2021) e Groppo & Sousa (2022)

Com base na noção de que os afetos nos orientam frente ao mundo (Goodwin & Jasper, 2006), nota-se que o modo como atrizes e atores do mundo social analisado gerem suas emoções diante de experiências em que identificam traços de sexismo e de dominação masculina é o que os impulsiona a se engajar em espaços e/ou ações de ativismo feminista. O engajamento se origina a partir do encontro de um contexto passional e da disposição afetiva atuando em prol de uma organização que mobiliza emoções (Sommier, 2015).

A dinâmica de adentrar espaços compostos por pessoas dispostas a recebê-los e que compactuam e até contribuam para ampliar percepções feministas que esses indivíduos já tinham previamente, resulta em experiências afetivas que mobilizam sentimentos da ordem da empatia e da aceitação, provocados pelas afinidades discursivas com as quais atrizes e atores se deparam no âmbito da prática engajada. Somado a isso, o contato com os feminismos desencadeia nas(os) entrevistadas(as) a percepção de não solidão, de partilhar opiniões e visões políticas e ideológicas com outras pessoas, e de pertencimento a uma coletividade que os ampara.

Assim, a inserção em uma estrutura ativista oferece aos indivíduos a possibilidade de gerenciar a raiva, emoção que vivenciam frente a iniquidades de gênero, a partir da coletivização e da politização desse sentimento (Cardoso, 2017). Em paralelo, a criação de laços, através da interação digital ou presencial com outras mulheres e pessoas feminilizadas

ativistas e feministas, mostra-se um fator capaz de aplacar o isolamento social que essas atrizes e atores podem sentir ao perceberem, individualmente, as afinidades que possuem com a causa do feminismo.

Em suma, as entrevistas mostram que as trajetórias dos indivíduos acarretam emoções de diferentes ordens (raiva, indignação, exaustão, medo, frustração, vergonha, tristeza, liberdade, alegria, euforia, prazer, orgulho, solidariedade, esperança, pertencimento, empatia) que encorajam o grupo a se lançar em práticas feministas engajadas e de ativismo digital. Analisando-se as expressões afetivas das(os) entrevistadas(os) como um pilar do engajamento, considera-se que as emoções tendem a ser invocadas de duas maneiras, não mutuamente exclusivas: por um lado, como um fator explicativo para agir, com o foco estando nas oportunidades políticas ou nos motivos individuais para o comprometimento; por outro lado, como um meio de manter o comprometimento ativando um sentimento de apoio e entusiasmo, fortalecendo as identidades e a solidariedade do grupo e em decorrência dos efeitos de socialização (Broqua & Fillieule, 2009).

Ao se observar as ordens de emoções descritas pelas(o) entrevistadas(o), é possível enfatizar que os sentimentos atrelados ao engajamento feminista do grupo se originam de percepções de medo, insegurança, incapacidade²³² e desvalorização extraídas da interação social. Ocorre, contudo, um trabalho emocional de resignificação afetiva, processo pelo qual o indivíduo tenta mudar o nível ou a qualidade de uma emoção ou sentimento (Hochschild, 2003) para alinhar a forma como a emoção é expressa às expectativas do que se espera que seja sentido ou demonstrado. (Cardoso, 2017). De modo que os elementos geradores de sofrimento para atrizes e atores do mundo social passam a instigá-las(o) a se engajar no ativismo, espaço de reconfiguração perceptiva em que elas(e) buscam reverter suas compreensões ligadas à experiência social de gênero em emoções de esperança,

²³² Conforme ilustra a narrativa de Keyla (leitora *AzMina*, entrevista, 11 de julho de 2021): “Desde que eu comecei a estudar, eu percebi que a mulher é sempre encarada como uma pessoa que tem menos valor, tanto profissional, em comparação com o homem, quanto para a sociedade. Eu me considero feminista para mudar todos esses paradigmas, para me colocar como uma pessoa capaz, como uma pessoa capaz de transformar o seu mundo profissional e qualquer outro”.

valorização, reconhecimento, empatia, união. Reconhecer-se como parte do movimento feminista é um processo de imersão coletiva de aspiração por mudanças socioculturais.

O pertencimento ao mundo é fundamentalmente marcado por categorias emocionais da ordem da esperança e da solidariedade, tanto no momento de adesão ao midiativismo feminista, como ao longo da vivência da ação engajada como uma experiência que atravessa a prática de todas(os). Os afetos e a percepção de fazer parte de um coletivo que lhes oferece compreensão, empatia e solidariedade é o que move as midiativistas e audiências a permanecerem nesse espaço. Em uma sociedade machista, que discrimina e comete atos de violência contra esses grupos e que, no caso das entrevistadas(os) que atuam com a produção de conteúdos feministas, ainda as desqualifica enquanto jornalistas ou profissionais, os afetos são elementos fundamentais para explicar o pertencimento ao mundo.

Os custos do investimento em uma causa e da participação em determinada atividade são menores se o engajamento implicar o contato com pessoas que gostamos (Goodwin & Jasper, 2006), como ocorre com as atrizes que criam laços e conexões com outras ativistas nos círculos de militância e/ou de produção de conteúdos feministas. As expressões emocionais, contudo, não são constantes, o que faz com que haja uma fluidez nos processos de mobilização, identificada tanto no tempo quanto no espaço (Guevara, 2015). Na realidade, a análise das entrevistas mostra que a mesma emoção pode ter diferentes papéis nas formas de engajamento dos indivíduos – como ocorre com a raiva e com o medo – e pode servir para aproximar ou afastar as atrizes e atores da prática ativista.

A constituição das categorias emocionais do grupo, desse modo, seguiria uma dinâmica volátil que depende de fatores associados às vidas pessoais de cada um(a), mas também a componentes políticos, sociais, territoriais e econômicos que os circundam. Estar nesse mundo social suscita, portanto, emoções contraditórias, mas as da ordem da alegria e da euforia e os sentimentos de solidariedade e esperança associados à identificação tendem a se sobressair, de modo a instigar os indivíduos a permanecerem dedicados a práticas ativistas e a contribuir com o engajamento feminista.

Especialmente porque os espaços de midiativismo feminista provocam expressões afetivas inversas às que entrevistadas(os) relatam encontrar em ambientes tradicionais profissionais, socioculturais, domésticos e religiosos – onde elas(es) experienciam tédio, falta de comunicação, solidão e ausência de desenvolvimento coletivo (Jeantet , 2021). O potencial de coletivização emocional e da ampliação do sentimento de partilha e de pertencimento encontrado no engajamento ativista faz atrizes e atores desejarem dar prosseguimento ao mundo social. A fim de possibilitar uma análise que extrapola a mera polarização entre razão e emoção, buscando contribuir para uma apropriação politizada das emoções e para o entendimento da ação coletiva capaz de ir além de processos estritamente relacionais (Tosold, 2012), recorro à sociologia das emoções como um dos pilares que ajuda a observar os processos de formação e de manutenção do midiativismo feminista digital.

Capítulo sete

A formação do mundo social do midiativismo feminista digital

Este capítulo explica como o mundo do midiativismo feminista digital é constituído. O intuito, portanto, é entender, com o apoio das trajetórias das(os) integrantes das publicações estudadas, como as mídias engajadas se estruturam no Brasil e na França, em uma análise multissítio do fenômeno do midiativismo atrelado ao debate de gênero baseada em dois países de relevo no cenário geopolítico internacional, respectivamente, do Sul e do Norte global. A partir dos históricos profissionais das midiativistas entrevistadas, são traçadas as formas de inserção dos indivíduos na prática, considerando-se categorias de envolvimento em termos de proximidade, conhecimento e grau de engajamento com o funcionamento do espaço (Unruh, 1980). São apresentadas as estratégias de organização das publicações e as convenções partilhadas pelas(os) integrantes do mundo, a fim de se analisar como o espaço se estabelece.

Nível de envolvimento de atrizes e atores com o mundo social

Para compreender a inserção das midiativistas feministas no mundo social, retomo as quatro categorias de envolvimento de atrizes e atores nesses espaços proposta por Unruh (1980). A primeira é a classificação denominada de estranhos, que inclui atrizes e atores que não pertencem ao mundo em questão, mas que devem ser levados em consideração pelos seus habitantes. São indivíduos que ficam à margem, na periferia do mundo central. No caso do midiativismo feminista, escritoras(es), artistas, políticas(os) e personalidades de renome que militam pela causa feminista ou contra essa estariam abrangidas(os) por tal classificação, por serem externas a esse mundo, mas servirem de pontos de referência para aquelas(es) envolvidas(os) no ofício de escrever ou criar imagens para a divulgação de informações feministas.

Já a categoria de turistas (Unruh, 1980) refere-se a espectadores(as), indivíduos não envolvidos com o funcionamento do mundo, mas ligados a esse em decorrência de sua

presença ocasional. São um tipo genérico de participantes e estão ali por curiosidade e com pouco, ou nenhum, compromisso de longa data. No caso do grupo estudado, Mathilde (*Georgette Sand*), historiadora e professora universitária, encaixa-se nesse perfil, uma vez que é colaboradora indireta do projeto feminista. Ou seja, ela permite que mídias engajadas pela causa reproduzam os conteúdos que ela escreve (textos, pesquisas acadêmicas e produções sobre militância feminista), mas ela própria não redige informações de maneira direta para a *Georgette Sand* ou para outros coletivos.

Enquanto o terceiro agrupamento, o de regulares, trata de participantes habituais do mundo social devidamente integradas(os) às atividades contínuas desse (Unruh, 1980). Ao contrário do que ocorre com estranhos e de turistas, regulares têm um grau significativo de comprometimento com seu mundo. No midiativismo feminista, trata-se do conjunto de atrizes e atores regularmente empregadas(os) – ou seja, remunerados para prestarem o serviço – e atreladas(os) aos processos de produção informativa, como repórteres, videastas, *podcasters* e membros da equipe de apoio – assistentes administrativas, gerentes de captação, relações públicas e gerentes de conteúdo de marca. Esse grupo é composto por 14 pessoas: Agustina (*Les Glorieuses*), Anthony (*Madmoizelle*), Bárbara (*Think Olga*), Chloé (*Les Glorieuses*), Emilie (*Madmoizelle*), Marjana (*Think Olga*), Mathis (*Madmoizelle*), Megan (*Les Glorieuses*), Nana (*Think Olga*), Océane (*Madmoizelle*), Paula (*Think Olga*), Rayana (*AzMina*), Sophie (*Madmoizelle*) e Verena (*AzMina*).

Vale ressaltar que as análises desta tese possibilitam observar, no contexto do midiativismo feminista, uma categoria intermediária que flutua entre as classificações de turistas e de regulares, na qual se enquadram as colaboradoras que desenvolvem atividades enquanto colunistas ou mesmo as repórteres voluntárias. Elas mantêm uma presença ocasional com o mundo, já que não há demandas específicas de prazos e de entregas de conteúdos ou existe flexibilidade nesse quesito. Ao mesmo tempo, são participantes habituais devidamente integradas às atividades contínuas do espaço.

Embora sejam pessoas engajadas com a militância feminista, elas têm de ajustar suas rotinas para realizar trabalhos convencionais e remunerados em turnos opostos ao do

trabalho voluntário. Essa conciliação de atividades remete, mais uma vez, ao que, no mundo das artes, Becker (1982) denominou de “trabalho diurno” – em contraposição ao trabalho que seria executado em horários alternativos, após o expediente. Na categoria de turistas- regulares estão as entrevistadas: Amanda (*AzMina*), Blanche (*Georgette Sand*), Bruna (*AzMina*), Catarina (*Lado M*), Cris (*AzMina*), Fayrouz (*Georgette Sand*), Flay (*AzMina*), Gabriella (*Lado M*), Leandra (*AzMina*), Luisa (*AzMina*), Malu (*Lado M*), Morgane (*Georgette Sand*), Nana (*Lado M*) e Vanessa (*Lado M*).

Por fim, ainda dentro das categorias propostas por Unruh (1980), há a de *insiders*, que são pessoas atreladas a uma organização ou grupo, geralmente com domínio de informações não acessíveis aos demais. Esses indivíduos têm um alto nível de envolvimento no mundo social, de modo que detêm um conhecimento íntimo das atividades do espaço e possuem autonomia para controlar ou determinar a estrutura ou o caráter desse. São atrizes e atores que se concentram na criação e manutenção de atividades para outras(os) participantes do grupo e no recrutamento de novos membros.

No midiativismo feminista, as criadoras e diretoras dos projetos são *insiders*, uma vez que possuem domínio de informações restritas e não acessíveis às demais participantes das equipes – como históricos financeiros da iniciativa –, além de conhecerem profundamente os mecanismos de funcionamento do grupo e de determinarem quem vai adentrar ou não as publicações e quem vai permanecer nessas. Elas também definem quem terá mais ou menos acesso a ambientes de interação das equipes, como grupos de WhatsApp.

Entre as midiativistas entrevistadas, observou-se que há duas subcategorias de *insiders*, que abrangem um total de cinco atrizes (três brasileiras e duas francesas). Há a subcategoria de *insiders* remuneradas, composta por Carolina (criadora e diretora institucional da revista *AzMina*), Marília (diretora operacional e de tecnologia d’*AzMina*) e Rebecca (fundadora e diretora-geral da *newsletter Les Glorieuses*). E a de *insiders* não remuneradas, que conta com Marguerite (presidenta do projeto *Ni vues ni connues* do coletivo *Georgette Sand*) e Mariana (criadora e editora do site *Lado M*).

A partir dessas análises e categorizações, nota-se, portanto, que, ao contrário do que é dito frequentemente sobre o ativismo feminista contemporâneo (Blandin, 2017; Hollanda, 2019), as publicações midiativistas feministas não são realmente horizontais. Essas estruturas reproduzem as formas organização observadas por Ferron (2016) no contexto das mídias alternativas francófonas, em que ocorrem relações baseadas em uma distribuição desigual de capitais econômico, político e jornalístico, de modo a permitir que uma parcela de pessoas ocupe posições dominantes frente às demais. Há mulheres que são nomeadas líderes ou coordenadoras do grupo e têm mais poder dentro dele, enquanto outras têm pouco espaço ou voz. Há – como se debaterá na seção de interações – mídias que criam grupos de comunicação nos quais apenas um número restrito de membros da equipe estão incluídos. Além de colaboradoras(es) que se sentem menos ouvidas e levadas em consideração do que outras. Esses relatos retirados das entrevistas e também constatados a partir da experiência etnográfica presencial, deixam transparecer estruturas e relações de poder que despontam no interior do grupo.

Ao longo do capítulo, procuro explicar como essa distribuição de papéis sociais e as formas distintas de engajamentos contribuem para a formação do mundo analisado, apontando o que é necessário ter – em termos de domínio de convenções e/ou de capital simbólico/cultural – para fazer parte dos círculos mais estritos de regulares ou *insiders*. Além disso, assumindo-se que o caráter de heterogeneidade dá sustentação ao midiativismo feminista, analiso a extensão desse espaço e a sua conexão com outros mundos, avaliando de que maneiras as pessoas que estão nas bordas – historiadoras, artistas, escritoras –, aportam convenções que ajudam a moldar a prática estudada.

A inserção e as modalidades de participação de midiativistas no mundo social

As colaboradoras diretas das publicações de midiativismo feminista entrevistadas para esta tese se inseriram no mundo social a partir da última década. A mais antiga participante entrou em 2013 para o coletivo feminista no qual ainda atuava à época da entrevista – foi Marguerite, jornalista do *Georgette Sand*. Nota-se uma concentração maior

de indivíduos inserindo-se no mundo social no ano de 2021, quando sete midiativistas entrevistadas(os) foram contratadas(os) para atuar em mídias feministas, sendo cinco pessoas francófonas e duas brasileiras: Anthony (*Madmoizelle*), Emilie (*Madmoizelle*), Mathis (*Madmoizelle*), Megan (*Les Glorieuses*), Rayana (*AzMina*), Sophie (*Madmoizelle*) e Verena (*AzMina*). O ano de 2020 também viveu um pico de expansão desses projetos, com cinco colaboradoras adentrando o mundo: Agustina (*Les Glorieuses*), Cris (*AzMina*), Chloé (*Les Glorieuses*), Marília (*AzMina*) e Marjana (*Think Olga*). As demais épocas mostram variações de duas a quatro novas colaboradoras por ano²³³.

Dentre as 33 midiativistas entrevistadas, 25 ainda compunham as equipes das publicações feministas na ocasião em que concederam entrevistas para esta pesquisa. As oito atrizes que se retiraram das publicações, seguem associadas ou ao mundo da militância política – como é o caso de Bárbara (*Think Olga*), que virou mestra cervejeira e participa de ações orientadas para a fabricação de cerveja por mulheres –, do jornalismo hegemônico – como Catarina (*Lado M*), que se tornou repórter no jornal *Folha de S.Paulo* – ou mesmo do midiativismo feminista – como ocorreu com Chloé (*Les Glorieuses*), que migrou para outra publicação feminista (a *Simone Media*), Gabriela (*Lado M*), que é repórter do canal de conteúdo *Papo de Homem*, focado em ações pró-equidade de gênero, Nana (*Lado M* e *Think Olga*), que atua em mídias e instituições realizando pesquisas e conteúdos sobre gênero e sexualidade, e Vanessa (*Lado M*), que criou sua própria publicação de informação feminista voltada para produções audiovisuais (a *newsletter Era Uma Vez na América Latina*).

As intersecções com outros mundos permitem que pessoas de fora do mundo do jornalismo participem do midiativismo feminista, como ocorre com um terço das colaboradoras entrevistadas. As seguintes atrizes advêm de outras áreas: Blanche

²³³ Em 2014, foram três: Fayrouz (*Georgette Sand*), Gabriella (*Lado M*) e Mariana (*Lado M*). Em 2015, quatro: Catarina (*Lado M*), Carolina (*AzMina*), Nana (*Lado M* e *Think Olga*) e Rebecca (*Les Glorieuses*). Em 2016, duas: Bruna (*AzMina*) e Vanessa (*Lado M*). Em 2017, três: Bárbara (*Think Olga*), Luisa (*AzMina*) e Morgane (*Georgette Sand*). Em 2018, quatro: Amanda (*AzMina*), Flay (*AzMina*), Océane (*Madmoizelle*) e Paula (*Think Olga*). Em 2019, três: Blanche (*Georgette Sand*), Leandra (*AzMina*) e Mathilde (*Georgette Sand*). Houve uma midiativista que não indicou o ano de entrada na mídia feminista: Malu (*Lado M*). Nenhuma das pessoas entrevistadas relatou ter acessado o mundo social a partir de 2022.

(*Georgette Sand*), Bárbara (*Think Olga*), Fayrouz (*Georgette Sand*), Luisa (*AzMina*), Marjana (*Think Olga*), Mathilde (*Georgette Sand*), Morgane (*Georgette Sand*), Paula (*Think Olga*), Rayana (*AzMina*), Rebecca (*Les Glorieuses*) e Sophie (*Madmoizelle*). A maior parte desse grupo se investe em atividades de apoio, mas, como as equipes são pequenas, mais da metade delas são também alocadas em processos de escrita e edição e, portanto, são introduzidas a convenções jornalísticas²³⁴.

São as relações financeiras que tendem a determinar as formas de participação e de engajamento das(os) colaboradoras(es) nas publicações. Metade das midiativistas entrevistadas exercem a atividade de maneira remunerada – Agustina (*Les Glorieuses*), Anthony (*Madmoizelle*), Bárbara (*Think Olga*), Carolina (*AzMina*), Chloé (*Les Glorieuses*), Emilie (*Madmoizelle*), Marília (*AzMina*), Marjana (*Think Olga*), Mathis (*Madmoizelle*), Megan (*Les Glorieuses*), Nana (*Think Olga*), Océane (*Madmoizelle*), Paula (*Think Olga*), Rayana (*AzMina*), Rebecca (*Les Glorieuses*), Sophie (*Madmoizelle*) e Verena (*AzMina*). O que faz delas regulares ou *insiders* (remuneradas) no mundo social.

Já a outra metade se insere nas publicações para efetuar trabalho voluntário – Amanda (*AzMina*), Blanche (*Georgette Sand*), Bruna (*AzMina*), Catarina (*Lado M*), Cris (*AzMina*), Fayrouz (*Georgette Sand*), Flay (*AzMina*), Gabriella (*Lado M*), Leandra (*AzMina*), Luisa (*AzMina*), Malu (*Lado M*), Marguerite (*Georgette Sand*), Mariana (*Lado M*), Mathilde (*Georgette Sand*), Morgane (*Georgette Sand*), Nana (*Lado M*) e Vanessa (*Lado M*). De modo que elas desenvolvem tarefas de turistas, turistas-regulares, regulares ou *insiders* (não remuneradas).

O voluntariado está concentrado nas publicações que não contam com financiamentos regulares ou diretos, que são o portal *Lado M* e o coletivo *Georgette Sand*, os

²³⁴ Chama atenção o caso de Rebecca (*Les Glorieuses*), que, embora seja cientista política, criou a *newsletter* feminista e, ainda hoje, conduz entrevistas e escreve textos para o informativo, ainda que, na estrutura de organização interna da equipe, as atividades jornalísticas de investigação e apuração estejam centradas na figura de Megan, que é formada na área. Sophie (*Madmoizelle*) também é um exemplo de alguém que, embora não seja jornalista, precisa dominar as técnicas da profissão para executar seu trabalho, já que, enquanto responsável pelo conteúdo de marca, ela redige textos publicitários apoiada em preceitos do jornalismo para divulgar anúncios no site da mídia.

quais não têm como objetivo monetizar os projetos. Todas as colaboradoras dessas iniciativas são voluntárias. As demais entrevistadas que contribuem de maneira não-remunerada com uma mídia feminista são as colunistas d'*AzMina* – que constituem os membros flutuantes do canal. As relações profissionais desse grupo com a revista são baseadas na concessão de espaço no site em troca da criação de conteúdos – geralmente não regulares e sem demandas de prazos –, o que, embora não implique em benefícios financeiros, gera prestígio e visibilidade para ambas as partes. A equipe fixa d'*AzMina*, assim como as das outras três mídias (*Les Glorieuses*, *Madmoizelle* e *Think Olga*) só são contratadas sob remuneração.

As formas de participação das(os) midiativistas nas publicações remetem a novos arranjos organizativos de trabalho e de sustentação financeira, em que se constituem empresas, associações, conjunções de microempreendedores individuais e outros formatos que possibilitam a produção noticiosa. Mais do que uma forma jurídica de relação de trabalho, esses arranjos tornam-se espaços alternativos de sobrevivência da atividade jornalística e convergem para a busca de formas criativas de executar a produção informativa, embora recorrentemente essas organizações não ofereçam trabalho remunerado (Figaro & Marques, 2020).

Ocorre uma flexibilização nos formatos de inserção e permanência profissional em mídias engajadas acarretados por configurações do capitalismo contemporâneo, atrelado à ampliação do uso da internet, com laços empregatícios frouxos, contratações *freelancers*, sem carteira assinada ou com contratos de duração determinada, ao mesmo tempo em que há a possibilidade de trabalhar de maneira remota ou híbrida e conciliar mais de uma atividade remunerada. Por um lado, a precarização da carreira de jornalista acentua a fragilidade financeira das(os) entrevistadas(os), por outro, o ativismo digital e os dispositivos sociotécnicos ampliam as possibilidades de conquista de visibilidade e reconhecimento profissional para atrizes e atores do mundo pesquisado.

Existem 11 pessoas que relatam não ter a necessidade de conciliar empregos simultaneamente à atuação na publicação feminista, uma vez que são contratadas como

membros em tempo integral das mídias engajadas. Esse grupo está distribuído em duas publicações brasileiras e uma francesa: a revista *AzMina* (Carolina, Marília e Verena), com exceção de Rayana, que acumula a função de bolsista da ONG *Youth Climate Leaders*, voltada a soluções para crises climáticas; a revista *Madmoizelle* (Emilie, Mathis, Océane e Sophie), com exceção de Anthony, jornalista de moda e cultura que, quando tem oportunidades, ainda produz conteúdos como *freelancer*; e a ONG *Think Olga* (Bárbara, Marjana e Paula), com exceção de Nana, que contribuía pontualmente com a revista investindo-se em projetos específicos – mas não como parte da equipe fixa. A outra atriz que se dedica exclusivamente ao canal de midiativismo feminista é Rebecca, criadora da *newsletter Les Glorieuses*. Megan (*Les Glorieuses*), embora seja integrante fixa do boletim informativo, dedica-se a esse três vezes por semana e, nos demais dias, atua como jornalista *freelancer*.

Além de Anthony (*Madmoizelle*), Megan (*Les Glorieuses*) e Rayana (*AzMina*), membros fixos em suas respectivas publicações, as demais pessoas que mantêm empregos alternativos ao trabalho como midiativistas feministas são as 20 entrevistadas que não fazem parte do quadro efetivo das mídias estudadas. A maioria delas são jornalistas (14 pessoas²³⁵), as quais conciliam mais de uma ocupação: *freelancer* (Agustina, Bruna, Chloé e Gabriella); jornalista do quadro regular de outra mídia (Amanda, Catarina, Cris, Leandra, Nana); assessoria de comunicação (Malu, Marguerite, Mariana); escritora (Flay); e criadora de publicação feminista própria (Vanessa). As demais são profissionais de outras áreas: professoras (Blanche, Luisa e Morgane, que são professoras em escolas, e Mathilde, que é professora universitária) e auditoria financeira (Fayrouz).

A figura abaixo apresenta uma síntese desse conjunto de elementos descritos relacionados aos vínculos empregatícios das(os) midiativistas entrevistadas(os) e ao tempo de atuação de cada indivíduo nos projetos de mídia feminista:

²³⁵ Esse número inclui a colunista d' *AzMina* Leandra, que, embora não tenha formação em jornalismo – é formada em Comunicação Social com habilitação em produção social –, atua como jornalista no Brasil (onde a formação na área não é mais obrigatória).

Figura 9

Relações empregatícias de midiativistas feministas e período de participação nas publicações

Nome e mídia	Cargo	Atividade remunerada	Quando entrou	Tem trabalhos paralelos?	Era membro na data da entrevista?
Agustina (<i>Les Glorieuses</i>)	Repórter e responsável por mídias sociais	Sim	2020	Sim, é jornalista <i>freelancer</i>	Sim
Amanda (<i>AzMina</i>)	Colunista de esportes	Não	2018	Sim, é jornalista no programa de TV <i>Greg News</i> e no podcast da <i>Revista Maré</i>	Sim
Anthony (<i>Madmoizelle</i>)	Jornalista de moda	Sim	2021	Sim, ainda faz eventuais trabalhos como <i>freelancer</i>	Sim
Blanche (<i>Georgette Sand</i>)	Apoio na produção e divulgação de eventos e ações	Não	2019	Sim, é professora de literatura em uma escola	Sim
Bárbara (<i>Think Olga</i>)	Assistente administrativo	Sim	2017	Não, atuava só na ONG	Não, saiu em 2019
Bruna (<i>AzMina</i>)	Colunista de literatura	Não	2016	Sim, é jornalista <i>freelancer</i> ²³⁶	Sim
Catarina (<i>Lado M</i>)	Repórter	Não	2015	Sim, fazia estágio em jornalismo	Não, saiu após se formar
Cris (<i>AzMina</i>)	Colunista com foco em feminismo negro	Não	2020	Sim, é colunista da empresa de conteúdo <i>Uol</i> e apresentadora da TV Cultura	Sim
Carolina (<i>AzMina</i>)	Diretora Institucional e de Captação	Sim	2015 (criadora)	Não, atua na revista em tempo integral	Sim

²³⁶ Durante o período da pandemia, teve sua primeira filha, estava finalizando o mestrado – em Letras, Feminismo e Literatura pela Universidade de São Paulo – e preferiu se desvincular de trabalhos em redações jornalísticas para se concentrar na maternidade e na escrita da dissertação. Na ocasião da entrevista, estava voltando a se realocar no mercado como jornalista *freelancer*.

Chloé (<i>Les Glorieuses</i>)	Jornalista responsável pela <i>Les Petites Glo</i> ²³⁷	Sim	2020	Sim, atuava como jornalista <i>freelancer</i> e palestrante	Não, saiu em 2022
Emilie (<i>Madmoizelle</i>)	Jornalista de vídeo (em alternância)	Sim	2021	Não (exceto o mestrado, que faz em paralelo)	Sim
Fayrouz (<i>Georgette Sand</i>)	Organizadora de projetos e ações e redatora de conteúdos	Não	2014	Sim, atua como auditora financeira	Sim
Flay (<i>AzMina</i>)	Colunista com foco e viagens e gênero	Não	2018	Sim, é escritora e ministra cursos e palestras sobre escrita criativa	Sim
Gabriella (<i>Lado M</i>)	Repórter com foco em libertação sexual	Não	2014	Sim, atuava como jornalista <i>freelancer</i>	Não, saiu após se formar
Leandra (<i>AzMina</i>)	Colunista com foco em mulheres com deficiência	Não	2019	Sim, contribui com outras publicações ²³⁸ e ministra cursos e palestras	Sim
Luisa (<i>AzMina</i>)	Colunista de cinema	Não	2017	Sim, é professora de música	Sim
Malu (<i>Lado M</i>)	Repórter	Não	Não menciona	Sim, é estagiária na associação Cultura Artística	Sim
Marguerite (<i>Georgette Sand</i>)	Presidenta responsável pelo projeto <i>Ni vues ni connues</i>	Não	2013	Sim, atua como assessora de comunicação ²³⁹	Sim, mas estava deixando o coletivo
Mariana (<i>Lado M</i>)	Jornalista e editora	Não	2014 (criadora)	Sim, é assessora de imprensa	Sim

²³⁷ Versão para o público infantojuvenil da *newsletter Les Glorieuses*.

²³⁸ É mediadora do programa *on-line* Café Polifônico, iniciativa promovida pelo museu digital Vozes Diversas. Contribui também mensalmente com o portal *Sem Barreiras*, voltada para pessoas com deficiência.

²³⁹ Na ocasião da entrevista, trabalhava na empresa Marguerite & Cie, que faz absorventes biodegradáveis como forma de combate à precariedade menstrual.

Marília (AzMina)	Diretora Operacional e de Tecnologia	Sim	2020	Não, atua na revista em tempo integral	Sim
Marjana (Think Olga)	Relações Públicas	Sim	2020	Não, atua na ONG em tempo integral	Sim
Mathilde (Georgette Sand)	Colaboradora (permite que o coletivo reproduza conteúdos que escreve)	Não	2019	Sim, é professora universitária	Sim
Mathis (Madmoizelle)	Responsável por podcasts (alternância)	Sim	2021	Não (exceto o mestrado, que faz em paralelo)	Sim
Megan (Les Glorieuses)	Repórter e responsável pela editoria internacional <i>Impact</i>	Sim	2021	Sim, é jornalista <i>freelancer</i>	Sim
Morgane (Georgette Sand)	Redatora e revisora de conteúdos	Não	2017	Sim, é professora e diretora de escola	Sim
Nana (Lado Me Think Olga)	Colunista/repórter no <i>Lado Me</i> e colaboradora em projetos sobre violência e gênero na <i>Think Olga</i>	Na <i>Think Olga</i> sim, no <i>Lado M</i> não	2015	Sim, atuava como jornalista no <i>Estadão</i> , em ONGs e em projetos de midiativismo feminista	Não, contribuiu até 2018
Océane (Madmoizelle)	Jornalista responsável por produção e edição de vídeos	Sim	2018	Não, atuava na revista em tempo integral	Não, saiu em 2020
Paula (Think Olga)	Gerente de captação de recursos	Sim	2018	Não, atuava na ONG em tempo integral	Não, saiu em 2021
Rayana (AzMina)	Gerente de Captação	Sim	2021	Sim, é bolsista da rede <i>Youth Climate Leaders</i> e colunista	Sim

				na Agência Jovem de Notícias ²⁴⁰	
Rebecca (<i>Les Glorieuses</i>)	Redatora e diretora geral	Sim	2015 (criadora)	Não, atua na <i>newsletter</i> em tempo integral	Sim
Sophie (<i>Madmoizelle</i>)	Gerente de conteúdo de marca	Sim	2021	Não, atua na revista em tempo integral	Sim
Vanessa (<i>Lado M</i>)	Repórter com foco em cinema	Não	2016	Sim, criou projetos jornalísticos sobre cinema e gênero ²⁴¹	Não, saiu em 2021
Verena (<i>AzMina</i>)	Gerente de captação e parcerias	Sim	2021	Não, atua na revista em tempo integral	Sim

As formas de participação de entrevistadas(os) nas publicações feministas e as novas configurações de rotinas produtivas no âmbito do jornalismo são influenciadas pelo aprofundamento do modo de acumulação flexível do capitalismo, com a concentração de grandes e mundiais monopólios, a migração dos recursos publicitários para o ambiente da internet, a compra de dados conforme novas lógicas de publicidade e o papel do jornalismo na sociedade contemporânea (Figaro & Marques, 2020) – enquanto prática que oferece recortes socioculturais de acontecimentos da atualidade apoiada em dispositivos sociotécnicos, comumente representando poderes políticos e econômicos.

Essas reestruturações de dinâmicas profissionais se refletem no mundo estudado por meio da inserção, das modalidades de participação e da permanência das midiativistas no mundo social, que são interseccionadas pelo trânsito dessas pessoas por outros mundos – do ativismo digital, da militância política, das artes, da literatura. A experiência de midiativismo é marcada pela precariedade financeira em contraposição à constituição de redes

²⁴⁰ Portal de notícias de jornalismo educacional independente feito por e para adolescentes e jovens brasileiros. Disponível em: <https://agenciajovem.org/>.

²⁴¹ Criou a *newsletter Era Uma Vez na América Latina*, com listas, entrevistas, notícias, avisos de lançamentos, análises e críticas cinematográficas com foco em produções audiovisuais latino-americanas. E também fez o site *Francamente, querida!*, um portal que produz conteúdo sobre cinema, *streaming*, indústria cultural e feminismo.

profissionais e cooperativas de atuação, potencializadas pela circulação da informação através do espaço digital.

Formas de acesso a publicações de midiativismo feminista

Foram identificadas, essencialmente, quatro formas de entrada no mundo social estudado, que consistem em: ser criadora/fundadora do espaço; participar e ser aprovada(o) em seleção de ingresso na publicação ou se lançar em processo formal de recrutamento de pessoal; ter contatos prévios com pessoas já inseridas no mundo; e procurar o projeto para se candidatar a uma vaga ou para se voluntariar a compor a equipe. Há também casos de indivíduos que transitam por mais de uma dessas modalidades de inserção no midiativismo feminista.

Em meio às 33 midiativistas entrevistadas, três são criadoras das publicações feministas que são objetos desta pesquisa: as jornalistas brasileiras Carolina (*AzMina*) e Mariana (*Lado M*) e a cientista política francesa Rebecca (*Les Glorieuses*). Pode-se destacar ainda o caso da jornalista francófona Marguerite, que é cofundadora do coletivo *Georgette Sand*, tendo aderido a esse na fase inicial do projeto. Tanto no Brasil quanto na França, essas publicações foram criadas entre 2013 e 2015, no despontar da Primavera Feminista, a qual, nos anos consecutivos, acentuou-se e fez mídias como as estudadas se expandirem.

Carolina (entrevista, 6 de novembro de 2020) relata que, em 2015, enquanto trabalhava para uma mídia hegemônica, estava se sentindo frustrada e cansada com o mundo do jornalismo e, uma vez que tinha afinidades com a pauta de gênero, ao lado de uma amiga, resolveu criar a revista. Já Mariana (entrevista, 15 de julho de 2021) engajou-se na fundação do site feminista em 2014, acompanhada de uma amiga e colega da faculdade de jornalismo. A entrevistada alega que, na época, o debate sobre feminismos no Brasil ainda estava restrito ao espaço das universidades por meio de grupos de militância e não alcançava a mídia de maneira direta, já que mesmo as revistas femininas brasileiras mais progressistas não se assumiam feministas. Por isso elas decidiram criar uma mídia feminista para tratar do tema de gênero.

No mesmo período (em 2015), embora do outro lado do oceano Atlântico, a francesa Rebecca (entrevista, 22 de setembro de 2022) também decidiu criar uma publicação para promover a circulação de informação feminista no âmbito digital. Ela pensou no formato *newsletter*, porque via que esse tipo de conteúdo já existia e parecia bem aceito em países anglófonos – ela mesma lia e se interessava por eles –, mas notava que não havia nada similar na França. Com um viés que mistura feminismo e cultura e baseada em preceitos de apuração jornalística, embora originária de uma área de formação que não dialoga diretamente com informação e comunicação, a cientista política decidiu ela mesma encabeçar o boletim informativo.

Para se desvencilharem dos seus mundos profissionais de origem e se arriscarem na criação de publicações feministas engajadas, as *insiders* mobilizam seus capitais culturais, econômicos e políticos. Essas midiativistas vêm de classes sociais e econômicas médias-altas ou altas, o que lhes confere estabilidade financeira suficiente para que possam abrir mão de percursos de carreira que elas já haviam começado, em prol de se investirem em novas práticas de produção de informação. Elas tiveram a oportunidade de estudar em instituições de ensino que figuram entre as melhores do mundo (Universidade de Paris 1 Panthéon-Sorbonne e Universidade de São Paulo²⁴²) e transitam em espaços acadêmicos, de mídia e de produção cultural que as permitem criar estratégias de visibilização e divulgação do trabalho que desenvolvem.

O desejo de expansão dos espaços midiativistas pelas criadoras fez com que se constituísse a forma mais comum de ingresso de atrizes e atores no mundo social: a inserção por meio de contatos prévios com pessoas – geralmente *insiders* – já inseridas nesse espaço. Foi o que ocorreu com quase metade das colaboradoras de mídias feministas entrevistadas (14 pessoas). A maioria dos membros do grupo acessa os projetos como voluntárias e são

²⁴² Segundo *rankings* que classificam as instituições de ensino superior do mundo inteiro, como o de Shanghai: <https://www.shanghairanking.com/>.

indicadas por pessoas conhecidas ou com quem as próprias colaboradoras já tinham alguma relação, profissional ou de amizade.

A equipe do *Lado M* se reformula regularmente a partir da interação de representantes do site – em especial, da criadora e editora Mariana – com colegas da faculdade de jornalismo que são novatas no curso e procuram oportunidades de trabalho, como foi o caso de Catarina, Gabriella e Malu. A única exceção foi Nana, que era veterana das fundadoras do *Lado M* na universidade e vinha ganhando visibilidade nacional enquanto jornalista especialista em gênero, pois tinha assumido um blog, vinculado a um dos principais jornais hegemônicos do país, sobre o assunto. A jornalista também estava em destaque por ter coordenado, enquanto representante da sociedade civil, uma campanha do metrô de São Paulo contra assédio sexual. Por isso, foi contatada pela equipe do *Lado M* para contribuir com a publicação e, como fazia parte de círculos de contatos das criadoras e era egressa da mesma faculdade, aceitou participar.

Em menor escala, funcionamento similar se dá no interior do coletivo *Georgette Sand*, em que a professora de literatura Blanche, por exemplo, por vir da mesma região em que nasceu Marguerite (uma das fundadoras da publicação) – a cidade de Tours, no Centre-Val de Loire – e por manter contato com a família da jornalista, acionou o coletivo para propor uma parceria e o desenvolvimento de ações de conscientização de gênero entre o coletivo feminista e a escola onde leciona.

No âmbito d'*AzMina*, Bruna e Luisa também se inseriram na revista com o apoio de contatos prévios que mantinham com membros do projeto. Bruna era da mesma turma de Carolina (criadora da *AzMina*) e ambas participaram simultaneamente da representação estudantil do curso de jornalismo, onde fundaram um núcleo de gênero. Esses laços possibilitaram a inserção de Bruna no mundo do midiativismo feminista. Já Luisa tinha amigas e colegas em comum com lideranças da publicação. Interessada em contribuir como colunista, ela mandou um e-mail para a revista se oferecendo para escrever sobre arte (com foco em filmes, exposições, cultura e música). Após realizar um teste com a potencial voluntária, a equipe aprovou sua inserção no espaço.

Interseccionando o ingresso via processo seletivo com a indicação por uma pessoa já inserida na mídia, a jornalista Verena, que é gerente de captação e parcerias d'*AzMina*, também conta (entrevista, 11 de agosto de 2021) que se candidatou a uma vaga para a revista e foi submetida a uma seleção. Seu contato com o projeto, contudo, foi intermediado por Marília (atual diretora operacional e de tecnologia), amiga e colega de profissão da entrevistada – e que também contribuiu com entrevista para esta pesquisa. Tal dinâmica sugere que, para além do currículo, os contatos e relações preexistentes com alguém do grupo dá vantagens à pessoa que pretende aceder ao meio, principalmente porque já existem vínculos afetivos e porque esse histórico permite que a equipe tenha pistas sobre o perfil e a possível performance profissional a ser desempenhada pela(o) candidata(o).

Compondo um subgrupo dentro da modalidade de acesso ao mundo via contatos prévios com pessoas já inseridas nesse, encontram-se os indivíduos convidados a participar dos projetos por iniciativa das próprias publicações. É o caso de Marília (entrevista, 18 de agosto de 2021), que foi contatada pela revista *AzMina* após indicação de um amigo jornalista. À época, *AzMina* estava buscando ampliar a diversidade regional da mídia e procurava uma jornalista experiente que fosse de Salvador, na Bahia (região Nordeste do Brasil), e que já tivesse atuado em redações de jornais por alguns anos (era o caso de Marília, que, em quase 7 anos, passou por diferentes mídias regionais e digitais). Processo semelhante aconteceu com a jornalista Nana, que, após interagir repetidas vezes com a criadora da ONG *Think Olga*, Juliana de Faria, em eventos sobre direitos das mulheres, acabou sendo convidada a participar da organização.

Mídias francesas também se apoiam nessa estratégia de destinar convites a figuras de interesse do grupo para promover a expansão dos projetos. Foi assim que Marguerite, cofundadora da *Georgette Sand* e presidenta responsável pelo projeto *Ni vues ni connues*, recebeu a proposta de Ophélie Latil, fundadora do coletivo, de compor o grupo, que ainda estava começando a se formar. As duas já se conheciam porque militavam juntas pelos direitos de estudantes e estagiários(as). Mais adiante, quando o coletivo já havia alcançado reconhecimento na sociedade francesa a partir de ações em prol dos direitos das mulheres

no legislativo, somado ao lançamento de campanha de combate à invisibilidade das mulheres, a equipe convidou Mathilde Larrère – historiadora, militante feminista e influenciadora digital – para contribuir com a iniciativa.

No quadro da *Les Glorieuses*, duas colaboradoras entrevistadas também acessaram a mídia por meio de convite direto feito pela fundadora do projeto. Uma delas foi a jornalista britânico-australiana Megan, que foi procurada por Rebecca para coordenar e implementar a editoria internacional da *newsletter*, a *Impact*. O mesmo ocorreu com a jornalista francesa Chloé, quando ela estava procurando formas de mudar os rumos de sua carreira se aproximando do jornalismo engajado. Ela conheceu Rebecca por acaso e a midiativista, que precisava de alguém para coordenar uma versão para jovens do boletim informativo, a convidou para trabalhar na publicação. Ademais, o jornalista de moda francês Anthony, da *Madmoizelle*, também pode se enquadrar nesse subgrupo, visto que ele se lançou como *freelancer* na revista por indicação e, após terem gostado de seu trabalho, ofereceram a ele um contrato temporário que, posteriormente, tornou-se uma contratação permanente.

A conectividade social aparece como um recurso do qual os indivíduos se apropriam largamente para ampliar as oportunidades profissionais e as possibilidades de escolhas de carreiras. Por meio de redes de engajamento – como sindicatos, clubes, partidos políticos, associações, redes informais de amigos e vizinhança, redações de jornal, organizações de movimento estudantil –, as atrizes e atores criam comunidades de cooperação para benefício mútuo (Méda, 2002). A mobilização do capital social adquirido através de relações profissionais anteriores e de relações pessoais e acadêmicas facilita a inserção de entrevistadas(os) nas publicações feministas.

Outra categoria identificada como forma de adentrar o mundo social é a participação e aprovação em seleção de ingresso feita pela publicação, o que pode acontecer por meio de processo de recrutamento de pessoal na forma de entrevistas ou via lançamentos de editais em que candidatas(os) enviam trabalhos a serem avaliados por lideranças das mídias.

Um terço das entrevistadas se enquadram nesse caso. Há representantes de todas as mídias pesquisadas nessa classificação e a maioria dos indivíduos são membros remunerados²⁴³.

A jornalista brasileira Vanessa, embora atue como voluntária no site *Lado M*, também passou por um processo seletivo para ser introduzida na mídia. Na ocasião (em 2016), ela já se interessava pela temática de gênero, mas estava com dificuldades para encontrar estágios relacionados a esse tipo de cobertura jornalística (entrevista, 19 de julho de 2021). Em uma conjuntura um pouco diferente, Amanda, colunista d'*AzMina*, acabou se tornando voluntária da revista só depois de participar e ser selecionada em um concurso do projeto que concedia uma bolsa de reportagem para jornalistas²⁴⁴. Após o término de seu contrato temporário como jornalista, Amanda obteve espaço para seguir contribuindo com a publicação de maneira voluntária através da redação de uma coluna de esportes. *AzMina* realizou igualmente seleção para recrutar a cientista política Rayana. A jovem se candidatou inicialmente para o cargo de gerente de comunidade. Porém, após passar por entrevista, não foi aprovada. Contudo, manteve contato com a diretoria, e, quando surgiu uma vaga com seu perfil, foi chamada para preenchê-la.

No âmbito da *Think Olga*, dois dos três membros da equipe de apoio do projeto relatam ter sido submetidas a processos seletivos para acessar o mundo social. A antropóloga Bárbara, foi escolhida para preencher a vaga de assistente administrativa da ONG. Já a profissional de relações públicas Marjana, foi contratada para atuar diretamente em sua área de formação, tendo passado pelo recrutamento em um período em que a organização estava fazendo uma seleção voltada para incluir mais mulheres negras na

²⁴³ Há, contudo, exceções, como a professora francesa Morgane, da *Georgette Sand*, que conheceu o coletivo através da publicação *Ni vues ni connues* e, ao se deparar com uma chamada para seleção de voluntárias para o grupo, resolveu se candidatar.

²⁴⁴ A entrevistada foi escolhida na seleção ao propor escrever sobre exploração de crianças e adolescentes nas rodovias de Minas Gerais, no interior do Brasil, em um período em que a revista buscava colaboradoras de outras partes do país, para além do eixo Rio-São Paulo.

equipe, uma das metas de planejamento estratégico do grupo com o intuito de ampliar sua diversidade²⁴⁵.

As publicações *Madmoizelle* e *Les Glorieuses* também recorrem a processos seletivos para recrutar novas colaboradoras. Foram os casos dos estudantes de mestrado Emilie (videasta e mestranda na Escola de Jornalismo de Sciences Po em Paris) e Mathis (responsável por *podcasts* e mestrando na Universidade Sorbonne Nouvelle em Paris), que se inscreveram e foram escolhidos para contribuir com a *Madmoizelle* no modelo de alternância, sistema de formação francês baseado em uma fase prática (por meio de estágios) e outra teórica (aulas e cursos) que acontecem alternadamente. Sophie, profissional formada em informação e comunicação, também passou por uma seleção quando foi recrutada para assumir o cargo de responsável por conteúdo de marca na *Madmoizelle*.

Já para compor o quadro da *Les Glorieuses*, a jornalista argentina e francófona Agustina se inscreveu para uma vaga proposta pela *newsletter* cujo foco era realizar coberturas jornalísticas da perspectiva de gênero com foco na América Latina. Depois foi convidada para contribuir conduzindo coberturas de um prisma mais global. Vale sublinhar que Agustina viveu em Paris entre 2015 e 2017 e conheceu pessoas dos círculos de contato de Rebecca, criadora do boletim informativo, de modo que já havia alguma relação prévia estabelecida entre os ciclos de convívio das midiativistas.

Os depoimentos desse conjunto de midiativistas mostram que, mesmo que tais pessoas sejam submetidas a seleções para adentrar as publicações feministas, frequentemente elas circulam por espaços em que já estão inseridas(os) outras(os) atrizes e atores do mundo social, como universidades, redações de jornais, ambientes digitais de partilhas profissionais (grupos de WhatsApp de jornalistas, por exemplo) e grupos de amigos. O capital social, em termos de contatos, e o capital cultural, mobilizado pelas(os) entrevistadas(os) principalmente na forma de experiências acadêmicas – e considerando-se

²⁴⁵ A colaboradora afirma (entrevista, 12 de agosto de 2021), na mesma época, ela estava com dificuldades de se inserir no mercado de trabalho, o que atribui ao cenário de racismo estrutural da região Sul do Brasil, onde vive.

que a maioria delas(es) são formadas em instituições de ensino renomadas –, são fatores de relevo na definição de quem vai ou não ser aceita(o) no mundo do midiativismo.

Um elemento diferenciado que surge nas entrevistas, contudo, é a inserção motivada pelos esforços das equipes de recrutamento das mídias por promover ações de inclusão e diversidade – étnico-racial, de orientação sexual, socioeconômica e geográfica. Nesse sentido, é possível observar a preocupação de *insiders* e regulares em atender demandas sociais de diversificação do perfil das equipes, em parte por questões político-ideológicas, mas também porque diversificar as(os) colaboradoras(es) funciona como ferramenta de impulsionamento à maior criatividade e inovação no interior dos grupos, o que tende a se refletir no aprimoramento de aspectos produtivos e/ou financeiros. Isso porque os repertórios culturais, socioeconômicos e de vivências pessoais e profissionais são ampliados, fazendo circular novas ideias e experiências no interior do grupo.

Finalmente, foi observada a categoria de inserção no mundo social composta por pessoas que procuram espontaneamente a iniciativa para se candidatar a uma possível vaga – sem lançamento de chamadas prévias – ou para se voluntariar a contribuir com o projeto. As conversas com as(os) midiativistas permitiram identificar seis atrizes que se enquadram nesse perfil. Quatro delas são colaboradoras voluntárias (sendo três brasileiras e uma francesa). Trata-se das colunistas d’*AzMin*a Cris, Flay e Leandra e da colaboradora da *Georgette Sand* Fayrouz.

No caso de Cris, que além de jornalista também é empreendedora e possui um restaurante, uma das editoras da revista (Thais Folego) esteve em seu estabelecimento, ocasião em que a entrevistada se apresentou pedindo para escrever para a mídia (entrevista, 3 de setembro de 2021). Flay igualmente contactou a equipe da publicação, à distância, pedindo para escrever sobre viagens e situações de racismo e sexismo (entrevista, agosto de 2021). Tal qual Leandra (entrevista, 2 de agosto de 2021), que mandou um e-mail para a revista propondo ser colunista voluntária.

No contexto francês, a auditora financeira Fayrouz (entrevista, 24 de julho de 2022) se lançou em percurso similar. Em 2014, ela soube das ações encabeçadas pelo coletivo

Georgette Sand, que havia acabado de ser criado, e ficou empolgada com o potencial de ação do grupo²⁴⁶. Ela enviou um e-mail se apresentando e pedindo para contribuir. As outras duas atrizes da categoria são membros remunerados de *Madmoizelle* e *Think Olga*. Uma é a brasileira Paula (entrevista, 13 de agosto de 2021), formada em cinema e especialista em produção cultural. Ao voltar para o Brasil depois de passar períodos no exterior, ela contactou a *Think Olga* para saber se havia alguma vaga disponível na equipe e a instituição se interessou por seu perfil, pois era uma fase em que procuravam aperfeiçoar estratégias de captação financeira do grupo. A outra atriz é a jornalista francesa Océane, a qual, no seu terceiro e último ano de faculdade, decidiu enviar uma candidatura espontânea para fazer estágio na *Madmoizelle*. Ela conta (entrevista, 2 de setembro de 2022) que foi rapidamente chamada para uma entrevista. A equipe procurava uma especialista em vídeo, o que era seu caso. De modo que abriram uma vaga de estágio para contratá-la. Terminado o estágio, ela foi efetivada.

Em síntese, as trajetórias das(os) entrevistadas(os) indicam que as formas de acesso a publicações de midiativismo feminista estão relacionadas aos capitais culturais, sociais e simbólicos do grupo, uma vez que são os contatos que elas desenvolvem em ambientes acadêmicos, profissionais e de militância que as aproximam do mundo pesquisado. As situações socioeconômicas das atrizes e atores e de suas famílias também contribuem para a opção dessas pessoas por se arriscarem a construir propostas de mídias feministas, assim como as condições financeiras permitem que voluntárias tenham tempo e disposição para se engajar a contribuir com esses espaços. Assim, mesmo que haja vontade ou esforços de colaboradoras(es) em promover maior inclusão e diversidade nas equipes, essas tentativas são limitadas pelas formas de captura e recrutamento de novos membros e pelo perfil esperado de formação – e origem acadêmica – dos indivíduos visados para comporem o mundo.

²⁴⁶ Apesar de ter hesitado sobre voluntariar-se ou não para participar da equipe, pois pensava que não teria tempo para integrar a iniciativa, sentiu que era preciso criar tempo para a militância.

Elementos e descobertas advindos da observação participante como midiativista

Como ferramenta de observação etnográfica participante, optei por me inserir no mundo social do midiativismo feminista como colaboradora de publicações engajadas. Os relatos a seguir partem de anotações em diários de campo, registros de e-mails, mensagens de WhatsApp e postagens nos sites e redes sociais das publicações em questão. No Brasil, contribuí, ao longo do primeiro semestre de 2021, como produtora de conteúdos textuais e audiovisuais²⁴⁷ para a *Não Me Kahlo*²⁴⁸, coletivo feminista de informação para promoção de autonomia feminina. Vale destacar que, uma vez que essa iniciativa não se reconhece essencialmente como um projeto de mídia ou de produção de informações de caráter jornalístico e se apoia na proposta de elaborar também materiais humorísticos, literários e artísticos, preferi não a incluir no escopo de análise central desta tese. Sobre a imersão participante no mundo do midiativismo feminista na França, colaborei como jornalista *freelancer* para a *newsletter Les Glorieuses*, escrevendo sobre as influências de Marielle Franco para a representatividade racial e de gênero no cenário eleitoral brasileiro²⁴⁹. Ainda que a contribuição tenha sido pontual, a experiência me permite apresentar um conjunto de percepções sobre a inserção nesse espaço.

Ao longo desta tese, adoto a postura de rejeitar a noção de que possa haver um(a) observador(a) distante, que se sobrepõe e está totalmente desvinculada(o) das perspectivas subjetivas de atrizes e atores sociais. Defendo ainda que a subjetividade de quem desenvolve a pesquisa e sua capacidade de se deixar afetar por ela durante o curso da investigação, em vez de serem expulsas do domínio da ciência, podem, ao contrário, ser utilizadas como ferramentas analíticas poderosas (Dechezelles & Treïni, 2018). Apoiada na ideia de que a imersão etnográfica contrasta com visões positivistas de isenção e distanciamento, assumo

²⁴⁷ É possível acessar parte dessas produções a partir dos links a seguir: <https://naomekahlo.com/fagulhas/>; [https://www.instagram.com/reel/CO3gJp4haiD/?hl=fr](https://www.instagram.com/reel/CO3gJp4haiD/?hl=fr;); e https://www.instagram.com/reel/CNf41_EpZUA/?hl=fr.

²⁴⁸ Plataforma de divulgação de informações e conteúdos autorais e colaborativos feministas em forma de blog. Disponível em: <https://naomekahlo.com/>.

²⁴⁹ Disponível em: <https://lesglorieuses.fr/inspiree-par-marielle/> e <https://lesglorieuses.fr/inspired-by-marielle/>.

a observação participante como um convite para que pesquisadoras(es) compartilhem experiências sociais.

A experiência de fazer midiativismo no Brasil

Para me inserir na *Não Me Kahlo*, por e-mail, contatei a cocriadora e editora de conteúdo do blog – que, embora seja originalmente formada em Direito, é *designer* gráfica, escritora e colunista – explicando quem sou e qual é minha área de atuação e de pesquisa e dizendo que gostaria de colaborar voluntariamente com o coletivo. Em cerca de uma semana, ela me deu um retorno alegando que tinha interesse em me receber na equipe e, na sequência, marcamos uma reunião para nos conhecermos e alinharmos como se desenrolariam minhas atividades. Nas interações iniciais, chamou atenção a facilidade que tive para adentrar a publicação, em termos de agilidade e receptividade – ao contrário do que ocorreu com *AzMina*, onde, por diferentes canais, me voluntariei para contribuir, e não obtive retornos²⁵⁰. Nesse primeiro contato também, observei a confiança que a fundadora do blog se dispôs a depositar em um novo membro do grupo com quem ela não tinha conexões prévias. Ao final da reunião de alinhamento, ela me concedeu as permissões de acesso para executar a gestão do Facebook da publicação – que conta com 1,1 milhão de seguidoras(es) e 128 mil no Instagram em agosto de 2023.

No mesmo período, a publicação recebeu outras novatas, que responderam a uma chamada de convocação de voluntárias compartilhada pelo blog nas redes sociais. Nove pessoas se propuseram a colaborar com o projeto, mas apenas eu e mais uma moça – estudante de psicologia – permanecemos, efetivamente, após o primeiro mês. A observação participante dá indícios de que as rotinas desorganizadas e a falta de fluxo bem definido de

²⁵⁰ Produtoras de conteúdo amadoras que compõem os públicos entrevistados para esta tese também relataram enfrentar dificuldades para acessar espaços de militância e de produção de informação feminista. A jornalista brasileira Alícia (leitora da *Think Olga*, entrevista, 8 de julho de 2021), de 23 anos, relatou que estava procurando se inserir em coletivos feministas para além do âmbito acadêmico, mas os retornos dos grupos que ela contactava eram lentos e a inserção parecia complicada. A modelo Laura (leitora da *Madmoizelle*, entrevista, 16 de agosto de 2022), também de 23 anos, descreveu uma situação semelhante vivenciada no contexto francês.

divisão de tarefas acabavam por sobrecarregar ou ocasionar medo de sobrecarga em atrizes iniciantes no espaço. Soma-se a isso outros fatores de risco de esgotamento em ambientes organizacionais, notadamente quando se trata de trabalhadores sociais, como conteúdo do trabalho (o que, no caso das midiativistas feministas, implica em lidar regularmente com histórias de violências de gênero), condições de trabalho (recursos técnicos, tamanho reduzido das equipes, tempo real para execução das tarefas), clima organizacional e relações interpessoais e reconhecimento do trabalho por parte de superiores hierárquicos e colegas (Bouterfas *et al.*, 2016).

Havia esforços para dispor as funções de cada voluntária em plataformas como Trello – ferramenta de gestão de projetos *on-line* – e Asana – ferramenta de gerenciamento de projetos e tarefas –, mas a falta de pessoal e a alta rotatividade de membros da equipe tornava o trabalho estressante e intenso para as pessoas que produziam materiais e alimentavam site e mídias sociais. Eram convocadas reuniões de pauta no período da noite – para não chocar com o trabalho diurno das colaboradoras. Esses encontros se iniciavam por volta das 20h e chegavam a durar mais de duas horas, sem que necessariamente se chegasse a acordos sobre as divisões de tarefas e as ações subsequentes. O planejamento ficava em segundo plano e o foco se centrava mais na proposição de novas ideias, em um exercício de *brainstorm*, mesmo que a equipe não tivesse tamanho, verba ou tempo para englobar as propostas que surgiam.

Fazendo-se uma comparação com os relatos de atrizes do site *Lado M* (mais especificamente, das jornalistas Malu e Vanessa), pode-se salientar a relevância do planejamento para viabilizar a frequência produtiva das publicações feministas e, mais do que isso, para evitar que colaboradoras(es) se sintam sobrecarregadas(os) e fiquem desestimuladas(os) a permanecer nas equipes. Inversamente ao que ocorria na *Não Me Kahlo*, os membros responsáveis pela redação de conteúdos do *Lado M* (as repórteres Catarina, Gabriella, Malu, Nana e Vanessa) dão ênfase aos elementos de organização e transparência na repartição de tarefas como fatores que fazem as pessoas se sentirem à vontade no interior do grupo. Ou seja, uma publicação engajada que adota convenções do

mundo do jornalismo hegemônico e/ou de organizações empresariais – com prazos de entrega determinados e hierarquização de membros da equipe –, adaptando-as a interações cooperativas apoiadas em práticas de ativismo contemporâneo, parece obter resultados mais efetivos na produção de um ato social.

No âmbito do blog onde atuei elaborando conteúdos feministas, foi possível perceber que as colaboradoras que tendem a conservar-se atreladas ao coletivo de maneira mais duradoura são as amigas da cofundadora que já possuíam vínculos afetivos com essa antes da criação da publicação e que não são necessariamente ativas no grupo, mantendo com esse uma conexão que oscila a depender das rotinas e períodos da vida de cada uma. Quanto à produção de conteúdo, constatou-se o empenho das midiativistas em atualizar suas formas de interação com os públicos, propondo-se a criar contas em plataformas como TikTok e Twitch e reformulando formatos de produções para o Instagram. Ainda que a *Não Me Kahlo* se baseie em configurações de caráter amador, a atuação ativista que ela proporciona acaba se tornando um espaço de experimentação e de especialização profissional para seus membros.

A experiência de fazer midiativismo na França

Com relação à observação participante no contexto francês, colaborei como jornalista *freelancer* para a editoria internacional da *newsletter Les Glorieuses*, chamada *Impact*. Fui contratada após realizar as primeiras inserções etnográficas na mídia (em julho de 2022) e descobrir que a equipe procurava uma repórter brasileira para escrever um artigo sobre as eleições do país, que ocorreriam em outubro de 2022. Minha contribuição foi pontual, com a produção e edição da reportagem tendo transcorrido entre agosto e setembro e a publicação do material ter ido ao ar dias antes do início de outubro. Logo após o pleito, no fim de outubro, houve também uma *live* no Instagram da *Impact* para tratar do cenário político do Brasil frente aos direitos das mulheres.

A vivência como midiativista da *newsletter* me permitiu apreender dinâmicas de apuração e de tratamento de informações no âmbito da mídia de modo mais detalhado do

que pude fazer durante as entrevistas em profundidade ou mesmo ao longo da etnografia presencial na redação do boletim. O meu texto foi elaborado tanto em uma versão em inglês quanto em uma versão em francês e, após o envio para edição, obtive um retorno da editora cerca de 10 dias depois. Foram sugeridas mudanças pontuais e as alterações foram realizadas em documento compartilhado, de modo que eu pude opinar e acompanhar o trabalho editorial. O processo ocorreu conforme o cronograma inicialmente previsto e o apoio das revisoras foi relevante para a construção das diferentes versões da reportagem em dois idiomas distintos, de modo a manter a coerência das informações transpostas do português – idioma em que escrevi o rascunho inicial do artigo – para o francês e o inglês – idiomas para os quais traduzi o conteúdo, com a ajuda da editora e das tradutoras.

Com relação à remuneração para executar o trabalho, eu me propus, nos três primeiros contatos a respeito do assunto com uma das editoras da *newsletter*, a fazer a matéria como voluntária. A equipe, contudo, não aceitou a oferta, alegando que o mecanismo de funcionamento do grupo se pauta na devida compensação financeira das colaboradoras diante de serviços prestados. Sendo assim, não questionei novamente o procedimento padrão das midiativistas e aceitei a proposta. O pagamento, contudo, não aconteceu, de modo que interpretei que elas haviam aceito minha sugestão de não receber recursos financeiros pelo texto.

No final de fevereiro de 2023, contudo, a editora me contactou solicitando que eu assinasse um contrato de propriedade intelectual referente ao artigo que eu havia redigido. Entre as cláusulas do documento, constava a confirmação de que eu teria sido remunerada pelo trabalho. Respondi dizendo que eu poderia assinar, mas solicitei a alteração do texto para que houvesse transparência sobre o caráter voluntário da atividade. Mais uma vez, elas insistiram que seu protocolo padrão se baseia em remunerar as jornalistas *freelancers*, de modo que me pediram para assinar o contrato como estava e acionar a equipe responsável por transações financeiras para solicitar o pagamento. Segui as instruções, mas não obtive respostas da área financeira. Fiz um novo contato dois meses depois, colocando em cópia no e-mail a editora do artigo. Mas não houve retornos e o pagamento jamais foi efetuado.

Essa situação reforça características de precariedade e de instabilidade na carreira de midiativista apontadas pelas colaboradoras de publicações feministas entrevistadas para esta tese. O episódio remonta à fala da jornalista e cofundadora do coletivo *Georgette Sand*, Marguerite, que descreve vivenciar um esgotamento físico e psicológico ocasionado pelo engajamento em uma atividade que no imaginário social seria essencialmente de ativismo. Ela sente-se frustrada e incomodada por, segundo ela, frequentemente trabalhar e não ser paga, precisar insistir pelo pagamento mesmo quando há contrato e pela demora nos pagamentos. Os depoimentos de midiativistas, em especial das voluntárias, indicam cansaço diante de um trabalho que é intrinsecamente ligado ao militância e que socialmente é visto como atividade que não precisa ser remunerada:

Você tem que se impor, tem que colocar os cotovelos na mesa, tem que ser paga, não pode se deixar levar. E, ao mesmo tempo, eu mesma muitas vezes acabo não sendo paga e não consigo cobrar os pagamentos. Não é fácil, mesmo quando é contratual. Por exemplo, tenho um cliente e levei três meses para enviar a fatura porque não tive coragem de pedir dinheiro. Vou receber o pagamento e, na minha cabeça, ainda estou trabalhando de graça. Na verdade, se você trabalha, precisa ser paga. É um trabalho. (entrevista, 27 de julho de 2022)²⁵¹

Nesse sentido, sublinha-se a percepção da jornalista Nana, que foi colaboradora de duas publicações brasileiras estudadas nesta tese (o site *Lado M* e a ONG *Think Olga*) e ainda mantinha um blog feminista alojado no espaço de opinião do *Estadão*, um dos principais jornais de grande circulação do Brasil²⁵². Ela destaca a situação de precariedade daquelas(es) que trabalham com essa atividade. A entrevistada explica que, em 2015,

²⁵¹ Tradução da autora para: "Il faut s'imposer, il faut mettre les coudes sur la table, il faut, faut se faire payer, faut pas se laisser faire. Et en même temps, moi-même je ne suis pas capable beaucoup de fois de me faire payer pour des trucs et de demander de l'argent. Ce n'est pas facile, même quand c'est contractuel. Parce que là j'ai un client, j'ai mis trois mois à envoyer la facture parce que je n'osais pas demander de l'argent. Je vais me faire payer et dans ma tête encore, je travaille gratuitement. En fait, tu travailles, il faut se faire payer. C'est un travail".

²⁵² Segundo o Instituto Verificador de Comunicação (IVC), em 2022, o jornal estava entre as cinco mídias de maior circulação no Brasil.

ganhava R\$ 50,00 mensais para escrever para o blog mantido por essa mídia hegemônica – o que equivaleria à cerca de R\$ 75,00 ou € 14,00 em 2023. Dinâmicas de subvalorização salarial fazem as midiativistas refletirem sobre a necessidade de compensação que o engajamento demanda: “Ativismo é trabalho. Não ache que, necessariamente, ativismo tem que ser rentável, mas ativismo é trabalho e quando você envolve outras pessoas para fazer ativismo com você, essas pessoas precisam ser remuneradas ou reconhecidas de uma maneira justa” (entrevista, 1 de setembro de 2021).

Observa-se, então, que o midiativismo reproduz lógicas de distribuição desigual de capitais – econômico e político – do jornalismo hegemônico, fazendo com que esses desequilíbrios permitam que determinados indivíduos ou grupos ocupem posições dominantes no mundo social – *insiders* e regulares mais próximas(os) de *insiders* –, enquanto outros – notadamente quem atua na posição de turista, como colaboradoras(es) *freelancers* – tornam-se dominados. Apesar do caráter de precariedade que as mídias engajadas herdaram do jornalismo, contudo, essas publicações contam com o diferencial de oferecer recompensas simbólicas (Ferron, 2016) – de capital social e cultural – que compensam a natureza voluntária ou de baixa remuneração da prática profissional.

Apesar dos constrangimentos vivenciados ao longo da observação participante no âmbito da *newsletter*, também pude verificar como as formas de negociação e de cooperação entre o grupo colaboram com a construção das carreiras, possibilitando a criação de redes de contato e a ampliação do capital social. Foi através das interações com o boletim informativo que fui indicada para contribuir com uma matéria, também sobre o cenário eleitoral brasileiro da perspectiva dos direitos das mulheres, para o espaço de gênero e equidade da CNN – *As Equals*²⁵³. Essa experiência, ao lado dos depoimentos das(os) midiativistas feministas, confirma a observação de que, sociologicamente, o mundo das

²⁵³ Disponível em: <https://edition.cnn.com/2022/10/27/americas/brazil-election-women-voters-asequals-intl-cmd/index.html>.

mídias engajadas acarreta uma série de recompensas simbólicas (Ferron, 2016) que incrementam o capital profissional de seus membros.

A comparação entre as rotinas de produção para a publicação midiativista e para a mídia tradicional trazem dois elementos comparativos importantes: 1) Notou-se que o processo de edição e revisão de conteúdos feministas em uma mídia hegemônica é mais longo e rigoroso, passando por uma equipe multidisciplinar que inclui, além de jornalistas, advogados, e que requer a revisão exaustiva de dados; 2) Da perspectiva da atuação enquanto jornalista *freelancer*, embora a compensação financeira seja 4,5 vezes superior ao que foi ofertado pela mídia engajada, o sentimento de insegurança e os constrangimentos em torno da questão financeira perduram, já que o procedimento de pagamento pode levar meses – no meu caso, foram de quatro a cinco meses – e a prática de acionar as equipes para questionar sobre o processamento financeiro é desconfortável.

As condições de precariedade do jornalismo se estendem para práticas que se interseccionam com esse, como o midiativismo. Pode-se salientar ainda que o funcionamento do mundo social do midiativismo feminista não tem capacidade de mobilizar as mesmas estruturas que o jornalismo convencional relativas aos capitais econômico e social no que diz respeito à quantidade e variedade de profissionais nas redações. Mas esse espaço garante a ampliação do capital social através da ampliação de redes de contatos e possibilita acesso a compensações de caráter simbólico – de reconhecimento profissional e ativista.

Ainda como relato de observação participante, destaco o minicurso que assisti sobre jornalismo feminista ministrado pela revista *AzMina*. Com o intuito de angariar recursos financeiros para a publicação, a equipe implementou a ideia de realizar cursos curtos sobre jornalismo de gênero para possíveis interessadas(os). A equipe de captação da revista relatou (através de entrevistas) que essa demanda por parte dos públicos ficou evidente nos levantamentos do grupo sobre elementos de interesse das audiências.

A formação era uma das recompensas concedidas a quem contribuísse com o projeto *Elas no Congresso*, que monitora os direitos das mulheres no âmbito do legislativo. Intitulado *Workshop* de Introdução ao Jornalismo de Gênero, o curso foi ministrado pela jornalista,

cofundadora e então diretora de conteúdo da revista Helena Bertho. Com previsão de duas horas de duração, o encontro, que ocorreu no formato *on-line*, estendeu-se por apenas uma hora. O descompasso de cálculo entre conteúdo a ser dado e tempo disponível e a aparente falta de organização do evento gerou em mim, enquanto espectadora, sentimentos de frustração e decepção com relação à condução da palestra e ao cuidado dedicado ao público apoiador do projeto.

Considerando-se o caráter autoetnográfico e as reflexões que essa imersão gera, procuro tirar proveito da condição de participante ativa do mundo, tanto no ambiente digital – sem entender as ferramentas digitais como algo estático (Hine, 2017) e me permitindo explorá-las – quanto no físico. Escolhi me lançar ao desafio de sair da posição de pesquisadora que efetua uma observação passiva para me inserir ativamente no ambiente ativista e de jornalismo engajado. Esses percursos metodológicos me ajudaram a identificar elementos adicionais do mundo estudado – como que uma parte considerável da sobrecarga de trabalho é ocasionada pela falta de organização e de profissionalismo, assim como o bem-estar e a satisfação com a quantidade de trabalho depende de condutas de planejamento e gerenciamento das chefias, e que o sucesso das publicações está intrinsecamente relacionado ao momento em que elas foram criadas e a circularidade das informações digitais nesse período – e a reforçar percepções apresentadas por entrevistados(as).

As convenções do mundo do midiativismo feminista

Retoma-se, nesta seção, o pressuposto de que um mundo social tem como base um conjunto de entendimentos, chamados de convenções (Pereira, 2008), de dispositivos e de interesses que servem de suporte para a realização de um ato social maior (Strauss, 1992; Pereira, 2008). Para analisar as formas de constituição e de manutenção do mundo do midiativismo feminista, tento retrair os sistemas de convenções criados pelas atrizes e atores que circulam por esse espaço, assim como o conjunto convencional do qual elas(es) se apropriam através do contato com outros mundos de intersecção, como o da militância política e o do jornalismo.

No âmbito das relações profissionais, a construção de um método e de categorias é uma negociação coletiva formulada no seio da instituição (Renoux, 2015). Para possibilitar a estruturação da atividade de midiativismo feminista, membros do grupo se comprometem, ainda que de maneira implícita, a seguir uma série de convenções que organizam a participação e também a divisão de tarefas e as interações no interior do grupo. Nota-se que esses ordenamentos convencionais estão em constante comunicação com outros espaços, principalmente o do jornalismo, de onde midiativistas retiram a maior parte da gama de convenções das quais se apropriam para desempenhar suas funções. Além disso, as midiativistas feministas, em especial as que participam da fase de criação das publicações e as que assumem tarefas de captação financeira e recrutamento de pessoal, precisam aprender convenções de outros mundos, como os do empreendedorismo, da administração e da comunicação organizacional, para procurar formas de viabilizar e manter os projetos.

Assim, o midiativismo feminista resgata convenções do mundo do jornalismo, com o qual se intersecciona e dialoga diretamente, para se estabelecer enquanto prática de produção de informação reconhecida como séria e confiável. Destaca-se, em meio às entrevistas com colaboradoras(es) das publicações estudadas, a preocupação com o uso de técnicas jornalísticas de apuração e checagem na produção dos conteúdos. Os públicos também dão ênfase à aplicação de recursos do jornalismo investigativo no trabalho das midiativistas, elencando o embasamento estatístico e de dados das mídias feministas como a característica mais relevante quando perguntados sobre as diferenças entre essas e os jornais hegemônicos. Tal fator é apontado de maneira direta nos discursos de quase dois terços (18 pessoas) das leitoras entrevistadas como o que as faz se interessarem por acompanhar e seguir as publicações²⁵⁴. O relato de Bruna, colunista de literatura d'*AzMina*

²⁵⁴ São elas(e): Alícia (leitora da *Think Olga*); Anna (leitora da *Georgette Sand*); Carol (leitora d'*AzMina*); Cassie (leitora da *Madmoizelle*); Christel (leitora da *Madmoizelle*); Cristine (leitora d'*AzMina*); Crystal (leitora da *Georgette Sand*); Dayane (leitora da *Think Olga*); Fleur (leitora da *Madmoizelle*); Inès (leitora da *Les Glorieuses*); Karla (leitora da *Think Olga*); Keyla (leitora d'*AzMina*); Laetitia (leitora da *Les Glorieuses*); Lucie (leitora da *Georgette Sand*); Maria Cecília (leitora da *Think Olga*); Patrícia (leitora da *Think Olga*); Rafaela (leitora da *Les Glorieuses*); e Victor (leitor do *Lado M*).

que já trabalhou como jornalista *freelancer* para a revista, demonstra a relevância dada às normas jornalísticas no contexto das mídias engajadas pesquisadas:

AzMina é um pé no jornalismo, é muito purismo jornalístico. “Vamos checar a informação”, “Vamos fazer uma reportagem boa, bem feita, com dados”. Quando eu fiz reportagens com elas, sempre tinha esse olhar. Elas diziam: “Checa direito”, “Fala com mais gente”, “Veja se é isso mesmo”, “Trabalha esse dado melhor”, “Coloca em uma linguagem acessível”, “Explica isso melhor porque não está claro”. (entrevista, 2 de agosto de 2021)

A atuação das repórteres é seguida de perto e com regularidade pelas editoras, acompanhamento que inclui reuniões periódicas para debater o andamento da apuração e da escrita, um longo investimento de tempo – já que a produção pode durar meses, como relatam as jornalistas entrevistadas –, além de revisões que implicam modificações mais significativas nos textos em comparação a colunas e artigos de opinião. Ou seja, nota-se que, assim como no jornalismo hegemônico, as dinâmicas de trabalho e de interações das equipes que fazem edição e revisão mudam a depender do formato dos textos.

Mais do que características reapropriadas do jornalismo de forma geral – que atravessam as práticas do grupo por meio da utilização do lide, do formato de pirâmide invertida, de padrões de valores-notícia –, salienta-se também o emprego por essas publicações de estratégias de construção de conteúdos à semelhança da imprensa denominada feminina – com técnicas de humanização de conteúdos, uso da primeira e da segunda pessoas do singular ou da segunda pessoa do plural nos textos, debates em torno de pautas relacionadas à moda e estética, redação de listas e tutoriais, elaboração de matérias com fins de serviços. Abaixo, seguem dois exemplos extraídos das revistas *AzMina* e *Madmoizelle*:

Figura 10

Conteúdo em forma de lista com sugestões de como combater a gordofobia



colunas | opinião | agnes arruda | opinião

30 formas de combater a gordofobia

Um guia para as pessoas magras serem aliadas nessa luta

T Nós fazemos parte do Trust Project [O que é isso?](#)

Compartilhe

Apoie AzMina

Faz 1 ano e 3 meses que escrevo aqui na Revista AzMina. Vinte e nove colunas depois, esta lista comemora TRINTA textos que demonstram, registram e combatem a gordofobia nossa de cada dia. E, do alto dos meus 115 Kg, eu preciso dizer que estou cansada desse preconceito. Farta. CHEIA.

Coluna de Agnes Arruda escrita para a revista *AzMina*

Figura 11

Conteúdo sobre tendências de moda com imagem que mostra mulheres racializadas



Capa de matéria de Anthony Vincent escrita para a revista *Madmoizelle*

Portanto, dentro das dinâmicas de estruturação de um novo mundo, como é o caso do midiativismo feminista digital, ocorre a adaptação de convenções advindas de outros espaços – neste caso, resgatadas fundamentalmente do jornalismo. Os vínculos e os laços criados entre membros das equipes se desenvolvem a partir de processos de socialização que ocorrem ao longo da produção conjunta de conteúdos. As interações se constituem no cotidiano das(os) midiativistas, por meio de cooperações e negociações entre profissionais de redação e edição, lideranças e equipes de apoio.

Apesar da aproximação com o espaço do jornalismo hegemônico, as formas de conduzir a edição das matérias e as interações entre colegas fazem as(os) colaboradoras(es) se sentirem mais à vontade no contexto do midiativismo. Isso é ilustrado pela fala da jornalista Bruna, colunista da *AzMina* cuja trajetória de trabalhos diurnos é centrada em jornalismo televisivo e em produções impressas de grande circulação. Sobre a experiência na revista feminista, ela diz: “Eu não me sinto desrespeitada na hora de editarem os meus textos.

Sempre tem: ‘Está aqui. Vê se está ok’. Não é como em outros lugares em que se tira uma parte, muda tudo e joga com o seu nome” (entrevista, 2 de agosto de 2021).

A necessidade de dominar conjuntos convencionais também se estende para pessoas originárias de outras áreas de atuação que migram ou dialogam com o midiativismo, como Luisa, que é musicista e colunista da revista *AzMina*. Ela confessa (entrevista, 8 de novembro de 2020) não dominar as técnicas de produção do jornalismo – uma vez que sua área de formação é em música –, e salienta que, há ocasiões, quando está escrevendo para a mídia, que acha que seria útil conhecer mais a fundo conceitos e dinâmicas do jornalismo. Depois que a entrevistada redige um texto, o material recebe contribuições das diretoras do projeto responsáveis pelo processo de edição para adequá-lo a formatos que se aproximam mais do jornalístico.

A situação se inverte, porém, quando a revista publica relatos de leitoras e Luisa é alocada para editar os depoimentos, adequando as histórias das audiências aos padrões textuais d’*AzMina*. O sistema de organização das publicações analisadas reafirma a constatação de que produtoras(es) costumam adaptar contribuições de públicos para convenções jornalísticas (Calabrese, Domingo & Pereira, 2015). Mais que isso, as entrevistas e as experiências etnográficas desta tese realçam as necessidades de adequação convencional de conteúdos elaborados por atrizes e atores externos ao mundo do jornalismo, mesmo em projetos que buscam reformular e até romper com parte das convenções da profissão.

Da perspectiva beckeriana, nota-se dois movimentos de recrutamento e formação de equipes no espaço do midiativismo feminista. O primeiro consiste nos esforços das veteranas, especialmente as originárias do mundo do jornalismo, de incorporar ao meio conjuntos de indivíduos ainda não treinados de acordo com as práticas jornalísticas hegemônicas ou não alinhados com essas. De modo que tais atrizes e atores sejam mais maleáveis e adaptem-se com maior facilidade à remodelação ou à criação de novas formas de negociação. Já o segundo movimento abrange o empenho de *insiders* em conservar vínculos com profissionais do jornalismo mais experientes, que possam dar credibilidade ao trabalho do grupo e validar

a produção desse. As publicações, então, tentam se distanciar em alguma medida do mundo do jornalismo, mas apenas de maneira seletiva, já que seguem cumprindo parte das regras, mudam algumas práticas e aceitam outras (Becker, 1982).

Além das estruturas convencionais do jornalismo, o mundo do midiativismo se apoia igualmente em convenções da militância política. O que faz com que as rotinas de produção das equipes se pautem no diálogo constante com conceitos e reflexões dos estudos de gênero e feminismos. As publicações carregam fundamentos do militantismo em suas formas de conduzir e manter os projetos, desde mecanismos de captura financeira ao próprio envolvimento das(os) colaboradoras(es) com espaços de ativismo, relação que transpassa a vida profissional e pessoal de membros do grupo.

Portanto, os processos de circulação das convenções e as formas como os modelos convencionais chegam até o mundo do midiativismo feminista estão associadas às relações das(os) colaboradoras(es) com o ambiente de produção jornalística, com as práticas de uso de dispositivos sociotécnicos e com a imersão em coletivos feministas e movimentos militantes e/ou com o engajamento dos indivíduos em ações ativistas. As formas de atuação nesses ambientes são absorvidas e reproduzidas ou adaptadas com foco na produção de informação feminista.

Entretanto, o fazer midiativista não é meramente uma escolha profissional ou um espaço de atuação que diz respeito à carreira. O midiativismo consagra-se na rotina dessas pessoas como um modelo de vida, em que o tempo de trabalho se funde ao tempo das demais atividades atreladas ao viver e as interações das(os) participantes do grupo formulam um espaço vital de atividade comunitária (Malini & Antoun, 2013). Interseccionando jornalismo e feminismos, essa prática engajada se apropria de características e estratégias de ação dos movimentos sociais, construindo um ambiente inventivo e performático de produção noticiosa.

Processos de socialização e representações da prática

O saber-fazer da(o) jornalista se constitui por meio de constrangimentos advindos de uma estrutura de interdependências com hierarquias, colegas e fontes (Neveu, 2019; Lemieux, 2000). Essa dinâmica se estende para o mundo do midiativismo feminista. A demanda de adequação a convenções que mais parece gerar desconforto nos indivíduos entrevistados é o distanciamento esperado entre o profissional de jornalismo e o tema da reportagem. Cerca de um terço das(os) jornalistas que contribuíram com a pesquisa citaram esse incômodo ao longo das conversas.

Uma parcela dessas profissionais – como mostram as falas de Agustina (*Les Glorieuses*) e Catarina (*Lado M*) – ainda parece compartilhar o discurso ideológico do jornalismo hegemônico relacionado à ideia de neutralidade. Elas se sentem mal porque acham que, enquanto jornalistas, deveriam manter-se distantes do assunto abordado na reportagem, o que, no contexto do midiativismo e da cobertura de gênero, não acontece. Agustina afirma, contudo, ter consciência de que, para quem também faz militância em paralelo ao jornalismo, é difícil manter um distanciamento emocional frente a temáticas de violências de gênero. Ela pontua: “Trata-se de como você deve equilibrar isso, para poder reportar da maneira mais responsável possível” (entrevista, 29 de julho de 2022)²⁵⁵.

Outro elemento que aparece na conversa com a repórter Catarina (*Lado M*), recém-formada à época da entrevista, é a reprodução da percepção de que haveria uma hierarquia de coberturas e editoriais na qual o jornalismo de gênero ficaria preterido em relação a pautas econômicas e políticas. Sobre sua experiência como *trainee* em um jornal de grande circulação no Brasil – a *Folha de S.Paulo* –, ela afirma: “Nessa rotina de fluxo de trabalho muito grande, acaba não tendo espaço para pautas que são menos urgentes em relação ao acontecimento e às *hard news* (...) está todo mundo cobrindo Política e Economia” (entrevista, 21 de julho de 2021).

²⁵⁵ Tradução da autora para o trecho: “Esto se trata de cómo debe de balancearlo, de poder informar de la manera más responsable posible”.

A distinção entre jornalismo e militância é uma preocupação que surge com mais frequência em narrativas de midiativistas francófonas(os). Mathis, por exemplo, relata (entrevista, 2 de agosto de 2022), que, antes de entrar para a *Madmoizelle*, acreditava que o que a revista fazia, na realidade, correlacionava-se mais à estrutura de blog do que ao jornalismo. O *podcaster* explica que foi só depois de ter contato com conteúdos feitos por colegas como o jornalista de moda e cultura Anthony que ele entendeu que o trabalho da revista não se restringia a opiniões e brincadeiras ou memes²⁵⁶.

No âmbito da *Les Glorieuses*, Rebecca e Chloé, ambas colaboradoras da *newsletter*, buscam se distanciar do rótulo de militantes, como estratégia para não invalidar, frente a outros mundos sociais, suas produções de informação voltadas para o debate de gênero. Enquanto Megan, jornalista do boletim informativo responsável pela editoria internacional, mostra-se frustrada com o fato de que quem faz jornalismo de gênero ainda precisa provar para a sociedade que não se está fazendo meramente militância. Ela enfatiza que, mesmo que se apure as informações usando-se técnicas jornalísticas e que se recorra a bases científicas para produzir conteúdos, as pessoas duvidam da legitimidade do trabalho.

Trabalho muito com reportagens sobre violência doméstica, feminicídio, violência contra a mulher. E ainda me deparo com editores que não acreditam nas sobreviventes e querem mais provas e esse tipo de coisa. Portanto, o tipo de visão sexista que está embutida em nossa sociedade aparece no jornalismo o tempo todo. (...) Não é ativismo apontar as desigualdades que existem na sociedade, e não é ativismo mudá-las. Quero dizer, o jornalismo em sua forma mais elevada é fazer mudanças para melhor. Portanto, querer fazer isso não significa que você não seja jornalista e não significa que você não seja objetiva. Significa que você está apontando uma falha e esperando que ela seja corrigida. (Megan, entrevista, 22 de julho de 2022)²⁵⁷

²⁵⁶ O uso de memes e o resgate de elementos imagéticos da internet é uma das estratégias da publicação para dialogar com os públicos nas redes sociais.

²⁵⁷ Tradução da autora para: "I do a lot of work reporting on domestic violence, femicide, violence against women. And I still run into editors not believing survivors and wanting more proof and that kind

As análises desta tese confirmam que o discurso ideológico do jornalismo hegemônico influencia nas interações e negociações de atrizes e atores que compõem as publicações estudadas. Uma parte das(os) jornalistas(os) ainda reproduz essas lógicas discursivas, perseguindo preceitos de produção de conteúdos objetivos e imparciais ou buscando se afastar de rótulos que as(os) associem à militância em formato tradicional – atrelada a partidos, coletivos e sindicatos. Enquanto outras(os) se engajam para combater os discursos do mundo do jornalismo. Mas o grupo como um todo tem suas rotinas impactadas por construções socioprofissionais que advêm do espaço jornalístico tradicional e se refletem na prática midiativista.

Nas falas de jovens jornalistas, nota-se o desconforto com relação à falta de distanciamento que elas criam frente às temáticas de gênero e étnico-raciais no momento de desenvolverem coberturas jornalísticas²⁵⁸. A repórter do *Lado M* Catarina carrega certa culpa por acreditar que, ao trabalhar com essas pautas, não se adequa a preceitos éticos e técnicos da profissão, já que não consegue ser imparcial. “Eu vejo uma dificuldade minha na questão do distanciamento, que é o mito do jornalismo: ser imparcial. Quando eu estou fazendo essas pautas, eu sinto dificuldade de me distanciar porque tem uma identificação comigo muito grande” (entrevista, 21 de julho de 2021).

Em contrapartida, as profissionais mais velhas e mais experientes, como as jornalistas que atuaram em redações, defendem que o jornalismo é um espaço propício para o investimento crítico da(o) profissional que o executa, o que pode aproximar a prática da postura de engajamento contestatório e ativista. Visto que há dois componentes comuns a esses jornalistas e aos militantes: a intensidade do engajamento e a vontade de

of thing. So the kind of sexist views that are embedded in our society come out in journalism all the time. (...) It's not activism to point out the inequalities that exist in society, and it's not activism to change them. I mean, journalism in its highest kind of form is makes change for the better. And so to want to do that does not mean that you are not a journalist and it doesn't mean that you're not objective. It means you're pointing out a flaw and hoping it gets corrected”.

²⁵⁸ As jovens midiativistas salientam ainda a noção de que desenvolvem uma atividade de nicho (voltada para grupos de mulheres ou mulheres feministas), corroborando com a afirmação de que “o masculino é universal (e o feminino é um nicho) (Perez, 2022, p. 28).

transformação social e de subversão de regras – políticas ou midiáticas (Frisque, 2010). As jornalistas feministas, assim, passam a denunciar a objetividade no jornalismo como um mito que camufla ideologias dominantes (masculinas, brancas, heterossexuais, cisgênero) (Coffin, 2020; Breda, 2022).

Mesmo profissionais mais experientes sofrem com a falta de legitimidade dos espaços de mídia engajada e a falta de reconhecimento enfrentada por atrizes e atores que compõem as publicações feministas, de modo que uma parcela do grupo passa a procurar legitimidade em outros ambientes, seja o do jornalismo hegemônico, seja em mundos mais distantes, como o universitário e o político, fazendo com que o midiativismo assuma mais a posição de um processo do que de um estado (Ferron, 2016) na carreira de parte das(os) entrevistadas(os).

As(os) jornalistas-ativistas acabam por assumir papéis estereotipados de jornalista ou de ativista/militante (Ferron, 2010), como se não houvesse possibilidade de conciliar essas duas frentes de ação. As midiativistas da *newsletter Les Glorieuses* Rebecca e Chlôe, por exemplo, reforçam que não gostam de serem identificadas como militantes. Chlôe conta que já deu entrevistas em que, em vez de ser apresentada como jornalista, foi identificada como “feminista”, o que a deixou irritada. Para ela, o militantismo não é o que a define enquanto profissional, pois ser feminista não é sua profissão.

Não obstante, há membros das publicações feministas que, ao se reivindicarem assumidamente jornalistas com foco em gênero ou produtoras de conteúdo feministas, tornam-se figuras centrais no processo de legitimação de ações e produtos do mundo social. É o que ocorre, por exemplo, com a figura de Nana Queiroz, jornalista responsável pela fundação da revista *AzMina*. Enquanto atuava nessa mídia, ela exercia o papel de porta-voz da instituição e colocava-se à disposição para conceder entrevistas, explicar o projeto para outras mídias interessadas no assunto e contribuir com pesquisas acadêmicas sobre o funcionamento do jornalismo feminista (Buitoni & Lopes, 2018; Duarte *et al.*, 2017). Rebecca (*Les Glorieuses*) e Juliana de Faria (*Think Olga*) também assumiam esses papéis, recorrendo

a estratégias de personificação dos projetos de forma a fazê-los ganharem mais destaque e visibilidade midiática e digital²⁵⁹.

Os resultados desta pesquisa reforçam que, em diferentes medidas, jornalistas engajadas(os) mobilizam ao mesmo tempo convicções políticas e competências profissionais, fazendo do engajamento uma fonte de impulsionamento profissional e da profissão um modo de realização militante (Lévêque & Ruellan, 2010). Ainda que as denominações que atrizes e atores dão a suas formas de militância e/ou ativismo sejam distintas, o grupo como um todo permite que suas vivências profissionais sejam atravessadas por preceitos de gênero – geralmente de uma perspectiva interseccional –, de modo que essas pessoas exploram as práticas jornalísticas a partir de posturas comprometidas com a causa feminista.

Internamente, os vínculos da equipe se baseiam nos laços criados entre as(os) colaboradoras(es), estimulados por processos de socialização na redação, os quais se constituem no cotidiano com redatoras e colunistas ensinando e ajudando umas às outras. Quando se formulam vínculos sociais, são criadas também identidades, estilos e disposições para a ação (Gaiger, 2016). As trocas permitem que pessoas de fora do mundo do jornalismo adentrem o mundo do midiativismo feminista, produzindo conteúdos informativos engajados. Os depoimentos desse grupo de entrevistadas sugerem que, mesmo admitindo que não possuem internalizadas as convenções do jornalismo, as profissionais de outras áreas que produzem textos ou conteúdos audiovisuais se sentem preparadas para atuar como midiativistas porque possuem domínio de convenções ligadas ao ativismo digital.

Há, portanto, uma reafirmação da prática de produtoras(es) de conteúdo informativo de adaptarem contribuições de públicos para convenções jornalísticas (Calabrese, Domingo

²⁵⁹ Todavia, algumas entrevistadas, como Amanda (*AzMina*), não se sentem suficientemente legítimas para serem consideradas figuras representativas do espaço do midiativismo feminista e destacaram em suas falas que precisaram de um tempo para refletir sobre participar ou não da entrevista e desta pesquisa, uma vez que não se consideravam aptas para tratar do tema enquanto representantes ou referências do mundo social.

& Pereira, 2015). Assim como ficam explícitas as necessidades de adequação de conteúdos feitos por atrizes e atores externos às convenções do mundo do jornalismo, mesmo em publicações que procuram se desvincular de parte das convenções da profissão. Essas dinâmicas reforçam redes de estratégias, de solidariedade e de lutas que conectam os membros do espaço jornalístico uns aos outros (Neveu, 2019), permitindo a consolidação das práticas de midiativismo feminista e a legitimação e reconhecimento profissional de quem trabalha nesse mundo.

Papel das hierarquias

Embora se considere um mundo alternativo, as mídias engajadas reproduzem conjuntos de lógicas empresariais. Uma das formas mais recorrentes de constrangimento enfrentada pelas(os) midiativistas feministas é a imposição da adoção de um perfil multitarefas, que surge das injunções do jornalismo, somadas à cultura de produtividade crescente inerente a mecanismos mercadológicos e às demandas atreladas ao contexto de imersão sociotécnica de que é preciso conhecer e dominar ao máximo os debates que circulam na mídia nacional e internacional. Mariana, criadora do site *Lado M*, pontua (entrevista, 15 de julho de 2021) que costumava se sentir pressionada a estar a par e a abordar a maior quantidade possível de pautas e discussões em torno dos feminismos no Brasil e no mundo. Com o tempo, contudo, ela entendeu que a publicação não conta com estrutura jornalística para isso. A jornalista, então, passou a tentar conduzir o trabalho com leveza, impondo-se menos prazos e cobranças, para não sentir vontade de desistir de manter o site.

Os constrangimentos relativos à produtividade atravessam o mundo do midiativismo de maneira transnacional – por meio de transformações ligadas à globalização de fluxos econômicos e a mudanças culturais, sociais e organizacionais no âmbito do jornalismo (Le Cam & Pereira, 2022). As entrevistadas(os) sofrem pressões socioprofissionais – impostas por si próprias(os), por colegas e por dinâmicas de interações via plataformas digitais – para produzir conteúdos em tempo real, para tratar da integralidade de pautas de gênero que

circulam pela internet e para realizar coberturas em profundidade seguindo a mesma regularidade de entrega de produtos informacionais de mídias de grande circulação, mesmo que as equipes das publicações feministas analisadas sejam restritas e, portanto, sua capacidade de produção também.

Em meio às entrevistas em profundidade, sobressaem-se relatos como o do jovem Mathis, que é responsável por *podcasts* na *Madmoizelle*. Ele descreve (entrevista, 2 de agosto de 2022) que se sente culpado por gostar de ser muito produtivo e por se estressar quando não há tantas atividades para fazer ao longo de sua jornada de trabalho. Por ter um posicionamento político-ideológico à esquerda, ele gostaria de não reforçar demandas profissionais que considera capitalistas e exploratórias.

Seguindo uma argumentação similar, seu colega de redação, o jornalista Anthony, critica as exigências de possuir um perfil multitarefas feitas a profissionais de jornalismo na atualidade. Ele exemplifica os desgastes ocasionados por essa imposição descrevendo a rotina de execução de suas próprias atividades: “Tenho que escrever artigos, revisá-los, fazer vídeos, enquadrá-los, produzi-los, gravá-los, fazer a gravação de som, editá-los e criar *podcasts*, produzir os *podcasts*, fazer a voz, a edição e a mixagem. E também tenho que trabalhar na Twitch²⁶⁰” (entrevista, 20 de julho de 2022)²⁶¹. O repórter conta ainda que, enquanto grava as emissões para a rede social, ele precisa manusear as posições de câmeras ao mesmo tempo em que fala e faz entrevistas.

Em adição aos depoimentos de sobrecarga profissional e do uso de ferramentas digitais (Gaujoux *et al.*, 2023), a entrevista com a colunista da *AzMina* Cris também remete ao estereótipo da mulher enquanto indivíduo socialmente visto como multitarefas (Vidal & Colin, 2021). Ao se classificar como “profissional de multifacetadas” (entrevista, 3 de setembro de 2021), a jornalista, que também acumula outros empregos – colunista do site de

²⁶⁰ Plataforma *on-line* de *streaming* em que as pessoas fazem transmissões ao vivo e, simultaneamente, interagem com os públicos.

²⁶¹ Tradução da autora para: “Moi je dois écrire des articles, relire les articles, faire des vidéos, les cadrer, les réaliser, les enregistrer, faire la prise de son, faire le montage et créer des podcasts, réaliser les podcasts, faire la voix, le montage, le mixage. Et je dois aussi faire Twitch”.

informações *Uol*, apresentadora da TV Cultura, profissional da área de moda (no projeto Periferia Inventando Moda), empreendedora (dona de restaurante), palestrante (TedTalker) e *podcaster* (*Meteora*) –, ressalta suas habilidades de gerir simultaneamente uma multiplicidade de projetos, ao mesmo tempo em que corrobora com processos de reafirmação de constrangimentos da profissão e de gênero.

Na contramão desse discurso, a jovem mestranda (na Escola de Jornalismo do Instituto de Estudos Políticos – Sciences Po – de Paris) Emilie, videasta da *Madmoizelle*, alega empenhar esforços para manter sua vida profissional apartada da vida pessoal a partir do momento em que deixa a redação. Ela critica a demanda de que jornalistas devem estar constantemente disponíveis, defendendo que é preciso ter tempo e espaço para se viver:

Há muitas pessoas que pensam que o jornalismo é apenas um trabalho-paixão e, portanto, que devemos estar sempre disponíveis para trabalhar a qualquer hora e que nosso trabalho é nossa vida. Sim, o trabalho é muito importante e é uma carreira. É um setor em que você precisa estar preparada para fazer horas extras às vezes, mas ainda é um trabalho, e temos toda uma vida em paralelo. (entrevista, 22 de julho de 2022)²⁶²

Nesse aspecto, o ambiente do midiativismo feminista digital se propõe a se desvencilhar de um conjunto de constrangimentos associados ao mundo do jornalismo. Ocorre a flexibilização de parte das convenções, relacionadas a horários (que podem ser reduzidos ou redistribuídos), a regimes de trabalho (que passam a ser híbridos ou remotos) e mesmo à periodicidade de produção (que pode ser sob demanda), criando dinâmicas que permitem a uma parcela do grupo experienciar rotinas menos exaustivas. Essa realidade dialoga mais diretamente com o cotidiano de pessoas em posições de turistas-regulares ou mesmo de regulares que atuam como voluntárias. Porém, para *insiders* de maneira geral e

²⁶² Tradução da autora para: “Il y a beaucoup de gens qui pensent que le journalisme c'est seulement un métier passion et donc on doit toujours être disponible travailler à n'importe quelle heure et que notre travail c'est notre vie. Donc oui, le travail c'est très important et c'est une carrière. Ça c'est un secteur où il faut être prête à donner ses heures supplémentaires parfois, mais ça reste un travail, on a toujours une vie à côté”.

para regulares que são remuneradas, apesar de haver ajustes nos modelos convencionais do mundo, injunções por produtividade e por perfis multitarefas se mantêm, em uma reprodução de forças econômicas e políticas que orientam as relações e negociações da prática das mídias engajadas. Ou seja, as transformações de formas de negociação se acentuam conforme o mundo se distancia do jornalismo e de lógicas empresariais e se aproxima do militantismo e de formas de organização horizontalizadas.

Formas de cooperação de midiativistas feministas

Midiativistas de todas as publicações analisadas mencionam usar ferramentas de redes sociais como mecanismos de contato e trocas informacionais entre os membros dos projetos. No site *Lado M*, especificamente, esses espaços tornaram-se o meio central de interações entre as atrizes, já que as colaboradoras estão em diferentes cidades do Brasil. Elas mantêm um grupo de WhatsApp e um outro de Facebook, nos quais partilham fontes, informações, contatos e mesmo indicações de profissionais e vagas de emprego. A repórter Malu exemplifica essa constatação:

No grupo de WhatsApp, se alguém tem uma vaga para mulher, aí mandam lá no grupo... Ou se tem uma iniciativa de apoio a uma causa, ou alguma organização relacionada à questão de gênero, mandam lá também. Criam essa rede de contato! (entrevista, 19 de julho de 2021)

A constituição de ambientes de debates de gênero entre jornalistas e outras profissionais feministas via plataformas digitais não se restringe aos membros de publicações midiativistas estudadas. É o que demonstra o relato de Agustina (entrevista, 29 de julho de 2022), jornalista da *newsletter Les Glorieuses*, que faz parte de um grupo de WhatsApp de mulheres jornalistas argentinas e de outro composto por jornalistas da América Latina. Mais um exemplo é o de Megan, jornalista britânico-australiana que também atua na *Les Glorieuses*, e que, enquanto se desenvolvia a etnografia desta tese, criou no Telegram, em

parceria com a editoria de gênero da CNN – *As equals*²⁶³, um grupo internacional de pessoas que trabalham com gênero e/ou que estudam o assunto (diário de campo, 16 de novembro de 2022).

As dinâmicas de teletrabalho levam uma parcela das entrevistadas – essencialmente as que atuam como voluntárias e, portanto, são turistas-regulars, ou as que moram em cidades não-sede das publicações, ou seja, fora de Paris e São Paulo – a terem contatos com as colegas apenas ou principalmente de forma remota. De modo que essas atrizes não conhecem pessoalmente todos ou uma parte dos membros de suas equipes, mas, ainda assim, se comunicam com esses por chamada de vídeo, conversas *on-line*, reuniões digitais sobre ações, metas e projetos.

As práticas da equipe se organizam em torno de um ativismo que advém da internet (Hollanda, 2019) e atravessa vivências físicas das atrizes e atores. Mais da metade das(os) midiativistas entrevistadas (18 pessoas) conhecem poucas colegas pessoalmente ou, embora as conheçam, praticamente não as veem – pelo fato de estarem em cidades diferentes. Ainda assim, elas(es) dialogam e compartilham experiências regularmente, fortalecendo laços à distância. A identificação com o movimento feminista faz surgir parcerias nacionais e até transnacionais entre membros do mundo social, contribuindo com a manutenção desse espaço.

Nota-se, porém, que há divisões internas nas equipes que contribuem para moldar as categorias de envolvimento de atrizes e atores com o midiativismo. As segmentações podem ser de duas ordens: 1) Diz respeito ao vínculo formal de trabalho que a midiativista possui com relação ao projeto; e 2) Abrange as relações pessoais e os vínculos afetivos pré-existentes ou desenvolvidos ao longo do convívio no âmbito profissional e/ou ativista. A organização interna identificada no caso da revista *AzMina* traz exemplos dessas duas situações. A colunista Luisa (entrevista, 8 de novembro de 2020), que é musicista e mora em São Paulo, pelo fato de ser voluntária e compor a equipe flutuante da publicação, não

²⁶³ Disponível em: <https://edition.cnn.com/interactive/asequals/>.

participa das reuniões de pauta do grupo, que são voltadas para colaboradoras fixas e remuneradas.

Contudo, assim como ocorre com a jornalista e também colunista da revista Bruna (entrevista, 2 de agosto de 2021), Luisa tem amigas e colegas de faculdade em comum com criadoras da publicação e é originária da mesma universidade que essas – o grupo se conheceu na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, que reúne cursos como jornalismo, artes cênicas, música, publicidade e turismo. O que faz com que Bruna e Luisa mantenham uma relação mais estreita com *insiders* e atrizes regulares da mídia, de modo que participam de grupos de WhatsApp onde circulam debates sobre pautas e decisões internas. Enquanto outras colunistas, como Leandra (entrevista, 2 de agosto de 2021), formada em produção social e moradora de São Paulo, ou a jornalista Flay (entrevista, 6 de agosto de 2021), que vive no Maranhão, não foram convidadas a adentrar esses espaços de interação. Tais constatações indicam a existência de hierarquias no seio das mídias feministas inclusive entre as colaboradoras turistas-regulares, com base não apenas em relações profissionais, mas especialmente em vínculos afetivos.

Nota-se que a cooptação, entendida como busca e seleção de um(a) candidato(a) dentro de uma rede restrita de pessoas conhecidas direta ou indiretamente ou através de recomendações de membros dessa rede (Juban *et al.*, 2015), é um método que desempenha papel central nos intercâmbios e associações de inserção no mundo social que ocorrem entre atrizes e atores, resultando em distribuições desiguais de recursos e de poder. Embora recrutadoras(es) se apoiem na justificativa de que o uso desse método facilita ou torna mais segura a inserção de novas(os) profissionais à equipe, ocorre o incentivo de mecanismos de reprodução social e o risco de discriminação e não diversificação dos grupos (Monchatre, 2014). As práticas de cooptação se dão pela mobilização de relacionamentos pessoais, são recorrentes em pequenas empresas e as escolhas geralmente são feitas por indivíduos em posições gerenciais (Juban *et al.*, 2015). No caso das publicações feministas, dinâmicas de cooptação limitam o espaço a um perfil de midiativistas fundamentalmente composto por

mulheres brancas, de grandes cidades e com formações de ensino superior em instituições renomadas.

Em termos de organização e distribuição de tarefas, entre *insiders* e regulares, e englobando ainda uma parcela de turistas-regulares, atrizes e atores do mundo do midiativismo feminista descrevem grande integração da equipe e necessidade de diálogo constante entre os membros para alinhar com responsáveis por cada atividade o que e como cada passo deve ser feito, em termos de produção de informação, captação de recursos, publicação de conteúdos em redes sociais, criação de matérias de arte e *design*. Em todas as mídias, colaboradoras(es) cooperam entre si para acompanhar e editar os trabalhos umas das outras regularmente.

Somado a isso, as publicações procuram manter uma cultura de compartilhamento de conhecimento. De forma que, quando um(a) midiativista faz cursos ou participa de eventos cujas discussões possam interessar a colegas, ela(e) repassa aos demais as informações que considerar pertinentes para o desenvolvimento do trabalho. N'*AzMina*, por exemplo, como relata Verena, jornalista e gerente de captação e parcerias da mídia (entrevista, 11 de agosto de 2021), a equipe contrata consultorias e aloca um pequeno grupo, de três ou quatro membros, para acompanhar as reuniões e orientações das(os) consultoras(es) e, posteriormente, esse grupo fica responsável por transmitir os aprendizados para as demais.

No cenário brasileiro, especificamente, observou-se que a ampliação do trabalho remoto impulsionou a expansão das equipes das publicações feministas para outras regiões do Brasil, o que se acentuou ainda mais no período da pandemia de Covid. Nos casos da revista *AzMina* e da ONG *Think Olga*, houve, ainda, esforços da coordenação dos projetos voltadas para o cuidado com a saúde mental das colaboradoras. Em decorrência da crise sanitária, nessas duas iniciativas, foram criadas reuniões de apoio para encorajar o diálogo e a troca de experiências entre as colaboradoras e como forma de tentar aplacar os problemas acarretados pelo isolamento social e pela sobrecarga de atividades que muitas precisaram assumir.

A profissional de relações públicas da *Think Olga* Marjana explica que a ONG implementou uma reunião de equipe semanal não para tratar de trabalho diretamente, mas para as midiativistas interagirem entre si, se verem e se “encontrarem” – embora digitalmente. A ideia é colocar à disposição do grupo um espaço de partilhas e de conversa: “É só para se aproximar, porque é proibido falar de trabalho. É para conversar sobre coisas da vida e ver o que está acontecendo uma com a vida da outra, ver as carinhas. É muito bom! É um momento em que a gente relaxa” (entrevista, 12 de agosto de 2021).

Proposta semelhante foi implementada na revista *AzMina*, onde, mesmo após a pandemia, foram mantidas e aperfeiçoadas as dinâmicas de reuniões de acolhimento. A equipe contratou uma psicóloga para orientar os encontros. São sessões de duas horas em que a equipe de *insiders* e de regulares – as colunistas voluntárias não participam – tratam sobre assuntos pessoais, compartilham experiências ou simplesmente escutam as colegas. É um espaço em que não são abordadas questões de trabalho.

Constata-se a existência de relações de interdependência e de cooperação inclusive na constituição de projetos midiativistas de caráter voluntário. A auditora financeira Fayrouz (entrevista, 24 de julho de 2022) e a jornalista Marguerite (entrevista, 27 de julho de 2022), ambas voluntárias do coletivo feminista *Georgette Sand*, contam que, quando a equipe concentrava-se essencialmente em Paris, as midiativistas procuravam promover encontros presenciais, seja na casa de alguém ou em bares e restaurantes. No verão, faziam encontros ao ar livre e buscavam formas de interagir presencialmente, como estratégias de compensação para a falta de endereço fixo da iniciativa. No site *Lado M*, apesar de não haver mais reuniões presenciais na casa da criadora do projeto – porque a disposição geográfica das colaboradoras se descentralizou –, ainda ocorrem interações face-a-face por meio de encontros casuais de membros da equipe na Universidade de São Paulo – onde estudam a maior parte das midiativistas da publicação.

As formas de cooperação do grupo se apoiam no estreitamento das interações e na criação de vínculos entre as atrizes – e eventuais atores – do mundo, construindo elementos de suporte para que as(os) midiativistas atuem juntas(os) e de modo eficiente para produzir

um trabalho conjunto (Becker; 1982), em um ambiente que se aproxima das propostas de coletivização de vivências observadas nos modelos de funcionamento dos novíssimos movimentos sociais. Essas estruturas são usadas como inspiração para as publicações engajadas analisadas, que moldam, repensam e se apropriam de práticas de outros espaços de atuação militante, para propor seus próprios moldes de ativismo, com foco na produção de informação feminista.

Estratégias de financiamento das mídias

O conjunto de estratégias de financiamento adotados para a criação e manutenção do mundo social é um dos fatores que determina se o produto final – no caso das publicações estudadas, as informações feministas – conseguirá ou não se estabelecer (Becker, 1982). Mundos já estabelecidos, como o do jornalismo, dominam táticas de obtenção de verba para suas atividades. Enquanto mundos que ainda estão se estabelecendo são desafiados a traçar suas próprias formas de subsistência, enfrentando desafios financeiros, de quantidade de pessoal nas equipes e de divulgação do espaço, em fluxos de funcionamento em que esses contextos dependem uns dos outros para garantir a continuidade da prática.

É preciso, portanto, que as atrizes criem convenções relativas ao financiamento das mídias engajadas. As publicações analisadas possuem diferentes estatutos e formas de estruturação interna para viabilizar a manutenção dos projetos, ainda que contem com uma gama de elementos comuns conectados por práticas do jornalismo e da militância política, resultando na base convencional do mundo social. As entrevistas com a totalidade do grupo de midiativistas mostraram que a preocupação com as estratégias de financiamento é uma constante nesse espaço. As entrevistas com a totalidade do grupo de midiativistas mostraram que a preocupação com as estratégias de financiamento é uma constante nesse espaço.

Enquanto mídias nativas do ambiente digital, com menos recursos financeiros e modelos econômicos frágeis, as publicações feministas estudadas se inspiram nos moldes de financiamento por publicidade, vendas de assinaturas ou doações (Joux, 2022) e ampliam essas possibilidades, recorrendo também a organizações que fomentam projetos

socioculturais e ao oferecimento de cursos, palestras e consultorias. São projetos que se pautam na proposta de manter linhas editoriais engajadas por meio da renovação de ligações entre modelos econômicos alternativos e pluralismo de informação *on-line* (Lyubareva & Rochelandet, 2017).

A captação de recursos varia muito de uma iniciativa para outra. A revista *AzMina*, por exemplo, conta com financiamento participativo e especialmente com a participação em editais públicos de fomento de projetos culturais²⁶⁴. Já a *Think Olga* oferece serviços de conscientização sobre igualdade de gênero, através de conferências e cursos, para empresas privadas. *Madmoizelle* e *Les Glorieuses* têm empresas patrocinadoras. O coletivo *Georgette Sand* se mantém por meio do retorno que recebe dos direitos autorais do livro *Ni vues ni connues* e através do que as voluntárias ganham ao ministrar palestras, seminários e cursos – embora elas nem sempre façam essas ações de maneira remunerada, realizando também cursos gratuitos. Já o portal *Lado M* não possui nem busca financiamento. Em outras palavras, as iniciativas podem ter estatutos completamente diferentes, mesmo que se apresentem e se identifiquem como um projeto ou mídia feminista independente e engajada, como mostra a figura (12) abaixo:

²⁶⁴ O trabalho começou sendo voluntário e depois passou a ser remunerado, à medida que lideranças foram desenvolvendo técnicas de arrecadação de dinheiro e estratégias para terem candidaturas aceitas em editais de fomento cultural. Nota-se que atrizes da fase inicial da publicação precisaram aprender convenções de outros mundos sociais (como o do empreendedorismo) para procurar formas de manter o projeto.

Figura 12

Estatutos e formas de financiamento das publicações feministas

Mídia	Estatuto	Financiamento ²⁶⁵
<i>AzMina</i>	Revista feminista	Doações e editais de fomento
<i>Georgette Sand</i>	Coletivo feminista	Direitos autorais de livro e elaboração de cursos e palestras
<i>Lado M</i>	Site de informação	Sem financiamentos
<i>Les Glorieuses</i>	<i>Newsletter</i>	Empresas patrocinadoras e editais de fomento
<i>Madmoizelle</i>	Revista feminina	Empresas patrocinadoras
<i>Think Olga</i>	ONG	Doações, consultorias e elaboração de cursos e palestras

A experiência de campo e as entrevistas desta tese evidenciam a relevância das equipes de captação e de apoio financeiro no interior do mundo do midiativismo feminista. Um terço das colaboradoras das publicações estudadas dedicam-se, em maior ou menor grau, ao trabalho de arrecadação de fundos e obtenção de recursos monetários. São elas: Bárbara (*Think Olga*), Carolina (*AzMina*), Fayrouz (*Georgette Sand*), Mariana (*Lado M*), Marguerite (*Georgette Sand*), Marília (*AzMina*), Marjana (*Think Olga*), Paula (*Think Olga*), Rayana (*AzMina*), Rebecca (*Les Glorieuses*), Sophie (*Madmoizelle*) e Verena (*AzMina*).

Considerando-se as proporções das equipes, observa-se que as revistas *AzMina* e *Madmoizelle* e a ONG *Think Olga* alocam uma quantidade maior de pessoas (cerca de um terço de seus membros) em atividades de caráter financeiro e administrativo. Na *newsletter Les Glorieuses* e no site *Lado M*, essas tarefas estão centralizadas nas criadoras das mídias (Rebecca e Mariana, respectivamente). Enquanto no coletivo *Georgette Sand*, tais funções de apoio são distribuídas entre o grupo de maneira mais informal, conforme as agendas de quem tem disponibilidade para ministrar cursos e tarefas, embora a equipe conte com uma tesoureira fixa.

²⁶⁵ São destacadas no quadro as principais formas de financiamento das publicações feministas listadas por suas colaboradoras. Contudo, há ainda outras estratégias, como a venda de produtos associados à mídia – cadernos, bolsas, canecas – e a existência de parceiros *pro bono*, que prestam serviços gratuitamente.

Os choques de mudanças vividos pelas(os) jornalistas, para além da conjuntura sociotécnica, são ainda mais ampliados pela situação econômica da atividade (Neveu, 2019). As produtoras de conteúdos e o pessoal de apoio reconhecem que, ainda que haja prazer pessoal e reconhecimento profissional na prática de fazer informação de caráter engajado, a dificuldade de se obter financiamentos atravessa o mundo social e, por consequência, as rotinas e formas produtivas de atrizes e atores que o compõem. De maneira predominante, a visão de colaboradoras *insiders* e regulares é que o financiamento funcionaria como elemento-chave para garantir a continuidade das publicações, como se observa nos casos d'*AzMina*, da *Les Glorieuses*, da *Madmoizelle* e da *Think Olga*. Essas se aproximam mais ou do mundo do jornalismo (as três primeiras mídias) ou do da comunicação empresarial (a ONG), e se propõem a remunerar as(os) colaboradoras(es). As equipes têm a percepção de que, para fazer e difundir informação engajada, é preciso ceder a lógicas comerciais e mercadológicas:

Não tem como a gente pensar em fazer um ativismo de impacto sem ter dinheiro, infelizmente! A gente vive em um mundo capitalista, então a gente precisa de dinheiro para fazer as coisas acontecerem de uma maneira maior e é essencial que tenha essa organização, essa administração financeira, para fazer as coisas acontecerem. (Bárbara, assistente administrativa da *Think Olga*, entrevista, 30 de julho de 2021)

Com uma outra abordagem, o coletivo *Georgette Sand* – mais alinhado à militância política do que as demais publicações estudadas – parece menos dependentemente de recursos financeiros para dar continuidade às ações da equipe, uma vez que conta com o trabalho voluntário das atrizes que o constituem. Ainda assim, seus membros buscam coletar fundos e fazer circular verbas para dar suporte a eventos e atividades que promovem. O caso do site *Lado M*, por sua vez, aproxima os formatos organizacionais dos dois grupos anteriores. Por um lado, trata-se de uma publicação composta inteiramente por jornalistas e que se consolida como uma espécie de jornal-laboratório para seus membros – que frequentemente são profissionais ainda em formação. Portanto, a publicação possui fortes vínculos com o mundo do jornalismo. Por outro lado, a criadora não pretende monetizar o

projeto e acredita que sua manutenção depende justamente do distanciamento de demandas financeiras. O que aproxima o site do mundo da militância política.

A jornalista Mariana, criadora da mídia, relata (entrevista, 15 de julho de 2021) que ela e duas amigas idealizaram a proposta como uma empresa – em 2014 – e até registraram um CNPJ associado a essa. Entretanto, elas não conseguiram patrocinadoras(es) para o projeto. Quatro anos mais tarde, resolveram assumir o caráter voluntário do *Lado M*. Com o tempo, as duas sócias de Mariana deixaram o site e foram se investir em outras atividades. Ela permaneceu e ainda o mantém como um *hobby*, uma atividade de lazer.

A entrevistada descreve nutrir um sentimento de alívio diante da decisão de assumir o caráter voluntário do trabalho e de não precisar mais se preocupar em empenhar esforços para tentar monetizar o projeto. Além disso, custos foram reduzidos, já que, ao desistir de manter o portal como uma empresa, esse migrou o conteúdo para uma plataforma gratuita, de modo que a equipe não tem mais gastos com servidor e com hospedagem do site e de marca. Em termos de compensação de recursos para as voluntárias, a repórter Vanessa (entrevista, 19 de julho de 2021) sublinha que, ainda que não haja remuneração, há outras vantagens do trabalho para a mídia que são convertidas em retornos financeiros, como a participação em cabines de imprensa²⁶⁶, as parcerias com editoras – na qual quem se interessa por fazer resenha de livro ganha um exemplar para si – e os convites para cobrir peças e eventos culturais. De forma geral, os capitais sociais e culturais adquiridos a partir dessas experiências das(os) midiativistas entrevistadas também podem ser convertidos em capital financeiro, como oportunidades de trabalhos e empregos para as(os) atrizes e atores.

As publicações que se estruturam sem recorrer ao apoio de empresas e patrocinadores, como a revista *AzMina* e o coletivo *Georgette Sand*, dependem de forma mais acentuada de financiamentos coletivos e contribuições advindas dos públicos. A inserção no mundo do midiativismo faz as atrizes tomarem consciência das engrenagens de sustentação

²⁶⁶ Seção especial de um espaço onde ocorre um evento cultural, político ou esportivo disponibilizado para que a mídia faça a cobertura desse evento.

da militância e dos esforços pessoais que colaboradoras precisam empenhar individualmente para assegurar a sustentação coletiva. Segundo Marília (entrevista, 18 de agosto de 2021), atual diretora operacional e de tecnologia d'*AzMina*, é fundamental que haja um engajamento sistemático de cada indivíduo tanto no financiamento da produção de conteúdo jornalístico alinhado a movimentos sociais, quanto na divulgação regular das informações feministas.

A mesma impressão é reafirmada pela jornalista Verena, gerente de captação da *AzMina*, que defende (entrevista, 11 de agosto de 2021) que é preciso que cada colaboradora se envolva intensamente e envolva também pessoas próximas na coleta de fundos da revista. Mais precisamente no que diz respeito à manutenção do conteúdo jornalístico, ela destaca a relevância do financiamento advindo de pessoas físicas. Já os outros financiamentos são sazonais. Percentualmente, a maior parte dos recursos financeiros da revista advêm de editais de fomento, mas essas verbas são concedidas para serem aplicadas em projetos específicos, como o aplicativo PenhaS e o Mapa da Delegacia das Mulheres, não podendo serem revertidas para reportagens e a estruturação organizacional do grupo²⁶⁷. A dependência do apoio de pessoas físicas as faz traçar estratégias de acolhimento para o público (como enviar e-mails de boas-vindas), não somente para fazer a pessoa sentir a receptividade do projeto, mas também como tentativas de estimular que esse público se torne apoiador financeiramente.

Amanda, jornalista e colunista da mesma revista, descreve os desafios do processo de obtenção de recursos para garantir o financiamento da execução de grandes reportagens e o pagamento das repórteres. O depoimento da entrevistada deixa transparecer o incômodo que ela vivenciava ao se dispor a pedir dinheiro em ambientes públicos, ao mesmo tempo em que sentia encantamento por se perceber intimamente implicada no engajamento militante e feminista.

²⁶⁷ Geralmente os financiamentos estão atrelados a ações pontuais, como criação de um *chatbot* ou de um aplicativo, mas, eventualmente, as midiativistas conseguem fundos para financiamento institucional e, a partir disso, podem alocar a verba para atividades de gestão ou de produção regular de conteúdo.

Começo a entender como funciona uma mídia independente, porque, para a gente conseguir essa bolsa, nós tivemos que fazer uma “vaquinha”. A gente teve que pedir financiamento. Então, eu vou, de porta em porta, pedindo um real, cinco reais. Eu começo a ir em empresas da minha cidade para falar: “Me dá dinheiro, porque eu preciso financiar essa bolsa”. Era para ganhar cinco mil reais, o que mal cobria os meus custos e eu ia ter que rodar várias partes de Minas Gerais. Eu começo a entender a potência do jornalismo independente e como aquilo fez sentido para a minha vida e como aquilo era o que eu acreditava. Tinha tantas mulheres envolvidas. (...) Eu gosto muito disso, me encanto muito, faço matéria, arregacei as mangas mesmo, fiquei junto com as meninas, fiz vídeo pedindo apoio. No meu aniversário, que era perto do financiamento, pedi de presente para todo mundo dinheiro – um real, dois reais. Se você olhar no meu Instagram, lá embaixo, só vai ver isso: “Oi. Já ouviu falar sobre a Revista *AzMina* hoje?”, “Oi. Eu sei que você não me aguenta mais...”. (entrevista, 27 de agosto de 2021)

As pessoas que trabalharam em mídias hegemônicas antes de entrar para o mundo do midiativismo e que atuam em publicações sem anunciantes (portanto, as brasileiras Amanda, Bruna, Cris, Carolina, Gabriella, Malu, Marília e Nana) enfatizam as vantagens de se fazer jornalismo financeiramente independente, sem ter que se adequar a demandas de patrocinadores privados. Bruna (*AzMina*), que costumava atuar em jornalismo televisivo, aborda a dinâmica de anúncios e barreiras de cobertura relativas aos interesses dos anunciantes no âmbito dessas mídias. Ela se recorda de ocasiões em que, quando trabalhava em um programa sobre jornalismo em um dos maiores canais da televisão aberta brasileira, foi preciso refazer roteiros e até episódios a pedido de marcas patrocinadoras. Por exemplo, na ocasião em que a equipe dedicou um episódio do programa para tratar sobre a vida e o cotidiano de travestis no Brasil, parte dos anunciantes não aprovou o tema e, assim, a produção não foi ao ar (entrevista, 2 de agosto de 2021).

Uma parcela das publicações analisadas (*Les Glorieuses*, *Madmoizelle* e *Think Olga*), porém, escolhe recorrer ao apoio financeiro de empresas e instituições privadas para garantir

a manutenção dos projetos. Essa é uma decisão que, no interior dessas mídias engajadas, gera debates e opiniões divergentes entre as(os) colaboradoras(es). A equipe da revista *Madmoizelle*, por exemplo, divide-se sobre o entendimento de que a publicação tem ou não caráter independente. A videasta Emilie (entrevista, 22 de julho de 2022) pontua que, como tem espaço para publicidade e recebe financiamento privado, a mídia não seria independente. Ao passo que Sophie, responsável pelo conteúdo de marca da revista, sustenta que o projeto tem sim um aspecto de independência, baseando-se na argumentação de que é possível ter patrocínio e fazer um jornalismo comprometido com a apuração e com a técnica: “Na França, há um pouco esse problema com relação a dinheiro. As pessoas têm a impressão de que, a partir do momento em que algo é patrocinado ou quando há dinheiro por trás, não há mais necessariamente ética profissional ou ao menos objetividade jornalística” (entrevista, 1 de setembro de 2022)²⁶⁸.

No interior da revista, contudo, a midiativista acredita que as escolhas das marcas com as quais a mídia vai trabalhar é feita de modo a respeitar os valores e os ideais de engajamento feminista e ativista da publicação, sem interferir na linha editorial e nas possibilidades criativas de redatoras(es). Ainda que ocorram, como ela conta, contradições nesse processo. A entrevistada cita como exemplo a ocasião em que foi divulgado um conteúdo patrocinado de uma marca de alimento com altos índices de açúcar ao mesmo tempo em que a equipe de jornalismo fez uma matéria sobre os valores nocivos do açúcar. A discrepância entre as abordagens gerou comentários negativos e críticas por parte dos públicos, que ficaram incomodados frente às divergências argumentativas nos textos.

No caso da ONG *Think Olga*, para reverter as resistências ou desconfortos que as colaboradoras sentiam com relação à necessidade de depender de financiamento empresarial, a gerente de captação de recursos Paula (entrevistada em 13 de agosto de 2021) buscou implementar na cultura organizacional do grupo uma mudança de postura

²⁶⁸ Tradução do trecho: “Il y a un peu ce truc en France où il y a un problème général avec l'argent. On a l'impression que à partir du moment où c'est sponsorisé ou qu'il y a de l'argent derrière, il y a plus forcément d'éthique professionnelle ou en tout cas d'objectivité journalistique”.

referente a como elas se apresentam para os públicos e para potenciais financiadores. Antes, elas não diziam abertamente que precisavam de doações para se manter nem que eram uma instituição. Com a alteração proposta por Paula, passaram a assumir seu posicionamento institucional, indicando nos discursos que procuram e necessitam de financiamentos para dar continuidade às ações. Dentro dessa conjuntura, a entrevistada enfatiza a importância da Think Eva²⁶⁹, uma consultoria para equidade de gênero que funciona como braço corporativo da *Think Olga* e ajuda a viabilizar a manutenção da ONG, de modo que as duas se retroalimentam.

Em suma, as publicações analisadas com caráter informacional ou jornalístico buscam conciliar patrocínios privados e recursos de editais e fundos de apoio a projetos sociais. O exemplo mais ilustrativo disso é a *newsletter Les Glorieuses*, que, no período de realização da etnografia presencial na redação do boletim, contava com diferentes empresas e organizações patrocinadoras. A editoria *Impact* recebe apoio de um fundo internacional para mídias (o *New Venture Fund*). A vertente *Le Petites Glos* é financiada pela Fundação L'Oréal. A editoria de economia está em busca de patrocínio, enquanto o boletim *Les Glorieuses* é patrocinado por uma gama de marcas.

As midiativistas procuram expor claramente que há financiamentos nos conteúdos, especificando em seus materiais quem são os patrocinadores. No pé de cada boletim informativo, indicam quem patrocinou a edição, com uma mensagem reforçando que o patrocínio não influencia no conteúdo. De acordo com Rebecca (entrevista, 22 de setembro de 2022), fundadora do projeto, patrocinadoras(es) só veem o conteúdo ao mesmo tempo que o público. Ela ressalta ainda que nunca enfrentou pressões ou constrangimentos advindos de anunciantes. Ao contrário, contou com o apoio desses parceiros ao enfrentar acusações de assédio moral no trabalho. Ocasão em que era contatada por patrocinadores que a procuravam para saber como estava sua saúde mental.

²⁶⁹ Disponível em: <https://thinkeva.com.br/>.

De modo transversal, a instabilidade dos projetos é um constrangimento que cerca as narrativas das(os) midiativistas e cria nelas(es) o receio de que as ações de ativismo não tenham continuidade. No mundo do midiativismo feminista, fatores financeiros parecem ser o principal obstáculo para o funcionamento desse espaço. Os recursos arrecadados pelas publicações influenciam diretamente nas rotinas produtivas dos canais (Duarte *et al.*, 2017), de modo que, quando conseguem mais financiamento, conseqüentemente, elas produzem mais conteúdos e aumentam as equipes, e vice-versa.

O mundo do midiativismo feminista digital é influenciado de maneira constante por forças que advêm dos campos econômico, político e tecnológico, e a dependência ou autonomia de cada publicação com relação a esses varia de acordo com o estatuto e com as formas de financiamento e manutenção dos grupos. Conforme as mídias engajadas conquistam visibilidade em outros mundos, como o do jornalismo e o da cultura, forma-se uma rede ampliada de atrizes e atores que se engajam no fomento desses espaços de produção informativa, com redes de patrocínios de pessoas físicas e de pessoas jurídicas – como empresas e instituições privadas que decidem investir nos projetos como forma de promover suas marcas. Para as publicações analisadas, a opção por recorrer à publicidade e/ou a editais de fomento cultural tende a aumentar suas dependências dos campos econômico e político, respectivamente. Mas há mobilizações das equipes de produção e do pessoal de apoio para que os conteúdos sejam o menos impactados possível por esses embates de poder, preservando um caráter engajado e ativista.

Convergências que atravessam o Atlântico

O mundo social do midiativismo feminista digital tem um caráter transnacional e as diferenças sociopolíticas, históricas e econômicas entre Sul e Norte global determinam em menor grau do que eu supus inicialmente as formas de negociação e de cooperação das publicações estudadas. De modo geral, são projetos alicerçados por traços comuns em termos de formas de criação e de manutenção das mídias, com diferenças pontuais relacionadas à captação financeira e à cooptação de novos membros. A análise das

entrevistas indicou como funciona a negociação de identidades e as práticas dentro das publicações brasileiras e francesas.

As tarefas são divididas de acordo com as habilidades e a experiência das(os) colaboradoras(es) e segundo as necessidades da equipe. Acontecem reuniões de pauta regulares e as(os) midiativistas se ajudam mutuamente na produção de conteúdo, escolha de agendas, diante de *deadlines* apertados e em situações de dificuldade no contato com fontes ou no levantamento de dados. Há também intercâmbios que permitem que pessoas que não são jornalistas entrem no mundo social. Ou mesmo que o público escreva e publique regularmente suas próprias histórias nos websites e nas mídias sociais dessas mídias. Ou seja, as formas de colaboração são sustentadas pela solidariedade entre os grupos.

As atrizes do mundo social, principalmente as produtoras de conteúdo e o pessoal de apoio das publicações (centrado em cargos administrativos e contábeis) realizam trocas constantes entre o grupo e constroem uma rede solidária que desencadeia um sentimento de pertencimento. São propostas reuniões e momentos de descontração para compartilhar histórias sobre as rotinas e cotidianos para além do trabalho, com o intuito de que as(os) colaboradoras(es) descansem e relaxem juntas. A aproximação das práticas do grupo com o ativismo inspira em seus membros, além de dinâmicas de solidariedade, um senso de identidade compartilhada e de luta por uma mesma causa que as une (Andrade, 2020).

As convenções se organizam em torno da noção de ativismo para além do digital, perpassando vivências físicas de colaboradoras(es). Muitas vezes, elas não se conhecem pessoalmente. Há pessoas de diversas regiões e cidades compondo os grupos (tanto no Brasil quanto na França), embora as equipes tendam a se concentrar em grandes centros urbanos (São Paulo e Paris). As distâncias geográficas não parecem afetar a coesão do grupo, uma vez que, mesmo as atrizes que estão em cidades diferentes ou que nem se conhecem face a face se sentem envolvidas com o mundo social e consideram-se pertencentes ao conjunto.

Além disso, a ligação com a ancestralidade percorre transversalmente os discursos das entrevistadas, sejam elas produtoras de conteúdo, pessoal de apoio das publicações ou

leitoras. Embora isso apareça de maneiras diferentes em cada país. No Brasil, entrevistadas(o) mencionam suas inspirações e ligações com antepassadas africanas que foram escravizadas ou com mulheres que pertenceram a povos originários. Enquanto, na França, aparecem nas narrativas (principalmente das leitoras) a identificação com as bruxas e com mulheres que foram perseguidas pela inquisição. Não porque estas entrevistadas acreditam ter poderes mágicos como as bruxas nas histórias infantis, mas porque querem retomar vozes que foram historicamente silenciadas.

Em termos de vínculos, averiguou-se um constante desejo de mudança das estruturas sociais nos relatos das entrevistadas. Elas buscam transformar, por meio da militância, os demais mundos sociais pelos quais transitam. O midiativismo feminista aflora, ainda, como oportunidade para impulsionar transições na carreira e na vida pessoal delas. O que surpreendeu, porém, foram as narrativas de que as mudanças começam não no mundo exterior, mas a partir delas próprias.

Diferenças e adaptações socioculturais

Em termos de diferenças entre Brasil e França, há dois pontos que atraem mais atenção. O primeiro deles é que, entre as mídias feministas brasileiras que compõem o *corpus*, não há homens participando das equipes e o debate sobre esse assunto não é consensual. Há midiativistas que acreditam que os espaços devem ser destinados em essência para as mulheres e outras que defendem a importância de contar com figuras masculinas nesses grupos. Segundo apontam relatos de entrevistadas, a discussão tende a se intensificar conforme membros das equipes têm filhos, principalmente se as crianças forem meninos, o que confere às midiativistas um olhar de ressignificar as formas de fazer militância feminista.

Observou-se que, na França, duas das publicações (o coletivo *Georgette Sand* e a revista *Madmoizelle*²⁷⁰) contam com homens na equipe e a outra (a *newsletter Les*

²⁷⁰ Entrevistei dois homens e conversei com outro ao longo da experiência etnográfica na revista *Madmoizelle* e chama atenção o fato de eles não se identificarem nem como heterossexuais nem como

Glorieuses) já teve colaboradores (jornalistas *freelancers*). As lideranças e membros regulares dessas publicações afirmam (em entrevistas à autora) achar válida a presença de homens em projetos de produção de conteúdo feminista como forma de reafirmar a importância de uma luta ampla e conjunta por equidade de gênero.

Outra diferença importante entre as dinâmicas de funcionamento das publicações brasileiras e francesas é a captação de recursos. Na França, as mídias engajadas de caráter não voluntário – a *newsletter Les Glorieuses* e a revista *Madmoizelle* – buscam patrocínios e fazem parcerias com marcas para viabilizar a manutenção financeira do grupo. No Brasil, ainda parece haver uma resistência maior dos mundos do jornalismo e da militância política em aceitar a existência de vínculos entre projetos de produção de informação feminista e empresas privadas.

O próprio entendimento e consenso sobre qual é o estatuto das publicações que pretendem se monetizar torna-se um desafio para as equipes, que precisam assumir que ocupam um lugar de intersecção entre ativismo e profissionalização. Paula, gerente de captação de recursos da *Think Olga*, descreve as mudanças que buscou implementar no interior da equipe da ONG para que as colegas reconhecessem a necessidade de se criar estratégias de financiamento e de sobrevivência financeira.

O posicionamento, antes, era muito visto como “as meninas”, “o coletivo”. Tinha essa questão de não acharem que eram levadas a sério, mas eu trouxe a questão do posicionamento. “Vamos nos posicionar como organização e as pessoas vão entender que a gente é uma organização”. Então, a gente mudou a forma de falar sobre a *Think Olga* para o mundo - eu acho que teve essa mudança, realmente, para o mundo também. O processo de monitoramento e avaliação, a gente também desenvolveu - eu que liderei isso. Não dá para você pedir financiamento sem ter essa parte de monitoramento e avaliação estruturada com os projetos. A gente contratou

cisgênero. Segundo a gerente de conteúdo da mídia, que ajudou nos processos de recrutamento dos rapazes, os elementos de orientação sexual e de gênero não foram diretamente levados em consideração no momento da escolha dessas pessoas, mas podem ter contribuído para as editoras traçarem a afinidade do perfil dos candidatos com a vaga e o próprio trabalho na revista.

uma consultora e eu fui junto com essa consultora liderando todo esse processo de matriz avaliativa, indicadores e capacitar a equipe toda para trabalhar com isso. Além disso, tive que trabalhar na parte de captação mesmo: fazer articulação com financiadores. Quando eu entrei, o orçamento da *Olga* basicamente vinha de prestação de serviços, da Consultoria da Think Eva. Nesse último ano (2020), 95% do orçamento da *Olga* foi de financiamento. Só 5% veio da Think Eva. Então, acho que esse é o meu legado. (entrevista, 13 de agosto de 2021)

As publicações, portanto, apoiam-se na estratégia de se manter por meio de dinheiro advindo de doadoras(es) como uma forma de comunicação mobilizadora, com foco na conscientização do público, estimulando-o a colaborar para viabilizar a produção de conteúdo, que também se apresenta como uma maneira de tentar contornar as limitações provocadas por anunciantes (Peruzzo, 2013). Mas, no caso das mídias engajadas feministas tanto no Brasil quanto na França, esse não parece ser necessariamente um caminho viável ou suficiente, o que faz com que as midiativistas procurem outras formas de viabilizar a continuidade do mundo social.

Breves considerações sobre o capítulo. Ao abordar os mecanismos de formação do mundo do midiativismo feminista digital, este capítulo retrata as formas de imersão do grupo nos espaços de intersecção de jornalismo e de ativismo feminista. As convenções e formas de negociação e cooperação entre os membros contribuem para a compreensão das categorias de envolvimento dos indivíduos com o mundo. A observação das convergências e divergências estruturais entre as publicações brasileiras e francesas reforça o caráter transnacional da prática analisada, em que atrizes e atores criam estratégias para lidar com forças econômicas e políticas na condução da produção de informação engajada no âmbito do campo tecnológico. Esse desafio transpassa as rotinas produtivas do grupo moldando as dinâmicas de manutenção das publicações.

Capítulo oito

A manutenção do mundo social do midiativismo feminista

O oitavo capítulo desta tese parte das formas de negociações que se dão entre atrizes e atores inseridos no midiativismo feminista digital para analisar como essas publicações engajadas se mantêm. Observo como se constituem, no cotidiano, as intersecções entre jornalismo, ativismo digital e militância política, levando em consideração os profissionais dissidentes, o papel de redes de apoio e as interações dos públicos com as publicações feministas. Também são observados os embates e as relações de poder nesse espaço. Finalmente, reflete-se sobre os fatores – em termos pessoais, profissionais, sociais, econômicos e políticos – que servem de alicerce a esse mundo e sobre de que forma os engajamentos tanto dos públicos quanto de midiativistas levam à continuidade da prática.

Formas de negociação de atrizes e atores do mundo social

Os mecanismos para viabilizar o funcionamento do mundo social envolvem trocas presenciais, mas, principalmente, modos de atuação pautados em interações digitais. Há a formação de espaços de sociabilidade baseados na constante manutenção de formas organizacionais e simbólicas através de negociações (Máximo, 2002). É no ambiente *on-line* que circulam os produtos informativos de base das publicações feministas e a divulgação de ações dos grupos. As midiativistas buscam realizar encontros físicos regulares. As que têm verba para manter escritórios (*AzMina*, *Les Glorieuses*, *Madmoizelle* e *Think Olga*), recorrem a espaços de *coworking*. Enquanto os projetos de caráter voluntário (*Georgette Sand* e *Lado M*) promovem encontros nas casas umas das outras ou em lugares públicos.

No período da etnografia e da condução de entrevistas em profundidade para esta tese, as publicações eram compostas somente por mulheres (*AzMina*, *Lado M*, *Les Glorieuses* e *Think Olga*) ou as equipes eram essencialmente femininas (*Madmoizelle* e *Georgette Sand*). A baixa presença de homens nesses espaços, no Brasil, explica-se pela falta de interesse das mídias analisadas em recrutar colaboradores – as publicações não

estão abertas a recebê-los e nem empenham esforços para contratá-los. Enquanto, na França, a justificativa seria o baixo interesse masculino em participar de projetos feministas – ou seja, as seleções estão abertas para receber candidaturas masculinas, mas esse perfil de candidatos não costuma se inscrever para compor equipes de iniciativas feministas. O tamanho das equipes varia de duas (*Les Glorieuses*) a 20 pessoas (*Madmoizelle*). No Brasil, as atrizes do mundo social alegam fazer esforços para promover maior diversidade dentro das equipes. Já na França, a ideia de diversificar os perfis socioeconômicos e étnico-raciais de colaboradoras(es) das publicações não é um tema recorrente ao longo dos contatos etnográficos e das entrevistas. Contudo, em ambos os países, as narrativas são atravessadas pela noção de que é preciso conduzir um ativismo feminista interseccional.

Em termos de organização do trabalho, existe certa flexibilidade para as atrizes e atores dividirem as tarefas e escolherem seus temas de interesse para trabalhar. Geralmente, cada um(a) trata de um assunto – que tem relação com sua área de formação (jornalismo, letras, música, administração) ou com experiências profissionais ou pessoais (como, por exemplo, falar sobre as experiências de uma mulher latino-americana que participa de um programa de intercâmbio na Europa ou escrever sobre a vivência de ser uma mulher com deficiência.) –, podendo se dedicar a outros tópicos a depender das circunstâncias. As(os) redatoras(es), por exemplo, são divididas(os) entre editorias ou temáticas, enquanto o pessoal de apoio é alocado em áreas de atuação como captação de recursos e gerência de comunidades.

Os processos de tomada de decisão se centram nos membros *insiders* do grupo, que são os responsáveis por determinar as formas de arrecadação de fundos, as estratégias de recrutamento de pessoas e as distribuições de tarefas entre as equipes. Essas(es) profissionais têm vínculos duradouros com as publicações e costumam fazer parte das equipes desde a criação do projeto ou desde o seu período inicial – embora haja exceções²⁷¹.

²⁷¹ Como a jornalista Marília, que passou a compor a diretoria da revista *AzMina* durante ao longo da realização desta tese.

A centralização de mecanismos decisórios, somada aos tamanhos reduzidos das equipes – que comumente contam com cerca de 10 colaboradoras(es) ativas(os) – sobrecarrega as lideranças das mídias, que acumulam atividades administrativas, de recursos humanos e de produção de conteúdos. Um princípio de solução para essa problemática foi observado entre 2020 e 2023 (ao longo da condução da etnografia desta pesquisa), período em que as publicações conseguiram ampliar a quantidade de midiativistas e, em paralelo, buscaram aumentar também as proporções de tomadoras(es) de decisões, redistribuindo funções e diminuindo as cargas de trabalhos das chefias.

Os contatos mais frequentes das(os) produtoras(es) de conteúdo costumam ser com as editoras e revisoras de textos – que estão em posição de *insiders* –, enquanto os de equipes de apoio são com a diretoria – que também é composta por indivíduos classificados como *insiders*. Quanto maiores e mais estáveis são as equipes, mais bem definidas e específicas são as funções desempenhadas por colaboradoras(es). Na revista *Madmoizelle*, por exemplo, há uma divisão bem delimitada entre membros responsáveis pela captação de recursos e as editoras de conteúdos. Ao passo que em equipes menores, como a da revista *AzMina*, membros da diretoria acumulam também a responsabilidade de revisar os artigos de colunistas.

Essa departamentalização, porém, não implica em seguir a repartição organizacional de trabalho mecanicista em que há uma estrutura rígida e firmemente controlada de tarefas, caracterizada pela elevada formalização da comunicação e de estratégias de realização das atividades, margens de controle estreitas – sem possibilidade de circulação e de rotatividade entre quem conduz os projetos –, rede de informação limitada principalmente à comunicação descendente (das lideranças para os subordinados) e pequena ou nula a participação na tomada de decisões de membros que não ocupam posições de chefia (Burns & Stalker, 1994).

Os grupos internos se comunicam e as tarefas são executadas em conjunto, com midiativistas de uma área podendo interferir, contribuir e fazer sugestões no trabalho das demais. As estratégias produtivas são organizadas de maneira diferente, contudo, quando as

publicações têm um caráter essencialmente voluntário – como é o caso do site *Lado M* e do coletivo *Georgette Sand* – ou quando as equipes permanentes são reduzidas e o projeto depende da ampla contratação de profissionais *freelancers* – como acontece com a *newsletter Les Glorieuses*. Em tais situações, ainda que exista forte cooperação entre voluntárias no que diz respeito à definição de temáticas a serem abordadas e à elaboração de conteúdos, midiativistas *insiders* acumulam maior quantidade de funções de gestão, conduzindo táticas de financiamento das publicações ao mesmo tempo em que recrutam novos membros e editam ou até escrevem textos para sites e redes sociais.

A frequência de contribuição das midiativistas está atrelada a existência ou não de algum vínculo empregatício com a publicação. As midiativistas regulares costumam trabalhar de segunda a sexta, enquanto as turistas-regulares, que são voluntárias e cuja presença no mundo é mais flutuante, fazem contribuições mensais ou sazonais. Um terço das colaboradoras atua em regime remoto, outras oito pessoas fazem tanto teletrabalho quanto presencial e três atuam essencialmente de maneira presencial (Carolina, fundadora d'*AzMina*, e Bárbara e Paula²⁷², ambas da equipe de apoio de captação da *Think Olga*).

As estratégias de organização do trabalho e das formas de produção do grupo estão ancoradas nos objetivos institucionais dos projetos e nos perfis profissionais dos membros de cada equipe. As publicações que visam expandir-se e manter-se imprimindo aos conteúdos um caráter mais jornalístico – e empresarial – do que ativista, recorrem a formas de financiamento pautadas em patrocínios ou na arrecadação de fundos através de editais de fomento de projetos sociais ou culturais propostos por instituições públicas ou privadas, e tendem a contar com uma equipe de apoio maior do que os projetos mais focados em ações ativistas e/ou no voluntariado.

²⁷² Paula conta (entrevista, 13 de agosto de 2021) que, dois meses antes do início da adoção de medidas sanitárias em decorrência da pandemia no Brasil, ela migrou para o trabalho remoto. Esse processo, porém, gerou algum desgaste interno. A organização relutou, inicialmente, a aceitar que a entrevistada mudasse para o regime não presencial, pois as lideranças acreditavam que as atividades não poderiam ser conduzidas à distância. Acabaram cedendo e, em dois meses, por causa da situação pandêmica, todas tiveram de passar a trabalhar de casa.

Levando-se em conta as características familiares de midiativistas, é possível observar que a maternidade desempenha um papel relevante no nível e nas formas de engajamento das atrizes que são mães. Apenas oito dessas(es) entrevistadas(os) têm filhas(os), sendo cinco brasileiras (Bruna, Carolina, Cris, Luisa e Paula) e três francesas (Blanche, Marguerite e Morgane). Chama atenção o fato delas estarem concentradas na revista *AzMina* no Brasil (exceto Paula, que é da equipe da *Think Olga*) e no coletivo *Georgette Sand* na França. Essas atrizes têm idades que variam de 30 a 44 anos e maior parte delas atuam como voluntárias (seis pessoas) – apenas duas são remuneradas (Carolina, diretora d’*AzMina*, e Paula, da equipe de captação financeira da *Think Olga*). Outras publicações, como o site *Lado M* e a revista *Madmoizelle*, contam com colaboradoras(es) de faixas etárias menores, com idades que variam de 20 a 29 anos, e com perfis de estudantes ou de indivíduos em início de carreira, de modo que a maternidade ou paternidade não costuma estar nos planos a curto prazo desse grupo.

As midiativistas mães apontam que a maternidade demanda que elas repensem seus horários e estratégias de atuação engajada, pois enfrentam dificuldades para conciliar os cuidados com as crianças, o trabalho remunerado (no caso das voluntárias) e o ativismo feminista. Torna-se mais difícil encontrar tempo para os momentos de socialização – que são um dos alicerces da continuidade das práticas ativistas – e para a execução das ações de midiativismo em si, o que ocasiona esgotamento e estresse, como aponta o depoimento de Marguerite, cofundadora do coletivo *Georgette Sand*.

Tive um filho e é muito difícil participar dos aperitivos à noite, encontrar energia, é muito mais difícil. No momento, estou no nível máximo do cansaço. Na incubadora de empresas onde trabalhei por seis meses, tive uma reunião com um *coach* em junho e contei a ele tudo o que estava fazendo, que fazia parte do site e que tinha participado de festivais, que estava fazendo palestras em escolas, que queria lançar um negócio, que estava trabalhando para outras empresas e assim por diante, e eu ainda estava com energia, e ele me disse: "Dá para ver que você está exausta, na verdade". Naquele dia eu fui para casa, tinha compromissos a tarde toda, 12 horas para cima e

para baixo em Paris. Voltei para casa à noite e desmaiei. Foi muito estranho. Durante várias semanas, achei difícil lidar com a situação. De manhã, eu me levantei e percebi que, na verdade, tive um *burn out*. Realmente um esgotamento da criança, do... Excesso. (entrevista, 27 de julho de 2022)²⁷³

As dificuldades de administrar as rotinas quando se tem uma criança ajuda a explicar a baixa incidência de midiativistas mães – ou pais – entre o grupo de entrevistadas(os). Os salários instáveis e precarizados oferecidos no âmbito do jornalismo alternativo também constituem um componente que pesa na decisão de ter ou não ter filhas(os). Océane (entrevista, 2 de setembro de 2022), jornalista multimídia da revista *Madmoizelle*, explica que, em Paris, com o salário que ela recebia – o equivalente a um salário mínimo francês –, não seria possível sustentar a si mesma mais uma criança. Além disso, ao terem filhas(os), as entrevistadas passam a reavaliar elementos de base que estruturam suas rotinas em função do bem-estar da criança e/ou da família. Marguerite (*Georgette Sand*, entrevista, 27 de julho de 2022) e Paula (*Think Olga*, entrevista, 13 de agosto de 2021), por exemplo, decidiram mudar de cidades – de Paris para Nantes e de São Paulo para Campinas, respectivamente – para oferecer aos filhos o que elas avaliam como melhores condições de vida.

Por outro lado, a maternidade também se torna um motivador central que amplifica o desejo de engajamento feminista dessas mulheres. O fato de serem mães não é o que as aproxima, inicialmente, do ativismo sob a perspectiva de gênero, mas é um fator que acentua a mobilização militante dessas entrevistadas. Ocorre uma reorientação do foco das ações ativistas, em que as atrizes passam a traçar estratégias de atuação visando melhorias sociopolíticas para gerações futuras – e não necessariamente para as presentes –,

²⁷³ Tradução para: “J’ai eu un enfant et c’est vachement dur de faire les apéros le soir, de trouver l’énergie, c’est quand même vachement plus difficile. Là j’arrive un peu sur un palier de fatigue. Dans l’incubateur d’entreprise où j’ai été pendant six mois, j’ai eu un rendez-vous avec un *coach* au mois de juin et je lui ai raconté tout ce que je faisais, que je faisais partie de son site et que j’avais fait des festivals, que je faisais des interventions scolaires, que je voulais lancer l’entreprise, que je travaillais pour Maria, des compagnies et tout, et j’étais encore sur l’énergie, et il me dit : “Ça se voit que vous êtes crevé en fait”. Et je suis rentrée, j’avais eu des rendez-vous toute l’après, 12 h à droite à gauche dans Paris. Je suis rentrée chez moi le soir et je me suis effondré. C’était très bizarre. Et pendant plusieurs semaines, j’ai eu du mal à me gérer. Le matin, je me lève. Je pense que j’ai fait un *burn out* en fait. Vraiment un *burn out* du gamin, du... Ouais... Trop”.

intensificando o diálogo com pautas ecológicas. Também se nota o estreitamento dos vínculos entre as midiativistas que são mães, pois elas partilham experiências e angústias relacionadas aos feminismos e à maternidade e constroem redes de apoio para ajudarem umas às outras a lidar com os desafios que encontram na criação de filhas(os) feministas em uma sociedade sexista:

A minha perspectiva mudou mais ainda com a maternidade. É outra perspectiva. Até a escolha da maternidade teve a ver com isso. Eu só fui mãe quando eu escolhi ser mãe. Nesse processo da maternidade, também foi muito importante, porque eu já tinha noção de que eu ia escolher como ia ser o meu parto, como eu ia levar essa gestação, quem era o dono do meu corpo. Então, eu não ia me submeter a práticas antiquadas ou que alguém acha que tinha que ser assim. Eu levo isso para a minha maternidade e, durante a maternidade, isso é muito forte. Precisa muito de rede de apoio e coletivo de mães feministas. A gente até criou grupo no WhatsApp - eu, a Carol e outras meninas. (Bruna, colunista d'*AzMina*, entrevista, 2 de agosto de 2021)

A figura a seguir sintetiza a frequência de contribuição de cada midiativista com as respectivas publicações das quais fazem parte, os horários e regimes de trabalho e o contato mais frequente dos indivíduos com colegas pertencentes ao mesmo projeto.

Figura 13

Frequência de contribuição, horários, regime de trabalho e principais contatos de midiativistas

Nome/Mídia	Frequência de contribuição	Horário de trabalho	Regime de trabalho ²⁷⁴	Contato mais frequente
Agustina (<i>Les Glorieuses</i>)	De quarta a sexta ²⁷⁵	Flexível segundo demandas e conforme fuso horário	Remoto	Editoras das <i>newsletters Les Glorieuses</i> e <i>Impact</i>

²⁷⁴ Se presencial, teletrabalho ou misto.

²⁷⁵ De quarta à sexta, a entrevistada descreve (entrevista, 29 de julho de 2022) que atualiza as redes sociais da *newsletter Impact*. Ela divide a responsabilidade de gestão das redes sociais com a outra colaboradora que faz a mesma atividade e assume esse compromisso nos outros dias da semana.

Amanda (<i>AzMina</i>)	Mensal ²⁷⁶	Flexível e com carga horária irregular	Remoto	Diretoras responsáveis por edição
Anthony (<i>Madmoizelle</i>)	Diária (de segunda a sexta)	Flexível segundo demanda e produtividade. Início às 9h	Misto (presencial uma ou duas vezes na semana)	Editora
Bárbara (<i>Think Olga</i>)	Diária (de segunda a sexta)	Das 10h às 19h, com uma hora de pausa	Presencial (com teletrabalho eventual)	Diretora administrativa-financeira e responsável por redes sociais
Blanche (<i>Georgette Sand</i>)	Sob demanda /sazonal	Flexível e com carga horária irregular	Remoto (com encontros presenciais excepcionais)	Presidenta e cofundadora (Marguerite)
Bruna (<i>AzMina</i>)	Mensal ²⁷⁷	Flexível e com carga horária irregular	Remoto	Diretoras responsáveis por edição
Carolina (<i>AzMina</i>)	Diária (de segunda a sexta ou mais)	Com alguma flexibilidade, e jornada de 8h/dia	Presencial	Demais diretoras
Catarina (<i>Lado M</i>)	Semanal	Flexível e com carga horária irregular	Remoto	Editora-chefe/fundadora
Chloé (<i>Les Glorieuses</i>)	Flexível, com entrega de produto semanal	Flexível e com carga horária irregular	Remoto	Diretora geral (Rebecca)

²⁷⁶ Essa frequência era mantida antes de a entrevistada enfrentar um divórcio e de acumular muitos empregos. Na ocasião da entrevista, ela relatou sentir vergonha diante de dificuldades para conciliar demais atividades com trabalho voluntário de midiativismo feminista. Ao explicar que não escrevia para *AzMina* há sete meses, disse: “Eu fico muito triste, mas é por questão de agenda mesmo que eu não encontrei tempo para escrever sobre milhões de temas, como Olimpíadas e para falar sobre mulheres que participaram dos jogos e que não falaram tanto na mídia. E eu acabei não tendo tempo de falar. Eu não estou conseguindo ter tempo para falar. Eu estou tentando” (entrevista, 27 de agosto de 2021).

²⁷⁷ Essa era a proposta inicial acordada entre publicação e entrevistada e, no geral, foi o que ocorreu. A midiativista se impunha a meta de fazer dois textos mensais. Houve períodos em que chegou a produzir um por semana. Mas, após a maternidade, a frequência de entregas reduziu bastante.

Cris (AzMina)	Mensal ²⁷⁸	Flexível e com carga horária irregular	Remoto	Diretoras responsáveis por edição
Emilie (Madmoizelle)	Diária (de segunda a sexta)	Não mencionado	Misto (nos dias de gravação, presencial)	Outros membros da equipe de vídeo
Fayrouz (Georgette Sand)	Sob demanda, mas constante	Flexível e com carga horária irregular	Remoto	Variável (a depender do projeto em andamento)
Flay (AzMina)	Mensal	Flexível e com carga horária irregular	Remoto	Diretoras responsáveis por edição
Gabriella (Lado M)	Flexível	Flexível e com carga horária irregular	Remoto	Editora-chefe/fundadora
Leandra (AzMina)	Mensal	Flexível e com carga horária irregular	Remoto	Diretoras responsáveis por edição
Luisa (AzMina)	Mensal ²⁷⁹	Flexível e com carga horária irregular	Remoto	Diretoras responsáveis por edição
Malu (Lado M)	Mensal ou Bimestral	Flexível e com carga horária irregular	Remoto	Editora-chefe/fundadora
Marguerite (Georgette Sand)	Sob demanda, mas constante	Flexível e com carga horária irregular	Misto (a depender de ações)	Fundadora do coletivo
Mariana (Lado M)	Semanal	Flexível e com carga horária irregular	Remoto	Repórteres e colaboradoras
Marília (AzMina)	Diária (de segunda a sexta)	Das 9h às 17h	Remoto	Diretoras

²⁷⁸ Descreve, na entrevista em profundidade (em 3 de setembro de 2021), que está “em dívida com a revista” porque tem publicado textos com menos frequência do que o inicialmente previsto, que seria mensal.

²⁷⁹ A princípio, a contribuição seria semanal, mas a entrevistada escreve quando acha cabível, quando há um tema que a interessa e que ela sente que ainda não está esgotado no debate *on-line*.

Marjana (<i>Think Olga</i>)	Diária (de segunda a sexta)	Com alguma flexibilidade, e jornada de 8h/dia	Remoto	Públicos e parceiros
Mathilde (<i>Georgette Sand</i>)	Irregular ²⁸⁰	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Mathis (<i>Madmoizelle</i>)	Diária (de segunda a sexta)	Das 9h às 18h, com duas horas de pausa ²⁸¹	Misto (costuma ir à redação de tarde, exceto nas sexta)	Variável (a depender do projeto em andamento)
Megan (<i>Les Glorieuses</i>)	Três vezes por semana	Flexível segundo demandas	Misto (nas quartas, presencial)	Fundadora do projeto e responsáveis por redes sociais
Morgane (<i>Georgette Sand</i>)	Sob demanda /sazonal ²⁸²	Flexível e com carga horária irregular	Remoto	Variável (a depender do projeto em andamento)
Nana (<i>Lado M e Think Olga</i>)	Sob demanda	Flexível e com carga horária irregular	Remoto	Criadoras das mídias
Océane (<i>Madmoizelle</i>)	Diária (de segunda a sexta)	Das 9h às 18h, com duas horas de pausa	Misto (com predominância de presencial)	Redatora da editoria de sociedade ²⁸³
Paula (<i>Think Olga</i>)	Diária (de segunda a sexta)	Das 10h às 19h, com uma hora de pausa	Presencial	Equipe de captação

²⁸⁰ Conforme as midiativistas do coletivo encontram textos da historiadora e militante feminista que consideram pertinentes para o projeto e publicam no site e em suas redes sociais.

²⁸¹ O entrevistado explica (entrevista, 2 de agosto de 2022) que costuma usar o intervalo para almoçar e ir para a natação, indicando a flexibilidade no ajuste de horários da equipe conforme rotinas e atividades pessoas de midiativistas. Mathis confessa, ainda, que não gosta de ter de acordar cedo e pontua que, em Paris, uma parcela das mídias iniciam as atividades às 10h. Mas *Madmoizelle* optou por começar mais cedo.

²⁸² À época do festival literário que organizou para o coletivo, ela descreve (entrevista, 8 de setembro de 2022) que, um mês antes do evento, gastava três horas por dia (após seu trabalho diurno) para preparar tudo que era necessário para o festival. Uma vez passado esse momento, ficou um tempo sem demandas. No último verão antes da entrevista, em junho/julho de 2022, assumiu a responsabilidade de fazer a parte visual da campanha pela mudança de sobrenomes (reivindicando direito das crianças de ter o nome da mãe). Desenvolveu esse trabalho ao longo do verão e depois ficou dois meses sem atividades.

²⁸³ Conta (entrevista, 2 de setembro de 2022) que seu trabalho era bastante solitário porque, à época, estava sozinha na editoria de produção e edição de vídeos.

Rayana (<i>AzMina</i>)	Diária (de segunda a sexta)	Com alguma flexibilidade, e jornada de 8h/dia	Remoto	Diretora institucional e gerente de comunidade ²⁸⁴
Rebecca (<i>Les Glorieuses</i>)	Diária (de segunda a quinta) ²⁸⁵	Não especificado	Misto (nas quartas, presencial)	Outra colaboradora fixa e editora (Megan)
Sophie (<i>Madmoizelle</i>)	Diária (de segunda a sexta)	Das 10h às 19h	Misto (prefere presencial e o faz uma ou duas vezes na semana)	Chefe de projetos de publicidade e assistente dessa
Vanessa (<i>Lado M</i>)	Mensal	Flexível e com carga horária irregular	Remoto	Editora-chefe/fundadora
Verena (<i>AzMina</i>)	Diária (de segunda a sexta)	Das 9h30 às 18h30, com uma hora de pausa	Remoto	Equipe de captação

Além das formas de organização e de negociação gerais que abrangem as diferentes equipes, há também estratégias e mecanismos pontuais assumidos na condução de cada projeto, como se detalha na sequência:

- *AzMina*

A revista *AzMina* não aceitou me receber no escritório da equipe para o desenvolvimento de uma etnografia presencial. Assim, descrevo as rotinas e formas de organização do grupo com base fundamentalmente nas entrevistas concedidas pelas colaboradoras. Do primeiro contato que tive com a mídia, em outubro de 2020, até novembro

²⁸⁴ Está em contato constante com Carolina Oms, já que essa é a diretora institucional da revista e é responsável pelas parcerias e projetos da publicação, além de ser quem responde institucionalmente pela *AzMina* em grandes editais de captação. A entrevistada também tem contato próximo com Verena, que é a gerente de comunidade. As três, juntas, formam a equipe de captação da mídia. Rayana e Carolina compõem a parte institucional e Verena assume o relacionamento com pessoas.

²⁸⁵ Quando estive na redação durante a etnografia presencial (entre setembro e novembro de 2022), elas estavam tentando implementar uma frequência de trabalho de quatro vezes por semana (de segunda a quinta).

de 2021, a equipe saltou de 5 para 12 pessoas. O grupo estava em expansão e tentando tornar o projeto mais estável, através da captação contínua de recursos financeiros.

A publicação tem um espaço físico de trabalho e encontros. É um escritório voltado fundamentalmente para *insiders* e regulares, incluindo membros da equipe de apoio. Uma parte das colunistas também são convidadas a frequentar o lugar. Esse convite depende dos vínculos entre *insiders* e colunistas. Luisa (entrevista, 8 de novembro de 2020) cita já ter sido chamada para ir ao escritório – onde ela, de fato, foi (duas vezes) –, enquanto Leandra (entrevista, 2 de agosto de 2021) não recebeu convites para visitar o local. Nas entrevistas, os membros efetivos descrevem que esse espaço é mantido em uma estrutura de *coworking*, mas é tão restrito que sequer caberiam as 12 colaboradoras regulares/contratadas. A maior parte das atividades, inclusive as reuniões de equipe, acontecem *on-line*. Essa lógica de organização do trabalho se amplificou com a pandemia e com a inclusão de pessoas de diferentes regiões do Brasil no grupo.

Carolina, criadora da revista e diretora institucional, afirma (entrevista, 6 de novembro de 2020) que não há rotina determinada porque as midiativistas se dividem em múltiplas funções. Mas elas consideram importante se reunir com elevada regularidade. De acordo com a diretora Operacional e de Tecnologia da publicação, Marília (entrevista, 18 de agosto de 2021), elas fazem reuniões de execução, de planejamento e de alinhamento, processos que a jornalista aponta como fundamentais para manter a equipe integrada. Semanalmente, há uma reunião de pauta de 2h de duração, na terça-feira.

A diretoria conduz ainda uma reunião no início da semana para planejar as interações com as demais colaboradoras e as demandas de entregas. Outros encontros costumam ser para tratar de projetos ou para acompanhamento de atividades. Assim, há reuniões de planejamento antes do início de cada grande projeto (como o aplicativo PenhaS ou o Mapa das Delegacias das Mulheres). Elas também se dividem em subgrupos – apoiados em temáticas de trabalho – cujas equipes fazem interações periódicas, como o pessoal de captação (onde estão alocadas Rayana e Verena). Também há duas reuniões semanais de alinhamento entre as diretoras. As reuniões destinadas à execução das tarefas em grupo

contêm no máximo cinco pessoas. Enquanto as gerais, que visam o planejamento das atividades e divisão dos afazeres, comportam os 12 membros permanentes da mídia.

A definição da rotina da publicação depende das atividades em andamento: da existência de um edital de captação com inscrições abertas, de algum projeto que está sendo lançado, de uma reportagem em profundidade sendo escrita ou da ocorrência de ataques digitais. De modo geral, as colaboradoras se organizam e se dividem com base nas habilidades, experiências e afinidades pessoais e profissionais de cada uma com o trabalho a ser executado. A partir da expansão da equipe, elas passaram a se ordenar com base em projetos. Por exemplo, uma subequipe fica responsável pelo aplicativo de combate à violência contra a mulher (o PenhaS), outra assume a plataforma de monitoramento dos direitos das mulheres no legislativo (Elas no Congresso) e assim sucessivamente.

Segundo a gerente de captação Rayana (entrevista, 28 de julho de 2021), para facilitar e otimizar os processos organizacionais, as colaboradoras usam aplicativos de gestão de pessoas, como a plataforma de comunicação colaborativa Slack e o *software* para gerir trabalhos Asana. A prática seria uma estratégia para tentar tornar o trabalho mais transparente entre a própria equipe, uma vez que boa parte das atividades são remotas e elas não têm contatos frequentes presenciais. Outra tática de gerenciamento produtivo e de pessoal são as formas de publicação de conteúdos. Inicialmente, as próprias colunistas e repórteres alimentavam o portal. Depois, a diretoria preferiu centralizar a tarefa e deixar apenas uma pessoa responsável por essa, para tornar o procedimento mais seguro e padronizado.

Quanto às colunistas²⁸⁶, elas indicam ter liberdade para escolher e propor pautas. Quando o tema é aprovado pelas diretoras da revista responsáveis pela edição de texto, essas atrizes redigem a matéria e, na sequência, enviam a versão inicial para revisão e edição. As editoras leem e propõe alterações. As voluntárias, então, fazem as modificações

²⁸⁶ Vale ressaltar que um grupo de colunistas citou já ter atuado como repórter temporária, passando por seleções prévias da revista para receber bolsas de reportagem. São elas: Amanda, Bruna e Flay.

devidas e reencaminham o material para publicação. Bruna, colunista de literatura, sinaliza (entrevista, 2 de agosto de 2021) que o processo de edição leva em média dois dias. Quando havia menos colunistas, a equipe se esforçava para tentar publicar colunas nas terceiras quartas-feiras de cada mês. Depois, com a maior disponibilidade de colaboradoras, deixou de ser necessário manter essa periodicidade.

No início do projeto, como aborda Flay, que entrou para o espaço propondo uma coluna sobre mulheres e viagens, as colunistas escreviam sobre temas específicos, sem poder se distanciar disso. Entretanto, depois a publicação implementou a estratégia de atrelar as colunas aos nomes das colunistas – e não a temas gerais –, o que deu a elas mais autonomia para cobrir assuntos diversos. De acordo com Flay, sobre as interações entre a revista e as redatoras de colunas, “é muito mais um trabalho em que elas cedem o espaço delas e a gente faz esse envio” (entrevista, 6 de agosto de 2021). Não há necessariamente relações de proximidade entre os membros permanentes e as colunistas. Os contatos das *insiders* com essas midiativistas se dá essencialmente por e-mail. Não costuma haver socialização presencial ou por vídeo ou inserção de colunistas em grupos de WhatsApp.

- *Lado M*

O projeto conta com mais de 50 colaboradoras de diferentes regiões brasileiras, embora a maioria esteja concentrada em São Paulo. A quantidade de participantes sofre alterações regulares em decorrência do caráter voluntário do trabalho. As próprias repórteres escolhem a periodicidade com que vão entregar os produtos. Há, segundo a jornalista criadora do site (Mariana, entrevista, 15 de julho de 2021), situações de pessoas que, eventualmente, deixam de contribuir com a mídia e depois voltam. De acordo com ela, as contribuições se ajustam às rotinas e aos momentos da vida de cada uma.

Em 2015 e 2016, quando o projeto ainda tentava se estabilizar monetariamente, as colaboradoras tinham um ritmo de produção mais intenso do que o atual, faziam reuniões de pauta regulares e precisavam seguir datas de entrega estipuladas pelas editoras para evitar que o site ficasse com brechas de conteúdo. As reuniões de pauta aconteciam na casa de

Mariana, de maneira improvisada: elas projetavam um cronograma na televisão da sala e usavam isso como base para dividir as tarefas conjuntamente. Mas, quando a fundadora da mídia escolheu abrir mão do estatuto de pessoa jurídica e assumir o caráter voluntário permanente do site, a quantidade de trabalho foi repensada e reduzida.

Outra escolha que alterou os processos produtivos do grupo foi a opção por expandir o alcance da equipe e receber colaboradoras de outros estados brasileiros, as quais, portanto, não poderiam aderir aos encontros presenciais com regularidade. Isso as fez adotar o WhatsApp e o Facebook como plataformas de apoio prioritárias para o contato entre os membros. É por esses canais que passaram a acontecer distribuições de pautas e trocas de informações e sugestões sobre as atividades de apuração e edição. As atrizes se ordenam sem uma rotina fixa e de forma que as repórteres contribuem a cada um ou dois meses ou até uma vez por ano com a redação de textos, a depender das possibilidades de cada uma.

Além disso, é a única publicação analisada na qual foram identificadas apenas jornalistas – não há pessoas de outras áreas de formação ou atuação no grupo. Em termos de organização do trabalho, isso implica em uma maior ênfase na produção de informações em relação a outras publicações, que tendem a dividir as tarefas entre elaboração de conteúdos e processos de gestão de pessoas e de recursos financeiros. Porém, a inexistência de indivíduos com formação ou experiência em outras áreas que não o jornalismo cria lacunas nos mecanismos de manutenção e permanência do *Lado M*, uma vez que não há equipes de apoio capacitadas para implementar estratégias de arrecadação de recursos e de monetização do projeto. Isso dificulta a ampliação do alcance dos conteúdos e a possibilidade de haver equipes permanentes trabalhando na publicação e mantidas através de remuneração e salários regulares.

A rotina produtiva não parece ser alterada frente à ausência de interações presenciais. Conforme salientam três das cinco repórteres entrevistadas (Catarina, Malu e Vanessa), o funcionamento do site está alicerçado na organização e na transparência na escolha de temas a serem abordados e na divisão de quem vai tratar de qual assunto. Vanessa destaca que o espaço é acolhedor e a distribuição de tarefas é bem organizada: “Tinha um grupo no

Facebook e elas deixavam tudo muito claro sobre o que a gente tinha que fazer. Elas eram muito abertas. Como uma primeira experiência de trabalho, eu acho que foi muito importante para mim” (entrevista, 19 de julho de 2021).

Em suma, a editora-chefe faz uma publicação a cada mês ou a cada dois meses com sugestões de pautas para a equipe. O grupo procura inserir um texto por semana no portal. Mas a criadora relata que há épocas em que não é possível alcançar essa meta e outras em que elas chegam a ter três textos semanais. Como parte da rotina, Mariana consulta repórteres para saber como está o andamento das matérias e se elas precisam de ajuda. É um trabalho que, segundo a criadora do site, demanda algumas horas de sua semana. Ela não se envolve com o *Lado M* diariamente.

As repórteres Gabriella e Malu pontuam que a equipe se divide distribuindo pautas de acordo com as preferências e afinidades de cada membro. Ao longo do mês, elas produzem o material e, na reunião de pauta seguinte, entregam a matéria. É possível também fazer sugestões de outras coberturas, caso alguém tenha ideias ou disponibilidade para escrever ou queira sugerir temas para as colegas. Catarina (entrevista, 21 de julho de 2021) acrescenta que existe a possibilidade, conferida às midiativistas, de acompanhar, via Google Drive, a edição dos textos e de questionar as modificações, caso a autora do material considere necessário. Posteriormente, as próprias redatoras podem inserir seus trabalhos na plataforma de escrita Medium, onde, atualmente, está abrigado o *Lado M*. Malu reforça a organicidade do processo de condução da produção: “É muito orgânico, muito espontâneo” (entrevista, 19 de julho de 2021). Segundo ela, não há pressão relativa a *deadlines* e, se a repórter quiser se dedicar por mais tempo à determinada cobertura, ela tem liberdade para isso.

- *Think Olga*

Uma vez que organização não-governamental *Think Olga*, após uma dezena de contatos, não me deu retornos sobre a possibilidade de me receber no escritório da equipe para a condução de uma etnografia presencial, os levantamentos sobre a rotina das colaboradoras se apoiam essencialmente nas entrevistas em profundidade. No período da

condução dessas entrevistas, a ONG era composta por uma equipe de 11 pessoas – segundo a profissional de relações públicas Marjana (entrevista, 12 de agosto de 2021) –, já tendo contado com 12 à época em que a antropóloga Bárbara fazia parte do grupo (entre 2017 e 2018). Foi nessa fase, que o projeto dobrou de tamanho: “Quando eu entrei, acho que éramos seis ou sete mulheres. Depois, quando eu saí, nós já estávamos em 12” (Bárbara, assistente administrativa da *Think Olga*, entrevista, 30 de julho de 2021).

As midiativistas fazem uma vez por dia uma reunião geral, na qual tratam dos projetos em andamento, dividem os afazeres e se atualizam sobre ações realizadas pelas colegas. Uma vez por semana, realizam uma reunião de núcleos entre as sócias, o pessoal de apoio da parte administrativa e a equipe de criação, para definirem os próximos passos e os projetos subsequentes. A organização não conta com uma rotina definida e as colaboradoras trabalham sob demanda, segundo explica Bárbara: “No dia a dia, era chegar, abrir e-mail, ver o que estava acontecendo, ver quais pendências tinha para resolver. Os projetos iam demandando e a gente ia se organizando conforme a necessidade. Mas sempre tinha bastante coisa para fazer” (entrevista, 30 de julho de 2021).

As práticas internas da equipe são pautadas em processos de coletivização das interações e atividades. Elas atuam em um escritório em *coworking* no centro de São Paulo – ou seja, alugam um espaço compartilhado com outras empresas e equipes – e dividem uma mesa entre todas as colaboradoras, com o intuito de promover o envolvimento de cada participante com as ações das colegas. Conforme descreve Paula, gerente de captação de recursos da ONG: “A gente dividia uma mesa gigante – todas nós –, então acabava que todo mundo participava de todos os projetos” (entrevista, 13 de agosto de 2021).

É interessante enfatizar a experiência da publicação de passar por diferentes espaços de *coworking* e de o grupo ter de se mudar repetidas vezes ou porque não se adaptavam aos perfis e aos processos de condução de atividades das demais equipes (focadas no modelo *start-up* de tecnologia) ou porque as empresas responsáveis pela administração desses ambientes colaborativos faliam. Até o momento em que encontraram um escritório coletivo voltado para organizações de impacto social, como a *Olga*. Algo semelhante parece

acontecer com a *newsletter Les Glorieuses*, cujas responsáveis, no período da etnografia presencial, buscavam outro ambiente por não se sentirem à vontade para conduzir as atividades de apuração jornalística e de contato com as fontes onde se encontravam – já que as equipes ao redor reclamavam do barulho que elas faziam conversando entre si sobre os conteúdos dos artigos da *newsletter* e falando ao telefone com fontes potenciais.

Antes da pandemia de Covid, as atividades da *Think Olga* eram desenvolvidas essencialmente de maneira presencial, com as midiativistas se deslocando de segunda a sexta até o escritório. Posteriormente, o regime foi revisto em decorrência das mudanças que a crise sanitária ocasionou nas lógicas trabalhistas. Outra característica das formas de negociação do grupo é que as colaboradoras são necessariamente remuneradas, ou seja, não há o exercício de voluntariado no interior da equipe, o que é destacado pelas midiativistas da ONG. Tal convenção se estende para pessoas contratadas para trabalhos pontuais (como *freelancers*), responsáveis pela elaboração de ilustrações, de produtos gráficos e artísticos e de outras atividades necessárias à manutenção do projeto.

- *Georgette Sand*

Com um ordenamento mais mutável do que as demais publicações pesquisadas nesta tese, o coletivo *Georgette Sand* tem um número flutuante de membros. A cofundadora do projeto, a jornalista Marguerite, explica que a equipe é pequena, mas ela não indica com precisão quantas pessoas fazem parte dessa. De acordo com a midiativista, nos últimos anos, desde pouco antes do início da pandemia de Covid, o grupo vem passando por fragmentações. Ao longo desta tese, foram identificadas e contatadas 12 colaboradoras da organização²⁸⁷. Marguerite destaca ainda que, embora o grupo aceite contribuições voluntárias independentemente de gênero, poucos homens demonstram interesse em participar do coletivo: “Oficialmente, somos um grupo misto. Houve poucos. Se eu contar

²⁸⁷ Sendo que cinco me deram retornos aceitando participar da investigação e uma outra, em decorrência de atividades pessoais, não conseguiu encaixar na agenda um horário para conceder entrevista.

desde o início, foram só três ou quatro. No momento, nosso secretário é um homem”, relata a jornalista (entrevista, 27 de julho de 2022)²⁸⁸.

O tempo de permanência no grupo varia consideravelmente de acordo com o perfil e as disponibilidades de tempo de cada colaboradora. Mas as lideranças calculam que, em média, as pessoas contribuem de dois a três anos com o coletivo. Em termos de rotina prática, a publicação não possui espaço físico. Ou seja, as atrizes não têm um escritório, o que, ainda segundo Marguerite (entrevista, 27 de julho de 2022), é um elemento que gera cansaço e sobrecarga para a equipe, pois implica a falta de ambiente para organizar e executar ações e também para interagir com as demais.

Diante da ausência de um local fixo de encontro, o funcionamento do trabalho se dá fundamentalmente a partir do contato por e-mails. Somado a isso, as midiativistas criam grupos de WhatsApp, cuja adesão não é obrigatória, para tratar de diferentes temáticas, e as colaboradoras podem escolher com quais ações querem contribuir. Elas se organizam de maneira informal e conforme suas agendas. De modo geral, não se dividem por funções pré-determinadas, mas alocam pessoas específicas para assumir um conjunto de atividades, como, por exemplo, as incumbências de caráter financeiro, para a qual elas contam com uma voluntária que atua como tesoureira.

O modo de ação do grupo é intrinsecamente pautado em atos e intervenções de rua e se desenvolve por meio do contato com a sociedade civil, interações em empresas, escolas, lojas e espaços públicos, somados à atuação da instituição frente ao legislativo. As ativistas fazem *lobby* para aprovação de leis, transmitem informações feministas e promovem educação de gênero, realizando encontros feministas e cursos de defesa pessoal, física e verbal, para mulheres. Elas ministram oficinas escolares para debater e refletir sobre a invisibilização feminina ao longo da História.

²⁸⁸ Tradução da autora para o trecho: “Officiellement on a un groupe mixte. Il y a eu quelques hommes mais vraiment genre si je les compte vraiment depuis le début, allez trois ou quatre. Là actuellement, notre secrétaire c'est un homme”.

A equipe também compartilha tarefas de alimentação do site e dos demais espaços digitais, promovem festivais e divulgam textos, projetos, petições e outras ações relacionadas aos direitos das mulheres. Uma vez que não há remuneração no interior do coletivo – o que faz com que as pessoas que contribuem com esse precisem manter trabalhos diurnos em paralelo à atuação na publicação –, as colaboradoras que são *freelancers* ou cujos empregos se baseiam em contratos temporários acabam ficando com as atividades de oficinas e apresentações em empresas, pois são elas que têm os calendários mais flexíveis. Mas isso também gera sobrecargas aos indivíduos cujas condições de trabalho já são precárias.

- *Les Glorieuses*

A *newsletter Les Glorieuses* foi uma das mídias em que fui autorizada a fazer etnografia de maneira presencial e a acompanhar as rotinas de trabalho das colaboradoras no ambiente do escritório compartilhado onde o boletim está alojado, no centro de Paris. Foram realizadas duas visitas ao espaço, em setembro e novembro de 2022, em que tive a oportunidade de observar as lógicas de produção do grupo.

A partir das observações feitas *in loco* e retiradas de meu diário de campo, tento reconstituir o espaço de trabalho das entrevistadas. Elas estão situadas em um pequeno prédio comercial na região central de Paris. Entre a rua e o local que dá acesso aos andares de escritórios, fica o pátio e uma cafeteria, onde entrevistei Rebecca, a criadora da mídia. O andar do escritório abriga também outros projetos nos moldes de *start-ups*. A sala conta com quatro mesas longas. ambiente é bem iluminado, as mesas são espaçosas.

As midiativistas utilizam computadores disponibilizados a cada uma pela *newsletter* – não são equipamentos compartilhados do escritório ou *laptops* particulares. Quando precisa trabalhar com mais privacidade e falar ao telefone, Rebecca opta por se deslocar para outra área, ocupando uma mesa coletiva disposta em outro lado do salão. A equipe mantém um armário com livros que recebem de editoras e com os produtos que vendem na loja *on-line* do boletim, uma das fontes de financiamento da mídia, onde são ofertados cadernos e bolsas de tecido com o nome da *newsletter* e um livro sobre o projeto assinado por sua fundadora.

Há duas pessoas (a cientista política e criadora da *newsletter* Rebecca e a jornalista Megan) que compõem a equipe como contratadas efetivas, enquanto as demais são prestadoras de serviços. A jornalista argentina Agustina, que também concedeu entrevista a esta pesquisa, é membro regular da equipe de prestação de serviços, sendo responsável por gerenciar as redes sociais e por dar suporte nas traduções de textos. Chloé, jornalista igualmente entrevistada para a tese, era contratada como *freelancer* pela *newsletter*, onde atuou de 2020 a 2022.

No período em que desenvolvi a etnografia presencial, a equipe estava incorporando uma nova colaboradora *freelancer* para assumir a editoria *Les Petites Glo* (a midiativista Alice), antes escrita por Chloé. O boletim contrata terceiros para serviços de tradução, necessários para a produção de textos de caráter internacional. Sobre a inserção de homens na equipe, a jornalista Megan (em conversa durante a etnografia presencial, em 18 de novembro de 2022) relata que elas já tiveram colaboradores que redigiram textos, mas não é comum que homens demonstrem interesse em participar do projeto.

De acordo com Rebecca (entrevista, 22 de setembro de 2022), a publicação mantém-se com uma quantidade baixa de funcionárias porque não teria verba para contratar mais gente. Para produzir maior variedade de conteúdos, elas fazem parcerias com jornalistas independentes ao redor do mundo. A fundadora da *newsletter* ressalta que, para a redação dos textos, elas procuram jornalistas que já têm carreiras consolidadas e experiência com a temática feminista, mas só podem contratá-las de forma temporária:

Na verdade, eu realmente queria trabalhar com pessoas que tivessem ampla experiência na área, mas, por outro lado, não temos dinheiro para contratá-las em tempo integral porque é um projeto muito pequeno, então prefiro pagar mais a elas e terceirizar o serviço em vez de contratar pessoas mais juniores. (entrevista, 22 de setembro de 2022)²⁸⁹

²⁸⁹ Tradução da autora para: “En fait je voulais vraiment travailler avec des personnes qui avaient une expertise poussée sur le domaine et en revanche, on n'a pas l'argent pour les embaucher à temps plein parce que c'est un tout petit projet”.

A equipe (inclusive com os membros terceirizados recorrentes) mantém um grupo de WhatsApp onde, ao longo das jornadas de trabalho, compartilham informações e tiram dúvidas umas com as outras. Elas possuem também um documento compartilhado digitalmente onde anotam as atividades que cada uma está desenvolvendo no momento. Para editar imagens e peças de divulgação das ações e conteúdos, recorrem à versão paga da ferramenta de *design* gráfico *on-line* Canva. A lógica de divisão de tarefas está centrada nas editorias da organização, de modo que Rebecca coordena a produção do boletim *Les Glorieuses*²⁹⁰, Megan, com a ajuda de Agustina, produz a editoria internacional *Impact* – nas versões em francês e em inglês –²⁹¹, e Alice assume a *Les Petites Glo*.

- *Madmoizelle*

A revista *Madmoizelle* conta com espaço físico e aceitou me receber para que eu conduzisse uma jornada de etnografia presencial na redação da mídia, em 28 de setembro de 2022, na região do centro de Paris. A equipe tem por volta de 20 pessoas e seu caráter é misto, embora a quantidade de colaboradoras mulheres seja predominante. No dia em que estive lá, havia uma dúzia de colaboradoras(es) da revista no escritório. De acordo com a jornalista Océane (entrevista, 2 de setembro de 2022), a publicação já era bastante adepta do teletrabalho anos antes de eclodir a pandemia de Covid. Ainda assim, a frequência de encontros na redação é regular e semanal para que as(os) colaboradoras(es) mantenham interações pessoalmente com as(os) colegas.

²⁹⁰ Além de escrever e conduzir entrevistas, Rebecca se ocupa da parte financeira e do contato com parceiros comerciais. Ela também representa a publicação em espaços como o sindicato das mídias independentes e é a porta-voz da *newsletter*, dando entrevistas e participando de eventos e conferências quando a publicação é convidada. É ela quem dialoga com os prestadores de serviços responsáveis pela contabilidade e pelo apoio jurídico ao projeto.

²⁹¹ A jornalista britânico-australiana narra com detalhes sua rotina mensal: “ Fazemos quatro tipos de conteúdo. O primeiro é uma nota do editor, que é escrita por mim, é como um artigo de opinião e análise. Depois temos uma notícia, que é escrita pela minha colega Agustina, que está na Argentina. É uma espécie de resumo com dez notícias sobre os direitos das mulheres naquele mês. Na terceira segunda-feira do mês, fazemos uma entrevista, na forma de conversa em profundidade com uma ativista feminista proeminente no cenário internacional. Na quarta segunda-feira, fazemos a reportagem sobre os direitos da mulher, que é tipo no formato mais tradicional de reportagem mesmo. Ocasionalmente, fazemos parcerias com outras publicações para fazer republicações e esse tipo de coisa” (Megan, entrevista, 22 de julho de 2022).

O local de trabalho é compartilhado por três mídias, separadas por andares ou pela disposição das salas e paredes. Ao lado da equipe da *Madmoizelle*, está o *Humanoid*, projeto de mídia independente ao qual a revista feminista está vinculada. A publicação é organizada de modo que há uma mesa para cada uma ou duas subequipes, onde se reúnem indivíduos que trabalham com assuntos correlatos. Por exemplo, há uma mesa de oito lugares que abriga a equipe de apoio, responsável pela área financeira e de edição. De acordo com as minhas percepções anotadas no diário de campo, o escritório conta com cadeiras confortáveis, mesas compartilhadas espaçosas, há materiais de suporte que facilitam o dia-a-dia da equipe – como *post-its* e extensões com carregadores de celulares em cada mesa – e impressoras disponíveis para uso rotineiro. O andar possui uma cantina coletiva onde o grupo busca café e chás ao longo da jornada e onde há um refeitório e um terraço utilizados no momento das refeições.

O jornalista de moda Anthony (entrevista, 20 de julho de 2022) descreve que cada produtor(a) de conteúdo faz, no início da manhã, uma ronda diária para saber quais assuntos foram tratados em outras mídias no dia anterior. Na sequência, começam a preparar textos ou produtos em outros formatos – dentre as publicações analisadas, a *Madmoizelle* é a que conta com maior variedade produtiva audiovisual. Cada redator(a) faz em média três artigos por dia. São realizadas reuniões e *brainstormings* recorrentes para buscar ideias do que escrever e cobrir. A equipe de produção audiovisual faz ainda rondas semanais em grupo para procurar vídeos, possíveis entrevistadas(os), pautas e ideias de gravações que possam interessar ao grupo. Como explica Emilie (entrevista, 22 de julho de 2022), a quantidade de gravações semanais varia, segundo as pautas. Antes de cada produção, são conduzidas reuniões para organizar os rumos editoriais e o formato de gravação e depois são feitas as montagens dessas.

Mathis, *podcaster*, relata (entrevista, 2 de agosto de 2022) que se reúne também uma vez por semestre com a empresa que abriga o *podcast* da revista, a fim de avaliarem números de acesso e para traçar estratégias de impulsionamento para os produtos. Enquanto para Sophie (entrevista, 1 de setembro de 2022), responsável de conteúdo de marca, a rotina

tende a ser mais flexível, estando atrelada a entregas por demanda. Ela produz rotineiramente vídeos, artigos, entrevistas e conteúdos que destaquem os anunciantes. Mas suas jornadas variam mais em função de eventos comerciais, como Natal e dia das mães.

As(os) jornalistas da revista entrevistadas(os) para esta tese – Anthony, Emilie, Mathis e Océane – reforçam que, para além da temática feminista da publicação, gostam de trabalhar na mídia porque é um espaço que lhes permite se lançar no desenvolvimento de diferentes projetos e formatos – como vídeo, *podcast*, escrita textual, criação de produtos variados –, em um estímulo ao exercício criativo.

Conclusões sobre as estratégias de organização das midiativistas

As descrições das formas de negociação do grupo em termos de modelo de divisão de tarefas permitem que se observe a nova ecologia de produção de informação que se reflete na prática jornalística na última década, influenciada por dispositivos sociotécnicos, cuja estrutura é moldada por traços de uma anarquia organizada (Neveu, 2019). As equipes se pautam fundamentalmente em plataformas e aplicativos digitais para interagir com a totalidade do grupo e para criar e editar os conteúdos. Ainda que as interações presenciais sejam valorizadas e desejadas pelo grupo e, especialmente, pelas colaboradoras em posições de *insiders*, que tentam oferecer opções de ambientes de encontro físico para a execução do trabalho.

Os mecanismos organizacionais são construídos nos moldes de microempresas ou organizações sem fins lucrativos. As publicações, seguindo a estratégia de espaços de ativismo contemporâneos, adotam linhas de gestão neoliberais de empreendedorismo – considerando-se que a reestruturação produtiva e as alterações dos vínculos empregatícios podem ser explicadas com base no pressuposto de que o empreendedorismo é uma ideologia neoliberal (Baron & Shane, 2007) –, inspirando-se em *start-ups* e empresas digitais e recorrendo a estratégias publicitárias (Jouët, 2018). Ou seja, ocorre nos processos de estruturação dos espaços estudados a flexibilidade exigida pelo pensamento neoliberal, em que trabalhadoras e trabalhadores seguem horários irregulares e constata-se a ausência de

regulamentação e de proteção de direitos (Gaulejac, 2007), conforme modelos trabalhistas em que, embora o indivíduo proclame sua autonomia, ele continua sendo parte de uma engrenagem nos grandes mecanismos neoliberais (Dardot & Laval, 2016).

Dentro do coletivo informal *Georgette Sand*, por exemplo, projetos específicos são delegados a apenas um ou dois membros que os realizam integralmente, em um compartilhamento de tarefas que permite às colaboradoras se engajarem de forma irregular. Na revista *AzMina*, as midiativistas também se organizam em projetos administrados por uma pessoa ou pequenos grupos. “As práticas digitais e o engajamento feminista são, de certa forma, constituídos por mecanismos vinculados ao liberalismo global, embora as feministas critiquem os princípios do neoliberalismo e as desigualdades sociais a que ele conduz” (Jouët, 2018, p. 141)²⁹².

As equipes desenvolvem técnicas de gestão, captação de recursos e operações mercadológicas para manter as publicações. Nota-se uma maior concentração de profissionais responsáveis por desenvolver atividades de suporte no interior dos grupos conforme esses se distanciam do caráter militante e se aproximam de estruturas empresariais. O coletivo *Georgette Sand* e o site *Lado M*, por exemplo, contam com mais pessoas proporcionalmente envolvidas com a elaboração de ações e conteúdos feministas. Enquanto a revista *AzMina* e a ONG *Think Olga* têm equipes de apoio mais numerosas do que as equipes de produção de informação.

Há uma intersecção do mundo social com características dos campos de produção cultural, nos moldes do que ocorre com a prática jornalística (Neveu, 2019). Temáticas relacionadas a artes e literatura e profissionais com formação ou carreiras associadas a áreas culturais (música, literatura, moda, artes, história da arte) se inserem no espaço do midiativismo feminista e conferem a esse uma gama ampliada de possibilidades de reflexão sobre direitos das mulheres para além de pautas estritamente conectadas às teorias de

²⁹² Tradução da autora para: “Digital practices and feminist engagement are, in some ways, constituted through assemblages bound up with global liberalism even though feminists criticize the principles of neoliberalism and the social inequalities it leads to”.

gênero. A apropriação pelas publicações feministas de convenções da produção cultural também facilita a criação, no ambiente digital, de uma variedade de produtos e formatos para aumentar o alcance do trabalho das equipes – *podcasts*, *videocasts*, *lives* via Instagram, Twitch e YouTube.

As formas de engajamento de atrizes e atores do mundo social são múltiplas, mas têm como base as novas mídias digitais, que permitem ao grupo criar códigos culturais que dão sustentação às suas práticas. As(os) entrevistadas(os) vivenciam o midiativismo feminista em experiências transversais entre os ambientes *on-line* e *off-line*, sem fazer distinção entre esses (Hine, 2017). Os relacionamentos, conversações e conexões entre as equipes são geridos através da internet, fazendo com que novas convenções, relativas a como interagir e a como conduzir a prática midiativista à distância, sejam improvisadas e implementadas – como a necessidade de reuniões periódicas para tratar sobre a vida pessoal e sobre a saúde emocional, sem abordar assuntos de trabalho. O espaço, contudo, está imerso em um contexto neoliberal de produção de informação em que as inovações tecnológicas tendem a reduzir quadros funcionais e a precarizar condições de trabalho dos profissionais do jornalismo – e de mídias engajadas.

Profissionais dissidentes e o papel de redes de apoio

O diferencial de um mundo social como o do midiativismo feminista é que os indivíduos que se envolvem nessa rede de colaboração executando trabalhos de suporte são entendidos por *insiders* e regulares como parte integrante do sucesso do projeto como um todo (Becker, 1982), ou seja, são atrizes e atores vistos pelos demais como essenciais para a execução da atividade e elaboração do produto final. Essa sistemática faz com que o trabalho do pessoal de apoio seja tido, no contexto das publicações engajadas, como menos intercambiável em comparação a outros mundos do jornalismo.

Quando se observa sob diferentes perspectivas teóricas as transformações na atividade jornalística, na identidade dos profissionais que atuam na produção desse tipo de informação e na institucionalização de definições sociais dessa prática, é possível notar que

o mundo do jornalismo conta com atores e atrizes que podem ser considerados dominantes, marginais ou desviantes a depender do ponto de vista do espaço social em que estão alocados (Becker, 1982; Pereira, 2008). No âmbito do jornalismo feminista, constatou-se que as equipes de suporte e, principalmente, as(os) profissionais responsáveis pela captação financeira das publicações, assumem posições de destaque no interior dos grupos onde atuam.

A formação da comunidade de mídias feministas como um todo e a construção de suas redes de apoio se dá, em um primeiro momento, por meio da dissidência de membros de um mundo social convencional (como o do jornalismo) para um mundo alternativo (como o do midiativismo). A criação de quatro das seis publicações analisadas (*AzMina*, *Les Glorieuses*, *Madmoizelle*, *Think Olga*)²⁹³ partiu da dissidência de profissionais de seus percursos profissionais de origem para a elaboração de trajetórias de carreira desviantes dos modelos nos quais essas pessoas estavam inicialmente inseridas. A partir da própria desvinculação de suas opções profissionais originais, esses indivíduos constroem espaços de atuação remodelados – recorrendo ao arcabouço de convenções de outros mundos – e passam a tentar capturar mais membros para complementar as equipes e impulsionar os projetos.

Desenvolve-se uma busca por reconhecimento desses novos espaços, de modo que o mundo social emergente – neste caso, o do midiativismo feminista – começa a marcar sua distinção até mesmo do mundo social derivado mais imediato – o do jornalismo – do qual está surgindo ou se fragmentando, ou mesmo, por meio de processos de intersecção, invadindo (Strauss, 1982). Dentro das lógicas de funcionamento dos mundos sociais, os membros dissidentes de um mundo tendem a iniciar suas carreiras como novatos convencionais, aprendendo o que outras(os) jovens aspirantes em seu mundo de origem aprendem (Becker,

²⁹³ As outras duas publicações (*Georgette Sand* e *Lado M*) não se enquadram na análise, já que são compostas por pessoas que levam as atividades voluntárias de midiativistas feministas em paralelo a empregos regulares e remunerados.

1982), conforme se verifica nos relatos de Carolina (*AzMina*), Mariana (*Lado M*) e Rebecca (*Les Glorieuses*), criadoras de publicações feministas.

Ao deixarem os mundos de onde são originárias(os) para construir espaços distintos, em geral, as(os) dissidentes recrutam seguidores(as), discípulos(as) e ajudantes usualmente dos conjuntos de indivíduos ainda não treinados ou não profissionalizadas(os) para a atividade em questão, a fim de criarem suas próprias redes de colaboradores(as) e, principalmente, novos públicos. Dentre as publicações feministas estudadas, as iniciativas que recorrem fundamentalmente a trabalho voluntário – em especial, o portal *Lado M* – investem no recrutamento de pessoas em formação para contribuir com o projeto, o que se torna conveniente tanto para quem busca quanto para quem oferece mão-de-obra.

Tal lógica de funcionamento das mídias feministas é mencionada regularmente como um fator positivo para quem se propõe a atuar nesse meio. As(os) colaboradoras(es) apontam como enriquecedora a oportunidade de utilizar as publicações como espaços-laboratório, onde os membros podem desenvolver experimentações de escrita e de criação. Discursos que reforçam a ideia do prazer encontrado na inserção em ambientes de experimentação jornalística aparecem nas falas de Catarina (*Lado M*), Malu (*Lado M*), Vanessa (*Lado M*), Anthony (*Madmoizelle*), Emilie (*Madmoizelle*) e Mathis (*Madmoizelle*). Isso contribui para a construção de uma identidade do grupo e de uma base convencional autônoma por meio da formação de discípulas(os) orientadas(os) por membros em posições de *insiders*.

Foi um espaço bem legal para eu conhecer com o que eu gostaria de trabalhar mais, como jornalista. Foi um espaço para eu experimentar vários assuntos. (...) Como as meninas chamam jornalistas iniciantes para contribuir e para colaborar, é um espaço legal para elas experimentarem. É um lugar que tem espaço para falar do que elas gostam. Às vezes, mesmo estagiando ou trabalhando, não existe essa abertura - nem na faculdade - para falar de alguns assuntos que as colaboradoras acabaram de conhecer e estão empolgadas para cobrir. Elas têm contato com o que é fazer uma reportagem, com prazo, tem uma pessoa editando um texto. Isso eu acho que contribui para o *Lado M* continuar existindo. (Catarina, entrevista, 21 de julho de 2021)

No caso do *Lado M* – um projeto de caráter universitário e que se constitui frequentemente como uma atividade complementar para a formação das colaboradoras, em especial para as que são estudantes –, as contribuições feitas à mídia servem, posteriormente, de material para composição de portfólios profissionais. Ao assinarem textos no site, as midiativistas passam a ter comprovações de que escreveram reportagens e conteúdos jornalísticos e, assim, sentem-se mais legitimadas para buscar oportunidades de estágio e emprego no mercado de trabalho privado. Mariana (*Lado M*), criadora do portal, pontua a relevância desse caráter de suporte em início de carreira que a publicação oferece para seus membros e as colaboradoras também citam que incluem os materiais feitos para a publicação nas suas apresentações quando procuram vagas em redações jornalísticas.

Essas atrizes com perfil de jornalistas ainda em formação, que estão na etapa anterior ao início de carreira, assumem um papel de turistas no espaço analisado. Elas utilizam a passagem pelas mídias engajadas como uma ferramenta para construir reputação junto a outros mundos do jornalismo, principalmente o do jornalismo hegemônico, para onde anseiam migrar. Nota-se, portanto, a dificuldade do mundo do midiativismo feminista em fidelizar discípulas(os). As entrevistas sugerem que profissionais dissidentes se engajam de maneira mais duradoura e constante com as publicações feministas, uma vez que são indivíduos que se desvincularam dos seus mundos de origem – após viverem frustrações de ordem política ou econômica, como baixos salários ou falta de reconhecimento –, e estão dispostas(os) a investir no novo mundo como uma oportunidade para reinventar e transformar suas carreiras.

Quanto à *Madmoizelle*, ainda que a proposta da revista seja diferente da do *Lado M* – visto que é uma pequena empresa e que pretende obter lucro – e o trabalho não seja voluntário, três pessoas da publicação entrevistadas para esta pesquisa enfatizaram o caráter experimental da mídia. As justificativas dessas(es) colaboradoras(es) para explicar a maior autonomia que recebem no ambiente de trabalho está atrelada, por um lado, ao tamanho da revista. Emilie alega que, por ser uma publicação pequena, *Madmoizelle* confere mais

liberdade às e aos profissionais para exporem e mesmo executarem suas ideias e projetos (entrevista, 22 de julho de 2022).

Por outro lado, há, entre as justificativas de entrevistadas(os), fatores relacionados ao alinhamento político-ideológico da revista, de cunho mais progressista – no sentido de que pautas de gênero, raça e orientação sexual são trazidas para a centralidade das discussões e busca-se estabelecer diálogos com a sociedade civil, em uma atuação em rede, de forma coletiva e horizontalizada (Lievrouw, 2011). Esse caráter, segundo Anthony, permite ao grupo portar-se e exprimir-se como quiserem, sem enfrentar julgamentos relacionados a opiniões moralistas e sem serem cobradas(os) por manter distanciamento em prol de uma pretensa objetividade. O entrevistado, que é um jornalista especializado em moda, conta que, na redação de *Madmoizelle*, sente que pode se vestir como quer sem ter de avaliar se suas roupas estão exageradamente *queer* ou femininas, pois é acolhido sem ser julgado por seu estilo (entrevista, 20 de julho de 2022).

Ele também se sente à vontade para reivindicar pautas para si sob a justificativa de que os temas lhe dizem respeito diretamente e que por isso ele consegue escrever com mais domínio de causa e pode acessar fontes mais pertinentes. Enquanto em outras mídias hegemônicas nas quais trabalhou, como o jornal *Le Figaro*, chefias e colegas lhe diriam que a pauta está muito próxima dele, que ele não seria objetivo ao escrever e que por isso seria melhor entregar o trabalho a outra pessoa. As reflexões do repórter colocam em questionamento o postulado de exclusão recíproca entre práticas jornalísticas e militantes (Ferron, 2010). As mídias analisadas se posicionam em defesa do jornalismo como ativismo sociopolítico – apresentando-se como apartidárias, mas não apolíticas – (Andrade, 2020), e mostram-se capazes de conduzir trabalhos ancorados no diálogo entre práticas ativistas e produção de informação.

Outra forma recorrente de recrutamento de pessoal das publicações feministas analisadas é capturar pessoas dos círculos de convívio das criadoras e das lideranças das mídias – estratégia identificada em relatos de entrevistadas d'*Azmina*, *Georgette Sand*, *Les Glorieuses*, *Lado M* e *Think Olga*. Tal estratégia, porém, tende a limitar o grupo a um conjunto

restrito de pessoas – o de amigas(os) e conhecidas(os) das sócias-criadoras de cada iniciativa. É uma sistemática que confere à equipe uma situação de maior segurança e conforto com relação às pessoas que elas estão contratando e/ou inserindo no grupo, uma vez que se baseia em indicações e no conhecimento prévio da forma de trabalhar da(o) contratada(o) ou voluntária(o).

Entretanto, a prática reduz a possibilidade de circulação de diferentes perfis de profissionais dentro do grupo – em termos geográficos, culturais, étnico-raciais e econômicos. Ainda que as publicações estejam começando a modificar suas táticas de contratação, com o intuito de torná-las mais inclusivas, o caráter fundamentalmente branco, de classes médias-altas e altas e circunscrito a grandes centros urbanos das publicações feministas ainda é o fator que gera críticas mais recorrentes dos públicos – e até de suas próprias(os) colaboradoras(es), conforme aponta o depoimento de Bárbara, antiga assistente administrativa da *Think Olga*:

Eu comecei a ter algumas divergências ideológicas, na verdade, com o trabalho. Eu comecei a estudar sobre feminismos mais plurais, sobre branquitude e feminismo negro, e achava que a gente não chegava nesses lugares. Para mim, era muito concentrado em um feminismo muito branco e muito elitizado. (Bárbara, 30 de julho de 2021)

Em suma, quanto às engrenagens de formação e acesso ao mundo social analisado, observa-se que as intersecções do espaço do midiativismo feminista com o do jornalismo indicam que este último, enquanto prática social, é marcado por processos de reinvenção permanentes (Ringoot & Utard, 2005). Assim como a ideia de recorrer às publicações como espaços-laboratório, em que é possível desenvolver exercícios de criação e de experimentação de novos conteúdos, permite inferir que as práticas de escrita e edição de textos das publicações feministas se apoiam em padrões jornalísticos convencionais, mas vão além disso. As midiativistas também se apropriam de preceitos do midiativismo, enquanto fenômeno social e político, constituindo-se em um laboratório de inovação e experimentos de

meios e modelos sociais capaz de criar formas de autogestão de comunicação (Pasquinelli, 2002).

Longe de serem uniformes, essas mídias adotam abordagens e tons que variam a depender dos públicos leitores visados por cada publicação (Breda, 2022). Ainda assim, apesar das diversidades estatutárias, as publicações encontram-se inseridas em um contexto de dinamismo e de construção de redes de apoio, tornando o mundo social um espaço de experimentação criativa e de suporte pessoal e profissional para membros dissidentes que migram de outros mundos para o do midiativismo feminista.

A relevância do pessoal de apoio

Embora o mundo do jornalismo não se restrinja somente a jornalistas, são essas(es) profissionais que ganham maior protagonismo nas salas de redação, em comparação a secretárias(os), técnicos em informática, seguranças, gerentes e diretoras(es) (Travancas, 2011). Como já demonstrado, o mundo do midiativismo feminista digital, contudo, traz um elemento singular, que retira as equipes de apoio de papéis coadjuvantes e as coloca em posições de reconhecimento dentro dos grupos, com figuras responsáveis pela captação de recursos financeiros e por atividades administrativas e contábeis assumindo tanto ou mais destaque interno quanto as(os) produtoras(es) de conteúdo. Isso também é comum a outros mundos do jornalismo engajado – como ocorre, por exemplo, com a mídia independente digital no Quebec (Carbasse, 2020).

Dentro dessa perspectiva, as lideranças das publicações assumem que o pessoal de suporte tem um papel-chave na condução das mídias engajadas, contribuindo de maneira decisiva para a continuidade dessas. Marguerite, jornalista que à época da entrevista para esta tese era presidenta responsável pelo projeto *Ni vues ni connues* no âmbito do coletivo feminista *Georgette Sand*, menciona diretamente a função do pessoal de apoio na manutenção de mídias independentes ao relatar o problema central que enfrentou ao criar uma publicação digital feminista com duas amigas também jornalistas. O grupo não contava com pessoas responsáveis por aspectos financeiros e pela contabilidade do

empreendimento. Todas tinham formação técnica jornalística e não conseguiam se organizar para desenhar estratégias de como rentabilizar o projeto de modo que pudessem se sustentar a partir daquilo, o que acabou motivando Marguerite a desistir do projeto e procurar se realocar em outros espaços.

As falas das entrevistadas que compõem equipes de suporte reforçam a consciência que elas mesmas possuem sobre o seu papel dentro do mundo social e sobre como elas colaboram, de maneira substancial, para a existência das iniciativas feministas. Bárbara relata que era responsável por toda a parte financeira e administrativa da *Think Olga* – ou seja, pelos pagamentos, pela atividade de efetuar cobranças aos clientes, pela destinação de verba para projetos e pela gestão dos recursos humanos: “Eu acho que era um trabalho 100% essencial, porque era por onde entrava o dinheiro e por onde a gente conseguia manter todos os projetos, por onde a gente conseguia manter todas as colaboradoras” (entrevista, 30 de julho de 2021).

Rayana, gerente de captação d’*AzMina*, também menciona diretamente o fato de enxergar a sua atuação enquanto pessoal de apoio como base para o funcionamento da revista e para que a mídia seja bem-sucedida – em termos de sustentabilidade financeira, circulação de produtos e engajamento dos públicos (entrevista, 28 de julho de 2021). Assim como Verena, gerente de captação e parcerias da mesma publicação, reconhece a relevância do trabalho que desenvolve, embora admita que se encontra em uma posição de bastidores. Outras entrevistadas deixam transparecer em seus discursos de forma mais transversal, ainda que indireta, o reconhecimento da relevância da atuação das equipes de suporte, sejam elas membros dessas equipes – como Fayrouz e Morgane (*Georgette Sand*), Marília (*AzMina*), Marjana e Paula (*Think Olga*) – ou coordenadoras/diretoras das publicações – como Carolina (*AzMina*), Marguerite (*Georgette Sand*) e Rebecca (*Les Glorieuses*).

Há uma consciência coletiva no interior do mundo social de que, para que as publicações feministas sigam existindo, funcionando e se fortalecendo, o pessoal de suporte deve assumir posições de destaque dentro dos grupos. Os projetos que pretendem ser rentáveis economicamente, em especial, voltam-se para a contratação de perfis de pessoas

especializadas em gestão, monitoramento e avaliação de projetos. *AzMina*, por exemplo, conta com 19 contratações fixas atualmente, sendo nove pessoas voltadas para captação de recursos (financeiros, humanos e institucionais), seis pessoas responsáveis por atividades artísticas e audiovisuais e quatro membros pertencentes à equipe de jornalismo²⁹⁴. A *Think Olga*, por ter um caráter mais empresarial, também possui grande interesse em mobilizar profissionais de captação financeira para atuar em seus projetos – três das quatro pessoas da organização que aceitaram participar desta pesquisa compõem ou compunham as equipes de captação da ONG (Bárbara, Marjana e Paula).

Mesmo projetos pequenos, como *Les Glorieuses* e *Georgette Sand*, indicam conferir especial valor à atuação do pessoal de suporte na produção de informação feminista, até por serem iniciativas criadas e encabeçadas por mulheres cujas formações originais não advêm do jornalismo ou da área de comunicação – Rebecca Amsellem, criadora da *newsletter*, é economista, e Ophélie Latil, idealizadora do coletivo feminista, é cientista política e jurista. Mecanismos de funcionamento complexos, que colocam em diálogo e contato atrizes e atores de diversas formações e com trajetórias profissionais variadas, formam redes de cooperação no mundo social que extrapolam as carreiras jornalísticas, criando uma variedade profissional mais ampla nesses espaços em comparação a redações jornalísticas convencionais.

As interações dos públicos com o mundo social

A análise de mundos sociais implica que se leve em conta também as audiências, pois a existência desses espaços não afeta só a produção, mas se correlaciona igualmente ao consumo de determinado produto (Strauss, 1978). Ao longo do exercício etnográfico desta tese e a partir das entrevistas em profundidades com públicos dos projetos feministas estudados, constatou-se que as leitoras e o leitor entrevistadas(o) costumam se apoiar em dois argumentos centrais para justificar seus interesses em acompanhar as publicações que

²⁹⁴ Mais detalhes sobre o quadro de pessoal d'*AzMina* podem ser consultados em: <https://azmina.com.br/revista-azmina/>.

compõem esta pesquisa: 1) As audiências ressaltam que os conteúdos propostos por mídias feministas tendem a ser elaborados com base em maior embasamento estatístico e de dados em comparação a jornais hegemônicos e é essa característica que faz cerca de dois terços das leitoras seguirem essas publicações; 2) Leitoras reclamam que a mídia *mainstream* apresenta as informações de maneira mais geral comparativamente à mídia engajada, sem contextualizar os fatos e apenas indicando acontecimentos – como no caso dos feminicídios, em que as mortes são apontadas, mas não as conjunturas que levam a essas perdas.

Assim, incomodadas com a percepção de que falta dar visibilidade a pautas relativas a direitos das mulheres e grupos feminilizados no mundo do jornalismo, os públicos passam a procurar conteúdos informativos que reinventem a lógica convencional jornalística. Um terço das leitoras entrevistadas acreditam que, embora as temáticas de gênero comecem a ser abordadas, isso é feito de uma perspectiva que não debate a origem dos problemas, focando apenas em relatar situações de violência, sem apresentar conjunturas socioestruturais as cercam.

As audiências consideram que a mídia hegemônica se apropria das temáticas de gênero para cativar o público, já que esse debate está em voga, e/ou para se alinhar com interesses comerciais de anunciantes, mas não porque, de fato, há interesse em gerar reflexão sobre os direitos das mulheres e de pessoas feminilizadas. A produtora cultural Keyla, leitora d'*AzMina*, alega que os jornais de grande circulação historicamente seguem culpabilizando as mulheres que são vítimas de conjunturas sexistas, sem dar credibilidade ao que elas falam ou relativizando as ações de homens que as assediam ou violentam: “Nunca é um olhar mais afetivo para a situação das mulheres e para o que ela está passando” (entrevista, 11 de julho de 2021).

A fala da gerente de palco em filmagens cinematográficas Debora (leitora da *Madmoizelle*) sustenta um discurso similar: “Acho que as mulheres que são vítimas de violência são imediatamente colocadas no lugar de culpadas. Na verdade, tudo o que ela precisava fazer era não sair à meia-noite, não sair usando minissaia, não ficar sozinha na rua, mesmo em plena luz do dia, ou mesmo às 3h da tarde” (entrevista, 4 de agosto de

2022)²⁹⁵. Cassie (leitora da *Madmoizelle*) também enxerga a mídia clássica com desconfiança e prefere se informar pela mídia engajada, pois acredita que essas publicações “falam sobre coisas reais, e usam palavras reais também” (entrevista, 21 de julho de 2022)²⁹⁶.

Essas atrizes estão imersas em um contexto em que há mudanças significativas de paradigmas na indústria cultural, cujo centro é a cultura digital, através das plataformas de redes sociais, em paralelo à reformulação da posição de consumidoras(es) de conteúdo *on-line* no mundo do jornalismo e no mundo do ativismo, uma vez que o grupo tem seu papel transformado pelas possibilidades de interação na internet (Gomes, 2016). O alargamento do contato com mídias engajadas e com espaços de militância através do âmbito digital instiga as audiências de publicações feministas não só a questionar os discursos da mídia hegemônica, mas a abrir mão de consumir informação a partir dessa, dando preferência ao midiativismo – não só o feminista.

A forma mais recorrente de acompanhamento de notícias em geral e de mídias feministas pelos públicos entrevistados é através das redes sociais e pela lógica de seguir o fluxo da linha do tempo proposto pelos algoritmos dessas plataformas. As leitoras alegam ter consciência de que há vieses informacionais e econômicos por trás das sugestões de conteúdos feitas pelas próprias ferramentas, mas, ao mesmo tempo, sentem-se confortáveis com a comodidade de poderem acessar conteúdos que dialogam com outros assuntos que elas viram e se interessaram anteriormente.

Ao acompanharem as publicações feministas, as leitoras e o leitor costumam estar em casa – mais de dois terços das pessoas entrevistadas (22 indivíduos) acessam esses conteúdos principalmente de seus domicílios, seguidos por um grupo que o faz no trabalho ou na faculdade ou ainda no transporte público. Sobre a ferramenta usada para visualizar as informações midiativistas, dois terços das entrevistadas (20 pessoas) recorrem

²⁹⁵ Tradução para o trecho: “Je pense que la femme victime de violences est tout de suite mise dans la peau de la coupable. En fait elle avait qu'à pas sortir à 0h, elle avait qu'à pas sortir en minijupe, elle avait qu'à pas être seule dans la rue, même en plein jour, ou même à 15h”.

²⁹⁶ Tradução para o trecho: “Parlent des vraies choses, qui utilisent les vrais mots aussi”.

fundamentalmente ao celular, enquanto o restante (10 leitoras) utilizam o computador. Em termos de frequência, 19 pessoas relatam ler publicações das mídias feministas em 5 dias ou mais da semana, 10 leitoras acessam os conteúdos de uma a três vezes por semana e uma (Debora, leitora *Madmoizelle*) diz que, com o tempo, passou a procurar o projeto apenas trimestralmente, pois acha que o público da revista são mulheres mais jovens e ela não encontra mais afinidades com os textos.

A análise de publicações midiativistas feministas, contudo, indica uma baixa interação dessas com os públicos e uma prática comunicativa, sobretudo, verticalizada (Santos & Miguel, 2019). Os sites das publicações não apresentam seção para comentários ou recursos interativos, como *chatbots*. Quanto a interações nas mídias sociais, a etnografia me permitiu observar que as respostas das equipes dos projetos a leitoras e leitores, por meio de comentários nas postagens, ocorrem em baixa quantidade.

No Instagram e no Facebook, vi esparsos comentários de resposta ao público dispersos em meio a postagens. Entretanto, os relatos das leitoras e das midiativistas indicam que as equipes costumam responder com agilidade mulheres que pedem ajuda a respeito de casos de violência de gênero (o que ocorreu, por exemplo, com a leitora d' *AzMina* Tamara), assim como acontece com leitoras que têm contribuições a fazer sobre informações e dados que não constam em alguma matéria. Além disso, ocasionalmente, as publicações agradecem ou enviam *emojis* validando elogios.

Parte das publicações, porém, buscam traçar outras estratégias para assumir uma postura mais interativa. O que foi identificado no caso d' *AzMina*, que divulga em seu site um número de WhatsApp com o intuito de repassar informações diretamente pelo celular para leitoras interessadas. Ao entrar em contato com o número, porém, não obtive respostas²⁹⁷. Contudo, desde então, recebo, em média duas vezes por semana, atualizações sobre reportagens e projetos do grupo. A revista *Madmoizelle*, por sua vez, propõe a leitoras(es)

²⁹⁷ Através do contato, apresentei a proposta desta tese e convidei membros da revista a concederem entrevistas em profundidade.

uma lista de fóruns *on-line* onde as pessoas podem interagir com a publicação e entre si, deixando comentários para falar sobre o site e procurar ajuda. Nesse espaço, há as sessões relativas a sugestões e contato com a equipe, assim como sessões temáticas voltadas para cidades, moda e tendências, cultura, tecnologia e lazer.

Recorrendo a um modelo mais simplório, o coletivo *Georgette Sand* também cria canais de contato disponibilizando números de telefone das colaboradoras ao fim de algumas matérias com o intuito de receber sugestões de pautas, ideias de ações e eventos e proposições de projetos ativistas. Nas outras publicações feministas estudadas (*Lado M*, *Les Glorieuses* e *Think Olga*), não foram identificadas propostas similares às descritas acima. No caso do site *Lado M*, possivelmente, o caráter de voluntariado e a centralização das atividades de edição, revisão e alimentação das mídias sociais em torno de uma única figura – a criadora da publicação – justificam o distanciamento com os públicos, somado ao fato de que a publicação recebe menos interações.

Já a *newsletter Les Glorieuses* conta com uma equipe reduzida. Enquanto a *Think Olga* tem, atualmente, um caráter mais voltado para instituições e empresas do que para pessoas físicas, trazendo uma visão da informação como um instrumento para a mudança social mais a longo prazo (Santos & Miguel, 2019). As leitoras e o leitor entrevistados, entretanto, não têm o hábito de recorrer a esses dispositivos, limitando-se a interações com as publicações pelas redes sociais.

Pelas trocas entre as mídias engajadas e os públicos via redes sociais, constata-se como transformações no jornalismo advindas do implemento de novas tecnologias acarretam mudanças nas práticas de interatividade e na natureza das contribuições da audiência (Calabrese, Domingo & Pereira, 2015). É possível observar que, para abrir espaços para receber contribuições de leitoras, uma parte das publicações (*AzMina*, *Lado M* e *Madmoizelle*) se dispõem a abrigar e reproduzir os depoimentos de mulheres que querem compartilhar suas histórias. Como explica a repórter do *Lado M* Vanessa (entrevista, 19 de julho de 2021), esse processo é conduzido de modo que, na edição, as midiativistas procuram ter cuidado para

respeitar as pessoas que partilham experiências difíceis e também para alertar as pessoas que leem os relatos sobre a possibilidade de se depararem com temáticas sensíveis.

*AzMina*²⁹⁸ e a *Madmoizelle*²⁹⁹ contam com sessões específicas onde são divulgadas as histórias partilhadas pelos públicos. As equipes recebem os depoimentos de leitoras, conversam com as pessoas que estão contando a história, coletam detalhes e elementos que consideram importantes dos relatos e depois organizam o texto em um formato jornalístico. Quando avaliam que é cabível, consultam também especialistas para complementar a história, como médicas e psicólogas.

A jornalista Océane, que era a responsável pela editoria de depoimentos da *Madmoizelle*, explica que o espaço foi criado porque a publicação recebia muitos e-mails e contatos de leitoras(es) que gostariam de partilhar vivências pessoais. A entrevistada recebia esses e-mails e preparava os artigos com base nos relatos. Ela afirma que tinha muito trabalho porque as leitoras criavam vínculos afetivos com a publicação, de forma que era a equipe considerava importante atender cada demanda, respondendo e dando retornos ao público: “Naquela época, a *Madmoizelle* era um pouco como uma irmã mais velha para muitas meninas e mulheres jovens, então havia muito trabalho a ser feito porque tinha vários e-mails e era importante tentar responder ao maior número possível de pessoas” (entrevista, 2 de setembro de 2022)³⁰⁰.

No mundo do midiativismo feminista digital, as audiências assumem a função de pessoal de apoio da prática, através do consumo, da difusão e do engajamento em reutilizar os produtos feitos pelas publicações analisadas para construir suas próprias formas de ativismo. Ao passo que as publicações feministas se tornam ambientes alternativos às mídias hegemônicas, propondo contradiscursos frente a representações sociais dominantes, são também espaços de trocas entre produtoras de conteúdos e seguidoras, que passam a fazer

²⁹⁸ Disponível em: <https://azmina.com.br/coluna/diva-dazmina/>.

²⁹⁹ Disponível em: <https://www.madmoizelle.com/rubriques/temoignages>.

³⁰⁰ Tradução do trecho: “À l'époque *Madmoizelle* c'était un peu la grande sœur de beaucoup de jeunes filles et jeunes femmes, donc il y avait vraiment beaucoup de boulot parce qu'il y avait énormément de mails et c'était important d'essayer de répondre au maximum aux personnes”.

parte de uma comunidade feminista (Jouët, 2022). Em termos de categorias de envolvimento dos públicos com o espaço, as leitoras e o leitor entrevistados ocupam posições que se alternam entre as classificações de turistas e regulares, permanecendo a maior parte do tempo, segundo os relatos e observações de campo, nesta última categoria. São pessoas comprometidas com o mundo de maneira contínua e assídua, contribuindo coletivamente para sua manutenção.

Relações de poder e os conflitos que atravessam o mundo social

As trajetórias profissionais e pessoais das midiativistas feministas são marcadas por relações de poder que as levam a se engajar na militância e a repensar suas opções de carreiras, movimento que constitui um elemento de coesão do mundo social. Para as jornalistas que já atuaram em redações de jornais hegemônicos, em especial para as que ocupam posições de *insiders* nas publicações feministas, a reorientação das carreiras para espaços que se interseccionam com o ativismo é uma estratégia de se desprender de mecanismos de dominação econômicos, sociais e políticos impostos a profissionais que atuam em mídias *mainstreams*. Conforme se identifica através do depoimento da diretora institucional e de captação d'*AzMina*, Carolina:

Eu decidi trabalhar no jornalismo feminista porque eu estava frustrada como jornalista, não apenas como feminista, não apenas politicamente. Era um momento em que as redes sociais mostraram quantas mulheres se sentiam invisibilizadas, o quanto as nossas vozes estavam sendo silenciadas ou não ouvidas [...]. Foi uma ideia que surgiu assim sem a gente ter muita noção do quão grande *AzMina* seria cinco anos depois. A gente fez porque a gente acreditava que precisava, porque a gente queria se sentir representada, porque a gente estava cansada de assédio moral, sexual no trabalho, da falta de perspectiva no jornalismo, que já naquela época vivia uma crise de receitas e de modelo de negócios. Então a gente queria fazer alguma coisa diferente. (Carolina, d'*AzMina*, entrevista, 6 de novembro de 2020)

As midiativistas que atuaram como membros regulares em jornais de grande circulação, nacionais ou regionais, relatam terem enfrentado significativas retaliações político-ideológicas, de gênero e/ou ocasionadas por fatores econômicos³⁰¹. A partir dessas experiências, elas decidem se engajar na criação ou participação regular em mídias feministas digitais, em uma tentativa de reinventar o sistema de produção de informação (Breda, 2022). Destaca-se que, seja no Brasil ou na França, os grupos de *insiders* ou de regulares que compõem o mundo do midiativismo feminista digital em um primeiro momento é composto por membros cujas condições socioeconômicas lhes garantem estabilidade suficiente para que elas tenham oportunidades em seus percursos profissionais para reorientar escolhas de carreira conforme posicionamentos político-ideológicos. Essas pessoas são, majoritariamente, mulheres brancas, de classes médias-altas, formadas em instituições reconhecidas e moradoras de regiões centrais de grandes centros urbanos. O que demonstra que a construção e manutenção do mundo estudado também se apoia na reprodução de mecanismos de poder de classe, raça e econômicos.

Em paralelo, os conteúdos das publicações estudadas são hospedados em plataformas de redes sociais e em sites conectados a lógicas mercadológicas pautadas por algoritmos, enquanto conjuntos de instruções que orientam comandos para computadores (Noble, 2020). Nesses espaços, fatores de classe, raça e gênero se refletem em estruturas de opressão e preconceitos algorítmicos que influem nas interações via mídias sociais (Noble, 2018) e nos demais ambientes de circulação dos conteúdos digitais produzidos pelas(os) entrevistadas(os). Essas engrenagens se baseiam em uma economia que parece lucrar com racismo, sexismo, fanatismo religioso e homofobia (Noble, 2020).

³⁰¹ Nas narrativas das repórteres brasileiras, esses episódios aparecem com mais força, sendo possível elencar três situações que se destacam: 1) A ocasião em que, em artigo de opinião, uma jornalista defendeu que a mídia compactuava com a misoginia no âmbito político institucional, tendo sido repreendida pelo jornal onde trabalhava; 2) O episódio em que o editor-chefe se negou a ceder espaço para uma repórter redigir uma coluna de esportes pelo fato de ela ser mulher; e 3) Situações em que conteúdos não puderam ir ao ar porque anunciantes não compactuavam com discursos de defesa de equidade e diversidade.

A atuação profissional das midiativistas é perpassada por processos e experiências conduzidas por ferramentas digitais que afetam as formas como os conteúdos são produzidos, partilhados e recebidos. A vivência de Océane (entrevista, 2 de setembro de 2022), jornalista multimídia da *Madmoizelle*, que também trabalha como fotógrafa e faz produções artísticas direcionadas para desbravar o nu feminino, é a que exemplifica com mais clareza as interferências baseadas em questões de gênero conduzidas por lógicas algorítmicas. Quando ela expõe, em seu perfil no Instagram, fotos de mulheres com o dorso ou os seios nus, enfrenta problemas com as políticas de uso da rede social, que não aceitam que imagens de mulheres com essas partes do corpo expostas circulem pelas plataformas, mas aceita imagens semelhantes de homens, salientando o caráter sexista de dispositivos sociotécnicos.

Além disso, o movimento feminista em si é um espaço heterogêneo que sofre cisões e conflitos em seu interior. Embora possamos pensar no conjunto mulheres como uma categoria, esse grupo é atravessado por relações de dominação. A causa dos direitos das mulheres e de pessoas feminilizadas, historicamente, formula-se a partir de uma diversidade de correntes – feminismos materialista, radical, diferencialista –, às quais se somam as contribuições da abordagem interseccional (Breda, 2022). Tais embates se estendem para o âmbito do midiativismo feminista digital e foram observados ao longo da experiência de campo.

Subdivisões entre as variadas vertentes de feminismos, por vezes, levam a desentendimentos no seio do grupo. Gabriella – que além de ser repórter voluntária na publicação *Lado M*, também é jornalista para o site *PapodeHomem*³⁰² – conta que os conflitos mais marcantes que já sofreu vieram não de pessoas que se opõem aos feminismos, mas de gente que está dentro do movimento feminista. Partindo de uma perspectiva semelhante, Rebecca (*Les Glorieuses*) pontua o potencial agressivo que parcelas do público do boletim

³⁰² Canal de conteúdo do Instituto Papo de Homem, que desenvolve ações pró-equidade pensadas especialmente para homens. Disponível em: <https://papodehomem.com.br/>.

informativo demonstra e que, a depender do conteúdo e da temática em debate, assume como alvo as produtoras de informação. Nota-se que a própria inserção no mundo do midiativismo feminista é cercada por embates no interior dos grupos e pela reprodução de mecanismos de dominação de classe e raça e de discriminações contra grupos socialmente minorizados – como pessoas com deficiência.

Uma jornalista *insider* – que não terá o nome divulgado para preservar sua privacidade – relata ter enfrentado problemas de saúde em decorrência de desentendimentos e exposições às quais foi submetida por membros dissidentes da equipe que coordena, que a acusaram de cometer assédio moral. Quando as acusações – que foram de caráter informal, não judiciais – vieram à tona na internet, a entrevistada descreve ter sido fortemente atacada pelas audiências que costumavam acompanhar o seu trabalho. Ela se emociona ao contar que teve um quadro de depressão que a fez perder mais de 10 quilos e nutrir pensamentos suicidas. A midiativista diz que não consegue mais escrever um texto completo e que acredita que jamais será capaz de fazê-lo novamente, pois passou a duvidar de si e de seu potencial não só enquanto profissional, mas enquanto pessoa. Uma leitora dessa mídia que concedeu entrevista para a tese admite que parou de acompanhar o conteúdo após se deparar com as denúncias de assédio, apontando a inconstância dos vínculos entre públicos e personalidades ativistas, que podem sofrer mutações rápidas e bruscas na conjuntura das plataformas digitais.

Dentre os elementos de reprodução de estruturas de dominação, enfatiza-se o capacitismo institucional vivenciado pela única entrevistada com deficiência que participou desta pesquisa – e também a única pessoa com deficiência identificada entre colaboradoras(es) dos projetos analisados. Leandra, que é colunista d'*AzMina*, reforça repetidamente com as lideranças da publicação a necessidade de se introduzir ferramentas de acessibilidade no conteúdo produzido pela revista. A midiativista salienta a necessidade de se olhar para a temática da deficiência de maneira embrionária, desde o início dos processos de produção de conteúdo:

Eu uso cadeira de rodas. As barreiras de comunicação, as barreiras físicas, mas, principalmente, as barreiras atitudinais (barreiras de discriminação, de preconceito, de capacitismo) ainda são muito grandes. (...) O próprio portal *AzMina* - isso eu já falei para todas as meninas lá - não é acessível. As mulheres cegas não conseguem visualizar todas as imagens que têm no portal e nas mídias sociais. Não tem descrição de imagens, não tem libras nos vídeos que *AzMina* divulga. Então, a acessibilidade ainda não faz parte dos movimentos feministas e também dos movimentos negros. (Leandra, colunista d'*AzMina*, entrevista, 2 de agosto de 2021)

Leandra encontra pouco apoio no grupo para a implementação de ações de inclusão de pessoas com deficiência na revista. Ela conta que se ofereceu para fazer descrições de imagens voluntariamente e para conversar com outras colunistas e explicar a relevância desse trabalho, mas as lideranças da mídia não quiseram levar a ideia adiante. Ao reclamar sobre a falta de acessibilidade e inclusão das plataformas e ferramentas disponibilizadas pela *AzMina*, costuma ouvir respostas relacionadas a falta de recursos, priorização de outras pautas e tamanho restrito da equipe. A entrevistada se alinha ao movimento transnacional de denúncia do militantismo anti-capacitista digital ao apontar opressões encontradas no interior de grupos feministas engajados, que tendem a ignorar ou minimizar essa pauta (Breda, 2022), e propõe intersecções entre os debates de gênero e dos direitos de pessoas com deficiência.

A reafirmação de estruturais sociais racistas é outro fator que reflete como o mundo do midiativismo feminista digital acaba por reproduzir mecanismos de poder contra os quais seus membros enfatizam se propor a lutar. Esse contexto é repetidamente reforçado pelo depoimento de Bárbara, assistente administrativa da ONG *Think Olga*, que critica a baixa diversidade do grupo em termos étnicos e de classe: “Das sete pessoas que tínhamos ali, eram seis mulheres brancas de classe média-alta...” (Bárbara, entrevista, 30 de julho de 2021). As dificuldades e mesmo a falta de mobilização das publicações em prol de um feminismo decolonial as faz compactuarem, em algum nível, com o sistema de exploração racial. A existência de mecanismos exploratórios, do qual as mulheres brancas vêm

historicamente usufruindo, se não forem repensados e combatidos, reforçam dominações provenientes dos vínculos entre neoliberalismo, raça, gênero e heteropatriarcado (Vergès, 2020).

Ao se refletir sobre os efeitos sociais do racismo nos estudos de gênero (Davis, 2016; Gonzalez, 2020; Ribeiro, 2017), vale salientar que as criadoras dos projetos pesquisados que participaram desta tese são mulheres brancas, mas que demonstram em suas narrativas preocupações com relação à condução de um feminismo interseccional. Mariana, fundadora do site *Lado M*, entende que, no ambiente profissional, ser feminista é se preocupar com inclusão e diversidade, pela condução de processos seletivos que visem ter equipes mais diversas e através da inclusão no grupo de mulheres racializadas e também homens que se mostrem abertos para debater equidade. Ela acredita que sua experiência como voluntária na publicação feminista se reflete nos posicionamentos que ela adota ao executar seu trabalho diurno:

O conhecimento que eu adquiri por conta do *Lado M* faz com que eu tenha uma visão mais diversa no ambiente de trabalho, até para propor esses debates, propor sobre como a gente consegue criar um ambiente mais igualitário para as pessoas - tanto para as mulheres quanto para o público LGBTQIA+, para pessoas com deficiência. (entrevista, 15 de julho de 2021)

Perspectivas interseccionais são reforçadas por outras líderes midiativistas entrevistadas: Carolina (*AzMina*), Marguerite (*Georgette Sand*) e Rebecca (*Les Glorieuses*). Na revista *Madmoizelle* e na ONG *Think Olga*, embora as lideranças não tenham aceitado me conceder entrevistas, é possível observar que as narrativas de membros dessas equipes compactuam com a visão de que os feminismos devem ser interseccionais e decoloniais. Contudo, as trajetórias profissionais das pessoas negras entrevistadas são atravessadas pelo que a jornalista, apresentadora de televisão e colunista d' *AzMina* Cris define como “somatório de opressões” (entrevista, 3 de setembro de 2021). A midiativista descreve os desafios que enfrenta na carreira para se estabelecer enquanto jornalista mulher, negra e fora de padrões etários e físicos esperados de profissionais que atuam em produção televisiva:

Muita gente acha que foi de uma hora para outra, porque, quando eu entro para a televisão, o meu nome fica mais evidente. Na verdade, faz 20 anos que eu me formei e faz 20 anos que eu estou tentando colocar o meu nome em algum lugar visível, porque esse sempre foi meu objetivo. Eu não só queria escrever sobre esses temas, mas eu sempre quis ser reconhecida em um lugar de destaque por isso e sempre quis ser também uma jornalista ou apresentadora que tivesse voz e imagem de representatividade. (...) A gente ainda tem um número muito pequeno de mulheres negras na televisão. As poucas que a gente tem ainda são mulheres que estão seguindo determinado padrão: uma pele mais clara, magérrima. Essa semana, a minha *personal stylist* da TV Cultura me falou: “Não tem uma mulher em que você se inspira no figurino?”. Eu falei: “Tem várias que eu adoro o figurino, mas elas têm o biotipo completamente diferente do meu. Não adianta eu te falar. A gente não vai encontrar as roupas que cabem em mim”. Eu peso 84, eu não peso 50 ou 55, como um dia tentaram me convencer que eu deveria pesar. Eu tenho noção do quanto é revolucionária a minha presença naquela televisão, com aquele cabelo imenso - com um puta de um *black* -, pesando 84 quilos. Não tem outras mulheres como eu. (entrevista, 3 de setembro de 2021)

O grupo de midiativistas racializadas(o) que contribuíram para esta tese reconhecem que, por um lado, as publicações feministas se constituíram baseadas na reprodução de conjunturas racistas, por outro, esses projetos têm empenhado esforços para imprimir maior diversidade às equipes. O jornalista de moda Anthony, que se define como negro, *queer* e morador da periferia de Paris, descreve que o contexto da revista onde trabalha, a *Madmoizelle*, criada por um homem branco (Fabrice Florent), começou a mudar após a compra da mídia pelo grupo Humanoid, que colocou uma mulher negra na chefia da publicação (Mélanie Wanga). Segundo o entrevistado, foi a primeira vez no país que uma mulher negra assumiu o comando de uma revista dita feminina: “Acho que são nossos pontos de vista como pessoas marginalizadas que lançam luz sobre os pontos cegos da sociedade.

Pelo fato de estarmos à margem, podemos ver o resto da sociedade muito bem” (Anthony, entrevista, 20 de julho de 2021)³⁰³.

Dentre as táticas criadas pelas midiativistas para compensar relações sociais desiguais, observou-se igualmente esforços de inclusão geográfica de indivíduos que vivem em regiões distintas de grandes centros urbanos e econômicos em seus respectivos países. A cientista política Rayana, gerente de captação da revista *AzMina*, mora em Recife, na região Nordeste do Brasil, e enfatiza suas origens regionais ao longo de toda a sua fala, sublinhando a importância de se combater também discriminações geopolíticas: “A diversidade precisa ser também territorial, não só sexual, não só de raça e de etnia, mas também de territórios” (entrevista, 28 de julho de 2021). Desde 2018, as publicações analisadas têm buscado ampliar a diversidade do mundo social não só em termos étnico-raciais, mas também no aspecto geográfico. As publicações deixaram de contar fundamentalmente com membros localizados em Paris e São Paulo e passaram a se expandir para outras localidades, no interior da França e do Brasil.

A busca de romper com estruturas de dominação é um exercício constante no interior desses grupos. As atrizes acompanham regularmente os debates em torno do movimento feminista e as pautas de outros espaços de militância no âmbito dos novíssimos movimentos sociais progressistas. A partir disso, fazem experimentações e implementam técnicas disruptivas para gerar reflexão no seio do grupo. Um exemplo é a inversão da regra gramatical de utilização do masculino como padrão, no âmbito do coletivo *Georgette Sand*, que ocasionou debates entre o grupo. Como a equipe opta por usar o feminino nas trocas de e-mails, já que só há meninas e um rapaz na equipe, o único homem midiativista entre elas admitiu que isso o fazia sentir um estranhamento e tomar consciência do potencial excludente da linguagem:

³⁰³ Tradução da autora para o trecho: “Je trouve que c'est nos points de vue de personnes marginalisées qui éclairent les angles morts de la société en fait. Bah en fait comme on est à la marge, on voit super bien le reste de la société”.

Tinha um rapaz que dizia que é muito estranho, porque ele percebia como é ter a linguagem marcada por gênero o tempo todo. Todo mundo fala no feminino, como “estamos todas contentes”. Quer dizer, estávamos sempre falando sobre o grupo em termos femininos. E, de fato, pela primeira vez, ele se sentiu excluído pela linguagem porque era o único homem. (Marguerite, cofundadora *Georgette Sand*, entrevista, 27 de julho de 2022)³⁰⁴

Em um combate ao imperativo sociocultural que pressupõe o feminino como desvio padrão do masculino e nos leva a entender “as coisas como masculinas a menos que sejam especificamente indicadas como femininas” (Perez, 2022, p. 25), percebe-se que essas midiativistas adotam uma postura de transgressão à imposição do masculino genérico ou masculino-neutro na designação de grupos em que as mulheres são larga maioria. Experimentos com a linguagem, com formatos de escrita e com conteúdos imagéticos e audiovisuais se consolidam como relevantes ferramentas de ativismo das publicações feministas digitais, em uma apropriação do potencial criativo instigado pelas interações via redes sociais.

Os principais conflitos percebidos no interior do midiativismo feminista digital são correlacionados a relações de poder que perpassam as trajetórias das atrizes e atores e se refletem nas formas de negociações do grupo. Apesar dos esforços das equipes para articular as ações e experiências midiativistas, essas organizações são atravessadas por lutas de definições e de deslegitimação internas, o que coloca em questão de modo contínuo a sua identidade coletiva (Guerava, 2015). As tensões e embates, contudo, parecem resultar em tentativas de ressignificar estratégias ativistas e de reformular conjuntos convencionais, transparecendo os esforços de midiativistas em manter o seu mundo em permanente diálogo com as pautas dos novíssimos movimentos sociais.

³⁰⁴ Tradução da autora para o trecho: “Il y avait un mec qui disait “c'est assez bizarre parce que je me rends compte de ce que ça fait d'avoir la langue tout le temps genré au masculin”. C'est que là tout le monde se parle au féminin, genre “on est toute contente”. Enfin, on parlait toujours du groupe au féminin. Et en fait, pour la première fois, il s'est senti exclu par la langue parce que lui, c'était le seul gars”.

A relevância do reconhecimento e prestígio do mundo para sua manutenção

O crescente reconhecimento social e político conferido à prática desenvolvida pelas publicações feministas digitais é um elemento fundamental para o funcionamento e manutenção do mundo social. Esse contexto facilita o trânsito das atrizes e atores por determinados meios, permite que o grupo tenha acesso a fontes de interesse como uma publicação legítima e possibilita ainda que as(os) colaboradoras(es) sejam convidadas(os) para participar de eventos – como pré-estreia de filmes, *shows*, palestras, peças de teatro –, o que, em uma dinâmica cíclica, permite que a mídia ganhe ainda mais visibilidade.

A diretora institucional e de captação d'*AzMina* Carolina (entrevista, 6 de novembro de 2020), em consonância com o que é apontado por outras entrevistadas (Catarina, do *Lado M*, e Luisa, também d'*AzMina*), enfatiza que a revista pauta a mídia hegemônica em temáticas relacionadas aos direitos das mulheres, o que é uma importante conquista para a equipe. O prestígio dessas publicações também torna mais fácil o acesso a fontes. Já que, quanto mais os projetos se consolidam, mais as pessoas querem conceder entrevistas e terem seus nomes divulgados nas mídias feministas. De forma que as publicações maiores ou mais conhecidas, como *AzMina*, *Madmoizelle* e *Think Olga*, costumam capturar mais a atenção e o desejo de contribuir por parte de fontes do que as equipe menores – *Georgette Sand*, *Les Glorieuses* e *Lado M*.

A atenção dada pelas mídias feministas digitais ao reconhecimento que recebem como membros do mundo do jornalismo reforça a ideia de Becker (1982) de que mesmo os profissionais não integrados ao mundo do qual derivam acabam por manter alguma conexão frouxa com esse. Há convenções e práticas do jornalismo que se mostram convenientes para o desenvolvimento adequado ou mais ágil de atividades do midiativismo. No âmbito das publicações estudadas, a possibilidade de usar identificação de imprensa é um fator que contribui com a viabilização do trabalho de apuração e produção da informação e que, portanto, colabora com a manutenção desse mundo.

Mas a subversão ou as tentativas de subverter as convenções do mundo do jornalismo são fatores que geram mais reconhecimento e prestígio para as midiativistas entre militantes

feministas e mesmo entre colegas de profissão. As colaboradoras regulares tendem a admirar as *insiders*, pelo fato dessas últimas terem conseguido obter sucesso e respeito no meio em que atuam trilhando caminhos não tradicionais. A escritora e jornalista Bruna, colunista d'*AzMina*, destaca a admiração e orgulho que sente pela amiga e colega de faculdade Carolina, criadora da revista para a qual ambas contribuem:

Eu até falo para a Carol: “Carol, você é a minha amiga, mas é um *case* de sucesso do jornalismo”. Eu nunca imaginei! Quem tinha sucesso era quem se submetia à rotina da redação. Eu não consegui e nem escolhi não me submeter. Você penava, penava, penava, para depois de duzentos anos ter um pouco de reconhecimento. Elas conseguiram fazer uma coisa super legal, que deu reconhecimento. (entrevista, 2 de agosto de 2021)

Os depoimentos do grupo de midiativistas mostram que a atuação profissional dessas pessoas acentua a exposição que elas recebem na internet, de modo que elas passam a somar mais seguidoras(es) em seus perfis pessoais nas redes sociais e estreitam o diálogo com os públicos. Ao mesmo tempo em que ganham visibilidade pelo trabalho que executam, as atrizes e atores do mundo social precisam lidar com situações de ataques antifeministas. As vantagens atreladas ao prestígio ocasionado pelo trabalho, contudo, parecem se sobressair frente aos elementos que desestimulariam as(os) midiativistas a assumirem publicamente os vínculos profissionais e de engajamento que possuem com os projetos feministas.

A jornalista e cofundadora do coletivo *Georgette Sand*, Marguerite salienta (entrevista, 27 de julho de 2022) que o militantismo lhe rendeu oportunidades de emprego e redes de contato. Por exemplo, ela conseguiu uma vaga no seu trabalho atual porque a chefe vinha de coletivos militantes e elas já haviam se encontrado nesses espaços. Outras colaboradoras também pontuam a relevância em termos de carreira de suas contribuições com as mídias feministas. Bruna, jornalista e colunista d'*AzMina*, ressalta que, mesmo não tendo retornos em termos financeiros, sua atuação na revista provoca estima e respeito em indivíduos com

quem ela interage nos demais mundos por onde circula: “Se eu falar que eu sou colunista da *AzMina* hoje, as pessoas respeitam e acham muito legal” (entrevista, 2 de agosto de 2021).

Sua colega, Flay (entrevista, 6 de agosto de 2021), também jornalista e colunista da mesma mídia, relata que já foi contratada para fazer palestras e participar de eventos justamente por ser membro da publicação. Ela considera que sua colaboração é uma parceria com a revista, uma vez que ela também apresenta o projeto para novas leitoras e leitores. Luisa, musicista e igualmente colunista d’*AzMina* (entrevista, 8 de novembro de 2020), experiencia o mesmo reconhecimento social por fazer parte da publicação e, como as colegas, recebe convites para representar a revista em eventos, palestras, lançamentos de filmes e peças e outras atividades ligadas à arte e cultura.

As midiativistas, tanto as que ainda atuam nas publicações quanto as que já saíram desses espaços, reforçam que a experiência de trabalhar em publicações feministas proporciona vantagens e visibilidade profissional. Vale abordar o depoimento de Nana (entrevista, 1 de setembro de 2021), jornalista que contribuiu tanto com o site *Lado M* quanto com a ONG *Think Olga* e que também mantinha um blog sobre feminismo assinado por ela e atrelado ao *Estadão*, jornal brasileiro de grande circulação. Ela afirma que, por causa de sua atuação como midiativista, conseguiu uma bolsa de mestrado no Reino Unido, interseccionando o mundo do jornalismo com o da academia.

A imersão em espaços de produção coletiva de conteúdos feministas permite que as(os) midiativistas construam, ampliem ou fortaleçam redes de contatos. Observa-se que o midiativismo traz uma série de retornos em termos de capital simbólico, cultural e social para as atrizes e atores que empenham tempo e trabalho nesses projetos. Ainda que não haja necessariamente um retorno financeiro, a atividade de produção de informação engajada confere ao grupo reconhecimento e prestígio para transitar por diferentes mundos sociais. Constitui-se, portanto, uma dinâmica de trocas em que o engajamento torna-se, de alguma forma, compensatório para as(os) midiativistas.

Entre jornalismo, ativismo digital e militância política

A identificação de atrizes e atores com o mundo do midiativismo feminista digital se constrói a partir da possibilidade de explorar percursos profissionais que se articulem com o potencial de impacto social através da ação engajada. Essas publicações buscam produzir jornalismo com perspectiva de gênero, imprimindo aos conteúdos a noção de diversidade e dando ênfase à polifonia de fontes, em uma lógica antipatriarcal de ruptura com a prevalência de vozes masculinas como hegemônicas:

São iniciativas incipientes, gestadas por profissionais jovens, de jornalismo independente, que utilizam a linguagem multimídia, com uma lógica de produção própria, caracterizada pela relação tempo e espaço diferenciada da imprensa diária, contudo, ainda não consolidaram uma autonomia financeira. (Rocha & Dancosky, 2018, p. 407)

As midiativistas valorizam o fato de que na mídia feminista é possível escrever sobre vivências próprias e imprimir alguma personalidade ao conteúdo jornalístico. Ocorre uma transposição da força das narrativas do ativismo digital feminista para o trabalho midiático. Malu, repórter do site *Lado M*, conta, que sua maior satisfação ao cobrir jornalismo de gênero é a possibilidade de compartilhar pontos de vista pessoais e, com isso, gerar empatia nas leitoras que também vivenciaram situações semelhantes, de modo que elas se sintam inseridas em um contexto de coletividade: “Eu posso ter vivido alguma situação e achar que isso vale como pauta, para as próprias meninas saberem e para rolar uma identificação, de não querer que elas se sintam sozinhas” (entrevista, 19 de julho de 2021). O midiativismo move-se através da mobilização de narrativas pessoais para tratar do coletivo, característica dos novos feminismos (Hollanda, 2018; Pinheiro-Machado, 2019).

A escolha de se unirem em grupos que pretendem, coletivamente, produzir informação feminista, já é por si só uma forma de aproximar o fazer jornalístico da militância e do ativismo digital. A jornalista Nana, colaboradora do site *Lado M* e da ONG *Think Olga*, relata que, quando começou a atuar como jornalista feminista, praticamente não havia outras pessoas no Brasil que fizessem o mesmo e, portanto, era um processo solitário que implicava

ampla exposição pessoal. Quando passou a escrever para as mídias feministas, porém, sentiu menos as violências de leitores(as), porque, segundo ela, eram espaços com uma rede de apoio maior. Sobre a experiência de estar na vanguarda do midiativismo feminista digital no país, ela afirma:

Se eu te falar que eu carrego lembranças doces, eu estou mentindo, são lembranças agri doces. O que eu gosto é o que isso trouxe para minha vida depois, mas o período foi muito turbulento, porque é isso: o ativismo digital, falar de feminismo, não é fácil hoje e, na época, tinha menos gente falando, então era uma experiência muito solitária. Nesse sentido, era sempre legal quando eu trabalhava com a *Olga* e com outras iniciativas, porque dava uma sensação de um pouco mais de apoio. (...) Texto opinativo, nossa, é um ódio recebido. Então foi um período bastante conturbado. Não foram flores. Eu sou muito feliz por ele, de novo, eu sou grata, mas não repetiria. Acho que estou mais feliz hoje, fora de holofote. (entrevista, 1 de setembro de 2021)

Nota-se que ter figuras de referência dentro do grupo – como, no Brasil, são os casos de Nana Queiros da revista *AzMina* e Juliana Faria da ONG *Think Olga*, e, na França, de Ophélie Latil do coletivo *Georgette Sand* e da entrevistada desta tese Rebecca da *newsletter Les Glorieuses* – contribui para que as publicações feministas ganhem visibilidade em um momento inicial. Mas a visibilidade que essas pessoas recebem as deixa mais expostas a ataques de grupos antifeministas, de forma que ocorrem mudanças de estratégias das publicações de retirar o foco da figura de uma única pessoa e redirecioná-lo para a estrutura enquanto coletivo.

Tal constatação é uma das pistas de como o mundo social do midiativismo feminista se mantém, somada a um conjunto de outras descobertas. A existência de continuidade no trabalho das midiativistas está atrelada a fatores como influência e contatos prévios de membros *insiders*, capazes de mobilizar capitais sociais, políticos e culturais através de redes que contribuem para tornar os projetos visíveis e publicamente reconhecidos. As criadoras são originárias de instituições de ensino de renome, advêm de contextos familiares de classe média-alta ou alta e circulam em meios de referência em suas áreas de atuação. Esta

mobilização por *insiders* de estruturas de poder das quais elas dispõem se evidencia no depoimento da cientista social Bárbara, assistente administrativa na ONG *Think Olga*:

As três sócias da *Olga* são mulheres muito influentes no mercado de publicidade e de jornalismo. (...) Eu acho que esse encontro delas fez com que a empresa desse certo. Elas acreditam muito no que elas fazem, elas conhecem muita gente. Elas conseguem trazer dinheiro do mercado, o que é difícil de conseguir. Eu acho que o mérito é todo do trabalho delas e de quem está junto com elas. Eu acho que todos os privilégios que elas têm também abrem esses caminhos. “Meritocracia” não é a palavra, mas eu acho que tem muitos privilégios. Mas também tem muito do esforço de quem está lá dentro. Eu trabalhei com mulheres incríveis em todo o tempo que eu estive lá. Depois que eu saí, eu sei que elas continuam contratando pessoas maravilhosas - além de serem ótimas pessoas, que trabalham muito bem e elas são muito boas no que fazem. Essa preocupação (ter excelentes profissionais) é o que faz a *Olga* estar viva, porque os projetos continuam sendo importantes e continuam chegando onde eles precisam chegar. (entrevista, 30 de julho de 2021)

Contribuem para a manutenção do mundo social fatores como a possibilidade de persistir nos projetos, organização, qualidade dos materiais produzidos, reconhecimento, experiência prévia de criadoras com o mundo social do jornalismo, estratégia midiática de divulgação e desenvolvimento e manejo de técnicas para captação de recursos. São elementos que se conectam com as posições socioeconômicas de origem das fundadoras dos projetos, que permitem que elas invistam tempo e recursos financeiros e intelectuais para garantir que as publicações sigam existindo, ou seja, para viabilizar a permanência das publicações.

Insiders se apoiam em posições de poder que ocupam na sociedade, enquanto mulheres de classes médias-altas e altas com reconhecido capital cultural – enquanto indivíduos formados nas principais instituições de ensino de seus respectivos países, que desfrutaram de oportunidades de fazer cursos de música, literatura ou artes, de circular por museus e espaços de produção artística e cultural, de viajar e realizar intercâmbios em outros

países e/ou de desenvolver estilos de discurso, de vestimenta e de posturas que perpetuam sua mobilidade em estratos sociais determinados –, para buscar romper com estruturas de dominação sexistas às quais se opõem.

Há também conjuntos de formas de cooperação e de interação que contribuem para a existência do mundo social. Os indivíduos demonstram querer permanecer nesse espaço em decorrência dos retornos que recebem tanto das audiências quanto de colegas e lideranças das publicações, o que se converte em valorização e reconhecimento pelo trabalho executado. Somado a isso, as atrizes e atores mantêm uma relação de admiração pela prática de engajamento midiativista. Como sugere a resposta da jornalista e colunista d' *AzMina* Flay, quando questionada sobre se há algo que lhe gera insatisfação em sua inserção na revista feminista: “Não, eu acho um trabalho muito fluido, eu admiro muito. Eu acho que, se eu não admirasse o trabalho delas, eu não me manteria e já teria ido para outras propostas” (entrevista, 6 de agosto de 2021).

As interações com os públicos são o fator citado como principal alicerce para dar sustentação ao mundo do midiativismo feminista digital. Cerca de dois terços das(os) colaboradoras(es) entrevistadas(os)³⁰⁵ mencionam as audiências como elemento central para instigar a ação engajada do grupo. A disseminação de informação feminista e a disponibilização de canais de contato com leitoras faz com que as publicações se tornem potentes redes de apoio e acolhimento, como indica o depoimento da jornalista e diretora institucional e de captação da revista *AzMina*, Carolina:

A gente também atinge diretamente algumas leitoras que procuram as informações sobre como sair de um relacionamento abusivo, que procuram informações sobre como é que funciona um aborto legal, mulheres que foram estupradas e não conseguem acessar os serviços de aborto legal. Elas nos procuram, a gente dá

³⁰⁵ Bruna (*AzMina*), Carolina (*AzMina*), Chloé (*Les Glorieuses*), Emilie (*Madmoizelle*), Flay (*AzMina*), Luisa (*AzMina*), Malu (*Lado M*), Mariana (*Lado M*), Marília (*AzMina*), Marjana (*Think Olga*), Mathis (*Madmoizelle*), Megan (*Les Glorieuses*), Morgane (*Georgette Sand*), Nana (*Lado M* e *Think Olga*), Océane (*Madmoizelle*), Paula (*Think Olga*), Rayana (*AzMina*), Rebecca (*Les Glorieuses*), Vanessa (*Lado M*) e Verena (*AzMina*).

informação para elas sobre como ter acesso aos seus direitos. Ao lerem as matérias, os depoimentos, as reportagens, elas encontram força para sair de relações abusivas, para sair de violência que elas sofreram. Às vezes a gente recebe depoimentos – quase toda semana, na verdade – de mulheres agradecendo por esse trabalho. (entrevista, 6 de novembro de 2020)

As midiativistas acreditam que as publicações feministas se mantêm porque existem públicos específicos interessados pela pauta e que formam comunidades que dão sustentação a essas publicações: “Eu acho que comunidade é a palavra. Acho que a internet foi caminhando para esses nichos” (Nana, colaboradora *Lado M e Think Olga*, entrevista, 1 de setembro de 2021). Em comparação às mídias não engajadas, atuar em uma mídia feminista, portanto, traz o diferencial de que os públicos estão alinhados com os ideais do grupo e possuem identificação com as pautas:

Na verdade, o que é muito diferente quando você trabalha para uma mídia feminista é que as pessoas que te seguem e as pessoas que te leem geralmente concordam com você. De fato, elas próprias são feministas, ativistas e engajadas. Então isso cria uma espécie de círculo interno, uma comunidade de leitoras. Mas, ao mesmo tempo, acho que isso é bom porque você finalmente está atraindo pessoas que compartilham seu ponto de vista, que querem saber mais sobre os assuntos que você aborda. (Chloé, jornalista da *Les Glorieuses*, entrevista, 5 de agosto de 2022)³⁰⁶

O destaque que os projetos feministas recebem perante os públicos, contudo, também ocasiona constrangimentos e situações desconfortáveis na rotina das atrizes. *Insiders* de todas as publicações pesquisadas descrevem que recebem de maneira recorrente mensagens nos canais de contato das publicações – seja por e-mail ou redes sociais. Elas se deparam com pedidos de ajuda ou de orientação vindos de leitoras diariamente. Mas os

³⁰⁶ Tradução da autora para: “Ce qui est très différent quand tu travailles pour un média féministe, c'est que les personnes qui te suivent et les personnes qui te lisent globalement, elles sont d'accord avec toi. En fait, elles sont-elles mêmes féministes, elles sont-elles mêmes militantes et engagées. Donc en fait, ça crée une espèce d'entre soi, ça crée une communauté de lecteurs. Mais à la fois ça je trouve que c'est bien parce que tu te fais enfin tu intéresses des personnes qui partagent tes points de vue, qui ont envie d'en savoir plus sur les sujets que tu abordes”.

grupos nem sempre podem se mobilizar para resolver o problema, o que cria nas midiativistas emoções ambíguas relativas à potência de gerir ferramentas que atingem públicos a nível nacional e até transnacional, em contraste com o sentimento de impotência de se considerarem inaptas para ajudar as pessoas para além da informação: “A gente também tem várias limitações, a gente consegue ajudar as pessoas praticamente só com orientação, informação, pedidos de calma” (Marília, diretora de operações e tecnologia d’*AzMina*, entrevista, 18 de agosto de 2021).

Entretanto, as atrizes avaliam que, ainda que não consigam atender todos os pedidos de ajuda, elas desenvolvem estratégias e ferramentas para tentar ampliar as formas de contribuir com mulheres por equidade de gênero e acesso à informação. A jornalista Marília, que, à época da entrevista em profundidade para esta tese, coordenava o aplicativo PenhaS, ferramenta de enfrentamento à violência doméstica criada pela revista *AzMina*, relata a ocasião em que uma mulher analfabeta foi orientada, em um posto do sistema público de saúde brasileiro, a contatar a revista para solicitar ajuda com um pedido de pensão alimentícia para o filho. A equipe foi procurada pela mulher via áudios do WhatsApp e, por meio disso, conseguiram prestar suporte a ela.

Recentemente, a gente recebeu o relato de uma mulher, que chegou pelo WhatsApp. Ela não sabia ler, ela gravou áudio explicando a situação dela: ela precisava de pensão para o filho (...) Ela foi se consultar na UBS - Unidade Básica de Saúde e, aí, indicaram *AzMina*, deram o WhatsApp d’*AzMina* e ela mandou áudio. A gente nunca chegaria numa mulher dessas pelo aplicativo, porque o aplicativo é só texto. Mas ela veio e a gente atendeu. Eu até marquei uma audiência na Defensoria Pública, estou aqui, até com o link, vai ser em outubro e eu vou tentar acompanhar. Realmente, eu não sei se ela vai conseguir estar na audiência, porque ela tem limitação de internet e o quanto isso, de fato, vai se transformar em um pedido de pensão. Mas está acontecendo, sabe? Seria uma limitação, eu posso lamentar muito por não conseguir fazer mais, mas, ao mesmo tempo, eu comemoro a potência de a gente ter conseguido atender uma mulher fora do aplicativo, dessas outras condições e, de uma

forma ou de outra, tentar dar uma esperança. Eu acho que é sempre acreditar que as coisas podem melhorar. A gente não vai resolver tudo, mas as coisas podem melhorar. (entrevista, 18 de agosto de 2021)

As(os) colaboradoras(es) de projetos feministas digitais alegam que o que mantém o mundo social é o ímpeto do grupo em seguir com o ativismo, atrelado ao impacto que elas têm a percepção de gerar na vida de leitoras(es). Morgane, professora de ciências no interior da França e voluntária do coletivo *Georgette Sand*, demonstra sua admiração pelas companheiras *insiders* e regulares do espaço, referindo-se a essas como elementos de base para a manutenção do espaço: “Acho que o coletivo continua existindo graças à energia de seus membros. Elas têm uma energia louca e não querem parar de lutar. Mesmo que haja dias em que a gente se sente desencorajada, elas seguem tentando avançar” (entrevista, 8 de setembro de 2022)³⁰⁷.

Os públicos descrevem igualmente a admiração que têm diante da vontade e capacidade de mobilização das midiativistas. A gerente de operações Rafaela (leitora da *Les Glorieuses*) acredita que há diferentes escalas possíveis de investimento militante para as mulheres, a depender de suas trajetórias e contextos de vida, e ela considera admirável a atuação das ativistas feministas que conseguem atuar para além de seus círculos de convivência:

Acho que há mulheres feministas que não conseguem agir no mundo em que vivem, porque ele é realmente muito opressivo. Mas toda mulher feminista, em seu próprio nível, está fazendo alguma coisa. Portanto, para mim, trata-se de mim mesma. Pessoalmente, trata-se de lutar pelo meu salário sem vergonha. Trata-se de incentivar outras pessoas ao meu redor a fazer a mesma coisa, a se abrir, a conversar com outras pessoas sobre o assunto. Em minha própria escala, estar ciente das coisas e tomar medidas para tentar mudar as coisas. Mas, obviamente, o que estou fazendo é

³⁰⁷ Tradução para: “Je pense que ça continue à exister grâce aux énergies des membres. Elles ont une énergie de dingue et n'ont pas envie d'arrêter de se battre. Même si c'est vrai qu'il y a des jours où on est découragé, mais en fait, elles continuent d'avancer”.

microscópico, está em meu pequeno universo. E sim, acho que é disso que se trata: estar ciente do mundo em que vivemos e, pelo menos, tentar mudar as coisas em uma escala pequena. E algumas mulheres que são incríveis fazem isso em uma escala muito maior. (entrevista, 22 de setembro de 2022)³⁰⁸

Essa admiração é impulsionada pelo exercício de catarse que as leitoras fazem, ao se imaginar na posição de midiativistas feministas e nas dificuldades que o grupo enfrenta diante da disseminação de discursos de ódio. A empreendedora francesa Nathalie, de 57 anos (leitora da *Les Glorieuses*), salienta que as mulheres que encabeçam publicações feministas têm todo o seu reconhecimento, visto que ela, quando se depara com comentários sexistas na internet, fica estressada e emocionalmente desestabilizada, não se sentindo em condições psicológicas de lidar rotineiramente com ataques do tipo: “Não é para mim, é muita ansiedade, isso exigiria muito de mim e acho que eu não conseguiria ter uma vida em paralelo” (entrevista, 15 de agosto de 2022)³⁰⁹.

Para além da ação engajada, as reações dos públicos corroboram com a noção de que as(os) jornalistas têm um poder coletivo de influência enquanto grupo (Neveu, 2019). A manutenção de técnicas jornalísticas de apuração e de investigação confere credibilidade ao trabalho de midiativistas, fazendo com que as(os) colaboradoras(es) de publicações feministas ganhem reconhecimento no mundo do jornalismo e em outros espaços – por meio de premiações, participações em eventos e palestras e reprodução de seus conteúdos em outras mídias. O midiativismo feminista digital, portanto, depende de mecanismos convencionais atrelados ao jornalismo para se estabelecer e ter continuidade.

³⁰⁸ Tradução para o trecho: “Je pense qu'il y a des femmes qui sont féministes, qui ne peuvent pas agir dans le monde dans lequel elles vivent, parce que c'est vraiment trop d'oppression. Mais à chaque femme féministe à son échelle et à son niveau, elle fait quelque chose. Donc. Moi c'est pour moi même. Personnellement, c'est me battre pour mon salaire sans honte. C'est de pousser les autres autour de moi, de faire la même chose, d'ouvrir, d'en parler aux autres. Puis à mon échelle, en ayant conscience des choses et ensuite agir pour essayer de faire changer les choses. Mais évidemment, moi c'est microscopique ce que je fais, c'est dans mon petit univers. Et oui, c'est ça je pense, la conscience du monde dans lequel on vit et d'essayer au moins de changer les choses à son échelle. Et pour certaines femmes qui sont incroyables, elles le font à des échelles beaucoup plus grandes”.

³⁰⁹ Tradução para: “C'est pas pour moi, ce serait trop anxiogène parce que ça me prendrait trop à cœur et je pense que j'arriverais pas à vivre à côté”.

O caráter de renovação e ampliação periódica das equipes, com a entrada de profissionais jovens, também parece contribuir para a manutenção do mundo, que está imerso em um contexto mutacional intrínseco ao ambiente digital e que, portanto, precisa encontrar formas de se reinventar em permanência. Essa observação revela, por um lado, um mecanismo de renovação de convenções pelo rejuvenescimento das redações. Por outro, implica em limitar a possibilidade para colaboradoras(es) de desenvolver projetos de carreiras nessas publicações.

As mídias feministas, então, se mantêm ao passo que criam táticas para se reinventar ao longo dos anos e conforme mudam as tecnologias. O depoimento da jornalista Emilie, da *Madmoizelle*, confirma essa constatação: “O fato de sermos capazes de nos adaptar e evoluir contribui para eu achar que o projeto pode durar muito tempo, porque temos essa capacidade de mudar, mantendo uma linha editorial muito feminista” (entrevista, 22 de julho de 2022)³¹⁰.

Haveria uma retroalimentação constituída entre a demanda dos públicos por conteúdos midiativistas feministas – não só de mulheres, mas também de homens, que querem entender os debates de gênero de uma perspectiva didática, como é o caso do leitor do site *Lado MVictor* – e uma necessidade de publicações feministas de contar com o suporte financeiro desses públicos para seguirem existindo. Ou seja, a manutenção das publicações depende do apoio de pessoas físicas, enquanto doadoras e financiadoras e também enquanto difusoras de produtos midiativistas:

Tudo isso gera um retorno para a gente, mas não só um retorno financeiro e monetário, mas também qualitativo. A gente consegue impactar a vida de muitas mulheres, levando informação de qualidade, oferecendo um serviço de qualidade, que dialoga diretamente com elas e com os problemas reais que as mulheres têm.

(Rayana, gerente de captação d’*AzMina*, entrevista, 28 de julho de 2021)

³¹⁰ Tradução para: “Le fait qu’on soit capable de s’adapter et d’évoluer, ça contribue que je pense que le média peut durer encore longtemps, parce qu’on a cette capacité à changer et à s’adapter tout en gardant une ligne éditoriale très féministe”.

Ademais, as mutações do próprio mundo do jornalismo influem no estabelecimento e manutenção do mundo do midiativismo. As mídias engajadas digitais despontam em uma conjuntura de transformação da profissão de jornalista frente a dispositivos sociotécnicos e em decorrência da reformulação da posição das audiências, que começam a também produzir conteúdos. Ao mesmo tempo em que a intersecção com o ativismo permite ao grupo criar novos espaços de produção e encoraja às(aos) profissionais que fazem informação engajada a repensar noções de neutralidade e objetividade. Para as(os) jornalistas entrevistadas(os) que já atuaram em jornais hegemônicos, essas mudanças as(os) incitam a redefinir os rumos de suas carreiras e a se aproximar da produção de informação ativista: “Há uma necessidade real de que os profissionais, os jornalistas, acabem com o conceito, que nunca existiu, de neutralidade jornalística e se envolvam de fato em questões que considerem corretas” (Océane, jornalista da *Madmoizelle*, entrevista, 2 de setembro de 2022)³¹¹.

A prática do midiativismo feminista digital não se forma apenas pela soma de práticas individuais e apartadas, mas, sim, constitui-se por meio de uma infraestrutura dinâmica e coletiva moldada por elementos culturais que englobam características específicas de cada localidade ou região em que as publicações se desenvolvem, mas que integram experiências de múltiplas realidades e territórios. As jornalistas da editoria internacional da *newsletter Les Glorieuses*, Agustina e Megan, destacam como suas atividades preferidas no trabalho a condução de entrevistas com feministas de diferentes partes do mundo e o fato de que, apesar das dificuldades, essas mulheres transmitem esperança e otimismo através da confiança de que é possível melhorar situações de injustiça social.

O que mais gosto de fazer são as entrevistas com feministas de todo o mundo. Elas são surpreendentes. Acho que nós, jornalistas, costumamos ser pessoas bastante negativas. Estamos sempre procurando problemas e apontando quando as coisas estão ruins e erradas. No entanto, converso com essas ativistas feministas e elas

³¹¹ Tradução da autora para: “Il y a un réel besoin du côté des professionnels, des journalistes, d'arrêter le concept, le concept qui n'a jamais existé, de neutralité journalistique et de vraiment s'engager en fait dans des thématiques qui leur semblent justes”.

estão fazendo um trabalho incrível, muitas vezes com um grande custo pessoal, e são sempre tão otimistas e positivas. A pergunta que faço a cada uma delas é: como você continua fazendo esse trabalho? E todas dizem: estamos consertando o mundo, estamos tornando-o melhor. Nós estamos vendo mudanças e as coisas vão melhorar. É sempre uma lição muito importante para mim ouvir essa positividade e, você sabe, não me desesperar. (Megan, jornalista da *Les Glorieuses*, entrevista, 22 de julho de 2022)

Optar por aderir à prática de midiativismo feminista digital parece ser, para as colaboradoras(es) deste espaço, uma forma de amplificar emoções da ordem da esperança em seus cotidianos profissionais e pessoais. As intersecções entre jornalismo, ativismo digital e militância política feminista instituem um mundo social de caráter transnacional, mantido por vínculos, entre as próprias midiativistas e estendendo-se aos públicos, de identificação e empatia.

Breves considerações sobre o capítulo. A continuidade do mundo social se apoia em um conjunto de convenções apropriadas do jornalismo e dos espaços de ativismo pelas colaboradoras(es) e adaptadas para o espaço das mídias feministas engajadas. Nesse sentido, é relevante a existência de profissionais dissidentes de outros mundos – como o do jornalismo e o da militância política – que se comprometem com a produção de informação feminista. As formas de negociação de atrizes e atores, dando ênfase à importância das equipes de apoio e ao papel dos públicos na categoria de participantes turistas-regulares do espaço, possibilitam o prosseguimento da prática analisada.

A partir de posições econômicas e políticas de privilégio e da mobilização de capitais sociais e culturais previamente existentes, as midiativistas, principalmente as *insiders*, recorrem a mecanismos de poder para procurar romper com estruturas de dominação em termos de gênero, raça e orientação sexual que elas pretendem combater. Elas se apropriam do fato de serem mulheres que circulam por espaços de tomada de decisão em termos acadêmicos (instituições de ensino de renome), midiáticos (contatos com jornalistas de

mídias hegemônicas de grande circulação) e políticos (vínculos profissionais ou pessoais com indivíduos inseridos no contexto dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário) para implementar estratégias de fundação e de permanência de projetos feministas.

O fato de virem majoritariamente de famílias cujas mães e pais tiveram acesso a formações de nível superior e que tinham a possibilidade de repassar às(aos) filhas(os) capitais sociais – relações prévias ou acesso a pessoas que estão em posições de destaque na sociedade e podem contribuir para a visibilidade e propagação das publicações –, culturais – diplomas e títulos e também acúmulo de vivências que permitem às(aos) midiativistas a ampliação do potencial criativo e inovativo dos projetos, como o elevado domínio do próprio idioma e o conhecimento de idiomas estrangeiros – e simbólicos – na forma de reconhecimento e prestígio pessoal, profissional, familiar e acadêmico –, reforça a tese de que as(os) midiativistas utilizam suas posições privilegiadas para expandir suas formas de ativismo e a visibilidade das ações engajadas que desenvolvem e, em algum nível, tentar romper com a propagação de estruturas de poder.

Conclusões

Não se nasce feminista, torna-se³¹²

Esta tese contribui para descrever a constituição de um mundo social relativamente novo (Cf. Strauss, 1982), estruturado nos primeiros anos da década de 2010. Os estudos sobre feminismo digital geralmente analisam discursos e não costumam focar na contribuição de membros ativos dessas comunidades (Jouët, 2018). A proposta deste trabalho é inverter tal lógica, ao tratar o objeto por uma concepção qualitativa e interacionista, apoiada em preceitos da sociologia crítica, indo até as atrizes e atores que compõem o mundo do midiativismo feminista digital e escutando suas vivências, motivações e frustrações. Minha intenção é dar voz a quem conduz ou contribui com a prática que investigo. As falas, vivências e percepções de midiativistas e leitoras/leitor ocupam lugares de destaque ao longo deste trabalho – inclusive nas conclusões – porque acredito que é somente a partir do essas pessoas contam, do que elas apontam e do que elas demonstram sentir que posso desvendar o midiativismo feminista contemporâneo.

Para entender a construção e a permanência de publicações feministas engajadas, busco explicar alguns dos mecanismos de inovação, segmentação e mudança no mundo do jornalismo e também nas formas de ativismo e militantismo. Através das trajetórias pessoais e profissionais das atrizes e atores e de suas práticas, analisei as formas de engajamento que elas(es) estabelecem com o mundo analisado. A partir da experiência etnográfica baseada nas circulações, conexões e espaços transnacionais (Saunier, 2004), observando-se os casos Brasil e França, foi possível notar que o grupo forma uma rede solidária³¹³ e as

³¹² O título faz referência à afirmação de Beauvoir na obra *O Segundo Sexo* (1949; 2016): “não se nasce mulher, torna-se”.

³¹³ Redes de solidariedade consistem em uma multiplicidade de relações sociais articuladas para a demanda, distribuição e controle de bens e serviços sociais e que podem se constituir na forma tradicional, a partir de relações primárias (família, comunidade local, igreja, filantropia, associações corporativas), ou na forma moderna, por meio de organizações, associações ou cooperativas comunitárias, de bairro ou de vizinhança ou ONGs (Araújo & Rodrigues, 2011; Draibe, 1990).

práticas de cooperação em conjunto acentuam em seus membros o sentimento de pertencimento a um coletivo mais amplo.

Nesse sentido, a internet e as mídias sociais se estabelecem como parte inerente do mundo analisado. Os dispositivos sociotécnicos são, assim, uma esfera que compõe a experiência social, proporcionando desafios e oportunidades para as equipes e transformando as fronteiras de interação e as experiências identitárias (Hine, 2017). O ativismo digital e as interações *on-line* fornecem o suporte que dá base para a existência das mídias engajadas e funcionam como redes fomentadoras desses projetos, com o apoio dos públicos.

Analisar e descrever as trajetórias das produtoras(es) de conteúdo, do pessoal de apoio e dos públicos das publicações estudadas e suas formas de engajamento com ações de ativismo feminista e, sobretudo, com o mundo do midiativismo feminista digital, me permitiu identificar processos de transformação do jornalismo, do militantismo e do ativismo digital, enquanto práticas que se aproximam e se combinam de modo a possibilitar o surgimento de espaços de produção de informação feminista.

As jornalistas e também as profissionais de outras áreas que se lançam na criação de publicações de midiativismo feminista digital são, normalmente, mulheres jovens, com formação de nível superior e advindas de universidades de renome, cujas trajetórias mostram um histórico de militância política e/ou ativismo digital, conforme se observou nas entrevistas realizadas para esta pesquisa e nos trabalhos de outras autoras (Buitoni & Lopes, 2018; Bittelbrun, 2019; Duarte *et al.*, 2017; Jouët, 2018; Santos, 2019). Elas moram, em sua maioria, em São Paulo e Paris ou em suas respectivas regiões metropolitanas, estudaram em universidades públicas (no caso do Brasil) ou escolas de jornalismo ou outras carreiras (no caso da França) de difícil e restrito acesso, costumam vir de famílias de classes socioeconômicas médias-altas e altas que lhes apoiam financeiramente na obtenção de formações profissionais reconhecidas e cuja estabilidade sociofinanceira possibilita que esses indivíduos assumam o risco de abrir mão de percursos profissionais clássicos para se arriscar a percorrer trajetórias alternativas (Piketty, 2008).

A observação de transformações a partir das margens permite que se analise o jornalismo e as produções que derivam desse como uma atividade social, como uma coconstrução de um conjunto de atrizes e atores inclusive de fora da profissão de jornalista que produzem o produto midiático (Le Cam & Ruellan, 2014). No âmbito desta tese, a análise das entrevistas traz à luz com mais força essa noção de que a prática do midiativismo feminista digital é uma atividade intrinsecamente coletiva – como salienta Becker (1982) ao tratar da constituição de mundos sociais –, alicerçada pela atuação do pessoal de apoio e na qual os públicos e os retornos que advêm de leitoras(es) parecem ser as principais motivações para o engajamento das(os) midiativistas. As(os) colaboradoras(es) das publicações estudadas acreditam ter criado uma rede de apoio para mulheres – considerando-se rede enquanto o produto do trabalho de instalação e manutenção de relações necessário para se produzir e reproduzir conexões duráveis (Bourdieu, 1980) e úteis ao grupo – e sentem a gratidão de leitoras quando recebem mensagens com histórias pessoais contando como é importante para elas o trabalho das mídias feministas. O que reforça a constatação de que um dos principais instrumentos políticos do feminismo em rede é a força mobilizadora dos relatos pessoais (Hollanda, 2019; Joeüt, 2018; Pinheiro-Machado, 2019).

A metodologia indutiva da tese dá indícios de como a rede de atrizes – e atores – inseridas no contexto midiativista contribui com a produção da informação, além de mostrar formas de cooperação e contextos de interação e de negociação do fazer jornalístico. As práticas e modos de colaboração acordados no mundo social resultam em convenções que sustentam o trabalho coletivamente, apoiadas em trajetórias pessoais e profissionais que levam os indivíduos a se associarem ao midiativismo feminista digital. As midiativistas e públicos interiorizam convenções existentes no mundo analisado – que derivam essencialmente do jornalismo ou do ativismo e, em menor medida, do militantismo – para orientar suas interações.

As(os) entrevistadas(os) se apoiam em formas de escrita e de apuração de notícias baseados no modelo de reportagem tanto para redigir os conteúdos quanto para consumi-

los. Há também uma inspiração no padrão das revistas ditas femininas, tanto para quem elabora os textos – e segue esses moldes de redação – quanto para quem os lê – e cria expectativas de encontrar na mídia feminista semelhanças com a mídia dita feminina. Os arranjos convencionais advindos do âmbito do ativismo, por sua vez, estão presentes nas formas como as midiativistas e as audiências se posicionam enquanto indivíduos alinhados à causa feminista e por meio das redes de contatos e de cooperação que são criadas a partir do mundo social, possibilitando trocas de informações – entre notícias, dicas, oportunidades de emprego e estudos, oferta de serviços – e orientações e suporte em caso de assédio e violências de gênero.

Constata-se que “quanto mais a comunidade dura, mais a identidade se fortifica” (Enriquez, 1990, p. 150), sendo o senso de identidade comum partilhado entre midiativistas feministas um dos eixos de sustentação do mundo. A própria durabilidade dessas publicações torna-se um elemento que contribui para tornar o projeto mais conhecido e, por consequência, de maneira cíclica, o auxilia a se manter e a durar ainda mais. As formas de cooperação do mundo social se constroem em torno de expressões emocionais alinhadas ao sentimento comunitário.

Através das estruturas de funcionamento do mundo social, foi possível também identificar formas de violência e de dominação que incidem sobre as trajetórias de midiativistas feministas e dos públicos e como esses grupos mobilizam capitais sociais, culturais, econômicos e simbólicos para se engajar na produção ou no consumo de informação sob a perspectiva de gênero. Recorri à abordagem bourdieusiana como percurso teórico que me permite reconceituar o gênero como uma categoria social dando pistas de quais são as consequências advindas da observação do gênero enquanto noção socialmente construída, incorporando inclusive detalhes mais mundanos da vida cotidiana a uma análise social mais geral do poder (Moi, 1991). Ainda que a posição das mulheres na contemporaneidade em relação a estruturas de poder seja mais complexa e contraditória do que as teorias de Bourdieu apontam, opto por mobilizar essa perspectiva teórica porque ela ajuda a entender forças que atuam diretamente sobre a prática estudada.

Notou-se que estruturas de poder e de dominação interferem na criação e, especialmente, na manutenção das mídias feministas, mostrando serem fatores fundamentais para a estabilidade e continuidade do mundo. As midiativistas tendem a se apropriar de posições de poder que ocupam para impulsionar os projetos feministas nos quais se engajam. Os contextos socioeconômicos e familiares de membros *insiders* do espaço, em especial, das fundadoras, influem na visibilidade e reconhecimento do grupo em outros mundos sociais, como o do jornalismo e o da militância. A localização geográfica e as instituições de ensino de origem das criadoras das publicações, igualmente, tendem a afetar significativamente os rumos dos projetos estudados, moldando quem serão seus membros e de onde eles virão, em termos de classe, raça e território.

Uma das contribuições de maior destaque desta tese é a observação de que, ao contrário do que é dito frequentemente sobre o ativismo feminista, as publicações engajadas analisadas não apresentam um caráter realmente horizontal. Há a reprodução de lógicas empresariais no interior dos grupos que fazem com que mulheres que são nomeadas líderes ou coordenadoras tenham mais poder, enquanto outras têm menos espaço ou voz. Identificou-se, por exemplo, a existência de grupos de comunicação exclusivos para pessoas específicas, cuja inserção de membros se dá com base em critérios afetivos e não necessariamente se pauta em fundamentos profissionais e técnicos.

Essas configurações hierárquicas e emocionais fazem com que uma parcela das(os) colaboradoras(es) se sintam menos ouvidas(os) e levadas(os) a sério do que outras. Foram observados, ainda, mecanismos de cooptação (Juban *et al.*, 2015) que se refletem nos processos de recrutamento e de acesso e permanência de novos membros no mundo social, com casos recorrentes de mídias que tendem a escolher pessoas conhecidas ou pertencentes a círculos de conhecidos para compor suas equipes, limitando a ampliação da diversidade de repertórios – em termos de perfis, histórias e vivências – no âmbito do midiativismo feminista digital.

Um indício do porquê de as hierarquias permanecerem no seio das publicações feministas pode ser sua intersecção com o jornalismo, que se baseia em uma forte hierarquia

institucional em decorrência da rigidez das sequências temporais que precisa atender (Neveu, 2019). Contudo, as análises desta tese permitiram observar que as relações previamente existentes e as afinidades criadas entre as atrizes e atores parecem intervir de modo mais imediato na estruturação dessa prática, na forma como as midiativistas se organizam e interagem entre si, formando subgrupos e segmentos no interior do mundo.

Outra constatação relevante desta pesquisa é o fato de que, no mundo analisado, as fronteiras entre produtoras(es) de conteúdos, pessoal de apoio e até mesmo públicos são fluidas a ponto de permitir que amadoras(es) transitem pelo mundo social assumindo estatutos de atrizes e atores também habilitados para produzir informação e cujas contribuições produtivas colaboram para a ampliação e continuidade do espaço. Ou seja, ocorre a flexibilização da fronteira que costuma separar profissionais e amadores(as). Ao passo que, comumente, a formação de um grupo profissional se dá em larga medida em decorrência da bem-sucedida delimitação das fronteiras e a processos que conduzem à rejeição de amadores (Lévêque & Ruellan, 2010; Ruellan, 1993), no midiativismo feminista digital, amadoras(es) conseguem adentrar o grupo e serem reconhecidas(os) como membros que também produzem conteúdo. Além disso, o engajamento das audiências na elaboração de conteúdos feministas, igualmente, ajuda na expansão das publicações analisadas, pois os próprios públicos também colaboram para a criação e construção de um mundo social ao falarem sobre esse e compartilharem com outras pessoas suas experiências em tal espaço (Becker, 1982).

A análise da prática do midiativismo feminista digital da perspectiva interacionista de mundos sociais permite, na realidade, que se extrapole a noção de “fronteiras” profissionais, pois os processos de cooperação desenvolvidos por midiativistas e audiências se estendem para diversos segmentos da sociedade. De modo que, no âmbito do espaço observado, amadoras(es) também podem se tornar midiativistas, mesmo que não sejam jornalistas – como ocorreu com as entrevistadas Fayrouz (auditora financeira que decidiu ser voluntária da *Georgette Sand*), Luisa (que é musicista e se tornou colunista da revista *AzMina*) e Rebecca (cientista política que criou a *newsletter Les Glorieuses*). A presença de tais figuras

no mundo o impulsiona e colabora com sua consolidação, visto que esse espaço profissional e ativista se sustenta através da intersecção com outros mundos.

As análises da tese, contudo, confirmam a percepção de que formatos colaborativos ou cooperativos costumam correr riscos de serem desvirtuados pelos contextos socioeconômicos em que estão inseridos e enfrentam dificuldades por serem considerados socialmente de outra ordem – com relação a estruturas clássicas de trabalho ou militância –, algo que está “fora do lugar” (Gaiger, 2016). O alcance restrito e a limitação de circulação dos conteúdos feministas em meio a grupos de militantes e simpatizantes são fatores que geram preocupação entre as entrevistadas.

Elas relatam que os públicos dos projetos analisados são majoritariamente mulheres jovens – com menos de 35 anos –, de classes médias e altas e que vivem concentradas em grandes centros urbanos. Embora os contatos com as audiências desta tese tenham mostrado um perfil diferente e mais disperso, que chega a cidades médias e pequenas e que também atinge pessoas de faixas etárias superiores, sendo o grupo etário predominante – centrado no Brasil – composto de leitoras entrevistadas com idades entre 40 e 44 anos. A diversidade étnico-racial, porém, é ainda mais reduzida – quando se considera as estatísticas de pessoas racializadas nesses locais e os desejos do grupo de fazer um feminismo interseccional –, com somente duas mulheres tendo se identificado como racializadas – nenhuma brasileira –, em meio a 30 entrevistas.

As(os) midiativistas têm a impressão de estarem produzindo conteúdo para mulheres já feministas e já militantes, sem conseguir extrapolar espaços estritos de onde elas próprias são originárias e alcançar outros grupos. Essa dinâmica indica o papel das convenções (Becker, 1982) na estruturação da ordem social e, sobretudo, a dificuldade de se criar uma base convencional completamente nova e capaz de atingir e mobilizar públicos diferentes. Apesar disso, a partir do reconhecimento de privilégios socioeconômicos e históricos que possuem, as(os) colaboradoras(es) buscam formas de expandir o alcance de suas atuações engajadas. Elas querem transmitir a outras mulheres e pessoas feminilizadas aquilo que elas

próprias descobrem ao se inserirem no movimento feminista, como sugere o depoimento da jornalista e colunista d'*AzMin*a Bruna:

No coletivo de mulheres eu tive certeza, absoluta, que eu queria trabalhar com isso, que eu não ia me sentir realizada se eu não fizesse algo relacionado ao feminismo. Foi um marco perceber que a maneira como eu lidava com o meu corpo tinha a ver com a maneira que eu fui criada e como a mídia trata esses temas. Foi uma experiência muito visceral. Foi muito visceral - mesmo eu sendo uma pessoa super privilegiada, que estudei em escola particular, consegui entrar em uma universidade pública, que tenho uma boa condição de vida, que nunca passei necessidade, que sou branca, que sou uma mulher cis, que sou hétero. Mesmo assim, dentro dessa experiência do coletivo, eu percebi que tinham muitas coisas que me amarravam, que tinha muita coisa das quais eu tinha vergonha - que eu tinha vergonha de falar que eu não conhecia sobre o meu corpo inclusive. Para mim, foi isso e isso mudou a minha vida. (entrevista, 2 de agosto de 2021)

Os achados desta tese mostram que, em alguma medida, os projetos de midiativismo feminista têm conseguido atingir leitoras que não eram feministas até ampliarem o contato com conteúdos engajados. Ademais, as mídias pesquisadas tentam se mobilizar no sentido de incluir colaboradoras(es) de perfis sociais, étnico-raciais, econômicos e territoriais mais diversos, o que acaba por propulsionar também a diversidade de alcance dos grupos. A jornalista e cofundadora do coletivo *Georgette Sand*, Marguerite, contou com entusiasmo sobre a conquista que foi para ela conseguir levar os debates feministas para além de grandes centros urbanos, por meio de um festival organizado pelo grupo no vilarejo onde ela cresceu, na região de Touraine, no interior da França (a cerca de 250 km de Paris): “Há muitos festivais feministas em Paris, mas muito poucos no interior. Para mim, foi muito importante voltar à minha cidade. Há feministas no interior, esse não é o problema, a questão é ter um lugar para nos reunirmos e conversarmos” (entrevista, 27 de julho de 2022)³¹⁴.

³¹⁴ Tradução da autora para o trecho: “En fait, il y a beaucoup de festivals féministes à Paris, mais très peu en région de campagne. Et pour moi c'était hyper important de revenir dans ma ville. Il y a des

Ainda assim, os depoimentos são marcados pela constatação de que o exercício do midiativismo tem um alcance limitado e pelo sentimento de não conseguir fazer as reflexões feministas chegarem não só até outras mulheres, mas também em grupos de homens. A circularidade dos conteúdos em proporções menores e em espaços mais reduzidos do que as expectativas das midiativistas geram frustrações nas entrevistadas, conforme expõe a jornalista Megan, colaboradora da *newsletter Les Glorieuses*: “Nossa assinatura tem cerca de 85% de mulheres, o que é ótimo, pois oferecemos essa comunidade para elas. Mas eu quero 50/50. Portanto, o que eu acho que é um desafio que o jornalismo feminista ainda não enfrentou adequadamente é: como alcançar os homens?” (entrevista, 22 de julho de 2022)³¹⁵.

Essa questão segue em aberto. Sobre ela, as análises desta tese mostram diferenças entre Brasil e França relativas às formas de lidar com a presença de potenciais colaboradores no interior das publicações feministas. No contexto brasileiro, a inserção de homens nos grupos já foi vista com mais desconfiança, posicionamento que vem mudando conforme as midiativistas envelhecem, amadurecem suas práticas de engajamento e ampliam suas vivências socioculturais – tornando-se mães, por exemplo. Já na França, os projetos contam ou já contaram com homens e o que se percebe é que essas parcerias não são expandidas porque o interesse desses por fazer parte de espaços feministas é baixo. A quantidade de leitores que acompanham essas publicações também é restrita, o que se confirma pela experiência etnográfica e pelo fato de que, em meio a 30 pessoas dos públicos entrevistadas, há apenas um rapaz.

Ademais, os novíssimos movimentos sociais e, em especial, o movimento feminista, para além de questões atreladas à concorrência entre as mídias, aos modelos econômicos e às práticas organizações e dos públicos, enfrentam o dilema da transitoriedade provocado pela tecnologia, em que as causas e temáticas abordadas têm dificuldades de se manter

féministes à la campagne, ce n'est pas ça le problème, mais d'avoir un endroit pour se réunir et pour parler”.

³¹⁵ Tradução da autora para: “Our subscription is about 85% women, which is great that we offer that community. But, you know, I want 50/50. So the thing I think it's a challenge that feminist journalism hasn't really properly confronted yet is how do we reach men?”.

atuais. O ativismo digital e as produções e campanhas derivadas desse são instrumentos de mudança no âmbito político-institucional que apresentam limites (Bonfim & Nunes, 2017) atrelados a fatores socioeconômicos – relativos a quem tem condições financeiras de ter acesso à internet e a mídias sociais –, etários – relacionados a quem sabe manusear as ferramentas digitais – e algorítmicos – pois essas sequências de comandos redirecionam as interações *on-line*. A tecnologia, portanto, consolida-se como uma oportunidade para acelerar a difusão de informações feministas e para otimizar a organização de ações engajadas. Ao mesmo tempo em que se torna um instrumento limitador do potencial de alcance da produção midiativista.

Mesmo que haja momentos de questionamentos, em que o grupo se depara com o cansaço – que aparece atrelado a sentimentos como angústia, chateação, desânimo, tristeza – diante da necessidade de constante repetição dos discursos feministas, as midiativistas entrevistadas alegam que o contato com os públicos as faz se sentirem reestimuladas a seguir com a prática de produção de informação sob a perspectiva de gênero. Elas carregam o sentimento de estar, por meio da atuação profissional-engajada, fazendo diferença na conjuntura social de suas comunidades e países: “Este trabalho me provou que é possível fazer coisas grandiosas num plano individual, mas, claro, coordenado coletivamente” (Marília, jornalista d’*AzMin*a, entrevista, 18 de agosto de 2021). O conjunto de emoções ativistas se estende também às audiências, que enxergam nos feminismos um movimento de tomada de consciência em conjunto: “Eu realmente gosto de me organizar com outras feministas. É a coletividade. Acredito que o feminismo não pode ser individual. Ele é necessariamente coletivo” (Lucie, leitora da *Georgette Sand*, entrevista, 26 de agosto de 2022)³¹⁶.

A atuação, tanto de midiativistas quanto de leitoras(es), é conduzida por emoções que se revezam entre a ordem da raiva e do medo – elas se indignam com a falta de equidade de

³¹⁶ Tradução da autora para: “J’ai beaucoup de joie à m’organiser avec d’autres féministes. C’est du collectif. Je crois que le féminisme ne peut pas être individuel. Il est nécessairement collectif”.

gênero e têm receio de que os direitos já conquistados não sejam mantidos³¹⁷ – e a alegria e realização de considerar que suas ações estão atingindo outras mulheres e pessoas feminilizadas. A satisfação, porém, parece predominar, de modo que midiativistas e audiências se sentem estimuladas a seguir envolvidas com o mundo social. A fala da colaboradora do coletivo *Georgette Sand* Fayrouz, ao descrever como se sente desenvolvendo atividades no interior do grupo, traduz a empolgação e a euforia gerados no grupo através da prática engajada e dos resultados obtidos por meio de ação ativista: “É só felicidade! São projetos que se concretizam. Mesmo que alguns não se concretizem, é incrível. São projetos realmente lindos” (entrevista, 24 de julho de 2022)³¹⁸.

As(os) entrevistadas(os) notam que a mobilização midiativista causa nelas(es) um duplo efeito: individual e coletivo. Ao mesmo tempo em que elas impactam a si próprias e modificam seus cotidianos com o engajamento feminista, também sentem que, em conjunto, são capazes de mobilizar significativamente a sociedade. Como indica o depoimento da professora de ciências Morgane, voluntária do coletivo *Georgette Sand*, ao explicar que a imersão no movimento feminista a faz compreender melhor a si mesma: “É isso que me agrada, ter a impressão de que estou participando de uma reorganização mais igualitária do mundo. (...) Mesmo que não sejamos muitas, nós conseguimos fazer barulho e mover montanhas” (entrevista, 8 de setembro de 2022)³¹⁹.

No plano mais geral do mundo social das mídias engajadas, é possível constatar que a aproximação das práticas das publicações com o ativismo inspira em seus membros, além do sentimento de solidariedade, um senso de identidade compartilhada e de luta por uma mesma causa que as une (Andrade, 2020). A sensação de acolhimento e de bem-estar no

³¹⁷ Observação que ficou mais evidente nas conversas com entrevistadas francófonas, que ocorreram após a Suprema Corte estadunidense derrubar a decisão que garantia o direito ao aborto legal e seguro no país.

³¹⁸ Tradução da autora para o trecho: “C'est que du bonheur, c'est que du bonheur! Mais c'est des projets qui aboutissent, et même s'ils aboutissent pas certains... C'est incroyable. C'est de très beaux projets”.

³¹⁹ Tradução da autora para: “Et moi c'est ça qui me plaît en fait, c'est d'avoir l'impression de participer à une réorganisation du monde plus égalitaire. (...) Même si on n'est pas nombreuses, on peut faire du bruit et déplacer des montagnes”.

ambiente de trabalho e com relação à atuação profissional e ativista marca fortemente os discursos do grupo de midiativistas entrevistadas(os). Verena, jornalista da equipe de captação d'*AzMina*, ao descrever o ambiente de trabalho e sua relação com o grupo e com as atividades que executa, comenta:

Além de estar realizada pelo que eu estou fazendo, eu sinto que eu estou realizada por estar em um lugar que é confortável, em que eu não tenho problema em dizer “não estou bem”, “estou triste” ou “estou mal”, porque eu sou acolhida, porque eu sou bem recebida. O clima de trabalho é super bacana, mesmo estando à distância. Eu nunca trabalhei em um lugar que eu me sentisse tão bem. (entrevista, 11 de agosto de 2021)

Mathis, jornalista e responsável de *podcasts* da revista *Madmoizelle*, também traz um relato similar relacionado às dinâmicas de relações com colegas e com a própria chefia³²⁰. Ele diz (entrevista, 2 de agosto de 2022) que membros da equipe se preocupam uns com os outros. Envia-se mensagens para perguntar se a outra pessoa está bem, se a carga de trabalho está excessiva, se a(o) colega precisa de ajuda ou se há alguma necessidade de reorganização das rotinas de atividades. De acordo com o midiativista, os indivíduos prestam atenção em como vão os demais e se sentem à vontade para, quando consideram necessário, estender a mão e oferecer ajuda.

Sophie, responsável por conteúdo de marca na *Madmoizelle*, afirma que há esforços do grupo que compõe a revista em criar uma relação de proximidade, de modo que as interações não se restrinjam a contatos de mera cordialidade. As pessoas buscam conviver no ambiente da redação para se aproximar, ainda que exista a opção de trabalhar remotamente: “Vamos lá para criar um espírito de equipe e para fazer o trabalho ser mais

³²⁰ Chama atenção o depoimento de um indivíduo cujo nome não será exposto a fim de preservá-lo. Ele relata que teve uma depressão e foi internado, o que lhe causava constrangimento, de modo que preferia guardar o episódio em segredo nos ambientes de trabalho pelos quais passava. Mas, na mídia feminista, sentiu que podia compartilhar o acontecimento com a chefia e com alguns colegas que, assim, prestam mais atenção em sua saúde mental e em como esse histórico pode afetar seu trabalho atual.

divertido” (entrevista, 1 de setembro de 2022)³²¹. Além desse convívio profissional, a midiativista afirma que as(os) colegas se tornam amigas(os) e passam a conviver para além do ambiente da redação. Os relatos de midiativistas sublinham a percepção de que, no espaço das publicações feministas, as equipes procuram construir um verdadeiro ecossistema de sororidade, em que as(os) colaboradoras(es) estabelecem trocas, processos de partilhas e de escuta e, principalmente, ambientes seguros e receptivos.

Os custos financeiros do engajamento, porém, costumam ser um fator que limita a capacidade de ação das(os) colaboradoras(es) das publicações analisadas. Especialmente para as voluntárias, que gostariam de dedicar mais tempo ao midiativismo, mas precisam manter trabalhos diurnos. Como a jornalista independente Vanessa, do *Lado M*, que lamenta não poder continuar atuando no site e, ao mesmo tempo, ser remunerada para isso. Quando pergunto qual sua maior insatisfação com relação ao trabalho desenvolvido na mídia, ela responde: “Não poder ficar lá ganhando dinheiro, porque eu facilmente ficaria” (entrevista, 19 de julho de 2021).

Nas publicações que se aproximam mais do mundo do militantismo, há a reprodução de lógicas de engajamentos não remunerados e com alta demanda de participação e dedicação às atividades atreladas fundamentalmente ao comprometimento com a causa, sem recompensas financeiras ou materiais palpáveis a curto prazo, o que dificulta a permanência das colaboradoras(es) nesses espaços. Observa-se, contudo, que as(os) entrevistadas(os) que, em paralelo à atuação midiativista, têm empregos estáveis, conseguem conciliar com mais leveza o voluntariado e as demais atividades profissionais. Como ocorre com a jornalista Bruna, que, sobre sua participação na revista *AzMina*, afirma: “Eu pagaria para fazer, porque é muito prazeroso para mim” (entrevista, 2 de agosto de 2021).

Apenas um terço das(os) midiativistas entrevistadas(os) afirma não precisar conciliar outros empregos em paralelo à atuação na publicação feminista, fazendo parte das equipes

³²¹ Tradução para: “Du coup bien forcément on va sur place pour créer une cohésion d'équipe et que ce soit plus sympa quoi”.

como membros em tempo integral. Ainda que esses vínculos empregatícios sejam frequentemente frouxos e as mídias geralmente realizem a contratação desses profissionais como *freelancers*, sem carteira assinada ou com contratos de duração determinada, reproduzindo lógicas empresariais de precarização de salários e de condições de trabalho das(os) profissionais. Ao mesmo tempo em que o mundo social também se apropria de formas de funcionamento associadas a inovações possibilitadas pela tecnologia e que facilitam as rotinas das atrizes e atores, como a implementação de teletrabalho e/ou do regime híbrido de trabalho – o que amplia a área de alcance territorial das equipes e promove diversidade de perfis profissionais no seio dessas.

Em termos de vínculos, averigui um constante desejo de mudança das estruturas sociais nos relatos das(os) entrevistadas(os). As atrizes e atores buscam se opor aos ataques a formas de organização pautadas na solidariedade – como instigar o individualismo e o distanciamento entre as pessoas – encabeçados por instituições que se alinham a mecanismos sociais e políticos baseados em princípios fundamentais de concentração de riqueza e poder do neoliberalismo (Chomsky, 2017). Elas buscam transformar, por meio do ativismo, os demais mundos sociais pelos quais transitam. Esse desejo de mudança é um fator que conecta o grupo, sensibilizando midiativistas e audiências a se investirem em ações engajadas. Ainda que elas(es) saibam que os impactos das produções que elaboram ou que consomem e difundem é limitado, as(os) entrevistadas(os) encontram na experiência da imersão em uma mobilização coletiva o incentivo que precisam para dar continuidade ao envolvimento com as pautas feministas, pois, uma vez tendo experimentado a força de se estar, de se organizar e de se viver em comunidade, não conseguem e nem querem se desvencilhar desses espaços (Pinheiro-Machado, 2019) aos quais elas se sentem pertencentes.

Os grupos buscam agir através de diferentes frentes, desde a captura e reprodução de depoimentos das leitoras enquanto estratégia para dar vozes a mulheres antes silenciadas, até o investimento em ações e campanhas institucionais que repercutem na esfera estatal, possibilitando a criação de políticas públicas de combate ao sexismo:

Celebrar as pequenas conquistas, só receber uma mensagem de uma leitora falando qual foi a diferença na vida dela: isso é gigante. Também é positivo ver as mudanças institucionais mesmo, como o Tribunal de Contas da União fazendo uma auditoria sobre assédio em todas as agências do governo. Isso é gigante! Me deixa feliz isso: a gente está trabalhando com um propósito para haver mudança. O desenho da Teoria de Mudança é isso: mudança é individual, mudança é cultural e mudança é sistêmica. Cada uma dessas me trazia alegria. (Paula, gerente de captação da *Think Olga*, entrevista, 13 agosto de 2021)

O midiativismo feminista se estabelece, ainda, como um ambiente gerador de oportunidades para impulsionar transições na carreira e na vida pessoal das atrizes e atores. As formas como as(os) midiativistas e as audiências gerem suas posturas e posicionamentos de militância em torno desse espaço e nos diferentes contextos de interação da vida rotineira deixam transparecer que a temática dos feminismos é uma constante em seus cotidianos, atravessando-os e preenchendo-os.

A principal contribuição desta tese para a área de comunicação e informação e para os estudos de gênero é apresentar o mundo do midiativismo feminista digital, constituído fundamentalmente de 2015 em diante, da perspectiva de atrizes e atores que o compõem. A pesquisa é também um lugar de acolhimento e de escuta, onde produtoras(es) de informação, equipes de suporte e audiências podem se mostrar, se expressar e partilhar o que elas(es) vivem ao se engajar com conteúdos feministas. O funcionamento e os processos de participação dos indivíduos nessa prática são pautados em formas de cooperação cuja permanência está atrelada a expressões emocionais de euforia, prazer, solidariedade e esperança socializadas entre o grupo e que dão sustentação à manutenção do espaço.

A tese encontra limites ao mobilizar autores cujas pesquisas não necessariamente se aprofundaram nos estudos de gênero e nos feminismos de modo a explicar os processos sociais analisados neste estudo, como as abordagens beckeriana e bourdieusiana. Contornar o tom descritivo assumido na apresentação das trajetórias foi também um desafio – não completamente superado –, que demandou a constante avaliação do que abordar, em meio

à quantidade e à riqueza dos materiais coletados – a partir das mais de 60 entrevistas em profundidade e das experiências de campo –, e do que fugiria do escopo. Os possíveis desdobramentos desta pesquisa encontram lugar no próprio mundo do midiativismo feminista digital, que, ao longo da elaboração do trabalho, já vinha tentando se definir, se compreender e conhecer seus membros – a partir da criação de questionários, grupos em redes sociais e sondagens encabeçadas por profissionais que atuam com jornalismo sob a ótica de gênero. Com este material em mãos, acredito que o grupo encontrará parte das respostas que busca.

As comunidades de caráter alternativo – como as mídias engajadas se propõem a ser – têm influência de elementos como solidariedade, cooperação e colaboração (Andrade, 2020). Os espaços de interações em torno dos quais se constitui o mundo social possibilitam a formação de redes de apoio em termos pessoais e afetivos para as colaboradoras e leitoras e, para além disso, constroem-se também redes de contatos entre profissionais de diferentes áreas, militantes políticos e ativistas digitais. Essas redes de contatos se compõem através de trocas e engajamentos feministas de atrizes e atores do mundo, permitindo que os indivíduos tenham acesso a oportunidades e indicações de emprego, sugestões de serviços e produtos e à aproximação mais estreita de pessoas que se interessam pelo debate de gênero.

Os contatos, diálogos e convívios com outras pessoas – tanto *off-line*: com família, amigas(os), colegas, conhecidas(os); quanto *on-line*: em interações via mídias sociais com círculos de conhecidas(os) e desconhecidas(os), publicações midiáticas e outros conteúdos informativos – são orientados por ideais do feminismo interseccional. As interações do grupo atravessam a internet, enquanto “fenômeno incorporado, corporificado e cotidiano” (Hine, 2017, p. 17), rompendo e mesclando fronteiras entre material e virtual e fazendo com que esses meios se entrecruzem e repercutam entre si (Batista & Souza, 2020). As(os) entrevistadas(os) procuram exercer seu ativismo político-ideológico em seus grupos de convívio e nos diversos espaços em que atuam costumeiramente, fazendo do midiativismo feminista digital mais do que um trabalho, um passatempo ou um meio de buscar

informações. O mundo social é para elas uma rede coletiva com potencial transformador e, sobretudo, uma esperança tangível.

Em síntese, a experiência etnográfica desta tese e principalmente as trajetórias pessoais, profissionais e ativistas descritas pelas pessoas entrevistadas deixam transparecer o desejo de midiativistas e dos públicos de confrontar e mudar estruturas sociais que elas consideram injustas e desiguais, uma vez que desfavorecem mulheres e grupos feminilizados. Os resultados das análises desta pesquisa remetem ao sentimento militante expresso na afirmação atribuída à filósofa estadunidense Angela Davis (1983, 2016): “Não aceito mais as coisas que não posso mudar. Estou mudando as coisas que não posso aceitar” (Pierson *et al.*, 2022). É como se a utopia fosse o condutor central do engajamento feminista e do ativismo digital das(os) entrevistadas(os). Sejam elas jornalistas ou produtoras(es) de conteúdo, pessoal de apoio ou audiências, as pessoas que criam, formam e mantêm o mundo social do midiativismo feminista digital constituem esse espaço porque não aceitam mais as coisas que não podem mudar. Elas estão, mesmo que pouco a pouco, mudando o que não podem aceitar.

Referências bibliográficas

- Aaker, D. A., Kumar, V., & Day, G. S. (2009). *Marketing Research*. Wiley.
- Abate, M. S. (2002). *Il culto del peyote: Storia del movimento di liberazione degli indiani nordamericani*. DeriveApprodi.
- Abers, R., Serafim, L., & Tatagiba, L. (2014). Repertórios de Interação Estado-Sociedade em um Estado Heterogêneo: A Experiência na Era Lula. *Dados - Revista de Ciências Sociais*, 57(2), 325–357. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=21831470003>
- Accossatto, R., & Sendra, M. (2018). Movimientos feministas en la era digital. Las estrategias comunicacionales del movimiento Ni Una Menos. *Encuentros. Revista de Ciencias Humanas, Teoría Social y Pensamiento Crítico. Segunda Época (Año 6 no. 8 ago-dic 2018)*, 8, (Universidad Nacional Experimental Rafael María Baralt), 21.
- Achilles, N. (2011). Le développement du bar homosexuel comme institution [1967]. *Genre, sexualité & société*, 1. <https://doi.org/10.4000/gss.1743>
- Achin, C., Albenga, V., Andro, A., Jami, I., Ouardi, S., Rennes, J., & Zappi, S. (2017). Paysage féministe après la bataille. *Mouvements*, 89(1), 69–77. Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/mouv.089.0069>
- Achin, C., & Lévêque, S. (2006). *Femmes en politique*. La Découverte; Cairn.info. <https://www.cairn.info/femmes-en-politique--9782707147417.htm>
- Adichie, C. N. (2014). *Sejamos todos feministas* (C. Baum, Trad.; 1er édition). Companhia das Letras.
- Ahmed, S. (2004). Affective Economies. *Social Text*, 22(2 (79)), 117–139. https://doi.org/10.1215/01642472-22-2_79-117
- Ahmed, S. (2014). *The Cultural Politics of Emotion*. Edinburgh University Press.
- Akotirene, C. (2019). *Interseccionalidade*. Pólen Produção Editorial LTDA.
- Alcântara, L. M. de. (2015). Ciberativismo e movimentos sociais: Mapeando discussões. *Aurora. Revista de Arte, Mídia e Política*, 8(23), 73–97. <https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/22474>

- Almeida, T. M. (Diretor). (2017, julho 31). *Diálogos: Feminismo e relações de gênero*. UnBTV.
<https://www.youtube.com/watch?v=JBGzj-ozxbs>
- Alonso, A. (2012). Repertório, segundo charles tilly: história de um conceito. *Sociologia & Antropologia*, 2(3), 21–41. <https://doi.org/10.1590/2238-38752012v232>
- Alves, K. M. C. (2017). *Meu corpo é meu campo de batalha: Narrativas de mulheres com anorexia e bulimia no jornalismo ciberfeminista*.
<https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/29267>
- Amaral, A. (2010). Etnografia e pesquisa em cibercultura: Limites e insuficiências metodológicas. *Revista USP*, 86. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i86p122-135>
- Amato, B., & Fuchs, J. J. B. (2022). Discursos de ódio de gênero e subjetivação: Articulações entre masculinismo e extremadireita. Em F. A. de Almeida, *Violência e Gênero: Análises, perspectivas e desafios* (1º ed, p. 77–92). Editora Científica Digital.
<https://doi.org/10.37885/220709519>
- Amato, S., Bernard, F., & Boutin, É. (2021). Les réseaux sociaux numériques redéfinissent-ils l’engagement ? *Communication & Organisation*, 59(1), 231–244. Cairn.info.
<https://doi.org/10.4000/communicationorganisation.10230>
- Andrade, B. L. R. (2021). “A CULPA É TODA DELAS”: Analisando a naturalização do discurso dos Celibatários Involuntários (incels) no Brasil. *Revista Iberoamericana de Psicologia*, 2(1).
<https://revista.uniandrade.br/index.php/ribpsi/article/view/2577>
- Andrade, S. A. de. (2020). *Comovidos: Engajamentos e emoções na Mídia NINJA* [Universidade de Brasília]. <https://repositorio.unb.br/handle/10482/39463>
- Andrade, S., & Pereira, F. H. (2022). Uma nova utopia jornalística: Engajamento e gosto na Mídia NINJA (Brasil). *Canadian Journal of Latin American and Caribbean Studies / Revue canadienne des études latino-américaines et caraïbes*, 47(1), 67–98.
<https://doi.org/10.1080/08263663.2022.1996701>
- Araújo, Y. M. C., & Rodrigues, L. (2011). Questão social, redes de solidariedade e estratégias de sobrevivência das famílias entre recursos materiais e simbólicos: Uma análise na região do cerrado norte mineiro. *Anais do 1º Circuito de Debates Acadêmicos*.

- Ardèvol, E., Bertrán, M., Callén, B., & Pérez, C. (2003). Etnografía virtualizada: La observación participante y la entrevista semiestructurada en línea. *Athenea Digital*, 3, 72–92.
- Ariza, M. (2016). *Emociones, afectos y sociología. Diálogos desde la investigación social y la interdisciplina*. Instituto de Investigaciones Sociales-Universidad Nacional Autónoma de México. <https://ru.iis.sociales.unam.mx/handle/IIS/5233>
- Arruzza, C., Bhattacharya, T., & Fraser, N. (2019). *Feminismo para os 99%: Um manifesto*. Boitempo Editorial.
- Atwood, M. (2017). *O conto da aia* (A. Deiró, Trad.; 1ª edição). Rocco.
- Ausani, M. F. (2017). *Jornalismo político on-line no facebook e as interações do público: Usos, apropriações e posicionamentos dos usuários*. <https://repositorio.unb.br/handle/10482/23492>
- Avanza, M., Fillieule, O., & Masclet, C. (2015). Ethnographie du genre. Petit détour par les cuisines et suggestions d'accompagnement. *SociologieS*. <https://doi.org/10.4000/sociologies.5071>
- Bandeira, A. P. B. da S. (2015). Jornalismo feminino e jornalismo feminista: Aproximações e distanciamentos. *Vozes e Diálogo*, 14(02). <https://doi.org/10.14210/vd.v14n02.p%p>
- Bañón, S. R. (2013). *Ciberfeminismo: De virtual a político*. <https://repositori.uji.es/xmlui/handle/10234/84352>
- Bard, C. (2017). Faire des vagues. Em K. Bergès, F. Binard, & A. Guyard-Nedelec, *Féminismes du XXIe siècle: Une troisième vague? (2017) | Archives du Féminisme* (p. 31–45). PUR. <https://www.archivesdufeminisme.fr/actualites/feminismes-xxie-siecle-troisieme-vague-2017/>
- Bard, C. (2018). Insaisissable féminisme. *Cités*, 73(1), 19–28. Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/cite.073.0019>
- Bard, C., Blais, M., & Dupuis-Déri, F. (Orgs.). (2019). *Antiféminismes et masculinismes d'hier et d'aujourd'hui*. PUF.
- Bard, C., & Chaperon, S. (2017). *Dictionnaire des féministes. France—XVIIIe-XXIe siècle*. PUF.
- Baron, R. A., & Shane, S. A. (2007). *Empreendedorismo: Uma visão do processo* (1ª edição). Cengage Learning.

- Barreto Junior, I. F., & Miniuchi Pellizzari, B. H. (2019). Bolhas Sociais e seus efeitos na Sociedade da Informação: Ditadura do algoritmo e entropia na Internet. *Revista de Direito, Governança e Novas Tecnologias*, 5(2), 57.
<https://doi.org/10.26668/IndexLawJournals/2526-0049/2019.v5i2.5856>
- Bassani, P. S. (2020). Tecnocultura ou cibercultura? (E o que David Bowie sabe sobre isso ;-). *Medium*. <https://pbassani.medium.com/tecnocultura-ou-cibercultura-e-o-que-david-bowie-sabe-sobre-isso-f4262376ad9e>
- Bastard, I., Cardon, D., Charbey, R., Cointet, J.-P., & Prieur, C. (2017). Facebook, pour quoi faire ? Configurations d'activités et structures relationnelles. *Sociologie*, 8(1), 57–82.
Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/socio.081.0057>
- Bastin, G. (2009). Codes et codages professionnels dans les mondes de l'information. *Réseaux*, 157–158(5–6), 191–211. Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/res.157.0191>
- Bastos, F. V., & Silva, E. R. A. da. (2018). Identidades do jornalismo cidadão: Uma análise da cultura organizacional da Mídia Ninja. *Intercom: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*.
<https://doi.org/10.26512/2018.TCC.20611>
- Batista, J. V., & Souza, É. R. de. (2020). Gênero, ciência e etnografia digital: Aproximações e potencialidades. *Cadernos de Campo (São Paulo - 1991)*, 29(2).
<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v29i2pe175199>
- Bauer, M. W., & Gaskell, G. (2002). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático*. Editora Vozes.
- Beauvoir, S. de. (2016). *O Segundo Sexo*. Nova Fronteira.
- Becker, H. S. (1973). *Outsiders: Studies In The Sociology Of Deviance*.
- Becker, H. S. (1982). *Art Worlds*. University of California Press.
- Becker, H. S. (1986). *Doing Things Together: Selected Papers*.
- Becker, H. S. (2009). Préface. Em *Sociologie des groupes professionnels* (p. 9–12). La Découverte; Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/dec.demaz.2010.01.0009>

- Becker, H. S., & McCall, M. M. (Orgs.). (1993). *Symbolic Interaction and Cultural Studies*. University of Chicago Press.
<https://press.uchicago.edu/ucp/books/book/chicago/S/bo3774505.html>
- Becker, H. S., & Pessin, A. (2006a). A Dialogue on the Ideas of “World” and “Field”. *Sociol Forum*, 21, 275–286. <https://doi.org/10.1007/s11206-006-9018-2>
- Becker, H. S., & Pessin, A. (2006b). Howard S. Becker et Alain Pessin: Dialogue sur les notions de Monde et de Champ. *Sociologie de l'Art, OPuS* 8(1), 163–180. Cairn.info.
<https://doi.org/10.3917/soart.008.0163>
- Benelli, N., Hertz, E., Delphy, C., Hamel, C., Roux, P., & Falquet, J. (2006). De l'affaire du voile à l'imbrication du sexisme et du racisme. *Nouvelles Questions Féministes*, 25(1), 4–11. Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/nqf.251.0004>
- Benquet, M., & Pruvost, G. (2019). Pratiques écoféministes: Corps, savoirs et mobilisations. *Travail, genre et sociétés*, 42(2), 23–28. Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/tgs.042.0023>
- Benson, R. (2018). Le journalisme à but non lucratif aux États-Unis. Un secteur sous la double contrainte de la « viabilité » et de « l'impact ». *Savoir/Agir*, 46(4), 89–96. Cairn.info.
<https://doi.org/10.3917/sava.046.0089>
- Bentes, I. (2015). *Mídia-multidão: Estéticas da Comunicação e Biopolíticas* (1^a edição). Mauad X.
- Bernard, F. (2007). Communication engageante, environnement et écocitoyenneté: Un exemple des « migrations conceptuelles » entre SIC et psychologie sociale. *Communication et organisation. Revue scientifique francophone en Communication organisationnelle*, 31.
<https://doi.org/10.4000/communicationorganisation.94>
- Bernard, F. (2014). Imaginaire, participation, engagement et empowerment. *Communication et organisation. Revue scientifique francophone en Communication organisationnelle*, 45.
<https://doi.org/10.4000/communicationorganisation.4509>
- Bernard, F. (2015). La communication des organisations entre questions d'influence et questions d'autonomie. L'actualité des notions d'engagement, d'émergence et d'institution. *Communication et organisation. Revue scientifique francophone en Communication organisationnelle*, 47. <https://doi.org/10.4000/communicationorganisation.4909>

- Bernard, J. (2015). Les voies d'approche des émotions. *Terrains/Théories*, 2.
<https://doi.org/10.4000/teth.196>
- Bernard, J. (2017). *La Concurrence des sentiments: Une sociologie des émotions*. Métailié.
- Berthaut, J., Comby, J.-B., Ferron, B., & Souanef, K. (2017). Quelle autonomie (de la sociologie) du champ journalistique aujourd'hui ? *Réseau thématique « Sociologie des médias » de l'AFS*.
- Bezerra, M. L. de M. (2018). *Think Olga: Interseccionalidade, comunicação midiática no facebook e a apropriação da identificação de gênero no sujeito do feminismo* [MasterThesis, Brasil].
<https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/25545>
- Bispo, R., & Coelho, M. C. (2019). Emoções, Gênero e Sexualidade: Apontamentos sobre conceitos e temáticas no campo da Antropologia das Emoções. *Cadernos de Campo (São Paulo - 1991)*, 28(2). <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v28i2p186-197>
- Bittelbrun, G. (2019). Revista Azmina: Imagens e Possibilidades Heterotópicas Feministas na Plataforma Online. *Meistudies - I Congresso Ibero-Americano sobre Ecologia dos Meios*.
https://www.academia.edu/39763512/Revista_Azmina_Imagens_e_Possibilidades_Heterot%C3%B3picas_Feministas_na_Plataforma_Online
- Blackman, S. J. (2007). 'Hidden Ethnography': Crossing Emotional Borders in Qualitative Accounts of Young People's Lives. *Sociology*, 41(4), 699–716.
<https://doi.org/10.1177/0038038507078925>
- Blais, M., & Dupuis-Déri, F. (2014). Antiféminisme: Pas d'exception française. *Travail, genre et sociétés*, 32(2), 151–156. Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/tgs.032.0151>
- Blandin, C. (2008). *Madame Figaro, un projet commercial et politique*. 113–128.
<https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-01149898>
- Blandin, C. (2010). *Le Figaro: Histoire d'un journal*. Nouveau Monde Editions.
- Blandin, C. (2012). Femmes de lettres dans la presse féminine (1964-1974). *Contextes. Revue de sociologie de la littérature*, 11. <https://doi.org/10.4000/contextes.5329>
- Blandin, C. (2017). Présentation. Le web : de nouvelles pratiques militantes dans l'histoire du féminisme ? *Réseaux*, 201(1), 9–17. Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/res.201.0009>

- Blin, J.-F. (1997). *Représentations, pratiques et identités professionnelles*. Editions L'Harmattan.
- Blumer. (1969). *Symbolic Interactionism*. University of California Press.
- Bogado, M., & Hollanda, H. B. de. (2019). Rua. Em *Explosão feminista*. Companhia das Letras.
- Boltanski, L. (1990). Sociologie critique et sociologie de la critique. *Politix. Revue des sciences sociales du politique*, 3(10), 124–134. <https://doi.org/10.3406/polix.1990.2129>
- Bomfim, V. V. B. da S., Arruda, M. D. I. S., Eberhardt, E. da S., Caldeira, N. V., Silva, H. F. da, Oliveira, A. R. do N., Santos, E. R. dos, Silva, L. R. M. da, Soares, L. L., Bezerra, M. E. L. de M., Oliveira, M. P. de, Anjos, G. F. de P. F. dos, Cavalcante, R. P., Ferreira, P. de F., & Silva, J. F. T. (2021). Mortalidade por aborto no Brasil: Perfil e evolução de 2000 a 2020. *Research, Society and Development*, 10(7). <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i7.16866>
- Bomfim, V. V. B. da S., Cavalcante, R. P., Lins, Á. M. P. da S., Guimarães, C. D., Eberhardt, E. da S., Krebs, V. A., Arruda, M. D. I. S., & Silva, L. da C. (2021). Criminalização do aborto e a saúde pública no Brasil. *Research, Society and Development*, 10(9). <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i9.17601>
- Bona, N. C., & Carvalho, G. (2015). Jornalismo Alternativo: Conceito atual, ambiência digital e a busca da cidadania comunicativa. *Seminário de Jornalismo e Cidadania Na Hipermedia*. https://www.academia.edu/28438989/Jornalismo_Alternativo_conceito_atual_ambi%C3%AAncia_digital_e_a_busca_da_cidadania_comunicativa
- Bonelli, M. da G. (2004). Arlie Russell Hochschild e a sociologia das emoções | Instituto de Estudos de Gênero. *Cadernos Pagu*, 22(O risco do bordado), 357–372. <https://ieg.ufsc.br/cedoc/revistas/0/volumes-eletronicos/0/3770>
- Bonfim, C. G., & Nunes, M. V. (2019). The Media Coverage of the #Firstharassment Campaign and Its Perception by Facebook Female Users. *Brazilian journalism research*, 15(1). <https://doi.org/10.25200/BJR.v15n1.2019.1073>
- Booth, E. (2019). Extinction Rebellion: Social work, climate change - ProQuest. *Critical and Radical Social Work*, 7(2), 257–261. <https://www.proquest.com/docview/2306244459>
- Boquet, D., & Lett, D. (2018). Les émotions à l'épreuve du genre. *Clio. Femmes, Genre, Histoire*, 47. <https://doi.org/10.4000/clio.13961>

Boquet, D., & Nagy, P. (2009). *Le Sujet des émotions au Moyen Âge*. Beauchesne.

<https://emma.hypotheses.org/491>

Borba, J. H. O. M. de, & Moreira, J. B. (2015). Neofeminismo: Os movimentos de mulheres do sul global podem redirecionar o feminismo? *Revista de Iniciação Científica da FFC - (Cessada)*, 15(2). <https://doi.org/10.36311/1415-8612.2015.v15n2.p49-56>

Boulocher, V., & Ruaud, S. (2017). Chapitre 3. L'analyse d'un marché au sens large: Les différents acteurs. Em *Analyse de marché* (p. 79–162). Vuibert; Cairn.info.

<https://doi.org/10.3917/vuib.boulo.2017.01.0079>

Bourdieu, P. (1980). Le capital social. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 31(1), 2–3.

https://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1980_num_31_1_2069

Bourdieu, P. (1981). La représentation politique. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 36(1), 3–24. <https://doi.org/10.3406/arss.1981.2105>

Bourdieu, P. (1983). *Questões de sociologia*. Marco Zero.

Bourdieu, P. (1987). *Choses dites*. Les Editions de Minuit.

Bourdieu, P. (1989). *La Noblesse d'État*. Grandes écoles et esprit de corps.

http://www.leseditionsdeminuit.fr/livre-La_Noblesse_d%E2%80%99%C3%89tat-1961-1-1-0-1.html

Bourdieu, P. (1994). L'emprise du journalisme. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 101–102(1–2), 3–9. Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/arss.p1994.101n1.0003>

Bourdieu, P. (1996a). *Razões Práticas: Sobre A Teoria Da Ação*. Papirus.

Bourdieu, P. (1996b). *Sur la télévision*. Raisons d'agir.

Bourdieu, P. (1997). *Sobre a Televisão*. Zahar.

Bourdieu, P. (1998). *A Dominância Masculina*. Bertrand Brasil.

Bourdieu, P. (2002). *Questions de sociologie*. MINUIT.

Bourdieu, P. (2003). L'objectivation participante. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 150(5), 43–58. Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/arss.150.0043>

Bourdieu, P. (2005). *The Social Structures of the Economy*. Polity Press.

- Bourdieu, P. (2011). Champ du pouvoir et division du travail de domination. Texte manuscrit inédit ayant servi de support de cours au Collège de France, 1985-1986. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 190(5), 126–139. Cairn.info.
<https://doi.org/10.3917/arss.190.0126>
- Bourdieu, P. (2013). *Homo Academicus*. UFSC.
- Bourdieu, P. (2014a). *La Domination masculine* (Enlarged édition). POINTS.
- Bourdieu, P. (2014b). *Langage et pouvoir symbolique*. POINTS.
- Bourdieu, P. (2014c). *O Poder Simbólico*. Edições 70.
- Bourdieu, P. (1992, janeiro 14). Un entretien avec Pierre Bourdieu. *Le Monde.fr*.
https://www.lemonde.fr/archives/article/1992/01/14/un-entretien-avec-pierre-bourdieu_3880691_1819218.html
- Bourdieu, P., & Champagne, P. (1992). Les exclus de l'intérieur. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 91(1), 71–75. <https://doi.org/10.3406/arss.1992.3008>
- Boussahba-Bravard, M. (2020). Christine Bard (dir.) avec la collaboration de Sylvie Chaperon, Dictionnaire des féministes, France XVIIIe-XXIe siècle. *Genre & Histoire*, 26.
<https://journals.openedition.org/genrehistoire/5794>
- Boussahba-Bravard, M., Pasteur, P., & Rédaction, le C. de. (2014). Femmes, militantisme et presse en Europe (1860-1930). *Genre & Histoire*, 14.
<https://journals.openedition.org/genrehistoire/2021>
- Bouterfas, N., Desrumaux, P., Leroy-Fremont, N., & Boudenghan, M. (2016). Charge de travail, justice, soutien et résilience: Quels effets sur l'épuisement professionnel des travailleurs sociaux et quelles médiations par la satisfaction des besoins ? *Les Cahiers Internationaux de Psychologie Sociale*, Numéro 110(2), 177–207. Cairn.info.
<https://doi.org/10.3917/cips.110.0177>
- Bracke, S., & Puig de la Bellacasa, M. (2013). Le féminisme du positionnement. Héritages et perspectives contemporaines. *Cahiers du Genre*, 54(1), 45–66. Cairn.info.
<https://doi.org/10.3917/cdge.054.0045>

- Braighi, A. A., & Câmara, M. T. (2018). O que é midiativismo? Uma proposta conceitual. Em A. A. Braighi, C. H. Lessa, & M. T. Câmara (Orgs.), *Interfaces do Midiativismo: Do conceito à prática*. CEFET-MG.
- Braighi, A. A., & Câmara, M. T. (2021). What is Mediactivism? *Interface: a journal for and about social movements*. https://www.academia.edu/49647005/What_is_Mediactivism
- Brandão. (2019, outubro 7). *Brasil tem ato de coletivo ambientalista Extinction Rebellion, que tenta parar capitais mundiais*. RFI. <https://www.rfi.fr/br/brasil/20191007-brasil-tem-ato-de-coletivo-ambientalista-extinction-rebellion-que-tenta-parar-capita>
- Breda, H. (2022). *Les féminismes à l'ère d'Internet: Lutter entre anciens et nouveaux espaces médiatiques* (1er édition). Institut National de l'Audiovisuel.
- Brescoll, V. L., & Uhlmann, E. L. (2008). Can an Angry Woman Get Ahead?: Status Conferral, Gender, and Expression of Emotion in the Workplace. *Psychological Science*, 19(3), 268–275. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9280.2008.02079.x>
- Briatte, A.-L. (2020). Feminisms and Feminist Movements in Europe. *Encyclopédie d'histoire Numérique de l'Europe*. <https://ehne.fr/en/encyclopedia/themes/gender-and-europe/feminisms-and-feminist-movements/feminisms-and-feminist-movements-in-europe>
- Brier, M., Léobal, C., & Schnyder, J. (2020). Des palettes contre des palais. *Z : Revue itinérante d'enquête et de critique sociale*, 13(1), 174–185. Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/rz.013.0174>
- Bronstein, M. M. (2008). *Consumo e adolescência: Um estudo sobre as revistas femininas brasileiras* [PUC-Rio]. <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=especifico&nrSeq=11949@1>
- Broqua, C., & Fillieule, O. (2009). Chapitre 6. Act Up ou les raisons de la colère. Em *Émotions... Mobilisation !* (p. 141–167). Presses de Sciences Po; Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/scpo.train.2009.01.0141>
- Brun, J., Baillargeon, D., Caron, C., Lebel, E., & Laplanche, L. (2020). Présentation: (Re)productions et subversions du genre dans les médias. *Recherches féministes*, 33(1), 1. <https://doi.org/10.7202/1071239ar>

- Bucci, E. (2019). Seriam as fake news mais eficazes para campanhas de direita? – Uma hipótese a partir das eleições de 2018 no Brasil. *Novos Olhares*, 8(2).
<https://doi.org/10.11606/issn.2238-7714.no.2019.162062>
- Bucci, S., Schwannauer, M., & Berry, N. (2019). The digital revolution and its impact on mental health care. *Psychology and Psychotherapy: Theory, Research and Practice*, 92(2), 277–297. <https://doi.org/10.1111/papt.12222>
- Buitoni, D. S. (1981). *Mulher De Papel. A representação da mulher na imprensa feminina brasileira*. Edições Loyola.
- Buitoni, D. S. (1990). *Livro: Imprensa Feminina*. Ática.
<https://www.estantevirtual.com.br/livros/dulcilia-schroeder-buitoni/imprensa-feminina/1281193676>
- Buitoni, D. S., & Lopes, M. (2018). “Revista AzMina” e Carnaval sem Assédio: Uma análise do jornalismo ativista no combate à violência contra a mulher. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, 4(2). <https://doi.org/10.9771/cgd.v4i2.24613>
- Burawoy, M. (2012). Beauvoir Meets Bourdieu. Em K. Holdt & M. Burawoy (Orgs.), *Conversations with Bourdieu: The Johannesburg Moment* (p. 123–144). Wits University Press. <https://www.cambridge.org/core/books/conversations-with-bourdieu/beauvoir-meets-bourdieu/F92836C913872E4CB7CE2E2D24F6188B>
- Burawoy, M. (2018). Entendendo Bourdieu: Destruição,. *Revista Outubro*, 31.
- Burns, T., & Stalker, G. M. (1994). *The Management of Innovation*.
- Buscatto, M. (2007). *Femmes du jazz: Musicalités, féminités, marginalités*. CNRS.
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade* (22º edição). Civilização Brasileira.
- Calabrese, L., Domingo, D., & Pereira, F. (2015). Superando as Frustrações Normativas da Pesquisa sobre a Participação da Audiência. Introdução. *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo*, 4(2).
- Caldas, M. das G. C. (2005). Ética e cidadania na formação do jornalista. *Comunicação & Sociedade*, 27(44). <https://doi.org/10.15603/2175-7755/cs.v27n44p85-101>

- Camilleri, C., Kastersztein, J., Lipansky, E. M., Malewska-Peyre, H., Taboada-Leonetti, I., & Vasquez, A. (1990). *Stratégies identitaires* (2e édition). Presses Universitaires de France - PUF.
- Carbasse, R. (2020). L'infomédiation pour construire sa niche journalistique ? Le cas des acteurs indépendants du Québec. *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo*, 9(1).
<https://doi.org/10.25200/SLJ.v9.n1.2020.420>
- Cardon, D., & Granjon, F. (2013a). Chapitre 4. Le médiactivisme à l'ère d'internet. Em D. Cardon & F. Granjon, *Médiactivistes: Vol. 2e éd.* (p. 83–114). Presses de Sciences Po; Cairn.info.
<https://www.cairn.info/mediactivistes--9782724614312-p-83.htm>
- Cardon, D., & Granjon, F. (2013b). Chapitre 5. Des médias alternatifs aux médias participatifs. Em D. Cardon & F. Granjon, *Médiactivistes: Vol. 2e éd.* (p. 115–134). Presses de Sciences Po; Cairn.info. <https://www.cairn.info/mediactivistes--9782724614312-p-115.htm>
- Cardoso, A. (2017). « C'est comme si on avait de la colère pour elles ». Féminisme et émotions dans le travail d'accompagnement des femmes victimes de violences conjugales. *Terrains & travaux*, 30(1), 31–53. Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/tt.030.0031>
- Castells, M. (2013). *Redes de indignação e esperança: Movimentos sociais na era da internet* (2^a edição). Zahar.
- Castells, M. (2015). *O poder da comunicação*. Paz & Terra.
- Castro, P. A. B. de. (2018). Alguns dilemas da comparação enquanto método das ciências sociais: Em busca da compreensão ou da explicação? *Revista do CEAM*, 4(1).
<https://doi.org/10.5281/zenodo.2648133>
- Castro, M. G., & Abramovay, M. (2019). Quarta onda ou um Feminismo Maremoto? Significados do “#ELE NÃO” nas ruas do Brasil. *Juventude.br*, 17.
<https://juventudebr.emnuvens.com.br/juventudebr/article/view/190>
- Cefaï, D. (2009a). Comment se mobilise-t-on ? L'apport d'une approche pragmatiste à la sociologie de l'action collective. *Sociologie et sociétés*, 41(2), 245–269.
<https://doi.org/10.7202/039267ar>

- Cefaï, D. (2009b). Comportement collectif. Em *Dictionnaire des mouvements sociaux* (p. 123–130). Presses de Sciences Po; Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/scpo.filli.2009.01.0123>
- Certeza. (2019). *O que é capacitismo?* AzMina. <https://azmina.com.br/colunas/o-que-e-capacitismo/>
- Cervulle, M., & Julliard, V. (2018). Le genre des controverses: Approches féministes et queer. <https://doi.org/10.4000/questionsdecommunication.12076>
- Chaperon, S. (1998). 1945- 1970, reprendre l'histoire du féminisme. Em A.-M. Sohn, *L'Histoire sans les femmes est-elle possible ?* (p. 205–216). Perrin; Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/perri.sohn.1998.01.0205>
- Chaperon, S. (2010). Sexologie et féminisme au début du XXe siècle. *Champ psy*, 58(2), 67–81. Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/cpsy.058.0067>
- Chaponnière, M., Roux, P., & Ruault, L. (2017). Que font les jeunes féministes de l'héritage des générations antérieures ? *Nouvelles Questions Féministes*, 36(1), 6–14. Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/nqf.361.0006>
- Charon, J.-M. (2008). *V. Mise en scène de l'information* (p. 77–89). La Découverte; Cairn.info. <https://www.cairn.info/la-presse-magazine--9782707156075-p-77.htm>
- Chomsky, N. (2017). *Réquiem para o sonho americano* (M. C. de Almeida, Trad.; 3^a edição). Bertrand Brasil.
- Christofoletti, R. (2012). *Ética no jornalismo*. Editora Contexto.
- Christofoletti, R. (2014). Preocupações éticas no jornalismo feito por não-jornalistas. *Comunicação e Sociedade*, 25, 267–277. [https://doi.org/10.17231/comsoc.25\(2014\).1873](https://doi.org/10.17231/comsoc.25(2014).1873)
- Clair, I. (2016). Faire du terrain en féministe. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 213(3), 66–83. <https://doi.org/10.3917/arss.213.0066>
- Coelho, M. C., & Rezende, C. B. (Orgs.). (2011). *Cultura e Sentimentos. Ensaio em Antropologia das Emoções* (1^a edição). Contra Capa.
- Coffin, A. (2020). *Le génie lesbien*. Grasset.
- Cohen, A. K. (1955). *Delinquent Boys: The Culture of the Gang*. Macmillan USA.

- Collet, L. (2011). La presse écrite sur le web et ses lecteurs comme limites aux techniques de personnalisation de l'information. *Document numérique*, 14(3), 81–102. Cairn.info. <https://www.cairn.info/revue-document-numerique-2011-3-page-81.htm>
- Collins, P. H., & Bilge, S. (2020). *Interseccionalidade*. Boitempo Editorial.
- Connell, R. (2005). *Masculinities*. University of California Press.
- Connell, R. W., & Messerschmidt, J. W. (2015). Faut-il repenser le concept de masculinité hégémonique? Traduction coordonnée par Élodie Béthoux et Caroline Vincensini. *Terrains & travaux*, 27(2), 151–192. Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/tt.027.0151>
- Cook, R. J., Dickens, B. M., & Fathalla, M. F. (2004). *Reproductive health and human rights: Integrating medicine, ethics, and law*. Clarendon Press.
- Cordell, C. (2017a). Émotions entre théories et pratiques. *Raisons politiques*, 65(1), 5–13. Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/rai.065.0005>
- Cordell, C. (2017b). L'indignation entre pitié et dégoût: Les ambiguïtés d'une émotion morale. *Raisons politiques*, 65(1), 67–90. <https://doi.org/10.3917/rai.065.0067>
- Costa, A. A. A. (2005). O movimento feminista no Brasil: Dinâmicas de uma intervenção política. *Revista Gênero*, 5(2). <https://doi.org/10.22409/rq.v5i2.380>
- Costa, C., & Hollanda, H. B. de. (2019). Rede. Em *Explosão feminista* (p. 43–60). Companhia das Letras.
- Costa, J. G. (2018). *Jornalismo feminista – estudo de caso sobre a construção da perspectiva de gênero no jornalismo* [Dissertação (mestrado)]. Universidade Federal de Santa Catarina.
- Coutant, A. (2015). Les approches sociotechniques dans la sociologie des usages en SIC. *Revue française des sciences de l'information et de la communication*, 6. <https://doi.org/10.4000/rfsic.1271>
- Crozier, M., & Friedberg, E. (2014). *L'Acteur et le système ((réédition)): Les Contraintes de l'action collective*. Points.
- Cruz, M. H. S., & Dias, A. F. (2015). Antifeminismo. *Revista de Estudos de Cultura*, 1(1). <https://doi.org/10.32748/revec.v0i01.3651>

- Dagorn, J. (2011). Les trois vagues féministes – une construction sociale ancrée dans une histoire. *Diversité : ville école intégration*. <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-02053657>
- Dahlgren, P. (2009). *Media and Political Engagement: Citizens, Communication and Democracy*.
- Dalibert, M. (2014). Un (anti)racisme légitime dans les médias ? *Mouvements*, 79(3), 139–147. Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/mouv.079.0139>
- Dalibert, M. (2017). Une mise à distance du sexisme? Les actions d'Osez le féminisme! Et de La Barbe dans la presse. *Participations*, 17(1), 179–201. Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/parti.017.0179>
- Dalibert, M., & Quemener, N. (2014). Femen, l'émancipation par les seins nus ? *Hermès, La Revue*, 69(2), 169–173. Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/herm.069.0169>
- Dalibert, M., & Quemener, N. (2016). Femen. La reconnaissance médiatique d'un féminisme aux seins nus. *Mots. Les langages du politique*, 111(2), 83–102. Cairn.info. <https://doi.org/10.4000/mots.22373>
- Damian-Gaillard, B., Frisque, C., & Saitta, E. (2009). Le journalisme au prisme du genre: Une problématique féconde. *Questions de communication*, 15(1), 175–201. Cairn.info. <https://doi.org/10.4000/questionsdecommunication.544>
- Damian-Gaillard, B., Frisque, C., & Saitta, E. (Orgs.). (2010). *Le journalisme au féminin: Assignations, inventions, stratégies*. Presses universitaires de Rennes.
- Damian-Gaillard, B., Montañola, S., & Saitta, E. (2021a). *Conclusion Générale*. De Boeck Supérieur; Cairn.info. <https://www.cairn.info/genre-et-journalisme--9782807336209-p-209.htm>
- Damian-Gaillard, B., Montañola, S., & Saitta, E. (2021b). *Genre et journalisme. Des salles de rédaction aux discours médiatiques*. De Boeck Supérieur; Cairn.info. <https://www.cairn.info/genre-et-journalisme--9782807336209.htm>
- Damian-Gaillard, B., Ringoot, R., Thierry, D., & Ruellan, D. (2002). *Le paysage médiatique régional à l'ère électronique*. Editions L'Harmattan.
- Damian-Gaillard, B., & Saitta, E. (2011). Le processus de féminisation du journalisme politique et les réorganisations professionnelles dans les quotidiens nationaux français. *Communication*.

Information médias théories pratiques, 28(2).

<https://doi.org/10.4000/communication.1725>

- Damian-Gaillard, B., & Saitta, E. (2019). Féminisation du journalisme: Encore un effort pour la parité et l'égalité ! *La Revue des Médias*. <http://larevuedesmedias.ina.fr/feminisation-du-journalisme-encore-un-effort-pour-la-parite-et-legalite>
- Dantas, E. B., & Lima, S. P. (2018). *Pesquisa de mercado: Fundamentos teórico-metodológicos aplicados a estudos de publicidade e de opinião* (1^a edição). Senac Distrito Federal.
- Dardot, P., & Laval, C. (2016). *A Nova Razão do Mundo. Ensaio Sobre a Sociedade Neoliberal*. Boitempo.
- Darras, É. (2017). Introduction. Champ journalistique, ordre social et ordre politique. *Sociétés contemporaines*, 106(2), 5–20. Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/soco.106.0005>
- Davis, A. (2016b). *Freedom Is a Constant Struggle: Ferguson, Palestine, and the Foundations of a Movement*.
- Davis, A. (2016a). *Mulheres, raça e classe* (H. R. Candiani, Trad.; 1^a edição). Boitempo.
- Davis, A. Y. (1983). *Women, Race & Class*. Knopf Doubleday Publishing Group.
- Déchaux, J.-H. (2015). Intégrer l'émotion à l'analyse sociologique de l'action. *Terrains/Théories*, 2. <https://doi.org/10.4000/teth.208>
- Dechezelles, S., & Traïni, C. (2018). L'ethnographie comparée des émotions pour l'étude des processus politiques. *Revue internationale de politique comparée*, 25(3–4), 7–25. Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/ripc.253.0007>
- Delessert, T. (2017). Christine Bard (dir.): Les féministes de la première vague. *Nouvelles Questions Féministes*, 36(1), 118–121. Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/nqf.361.0118>
- Delphy, C. (2001). Penser le genre: Problèmes et résistances. Em *L'ennemi principal (tome 2): Penser le genre* (p. 243–260). Syllepse.
- Delphy, C., Molinier, P., Clair, I., & Rui, S. (2012). Genre à la française ? *Sociologie*, 3(3). <https://journals.openedition.org/sociologie/1392>

- Delporte, C., Blandin, C., & Robinet, F. (2016a). Chapitre 6. Le déclin de la presse quotidienne. Em *Histoire de la presse en France* (p. 175–194). Armand Colin; Cairn.info.
<https://doi.org/10.3917/arco.delpo.2016.01.0175>
- Delporte, C., Blandin, C., & Robinet, F. (2016b). *Histoire de la presse en France. XXe-XXIe siècles*. Armand Colin; Cairn.info. <https://www.cairn.info/histoire-de-la-presse-en-france--9782200613327.htm>
- Demazière, D., & Gadéa, C. (2009). *Sociologie des groupes professionnels. Acquis récents et nouveaux défis*. La Découverte; Cairn.info. <https://www.cairn.info/sociologie-des-groupes-professionnels--9782707152145.htm>
- Denzin, N. K. (Org), & Lincoln, Y. S. (Org). (2006). *O planejamento da pesquisa qualitativa: Teorias e abordagens*. Artmed. <https://bds.unb.br/handle/123456789/863>
- Descartes, R. (2012). *As Paixões da Alma* (5ª edição). Larousse.
- Deslyper, R. (2008). Marie Buscatto, Femmes du jazz. Musicalités, féminités, marginalités. *Lectures*. <https://doi.org/10.4000/lectures.573>
- Deuze, M., & Dimoudi, C. (2002). Online journalists in the Netherlands: Towards a profile of a new profession. *Journalism*, 3(1), 85–100. <https://doi.org/10.1177/146488490200300103>
- Deuze, M., & Witschge, T. (2018). Beyond journalism: Theorizing the transformation of journalism. *Journalism*, 19(2), 165–181. <https://doi.org/10.1177/1464884916688550>
- Devreux, A.-M., & Lamoureux, D. (2012). Les antiféminismes: Une nébuleuse aux manifestations tangibles. *Cahiers du Genre*, 52(1), 7–22. Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/cdqe.052.0007>
- Dias, M. S. M., & Borelli, V. (2018). Processualidades do midiativismo no acontecimento “Eu não mereço ser estuprada”. Em A. A. Braighi, C. Lessa, & M. T. Câmara (Orgs.), *Interfaces do Midiativismo: Do conceito à prática* (p. 838–859). CEFET-MG.
- Dias, R. (2012). O ethos de cada um: Limites e associações entre a ética profissional de jornalistas e corporativa de empresas de comunicação. *Revista Mediação*, 14(15), 95–110.
- Dickinson, R. (2008). Studying the Sociology of Journalists: The Journalistic Field and the News World. *Sociology Compass*, 2(5), 1383–1399. <https://doi.org/10.1111/j.1751-9020.2008.00144.x>

- Didi-Huberman, G. (2016). *Que Emoção! Que Emoção?* Editora 34.
- Direnberger, L., Karimi, H., Kréfa, A., & Le Renard, S. A. (2019). Le voile est-il une oppression pour les femmes ? Em *Manuel indocile de sciences sociales* (p. 773–781). La Découverte; Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/dec.coper.2019.01.0773>
- Domergue, M. (2018). De l'art de médiatiser sa cause. *Revue Projet*, 363(2), 74–78. Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/pro.363.0074>
- Domingues, J. (2010). A cultura dos “Coitados”: Trajetória social e sistema de arte. *Cadernos UniFOA*, 5(13). <https://doi.org/10.47385/cadunifoa.v5.n13.1017>
- Dornelles, B. (2008). O fim da objetividade e da neutralidade no jornalismo cívico e ambiental. *Brazilian journalism research*, 4(2). <https://doi.org/10.25200/BJR.v4n2.2008.167>
- Dosse, F. (2003). *La marche des idées. Histoire des intellectuels, histoire intellectuelle*. La Découverte; Cairn.info. <https://www.cairn.info/la-marche-des-idees--9782707137814.htm>
- Dosse, F. (2018). *O império do sentido: A humanização das ciências humanas* (I. S. Cohen, Trad.; 1ª edição). Editora Unesp.
- Draibe, S. M. (1990). As políticas sociais brasileiras: Diagnóstico e perspectivas. Em *Para a década de 90: Prioridades e perspectivas de políticas públicas; políticas sociais e organização do trabalho* (p. 1–66). Instituto de Planejamento Econômico e Social. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-398374>
- Duarte, A. L. V., Sconetto, R. R., & Agnez, L. F. (2017). Gênero, representação e mídia alternativa: Um estudo da Agência Patrícia Galvão e da revista AzMina. *SBPJor - VII Encontro Nacional de Jovens Pesquisadores em Jornalismo*.
- Duarte, C. L. (2017). Imprensa feminina e feminista no Brasil: Nos primórdios da emancipação. *Revista XIX*, 1(4). <https://periodicos.unb.br/index.php/revistaXIX/article/view/21741>
- Dupont, G. (2016). Droit des femmes: La lutte en couleurs. *Le Monde*. https://www.lemonde.fr/idees/article/2016/11/25/droit-des-femmes-la-lutte-en-couleurs_5037842_3232.html

- Dupuis-Déri, F. (2012). Le discours de la « crise de la masculinité » comme refus de l'égalité entre les sexes: Histoire d'une rhétorique antiféministe. *Cahiers du Genre*, 52(1), 119–143. Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/cdge.052.0119>
- Eck, H., & Blandin, C. (2010). *La Vie des femmes. La presse féminine au XIXème et XXème siècles*. Panthéon Assas.
- Eckert, C., & Rocha, A. L. C. da. (2008). Etnografia: Saberes e Práticas. *ILUMINURAS*, 9(21). <https://doi.org/10.22456/1984-1191.9301>
- Edelman, N. (2007). Christine Bard, Annie Metz, Valérie Neveu [dir.], Guide des sources de l'histoire du féminisme, collection « Archives du féminisme », Rennes, Presses universitaires de Rennes, 2006, 442 p. ISBN: 2-7535-0271-4. *Revue d'histoire du XIXe siècle. Société d'histoire de la révolution de 1848 et des révolutions du XIXe siècle*, 35. <https://journals.openedition.org/rh19/1862>
- Enriquez, E. (1990). *Da Horda ao Estado. Psicanalise do Vinculo Social*. Zahar.
- Escobar, A. (2016). Bem-vindos à Cyberia: Notas para uma antropologia da cibercultura. Em J. Segata & T. Rifiotis, *Políticas etnográficas no campo da cibercultura*. ABA Publicações.
- Escosteguy, A. C. D. (2020). Comunicação e Gênero no Brasil: Discutindo a relação. *Revista Eco-Pós*, 23(3). <https://doi.org/10.29146/eco-pos.v23i3.27643>
- Espinosa, B. de. (2009). *Tratado político* (1ª edição). WMF Martins Fontes - POD.
- Falcoz, C. (2017). Chapitre 3. L'égalité femmes-hommes: Juste une affaire de pratiques RH adaptées ? Em *L'égalité femmes-hommes au travail* (p. 62–90). EMS Editions; Cairn.info. <https://www.cairn.info/l-egalite-femmes-hommes-au-travail--9782376870883-p-62.htm>
- Faure, A. (2021). Les empreintes singulières des émotions premières des élus locaux: Voyage en égo-politique et en démocratie sensible. *Lien social et Politiques*, 86, 150–172. <https://doi.org/10.7202/1079497ar>
- Federici, S. (2017). *Calibã e a bruxa: Mulheres, corpos e acumulação primitiva* (1er édition). Editora Elefante.

- Ferreira, C. B. de C. (2015). Feminismos web: Linhas de ação e maneiras de atuação no debate feminista contemporâneo. *Cadernos Pagu*, 44.
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8637329>
- Ferreira, J. (2005). Mídia, jornalismo e sociedade: A herança normalizada de Bourdieu. *Estudos Em Jornalismo e Mídia*.
https://www.academia.edu/41300625/M%C3%ADdia_jornalismo_e_sociedade_a_heran%C3%A7a_normalizada_de_Bourdieu
- Ferreira, J., & Vizer, E. (2007). *Mídia e Movimentos Sociais. Linguagens e Coletivos em Ação*. Paulus.
- Ferron, B. (2006). Les médias alternatifs: Entre luttes de définition et luttes de (dé-)légitimation | Les Enjeux de l'information et de la communication. *Les Enjeux de l'Information et de la Communication*, 2(07). <https://lesenjeux.univ-grenoble-alpes.fr/2006/supplement-a/16-medias-alternatifs-entre-luttes-de-definition-luttes-de-de-legitimation/>
- Ferron, B. (2010). Le journalisme alternatif entre engagement et distanciation. Em *Journalistes engagés* (p. 109–126). Presses Universitaires Rennes.
- Ferron, B. (2016b). Le petit monde des « médias libres »: Trajectoires militantes et (ré)investissements professionnels (France, 1999-2016). *Groupe ComPol - Journée d'étude - Sociologie politique : la communication médiatique des mouvements sociaux*.
- Ferron, B. (2016a). Professionnaliser les « médias alternatifs » ? Enjeux sociaux et politiques d'une mobilisation (1999-2016). *Savoir/Agir*, 38(4), 21–28. Cairn.info.
<https://doi.org/10.3917/sava.038.0021>
- Ferron, B., & Guevara, E. (2017). Sociología política de la “Comunicación para el Cambio Social”: Pistas para un cambio de enfoque. *Commons: revista de comunicación y ciudadanía digital*, 6(1), 45–62. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5924627>
- Figaro, R., & Marques, A. F. (2020). A comunicação como trabalho no capitalismo de plataforma: O caso das mudanças no jornalismo. *Contracampo*, 39(1).
<https://doi.org/10.22409/contracampo.v39i1.38566>

- Figueiredo, C. (2019). Ativismo Codificado: Protestos em Rede e Movimentos Sociais na Era das Plataformas Digitais. *Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación*, 1(142).
<https://doi.org/10.16921/chasqui.v1i142.4127>
- Fine, G. A. (1992). Agency, Structure, and Comparative Contexts: Toward a Synthetic Interactionism. *Symbolic Interaction*, 15(1), 87–107. <https://doi.org/10.1525/si.1992.15.1.87>
- Fiorin, J. L. (2007). Paixões, afetos, emoções e sentimentos. *CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada*, 5(2).
https://www.academia.edu/60155992/Paix%C3%B5es_afetos_emo%C3%A7%C3%B5es_e_sentimentos
- Fiorucci, R. (2011). A nova geração do jornalismo crítico: Mídia alternativa. *Diálogos*, 15(2), 455–481. <https://doi.org/10.4025/dialogos.v15i2.485>
- Firmino, F. H., & Porchat, P. (2017). Feminismo, identidade e gênero em Judith Butler: Apontamentos a partir de “problemas de gênero”. *DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação*, 19(1). <https://doi.org/10.30715/rbpe.v19.n1.2017.10819>
- Flausino, M. C. (2003). As Velhas/Novas Revistas Femininas. *Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, XXVI.
- Flick, U. (2014). *An Introduction to Qualitative Research* (5e édition). SAGE Publications Ltd.
- Folter, R. (2022). *Identitarismo ou movimento identitário: O que é e seu impacto*. Politize.
<https://www.politize.com.br/identitarismo/>
- Formaglio, C. (2017). L'hebdomadaire La Française (1906-1940): Le journal du féminisme réformiste. *Le Temps des médias*, 29(2), 33–47. Cairn.info.
<https://doi.org/10.3917/tdm.029.0033>
- Fortino, S., Jeantet, A., & Tcholakova, A. (2015). Émotions au travail, travail des émotions. *La nouvelle revue du travail*, 6. <https://doi.org/10.4000/nrt.2071>
- Fournier, M. (2021). *Le féminisme, des suffragettes à l'ère #MeToo*. 63(6), 6–8. Cairn.info.
<https://doi.org/10.3917/gdsh.063.0006>
- Fragoso, S., Recuero, R., & Amaral, A. (2011). *Métodos de pesquisa para internet* (4ª edição). Editora Sulina.

- Franchini, B. (2017). *O que são as ondas do feminismo?* Revista QG Feminista.
<https://medium.com/qg-feminista/o-que-s%C3%A3o-as-ondas-do-feminismo-eeed092dae3a>
- Freire, P. (1983). *Educação e mudança* (10^o ed). Paz e Terra.
- Freire, P. (2019). *Pedagogia do oprimido* (84^a edição). Paz & Terra.
- Freitas, V. G. (2018). *Feminismos na Imprensa Alternativa Brasileira: Quatro Décadas de Lutas por Direitos* (1^a edição). Paco Editorial.
- Frisque, C. (2010). Des militants du journalisme ? Em *Journalistes engagés* (p. 145–164). Presses Universitaires Rennes.
- Frisque, C. (2014). Place des femmes dans les organisations médiatiques et politiques d'égalité professionnelle. *Les Cahiers de la SFSIC*, 9, 25–32. <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-01144981>
- Frye, M. (1983). *The Politics of Reality: Essays in Feminist Theory*. Trumansburg, NY: The Crossing Press.
- Fussinger, C., Becci, I., Mahfoudh, A., & Fueger, H. (2019). Oser penser un engagement féministe et religieux. *Nouvelles Questions Féministes*, 38(1), 8–17. Cairn.info.
<https://doi.org/10.3917/nqf.381.0008>
- Gaiger, L. I. G. (2016). *A descoberta dos vínculos sociais. Os fundamentos da solidariedade* (50). Ediciones Unisinos. <https://journals.openedition.org/polis/16054?lang=fr>
- Ganter, S. A., & Paulino, F. O. (2021). Between Attack and Resilience: The Ongoing Institutionalization of Independent Digital Journalism in Brazil. *Digital Journalism*, 9(2), 235–254. <https://doi.org/10.1080/21670811.2020.1755331>
- Garcin-Marrou, I. (2019). Chapitre 10. Le genre au prisme des médiatisations et des médias. Em *Médias et médiatisation* (p. 273–290). Presses universitaires de Grenoble; Cairn.info.
<https://doi.org/10.3917/pug.lafon.2019.01.0273>
- Gaujoux, V., Reynaud, E., Palluel-Germain, R., T. Vallet, G., Navarro, J., & Osiurak, F. (2023). Multitâche numérique: Effets sur l'organisation et la performance à des tâches non numériques. *L'Année psychologique*, 123(1), 63–89. Cairn.info.
<https://doi.org/10.3917/anpsy1.231.0063>

- Gaulejac, V. de. (2007). *Gestão como doença social: Ideologia, poder gerencialista e fragmentação social* (1ª edição). Editora Ideias & Letras.
- Geers, A. (2016). *Le sourire et le tablier. La construction médiatique du féminin dans Marie-Claire de 1937 à nos jours*. [Phdthesis, Ecoles des Hautes Etudes en Sciences Sociales].
<https://theses.hal.science/tel-01375635>
- Geertz, C. (1997). *Saber local: Novos ensaios em antropologia interpretativa*. Editora Vozes.
- Gibson, W. (1986). *Neuromancer* (Reissue édition). Ace.
- Gil, A. C. (1987). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. Atlas.
- Gilmore, S. (1990). Art Worlds: Developing the Interactionist Approach to Social Organization. Em H. S. Becker & M. M. McCall (Orgs.), *Symbolic Interaction and Cultural Studies*. University of Chicago Press. <https://doi.org/10.7208/chicago/9780226041056.003.0007>
- Godoy, A. S. (1995). Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*, 35, 57–63. <https://doi.org/10.1590/S0034-75901995000200008>
- Góes, L. T. de. (2008). *Agências de Notícias Alternativas na Web: Adital, Carta Maior e IPS: os profetas da antiglobalização*. Novas Edições Acadêmicas.
- Goffman, E. (1999). *Representação do eu na vida cotidiana*. Editora Vozes.
- Gomes, W. (2016). 20 anos de política, Estado e democracia digitais: Uma “cartografia” do campo. Em S. Silva, R. Bragatoo, & R. Sampaio (Orgs.), *Democracia Digital, Comunicação Política e Redes: Teoria e prática*. Folio Digital: Letra e Imagem.
<https://doi.org/10.24328/2017/61012.88/02>
- Gonçalves, A. M. (2006). *Um defeito de cor* (28ª edição). Record.
- Gonzalez, L. (2020). *Por um feminismo afro-latino-americano* (1ª edição). Zahar.
- Goodwin, J., & Jasper, J. M. (2006). Emotions and Social Movements. Em J. E. Stets & J. H. Turner (Orgs.), *Handbook of the Sociology of Emotions* (p. 611–635). Springer US.
https://doi.org/10.1007/978-0-387-30715-2_27
- Goodwin, J., Jasper, J. M., & Polletta, F. (Orgs.). (2001). *Passionate Politics: Emotions and Social Movements*.

- Goodwin, J., Jasper, J. M., & Polletta, F. (2004). Emotional Dimensions of Social Movements. Em *The Blackwell Companion to Social Movements* (p. 413–432). John Wiley & Sons, Ltd.
<https://doi.org/10.1002/9780470999103.ch18>
- Gragnani, J. (2019). O que é o Extinction Rebellion, movimento que quer parar Londres em mega protesto ambiental e já está presente no Brasil. *BBC News Brasil*.
<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-49717270>
- Granjon, F., & Denouël, J. (2010). Exposition de soi et reconnaissance de singularités subjectives sur les sites de réseaux sociaux. *Sociologie*, 1(1), 25–43. Cairn.info.
<https://doi.org/10.3917/socio.001.0025>
- Granjon, F., & Le Foulgoc, A. (2010). Les usages sociaux de l'actualité: L'Expérience médiatique des publics internautes. *Réseaux*, 160-161(2), 225–253.
<https://doi.org/10.3917/res.160.0225>
- Greco, M., & Stenner, P. (2008). *Emotions: A Social Science Reader*. Routledge.
- Grenier, N. (2019). *Entre « masculinité toxique » et nouvelles masculinités contemporaines: Une redéfinition plurielle des masculinités au prisme du traitement médiatique du mouvement #MeToo*. 91. <https://dumas.ccsd.cnrs.fr/dumas-02565377>
- Grohmann, R. (2018). A Noção de Engajamento: Sentidos e armadilhas para a pesquisa em comunicação. *Revista FAMECOS*, 25(3). <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2018.3.29387>
- Groppo, L. A. (2018). O novo ciclo de ações coletivas juvenis no Brasil. Em A. A. F. Costa & L. A. Groppo (Orgs.), *O movimento de ocupações estudantis no Brasil*. Pedro & João Editores.
- Groppo, L. A., & Sousa, F. A. de. (2022). Experiências, emoções e memória de jovens: Ocupações secundaristas no Ceará em 2016. *Educação Unisinos*, 26, 1–18.
<https://doi.org/10.4013/edu.2022.261.13>
- Guétat-Bernard, H., & Lapeyre, N. (2017). Les pratiques contemporaines de l'empowerment. Pour une analyse des interactions entre pratiques et théories, individu·e·s et collectifs. *Cahiers du Genre*, 63(2), 5–22. Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/cdqe.063.0005>

- Guevara, E. (2008). Des microphones symboles de participation sociale: Le cas des radios communautaires en Colombie. *Raisons politiques*, 29(1), 77–91. Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/rai.029.0077>
- Guevara, E. (2012). Chapitre 3 / « Téléprésidents » ou « média-activistes » de gauche? Argentine, Brésil, Venezuela, Colombie. Em *La Gauche en Amérique latine, 1998-2012* (p. 105–144). Presses de Sciences Po; Cairn.info. <https://www.cairn.info/la-gauche-en-amerique-latine-1998-2012--9782724612707-p-105.htm>
- Guevara, E. (2015). Efficacité de l'implicite et de l'équivoque dans la construction des récits mobilisateurs: Le cas des militants pour la cause des médias en Amérique latine. *Argumentation et Analyse du Discours*, 14. <https://doi.org/10.4000/aad.1946>
- Guevara, E. (2023). Florence Brisset-Foucault. Talkative Polity. Radio, Domination, and Citizenship in Uganda. Athens, Ohio University Press, 2019. XV-328 pages. *Critique internationale*, 98(1), 171–178. Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/crui.098.0171>
- Guillaumin, C. (1981). Femmes et théories de la société: Remarques sur les effets théoriques de la colère des opprimées. *Sociologie et sociétés*, 13(2), 19–32. <https://doi.org/10.7202/001321ar>
- Guillemette, F. (2009). Approches inductives II. *Recherches qualitatives*, 28(2), 1. <https://doi.org/10.7202/1085269ar>
- Hache-Bissette, F. (Org.). (2017). Medianet. *Le Temps des médias*, 29(2), 243–246. Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/tdm.029.0243>
- Hackett, R. A. (2016). Alternative media for global crisis. *Journal of Alternative & Community Media*, 1(1), 14–16. https://doi.org/10.1368/joacm_00007_1
- Haddad, R., & Baric, C. (2016). *Manuel d'écriture inclusive*. Mots-Clés, agence de communication éditoriale et d'influence. <https://www.motscles.net/boutiquemotscles/manuel-ecriture-inclusive-papier>
- Hall, C. (2005). *The Trouble With Passion: Political Theory Beyond the Reign of Reason*.
- Harding, S. (1988). *Feminism and Methodology: Social Science Issues*. Indiana University Press.

- Haski, P. (2016). Chapitre 9. Internet ou l'irruption du lecteur: L'expérience de Rue89. Em O. Andreotti, *Le journalisme à l'épreuve* (p. 281–286). Conseil de l'Europe; Cairn.info.
<https://doi.org/10.3917/europ.andr.2016.01.0281>
- Hassenteufel, P. (2005). De la comparaison internationale à la comparaison transnationale. Les déplacements de la construction d'objets comparatifs en matière de politiques publiques. *Revue française de science politique*, 55(1), 113–132. Cairn.info.
<https://doi.org/10.3917/rfsp.551.0113>
- Hassenteufel, P. (2011). *Sociologie politique: L'action publique*. Armand Colin; Cairn.info.
<https://www.cairn.info/sociologie-politique-l-action-publique--9782200259990.htm>
- Hassenteufel, P. (2014). Comparaison. Em *Dictionnaire des politiques publiques: Vol. 4e éd.* (p. 148–155). Presses de Sciences Po; Cairn.info.
<https://doi.org/10.3917/scpo.bouss.2014.01.0148>
- Hercus, C. (1999). Identity, Emotion, and Feminist Collective Action. *Gender and Society*, 13(1), 34–55. <https://www.jstor.org/stable/190239>
- Hine, C. (2000). *Virtual ethnography*. SAGE.
- Hine, C. (2017). Ethnography and the Internet: Taking Account of Emerging Technological Landscapes. *Fudan Journal of the Humanities and Social Sciences*, 10(3), 315–329.
<https://doi.org/10.1007/s40647-017-0178-7>
- Hine, C. (2020). Strategies for Reflexive Ethnography in the Smart Home: Autoethnography of Silence and Emotion. *Sociology*, 54(1), 22–36. <https://doi.org/10.1177/0038038519855325>
- Hivert, J., & Marchetti, D. (2015). Numériquement marginaux mais politiquement importants ?. La médiatisation internationale d'une association des droits de l'homme au Maroc. *Journal des anthropologues*, 142–143(3–4), 227–251. Cairn.info. <https://doi.org/10.4000/jda.6294>
- Hochschild, A. R. (2003). Travail émotionnel, règles de sentiments et structure sociale. *Travailler*, 9(1), 19–49. Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/trav.009.0019>
- Hochschild, A. R. (2012). *The Managed Heart: Commercialization of Human Feeling*.
- Hochschild, A. R., Fournet-Fayas, S., & Thome, C. (2017). *Le prix des sentiments*. La Découverte.

- Hollanda, H. B. de. (2019). *Explosão feminista: Arte, cultura, política e universidade* (1ª edição). Companhia das Letras.
- Holmes, M. (2004). Feeling Beyond Rules: Politicizing the Sociology of Emotion and Anger in Feminist Politics. *European Journal of Social Theory*, 7(2), 209–227.
<https://doi.org/10.1177/1368431004041752>
- hooks, bell. (2018). *O feminismo é para todo mundo: Políticas arrebatadoras* (A. L. Libânio, Trad.; 16ª edição). Rosa dos Tempos.
- Hubé, N. (2010). La “professionnalisation” sous contrainte de la presse alternative. Em *Journalistes engagés* (p. 91–107). Presses Universitaires Rennes.
- Ijuim, J. K. ([s.d.]). A Responsabilidade social do jornalista e o pensamento de Paulo Freire. *Em Questão*, 15(2).
- Initiales. ([s.d.]). *La société conquise par la communication., Tome... - Bernard Miège—Presses Universitaires de Grenoble*. Recuperado 31 de agosto de 2023, de <https://www.initiales.org/livre/701368-la-societe-conquise-par-la-communication-tome--bernard-miege-presses-universitaires-de-grenoble>
- Institut, W. på S. (2007, setembro 7). *Ph.d.-studerende*. Københavns Universitet.
[https://forskning.ku.dk/search/?pure=en/publications/negotiating-strangerhood\(ae0ef730-74c4-11db-bee9-02004c4f4f50\)/export.html](https://forskning.ku.dk/search/?pure=en/publications/negotiating-strangerhood(ae0ef730-74c4-11db-bee9-02004c4f4f50)/export.html)
- Isnard, L. (2020). *Antropologia dos Silêncios: Corpos Feminilizados em Guerra pelo Controle da Reprodução* [BachelorThesis]. <https://dspace.unila.edu.br/handle/123456789/5924>
- Jaccoud, M., & Mayer, R. (2008). A observação direta e a pesquisa qualitativa. Em J. Poupart, J.-P. Deslauriers, L.-H. Groulx, A. Laperrière, R. Mayer, & Á. Pires (Orgs.), *A pesquisa qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos*. Vozes.
- Jaquette, J. S. (1994). Los movimientos de mujeres y las transformaciones democráticas en América Latina. *Mujeres y participación política: avances y desafíos en América Latina*.
- Järvinen, M. (2003). Negotiating Strangerhood: Interviews with Homeless Immigrants in Copenhagen. *Acta Sociologica*, 46(3), 215–230.
<https://doi.org/10.1177/00016993030463003>

- Jasper, J. M. (2006). Motivation and Emotion. Em R. E. Goodin & C. Tilly (Orgs.), *The Oxford Handbook of Contextual Political Analysis*. Oxford University Press.
- Jasper, J. M. (2011). Emotions and social movements: Twenty years of theory and research. *Annual Review of Sociology*, 37, 285–303. <https://doi.org/10.1146/annurev-soc-081309-150015>
- Jasper, J. M. (2016). *Protesto. Uma Introdução aos Movimentos Sociais*. Zahar.
- Jean, A. (2020, maio 28). *L'évolution de la place des femmes dans les médias*. Ô Magazine. <https://omagazine.fr/evolution-de-la-place-des-femmes-dans-les-medias/>
- Jeantet, A. (2021). L'éviction des émotions au travail nuit gravement à la santé. Em *Les servitudes du bien-être au travail* (p. 89–109). Érès; Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/eres.legar.2021.01.0089>
- Jehel, S. (2018). Quelle réflexivité sur les espaces polémiques de Twitter ? Inscire sa trace et s'engager dans des conversations autour des talk-shows « On n'est pas couché » et « Touche pas à mon poste ». *Les Cahiers du numérique*, 14(3–4), 77–105. Cairn.info. <https://www.cairn.info/revue-les-cahiers-du-numerique-2018-3-4-page-77.htm>
- Jesus, J. G. de. (2012). *Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião*.
- Jonas, I. (2006). L'antiféminisme des nouveaux « traités de savoir-vivre à l'usage des femmes ». *Nouvelles Questions Féministes*, 25(2), 82–96. Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/nqf.252.0082>
- Jorge, T., Pereira, F. H., & Leal-Adghirni, Z. (2012). Journalistic Training and Production on the Internet: Challenges and Prospects in the Brazilian Scenario. *Palavra Clave*, 15(1), 26–53. http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0122-82852012000100003&lng=en&nrm=iso&tlng=es
- Jouët, J. (2018). Digital feminism: Questioning the renewal of activism. *Journal of Research in Gender Studies*, 8. <https://doi.org/10.22381/JRGS8120187>
- Jouët, J. (2022). *Numérique, féminisme et société*. Ecole des Mines.

- Jouët, J. (2019, março 7). *Le Web et les réseaux sociaux, dernière vague du féminisme ? La revue des médias*, mars 2019. La revue des médias. <https://www.wathi.org/le-web-et-les-reseaux-sociaux-derniere-vague-du-feminisme-la-revue-des-medias-mars-2019/>
- Jouët, J., Niemeyer, K., & Pavard, B. (2006). Faire des vagues. Les mobilisations féministes en ligne. *Réseaux*, 201(1), 21–57. Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/res.201.0019>
- Journalistes engagés. (2010). Em S. Lévêque & D. Ruellan (Orgs.), *Journalistes engagés*. Presses universitaires de Rennes. <https://doi.org/10.4000/books.pur.10465>
- Jousse, L. (2020, novembro 5). *Le cyberactivisme: Une force mobilisatrice qui révolutionne l'engagement militant féminin*. Institut du Genre en Géopolitique. <https://igg-geo.org/?p=2307>
- Joux, A. (2022). Pure players et médias alternatifs: Une approche diachronique des représentations de l'indépendance et du pluralisme de l'information. *Les Enjeux de l'information et de la communication*, 23/1(1), 15–26. Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/enic.032.0015>
- Juban, J.-Y., Charmettant, H., & Magne, N. (2015). Les enjeux cruciaux du recrutement pour les organisations hybrides: Les enseignements à tirer d'une étude sur les Scop. *Management & Avenir*, 82(8), 81–101. Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/mav.082.0081>
- Julliard, V. (2012). *De la presse à Internet: La parité en questions*. Hermes Science Publications.
- Julliard, V. (2016). #Theoriedugenre: Comment débat-on du genre sur Twitter ?. *Questions de communication*, 30(2), 135–157. Cairn.info. <https://doi.org/10.4000/questionsdecommunication.10744>
- Julliard, V. (2018). L'idéologie raciste en appui aux discours antiféministes: Les ressorts émotionnels de l'élargissement de l'opposition à la 'théorie du genre' à l'école sur Twitter. *Cahiers du Genre*, 65(2), 17–39. Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/cdge.065.0017>
- Julliard, V., & Cervulle, M. (2013). « Différence des sexes » et controverses médiatiques: Du débat sur la parité au « mariage pour tous » (1998-2013). *Le Temps des médias*, 21(2), 161–175. Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/tm.021.0161>
- Julliard, V., & Quemener, N. (2018). Garder les morts vivants. Dispositifs, pratiques, hommages. *Réseaux*, 210(4), 9–20. Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/res.210.0009>

- Julliard, V., & Saemmer, A. (2022). Un regard situé pour étudier les communautés interprétatives et émotionnelles. *Communication & langages*, 212(2), 21–32. Cairn.info.
<https://doi.org/10.3917/comla1.212.0021>
- Kaushik, A. (2009). *Web Analytics 2.0: The Art of Online Accountability and Science of Customer Centricity*.
- Keller, J., Mendes, K., & Ringrose, J. (2018). Speaking ‘unspeakable things’: Documenting digital feminist responses to rape culture. *Journal of Gender Studies*, 27(1), 22–36.
<https://doi.org/10.1080/09589236.2016.1211511>
- Klem, D. M. S. (2013). Etnografia em ambientes digitais: Pesquisando as imagens técnicas na EAD. *Anais do VI Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visua*.
- Klüger, E. (2018). Mapping the Inflections in the Policies of the Brazilian National Economic and Social Development Bank during the 1990s and 2000s within Social Spaces and Networks. *Historical Social Research*, 43(3), 274–302. <https://doi.org/10.12759/hsr.43.2018.3.274-302>
- Kondlatsch, R. (2019). #Elenão #elesim: O cidadão gatekeeper em grupos do Facebook nas eleições presidenciais de 2018. <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/182021>
- Koury, M. G. P. (2018). *Uma comunidade de afetos: Etnografia sobre uma rua de um bairro popular na perspectiva da antropologia das emoções* (1ª edição). Appris Editora.
- Kucinski, B. (1991). *Jornalistas e revolucionários: Nos tempos da imprensa alternativa* (1a. ed). Scritta Editorial.
- Labarthe, G. (2009). Roselyne Ringoot et Jean-Michel Utard (dir.) (2005), Le journalisme en invention. Nouvelles pratiques, nouveaux acteurs. *Communication. Information médias théories pratiques*, 27(1). <https://journals.openedition.org/communication/1231>
- Lado M. ([s.d.]). *About Lado M*. Medium. Recuperado 10 de setembro de 2023, de <https://medium.com/lado-m/about>
- Lafarge, G., & Marchetti, D. (2011). Les portes fermées du journalisme. L’espace social des étudiants des formations « reconnues ». *Actes de la recherche en sciences sociales*, 189(4), 72–99. Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/arss.189.0072>

- Lafarge, G., & Marchetti, D. (2017). Les hiérarchies de l'information. Les légitimités « professionnelles » des étudiants en journalisme. *Sociétés contemporaines*, 106(2), 21–44. Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/soco.106.0021>
- Lahire, B. (2002). *Portraits sociologiques: Dispositions et variations individuelles*. Armand Colin.
- Lahorgue, J. B., & Maheirie, K. (2019). A produção de uma vida coletiva: A Rede Mídia Ninja como espaço de existir e resistir. *Revista Psicologia Política*, 19(45), 229–243. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1519-549X2019000200007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt
- Lajolo, M., & Zilberman, R. (2019). *A formação da leitura no Brasil* (1ª edição). Editora Unesp.
- Lamoureux, D. (2006). Y a-t-il une troisième vague féministe ? *Cahiers du Genre*, HS 1(3), 57–74. Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/cdgc.hs01.0057>
- Lamoureux, S. (2021). « J'me suis laissé presser comme un citron ». *Communication. Information médias théories pratiques*, 38(2). <https://doi.org/10.4000/communication.14397>
- Lamy, A. (2019). La nouvelle vague. *L'école des parents*, 632(3), 42–45. Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/epar.632.0042>
- Langman, L. (2005). From Virtual Public Spheres to Global Justice: A Critical Theory of Internetworked Social Movements*. *Sociological Theory*, 23(1), 42–74. <https://doi.org/10.1111/j.0735-2751.2005.00242.x>
- Langonné, J., Lewis, S. C., Pereira, F. H., & Trédan, O. (2019). Os mundos sociais do jornalismo. Introdução. *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo*, 8(1). <https://doi.org/10.25200/SLJ.v8.n1.2019.379>
- Lanham, R. A. (2007). *The Economics of Attention: Style and Substance in the Age of Information*. University of Chicago Press. <https://press.uchicago.edu/ucp/books/book/chicago/E/bo3680280.html>
- Latil, O. (2019, outubro 9). *Le manifeste Georgette Sand*. Georgette Sand. <http://georgettesand.com/2019/10/09/bonjour-tout-le-monde/>
- Lazdan, A. M. [UNESP, Reina, F. T. [UNESP, Muzzeti, L. R. [UNESP, & Ribeiro, P. R. M. [UNESP. (2014). A dominação masculina de Pierre Bourdieu: Críticas e reflexões a partir da

psicologia analítica. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 470.

<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/125312>

Le Cam, F. (2012). Journée d'étude. *Le Temps des médias*, 19(2), 242–243.

<https://doi.org/10.3917/tdm.019.0242>

Le Cam, F., & Pereira, F. (2022). *Un journalisme en ligne mondialisé: Une socio-histoire comparative*. PU Rennes.

Le Cam, F., Pereira, F. H., & Ruellan, D. (2021). Violences publiques envers les journalistes et les médias: Introduction. *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo*, 10(1).

<https://doi.org/10.25200/SLJ.v10.n1.2021.429>

Le Cam, F., & Ruellan, D. (2014). *Changements et permanences du journalisme*. Editions L'Harmattan.

Le Cam, F., & Ruellan, D. (2017). *Émotions de journalistes: Sel et sens du métier*. PU GRENOBLE.

Le Champion, R. (2015). Qualité journalistique et poids du marché dans les rédactions de la presse française: Deux enquêtes par questionnaires auprès des cadres de rédaction. Em C. Leteinturier & C. Frisque (Orgs.), *Les espaces professionnels des journalistes. Des corpus quantitatifs aux analyses quantitatives* (p. 139–170). Panthéon-Assas.

Le Roux, N., & Loriol, M. (2015). *Le travail passionné. L'engagement artistique, sportif ou politique*. Érès; Cairn.info. <https://www.cairn.info/le-travail-passionne--9782749248677.htm>

Leconte, C. (2020). Dire le genre à l'extrême droite en Allemagne et France: Une étude comparée des techniques de présentation de soi de Marine Le Pen (FN) et Frauke Petry (AfD). *Revue internationale de politique comparée*, 27(1), 7–41. Cairn.info.

<https://doi.org/10.3917/ripc.271.0007>

Lécossais, S. (2015). L'assignation de genre dans les médias. Attentes, perturbations, reconfigurations. *Études de communication*, 44(1), 178–181. Cairn.info.

<https://doi.org/10.4000/edc.6140>

- Leitão, D. K., & Gomes, L. G. (2017). Etnografia em ambientes digitais: Perambulações, acompanhamentos e imersões. *Antropolítica - Revista Contemporânea de Antropologia*, 42. <https://doi.org/10.22409/antropolitica2017.1i42.a41884>
- Lemieux, C. (2000). *Mauvaise presse. Une sociologie compréhensive du travail journalistique et de ses critiques*. Éditions Métailié; Cairn.info. <https://www.cairn.info/mauvaise-presse--9782864243423.htm>
- Lemieux, C. (Org.). (2010). *La subjectivité journalistique*. Editions de l'Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales.
- Lemieux, C., Mucchielli, L., Neveu, E., & Van de Velde, C. (2010). Le sociologue dans le champ médiatique: Diffuser et déformer ? *Sociologie*, 2(1). <https://journals.openedition.org/sociologie/351>
- Lemos, A. (2015). *Cibercultura: Tecnologia e vida social na cultura contemporânea* (8ª edição). Editora Sulina.
- Lemos, M. G. (2009). *Ciberfeminismo: Novos discursos do feminino em redes eletrônicas* [Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. <https://repositorio.pucsp.br/xmlui/handle/handle/5260>
- Leteinturier, C. (2015). Construire les carrières des journalistes titulaires de la carte de presse: L'exploitation des dossiers de la CCIJP. Em C. Leteinturier & C. Frisque (Orgs.), *Les espaces professionnels des journalistes. Des corpus quantitatifs aux analyses quantitatives* (p. 173–202). Panthéon-Assas.
- Leteinturier, C., & Frisque, C. (Orgs.). (2015). Les espaces professionnels des journalistes. Des corpus quantitatifs aux analyses quantitatives. *Communication & langages*, 186(4), 143–145. <https://doi.org/10.4074/S0336150015014106>
- Lévêque, S. (2009). Femmes, féministes et journalistes: Les rédactrices de La Fronde à l'épreuve de la professionnalisation journalistique. *Le Temps des médias*, 12(1), 41–53. Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/tdm.012.0041>

- Lévêque, S. (2013). Médias/Communication politique. Em *Dictionnaire. Genre et science politique* (p. 310–322). Presses de Sciences Po; Cairn.info.
<https://doi.org/10.3917/scpo.achi.2013.01.0310>
- Lévi-Strauss, C. (1974). « Introduction à l'œuvre de Marcel Mauss » par Claude Lévi. *Sociologia e Antropologia*, 2, 1–36.
- Lewis, S. C., & Zamith, R. (2017). On the Worlds of Journalism. Em P. J. Boczkowski & C. W. Anderson (Orgs.), *Remaking the News: Essays on Technology and the Futures of Journalism Scholarship in the Digital Age*. MIT Press.
- Libert, M. (2019). *Carrières et conditions d'emploi et de travail des journalistes: Analyse des mutations dans la presse quotidienne belge francophone*. IFJD.
- Lievrouw, L. (2011). *Alternative and Activist New Media*.
- Lima, V. A. de. (2013). A mídia e sua abordagem da corrupção. *Revista do Centro Acadêmico Afonso Pena*, 1. <https://revistadoaap.direito.ufmg.br/index.php/revista/article/view/334>
- Lima, S., Mick, J., & Nicoletti, J. (2022). *Perfil do Jornalista Brasileiro*. Quorum Comunicações.
- Loiola, D. F. E. (2018). *Recomendado Para Você: O impacto do algoritmo do YouTube na formação de bolhas* [Universidade Federal de Minas Gerais].
<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-B6GEZC>
- Loison, M., Perrier, G., & Noûs, C. (2020). Introduction. Le langage inclusif est politique: Une spécificité française ? *Cahiers du Genre*, 69(2), 5–29. Cairn.info.
<https://doi.org/10.3917/cdge.069.0005>
- Longuenesse, É. (2018). Du militantisme à l'activisme, remarques sur la circulation de quelques mots entre le français, l'anglais et l'arabe. *Revue internationale de politique comparée*, 25(1–2), 83–103. Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/ripc.251.0083>
- Loose, E. B. (2022). *Cobertura climática desde o Sul: Análise crítica de discursos jornalísticos não hegemônicos*. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/263173>
- Lordon, F. (2015). *A sociedade dos afetos: Por um estruturalismo das paixões* (R. E. Scachetti & V. C. Sigrist, Trads.; 1ª edição). Papirus Editora.

- Louro, G. L. (1997). *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Vozes.
- Lowrey, W., & Sherrill, L. (2019). Fields and Ecologies: Meso-Level Spatial Approaches and the Study of Journalistic Change. *Communication Theory*, 30. <https://doi.org/10.1093/ct/qtz003>
- Luzi, J., & Luzi, S. (2014). Chapitre 10. Optimisez les informations Focus. Em *Mobilisez vos ressources émotionnelles* (p. 103–112). Dunod; Cairn.info. <https://www.cairn.info/mobilisez-vos-ressources-emotionnelles--9782100701131-p-103.htm>
- Lyman, P. (2004). The Domestication of Anger: The Use and Abuse of Anger in Politics. *European Journal of Social Theory*, 7(2), 133–147. <https://doi.org/10.1177/1368431004041748>
- Lyons, M. (2019). Jack Donovan and Male Tribalism. Em M. Sedwick, *Key Thinkers of the Radical Right: Behind the New Threat to Liberal Democracy* (p. 242–258). Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oso/9780190877583.003.0015>
- Lyubareva, I., & Rochelandet, F. (2017). Modèles économiques, usages et pluralisme de l'information en ligne. Les nouveaux enjeux du pluralisme de l'information à l'ère des plateformes numériques. *Réseaux*, 205(5), 9–19. Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/res.205.0009>
- Machado, E. (2006). *Livro: O Jornalismo Digital Em Base de Dados*. Calandra. <https://www.estantevirtual.com.br/livros/elias-machado/o-jornalismo-digital-em-base-de-dados/434405441>
- Machado, L. M. M., Schons, A. da S., & Dourado, L. C. S. de M. (2019). A construção da sororidade nos discursos da revista AzMina. *Âncora - Revista Latino-americana de Jornalismo*, 6(2), 229–257. <https://doi.org/10.22478/ufpb.2359-375X.2019v6n2.49582>
- Madmoizelle. (2020). *L'équipe de Madmoizelle*. Madmoizelle. <https://www.madmoizelle.com/redaction>
- Magalhães, M. D. B. de. (1994). Racismo no sul do Brasil: Heranças de um mito. *Revista de História*, 129–131. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.v0i129-131p165-178>

- Magrani, E. (2014). *Democracia conectada: A internet como ferramenta de engajamento político-democrático*. FGV Direito Rio. <http://bibliotecadigital.fgv.br:80/dspace/handle/10438/14106>
- Maia, M. L. A. F. C. (2013). A trajetória do feminino na imprensa brasileira: O jornalismo de revista e a mulher do século XX. *Anais do Encontro Nacional de História da Mídia*, 1, 1–92.
- Makowiak, J. (2021). Environnement et genre. Quand la question du changement climatique met (aussi) en lumière l'inégalité femme homme. *Revue juridique de l'environnement*, 46(4), 675–677. Cairn.info. <https://www.cairn.info/revue-juridique-de-l-environnement-2021-4-page-675.htm>
- Malini, F., & Antoun, H. (2013). *A internet e a rua: Ciberativismo e mobilização nas redes sociais* (1ª edição). Editora Sulina.
- Manovich, L. (2005). *El lenguaje de los nuevos medios de comunicación: La imagen en la era digital*. Ediciones Paidós Ibéricas S.A.
- Mariage, G. (2018). Arlie Russel Hochschild, Le prix des sentiments. Au cœur du travail émotionnel. *Sociologie du travail*, 60(3). <https://doi.org/10.4000/sdt.2825>
- Martín-Barbero, J. (2014). *A comunicação na educação* (1ª edição). Contexto.
- Masclet, C. (2015). Le féminisme en héritage ? Enfants de militantes de la deuxième vague. *Politix*, 109(1), 45–68. Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/pox.109.0045>
- Masclet, O. (2017). Chapitre 2. « Statistiques ethniques » ou « mesure de la diversité » ? Em *Sociologie de la diversité et des discriminations: Vol. 2e éd.* (p. 41–65). Armand Colin; Cairn.info. <https://www.cairn.info/sociologie-de-la-diversite-et-des-discriminations--9782200620097-p-41.htm>
- Massi, L., Agostini, G., & Nascimento, M. M. (2021). Bourdieu's Field Theory and Science Education: Possible Articulations and Appropriations. *Revista Brasileira de Pesquisa Em Educação Em Ciências*. <https://doi.org/10.28976/1984-2686rbpec2021u413439>
- Massuchin, M. G., Orso, M., Moura, J. F. de, & Saleh, D. M. (2022). “Lixo!”, “esquerdista!”, “canalha!”, “#fakenews”, mas nem tanto: Ataques e críticas à imprensa em meio ao uso estratégico do jornalismo pelo ativismo de extrema direita online no Brasil. *Brazilian journalism research*, 18(3). <https://doi.org/10.25200/BJR.v18n3.2022.1533>

- Matos, M. (2010). Movimento e teoria feminista: É possível reconstruir a teoria feminista a partir do Sul global? *Revista de Sociologia e Política*, 18, 67–92. <https://doi.org/10.1590/S0104-44782010000200006>
- Mattelart, M. (2003). Femmes et medias. Retour sur une problématique. *Réseaux*, 120(4), 23–51. Cairn.info. <https://www.cairn.info/revue-reseaux1-2003-4-page-23.htm>
- Mauss, M. (2002). *Sociologie et anthropologie* (9e édition). Presses Universitaires de France - PUF.
- Mauss, M. (2006). *Techniques, Technology and Civilization*. Berghahn Books.
- Máximo, M. E. (2002). *Compartilhando regras de fala: Interação e sociabilidade na lista eletrônica de discussão cibercultura* [Dissertação (mestrado), Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia social]. <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/84224>
- Mazer, D. (2012). Jornalismo e políticas públicas para as mulheres: A promoção de pautas da agenda social nas redes da internet e na imprensa em geral. *VIII Conferência Brasileira de Mídia Cidadã*.
- McCall, M. M., & Wittner, J. (1990). The good news about life history. Em H. S. Becker & M. M. McCall (Orgs.), *Symbolic interaction and cultural studies* (p. 46–89). University of Chicago Press.
- McCarl Nielsen, J., Walden, G., & Kunkel, C. A. (2009). L'hétéronormativité genrée: Exemples de la vie quotidienne (P. Chambon, Trad.). *Nouvelles Questions Féministes*, 28(3), 90–108. Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/nqf.283.0090>
- McCarthy, J. D., & Zald, M. N. (1977). Resource Mobilization and Social Movements: A Partial Theory. *American Journal of Sociology*, 82(6), 1212–1241. <https://www.jstor.org/stable/2777934>
- Mead, G. H. (1934). *Mind, self and society: From the standpoint of a social behaviorist*. University of Chicago Press.
- Méda, D. (2002). Le capital social: Un point de vue critique. *L'Économie politique*, 14(2), 36–47. Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/leco.014.0036>

- Medina, C. (1982). *Profissão jornalista: Responsabilidade social*. Forense-Universitária.
- Melo Cabral, E. (2008). Primeiras Histórias – O surgimento das imprensas feminina e feminista no Brasil. *BOOC - Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação*.
- Mena, A. M. M., & Wosniak, H. (2021). Ao feminismo decolonial na América Latina. *Revista X*, 16(1). <https://doi.org/10.5380/rvx.v16i1.78261>
- Mendes, K., Ringrose, J., & Keller, J. (2018). #MeToo and the promise and pitfalls of challenging rape culture through digital feminist activism. *European Journal of Women's Studies*, 25(2), 236–246. <https://doi.org/10.1177/1350506818765318>
- Mendonça, T. de, Pereira, F. H., & Adghirni, Z. (2012). Formación y producción periodística en Internet: Desafíos y perspectivas en el escenario brasileño. *Palabra Clave*, 15(1), 26–53. http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0122-82852012000100003&lng=en&nrm=iso&tlng=es
- Meneses, M. P. (2008). Epistemologias do Sul. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 80. <https://journals.openedition.org/rccs/689>
- Menezes, S. A. R. (2023). A Mulher Preta com Deficiência: Impactos da intersecção. *Organicom*, 20(41). <https://doi.org/10.11606/issn.2238-2593.organicom.2023.207522>
- Messias, J., Vikatos, P., & Benevenuto, F. (2017). White, man, and highly followed: Gender and race inequalities in Twitter. *Proceedings of the International Conference on Web Intelligence*, 266–274. <https://doi.org/10.1145/3106426.3106472>
- Miège, B. (2007). *Societe conquise par la communication—Tome 3*. PU Grenoble.
- Miguel, A. de, & Boix, M. (2013). Os gêneros da rede: Os ciberfeminismos. Em G. Natansohn (Org.), *Internet em código feminino. Teorias e práticas* (p. 39–75). La Crujía.
- Miguel, L. F. (2015). Bourdieu e o “pessimismo da razão”. *Tempo Social*, 27, 197–216. <https://doi.org/10.1590/0103-207020150111>
- Miguel, L. F. (2018). *Dominação e Resistência. Desafios Para Uma Política Emancipatória*. Boitempo.
- Miller, D., & Slater, D. (2004). Etnografia on e off-line: Cibercafés em Trinidad. *Horizontes Antropológicos*, 10, 41–65. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832004000100003>

- Miskolci, R. (2012). *Teoria Queer. Um Aprendizado Pelas Diferenças*. Autêntica.
- Miskolci, R. (2021). *Batalhas morais: Política identitária na esfera pública técnico-midiatizadora*. Autêntica Editora.
- Moi, T. (1991). Appropriating Bourdieu: Feminist Theory and Pierre Bourdieu's Sociology of Culture. *New Literary History*, 22(4), 1017–1049.
- Molinier, P. (2009). Temps professionnel et temps personnel des travailleuses du care: Perméabilité ou clivage ? *Temporalités. Revue de sciences sociales et humaines*, 9. <https://journals.openedition.org/temporalites/988>
- Monchatre, S. (2014). Petits arrangements avec la diversité. Le recrutement entre marché et mobilisation salariale. *Revue française de sociologie*, 55(1), 41–72. Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/rfs.551.0041>
- Montagner, M. Â., & Montagner, M. I. (2011). A teoria geral dos campos de Pierre Bourdieu: Uma leitura. *Tempus – Actas de Saúde Coletiva*, 5(2). <https://www.tempusactas.unb.br/index.php/tempus/article/view/979>
- Montanaro, M. (2016). *Théories féministes voyageuses*. Éditions divergences. <https://ruedorion.ca/theories-feministes-voyageuses/>
- Monteiro, I. A., & Gati, H. H. (2012). A mulher na história da educação brasileira: Entraves e avanços de uma época. *Anais Do X Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação No Brasil*. <https://silo.tips/download/a-mulher-na-historia-da-educacao-brasileira-entraves-e-avanos-de-uma-epoca>
- Monteiro, S. (2007). O Ciberespaço: O termo, a definição e o conceito. *DataGramZero - Revista de Ciência da Informação*, 8(3).
- Moraes, D. de. (2010). Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: A contribuição teórica de Gramsci. *Revista Debates*, 4(1). <https://doi.org/10.22456/1982-5269.12420>
- Moraes, I., & Medeiros, L. (2021). *Gênero: Você entende o que significa?* Politize. <https://www.politize.com.br/vamos-falar-sobre-genero/>

- Morrisette, J. (2011). Vers un cadre d'analyse interactionniste des pratiques professionnelles. *Recherches qualitatives*, 30(1), 38–59.
<https://papyrus.bib.umontreal.ca/xmlui/handle/1866/21550>
- Morrisette, J., Guignon, S., & Demazière, D. (2011). De l'usage des perspectives interactionnistes en recherche. *Recherches qualitatives*, 30(1), 1.
<https://doi.org/10.7202/1085477ar>
- Munck, R. (1997). Book Review: Toward a New Common Sense: Law, Science and Politics in the Paradigmatic Transition. *Irish Journal of Sociology*, 7(1), 142–143.
<https://doi.org/10.1177/079160359700700113>
- Muzart, Z. L. (2003). Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX. *Revista Estudos Feministas*, 11(01), 225–233.
http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-026x2003000100013&lng=en&nrm=iso&tlng=pt
- Nascimento, L. (2021). *Transfeminismo* (1ª edição). Editora Jandaíra.
- Nascimento, L. C. (2011). Um diploma em disputa: A obrigatoriedade do diploma em jornalismo no Brasil. *Sociedade e Cultura*, 14(1), 141–150.
<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=70320084014>
- Negri, C. (2011). O desenho de pesquisa comparativo em Ciências Sociais: Reflexões sobre as escolhas empíricas. *Série CEPPAC*, 35, 1–19.
- Negus, K. (2005). Rethinking creative production away from the cultural industries. Em *Media and Cultural Theory*. Routledge.
- Neto, O. C. (1994). O Trabalho de Campo Como Descoberta e Criação. Em M. C. de S. Minayo (Org.), *Pesquisa Social – Teoria, Método e Criatividade* (p. 51–66). Vozes.
<https://pt.scribd.com/document/316474479/NETO-O-C-O-Trabalho-de-Campo-Como-Descoberta-e-Criacao>
- Neves, J. L. (1996). Pesquisa qualitativa: Características, uso e possibilidades. *Cadernos de Pesquisa em Administração*, 1(3).

- Neveu, É. (1993). Le professionnalisme du flou. Identité et savoir-faire des journalistes français. *Mots. Les langages du politique*, 37(1), 118–119. https://www.persee.fr/doc/mots_0243-6450_1993_num_37_1_2150
- Neveu, É. (1996). *Sociologie des mouvements sociaux*. La Découverte.
- Neveu, É. (2000). Le genre du journalisme. Des ambivalences de la féminisation d'une profession. *Politix. Revue des sciences sociales du politique*, 13(51), 179–212. <https://doi.org/10.3406/polix.2000.1109>
- Neveu, É. (2010). Médias et protestation collective. Em *Penser les mouvements sociaux* (p. 245–264). La Découverte; Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/dec.filli.2010.01.0245>
- Neveu, É. (2015). Médias. Em *Dictionnaire critique de l'expertise* (p. 216–224). Presses de Sciences Po; Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/scpo.henry.2015.01.0216>
- Neveu, É. (2016). Quel pouvoir des médias ? Em *La Communication* (p. 275–282). Éditions Sciences Humaines; Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/sh.dorti.2016.02.0275>
- Neveu, É. (2017). *Les médias font l'élection: Une croyance qui a la vie dure*. La Revue des Médias. <http://larevuedesmedias.ina.fr/les-medias-font-lelection-une-croyance-qui-la-vie-dure>
- Neveu, É. (2019a). *Sociologie des mouvements sociaux: Vol. 7e éd.* La Découverte; Cairn.info. <https://www.cairn.info/sociologie-des-mouvements-sociaux--9782348054624.htm>
- Neveu, É. (2019b). *Sociologie du journalisme: Vol. 5e éd.* La Découverte; Cairn.info. <https://www.cairn.info/sociologie-du-journalisme--9782348041846.htm>
- Neveux, J. (2021). *C'est quoi l'écriture inclusive ?* Brut. <https://www.brut.media/fr/news/c-est-quoi-l-ecriture-inclusive--a3afc5c8-b272-48f3-98da-3549be5d73e5>
- Noble, S. U. (2018). *Algorithms of Oppression: How Search Engines Reinforce Racism*. NYU Press. <https://muse.jhu.edu/pub/193/monograph/book/64995>
- Noble, S. U. (2020, julho 25). “Algoritmos têm responsabilidade pela violência contra mulheres e pessoas negras”, diz pesquisadora da UCLA (R. Izaal) [Entrevista]. <https://www.geledes.org.br/algoritmos-tem-responsabilidade-pela-violencia-contra-mulheres-e-pessoas-negras-diz-pesquisadora-da-ucla/>

- Novo, A., & Woestelandt, L. (2017). Recherches qualitatives; grounded theory/théorisation ancrée, ses évolutions, sa méthodologie, son application dans la recherche médicale et psychanalytique. *Perspectives Psy*, 56(1), 66–80. Cairn.info.
<https://doi.org/10.1051/ppsy/2017561066>
- Nunes, C. (2014). O conceito de movimento social em debate: Dos anos 60 até à atualidade. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 75. <https://journals.openedition.org/spp/1596>
- Offen, K. (2012). *Les Féminismes en Europe*. PU Rennes.
- Olga. (2020). *Think Olga—Sobre Nós*. Think Olga. <https://thinkolga.com/quem-somos/>
- Oliveira, P. P. de. (2019). A quarta onda do feminismo na literatura norte-americana. *Palimpsesto - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ*, 18(30).
<https://doi.org/10.12957/palimpsesto.2019.42952>
- Oliveira, S. M. de. (2015). *A melancolia na constituição político-identitária da juventude*.
<http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/6210>
- Olivesi, A. (2017). Médias féminins, médias féministes: Quelles différences énonciatives ? *Le Temps des médias*, 29(2), 177–192. Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/tm.029.0177>
- Ost, D. (2004). Politics as the Mobilization of Anger: Emotions in Movements and in Power. *European Journal of Social Theory*, 7(2), 229–244.
<https://doi.org/10.1177/1368431004041753>
- Ouzan, L. (2019). *Brut, Loopsider, AJ+ : Ces médias en ligne qui révolutionnent les codes du journalisme web*. 43. <https://dumas.ccsd.cnrs.fr/dumas-02777879>
- Pariser, E. (2012). *O filtro invisível: O que a internet está escondendo de você* (1ª edição). Zahar.
- Pasquinelli, M. (Org.). (2002). *Media Activism. Strategie e pratiche della comunicazione indipendente*. Derive Approdi. <https://es.scribd.com/doc/108975053/Pasquinelli-Media-Activism>
- Pavard, B. (2018). Faire naître et mourir les vagues: Comment s'écrit l'histoire des féminismes. *Itinéraires. Littérature, textes, cultures*, 2017–2. <https://doi.org/10.4000/itineraires.3787>

- Paveau, M.-A. (2020). Feminismos 2.0: Usos tecnodiscursivos da geração conectada. Em J. L. Costa & R. L. Baronas (Orgs.), *Feminismos em convergências: Discurso, internet e política*. Grácio Editor. <https://penseedudiscours.hypotheses.org/19167>
- Pedro, J. M. (2005). Traduzindo o debate: O uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História (São Paulo)*, 24(1), 77–98. <https://doi.org/10.1590/S0101-90742005000100004>
- Peirano, M. (2014). Etnografia não é método. *Horizontes Antropológicos*, 20(42), 377–391. <https://doi.org/10.1590/s0104-71832014000200015>
- Penna, M. G. de O., & Marin, A. J. (2019). Social trajectory, *habitus* and commitment at school work. *Educação e Pesquisa*, 45. <https://doi.org/10.1590/S1678-4634201945188255>
- Pereira, E. A. T. (2015). O conceito de campo de Pierre Bourdieu: Possibilidade de análise para pesquisas em história da educação brasileira. *Revista Linhas*, 16(32). <https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723816322015337>
- Pereira, F. H. (2008). *Os jornalistas-intelectuais no brasil*. UnB.
- Pereira, F. H. (2020). “I Knew I Wouldn’t be Well Remunerated Before my 30s”: Professional Transition in French Journalism. *Journalism Practice*, 16(4), 755–773. <https://doi.org/10.1080/17512786.2020.1813049>
- Pereira, F. H., & Maia, K. (2016). O jornalista brasileiro face ao fim da obrigatoriedade do diploma para exercício da profissão: Reagenciamento do repertório de legitimação profissional. *Trabajo y sociedad*, 26, 35–50. http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1514-68712016000100003&lng=es&nrm=iso&tlng=es
- Pereira, F. H., Tredan, O., & Langonné, J. (2018). Penser les mondes du journalisme. *Hermès, La Revue*, 82(3), 99–106. Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/herm.082.0099>
- Perez, C. C. (2022). *Mulheres invisíveis: O viés dos dados em um mundo projetado para homens* (R. Guerra, Trad.; 1ª edição). Intrínseca.
- Perez, O. C., & Ricoldi, A. M. (2019). A quarta onda feminista: Interseccional, digital e coletiva. X Congresso Latino-americano de Ciência Política (ALACIP).

- Perreau, B. (2018). Chapitre 2—Pratique de la théorie. Em B. Perreau (Org.), *Qui a peur de la théorie queer ?* (p. 109–164). Presses de Sciences Po; Cairn.info. <https://www.cairn.info/qui-a-peur-de-la-theorie-queer--9782724622454-p-109.htm>
- Perriard, A., & Van de Velde, C. (2021). Le pouvoir politique des émotions. *Lien social et Politiques*, 86, 4–19. <https://chairejeunesse.ca/documentation/le-pouvoir-politique-des-emotions/>
- Peruzzo, C. M. K. (2013). Fundamentos teóricos das Relações Públicas e da Comunicação Organizacional no terceiro setor: Perspectiva alternativa. *Revista FAMECOS*, 20(1), 89–107. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2013.1.13641>
- Peter de Souza, S., & Gupta, S. (2023). Why Stories Matter for Representation, Action, and Collectivization. Em P. Arora, U. Raman, & R. König, *Feminist Futures of Work* (p. 197–206). Amsterdam University Press.
- Peters, G. (Diretor). (2021, maio 6). *Bourdieu em Pílulas — (Ep. 1—Teoria e Pesquisa Empírica)*. Labemus Laboratório. <https://www.youtube.com/watch?v=3bVGR6kNP4o>
- Petry, D. F. (2016). Revisitando o floresta digital: Notas sobre o esforço de uma descrição sociotécnica. Em J. Segata & T. Rifiotis (Orgs.), *Políticas etnográficas no campo da cibercultura*. Editora Letradágua.
- Piedade, V. (2017). *Dororidade* (1ª edição). Editora Nós.
- Pierre, A. (2017). Mots choisis pour réfléchir au racisme et à l’anti-racisme. *Ligue des droits et libertés*. <https://liquesdroits.ca/mots-choisis-pour-reflechir-au-racisme-et-a-lanti-racisme/>
- Pierson, A. M., Arunagiri, V., & Bond, D. M. (2022). “You Didn’t Cause Racism, and You Have to Solve it Anyways”: Antiracist Adaptations to Dialectical Behavior Therapy for White Therapists. *Cognitive and Behavioral Practice*, 29(4), 796–815. <https://doi.org/10.1016/j.cbpra.2021.11.001>
- Pigenet, M., & Tartakowsky, D. (2014). *Histoire des mouvements sociaux en France. De 1814 à nos jours*. La Découverte; Cairn.info. <https://www.cairn.info/histoire-des-mouvements-sociaux-en-france--9782707169853.htm>

- Piketty, T. (2008). *L'économie des inégalités: Vol. 6e éd.* La Découverte; Cairn.info.
<https://www.cairn.info/l-economie-des-inegalites--9782707156082.htm>
- Pinheiro-Machado, R. (2019a). *Amanhã vai ser maior: O que aconteceu com o Brasil e possíveis rotas de fuga para a crise atual* (1ª edição). Planeta.
- Pinheiro-Machado, R. (2019b). *O pensador da extrema direita que repudia mulheres*. The Intercept Brasil. <https://theintercept.com/2019/05/27/jack-donovan-machos-em-crise/>
- Pinto, C. R. J. (1996). O poder e o político na teoria dos campos. *Veritas (Porto Alegre)*, 41(162), 221–227. <https://doi.org/10.15448/1984-6746.1996.162.35834>
- Pinto, C. R. J. (2003). *Uma história do feminismo no Brasil*. Fundação Perseu Abramo.
- Pleyers, G. (2013). *Réseaux, n° 181. Militantisme en réseau—Librairie Mollat Bordeaux*. 31(5), 9–21. <https://www.mollat.com/livres/584379/reseaux-n-181-militantisme-en-reseau?affId=240625>
- Polivanov, B. B. (2013). Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos. *Esferas*, 3. <https://doi.org/10.31501/esf.v1i3.4621>
- Polivanov, B., & Santos, D. (2016). Términos de relacionamentos e Facebook: Desafios da pesquisa etnográfica em sites de redes sociais. Em B. Campanella & C. Barros (Orgs.), *Etnografia e consumo midiático: Novas tendências e desafios metodológicos*. E-papers.
- Portolés, A. O. (2004). Feminismo Postcolonial: La Crítica Al Eurocentrismo Del Feminismo Occidental. *Cuadernos de Trabajo*.
https://www.academia.edu/438330/Feminismo_Postcolonial_La_Cr%C3%ADtica_Al_Eurocentrismo_Del_Feminismo_Occidental
- Poulet-Coulibando, P. (2011). Les notions statistiques de l'éducation, de « l'enseignement habituel » à « l'éducation formelle ». *Éducation & formations*, 80, 17–29.
- Poupart, J., Deslauriers, J.-P., Groulx, L.-H., Laperrière, A., Mayer, R., & Pires, Á. ([s.d.]). *Enfoques epistemológicos e metodológicos*.
- Poupeau, D. (2018). *Les nouveaux médias féministes sur Internet: L'exemple de Cheek magazine*. 43. <https://dumas.ccsd.cnrs.fr/dumas-02992529>

- Prudencio, K. (2014). Micromobilizações, alinhamento de quadros e comunicação política. *Compolítica*, 4(2), 87–110. <https://doi.org/10.21878/compolitica.2014.4.2.69>
- Quinalha, R. (2022). *Movimento LGBTI+: Uma breve história do século XIX aos nossos dias* (1ª edição). Autêntica.
- Ratts, A. (2010). *As amefricanas: Mulheres negras e feminismo na trajetória de Lélia Gonzalez*.
- Rebs, R. R., & Ernst, A. (2017). Haters e o discurso de ódio: Entendendo a violência em sites de redes sociais. *Diálogo das Letras*, 6(02).
<http://periodicos.apps.uern.br/index.php/DDL/article/view/1014>
- Recuero, R., Bastos, M., & Zago, G. (2018). *Análise de Redes Para Mídia Social* (1ª edição). Sulina.
- Reddy, W. M. (2001). *The Navigation of Feeling: A Framework for the History of Emotions*. Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511512001>
- Reis, M. (2017). Comunicar, resistir: Um olhar sobre as práticas discursivas em rede do jornalismo independente no Brasil. *Voices e Diálogo*, 16(01).
<https://doi.org/10.14210/vd.v16n01.p%p>
- Renault, D. (2013). A convergência tecnológica e novo jornalista. *Brazilian journalism research*, 9(2). <https://doi.org/10.25200/BJR.v9n2.2013.575>
- Renoux, J.-L. (2015). Définir les emplois journalistiques dans les médias: Statuts, temps de travail, qualifications. Em C. Leteinturier & C. Frisque (Orgs.), *Les espaces professionnels des journalistes. Des corpus quantitatifs aux analyses quantitatives* (p. 87–110). Panthéon-Assas.
- Reznik, L. (Org.). (2020). *História da imigração no Brasil*. Editora FGV.
- Ribeiro, D. (2017). *Lugar de Fala*. Letramento.
- Rifiotis, T. (2016). Desafios contemporâneos para a antropologia no ciberespaço: O lugar da técnica. Em J. Segata & T. Rifiotis (Orgs.), *Políticas etnográficas no campo da cibercultura*. Letradágua.
- Rimé, B. (2009). *Le partage social des émotions*. Presses Universitaires de France; Cairn.info.
<https://www.cairn.info/le-partage-social-des-emotions--9782130578543.htm>

- Ringoot, R., & Utard, J.-M. (2005). *Les genres journalistiques: Savoirs et savoir-faire*. PUR.
<https://www.amazon.fr/genres-journalistiques-Savoirs-savoir-faire/dp/2296091393>
- Ripa, Y. (2018). Introduction. Em *Femmes d'exception* (p. 21–29). Le Cavalier Bleu; Cairn.info.
<https://www.cairn.info/femmes-d-exception-les-raisons-de-l-oubli--9791031802732-p-21.htm>
- Rocha, G., & Tosta, S. P. (2022). Aprendiz de feiticeiro—A pedagogia da antropologia de marcel mauss. *Sociologia & Antropologia*, 12(1), 235–260. <https://doi.org/10.1590/2238-38752022v1219>
- Rocha, P. M., & Dancosky, A. K. (2018). A diversidade de representações da mulher na cauda longa do jornalismo independente sobre gênero. *Chasqui: Revista Latinoamericana de Comunicación*, 139, 389–408. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7316696>
- Rocheftort, F. (1998). Réflexions à propos de l'histoire du féminisme. Em A.-M. Sohn, *L'Histoire sans les femmes est-elle possible ?* (p. 193–204). Perrin; Cairn.info.
<https://doi.org/10.3917/perri.sohn.1998.01.0195>
- Rocheftort, F. (2018). *Chapitre II. Le temps de l'internationalisation (1860-1945)* (F. Rocheftort, Org.; p. 36–74). Presses Universitaires de France; Cairn.info. <https://www.cairn.info/histoire-mondiale-des-feminismes--9782130732846-p-36.htm>
- Rollins, J. (1990). Entre femmes. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 84(1), 63–77.
<https://doi.org/10.3406/arss.1990.2951>
- Ros, É. (2012). Des militants de la décroissance. Les nouveaux militants de l'économie alternative, rupture de références et similitude d'engagement. *L'Information géographique*, 76(1), 28–41. Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/liq.761.0028>
- Rosenwein, B. H. (2006). *Emotional communities in the early Middle Ages*. Cornell University Press. <http://catdir.loc.gov/catdir/toc/ecip067/2006001767.html>
- Ruellan, D. (1992). Le professionnalisme du flou. *Réseaux*, 51(1), 25–37.
<https://www.cairn.info/revue-reseaux1-1992-1-page-25.htm>
- Ruellan, D. (1993). *Le professionnalisme du flou: Identité et savoir-faire des journalistes français*. Presses Universitaires de Grenoble.

- Ruellan, D. (2002). Guides de ville et sites municipaux. Em B. Damian-Gaillard, R. Ringoot, D. Ruellan, & D. Thierry, *Le paysage médiatique régional à l'ère électronique*. L'Harmattan.
- Ruellan, D. (2010). Des reporters en plein paradoxe. Em S. Lévêque & D. Ruellan (Orgs.), *Journalistes engagés* (p. 17–27). Presses Universitaires Rennes.
- Ruellan, D. (2011). *Nous, journalistes: Déontologie et identité*. PU GRENOBLE.
- Ruellan, D. (2015). Les espaces professionnels des journalistes. Des corpus quantitatifs aux analyses quantitatives. *Communication & langages*, 186(4), 143–145. Cairn.info.
<https://doi.org/10.4074/S0336150015014106>
- Rueschemeyer, D., & Mahoney, J. (2003). Comparative Historical Analysis in the Social Sciences. *Dietrich Rueschemeyer*. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511803963>
- Rufino, M., & Segurado, R. (2022). Cultura do cancelamento: Uma análise de Karol Conká no BBB 21. *PragMATIZES - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura*, 12(22).
<https://doi.org/10.22409/pragmatizes.v12i22.51090>
- Safatle, V. (2016). *O circuito dos afetos: Corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo* (2ª edição). Autêntica.
- Saffioti, H. (2015). *Gênero, Patriarcado, Violência* (2ª edição). Editora Expressão Popular.
- Sageot, J.-P., & Martin, M. (2020). Gilets jaunes, la révolte au grand jour. *Z : Revue itinérante d'enquête et de critique sociale*, 13(1), 164–165. Cairn.info.
<https://doi.org/10.3917/rz.013.0164>
- Sahoo, S. (2008). *The Dark Abode*. Indian Age Communications.
- Sahoo, S. (2010). *Sensible Sensuality: A Collection of Essays on Sexuality Femininity and Literature: A Collection of Essays on Sexuality, Famininity and Literature* (1st edition). Authorspress.
- Sales, A. (2020). *Militância & Ativismo*. Comprehensive Peer.
- Sales, A. L. L. de F. (2019). *Militância e ativismo: Cinco ensaios sobre ação coletiva e subjetividade*. <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/190776>
- Sallas, A. L. F., & Meucci, S. (2021). “O melhor medo da minha vida”—Emoções nas ocupações estudantis. *Linhas Críticas*, 27. <https://doi.org/10.26512/lc27202136528>

- Salle, M. (2023). Chapitre 3. Quand le mot « femme » disparaît. *Innovations sémantiques ou nouvelles formes d'invisibilisation ?* Em *Qu'est-ce qu'une femme ?* (p. 69–91). Éditions Matériologiques; Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/edmat.lemar.2023.01.0071>
- Salles, C. (2018). Florence LE CAM et Denis RUELLAN (2017), Émotions de journalistes. Sel et sens du métier. *Communication. Information médias théories pratiques*, 35(2).
<https://journals.openedition.org/communication/8894>
- Salvador, S. M., & Soares-Correia, M. J. C. (2017). Site Think Olga: O feminismo brasileiro nas plataformas digitais. *Revista de Iniciação científica da FAMMA*, 2, 1–20.
- Santana, J. (2021, novembro 23). *Mulheres jornalistas recebem mais que o dobro de ofensas que colegas homens no Twitter*. AzMina. <https://azmina.com.br/reportagens/mulheres-jornalistas-recebem-mais-que-o-dobro-de-ofensas-que-colegas-homens-no-twitter/>
- Santos, B. de S. (1995a). *Construindo as Epistemologias do Sul Para um pensamento alternativo de alternativas, Volume II*. CLACSO.
- Santos, B. de S. (1995b). *Toward a new common sense: Law, science, and politics in the paradigmatic transition*. Routledge.
- Santos, A. V. dos. (2021). Etnografia é observação participante? Trabalhando com um método constitutivamente heterodoxo. *Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP*, 28. <https://doi.org/10.4000/pontourbe.10089>
- Santos, H. S. dos. (2019). Jornalismo e produção de conhecimento no movimento feminista: Análise do Think Olga e Revista AzMina. *Unesp*.
- Santos, R. B. dos, & Bussinguer, E. C. de A. (2017). A cultura do estupro e o poder disciplinar nos corpos femininos na perspectiva foucaultiana. *Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos)*.
- Santos, L. de F. Á., & Miguel, K. G. (2019). Perspectivas digitais na produção de conteúdo jornalístico feminista: Plataformas e estratégias da Revista AzMina. *Intercom 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*.
- Saraiva, A. C. (2010). *Movimentos em movimento: Uma visão comparativa de dois movimentos sociais juvenis no Brasil e Estados Unidos*. <https://repositorio.unb.br/handle/10482/6974>

- Sarti, C. A. (1988). Feminismo no Brasil: Uma trajetória particular. *Cadernos de Pesquisa*, 64. <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1182>
- Saunier, P.-Y. (2004). Circulations, connexions et espaces transnationaux. *Genèses*, 57(4), 110–126. Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/gen.057.0110>
- Scartezini, N. (2011). Introdução ao método de Pierre Bourdieu. *Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais*. <https://periodicos.fclar.unesp.br/cadernos/article/view/5159>
- Schander, G. B., & Bertasso, D. (2019). Revista AzMina e o jornalismo como forma de conhecimento: . *Pauta Geral - Estudos em Jornalismo*, 6(2). <https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/14708>
- Schmitz, D. M. (2010). Para pensar a publicidade e o jornalismo nas editoriais de moda das revistas femininas. *Colóquio De Moda*, 6º.
- Schneider, S., & Schmitt, C. J. (1998). O uso do método comparativo nas ciências sociais. *Cadernos de Sociologia*, 9, 49–87. https://www.academia.edu/5815441/O_uso_do_m%C3%A9todo_comparativo_nas_ci%C3%A7ncias_sociais
- Schurr, C. (2012). Pensando emoções a partir de uma perspectiva interseccional: As geografias emocionais das campanhas eleitorais equatorianas. *Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero*, 3(2). <https://doi.org/10.5167/uzh-110553>
- Scott. (2006). *Manual de Etnografia*. Fondo de Cultura Economica USA.
- Scott, J. W. (1986). Gender: A Useful Category of Historical Analysis. *The American Historical Review*, 91(5), 1053–1075. <https://doi.org/10.2307/1864376>
- Sebastião, S. P., & Elias, A. C. (2012). O ativismo like: As redes sociais e a mobilização de causas. *Sociedade e Cultura*, 15(1). <https://doi.org/10.5216/sec.v15i1.20673>
- Sedel, J. (2018). Le genre du pouvoir médiatique. *Savoir/Agir*, 46(4), 43–50. Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/sava.046.0043>
- Segata, J. (2013). A Inventividade da Rede (Rastros). *Rastros*. https://www.academia.edu/11673118/A_Inventividade_da_Rede_Rastros

- Segata, J. (2016). Dos cibernautas às redes. Em J. Segata & T. Rifiotis (Orgs.), *Políticas etnográficas no campo da cibercultura*. Letradágua.
- Segata, J., & Rifiotis, T. ([s.d.]). *Políticas Etnográficas no Campo da Cibercultura*.
- Seidl, E. (2014). Notas sobre ativismo juvenil, capital militante e intervenção política. *Política & Sociedade*, 13(28). <https://doi.org/10.5007/2175-7984.2014v13n28p63>
- Sénac, R. (2021a). IV. La radicalité fluide: Point de jonction entre le « quoi » et le « comment » des mobilisations. Em *Radicales et fluides* (p. 179–219). Presses de Sciences Po; Cairn.info. <https://www.cairn.info/radicales-et-fluides--9782724637809-p-179.htm>
- Sénac, R. (2021b). *Radicales et fluides. Les mobilisations contemporaines*. Presses de Sciences Po; Cairn.info. <https://www.cairn.info/radicales-et-fluides--9782724637809.htm>
- Senkevics, A. (2013). *Mulheres e feminismo no Brasil: Um panorama da ditadura à atualidade*. Ensaio de gênero. <https://ensaiosdegenero.wordpress.com/2013/07/11/mulheres-efeminismo-no-brasil-um-resumo-da-ditadura-a-atualidade>
- Setton, M. da G. J. (2002). A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: Uma leitura contemporânea. *Revista Brasileira de Educação*, 60–70. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000200005>
- Siapera, E. (2016). Chapitre 8. Les dilemmes du journalisme: Les défis d'internet pour le professionnalisme et la pérennité des médias. Em O. Andreotti, *Le journalisme à l'épreuve* (p. 241–280). Conseil de l'Europe; Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/europ.andr.2016.01.0241>
- Silva, A. B. R. (2017). *Comunicação e Gênero: As narrativas dos movimentos feministas contemporâneos*. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Silva, D. C. (2012). Participação política, formas de atuação e trajetórias sociais: Um estudo sobre o militantismo em causas educacionais em Paulo Afonso-BA. *Em Tese*, 9(2). <https://doi.org/10.5007/1806-5023.2012v9n2p14>
- Silva, M. V. da. (2010). *Masculino, o gênero do jornalismo: Um estudo sobre os modos de produção das notícias*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

- Silva, S. M. V. da. (2000). Os estudos de gênero no Brasil: Algumas considerações. *Biblio3W Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*.
<https://doi.org/10.1344/b3w.5.2000.24854>
- Simon, P. (2014). La question des statistiques ethniques en France. Em *Migrations et mutations de la société française* (p. 297–306). La Découverte; Cairn.info.
<https://doi.org/10.3917/dec.poins.2014.01.0297>
- Smyrnaiois, N. (2017). *Les GAFAM contre l'internet: Une économie politique du numérique* (1er édition). Institut National de l'Audiovisuel.
- Sohn, A.-M., & Thelamon, F. (1998). *L'Histoire sans les femmes est-elle possible ?* Perrin; Cairn.info. <https://www.cairn.info/l-histoire-sans-les-femmes-est-elle-possible--9782262014742.htm>
- Sommier, I. (2015). Sentiments, affects et émotions dans l'engagement à haut risque. *Terrains/Théories*, 2. <https://doi.org/10.4000/teth.236>
- Sommier, I. (2020). Émotions. Em *Dictionnaire des mouvements sociaux: Vol. 2e éd.* (p. 217–225). Presses de Sciences Po; Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/scpo.filli.2020.01.0217>
- Sousa, A. L. N. de. (2017). Video Activism: Digital Practices to Narrate Social Movements during the Fifa World Cup (2014). *Brazilian Journalism Research*, 13(1).
<https://doi.org/10.25200/BJR.v13n1.2017.898>
- Souza, A. de M. P. de. (2016). *Modulações militantes por uma vida não fascista* [Universidade do Estado do Rio de Janeiro]. <https://www.bdttd.uerj.br:8443/handle/1/15162>
- Spinoza, B. (2009). *Ética*. Pgrego.
- Stacey, J. (1988). Can there be a feminist ethnography? *Women's Studies International Forum*, 11(1), 21–27. [https://doi.org/10.1016/0277-5395\(88\)90004-0](https://doi.org/10.1016/0277-5395(88)90004-0)
- Strauss, A. (1978). A Social World Perspective. Em N. Denzin (Org.), *Studies in Symbolic Interaction. Greenwich* (Vol. 1, p. 119–128). JAI Press.
- Strauss, A. (1982). Social worlds and legitimation processes. *Studies in Symbolic Interaction*, 4, 171–190.
- Strauss, A. (1992). *Miroirs et masques. Une introduction à l'interactionnisme*. Editions Métailié.

- Strauss, A. L., Schatzman, L., Bucher, R., Ehrlich, D., & Sabshin, M. (1964). *Psychiatric Ideologies and Institutions*. The Free Press.
- Taylor, V. (1989). Social Movement Continuity: The Women's Movement in Abeyance. *American Sociological Review*, 54(5), 761–775. <https://doi.org/10.2307/2117752>
- Teixeira, L. (2018). Tem muito migrante chegando no Brasil? Na verdade, não! *Uol*.
<https://www.uol/noticias/especiais/imigrantes-brasil-venezuelanos-refugiados-media-mundial.htm>
- Thébaud, F. (2005). Un féminisme d'État est-il possible en France? L'exemple du Ministère des Droits de la femme, 1981-1986. Em I. Coller, H. Davies, & J. Kalman, *French History and Civilization. Papers from the Gerorge Rudé Seminar* (Vol. 1, p. 236–246). University of Melbourne. <https://h-france.net/rude/vol1/thebaud1/>
- Thébaud, F. (2014). Le privé est politique. Féminismes des années 1970. Em M. Pigenet, *Histoire des mouvements sociaux en France* (p. 509–520). La Découverte; Cairn.info.
<https://doi.org/10.3917/dec.pigen.2014.01.0509>
- Thérenty, M.-È. (2010). La vie des femmes: La presse féminine aux XIXe et XXe siècles. Em H. Eck & C. Blandin, *Clio. Femmes, Genre, Histoire* (36). Éditions Belin.
<https://journals.openedition.org/clio/10899>
- Thompson, J. B. (2005a). La nouvelle visibilité. *Réseaux*, 129–130(1–2), 59–87. Cairn.info.
<https://www.cairn.info/revue-reseaux1-2005-1-2-page-59.htm>
- Thompson, J. B. (2005b). The New Visibility. *Theory, Culture & Society*, 22(6), 31–51.
<https://doi.org/10.1177/0263276405059413>
- Tijou, B. (2004). Les paradoxes du voile. *Vacarme*, 27(2), 109–116. Cairn.info.
<https://doi.org/10.3917/vaca.027.0109>
- Tilio, R. C. (2009). Reflexões acerca do conceito de identidade. *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades*, 1(1). <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/reihm/article/view/529>
- Tilly, C. (2005). Contentious Repertoires in Great Britain, 1758–1834. *Repertoires and Cycles of Collective Action*, 17(2), 253–280. <https://doi.org/10.1017/S0145553200016849>
- Tilly, C. (2008). *Contentious Performances* (1er édition). Cambridge University Press.

- Torres, J. H. R. (2012). Aborto e legislação comparada. *Ciência e Cultura*, 64(2), 40–44.
<https://doi.org/10.21800/S0009-67252012000200017>
- Tosold, L. (2012, abril 27). *Emoções e performance: Contribuições da teoria feminista para o entendimento da ação coletiva*. o II Seminário Discente da Pós-Graduação em Ciência Política da USP, São Paulo.
- Traïni, C., & Siméant-Germanos, J. (2009). Introduction. Pourquoi et comment sensibiliser à la cause ? Em *Émotions... Mobilisation !* (p. 11–34). Presses de Sciences Po; Cairn.info.
<https://doi.org/10.3917/scpo.train.2009.01.0011>
- Travancas, I. (2011). *O mundo dos jornalistas* (Edição revista). Summus Editorial.
- Travancas, I. (2012). Fazendo etnografia no mundo da comunicação. Em A. Barros & J. Duarte (Orgs.), *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação* (p. 98–109). Atlas.
- Tredan, O. (2011). A construção dos públicos na internet, dos grupos de pares às novas legitimidades culturais. *ALCEU*, 11(22), 5–25.
- Tredan, O. (2012). *Les mondes du blog: Contribution à l'analyse du phénomène des blogs en France* [These de doctorat, Rennes 1]. <https://www.theses.fr/2012REN1G028>
- Trento, A. (2022). *Do outro lado do Atlântico: Um século de imigração italiana no Brasil*. Editora Unesp.
- Tripp, D. (2005). Pesquisa-ação: Uma introdução metodológica. *Educação e Pesquisa*, 31(3), 443–466. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022005000300009>
- Unruh, D. R. (1980). The Nature of Social Worlds. *The Pacific Sociological Review*, 23(3), 271–296. <https://doi.org/10.2307/1388823>
- Van Dijck, J. (2013). *The Culture of Connectivity: A Critical History of Social Media*.
- Vandenbergh, F. (2017Bourdieu). *Ser ou não ser afetado*. Labemus – Laboratório de estudos de teoria e mudança social. <https://blogdolabemus.com/2017/11/02/debate-ser-ou-nao-ser-afetado-por-frederic-vandenbergh/>
- Verdejo, M. E. (2006). *Diagnóstico rural participativo: Guia prático DRP* (p. 62). MDA/Secretaria de Agricultura Familiar.
- Vergès, F. (2019). *Un féminisme décolonial* (1er édition). La Fabrique.

- Vergès, F. (2020). *Um feminismo decolonial*. Ubu Editora.
- Víctora, C., & Coelho, M. C. (2019). A antropologia das emoções: Conceitos e perspectivas teóricas em revisão. *Horizontes Antropológicos*, 25(54), 7–21. <https://doi.org/10.1590/s0104-71832019000200001>
- Vidal, C., & Colin, C. (2021). Chapitre 1. Genre et neurosciences cognitives: Développement du cerveau et plasticité cérébrale. Em *Les psychologies du genre* (p. 17–39). Mardaga; Cairn.info. <https://www.cairn.info/les-psychologies-du-genre--9782804709358-p-17.htm>
- Viennot, É., & Wiels, J. (2019). Être féministe en 2020 ou Comment faire face au succès ? *Diogène*, 267–268(3–4), 9–27. Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/dio.267.0009>
- Viet, N. (2017, setembro 28). *Pourquoi George Sand s'appelle-t-elle "George Sand" ?* France Inter. <https://www.radiofrance.fr/franceinter/pourquoi-george-sand-s-appelle-t-elle-george-sand-7247894>
- Vindt, G. (2021). *Introduction / Du coq rouge aux Gilets jaunes* (p. 3–12). La Découverte; Cairn.info. <https://www.cairn.info/histoire-des-revoltes-populaires-en-france--9782348058936-p-3.htm>
- Vos, R. O. (2007). Defining sustainability: A conceptual orientation. *Journal of Chemical Technology & Biotechnology*, 82(4), 334–339. <https://doi.org/10.1002/jctb.1675>
- Vuattoux, A. (2013). Penser les masculinités. *Les Cahiers Dynamiques*, 58(1), 84–88. Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/lcd.058.0084>
- Warren, C. A. B. (1974). *Identity and community in the gay world*. John Wiley & Sons.
- Watson, R. (2001). Continuité et transformation de l'ethnométhodologie. Em *L'ethnométhodologie* (p. 15–29). La Découverte; Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/dec.forne.2001.01.0015>
- Weeks, J. (1990). The value of difference. Em J. RUTHERFORD, *Identity: Community, Culture, Difference* (p. 88–100). Lawrence & Wishart. <https://lwbooks.co.uk/product/identity-community-culture-difference>
- Wharton, A. S. (2004). Femmes, travail et émotions: Concilier emploi et vie de famille. *Travailler*, 12(2), 135–160. Cairn.info. <https://doi.org/10.3917/trav.012.0135>

- Wilk, J. (2010). Vers une homogénéisation des identités professionnelles des journalistes ? Em *Le journalisme au féminin: Assignations, inventions, stratégies* (p. 93–116). Presses Universitaires Rennes.
- Winch, R. R. (2017). *O campo jornalístico por Pierre Bourdieu*. *Jornalismo em discussão*.
<https://jornalismoemdiscussao.wordpress.com/2017/03/31/o-campo-jornalístico-por-pierre-bourdieu/>
- Woitowicz, K. J. (2014). A resistência das mulheres na ditadura militar brasileira: Imprensa feminista e práticas de ativismo. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, 11(1), 104–177.
<https://pt.scribd.com/document/523976298/A-resistencia-das-mulheres-na-ditadura-militar-brasileira-imprensa-feminista-e-praticas-de-ativismo>
- Wolf, N. (1992). *O Mito Da Beleza* (1ª edição). Rocco.
- Woolf, V. (2014). *Um teto todo seu* (B. N. de Sousa, Trad.; 1ª edição). Tordesilhas.
- Zago, G. da S. (2012). Trolls e Jornalismo no Twitter. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, 9(1).
<https://doi.org/10.5007/1984-6924.2012v9n1p150>
- Zanello, V., & Gomes, T. (2011). Xingamentos masculinos: A falência da virilidade e da produtividade. *Caderno Espaço Feminino*.
- Zanini, D. (2015). *O que é pesquisa etnográfica? Conheça a metodologia* [lbpad]. IBPAD - Instituto Brasileiro de Pesquisa e Análise de Dados. <https://ibpad.com.br/comunicacao/o-que-e-pesquisa-etnografica/>
- Zelizer, B. (1993). Os jornalistas enquanto comunidade interpretativa. *Revista de Comunicação*.
Revista de Comunicação e Linguagens, 27, 33–61.

Apêndices

Apêndice A

E-mail para contatar midiativistas e pessoal de apoio

Olá!

Espero que você esteja bem e com saúde.

Meu nome é Mariana, sou jornalista e faço doutorado na Universidade de Brasília.

Pesquiso mídias independentes feministas. Por isso, estou entrando em contato com colaboradoras de iniciativas como a [inserir nome da mídia]. Quero compreender o que motiva as pessoas que participam ou que já participaram do projeto a colaborarem com a iniciativa. Gostaria de conversar com você para ouvir a sua perspectiva sobre o assunto. Você topa falar comigo?

Só para esclarecer melhor o estudo: a minha pesquisa é sobre o mundo social do midiativismo feminista. Tento compreender o que leva as colaboradoras a trabalharem em iniciativas que fazem jornalismo da perspectiva feminista. Como é uma pesquisa qualitativa, de metodologia etnográfica, busco ouvir pessoas que desenvolvem diferentes atividades dentro do projeto. A ideia é tentar entender mais a história pessoal e profissional das colaboradoras do que a iniciativa em específico.

Faço perguntas sobre a trajetória profissional e pessoal da entrevistada, sobre como é a relação da pessoa com o feminismo e sobre a dinâmica das atividades que ela desenvolve no trabalho.

Vai ser muito legal e enriquecedor para a pesquisa poder te ouvir!

Ah! Se quiser dar uma olhada no meu Lattes, o link é: http://lattes_cnpq.br/74123080170244

16.

Aguardo o seu retorno!

Muito obrigada.

Apêndice B

E-mail para contatar leitoras e leitores

Olá! Tudo bem?

Desculpa mandar mensagem no seu perfil pessoal.

Meu nome é Mariana, sou jornalista e estudante de doutorado na Universidade de Brasília.

Pesquiso mídias independentes feministas. O objetivo da minha tese é tentar entender como é construído o jornalismo feminista. Para isso, estou entrando em contato com colaboradoras e com leitoras de iniciativas como a [inserir nome da mídia].

Quero compreender o que motiva as pessoas que acompanham esse trabalho a lerem e interagirem os conteúdos.

Ao fazer meu diário de campo, notei que você interage com a publicação feminista e com as postagens dessa. Gostaria de conversar com você para ouvir a sua perspectiva sobre o assunto.

Você topa falar comigo?

É só me indicar o melhor dia e horário para você e eu te ligo (pode ser por ligação convencional ou via chamada por WhatsApp, fica a seu critério).

Ah! Se quiser dar uma olhada no meu lattes, o link é:

<http://lattes.cnpq.br/7412308017024416>.

Muito obrigada!

Apêndice C

Roteiro de entrevista – redatoras ou colunistas

Perguntas gerais

- Gênero
- Estado (onde mora)
- Idade³²²
- Profissão
- Formação

Perguntas profissionais

1. Você pode relatar a sua trajetória profissional até o seu ingresso no projeto de mídia feminista independente?
2. Por que você decidiu trabalhar para uma iniciativa que faz jornalismo feminista?
3. Financeiramente, essa é uma escolha viável para você?
4. O que tem de diferente entre a iniciativa feminista e o seu trabalho anterior?
5. Quais são as semelhanças entre o trabalho anterior e o trabalho na iniciativa feminista?
6. Você gosta do que faz?
7. Como você avalia a sua trajetória profissional até o momento?

Perguntas do âmbito pessoal

8. Como o trabalho afeta a sua vida familiar?
9. A sua visão sobre o feminismo mudou depois que você começou a trabalhar com jornalismo feminista?
10. A sua relação com a/o sua/seu parceiro mudou?

³²² Perguntar a idade das pessoas é um elemento que estava previsto nos roteiros de entrevista inicialmente, mas que, com o desenrolar das conversas, percebi que podia deixar parte das(os) entrevistadas(os) desconfortáveis, de modo que preferi retirar a pergunta direta e deixar que as pessoas trouxessem essa informação espontaneamente ao longo da interação.

11. Como você se sente quando desenvolve atividades para a iniciativa feminista?
12. Como você acredita que suas atividades contribuem para a manutenção da iniciativa?
13. Como lidar com pautas delicadas, como violência contra a mulher, afeta a sua rotina?
14. Como você acha que o seu trabalho atinge a sociedade?

Questões sobre feminismo

15. Você é feminista? Por quê?
16. O que é ser feminista para você?
17. Quando e como você descobriu que tinha afinidades com a pauta feminista?
18. Você participa(ou) de grupos/coletivos de militância feminista? Qual(is)? Como é/foi?
19. Você se sente, de alguma forma, acuada por se identificar com a causa feminista?
20. Você já sofreu ameaças ou algum tipo de violência por se alinhar com o feminismo?

Questões relativas à dinâmica de trabalho na iniciativa midiativista feminista

21. O que te motiva a trabalhar para a iniciativa de jornalismo feminista?
22. Como é um dia típico de trabalho?
23. Quais são as tarefas que você desenvolve e como você se organiza para executá-las?
24. Com quem você interage no seu dia a dia?
25. Como é a distribuição de tarefas entre a equipe? Há reuniões de pauta? Há metas de produção de conteúdo?
26. A iniciativa possui um espaço físico para o desenvolvimento dos trabalhos?
27. Como são organizados os horários de trabalho?
28. Como é a sua relação com as colegas que também atuam para a iniciativa?
29. Como é relação da equipe com as fontes?
30. O que você faz é jornalismo?
31. Para quem você escreve? Qual o perfil do seu leitor?

32. Quem são as pessoas responsáveis pela parte de manutenção do site, construção e atualização da página, postagens em mídias sociais, coleta de verbas e financiamento para manter a iniciativa? Vocês têm contato? Como é essa relação?
33. A iniciativa possui haters? Como é a relação com eles?
34. Como é a relação da equipe com outros grupos de mídias independentes e de midiativismo feminista?
35. O que te gera mais satisfação no trabalho?
36. O que te gera mais insatisfação no trabalho?
37. Qual é o papel da tecnologia e da internet no desenvolvimento das atividades do grupo?
38. Na sua opinião, o que faz com que a iniciativa siga existindo?
39. Como a pandemia se refletiu no trabalho de vocês?
40. Na sua opinião, quais os impactos da pandemia para o movimento feminista?
41. Como a iniciativa lida com a atual conjuntura de ampla disseminação de notícias falsas?
42. Na sua opinião, como as notícias falsas afetam o movimento feminista?

Apêndice D

Roteiro de entrevista – membro da equipe de apoio

Perguntas gerais

- Gênero
- Estado (onde mora)
- Idade³²³
- Profissão
- Formação

Perguntas profissionais

1. Você pode relatar a sua trajetória profissional até o seu ingresso no projeto de mídia feminista independente?
2. Por que você decidiu trabalhar para uma iniciativa que faz jornalismo feminista?
3. Financeiramente, essa é uma escolha viável para você?
4. O que tem de diferente entre a iniciativa feminista e os seus outros trabalhos?
5. Quais são as semelhanças entre o trabalho para a iniciativa feminista e os outros?
6. Você gosta do que faz?
7. Como você avalia a sua trajetória profissional até o momento?

Perguntas do âmbito pessoal

8. Como o trabalho afeta a sua vida familiar?
9. A sua visão sobre o feminismo mudou depois que você começou a trabalhar com jornalismo feminista?
10. A sua relação com a/o sua/seu parceiro mudou?
11. Como você se sente quando desenvolve atividades para a iniciativa feminista?

³²³ Ver nota de rodapé 322.

12. Como você acredita que suas atividades contribuem para a manutenção da iniciativa?
13. Como lidar com pautas delicadas, como violência contra a mulher, afeta a sua rotina?
14. Como você acha que o seu trabalho atinge a sociedade?

Questões sobre feminismo

15. Você é feminista? Por quê?
16. O que é ser feminista para você?

Para quem responde sim para a questão 11:

17. Quando e como você descobriu que tinha afinidades com a pauta feminista?
18. Você participa(ou) de grupos/coletivos de militância feminista? Qual(is)? Como é/foi?
19. Você se sente, de alguma forma, acuada por se identificar com a causa feminista?
20. Você já sofreu ameaças ou algum tipo de violência por se alinhar com o feminismo?

Questões relativas à dinâmica de trabalho na iniciativa midiativista feminista

21. O que te motiva a trabalhar para a iniciativa de jornalismo feminista?
22. Como é um dia típico de trabalho?
23. Quais são as tarefas que você desenvolve e como você se organiza para executá-las?
24. Com quem você interage no seu dia a dia?
25. Como é a distribuição de tarefas entre a equipe?
26. Como se dá a dinâmica de cooperação entre a equipe?
27. Qual é a importância das atividades que você desenvolve para o grupo como um todo?
28. A iniciativa possui um espaço físico para o desenvolvimento dos trabalhos?
29. Como são organizados os horários de trabalho?
30. Como é a sua relação com as outras pessoas que também atuam para a iniciativa?
31. Você tem alguma ideia do público dessa iniciativa? Para quem ela se dirige na sua opinião?
32. A iniciativa possui *haters*? Como é a relação do grupo com eles?

33. Como é a relação da equipe com outros grupos de mídias independentes e de midiativismo feminista?
34. O que te gera mais satisfação no trabalho?
35. O que te gera mais insatisfação no trabalho?
36. Qual é o papel da tecnologia e da internet no desenvolvimento das atividades do grupo?
37. Na sua opinião, o que faz com que a iniciativa siga existindo?
38. Como a pandemia se refletiu no trabalho de vocês?
39. Na sua opinião, quais os impactos da pandemia para o movimento feminista?
40. Como a iniciativa lida com a atual conjuntura de ampla disseminação de notícias falsas?
41. Na sua opinião, como as notícias falsas afetam o movimento feminista?

Apêndice E

Roteiro de entrevista – público

Perguntas gerais

- Gênero
- Estado (onde mora)
- Idade³²⁴
- Profissão
- Escolaridade

Questões sobre feminismo

1. Você se considera feminista? Por quê?
2. O que é ser feminista para você?

Para quem responde sim para a questão 11:

3. Quando e como você descobriu que tinha afinidades com a pauta feminista?
4. Como essa identificação com o feminismo afetou a sua vida?
5. Você participa(ou) de grupos/coletivos de militância feminista? Qual(is)? Como é/foi?
6. Você se sente, de alguma forma, acuada por se identificar com a causa feminista?
7. Você já sofreu ameaças ou algum tipo de violência por se alinhar com o feminismo?
8. Você convive com outras pessoas que partilham do seu ponto de vista? Como é a relação com essas pessoas?
9. Como a identificação com essa causa se reflete na sua convivência com a família?
10. E como se reflete na sua convivência com amigos(as)?
11. E no ambiente de trabalho?
12. Como você acha que a mídia, no geral, aborda a temática da violência contra a mulher?

³²⁴ Ver nota de rodapé 322.

13. A mídia trata do machismo estrutural na sociedade? Se sim, como?

14. E como a mídia aborda a temática da descriminalização do aborto?

15. E a posição das mulheres no mercado de trabalho?

Questões relativas à iniciativa midiativista feminista

16. O que te motiva a acompanhar o trabalho da iniciativa de jornalismo feminista?

17. Quando e como você conheceu a iniciativa? E como começou a acompanhar o trabalho?

18. Você também lê/assiste/escuta conteúdos de outras iniciativas semelhantes?

19. Por qual dispositivo você acessa os conteúdos da iniciativa midiativista feminista?

20. Como você acessa esse conteúdo (portal, mídias sociais)?

21. De onde você acessa (casa, trabalho, rua)? Com que frequência? E em quais dias e horários você costuma acessar?

22. Você pode citar alguma matéria/conteúdo que te marcou?

23. Quais diferenças você vê entre a cobertura dessa iniciativa e a da mídia tradicional?

24. E quais semelhanças você vê entre as duas coberturas?

25. Você considera que a iniciativa interage com o público? Por quê?

26. Você costuma interagir com a iniciativa (por comentários, compartilhamentos)?

27. Quais características positivas dessa iniciativa você destacaria? Por quê?

28. E quais características negativas você destacaria? Por quê?

29. Durante a pandemia, você passou a acompanhar mais ou menos a iniciativa? Por quê?

30. Na sua opinião, quais os impactos da pandemia para a iniciativa midiativista feminista e/ou para iniciativas semelhantes?

31. Enquanto leitor(a), como você lida com a atual conjuntura de ampla disseminação de notícias falsas?

32. Na sua opinião, como as notícias falsas afetam a iniciativa midiativista feminista e/ou iniciativas semelhantes?

Apêndice F

Entrevistas com as midiativistas brasileiras

Amanda Célio - colunista *AzMina*

[00:00:01] Entrevistadora: Prontinho! Eu queria que você me contasse um pouquinho da sua trajetória profissional e também sobre a sua trajetória pessoal.

[00:00:07] Entrevistada: É o seguinte: eu fiz Jornalismo, aqui em Uberlândia, na Unitri, Centro Universitário do Triângulo, que é a faculdade mais próxima de jornalismo perto da minha cidade. Não sei se você conhece, mas eu estou na região do Triângulo Mineiro.

[00:00:27] Entrevistadora: Sim, conheço! Eu já passei várias vezes por aí. Eu sou gaúcha, então eu saía de Brasília e ia de carro visitar a família, aí a gente sempre passava por aí, pernoitava.

[00:00:41] Entrevistada: Clássico! Eu fiz Jornalismo na Unitri. Eu sempre quis fazer Jornalismo. Eu tinha algumas dúvidas diárias sobre em quais editorias eu queria atuar. Eu nunca cheguei a uma conclusão. Comecei pensando em fazer jornalismo político; comecei pensando em fazer jornalismo esportivo. Jornalismo feminista não estava nos meus planos, nem cobrir pautas de gênero e tudo mais. Acabou que eu sempre trabalhei com essas duas pautas ao mesmo tempo: Política e Esportes. Mas eu comecei em assessoria de imprensa, na condição de precisar trabalhar e me movimentar. Foram essas as primeiras oportunidades que eu tive, a assessoria. Depois eu entrei como repórter no jornal Correio de Uberlândia, que era o jornal da cidade. Dentro do jornal, eu comecei a cobrir pautas de polícia, política e várias editorias. Acaba que a gente não consegue ficar em uma editoria só. Mas eu sempre gostava de cobrir Política e Esportes. Sempre que tinha alguma coisa de esporte... Eu sempre fui ligada ao esporte. Minha família gosta muito de futebol, alguns jogam, então eu sempre via os jogos com o meu pai e acompanhava. Eu era sempre uma das únicas mulheres nos jogos. Eu xingava o juiz, brigava. Eu sempre tive essa relação com esporte e com o futebol, aqui na minha cidade.

[00:02:35] Entrevistadora: Na *AzMin*a você escreve mais sobre esporte, né?

[00:02:38] Entrevistada: Sim, sim. Essa é a minha relação. Ficavam pedindo para eu sempre cobrir matérias de esportes. Em uma época, eu comecei a fazer assessoria de imprensa para o Esporte Clube, dentro de uma empresa de assessoria em que eu trabalhava também. Eu estava no Correio, mas jornalista sempre tem várias profissões, vários empregos. Então, eu trabalhava na assessoria, eu trabalhava no jornal. Dentro dessa assessoria, eu atendi o Esporte Clube. Foi muito legal! Isso também intensificou a minha relação com o esporte. Eu sempre pedia para os meus editores para eu cobrir pautas de esporte dentro do Correio. Um fato que me marcou muito foi quando um dos colunistas pediu para sair, porque ele não queria mais escrever sobre isso - claro, não tinha nenhuma jornalista mulher escrevendo sobre esporte no jornal - e eu pedi uma oportunidade para eu escrever, porque tinha outros repórteres que eram colunistas. Aí, o editor de esportes, que na época era o Luiz Figueira, falou: "Claro! Eu acho genial! Vamos fazer um piloto. Faz um texto". Na época, o meu marido me ajudou também, porque ele gostava muito de esportes. A gente pensou tudo aquilo junto, fizemos um texto, enviei para o Luiz e o Luiz gostou. Ele falou: "Agora a gente vai enviar para o editor, para ver se ele te dá esse espaço". Ele não me deu, acho que única e exclusivamente por eu ser mulher. Para ele, eu estar naquele espaço não fazia sentido. Aí, eu acho, é o primeiro momento que me começa a despertar uma questão feminista. "Como assim 'eu não'?", "Por que eu não posso escrever sobre esportes?".

[00:04:42] Entrevistadora: Eu vi que, na sua descrição para a revista, você colocou que começa a se identificar com o feminismo depois de receber vários não.

[00:04:50] Entrevistada: Exato! Eu fiquei puta - a palavra é essa. Eu fiquei revoltada! Eu fazia muitas matérias, infelizmente, de feminicídios, de estupro, cobrindo polícia. Aquilo foi me despertando algo que eu acho que sempre teve em mim, que eu não compreendia muito bem. Eu comecei a querer estudar mais sobre feminismo, a entender mais o que essas relações de poder atrapalhavam e o que estava acontecendo. O jornal estava quase fechando. Eu e uma amiga tivemos uma ideia de fazer um especial sobre violência doméstica - foi o primeiro que teve no jornal. A gente trabalhava na equipe do online. Uma equipe muito

grande do online se mobilizou para fazer esse especial. Com isso, eu conheci a *Think Olga*. Na época, elas estavam lançando a campanha Chega de Fiu Fiu. Foi tudo nessa época, há uns seis ou oito anos, talvez. Isso também me despertou: “Cara, eu também me identifico muito com essa área de gênero e feminismo. Eu quero estudar mais sobre isso. Acho que lugar de mulher é onde ela quer”. E fui aflorando esse meu lado militante. Eu tinha amigas que já estavam mais à frente desse movimento e que me ensinavam. Eu fui me empoderando, em um ciclo muito pequeno e com o que eu podia. Minha ex-cunhada, que morava em São Paulo e já tinha morado fora, tinha outra cabeça, ela sempre me puxava também e me apresentava livros, me apresentava coisas. Na época, o meu ex-marido morava em São Paulo, então eu tinha essa coisa de ir muito à São Paulo e beber de outras fontes. Isso tudo foi me despertando para essa área também. Nesse momento, o jornal fecha, eu fico desempregada. Meu ex-marido estava nesse processo de estudar para o doutorado. A gente queria ir para o Rio de Janeiro. Isso acontece um ano depois. Nesse ano sabático, eu falei: “Vou tirar um ano sabático para repensar a minha carreira”. Eu estava envolvida com o feminismo, então: “Eu quero estudar mais sobre o feminismo”. Então comprei livros. Sem emprego, aparece o concurso da Revista *AzMina* de bolsa de reportagem, que foi o primeiro que teve. Eu tinha uma pauta muito antiga, que eu queria fazer há um tempo. Quando eu fiz uma viagem com a minha família para Porto Seguro, nós fomos de van. Na época, eu não sabia que não podia usar esse nome (com a matéria eu aprendi), mas tinha muita prostituição infantil nas rodovias, nas estradas. Aquilo me despertou: “Cara, o que é isso? Que bizarro!”. Eu nunca tinha visto isso! Eu estava no primeiro ou no segundo ano de faculdade. Eu falei: “Bom, um dia eu quero fazer uma matéria sobre isso”. Aí caiu no meu colo essa ficha. “Caralho! Eu quero me inscrever com essa pauta”, que era investigar a exploração de crianças e adolescentes nas rodovias de Minas. Eu escrevi essa pauta e passei no concurso. Aí começa a minha relação com a revista. Eu fui a única de Minas. Elas também queriam muito sair dessas pautas de Rio e São Paulo. Aí, eu investigo esse tema durante nove meses, faço essa matéria investigativa (é a primeira vez que eu me aprofundo mais em jornalismo investigativo). Aí, eu acho que eu estou nessa fase de jornalismo investigativo, político,

feminista, e começo a entender como funciona uma mídia independente, porque, para a gente conseguir essa bolsa, nós tivemos que fazer “vaquinha”. A gente teve que pedir financiamento. Então, eu começo, de porta em porta, pedindo um real, cinco reais. Eu começo a ir em empresas de Uberlândia, para falar: “Me dá dinheiro, porque eu preciso financiar essa bolsa”. Era para ganhar cinco mil reais, o que mal cobria os meus custos e eu ia ter que rodar várias partes de Minas. Eu começo a entender a potência do jornalismo independente e como aquilo fez sentido para a minha vida e como aquilo era o que eu acreditava. Tinha tantas mulheres envolvidas... Puts! Acho que o meu ar está aberto e está fazendo barulho.

[00:09:47] Entrevistadora: Não dá para escutar aqui, não.

[00:09:48] Entrevistada: Não?

[00:09:49] Entrevistadora: Não.

[00:09:51] Entrevistada: Espera aí, que agora eu te perdi. Cadê você? Eu começo a ver essa potência em torno do jornalismo independente, do jornalismo independente feminista, de como funciona uma mídia independente. Eu gosto muito disso, me encanto muito por isso, faço matéria, arregacei as mangas mesmo, fiquei junto com as meninas, fiz vídeo pedindo apoio. No meu aniversário, que era perto do financiamento, pedi de presente para todo mundo dinheiro – um real, dois reais. Se você olhar no meu Instagram, lá embaixo, só vai ver isso. “Oi. Já ouviu falar sobre a Revista AzMina hoje?”, “Oi. Eu sei que você não me aguenta mais...”.

[00:10:36] Entrevistadora: Isso foi em que ano, Amanda?

[00:10:37] Entrevistada: Em 2018 ou 2019. Acho que foi em 2018.

[00:10:41] Entrevistadora: É interessante, na sua fala - você está contando agora da sua relação com o jornalismo independente -, quando você fala de você trabalhando na mídia hegemônica, você também parece satisfeita e apaixonada pelo jornalismo, mesmo estando no jornalismo tradicional. Muitas vezes, nos discursos das entrevistadas, surge essa insatisfação com o espaço da mídia hegemônica. Elas dizem que não se encontram mais, enquanto jornalistas tradicionais. Você parece que não vivenciou muito isso - ou vivenciou?

[00:11:14] Entrevistada: Sim, principalmente depois desses nãos que eu recebi. Eu não tinha muito espaço para fazer o que eu gostaria de fazer, que era escrever sobre esportes, ter uma coluna. Eu tinha várias decepções, principalmente porque o Jornal Correio era muito conservador – era de um grupo empresarial. O problema é que eu gosto muito de jornalismo, então, onde eu estou é maior do que essas críticas. Então, eu acho que, no Correio, existiam todas essas insatisfações, mas, ao mesmo tempo, quando eu tinha um espaço para fazer, eu fazia, quando eu conseguia fazer o jornalismo ou algo que eu acreditava.

[00:11:57] Entrevistadora: Esse seu relato transmite muito isso, que você tem essa paixão pelo jornalismo.

[00:12:06] Entrevistada: É! Nesse momento, eu tenho esse encontro com a Revista *AzMina*, que é muito bonito, faço essa matéria e a gente não encerra ali. Eu crio uma relação com as meninas de querer escrever mais sobre mulheres na política. Na época, foi logo o ano [da eleição] do Bolsonaro, então eu escrevi muitas matérias sobre mulheres na política, sobre o espaço das mulheres, sobre partido. Depois, eu testo essa oportunidade de escrever sobre esporte também. Não tinha essa colunista de esportes e gênero - inclusive, no Brasil, é uma coisa que tem poucas mulheres que escrevem sobre esporte e gênero. Não é que existem poucas mulheres que entendem de esporte e que cobrem esporte e gênero, mas eu acho que é uma questão estrutural, machista, de que a gente nunca é incentivada a escrever sobre esportes. Quando é, é um rosto bonito no Esporte Espetacular, como a Fernanda Gentil, que entende de futebol e, com certeza, já passou por muitas situações machistas. Mas eu acho que ainda falta muito essa figura dessa mulher jornalista, que intensifique pautas em relação a gênero, dentro do esporte também. Acho que isso não é culpa das mulheres. É uma questão estrutural, do machismo. Esses são os meus passos iniciais na Revista *AzMina*. Depois, eu me mudo para o Rio, volto a trabalhar com assessoria, por uma questão de que precisava mesmo. Começo a trabalhar com o Grupo Petrópolis. Depois, surge a oportunidade de ir para o *Greg News*, que é onde eu estou, na terceira temporada.

[00:14:14] Entrevistadora: Você está participando da terceira ou você participou das outras?

[00:14:17] Entrevistada: Mentira! É a terceira temporada que eu participo.

[00:14:21] Entrevistadora: Já são quantas temporadas?

[00:14:22] Entrevistada: Cinco.

[00:14:24] Entrevistadora: Gente, tudo isso? Eu acompanho sempre, mas eu não tinha me tocado que já tinha tanto tempo.

[00:14:30] Entrevistada: É! Eu estou no *Greg News*, que é um espaço onde a gente está discutindo pautas humanitárias, machismo. Enfim, nós temos muitas mulheres na equipe. A nossa diretora é mulher e a minoria é homem. É um ambiente muito legal e não é uma mídia hegemônica. Eu gosto bastante de trabalhar lá. E tem a Revista *AzMina*. Eu estou com muitos empregos ultimamente, porque eu estou no *Greg News*... Esse ano que comecei a fazer o roteiro do *podcast* da Revista *Maré*, que é uma ONG do Rio de Janeiro, do Complexo da Maré (a Maré é um complexo de favelas do Rio de Janeiro - são 16 favelas). A Revista *Maré* existe há 20 anos, tem 46 projetos em andamento para os moradores. Na época da pandemia, eles fizeram um *podcast*, que é o “Maré em Tempo de Pandemia”, para alertar e informar os moradores. Esse ano eu entrei como roteirista. A Revista *Maré* também é quem produz o Festival Mulheres no Mundo, que é o maior festival de mulheres no mundo, de feminismo, que começa em Londres. Foi o primeiro da América Latina, no Brasil, em 2018, que aconteceu no Rio de Janeiro. É um festival gigante - são três dias de festival. Eu sou a jornalista desse festival, então eu faço a revista, produzo conteúdo. Com isso - eu até tenho vergonha de falar isso -, tem sete meses que eu não escrevo para a *AzMina*. Eu cobria Olimpíadas e “Hoje eu vou escrever sobre as mulheres que ganharam ouro”, mas eu só consegui escrever para o meu Instagram; eu não consegui transformar aquilo...

[00:16:37] Entrevistadora: Eu vi que você escreveu para o Instagram, mas na revista não tem.

[00:16:41] Entrevistada: Eu estou com muita dificuldade. Acho muito triste comigo. Eu me cobro muito. Eu estou com vergonha!

[00:16:47] Entrevistadora: Mas eu acho que elas super entendem, pelo o que elas me transmitiram. “Cada uma tem sua dinâmica. Elas são colunistas voluntárias, então não tem como contribuir sempre”.

[00:16:58] Entrevistada: Eu fico muito triste, mas é por questão de agenda mesmo que eu não encontrei tempo para escrever sobre milhões de temas, como Olimpíadas e para falar sobre mulheres que participaram dos jogos e que não falaram tanto na mídia. E eu acabei não tendo tempo de falar. Eu não estou conseguindo ter tempo para falar. Eu estou tentando. Vai sair, mas não sei quando. Resumindo, talvez seja isso um pouco da minha carreira.

[00:17:34] Entrevistadora: Eu queria entender também, para você, o que é ser feminista. Você me disse que surgiu essa identificação, a partir do momento que você foi recebendo não dentro da profissão, mas teve alguma situação específica que te fez perceber (“Nossa! Eu acho que eu sou feminista”) e, a partir daquele momento, você começa a se identificar com a causa? Ou não, foi um processo?

[00:18:00] Entrevistada: Eu acho que essa identificação começa depois do “não” que eu recebi como colunista de esporte e depois de fazer o especial de violência doméstica. Ali, várias coisas fizeram sentido na minha cabeça. “Meu Deus! Eu já fiz tantas matérias de feminicídio aqui no Rio. Que horror!”. Depois, fazendo esse especial também, conhecendo o primeiro coletivo - o *Think Olga* - de mulheres e ir a fundo e achar aquilo um máximo... Foi amor à primeira vista. Depois, conhecer a Revista *AzMina* e conhecer outras coisas... Então, esse foi o processo mesmo. Foi a partir do “não” que eu recebi da coluna e, depois, fazendo o especial de violência doméstica no jornal Correio. Assim que a gente faz esse especial, o Jornal Correio fecha e eu tiro esse ano sabático, conheço a Revista *AzMina*, aí eu falo: “Realmente, eu acho que é isso mesmo”. Depois, também, quando todas essas fichas caem, a gente começa a perceber que tudo à nossa volta faz sentido. Por exemplo: a minha avó morreu quando eu tinha 17 anos, com 57 anos, era analfabeta, sem estudos, sem nada. Ali eu percebi o quanto ela era uma inspiração feminista, porque ela tinha uma coisa “brava”, empoderada. Hoje eu me enxergo muito nela. Eu vejo características que estavam nela, que eu acabei reproduzindo e hoje são minhas qualidades, mas que eu também preciso ter um pouco de cuidado, porque às vezes eu sou muito “terrorista”. Você acaba percebendo, à sua volta, que talvez ela sempre tenha sido feminista. Você vai descobrindo através de situação e você se desperta. Mas eu acho que o meio em que eu convivo e em que eu convivi... Como

eu te falei, com a minha cunhada, e com o meu privilégio branco, de poder viajar, de poder estar em São Paulo, de poder estar em conta com outras fontes, tudo contribuiu para que eu conseguisse despertar o meu lado feminista mesmo.

[00:20:30] Entrevistadora: Você falou da sua avó. Eu acho muito bonito como esses laços de ancestralidades com as avós, com as mães e com as bisavós sempre surgem nas histórias e nos discursos. Eles sempre aparecem. Como se deu a sua relação com a família, com os amigos e com as pessoas mais próximas, depois que você passou a se assumir feminista?

[00:20:56] Entrevistada: É uma boa pergunta.

[00:21:02] Entrevistadora: Polêmico?

[00:21:03] Entrevistada: Não, não. Minha família sempre teve a cabeça muito aberta. Eu sou filha única, mas eu sempre impus muito e fiz as minhas vontades. Como eu te falei, ao mesmo tempo fui até extremista, mas sempre fui muito transparente com todo mundo. Acho que, no início, ninguém entendeu muito bem, porque, na verdade, eu também venho de uma cidade do interior que - hoje em dia, não, porque as coisas estão mudando relativamente -, que, em alguns momentos, eu seria o ET da família. “O que é isso?”, “O que é feminista?”, “Existe isso?”, “Mulheres e homens terem direitos iguais?”. Eu já tive muitas brigas. Não com a minha mãe, porque ela sempre me acompanhou e me apoiou - o meu pai também. Meu ex-marido também. Eu acho que talvez tias, primos... Mas acabou que eu consegui doutrinar grande parte da família. É uma coisa que eu me orgulho um pouco. Eu tenho a base bem forte. Acabei convivendo, como eu te falei... O meu meio jornalístico... Eu já convivia com pessoas que tinham uma cabeça, que se identificavam com pautas identitárias, com uma cabeça mais progressista. Logo depois, um ano depois, eu me mudei para o Rio e caí em um ciclo de amizade no Rio com muitas feministas e de pessoas com cabeça muito aberta. Então, eu acho que isso foi naturalizando esse processo, tanto para mim quanto para a minha família. Eu acho que, para eles, eu sempre fui assim: “A Amanda é do mundo”, “A Amanda é doidinha”. Eu acho que eles sempre esperavam alguma coisa diferente. Então, o feminismo, no início, talvez eles tenham estranhado um pouco, mas, hoje em dia, eles curtem, me zoam. Eu já tive uma fase em que eu não me depilava. Minha mãe odiava essa fase. “Pelo amor de

Deus, para ser feminista precisa não depilar o sovaco?”. Eu: “Não! Mas eu quero testar os meus limites. Eu quero entender a minha relação com o corpo, se isso me incomoda ou se não me incomoda, se eu quero ficar ou se eu não quero ficar”. Então, eu fiquei um ano sem me depilar. Isso ninguém aprovou, nem as minhas amigas. Gente, a gente é assim! Por que não é nojento no homem e é nojento na gente? Sempre que meu pai falava, eu dizia: “Então raspa o seu também”. Aconteciam essas situações, mas hoje em dia não. A minha relação com a família sempre foi boa, em relação ao feminismo. Eles aceitam, mas... Ontem eu estava com a minha tia e a gente estava falando de uma amiga que está em uma relação abusiva. “Ela estava nessa relação abusiva porque ela queria”. Uma das minhas primas olhou para mim. “Estou de férias”. Antigamente, eu iria falar: “Ela não está nessa relação abusiva porque ela quer”. Ia dar palestrinha. Mas, ao mesmo tempo, você está entrando em uma coisa moralista. Eu tenho pouco tempo com a minha família. Eu venho muito pouco. Quando eu estou junto, eu quero também estar junto. Hoje em dia, eu estou nessa fase mais *zen*.

[00:24:58] Entrevistadora: A gente vai encontrando os nossos próprios limites.

[00:25:03] Entrevistada: Eu conversava sobre isso ontem com as minhas amigas, sobre como eu me cobro de talvez não ser mais tão militante nas minhas redes sociais. Aí a Gabriela até levantou uma questão se aquilo é para suprir uma imagem que eu também já criei e que eu preciso manter naquele meio, como a Amanda militante e feminista, embora seja também o meu trabalho. Eu estou um pouco nesse conflito, porque eu fico surpresa quando eu recebo uma mensagem sua. Eu recebi de outra estudante também, pedindo um vídeo. Eu acho que eu demorei a responder também por uma questão de insegurança e autossabotagem. “Será que eu sou essa pessoa para falar de feminismo?”.

[00:26:00] Entrevistadora: Claro que você é! Você está no meio, então você conhece.

[00:26:03] Entrevistada: É que às vezes é estranho, para mim. Mas é bom quando a gente está nessa conversa lembrar quem eu sou e como foi - às vezes, a gente quer desistir - difícil chegar até aqui.

[00:26:17] Entrevistadora: Não é fácil estar constantemente nesse meio.

[00:26:20] Entrevistada: Eu estou cansada, mas eu quero escrever tanta coisa e falar tanta coisa. Mas eu sou uma militante cansada. Eu vou comprar um boné, que eu sempre quero comprar, mas eu vou comprar dessa vez, que é “Feminista Exausta”.

[00:26:37] Entrevistadora: Eu acho que todas somos, ainda mais nessa conjuntura de governo Bolsonaro, de potenciais golpes e esse medo constante e a pandemia. Você falou que você conseguiu doutrinar toda a sua família e eu me lembrei de uma figurinha que eu vi ontem, que dizia assim: “Lugar de criança é sendo doutrinado na escola”.

[00:26:56] Entrevistada: Amo!

[00:26:58] Entrevistadora: Também achei maravilhosa. Você já se sentiu acuada por se identificar com a causa feminista? Teve algum momento em que você viveu embates ou algum tipo de violência, de opressão?

[00:27:13] Entrevistada: Sim! Eu nunca me senti acuada, porque eu nunca achei que, nessas situações que aconteceram, eu estava errada. Eu estava sendo vítima de machismo. Mas, sim, já fui ameaçada. Meus dois maridos também já sofreram ameaça. Quando eu fiz a matéria, eu recebi mensagens de ódio, do tipo: “Cara, eu acho que você não tem que fazer essa matéria, porque...”. Nossa, eu vou ter que abrir a porta, porque está muito calor. “Essas crianças sempre estiveram ali e é assim que elas se sustentam. Se elas não se prostituírem, elas não vão ter o que comer. Então, eu acho que você não devia fazer essa matéria”.

[00:28:02] Entrevistadora: Era de pessoas anônimas ou era de perfis identificados?

[00:28:05] Entrevistada: Anônimas. Eu recebi em tom de ameaça mesmo. Eu sempre fui xingada no Twitter. Hoje em dia, não mais, porque eu também estou cansada e tento só retuitar coisas que eu acho interessantes. Mas vez ou outra, quando eu falo, principalmente de esportes, eu recebo ameaças, *haters*.

[00:28:41] Entrevistadora: Isso mexe muito com as masculinidades: mulheres falando de esporte.

[00:28:45] Entrevistada: Para eles, não é um lugar que eu tenha que falar, porque eu não entendo. Recentemente, nas Olimpíadas, quando eu falei sobre... O que era? Acho que a transmissão do *Tá Na Área* estava falando sobre atletas não-binários, falando sobre a

linguagem neutra. Eu só dei a notícia de que, pela primeira vez, uma narradora usou a linguagem neutra para se referir a um atleta não-binário. Eu só escrevi a notícia.

[00:29:28] Entrevistadora: Não comentou?

[00:29:30] Entrevistada: Não. Eu recebi muito *hater*. Não foram ameaças, mas eu fui xingada. Outra vez que aconteceu isso... Só um minutinho.

[00:29:38] Entrevistadora: Claro!

[00:30:00] Entrevistada: Ela me perguntou o que a minha mãe achou quando eu virei feminista. “Eu amo”, ela falou.

[00:30:08] Entrevistadora: Muito bom!

[00:30:13] Entrevistada: O que você falou? Ela ama de todo coração.

[00:30:15] Entrevistadora: Que fofa!

[00:30:23] Entrevistada: Ser feminista não quer dizer isso.

[00:30:25] Entrevistadora: Maravilhosa a sua mãe.

[00:30:29] Entrevistada: Voltando. Nessa eu não recebi ameaças, mas recebi coisas idiotas e mensagens de ódio. O que eu recebi ameaça mesmo e foi muito sério foi quando eu tuitei, na semifinal da Libertadores. Eu estava no Maracanã, com meu ex-marido e meu ex-cunhado. Nós vimos o jogo do Grêmio e do Flamengo e o Flamengo ganhou de cinco a um - alguma coisa assim. O Renato Gaúcho era o técnico do Grêmio. Eu não sou flamenguista (sou corintiana), mas o meu ex-marido era. Eu estava acompanhando ele e estava fazendo a cobertura de mulheres no estádio. No final do jogo, o Renato Gaúcho deu uma declaração assim: “O time do Grêmio estava jogando tão mal que até uma mulher grávida faria gol” - uma coisa assim. Ele deu uma declaração falando sobre mulher grávida ser impotente. Foi uma coisa nesse sentido. Eu tuitei, falando que era um absurdo e que ele era machista, racista. Duas semanas antes disso, ele tinha feito uma entrevista enorme com a Mônica Bergamo, na qual ele fala que não existia racismo no futebol - relativizou o racismo etc. Eu sei da fama do Renato Gaúcho de racista, de machista. Eu tuitei. Teve uma carreira de torcedores do Grêmio. Eu, realmente, fui ameaçada de morte, pegaram a minha cara e que eu ia ter que provar que ele era racista, que ele era homofóbico.

[00:32:31] Entrevistadora: Em que ano foi isso, Amanda?

[00:32:23] Entrevistada: 2019.

[00:32:24] Entrevistadora: 2019? É recente ainda.

[00:32:27] Entrevistada: É recente! Eu tenho uma postagem no meu Instagram - posso mandar também - em que eu “printei” todos os comentários e fiz um texto sobre isso. Era sempre “Isso é falta de mandioca” ou era sempre falando da minha aparência, porque, na época, os meus olhos eram muito fundos (hoje, não, porque eu passei por um procedimento estético) e eu tinha olheiras profundas. Eles falavam das minhas olheiras, falavam que eu era maconheira. Eles foram no perfil do meu ex-marido e viram que ele era torcedor do Flamengo, aí falaram que eu era um jornalista parcial, porque eu era flamenguista e por isso eu estava falando isso, que eu era a escória da humanidade. Eu fui ameaçada. Recebi vários *directs* sendo ameaçada e ameaçaram o meu ex-marido também.

[00:33:24] Entrevistadora: Como você lidou com essa situação? Você chegou a registrar boletim de ocorrência?

[00:33:28] Entrevistada: Na época, eu “printei” tudo. Eu pensei em entrar na justiça. Eu procurei uma advogada feminista para mim. As minhas amigas falaram para eu pegar uma... como chama isso?

[00:33:46] Entrevistadora: Uma ordem de restrição? Tinha uma pessoa específica ameaçando? Era tudo online?

[00:33:51] Entrevistada: Até tinha. Mas era para danos morais, alguma coisa assim. Eu não lembro o que era que daria para entrar. Eu desisti.

[00:34:02] Entrevistadora: É muito desgaste, né? O desgaste emocional é gigantesco.

[00:34:07] Entrevistada: Eu ia ganhar R\$ 2.000,00. Não quero! Desisti! Mas eu fiz a postagem no Instagram, tuitei tudo na época e coloquei a “boca no trombone”.

[00:34:22] Entrevistadora: É muito curioso você me trazer esse relato, porque, com as meninas que eu conversei até agora, exceto com a Carol, que está na linha de frente, que lida mais com *haters* etc., com as demais colunistas ou mesmo o pessoal da *Olga*, elas me contaram que esse tipo de ameaça foram se dispersando e desaparecendo com o tempo.

Então, é interessante o seu relato, porque você ainda lida com um tema que é extremamente sensível para os homens, para os homens machistas e para a sociedade patriarcal: uma mulher falando sobre esportes.

[00:35:04] Entrevistada: Eu só recebo *hater* quando eu falo de política, até quando eu estou empoderando... Eu fiz uma postagem no Twitter que viralizou para caralho falando sobre a Formiga: “São sete Olimpíadas”, aí fiz algumas comparações. Mas tinha homem falando: “Isso não sei o quê, não sei o quê”, sempre desmerecendo. Até quando não tem o que desmerecer, eles conseguem desmerecer, quando é uma mulher falando de esportes.

[00:35:48] Entrevistadora: Você me contou que, quando você entrou na *AzMina*, ainda não existia alguém que falasse sobre esportes. Como você enxerga o seu trabalho lá dentro? Como você acha que a sua atuação lá tem contribuído para a revista?

[00:36:02] Entrevistada: Pô! Eu estou muito triste porque eu não estou tendo tempo de escrever, mas eu sempre tenho a sensação de que as mulheres gostam muito de ler sobre mulheres no esporte. Sempre que eu escrevo uma coluna - não estou sendo metida, pelo amor de Deus -, eu sinto que tem muita repercussão, muito engajamento, muitas curtidas. Quando teve a polêmica nas Olimpíadas, que a Tandara foi pega no doping, talvez por um hormônio - ainda não confirmaram isso -, para controle menstrual, eu falei para as meninas: “Helena, compartilha a minha coluna que eu fiz sobre atletas que menstruam”. Eu li a minha coluna de dois anos. “Nossa! Que legal! Eu fiz tanta pesquisa. Eu falei sobre isso”. Eu retuítei também. Ela retuitou e teve uma repercussão. Todo mundo, mas principalmente mulher, quer ler sobre mulheres no esporte e sobre desigualdade de gênero. A gente só tem poucas mulheres para falar sobre isso e eu queria muito falar mais.

[00:37:10] Entrevistadora: Você falou que você está acumulando muitas atividades e está com vários empregos também. Faz parte! Como você acha que o seu trabalho, o trabalho da revista, atinge a sociedade, como um todo?

[00:37:35] Entrevistada: Eu não sei. Eu acho que a revista *AzMina* é uma das maiores, hoje em dia, no Brasil, sobre jornalismo feminista, senão a maior. Acho que ela tem muitas pessoas e muitos homens também. Eu fico muito feliz quando amigos meus seguem a revista

e tem muitos que seguem. Eu acho que é esse movimento de também tentar entrar no seu histórico e correr atrás e se informar sobre o que estamos escrevendo, sobre o que é difícil para a gente. Eles precisam correr atrás.

[00:38:20] Entrevistadora: Eu fiz mais ou menos 20 entrevistas com o público, com leitoras, e só um era homem. Eu convidei homens. Os que eu encontrava e interagiam com os canais de midiativismo, eu mandava mensagem e convidava para participar. Só um respondeu e foi super, super interessante a conversa com ele. Eu aprendi muito, ouvindo ele, porque é outra perspectiva e outro modo de ver o mundo. É diferente. O histórico e a bagagem deles são outros.

[00:38:57] Entrevistada: Eu acho que tem um impacto. Eu não sei se a gente consegue sair tanto de uma bolha. Eu acho que a grande dificuldade, a minha dificuldade, as minhas questões, que eu tenho pensado muito, é sobre como furar a minha bolha. Eu estou na minha bolha. Eu sou privilegiada, branca. Quando eu vou para a Maré e faço esse outro trabalho, eu furo muito a minha bolha (quando eu piso na Maré). Eu acredito muito nesse jornalismo humanizado. Eu gosto muito desse jornalismo de periferia. Então, para o meu futuro, eu me vejo muito trabalhando com periferia, direitos humanos, feminismo, política (porque tudo é política), esporte (porque eu tenho uma paixão muito grande). Mas eu sempre penso em como furar a bolha. Eu não sei, de fato, qual é o impacto do meu trabalho para as pessoas, mas eu sempre recebo retorno de mulheres jovens, que me seguem. Ao mesmo tempo em que eu tenho um público jovem... Eu tenho poucos seguidores, mas eu recebo muitas interações de jovens, de estudantes de jornalismo, de estudantes que estão descobrindo o feminismo e estão se identificando com o feminismo. Então, eu acho que eu atinjo esse público ainda. É interessante para mim, por ser do interior, que eu recebo *feedbacks* de uma prima de uma prima distante, que vem me pedir conselho, porque talvez o namorado é machista. Isso acontece, através das coisas que eu posto. Eu também achava que eu era um ET, mas amigos da minha mãe, homens e mulheres, sempre comentam: “Adoro o trabalho da Amanda”. Eu fico assim: “Gente, mas é Araguari” (olha o preconceito). Mas me surpreende! O impacto do meu trabalho, da revista, do feminismo, de direitos humanos, eu

entendo que ainda está em uma bolha, na minha cidade. Talvez nem seja bolha porque chegar aqui e falar sobre feminismo e saber que as pessoas daqui leem sobre feminismo... Não é nem preconceito, mas uma realidade mesmo da cidade de não ter essa relação com pautas identitárias, por ser uma cidade conservadora. Acho que também abrange muito esse público universitário, jovem.

[00:41:44] Entrevistadora: Eu sou de uma cidade muito pequena também, com 10 mil habitantes, bem pequenininha. Realmente, esses debates chegam muito menos lá.

[00:41:56] Entrevistada: Exatamente!

[00:41:57] Entrevistadora: Você falou dos impactos e de quem atinge e até onde vai. Eu me lembro muito de uma das moças que eu entrevistei, que lê esse tipo de conteúdo, que é uma menina de 17 anos, que mora no sertão. Ela me falou que ela não tinha contato com esse tipo de conteúdo. Ela passou a ler durante a pandemia. Aí, ela começou, em casa, a enxergar os problemas na relação entre o pai e a mãe. Ela começou a afrontar o pai e dizer: "Você não pode tratar a minha mãe assim". Ela foi expulsa de casa por causa disso. O pai disse que ela não podia ficar lá. Ela é uma menina muito jovem, que trabalha fazendo faxina e estuda (ela consegue conciliar as duas coisas). Depois, ela acabou voltando para casa, mas ela me disse que ela não fica mais quieta, que ela fala com o pai dela e ela conversa e expõe o que ela acha errado.

[00:42:52] Entrevistada: Que história a dela!

[00:42:54] Entrevistadora: Sim! Falando um pouco mais do seu trabalho para *AzMina*, como é a dinâmica? Com quem que você geralmente fala? Com quem você se relaciona mais? Quando você estava escrevendo mais, tinha uma frequência delimitada ou era quando você tinha tempo e podia contribuir?

[00:43:10] Entrevistada: Sempre que eu tinha uma ideia de pauta, eu passava. Quando elas tinham uma ideia de pauta que elas achavam que se encaixava com o meu perfil, elas passavam. Teve um ano que eu escrevi muitas matérias. Eu sempre tentei ter a frequência de escrever uma coluna por mês. Desde o ano passado, eu me divorciei e saí de um relacionamento de 12 anos, então, depois do meio do ano, eu não consegui escrever. Neste

ano, também não. Não pelo divórcio, mas pela questão de estar lidando com várias atividades ao mesmo tempo. Mas eu tinha essa frequência de tentar escrever pelo menos uma vez por mês, seja de sugestões minhas, seja de sugestões delas.

[00:43:56] Entrevistadora: Geralmente, você conversa mais com quem?

[00:43:59] Entrevistada: Com a Helena e com a Taís.

[00:44:02] Entrevistadora: Eu imaginei! Geralmente, são elas que revisam, que editam.

[00:44:04] Entrevistada: A Carol já está na coisa do financiamento.

[00:44:07] Entrevistadora: A Carol é mais conectada à captação. Você participa de alguma reunião, de algum encontro ou reunião de pauta?

[00:44:15] Entrevistada: Não. Eu queria estar mais presente, mas não consigo, por questão de tempo.

[00:44:20] Entrevistadora: Geralmente, as colunistas não participam. É mais o pessoal da equipe que está ali cotidianamente. Você me falou um pouquinho sobre os *haters*. Você acha que a pandemia afetou de que forma o trabalho da revista? Você acha que conseguiu captar mais público? Você acha que mudou a forma de produção de conteúdo? Até mesmo para você. Você me falou que, no último ano, você contribuiu menos. Teve alguma correlação com a pandemia, com esse cenário?

[00:44:54] Entrevistada: Não! No meu caso, foi porque eu me divorciei. Foi muito difícil. Acho que as meninas, na pandemia, tiveram muito conteúdo para fazer, infelizmente, porque estamos cada vez com os direitos mais ameaçados. Basta alguma coisa para que os nossos direitos caiam por terra. Eu acho que a pandemia também veio para escancarar como os nossos direitos são vulneráveis.

[00:45:29] Entrevistadora: Parecia tudo tão mais sólido, né? É um choque a gente ver tanta fragilidade.

[00:45:39] Entrevistada: Eu acho que elas tiveram muito mais trabalho, muito mais oportunidade de aparecer. Teve toda aquela polêmica do aborto, em que elas tiveram um *boom* de assinatura, de conhecerem mesmo quem é a revista. Foi uma questão de bolsonarismo. Então, eu acho que a pandemia veio para elas terem mais produção de

material, infelizmente, porque temos que estar alertas o tempo inteiro, porque nossos direitos são sempre muito descartáveis. Não estou tão segura deles.

[00:46:19] Entrevistadora: Finalmente, eu queria saber o que você acha sobre essa conjuntura de ampla disseminação de *fake news*. Como isso se reflete no fazer jornalístico da *AzMin*a e como se reflete no movimento feminista, como um todo?

[00:46:38] Entrevistada: Eu trabalho no *Greg News* com checagem. Eu sou *fact checking*. A gente vive nessa era de *fake news*. Que bom que existem, hoje em dia, as agências de checagem para tentar parar toda essa máquina de ódio e de mentira.

[00:47:05] Entrevistadora: Eu tenho dois colegas de doutorado que estão estudando as agências de checagem.

[00:47:11] Entrevistada: Se eles quiserem me entrevistar...

[00:47:12] Entrevistadora: Eu vou avisar.

[00:46:14] Entrevistada: Pode falar. Muitas pessoas não sabem que o *Greg News* tem um departamento de checagem. Temos! Eu acho que vem muito também dos *haters* que a gente recebe, por sermos um programa de esquerda. As pessoas ficam muito em cima também. “Será que o que eles estão falando é verdade ou será que não?”, querendo deslegitimar o que a gente está falando.

[00:47:39] Entrevistadora: São muitas informações o tempo todo, que vão pipocando, ao longo do programa.

[00:47:43] Entrevistada: Eu acho que, não só por isso, mas por uma questão de cuidado. O bom jornalismo precisa de uma agência de checagem, principalmente porque estamos em uma era de *fake news*. Eu acho que a *fake news*, para o jornalismo feminista, é um prato cheio. Acho que o que eles mais tentam é deslegitimar todo o movimento, todo o jornalismo, como o *post* da Manuela d’Ávila e o crucifixo na boceta. Eu acho que existe uma batalha constante, para a gente tentar mostrar que não é isso. Mas a gente não tem tempo a perder, para ficar falando: “Gente, feminismo não é o crucifixo na boceta e peito de fora em manifestação”. Também é, se quiser ser, caralho! Mas é isso: a gente vive na constância de uma coisa circular. “Porra! Temos que informar, mas também temos que falar que isso é

mentira!”. É uma época muito perigosa. Na época do aborto, a Helena também sofreu várias coisas...

[00:48:55] Entrevistadora: ... que continuam, né? Foram se acumulando problemas.

[00:48:59] Entrevistada: Eu acho que é matar um B.O. por vez. Não tem uma fórmula certa e talvez não tenha uma resposta. Eu acho que é conforme for acontecendo, e você vai tentando explicar que não. É um trabalho de formiguinha, de se agarrar às agências de checagem mesmo e a sempre mostrar que isso é mentira, que esse material está checado e falar para o tio bolsonarista que não é. Se ele acreditar, que bom. Nós fizemos a nossa parte. Se ele continuar nessa maluquice, que continue. Acho que não tem muito uma fórmula.

[00:49:41] Entrevistadora: Agora uma curiosidade. Você falou que tem a checagem no *Greg News*. A equipe é muito grande, Amanda? Toda a vez que eu assisto, eu fico pensando: “Deve ser uma equipe gigantesca para pensar em todos esses detalhes”.

[00:49:54] Entrevistada: É muito grande. Eu acho que a gente está em doze pessoas na redação. Somos três humoristas, temos quatro roteiristas, eu na checagem, a diretora, dois editores, assistente de produção. Tem uma equipe enorme que vai desde o jurídico até a produção de tudo o que a gente faz. É uma equipe bem grande. Talvez umas 40 pessoas.

[00:50:32] Entrevistadora: Voltado para o jornalismo, para o roteiro, são duas. Legal! E você gosta?

[00:50:38] Entrevistada: Adoro!

[00:50:40] Entrevistadora: Deve ser muito divertido!

[00:50:41] Entrevistada: É muito divertido! Às vezes, eu falo assim: “Nossa! Eu fiz jornalismo para fazer isso” - é uma paródia do Greg falando sobre alguém que foi para o espaço. Mas eu acho que a gente precisa rir um pouco.

[00:50:58] Entrevistadora: E o jornalismo também está ganhando muitas novas formas.

[00:51:02] Entrevistada: Eu gosto muito do que o Greg nos traz e o que ele representa no jornalismo. Eu acho que é um jornalismo de muita qualidade. Em tempos tão sombrios, é uma alternativa de a gente sair um pouco de nós mesmos.

[00:51:18] Entrevistadora: A gente rir, mas tem vários programas que, quando acabam, eu estou morrendo de chorar.

[00:51:25] Entrevistada: Me desculpa!

[00:51:26] Entrevistadora: Tem essa problemática também. Mas também não tem como ser diferente, tendo em vista o nosso contexto atual.

[00:51:34] Entrevistada: Exato!

[00:51:36] Entrevistadora: Eram essas as perguntas que eu tinha para te fazer. Muito, muito obrigada! Você tem alguma dúvida ou alguma outra questão?

[00:51:43] Entrevistada: Não. Eu também vou precisar encerrar, porque eu tenho um compromisso agora e eu já estou um pouquinho atrasada. Obrigada pelo convite. Espero que eu tenha respondido.

[00:51:56] Entrevistadora: Respondeu! Obrigada por ter aceitado contribuir. Se você lembrar de alguma coisa, e quiser comentar algo mais, aí você me avisa. Muito obrigada!

[00:52:09] Entrevistada: Está bom, Mariana. Bom fim de semana.

[00:52:12] Entrevistadora: Boas férias. Um beijo. Tchau!

[00:52:14] Entrevistada: Obrigada! Tchau, tchau!

Bárbara Fonseca - equipe de apoio *Think Olga*

[00:00:01] Entrevistadora: Eu queria saber um pouquinho sobre a sua trajetória profissional. Você me contou que agora você mudou totalmente de área. Como foi que, antes, você foi parar na *Olga* e, depois, como você acabou saindo? Como você está fazendo hoje?

[00:00:16] Entrevistada: Vamos lá! Eu fiz faculdade de Ciências Sociais. Acho que conheci o feminismo ali, bem na faculdade mesmo. Acho que é uma coisa que parte das pessoas da minha geração (30 anos) não teve essa base na escola. Eu fui conhecer o feminismo bem

mais tarde. Durante a faculdade, eu já comecei a ler algumas coisas, porque eu fui para a área da antropologia. Eu sempre fiquei mais na sociologia e na antropologia. Acho que, no último ano de faculdade, eu já seguia as meninas da *Olga*. Eu estava nessa de trocar de carreira. Eu trabalhava no Ibope, com pesquisa, mas não sabia muito bem o que queria fazer. Eu tinha algumas amigas que participam mais ativamente, com pesquisas sobre o feminismo, tanto acadêmica quanto na militância. Eu morava com uma amiga que era geógrafa, mas era também pesquisadora de feminismos latino-americanos, então estava bem próxima do tema. Então, eu vi essa vaga dela. Eu tinha acabado de sair do Ibope e estava trabalhando com produção cultural. Eu fiz milhares de coisas. Vi essa vaga delas para trabalhar como assistente administrativo.

[00:01:48] Entrevistadora: Foi em que ano?

[00:01:50] Entrevistada: Boa pergunta! Acho que foi em 2017 ou 2018. A vaga era bem em escritório mesmo, com planilhas, mas era uma coisa que eu super sabia fazer. Eu gostava muito do projeto, então escrevi para elas. Falei: "Não era exatamente isso o que eu gostaria de fazer, mas estar aí dentro é uma perspectiva de poder fazer outras coisas também".

[00:02:22] Entrevistadora: Você fazia o trabalho de captação de movimentação financeira?

[00:02:29] Entrevistada: Na *Olga*. Na *Olga* e na *Eva*, tanto de captação quanto de administração. Eu fazia todos os pagamentos, cobrava os clientes, destinava verba para os projetos - toda parte financeira e administrativa. Era muito pequena. Quando eu entrei, acho que éramos seis ou sete mulheres. Depois, quando eu saí, nós já estávamos em doze. Então, eu fazia essa parte, a parte de RH. Toda parte mais burocrática acabava ficando comigo. Mas a gente dividia uma mesa gigante - todas nós -, então acabava que todo mundo acabava participando de todos os projetos.

[00:03:10] Entrevistadora: Tinha uma hora em que vocês se encontravam no espaço físico do escritório mesmo ou vocês faziam de casa?

[00:03:17] Entrevistada: A gente tinha um escritório em Madalena. Era um *coworking*. A gente tinha uma sala e trabalhava todo mundo lá. Na pandemia, ficava remoto. Se precisasse, por algum motivo, a gente conseguia trabalhar de casa, mas, quase todos os dias, a gente estava

junta ali. Junto com a *Olga*, tinha os trabalhos da *Think Eva* - acho que você conhece também. Era a agência - a gente nem gostava de chamar de "agência", na época, mas era um trabalho de agência com causa. Como todo mundo ficava junto, a gente acabava participando de todos os processos, desde a criação dos projetos até execução final e entrega. Todo mundo dava palpite em tudo. Tinha pouca diversidade entre as mulheres que estavam no escritório. Das sete pessoas que tínhamos ali, eram seis mulheres brancas de classe média...

[00:04:17] Entrevistadora: Isso mudou quando entrou mais gente?

[00:04:19] Entrevistada: Mudou! Começou a mudar. A gente teve a entrada de mais mulheres negras, de outros lugares de São Paulo (antes, era tudo do meio da Zona Oeste). Acho que, como as três sócias são amigas, elas acabam trazendo mais gente da bolha delas. Depois, houve uma diversidade um pouquinho maior. Não sei como está hoje. Quando eu saí, acho que a gente tinha quatro mulheres na equipe e tinha um quadro um pouquinho mais diverso.

[00:04:50] Entrevistadora: Eu estou te perguntando sobre essas dinâmicas de trabalho, porque você é a primeira pessoa da *Olga* com quem eu estou falando. Eu já falei com várias pessoas da equipa da *AzMina*, inclusive já tem um tempo que eu estou em contato com elas, então conversamos em épocas diferentes. Elas saíram de uma equipe de sete pessoas no ano passado para uma equipe de 11 ou 12 pessoas. Elas estão conseguindo reorganizar o trabalho. Já falei com muita gente também do *Lado M*, também conheci as meninas da *Não Me Kahlo*. Mas eu tenho achado um pouquinho mais difícil contatar o pessoal da *Think Olga*, porque os perfis são fechados no Instagram, aí o pessoal nem recebe as mensagens.

[00:05:36] Entrevistada: Entendi! Eu posso avisá-las, se você quiser.

[00:05:39] Entrevistadora: Eu quero! Vai me ajudar muito.

[00:05:43] Entrevistada: Depois você me passa os nomes que eu mando uma mensagenzinha.

[00:05:47] Entrevistadora: Legal!

[00:05:48] Entrevistada: Eu fiquei na *Olga* por - acho - uns dois anos. Lá cresceu muito. A gente mudou de escritório, pegou projetos grandes, teve ajuda de ONGs internacionais - o que deu uma alavancada muito boa e ajudou a gente a se organizar melhor e a entender

como conseguir verba, como administrar verba, como colocar em todos os projetos. Foi bem importante ter essa ajuda de fora. A gente se inscreveu em um edital e conseguiu apoio da *The Women's Foundation* e eu não me lembro de quem mais, mas acho que teve dois projetos que a gente conseguiu. É isso! Eu fiquei lá por dois anos. Mas eu comecei a ter algumas divergências ideológicas, na verdade, com o trabalho. Eu comecei a estudar sobre feminismos mais plurais, sobre branquitude e feminismo negro, e achava que a gente não chegava nesses lugares. Para mim, era muito concentrado em um feminismo muito branco e muito elitizado.

[00:07:03] Entrevistadora: E muito focado em São Paulo também?

[00:07:05] Entrevistada: A *Olga* funciona virtualmente. A gente tinha poucos projetos presenciais. Eu acho que ela abraçava no âmbito de Brasil, os projetos chegavam, mas estava mais concentrado em São Paulo, porque a gente estava ali, então não tinha muito como ser diferente disso. Mas eu acho que chegava em bastante lugar, sim, por ser tudo online, pelo objetivo ser esse (empoderar através do conhecimento). Então, eu acho que chegava em bastante lugares. Mas eu tinha esse sentimento de que a gente estava muito trancado em uma bolha do feminismo branco, elitizado e fui me desencantando um pouco com a causa.

[00:07:52] Entrevistadora: Eu conversei com uma moça da *AzMina*, que é colunista e é musicista. Ela estava me contando que, além de ser colunista, outra atividade que ela faz é que ela tem um grupo de música, que se chama *Vozeiral*, que são várias mulheres que se juntam e fazem marchinhas de carnaval, todas com letras feministas. Elas já ganharam alguns concursos em São Paulo. É super legal o projeto delas. Mas ela estava me contando que ela repara que ela recebe críticas - tanto ela, nesse grupo, quanto a própria Revista *AzMina* - por serem iniciativas muito elitizadas e com mulheres brancas essencialmente. Ela disse que não tem como negar esse tipo de crítica, porque, quando você olha para o vídeo do pessoal cantando ou tocando ou para um vídeo de produção de conteúdo d'*AzMina* também, fica evidente que a maioria delas é branca e não é um grupo tão representativo da

nossa população. Elas fazem esse esforço de tentar incluir mais diversidade, mas elas ainda não conseguiram.

[00:09:10] Entrevistada: É difícil, porque, quando você está em um grupo majoritariamente branco e suas relações são com pessoas brancas, é muito difícil você conseguir sair dali. Exige um esforço que eu acho que, no dia a dia dessas organizações, acaba ficando em segundo plano. A partir do momento que você se organiza e vira uma ONG, você tem um projeto maior e entra dinheiro, você tem um milhão de coisas para fazer, burocráticas, que deixam um pouco o ativismo... Não é que ele fica de lado. Eu acho que, no começo, quando a gente não está vinculada a nenhum lugar desse, a gente consegue se preocupar mais em ser mais diversa do que quando a gente está pagando salário de um monte de gente, quando você tem um escritório para administrar. Eu acho que começa a ficar um pouco mais difícil, porque depende de marcas que te apóiam. Eu não acho que não exista como fazer esses projetos serem mais inclusivos. Eu acho que falta um pouco mais de disponibilidade de quem está comandando as coisas e um pouco de mais vontade. É muito difícil, mas é possível!

[00:10:28] Entrevistadora: Quando você começou a trabalhar na *Olga*, como isso se refletiu na sua rotina e, por exemplo, na sua convivência familiar? Isso mudou algo? O seu contato com o feminismo na *Think Olga* mudou também a sua perspectiva sobre os feminismos?

[00:10:49] Entrevistada: Eu acho que, dentre os meus contatos, não, porque já era um tema que eu estudava, então já estava no meu dia a dia, já permeava as minhas relações. Mas a minha perspectiva de feminismo, sim, porque, como era um assunto que eu estudava, eu comecei a ver que o feminismo ali era diferente do que eu estava lendo e do que acreditava que deveria ser o ideal. Mudou nesse sentido só: eu achava que a gente precisava de um lugar onde a gente conversasse com mais mulheres negras, periféricas, do que só com mulheres brancas, porque a gente ainda está muito no topo da pirâmide. Se a gente não puxar essas mulheres que estão lá embaixo - nosso trabalho é importante e ele existe -, ele não vai fazer toda a diferença que ele pode fazer. Ele tem força, mas ele não consegue aplicar toda a sua força.

[00:11:52] Entrevistadora: Você me disse que você fazia atividades que eram mais de captação de recursos, atividades mais burocráticas. Como você acha que o seu trabalho lá dentro contribuía para a manutenção da iniciativa em si?

[00:12:10] Entrevistada: Eu acho que ele era 100% essencial, porque era por onde entrava o dinheiro e por onde a gente conseguia manter todos os projetos, por onde a gente conseguia manter todas as colaboradoras. Todo mundo era assalariado e a gente não trabalhava com ninguém de voluntário. Mesmo quando a gente precisava de alguém para fazer uma ilustração, para fazer algum produto, a gente sempre remunerava. A gente sempre buscava mulheres para serem fornecedoras e a gente sempre remunerava todo mundo. Então, eu acho que isso faz a diferença porque você alimenta uma cadeia de outras mulheres, que se fortalece. Não tem como a gente pensar em fazer um ativismo de impacto sem ter dinheiro, infelizmente! A gente vive em um mundo capitalista, então a gente precisa de dinheiro para fazer as coisas acontecerem de uma maneira maior e é essencial que tenha essa organização, essa administração financeira, para fazer as coisas acontecerem. Só um minuto, por favor. Meu sócio está me ligando aqui e eu acho que é urgente.

[00:13:14] Entrevistadora: Claro! Pode atender! Fica à vontade.

[00:13:24] Entrevistada: Eu estou aqui pedindo um *motoboy* de um lugar para outro, em outra cidade. Estou meio de olho, porque eles estão perdidos.

[00:13:32] Entrevistadora: Não tem problema nenhum. Pode ficar tranquila.

[00:13:35] Entrevistada: Vamos lá!

[00:13:36] Entrevistadora: Você comentou comigo que achava que tinha uma abrangência nacional o trabalho da ONG. Como você acha que a *Think Olga* atinge a sociedade?

[00:13:53] Entrevistada: É complicado a gente falar em “sociedade”, de maneira geral, porque eu acho, pelo menos na época em que eu estava lá (eu não posso falar sobre hoje), a gente conversava muito com mulheres jovens, adolescentes e tinha um trabalho muito importante - que é como se fosse o *slogan* dentro da ONG - de empoderamento através da informação. Isso é muito importante! Eu fui conhecer o feminismo quando eu já estava na faculdade, com 20 anos. Foi bem no começo da faculdade que eu comecei a ver isso. Enquanto eu estava

lá, eu vi que a gente tem que chegar para meninas de 13 anos, meninas que estavam se tornando mulheres, que começavam a conhecer o seu corpo e estavam aprendendo sobre sua sexualidade. Então, eu acho que é muito importante que a gente converse com mulheres que estão formando o seu caráter. É importante como formação de uma sociedade mais consciente, que tenha mais noção dos seus direitos, mais noção de como se portar caso sofra alguma violência e consiga evitar isso. Então, eu acho que isso era importantíssimo de a gente conseguir falar com esse público um pouco mais jovem.

[00:15:18] Entrevistadora: Você me contou que você conheceu o tema na faculdade. Do meio para o final, você começou a ter mais contato com as temáticas do feminismo. Eu também. Acho até que foi mais no final do que no meio. Eu queria saber se você se considera feminista e por que você se considera?

[00:15:39] Entrevistada: Me considero! Eu acho que uma mulher com consciência de classes e de direitos não tem como não se considerar feminista. A gente quer viver em um lugar onde a gente tenha igualdade de salários, onde eu consiga andar tranquila na rua, que, se eu quiser ter filhos, eles não vão sofrer uma violência pelo sexo deles. Eu acho que não tem como não se considerar feminista tendo um pouco de consciência. É isso: a busca por uma sociedade mais justa, mais tranquila, mais igualitária. Eu troquei de profissão e eu fui trabalhar em um mercado extremamente machista, comandado por homens, basicamente. Eu sou cervejeira. Eu fazia cerveja caseira na época e acabei me profissionalizando, na época da *Olga*. Eu trabalhei em chão de fábrica, com uma equipe que só tinha homens; eu era a única mulher. Isso tudo me fez ver mais ainda que o feminismo é muito importante, que a gente precisa conversar com mais gente, que a gente precisa estar disposta a educar também essas pessoas, porque nem sempre é maldade - é um histórico que a gente não tem como mudar de um dia para o outro. O feminismo é um trabalho, que leva anos para se concretizar. Talvez a gente tenha uma sociedade mais justa em algumas gerações. A gente andou muito, mas ainda tem um caminho bem longo para percorrer pela frente.

[00:17:24] Entrevistadora: Você sabe que eu conversei com uma leitora também dessas mídias feministas, que me contou que ela mudou de profissão - igual a você - e foi trabalhar

fazendo reformas. Ela tem uma empresa que é voltada para mulheres e ela tem que lidar, então, com o pessoal que vai fazer a reforma em si. Ela faz toda parte administrativa de comandar as obras. Ela disse que enfrenta muitas dificuldades nesses processos, porque ela lida, praticamente, só com homens e os homens, geralmente, pensam que ela, por ser mulher, não vai estar capacitada para fazer aquele trabalho.

[00:18:03] Entrevistada: Exatamente! É isso! É um mercado que, para além de ser majoritariamente masculino, está acostumado a ser majoritariamente masculino. A partir do momento em que você entra em um mercado desses, você já é tida como se você não fosse capaz. Você tem que provar para todo mundo e é a todo momento testada. É bem complicado! É 100% claro que a gente ainda tem um caminho longo para percorrer. Ainda tem que tornar muita gente feminista até chegar a um lugar mais saudável.

[00:18:40] Entrevistadora: Você me disse que você é feminista, que você se considera feminista. Então, eu queria entender o que é ser feminista para você.

[00:18:50] Entrevistada: Eu acho que está no nosso dia a dia. É tentar olhar para todas as nossas ações. Eu trabalho, hoje, como mestre de fermentação. Eu trabalho em uma fazenda experimental, que fermenta vários tipos de produtos.

[00:19:12] Entrevistadora: Por isso as suas fotos são lindas, no meio da natureza.

[00:19:16] Entrevistada: Isso! Agora eu moro na roça. A minha equipe, hoje, é 90% feminina. Tem um homem só, que é o dono da fazenda, mas todas as outras trabalhadoras são mulheres. As pessoas que trabalham na lida, no campo, são homens, que moram no interior, que não têm contato com o feminismo e talvez nunca nem tenham escutado essa palavra. Eu acho que o feminismo está no nosso dia a dia em todas as ações, desde o momento em que você consegue ter uma conversa de igual para igual sobre qualquer assunto, sendo levada a sério, sem ter alguém te questionando, tanto quanto você estar tranquila de sair na rua e não ter medo de sofrer uma violência. Eu acho que todas as nossas ações do dia a dia são pautadas pelo feminismo. Tudo o que a gente faz é político. O ser humano é político. Então, a gente não consegue ter uma ação que não seja, mesmo que inconscientemente, pensada nisso (quando você vai conversar com alguém, quando você vai comprar alguma

coisa de algum fornecedor, quando você vai entregar o seu trabalho, quando você vai apresentar o que você está fazendo). Em todos os âmbitos, existe um questionamento sobre por que as mulheres fazem o trabalho que era tido como masculino antes. Então, eu acho que o feminismo vai permeando todas as ações para mostrar que a gente está fazendo porque você precisa de alguém fazendo. Então, ele está em todas as ações do nosso dia a dia.

[00:21:13] Entrevistadora: Qual é o nome da cervejaria de vocês?

[00:21:16] Entrevistada: Chama “Catimba”.

[00:21:18] Entrevistadora: “Catimba”. Eu vou procurar. Quando você estava na faculdade, você começou a perceber que você tinha afinidade com as pautas feministas, teve algum marco ou algum acontecimento específico que te fez perceber que, sim, você era feminista ou foi um processo, que só foi acontecendo?

[00:21:43] Entrevistada: Eu acho que foi um processo. Desde criança, eu sempre gostei muito mais das coisas que eram ditas mais masculinas do que femininas: eu andava de *skate*, eu jogava futebol, eu surfava, eu gostava de brincar na rua. Enquanto as minhas amigas estavam preocupadas em arrumar um namorado, eu estava preocupada em jogar bola e assistir ao jogo do Palmeiras. Eu acho que foi fazendo sentido descobrir o feminismo quando eu vi que eu podia fazer tudo aquilo e que aquilo não era estranho e que eu não seria menos mulher por gostar de todas essas coisas. Mas eu acho que foi um processo. Não caiu a chave e eu pensei nisso: “Nossa! É verdade! Eu posso ser tudo isso, porque eu sou mulher e não tem problema mulheres fazendo isso”. Não foi que um dia eu pensei nisso. Foi toda uma construção até eu chegar à conclusão ou alguém me questionar talvez. Que bom que o feminismo existe, porque eu continuo fazendo todas as coisas que eu gosto. Talvez se eu não tivesse conhecido, eu teria deixado de fazer várias coisas.

[00:22:53] Entrevistadora: Quando você estava na faculdade, ou depois que você saiu, você chegou a participar de algum coletivo ou de algum grupo feminista ou grupo de militância?

[00:23:04] Entrevistada: Durante a faculdade, eu comecei a fazer cerveja artesanal em casa e chamei algumas amigas para aprender e a gente fazer juntas. É um trabalho difícil, pesado,

que tem que carregar muito peso e é cansativo, também leva muitas horas, então é difícil de fazer sozinha. Eu pensei em chamar amigas que eu iria ensiná-las e a gente iria conseguir continuar fazendo isso juntas. Isso acabou virando um coletivo de cervejeiras, todas feministas obviamente. A gente fez algumas ações: a gente fez produções abertas para outras mulheres, a gente deu cursos de cervejas caseiras só para mulheres, demos palestras, fizemos uma série de exemplos, sempre destacando que era uma cervejaria - apesar de não ser uma cervejaria, porque a gente fazia na garagem de casa - feita de mulheres feministas. A gente sempre participava de protestos, sempre levantando a bandeira. A gente parou de fazer cerveja por causa da pandemia, mas seguimos até hoje juntas e esperando essa pandemia acabar, para a gente voltar a levar isso para frente também. Não é com o intuito de ter uma coisa grande - virar uma ONG nem nada; é só um coletivo de amigas que é aberto para outras mulheres que queiram e se interessem sobre o tema.

[00:24:32] Entrevistadora: Você já se sentiu de alguma forma acuada por se identificar como feminista ou por se identificar com a causa feminista?

[00:24:42] Entrevistada: Eu acho que não porque eu circulo em um espaço um pouco mais intelectualizado talvez, então eu tenho o privilégio de não ter que enfrentar isso no meu dia a dia. Eu acho que, dentro da minha bolha, eu estou bem protegida. Nunca tive esse problema.

[00:25:03] Entrevistadora: Mas você já chegou a ter algum embate ou algum tipo de desentendimento ou mesmo sofreu algum tipo de violência, mesmo que não fisicamente, mas digitalmente, por exemplo?

[00:25:18] Entrevistada: Por ser feminista e por me posicionar?

[00:25:20] Entrevistadora: Sim.

[00:25:24] Entrevistada: Eu acho que não. Claro, a gente já teve, principalmente nos eventos de cerveja, muitos questionamentos das pessoas... Só um minutinho, por favor. Os eventos de cerveja são majoritariamente masculinos. Nós éramos, dentro desses eventos caseiros, o único de mulheres, sempre. Às vezes tinha a namorada de algum cervejeiro que estava ali ajudando, mas nós éramos sempre as únicas. Era engraçado porque a gente vendia muito e nossa cerveja era a primeira a acabar, sempre, em todos os eventos, mas porque as pessoas

queriam provar, para ter certeza que a gente estava fazendo uma boa cerveja, porque a gente era mulher. A gente já passou por várias situações de chegarem fazendo perguntas para a gente absurdas que qualquer pessoa que conhece cerveja sabe - o básico do básico -, só porque a gente era mulher.

[00:26:40] Entrevistadora: Só para testar e saber se você sabia.

[00:26:42] Entrevistada: Era sempre velada. Não era nada explícito. Isso, sempre, tanto no coletivo cervejeiro de mulheres quanto na minha carreira como dona de cervejaria hoje. Então, existe, sim, sempre, mas é sempre uma violência velada, mas está aí.

[00:27:01] Entrevistadora: Quando você estava trabalhando na *Olga*, como era um dia típico de trabalho seu? Como era a sua rotina diária?

[00:27:11] Entrevistada: Eu morava bem perto do escritório, então eu ia de bicicleta. Eu chegava lá em 10 ou 15 minutos. Faz cinco anos que eu saí de lá. Não me lembro de mais nada. No dia a dia, era chegar, abrir e-mail, ver o que estava acontecendo, ver quais pendências tinha para resolver. Tinha sempre, uma vez por dia, uma reunião geral, para falar dos projetos que estavam rolando e o que estava acontecendo e quem ia cuidar do quê. Uma vez por semana, a gente tinha uma reunião de núcleos, então era eu com as sócias para cuidar da parte administrativa; as meninas da criação com a Maíra - que eu acho, na época, que era quem comandava -, para ver quais seriam os próximos passos e os próximos projetos. Não tinha uma rotina muito definida. Os projetos iam demandando e a gente ia se organizando conforme a necessidade.

[00:28:15] Entrevistadora: Essa distribuição de tarefas, por exemplo, dependia muito da demanda e da temática?

[00:28:22] Entrevistada: Dependia muito do que estava acontecendo e de quais projetos estavam rolando. Sempre tinha bastante coisa para fazer, porque a gente sempre tinha bastante projetos, mas dependia muito do que estava rolando.

[00:28:34] Entrevistadora: Com quem você costumava a interagir mais no seu dia a dia?

[00:28:39] Entrevistada: Acho que, no meu dia a dia, era muito com a Nana, que era diretora administrativa-financeira, e com a Carol, que, na época, cuidava das mídias sociais.

[00:28:55] Entrevistadora: O seu trabalho, então, tinha uma correlação com essa parte de divulgação e comunicação, que você precisava estar em contato com o pessoal das mídias sociais.

[00:29:04] Entrevistada: Na verdade, não. É porque o dinheiro que ela precisava para executar o trabalho dela precisava de mim para cair.

[00:29:12] Entrevistadora: Entendi! Você acha que a ONG possui *haters*? Como eles interagem com a ONG e como a ONG responde também?

[00:29:26] Entrevistada: Eu não sei te falar como ela responde, porque eu não estava na lida direta. Como funcionava tudo online, quem cuidava de tudo era a Carol, na época. Hoje eu não sei quem está executando isso. Mas com certeza tinha. Eu me lembro de várias vezes ela falar: “Olha essa pessoa que está comentando, falando que a gente está perdendo tempo”. Acho que nunca rolou - pelo menos na época que eu estava lá - nenhuma ameaça ou nenhum tipo explícito de violência, mas sempre questionamentos sobre o porquê de a gente estar falando isso e que a gente estava perdendo tempo e que estava tudo bem no mundo.

[00:30:11] Entrevistadora: E os seus horários de trabalho? Você tinha um horário fechado ou você podia definir o seu trabalho de acordo com a demanda e de acordo com as necessidades?

[00:30:21] Entrevistada: Não. A gente tinha um horário fixo. Eu acho que eu entrava às dez e saía às sete. Mas tinha certa flexibilidade. Se precisava resolver alguma coisa, podia chegar mais tarde. Se precisasse trabalhar de casa, podia ficar em casa. Eram bem tranquilas as relações.

[00:30:41] Entrevistadora: O que te gerava mais satisfação quando você estava trabalhando lá?

[00:30:50] Entrevistada: É difícil responder essa pergunta. Em todo o trabalho, no final das contas, o que a gente quer ver é o salário na conta. Trabalhar com uma causa não é diferente disso. É um trabalho, como qualquer outro. Eu sentia que ali eu não estava fazendo mal nem estava enganando ninguém. Eu tenho uma relação muito quadrada, bastante profissional,

com os meus trabalhos. Eu chego, faço o que tem que ser feito, vou para casa e é uma troca. Eu não sou esse tipo de pessoa: “Ame o seu trabalho e nunca mais trabalhará”. O que eu amo fazer, ninguém me paga para isso. Eu gostava de trabalhar lá e gosto muito do que eu faço hoje, mas eu separo muito bem. Eu acho que a satisfação maior era saber que eu estava em um projeto que se importava com pessoas e que não estava ali fazendo mal para ninguém, sempre sendo muito transparente. Eu acho que isso era algo que eu admirava bastante, de todos os projetos que eu participei: era sempre feito com muita transparência, toda a cadeia, de fornecedores até a entrega dos produtos finais.

[00:32:19] Entrevistadora: Além desse incômodo de não ser uma iniciativa com tanta diversidade, internamente, tinha outro fator que te causava insatisfação com o trabalho no dia a dia?

[00:32:36] Entrevistada: Eu acho que não. Não era o que eu queria fazer da minha vida (trabalhar com essa parte administrativa), então eu não ia estar realizada ali dentro, independente dos outros fatores. O projeto é incrível e eu o admiro muito. Acho super importante e acho ótimo que ele consiga existir ainda e consiga empregar mais mulheres e esteja cada vez mais diverso, mas, para mim, não era o que eu queria da minha vida profissional. Na época, nem eu sabia o que eu queria, mas eu não estava realizada. Não existia uma coisa: “Eu não gosto exatamente disso”, mas “Eu não gosto do que eu faço”.

[00:33:26] Entrevistadora: O que você acha que faz com que o projeto ainda se mantenha? Muitas dessas iniciativas duram pouco e acabam não conseguindo se manter ou não conseguindo se sustentar, não só financeiramente, mas porque algo na organização acaba dando errado. Muitas delas surgiram de 2015 para cá e já desapareceram. O que você acha que faz com que a *Olga* se mantenha?

[00:33:59] Entrevistada: Eu acho que as três sócias da *Olga* são mulheres muito influentes no mercado de publicidade e de jornalismo. Elas conhecem muita gente e elas são excelentes profissionais - elas trabalham muito bem e são muito boas no que elas fazem. Eu acho que esse encontro delas fez com que essa empresa desse certo. Elas acreditam muito no que elas fazem; elas conhecem muita gente; elas conseguem trazer dinheiro do mercado, o que

é difícil de conseguir. Elas conseguiram se manter durante esse governo absurdo que a gente tem hoje, durante uma pandemia. Eu acho que o mérito é todo do trabalho delas e de quem está junto com elas. Eu acho que todos os privilégios que elas têm também abrem esses caminhos. “Meritocracia” não é a palavra, mas eu acho que tem muitos privilégios. Mas também tem muito do esforço de quem está lá dentro. Eu trabalhei com mulheres incríveis em todo tempo que eu estive lá. Depois que eu saí, eu sei que elas continuam contratando pessoas maravilhosas - além de serem ótimas pessoas, que trabalham muito bem e elas são muito boas no que fazem. Essa preocupação (ter excelentes profissionais) é o que faz a *Olga* estar viva, porque os projetos continuam sendo importantes e continuam chegando onde eles precisam chegar.

[00:35:40] Entrevistadora: Esse contexto de pandemia, como você acha que ele se refletiu no trabalho da ONG?

[00:35:47] Entrevistada: Eu acho que elas devem ter tido muito trabalho. A gente teve um número absurdo de mulheres desempregadas, sobrecarregadas, com a saúde mental em xeque, sofrendo violência física dentro de casa. Elas fizeram um trabalho muito importante de divulgar isso. Eu acho que teve algum posicionamento na marca, mas elas conseguiram trazer isso de uma maneira brilhante. Elas fizeram uma pesquisa incrível sobre isso. A pandemia teve um impacto muito grande na vida das mulheres, então eu acho que o trabalho delas deve ter sido de tentar informar essas mulheres para que elas fiquem mais seguras.

[00:36:34] Entrevistadora: E a pandemia com relação ao movimento feminista, como você acredita que tenha afetado?

[00:36:44] Entrevistada: É isso: acho que abriu um pouco de portas e olhos para a gente começar a observar com mais atenção as mulheres que trabalham em casa, sem remuneração, que cuidam dos filhos, que cuidam da casa. A gente teve, agora, essa lei aprovada na Argentina, que é um marco. As mulheres que estão em casa estão trabalhando; elas não estão ali de férias, então elas precisam ser remuneradas - não só as aposentadas. Eu acho que a pandemia explicitou a violência e a diferença que a gente passa pelo fato de ser mulher e isso é terrível, mas também abre os olhos para que a gente consiga enxergar

que isso existe. Que mais pessoas que não estão preocupadas e que não estão informadas (porque você pode não estar preocupado porque você não sabe que isso existe)... Essas pessoas agora estão sabendo e precisam saber que isso existe.

[00:37:54] Entrevistadora: Eu estou adorando esse seu cenário de fundo. É lindo! E as *fake news*? Você acha que, de alguma forma, elas se refletem no movimento feminista e no trabalho da *Olga* também?

[00:38:16] Entrevistada: Com certeza! Eu acho que elas fazem com que essas organizações tenham mais trabalho. Já é muito difícil você conscientizar uma ação com um histórico de violência tão grande. Quando a gente tem gente trabalhando para que isso se mantenha com mentiras, fica mais difícil ainda. Então, eu acho que isso se reflete em 100%. Só dificulta mais esse trabalho. Acho que a gente podia ter caminhado um percurso enorme, nesses últimos anos, se não fosse todo esse retrocesso que aconteceu no país. A gente estava em um caminho, escalando a 1.000 por hora, aí veio Bolsonaro e todas essas pessoas que apoiam ele (porque ele não chegou lá sozinho)... Não posso falar que a gente estacionou, porque a gente continua andando, mas a gente estava com passos muito mais largos do que agora.

[00:39:49] Entrevistadora: Você acha que, mesmo assim, a gente continua aos poucos progredindo?

[00:39:34] Entrevistada: Com certeza! Olha o que aconteceu na Argentina agora. Isso é a notícia mais importante que eu vi na minha vida toda. É incrível! A gente está a caminho, mas devagar.

[00:39:56] Entrevistadora: Eu espero que chegue aqui também.

[00:39:58] Entrevistada: Eu também.

[00:40:02] Entrevistadora: Essas eram as perguntas. Você tem alguma dúvida, alguma colocação ou algo que você queira acrescentar?

[00:40:10] Entrevistada: Eu quero ler o seu trabalho, quando ficar pronto.

[00:40:12] Entrevistadora: Claro! Eu vou te mandar. Ants disso, me fala caso você lembre de alguma coisa ou queira acrescentar alguma coisa. Eu estou ainda na etapa de fazer as entrevistas. Depois, eu vou parar, transcrever tudo e fazer as análises.

[00:40:37] Entrevistada: Vai com calma que o caminho é longo.

[00:40:40] Entrevistadora: É longo mesmo. Mas eu já estou na metade. Eu já passei da etapa da qualificação, então, agora, só faltam mais dois anos.

[00:40:52] Entrevistada: Que bom! Lembra sempre de ter calma, porque a vida acadêmica é uma loucura.

[00:40:55] Entrevistadora: É uma loucura mesmo e é mais loucura ainda nesse contexto, com esse governo. Enfim, essa semana a plataforma Lattes foi derrubada. As pessoas não conseguiam acessar os seus trabalhos e as suas apresentações acadêmicas.

[00:41:18] Entrevistada: Precisa de mais força do que nunca.

[00:41:19] Entrevistadora: Então, é isso. Depois, se você puder me passar o contato de outras pessoas da *Olga* que você acha que...

[00:41:31] Entrevistada: Claro! Me passa com quem você conversou ou tentou acessar, que eu falo com elas.

[00:41:36] Entrevistadora: Eu vou pegar a listinha das pessoas com quem eu entrei em contato e eu te mando. Muito, muito obrigada pelo seu tempo e por você ter topado participar.

[00:41:49] Entrevistada: Obrigada a você! É muito importante que você esteja fazendo esse trabalho.

[00:41:52] Entrevistadora: É muito prazeroso também. As entrevistas estão sendo tão enriquecedoras e é tão bom ouvir vocês falando. Quando eu estava no mestrado, eu fiz um caminho diferente: eu falei com públicos das mídias hegemônicas nas redes sociais. Então, eu ouvi cada história! Eu falei com homens. Na época, tinha acontecido aquele estupro coletivo no Rio, em que mais de 30 caras estupraram uma moça. Ouvi vários homens, ao longo das entrevistas, dizendo: "Mas aquela moça merecia mesmo", "Os homens estavam certos de fazer aquilo". Agora é bem mais tranquilo emocionalmente de fazer as entrevistas.

[00:42:44] Entrevistada: É mais leve, né?

[00:42:45] Entrevistadora: Sim! E dá esperança também, porque no mestrado eu tinha a sensação de que tudo estava perdido, ainda mais nessa conjuntura de Brasil atual. Então, está bom! Muito, muito obrigada pela ajuda.

[00:43:03] Entrevistada: Imagina, Mariana. Se precisar de alguma coisa, pode me chamar. Eu vou ter que ir, porque eu tenho uma reunião às 14h30.

[00:43:06] Entrevistadora: Então, está bom!

[00:43:07] Entrevistada: Mas, qualquer coisa, pode me chamar. Se eu puder te ajudar, estamos aí.

[00:43:14] Entrevistadora: Está bom! Obrigada! Tchau, tchau e bom final de semana. Bom trabalho!

[00:43:17] Entrevistada: Para você também. Tchau!

Bruna Escaleira - colunista *AzMina*

[00:00:01] Entrevistadora: Pronto! Você decide se você quer que seu nome apareça ou se você prefere ficar anônima. Fica a seu critério, está bom? Você pode me dizer ao final.

[00:00:14] Entrevistada: Está bom! De que área é mesmo a sua pesquisa? Eu já esqueci. Me desculpa!

[00:00:17] Entrevistadora: Imagina! Eu faço doutorado em Comunicação. Eu sou jornalista, então a pesquisa está muito atrelada a essa linha de Comunicação e Sociedade, Comunicação, Poder e Processos Comunicacionais. Mas eu trabalho muito com a sociologia, então, o meu referencial teórico eu resgato todo de mundos sociais. Eu faço isso, de entrevistar as pessoas e de tentar entender toda a trajetória delas, justamente para imprimir um pouco mais dessa parte de etnografia e de recursos etnográficos à pesquisa, para não ficar só na parte mais conteudista, mas também para ouvir a perspectiva de quem constrói determinado universo.

[00:01:03] Entrevistada: Que legal! É muito importante o seu trabalho.

[00:01:07] Entrevistadora: Obrigada!

[00:01:09] Entrevistada: Fico feliz que as pessoas estejam estudando isso.

[00:01:12] Entrevistadora: É muito bom de estudar.

[00:01:17] Entrevistada: Que bom! Bom saber! Eu fiz mestrado também. Você está no doutorado, mas eu ainda não tive coragem. Eu entreguei no final do ano passado, então eu sei bem como é esse momento.

[00:01:27] Entrevistadora: O meu mestrado foi traumático para mim, porque eu fiz o inverso: eu estudei mídia hegemônica, então eu conversei com o público leitor de veículos tipo *O Globo*, *Zero Hora*, *Estadão*. Foi de 2015 a 2017. Eu ouvi cada absurdo, porque na época o bolsonarismo estava ascendendo fortemente. Eu tomei coragem para fazer o doutorado e está sendo muito mais prazeroso, porque é muito mais tempo para pesquisar.

[00:01:58] Entrevistada: É mais tempo! Tem isso também. Eu pesquisei feminismo no mestrado também, mas foi na literatura, então não tinha essa parte de entrevistas com o público, com as pessoas. Eu falei com as escritoras que eu estudei, mas não foi com tanta gente. Eu acho super legal. A gente que é jornalista gosta de falar com pessoas.

[00:02:21] Entrevistadora: É muito bom fazer entrevista. Eu deixo então o estímulo para você fazer o doutorado, quando tiver coragem e tempo, porque é muito mais tranquilo que o mestrado.

[00:02:31] Entrevistada: Que bom! Bom saber! Eu estou pensando. Eu quero fazer, mas eu estou também com uma menina pequena.

[00:02:40] Entrevistadora: Eu estava lendo seus textos e vi os seus relatos.

[00:02:43] Entrevistada: É uma loucura!

[00:02:44] Entrevistadora: Ela está com que idade?

[00:02:46] Entrevistada: Ela está com um ano e sete meses.

[00:02:48] Entrevistadora: É muito bebezinha ainda. Bom, Bruna, eu queria que você me contasse um pouquinho da sua trajetória profissional até você chegar na *AzMina*. Como você foi parar lá?

[00:03:02] Entrevistada: Na verdade, eu não trabalho só na *AzMina* - acho que isso é importante falar. Eu não sei se eu já falei ou se você já sabe. Eu sou uma colunista voluntária da *AzMina*. Eu tenho uma coluna sobre literatura feita por mulheres lá. Eu trabalho às vezes com ela também. Eu já fiz várias reportagens *freelancers* para *AzMina* - reportagem mesmo. O que eu faço na coluna é opinião. Eu já fiz a reportagem jornalística, mas são eventuais. Eventualmente, eu pego um projeto com elas e faço. Mas eu não trabalho só com elas.

[00:03:45] Entrevistadora: Quando você escreve as reportagens, é remunerado?

[00:03:48] Entrevistada: Sim, é remunerado! É sempre remunerado. Só para a coluna que eu sou voluntária, porque eu quero mesmo. Na verdade, é isso: *AzMina* não tem fins lucrativos; é uma fundação. Eu realmente entendo a importância da causa. Sou militante feminista, então, para mim, faz todo sentido eu ceder o meu trabalho, de certa forma, para a revista, porque eu acredito e eu entendo o quão difícil é buscar financiamento nessa área também. Todas as colunistas da *AzMina* são voluntárias. Elas fazem porque acreditam mesmo.

[00:04:29] Entrevistadora: Jornalismo independente é muito difícil de manter.

[00:04:36] Entrevistada: Por um lado é interessante também essa questão das colunistas voluntárias, porque ninguém tem “rabo preso” com nada. Elas nunca vieram com pauta para mim: “Escrever isso” ou “Tem que fazer”. Não tem isso!

[00:04:51] Entrevistadora: Você escolhe sobre o que você vai falar?

[00:04:53] Entrevistada: Você faz o que você quer mesmo. Obviamente, eu não seria colunista da *AzMina* se eu não fosse feminista e se eu não estivesse alinhada com a revista. Claro que sempre tem edição e tem uma conversa. Você não escreve um texto e joga lá. Eu acho que depois você vai me perguntar sobre esses processos e eu vou contar direito. Deixa eu contar direito a minha trajetória. Eu fiz Jornalismo na universidade. Me formei na ECA, na Escola de Comunicação e Artes da USP. Quando eu estava para me formar, eu criei, junto com outras amigas - muitas delas eram da ECA também, a maior parte... Na verdade, são duas coisas. Primeiro, eu era do centro acadêmico. Eu fui do centro acadêmico desde o segundo ano, até sair da universidade. Isso mudou a minha vida, me deu noção de coletividade, de mundo, de comportamento político.

[00:06:09] Entrevistadora: Eu também fui do C.A na UnB. Foi uma experiência muito enriquecedora.

[00:06:14] Entrevistada: Até a gente brinca que a faculdade, na verdade, valeu muito mais para isso do que pela faculdade mesmo, pelas disciplinas - não desmerecendo as disciplinas. É uma formação muito mais profunda, que você tem na prática, que você tem na vivência com as pessoas ali. Para mim, foi uma super formação política, que eu não tinha antes de entrar na universidade. É claro que eu me interessava, que eu gostava, afinal eu fui fazer jornalismo, mas geralmente as pessoas querem mudar o mundo. É aquela coisa: "Por que você quer fazer jornalismo?", "Porque eu quero mudar o mundo". Eu continuo achando isso até hoje, não mudei de ideia...

[00:06:57] Entrevistadora: Ah, que bom ouvir isso, porque geralmente as pessoas no caminho vão mudando, vão desistindo de mudar o mundo.

[00:07:04] Entrevistada: Eu não tinha clareza sobre como eram os processos de política. A minha visão era bem inocente, bem ingênua, com pouca formação, porque a gente teve pouca formação na nossa geração. Eu não sei quantos anos você tem, mas eu tenho 32.

[00:07:22] Entrevistadora: Eu tenho 29. É a mesma geração.

[00:07:27] Entrevistada: A gente não teve muito. Essa coisa veio um pouco depois. Foi aí que eu tive essa noção de que a política é feita no dia a dia, não é só nas eleições, não é só com

aquela pessoa que se elegeu. Eu achava muito chato, eu achava que era muita “picuinha” o noticiário de política. “Não sei o que o fundo, e agora estão buscando apoio do Centrão”. Eu achava aquilo chatíssimo! Eu não entendia como isso se dava na prática e o que isso tinha a ver com a prática. “O que isso muda na minha vida?”. O C.A. me deu essa noção e - de verdade - mudou a minha vida mesmo. Uma das minhas companheiras do C.A. é a Carolina, que era da minha sala. Já começa daí. Isso foi em 2008. A Carol é da minha turma mesmo. Ela entrou em 2007, junto comigo, na minha sala. A gente era do noturno. Então, a gente é amiga desde aquela época. A Nana, que é fundadora da *AzMina*, também fez ECA. Na verdade, eu não conheci ela lá, porque ela já é um pouco mais velha e depois mudou para Brasília. Eu acabei conhecendo ela depois, quando eu até já tinha me formado, via Carol, que era amiga em comum. Eu conheci ela quando ela estava fundando mesmo, quando ela estava com a ideia de montar a revista. Ela estava morando nos Estados Unidos, veio para cá e a gente se encontrou no casamento da Carol. Foi essa coisa bem próxima, bem de amigas. No último ano de universidade, a gente fez duas coisas: no C.A., a gente fundou um núcleo de gênero; em seguida, a gente montou o coletivo feminista da ECA, que foi o primeiro coletivo feminista da ECA.

[00:09:19] Entrevistadora: Isso foi em que ano?

[00:09:20] Entrevistada: Foi em 2011. O núcleo de gênero, a gente fundou em 2009 - ou alguma coisa assim. A partir daí, surgiu o coletivo feminista da ECA, que foi fundado em 2011. Para falar a verdade, isso eu não acompanho. Eu sei que tem o C.A., que elas têm ações feministas, mas não sei se ainda tem esse coletivo e como ele se organiza hoje. Na época, a gente montou esse coletivo de mulheres. Aliás, eu nem lembro se ele se chamava “Coletivo de Mulheres” ou “Coletivo Feminista”. Agora me deu um branco. Mas a ideia era ser feminista. Então, a gente fundou isso, já com essa coisa de entrar em movimentos feministas mais ativamente. A partir daí, a gente sempre estava em contato com a Marcha das Mulheres, em São Paulo; a gente ia para manifestações e tudo mais. Paralelo a isso, uma coisa que, para mim, é mais forte e mais pessoal, eu fundei com algumas amigas um coletivo também feminista, que se chamava “Circular de Poesia Livre”. Na verdade, era um coletivo de

literatura. Eram várias amigas, e a gente percebeu que todas nós escrevíamos poesia, prosa, literatura.

[00:10:40] Entrevistadora: Não só do jornalismo. Eram amigas de...

[00:10:44] Entrevistada: Nada a ver com o jornalismo. Nada a ver! Tinha muitas jornalistas no meio, mas não tinha nada a ver com o jornalismo. A gente montou esse coletivo, porque a gente percebeu que todo mundo escrevia. Ninguém mostrava para ninguém porque todo mundo tinha vergonha. Um belo dia, a gente decidiu fazer um sarau na casa de uma amiga. Estávamos em uma reunião: “Vamos fazer um sarau?”. “Cada uma leva o que a gente está escrevendo”. Coincidentemente ou não, quase todas nós que escrevíamos e não mostrávamos para ninguém, éramos mulheres - já começa por aí. “Acho que tem uma questão. Por que será que a gente não mostra para ninguém?”. A gente percebeu que muitos de nós ficávamos escrevendo sobre assuntos ligados ao erotismo, à sexualidade. Acho que era por isso também que a gente não gostava para ninguém.

[00:11:32] Entrevistadora: Por isso, inclusive, que vocês tinham vergonha. Eu vou acender a luz aqui, Bruna. É rapidinho. Eu estou no breu aqui no vídeo.

[00:11:40] Entrevistada: Eu vou abaixar um pouco essa cortina. Pronto! Acho que agora deu. Melhorou também? Foi isso: a gente percebeu que tinha essa coisa em comum e fundou esse coletivo. A ideia desse coletivo era justamente a gente falar sobre isso e perder a vergonha de falar sobre sexualidade e sexo. A gente também começou a estudar outras autoras. “Quais eram as nossas referências de poesia?”. Era tudo homem. O que a gente tinha lido na escola? O que caiu na Fuvest? A gente falava: “Meu, quantas poetisas eu já li?”. Não dava uma mão cheia. A gente falou: “Não! Isso está errado!”. Ele foi criado sem a intenção de criar nada. A gente se reuniu, foi percebendo isso e, de repente, a gente falou: “Nossa! Vamos fazer um coletivo? Vamos fazer alguma ação em relação a isso. A gente precisa mudar isso”. A gente começou a fazer um grupo de estudos. “Eu li a Olga Savary”, que foi uma das que a gente descobriu e que, depois, até virou o tema do meu mestrado.

[00:13:01] Entrevistadora: Eu vi.

[00:13:04] Entrevistada: “Nossa! Descobri a Olga. Gente, é super legal”. A gente levava o livro e todo mundo lia. Aí, uma lia os poemas das outras. A gente começou a perceber que isso era muito empoderador para a gente. Isso mudou a relação com a gente mesma, com o nosso corpo, com a sexualidade, com tudo. Foi muito importante! Foi muito visceral! Foi uma experiência catártica, que eu acho que eu tenho muita sorte de ter vivido isso com várias amigas juntas, ao mesmo tempo, tendo essa vivência. Foi muito legal! A partir daí, eu e outra menina publicamos os nossos primeiros livros. A partir dessa vivência, a gente escreveu muito. Ela acabou conhecendo um editor, o Eduardo, que é o editor da Patuá. Ela conheceu ele pela USP e publicou. Ela me indicou, enfim eu acabei publicando meu primeiro livro, pela Patuá também. Esse livro, esses poemas, foram todos escritos nessa época, em que a gente estava a todo vapor com o coletivo. A gente fazia saraus para a gente, mas a gente resolveu que queria fazer saraus abertos. Então, a gente fez um monte de saraus abertos pela cidade. A única exigência era que fossem espaços públicos e que não cobrassem nada para entrar. Podiam participar homens e mulheres de todas as orientações, mas a gente só lia mulheres. As pessoas podiam levar poemas próprios, mas a gente também levava alguns textos e deixava lá no meio para quem quisesse. A ideia era disseminar e colocar essa coisa em discussão. “Quantas mulheres você já leu?”. Não era para ser uma coisa excludente, o que muitas vezes acusavam a gente. “Então, você não vai ler homem nunca mais?”. Espera aí. Não foi isso que eu falei. O que eu falei é que a gente tem um hiato que a gente quer diminuir. Assim foi! A gente ficou vários anos com esse coletivo. Depois a gente começou até a dar oficinas de escrita criativa, literatura para empoderamento feminino, literatura feita por mulheres. A gente deu na Casa das Rosas, no Sesc mesmo. A gente deu vários cursos. Teve um curso que foi o Catarse, que misturou arte visual e foi super legal. Enfim, a gente fazia várias coisas. A gente chegou até a ganhar uma bolsa do MinC, na época.

[00:15:37] Entrevistadora: ...quando tinha, né?

[00:15:39] Entrevistada: Quando tinha o Ministério da Cultura, era bom e a gente não sabia. A gente ganhou uma bolsa para fazer uma coletânea, que a gente fez. Até hoje a gente acabou não conseguindo publicar, por questões internas e burocráticas. Os membros mais

ativos eram dez meninas. Cada uma mudou para uma cidade, uma foi fazer doutorado, outra foi estudar fora. A gente acabou se desorganizando e o coletivo se diluiu. A maioria de nós ainda é super amiga. Eventualmente, alguém até ressuscita a ideia: “Vamos publicar a coletânea. Já está pronto! Já está quase saindo. Só não saiu por besteira”. Na verdade, foi mais isso o que me levou para coluna da *AzMina* do que a minha trajetória profissional com o jornalismo especificamente - por isso eu estou contando isso. A minha trajetória profissional é meio louca, então eu vou contar resumidamente.

[00:16:43] Entrevistadora: Hoje você trabalha como jornalista?

[00:16:45] Entrevistada: Eu sempre trabalhei como jornalista, sempre. Eu nunca fui nem assessora de imprensa. Sempre fui jornalista. Cada hora em algum lugar, mas eu sempre trabalhei como jornalista mesmo. No final de 2011, eu me formei. Eu sempre fui ligada ao texto, mas no fim da faculdade a gente tinha disciplinas de documentário. Eu me interessei bastante pelo tema na época e eu fiz um TCC em vídeo. Eu fiz um documentário de TCC, que era sobre o hábito do consumo de álcool até. Eu estava super interessada na linguagem audiovisual. Quando eu saí, eu queria trabalhar um pouco com isso, para ver como era. Eu fui trabalhar em uma produtora que se chamava Cuatro Cabezas, em espanhol, que fazia o programa *A Liga*, da Band. Eles fizeram o CQC também e vários outros programas para a Band. Você lembra?

[00:18:02] Entrevistadora: Lembro!

[00:18:03] Entrevistada: Eu trabalhava para esse, que era *A Liga*. Eu fazia o conteúdo de pós-produção. Quando estava na edição, eu ia ajudando com a parte de conteúdos - se os blocos estavam bem encadeados, se as falas estavam bem cortadas, se estava encaixando uma coisa com a outra. Eu também cuidava de tudo que é escrito na tela de alguma maneira. Eu tinha que revisar tudo e fazia um intermédio com a produção. “Isso daqui parece menor. Tem que fazer um *bluer* na cara dele”. Eu fazia todos os perrenginhos aí. Era legal, mas trabalhar com TV é um puta de um perrengue. Não tem final de semana, não tem feriado, não tem nada! Ganha mal para caramba, pior do que o impresso. Eu fiquei um tempo, mas não aguentei e saí. Daí, eu resolvi prestar um concurso na época, para trabalhar na TV USP. Eu

prestei, na época, e passei. O cargo era de jornalista mesmo, para ser produtora e repórter da TV USP. Fazia de tudo lá, desde a pauta, até a produção. Às vezes, até eu tinha que fazer passagem, apesar que eu nunca gostei de aparecer.

[00:19:33] Entrevistadora: Mas você continuou na TV, né?

[00:19:35] Entrevistada: Continuei. Tinha que fazer. Na verdade, antes de ir para TV, eu trabalhei em outros lugares, com texto. Eu trabalhei em uma escola, com educação, fazendo a comunicação interna deles, enquanto esperava a convocação. Demorou essa convocação - ainda teve isso. Fiz um monte de *freela*. Trabalhei em vários lugares antes de entrar. Mas foi meio rápido. Eu estava há um ano na Cuatro Cabezas, e no outro eu já fui para a TV USP. Na verdade, quando eu entrei na TV USP, eu tive uma experiência péssima, horrível. Tinha um puta potencial, porque era uma TV independente, do ponto de vista de independência financeira, tanto que não tinha comerciais. Não existe mais a TV USP hoje.

[00:20:33] Entrevistadora: Não existe mais?

[00:20:34] Entrevistada: Não existe mais.

[00:20:36] Entrevistadora: Nossa! Que triste! A UnBTV continua.

[00:20:40] Entrevistada: A TV USP não tinha comerciais, então a gente tinha liberdade e tinha muitas ideias interessantes e tinha pessoas interessantes ali, que queriam fazer coisas diferentes e mais experimentais. Eu entrei com essa *vibe*: "Vai ser legal, porque lá eu vou poder fazer um negócio legal. Vou poder fazer alguma coisa diferente". Eu sempre quis trabalhar com cultura e já gostava de literatura. Eu falei: "Vou fazer uma coisa mais engajada, uma coisa mais interessante". Só que, na prática, eu encontrei aquela coisa bem do funcionalismo público, estereótipo (todo mundo acha que funcionário público não trabalha e não quer fazer nada). Eu sei que não é verdade, só que lá era muito verdade.

[00:21:23] Entrevistadora: Nossa! Que triste!

[00:21:25] Entrevistada: Na verdade, foi tanto rolo. Eu descobri que o concurso tinha sido feito, na verdade, para efetivar o diretor, que tinha um cargo de confiança. Eu não sei como esse homem não passou. Era para uma vaga.

[00:21:42] Entrevistadora: Foi direcionado então.

[00:21:43] Entrevistada: Foi! Super! Inclusive, tentaram impugnar o concurso e eu estava dentro da galera que tentou impugnar. A gente entrou com uma ação no Ministério Público, porque a gente descobriu que ele estava na comissão organizadora do concurso, sendo que ele prestou o concurso, que era obviamente para ele.

[00:22:00] Entrevistadora: Que loucura!

[00:22:01] Entrevistada: Todo mundo sabia que era para ele. Eu descobri só depois que eu tinha prestado. Como eu também era da USP e tinha um monte de gente que era da ECA e que já tinha trabalhado lá, a gente sabia muito bem o que estava acontecendo. No fim, eu fiquei em primeiro lugar e ele ficou em quarto lugar - alguma coisa assim.

[00:22:21] Entrevistadora: Era para uma vaga?

[00:22:23] Entrevistada: Sim! Ele não ia passar. Eu até pensei: Se ele tivesse ficado em segundo, eles podiam arranjar um jeito de me tirar e colocar ele, mas o cara ficou em quarto ou quinto lugar. Não ia dar para tirar cinco pessoas até chegar nele. O Ministério Público acabou arquivando o processo, porque eles falaram: "Pode até ser que tenha acontecido isso, mas ele não passou. Então, não tem argumento. Não vou invalidar o concurso porque quem passou foram outras pessoas". Eu assumi o cargo. Mas a realidade era essa: eles não precisavam de mais um repórter. Eles precisavam de editor, mas não de repórter, porque eles já tinham vários. Era outra necessidade da TV. Eles ficavam tentando implodir e não me deixavam trabalhar direito. Quem queria trabalhar direito eles não deixavam, sabe? Eles alegavam falta de equipamento. Cada hora tinha uma coisa burocrática que eles impunham. "Você tem que fazer um ofício com uma semana de antecedência". Eu queria fazer jornalismo. Como você faz jornalismo com uma semana de distância? Se eu preciso de uma câmera agora, porque o negócio está acontecendo agora, "não, não pode!". Completamente *nonsense*. Eu sei que eu fiquei quase um ano lá. Quando a minha saúde mental já estava no lixo, porque aquilo ia me fazendo mal, e eu me sentia mal porque eu me sentia usando dinheiro público e não conseguia fazer o que eu queria fazer e me sentia onerando... De verdade, foi uma crise terrível! Quase entrei em depressão várias vezes. Foi muito chato! Tive que voltar para a terapia. Quase comecei a tomar remédio. Foi *punk!* Teve uma hora que o

negócio estava me sufocando e me fazendo tão mal, que eu falei: “Quer saber? Eu vou sair”. Na época, eu até tentei uma transferência... Você quer ver? A mamãe está fazendo uma entrevista com uma amiga.

[00:24:22] Entrevistadora: Oi!

[00:24:29] Entrevistada: Eu estou terminando aqui. Daqui a pouco a mamãe vai lá com você, está bom?

[00:24:35] Entrevistadora: Oi! Você é muito fofa! Oi, Liz!

[00:24:44] Entrevistada: Fala com a Mariana.

[00:24:46] Entrevistadora: Ela está bem séria, desconfiada.

[00:24:49] Entrevistada: Ela é assim.

[00:24:58] Entrevistadora: Oh, gente! Esse casaquinho minúsculo.

[00:25:08] Entrevistada: Então, eu saí. Foi em 2014, se eu não me engano.

[00:25:26] Entrevistadora: Você acabou desistindo e foi seguir outros rumos?

[00:25:28] Entrevistada: Desisti! Eu me lembro que, na época, eu tive uma puta crise, porque pagava super bem, eram 30 horas semanais. Era um negócio que, como jornalista, você não vai ter nunca na vida. Muito dificilmente eu tinha que trabalhar em final de semana. Não tinha plantão. Mas eu percebi que, realmente, aquilo não ia me levar a lugar nenhum. Eu até tentei uma transferência para trabalhar na Pró-reitoria, de cultura e extensão, porque eu tinha feito estágio lá e eu gostava de trabalhar lá. O meu chefe, na época, era meu amigo e é meu amigo até hoje, saiu bem na mesma época. Depois eu saí, ele saiu também. Na época, a gente queria trabalhar junto. Ele tentou me levar para lá, aí a gente tentou fazer essa transferência interna, só que, como ninguém tinha interesse nisso, não rolou. Na época, eu até quis denunciar, porque tinha várias coisas bizarras que aconteciam. No fim, me consumiu tanto, que eu só queria sair e nunca mais ter nada a ver com aquilo. Foi bem traumático! Juntou tudo e eu fiquei “por aqui” de TV. Falei: “Não quero mais trabalhar com TV. Quero voltar para o texto, porque texto é o que eu gosto”. Até fui fazer uma pós em Jornalismo Cultural. Acabei indo fazer na FAAP. Na verdade, eu queria fazer mestrado. Foi bem nessa época que a gente estava dando várias oficinas com o Circular. Todas quem deu fui eu, com uma amiga ou

outra. Mas quem mais gostava de dar era eu. Eu sempre ia, porque eu amava e eu gosto muito de educação. Eu falei: “De repente, eu também gostaria de dar aula”. Eu pensei: “De repente, eu vou fazer um mestrado. Quem sabe eu posso ser professora de universidade ou de faculdade?”. Só que eu nunca tinha feito iniciação científica, nada. Eu não tinha noção.

[00:27:33] Entrevistadora: Eu também não fiz iniciação científica antes do mestrado.

[00:27:36] Entrevistada: Eu estava completamente perdida porque ainda era em outra área - era Literatura. Me dava medo. Eu resolvi fazer essa pós porque o projeto não era uma monografia e tinha aula de metodologia. Era uma pós muito legal. Eu peguei uma bolsa parcial, porque era na FAAP, meio caro. Mas rolou e foi super bom! Eu fiz um trabalho de conclusão sobre a Olga Savary.

[00:28:13] Entrevistadora: Que, depois, você ia fazer o mestrado sobre ela?

[00:28:15] Entrevistada: É! Eu saí, estava fazendo isso e eu queria muito trabalhar com texto de novo. Na verdade, eu peguei vários *freelas*. Eu cheguei até a trabalhar com planejamento. Como eu estava nessa coisa de mudar de área, de sair da TV e eu também não queria ir para jornalismo diário, porque eu já sabia a loucura que era - todos os meus amigos trabalhavam com isso... “Eu não vou sair de uma loucura para ir para outra quase igual. Quero procurar alguma coisa que seja um pouco diferente”. Eu estava super nessa linha de dar cursos ou algo assim. Peguei alguns *freelas* em planejamento de pesquisa, que tinha a ver com marketing, que eles chamam de pesquisa de inovação. Era super legal! Era umas brisas muito loucas, de ser super criativo. Peguei um monte de *freelas*. Eventualmente, surgiu uma vaga que tinha super a ver comigo, que era na Revista *Nova Escola*. Era para ser editora - editora-assistente - da revista. Era tudo o que eu queria, porque era com texto, era com educação - o que eu adoro. “Nossa! Eu estou no céu. Vamos para a *Nova Escola*”. Eu fui e foi a minha primeira experiência como editora também, porque até então eu só tinha sido repórter. Editora de vídeo eu já tinha sido, mas de texto não. Eu amei ser editora de texto. Foi muito legal. Só que eu era contratada PJ, para variar. E a *Nova Escola* foi vendida, para a Fundação Lemann. Quando eles venderam, todo mundo que era PJ não foi junto. Mas eu continuei trabalhando com eles. Inclusive, até hoje eu faço *freelas*. A *Nova Escola* foi também se desfazendo.

[00:30:19] Entrevistadora: Eu tenho um amigo que trabalha lá. O nome dele é Patrick. Você conhece?

[00:30:22] Entrevistada: Lógico! O Patrick é maravilhoso!

[00:30:26] Entrevistadora: Ele estudou comigo. Ele fez graduação comigo na UnB.

[00:30:29] Entrevistada: O Patrick é de Brasília - eu me esqueci. A gente tem muitos babados juntos. Adoro o Patrick!

[00:30:39] Entrevistadora: Adoro também. Ele entrou comigo. Fizemos a graduação inteira juntos.

[00:30:44] Entrevistada: Que demais! O Patrick é muito legal! Foi isso! Eu trabalhei com eles. Depois, eu parei de ficar só com eles. Foi quando eu entrei no mestrado. Quando eu entrei no mestrado, eu resolvi fazer a coluna para *AzMina*, que foi em 2016, no final do ano. Eu comecei com a coluna e continuei com o mestrado e com os *freelas* (na *Nova Escola* e em outros lugares). Depois, eu engravidei e, enfim, acabei ficando, nesse ano de pandemia, parada, porque não tinha condição.

[00:31:21] Entrevistadora: A Liz nasceu durante a pandemia?

[00:31:23] Entrevistada: A Liz nasceu três meses antes da pandemia. Ela nasceu em 24 de dezembro de 2019.

[00:31:30] Entrevistadora: A pandemia começou em fevereiro/março.

[00:31:35] Entrevistada: Eu estava, na verdade, de licença do mestrado. Na verdade, já era para eu ter entregado, mas eu não tinha entregado porque eu estava de licença. Aí, prorrogaram a licença por causa da pandemia. Eu defendi o mestrado agora, no fim do ano. Só agora, um ano e sete meses depois que ela nasceu, que eu estou voltando a trabalhar. Eu escrevi algumas colunas para *AzMina* nesse meio tempo, mas são voluntárias e eu também faço no meu tempo. Agora, eu estou começando a pegar *freelas* e decidir o que eu vou fazer.

[00:32:11] Entrevistadora: Já que você tem a perspectiva tanto de um jornalismo mais tradicional quanto do seu trabalho e colaboração para *AzMina*, eu queria saber quais

diferenças e quais semelhanças você vê entre os dois, entre as duas formas de fazer jornalismo.

[00:32:27] Entrevistada: Como mais tradicional, você diz a *Nova Escola*?

[00:32:29] Entrevistadora: A *Nova Escola* ou quando você trabalhou para a TV.

[00:32:33] Entrevistada: Uma das coisas é que, realmente, não tem rabo preso com anunciantes. Isso faz uma diferença absurda! Porque sempre tem uma coisinha, mesmo na Abril, que era Fundação Victor Civita (no espelho da revista, pensando sobre o espaço, aí caiu o negócio e tinha que surgir com uma reportagem do nada para colocar no lugar; ou ia colocar um negócio e não tinha mais espaço porque chegou um anúncio enorme). Na TV, é muito assim. “A Band não gostou desse tema, porque um dos maiores anunciantes dela é ‘x’”. Eu lembro que uma vez, a gente fez um trabalho sobre travestis, que estava incrível. Estava prontinho. Aí, de um dia para o outro, a gente teve que fazer outro programa de uma hora e quinze do nada. Não gostaram e tinha um anunciante que não gostava. Isso não acontece na *AzMina*. Elas resolvem fazer aquela reportagem porque elas acreditam, e elas vão fazer e acabou! É uma diferença total. Acho que, mais do que ser independente, por ser uma revista independente. Tem outra forma de lidar com as pessoas que trabalham. Acho que é muito mais acolhedora e acho que tem muito mais entendimento. Tudo bem que eu sou voluntária, mas agora que eu tenho a minha filha, em vários momentos... É claro que elas até sugerem algumas pautas. Acho que no mês passado, até teve o mês da visibilidade lésbica. “Faz tempo que a gente não traz alguma coisa de livro, relacionada a isso. Você não quer fazer?”. Eu super queria fazer, só que, na época, não rolou. Elas super entendem e têm outra forma de lidar. Acho que tem muito mais empatia.

[00:34:28] Entrevistadora: É mais humanizado, né?

[00:34:30] Entrevistada: É. Eu também não me sentia desrespeitada na hora de editarem os meus textos. Muitas vezes eu edito também, porque eu sou colunista e eu também já fiz trabalhos de *freelas* editando para elas. Mas, quando editaram os meus textos, sempre rolava: “Está aqui. Vê se está ok”. Não era como em outros lugares. Tira uma parte, muda tudo e joga com o seu nome.

[00:34:55] Entrevistadora: Aham.

[00:34:57] Entrevistada: Na TV, eu só fui ver quando estava publicado, sabe?

[00:34:01] Entrevistadora: Quem te edita? É a Taís ou é a própria Carol?

[00:34:04] Entrevistada: Não. A Carol não faz edição. Eu já editei junto com ela grandes reportagens, em uma época que ela fazia. Hoje em dia, ela não está mais com essa parte. Ela está mais com essa parte de empreendedorismo. Agora, ela não está mais fazendo isso. Elas têm outras pessoas que cuidam das colunas, especificamente. Teve uma época que fui uma mulher chamada Liane Tedim - não sei se você falou com ela .

[00:35:31] Entrevistadora: Não falei.

[00:35:34] Entrevistada: Ela, durante um bom tempo, cuidou das colunas. Eu falava direto com ela. A Helena também. A Helena também é minha colega da universidade.

[00:35:48] Entrevistadora: O pessoal com quem eu falei até agora diz que, geralmente, é a Taís ou a Helena que edita.

[00:35:53] Entrevistada: A Taís também é uma fofa. Já trabalhei com ela. Sempre foi muito tranquilo. Por exemplo, eu sou jornalista, escrevo a coluna e tenho mais experiência (porque já trabalhei com edição também), então, elas dizem que o texto já chega mais pronto. Claro que é porque eu já tenho essa experiência. Então, é muito raro elas fazerem grandes mudanças. Agora, tem muitas colunistas que não escreveram...

[00:36:27] Entrevistadora: E nem são jornalistas.

[00:36:31] Entrevistada: Isso! Elas escrevem porque é sobre o tema delas. Tem uma que é cigana e fala de cultura não tradicionais. É super legal! Elas nem sempre são jornalistas. Aí, eu acho que elas têm que ter um cuidado maior na edição. Comigo, elas editam muito pouca coisa mesmo. Eventualmente, elas falam: "Essa parte aqui não deu para entender direito. Muda lá". Sempre é uma coisa em conjunto e muito de boa. É muito leve e muito tranquilo. Nunca tive nenhum problema.

[00:37:08] Entrevistadora: Quando você começou a contribuir para elas, você acha que a sua perspectiva sobre os feminismos mudou - no plural?

[00:37:20] Entrevistada: Desde que eu comecei a escrever, mudou, sim. Eu comecei a escrever em 2016. Tinha vários debates que não estavam tão visíveis, que eu nem tinha estudado tanto - eu estudei muito sobre feminismo no mestrado, apesar de não ter diretamente a ver. Então, acho que mudou a minha perspectiva. Acho que muda todo dia. Tem também a questão do interseccional, que já existia, que eu já sabia, mas eu fui aprendendo muito mais sobre isso. Eu posso dizer que mudou, sim, porque, quando eu comecei a escrever, eu não estava tão por dentro, eu não tinha lido tanto sobre o assunto. Mudou muito! A questão, por exemplo, do feminismo das mulheres trans, era uma coisa que eu não sabia nada, aí eu fui aprendendo. Cada dia surge algo novo e eu acho que nunca vai parar de surgir. Eu acho ótimo!

[00:38:19] Entrevistadora: É uma constante, né? O que é, Bruna, para você, ser feminista?

[00:38:27] Entrevistada: Difícil essa pergunta! Na verdade, acho que ela é fácil. Para mim, ser feminista é ser eu mesma.

[00:38:36] Entrevistadora: Legal! Achei poético.

[00:38:38] Entrevistada: É isso! É poder ser eu mesma, sem medo. É querer que todo mundo - não só as mulheres - possa ser, que todo mundo tenha a liberdade de ser você mesma e também ter as mesmas oportunidades. É ter a liberdade de ser quem você é, do jeito que você é - não importa seu gênero, sua orientação sexual, sua raça, sua condição econômica. Ser feminista, para mim, tem muito a ver com consciência social. Tem a ver com pensar nas mulheres menos favorecidas economicamente, que não tiveram tanta oportunidade de estudo e às vezes nem sabem o que é o feminismo - e ter empatia por todos. É entender as coisas como mais estruturais. Se eu fosse falar bem em uma frase, era ser eu mesma e que cada um possa ser.

[00:39:52] Entrevistadora: Você me disse que, para você, tem sido todo um processo de se construir enquanto feminista. Mas tem algum marco ou situação específica, que te fez perceber que você tinha identificação com a causa feminista?

[00:40:06] Entrevistada: Alguma coisa específica? No coletivo de mulheres eu tive certeza, absoluta, que eu queria trabalhar com isso, que eu não ia me sentir realizada se eu não

fizesse algo relacionado ao feminismo. Foi um marco perceber que a maneira como eu lidava com o meu corpo tinha a ver com a maneira que eu fui criada e como a mídia trata. Foi uma experiência muito visceral. Foi muito visceral - mesmo eu sendo uma pessoa super privilegiada, que estudei em escola particular, consegui entrar em uma universidade pública, que tenho uma boa condição de vida, que nunca passei necessidade, que sou branca, que sou uma mulher cis, que sou hétero. Mesmo assim, dentro dessa experiência do coletivo, eu percebi que tinham muitas coisas que me amarravam, que tinha muita coisa das quais eu tinha vergonha - que eu tinha vergonha de falar, que eu tinha vergonha de falar que eu não conhecia sobre o meu corpo inclusive. Para mim, foi isso e isso mudou a minha vida.

[00:41:29] Entrevistadora: A sua identificação e aproximação maior com o movimento feminista se refletiu como nas suas vivências familiares, com amigos e com as pessoas mais próximas?

[00:41:45] Entrevistada: Teve algumas tretas. Na verdade, é todo um processo que eu acho que a gente tem que ter, pelo menos quem nasceu na nossa geração. Acho que até hoje. Não é que está tudo bem. Mas eu acho que tem uma geração em que as mães já são mais feministas, então já está partindo de um patamar melhor. Eu espero que a Liz já saia de um lugar que ela não precise subir tanta escada como eu subi.

[00:42:25] Entrevistadora: Liz vai encontrar um mundo muito melhor daqui a alguns anos.

[00:42:31] Entrevistada: Mas pelo menos, você ter a consciência... Eu acho que faz toda a diferença... Não é porque eu me descobri feminista e descobri que existe o feminismo, que eu concordo que, automaticamente, nunca mais eu tive um *date* machista e nunca mais aconteceu nada. Não! Só que eu sei agora. Eu sei! Acho que essa coisa de você tomar essa consciência, de você saber onde está pisando, de você saber qual é o seu valor, faz toda diferença. Às vezes, dá muita raiva. Eu fico brincando: "a ignorância é uma benção". Se eu não tivesse toda essa formação feminista, talvez eu não achasse que esse cara está sendo um babaca comigo, mas é óbvio que é muito melhor você saber e a errada não é você. Eu acho que teve um puta impacto, porque, primeiro, eu consegui sair de um relacionamento abusivo. Eu descobri que ele era abusivo psicologicamente, graças à deusa (eu não sou

religiosa). Não chegou a ser fisicamente, mas eu percebi que estava em um relacionamento abusivo e eu consegui sair. Se não fosse o feminismo, talvez eu não tivesse conseguido. Talvez o final teria sido outro. Acho que, provavelmente, eu teria terminado, porque era uma coisa muito tóxica, mas sei lá. Acho que me fez ter uma relação diferente com as outras mulheres. Eu era muito ciumenta também. De repente, eu percebi que isso era ridículo e que não tinha nada a ver. Acho que teve uma série de implicações na maneira de me portar. Eu tive algumas brigas na família, com pessoas que são mais conservadoras. Mas eu acho que tem muito a ver com a minha trajetória profissional, que eu decidi que eu ia bancar. Eu não conseguia me autodeclarar escritora antes. Tem tudo a ver com o feminismo e é tudo muito misturado. Antes de descobrir o feminismo, eu não conseguia dizer que eu era escritora. Eu falava: “Eu sou jornalista, mas às vezes eu escrevo”. Mas eu era escritora, entendeu? Porque eu não posso ser escritora? Eu via uns amigos, que escreviam em um blog: “Eu sou poeta”. Mas eu não conseguia falar que eu era. Eu achava que não era suficiente. Eu lancei dois livros já e eu sigo trabalhando com isso. Para mim, tem a ver comigo ser eu mesma. Tem muito a ver. A minha perspectiva mudou mais ainda com a maternidade. É outra perspectiva. Até a escolha da maternidade teve a ver com isso. Eu só fui mãe quando eu escolhi ser mãe. Nesse processo da maternidade, também foi muito importante, porque eu já tinha noção de que eu ia escolher como ia ser o meu parto, como eu ia levar essa gestação, quem era o dono do meu corpo. Então, eu não ia me submeter a práticas antiquadas ou que alguém acha que tinha que ser assim. Eu levo isso para a minha maternidade e, durante a maternidade, isso é muito forte. Precisa muito de rede de apoio e coletivo de mães feministas. A gente até criou grupo no WhatsApp - eu, a Carol e outras meninas.

[00:46:20] Entrevistadora: Tem muita gente, o tempo todo, tentando fazer imposições.

[00:46:24] Entrevistada: Tudo! A menina nasceu: “Você não vai furar a orelha dela?”. Minha mãe até hoje não se conforma de que eu não furei a orelha dela, como se isso fosse uma grande coisa. É uma coisa muito insignificante, que eu tenho muito claro que eu não furei porque eu não quero dar o exemplo de que alguém faz alguma coisa no corpo dela sem consentimento. Se ela quiser furar a orelha, ótimo, mas eu não vou furar.

[00:46:50] Entrevistadora: Isso é uma luta! Minha mãe engravidou adolescente. Ela tinha 16 anos quando eu nasci. Era muito novinha. Ela não tinha isso muito bem construído na cabeça dela, mas ela não tinha coragem de furar a orelha, porque ela achava que eu ia sofrer. Uma amiga dela disse: “Me dá aqui que eu levo ela”. Me levaram, voltei com a orelha furada. Não deu certo, aí fechou. Quando eu era grande, eu resolvi sozinha que queria. A minha irmã nasceu muito tempo depois. Quando minha mãe tinha 16, ela me teve e minha irmã veio só 16 anos depois. É muito legal que a diferença é a mesma. A orelha da minha irmã nunca foi furada. Hoje ela tem 14 e ela não quer furar. Está resolvido!

[00:47:36] Entrevistada: É isso! Não tem problema! As pessoas veem problemas onde não tem. A orelha dela está aí e está tudo bem. Se ela quiser furar um dia, fura. Qual é o grande drama? Por que eu tenho que furar? Minha mãe fica: “Você gosta de ter a orelha furada? Eu furei quando você era pequena. Você achou ruim?”. Eu falei: “Não, mas eu poderia não gostar. No caso, deu sorte porque eu gostei”. Sei lá porque eu gostei. Eu fui criada nessa cultura, na qual todas as minhas amigas tinham. É muito difícil de separar. Eu não sei se eu gostaria, se não tivesse tudo isso em volta. Talvez eu também gostaria. É dar oportunidade para a Liz ser quem ela é.

[00:48:32] Entrevistadora: Quando você está escrevendo, fazendo os seus textos, que são mais voltados para o feminismo ou que são atravessados pelas suas ideologias feministas, como você se sente? Qual é a sensação de fazer esse trabalho?

[00:48:47] Entrevistada: Quando a gente começou a fazer a coluna, a Nana e a Carol falavam: “Desculpa! Não dá para a gente pagar nada”. Mas eu pagaria para fazer, porque é muito prazeroso para mim. Eu me sinto muito eu mesma e eu me sinto poderosa. Eu me sinto muito poderosa, porque eu me sinto me apropriando de um conhecimento e conseguindo também passar um pouquinho. Quem sabe alguém leia isso e se inspire a ler mulheres e quem sabe ler mulheres dê um clique interessante. Para mim, foi muito isso! Você ler experiências e ter referências mais parecidas com as suas é muito emancipador. Eu me sinto muito bem. Eu sinto que eu estou fazendo uma coisa muito útil também. Eu me sinto útil fazendo. É uma sensação muito boa.

[00:49:44] Entrevistadora: Por causa do barulho da rua, eu estou fechando o microfone um pouco. Você já se sentiu, de alguma maneira, tanto em ambientes digitais quanto no mundo físico, acuada por se identificar com o feminismo?

[00:50:13] Entrevistada: Sim! Principalmente, durante as últimas eleições. No digital, na verdade, eu não tenho uma presença tão grande. Acho que a minha saúde mental não permite. Na *AzMina*, por exemplo, como elas também têm um filtro e elas têm uma equipe de redes sociais, o que chega para mim sobre os textos que eu escrevo geralmente é positivo. Não é que chega um volume absurdo, mas o que chega é positivo. Elas dão uma blindada nos *haters* e nessas coisas muito bizarras. Alguém ir lá e xingar as colunistas não rola na *AzMina*, porque elas protegem mesmo. Ótimo! Agora, eu já senti andando na rua. Eu me lembro da época da eleição de 2018, que foi meio guerra civil. Você andava na rua com o povo te xingando na rua. Se você respondia alguma coisa, “Putá! Vota na Dilma”. Também na família, né? Em geral, a maior parte da minha família e a minha família mais próxima é mais razoável, mas sempre tem aquele tio nada a ver. Eu saí do grupo da família e ele: “Nossa! Você é muito radical por ter saído do grupo da família”.

[00:51:51] Entrevistadora: Inverte, né? A culpa é sua.

[00:51:56] Entrevistada: Eu saí porque eu não estava aguentando lidar com aquilo e com todo mundo me apunhalando. Teve uma hora que eu falei: “Gente, por que eu vou ficar aqui? Vou sair”. Foi difícil! Fui cortando várias relações. Foi complexo!

[00:52:10] Entrevistadora: Desde 2018, está um clima muito tenso.

[00:52:15] Entrevistada: Antes, já tinha essa coisa da família. Sempre teve essa coisa na família. “A Bruna é ‘hipponga’, revoltada, feminazi”. Eu falava para os meus amigos: “Não estou nem aí. Podem falar!”. Mas nas eleições o negócio ficou meio feio. Desceu o nível e não foi legal.

[00:52:35] Entrevistadora: Entrando, agora, um pouquinho na parte prática do seu trabalho para *AzMina*, eu queria entender como é a sua rotina, como é a sua dinâmica de entrega de texto, com quem você fala. Você escreve de quanto em quanto tempo?

[00:52:50] Entrevistada: Na verdade, quando eu comecei, eu tinha a ideia - e elas também precisavam - de escrever, pelo menos, um texto por mês. Mas eu tentava fazer dois, pelos menos. Teve uma época até que eu consegui fazer dois por semana, no comezinho. Mas elas também nunca exigiram essa periodicidade. Tudo sempre foi muito conversado. “É o ideal, mas se não der, não deu. Está tudo bem. Você é voluntária e a gente sabe que não está te pagando”. Mas, no geral, eu fiz mensal, na maior parte do tempo. Quando a Liz nasceu, eu até tive uma conversa com elas. “Olha, gente, não vai rolar agora. Não vou conseguir fazer mensal”. Estava na pandemia e eu estava com bebê pequeno. Eu conversei e foi super tranquilo. “Bruna, imagina! Quando você conseguir retomar, você retoma e está tudo bem! Você tem o seu espaço aqui. Está tudo certo”. Geralmente, o que acontece de fluxo de trabalho é assim: em geral, eu que venho com a pauta e eu que penso o tema (ou eu leio um livro ou é o mês da criança e eu indico um livro infantil). Todo final de ano, eu fiz lista de melhores livros do ano lançado por mulheres. Deu tanta treta isso, que você não faz ideia. No último, quando eu estava grávida da Liz, eu falei: “Não tenho energia para isso”. Eu estava quase para parir. Falei: “Beijos! Vou pôr a culpa no parto e pronto”.

[00:54:28] Entrevistadora: As pessoas discordavam?

[00:54:31] Entrevistada: É porque as pessoas falavam bastante. É óbvio que eu pesquiso, porque eu trabalho com isso, mas eu não tenho tempo de ler todos os lançamentos do ano. Sem condições! Então, eu falava com muita gente para fazer. Eu acabava falando com muitas autoras também, porque muitas delas me pediam para eu mandar o PDF ou alguma coisa - porque eu também não tinha condição de sair comprando 500 livros. Eu explicava que não tinha verba. Não é que eu não apoie a literatura. Eu acho mega importante comprar os livros das autoras independentes, mas não dava por causa da quantidade. Então, muitas vezes, eu acabava conversando: “Me manda”. Eu sempre postava nas redes: “Tem alguma indicação? Manda aí”. Um mês antes: “Chegou naquela hora do ano. Me indica qual livro que você leu e que você gostou”. Eu inventei de fazer isso uma vez e deu super certo. Aí, todo ano, o pessoal da *AzMin*a falava: “Bru, faz de novo”. Mas era sempre essa coisa de conversa: “Bru, o que

você acha? Está a fim de fazer?”. Era sempre uma coisa muito conversada. Muitas vezes, as autoras ficavam muito chateadas.

[00:55:45] Entrevistadora: Porque elas não eram escolhidas para entrar na lista?

[00:55:47] Entrevistada: Porque eu escolhi fulano ou escolhi cicrano. Isso era muito chato! Se eu pudesse, escolheria todas. Eu até poderia, mas ia ficar uma coisa sem sentido, porque ninguém ia ler. A gente tentava dar uma afunilada. Era legal, mas, ao mesmo tempo, era meio tenso. Eu entendo! Eu também sou autora. Então, eu tentava passar um “pano quente”, mas era meio difícil às vezes. Era polêmico! Mas não era a ideia. Era engraçado que até me assustou quando começou a rolar isso. Eu falava: “Gente, mas é só uma coluna”. Eu comecei a perceber como é útil e como é importante. Como elas têm um alcance grande... Eu faço como voluntária, mas me deu um puta retorno. Se eu falar que eu sou colunista da *AzMina* hoje, as pessoas respeitam e acham muito legal e é legal mesmo. Eu sei que é legal! Quando eu comecei, o site era bem menor. Mas o fluxo é: geralmente eu tenho a ideia... Elas estão sempre muito fodidas de tempo.

[00:57:02] Entrevistadora: Quando eu falei com a Carol, isso ficou evidente na voz dela. Fiquei impressionada!

[00:57:05] Entrevistada: Meu, a Carol, agora ela está grávida. Ela está com essa coisa de que ela fica com enjoo até agora. Carol é uma guerreira total. Coitada! Está foda para ela.

[00:57:15] Entrevistadora: Mas ela passou muito essa ideia de sentir orgulho pelo reconhecimento que a revista conseguiu atingir.

[00:57:22] Entrevistada: Super! É muito maravilhoso. Eu acho demais! Eu até falo para a Carol: “Carol, você é a minha amiga, mas é um *case* de sucesso do jornalismo”. Eu nunca imaginei! Quem tinha sucesso era quem se submetia à rotina da redação. Eu não consegui e nem escolhi não me submeter. Você penava, penava, penava, para depois de duzentos anos ter um pouco de reconhecimento. Elas conseguiram fazer uma coisa super legal, que deu reconhecimento. É muito legal! Eu tenho um puta orgulho de falar que eu escrevo e que eu trabalho com elas. Acho um máximo mesmo! Geralmente, eu não discuto nada com elas. Eu só falo: “Gente, vai sair uma coluna este mês sobre tal coisa, ok?”. Elas me mandam: “Ok,

Bru! Avisa aí quando terminar”. Eu escrevo, mando. Quando estava mais estruturado mês a mês, teve uma época que elas falavam assim: “A sua coluna é sempre a de quarta-feira e a gente tenta publicar na segunda quarta do mês”. Eu me programava e elas se programavam. Depois, quando elas ficaram com mais colunistas também, não era tão importante essa periodicidade, até para as redes. Foi quando a Liz nasceu, eu não conseguia mais fazer mensal. Quando eu consigo fazer uma, eu mando. Em geral, elas leem. É rápido (dois dias depois elas já leram). Elas me mandam um *feedback*. Muitas vezes, elas falam: “Está ok! Vamos publicar dia tal”. É assim, muito rápido. No começo, era a gente, as próprias colunistas, que colocavam no publicador. Então, a gente tinha o acesso ao publicar, aprendia a mexer no HTML delas. Era muito fácil, mas a gente que fazia, subia as imagens e tal. Agora, elas centralizaram, porque eu acho que acabava dando problema. Às vezes, as pessoas não sabiam mexer direito. Então, você só manda o texto e manda as imagens. Se não tem imagem, você sugere. Elas escolhem alguma coisa que elas acham que tem a ver.

[00:59:38] Entrevistadora: Você manda para quem, geralmente?

[00:59:40] Entrevistada: Agora, eu estou mandando para a Bárbara Libório e para a Helena, que são as duas pessoas que estão cuidando de colunas. Eu sempre mando para as duas. Dependendo de como está a loucura da vida de cada uma, uma delas lê. Nas últimas vezes, quem leu foi a Bárbara. É engraçado, porque a Bárbara eu não conheço pessoalmente. A gente tem um grupo da *AzMina* também no WhatsApp. Eventualmente, rolam trocas lá. Antes de ter a pandemia, eventualmente elas marcavam os *happy hours*, marcavam alguma coisa. Eu não tinha conseguido participar muito antes da pandemia, porque eu estava grávida, entregando o mestrado e mil coisas. Depois veio a pandemia... Sempre tem gente nova. Mas já teve trocas super legais. Tem uma colunista, que é a Júlia de Mirando, que fala sobre mulheres negras. Ela é uma feminista negra incrível. Uma vez, eu queria escrever uma coluna... Não tinha ganhado o Jabuti aquele livro Torto Arado - não sei se você sabe qual é. Eu tinha lido e tinha ficado enlouquecida com o livro, porque o livro era muito bom. “É um homem escrevendo, mas eu preciso falar sobre isso na coluna sobre mulheres”. Aí, a gente começou a discutir isso no grupo. Então, é isso: quando tem uma coisa mais polêmica, eu

jogo nesse grupo também. Tem esse fluxo. Às vezes, a gente discute a pauta por lá mesmo. Várias colunistas e várias mulheres estão nesse grupo. Não é um grupo enorme. É um grupo só de pessoas que ou são colunistas ou têm outro cargo na *AzMina*. Elas têm grupos maiores (de conselho editorial e outras coisas). Esse do WhatsApp é menorzinho. Acho que tem 10 ou 15 pessoas. Daí, a gente super discute. “Quero escrever uma coluna sobre tal coisa. O que vocês acham?” - super rola isso. Dessa vez, eu conversei com a Julia, mas eu nunca tinha conversado com ela. Depois, ela entrevistou o Itamar. A gente super conversou e trocou ideias. “O que você perguntaria para ele?”. Foi muito legal! Então, rola essa troca também.

[01:02:04] Entrevistadora: Rola reunião de pauta também ou então reunião só para conversar com as colunistas?

[01:02:12] Entrevistada: Eventualmente, rola. Mas agora faz muito tempo que não rola. Faz muito tempo mesmo. Acho que a Carol deve ter te contado, mas com essa coisa de Bolsonaro, de pandemia, elas perderam muito financiamento. Então, a equipe está muito reduzida. Nunca foi uma equipe enorme, porque é difícil manter. Tem época que está um pouco mais e tem época que está um pouquinho menor. Elas estão bem apertadas e faz tempo que não rola.

[01:02:42] Entrevistadora: Quando eu conversei com a Carol, ela me contou que a equipe estava com sete pessoas fixas. Agora, na semana passada, eu conversei com a Rayana, que entrou em maio e a Rayana já me disse: “Agora deu para aumentar um pouquinho a equipe e já tem 12”.

[01:02:59] Entrevistada: Mari, quando começou, era só a revista. Agora tem o aplicativo e tem várias coisas. Então, tem pessoas que estão ali em outras coisas, em outros projetos. Às vezes, eu também nem sei. Claro que eu conheço o aplicativo e divulgo, mas eu não faço ideia de como funciona o fluxo delas. É outro lado.

[01:03:23] Entrevistadora: Pelo o que a Carol me explicou, tem gerentes de projetos e cada uma é responsável por cada uma dessas iniciativas. No final, elas vão coordenando. Então, você interage mais no seu dia a dia com o pessoal que faz a edição dos seus textos mesmo?

[01:03:39] Entrevistada: Isso! E com as meninas desse grupo e com outras colunistas. Às vezes, a gente troca. A Luísa, por exemplo, que fala de cultura...

[01:03:48] Entrevistadora: Eu entrevistei a Luísa também. Maravilhosa!

[01:03:52] Entrevistada: A Luísa também é mãe de primeira viagem, de uma menina quase da idade da Liz, então a gente também está no grupo de mães feministas.

[01:03:59] Entrevistadora: Eu falei com ela já tem alguns meses. A gente tinha que ir parando a entrevista no meio porque a bebê dela começava a chorar. A gente, depois, retomava. Ela estava muito pequenininha ainda.

[01:04:15] Entrevistada: Antônia, é uma fofa. Eu conheci a Luísa por causa da *AzMina*. Eu não conhecia ela antes. A gente também nunca se conheceu pessoalmente. Foi só virtual, por enquanto.

[01:04:27] Entrevistadora: Maravilhosa! Depois, ela até participou de uma aula que eu fui dar na graduação. Eu chamei ela como convidada e ela foi. Muito fofa!

[01:04:36] Entrevistada: Que máximo!

[01:04:38] Entrevistadora: Então, você interage com as colunistas também. Por que você acha que o projeto - a revista - ainda consegue se manter? Muitas dessas iniciativas, que surgiram desde 2015, com a Primavera Feminista, acabaram durando muito pouco tempo e foram se desfazendo.

[01:05:00] Entrevistada: Eu acho que é muita força de vontade mesmo. Eu acho que é muita vontade de fazer o negócio ficar de pé, principalmente por parte das meninas que estão na parte de cuidar da administração do negócio. Elas trabalham muito buscando incentivo, buscando edital, fazendo parcerias. Porque elas não desistiram. Elas não desistem. Elas acreditam muito e elas vão atrás. Acho que também tem a questão que elas são muito especialistas em jornalismo bem feito, então elas fazem reportagens muito boas, de qualidade, que já ganharam prêmios, aí começaram a ter um respeito e uma visibilidade - também por isso. Em outras iniciativas talvez as pessoas não tivessem tanta experiência. Quando a Nana fundou *AzMina*, ela não era uma jornalista tão iniciante assim. Ela já tinha mais experiência. Até ela é uma pessoa mais midiática, então ela levou essa coisa de ficar

conhecida. A Carol já tem essa coisa de ser “sangue nos olhos”. Ela vai, ela briga, ela vai atrás. Ela quer o patrocínio, ela vai fazer parceria. É uma energia que eu não tenho, por exemplo. Acho que tem muito isso e por ser bem feito mesmo.

[01:06:30] Entrevistadora: Agora, durante a pandemia, você acha que esse contexto pandêmico impactou como a iniciativa?

[01:06:40] Entrevistada: Eu acho que, como todas as outras organizações, e principalmente as organizadas por mulheres, impactou no sentido de menos tempo para trabalhar, porque muitas são mães ou acabam ficando com a maior carga da casa, mesmo sendo feministas, porque a gente sabe que isso não é uma varinha mágica que muda as coisas; ou que perderam seus empregos. Tem essa coisa do “cuidado”, que eu acho que é muito importante. Eu acho que impactou nesse sentido. É também uma crise econômica, então eu acho que também acaba impactando... Eu não sei e, na verdade, eu não tenho esses dados, mas eu imagino que talvez tenha tido uma redução no número de doações ou alguma coisa do tipo. Eu sei que alguns incentivos, que iriam continuar surgindo, não rolaram, porque a gente está em uma crise econômica, que o mundo inteiro está passando. Organizações que iam apoiar, não apoiaram. Eu acho que é mais nesse sentido.

[01:07:51] Entrevistadora: Por fim, Bruna, para não tomar mais ainda do seu tempo, eu queria saber, com relação a esse contexto, a essa conjuntura de ampla disseminação de notícias falsas, como você acha que isso impacta, tanto a revista quanto o movimento feminista em si?

[01:08:08] Entrevistada: Nessa daí você me pegou. Eu acho que, por um lado, isso acaba fortalecendo e mostrando a importância do trabalho de iniciativas como essas. *AzMina* é um pé no jornalismo, é muito purismo jornalístico. “Vamos checar a informação”, “Vamos fazer uma reportagem boa, bem feita, com dados”. Quando eu fiz reportagens com elas, sempre tinha esse olhar. “Checa direito”, “Fala com mais gente”, “Veja se é isso mesmo”, “Trabalha esse dado melhor”, “Coloca em uma linguagem acessível”, “Explica isso melhor porque não está claro”. Quando eu ajudei a editar, também. As pessoas sempre falam: “Não vai mais ter jornalista”. Cada coisa nova que surge, “acabou o jornalismo, porque as pessoas podem elas

mesmas escrever”, daí começam a surgir 500 mil *fake news*. Na verdade, isso reforça a importância do jornalismo. Tem que ter alguém que saiba. Também tem uma questão de curadoria. Não é só fazer, mas checar. Isso dá até mais trabalho, hoje em dia, na verdade. Dá mais trabalho você checar, porque tem muita fonte. Dá mais trabalho do que antes, eu acho. Por um lado facilita, porque você consegue fazer muita coisa online, mas, por outro lado, é muito trampo, porque você tem que checar muito. Então, eu acho que mostra a importância. Isso é um dos impactos. Eu acho que outro impacto é que é uma coisa muito chata, mas também reforça porque tem que ter, que é essa coisa de ter que ficar rebatendo crítica e *fake news*. Eventualmente, saíram matérias explicando que a Terra não é plana. Cara, eu não acredito que eles estão fazendo isso, mas às vezes você precisa fazer esse tipo de coisa. As feministas não comem homens no café da manhã, em geral. Pode ter alguém que come - eu não sei. Eu acho que tem essas coisas de ter que também voltar... Eu acho que tem um impacto até nas pautas. Muitas vezes, eu vou escrever uma coluna ou vou escrever uma pauta e eu penso: “Isso daí já é batido, muita gente falou. Já não é novidade para ninguém”. Mas elas super voltam. A Carol é uma que sempre falava - e a Helena também: “Gente, volta para o básico. Ainda precisa! Tem que explicar ainda isso. Tem que falar que precisa ler mais mulheres. Não é óbvio”. A gente está em uma bolha que a gente acha que é óbvio, mas não é.

[01:11:19] Entrevistadora: Determinadas questões precisam ser reforçadas o tempo inteiro, né?

[01:11:23] Entrevistada: O tempo inteiro. Várias vezes, elas até falam: “O que vocês acham legal de ter?”. As meninas surgem com os temas mais elaborados. “Não! Isso também é importante, mas vamos fazer um bem ‘basição’, porque isso é muito importante”. Elas sempre reforçam isso.

[01:11:43] Entrevistadora: Que legal! São essas as questões que eu tinha para colocar para você. Você tem alguma dúvida, alguma sugestão, alguma questão?

[01:11:51] Entrevistada: Não. Eu fiquei interessada no seu trabalho. Quero que você me mande depois.

[01:11:56] Entrevistadora: Com certeza! Eu vou te mandar a parte... Eu não sei se eu consigo mandar isso pelo Instagram, arquivo em PDF.

[01:12:05] Entrevistada: Me manda por e-mail, sei lá.

[01:12:06] Entrevistadora: Depois eu pego o seu número, porque, se eu não conseguir mandar pelo Instagram, eu te mando o PDF pelo WhatsApp. Você pode me contatar caso você queira acrescentar alguma coisa, fazer alguma observação. Quando estiver pronto o trabalho, eu também te mando, com certeza. Eu fiz a qualificação agora em maio, então ainda demora um pouquinho para ficar pronto.

[01:12:29] Entrevistada: Parabéns!

[01:12:30] Entrevistadora: Obrigada! Mas eu já vou mandar a prévia. O que eu apresentei na "quali", eu te mando. Se você tiver alguma dúvida ou qualquer sugestão ou se você quiser apontar alguma coisa, é só você me avisar.

[01:12:45] Entrevistada: Eu queria falar uma coisa só. Não tem muito a ver com o assunto. Tem uma professora da UnB que eu super usei com base para o meu trabalho. Eu acho que ela faz um trabalho que, em certa medida, tem um pouco a ver com o trabalho que você está fazendo. É a Regina Dalcastagnè.

[01:13:06] Entrevistadora: Ela é da Letras? Eu não conheço.

[01:13:08] Entrevistada: Não tem tanto a ver, porque é da Letras. Mas ela fez o maior levantamento que tem - é do laboratório dela... Eu até falava: "Gente, quero trabalhar no laboratório dessa mulher".

[01:13:20] Entrevistadora: Eu vou até anotar o nome. É Regina...?

[01:13:21] Entrevistada: O nome dela é francês. É meio esquisito. Será que dá para escrever aqui? Dá, né? Espera aí. Deixa eu até pegar aqui o nome, para eu não falar besteira. Achei aqui já. "Regina Dalcastagnè" - nem sei se é assim mesmo que se pronuncia.

[01:13:44] Entrevistadora: "Dalcastagnè".

[01:13:45] Entrevistada: Ela fez um levantamento muito legal, que é sobre a presença das personagens femininas nos romances brasileiros. Ela fez um levantamento quantitativo, que é uma coisa que quase não se faz (geralmente, as pesquisas em Letras são só qualitativas),

mas não é um quantitativo vazio; é um quantitativo inteligente, que eu achei muito interessante. É um trabalho que dá um trampo. Mas, como ela já é pesquisadora mesmo, ela tem um laboratório que tem vários estagiários, um pessoal fazendo iniciação científica, mestrando. Eles fizeram um trabalho enorme, em que eles analisaram todos os romances publicados no Brasil, de 97 a 2007 (agora eu esqueci os anos, mas era bastante).

[01:14:39] Entrevistadora: Na verdade, foi quantitativo e qualitativo também, porque fizeram uma análise...

[01:14:43] Entrevistada: A análise, na verdade, que eles fizeram...

[01:14:45] Entrevistadora: Foi só para levantar os nomes, e não a análise dos textos em si?

[01:14:52] Entrevistada: É! Eles levantaram quantos autores eram homens, quantas eram mulher, quantos eram negros, quantos eram brancos. Acho que de sexualidade não tem. Mas já foi um belo “adianto” o que eles fizeram. Eles fizeram cruzamentos de dados de quantos personagens principais estavam nesses textos eram homens, brancos, héteros; quantos eram mulheres. Um dado que não me sai da cabeça é que, nesse período (eu não lembro exatamente qual é o período), tinha só três romances que as personagens principais eram mulheres negras. Tinha 500 e não sei quantos que eram homens brancos. Era um negócio surreal.

[01:15:42] Entrevistadora: Muito, muito gritante a diferença.

[01:15:44] Entrevistada: A gente tem que superar essa discussão da representatividade. Não, necessariamente, uma mulher vai escrever um livro feminista ou a protagonista dela vai ser uma mulher ou vai ser uma mulher negra, mas dá para ver que um pouco, sim, tem a ver. Eu usei isso muito na minha pesquisa.

[01:16:08] Entrevistadora: Eu vou procurar a pesquisa dela. É interessantíssima!

[01:16:10] Entrevistada: Eu achei isso muito legal e eu acho que o que você está fazendo tem um pouco a ver. Você não está fazendo um levantamento quantitativo, mas é um estudo muito interessante também, pensando no panorama do jornalismo brasileiro.

[01:16:26] Entrevistadora: Eu tento fazer essa análise de constituição mesmo, de como se constrói esse mundo do midiativismo feminista e, em especial, o que motiva as pessoas a estarem lá e a continuar colaborando.

[01:16:42] Entrevistada: Muito legal! É uma história não contada, né? Então, é muito importante. "Ainda", porque vai ser contada.

[01:16:47] Entrevistadora: Em breve!

[01:16:50] Entrevistada: É muito legal! Parabéns!

[01:16:52] Entrevistadora: Obrigada! E muito, muito obrigada por você ter dedicado mais de uma hora do seu tempo para falar comigo.

[01:17:01] Entrevistada: Imagina! Eu que falo demais.

[01:17:02] Entrevistadora: Qualquer coisa, eu fico à disposição, se você tiver alguma dúvida. Vou te mandar o PDF. Você tem o meu contato, então, qualquer coisa, é só você falar comigo.

[01:17:13] Entrevistada: Obrigada! Mariana, desculpa se eu falo demais...

[01:17:15] Entrevistadora: Imagina! A ideia é ouvir mesmo.

[01:17:19] Entrevistada: É uma coisa que, realmente, eu não consigo parar.

[01:17:23] Entrevistadora: Isso é ótimo, porque, quando a gente vai entrevistar - principalmente as leitoras -, as pessoas ficam meio travadas, não falam muito. A gente tem que ficar instigando. É bom falar com jornalista, porque jornalista fala.

[01:17:36] Entrevistada: Obrigada, Mariana.

[01:17:38] Entrevistadora: Muito obrigada, Bruna.

[01:17:41] Entrevistada: Bom trabalho para você. Boa sorte!

[01:17:43] Entrevistadora: Obrigada e até uma próxima oportunidade. Tchau, tchau!

Catarina Ferreira - repórter *Lado M*

[00:00:01] Entrevistadora: Você mora em São Paulo, né?

[00:00:05] Entrevistada:: Isso! Eu moro em São Paulo.

[00:00:06] Entrevistadora: E você é jornalista?

[00:00:07] Entrevistada: Sim!

[00:00:09] Entrevistadora: Como foi que você acabou chegando até o *Lado M*? Qual foi a sua trajetória profissional até agora? Como você conheceu o portal e começou a trabalhar com as meninas?

[00:00:24] Entrevistada: Hoje, eu não estou mais no *Lado M*. Mas eu conheci o portal na faculdade. Eu entrei na faculdade em 2015. Eu fiz jornalismo na USP, na Escola de Comunicação e Artes. Eu entrei em 2015 e lá eu conheci outras meninas que colaboravam com o *Lado M*. A Mariana Miranda, que foi uma das que criou o site, estudava lá também. Na época, ela já estava bem mais para frente do curso. Ela estava procurando pessoas que pudessem colaborar. Daí, como eu estava na faculdade, eu tinha muita vontade de escrever e o assunto me interessava, eu comecei a colaborar também.

[00:01:13] Entrevistadora: Você estava no comecinho da faculdade?

[00:01:16] Entrevistada: Eu estava no segundo ano, se eu não me engano - ou no terceiro. No segundo ou no terceiro ano foi quando eu comecei a escrever para o *Lado M*.

[00:01:26] Entrevistadora: Eu conversei com a Mariana também.

[00:01:30] Entrevistada: Deixa eu ver. A gente tinha um cronograma de postagens, tinha uma organização e a gente fazia algumas reuniões para definir as pautas, mas era bem livre também para sugerir sobre o que você queria falar. Então, teve pautas que falaram sobre política, pautas sobre entretenimento, sobre família interseccional. Foi um espaço bem legal para eu conhecer com o que eu gostaria de trabalhar mais, como jornalista. Foi um espaço legal para eu experimentar vários assuntos.

[00:02:17] Entrevistadora: Hoje você trabalha com fotografia?

[00:02:19] Entrevistada: Eu trabalho com fotografia, mas trabalho com fotografia mais amadora. Não é o meu trabalho principal. Eu trabalho com comunicação em uma empresa do terceiro setor, que se chama Instituto Arte na Escola.

[00:02:39] Entrevistadora: Você chegou a trabalhar em redação de veículos mais tradicionais, de mídia hegemônica? Só para eu tentar fazer a comparação entre a mídia independente e as redações desses veículos de mídia hegemônica.

[00:02:56] Entrevistada: Eu não cheguei a trabalhar com mídia hegemônica. Eu trabalhei em redação, mas foi em redação pequena. Era uma revista voltada para pais, que falava sobre infância. Hoje não tem mais a revista. Ela se chamava *Canguru*. Agora tem só um portal, que se chama *Canguru News*. Ela ainda segue esse nicho de falar sobre infância, maternidade, educação. Agora, eu estou participando do programa de treinamento da *Folha*, que é um jornal grande daqui de São Paulo. Mas eu não cheguei a estar na redação. O programa está sendo à distância agora, desde maio. É a minha primeira experiência com um jornal de mídia hegemônica e de grande circulação.

[00:03:53] Entrevistadora: Você já consegue notar se têm diferenças e semelhanças no trabalho, para a *Folha* agora, e no seu trabalho antes, no *Lado M* e com outros canais menores?

[00:04:10] Entrevistada: Essa turma de treinamento é diferente. Foi o primeiro *trainee* que a *Folha* fez para profissionais negros, então, dentro da turma, tem uma liberdade muito grande de a gente falar de todos os assuntos e tem uma abertura bem boa para a gente escolher temas. No final do curso, a gente vai fazer um caderno especial. Nesse recorte do treinamento, tem uma recepção muito boa. O jornal, em si, eu não sei dizer, com certeza, mas o que eu percebo é que o fluxo de trabalho é muito grande. Por ser *hard news*, tem um fluxo de trabalho gigantesco. Nessa rotina de fluxo de trabalho muito grande, acaba não tendo espaço para pautas que são menos urgentes em relação ao acontecimento e às *hard news*. Então, eu acho que tem um espaço menor, até por uma questão de tempo dos próprios repórteres (está todo mundo cobrindo Política e Economia). Eu percebo um esforço do jornal. O jornal tem uma editoria de Diversidade. Diversidade tem dois anos - eu não tenho certeza. Mas eu percebo um esforço de trazer algumas pautas diferentes, de trazer pessoas diferentes, olhares diferentes, em que, nos veículos menores (o *Lado M*, *AzMina*), isso não é um esforço, mas é uma premissa que seja um pouco menos diferente. É um pouco essa cobertura que não tem tempo na mídia mais hegemônica.

[00:06:21] Entrevistadora: Você se considera feminista, Catarina?

[00:06:24] Entrevistada: Sim.

[00:06:25] Entrevistadora: Por quê?

[00:06:26] Entrevistada: Não sei qual foi o momento de virada, quando eu comecei a me enxergar feminista, mas desde que eu descobri o que era feminismo (quando eu ouvi esse nome), eu me considero feminista. Eu cresci em uma família grande. Fora eu, tem outros cinco irmãos, minha mãe e meu pai. É dividido: são três mulheres e três homens. Eu sempre percebia uma diferença muito forte entre o tratamento entre mim e meu irmão mais novo, entre as minhas irmãs mais velhas e meus irmãos mais velhos. Isso sempre me incomodou. No finalzinho do ensino médio, principalmente, eu comecei a ver coisas sobre feminismo e conheci esse nome. Na hora em que tudo aquilo ganhou um nome, fez muito sentido para mim, porque era um incômodo que eu tinha e era um incômodo que eu via, mas ficou palpável. Eu consegui nomear aqueles incômodos. A partir disso, eu continuei estudando e continuei

me envolvendo com coisas sobre o feminismo, principalmente com coisas sobre o feminismo negro. Foram dois momentos (o momento do feminismo e o momento do feminismo negro), que me ajudaram a nomear as coisas.

[00:08:06] Entrevistadora: Você me disse que foi preciso denominar, preciso dar nome, e que você, em determinado momento, descobriu o que era o feminismo. Eu queria entender um pouquinho melhor o que é ser feminista, para você.

[00:08:23] Entrevistada: Para mim, é algo ainda distante, né? Eu não quero entrar naquele clichê de direitos para homens e mulheres etc. Mas, para mim, é sempre estar atenta e ter consciência de que a sociedade trata diferente os homens e as mulheres. O feminismo, para mim, é estar atenta a essas diferenças, para você tentar mudar de alguma maneira, tentar alcançar as pessoas próximas de você e conversar sobre isso. Então, para mim, é estar atento no nível macro, de políticas públicas, de igualdade salarial - de nível maior, que não está tanto em nossas mãos -, quanto no nível micro, que é na relação com a mãe, na relação com a tia. É ficar atenta a essas coisas, na reunião de família, entre as amigas. Para mim, ser feminista é você sempre ter que estar atenta a essas coisas. A gente luta, a gente lê, a gente vê séries e tudo faz sentido, mas, para mim, a pessoa que é feminista coloca em prática isso na vida dela. É ela estar percebendo o que acontece no relacionamento que ela tem dentro de casa, no trabalho. Para mim, para ser feminista, a pessoa precisa estar atenta a essa coisa estrutural do machismo.

[00:10:08] Entrevistadora: Pelo o que você me disse, com você foi mais um processo de ir descobrindo o movimento feminista. Ali, no final do ensino médio, você se deparou mesmo com o movimento, com as pautas feministas. Você se lembra se teve algum momento marcante, quando você descobriu que você tinha afinidade mesmo com a pauta?

[00:10:37] Entrevistada: Acho que não. Para mim, não teve nenhum grande marco. Foi mais de conhecer pessoas. Tinha uma amiga minha que já era bastante envolvida com o movimento feminista, na época do ensino médio, então foi um pouco através dessa amiga que eu comecei a conhecer. Foi estranho, na verdade, porque eu ouvia ela falando sobre as coisas que a incomodavam, eu ouvia ela falando sobre as pautas do feminismo, mas, em um

primeiro momento... Eu não lembro exatamente o ano, mas eu estava no segundo ano do ensino médio. Se eu não me engano, o ano era 2010. Eu não me lembro exatamente. Eu posso olhar e depois confirmo para você. Eu estranhei aquele comportamento mais combativo dela, no primeiro momento, até que aquele comportamento combativo começou a fazer sentido para mim - mas foi durante o último ano do ensino médio, principalmente. Depois, ficou mais forte quando eu comecei a fazer pré-vestibular. Logo que eu saí do ensino médio, no ano seguinte, eu fiz um cursinho pré-vestibular, em um cursinho popular que fica atrás da Faculdade de Direito da USP. Como o ambiente universitário tem o coletivo negro, o coletivo feminista e é esse ambiente mais politizado, eu acho que aí foi a virada. No final do ensino médio e no início do cursinho, eu tive contato com o coletivo feminista. Eu sabia que as pessoas se organizavam e eu já tinha lido texto sobre feminismo, para saber o que era, mas eu nunca tinha tido contato com uma organização feminista de fato. No cursinho, eu conheci meninas que estavam no coletivo. Eu não estava no coletivo porque eu não estava na faculdade naquele momento, mas a gente conversava muito. Aí, eu já comecei a pensar: "Que legal saber disso". A faculdade de Direito é um ambiente muito elitizado, com muito machismo, é um ambiente muito branco, então eu comecei a ver que as pessoas de fato se organizavam - não era uma coisa só de internet e de ler. Eu acho que o momento de virada foi ali no cursinho. Depois que eu entrei na faculdade, foi um pouco melhor. Eu participei de algumas reuniões do coletivo da ECA. Eu cheguei a ficar um tempo no coletivo da ECA e depois eu saí e...

[00:13:45] Entrevistadora: Como foi... Ai, me desculpa! Eu te interrompi.

[00:13:48] Entrevistada: Imagina! Pode me perguntar.

[00:13:51] Entrevistadora: Como foi a sua experiência nesses coletivos de militância dentro da universidade?

[00:13:56] Entrevistada: No primeiro momento, foi muito bom. Eu aprendi muita coisa. Foi muito legal! Depois, eu comecei a sentir falta de alguns temas, porque a faculdade é um ambiente muito branco. A faculdade pública é um ambiente muito branco, então eu comecei a sentir alguns incômodos. Eu senti falta de algumas discussões. Alguns problemas que elas

tinham e que elas traziam não eram problemas que me diziam respeito, até porque eu sou uma pessoa que mora na periferia da cidade de São Paulo (eu ainda moro, mesmo depois de formada) e venho de uma família que é pobre, de uma família que não teve muitas condições. Então, tinha algumas questões, alguns problemas, que eu entendia, na perspectiva de que o mundo é machista, independente da classe da pessoa, mas que não me acolhiam de maneira nenhuma. Às vezes eu trazia algumas coisas que eu sentia falta e essas coisas também não encontravam lugar, porque elas não se identificavam, porque aquelas não eram a realidade delas. Então, foi um pouco nesse momento que eu parei e pensei: “Esse espaço talvez não seja para mim”. A ECA tem um coletivo negro...

[00:15:28] Entrevistadora: É isso o que eu ia te perguntar. Mas esse coletivo é do movimento negro e não, necessariamente, atrelado ao feminismo negro, é isso?

[00:15:37] Entrevistada: É. É um coletivo do movimento negro, então tem homens, mulheres. Não é um coletivo de mulheres negras. Nesse momento da faculdade, eu já estava mais na metade. Eu participei do OPAR também, durante um tempo, mas como eu tinha uma rotina de trabalhar e estudar e de fazer muitas coisas, e eu morava muito longe, então eu ficava o dia inteirinho fora de casa, então eu não participei de muitos coletivos, dessa coisa mais politizada da faculdade. Essa parte de participar, de ir às reuniões foi mais no começo da faculdade. Depois que eu comecei a trabalhar, eu não participei tanto do coletivo. No finalzinho do curso (eu me formei em dezembro do ano passado), quando o coletivo negro se organizou para fazer reuniões à distância, para fazer algumas coisas na pandemia, eu voltei a me envolver. Eles têm as ações do coletivo e as reuniões que são gerais, mas tinha também reuniões que são só das mulheres. Eles têm essa coisa do recorte e também têm algumas ações, como roda sobre feminismo negro para todo mundo (os homens participam como ouvintes ou fazem perguntas). Então, é uma dinâmica legal. Essa roda de conversa sobre feminismo negro me abraçou muito mais. Eu participei algumas vezes, mas ela me abraçou muito mais porque eram pessoas muito mais parecidas comigo. A gente conversava, a gente trazia referências, a gente levantava algumas questões de vez em quando que eram comuns na vida da universidade.

[00:17:52] Entrevistadora: Quando você começou a contribuir para o *Lado M*, você sentiu esse acolhimento também? Tinha esse espaço para você falar das suas vivências?

[00:18:02] Entrevistada: Tinha, tinha. Era até sobre o que eu mais falava. Teve um texto que eu fiz para elas sobre feminismo interseccional e teve outro que foi, basicamente, sobre experiências que eu tive. Eu achei esse espaço. Apesar de as meninas do *Lado M* serem a maioria branca, eu sentia, por ser uma coisa mais de escrever, de contar e não estar tão relacionado às conversas pessoais, eu encontrei um espaço, tanto para falar de assuntos mais jornalísticos mesmo, quanto para falar desses assuntos que eu trazia que eram mais relacionados a mim.

[00:18:58] Entrevistadora: Eu me lembro de uma amiga minha, que entrou comigo na faculdade. Ela era uma das poucas pessoas negras na turma e ela morava também na periferia em Brasília. Hoje ela está morando no Rio. Ela conta sempre - até depois do final da faculdade - que, quando ela chegou na UnB, era muito impactante para ela o discurso que existia na turma de que as pessoas que estavam ali (e tinham passado no vestibular) não tinham feito mais do que a sua obrigação, porque os pais tinham pago escolas caras ao longo da vida, então eles tinham que passar no vestibular. Ela ouvia isso e pensava: "Nossa! Mas na minha família isso nunca foi uma questão. Eu nunca imaginei que eu estaria aqui um dia. Não era a vida que eu previa para mim nem a vida que a minha mãe previa para mim quando eu era criança". Então, não existia essa cobrança e essa obrigação porque era uma realidade muito distante. Ela não conseguia se identificar com aqueles discursos da turma também. Existia esse distanciamento.

[00:20:05] Entrevistada: Sim! É uma coisa que, às vezes, as pessoas da família nem sabem o que é uma universidade pública e nem sabem que existe isso.

[00:20:17] Entrevistadora: Sim! Depois, a irmã mais nova dela também estudou na UnB. Eram ela, a irmã e a mãe - as três moravam juntas. Você me contou também da sua família e que você via uma diferença no tratamento dos filhos e das filhas. Como a sua entrada na universidade e também o seu trabalho com o *Lado M*... Eu vi que o seu TCC falou também - pelo o que eu entendi - sobre feminismo e feminismo negro. Não foi isso?

[00:20:56] Entrevistada: Foi! O meu TCC foi um trabalho de fotografia e de texto. Eu fiz entrevistas com mulheres negras para entender a relação delas com os cabelos crespos. Eu fiz as entrevistas, peguei os relatos e a ideia era fazer uma reportagem. Inicialmente, iria até salões e espaços que as pessoas vão para cuidar do cabelo, do cabelo crespo, em específico, iria conversar com aquelas mulheres naqueles espaços e iria acompanhar algumas cabeleireiras por algum tempo. Como veio a pandemia, mudou toda a proposta. Eu continuei conversando com essas cabeleireiras e com essas mulheres, mas à distância. A maioria das pessoas que aparecem no trabalho são da minha família.

[00:21:57] Entrevistadora: Você não podia mais ter contato com pessoas externas, né?

[00:21:59:] Entrevistada: Mesmo depois da reabertura dos salões, eu entendi que o tema pedia que eu me expusesse. Eu iria me expor e acabar expondo essas pessoas por uma coisa que eu poderia ter adaptado, para fazer sem essa exposição. Foi meio isso o que rolou. Tem uma parte teórica, que explica a parte da fotografia, do fotojornalismo, que fala sobre feminismo negro e sobre a importância de falar da mulher negra com o cabelo. Tem a parte prática, que virou um *book*, que é um PDF com as entrevistas das pessoas com quem eu falei e algumas fotos (algumas fotos que eu fiz no salão antes da pandemia e algumas fotos que eu fiz das pessoas da minha família).

[00:22:53] Entrevistadora: As suas fotos são lindas.

[00:25:55] Entrevistada: Obrigada! Você tinha me perguntado também sobre como foi a recepção da minha família, né?

[00:23:07] Entrevistadora: Desse seu trabalho, de quando você começou a trabalhar com o *Lado M*, de quando você começou a entrar nesses coletivos de militância. Como isso passou a se refletir na sua relação com a sua família?

[00:23:21] Entrevistada: Em um primeiro momento, eu era a “Catarina Revoltada”. “Não fala tal coisa perto da Catarina”, “Não faz tal coisa perto da Catarina”, porque eu ia falar alguma coisa. Em um primeiro momento, eu era essa pessoa.

[00:23:37] Entrevistadora: Acho que todo mundo passa por essa fase, né?

Ligação cai.

Ligação é retomada.

[00:00:01] Entrevistadora: Alô! Eu acho que a ligação caiu. Você estava me contando que, em um primeiro momento, você era considerada “a revoltada” da sua família.

[00:00:14] Entrevistada: Isso! Depois [inaudível] um pouco mais esse movimento de questionar as coisas, de me intrometer no que estava rolando, principalmente o meu irmão mais novo. A minha casa tinha uma rotina que era assim: minhas irmãs mais velhas sempre cuidaram de mim e do meu irmão mais novo e elas tinham uma responsabilidade muito grande dentro de casa, de levar a gente para a escola, de fazer comida. Elas faziam todos os serviços domésticos. Para as minhas irmãs, tem uma diferença bem grande de idade entre mim e elas. Uma tem 10; outra, 11 anos de diferença; e a outra tem 12. Depois, vêm eu e meu irmão mais novo. A gente tem cinco anos de diferença. Quando elas começaram a sair de casa - elas casaram, tiveram filhos e foram saindo da casa da minha mãe -, essas responsabilidades que elas tinham de cuidar da casa foram passando para mim. Coisas que eu fazia, quando eu tinha 10 ou 11 anos de cuidar da casa, quando meu irmão tinha 10 ou 11, ele não fazia. Essa era a minha principal briga dentro de casa. Quando a gente foi crescendo... A gente brigava, brigava, brigava. Minha mãe falava: “Às vezes...” e não sei o quê. Minha mãe reproduzia muito as coisas do machismo porque ela foi criada assim, e o meu pai foi criado assim, então eles naturalizavam isso. De tanto eu brigar, de tanto eu brigar, quando eu fui saindo de casa para estudar, essas tarefas domésticas que eram minhas, voltaram para a minha mãe. Mas ela, pela idade, por ter problema na coluna, não podia mais fazer, então isso teve que chegar no meu irmão. Quando ele foi crescendo e ficando adolescente, ele começou a entender as coisas que eu falava para ele e a postura dele mudou um pouco. Ele começou a perceber: “Eu era muito babaca quando eu era pequeno” - esse tipo de coisa. Ele começou a entender o que estava acontecendo. A gente começou a ter umas conversas um pouquinho mais politizadas. A minha mãe, eu percebi que coisas que ela falava antes, ela já não fala agora; posicionamentos que ela tinha, quando eu era bem mais nova... Por exemplo: minha irmã passou por um divórcio. Ela teve um filhinho e depois se

separou do marido. Minha mãe tinha uma postura muito dura com ela: “Você tem que ficar com ele por causa do seu filho”. Ela não estava achando bom esse relacionamento. Eu percebo que, de um tempo para cá, ela mesma mudou essa postura.

[00:03:34] Entrevistadora: A sua mãe, né?

[00:03:35] Entrevistada: Aham! Tanto nesse sentido de a minha irmã ficar em um relacionamento só porque ela tinha filho, quanto com a minha outra irmã. A minha irmã mais velha é coordenadora de uma escolinha de educação infantil. A experiência dela de faculdade foi muito diferente da minha. Ela fez faculdade mais velha, ela pagou a faculdade. Quando ela começou a trabalhar, ela engravidou e ela não tinha condições de ficar com a filha dela, então ela não pôde parar de trabalhar para ficar com a menina. Sobre isso, minha mãe também era muito dura com as críticas. “Sua filha vai adoecer se você não cuidar dela”. Agora eu já vejo que isso mudou um pouco. Não foi só por eu ser uma chata, falando “Vai viver a sua vida”, mas foi algo que foi se tornando mais parte deles, sabe? Às vezes eu falava e, no fundo, não fazia nenhum sentido, mas pode ser que em algum momento de alguns anos para cá, essas coisas foram fazendo um pouco mais de sentido.

[00:04:58] Entrevistadora: Também tem outros estímulos que devem ter vindo não só de você dentro de casa, conversando, mas de outros lugares também - outras informações.

[00:05:10] Entrevistada: Sim, sim. Às vezes, até ela falava: “O que você está fazendo na faculdade?”. Eu respondia: “Estou fazendo pesquisa sobre política” - esse tipo de coisa. Eu sentia o interesse dela, minha mãe, e das minhas irmãs. Às vezes eles abriam o livro e gostavam. Outras não. Mas tinham outras coisas que podiam interessar. Elas foram, elas mesmas, procurando alguns espaços para elas. Foi despertando o interesse por feminismo.

[00:05:47] Entrevistadora: Você me contou que você começou a colaborar com o *Lado M*, quando você estava no segundo...

Ligação cai.

Ligação é retomada.

[00:00:01] Entrevistadora: Alô?

[00:00:02] Entrevistada: Oi?

[00:00:03] Entrevistadora: Me desculpa!

[00:00:04] Entrevistada: Acho que caiu de novo.

[00:00:05] Entrevistadora: Caiu de novo. Eu não sei o que está acontecendo. Você me contou que você começou a colaborar com o *Lado M*, quando você estava no segundo ou terceiro ano de faculdade. Antes disso, você já tinha começado a ter contato com o movimento feminista, com os coletivos dentro da USP. Eu queria saber se a sua visão sobre o feminismo mudou depois que você começou a trabalhar como jornalista feminista.

[00:00:30] Entrevistada: Eu não sei dizer se teve uma relação tão direta. Eu acredito que sim, porque eu estava ativamente procurando isso, não só quando tinha uma reunião no coletivo ou tinha um assunto interessante na internet. Então, eu estava ativamente falando com pessoas feministas sobre as pautas e eu estava envolvida mesmo. Eu acho que teve, sim, uma mudança.

[00:01:10] Entrevistadora: Como você se sentia quando você estava desenvolvendo as atividades para o *Lado M* ou como você se sente hoje tanto fazendo fotografia como a pesquisa do seu TCC e trabalhando com essas pautas mais voltadas para o feminismo?

[00:01:28] Entrevistada: Tem uma coisa que eu acho que ao mesmo tempo é legal e ao mesmo tempo é um pouco triste é que tem que ter uma identificação muito grande. Quando eu fui fazer o TCC, eu vi que tem que ter uma identificação muito grande mesmo das pessoas com quem eu falo, sobre o que eu estou escrevendo. É diferente de fazer uma pauta na qual eu não estou inserida em nenhum lugar. Eu vejo uma dificuldade naquela questão de distanciamento e de ter algum tipo de distanciamento com as fontes, que é o mito do jornalismo - ser imparcial. Quando eu estou fazendo essas pautas, eu sinto dificuldade nessa coisa do distanciamento porque tem uma identificação comigo muito grande. Na pesquisa para o TCC, foi bastante parecido com o que acontecia em algumas pesquisas de pautas para o *Lado M*: quando eu fui ler as acadêmicas (eu fui ler Lélia Gonzales), com o olhar de pesquisar mesmo, ao mesmo tempo em que eu estava com esse olhar de “estou pesquisando”, aquela pesquisa dizia respeito a mim. Então, foi uma coisa que mexeu em

mais de um nível. Isso acontece quando eu estou fazendo pautas mais voltadas para o feminismo e quando eu estou fazendo pautas mais voltadas para a questão racial.

[00:03:17] Entrevistadora: Como você acha que esse tipo de trabalho atinge a sociedade?

[00:03:23] Entrevistada: Em alguma medida, eu percebo que os portais menores, tipo o *Lado M*, estão crescendo e eles têm pautado os veículos maiores e têm mostrado para os veículos maiores que existe a necessidade de fazer uma pauta que fale de feminismo, que existe a necessidade de falar que pesquisadoras estavam tendo dificuldades durante a pandemia (porque as mulheres estavam com uma carga mensal muito maior) e que as enfermeiras são as mais prejudicadas nos hospitais. Eu sinto que esses veículos menores têm conseguido pautar grandes discussões.

[00:04:17] Entrevistadora: Aí, surgem movimentos, como o que você comentou, da Editoria de Diversidade.

[00:04:22] Entrevistada: Sim! A Editoria de Diversidade na *Folha*; ou essa pauta sobre mulheres pesquisadoras, que saiu em muitos lugares. Se eu não me engano, a Thaís deu essa das enfermeiras. Eu acho que esses movimentos que são declaradamente de nicho (o *Lado M* é um veículo declaradamente de nicho, *AzMina* também, o *Think Olga*) têm pautado os veículos maiores. Eu acho que isso acontece não só com o feminismo, mas com a questão racial, com o jornalismo das periferias (agências que tentam cobrir periferias de uma forma, porque os jornais maiores estão tentando chegar nesses lugares, porque essas discussões estão partindo dessas pessoas). Elas não são pautadas pelas redações, mas são pautadas pelas outras pessoas e, às vezes, não são pessoas do perfil de quem está na redação. Às vezes, nem são pessoas do perfil de quem lê aquele jornal. Mas só de o assunto chegar e ser discutido, eu já acho que é uma contribuição grande.

[00:05:39] Entrevistadora: Eu não sei se você já precisou cobrir alguma pauta relacionada, por exemplo, à violência contra a mulher ou essas temáticas mais delicadas. Já aconteceu? Eu queria saber como a cobertura desse tipo de tema afeta a sua rotina.

[00:06:01] Entrevistada: Eu nunca precisei cobrir esse tipo de tema. Como eu trabalhava com uma coisa muito de nicho, e agora eu estou em um veículo que é mais de educação, então

eu nunca precisei trabalhar com violência contra a mulher ou com algum tema, como estupro, que é um tema mais delicado de se falar.

[00:06:23] Entrevistadora: Você já se sentiu, de alguma forma, acuada por se identificar com a causa feminista?

[00:06:32] Entrevistada: Não. Como foi meio que natural, eu nunca me senti acuada. Talvez, um pouco quando eu comecei a procurar estágio. Eu percebi que a maior parte dos textos que eu tinha no meu portfólio eram mais voltados para o feminismo e para a causa racial, aí eu fiquei com certo receio de não ser chamada para entrevistas em alguns lugares, por conta de estar envolvida com feminismo. Eu sempre contribuí com o *Lado M* e eu também contribuí com outro portal, que se chama *MinasNerds*. Então, eu ficava com receio de isso me tirar da seleção. Eu não sei se aconteceu.

[00:07:38] Entrevistadora: Eu ia te perguntar isso: se você sabe se isso se concretizou.

[00:07:41] Entrevistada: Não sei te dizer se aconteceu. Mas eu acho que foi o meu principal medo. Eu não tinha portfólio de *hard news* ou de nada muito jornalístico (política, economia - esses grandes assuntos). Até hoje eu não tenho.

[00:08:10] Entrevistadora: Você acabou de se formar.

[00:08:12] Entrevistada: É! Eu não vejo como um problema. Apesar de serem temas que dizem respeito a mim, são coisas que eu gosto muito e que eu vejo que têm uma relevância de jornalismo, uma relevância noticiosa. Então, não vejo como um problema.

[00:08:29] Entrevistadora: E acho que, cada vez mais, estão ganhando espaço essas temáticas e essas causas, dentro do jornalismo.

[00:08:40] Entrevistada: Esse outro portal para o qual eu contribuí, o *MinasNerds*, é um portal de cultura *pop*. Ele fala sobre várias coisas: cultura *pop*, videogame, entretenimento, feminismo. Ele era só de mulheres também. Eu não sei como está a sua pesquisa, mas, se você pesquisar e tiver interesse, eu posso te passar o contato da moça que era editora.

[00:09:05] Entrevistadora: Legal! Eu vou dar uma olhada nele. Eu não conheço. Para fazer o levantamento dos canais para pesquisar, eu usei como base o Mapa do Jornalismo Independente, que a Agência Pública construiu. Eles mapearam vários veículos. Eu peguei

de lá os que têm o maior número de seguidores nas mídias sociais. Eu estou trabalhando com *AzMina*, a *Think Olga* e o *Lado M*, e eu estou pensando em incluir a *Não Me Khalo*. Mas eu vou dar uma olhada, sim, nesse que você sugeriu, mesmo que para conhecer. É *MinasNerds*, né?

[00:09:44] Entrevistada: Uhum!

[00:09:46] Entrevistadora: Legal! Bom, você acha, então, que você nunca chegou a se sentir acuada mesmo, exceto nesses momentos de mandar o seu portfólio e currículo. Você já chegou a ter embates e sofrer algum tipo de violência por se alinhar com o feminismo, fisicamente (fora da internet) ou mesmo digitalmente?

[00:10:14] Entrevistada: Digitalmente, já, com comentários e tudo mais. Nunca muito, porque nunca tive nada em veículos de grande circulação, mas só os comentários de pessoas da internet, mas nada muito direcionado nem nada muito direto.

[00:10:44] Entrevistadora: Isso foi nos seus textos mesmo ou no seu perfil pessoal?

[00:10:52] Entrevistada: Nos meus textos. No meu perfil pessoal nunca chegou a ter nada, até porque eu não uso tanto. Eu tenho o Instagram para fotos, mas ele não tem muita coisa. O meu perfil pessoal é fechado e o meu Facebook é fechado e nunca teve. Mas, nos meus textos, eu já vi comentários, mas nunca foi nada direto.

[00:11:26] Entrevistadora: Quando você estava contribuindo para o *Lado M*, como era a sua rotina de trabalho?

[00:11:35] Entrevistada: Era um pouquinho corrida, porque eu também estava na faculdade. Eu tinha começado um estágio naquele ano, que foi em uma revista mais voltada para a infância, e estava contribuindo com o *Lado M*, então era bastante coisa.

[00:11:52] Entrevistadora: E, em paralelo, tinha a faculdade também, né?

[00:11:54] Entrevistada: Isso! Em paralelo, tinha a faculdade. Era bastante coisa, mas o *Lado M* não tinha essa coisa de “São seis horas por semana”. Era uma coisa de eu pegava as pautas do jeitinho que elas davam e ia encaixando para escrever, para apurar, durante a semana.

[00:12:20] Entrevistadora: E você costumava contribuir semanalmente?

[00:12:25] Entrevistada: Eu não me lembro. Eu acho que era semanalmente, mas eu não me lembro com certeza.

[00:12:31] Entrevistadora: Com quem você interagia mais? Era com a Mariana mesmo?

[00:12:36] Entrevistada: Uhum! Era com a Mariana. Além dela, tinha algumas outras meninas mais encarregadas de outros assuntos, mas, principalmente, era com ela.

[00:12:51] Entrevistadora: Aí ela publicava os seus textos no portal, né? Ela revisava e publicava?

[00:12:55] Entrevistada: Isso! Antes tinha um portal mesmo. Agora está com um *Medium*, mas, na época em que eu colaborava, tinha um portal.

[00:13:03] Entrevistadora: Ela me explicou que, mais recentemente, nos últimos anos, elas decidiram parar de tentar monetarizar o *Lado M* e fizeram essa migração, deixando o portal, que antes era pago, de lado.

[00:13: 21] Entrevistada: Isso! Chegou até a cair, em uma época, o servidor. Quando a gente estava com acesso ao portal, a gente teve que colocar texto de novo. Acho que, para elas, acabava sendo pesado o trabalho de manter esse portal pago, aí foi melhor migrar para o *Medium*.

[00:13:41] Entrevistadora: Entendi! Na migração, rolou isso de cair. Eu conversei com uma moça que me falou que foi ela mesma que fez a migração dos textos dela. Foi você que fez a dos seus também?

[00:13:51] Entrevistada: Foi. Elas avisaram a gente que ia cair e que o portal ia ser desativado, aí a gente fez aquele negócio de linkar com o *Lado M*. Eu coloquei no meu perfil e elas meio que juntaram com o perfil do *Lado M*.

[00:14:14] Entrevistadora: Então, sobre os seus horários de trabalho, você mesma ia encaixando dentro das suas possibilidades do seu dia a dia, né?

[00:14:21] Entrevistada: Uhum!

[00:14:22] Entrevistadora: E como era a sua relação com as outras colegas do *Lado M*? Você conhecia? Você tinha contato?

[00:14:30] Entrevistada: Era bem tranquila. Eu conhecia algumas pessoalmente - eu não conhecia todas. Algumas eram da ECA, mas algumas não. Mas teve uma campanha em vídeo que a gente fez - acho que foi aquela do “Meu Amigo Secreto” -, que seria uma *hashtag* contra o assédio. A gente fez algumas campanhas de vídeos e, nesses momentos, eu conheci mais pessoas, que eu não conhecia na faculdade, e que colaboravam. Mas era bem tranquilo!

[00:15:06] Entrevistadora: A relação da equipe com as fontes: você chegou a precisar procurar fontes para escrever seus textos? Como funcionava a dinâmica?

[00:15:16] Entrevistada: A gente usava bastante - eu acho que nem existe mais esse *soeur code* – algo que era o “entreviste uma mulher”. Eu cheguei a procurar esses dias, mas parece que não tem mais. A gente utilizava bastante esse banco de fonte. As fontes sempre foram receptivas nas matérias que eu fiz. Por não ter nenhum assunto delicado, as fontes foram receptivas. Tinha um pouco de dificuldade - era um portal muito grande - de explicar o que era e o que eu estava fazendo. Às vezes, as pessoas não respondiam. Mas acho que nunca teve nenhum incômodo ou desconforto significativo, não, de prejudicar o meu trabalho. Acho que o que mais prejudicava era o negócio de eles não conhecerem o portal e às vezes não darem bola.

[00:16:18] Entrevistadora: Você acha que o que o *Lado M* faz é jornalismo?

[00:16:23] Entrevistada: Eu considero! Eu acho que tem mais matérias mais jornalísticas, que tem mais uma contribuição de notícias, do outro lado, de resenha, crítica, então eu considero que seja jornalismo. Ao mesmo tempo, tem também o outro lado, que é mais de opinião mesmo. Mas eu acho que faz parte do jornalismo.

[00:16:56] Entrevistadora: É o jornalismo opinativo, em paralelo à cobertura e às reportagens. Você sabe mais ou menos quem é o público para quem você estava escrevendo, quando você escrevia para o *Lado M*?

[00:17:15] Entrevistada: Eu nunca tive esses números, essas coisas. Eu imagino que fossem mulheres e jovens. Era meio que aquela coisa de pregar para convertidas. Acho que esse era o público do *Lado M*.

[00:17:28] Entrevistadora: Você acha que a iniciativa tem *haters*? Você me contou que, em alguns textos, surgiam alguns comentários.

[00:17:38] Entrevistada: Eu acho que não chega a ter uma coisa forte de *hate*. Às vezes, sim, por falar que é feminista e tudo mais. Eu acho que sempre tem um pessoal que vai comentar, criticando. Mas não acho que seriam *haters*, que perseguem a todo custo. Mas eu não tenho propriedade para falar.

[00:18:22] Entrevistadora: Quando eu conversei com a Mariana, ela me disse que, realmente, no início tinha mais comentários com ameaças, mas eram ameaças vazias. Os caras ficavam escondidos e nunca faziam nada, nem nunca se concretizou nada. Isso foi minguando, foi desaparecendo com o passar dos anos. Agora com o pessoal d'*AzMina*, com quem eu conversei, há ameaças e a atividade dos *haters* são bem mais fortes - eles são bem mais incisivos. Tem ataque hacker ao site, algumas repórteres já sofreram processos judiciais. Acho que é porque elas abordam, com mais frequência, temas mais sensíveis.

[00:19:15] Entrevistada: Eu acho que sim. Tem a Nana Queiroz. Eu não sei se você falou com ela. Eu me lembro de estar acompanhando ela nas redes sociais e ela já ter falado de pessoas que ameaçaram ela...

[00:19:28] Entrevistadora: Sim! Ela já foi ameaçada de morte.

[00:19:29] Entrevistada: Mas é isso: ela fala de assuntos mais sensíveis - ela fala de assédio e de violência. Eu acho que *AzMina* é um portal maior também. Eu acho que tem isso. O *Lado M* não tem mais o site mesmo. Eu entendo que dava trabalho, mas eu acho que era um espaço importante para eles se consolidarem enquanto veículo. Acho que *AzMina* estão mais consolidadas enquanto veículo. Isso dá mais pano para ter *hater*. Eu não sei. Estou chutando pelo o que eu estou acompanhando, mas eu acredito que os *haters* da *AzMina* tenham aumentado nos últimos tempos, enquanto os do *Lado M* diminuíram, porque eu acho que a presença do *Lado M* diminuiu um pouco.

[00:20:18] Entrevistadora: Sim. N'*AzMina*, pelo o que elas me falaram, é sazonal. Depende muito da cobertura. Se elas estiverem falando sobre aborto, vai encher de *hater*, mas tem outras temáticas que elas cobrem... Elas, inclusive, me disseram: "Esses assuntos são muito

mais interessantes, mas, como não aparecem *haters*, não tem tanta visibilidade e as pessoas acabam nem sabendo que a gente está falando sobre”. Às vezes, quando elas gostam mais dos textos e das coberturas, elas sentem que não tem uma repercussão tão grande quanto os outros assuntos que elas acabaram não dedicando o mesmo empenho para falar sobre, mas como são assuntos polêmicos, eles se destacam mais. Alô?

[00:21:16] Entrevistada: Alô?

[00:21:17] Entrevistadora: Oi? Está me ouvindo?

[00:21:18] Entrevistada: Estou, sim.

[00:21:19] Entrevistadora: Como é a relação do *Lado M* com outros grupos de mídias independentes e grupos de mídia feminista? Existe esse contato?

[00:21:32] Entrevistada: Eu não sei te dizer. Na época, eu não me lembro de ter contato com outros veículos.

[00:21:40] Entrevistadora: Quando você estava trabalhando para o *Lado M*, o que te gerava mais satisfação no trabalho?

[00:21:49] Entrevistada: Foram poucas ocasiões, mas eu compartilhava conteúdos e via que pessoas se identificavam. Então, acho que isso era o mais legal de fazer os textos. Até quando as próprias fontes falavam: “Nossa! Eu li o seu texto. Tem a história de fulana também”. Isso era bem legal!

[00:22:17] Entrevistadora: O que gerava - se algo te gerava - insatisfação no trabalho?

[00:22:28] Entrevistada: Não sei se é insatisfação, mas é um pouco de cansaço, sabe? Às vezes, você está trabalhando com um tema que já está meio batido dentro do feminismo, e você perceber que aquele tema ainda não está consolidado. Às vezes, tem os *haters* ou comentários ruins. Aí, eu fico um pouco sem saco. “Queria estar fazendo outra coisa, mas olha esses comentários. Vou ter que falar sobre esse assunto de novo ou sobre essa situação”. Quando tem alguma notícia de violência ou de alguma coisa, você diz: “Não acredito que a gente vai ter que falar sobre isso de novo, sendo que a podia estar falando sobre coisas tão mais legais”.

[00:23:26] Entrevistadora: Agora, nesse período de pandemia, como você acha que a pandemia se reflete no trabalho das iniciativas que fazem midiativismo feminista? E como a pandemia impacta o movimento feminista como um todo?

[00:23:42] Entrevistada: Ao mesmo tempo que houve um fragmento, porque houve um retrocesso, tem muita coisa na pandemia que ficou parada. Eu avalio que projetos de veículos, ideias de pautas que elas tinham, acabaram caindo, porque a pandemia veio e foi como um tsunami e está todo mundo afogado até agora. Mas aí surgiram outras questões e surgiram outras pautas: acesso à internet, acesso para as mulheres, trabalho remoto para as mulheres. Eu acho que essas outras coisas influenciaram quais caminhos que foram tomados, porque elas passariam a ser muito mais reais. A própria violência contra a mulher, pedofilia, passaram a ser pautas muito mais frequentes, como a mulher que está em situação de violência e vulnerabilidade e ela não pode falar, porque ela está com o agressor dentro de casa. Então, teve essa coisa mais difícil, que escancarou alguns problemas que eram muito graves e estavam parados. Eu acho que foi isso.

[00:25:16] Entrevistadora: Pensando na atual conjuntura, de ampla disseminação de notícias falsas, como você acha que iniciativas como o *Lado M* lidam com essa situação?

[00:25:31] Entrevistada: Eu acho que tem uma dificuldade, sabe? Ao mesmo tempo em que tem muita *fake news* por aí, que tem muita notícia falsa, um portal pequeno tem mais dificuldade de se consolidar, mesmo que ele tenha fonte, que ele cite as fontes que ele tem, mesmo que você coloque os nomes das repórteres. Eu acho que tem uma dificuldade de se consolidar, porque às vezes a pessoa viu uma notícia do Lado M, por exemplo - ou do *MinasNerd*, que foi onde eu também colaborei -, e ela vai falar: "Isso daqui não é o G1, não é o site da *Folha*. Não é o *O Globo* que está dizendo, mas esse portal pequeno, que não tem um site. É um portal pequeno, que eu não posso verificar direito quem são os repórteres e quem são as pessoas que estão fazendo isso". Eu acho que, no caso do *Lado M*, é uma dificuldade muito grande tentar ser um portal de conteúdo feminista pequeno, dentro da internet, porque ficou uma coisa muito de nicho. Quem não conhece a iniciativa vai ter dificuldade de acompanhar os conteúdos e não olhar aquilo como ativismo da esquerda

feminista, mas olhar com o olhar de “estou lendo uma reportagem ou uma matéria”. Mas, ao mesmo tempo, eu entendo essa dificuldade, porque tem tanta coisa que o pessoal faz com a intenção de que pareça verídico. Eu acho que o portal pequeno tem essa dificuldade, mas eu acho que dentro do nicho, dentro das pessoas que o *Lado M* já atingia, não perdeu público. Eu acho que tem uma dificuldade maior de ganhar público, pelo fato de ter pouco dinheiro e ser uma coisa bem independente mesmo, então tem um pouco a dificuldade de ganhar espaço. Mas não acho que perdeu público.

[00:27:49] Entrevistadora: Por fim, eu queria saber, na sua opinião, o que faz com que o *Lado M* siga existindo.

[00:27:58] Entrevistada: Eu acho que é um pouco por saber que os assuntos não estão esgotados. Como as meninas chamam jornalistas iniciantes para contribuir e para colaborar, é um espaço legal para elas experimentarem; é um lugar que tem espaço para falar do que elas gostam e que, às vezes, mesmo estagiando ou trabalhando, não existe essa abertura - nem na faculdade - para falar de alguns assuntos que as colaboradoras acabaram de conhecer e estão empolgadas. Elas têm contato com o que é fazer uma reportagem, com prazo, tem uma pessoa editando um texto. Isso eu acho que contribui para o *Lado M* continuar existindo. E também a necessidade de falar. A pandemia escancarou essa necessidade de falar sobre temas de feminismo, de questão racial, porque aprofundou um pouco essa desigualdade, então, com essas desigualdades mais escancaradas, vem essa necessidade de falar sobre esses assuntos. Eu acho que isso mantém o portal existindo, não só o *Lado M*, como outros portais parecidos.

[00:29:27] Entrevistadora: Quando você estava contribuindo e colaborando com o *Lado M*, você recebia os seus textos revisados? Você acompanhava a revisão?

[00:29:39] Entrevistada: A gente editava no Drive (pelo Google Drive), então eu conseguia ver os comentários, eu conseguia ver as mudanças. Às vezes, se eu não concordasse com uma mudança de título ou em uma mudança de uma fala de fonte, eu podia entrar em contato com elas. “Olha, a fonte não falou bem isso. Escrito desse jeito dá a entender uma coisa diferente”. Eu conseguia acompanhar.

[00:30:12] Entrevistadora: Tinha liberdade de fazer sugestões?

[00:20:17] Entrevistada: Aham! Às vezes, você via só depois de ir para o ar. Eu entregava para elas, elas editavam e subiam. Mas, mesmo assim, dava para pedir essas mudanças. Por exemplo, quando eu fazia alguma arte para entrar na matéria, mas ela não entrava, elas me falavam: "Olha, a arte não entrou porque a visualização vai ficar ruim". Então, tinha essa resposta.

[00:29:48] Entrevistadora: Foram todas as perguntas que eu tinha para colocar, Catarina. Você tem alguma dúvida, alguma questão?

[00:30:14] Entrevistada: Eu acho que não.

[00:30:57] Entrevistadora: Se você depois pensar em alguma coisa que você queira acrescentar, é só você me avisar. Eu queria agradecer muito pelo seu tempo, por você ter topado participar e por ter falado comigo por mais de uma hora. Enfim, eu fico à disposição. O trabalho ainda vai demorar um pouquinho para ficar inteiramente pronto. Eu estou na metade do doutorado agora. Estou começando a fase de efetivamente fazer as entrevistas finais, para depois analisar. Se você quiser pontuar algo mais ou adicionar algo mais, você me avisa. Se você tiver qualquer dúvida, você pode falar comigo. Eu fico à disposição.

[00:31:47] Entrevistada: Está bom! Se você tiver alguma dúvida ou - não sei - tiver algo que deixou passar, que queira acrescentar ou confirmar, pode me chamar.

[00:31:58] Entrevistadora: Então, está bom! Muito obrigada. Obrigada mesmo!

[00:32:01] Entrevistada: Imagina!

[00:32:03] Entrevistadora: Bom dia para você. Obrigada!

[00:32:06] Entrevistada: Obrigada! Tchau!

[00:32:07] Entrevistadora: Tchau, tchau! Um beijo!

Cris Guterres - colunista *AzMina*

[00:00:01] Entrevistada: Eu adorei a sua pesquisa. Você mandou uma pesquisa digital?

[00:00:02] Entrevistadora: Não.

[00:00:03] Entrevistada: Então, foi outra pesquisa, com o mesmo tema.

[00:00:08] Entrevistadora: Que legal! Não sabia, não. A minha é toda de caráter qualitativo, então eu estou conversando com as pessoas e fazendo as entrevistas, que é para entender um pouquinho sobre a trajetória profissional e pessoal também. Era isso o que eu queria começar ouvindo de você. Queria que você me contasse um pouquinho como tem sido essa história profissional e, em paralelo, pessoal.

[00:00:38] Entrevistada: Eu demorei para começar como jornalista. Na verdade, eu virei funcionária pública logo que eu cheguei na faculdade. No meu primeiro ano de faculdade, eu já virei funcionária pública. Era um cargo de gestão pública, então eu fiquei muito tempo brigando para conseguir que revalidassem o meu diploma, que eu fosse reconhecida nessa unidade. Foi muito difícil! Eu acho que uma das questões era o fato de eu ser negra e eu ser muito nova (eu passei em um concurso público com 18 anos). Então, tem essa invalidação do nosso conhecimento - "ela acabou de chegar" - e tem todas essas ideias que a gente já sabe que são colocadas na gente. A gente tem um somatório de opressões. A cada momento das nossas vidas, tem algumas que nos acompanham ao longo de toda a nossa jornada (o gênero e a cor), mas a etária, por exemplo, tem uma modificação. Ela vai incomodando de diferentes maneiras, de acordo com o momento em que nós estamos. Daqui a pouco eu vou

viver essa opressão etária pelo fato de ser uma mulher velha. A gente sabe que o machismo ataca as mulheres mais velhas, porque a gente vai amadurecendo e vai entendendo exatamente como se articulam as estruturas sexistas, dentro dessa sociedade. Mas eu, mesmo assim, comecei a colocar o jornalismo em prática como uma ferramenta de resgate, uma unidade de saúde mental. Eu auxiliava nas oficinas: a gente fazia oficinas de música, de cinema, de rádio, tevê e jornal. Eu começo por aí. Tinha esse sonho também de ser diplomata e entrar nessa área. Eu comecei a olhar ao meu redor, com alguns anos de estudo, e falar: “Cara, não é impossível, mas eu vou perder tantos anos insistindo nesse sonho. É tão surreal isso”. Eu comecei a ver que mesmo as pessoas ricas, que já participavam desse sonho, eram preparadas desde a infância. Hoje, quando a gente vê o ministro da educação dizer que educação tem que ser para a elite... o concurso para diplomacia é algo que foi criado para a elite, que é estruturado e mantido para a elite. Não é para pobre!

[00:03:25] Entrevistadora: As pessoas demoram, em média, cinco anos para passar.

[00:03:30] Entrevistada: Gente que já está sendo preparada, que o pai coloca na escola desde pequeno. Eu conheci pessoas que o cara disse que já estava estudando há anos, dizendo que a família dele já tinha preparado ele há muitos anos. Eu comecei a falar: “Quantos anos eu vou demorar para me igualar com esse cara? Vai ser tão violento isso, tão agressivo, que não vale à pena”. Aí, eu desisti desse sonho. Eu desisti e acho que foi a melhor coisa que eu fiz para mim, porque eu fiquei muito tempo sem viver, obstinada. Tem um estudo do [inaudível], muito legal, que ele fala sobre buscar um objetivo e da questão de desistir e de como a gente se destrói e destrói até os sonhos quando a gente transforma um objetivo em algo maior do que nós. Naquele momento, era o que eu estava fazendo. Eu entendi isso e voltei atrás. Aí, eu volto atrás e lembro: “o meu sonho sempre foi ser jornalista”, e sempre foi ser jornalista. Desde criança, eu sempre brinquei de entrevistar umas bonecas, os colegas e tal. Estava muito relacionado com isso. Acho que a diplomacia veio quando eu comecei a buscar algo muito maior. Aí, eu volto para esse sonho de ser jornalista. Com o passar do tempo, eu fui conseguindo cavar esse espaço dentro da prefeitura mesmo. Eu trabalhava como funcionária pública na prefeitura de São Paulo e, no governo Haddad, eu também fui

convidada para ser uma das assessoras de imprensa e abri uma outra porta para mim, na Secretaria de Saúde. Ali eu volto a sonhar e começo a colocar a minha cara no mundo. É o momento também em que a gente descobre as redes sociais como porta de divulgação do nosso trabalho. Aí, eu faço um blog, começo a escrever, começo a contatar e a traçar um plano para que o meu nome se torne um nome no futuro conhecido. “Quem vai pagar?”, “Para quem eu vou pedir?”, “Com quem eu vou falar?”, “O que eu vou ler?”, “Para quem eu vou escrever?”. É nesse momento. Eu fiquei no governo Haddad. Quando acabou o governo Haddad, eu fui me preparando financeiramente. Eu pedi uma licença de dois anos do trabalho e fiz várias viagens para fora do Brasil. Comecei a fazer contato com os veículos, mandar texto das minhas viagens, fotos...

[00:06:13] Entrevistadora: Você já estava trabalhando com moda?

[00:06:18] Entrevistada: Isso foi paralelo, porque eu sou muito, muito ativa.

[00:06:24] Entrevistadora: Pois é! O seu currículo é impressionante!

[00:06:28] Entrevistada: Eu faço muita coisa ao mesmo tempo. Quando eu estava na prefeitura de São Paulo, eu já comecei a trabalhar com o pessoal do Periferia Inventando Moda. Foi uma amiga que me convidou. Eu amava moda. Eu tinha um blog e tal. O marido dela trabalhava nesse projeto e ele precisava de alguém para cuidar da comunicação. Era um projeto bem amador, de favela mesmo, de menino que não sabia nada, que não tinha contato com ninguém. Ele só tinha um sonho. Eu fui e participei com ele do Periferia Inventando Moda. Esse projeto valia a pena porque ia abrir espaço para mim. Eu conheci, nesse projeto, por exemplo, o Isaac Silva, que é um estilista incrível, que também me apresentou muita gente desse meio, que hoje faz diferença na minha carreira. A Magá Moura eu conheci através do projeto e eu fui para fora do Brasil com a Magá. A gente foi para o Afropunk. Eu cobri o Afropunk e fiz matéria. Paralelo a esses projetos, meus pais eram empreendedores e tinham um restaurante. Eu também era essa figura que estava divulgando o restaurante, contando para o universo que existiam pessoas negras dirigindo seus próprios negócios, dando palestras sobre isso, a ponto de eu ser reconhecida também como uma empreendedora de renome e ir parar em um programa de *reality show* de empreendedorismo.

Tudo acontece ao mesmo tempo! É engraçado que, uma vez, o Itaú estava procurando... Nossa! Aqui em casa tem um celular com toque no último volume. Todo mundo ouve. Já está me incomodando.

[00:08:40] Entrevistadora: Eu não ouvi o toque muito, não, só muito ao fundo.

[00:08:47] Entrevistada: É que chama a minha atenção. Mas eu também não quero acordar. Quero ficar em paz depois da entrevista. [inaudível]. Eu fui ser contratada pelo Itaú uma vez, porque eles queriam uma apresentadora para um evento de mulher empreendedora, que fosse empreendedora, que fosse jornalista, que fosse ativa. Aí, eles botaram no Twitter e “Como você faz tudo isso? Isso não é um problema?”. Eu falei: “Vocês estão procurando alguém que faz muita coisa e agora vocês estão questionando se isso é um problema? Não. Não é um problema”. Eu acho que é muito pelo contrário. Me transformou em uma profissional com multifacetadas. A minha numerologista fala uma coisa que hoje eu aceito muito bem: a minha característica é de uma pessoa que faz qualquer coisa e qualquer coisa que se disponibilizar a fazer, fará bem feito. “Relaxa! Vai e faz que está tudo certo”. Deu vontade de abrir uma sorveteria? Abre! Deu vontade de virar cientista? Vira! Está tudo certo! Eu venho seguindo horrores isso.

[00:10:09] Entrevistadora: Eu estava lendo os seus textos na *AzMina* e tem um deles em que você fala que, desde o seu filho, você começou a dar uma maneirada e a não se cobrar tanto. Eu achei bem legal a mensagem do texto, porque realmente são muitas tarefas simultâneas e também não dá para ficar exigindo tanto de si.

[00:10:33] Entrevistada: Eu tenho uma questão de ser perfeita em todas elas, em ser uma pessoa incrível, maravilhosa, das pessoas amarem, gostarem. Uma das coisas que eu ouvi da Thais Folego, uma das editoras da *AzMina*, quando a gente se conheceu... Ela me conheceu porque ela foi no meu restaurante. Alguém levou a Thais para almoçar no meu restaurante. Eu nem lembro quem foi. Me apresentaram: “É a Thais da *AzMina*”. Eu: “Ah, Thais. Eu adoro a revista. Queria tanto escrever...”. Aí, a gente fez o primeiro *match*. Passou um tempo e um dia ela me mandou uma mensagem: “Cris, cada dia que eu te conheço, eu fico mais impressionada, porque eu vejo que você faz tanta coisa e tudo o que você faz é

bom. Eu fui no seu restaurante e a comida era boa, o atendimento era bom, o texto que você escreve é ótimo, o vídeo que você grava é maravilhoso”. Tudo isso é muito bom! Eu acho que é sobre isso também e de eu também aceitar esse elogio, porque eu nunca acho que está bom. Pode ficar melhor. Em um dado momento, fui me descobrindo feminista também. Eu me questionava, mas ainda não entendia bem o lugar, porque o lugar do feminismo, quando a gente é uma mulher negra, acaba se tornando um não-lugar nesse feminismo universal, que é o primeiro feminismo com o qual a gente tem contato. Na minha geração, a Djamila, por exemplo, foi uma desbravadora, mas já na era das redes sociais. Antes da Djamila, tem várias mulheres negras: Lélia Gonzales, Beatriz Nascimento. Acaba que o conhecimento delas ficava muito recluso ao grupo do movimento negro e eu nunca fiz parte desse grupo, porque isso é ancestral - se a sua família faz parte, logo você faz. É o que, hoje, vai acontecer com o meu filho: o meu filho está em casa e vem aqui almoçar na minha casa o Preto Zezé, que é presidente da CUFA, e que está à frente de toda essa luta da população preta. Para ele vai ser diferente, mas, para mim, eu não tinha isso. Eu vim conhecer o feminismo negro a partir da Djamila nas redes sociais. Antes, eu tive contato com esse feminismo hegemônico, que é esse feminismo universal, que pensa as mulheres a partir das características da mulher branca. Então, para mim, era um não-lugar aquilo. Era aquele questionamento: “Elas estão falando de queimar sutiã, mas minha mãe sempre trabalhou”. Não fazia sentido tudo aquilo. Aí, eu venho tendo contato com esse lugar e é bem no mesmo momento em que eu estou construindo os meus textos, a minha fala (que já era uma fala muito questionadora). Eu fui a pessoa que tinha 12 anos nas Diretas Já e eu estava lá, mesmo com 12 anos. No *impeachment* do Collor, eu era muito novinha, mas eu fui na rua, fui nos movimentos. Então, eu sempre tive essa consciência social e racial e fui lapidando isso e isso sempre fez parte dos meus textos. Eu nunca fui aluna tipo A da sala, mas eu sempre fui muito presente. Eu pedia para a professora: “Professora, passa redação sobre o que é presidencialismo e o que é parlamentarismo?”, “Professora, passa redação sobre abuso?”. O meu primeiro trabalho na faculdade de jornalismo, que foi uma das coisas que mais eu fiquei com tesão na minha vida

– agora tem sido a maternidade – foi: “Escreva uma reportagem de tema livre”. Eu escrevi sobre violência doméstica.

[00:14:39] Entrevistadora: A primeira?

[00:14:41] Entrevistada: A primeira reportagem. Chamava-se “Covardia”. Era uma reportagem imensa. Eu entrevistei várias mulheres. Eu passei a noite na Delegacia da Mulher, sentada. Eu tinha 17 anos. Minha mãe quis enlouquecer com aquela ideia. Eu falei que ia no Detran, porque minha mãe não queria deixar. Eu falava: “Mãe, pelo amor de Deus, eu já estou na faculdade”. Eu passei a noite na delegacia, sentada, vendo as mulheres chegarem. Aquilo já era algo que me incomodava muito. Eu falo demais, né?

[00:15:30] Entrevistadora: Pode ficar à vontade! É essa a ideia mesmo.

[00:15:34] Entrevistada: Vou emendando uma coisa na outra. Escrever sobre isso já é algo que está dentro da gente. A gente começa a procurar porque vai vendo vários comportamentos. Já era para eu viver indignada com muitas coisas. Eu questionava muito as minhas amigas, por exemplo: “Por que os homens são os comedores e nós somos as galinhas?” – isso com 14 anos. Eu já estava com esse processo de questionamento. De repente, a minha carreira vai avançando, sabe, Mari? Eu fui também virando amiga das pessoas certas e fui conseguindo criar o meu nome. Muita gente acha que foi de uma hora para outra, porque, quando eu entro para a televisão, o meu nome fica mais evidente. Na verdade, faz 20 anos que eu me formei e faz 20 anos que eu estou tentando colocar o meu nome em algum lugar visível, porque esse também sempre foi meu objetivo. Eu não só queria escrever sobre esses temas, mas eu sempre quis ser reconhecida em um lugar de destaque por isso e sempre quis ser também uma jornalista ou apresentadora que tivesse voz e imagem de representatividade.

[00:16:58] Entrevistadora: Agora, o reconhecimento está acontecendo com força, né?

[00:17:01] Entrevistada: Está acontecendo com bastante força. Eu estou lá na televisão e a gente tem algumas mulheres negras, mas infelizmente a gente está falando de umas dez mulheres. Se a gente for contar quantas mulheres negras a gente tem na televisão... Eu não contei ainda. Nunca parei! Mas eu acho que dá para a gente contar nos dedos das duas

mãos. Acho que deve ser umas dez. Mesmo que a gente tenha 20, é um universo em que a gente está falando de milhares de apresentadores. A quantidade de programas de televisão que a gente tem é imensa. Agora a gente tem internet, mas vou tentar segurar e focar na televisão, porque a internet ainda é uma bolha para pouquíssimas pessoas. Quem tem acesso? Eu não tenho esse número, mas talvez seja 5% da população ligada mesmo no 3G. Você tem essa noção, Mari?

[00:17:54] Entrevistadora: Eu sei que o acesso à internet hoje, no Brasil, atinge 75% da população. Eu sei isso porque eu trabalho na Anatel e a gente tem esses números de forma mais fácil. Mas isso é de um jeito muito limitado. Em 2014, a gente tinha 50% da população com acesso à internet. Aí, deu um salto para os 75% por causa do celular (*smartphones*). Isso acontece de um jeito extremamente limitado porque os dados móveis acabam; são famílias inteiras compartilhando um aparelho. As pessoas não usam muito para se informar, por exemplo; usam só para conversar entre elas, para ver alguma coisa engraçada e espalhar.

[00:18:47] Entrevistada: É para conversar e compartilhar vídeo. É para diversão! E *fake news*. Enfim, a gente vai para a próxima. A gente pula essa da *fake news*. Para informação e para o entretenimento, no geral, a televisão ainda é o principal veículo, no Brasil. A gente ainda está em um número muito pequeno de mulheres negras. As poucas que a gente tem ainda são mulheres que estão seguindo determinado padrão: uma pele mais clara, magérrima. Essa semana, a minha *personal stylist* da TV Cultura me falou: “Não tem uma mulher em que você se inspira no figurino?”. Eu falei: “Tem várias que eu adoro o figurino, mas elas têm o biotipo completamente diferente do meu. Não adianta eu te falar. A gente não vai encontrar as roupas que cabem em mim”. Eu peso 84; eu não peso 50 ou 55, como um dia tentaram me convencer que eu deveria pesar. Eu tenho noção do quanto é revolucionária a minha presença naquela televisão, com aquele cabelo imenso - com um puta de um *black* -, pesando 84 quilos. Não tem outras mulheres como eu. É lógico que eu não posso ficar falando dos meus 84 quilos, me vangloriando, como se fosse gorda e invalidar uma mulher que não é gorda. Não é isso.

Mas, na realidade que a gente tem... Deixa eu tirar o meu WhatsApp aqui. Tá ficando barulho e tá dando interferência. Na realidade que a gente tem, é uma revolução.

[00:20:35] Entrevistadora: Você sabe, Cris, que você falou um pouquinho antes sobre essa não identificação com o movimento feminista universal. Eu entrevistei outra moça, que trabalha na parte de captação da *Think Olga*, e ela me contou que, quando ela chegou na universidade, ela foi procurar o movimento feminista para fazer parte da militância, mas ela não se encontrava, porque ela morava na periferia, ela é negra. Aquilo não falava sobre as realidades e sobre as vivências dela. Ela foi procurar o pessoal do movimento negro dentro da faculdade e, para ela, rolou uma identificação muito maior, que tinha mais a ver com a vida dela. Depois ela percebeu a importância de começar a inserir muito mais as mulheres negras no debate. Aí, ela começou a caminhar para esse jornalismo de gênero.

[00:21:30] Entrevistada: Quando eu também não me identifico, a primeira coisa que eu faço é criar o meu movimento negro. Por exemplo, eu tinha o espaço no meu restaurante, aí a gente começou a fazer encontros de mulheres negras. Eu postava na internet. A primeira postagem que eu fiz foi “procuro amigas negras”, porque eu não tinha amigas negras. Eu tinha uma amiga negra e as minhas amigas de família. Eu estudei em escola pública, mas era uma escola pública em que a elite também estudava, então a elite dominava a escola. Tinha pouquíssimas pessoas negras. O meu ensino fundamental foi de umas cinco ou seis pessoas negras, em uma escola pública inteira. Muito poucas pessoas mesmo! Então, a minha primeira postagem no Facebook, dez anos atrás, foi “procura-se amigas negras”. Eu marquei um encontro, esperando dez meninas e acho que vieram umas 30. Veio muita gente a mais.

[00:22:46] Entrevistadora: Nossa! Que máximo! Achei que você fosse me contar o contrário: que vieram umas três.

[00:22:50] Entrevistada: Não! Vieram várias. Aí, eu conheço a Maiara, que era uma menina que estava no mesmo movimento, que tinha um grupo chamado “Negras Empoderadas” - era um grupo no Facebook. Aí, a gente começou a somar ali e começou a fazer vários encontros. Teve um dia em que eu queria ir ao cinema. Eu não lembro qual era o filme, mas era um filme

de protagonismo negro. “Eu não quero assistir um filme com uma pessoa branca”. Acho que era um filme sobre a Michelle Obama, contando a história sobre como a Michelle e o Obama se conheceram. Eu não gostei, inclusive. Eu falei assim, naquele dia: “Eu não quero ir ao cinema com pessoas brancas, mas eu também não quero ir sozinha. Eu vou postar na internet”. Aí, eu postei: “Estou querendo assistir esse filme. Quem quer ir comigo?”. Eu preciso procurar essas fotos para te mostrar. Tinha umas 40 pessoas dentro do cinema. Tinha várias pessoas que hoje estão aí, como a Patrícia Santos, que está na Fátima Bernardes. A Patrícia foi ao cinema. Nem era ainda a Patrícia Santos, que ia na Globo e tinha um quadro na Fátima Bernardes. Era gente procurando esse lugar de conforto e de encontro. Aí, eu comecei a fazer vários encontros de mulheres negras, para a gente se apresentar, para a gente falar das nossas dores. A maior fala é: “Eu não consigo me encontrar nesse lugar de feminismo hegemônico. As minhas dores não são as mesmas”. Era muito foda, porque, ao mesmo tempo, eu tinha que mandar as meninas embora, porque a gente não conseguia parar de falar, porque a gente nunca era ouvida e a gente estava sendo ouvida. Nesse dia, tinha umas 100 mulheres, porque tinha umas que chegavam mais cedo, outras chegavam mais tarde e eu comecei a ficar conhecida. Eu não sou muito famosa na internet. Nas minhas redes sociais, você vai ser que eu tenho cinco mil no Facebook e umas duas mil no Instagram, até porque eu nunca fiz esse trabalho de “Vamos postar pensando em crescer”. Não! Eu não sou dessa geração de celular. Eu tenho milhares de outras coisas que, para mim, são mais importantes, então eu vou postando quando dá. Não vou usando a rede nesse sentido. Talvez agora eu tenha que mudar esse pensamento, mas, até hoje, não usei nesse sentido de ter muitos seguidores – inclusive, eu tenho poucos até, para eu conseguir conversar com as pessoas, senão eu não consigo responder as mensagens, não consigo responder os *directs*. Isso, para mim, é uma coisa muito importante: escutar o meu público.

[00:26:06] Entrevistadora: Você é super acessível, né? Você responde...

[00:26:11] Entrevistada: É. Eu gosto de estar nesse lugar. Eu não quero ir para esse lugar onde as pessoas olham e falam: “Nossa! Eu queria tanto falar com a Cri, mas...”. Talvez um dia eu vou ter que lidar com isso. A minha psicóloga me falou: “Você vai ter que lidar com

isso, porque você está construindo uma trajetória que não vai acompanhar essa ideia. Você quer ser muito relevante, mas também quer estar com todo mundo. Não vai dar. Você vai ter que aprender a lidar com isso”. Mesmo assim, sempre foi muito potente. Eu acho que uma das coisas que eu fiz, que foi uma virada bacana para mim e para o grupo de mulheres foi o *podcast* junto com a Renata Hilario. Eu tenho um *podcast* que, esse mês, já faz quatro anos, o Meteora. Foi um *podcast* que a gente começou no momento que não tinha esse *boom* de *podcast* que tem hoje no Brasil, mas também não tinha pessoas pretas fazendo *podcast*, que os brancos fazem muito, que é essa coisa de sentar, bater papo. A gente ouvia o Mamilos. Eu ouvia Mamilos e era a mesma coisa do feminismo hegemônico. Eu falava: “O que as minas estão falando, cara? Elas são legais, mas elas não conversam comigo”. A Cris e a Ju são fabulosas, mas elas tinham dificuldade de sair da bolha delas. Elas falavam uma coisa, aí eu falava: “Cara, não! Isso não acontece no Brasil de verdade”. Aí, eu e a Renata Hilario começamos o Meteora Podcast, muito seguindo os passos de Cris Bartis e Wallauer. Era bem em uma época em que elas ficaram mais perdidas, porque elas fizeram um *match* com o Spotify e o Spotify postou uma foto delas no metrô de Pinheiros. Tanto eu quanto a Rê, a gente passava pelo metrô juntas; era um lugar de circulação nossa. A gente saía do túnel do metrô e tinha uma fotona de Cris Bartis e Ju Wallauer . Aí, a gente falou: “Vamos fazer o nosso *podcast*, que um dia a gente também vai ter essa fotona no metrô”. Sempre a gente brinca e fala que “é a fotona do metrô”. A gente fez e conectou muito com as mulheres. A gente traz essa questão do feminismo. O nosso primeiro episódio é sobre viajar sozinha, com a ideia de incentivar as mulheres a fazerem coisas sozinhas. Mas, por exemplo, a gente fala no episódio... Eu, quando fui para a Itália sozinha, o povo achava que eu era prostituta, porque eu era negra. Então, a gente trazia mulheres negras para esse rolê da conversa. Hoje, olha que legal: a Cris Bartis é uma grande amiga; ela já sabe da história do metrô. Ela virou a minha amiga porque um dia eu mandei uma mensagem para ela: “Deixa eu te falar uma coisa? Você comete um erro muito grande no seu *podcast*. Por causa do seu erro, eu estou sendo considerada hoje uma das grandes *podcasters* negras do Brasil, pela Forbes. O seu erro é que você está invisibilizando a gente. Eu sei que você abre espaço e lugar de fala, mas

quando você traz a sua fala, você não coloca a gente. As minhas ouvintes falam a mesma coisa. Eu gosto do seu *podcast*. Eu ouvia o Mamilos, mas eu não me sentia inteirada. Talvez até não seja um erro...”. A gente virou muito amiga. Hoje a gente troca *job*, a gente se liga para chorar.

[00:30:01] Entrevistadora: Foi bom você ter dado esse retorno para ela também. Você sabe que, anteontem, eu entrevistei uma moça que começou um blog no Estadão, aos 23 anos. Hoje, ela tem 29. Ela não tem mais o blog - o blog durou alguns anos. Ela me contou que, hoje, quando ela olha para trás, ela, que é branca, diz: “Hoje, a minha perspectiva sobre o feminismo é tão mais coletivista e menos individual”. Eu olho para os textos que eu escrevia na época, em 2015, e penso: “Nossa! Que branca! Não aguento!”. Eu acho que o feminismo começa - os feminismos - a ter essa preocupação de ser mais inclusivo, mas acho que é um movimento ainda lento. Não sei se você concorda comigo, mas eu ainda acho muito lento.

[00:30:49] Entrevistada: Muito lento! Muito lento porque a gente ainda está em um país onde a estrutura é racista. Acho que a primeira coisa que a gente precisa para que esse avanço seja mais rápido é aceitar que a desigualdade racial no Brasil é o principal problema. Não é uma questão social. A gente não aceita isso. A Stella, por exemplo, não aceita isso. Ela acha que a questão do problema do Brasil é social, o que não é real, porque, quando a gente pensa em um branco pobre e um negro pobre, com os dois tendo a mesma renda, a mesma história, o branco ainda vai ter mais acesso a direitos do que o negro. Tudo isso faz com que esse reconhecimento seja muito lento, muito vagaroso, porque a gente ainda invalida muito as falas das pessoas negras, as falas das pessoas trans. A gente não reconhece. É sobre eu ir em uma mesa em um painel e eu falar sobre a minha dor e uma pessoa branca inventar que ela tem que falar das dores dela também, porque ela não consegue se permitir o desconforto da culpa pelos privilégios dela gerarem as dores e as angústias de 56% da população. Ela não aceita esse desconforto! Eu já ouvi de pessoas brancas. “Hoje eu fui em uma reunião e várias pessoas ficaram olhando feio para mim”. Uma vez eu ouvi isso de uma pessoa branca: “Hoje eu me senti muito mal. As pessoas ficaram ‘olhando feio’ para mim”. Eu me lembro muito bem desse dia. Foi muito foda! Eu falei para ela assim: “Sério? Você ficou

desconfortável? Isso mexeu com você?”. Ela: “Nossa! Muito! Eu estou sofrendo”. Eu falei: “Então, sinta essa dor. Sinta essa dor! Você sentiu por duas horas a dor que eu sinto por 37 anos”. É sobre isso!

[00:33:02] Entrevistadora: Arrepiante a sua fala, Cris.

[00:33:07] Entrevistada: Ela não se permite, porque, infelizmente, a branquitude foi construída de uma maneira que a população se alimenta da opressão do outro. É quando você compartilha um *post* de uma pessoa negra sendo assassinada a pontapés, como, por exemplo, o *post* do lixamento no Carrefour; é de um dado momento você olhar e falar: “Nossa! Tadinho! Coitado! Graças a Deus, acontece com ele”. Por mais que você nem repita essa fala, isso está dentro de você.

[00:33:47] Entrevistadora: É enraizado, né?

[00:33:51] Entrevistada: É enraizado. Você só consegue transpor isso quando você entende que você precisa ser antirracista e que você tem que fazer alguma coisa para que isso mude e você tem que criar algo para mudar. Isso tem que fazer parte do seu dia a dia. Não dá só para você ficar sentida. “Eu fico sentida com as dores das mulheres trans, questiono, mostro”, mas aí eu aceitar no Painel de Mulheres e receber por isso, sem uma mulher negra, sem uma mulher trans lá. Não! É eu virar e falar assim: “Cadê a mulher trans?”; eles: “Eu procurei e não achei”; eu: “Então, eu também não venho!”.

[00:34:42] Entrevistadora: Você tem toda razão.

[00:34:43] Entrevistada: É quando eu montar a minha empresa, eu não vou contratar uma mulher trans? Quando contratar, não vou permitir que ela possa evoluir? É sobre isso! Eu não sei se eu estou no rolê da sua pesquisa. Eu divaguei.

[00:35:05] Entrevistadora: É isso mesmo! É mais uma conversa para ouvir o que você pensa e entender o que você pensa. Dentro do feminismo, eu queria entender, da sua perspectiva, o que é ser feminista. Você me falou que você começou a sua identificação com o feminismo e que você acha que isso já estava muito em você, desde sempre, desde a adolescência, desde até da infância. Mas, para você, o que é ser feminista?

[00:35:36] Entrevistada: Eu acho que ser feminista é essa luta pela liberdade das mulheres, pela “liberdade”, e não só pela equidade de gênero. É uma luta por liberdade! Eu acho que liberdade tem que entrar; a palavra tem que vir. As pessoas também distorcem o que é essa equidade. As pessoas querem direitos iguais, mas elas veem “direitos iguais” somente como uma possibilidade de ocupar lugares. Não! É sobre ocupar, ter a liberdade de dizer o que eu vou fazer ou não. Acho que essa é a luta. É isso o que eu enxergo como feminismo e um feminismo inclusivo e interseccional, com o cunho de Lélia Gonzalez. É esse feminismo que enxergue que as mulheres são diversas e que a gente não pode categorizá-las a partir de um aspecto só. É o feminismo que, assim como aquele [inaudível], vem e pergunta: “De que mulheres nós estamos falando?”, toda vez que a gente vai falar de mulheres. Se a gente for usar esse padrão universal, a gente só vai continuar falando de mulheres que queimaram sutiãs. Mas e as mulheres que estavam limpando os banheiros e cuidando dos filhos das mulheres que queimaram o sutiã, há muito tempo? O feminismo, para mim, é isso: é esse lugar que enxerga as mulheres na sua diversidade e permite lutar para que todas elas sejam livres, livres com seus corpos, livres nas suas profissões. Não dá para a gente ter mulheres feministas brigando por direitos e achando que, dentro de casa, dá para pagar um salário mínimo para a empregada doméstica.

[00:37:46] Entrevistadora: Sim, exatamente! Cris, por essa sua identificação com o movimento feminista e por você já estar há muito tempo trabalhando com essas temáticas, você já se sentiu, de alguma forma, acuada ou você já sofreu algum tipo de violência, algum tipo de agressão - não, necessariamente, no mundo físico, mas no virtual também?

[00:38:12] Entrevistada: Muita, muita. Eu fiquei muito tempo sendo agredida. Eu pensava assim: “Nossa, cara! Eu sou agredida por quê?”. Eu conversava com muitas mulheres que já estavam à frente. A Stephanie Ribeiro, por exemplo, é uma pessoa que sofre muitas agressões virtuais. Eu conversava muito com a Stephanie e eu falava: “Por que escolheram a Stephanie? Que engraçado!”. Mas aí chegou o meu dia também. Quando chegou o meu dia, foi um dia bem tenso. Eu usava não só a escrita, mas eu também usei um pouco da arte. Na mesma época em que o Spike Lee lançou o “Ela Quer Tudo” - não sei se você chegou

a assistir, na Netflix... É um filme do Spike Lee, dos anos 80, que ele refez em uma série da Netflix. Naquela mesma época... As minhas amigas brincam que a Nola sou eu. Eu fiz umas campanhas de Facebook. Eu fiz uma campanha que era uma foto minha com um cartaz escrito “Meu nome não é morena. Meu nome é Cris Guterres”. Tem essa relação com vídeo, porque a Nola Darling é uma artista visual e ela faz uma campanha também, só que ela cola vários “lambe-lambes” nas ruas de Nova Iorque com “meu nome não é vadia”, “meu nome não é puta”. Várias outras pessoas vieram falar comigo, porque foi algo muito emblemático. Na época, essa foto gerou um ataque virtual. Mas foi uma coisa tão absurda que a própria foto foi compartilhada mais de 200 mil vezes.

[00:40:23] Entrevistadora: Caramba! Teve um alcance bem grande.

[00:40:25] Entrevistada: Tinha compartilhamentos que tinham cinco ou seis mil recompartilhamentos. Fugiu do controle! As pessoas faziam, na época, fotos me zoando. Era uma foto que eu fiz que tinha um texto junto, que eu falava sobre intersecção do racismo com o machismo, de como as pessoas me chamavam de morena e invalidavam a minha existência e me objetificavam nesse lugar. É um “morena” exótico, sexual, desejada. É algo que eu até guardo muito. Foi muito difícil, para mim. Foi absurdo! Na hora que eu postei, cinco minutos depois, já tinha 300 compartilhamentos. Isso há quatro ou cinco anos, era algo muito viral. Não é que nem hoje que você posta e, em segundos, você já tem milhares. Naquela época, era muito viral.

[00:41:36] Entrevistadora: Porque tinha uma organicidade muito maior.

[00:41:39] Entrevistada: O alcance não era igual, né? Eu fui muito atacada, muito criticada, sofri muito racismo. As pessoas iam na minha página para me criticar. Foi um momento em que eu não saí de casa.

[00:41:58] Entrevistadora: Mas você chegou a receber alguma ameaça?

[00:42:02] Entrevistada: Não, mas é porque todo mundo falava disso. Os meus vizinhos falavam disso. Era tão surreal isso que eu ia na massagista e a minha massagista contava que foi na manicure e a manicure, que não me conhecia, comentou sobre o *post*. Ela olhou e falou: “É o *post* da Cris”. Era nesse nível de as pessoas comentarem entre si e eu ser

reconhecida nas ruas ou de alguém falar assim: “Você não é a moça daquele *post* do ‘meu nome é Cristiane’?”. Ninguém nunca me agrediu.

[00:42:40] Entrevistadora: Mas também tinha gente te apoiando, claro.

[00:42:46] Entrevistada: Muita gente. Mas tinha mais gente atacando.

[00:42:49] Entrevistadora: Era mais ataque?

[00:42:50] Entrevistada: Era! Era mais. É bem violento, bem agressivo mesmo. Teve uma amiga minha que entrou em choque, chorava e dizia: “Pelo amor de Deus, sai da internet. Vão te bater na rua”. Foi algo bem brutal!

[00:43:09] Entrevistadora: Você se sentia medo disso, de, por exemplo, apanhar na rua?

[00:43:13] Entrevistada: Não. Eu não sentia medo de apanhar. Eu tinha medo de ser reconhecida quando eu fosse sair. Eu achava que aquilo não ia me afetar, mas aquilo me afetou imensamente, ao ponto de eu ter ficado quase um ano sem postar. Me afetou muito! Foi muito foda para mim. Eu fui atrás de advogado, para ver se valia à pena processar, tentar encontrar aquelas pessoas. No fim, eu acabei desistindo de processar, pelos valores e por ver que, no Brasil, não dava em nada. Era na mesma época em que a Tais Araújo e a Maju tinham sido atacadas. Não estava dando em nada para elas. Eu falava: “Não vai dar em nada para mim”. Muita gente começou a criticar também por eu não ter entrado na justiça, por eu não fazer valer a minha luta. Eu falei assim: “O honorário de advogado é esse para eu entrar na justiça...”.

[00:44:17] Entrevistadora: E tem todo o desgaste psicológico também de entrar na justiça, esperar o processo.

[00:44:21] Entrevistada: É. Hoje, eu recebo alguns ataques. Eu não leio. Esse ataque, uma das coisas que me ensinou foi a não ler os comentários. Mas eu recebo, porque, às vezes, as pessoas comentam: “Cris, queria saber se você está bem. Os comentários são horríveis”. Eu falo para eles: “Queridos, não leiam os comentários. Eu não leio. Eu não faço a menor ideia do que você está falando. Não leia!” Algumas vezes, eu recebo alguns comentários e ataques no meu Instagram, que vem do pessoal do Bolsonaro, que vem criticar. Até que não

é tanto, se comparado aos ataques que as outras pessoas recebem. O Universo tem um programa para tentar limpar alguns ataques; *AzMina* também.

[00:45:17] Entrevistadora: Tem algumas formas de barrar.

[00:45:21] Entrevistada: Tem gente que tem coragem de ler o meu Instagram e mandar uma mensagem me criticando, me chamando de burra, de ignorante - esse discurso que é o discurso do Bolsonaro, que é um discurso de ausência de argumentos e que envereda para a violência.

[00:45:38] Entrevistadora: Exatamente! E para xingamentos.

[00:45:41] Entrevistada: Quem não tem argumentos usa a violência como resposta. Mas é um discurso que assusta. Eu comecei a perceber que precisava tratar disso em terapia, que algumas figuras estavam me gerando medo nas ruas. Eu, por exemplo, fico extremamente assustada se eu vejo uma figura de um “motocycle”, esse homem branco, de meia-idade, barbudo, de moto.

[00:46:10] Entrevistadora: Super te entendo!

[00:46:15] Entrevistada: É um medo real! Eu moro em um bairro de classe média alta no Butantan. Eu fui na padaria essa semana e eu parei o meu carro na padaria. A padaria tinha uma parte aberta e, na mesa onde eu parei o meu carro, em frente, tinha cinco deles sentados, tomando café. Eu travei! Sabe quando você chega e vê aquela cena? “Meu Deus!”. Essas são as figuras de violentadores de hoje em dia. É a mesma coisa de eu ver um grupo de *skinheads* na rua.

[00:46:58] Entrevistadora: Eu tenho essa sensação com polícia militar, Cris. É uma coisa extremamente paradoxal, né? Eu moro em Brasília, então estou sempre nas manifestações de esquerda, mas, se eu vejo polícia na rua ou em qualquer ambiente, eu já fico acuada, assustada.

[00:47:18] Entrevistada: Aqui em casa também. Isso é uma questão. Meu filho não pode ver um policial armado.

[00:45:23] Entrevistadora: Eu li os textos em que você aborda essa temática. Aqui em casa, a mãe do meu companheiro é negra - a mãe e o irmão, mas ele não. Teve um episódio que

a gente estava junto no carnaval e o irmão dele estava correndo e ele levou um tapa da polícia. No dia, ele achou engraçado, porque ele achou que ele tinha sido confundido com alguém que a polícia estava procurando. Depois, ele parou para refletir sobre. Aí, ele começou a perceber toda a carga racista que tinha por trás. Quando ele me contou, eu fiquei abismada com aquilo, porque ele só estava passando rápido e a polícia achou que ele estava correndo. A minha sogra tem histórias que são muito tristes da infância do meu companheiro, de ela tipo tentar entrar em um ônibus com ele bebê e falarem para ela: “Não! Você não vai levar essa criança. Você está sequestrando ela”, porque ela é uma mulher negra e estava carregando uma criança branca.

[00:48:31] Entrevistada: Ah, ele é branco!

[00:48:35] Entrevistadora: Tem várias histórias de encontrarem ela na rua com ele bebê e perguntarem: “Tem quanto tempo que você está cuidando dele?”.

[00:48:48] Entrevistada: Isso é tão atual. Eu tenho uma amiga que é branca e ela tem dois meninos negros. Um cara na rua falou para ela, que ela deveria ser uma patroa muito boa para cuidar tão bem dos filhos da empregada.

[00:49:03] Entrevistadora: Isso é recente? Faz pouco tempo?

[00:49:07] Entrevistada: É. Foi agora. Os meninos têm cinco anos (um tem cinco e o outro tem quatro).

[00:49:13] Entrevistadora: Às vezes, dá uma desesperança, né? Parece que as estruturas jamais vão mudar.

[00:49:21] Entrevistada: Total! Mari, eu só não tenho mais muito tempo, amor. Como está aí?

[00:49:29] Entrevistadora: Eu vou encerrar então, só tentando...

[00:49:31] Entrevistada: Você tem mais perguntas?

[00:49:33] Entrevistadora: Eu só queria saber sobre a sua dinâmica de trabalho na *AzMina*. Com quem você geralmente fala? De quanto em quanto tempo você publica? Se elas te dão algum prazo...?

[00:49:45] Entrevistada: Eu estou em dívida com elas. É uma vez por mês. Esse ano, eu não consegui publicar mais, por causa da loucura. Eu estou me sentindo tão mal e eu quero voltar,

porque eu gosto tanto delas, gosto tanto delas. Então, a minha dinâmica está parada, por questão de reorganização. Mas o espaço está lá, está aberto e em breve eu vou voltar. Eu acho que agora em outubro eu volto.

[00:50:10] Entrevistadora: Que ótimo! Teremos o prazer de voltar a ler os seus textos. Geralmente, você fala com quem?

[00:50:16] Entrevistada: Muito! Eu quero muito. É muito bom. O trabalho delas é maravilhoso.

[00:50:19] Entrevistadora: É muito bom mesmo! É muito bem estruturado. Você tem mais contato com a Helena, quando você vai publicar os textos?

[00:50:28] Entrevistada: Não, com a Thais.

[00:50:30] Entrevistadora: Ah, com a Thais. Você me falou. Então, é isso! Você tem mais alguma coisa que você gostaria de acrescentar ou gostaria de destacar?

[00:50:42] Entrevistada: Não. Acho que é isso mesmo. Foi muito boa a nossa conversa.

[00:50:47] Entrevistadora: Eu também adorei!

[00:50:49] Entrevistada: Eu me atrasei um pouquinho.

[00:50:55] Entrevistadora: Imagina!

[00:50:57] Entrevistada: É que o povo aqui... Eu estou conduzindo um trabalho que já começou.

[00:51:07] Entrevistadora: Muito, muito obrigada mesmo por você ter separado um tempo para conversar comigo. Conforme a pesquisa for andando, eu te dou *feedbacks* também. Caso você queira acrescentar alguma coisa, se você lembrar de algo, você pode me contatar, está bom? Depois eu mando o resultado final também.

[00:51:30] Entrevistada: Obrigada você. Um beijo grande!

[00:51:33] Entrevistadora: Um beijo!

[00:51:36] Entrevistada: Ótimo dia!

[00:51:37] Entrevistadora: Um bom dia para você também. Tchau, tchau!

[00:51:39] Entrevistada: Tchau!

Carolina Oms – diretora executiva da revista *AzMina*

[entrevista de apoio]

Perguntas enviadas, por solicitação da respondente, por WhatsApp. As respostas foram encaminhadas em um áudio único por meio do aplicativo.

1. Você pode contar um pouco sobre a sua trajetória profissional?
2. Por que você decidiu trabalhar para uma iniciativa que faz jornalismo feminista?
3. Como você acha que o seu trabalho atinge a sociedade?
4. O que é ser feminista para você?
5. Como é um dia típico de trabalho na revista?
6. Como é a distribuição de tarefas entre a equipe?

[00:00:01] Entrevistada: Oi, Mariana. Tudo bem? Então, minha trajetória profissional começou no *Valor Econômico*, onde eu entrei como *trainee* e aprendi a ser jornalista econômica. Eu

cobria seguros. Depois fui para Brasília, onde eu passei pelo Ministério da Fazenda, pelo Supremo Tribunal Federal e pelo Congresso, fiz uma passagem também pela *Folha de S.Paulo*, de alguns, acho que só cinco meses, e trabalhei na *Istoé Dinheiro*. Todos como jornalista de economia. Mas eu sempre me interessei pelas questões feministas. Já tinha lido algumas questões e tinha lido Simone de Beauvoir na faculdade. Por iniciativa própria não, porque foi um texto que a professora deu, uma colega me recomendou, uma amiga. Eu decidi trabalhar no jornalismo feminista porque eu estava frustrada como jornalista, não apenas como feminista, não apenas politicamente. Era um momento que as redes sociais mostraram quantas mulheres se sentiam invisibilizadas, o quanto as nossas vozes estavam sendo silenciadas ou não ouvidas, né? Eu estava trabalhando como coordenadora no *Valor Econômico* e eu tinha tempo à tarde porque meu trabalho começava de manhã bem cedinho. E aí, quando uma amiga minha me chamou para fazer uma coisa nova, eu topei e falei: “ah, vamos ver onde é que isso vai dar, né?”. Foi uma ideia que surgiu, assim sem a gente ter muita noção do quão grande *AzMina* seria cinco anos depois. A gente fez porque a gente acreditava que precisava, porque a gente queria se sentir representada, porque a gente estava cansada de assédio moral, sexual no trabalho, da falta de perspectiva no jornalismo, que já naquela época vivia uma crise de receitas e de modelo de negócios. Então a gente queria fazer alguma coisa diferente. Pergunta três: atinge de inúmeras maneiras a *AzMina*, né? A gente sabe que a gente pauta os outros veículos, inclusive as grandes mídias. Seja através da republicação, *UOL*, a *Marie Claire*, por exemplo, republica o nosso conteúdo, seja através de pautar temas, pautar por meio de furo de reportagem, reportagens investigativas, que às vezes a gente dá e alguns veículos correm atrás depois. E isso é muito importante, porque quando a gente começou não havia nenhuma mídia que se declarava feminista. Hoje a *Marie Claire*, por exemplo, se coloca como feminista e a gente também atinge diretamente algumas leitoras que procuram as informações sobre como sair de um relacionamento abusivo, que procuram informações sobre como é que funciona um aborto legal, mulheres que foram estupradas e não conseguem acessar os serviços de aborto legal. Elas nos procuram, a gente dá informação para elas sobre como ter acesso aos seus direitos. Elas, ao

lerem as matérias, os depoimentos, as reportagens, elas encontram força para sair de relações abusivas, para sair de violência que elas sofreram. Então às vezes a gente recebe depoimentos – quase toda semana na verdade –, a gente recebe alguns depoimentos de mulheres agradecendo por esse trabalho. Ser feminista para mim é uma outra palavra para igualdade, né? Buscar a igualdade, então, não só entre homens e mulheres, mas entre todas as pessoas e lutar pelos nossos direitos. Eu acho que, mesmo antes de usar com todas as letras essa palavra, eu desde criança procurei, na medida do que era possível para mim, ter os mesmos direitos que as pessoas, os homens que eu via ao meu lado, né? Mas, conforme a gente vai ganhando consciência política e vai estudando o feminismo, a gente percebe que o feminismo não é só sobre nós, né? Então, eu sou mulher branca, de classe média e se o meu feminismo apenas beneficiar outras mulheres como eu, ele não é feminismo de verdade, porque ele está usando o feminismo apenas como uma escada social, né? Para ter igualdade com os homens da mesma classe que eu. Mas eu acho que o feminismo tem que buscar igualdade para todos, então ele tem que pensar na condição das mulheres negras, indígenas, das mulheres trans, das mulheres LGBTQI+, então ele tem que ser interseccional. Dia típico de trabalho na revista não existe na verdade, a gente tem muito pouca rotina porque todas nós nos dividimos em muitas funções. Então eu, por exemplo, eu sou diretora executiva. Então eu supervisiono todos os projetos que estão em andamento, eu faço as contratações e acabo sendo um pouco RH. Mas não só eu, as meninas, tipo assim, tudo a gente divide também, as outras diretoras. Eu faço captação, eu supervisiono o financeiro junto com a Helena, mas tudo a gente se divide entre as diretoras. Somos três diretoras, além de mim tem a Helena e a Thais. A gente é muito parceira, a gente trabalha sempre muito alinhada, a gente tem duas reuniões semanais agora na pandemia. Antes era uma, mas com a pandemia a gente aumentou a frequência por causa do distanciamento e tem uma reunião semanal com toda a equipe, que daí todo mundo conta um pouquinho de como está a sua semana. E aí, assim, a rotina vai depender muito se tem algum edital de captação aberto, se tem algum projeto que está lançando, se tem alguma reportagem grande, se teve algum ataque digital. Então, realmente, eu não me lembro a última vez que a gente teve rotina. Única coisa que eu

posso dizer é que normalmente as sextas-feiras são um pouquinho mais tranquilas, mas eu acho que é mais porque a gente está tão exausta, que a gente acaba tirando esse dia para conversar um pouco mais, responder os pedidos de entrevistas, ver como é que todo mundo está, se as pessoas estão bem, esse tipo de coisa. Mas é isso. Todo mundo faz um pouco de tudo, porque ainda é uma redação pequena, ainda não tem verba o suficiente, ainda não tem muita segurança, né? Então é, as coisas são bastante instáveis. Aí eu acabei respondendo à pergunta seis, né? Distribuição de tarefas. A gente se divide um pouco por habilidade, experiência e um pouco na base do sufoco mesmo. Então, por exemplo, eu gosto mais de conversar com os financiadores, de negociar projeto, de inventar projeto. Então eu faço um pouquinho mais de captação e eu sou a pessoa que é responsável por essa área. Mas sempre que tem alguma coisa grande de captação, as outras diretoras me ajudam. E, quando é o caso, também as gerentes dos projetos. Então, tem uma captação que vai ser um edital, o PenhaS, o nosso aplicativo de enfrentamento à violência doméstica se encaixa, a gente aciona para participar junto a gerente de projeto do PenhaS, que hoje é a Marília Moreira. E assim com todos os outros projetos. Têm sido assim nos últimos meses. É um formato novo que a gente está tentando também, porque a equipe cresceu. Antes não tinha equipe para fazer essa divisão, então era um pouco mais centralizado na diretoria, minhas outras coisas tinham *freelas* ou tinham repórteres mais jovens que não davam conta da complexidade de um edital. Mas tem uma divisão mais focada no jornalismo e nos projetos. Então o *Elas No Congresso* tem a sua equipe própria e uma gerente que só cuida disso, que é a Bárbara Libório. O PenhaS tem a Marília, e a Thais Folego ainda supervisiona o trabalho da Marília, porque era ela que fazia esse trabalho antes, então ela está passando o bastão para a Marília. E aí, o jornalismo, a Helena é a editora-chefe e ela também eventualmente faz reportagens. Então a Helena fica mais de olho no jornalismo, mas eventualmente a Thais ajuda. Então, por exemplo, se a Helena fez uma reportagem, quem vai editar é a Thais, porque ela não pode editar a própria reportagem. E aí, agora a gente está contratando um administrativo/financeiro, que vai ser a primeira vez que a gente vai ter. Se tudo der certo vai ser ótimo para a gente, porque atualmente eu e a Helena nos dividimos nesse trabalho e ele

é totalmente exaustivo. E contratamos uma estagiária de comunidade que é a Aimê. Temos uma consultora em tecnologia e dados, mas ela é terceirizada também, então ela não trabalha só com a gente, ela é consultora do PenhaS e da nossa questão de tecnologia. Temos uma diretora de arte que também não trabalha só com *AzMina*, ela também tem um outro estúdio, faz outras coisas, mas ela é fundadora também. E temos também uma pessoa nova que é a Karol, que chegou faz uma semana e meia, Karol com K, Karoline Gomes é o nome dela. Ela está cuidando da divulgação do Monitora, que é um projeto novo que a Bárbara está tocando como supervisora e ela vai cuidar também do gerenciamento dos nossos apoiadores no Catarse. Então você pode ver que é bastante coisa. E aí, tem esse projeto novo que é o Monitora que quem é a gerente de projeto é a Jamile, ela é gerente de projeto e também é repórter. Esse é um projeto mais curto, ele vai durar só durante as eleições. Então, acho que é isso. Obrigada pela paciência e por ter reduzido um pouco as perguntas. Se você ainda tiver alguma dúvida ou precisar que eu detalhe um pouco mais alguma coisa, você me fala, tá bom? Um beijo. Mas tem muita informação no nosso site, lá na história. Você pode também olhar o meu LinkedIn que está disponível no Google, LinkedIn da equipe, da maioria da equipe, também está no Google para você conhecer um pouco do que cada uma faz. Acho que talvez já ajude bastante. Tem também os nossos relatórios anuais que dizem as atividades da *AzMina* todos os anos. Um beijo.

Flay Alves - colunista *AzMin*a

[00:00:01] Entrevistadora: Obrigada! Eu queria ouvir um pouquinho de você sobre a sua trajetória de vida, sobre a sua trajetória profissional também.

[00:00:09] Entrevistada: Eu vou começar, então, pela minha formação. Eu sou formada em Jornalismo pela PUC Goiás. Eu ingressei na PUC de Goiás enquanto bolsista e cotista do Prouni. Já na fase da faculdade, eu sempre tive muito interesse em projetos focados em Direitos Humanos. Então, eu participei por dois ou três anos do Programa de Direitos Humanos da universidade. Ali, eu fui tendo a minha formação sobre as questões de raça, de gênero, de orientação sexual. Eu estive em uma turma em que quatro ou cinco pessoas eram negras, porque era uma universidade privada. Todos os demais eram pessoas brancas. Eu me lembro, por exemplo, de uma conversa que eu tive com a coordenadora do programa voltado para afrodescendentes, que aquilo não era uma realidade, não só da universidade privada, mas da pública também. Então, isso foi dando o norte do que eu desejava seguir dentro do jornalismo. Se eu estiver me afastando muito da sua pergunta, você me puxa de volta.

[00:01:21] Entrevistadora: É isso mesmo. Eu queria saber em qual estado você mora hoje.

[00:01:23] Entrevistada: Hoje, eu moro no Maranhão. Eu sou maranhense. Eu sou de Governador Nunes Freire, que é um município daqui do Maranhão. Hoje eu estou em São Luís, que é a capital do Maranhão e me formei em Goiânia, Goiás.

[00:01:38] Entrevistadora: Você estudou em Goiás porque você já tinha uma relação com o estado ou com a região ou foi porque surgiu a oportunidade e você veio para cá?

[00:01:49] Entrevistada: Surgiu uma oportunidade lá. Na época, eu estava pleiteando para Brasília e para Goiás.

[00:01:58] Entrevistadora: Eu falo “para cá”, porque eu moro em Brasília.

[00:02:03] Entrevistada: Aí, uma amiga minha falou que o custo de vida seria mais acessível em Goiânia do que em Brasília.

[00:02:09] Entrevistadora: Brasília é muito cara.

[00:02:11] Entrevistada: Aí, eu optei por Goiânia por isso. Eu tinha uma amiga que me daria suporte para me adaptar. Eu nunca tinha vivido em uma cidade grande. Foi nesse contexto que eu migrei para lá. Eu me lembro que as primeiras pautas que eu abordei no jornalismo já eram sobre gênero e migrações, que é bem o recorte do meu trabalho jornalístico. Foi assim! Eu me formei com um livro-reportagem, que é o *Donas de Si*.

[00:02:45] Entrevistadora: Eu vi!

[00:02:46] Entrevistada: Viu, né? É um livro-reportagem sobre mulheres migrantes que foram vítimas de violência de gênero.

[00:02:52] Entrevistadora: Parece um trabalho fantástico.

[00:05:54] Entrevistada: Sim! Inclusive, a gente está na fase de relançamento da obra. Em um primeiro momento eu lancei de maneira independente. Agora, eu estou lançando com uma editora, que é a Letramento. Provavelmente, a gente lança em setembro ou outubro. Foi assim que eu me conectei com a Revista *AzMina*. O meu trabalho no jornalismo sempre se deu muito de uma maneira muito independente e, hoje, eu estou mais focada na escrita criativa e diversidade. Eu falo muito sobre reportagem, sobre biografia e autobiografia, mas o foco do meu trabalho mesmo está mais para a escrita criativa. A única coisa que eu realizo, enquanto jornalista, é o meu trabalho enquanto colunista, na revista *AzMina*, e a coletânea *Donas de Si*, que ainda vai ter mais dois livros à frente - que são dois livro-reportagem (o segundo e o terceiro).

[00:03:47] Entrevistadora: Você escreve ficção também, né?

[00:03:49] Entrevistada: Isso! Provavelmente, eu estou enveredando para a ficção até o ano que vem. Mas sempre tenho muito como base, principalmente para apuração, o jornalismo. Eu acho que é isso.

[00:04:02] Entrevistadora: E você já está vacinada a muito tempo?

[00:04:05] Entrevistada: Vacinei! Já tomei as duas doses.

[00:04:08] Entrevistadora: Você me falou que estava no Maranhão agora, então já deve fazer tempo, porque o Maranhão está super adiantado.

[00:04:15] Entrevistada: Sim! Acho que faz umas três semanas que eu tomei a segunda dose.

[00:04:19] Entrevistadora: Nossa! Que maravilha! Que sonho! Eu vou tomar a primeira dose semana que vem só. O DF está super atrasado. Que bom que chegou, enfim! Mas o DF está super atrasado.

[00:04:32] Entrevistada: Sim! Na revista *AzMina*, inicialmente, eu tinha um projeto mais voltado para viagens. Foi assim que se iniciou o meu contato e o meu trabalho com elas: eu entrei em contato com elas, pedindo espaço para poder falar sobre algumas questões de raça e gênero, que eu vi enquanto viajava. Eu fiz um intercâmbio para a Europa e passei por muitas situações de hipersexualização, muitas situações em que era insinuado que eu era prostituta, porque eu sou uma mulher negra e brasileira. Então, eu fiz uma série de textos e pedi espaço para compartilhar na revista *AzMina*.

[00:05:15] Entrevistadora: Você foi para onde nesse intercâmbio?

[00:05:18] Entrevistada: Para onde eu fui?

[00:05:20] Entrevistadora: Isso! Quando você foi para a Europa.

[00:05:26] Entrevistada: O meu primeiro foi em 2015. Em 2015, eu fui para Coimbra, Portugal. Fiz um intercâmbio vinculado à universidade. Na sequência, fiquei mais seis meses em Londres, Inglaterra, para fazer um curso de inglês. Então, eu fiquei um ano fora. Voltei para o Brasil.

[00:05:43] Entrevistadora: Ai, me desculpa!

[00:05:44] Entrevistada: Pode falar.

[00:05:46] Entrevistadora: Eu ia perguntar se, mesmo em Londres, você tinha essa sensação também de, por ser brasileira, sofrer mais preconceito. Em Portugal, isso dá para sentir com muita clareza. Eu fiz também um intercâmbio em Portugal pela universidade (UnB). Fiquei um semestre estudando lá. É muito clara a visão estereotipada que eles têm de brasileiras. Eu não sei como é na Inglaterra.

[00:06:17] Entrevistada: Em Portugal, isso é muito forte! Em Portugal, tem uma visão de que a brasileira vai para lá para se prostituir. Eu vivi uma situação específica, em que a mala extraviou e eu fui buscá-la em Braga, que é uma cidade do norte, se eu não me engano.

[00:06:32] Entrevistadora: É pertinho de Porto. Eu morei em Porto.

[00:06:34] Entrevistada: Isso! Quando eu fui pedir informações para algumas pessoas, todas elas viraram a cara para mim. Quando eu voltei e comentei com os meus amigos (brasileiros, italianos e de outras nacionalidades), todos eles falaram: “Eles devem ter achado que você era prostituta”. Isso, inclusive, foi um dos três temas do artigo que eu enviei para elas da coluna.

[00:07:04] Entrevistadora: É impressionante o conservadorismo em Portugal, em especial no norte.

[00:07:07] Entrevistada: Super! Respondendo à sua pergunta: na Inglaterra, eu também senti isso, mas de uma maneira mais suave e menos evidente. Era muito mais nas abordagens. Muitas vezes, eu ia comprar alguma coisa e percebia que o homem tinha uma abordagem achando que eu seria mais permissiva por ser brasileira. “Brasileiras são quentes”, “brasileiras são fogosas”. Eram algumas coisas que eu percebia no imaginário desses homens. Também teve uma outra situação que eu vivi na Inglaterra, em uma cidade chamada Bournemouth. Eu estava lá como voluntária de hostel. Não sei se você já ouviu falar do *Worldpackers*. Eu ia passar um mês como voluntária. Eu estava na cozinha, assistindo uma série no meu computador e chegou um homem, que era do Leste Europeu, que virou para mim e falou: “Você sabe onde eu encontro uma mulher para fazer sexo?”. Essa foi a pergunta, bem direta e bem objetiva. Eu fiquei muito assustada e falei: “Como assim? Não entendi a sua pergunta”. Ele falou: “Não estou supondo que você faz isso, mas é porque eu já mandei várias

mensagens no meu celular. Já mandei mensagens para brasileiras, já mandei mensagens para mulheres de nacionalidade tal, e nenhuma delas me responde”. Foram situações assim, sabe? Volta e meia elas aconteciam. Eu acredito que em Portugal você tem, até mesmo pela relação de a gente ter sido colônia, mas nos outros países da Europa também eu tenho percebido isso. Foi assim que eu comecei o meu trabalho na revista *AzMina*, quando elas me convidaram para ser colunista, a princípio falando mais sobre essas questões de gênero no contexto de viagens. Só que, logo na sequência, veio a pandemia e mudou o formato de ser colunista delas. Antes, você tinha um tema na coluna. Agora, não. A sua coluna é o nome da colunista e eu já falo de outras questões. Assim você pode abordar mais temas. Hoje eu tenho falado muito mesmo sobre a questão de gênero e raça no contexto da literatura, da escrita. Nesse momento, eu estou com um projeto sobre diversidade na escrita. Então, é mais ou menos esse o enfoque do meu trabalho hoje.

[00:09:36] Entrevistadora: Eu vi o seu projeto sobre diversidade na escrita. É novo?

[00:09:41] Entrevistada: Super novo! Desde setembro do ano passado que eu estou com capacitação: capacitação de escrita (oficinas, mentorias, palestras e *workshops*), sempre pensando em mulheres plurais (mulheres negras, mulheres do Norte, do Nordeste, mulheres periféricas). Esse projeto tem o apoio da Fundação Tide Setubal e a gente está com um financiamento aberto, para arrecadar fundos para criar a plataforma da CriAtivas, que vai ser uma plataforma de mulheres que, em sua diversidade, escrevem. A gente tem até 29 de agosto para bater a meta. O apoio da fundação é que ela triplica o valor arrecadado.

[00:10:25] Entrevistadora: Eu vou entrar lá para apoiar também. A ideia é publicar os textos das mulheres na plataforma?

[00:10:33] Entrevistada: Isso! Além de ser um espaço de publicação dos textos, a gente vai ter um espaço de cadastro de obras de escritoras plurais, então a gente vai abrir uma série de cadastros. Por exemplo: “Vamos cadastrar escritoras negras, para elas cadastrarem as suas obras e a gente cadastrar na plataforma”. Agora, a gente abriu mais um cadastro para escritoras indígenas. Então, a gente vai mapear as escritoras plurais, colocar as obras delas lá. Além disso, dentro da plataforma, vai ter um “Contrate uma mana”, onde mulheres

escritoras vão poder cadastrar os serviços que elas prestam. Por exemplo: se você é uma escritora que é revisora também, ilustradora ou *designer*, você vai se cadastrar e, da nossa parte, a gente vai te conectar com marcas e organizações que possam contratá-las. Tem também o nosso programa de escrita coletiva, que é uma roda semanal de mulheres que escrevem juntas. É também um dos primeiros projetos que a gente vai colocar na plataforma. Então, essa é a fase um das CriAtivas.

[00:11:31] Entrevistadora: Muito legal! Eu queria ouvir um pouco de você também sobre as suas perspectivas sobre o feminismo. Primeiro, eu gostaria de saber se você se considera feminista e por quê.

[00:11:44] Entrevistada: Perfeito! Sim, eu me considero feminista. Eu me considero uma feminista interseccional. A vertente do feminismo que mais me agrada é o interseccional e o negro. Eu gosto muito do interseccional porque a gente fala muito sobre a diversidade e a pluralidade. A gente pensa feminismo a partir das várias intersecções. Mas eu acompanho muito o trabalho da Katiúscia Ribeiro e ela fala que a gente precisa ter alguns cuidados quando pensa em feminismo interseccional, porque todo movimento em que ser negro é ponta, a gente acaba podendo ser deixado de lado. A minha referência principal no feminismo é bell hooks. Eu gosto muito do que bell hooks traz. Tem um livro dela que eu, inclusive, levo muito para as rodas de escrita, que é *O feminismo é para todo mundo*. Ela sempre fala sobre isso: ela fala que o passado do movimento feminista, principalmente quando ele se tornou acadêmico e foi para o ambiente universitário, até aquele momento, mulheres sentadas, de maneira informal, para falar e discutir sobre os avanços que se precisava, tinha mulheres não só brancas, mas também negras. Aí, no momento em que se abriu espaço na universidade, para a gente ir, quem encabeçou foram mulheres brancas. Então, tem que ter muito cuidado para não repetir esse movimento. É como se, em recorrentes vezes, as demandas por mulheres brancas fossem contempladas no movimento. É por isso que eu gosto muito do movimento negro interseccional e, agora, eu estou estudando sobre o decolonial também. Muitas pessoas que acompanham o meu trabalho falam: “Olha, eu acho que você tem algumas coisas do decolonial”. Aí, eu estou dando uma olhada nisso.

[00:13:34] Entrevistadora: Eu também comecei a ler sobre feminismo decolonial. É muito revelador. É muito bom para fazer refletir mais sobre a nossa sociedade e sobre os caminhos que a gente quer seguir para mudar.

[00:13:48] Entrevistada: Super! Nesse movimento que eu estou de falar e entender e de fornecer diversidade na literatura, eu vou percebendo que a literatura é muito colonial. Ela tem uma visão que é muito eurocentrada. Muita coisa se reproduziu na literatura. Qual é o perfil de uma escrita boa? A gente tem muito aquela coisa da escrita rebuscada, que ficou muito forte. A gente está em um movimento de uma literatura cada vez mais simples. A poesia, que era lírica, você vai percebendo que ela não é só lírica, mas que pode ser revolucionária. A poesia tem sido muito utilizada pelas mulheres para falar sobre feminismo e sobre as demandas das mulheres. Então, é isso: eu estou nesse momento de estudo.

[00:14:37] Entrevistadora: Você me falou que você se considera feminista. Eu queria entender um pouco melhor o que é ser feminista para você.

[00:14:48] Entrevistada: Eu postei um pouquinho sobre isso nos *stories* ontem. Tem uma frase da Nina Simone que eu gosto muito, que é: “Liberdade para mim é não ter medo”. Tem uma entrevista dela, que faz parte do documentário “*What happened, Miss Simone?*”, onde ela fala isso: “Para mim, ser livre é não ter medo”. Eu acredito que ser feminista é isso: essa busca pela liberdade, essa busca por não se amedrontar. A gente vive amedrontada em várias esferas da vida da gente: a gente vive amedrontada nos nossos relacionamentos, na nossa família, na escola, na faculdade, no trabalho, quando você vai fazer um intercâmbio. Em todas as esferas da nossa vida, a gente vive amedrontada. Tem um trechinho na coluna da Revista *AzMina* que eu falo isso: nos lugares públicos, os homens estão sempre à vontade, porque o espaço é deles, o mundo é deles. O mundo não fica moldando demais o que é ser homem, mas “o que é ser mulher” foi ditado pelos homens, foi ditado por uma sociedade patriarcal. Tem outro movimento que eu quero estudar mais a frente, que é o mulherismo, que é em uma perspectiva mais ancestral. Eu acho que a gente está reconstruindo o mundo. O mundo é patriarcal e a gente se acostumou a viver nessa sociedade. Mas como é viver em uma sociedade em que poderíamos ter a mulher à vontade?

[00:16:15] Entrevistadora: Tem uma frase da Joan Scott, que eu acho sensacional, que ela diz que, quando as mulheres começam a escrever, é como se a gente estivesse contando a história do mundo de novo, recontando a história do mundo, porque, até então, a gente só tinha escutado a história da perspectiva dos homens, com a visão deles. A gente está reescrevendo tudo e dando novas formas ao mundo.

[00:16:41] Entrevistada: Super! Eu acredito muito nisso. É essa palavra que você utilizou: perspectiva. Existe uma mudança de perspectiva. Quando a gente fala da escrita, eu gosto muito da frase de Chimamanda, que é: "Escolher escrever é rejeitar o silêncio". Então, também houve todo um processo de silenciamento histórico. Aí, esse recontar é romper com esse silenciamento. Recontar é romper com o apagamento também, porque nós tivemos inúmeros escritores e escritoras negros que foram apagados ou que foram embranquecidos. Então, existe todo esse processo. Vamos revisitar a história e recontar muita coisa, sabe?

[00:17:21] Entrevistadora: Você se lembra quando foi que você descobriu que você tinha afinidades com a pauta feminista? Teve um marco, um momento específico ou foi um processo que foi acontecendo ao longo do tempo?

[00:17:35] Entrevistada: Eu acredito que foi no intercâmbio. Até então, eu refletia muito sobre os direitos humanos e, ali no intercâmbio, ficou muito evidente que, se eu não me apropriasse e não entendesse o que é ser mulher nesse mundo, do jeito que ele foi formatado, muita coisa aconteceria, muito processos traumáticos aconteceriam e eu nem me daria conta. No intercâmbio, isso ficou muito evidente. Acho que o marco em se entender enquanto mulher foi no intercâmbio.

[00:18:14] Entrevistadora: E você participou de algum grupo ou de algum coletivo de militância feminista?

[00:18:20] Entrevistada: Participei de grupo de mulheres, de grupo de estudos pontuais, mas mais grupo de mulheres. Tem um, que eu inclusive ainda participo, que é o UbuntuYoga Brasil, que é um grupo de prática de yoga, mas só de mulheres pretas. Aí, a gente tem algumas rodas de conversa; a gente tem também o trabalho de uma psicanalista ancestral (que é a Amanda), que é quando a gente vai entender os nossos traumas por ser mulher, por

ser mulher negra. São mais esses grupos, que não são, necessariamente, grupos de estudo, mas grupo de prática entre mulheres.

[00:19:00] Entrevistadora: Você se sente ou você já se sentiu, em algum momento da vida, de alguma forma, acuada por se identificar com a causa feminista?

[00:19:10] Entrevistada: Sim! Em algumas discussões, por exemplo, no intercâmbio, com colegas, quando falava da questão de gênero - em discussões mesmo, sobre a questão de ser mulher, aí tem toda uma polêmica. Nos relacionamentos também. Em algumas situações de relacionamento também acontece. Às vezes uma coisa simples, como o homem utilizar camisinha, vira toda uma questão: "A camisinha é apertada" ou "A camisinha tira a minha sensibilidade". Tem sempre aquela imposição de que a mulher precisa se cuidar e se proteger. Então, nessas situações eu já me senti acuada: nos relacionamentos afetivos com homens e também em momentos com os amigos.

[00:20:08] Entrevistadora: Você falou isso da camisinha. Eu lembro que uma das primeiras leitoras que eu entrevistei, que, inclusive, é leitora da *AzMina*, ela me contou que ela descobriu a revista porque ela sofreu uma situação dessas em que ela estava se relacionando com um cara que, um dia, simplesmente tirou a camisinha sem avisar a ela, sem ela saber. Ela se sentiu muito violentada e foi procurar uma delegacia da mulher e, na delegacia da mulher, falaram para ela: "Isso não é crime. Você não pode registrar um boletim de ocorrência". Aí, ela foi várias vezes na delegacia, tentou pedir ajuda e não conseguiu. Aí, ela começou a procurar na internet o que ela podia fazer e descobriu *AzMina*, entrou em contato com a revista e aí, sim, ela foi orientada e recebeu apoio. A partir disso, ela começou a ter contato com os feminismos. Então, foi uma entrevista bem interessante.

[00:21:04] Entrevistada: Sim! Eu mesma sempre tenho esse medo. Dependendo do perfil de rapaz com o qual eu estou, me dá aquela coisa: "Deixa eu vigiar se a pessoa não vai tirar a qualquer momento". É um reflexo do quanto os homens ainda acham que o corpo da mulher pertence a eles: esse corpo não é nosso; ele é um objeto. Acho que, de tudo, o que há de mais forte é isso: o quanto a nossa existência é tratada como objeto à disposição do homem.

[00:21:39] Entrevistadora: Você já sofreu algum tipo de ameaça, algum tipo de violência emocional ou psicológica, por se alinhar com o feminismo, mesmo no ambiente digital (depois de escrever alguns dos seus textos)? Você já teve esse tipo de problema ou embates, nesse sentido?

[00:22:05] Entrevistada: Que eu me lembre, não! A maior parte dos meus seguidores é de mulheres e os que são homens são adeptos e querem buscar refletir. É muito difícil você ver algum comentário nas minhas postagens que seja contrário ou invalidando. Pode ter um debate, uma discussão, mas é sempre tudo saudável. Então, pelo o que eu me recorde, na rede social, não. Deixa eu tentar lembrar aqui. Que eu me lembre, não. Mas eu acho que é mais por isso: por estar dentro de uma bolha.

[00:22:53] Entrevistadora: Com a sua família, seu contato com amigos e grupos mais próximos de convívio, como o seu trabalho, tanto enquanto colunista da *AzMina* quanto o seu trabalho com escrita criativa para a diversidade, como ele se reflete nessas suas vivências?

[00:23:16] Entrevistada: Eu sou de uma família que nós somos mais mulheres: só tem um irmão. Todos os outros são irmãs. Eu vejo que, entre os meus familiares, existe respeito pelo meu trabalho, mas isso não significa que eles concordem. Se você for sentar e conversar, vai haver pontos de discordância, mas existe uma postura de respeito em relação ao meu trabalho. “Eu não concordo com isso”, “A minha visão não é essa” ou, como você acabou de falar, “Eu não me considero feminista” ou “Eu não concordo porque às vezes eu acho que é muito radical”, mas respeitam meu trabalho e as bandeiras que eu trago e a forma e a abordagem que eu trago.

[00:24:08] Entrevistadora: Você acha que, a partir do momento que você entrou para *AzMina*, que você passou a colaborar com a iniciativa, a sua visão sobre o feminismo mudou?

[00:24:23] Entrevistada: Mudou, mas não por eu ter entrado para a revista *AzMina*, até porque a revista não é uma revista encabeçada por mulheres negras. É uma revista que está super aberta para que a pluralidade e a diversidade aconteçam - e é por isso também que eu me mantenho. Então, você vê, cada vez mais, um movimento de convidar mulheres que sejam negras, que sejam indígenas, mulheres com deficiência, mulheres gordas, enfim, para trazer

mesmo a diversidade de ser mulher. Então, o que eu vejo é: os movimentos que eu vou fazendo - essas leituras, esses processos -, eu vou levando para a revista *AzMina* e me mantenho muito alinhada ao que elas fazem. Eu sempre estou lendo o que elas estão trazendo para ver se serve, porque, se em algum momento, eu sentir que não condiz mais, eu acho que seria o momento de encerrar a parceria.

[00:25:17] Entrevistadora: Como você se sente quando desenvolve as suas atividades, tanto para a revista quanto às suas demais atividades de trabalho, que também dialogam bastante com os feminismos?

[00:25:29] Entrevistada: Você fala “como eu me sinto”, mas como assim?

[00:25:31] Entrevistadora: Qual é a sensação que você tem quando você está desenvolvendo o seu trabalho?

[00:25:39] Entrevistada: No primeiro momento, principalmente quando eu cheguei do intercâmbio, era de muita dúvida e de muito receio, porque você passa a assumir o papel de formadora de opinião. Então, no primeiro momento, eu mandava os textos e tinha sempre muito cuidado - até do ponto de vista jornalístico, que é mais que a nossa obrigação -, de se certificar das referências, ver se não existe algo que não seja verdadeiro ou que não foi validado. Então, no primeiro momento, eu tinha muito esse medo, essa dúvida, só que, à medida que eu fui realizando essas rodas de escrita, que são rodas de escrita em que as mulheres escrevem muito sobre o que é ser mulher (elas falam muito sobre a experiência de ser mulher e tudo o que ela passa), hoje, o que eu vou percebendo é que eu me sinto mais segura, mais confiante. Então, hoje, a minha sensação é dessa confiança, por quê? Porque eu estou em diálogo com outras mulheres. O conhecimento que eu fui tomando não é só das leituras que eu faço. Primeiro, eu me cerquei muito de referências (ler outras autoras negras, de mergulhar bastante em bell hooks e em outras). Mas hoje eu me sinto mais tranquila pela questão mesmo do prático. Eu acredito que é a vida real que vai te dar uma noção do quanto ser feminista e do seu trabalho está alinhado e pode contribuir de uma maneira positiva para a sociedade. A gente precisa ter muito cuidado quando você vai assumir esse lugar de formadora de opinião, porque, no menor deslize, as pessoas vão querer invalidar não só o

seu trabalho, mas todo o movimento que você está representando ali. Então, eu sempre tenho esse cuidado. Então, acho que é isso: a sensação, no princípio, era de medo e de angústia, mas hoje é mais tranquila e mais serena.

[00:27:39] Entrevistadora: Você começou a colaborar em 2015 mesmo, na época do intercâmbio, ou foi um pouco depois?

[00:27:45] Entrevistada: Foi um pouquinho depois. Eu acredito que nem foi em 2015. Eu acredito que foi em 2018, que foi quando eu fiz uma viagem de oito meses. Nessa viagem de oito meses foi que eu fui lembrar o que tinha acontecido no intercâmbio e escrevi a respeito. Então, foi mais ou menos em 2018.

[00:28:06] Entrevistadora: Você estava falando dos benefícios positivos para a sociedade. Eu queria saber como a sua contribuição se reflete e atinge a sociedade como um todo.

[00:28:28] Entrevistada: Além do “reconhecer-se”, eu gosto muito do poder do relato. Quando você relata algo que te aconteceu, outras pessoas se veem naquilo. É muito o *feedback* que eu recebo. Por exemplo: passei por uma situação de racismo ou machismo no exterior. Aí, eu recebo vários relatos: “Passei por isso também”, “Passei por isso também e foi assim, assim, assado”. Além do se ver, do se enxergar em outra pessoa e saber que você não está sozinha, que aquilo não é coisa da sua cabeça, isso te ajuda a não cair na invalidação da sociedade. Além disso, tem um segundo ponto que eu sempre procuro trazer, que é o da “inteireza” - voltando para a questão do quanto o machismo tira a nossa liberdade. Das várias liberdades que ele nos tira, tem a liberdade de ser. Então, eu tenho muito isso, de levar a “inteireza”, falando não só de ser mulher, mas, sobretudo ser mulher negra, que é entender que a gente tem direito a uma vida digna, uma vida plena, de desfrutar de relações, em que a gente vai receber e vai dar afeto e que a gente não vai ser objetificada ou hipersexualizada, que a gente vai passar, sim, por um processo de ascensão e de prosperidade. É viver dignamente e desfrutar. Esses dias, eu postei uma foto dos Lençóis Maranhenses e uma mulher negra me escreveu: “É muito bom ver outra mulher negra desfrutando e vivendo bem”. Isso é muito importante e muito prazeroso. Quando eu penso nos benefícios, são esses. Pensando no trabalho que eu estou fazendo na literatura, é saber que, quando eu tiver filhas,

que serão negras, elas vão ler outras mulheres negras já na infância. A primeira vez que eu li uma mulher negra eu tinha cerca de 25 ou 26 anos, que foi Maya Angelou.

[00:30:31] Entrevistadora: Maravilhosa! Você sabe que eu nunca tinha lido antes. Eu tive contato só esse ano com os livros dela. É muito incrível! É uma escrita que toca muito fundo.

[00:30:50] Entrevistada: É transformadora! A minha referência de mulher escritora na infância foi Jane Austen. Eu adoro o trabalho dela e continuo sendo fã. Quando eu viajei e fui para a Inglaterra, eu fiz um *tour* pela vida e obras dela: fui às casas onde ela viveu e fiquei super emocionada e muito feliz. Foi incrível! Ainda naquele momento, eu tinha a sensação de que me faltava algo para eu ser escritora. “Me falta algo para ser escritora, que eu não sei o que é”. Aí, eu voltei para o Brasil e fui seguindo, seguindo, até o momento em que eu decidi que ia lançar o *Dona de si* de uma maneira independente. Foi nessa mesma época que eu li Maya Angelou - *Eu sei por que o pássaro canta da gaiola*. Naquele momento, inconscientemente, eu entendi o que me faltava e, inconscientemente também, eu me validei. “Eu posso ser escritora também. Mas por que eu posso ser escritora também? Porque eu estou lendo uma mulher negra, como eu, que é escritora”. Isso é muito, muito poderoso, você ler outras mulheres que falam do mesmo lugar que você. Na literatura, que crianças, crianças negras, indígenas, crianças, em sua pluralidade, possam se reconhecer, não só enquanto leitoras, mas enquanto escritoras também.

[00:32:09] Entrevistadora: Acontece esse movimento conosco de duvidar de que nós somos capazes, né? Uma outra colunista da *AzMina* me falou que, quando ela estava na faculdade (ela fez jornalismo também), ela via os colegas homens, que tinham um blogzinho qualquer, desconhecido, que escreviam dois ou três parágrafos, se identificando como escritores, e ela não se sentia habilitada para se dizer escritora. Foi só quando ela começou a ler mulheres que ela decidiu que ela podia ser escritora também.

[00:32:46] Entrevistada: Super! Isso acontece muito com várias mulheres que têm vários escritos. “O que te falta?”, “Me falta me assumir, me reconhecer”. A gente trabalha muito nas rodas isso: não esperar a validação do outro. “Sim, você é escritora. Você é escritora mesmo

que você não tenha uma obra publicada” (porque a escrita foi ganhando vários contornos, com a escrita digital). É uma das coisas que a gente mais trabalha.

[00:33:16] Entrevistadora: Com relação ao seu trabalho na *AzMina*, como funciona a sua rotina? Você escreve de quanto em quanto tempo as suas colunas? Com quem geralmente você interage?

[00:33:29] Entrevistada: A minha coluna é mensal, então uma vez por mês eu envio. A definição do tema sempre fica por minha conta; sou eu quem decido, até mesmo porque, no trabalho de colunista, no final, sempre você vai ver que as opiniões ali expressadas são de inteira responsabilidade das colunistas. Geralmente, eu envio para a Helena, então é a Helena quem faz a revisão. Eu já envio com fotos e observações. Então, ela revisa, mas ela não costuma mexer muito no texto. Só às vezes que tem alguma ideia: “Vamos incluir outra foto que se encaixe melhor?”, mas também sempre dar os créditos. Ela também sempre me responde me sinalizando quando vai ser publicado. Quando publicam, elas sempre me marcam, para eu repostar. É isso! Uma outra coisa: além do trabalho como colunista, eu não vou lembrar o ano, mas acho que foi no passado ou no retrasado, eu fui uma das selecionadas na bolsa, no concurso da Revista *AzMina*. A Revista *AzMina* tem um concurso e, nesse ano, a temática era, justamente, a violência contra a mulher. Se você olhar nos textos, além da coluna, tem uma reportagem, que é a reportagem “Mulheres em fuga”, se eu não me engano. Essa reportagem foi uma outra parceria com as selecionadas pela bolsa. Elas deram um subsídio financeiro também. Acho que é isso.

[00:35:04] Entrevistadora: Então, quando você foi selecionada com a bolsa, você fez uma reportagem que foi remunerada. Foi um trabalho isolado, mas você foi remunerada. É isso?

[00:35:15] Entrevistada: É isso mesmo! Eu não me lembro quanto a bolsa era. Além de ser remunerado, passava por uma supervisão mais próxima delas. Então, a pauta que foi selecionada foi a mesma temática que eu abordo no livro *Donas de Si*, que era mulheres migrantes vítimas de violência. Só o recorte que era um pouco diferente. O processo de produção, apuração e entrevista durou cerca de três meses. Durante todo esse processo, a supervisão foi maior. Então, a gente tinha reuniões. As meninas também mexeram mais no

texto, porque essa seria também assinado por elas, tendo eu como jornalista, mas ficando mais por conta delas.

[00:36:04] Entrevistadora: Enquanto colunista, geralmente, você não participa das reuniões de pauta. Mas você participa, por exemplo, de grupos de WhatsApp, de encontros esporádicos?

[00:36:19] Entrevistada: Não. Enquanto colunista, nosso trabalho é mais externo. É muito mais um trabalho em que elas cedem o espaço delas e a gente faz esse envio. Então, é muito mais pontual nosso contato, mais por e-mail. Eu tenho os números delas (Helana, Thaís, Carol), mas o contato é por e-mail mesmo e esse contato é sempre focado no envio da coluna do mês e na resposta delas falando em qual data o material vai ser publicado. É muito mais isso.

[00:36:52] Entrevistadora: Com Helena e com Thaís, eu não conversei ainda. Eu já falei com a Carol. Ela fica menos com essa parte de edição e mais com a parte de captação.

[00:37:05] Entrevistada: Eu esqueci a função da Carol, mas o trabalho dela é muito mais de captação. A Helena que fica mais por conta. Se eu não me engano, a Helena hoje... Deixa eu até ver qual é a função dela. Mas o trabalho dela é muito mesmo de organização da reportagem. Quando eu fiz esse trabalho com *AzMina*, foi com ela que eu tratei. Os editoriais, quase sempre, são com a Helena.

[00:37:25] Entrevistadora: A maioria das colunistas me relata que quem faz a revisão dos textos é a Helena e, às vezes, a Thais. Então, você interage mais com a Helena, ao longo do seu mês. Mas você tem contato com as demais colunistas ou com a própria Carol mesmo?

[00:37:47] Entrevistada: O contato é mais enquanto leitora. Eu estou sempre acompanhando o que é compartilhado. Quando eu vejo alguma matéria que me interessa, eu curto, comento, aí eu já dou uma olhadinha no perfil da colunista e começo a seguir e a acompanhar. Por exemplo, eu descobri a Júlia Miranda, por meio disso, de estar sempre olhando. Então, esse contato existe mesmo via rede social.

[00:38:19] Entrevistadora: E com o pessoal que trabalha com a Carol na captação - a Rayana, a Verena -, você conversa também?

[00:38:26] Entrevistada: A Verena, teve uma época que era uma das encarregadas de revisar e aprovar. Hoje em dia, acho que ela ainda fica em cópia, mas quem dá retorno é a Helena. Thaís, Helena, Carol, Verena são com as quais eu mais falo. Com a Thaís é muito mais informal, porque a gente se acompanha muito na rede social. Com a Carol, é quando eu preciso tratar de alguma coisa, como, por exemplo, neste mês que a coluna vai ser sobre o projeto, mas, antes, eu quis checar com ela se estava tudo certo, para ter o cuidado de não fugir um pouco da proposta.

[00:39:04] Entrevistadora: Você sabe e tem ideia de quem é o público de vocês e para quem vocês estão escrevendo?

[00:39:11] Entrevistada: Eu percebo que são mais mulheres brancas - não tem como. A questão da diversidade está acontecendo aos poucos, à medida que elas vão mudando o perfil das colunistas que colaboram. Então, são mais mulheres brancas que estão buscando se desconstruir mesmo, que estão buscando sair do feminismo convencional. Acho que é isso: são mais mulheres. Não vejo muito o perfil de homens, não.

[00:39:45] Entrevistadora: Eu não sei se você, como colunista, chega a buscar fontes, mas quando, por exemplo, você estava fazendo a reportagem, como é o contato da revista *AzMina* e das suas colaboradoras com as fontes?

[00:40:03] Entrevistada: Você fala das fontes que são entrevistadas?

[00:40:05] Entrevistadora: Exatamente!

[00:40:10] Entrevistada: Esse contato é só se elas perceberem algo discordante. Isso só aconteceu na reportagem mesmo. “Essa fonte aqui, só dá uma checada se o cargo dela é esse e se ela atua de maneira tal, porque, se ela atuar de maneira tal, vai ficar mais ok para quando o grupo ler e não ter nenhuma desconfiança ou qualquer coisa do tipo”. Então, elas não costumam checar muito, mas é justamente por isso, porque o ser colunista é mais externo e mais assim. Quem banca essa opinião que foi expressa é a colunista. Mas se for uma reportagem, é mais próxima essa checagem.

[00:40:54] Entrevistadora: Eu te pergunto sobre as fontes porque eu me lembro que estava conversando com a Carol e ela me disse que, com os anos e conforme a revista foi crescendo

e ganhando visibilidade, a relação com as fontes passou a ser muito mais fluida. Quando vocês se apresentam como colaboradoras da *AzMina*, as pessoas já respeitam mais, já dão credibilidade e espaço.

[00:41:20] Entrevistada: Sim. O que eu percebo delas? Elas têm chamado para ser colunistas mulheres que não só falam e sabem a respeito do assunto, mas têm uma prática por trás (existe um trabalho que é bastante prático). Então, acredito que isso traz mais confiança e mais credibilidade. Eu vou percebendo também que é via de mão dupla. Vou te dar um exemplo: eu já fui contratada para algumas palestras e para dar alguns cursos, tendo como referência maior ser colunista da *AzMina*. E vice-versa! Já tiveram algumas pessoas que chegaram a conhecer o trabalho delas por meio do meu.

[00:42:04] Entrevistadora: Com certeza! Você acha que a revista tem muitos *haters*?

[00:42:12] Entrevistada: Até que não. Até que não.

[00:42:14] Entrevistadora: Pensando no contexto, né, Flay?

[00:42:17] Entrevistada: Tem algumas que sofrem muito, né? Tem o site *O Mundo Negro*. Tem alguns comentários para algumas determinadas matérias que tem muitos *haters*. Então, eu acho que não tem tantos *haters* assim.

[00:42:35] Entrevistadora: Como é a relação da *AzMina* com os *haters*?

[00:42:41] Entrevistada: Falando, enquanto colunista, eu acredito que elas não gastam muita energia com isso, não. Eu percebo, principalmente no trabalho da Carol, ela muito alinhada em seguir praticando um jornalismo que seja sério. Quando você entra em um jornalismo que é mais alinhado com uma grande temática, você precisa ter muito cuidado para não ficar panfletário demais. Então, eu vejo um profundo comprometimento delas na apuração e na questão de manter mesmo os princípios e os preceitos do jornalismo ali. Então, eu acredito que elas não gastam muita energia com isso e buscam se resguardar legalmente. Por trazer uma temática feminista, elas vão buscar se resguardar do ponto vista legal.

[00:43:38] Entrevistadora: Pelo o que a Carol me explicou, os maiores problemas são esses: juridicamente, como enfrentar; e também a questão dos ataques *hackers* ao site.

[00:43:51] Entrevistada: Isso! Exato! É isso o que eu vou percebendo: elas dedicam mais energia para isso e como a gente se mantém mais resguardada a partir desse ponto.

[00:44:02] Entrevistadora: O que te gera mais satisfação no seu trabalho como colunista da *AzMina*?

[00:44:08] Entrevistada: É que mais pessoas tomem conhecimento, não só do meu trabalho, mas das temáticas que eu trago, justamente por perceber que é um público majoritariamente branco. A gente sempre fala, quando fala sobre a questão racista, que a gente precisa de aliados na questão de racista. As pessoas negras já têm todo um movimento, mas a gente precisa cada vez mais de pessoas brancas que se apresentam como aliadas mesmo. Então, eu fico muito feliz em saber que mais pessoas e mais pessoas tomam conhecimento do meu trabalho, pessoas que, muitas vezes, estão distanciadas da temática e vão começar a ler, entender e se desconstruir.

[00:44:48] Entrevistadora: Tem algo que te gera insatisfação nesse trabalho que você desenvolve para *AzMina*?

[00:44:56] Entrevistada: Não! Eu acho muito fluido. Eu admiro muito. Eu acho que, se eu não admirasse o trabalho delas, eu não me manteria e já teria ido para outras propostas. Mas eu admiro muito e vejo muita seriedade no trabalho delas. Nem na postura da revista nem na fluidez do processo... eu acho que está bem fluido.

[00:45:22] Entrevistadora: Muitas dessas iniciativas surgiram em 2015, na época em que eclodiu a Primavera Feminista no Brasil e elas não conseguiram perdurar, não conseguiram se manter. Por que você acha que *AzMina* ainda existe? O que você acha que faz com que a revista siga se mantendo em pé?

[00:45:43] Entrevistada: Eu aponto dois pontos. Primeiro: entendimento de que buscar subsídio financeiro é necessário. Nesse momento de criação das CriAtivas, eu tenho tomado muito como base e exemplo elas. Agora, nessa fase inicial, assim que a CriAtivas surgiu, a primeira coisa foi buscar aporte financeiro, até mesmo para fazer a roda girar. Muitas vezes, as pessoas têm essa visão: "se eu estou aqui levantando uma bandeira, então eu vou prestar todo o meu trabalho de graça e vou fazer sem esperar contrapartidas". Gente, isso não existe!

A gente precisa fazer o dinheiro girar entre mulheres. Eu convidei um time de embaixadoras para ajudar a divulgar a campanha. Mas eu falei: “Como contrapartida, a gente vai fazer a compra de cinco a dez exemplares, como forma de agradecimento. Eu sei que, se eu fosse remunerar esse trabalho, valeria muito mais, porque algumas têm muito mais seguidores”. É esse entendimento e a gente trabalha com isso: qual vai ser a contrapartida? Pode ser uma contrapartida financeira ou outra contrapartida. Até mesmo prestando o meu trabalho hoje para a revista enquanto colunista, eu entendo que existe uma contrapartida que é de prestígio: o meu nome tem um apreço maior, por estar como colunista delas. Então, eu acho que o primeiro é esse entendimento pelo subsídio e eu vejo que elas sempre estão antenadas, buscando editais, parcerias. A segunda coisa é a seriedade jornalística. Eu vejo isso muito forte. O fato de você levantar uma bandeira não significa que você não precisa ter seriedade. Tem que ter seriedade na apuração, na escolha de quem serão as colunistas. Eu vejo que elas são muito estratégicas. Eu acho que as duas coisas que fizeram o projeto durar foram essas. Além disso, elas estão antenadas no andamento do movimento feminista. Cada vez mais, o movimento feminista está se interseccionando - isso é uma realidade. Cada vez mais a gente está se questionando. Tanto é que hoje você ouve falar muito mais em feminismo negro, feminismo decolonial. Eu vou dar um exemplo aqui: antes de ser colunista da revista *AzMina*, eu ia ser colunista de uma organização - prefiro não falar o nome da organização. É uma publicação que está no *Medium*. Essa publicação praticava o feminismo radical. Naquela época, eu tinha um conhecimento muito incipiente do feminismo. Enfim, eu aceitei. Logo que eu aceitei e fui ler os textos, eu vi que eu não concordava com aquela vertente do feminismo. Eu até fiquei em uma situação: “Nossa! Aceitei e vou ter que voltar atrás”. Mas foi uma das melhores coisas que eu fiz. Eu voltei com a organizadora da publicação e falei: “Eu respeito o feminismo de vocês, mas não concordo, então, realmente, o meu feminismo não está alinhado com o de vocês”. Eu já tinha até um texto publicado: “Você retira esse texto e não estou mais como colunista de vocês”. Essa experiência também me ajudou a ser mais criteriosa com os convites que eu recebo.

[00:49:21] Entrevistadora: Você, na época, logo depois, você já começou a contribuir com *AzMina*. Aí você as procurou...?

[00:49:29] Entrevistada: Isso! Foi quando eu falei: “Deixa eu dar uma olhada com mais calma”. Foi quando eu cheguei na revista *AzMina*.

[00:49:37] Entrevistadora: Como você acha que o contexto atual, com a pandemia e todos os reflexos da pandemia na nossa sociedade, atingiu o trabalho da revista?

[00:49:52] Entrevistada: Como o contexto da pandemia atingiu?

[00:49:55] Entrevistadora: Aham!

[00:49:59] Entrevistada: Eu acredito que elas não foram muito afetadas, porque, antes da pandemia, elas já eram uma publicação digital - não só em relação ao alcance, mas também à lógica de trabalho. Trabalhar remotamente para elas já era uma realidade. Elas já tinham mais encontros, e elas só tiveram que ir aumentando isso. Então, acredito que elas não sofreram tanto, mas, sim, nas pautas que elas trazem. Eu vejo muito elas falando sobre a pauta de mulheres que estão trabalhando e tendo cargas horárias e que isso não condiz com algumas realidades nossas, com a questão de ser mulher e ser mãe ou trabalhar e ter filhos. Então, é muito mais na questão editorial. Mas acho que, na estrutura, não impactou tanto.

[00:50:50] Entrevistadora: Como você acha que a pandemia se refletiu no movimento feminista, como um todo?

[00:50:59] Entrevistada: Eu acredito que foi isso: perceber que a lógica de trabalho ainda conflita... A lógica de trabalho também foi configurada em uma lógica patriarcal, seguindo uma lógica patriarcal. Então, foi perceber isso: que conflitou com algumas coisas da realidade de ser mulher. Eu até li um texto e escrevi alguma coisa a respeito disso, falando disso, dessa lógica, que é muito do homem que chega em casa e não tem uma comida para fazer. Mas, muitas vezes, a gente vive em uma situação conjugal em que os dois estão trabalhando em *home office*, mas só a mulher está fazendo isso em casa, entende? Então, isso mostrou algumas disparidades que precisam ser resolvidas.

[00:52:00] Entrevistadora: E essa conjuntura de ampla disseminação de notícias falsas? Como você acha que *AzMina* lida com isso?

[00:52:11] Entrevistada: Se eu não me engano - não tenho certeza -, elas têm um projeto para checar *fake news*. Agora, eu estou na dúvida se são elas ou se é a *Pública*. A *Pública* eu tenho certeza que tem, mas acho que elas têm alguma coisa. Talvez eu não responda só pela revista *AzMina*, mas pelo jornalismo em geral, assim que a gente entrou na internet, se questionou muito qual seria o papel do jornalismo sendo que agora existe o cidadão jornalista. Cada vez mais fica evidente que o nosso papel é de apuração, de checagem. Você entregar um trabalho em que houve todo um cuidado na checagem, na apuração, faz toda diferença, toda, toda diferença. Então, eu acredito que é isso: cada vez mais, o nosso papel, enquanto jornalista - e aí entra o caso da *AzMina* - é de mostrar que essa informação... "Pode ficar tranquilo, porque nós temos seriedade para checar e para, até mesmo, desmentir". A gente vive em um contexto político de um presidente que se elegeu através de *fake news* e a gente vê o peso e o quanto isso pode trazer consequências para a sociedade.

[00:53:52] Entrevistadora: Na sua opinião, como essas notícias falsas afetam o movimento feminista?

[00:53:40] Entrevistada: Nossa! Afeta muito. Afeita muito! Quem é contra o feminismo só busca uma desculpa. A desculpa às vezes vai ser um deslize que a pessoa cometeu ali - e já vira desculpa. Às vezes, nem precisa. A pessoa vai ler a informação e deturpa completamente. Então, acredito que as *fake news* viraram um prato cheio para as pessoas que são contra o feminismo, de você pegar teorias que não têm nenhum embasamento, não têm veracidade e você usar como argumento contra o movimento feminista.

[00:54:22] Entrevistadora: Altas teorias da conspiração, né?

[00:54:23] Entrevistada: Altas! Altas teorias.

[00:54:28] Entrevistadora: Flay, são essas as perguntas que eu tinha para te fazer. Você tem alguma dúvida ou alguma outra colocação, alguma inquietação?

[00:54:36] Entrevistada: Agora, às 15, eu já entro em um teste que eu vou fazer de inglês. Mas eu queria entender no que isso vai se desdobrar - a pesquisa -, quando vai estar pronto, no que vai se desdobrar.

[00:54:53] Entrevistadora: Eu fiz a minha qualificação - que é a etapa inicial, nos dois primeiros anos, para depois a pesquisa ser aprovada e ter continuidade. Essa etapa de qualificação, eu terminei em maio. Antes disso, eu falei com a Carol, eu conversei com a Luísa (que é colunista também), entrevistei já algumas leitoras d' *AzMina*. Essa primeira etapa, inclusive, eu só fiz com o pessoal d' *AzMina*. Eu não tinha incluído o pessoal da *Olga*, do *Lado M*, com quem eu já estou falando também. Eu estou terminando agora, em agosto, a fase das entrevistas e eu vou fazer o meu trabalho, que vai ser toda uma análise para tentar compreender qual é o contexto do mundo social do midiativismo feminista - quem são as pessoas que fazem, como se organizam, o que motiva vocês a fazer um jornalismo independente feminista e a contribuir com essas iniciativas (muitas são voluntárias). Eu quero entender também por que as leitoras também se apropriam desses conteúdos, leem e passam para a frente. Eu já percebi, até agora, no contato com as leitoras, que muitas delas, depois que passam a consumir esse tipo de notícia, escrevem sobre e começam a fazer vídeos e começam a se posicionar sobre feminismo na internet. É isso! A ideia é fazer as entrevistas e uma etnografia também, que, se a pandemia se resolver, eu vou conseguir fazer melhor, a partir de agora. Agora, no fim do ano, eu devo fazer uma parte do meu doutorado, uma cotutela, em uma universidade na França. Disso, eu vou tirar uma comparação: eu vou conversar com colaboradoras de iniciativas como *AzMina*, só que lá na França, e vou ver o que tem em comum e o que tem diferente e vou comparar.

[00:56:47] Entrevistada: Que massa! Que massa! Quando estiver pronto, me envia, para eu poder compartilhar, seja nos *stories*, porque eu quero fazer um *post* a respeito. É isso! Muito, muito obrigada pelo convite. Quando você me chamou, eu estava de férias total, mas fico feliz que a gente tenha conseguido conversar.

[00:57:07] Entrevistadora: Eu também fico muito feliz. Obrigada por ter aceitado participar. Se você quiser acrescentar algo ou lembrar de alguma coisa, você me avisa. Quando a pesquisa estiver pronta, eu te mando com certeza. Se você precisar, fica o meu contato registrado. Qualquer coisa, é só falar comigo. Eu estou à disposição.

[00:57:29] Entrevistada: Está bom então. Obrigada!

[00:57:31] Entrevistadora: Obrigada! Tchau, tchau.

Gabriella Feola – repórter *Lado M*

[entrevista de apoio]

Você pode contar um pouco sobre a sua trajetória profissional?

O que é ser feminista para você?

Como é a sua rotina de trabalho para o *Lado M*?

Você se sente, de alguma forma, acuada por se identificar com a causa feminista?

Como você acha que o seu trabalho relacionado ao feminismo atinge a sociedade?

Parte 1 - WhatsApp 2021-07-20 às 5.21.54 PM

Oi, Mariana. Tudo bom? Primeiro, eu quero te contar uma coisa, que, quando você falou do seu trabalho, eu estava lembrando e que talvez te ajude: a professora Roseli Figaro da ECA/USP fez um mapeamento da mídia independente geral. Tinha muitas que eram feministas. Talvez, dentro desse mapeamento, possa ter alguns dados legais para complementar e talvez seja importante para você conhecer. Só lembrando: eu adoro discussões acadêmicas.

Parte 2 - WhatsApp 2021-07-20 at 5.23.03 PM

Também porque a pesquisa dela tinha muita coisa relacionada a isso que eu posso te falar do *Lado M* e da minha trajetória profissional, colaborando com a mídia independente. Eu comecei a escrever na faculdade de jornalismo. Eu fazia estágio em outros lugares e colaborava com alguns veículos. Comecei a colaborar com o *Lado M*, acho que em 2013, e com o *Papo de Homem*, em 2014. Para ambos, eu escrevia falando sobre sexualidade. Para ambos, eu escrevia sob uma perspectiva de equidade de gênero. Para o *Lado M*, o viés era pensar a libertação das mulheres, a autonomia sexual, direitos sexuais reprodutivos. Para o *Papo de Homem*, era comunicar tudo isso aos homens, em várias linguagens,

desnaturalizando essa visão de que homem é assim e mulher é assado. Isso lá em 2014, então os papos ainda estavam em outros pés.

Parte 3 - WhatsApp 2021-07-20 às 5.24.58 PM

O que acontece é que as questões de gênero atravessam minha carreira de muitas formas. Eu colaborava para os dois. Às vezes, quando eu queria escrever em uma perspectiva que era mais voltada para mulher (vaginismo etc.), eu escrevia no *Lado M*. Quando eu queria escrever sobre alguma coisa mais voltada para os homens (como, por exemplo, questões da indústria pornográfica), eu escrevia para o *Papo de Homem*. Só que o *Papo de Homem*, em dado momento, começou a me pagar e o *Lado M*, não, porque era um veículo muito menor, muito mais independente e muito mais novo inclusive. Eu sou da mesma sala da Ana Paula Souza e sou um ano mais velha que a Mariana Miranda. Nós duas somos da ECA-USP. A gente sempre entendeu que o Lado M era um veículo mega independente, mas eu nunca tive muito tempo para me dedicar para o Lado M, que, em dado momento, passou a ser cooperativo (o que lucrava era repartido). Mas eu não conseguia ter muito tempo para me dedicar a essa mídia paralela aos meus estágios. Eu não venho de uma família com estabilidade financeira. Eu fui criada só pela minha mãe e minha mãe sempre teve muita dificuldade de sustentar eu e o meu irmão, então a gente sempre trabalhou para pagar as contas da casa. Mesmo na época da faculdade, criar conteúdo independente era uma coisa que eu fazia se sobrasse tempo. Mas a primeira preocupação era pagar as contas. Nesse sentido, eu tive poucas contribuições para o *Lado M*, muito menos do que eu gostaria.

Parte 4 - WhatsApp 2021-07-20 às 5.25.58 PM

Coincidentemente, eu voltei a fazer parcerias com o *Papo de Homem*, em 2018, quando eles me contrataram como *freela*. Hoje, eu trabalho com eles com pesquisa, desenvolvimento e comunicação, voltada para a equidade de gênero, projetos para as empresas, sempre visando falar com os homens mais resistentes para gerar equidade de gênero, para gerar

transformação, ou seja, falar qual é o papel dos homens nessa luta pelas diversas equidades de gênero, de raça, etárias e tudo mais.

Parte 5 - WhatsApp 2021-07-20 às 5.29.13 PM

Ser feminista, para mim, é uma coisa que eu era, muito antes de eu saber que eu era. Eu fui criada na igreja e sempre fui muito católica. Sabe o que é muito católica mesmo? Eu ia mais de uma vez por semana na casa dos padres. Eu era muito católica. E também era muito dada às amizades masculinas. Então, como sempre teve muito estigma em torno da palavra feminista, eu, a princípio, quando era mais nova, não sabia me dizer feminista. Achava que feminista era uma coisa que eu não era, até que alguém me contou: “Gaby, isso que você faz é feminismo”. Eu comecei a escrever sobre sexualidade, pensando na liberdade das mulheres e eu ainda não via isso dentro de uma perspectiva feminista. Só depois da faculdade que eu comecei a entender o que era feminismo. Eu percebo que eu venho de uma criação muito feminista, apesar de nenhuma das mulheres da minha família se dizerem feministas.

Parte 6 - WhatsApp 2021-07-20 às 5.30.59 PM

Ser feminista, para mim, é pensar em uma base de equidade de direitos e, para mim, é da maior importância que esse feminismo seja interseccional; é pensar esse mundo por essa perspectiva de equidade de direitos, de valorizar as diversidades, de ter esse olhar interseccional e de quebrar as discriminações, valorizando as diferenças. É uma coisa que é boa para todo mundo, para todo mundo! A perspectiva que eu ganho, ao entrar para o *Papo de Homem*, para entender as questões das masculinidades, é que o “abaixo o patriarcado” pode fazer muito bom para os caras também. Essa perspectiva de gênero, binária, dividida, violenta, é péssima para as mulheres. Ela faz muito mal a todas as mulheres e a todos os grupos minorizados. Mas também, em menor medida, está acabando com várias gerações de homens, que estão aí cheios de problemas emocionais, sendo um dos que mais se suicidam, infelizes e completamente perdidos e fazendo merda.

Parte 7 - WhatsApp 2021-07-20 às 5.31.31 PM

Eu não tenho mais rotina de trabalho com o *Lado M*. Nunca tive rotina de trabalho com o *Lado M*. Como eu falei, eu colaborava quando dava. E não tenho. Isso é uma coisa que não enquadra como funcionária. Eu fui uma colaboradora.

Parte 8 - WhatsApp 2021-07-20 às 5.32.38 PM

Nunca me senti acuada por me identificar com a causa feminista, em nenhum ambiente. Acho que muitas outras causas, as quais eu defendo, acabam me fazendo me sentir mais acuada. Por exemplo: não monogamia. Mas feminismo, acho que já é muito bem aceito. É muito raro! Acho que eu preciso sair do centro de São Paulo, para ir para um lugar diferente, para me sentir acuada pelo feminismo.

Parte 9 - WhatsApp 2021-07-20 às 5.35.57 PM

Eu tenho muitas questões hoje, porque eu acho que o movimento feminista não é uma coisa só. Ele é muito plural e ele precisa ser muito plural. Se eu fosse falar que eu já me senti acuada ou que eu já fiquei com o “pé atrás” para falar sobre feminismo, às vezes é mais entre certos setores feministas conservadores. Eu fico com o “pé atrás” de falar sobre certas pautas feministas que não batem com essas pautas do setor conservador. O feminismo tem que ser muito plural. Ele não pode ser elitista, ele não pode ser transfóbico, ele não pode ser putafóbico - esse é um feminismo que eu gosto muito, que é o ativismo feminista das putas e das trabalhadoras sexuais. Tendo essa proximidade desses contatos e até mesmo esse apagamento dessas lutas dentro do feminismo, às vezes isso gera um certo embate, mas é um embate que é produtivo, que serve para a gente pensar um feminismo cada vez mais plural. Para mim, é completamente fora da realidade me sentir de qualquer forma acuada por me identificar como feminista. Mesmo nos setores mais conservadores e religiosos, nunca senti nenhuma discriminação em relação a isso.

Parte 10 - WhatsApp 2021-07-20 às 5.36.19 PM

Claro, se eu for falar sobre bissexualidade, não-monogamia, em vários outros setores, eu vou me sentir acuada. Mas sobre feminismo, em si, eu não sinto.

Parte 11 - WhatsApp 2021-07-20 às 5.37.11 PM

Cara, hoje o meu trabalho eu costumo dizer que ele não é relacionado com o feminismo diretamente, porque eu estou trabalhando mais direcionada para homens, mas eu trabalho direcionada para a equidade de gênero. Então, eu vejo o impacto muito legal desse trabalho, que é, justamente, levar essa perspectiva do feminismo e de equidade de gênero para outros setores, para a gente conseguir quebrar alguns estigmas e mostrar, realmente, como a equidade de gênero faz bem para todo mundo, como a equidade de gênero na parentalidade é bom para as mães e é bom para os pais e para todos os outros arranjos familiares possíveis e imagináveis.

Parte 12 - WhatsApp 2021-07-20 at 5.38.50 PM

Então, eu acho que o meu trabalho atinge a sociedade. O meu trabalho, olhando para a diversidade de gênero, equidade e inclusão, atinge a sociedade ao levar a pauta da equidade de gênero, que é uma pauta essencialmente feminista, mas não só equidade de gênero, como também equidade racial, para diversos ambientes e mostrar como isso é importante e pode ser bom para todo mundo. Mais da metade da população é negra, metade da população é de mulheres. Se a gente for contar só os homens brancos, eles são 20% da população. Então, para qualquer coisa que a gente for fazer na vida, seja uma empresa, seja um concurso, seja uma campanha publicitária, a gente tem que pensar equidade, a gente tem que pensar diversidade, a gente tem que pensar perspectivas e experiências diferentes. A gente não só tem que pensar isso, mas a gente tem que fazer dentro desse ambiente de diversidade e de perspectivas diferentes, de gente com vivências e experiências diferentes, porque o mundo é assim. Essa é a realidade da porta para fora e essa realidade não pode ser uma bolha branca, masculina, da porta para dentro.

Parte 13 - WhatsApp 2021-07-20 às 5.39.44 PM

Pensar essas diferentes perspectivas, valorizar essas diferentes perspectivas, é fazer um mundo em que mais pessoas podem ser mais autênticas, podem ter mais espaço, podem trazer mais vozes. Ao trazer mais vozes, vão trazer mais inovações e vão trazer mais benefícios para outras pessoas.

Parte 14 - WhatsApp 2021-07-20 às 5.49.24 PM

Pensando ainda sobre se sentir acuada. “Acuada” realmente é uma palavra que eu não usaria. Talvez porque eu não me sinta acuada, porque é em relação ao meu sentimento. “Gabriella, você se sente acuada de falar sobre feminismo com pastor evangélico?”. Não! Eu não me sinto. Mas existem resistências, por parte das pessoas, a ouvir sobre feminismo? Existe! Até hoje eu tenho que responder a famosa pergunta. Toda vez que tem evento do *Papo de Homem*, vai ter aquele cara que levanta a mão e fala: “Eu acho que todos temos que ser iguais. Por que a gente tem que falar “sim” para a feminista e “não” para o machista? Aí, você tem que falar: “Então, meu amigo, vamos conversar sobre isso. O machismo é isso e isso. O feminismo é aquilo ali”. Então, existe muita resistência em torno do feminismo, em vários setores. Agora, essa resistência que existe, eu, Gabriella, não me sinto acuada, eu não me sinto hesitante diante dessa resistência. Eu me sinto confortável a conversar com essas pessoas mais resistentes possíveis e não sinto que falar sobre feminismo me coloca em risco. Talvez falar sobre outros assuntos (como eu falei: bissexualidade, não-monogamia) me coloquem nesse espaço hesitante de risco. Sobre o feminismo, não.

Parte 15 - WhatsApp 2021-07-20 às 5.52.11 PM

Eu estou falando muito sobre essa diferença de perspectiva, de autenticidade, de valorização das vivências, porque eu estou com isso na cabeça. Mas é claro que a gente não pode esquecer que um dos pontos de a gente pensar equidade de gênero e pensar feminismo é trazer a valorização das vivências mais diversas. O outro ponto é sobrevivência (não é a vivência). É permitir que mulheres trans vivam mais que 35 anos; é criar uma base de direito

para que jovens negros não sejam assassinados por uma polícia racista; para que crianças com menos de 13 anos não sejam as principais vítimas de estupro. Quando a gente pensa em trabalhar pela equidade de gênero, é trabalhar pela valorização das vivências e trabalhar pelo fim das violências, de gênero, LGBTQIA+fóbicas, pelo fim das violências que são múltiplas, direcionadas para as pessoas com deficiência, pelo fim de todas as violências.

Parte 16 - WhatsApp 2021-07-20 às 5.55.17 PM

Uma coisa que eu tenho muito para mim, e é por isso que eu coloco na frente as questões da vivência e depois as questões das violências, primeiro é porque eu sou uma pessoa muito privilegiada, mas também porque eu não acredito que a nossa luta termina com o fim da violência. Toda a nossa luta por existência... Eu sou mulher; eu sou mulher bi; eu sou mulher bi não-monogâmica: tudo isso me define e tudo isso carrega algumas violências intrínsecas. Mas a violência não me define; o que define a pessoa que eu sou é a minha potência, enquanto mulher, enquanto mulher bi. Acabando as violências e os medos, a gente ainda tem que valorizar as nossas vivências, porque eu, por exemplo, me sinto protegida das violências, mas não necessariamente eu sinto as minhas vivências valorizadas. O meu privilégio me protege da violência, mas o pensamento e a cultura ainda não valorizam essa vivência. Então, eu sempre acho que a gente precisa ter esses dois pilares: anti-violência e valorização das vivências.

Parte 17 - WhatsApp 2021-07-20 às 6.08.28 PM

Um exemplo que eu quero te dar: durante muito tempo, a gente quis falar no *Papo de Homem* sobre os abusos sexuais cometidos contra homens. Isso sempre foi um tema muito delicado, que a gente evitava entrar, porque pode ser lido como uma equiparação, por parte tanto de homens mais conservadores (que só estão esperando o argumento para dizer “Está vendo? Homem também sofre a mesma coisa. Os dados aí estão mascarados. As mulheres fazem mimimi”), quanto da parte de mulheres que olhem para isso achando que a gente está fazendo a interpretação deste cara conservador e, portanto, essa matéria, em si, deslegitima

toda a luta das mulheres contra as violências sexuais. No entanto, falar sobre violências sexuais contra homens não deslegitima, de maneira nenhuma, a luta das mulheres. É mostrar o outro lado da mesma moeda, que é o sexo sendo usado como ferramenta de violência e de poder. É o estupro sendo usado como ferramenta de violência e de poder.

Parte 18 - WhatsApp 2021-07-20 às 6.11.07 PM

Porque, no fim das contas, gênero é sobre a valorização do masculino e o menosprezo do feminino. Isso acontece tanto entre mulheres quanto entre homens. Dentre as masculinidades, a gente tem a masculinidade hegemônica, a masculinidade cúmplice, a masculinidade subalterna e a masculinidade marginalizada. Entre essas quatro hierarquias de expressões de masculinidades, tem muita violência que acontece entre elas, que também são violências de gênero, que é a masculinidade hegemônica querendo exercer o seu poder diante da masculinidade subalterna - é aquele cara que tem uma característica considerada feminina ou do cara que quer, simplesmente, se colocar no lugar de poder ao feminilizar e estuprar o outro cara. É um problema de gênero, que tem tudo a ver com a violência sexual feminina. É a mesma moeda da violência sexual feminina e também afeta os homens. Falar isso não é deslegitimar a questão das mulheres, mas entender que está todo mundo fudido por uma lógica muito errada. Por que eu estou falando isso de novo? Quando a gente fala “esse cara pode se chamar feminista ou não?”, novamente eu acho que essa não é a pergunta certa a ser feita. Os caras podem se aliar à luta por equidade de gênero? Podem! Podem se aliar à luta por equidade de gênero. Isso vai ser bom para as mulheres? Vai! Vai ser bom para os homens? Também vai.

Mensagens de texto após áudio 16:

Achei muito legal essa sua perspectiva de quem escreve sobre equidade de gênero também para homens. Até então tenho conversado mais com o pessoal que escreve com foco nas mulheres. Inclusive uma das perguntas que coloco nas conversas por telefone é o que é

feminismo para a entrevistada. E já surgiu algumas vezes nas respostas a dúvida das interlocutoras sobre se é possível ou não um homem ser feminista. O que você acha?

[5:57 PM, 20/07/2021] Gabriella Feola - colaboradora Lado M: olha, Mariana, pra mim eu acho que a gente já tem tanto problema que o que não precisa ser um problema, não tem que ser. Eu quero que mais homens entendam seus papéis e responsabilidades na transformação do mundo que a gente vive. Por responsabilidade social, pelo fim das violências, por promoção da diversidade. Isso que importa. É possível que os homens se engajem nisso, sejam aliados na luta por equidade. Isso não significa que esse cara não vai mais cometer erros. Isso não significa que não vai ter incoerências na vida desse cara. É possível dizer que esse cara é feminista? Eu não estou preocupada com o termo que esse cara vai usar. Sendo uma pessoa mais envolvida na luta, eu não chamo ele de feminista. Mas se ele se chamar de feminista, eu também não vou brigar por isso.... Porque eu acho que a luta é menos sobre a disputa de termos, e mais sobre a construção de uma coletividade. Eu não acredito que é possível pensar equidade, sem pensar também nas questões das masculinidades. Porque essa masculinidade não é só do esquerdomacho branco... é também o direito de ser um homem afeminado sem apanhar na rua, é o direito de ser um homem trans sem sofrer estupro corretivo, é o direito de ser um pai negro e não ver seu filho morrer por nada...

Mensagens de texto após áudios 17 e 18

Gabriela: Claro, todas essas questões vão mudando e vão seguir mudando... mas para mim a base aqui, como ex-católica, é sempre a gente se pegar menos na palavra da bíblia e mais nos valores por trás. É menos sobre quem pode usar o crachá de feminista e mais sobre pensar equidades plurais.

Leandra Migotto - colunista *AzMina*

[00:00:01] Entrevistadora: A pesquisa é sobre midiativismo feminista e eu estou conversando tanto com colaboradoras de canais como *AzMina*, o *Lado M*, a *ONG Think Olga*, como também com o público: com pessoas que escrevem e com pessoas que estão por trás, que fazem a parte administrativa, a parte financeira, e com as leitoras também, para conhecer as histórias de todo mundo. O meu doutorado é em Comunicação, mas eu uso muito uma linha que vem da Sociologia, para tentar entender a história e os contextos de vida das pessoas e como aquilo acaba construindo determinado mundo, determinado universo, e como as

pessoas interagem dentro desse universo. Por isso que eu digo que eu estudo o mundo social do midiativismo.

[00:00:55] Entrevistada: Depois a gente conversa com calma, porque eu queria saber o seu caminho até chegar até aí, porque eu quero voltar a estudar.

[00:01:01] Entrevistadora: Que legal!

[00:01:02] Entrevistada: Essa área que você está me falando é bem o que me interessa: juntar sociologia com a comunicação.

[00:01:10] Entrevistadora: Eu adoro!

[00:01:14] Entrevistada: Você já está gravando? Não apareceu para mim o “gravando”.

[00:01:16] Entrevistadora: Eu coloquei para gravar no gravador daqui.

[00:01:19] Entrevistada: Está bom! Você vai gravar só o áudio.

[00:01:21] Entrevistadora: Isso! Só o áudio. A imagem não precisa porque depois eu só vou transcrever mesmo, para conseguir fazer a análise com mais calma, com detalhes, trazendo o que a gente conversou de forma mais clara, para conseguir resgatar os dados.

[00:01:36] Entrevistada: Depois, eu vou te pedir também para me mandar por escrito direitinho o nome da pesquisa, para eu colocar no meu portfólio, de que eu participei. Quando sair, você me manda também.

[00:01:48] Entrevistadora: Pode deixar! Eu vou te mandar sim.

[00:01:56] Entrevistada: Está bom! Mas vai lá. Começa com as perguntas aí.

[00:01:59] Entrevistadora: Está bom! Eu queria, primeiro, saber um pouco mais sobre a sua trajetória profissional: sobre o que você viveu até você desembocar na sua colaboração com a revista *AzMina*.

[00:02:12] Entrevistada: Vou fazer um pouco resumido, mas dá para ter um panorama bem fiel do que foi mesmo. Eu sempre gostei de ler e escrever, muito, desde criança. Desde que eu aprendi a ler e escrever, com cinco anos, em uma escola inclusiva - era uma escola de bairro, minúscula, em uma casinha, mas era uma escola regular e inclusiva. Só tinha eu de aluna com deficiência. A gente está falando de 85, quando ainda eram pouquíssimas as pessoas com deficiência que estudavam e que estudavam em escola regular. Foi um achado

porque foi através da família de uma amiga que eu consegui, porque a gente não conseguia escola para mim, porque eu nasci com uma deficiência física rara - osteogenesis imperfecta, que é um problema de má formação óssea. O cálcio não se solidifica no meu corpo. Então, eu já nasci com várias fraturas, com várias deformidades no corpo. Eu tenho 96 centímetros de altura e eu sempre fui muito pequena. Quando eu nasci, eu fiquei uma semana entre a vida e a morte. Depois, os médicos diziam que eu não ia sobreviver ou eu ia ficar muito pouco tempo mesmo. Era muito difícil porque não tinha diagnóstico ainda. Era bem complicado! Era só em livros. Eram raros os casos no Brasil. Era mais nos Estados Unidos. Quando eu fui para a escola (eu estava com cinco anos), eu andava um pouquinho, com dificuldade, mas eu andava, porque eu tinha passado pela AACD e tinha feito muitas coisas de reabilitação. Dos três aos seis anos, eu fiquei na AACD. Depois não fiquei mais porque a AACD não fica por muito tempo. Mandam embora mesmo. É muito difícil ficar porque eles não têm vagas. Então, as pessoas ficam por certo período até atingir certa melhora. Nessa escola, eu andava e eu acompanhava as alunas em tudo: brincava e ficava bastante à vontade. Eu aprendi a ler e a escrever muito cedo, com cinco anos. Eu acho que eu despertei o interesse pela leitura, porque minha avó me contava muitas histórias. Ela sempre gostou de contar histórias de boca (histórias inventadas), e não histórias de livro. Mas ela lia muitos livros também, coisas daquela época. Eu adorava ouvir histórias. Então, eu acho que essa coisa de contar histórias e escrever histórias começou muito cedo. Depois, eu fui passando por todo processo educacional. Em escolas especiais, voltadas para a pessoa com deficiência, eu fiquei por dois anos. Foi muito ruim! Foi uma experiência traumática, terrível. Foi muito, muito ruim mesmo. Mas não teve jeito, porque nenhuma escola me aceitava. Eles tinham receio. Depois, eu consegui uma escola regular de novo. Então, todo o processo foi assim. Acelerando, quando eu cheguei para prestar vestibular (eu fiz um ano de cursinho), eu só pude estudar em uma escola... Eu não passei na USP e eu não passei em nenhuma outra faculdade de comunicação para jornalismo, que era o que eu queria mesmo. Eu entrei em Comunicação Social, na Universidade Anhembi-Morumbi, com a habilitação em produção editorial. Isso era em 96. Eu entrei em 96 e saí em 99. Os dois primeiros anos eram básicos, só comunicação,

e depois você escolhe a especialização, que, no caso, foi produção editorial. Eu fui trabalhar em editora; fui ser revisora de texto, logo depois que eu saí da faculdade. Só que eu odiava, eu detestava, porque, para ser revisora de texto, você tem que ficar calada. Você não pode falar e eu amava falar e amava ir atrás da notícia. Eu sempre fui jornalista. A minha formação não é no jornalismo tradicional, acadêmico, mas eu sempre tive muita vocação, muito talento - modéstia à parte - para ser jornalista, porque eu falo demais e eu gosto de ter contato, eu gosto de conhecer as histórias. Eu sou muito ágil e hábil em uma entrevista, sabe? Eu tenho raciocínio rápido. Então, eu acho que eu sempre gostei dessa parte da comunicação. Na faculdade já, eu comecei a escrever em uma revista, em uma revista segmentada. Era a *Revista Sentidos* - não sei se você já ouviu falar.

[00:06:50] Entrevistadora: Não conheço.

[00:06:51] Entrevistada: É uma publicação. Eu vou te mandar depois. No meu LinkedIn você encontra - tem muitas coisas lá. É uma das primeiras publicações voltadas para o público de pessoas com deficiência do Brasil. Na verdade, é a segunda publicação. A primeira é aquela *Reabilitação*, mas ela foi uma revista que, no começo, foi muito ruim. Depois ela melhorou um pouco. A *Sentidos* veio como uma concorrente da *Reabilitação*, com uma qualidade muito melhor. Eu fundei essa revista, junto com o dono, na época, e comecei a fazer pautas. A revista começou em um site, que era o site *Sentidos*. Ele fazia só essas reportagens voltadas para esse público com deficiência. Eu fiquei por dois anos lá, mas foi uma experiência muito boa, enriquecedora. Parecia que eu tinha ficado por 10 anos. Foram só dois, mas tudo eu aprendi ali. Era uma empresa familiar. Era na casa do cara mesmo, muito informal, tanto que eu não era registrada - era um trabalho *freelancer*. Isso era muito difícil. Aí tinha o capacitismo e o preconceito com as pessoas com deficiência, que sempre existiu. A partir de então, eu não consegui trabalhos que fossem na área. Eu já tinha experiência. Olha que absurdo! Eu entrei, pela lei de cotas, para trabalhar na Editora Abril, na época. Isso já em 2006. Olha que absurdo! Eles me colocaram em uma atividade para atender telefone, receita de bolo, virada para a parede, em uma mesa, dentro de uma redação na área de comunicação. Eu já tinha experiência no jornalismo e a formação na Morumbi terminada. Fora que, nessa época, eu já

tinha escrito para vários sites na internet: site do Senac, que é o portal do Setor Três; para a Rede Saci, que é aquele portal da USP, também voltado para inclusão. Me colocaram para atender telefone, que era uma receita de bolo.

[00:09:09] Entrevistadora: Muito absurdo mesmo!

[00:09:10] Entrevistada: Pela Lei de Cotas. Eu sou a favor da Lei de Cotas, mas foi um absurdo!

[00:09:14] Entrevistadora: Mas eles fizeram só para cumprir.

[00:09:18] Entrevistada: É! É um absurdo. Como eu cheguei na *AzMina*? Eu escrevia muito voluntariamente. Nas *AzMina*, eu escrevo voluntariamente ainda, infelizmente, porque elas não têm recurso. Eu escrevi voluntariamente, durante toda a minha carreira, em outros sites. Eu fiz muito *freelancer*. Por problemas pessoais, problemas de família, meus mesmos (da minha aceitação, do meu processo terapêutico), eu nunca encarei a minha vida profissional a sério. “Vou entrar em uma empresa para ganhar dinheiro e ter a minha independência”. O capacitismo também foi muito grande, porque, em todos os trabalhos que eu arrumei, infelizmente, eu sofri muito preconceito e muita discriminação. Com *AzMina*, foi meio na cara e na coragem. Eu vi o portal na internet e mandei uma mensagem: “Eu quero ser colunista”. Eu sempre fui assim de ir entrando e dando o chute na porta mesmo, falando: “Olha! Eu estou aqui”. Eu já tinha texto no meu blog, já tinha texto em outros lugares. Aí a Thais gostou do meu texto; ela é muito simpática. Ela pediu para eu mandar um texto; eu mandei e ele já foi publicado. Depois de uns dois ou três textos que já estavam publicados, a gente se encontrou pessoalmente para uma reunião.

[00:10:44] Entrevistadora: Isso foi em que ano, Leandra?

[00:10:47] Entrevistada: Isso foi agora, há dois anos. Não! Espera aí. Tem dois anos de pandemia quase. Então, foi em 2019. Eu acho que foi no começo de 2019 ou até no finalzinho de 2018. Não! Foi em 2019. Eu encontrei com ela e comecei a escrever. Agora, eu já não estou trabalhando como eu trabalhava antes (oito horas por dia, na redação). Depois da Editora Abril, que foi essa experiência horrível, eu trabalhei em outra editora, que era outra revista voltada para a pessoa com deficiência. Mas eu trabalhei indo no lugar. Foi muito

cansativo fisicamente para mim. Eu ficava direto na redação e eu fazia de tudo. Eu era a repórter, a que fazia a pauta, a que ia fazer a entrevista, a que ajudava o fotógrafo. Era uma revista pequena também - empresa familiar.

[00:11:55] Entrevistadora: Aí você reunia todas as atividades.

[00:11:57] Entrevistada: E eu tinha que fazer tudo ao mesmo tempo. Mas foi uma experiência muito boa. Eu acho que foi legal. Eu gostei também! Mas, infelizmente, a revista começou a entrar em crise: a revista impressa parou e ficou só o site. Depois, o site também foi vendido. Eu acabei saindo porque eles não tinham mais condição mesmo. Foi muito triste! Senão, eu até continuaria. Lá eu era registrada. Apesar de ser uma empresa pequena, era tudo certinho. Eu saí de lá e estava um tempo parada, porque, fisicamente, a minha deficiência vai piorando, então os meus ossos estão mais fracos, eu estou mais cansada. Eu também ganhei peso, bastante, pela idade. Eu estou com 44 anos. Em janeiro eu faço 45. Então, pela deficiência, acaba tendo alguns problemas. A minha coluna dói muito. Agora, no frio, menina, é terrível! Eu tenho a coluna com escoliose, com lordose. Então, eu não aguento ficar por muito tempo sentada. Fora que eu levava às vezes duas horas para chegar ao trabalho e duas horas para voltar. Então, era muito cansativo fisicamente.

[00:13:06] Entrevistadora: Você mora em São Paulo mesmo?

[00:13:08] Entrevistada: É, São Paulo! O trânsito é horroroso, terrível. E olha que a editora era perto da minha casa. Mas, em São Paulo, "perto" não significa nada, porque você pode levar duas horas para atravessar um pedacinho minúsculo. É terrível. Aí, eu comecei a trabalhar em casa. Depois, eu não tive mais condições, então, infelizmente, eu entrei para a aposentadoria, por tempo de trabalho e por incapacidade mesmo, por não ter condição física de trabalhar. Então, a minha cabeça está ótima e eu posso continuar produzindo, mas não naquele ritmo acelerado das outras editoras. Então, escrever para *AzMin*a foi uma experiência maravilhosa, porque eu comecei a estudar feminismo. Hoje eu estou começando no feminismo, sabe? Estou começando a entender. Até mesmo o capacitismo, que todo mundo fala, na minha época, era discriminação na lata. Era preconceito duro! Não tinha esse termo ainda nem todo esse conceito em cima dele. Então, eu acho que é muito importante

que se fale. O feminismo, a questão das populações LGBTQIA+, tudo isso eu estou aprendendo. Eu sou velha, né, menina? Eu tenho 44 anos. Você é mais nova que eu, mas, na minha época, não se falava muito nem se tinha toda essa visibilidade e essa teoria, e esse lugar de fala maravilhoso que existe hoje, a ver pela Djamila Ribeiro e os livros maravilhosos dela - e todas as que vieram antes. Eu estou só aprendendo. *AzMina* foi uma possibilidade de falar de mulheres com deficiência, dentro de um portal feminista - não mais separado; não só falar de mulheres com deficiência e um portal só sobre deficiência, mas dentro das outras mulheres. Eu estou adorando! Me corta! Me corta porque eu falo muito.

[00:15:12] Entrevistadora: Eu estava lendo os seus textos e eu vi que você tem muito essa preocupação, justamente, de trazer a causa das mulheres com deficiência para dentro do feminismo, porque, muitas vezes, o feminismo parece excludente. Quando a gente começa a falar sobre os feminismos, muitas vezes, não se consideram pessoas com deficiências também dentro do movimento.

[00:15:34] Entrevistada: É. Pergunta! Pode perguntar.

[00:15:38] Entrevistadora: Eu queria entender um pouco mais isso. Quando eu estava lendo os textos, eu vi que você traz muito essa preocupação e eu queria entender quais são os caminhos possíveis.

[00:15:46] Entrevistada: Eu acho que o mais importante é ver, primeiro, o histórico da pessoa com deficiência. Não sei se você conhece - depois eu posso te mandar alguns textos -, mas o conceito de deficiência é interseccional, porque ele vai por todos os caminhos, por quê? O que é ter uma deficiência? Você pode nascer com uma deficiência, você pode ter um filho com deficiência ou, a qualquer minuto, você pode sofrer um acidente de carro ou ser vítima de violência ou desenvolver uma doença que está na sua genética e que só desenvolve depois e ficar com uma deficiência, ou a idade vai te trazer uma deficiência (você pode ficar com dificuldade de ouvir, dificuldade de enxergar). Então, a deficiência está, simplesmente, dentro da condição do ser humano. Ser humano ou ser mulher pode ter uma condição de deficiência. Obviamente que todas as raças, todas as etnias, todas as idades, todas as orientações sexuais, podem ter pessoas com deficiência. A deficiência perpassa por tudo.

Então, quando se fala em mulher, não se pode esquecer da mulher com deficiência. Eu acho que o caminho para o feminismo falar sobre mulheres com deficiência está no começo mesmo. Está muito no começo! Está embrionário, embrionário. O próprio portal *AzMina* - isso eu já falei para a Thais e para todas as meninas lá - não é acessível. As mulheres cegas não conseguem visualizar todas as imagens que têm no portal e nas mídias sociais da *AzMina*. Não tem descrição de imagens, não tem libras nos vídeos que *AzMina* divulga. A libras é a língua brasileira de sinais e a descrição é para as mulheres cegas. Então, a acessibilidade ainda não faz parte dos movimentos feministas e também dos movimentos negros. Eu me lembro que eu me aproximei do *Geledes*, sobre racismo, que eu admiro muito (eu leio os textos do *Geledes*), mas eu falei: “Gente, não tem mulher com deficiência negra lá?”. “Ah não! Você não pode ir porque tem escada na nossa sede”. Então, é complicado! Eu uso cadeira de rodas. As barreiras de comunicação, as barreiras físicas, mas, principalmente, as barreiras atitudinais (barreiras de discriminação, de preconceito, de capacitismo) ainda não muito grandes. A questão da deficiência ainda fica atrelada ao assistencialismo. Onde estão as pessoas com deficiência? “Elas têm que estar na instituição”. Se você for falar de inteligência intelectual então, “vai para a APAE”. “Tem problema psíquico? Então, vai para uma escola que cuida de aluno autista. Não é aqui o seu lugar”. Infelizmente, ainda está. As pessoas com deficiência física, que conseguem ter acesso à educação, que conseguem ter acesso à cultura, conseguem ir para a frente. Elas têm blog na internet. A pandemia foi a era das pessoas com deficiência na internet. De repente, houve um *boom*. Todo mundo tem o blog. Blog, não. Agora é mais Facebook, Instagram. Todo mundo tem um canal de vídeo ou uma forma de se comunicar. Mas as pessoas surdas e as pessoas cegas e as pessoas com deficiência intelectual ainda não chegaram e ainda não tiveram o seu espaço. As mulheres não pensam nas questões das mulheres com deficiência de maneira junto. Vou dar um exemplo: vamos pensar em maternidade. Por que eu não coloco mulheres com deficiência física para falar de maternidade também? Existem muitas mulheres com deficiência física que são mães. São mães que passam por todo processo de ser mãe, além da deficiência - assim como tem mulheres surdas e mulheres com cegueira que também. Vamos falar de

sexualidade? “Sexualidade, o deficiente nem tem” - porque acham que o pessoal com deficiência é anjinho, que o pessoal com deficiência é assexuado, infelizmente. Então, quando vão falar de sexualidade no feminismo, nunca colocam uma mulher com deficiência. Comece a reparar. Está começando agora. Você conhece o coletivo feminista Helen Keller?

[00:20:45] Entrevistadora: Conheço, conheço. Eu conheci pela *AzMina*, inclusive.

[00:20:48] Entrevistada: É de mulheres com deficiência. Exatamente! É o primeiro coletivo, para a gente ver qual é a pauta política das mulheres com deficiência, porque não se tem ainda.

[00:21:02] Entrevistadora: É muito interessante você falar isso sobre as mães que são mulheres com deficiência. Eu trabalho na Anatel (Agência Nacional de Telecomunicações), aqui em Brasília. Lá eu estou conseguindo implementar agora um fórum de diversidade, equidade e inclusão.

[00:21:21] Entrevistada: Que legal! Parabéns!

[00:21:22] Entrevistadora: Está dando um super trabalho. Obrigada! Eu estou super feliz com essa conquista lá, internamente. A gente está começando a falar com as mulheres, promovendo vários eventos. No dia das mães, a gente fez um para debater maternidade de um jeito não romantizado. Aí, convidamos várias servidoras para debater o assunto. Convidamos também uma moça que tem uma filhinha que tem AME. A menininha completou um ano agora. Na época que a menina nasceu, ela fez uma campanha para pedir ajuda, porque ela precisava tomar aquele remédio caríssimo. Todo mundo ficou sabendo da história dela, então a gente a chamou para participar da nossa roda de conversa. A gente estava conversando com ela sobre esse conceito de maternidade atípica. Ela me contou que, muitas vezes, ela se sente incomodada com a noção de maternidade atípica, porque ela acha que, por si só, já traz uma carga de capacitismo. Eu queria ouvir de você o que você acha sobre.

[00:22:22] Entrevistada: Eu acho! Eu não sou mãe, mas eu sou mãe de coração dos meus afilhados e eu vejo o quanto é difícil para as outras pessoas da família e amigos. Eles falam: “Nossa! Mas ela dá atenção para uma criança? Ela tem autoridade com uma criança? Ela encaminha uma criança para a vida? Ela orienta? Mas ela tem tanto problema”. Eu escuto

isso mesmo. Eu tenho amigas que são mães, que tanto geraram quanto adotaram crianças e elas me contam essas mesmas histórias: a sociedade acha que as mães com deficiência não são capazes de terem e de cuidarem de filhos com deficiência ou sem deficiência. Ainda existe aquela coisa muito triste de falar: “Poxa! A sua deficiência é hereditária, então, se você tiver um filho, a criança vai ter deficiência também”. Mas é uma escolha. Eu sou 100% a favor da liberdade, em todos os sentidos mesmo. Então, eu acho que é uma escolha. Você já ouviu falar na Priscila Menucci. A Priscila Menucci é uma moça com nanismo. Ela trabalha no SBT, mas já trabalhou na Record. Ela é atriz. Ela tem dois meninos com nanismo. Ela é casada com um cara que tem nanismo também. Ela tem uma vida super ativa.

[00:23:50] Entrevistadora: Ela é atriz e trabalha com televisão?

[00:23:53] Entrevistada: É! Ela trabalha com televisão. Vou te mandar o perfil dela depois. Eu acho que é uma escolha. Sempre vão ter esses comentários, sempre vai ter capacitismo. Por isso que precisa se falar sobre o assunto. Mas eu acho que, dentro do feminismo - não pode se esquecer também - da questão dos LGBTQI+. Você já ouviu falar da Leandrinha Du Art?

[00:24:19] Entrevistadora: Também não.

[00:24:20] Entrevistada: Eu vou te mandar. A Leandrinha Du Art é uma moça trans e ela é uma das únicas moças trans com deficiência. Ela tem uma deficiência física, que é até bem visível mesmo. Ela tem uma aparência física bem diferenciada e ela é trans. Então, você imagina como é difícil a vida para ela. Ela é uma artista, ela escreve e está sempre batalhando, mas sempre foi muito difícil, porque o preconceito e a discriminação para essas pessoas pesam muito mais. Eu tenho uma amiga que é psicóloga, que, inclusive, é a minha terapeuta, que é uma mulher, lésbica, negra e com deficiência. Então, você imagina! Mas ela é tranquila. É uma menina super bem resolvida. Ela “dá de 10 em mim”, viu? Ela é maravilhosa. Ela é casada com outra moça, tem a vida dela independente e é super tranquila. Mas enfrenta capacitismo. Ela me fala que enfrenta. Isso na área de psicologia! Dentro da própria área de Psicologia, ela passa por capacitismo.

[00:25:38] Entrevistadora: Entendi! Dentro da Psicologia. Nossa!

[00:25:43] Entrevistada: Ela é psicóloga e, no meio acadêmico, ela passou por capacitismo. Durante toda a faculdade, ela teve muita discriminação. Ela usa cadeira de rodas também e ela é mais ou menos do meu tamanho, só que o corpo dela tem mais dificuldade. Ela é bem diferente. Os ossos dela são mais frágeis que o meu e quebram com mais facilidade, então ela tem muita dor. Ela tem uma situação física bem mais comprometida que eu, mas ela conseguiu fazer muitas coisas e atingiu um grau de autonomia muito grande. Mas ela passa ainda, dentro da própria clínica que ela trabalha, por capacitismo.

[00:26:24] Entrevistadora: Eu imagino! Se a gente pensar no próprio Freud, dentro da psicologia... Leandra, falando um pouco mais do feminismo, eu queria entender o que é ser feminista, para você?

[00:26:40] Entrevistada: Ainda é um conceito em construção, para mim, mas eu acredito que, em primeiro lugar, é o que eu falei: é liberdade. É liberdade pelo seu corpo, então é liberdade por poder escolher como você quer criar os seus padrões, porque o meu corpo é um presente; é a única coisa que eu tenho. Eu escutei de um amigo uma coisa muito bonita: "Cuida do seu corpo porque é a única coisa que vai com você quando você for embora". A gente só fica com o nosso corpo, independente de uma questão religiosa, que eu também tenho. Mas vamos pensar de uma forma mais racional agora sobre o que é mesmo a existência em um corpo de mulher. Então, eu posso ter todos os desejos. Se eu quiser o meu corpo, eu uso. Se eu quiser fazer dele uma forma de trabalho, eu faço - porque existem profissionais do sexo com deficiência (eu não sei se você sabe). Se você não quiser ter uma gravidez e quiser interromper, eu sou a favor disso. No caso de uma mulher com deficiência que queira passar por cirurgias para fazer com que o seu corpo tenha uma qualidade de vida melhor (no caso de deficiência física), eu também concordo. Se você tem deficiência auditiva e quer colocar um implante coclear, que vai facilitar a sua vida, eu sou a favor. Se você quiser ter uma vida como Libras, dentro da identidade surda, também é muito bom. A mulher cega tem que ter direito a ter um ultrassom acessível, para que ela possa tocar e ver o formato do neném - a tecnologia já proporciona isso. Os partos têm que ser humanizados, porque muitas mulheres com deficiência passam por situações de violência terrível na hora do parto. "Ela tem

paraplegia, então ela não está sentindo dor mesmo”. É uma coisa horrível. Isso causa sérios problemas. Eu tenho amigas que passaram por problemas gravíssimos na hora do parto.

[00:28:47] Entrevistadora: Violência obstétrica já é muito comum. Imagina nesse contexto.

[00:28:52] Entrevistada: Ser feminista com mulher com deficiência é muito difícil hoje, porque é você mostrar que você tem total liberdade de colocar um biquíni e ir na praia. O meu corpo é um corpo totalmente fora do padrão. Eu tenho 96 centímetros. O meu quadril é diferente; as minhas pernas são diferentes. Todo o meu corpo não segue aquele padrão da mulher que se diz perfeita, da beleza plástica. Mas por que eu não posso ter o direito de estar nos espaços? Por que eu não posso entrar no mar, tomar sol, me sentir bonita, desejada? Hoje eu sou casada com um homem maravilhoso, que me faz muito feliz, mas eu já sofri muito com a questão da sexualidade. Então, eu acho que o feminismo passa muito por essa relação com a sexualidade, que é muito presente. E a mulher com deficiência? Fica muito difícil, porque tudo é padronizado. A pessoa com deficiência intelectual não tem direito nem à masturbação. Muitas famílias não deixam que as meninas se masturbem, porque têm uma deficiência intelectual “e vão ter dificuldade de entender sobre preservativos ou outras formas de contracepção”, que eu acho que deveria ter mesmo para as pessoas com deficiência intelectual. Mas nem a masturbação é permitida. Então, é muito triste. Eu acho que ser feminista também é quebrar barreiras em relação a um Brasil extremamente religioso, extremamente patriarcalista, colonialista, racista. É muito difícil! Sem contar o que a gente está vivendo hoje, querida, porque a gente está simplesmente nos tempos das cavernas. A gente está 40 anos atrás. A gente voltou 40. A gente está na barbárie. Você vê como a bancada feminista do PSOL sofre. A Leandrinha Du Art tentou ser candidata. Ela foi candidata por São Paulo para vereadora pelo PSOL, e não conseguiu. Não conseguiu tamanha a discriminação.

[00:31:08] Entrevistadora: Ela foi candidata ou ela foi pré-candidata e nem conseguiu chegar à candidatura?

[00:31:14] Entrevistada: Ela chegou a ser pré-candidata. Ela não conseguiu concorrer, porque ela nem passou pelo próprio partido. Eu estou falando do PSOL. Ela me falou que foi por

discriminação mesmo. Tem aquela história: feminista acha que trans não é feminista, não pode ser mulher. Eu acho que ser feminista é um desafio e ser feminista com deficiência física é um desafio maior ainda.

[00:31:45] Entrevistadora: Você se lembra em que momento da vida você percebeu que você tinha afinidade com a causa feminista ou foi um processo (foi acontecendo)?

[00:31:53] Entrevistada: Na verdade, eu acho que eu sempre fui, mas não sabia. Depois que eu fui entender. A gente sempre vai na contramão das coisas, mas agora tem teoria, agora tem nome para isso, agora tem movimento social. Mas eu acho que, desde que eu existo, eu sempre fui assim. Eu sou muito vaidosa, então eu sempre gostei de me maquiar, de colocar roupa de acordo com a minha idade, apesar de a família ser muito preconceituosa e de ter superproteção, de ter muita codependência e da família ter medo de a gente sofrer. Eu entendo! Eu me coloco no lugar da minha família hoje. Eu sou uma mulher que já poderia ter tido netos, se tivesse tido filhos muito cedo. Eu sei que deve ter sido muito difícil para eles. Mas, naquela época, eu queria avançar, mas, muitas vezes, era reprimida. A gente acaba querendo ser um corpo feminista. “Por que eu não posso ter direito de estar nos lugares?”, “Por que eu não posso ter direito de cursar uma faculdade, de trabalhar, de colocar uma saia, de a minha perna aparecer, de colocar um salto alto (mesmo estando em uma cadeira de rodas)?”, “Por que eu não posso passar um batom vermelho?”. Eu passei por situações assim. Mas eu acho que eu sempre encarei com muita força e com muita garra. Claro que sofrendo, tendo muitas dificuldades, voltando atrás, sendo infantil e tendo muitos problemas. Mas eu sempre fui para a frente. Então, eu acho que eu sempre fui feminista nesse sentido de quebrar barreiras. Mas não sabia o que era o feminismo, porque, na época, não se estudava. Ainda não era uma coisa que chegava a todas as pessoas. É como eu te falei: mulher com deficiência e feminismo são coisas de agora. O coletivo feminista Helen Keller é do ano passado!

[00:33:57] Entrevistadora: Muito recente!

[00:33:58] Entrevistada: Nada existia ainda!

[00:34:00] Entrevistadora: A partir do momento em que você começou a colaborar para *AzMina*, como você acha que isso se refletiu na sua convivência com a sua família, por exemplo?

[00:34:14] Entrevistada: Com a família, eu não sei se mudou muito, porque muitas pessoas nem leem o que eu escrevo - estou sendo bem sincera. Mas entre os amigos e o meu de trabalho (colegas de trabalho) está sendo ótimo, porque todo mundo lê, todo mundo gosta, todo mundo compartilha, comenta. Eu estou amando fazer esses textos. Eu não escrevo só para *AzMina*; eu também escrevo para outros lugares. Eu acho que o que falta é que o próprio movimento feminista, de uma maneira geral, ainda não incluiu as mulheres com deficiência. Então, eu acho que o Coletivo Helen Keller tem que brigar por isso. Elas estão construindo uma política com as mulheres com deficiência, mas tem que furar a bolha. Tem que sair dali! Tem que entrar nos feminismos mesmo. Quando eu brigo com a Thais, do portal *AzMina*, que tem que ter acessibilidade no portal é porque eu quero sair da bolha. Vai ter que investir recurso? Vai, mas para tudo não se investe recurso? Por que para a questão da acessibilidade e inclusão não pode se investir? Então, eu acho que também é uma postura de se pensar o que é e o que não é direito e o que é e o que não é prioritário. Por que uma mulher cega não pode ler? Eu entrevistei a Aline Prado, que é uma mulher cega. Ela não podia ler o próprio texto no qual eu a entrevistei, porque o portal não é acessível. Ela mandou uma mensagem para a Thais, falando: "Olha, eu quero que se torne acessível". Ela é uma mulher feminista, que trabalha com a questão da violência. Você falou do feminismo... Sem comentários! Violência contra mulheres com deficiência é terrível. As mulheres que mais sofrem violência são as mulheres com deficiência, sem dúvida nenhuma! As com deficiência intelectual então... Você vê pelos meus textos. Tem relatórios internacionais que mostram isso, tem aquele vídeo das meninas falando também das mulheres com deficiência que passam por estupro e por outras violências. É terrível! Sofrem violência nos próprios hospitais. Tem um depoimento de uma menina que estava engessada. Ela tem a mesma deficiência que eu. Engessada, em um hospital, ela foi violentada, na hora de colarem a comadre, para ela fazer xixi. Olha que absurdo! E as mulheres com deficiência intelectual, que são

estupradas em casa pelos seus pais, pelos familiares - isso acontece muito. No Brasil, tem esterilização forçada em mulheres com deficiência intelectual. Existe isso no Brasil.

[00:37:03] Entrevistadora: Nossa! Eu não sabia.

[00:37:05] Entrevistada: Muito, muito, muito. Infelizmente!

[00:37:10] Entrevistadora: Ainda é um longo percurso, né, Leandra?

[00:37:12] Entrevistada: Muito! Tem esterilização forçada e remédios e medicamentos para acabar com a libido das mulheres. É terrível! Isso acontece e isso acontece agora.

[00:37:22] Entrevistadora: Eu achei interessante você trazer esse fato de você ficar insistindo para o pessoal da *AzMina* para tornar o site mais acessível. Eu estava conversando também com uma moça, que era colaboradora da *Think Olga*. Ela saiu faz pouco tempo. Ela estava me contando que, lá dentro, algumas das colaboradoras traziam muito essa pauta de que era preciso que elas fossem uma ONG mais inclusiva e mais diversa internamente, porque muitas vezes elas estavam falando sobre feminismos diversos, mas, lá dentro, elas eram mulheres brancas, mulheres héteros. Era muito pouco representativo mesmo! Então, elas tinham essa preocupação.

[00:38:05] Entrevistada: Quando eu falo disso, eu acho que os assuntos também... É uma coisa que eu falei para a Thaís. "Vai escrever sobre racismo? Por que não coloca uma mulher com deficiência e negra para falar sobre racismo?".

[00:38:15] Entrevistadora: Que também traz uma outra visão, não é?

[00:38:17] Entrevistada: Sim! Porque também traz outra visão, né? "Vai falar sobre lésbica? Por que não coloca uma mulher com deficiência lésbica?". Não tem textos assim mesclados na *AzMina*. Não tem! É tudo separado em caixinhas. O feminismo, ainda, é um movimento muito elitista, é um movimento muito separado.

[00:38:42] Entrevistadora: Mas isso é uma preocupação que, dentro da *AzMina*, eu vi que é muito forte. A Carol comentou isso comigo: elas mesmas têm esse incômodo de que elas precisariam ser mais abrangentes e trazer vozes mais diversas. Eu conversei também com a Luisa, que também é colunista, e fala mais sobre essa parte de cinema (Luisa Toller) e ela me disse que também participa de outro grupo, que se chama o Vozeiral. Ela é musicista. É

um grupo que faz música, faz marchinhas de carnaval. Ela fez uma autocrítica dizendo: “Quando colocam nos comentários que a gente é elitista, eu não tenho nem como negar, porque você olha para o vídeo e você vê um monte de mulheres brancas”. É muito válido ter essa preocupação e ir tentando modificar.

[00:39:35] Entrevistada: Falta muito! Mas você sabe o que eu acho que muitas vezes assusta quando a gente vai falar de acessibilidade? “Espera aí! Mas a gente já está falando de tantas coisas. Vem mais uma coisa?”. Eu já ouvi isso, como quem diz: “Não dá! A gente não consegue abraçar tudo”. Mas é complicado! É complicado! Eu sei que é difícil abraçar tudo, mas quando a gente vai começar? Foi o que eu falei para a Thais. “Nós temos que fazer uma reunião. Temos que nos preparar”. Tem que ser agora! Não dá para esperar. Tem que começar. Tem que ter a descrição da imagem para a Aline ler o que está lá. Aí, eu briguei mesmo para isso e elas fizeram, mas só na publicação da Aline.

[00:40:29] Entrevistadora: ... E não nas outras?

[00:40:30] Entrevistada: Não! E porque eu literalmente briguei, viu, menina? Ficou até chato, mas eu tive que brigar. “Nós vamos começar. Vamos fazer uma reunião. Já estamos pensando nisso”. Eu estou há dois anos escrevendo lá. Não dá para esperar mais. Eu trouxe a Aline como entrevistada, justamente, para chamar a atenção e para trazer uma demanda, para falar: “Uma feminista cega quer ler o que vocês escrevem e que compartilhar o que vocês escrevem”.

[00:41:02] Entrevistadora: E quer ter acesso ao conteúdo, né? Você me disse, então, que o feminismo, para você, tem sido um processo, com você se descobrindo. Eu queria saber se a sua visão sobre o feminismo, depois que você entrou na *AzMina*, se alterou e como.

[00:41:21] Entrevistada: Muito, muito, muito. Eu comecei a ler coisas, principalmente, sobre não romantizar a maternidade, a mulher ter o direito de não estar sempre bem, sempre linda, sempre maravilhosa. Sobre a beleza ser outra. Eu li artigos maravilhosos sobre isso. Sobre o racismo... O que eu estou aprendendo sobre a cultura negra, a questão sobre religiões de matrizes africanas. Tudo o que eu leio lá (postura em relação ao aborto; o machismo) eu aprendi. Eu aprendo sempre quando eu leio os textos delas. Eu só gostaria, realmente, que

tivessem mulheres com deficiência falando dos mesmos temas - isso é o que eu sinto muita falta. E eu não gostaria de ter uma coluna sobre mulheres com deficiência; eu gostaria de ter uma coluna sobre feminismo, em que eu pudesse falar de outros temas (maternidade, machismo, aborto), sendo uma mulher com deficiência física. Entende a diferença? Eu não quero falar de maneira segmentada só sobre a deficiência física; eu quero estar, como uma mulher com deficiência física, que está falando sobre feminismo. É claro que o feminismo vai passar pela minha condição de deficiência, até porque não existe outra forma - é através do meu corpo, através da minha vivência, como mulher com deficiência -, mas por que eu não posso falar de outros assuntos também? Por que tem que estar sempre separado? Eu vou falar sobre mulher com deficiência, e só?

[00:43:11] Entrevistadora: ... e sempre vinculado ao fato de você ser...

[00:43:15] Entrevistada: Claro que, para o racismo, você vai colocar uma mulher negra para falar sobre. Se você vai falar de LGBTQI+, você vai colocar uma mulher lésbica ou trans para falar. Mas a deficiência é transversal, então eu posso falar de outros assuntos. Eu acho que, a partir desse momento, aí, sim, eu vou sentir que o meu papel como feminista, com deficiência, vai estar completo. Mas a gente não chegou nesse ponto ainda. A gente não chegou ainda.

[00:43:43] Entrevistadora: Quando você está escrevendo, fazendo os seus textos para *AzMina* ou os seus outros textos também (porque você colabora com diversos outros canais), qual é o seu sentimento? Qual é a sua sensação?

[00:43:57] Entrevistada: De uma realização plena. Na verdade, eu escrevo para respirar e eu escrevo para não enlouquecer. Eu estou sendo muito sincera!

[00:44:07] Entrevistadora: Eu entendo totalmente.

[00:44:11] Entrevistada: É para continuar vivendo e para não enlouquecer, nesse mundo de hoje, principalmente.

[00:44:17] Entrevistadora: Nesse Brasil de hoje, em especial, não é, Leandra?

[00:44:21] Entrevistada: É uma questão pessoal: para não enlouquecer, para não acabar caindo no vitimismo, para não acabar caindo em uma baixa estima. Isso passa, porque eu

sou humana. Eu não tenho que estar sempre maravilhosa, sempre plena e não tenho que estar sempre produzindo. Se eu não faço alguma coisa e se eu não estou em contato com o público, que é o que eu mais gosto, que é ver a reação das pessoas... Quando a leitora fala: “Gostei do seu texto” ou “Ele me despertou tal coisa” ou quando ela me critica... Eu adoro quando me criticam porque eu sei o que eu tenho que aprimorar. Eu escrevo não só sobre feminismo. Eu escrevo poesia também, eu escrevo crônica, eu escrevo jornalismo literário. Eu escrevo! Escrever, realmente, é um ato de resistência e sobrevivência e de resiliência.

[00:45:15] Entrevistadora: Como você acha que o seu trabalho, dentro da *AzMin*, contribui para a sociedade, como um todo?

[00:45:22] Entrevistada: Ele contribui para ampliar essa imagem que as pessoas têm da mulher com deficiência, que, muitas vezes, ainda é estigmatizada, cheia de paradigma, ainda é muito assistencialista, ainda é muito infantilizada. Então, falar sobre questões, como deficiência dentro do feminismo, amplia essa visão que as pessoas têm sobre as mulheres com deficiência. O principal mesmo, primeiro, é quebrar essa porta do próprio feminismo; é romper essa barreira para que o feminismo aceite essas mulheres com deficiência. A partir desse momento, eu acho que o feminismo vai se transformar em tão mais forte que ele vai conseguir ir mais para frente, que ele vai conseguir atingir um número maior de pessoas. Eu acho que juntas nós somos mais fortes, não é? “Ninguém larga a mão de ninguém”. Eu acho que a gente tem que pensar assim mesmo, e sempre colocar a mulher com deficiência dentro da roda, nunca separado.

[00:46:22] Entrevistadora: Você, por se identificar com a causa feminista, já se sentiu acuada em algum ambiente, seja virtual ou seja físico mesmo (para além do digital)?

[00:46:33] Entrevistada: O tempo inteiro! O tempo inteiro! Mas eu mantenho duas questões: eu quero furar a bolha, mas, ao mesmo tempo, eu quero fortalecer a bolha. Se a gente não fortalece a bolha, a gente não tem capacidade para furar a bolha. Então, eu fico no meio. Na maior parte do tempo, eu confesso, eu estou mais no meio, voltada para o feminismo, para pessoas progressistas, a chamada “esquerda”, com uma visão para frente, sobretudo para a

vida. Então, eu falo mais com essas pessoas. Eu pouco entro nos canais mais abertos, para o público geral, porque, hoje em dia, a violência está muito grande, menina. Está muito difícil!

[00:47:24] Entrevistadora: E a violência é muito estimulada também.

[00:47:25] Entrevistada: Então, eu confesso que eu tenho muito medo, eu tenho muito receio. Só para você ter uma ideia, nós participamos de uma reunião de uma ONG internacional (não vou citar nomes aqui, para não comprometer), que é importantíssima. Foi falado questões de aborto. Nós fomos nos reunir aqui em São Paulo, em uma sala. Nós tivemos que ficar com os nossos celulares não só desligados, mas fora da sala, porque qualquer coisa que a gente fosse falar poderia, por incrível que pareça (eu não sei como se faz isso), ser gravado e isso ia nos comprometer. Era para falar sobre a questão do aborto. Isso foi antes do bolsonarismo? Não. Já era bolsonarismo, mas não tinha a pandemia. Foi no começo do bolsonarismo, sem pandemia.

[00:48:25] Entrevistadora: É uma violência, muitas vezes, exacerbada, né?

[00:48:27] Entrevistada: A gente foi obrigada a não poder estar com o celular e a desligar mesmo e tirar a bateria, porque senão o celular - não sei como - iria gravar e iria repassar aquilo.

[00:48:40] Entrevistadora: Você sabe que, aqui na UnB, por causa da pandemia, as defesas de dissertação e tese - e mesmo as de TCC, do pessoal da graduação - estão todas sendo feitas on-line. Teve um menino que estava fazendo a apresentação dele de TCC (um garoto da graduação ainda) de jornalismo, com uma temática relacionada ao movimento LGTQIA+. Ocorreu uma invasão na hora da apresentação dele.

[00:49:15] Entrevistada: Eu já tive! Eu já tive apresentação invadida também.

[00:49:18] Entrevistadora: Depois disso, todas as outras pesquisas que são com temas sensíveis passaram a ser fechadas, inclusive a minha. Quando eu fui me apresentar na qualificação, na metade do doutorado, teve que ser com lista fechada (todo mundo com nome, e-mail e pré-autorizado para entrar), porque podia ter uma nova invasão.

[00:49:39] Entrevistada: É muito triste! É muito triste mesmo! O que a gente está vivendo é muito difícil. Nós tivemos uma *live* sobre osteogenesis, a minha deficiência, que foi invadida

com pornografia. Uma coisa horrível! É muito difícil! Só retomando uma coisa... Você falou sobre jornalismo literário. Eu fiz cursos depois de jornalismo literário, viu? Eu fiz com o professor Edvaldo. Você o conhece?

[00:50:07] Entrevistadora: Não, não conheço.

[00:50:09] Entrevistada: Edvaldo Pereira, que é da USP. Foi muito bom! Quando eu saí da faculdade, mesmo não tendo a graduação em jornalismo, depois eu fiz curso de jornalismo literário.

[00:50:20] Entrevistadora: Eu fiz também um curso de jornalismo literário na graduação.

[00:50:22] Entrevistada: Mas eu ainda quero fazer. Eu ainda quero voltar a estudar. Eu quero fazer a pós em jornalismo literário. Tem, só que agora está parado!

[00:50:32] Entrevistadora: Eu também!

[00:50:33] Entrevistada: Só que agora está parada, essa do Edvaldo. Eu não sei como está na ECA agora: se na ECA vai ter ou não.

[00:50:43] Entrevistadora: O meu professor de jornalismo aqui na UnB é o Paulo Paniago. Eu ainda troco e-mails com ele de vez em quando. Ele é maravilhoso também. Ele deu um curso de jornalismo literário, na época, e eu fiz. Ele foi o meu orientador de TCC. Ele é excelente. Bom, voltando um pouco para esse aspecto da violência, você já sofreu algum tipo de agressão ou algum tipo de violência, por se alinhar ao feminismo? Pode ser até digitalmente mesmo. Você me falou dessa situação da invasão...

[00:51:17] Entrevistada: Eu acho que foram só esses dois casos. Mas sabe por quê? Porque eu não me exponho muito.

[00:51:22] Entrevistadora: Nem nos seus textos, comentários de leitores?

[00:51:25] Entrevistada: Mas quem lê *Azmina*, muitas vezes, somos nós mesmos.

[00:51:30] Entrevistadora: É! E muita gente da comunicação.

[00:51:33] Entrevistada: Eu também não estou muito na mídia, nem estou muito na academia e também não estou muito no mercado de trabalho. Eu acho que a minha relação, hoje, é muito pequena. Então talvez eu não tenha me exposto tanto. Eu me lembro dessa *live* que foi invadida e me lembro dessa reunião que nós tivemos sobre a questão do aborto, com uma

ONG internacional. Fora isso, eu passei por situações de violência, de assédio moral, dentro do trabalho - isso quando eu trabalhava na editora.

[00:52:12] Entrevistadora: Na Editora Abril?

[00:52:14] Entrevistada: Não. Em uma editora menor, da *Revista Científica*. Eu até escrevi sobre isso. A própria fotógrafa da editora teve uma atitude muito grossa. Na época, eu não percebi. Por isso que eu estou te falando, os estudos de feminismo estão me ensinando a resgatar coisas e falar: “Meu Deus! Eu passei por isso”.

[00:52:41] Entrevistadora: Muitas vezes a gente só percebe depois, né?

[00:52:42] Entrevistada: “Eu passei por machismo”, “Eu passei por violência”. Por violência sexual, eu nunca passei. Graças a Deus, eu nunca tive nada de estupro ou violência. Mesmo em hospital, eu não me lembro de ter passado por violência. Mas amigas minhas passaram. Se eu passei, eu não me lembro. As psicólogas falam que a gente acaba esquecendo. Mas no trabalho, sim! Teve essa vez. Depois, teve outra vez, na Editora Abril, que foi assédio moral mesmo. Foi terrível, terrível! A pessoa a quem eu respondia (eu nem falo que ela era a minha superior ou minha chefe, porque ela era um lixo) queria que eu fizesse um empréstimo no meu nome para ela.

[00:53:37] Entrevistadora: Nossa! Totalmente sem sentido!

[00:53:40] Entrevistada: Ela me levou no banco, que estava dentro da editora. Foi terrível! Na época, eu não percebi que era assédio.

[00:53:49] Entrevistadora: Porque você ainda não tinha as ferramentas para saber o que era assédio.

[00:53:52] Entrevistada: Eu quase caí, na tonta. Foi porque a mulher do próprio banco não deixou.

[00:53:58] Entrevistadora: Que bom! Os bancos são muito ligados com isso.

[00:54:03] Entrevistada: A outra mulher da editora pegou um cabo de vassoura - um objeto pontudo, fálico - e começou a botar na minha frente: “Você está com vontade, né? Você está com vontade de dar. Você ainda é virgem?”.

[00:54:26] Entrevistadora: Gente, que coisa horrível!

[00:54:28] Entrevistada: No meio de todo mundo da editora!

[00:54:32] Entrevistadora: Na hora, o que você fez?

[00:54:34] Entrevistada: Nada! Eu chorei, fiquei desmoronada. Mas eu só fui lembrar dessas histórias fazendo terapia e lendo sobre feminismo do tamanho do bloqueio que a gente tem.

[00:54:50] Entrevistadora: É! A gente desenvolve muitos bloqueios. Eu morei em São Paulo, quando eu tinha 11 ou 12 anos. Nessa época, eu já gostava muito de escrever. Na escola, ia ter uma feira de ciências. Eu não sabia nada de ciências para desenvolver um produto e entregar na feira, então eu propus para as minhas professoras: “Eu posso escrever um livro e trazer?”. Elas me deixaram escrever o livro. Eu fui lá, fiz o meu livro - passei semanas envolvida com aquilo. Eu me lembro que, na madrugada anterior, os meus pais ficaram comigo até duas horas da manhã, tentando imprimir o texto em forma de livro. Isso era em 2000 e pouquinho, então eu estava na sexta série. Eu levei no dia seguinte o livro. A professora de português achou um máximo, levou para a professora da oitava série, mostrou e a professora disse: “Não! Uma criança não consegue escrever um livro assim. Não foi ela”. Aí, começaram a duvidar de mim. Começou aquela confusão. Aí, pegavam e comparavam com os meus textos da escola o textinho que eu tinha escrito para levar. Aí, diziam: “Os seus textos têm erros de português”. Eu: “Mas eu usei o Word” e elas nem sabiam o que era o Word. Foi aquela confusão. Eu cheguei em casa arrasada, chorando. Eu contei para a minha mãe e minha mãe foi na escola, conversou com a diretora e a diretora disse: “Crianças mentem muito”. Na época, a gente não fez nada. Logo depois, a gente veio para Brasília. Ela fala: “Eu até pensei em processar a escola, mas ia ser muito desgaste etc”.

[00:56:26] Entrevistada: Era uma escola particular?

[00:56:27] Entrevistadora: Era uma escola particular, em São Paulo. Era no Morumbi. Eu morava lá e a escola ficava perto.

[00:56:32] Entrevistada: Isso o que você viveu é uma situação de capacitismo, não para deficiência. Mas o termo vem de “capaz”. Você era capaz, mas foi colocada como incapaz de fazer aquilo.

[00:56:41] Entrevistada: Mas a gente publicou o livrinho. Eu tenho o meu livrinho, mas foi uma história traumática, para mim, na época, porque diziam que eu não tinha como fazer. São coisas que a gente vive e, quando a gente está vivendo, a gente não sabe como reagir.

[00:57:04] Entrevistada: E nem percebe, muitas vezes. É tudo muito nebuloso, muito confuso e é tudo muito traumático. É muito difícil!

[00:57:13] Entrevistadora: É muito difícil mesmo! Falando um pouco mais sobre o seu trabalho para *AzMina*, como você se organiza na sua rotina? De quanto em quanto tempo você colabora com elas? Como é a divisão de tarefas?

[00:57:26] Entrevistada: Hoje eu tenho feito texto uma vez por mês. Mas, com a pandemia, teve alguns meses que eu não consegui escrever, porque eu pirei no começo da pandemia. Eu fiquei muito mal, fiquei um pouco deprimida, então foi bem difícil. Além da *AzMina*, você viu que eu faço mediação no Café Polifônico, né? Esse trabalho começou há pouco tempo, em abril deste ano. No ano passado, eu tive contato com o pessoal do Voz Diversa - eu participei de um encontro e foi bem legal -, aí eu fui chamada para fazer o Café Polifônico e para participar da Ocupação Feminista que teve. Até vou te mandar o link do Café. Foi muito legal. Está sendo uma experiência maravilhosa. É uma vez por mês também, por falta de recurso, porque tem que ser uma *live* acessível, com libras. É maravilhosa! Essa experiência está sendo ótima! Eu faço intercâmbio entre duas pessoas, em uma conversa, e eu estou gostando muito.

[00:58:30] Entrevistadora: Você é sempre a mediadora?

[00:58:31] Entrevistada: Eu estou tendo toda autonomia para escolher quem eu quero entrevistar. Na *AzMina* também: eu que pauto, eu que coloco o tema. Mas, por enquanto, é uma vez por mês. No outro portal, que é o *Sem Barreiras*, que é mais voltado para questões de deficiência, mas agora o Victor, que é o jornalista do portal, está ampliando um pouco, eu também escrevo uma vez por mês. Então, são esses dois portais e mais o Café Polifônico. São três atividades fixas, fora outras coisas que eu faço. Agora, em setembro, vai ter um curso sobre deficiência. Serão quatro profissionais com deficiência falando sobre deficiência. Se eu não me engano, é o único curso assim.

[00:59:26] Entrevistadora: São todas mulheres?

[00:59:27] Entrevistada: Só mulheres, mas foi por acaso. A gente acabou se unindo e, no fim, a gente falou: "Somos quatro mulheres". É para falar sobre inclusão e deficiência em educação, psicologia, comunicação e arte. São quatro módulos no curso. Vai ser pelo Serv Sapiência. Vai ser bem legal! Eu te mando. Se você puder depois divulgar ou passar adiante.

[00:59:49] Entrevistadora: Claro! Me manda, sim. Eu quero dar uma olhada também. Então, esse seu trabalho para *AzMina* você faz uma vez por mês. Você escreve o texto e manda para elas?

[01:00:01] Entrevistada: Eu mando para elas. Elas fazem uma edição, mandam de novo para mim.

[01:00:05] Entrevistadora: Quem faz a edição? A Thais?

[01:00:06] Entrevistada: É, a Thais. Ela me manda de novo, eu dou uma olhada. Aí eu mando de novo, com uma foto, uma descrição de imagem. Como eu te falei, a minha coluna é a única que tem descrição de imagem. As outras não têm. Aí, ela publica.

[01:00:24] Entrevistadora: A Thais, geralmente, faz a edição. Você chega a participar de alguma reunião com elas?

[01:00:30] Entrevistada: Não. Infelizmente, não. Elas nunca me chamaram para uma reunião de pauta. A minha colaboração é voluntária lá.

[01:00:39] Entrevistadora: Geralmente, as colunistas e as voluntárias não participam. A reunião de pauta é mais para as pessoas... Mas, dentro da pandemia agora, nesse momento de isolamento, teve algum tipo de reunião, de apoio ou conversa mesmo?

[01:00:58] Entrevistada: Não. Não teve nada. A única coisa foi que eu pedi desculpas para a Thais porque teve dois ou três meses (acho que foi até mais - três ou quatro meses) que eu não escrevi - ou escrevi em um mês e fiquei um mês sem escrever. Acabou sendo assim.

[01:01:19] Entrevistadora: Entendi! *AzMina* participam de um espaço de *coworking*, então elas têm um escritório colaborativo, que é mais para as pessoas que são empregadas da revista e recebem financeiramente. Você conhece esse escritório, esse espaço?

[01:01:40] Entrevistada: Não. Gostaria muito! Eu nem sabia que tinha o espaço.

[01:01:43] Entrevistadora: Pois é! Eu conversei com outras colunistas que me disseram: “Geralmente, é mais para as pessoas que recebem fazendo o trabalho”. As colunistas não conhecem, geralmente.

[01:01:55] Entrevistada: Eu acho que falta muito essa inclusão, essa integração com elas. Eu gostaria muito de participar. Outra coisa: o aplicativo Penhas de violência não é acessível para mulher com deficiência.

[01:02:12] Entrevistadora: É um problemão esse de não ser acessível, porque você estava falando da recorrência da violência para as mulheres com deficiência.

[01:02:22] Entrevistada: Infelizmente! Isso foi uma questão que eu já coloquei para elas também. A única coisa que eu recebo delas é: “Agora não dá”, “Agora não dá”, “Não temos recurso”, “Temos muita coisa”, “Nossa equipe é pequena” e nunca consigo.

[01:02:38] Entrevistadora: Esse discurso da equipe ser pequena, realmente, aparece muito nas falas, principalmente das diretoras. Quando eu conversei com a Carolina Oms, eu senti muito isso. Ela parecia estar exausta, inclusive; ela parecia estar esgotada.

[01:02:54] Entrevistada: Eu também acredito. É difícil! Mas sabe o que eu me pergunto? Na hora de falar de racismo, elas tiveram todo um cuidado que elas não tinham no começo. Elas me chamaram para falar sobre mulheres com deficiência, mas, quando eu falei da questão de acessibilidade como uma questão primordial, eu não fui escutada. Quando eu falo, não é só uma questão de recurso. É isso o que eu estou te falando! Eu já pedi que fosse feita reunião com as outras colunistas, com as outras colaboradoras, para a gente poder falar. “Quando você for falar sobre o assunto, coloca uma mulher com deficiência na pauta”. Nem esse tipo de conversa aconteceu.

[01:03:40] Entrevistadora: Coisas mais simples, mais palpáveis.

[01:03:44] Entrevistada: Eu não entendo por que, sinceramente. Isso não vai gerar recurso. Como eu estou falando com você aqui, é só abrir uma reunião e a gente falar sobre isso.

[01:03:54] Entrevistadora: São coisas simples, né?

[01:03:57] Entrevistada: A descrição para pessoa cega é a coisa mais simples do mundo para fazer. Agora, sobre a Libras, eu concordo. Para Libras, você tem que contratar um profissional de Libras. É a única coisa que tem que ter dinheiro.

[01:04:12] Entrevistadora: Mas a descrição é simples mesmo. Lá na Anatel, em todas as imagens que vão para as mídias sociais, o pessoal faz.

[01:04:18] Entrevistada: Eu falei para elas que eu ajudo a fazer. Eu me dispus a ajudar. A Aline, que é a menina que eu entrevistei, se dispôs a ajudar. Eu não entendo por que elas recusam.

[01:04:32] Entrevistadora: É uma coisa interessante!

[01:04:34] Entrevistada: Se a gente for pensar assim, Mariana, todo mundo está cansado, todo mundo está exausto, todo mundo tem equipe pequena, todo mundo tem dificuldade. Então, quando? Quando que se vai falar disso?

[01:01:48] Entrevistadora: Mas é muito importante o seu papel de trazer isso e de mostrar o incômodo.

[01:04:55] Entrevistada: Será que não é suficiente para falar? Não foi no primeiro dia que eu cheguei lá para escrever para *AzMina*.

[01:05:04] Entrevistadora: Você está falando desde que você entrou?

[01:05:08] Entrevistada: É.

[01:05:10] Entrevistadora: Geralmente, Leandra, você tem mais contato com a Thais mesmo ou...?

[01:05:15] Entrevistada: É só com a Thaís.

[01:05:17] Entrevistadora: Só com ela! É só com ela que você fala. Entendi!

[01:05:20] Entrevistada: Eu pouco falei com outras pessoas. Na verdade, só por troca de um e-mail ou outro, documentação ou alguma coisa que foi preciso e tal. Mais nada! É só com a Thais. Ela pega o texto, edita e coloca. Eu vejo que falta... Quando você fala dessa questão do feminismo... Por que surgiu essa minha ideia de querer escrever para *AzMina*? Justamente, porque eu queria furar a bolha. Na época, eu só escrevia no *Sem Barreiras*, que era mais focado na questão da deficiência. Aí, quando eu vi o portal *AzMina*, eu falei: "Olha

que legal! É uma oportunidade para se falar de feminismo das mulheres com deficiência”. Eu achei que ia ser um caminho para se falar do tema de uma maneira... Infelizmente não está sendo. Eu confesso que eu estou muito chateada e muito aborrecida com isso, porque eu gostaria que fosse uma forma mais inclusiva de participação.

[01:06:16] Entrevistadora: Eu entendo a sua frustração. Eu não posso reclamar porque as colunistas e as moças que entraram mais recentemente, todas foram extremamente receptivas comigo, mas quando eu fui tentar contato com as diretoras e com as pessoas que tomam as decisões lá dentro, específico da *AzMina*, eu senti mesmo algumas barreiras, uma resistência maior. Acho que a gente tem que se unir. É uma ajudando a outra. São temáticas que são importantes para a sociedade, para a coletividade. Então, fica muito mais fluido.

[01:06:53] Entrevistada: Sabe por que isso também acontece? Não é só na *AzMina*. Por exemplo, agora, um professor amigo meu mandou o curso dele, que ele vai fazer sobre escrita criativa (ele vai dar uma oficina de só alguns encontros). Ele me mandou: “Leandra, você divulga para mim?”. Eu falei: “Claro!”. Eu tive aula com ele e ele é um cara super legal. Eu falei: “Está bom! Mas você está me mandando imagem. Manda o texto e a descrição, porque eu só posso divulgar uma coisa acessível”. Ele: “Ah tá!”. Aí, ele me mandou agora, depois que eu falei. Eu falei assim: “Mas e aí? Você pode receber uma pessoa com deficiência visual? Onde você vai fazer esse curso? A plataforma é acessível? Você sabe que você tem que fazer descrição se você mostrar um vídeo ou se você mostrar uma imagem?”. Eu mandei uma mensagem para ele toda atenciosa, carinhosa, de maneira dedicada. “Eu estou à sua disposição, se você precisar de ajuda”. Sabe o que ele me respondeu? “Nesse momento eu não estou pensando sobre isso. Muito obrigado! Eu aprendo muito com você, mas agora eu não estou preparado para isso”. Eu me pergunto: quando? Não existe essa história: “Agora eu ainda não estou preparado”. Se a gente for pensar assim, nunca vai acontecer.

[01:08:12] Entrevistadora: E as coisas não vão para frente, né?

[01:08:13] Entrevistada: Eu participei de um coletivo chamado Coletivo Mamueira, só de mulheres também, para escrita. Eu era a única pessoa com deficiência nesse coletivo.

[01:08:24] Entrevistadora: Onde você conheceu o coletivo?

[01:08:28] Entrevistada: Pela internet também. Elas fizeram uma reunião presencial e estavam fazendo um trabalho que eu participei com textos. Elas estavam montando um portal com textos de mulheres. Foi bem interessante! Elas até gravaram eu falando um texto meu. Tem esse vídeo. Elas vieram na minha casa. Mas eu era a única. Eu falei assim: “E se chegar uma pessoa surda que quer participar ou uma pessoa com deficiência visual?”. Eles: “Não sabemos como a gente vai fazer”.

[01:09:05] Entrevistadora: Sem nenhum preparo... O não ter preparo a gente até consegue entender, porque talvez não tenham pensado na questão antes, mas não aceitar a sua ajuda?

[01:09:14] Entrevistada: Eu falei: “Então vamos?”. Eles: “Mas a gente não tem condições”. É sempre assim! Eu, com a deficiência física, se não tem uma escada, eu vou; eu me meto em qualquer lugar. Não tendo uma escada, eu vou e eu não tenho maiores problemas, porque eu consigo falar, eu consigo enxergar, eu consigo me comunicar. Pela internet, então, eu não tenho problema nenhum. Eu posso fazer o que eu quiser. Mas uma pessoa cega e uma pessoa surda, como faz? Aí você não vai pensar na acessibilidade? Não dá mais para a gente não pensar em não fazer as coisas, em não tirar do papel. Chega! Já passou o tempo.

[01:10:02] Entrevistadora: É muito bom ter você trazendo essa voz, por isso eu fiquei tão animada em conversar com você e de poder ouvir mais as suas perspectivas. Bom, Leandra, eu não vou tomar muito mais do seu tempo.

[01:10:18] Entrevistada: Está tudo bem! Pergunta o que você quiser. Se você também tiver terminado, tudo bem.

[01:10:21] Entrevistadora: Eu tenho mais duas perguntinhas, rápidas. Você tinha me falado sobre antes da pandemia e que, na pandemia, surgiu muita gente nova, muitas pessoas com deficiência trazendo suas histórias. Eu queria saber em relação ao feminismo, como você acha que a pandemia afetou o movimento em si?

[01:10:45] Entrevistada: Eu vejo pelo lado positivo. Eu tenho visto muitas postagens, coisas que não apareciam e estão aparecendo. A Leandrinha Du Art é uma, por exemplo. Em 31 de julho foi o Dia do Orgasmo, né? Foi uma coisa maravilhosa, porque saíram várias mulheres falando de orgasmo, vídeos. A Leandrinha fez um vídeo fantástico, mostrando vários

vibradores e falando do prazer e da liberdade. Então, eu acho que isso está sendo muito bom, porque as mulheres estão conseguindo falar nas redes sociais e estão conseguindo se expressar. Mas, por um lado, elas sofrem violência. A violência é constante. Você não viu as meninas da bancada do PSOL e aquela outra bancada e das meninas trans de São Paulo que foram eleitas? Todas estão sendo ameaçadas de morte todos os dias. Muitas colocam muitas coisas nas redes sociais. Então, a pandemia trouxe essa possibilidade de a gente se comunicar 100% pela internet. Hoje você pode falar do que você está vivendo, do que você está sentindo, do que você sempre trabalhou a vida toda. Coisas que ficavam na academia, ficavam nas reuniões particulares, estão vindo à tona. Mas, conforme você consegue colocar mais e mais na mídia, a repressão parece que vem mais forte.

[01:12:13] Entrevistadora: E o trabalho da *AzMina*? Você acha que a pandemia também alterou algo na dinâmica do trabalho?

[01:12:20] Entrevistada: Para mim?

[01:12:21] Entrevistadora: Para *AzMina*, e para você também.

[01:12:24] Entrevistada: Para mim, continua a mesma coisa. Quer dizer... tem um tempo que eu não tenho reunião de pauta com elas. Mas eu acho que, para elas, foi muito difícil, principalmente. Você soube que elas sofreram um processo por causa da questão do aborto, porque a louca da Damares...? Foi terrível!

[01:12:50] Entrevistadora: Tem todo um impacto financeiro e emocional/psicológico. Elas ficaram, realmente, muito abaladas. Elas me falaram que foi muito difícil. Elas foram ameaçadas mesmo. A própria Thais que sofreu - a Thais e a Helena, não foi?

[01:13:08] Entrevistada: Foi ameaça pessoal, e não só tirar o portal do ar. Teve ameaça pessoal.

[01:13:16] Entrevistadora: Individualmente, né? Isso aterroriza, claro.

[01:13:22] Entrevistada: Ao mesmo tempo que se amplificou, houve uma repressão muito grande. É porque incomoda, né?

[01:13:30] Entrevistadora: Sim, incomoda e começa a mostrar que o mundo está mudando.

[01:13:36] Entrevistada: E que o Brasil tem essas pessoas e essas pessoas têm o direito de sobreviver, de viver e que elas pagam imposto. A cor do meu dinheiro é igual a cor do dinheiro do bolsonarista, infelizmente.

[01:13:49] Entrevistadora: Eu conversei com uma moça, que é criadora do portal *Lado M*, que também fala sobre feminismos. Ela me contou que, quando o portal surgiu, elas recebiam muitas ameaças (às vezes, para as pessoas individualmente), mas aquelas ameaças jamais se concretizaram ou deram indícios de que se concretizariam e, com o passar do tempo, aquilo foi desaparecendo. Então, no começo, elas sentiam muito medo, mas depois elas foram vendo que eram vazias as ameaças, então elas foram só deixando para lá, até que as pessoas sumiram. Mas com *AzMina* é diferente, porque o *Lado M*, por exemplo, tem 70 mil seguidores no Instagram. *AzMina* é duas ou três vezes o tamanho. É muito maior.

[01:14:37] Entrevistada: Eu acho que, como elas falaram de aborto... Falar de aborto em um Brasil católico e paternalista é a pior coisa. É loucura total, infelizmente. É terrível! É terrível! Eu acho que elas foram corajosas, muito corajosas. Em relação a isso, é maravilhoso.

[01:15:00] Entrevistadora: A reportagem era excelente, né?

[01:15:03] Entrevistada: Excelente, excelente!

[01:15:04] Entrevistadora: Era muito bem feita, muito bem escrita. Eu conversei com muitas leitoras. Eu conversei, mais ou menos, com 20 leitoras de diferentes canais. Para todas elas, eu coloco a pergunta se elas se consideram feministas e teve uma única que me disse que não, porque ela alegou que, por ela ser muito religiosa, ela discorda da descriminalização do aborto. Ela acha que, por causa disso, ela não pode se considerar feminista. Ela foi a única pessoa.

[01:15:37] Entrevistada: Infelizmente, quando chega a esse ponto, é muito difícil. É porque as pessoas confundem as coisas, que é a descriminalização do aborto e não ser a favor do aborto.

[01:15:49] Entrevistadora: Exato! Eu falei com outra moça que me disse isso, que ela era a favor a descriminalização do aborto, mesmo que ela, pessoalmente, seja contra o aborto - o que é possível, totalmente possível. Por fim, para a gente finalizar a nossa conversa, eu

queria entender como você acha que *AzMina* lida com essa nossa atual conjuntura de ampla disseminação de notícias falsas, com *fake news* vindo de todos os lados.

[01:16:24] Entrevistada: É muito difícil! Eu percebo que elas estão o tempo todo buscando driblar e colocar sempre a verdade e dar sempre o lugar de fala. Eu acho que isso é importantíssimo. Agora, com esses canais que elas têm de vídeo, as mulheres podem falar e dar mais a opinião. Eu acho que elas estão sendo muito corajosas em continuar seguindo em frente, porque está cada vez pior. A repressão está muito grande e a gente não sabe onde isso vai dar. Infelizmente, eu não tenho muita esperança. Independente de o governo mudar, eu acho que ter mexido com essa questão - e o número de feminicídio aumentou muito na pandemia... Se você for falar de feminismo, as pessoas: "Já vêm com o *mimimi*" ou "Já está falando disso de novo?". É muito complexo! Eu acho que, cada vez mais, a repressão vai ser maior, infelizmente. Por isso que tem que continuar! Eu acho que *AzMina* e também outros portais têm que seguir em frente, têm que continuar batalhando, para dar esse espaço, porque é um jornalismo que investe muito - claro - em uma coisa de qualidade e de verdade, do fato, mesmo com a opinião. É um jornalismo que sempre vê os dois lados da questão em tudo e é independente (não se prende ao governo ou a grandes corporações). É muito difícil. Eu acho que manter essa independência é, realmente, muito difícil. Quando elas começaram, já era difícil. Agora, com a pandemia, então, ficou muito pior.

[01:18:05] Entrevistadora: Dentro desse contexto muito exacerbado, muito acentuado, de *cybersexismo*, a violência de gênero vem como uma resposta justamente ao feminismo crescente.

[01:18:27] Entrevistada: Toda hora só ficam falando para a gente: "Lá vem de novo essa coisa de feminista". Eu já ouvi muitas críticas. O problema com a Fátima Bernardes, na Rede Globo... Tem muita coisa errada e eu tenho muitas críticas, mas, por um lado, eu acho interessante. Com o passar do tempo - não sei se você chegou a reparar -, ela ampliou mais e deu mais vozes a questões feministas e, principalmente, racismo educacional. Sabe o que eu escutei? Eu nunca me esqueço. Foi antes da pandemia. Eu estava em um shopping - um shopping horrível, aquele da Paulista, extremamente elitista, que só tem gente horrorosa. Eu

sou bem sincera: é um horror! Eu estava em uma mesa e tinha uma dessas senhorinhas, com aquela cabeça quadrada horrível. Do lado dela, estava a escrava dela. Era uma escrava: uma mulher negra, toda de branco, sendo escrava. Ela estava conversando com outra mulher, igual a ela também - horrorosa, perua do mesmo jeito. Ela: “Então, o que você está assistindo?”. A outra: “Eu não assisto mais a Fátima Bernardes...”.

[01:19:48] Entrevistadora: Ela pegou raiva da Fátima Bernardes.

[01:19:49] Entrevistada: “...porque só tem coisa de preto; só tem coisa de feminista. É horrível!”. Eu estava do lado, com o meu marido. Eu falei: “Vamos embora daqui agora”; “Larga esse almoço e vamos embora agora, porque eu não estou aguentando esse papo”. Por um lado, eu vi: “Que bom! Está incomodando”.

[01:20:15] Entrevistadora: Está incomodando! Estar incomodando já significa muito.

[01:20:18] Entrevistada: Isso chega na Rede Globo, 11 horas da manhã, quando todo mundo está assistindo. É isso mesmo! É isso aí. Tem que falar! Tem que chegar lá. Elas têm que mudar a cabeça. Se não mudam a cabeça, então calem a boca!

[01:20:33] Entrevistadora: Que voltem a ter vergonha, pelo menos. Eu acho que esse foi o grande marco desses últimos anos: as pessoas deixaram de ficar constrangidas por adotarem esse tipo de discurso.

[01:20:45] Entrevistada: Sim! Você viu aquela mulher xingando o cara no prédio?

[01:20:47] Entrevistadora: Foi aqui em Brasília, né?

[01:20:50] Entrevistada: Ela se meteu em uma coisa pessoal. Não tinha nada a ver com ela.

[01:20:53] Entrevistadora: E eles estavam numa boa, conversando, fazendo vídeo e, do nada, surge aquela mulher, que agride a policial, tenta dar um chute na policial...

[01:21:10] Entrevistada: Não justificando, mas o que ela ganha com isso? Se você me falar “Foi uma questão de racismo em que a pessoa estava envolvida, porque ela estava competindo...”. Mas não! Ela acordou de manhã e falou: “Vou entrar na história de outra pessoa, que eu não conheço e ser racista”.

[01:21:31] Entrevistadora: “Vou agredir gratuitamente”.

[01:21:35] Entrevistada: Chegou em um ponto de loucura. É uma psicose. Eu tenho uma amiga que, inclusive, está estudando isso. Os psiquiatras estão falando que a sociedade está doente.

[01:21:50] Entrevistadora: Com certeza! Está, com certeza. Estamos! É toda uma conjuntura.

[01:21:57] Entrevistada: É muito, muito, muito grave.

[01:21:59] Entrevistadora: Mas eu ainda gosto de ter esperança. Eu ia te falar desse livro aqui, que eu não sei se você conhece: ele se chama “Amanhã vai ser maior”. É de uma antropóloga que eu adoro.

[01:22:08] Entrevistada: Que legal!

[01:22:10] Entrevistadora: O nome dela é Rosana Pinheiro-Machado.

[01:22:15] Entrevistada: Manda para mim depois o nome?

[01:22:16] Entrevistadora: Mando! Ela conta toda a trajetória sobre o bolsonarismo e sobre o Brasil dos últimos anos. Ela estuda desde os rolêzinhos das pessoas ocupando os *shoppings*, do pessoal da periferia vindo - toda essa conexão com marca e dinheiro, para conseguir reconhecimento social. Depois ela fala dos feminismos crescendo na periferia.

[01:22:38] Entrevistada: Que legal! Me manda! Eu vou me dar de presente esse livro.

[01:22:42] Entrevistadora: É muito legal! É muito, muito bom. Depois você me conta o que você achou. Eu vou te mandar. Ela conclui trazendo um pouquinho de esperança, um respiro, dizendo: “Mesmo que o bolsonarismo tenha vencido, as feministas também venceram”. Ainda há saída.

[01:23:21] Entrevistada: É um movimento que eu acho que não tem volta. É a mesma coisa que a pessoa com deficiência, sabe? Eu acho que é seguir para frente e continuar. Não tem como voltar atrás. Mesmo que tentem nos calar, não vão conseguir.

[01:23:37] Entrevistadora: Não tem mais como! Realmente, não tem como voltar atrás. Eram essas as minhas perguntas, Leandra. Se você tiver mais alguma dúvida ou alguma colocação...

[01:23:45] Entrevistada: Se você precisar que eu escreva alguma coisa ou depois, ou se você perceber que ficou faltando alguma coisa, você me fala. Pode ser por áudio, por escrito. Me mantenha informada das suas coisas, porque eu também quero saber para acompanhar.

[01:24:04] Entrevistadora: Está bom! Muito obrigada. Eu vou te mandar, agora, o documento, que eu já escrevi até agora e eu apresentei na qualificação. Vou te mandar o nome do texto, vou te mandar o blog do TCC, e você me manda também os conteúdos que você falou.

[01:24:16] Entrevistada: Você também me manda o nome da pesquisa, que eu vou colocar no meu portfólio que eu estou participando. Boa sorte! Tudo de bom. Muito obrigada por ter me escolhido e obrigada pela atenção.

[01:24:27] Entrevistadora: Eu que agradeço! E vamos continuar em contato. Foi muito bom te conhecer.

[01:24:32] Entrevistada: Quando você vier a São Paulo, vamos nos encontrar!

[01:24:34] Entrevistadora: Ótimo! Combinado. Adorei!

[01:24:37] Entrevistada: Eu já fui para Brasília. Foram duas vezes só e bem rapidinho! Eu fui do hotel para o local do congresso e voltei.

[01:24:25] Entrevistadora: Quando você vier de novo, eu te apresento o lado mais humano de Brasília. A gente olha para Brasília e vê só concreto.

[01:24:32] Entrevistada: Eu só fui no Governo Federal e ali é meio ruim mesmo.

[01:24:36] Entrevistadora: É muita frieza, né? Não parece uma cidade. Mas tem muita coisa bonita para conhecer aqui.

[01:24:42] Entrevistada: As cidades satélites devem ser mais interessantes, né?

[01:24:45] Entrevistadora: Tem mais cara de cidade, mais cara de gente.

[01:24:49] Entrevistada: Está bom! Boa sorte, querida.

[01:24:51] Entrevistadora: Muito obrigado! Um beijão! Tchau, tchau.

Luisa Toller - colunista *AzMin*a

Ligação 1

[00:00:02] Entrevistadora: É, sim, se você quiser pode ser anônima a nossa conversa, aí eu não cito seu nome na tese, nem nada. E, se você quiser que seu nome apareça também, não tem problema nenhum, eu coloco nome e identifico você. O quê que você prefere?

[00:00:24] Entrevistada: Pode dizer o nome. Mas aí o quê que aconteceu uma vez quando eu dei uma entrevista, eu pedi para depois a pessoa me mandar por escrito porque se tivesse uma parte que eu achasse que soou meio esquisito, que eu falei meio esquisito, aí eu pedia para mudar ou para diferenciar, sabe?

[00:00:42] Entrevistadora: Eu vou te mandar, não tem problema nenhum.

[00:00:44] Entrevistada: Porque às vezes a gente fala alguma coisa que pode ter uma interpretação errada, né?

[00:00:48] Entrevistadora: Claro, eu te mando, não tem problema. Depois que estiver transcrita, eu te passo! A ideia depois, mas aí só depois que eu estiver mais avançada na tese, que eu comecei ano passado, então ainda são quatro anos. Eu ainda estou no comezinho da pesquisa. Mas a ideia depois é fazer perfis das pessoas que colaboraram e tentar entender melhor sobre vocês mesmo, os indivíduos. Mas então vamos começar. Qual é o estado onde você mora?

[00:01:19] Entrevistada: Eu moro em São Paulo.

[00:01:21] Entrevistadora: São Paulo. E a sua idade?

[00:01:24] Entrevistada: Tenho 31 anos.

[00:01:26] Entrevistadora: Beleza. E profissão?

[00:01:30] Entrevistada: Hoje em dia é meio maluco, mas o principal que eu faço é ser professora de música.

[00:01:35] Entrevistadora: Professora de música? Legal! E a sua formação?

[00:01:39] Entrevistada: A minha formação é em música, eu fiz graduação na Unicamp e depois mestrado aqui na USP, mais na área de performance do que de educação, mas acaba que eu trabalho mais como educadora.

[00:01:56] Entrevistadora: Então você dá aula atualmente?

[00:02:01] Entrevistada: Dou. Hoje em dia, mais remota do que presencial e para idades diferentes: infantil e adulta, de musicalização, de canto, piano.

[00:02:15] Entrevistadora: Ah, que legal! Eu fiz piano, na infância.

[00:02:18] Entrevistada: Nossa, que legal! Eu adoro!

[00:02:23] Entrevistadora: Eu também, acho muito bonito, mas eu não continuei, fiz só alguns anos, fiz três anos e depois parei. Você pode relatar para mim um pouquinho da sua trajetória profissional até você começar a contribuir com a *AzMina*?

[00:02:38] Entrevistada: Posso. Bom, eu sempre trabalhei com música, né? Eu comecei a dar aula nova. Com uns 15, 16 anos, ia tocar também na noite, no barzinho. Decidi fazer na graduação música mesmo e, de lá para cá, eu tenho feito essas três áreas que tem dentro da música. Porque eu trabalho bastante com performance, show, adulto e infantil, sou professora e gosto muito da parte da pesquisa. Na graduação mesmo eu fiz duas iniciações científicas, depois, quando eu saí, primeiro eu fiz uma especialização, e depois que eu fiz o mestrado na USP. É, e eu acabo trabalhando, sempre variei muito, já gostei muito de trabalhar com pessoas profissionais, que querem estudar técnica e música de um jeito muito profundo, mas eu também gosto muito de ver a diferença que a música faz na vida das pessoas que não estão diretamente ligadas a isso, assim. Então já dei curso no Senac, já fui monitora da graduação à distância da UFSCar e enfim, sempre trabalhei com isso. Aí, a minha ligação com o feminismo, apesar de eu já ter tido contato antes, na escola, na faculdade, ou, às vezes, numa conversa, foi muito quando eu montei um grupo de arranjos vocais, a partir de um curso que eu ia dar, que coincidentemente vieram só mulheres. O que na verdade é muito comum. Em aula de canto, 80% dos meus alunos e alunas sempre foi mulher. E começou uma vontade do grupo em trazer músicas que falassem sobre temas feministas ou pesquisar compositoras mulheres, participar de eventos feministas, e aí já faz uns seis ou sete anos.

[00:04:57] Entrevistadora: Ah, já faz um tempinho então, né?

[00:04:59] Entrevistada: Faz um tempo e isso foi também junto com o que a gente chama de primavera feminista, né?

[00:05:04] Entrevistadora: Isso! Isso que eu ia falar. Lá por 2015, né?

[00:05:08] Entrevistada: É, exato!

[00:05:14] Entrevistadora: Mas aí você entrou em contato com a instituição e você começou a contribuir para revista?

[00:05:22] Entrevistada: Não. Aí, primeiro, quando a gente decidiu que a gente ia se intitular como um grupo feminista, me veio uma vontade de estudar, de falar: “caramba, se eu vou falar que eu tenho um grupo feminista de música, eu preciso saber o quê que eu estou

falando”. E aí, eu comecei a comprar livros e ler, bem introdutórios. Inclusive um deles era o livro da revista *AzMina*, que é o *Você é Feminista e Não Sabe*, que é um livro até meio antigo, né? E aí, eu comecei a ler todos esses livros e cada vez me identificar mais e entender pelo que eu estava lutando e sonhando.

[00:06:11] Entrevistadora: Aham.

[00:06:14] Entrevistada: E, no meio disso, eu comecei a participar de concurso de marchinha de carnaval. Então eu tenho três marchinhas que ficaram bem famosas. A terceira principalmente, que é o *Tomara Que Caia*. E a primeira marchinha que eu fiz também. A gente ganhou o primeiro lugar e já começou a gerar uma discussão de feminismo de carnaval, de músicas que a gente achava que não deveriam ser mais cantadas, essas questões que hoje em dia têm trazido muito para a cultura. Do quanto que as coisas que a gente sempre falou e brincou não deveriam mais ser feitas desse jeito, porque oprimem os grupos que estão sempre sendo oprimidos.

[00:06:57] Entrevistadora: E foi você que escreveu? As marchinhas?

[00:07:01] Entrevistada: As marchinhas?

[00:07:02] Entrevistadora: Uhum, sim.

[00:07:03] Entrevistada: Fui eu, eu compus e esse grupo, que é o Vozeiral, cantou, nos três anos. É um concurso de marchinhas daqui de São Paulo, que se chama *Nóis Trupica, Mas Não Cai*. A gente participou em 2017, 2018 e 2019. Esse ano que foi o que eu não participei, e os três anos [anteriores] a gente ganhou o primeiro lugar.

[00:07:26] Entrevistadora: Nossa, nos três, parabéns!

[00:07:31] Entrevistada: Obrigada! É divertido. E aí, o quê que aconteceu: com essa coisa da marchinha, eu acabei descobrindo que eu tinha amigas em comum que tinham amigas que estavam nessa vida. Apesar de eu não ser do jornalismo, eu conheço muita gente que estudou na ECA, na USP.

[00:07:54] Entrevistadora: Tinha contatos, né?

[00:07:56] Entrevistada: É, tinha contatos, e num desses contatos que eu tive, eu passei a acompanhar mais de perto a revista também e foi numa época que eu estava lendo muito,

que aí eu já tinha entrado no mestrado da USP, que eu já estava querendo fazer um tema também relacionado a gênero. Aí eu escrevi para lá e falei: “poxa, vocês não têm ninguém que fala sobre arte”. Tem uma colunista até hoje, a Bruna Escaleira, que fala sobre literatura. Mas eu queria falar de filme, de livro – de livro não, de livros eu até já falei, mas quem fala mais é a Bruna –, de filmes, de séries, de música, de exposições. Minha primeira coluna foi sobre exposições.

[00:08:45] Entrevistadora: Ah, eu vi também você falando sobre filmes.

[00:08:50] Entrevistada: Sim. E aí, eu escrevi para elas perguntando e elas, a princípio, me falaram: “vamos fazer um teste, a gente vai te dar três temas, você escolhe um e escreve sobre ele”. E aí super rolou.

[00:09:06] Entrevistadora: Isso foi em que ano?

[00:09:09] Entrevistada: Deve ter sido final de 2017 ou final de 2018. Agora estou na dúvida.

[00:09:15] Entrevistadora: Então já faz dois, três anos que você contribui, né?

[00:09:18] Entrevistada: É. Era para ser mensal, mas não é, eu não consigo dar conta dessa...

[00:09:29] Entrevistadora: Da demanda da revista, né?

[00:09:33] Entrevistada: É, e de cumprir essa regularidade.

[00:09:36] Entrevistadora: Ah, você fala de *deadline*, né?

[00:09:39] Entrevistada: Elas também não exigem muito isso de mim não, é uma relação bem tranquila.

[00:09:43] Entrevistadora: Ah, que bom!

[00:09:44] Entrevistada: Olha!

[00:09:45] Entrevistadora: Mas você contribui voluntariamente?

[00:09:48] Entrevistada: Sim. A gente pode parar aqui um segundo porque minha filha acordou e está chorando bastante?

[00:09:52] Entrevistadora: Claro, sem problema!

[00:09:53] Entrevistada: E aí, assim que eu voltar, a gente volta a partir daí, dessa parte de como é a minha relação com a revista.

[00:09:58] Entrevistadora: Tudo bem.

[00:09:59] Entrevistada: Está bom?

[00:10:01] Entrevistadora: Sim. Então, você me manda mensagem e eu te ligo de novo, está bom?

[00:10:04] Entrevistada: Está bem. Até já.

[00:10:05] Entrevistadora: Obrigada, Luisa!

[00:10:06] Entrevistada: Beijo, tchau, tchau!

[00:10:07] Entrevistadora: Beijo. Tchau!

Ligação 2

[00:00:01] Entrevistadora: Alô?

[00:00:03] Entrevistada: Oi, voltei!

[00:00:05] Entrevistadora: Oi! Deu certo? Ela dormiu?

[00:00:09] Entrevistada: Deu. Deu sim. Meu marido foi lá, mas é que às vezes não tem jeito.

[00:00:14] Entrevistadora: Que idade ela tem?

[00:00:17] Entrevistada: Um ano.

[00:00:18] Entrevistadora: Ai, bem bebezinha ainda!

[00:00:21] Entrevistada: Né!

[00:00:23] Entrevistadora: Então, você estava me contando que é voluntária sua contribuição?

[00:00:30] Entrevistada: Isso. Todas as colunistas da revista *AzMina* são voluntárias. Eu me ofereci para escrever, já entendi que funcionava desse jeito. Uma vez ou outra, eventualmente, rolou uma ajuda de custo, mas que não foi nem para mim. Foi tipo para uma fotógrafa que foi para uma reserva extrativista e ia mandar para gente as fotos inéditas, né? Então, é mais desse jeito assim, do que um pagamento para mim. Aí, junto com isso, eu acabei virando uma época professora da Carol, que é uma das fundadoras e hoje em dia está super à frente da revista.

[00:01:18] Entrevistadora: A Carol Oms?

[00:01:21] Entrevistada: Isso, a Carolina Oms. E aí, eu acabei entendendo mais ainda como funciona a parte administrativa e financeira. Então, assim, elas contratam, como é que fala isso? De fixa, né? Contadora, ilustradora, jornalista e etc., conforme a renda que elas têm. Muitas vezes é de defensoria ou desses serviços de *crowdfunding* e de prêmios de ONG que elas vivem escrevendo e que têm prazo. Assim, tem coisa que entra num ano e no ano seguinte não entra.

[00:02:03] Entrevistadora: Sim.

[00:02:04] Entrevistadora: E aí, junto com as parcerias que elas fazem de uns aplicativos, programas e essas coisas. Muitas vezes rola bolsa de reportagem. Nesse caso são reportagens pagas, né? Mas só para explicar que então as colunistas não têm essa relação.

[00:02:20] Entrevistadora: Sim.

[00:02:21] Entrevistada: É uma relação voluntária.

[00:02:23] Entrevistadora: Beleza! E você gosta de contribuir? Você gosta do seu trabalho para a revista?

[00:02:30] Entrevistada: Eu gosto muito. Assim, é muito difícil eu escrever tipo sendo sob encomenda. Eu acabo escrevendo mais... Até porquê elas me dão essa liberdade, né? E não tem que cumprir prazo, então, eu escrevo quando eu sinto que têm assuntos que são urgentes ou que estão em voga. Porque a internet é muito isso nestes dias.

[00:02:53] Entrevistadora: Sim.

[00:02:56] Entrevistada: Muita gente querendo dar opinião em tudo e muitas vezes eu não dou a minha porque sinto que já falaram. Mas aí, principalmente se é sobre filme, série, música – coisas que me animaram a escrever, que sinto que vai fazer diferença para alguém –, eu escrevo. E acaba que estar junto de uma revista, para mim, foi muito bom no sentido de abrir portas para esse espaço, porque até então o meu foco estava na música. Então eu participo de palestras, de eventos até educativos. Eu já fui fazer oficinas com crianças em escola, já participei de mesa, já dei uma oficina no dia 8 de março – que a gente brinca que é o momento de “boom”, que sempre surge alguma oficina, algum trabalho, alguma palestra, alguma coisa assim. Então eu passei a trabalhar com isso também. E eu gosto muito.

[00:03:55] Entrevistadora: E você sempre une a música à temática feminista quando você vai participar desses eventos?

[00:04:03] Entrevistada: Sim. Mas eles não são necessariamente sobre música, né? Aí eu já vou muito mais para a parte feminista, em exercícios práticos, em história, não necessariamente eu trabalho com música, nesse caso.

[00:04:17] Entrevistadora: Uhum, entendi. E como que você acha que esse seu trabalho voluntário para a revista e para o instituto *AzMina*, como um todo, afeta a sua vida familiar?

[00:04:32] Entrevistada: Quase nada.

[00:04:35] Entrevistadora: Pode ser positivamente também.

[00:04:39] Entrevistada: É, até positivamente. Eu sinto que foi, principalmente, para a parte da família mais distante, não aqui dentro da minha casa, tipo para os meus pais, tios, avós, eu sinto que foi legal porque fez com que as pessoas me lessem. Eu acho que é muito difícil que alguém consiga ler meu mestrado, a não ser, talvez, que minha mãe tenha lido. Eu acho que é uma coisa mais densa e que no final de repente fica bem teórico dentro da música, quando falo sobre música e gênero. Agora, como eu escrevo textos curtos, alguns até sobre temas que são sempre falados, ou às vezes até sobre coisas que as pessoas nunca nem imaginaram. Quando eu entrevistei a Lia Pankararu sobre as questões indígenas – ela é militante da saúde indígena –, muita gente falou: “nossa, adorei a entrevista, adorei quando ela fala sobre as tradições”. Muitas vezes o feminismo ali entra em conflito com tradições, né?

[00:05:49] Entrevistadora: Aham.

[00:05:50] Entrevistada: E ela fala um pouco sobre isso lá no povo Pankararu. Então, eu sinto que na família teve esse impacto positivo, as pessoas passaram a me ler.

[00:06:02] Entrevistadora: Ah, que bom!

[00:06:03] Entrevistada: Então, é legal isso!

[00:06:06] Entrevistadora: E como que você se sente quando você escreve esses textos para a *AzMina*?

[00:06:14] Entrevistada: Como assim?

[00:06:16] Entrevistadora: Qual é o seu sentimento depois que você escreve ou quando você está escrevendo? Você acha que esse seu trabalho atinge a sociedade como um todo? Como?

[00:06:31] Entrevistada: Eu acho que depende muito do tema. Já tiveram textos que eu escrevi, que eram assuntos mais chatos, delicados. Por exemplo, sobre os artistas que tiveram todos os trabalhos cancelados por causa da pandemia. Uma vez ou outra também acabei fazendo matérias mais jornalística. Quando não tem ninguém para cobrir, às vezes, elas mandam – a gente tem um grupo – nas conversas: “ah, tem alguém que consegue falar sobre isso?”. Então eu falei uma época sobre um projeto de lei de nome social, trans social, para Santa Catarina, e aí às vezes têm umas matérias que a gente escreve na força da raiva. Tipo, a gente precisa que as pessoas tenham conhecimento disso, né? E como eu trabalho com arte, muitas vezes eu escrevo de um jeito super inspirado. Tipo, eu lembro quando eu ouvi um disco da Alice Caymmi, eu cheguei em casa e escrevi no dia. Eu falei: “nossa, eu preciso escrever sobre esse disco porque está bonito”.

[00:07:42] Entrevistadora: Te inspirou no momento, né?

[00:07:45] Entrevistada: É. Agora o mais louco é que como é um jornalismo que está lidando diretamente com a internet, muitas vezes a gente não tem noção de como isso vai chegar nas pessoas. Então, já teve matérias que falam sobre assuntos muitos legais, nas colunas, que não tiveram grandes impactos, que não pararam para ler, só viram uma informação ou outra. E, ao mesmo tempo, algumas caem em questões tão polêmicas, que vira discussão de rede social. Então, tipo, como eu escrevi sobre o filme *Eu Não Sou um Homem Fácil*, nossa, a gente não imaginava, mas virou uma coisa muito falada.

[00:08:34] Entrevistadora: Foi muito polêmico?

[00:08:36] Entrevistada: Muito, porque muita gente concordou comigo.

[00:08:38] Entrevistadora: Eu li esse seu texto quando eu estava fazendo o levantamento, fazendo diário de campo. Eu li também os comentários das pessoas.

[00:08:50] Entrevistada: Foi bastante polêmico, porque algumas pessoas acharam que eu estava sendo chata de criticar o filme, né? Do tipo: “ai, deixa o filme, vocês querem também

que todos os filmes falem sobre tudo”. E eu entendo essa pessoa que falou isso. Também teve gente que concordou comigo e falou: “graças a Deus alguém está falando que esse filme não é tudo isso”. Porque eu acho que o filme estava sendo muito aplaudido, na época. Esse filme tem várias questões para gente olhar com olhar crítico, né?

[00:09:23] Entrevistadora: Eu vi muito mais as pessoas comentando nesse sentido, te apoiando.

[00:09:28] Entrevistada: Sim, foi engraçado. E teve outra, esse foi bem delicado, mas no fim ficou tudo bem, que foi um divã. Você sabe como funciona o divã na *AzMina*?

[00:09:43] Entrevistadora: Eu ainda estou tentando entender ele. São histórias de mulheres. O último que eu li foi de uma moça que teve o bebê roubado, mas eu não entendi ainda se são sempre histórias assim, delicadas, complicadas.

[00:10:01] Entrevistada: Não necessariamente. A ideia do divã é ser um espaço que as mulheres contem as histórias delas. Pode ser uma leitora mandando – acho que a *Marie Claire* tem isso, se chama *Eu, Leitora*. E geralmente a gente pega temas que estão dentro das discussões feministas, tipo uma mulher que já fez um aborto, uma mulher que se separou, que já sofreu violência no carnaval. Na época do carnaval, a gente colocou uma história dessas, na época das eleições eu falei um pouco sobre minha experiência com uma ONG, porque era uma pressão muito grande nas eleições presidenciais, porque o Bolsonaro falava que ia acabar com o terceiro setor, né? Então a gente sempre busca essas histórias e pede para as pessoas contarem. E aí, eu conheci uma história durante a pandemia, que acho que muita gente está vivendo isso, que é a de uma mãe de duas crianças, de quatro e cinco anos, que estava sofrendo com o vizinho, porque as crianças pararam de ir para a escola, passaram a ficar dentro de um apartamento e o vizinho precisava trabalhar. Só que além de ser uma questão que obviamente, a gente entende tanto ela quanto o vizinho, ela teve muita dificuldade com esse vizinho de dialogar e de ele tentar ter empatia com a história dela. Então eu pedi para ela me escrever e explicar e eu ajudei a editar o texto. Nessas horas a gente faz uma curadoria e ajuda a escrever o texto. E aí, quando a gente publicou, muitas pessoas

escreveram nas redes sociais que estavam do lado do vizinho, porque é muito chato você ter um vizinho que faz barulho, né?

[00:11:56] Entrevistadora: Sim.

[00:11:58] Entrevistada: E aí, foi uma mega polêmica também. Depois chegou a rede das mães, né? Se mobilizando para defender a Gabriela no caso, que era a pessoa que estava sendo afetada por esse vizinho com falta de empatia. Agora o que foi mais legal dessa história, que ela foi tão conflituosa, gerou tantas discussões, que depois uma professora de direito escreveu para a revista *AzMina* falando que pegou essa história para fazer um exercício com a classe dela. Então, tinha uns que tinham que representar o vizinho, outros tinham que representar a mãe, os outros tinham que representar o filho.

[00:12:33] Entrevistadora: Ai, sensacional!

[00:12:35] Entrevistada: E eu achei isso maravilhoso! Então, quando eu descobro que uma coisa que a gente decide escrever e tornar pública vai tão longe, eu fico muito feliz. Não tem nada que deixe a gente mais feliz do que isso, eu acho.

[00:12:51] Entrevistadora: Você vê que está ganhando outras dimensões, né? E qual você acha que é o público da revista?

[00:13:05] Entrevistada: Eu acho que é um público que tem bastante o meu perfil, assim, pessoas jovens. A gente tenta um pouco furar uma questão racial e classicista. Acho que fica muito na classe média. Mas a gente tem colaboradoras negras, a gente fala muito sobre esses assuntos, principalmente da questão dos direitos, né? A questão da violência, do aborto, a gente sempre faz um recorte, mostrando que as mulheres negras estão sempre sofrendo mais com essas questões. Agora, uma coisa até que a gente já experimentou algumas vezes foi ter um colunista homem e tentar atingir mulheres mais velhas. A gente já pensou em ter uma colunista que falasse sobre feminismo e velhice, assim, relações com outra idade, o que eu acho que acaba que não é muito a idade do público da revista.

[00:14:15] Entrevistadora: Sim, claro.

[00:14:17] Entrevistada: Mas foram coisas que a princípio não foram muito aprofundadas. Inclusive a questão do colunista homem gerou bastante polêmica também, nessa época eu

nem estava na revista ainda direito. Então, eu sei que os homens leem, mas eu acho que não é o público mais assíduo, que assina. A revista tem vários assinantes – que contribuem ou que assinam a *newsletter* que chega toda semana.

[00:14:47] Entrevistadora: Quando foi essa experiência? Você sabe? Do colunista homem?

[00:14:53] Entrevistada: Gerou muitas críticas. Eu sinto que na época não tinha tanto essa conversa ainda. Faz tempo, então não tinha tanto essa conversa do quanto os homens podem contribuir para a luta feminista que nem tem hoje em dia. Tanto que a Nana Queiroz, que é uma das fundadoras da *AzMina*, está escrevendo sobre isso agora, sobre a participação dos homens na luta feminista, porque ela tem um filho homem. Então, eu sinto que hoje as pessoas já falam mais sobre isso. Na época foi dito: “não, não queremos!”. O público deixou bem claro isso.

[00:15:33] Entrevistadora: Era muito ousado para alguns anos atrás, então?

[00:15:37] Entrevistada: É!

[00:15:40] Entrevistadora: E como é para você lidar com pautas delicadas, como falar sobre violência contra a mulher? Como que isso afeta o seu cotidiano?

[00:15:56] Entrevistada: No geral, eu acho que produzir conteúdo assim, tipo escrever texto, não costuma me fazer mal. Eu acho que faz muito mais mal quando a notícia chega do que quando a notícia vai, sabe?

[00:16:10] Entrevistadora: Uhum!

[00:16:11] Entrevistada: Então quando eu leio coisas que eu não escrevi, por exemplo, tanto na *AzMina* quanto em outros veículos que eu acompanho, me causa muito mais impacto do que quando eu estou escrevendo. Quando eu estou escrevendo, a tendência é eu achar que eu estou fazendo alguma coisa, sabe? Então acaba me fazendo bem por mais que o assunto seja delicado.

[00:16:34] Entrevistadora: Ótimo. Realmente, na hora de ler, às vezes as temáticas e as próprias histórias, a gente se envolve, são muito chocantes, né? Teve algumas histórias que eu li que até chorei. Histórias de criancinha sendo abusada, enfim.

[00:16:53] Entrevistada: Nossa, tem uma da menina que foi fazer o aborto em que o padre conseguiu uma ordem judicial e interrompeu o tratamento no meio. Gente, esse vídeo até hoje eu nem consegui nem divulgar direito, me senti um pouco paralisada.

[00:17:08] Entrevistadora: O do padre, né?

[00:17:10] Entrevistada: É.

[00:17:11] Entrevistadora: É. É horrível.

[00:17:14] Entrevistada: Então é isso, para mim é mais difícil receber do que fazer.

[00:17:18] Entrevistadora: É, eu li uma também, que a moça que escrevia era a professora e aí ela contava que foi fazer uma dinâmica com as crianças e perguntou qual era o sonho das crianças. Aí uma menininha de uma periferia falou que sonhava em ser professora também e, logo depois, ela ficou triste e disse: “ah, mas eu sei que isso não vai acontecer comigo, vou acabar trabalhando em casa de família”.

[00:17:48] Entrevistada: É muito triste.

[00:17:49] Entrevistadora: É, é muito impactante, né?

[00:17:53] Entrevistada: Sim.

[00:17:54] Entrevistadora: Sim. Você então disse que você se assumiu como feminista e o seu grupo se assumiu também. Mas o que é ser feminista para você?

[00:18:07] Entrevistada: Nossa, é quase como um caminho sem volta. Eu tenho o livro da Márcia Tiburi que ela fala desse verbo que eu gosto que chama descortinar. Então é como se várias coisas que antes a gente via como se fossem normais, hoje em dia não é, sabe?

[00:18:29] Entrevistadora: Uhum.

[00:18:30] Entrevistada: Então, óbvio que quando a gente vai falar do termo em si é para que a gente exija direitos iguais para todo mundo. E aí, nesse sentido, eu acredito num feminismo interseccional, em que caibam todas as pessoas mesmo, em que caibam mulheres trans, em que caibam mulheres que não se dizem feministas, eu acho que elas também acabam precisando ser abraçadas por essa luta, né? Mas, basicamente, é a gente ouvir as coisas de outra forma. Então a gente começa a querer lutar no nosso cotidiano em questões como cultura do estupro, como violência contra a mulher, como o aborto, como – hoje em dia

principalmente – um tema que está muito presente que é questão da maternidade para mim e da divisão de trabalho até dentro de casa ou dos direitos das crianças a terem espaço, a terem uma educação diferente, uma educação que não seja sexista. Mas eu acho que o trabalho mais difícil não é nem a gente ficar querendo transformar todo mundo. É a gente entrar em choque com as nossas contradições. Porque é isso quando eu falo que é um descortinar. Muitas vezes a gente lê e discute e produz um monte de conteúdo e percebe que a gente continua, às vezes, com os mesmos pensamentos. Então é um exercício diário, tipo nesse contexto bem besta de bebê, assim né? Minha filha é uma menina e me incomoda muito que se ela não está de rosa, todo mundo acha que ela é um menino. E ela pode estar de lilás, ela pode estar de amarelo, ela pode estar de azul, de verde. Mas aí os adjetivos que usam para ela são muito diferentes. Se é menina, é uma: “princesa, é linda”. E se é um menino é um “campeão”. Mas eu, por exemplo, já vi um menino vestido de rosa e achei que fosse uma menina. Então para você ver que muitas vezes a gente se incomoda com coisas que a gente ainda reproduz, com o reflexo de uma criação que a gente mesmo reproduz, então eu acho que essa é a parte mais difícil. O feminismo para mim acaba sendo essa desconstrução de tudo, principalmente de mim mesma.

[00:21:05] Entrevistadora: Muito interessante. E você participa de algum grupo ou coletivo de militância feminista?

[00:21:19] Entrevistada: Sim e não. Assim, eu acho que eu mais estou dentro é realmente da revista. E aí, hoje em dia, eu estou muito nos grupos de maternidade, onde acaba rolando muito desses temas e eu estou acompanhando muito o *Política É a Mãe*, que é uma página no Instagram, que é um coletivo, mas que hoje em dia também não se reúne mais fisicamente. E que apoia algumas candidaturas nas eleições, mas que traz muitas pautas para serem discutidas na internet. Então, semana passada, elas pegaram a fundo essa questão da volta às aulas, assim, tentando não tomar um lado, mas para falar: “pô, a gente sabe que está difícil para as professoras, mas para as mães também”. Então, é um grupo que eu gosto bastante de acompanhar.

[00:22:10] Entrevistadora: E você se sente de alguma maneira acuada por se identificar com a causa feminista?

[00:22:20] Entrevistada: Já me senti, viu? Muito com essa questão das marchinhas, eu já sofri uns ataques bestas, né? Gente fazendo discurso de ódio. Quando eu participei, também representando *AzMina*, como é o nome daquele negócio no Youtube, aquele vídeo, que é um canal que tem umas coisas sensacionalistas assim?

[00:22:47] Entrevistadora: Um canal sensacionalista?

[00:22:51] Entrevistada: É um canal com entrevistas, e aí eles fizeram uma entrevista que foi lançada esse ano, eu acho. Com quatro mulheres discutindo o feminismo. Eu vou depois pesquisar o link e te mando.

[00:23:06] Entrevistadora: Você participou?

[00:22:07] Entrevistada: Isso.

[00:22:08] Entrevistadora: Você foi uma das mulheres que participou?

[00:23:11] Entrevistada: Sim, eu fui representando a revista *AzMina*. Então, tinha uma feminista radical, uma feminista liberal, eu representando o feminismo interseccional e uma mulher que não se diz feminista, que inclusive tinha uma visão bem crítica. Foi uma conversa super legal, uma discussão super legal, só que aí quando postaram no Youtube essa pessoa que não se diz feminista, ela é uma jornalista bem conhecida, então a maioria dos comentários era de um público dela e aí tinha muito discurso de ódio. Então, eu prefiro não ler, é muito forte, eu me esforço muito para não ficar lendo essas coisas porque isso dá um incômodo, não dá medo nem nada, mas dá um incômodo.

[00:24:01] Entrevistadora: É do *Quebrando o Tabu*?

[00:24:04] Entrevistada: Não é o *Quebrando o Tabu*.

[00:24:06] Entrevistadora: É porque o *Quebrando o Tabu* faz isso também, coloca pessoas com pontos de vista muito diferentes para conversar.

[00:24:13] Entrevistada: É bem isso, é exatamente isso, só que não é o *Quebrando o Tabu*. Mas assim que a gente desligar, eu te mando o link.

[00:24:21] Entrevistadora: Então está bom, obrigada!

[00:24:24] Entrevistada: Ou, espera aí que o meu marido está procurando, talvez ele encontre e a gente consiga lembrar.

[00:24:28] Entrevistadora: Está bom.

[00:24:35] Entrevistada: Renata Barreto, a jornalista que não se diz feminista, naquela época ela era da *Jovem Pan*.

[00:24:43] Entrevistadora: Ah, da *Jovem Pan*, complicado.

[00:24:45] Entrevistada: É, mas foi até engraçado porque a gente concordava em várias coisas. *Spotniks!* Você sabe qual que é esse canal?

[00:24:55] Entrevistadora: Qual é o canal? Não ouvi o nome, desculpa.

[00:24:58] Entrevistada: *Spotniks!*

[00:24:59] Entrevistadora: *Spotniks!* Sei qual é!

[00:25:02] Entrevistada: Isso, é esse. Quantas visualizações têm isso aí?

[00:25:08] Entrevistadora: Quantas o quê?

[00:25:08] Entrevistada: 236 mil visualizações.

[00:25:11] Entrevistadora: Nossa, muito! Mas aí nos comentários diziam alguma coisa para você? Ou você nem quis acompanhar?

[00:25:24] Entrevistada: Ah, eu cheguei a ver alguns do tipo: “nossa, cala a boca”, “nossa, que menina burra”, sei lá. Me chamaram de gorda, mas esse é o que eu menos ligo. Eu só fico chateada de as pessoas ainda terem uma visão muito errada do que é o feminismo. É uma palavra que ainda assusta muito.

[00:25:42] Entrevistadora: É, assusta mesmo.

[00:25:44] Entrevistada: Então, eu até achei legal que algumas pessoas me escreveram depois falando que acharam que eu fui a mais sensata da conversa. Mas foram, sei lá, dá para contar nos dedos da mão direita. Mas eu gosto quando alguém vem e fala isso. Eu falo: “ai, pelo menos para essa pessoa o que eu falei faz sentido”.

[00:26:02] Entrevistadora: Sim, já é muita coisa na verdade, né?

[00:26:06] Entrevistada: É.

[00:26:08] Entrevistadora: E quando você estava se apresentando com o seu grupo quando vocês fizeram as marchinhas, você sofreu qualquer tipo de ameaça, algum tipo de violência, verbal inclusive?

[00:26:23] Entrevistada: Durante as apresentações não. Já sofri, assim, mais críticas. As pessoas falam: “ai, que coisa chata ficarem fazendo discurso político no carnaval”. Agora, na internet sim. Porque é isso, porque na internet é muito mais fácil fazer essas coisas, né? Eu acho que saiu, não sei se foi no *Jornalistas Livres* ou no próprio *Quebrando o Tabu*, algumas dessas marchinhas. Aí as pessoas comentaram de um jeito bem grosseiro, bem violento. E também já sofremos críticas muito realistas e verdadeiras, do tipo feminismo branco. Porque eu e o Vozeiral, que é esse grupo, é um grupo de nove mulheres brancas. Então, nesse caso, eu pensava: “bom, está certo, né?”. A gente está falando de um ponto de vista que realmente não tem como falar que é um feminismo plural, por mais que na letra a gente fale de mulheres negras, né? A branquitude está no vídeo, né? Então, acho que foi muito importante trazer essas discussões e aceito as críticas quando elas vêm para dialogar. Agora, ficar xingando a gente de gorda para mim não faz o menor sentido.

[00:27:40] Entrevistadora: É. E como que é a sua relação com as outras colegas, com as outras colunistas da *AzMina*?

[00:27:50] Entrevistada: É muito legal. Assim, eu sinto inclusive que a gente acaba fazendo amizade à distância, né? Eu conheço pessoalmente poucas ali, mas a gente dialoga muito sobre pauta. Inclusive, às vezes rola isso: “olha, estou escrevendo sobre uma pauta que na verdade é sua”. Eu acho que elas estão pensando em mudar, estão mudando o site. Porque antes era isso, o meu tema era gênero, é arte, desculpa. Mas eu acabei escrevendo sobre outras coisas que não necessariamente iam para a questão da arte. Então elas estão pensando em fazer com que as colunistas tenham cada uma a sua página, assim independente do tema, porque aí eu posso falar também sobre livro, já falei uma vez sobre a causa indígena, indigenista, então não necessariamente eu fico só dentro da arte e para elas tudo bem, elas dão esse espaço.

[00:28:50] Entrevistadora: E vocês chegam a fazer reuniões de pauta? Como que é o seu contato?

[00:28:55] Entrevistada: Sim. Para mim, reunião nunca teve, já teve conversas, trocas e reuniões mais abertas, sobre metas, projetos, sobre conversar com alguém que estava querendo conhecer a ONG para um emprego, editais, essas coisas. Aí, a gente acaba se encontrando nesses eventos ou até em entrevista mesmo para conhecer a equipe da revista. Mas eu sei que existe uma reunião mais objetiva de pauta, mas nessa geralmente as colunistas não estão.

[00:29:41] Entrevistadora: Entendi.

[00:29:42] Entrevistada: É mais dentro dos projetos pontuais e das bolsas de reportagem.

[00:29:49] Entrevistadora: A revista tem um espaço físico para as jornalistas?

[00:29:56] Entrevistada: Olha, com a pandemia eu acho que não. Mas já teve, já teve dois escritórios que eu fui.

[00:30:04] Entrevistadora: E as colunistas usavam também o espaço?

[00:30:10] Entrevistada: A maioria não, mas a gente era convidada para estar lá. Eu cheguei a ir algumas vezes, mas sempre foi mais prático fazer de casa mesmo.

[00:30:19] Entrevistadora: E como é a relação... Bom, eu não sei se você chega a ter uma relação mais ampla com fontes, mas você falou que já chegou a fazer entrevista. Como é que foi? Como é a relação de vocês ao ter que abordar as fontes, conversar com as fontes?

[00:30:40] Entrevistada: A gente troca muito. Quando a gente precisa de fonte e não tem, a gente troca muito entre a equipe da revista, né? Quem tem contato e tal. Então, rola essa troca, mas eu sinto que por a revista já ter participado de algumas coisas grandes, inclusive de polêmicas, essa coisa da Damares, que sofreu um processo. A Nana, no começo, que fez a #NãoMereçoSerEstuprada, na época, isso estava super no Congresso. Eu sinto que as pessoas têm uma abertura no geral, quando a gente fala: "ah, sou da revista da *AzMina*". Muitas vezes no lançamento de filme, já participei de convite de estreia, de pré-estreia de filme, de show e teatro. Então acaba sendo gostoso. Eu queria ter muito mais tempo para poder participar de tudo. Mas as pessoas são muito abertas para falar com a gente. Para

mim, tem uma questão muito delicada que é o WhatsApp, muitas vezes a gente acaba fazendo as entrevistas por áudios de WhatsApp, porque é o tempo que a pessoa tem disponível para dedicar para a gente, para responder as perguntas. Então, eu sinto que não tenho uma super conversa, quando consigo ligar e conversar é muito melhor. Mas, a partir dos áudios, as pessoas costumam não economizar também e mandam muita coisa, então acabam saindo coisas muito legais.

[00:32:26] Entrevistadora: É uma dinâmica bem jornalística mesmo, né?

[00:32:30] Entrevistada: É.

[00:32:32] Entrevistadora: E você considera o que você faz para revista, o que você escreve, como jornalismo?

[00:32:39] Entrevistada: Sim, mas é engraçado, né? Porque eu não tenho essa formação – inclusive na época do vestibular eu cheguei a pensar em prestar, acho que eu passei pelo Enem em uma universidade e me matriculei, mas depois eu acabei indo para a música mesmo. Então, é jornalismo, né? Eu sinto que me falta, principalmente na parte da escrita, da estratégia da escrita, uma formação mais teórica. Eu acabo fazendo muito pela minha experiência de ler outras pessoas. E, às vezes, elas me ajudam nas edições. A Thais Folego me ajuda bastante nessa parte.

[00:33:26] Entrevistadora: E quem são as pessoas responsáveis pela parte mais de manutenção do site, de construir, atualizar a página, de postar nas mídias sociais?

[00:33:38] Entrevistada: Olha, isso é uma coisa que eu nem sei responder. As pessoas que estou mais diretamente em contato são a Thais e a Helena. A Carol não acompanha tanto o dia a dia de matérias e para quem eu mando, o que faz, responde. Eu sei que, assim, já postei coisa que precisava ser corrigida, e aí foi com a Thais e a Helena que eu falei.

[00:34:05] Entrevistadora: Que são as diretoras, né?

[00:34:08] Entrevistada: É, eu não sei se elas que estão em contato com o site mudam na hora ou se elas pedem para alguém fazer isso.

[00:34:17] Entrevistadora: E você falou que, quando precisa, elas contratam contador e administrador, né?

[00:34:22] Entrevistada: Eu acho que essa parte elas têm fixo mesmo. Eu acho que é a única parte que está sempre lá, independente do resto da equipe.

[00:34:36] Entrevistadora: E você acha que a revista tem *haters*?

[00:34:42] Entrevistada: Ah, tem!

[00:34:44] Entrevistadora: Mas eles são numerosos? Como é essa relação com os *haters*?

[00:34:50] Entrevistada: Não são numerosos. Eu acho que depende muito das pautas. Quando teve essa pauta do aborto, que inclusive se a pessoa pega o texto e entende o que está sendo falado, é uma informação que os medicamentos usados para fazer um aborto são os mesmos usados para induzir um parto, são super acessíveis e estão dentro da realidade de qualquer pessoa. Só que isso foi interpretado muito pelas pessoas que se dizem pró-vida e que são contra a descriminalização do aborto, foi encarado muito como um tutorial, né? Tipo: “estamos ensinando você a abortar”. E aí isso gerou tanto *haters* quanto processos, principalmente no nome da Helena que foi quem escreveu a matéria. Agora, ao mesmo tempo isso traz uma visibilidade para a revista, né? Então, hoje em dia, com a internet, a polêmica acaba sendo uma coisa boa nesse sentido, né?

[00:36:02] Entrevistadora: Sim.

[00:36:05] Entrevistada: Eu acho que tem as duas partes. Então, a gente recebe muitas mensagens, muitos e-mails, muitas sugestões. Então eu acabo entendendo que a interação é mais para o bem do que para o mal. Mais para contribuir do que para fazer discurso de ódio.

[00:36:31] Entrevistadora: E vocês têm relação com outros grupos de mídias independentes? Uma relação constante? Eu vejo que, de vez em quando, tem alguma marcação, principalmente no Instagram, vocês marcam outras iniciativas, fazem trabalhos conjuntos, né?

[00:36:50] Entrevistada: Sim, muito de pesquisa, né? *Gênero e Número, É Nós*. Aqui em São Paulo, a gente já fez um guia, inclusive eu não sei em que pé está isso, mas a gente fez um guia de lugares da cidade de São Paulo junto com essa *É Nós*, que era uma parceria. O

aplicativo PenhaS também, né? Foi um conjunto, não foi só da revista *AzMina*, que é super para fazer esse mapeamento sobre a violência contra a mulher.

[00:37:26] Entrevistadora: Sim, o aplicativo. É muito sensacional a iniciativa.

[00:37:31] Entrevistada: Sim, é muito legal e, inclusive, quando a gente chega em lugares práticos, isso é uma coisa que se você conversar com a Carol ou com alguma outra, elas vão dizer mais de dentro. Mas eu sinto que quando chega numa coisa prática, tipo o aplicativo PenhaS ou esse fundo para deixar que o aborto seja um assunto mais acessível para essas pessoas, que tem tipo um padre que vai e interrompe o processo com uma ordem judicial, então a gente está vendo um fundo legal para poder ajudar essas mulheres. Eu sinto que acaba que o envolvimento é menor. O aplicativo PenhaS mesmo, a Carol já foi até no *Jornal Nacional* falar e não chega tanto quanto às vezes uma matéria polêmica chega.

[00:38:24] Entrevistadora: Sim. É, faz muita diferença para os algoritmos a temática e a polêmica que tem por trás, até para dar visibilidade aos conteúdos.

[00:38:37] Entrevistada: Sim.

[00:38:38] Entrevistadora: A gente já está terminando, está bom?

[00:38:40] Entrevistada: Uhum.

[00:38:41] Entrevistadora: O que te gera mais satisfação no trabalho?

[00:38:53] Entrevistada: Ah, eu gosto muito dessa sensação de pertencimento. Quando eu vejo que a outra pessoa fez uma coisa muito legal, sentir que faço parte disso é muito bom. Conhecer outras pessoas eu gosto muito. E é isso, o que eu falei, quando eu vejo que um tema que eu escrevi sobre e chegou em outras pessoas e às vezes se desdobrou em outra proposta, eu fico muito feliz. Então dá uma sensação de que a minha militância vira uma coisa prática mesmo. E eu acredito em uma coisa, eu desejo que ela se transforme no mundo e aí eu estou fazendo alguma coisa por isso, fica uma coisa mais, dá para vislumbrar, né?

[00:39:46] Entrevistadora: Sim. E o que te gera insatisfação?

[00:39:57] Entrevistada: Acho que nas redes sociais muita coisa se pulveriza, né? Então, quando eu escrevo sobre algum tema importante, eu queria que mais gente se envolvesse. A gente sabe que muitas vezes isso é imprevisível. Acho que é mais isso, assim. E eu queria

poder escrever mais, com mais frequência, mas também, ao mesmo tempo, eu sei que nesse momento não dá.

[00:40:32] Entrevistadora: Por uma questão da sua rotina mesmo, né?

[00:40:36] Entrevistada: É.

[00:40:38] Entrevistadora: E na sua opinião, o que faz com que a *AzMin*a siga existindo, siga presente na internet?

[00:40:50] Entrevistada: Eu acho que é a resposta do público. Porque, como eu falei, essa questão dos editais, das colaborações, a revista não tem uma estabilidade financeira para se manter. Ela tem períodos, muitas fases, e a gente acaba vivendo todas elas. Então, eu sinto que é mais esse sonho, essa coisa de acreditar que a revista chega nas pessoas e receber a resposta delas. Principalmente quando tem alguma matéria muito legal, quando rola um prêmio ou a indicação para um prêmio, rola essa sensação de: “nossa, está rolando, estamos fazendo o que a gente se propõe a fazer”.

[00:41:42] Entrevistadora: Você comentou que agora todo mundo está trabalhando de casa, que os espaços físicos você acha que agora não estão mais funcionando, né? Como que a pandemia se refletiu na iniciativa?

[00:42:02] Entrevistada: Bom, de um jeito, primeiro, muito prático, no sentido de que os temas passaram a ser a pandemia, né? Então, no começo era a violência contra as mulheres dentro de casa, os artistas que perderam os trabalhos, a questão indígena. Teve uma matéria que eu fiz que falava sobre dois povos e como eles enxergavam a pandemia como também uma arma biológica. Então, acabou que no começo os temas eram a pandemia. Passou um tempo que também a gente começou a encarar que a pandemia está aí, ela existe, mas tem outros temas que são super importantes que a gente tem que continuar noticiando. Então, aos poucos, foi voltando a ter a rotina que era antes. Então é isso: a gente divulga os números, divulga as pesquisas, divulga temas que estão em voga na internet e aí a pandemia é pano de fundo. Muitas vezes ela aparece, mas não vira só isso, né? No começo era meio que só isso.

[00:43:20] Entrevistadora: E para o movimento feminista como um todo, quais você acha que foram os impactos da pandemia?

[00:43:31] Entrevistada: Nossa, que difícil essa! Eu acho que deu uma regredida no sentido das conquistas. Hoje, nesse *Política É A Mãe*, eu ouvi um *podcast* que fala que parece que a gente voltou 30 anos nos dados da quantidade de mulheres no mercado de trabalho. Muitas mulheres foram demitidas, principalmente as mães. Quem vive no grupo de mães, que eu estou, eu vejo todo mundo: as mães são demitidas porque as empresas estão dizendo que as mães não estão dando conta, né? Então, a gente vê claramente que pesa para as mulheres, pesa para as mães e, quanto mais pobre, pior. Porque a questão da educação com o ensino à distância virou uma segregação muito grande de conhecimento e de acesso à internet. E de espaço também. Acaba que a revista *AzMina* tem essa dificuldade de chegar em todo mundo, né? A gente acaba estando presente para a pessoa que tem muito contato com a internet o tempo todo e isso acaba também não chegando em todo mundo.

[00:45:03] Entrevistadora: Uhum.

[00:45:08] Entrevistada: Então, eu sinto que, nesse sentido, a gente regrediu. Os números de violência contra a mulher aumentaram muito, porque está todo mundo em casa e porque a maioria das violências são cometidas dentro de casa. Então que bom que existem pesquisas. Não só a revista *AzMina*, mas muitas outras [iniciativas] estão fazendo essas pesquisas, divulgando e acompanhando. Agora, tem muitos grupos se fortalecendo, né? Muita gente se conectando, porque foi um momento que de repente estava todo mundo em casa e todo mundo se reconhecendo na internet. Então, eu sinto que é um pouco forte para esse momento político de eleições, eu sinto que estão rolando muitas coletivas, muitas candidaturas coletivas. Então eu acho que, nesse sentido, o movimento feminista soube encontrar vozes ressonantes. Olha que palavra bonita! Para se fortalecer mesmo, é isso, não tem a força das ruas, não tem mais a presença física e isso é um problema mesmo.

[00:46:39] Entrevistadora: É. Muda muito, né? Mudou muito as relações e as formas de organização.

[00:46:48] Entrevistada: É, mas é isso, é tanto retrocesso que precisa ter muita raiva mesmo, muito motor para lutar, porque só assim mesmo.

[00:47:04] Entrevistadora: E tem que responder, né? Tem que encontrar formas de responder.

[00:47:08] Entrevistada: É.

[00:47:10] Entrevistadora: E, finalmente, como que a revista lida com essa conjuntura de ampla disseminação de *fake news*?

[00:47:29] Entrevistada: No geral, se tem alguma coisa que diz respeito diretamente à revista ou algum tema que a gente falou, a gente rebate, né? Mas a gente nunca foi um alvo direto. Tirando essa matéria do aborto, mas que eu nem sinto que fizeram *fake news* não. Eu sinto que leram a matéria como um tutorial e era basicamente uma matéria que falava sobre informações que já existem, né? A gente só lançou essa lupa. E já aconteceu de a gente às vezes no texto publicar informação errada. Mas aí essa é a beleza da internet. A gente pode muitas vezes publicar uma errata, já aconteceu de a gente publicar a carta do leitor, corrigindo informação, então a gente tem essa velocidade de resolver que é boa.

[00:48:31] Entrevistadora: Uhum. E para o movimento feminista, você acha que as *fake news* se refletem como?

[00:48:44] Entrevistada: Ah, é muito complexo, porque é como se a gente ficasse correndo atrás do próprio rabo, como cachorro, porque a gente não tem tempo de fazer tudo, né? Então, quando a gente decide dedicar o nosso tempo para desmentir *fake news*, é muito difícil a gente dedicar nosso tempo para produzir conteúdo. E as *fake news*, elas se espalham com muita velocidade. Eu sinto que acaba sendo um trabalho muito mais de tentar tirar o preconceito e fazer com que a pessoa entenda quando ela não se diz feminista, que na verdade ela é, porque é o que eu sinto na maioria das vezes, né? Porque é isso, o preconceito muitas vezes está na ideia de que as mulheres querem ser superiores. Acham que feminismo tem a ver com homossexualidade, né? E: “ah, feminista é lésbica”. E, tipo, óbvio que eu tenho vontade de chegar para a pessoa e falar: “você não precisa ter problemas com lésbicas”. Mas, na verdade, você tem que explicar que o feminismo não tem a ver com ser lésbica. Então, é, antes, ensinar um bê-á-bá para a pessoa perder o preconceito mesmo.

[00:50:16] Entrevistadora: Muita gente acha que é antônimo de machismo, né?

[00:50:20] Entrevistada: É. Rola um medo muito grande da palavra, muito grande.

[00:50:27] Entrevistadora: Bom, são essas perguntas do meu roteiro. Você quer acrescentar mais alguma coisa?

[00:50:36] Entrevistada: Acho que não. Você vai conversar com mais alguém da revista? Você quer que eu faça essa ponte para você tentar falar com alguém que seja mais de dentro?

[00:50:47] Entrevistadora: Se você puder me passar o contato de alguém, se você achar que mais alguém gostaria de contribuir, sim, vai ser muito bom para mim.

[00:50:57] Entrevistada: Essa parte mais administrativa é legal, você falar com alguém que seja a pessoa que faz.

[00:51:04] Entrevistadora: Sim, até porque eu gostaria de conversar também, com um contador, com alguém que faz a parte de TI, com alguém que é um colaborador, mas dessa parte que fica mais de fundo, com a parte mais técnica.

[00:51:20] Entrevistada: Sim.

[00:51:21] Entrevistadora: E talvez ela possa me passar também o contato. Então, muito obrigada! E eu queria aproveitar para te fazer um outro convite. Eu faço ensino orientado no doutorado e meu orientador pediu para eu organizar um debate no Youtube para a turma dele. Vai ter um link no Youtube. Então a gente vai convidar outras pessoas da UnB para participarem, para assistirem e vai ser com uma professora brasileira, que é pesquisadora de feminismo também, com duas outras professoras argentinas que toparam participar com a gente e eu vou ficar mediando. E aí, eu queria saber se você também quer participar. Vai ser no dia 19 agora de novembro, de manhã, às 9h da manhã.

[00:52:09] Entrevistada: Que dia que cai isso?

[00:52:11] Entrevistadora: É numa quinta-feira!

[00:52:14] Entrevistada: Ah, legal! Eu topo sim!

[00:52:16] Entrevistadora: Ai, que bom, obrigada! Acho que vai ser bem legal, porque os alunos adoram a temática, eles estão bem animados.

[00:52:24] Entrevistada: Ah, eu também gosto muito de participar dessas coisas.

[00:52:27] Entrevistadora: E os alunos da graduação, pelo menos na comunicação, eles são muito legais, interagem.

[00:52:36] Entrevistada: Legal! Pode vir uns temas legais para gente conversar.

[00:52:39] Entrevistadora: Sim. Aí, a gente pode trocar mensagens sobre o que você gostaria de falar. Se você quiser contar da experiência das marchinhas ou mesmo da sua experiência escrevendo os textos para a *AzMina*.

[00:52:55] Entrevistada: Está bem. Eu vou te passar meu e-mail pelo WhatsApp e aí você também me conta um pouco sobre o que as outras convidadas vão falar, porque aí eu penso em alguma coisa que possa também dialogar e acrescentar.

[00:53:10] Entrevistadora: Essas duas professoras argentinas vão falar sobre a experiência acadêmica delas e depois vão falar sobre a participação delas, sobre a militância, em um grupo lá na Argentina que se chama *Ningunas Santas*. Elas vão contar como que são as iniciativas e o que elas fazem, o que o grupo já conseguiu levar para a sociedade de mais efetivo.

[00:53:38] Entrevistada: Uhum, que legal!

[00:53:41] Entrevistadora: É, eu acho que vai ser muito legal o debate.

[00:53:46] Entrevistada: Está bem, eu vou pensar um pouquinho.

[00:53:48] Entrevistadora: Então, está bom. Então, Luisa, muito, muito obrigada! Desculpa tomar tanto do seu tempo, eu sei que você estava tentando fazer sua filha dormir. Foi ótimo, gostei muito da conversa! Eu estou fazendo ainda a etapa das entrevistas experimentais, então são os primeiros passos para depois ir para a qualificação, e aí eu ainda vou fazer a análise, né? Depois dessas primeiras entrevistas, e aí lá na frente, que é quando eu for fazer as entrevistas em profundidade mesmo, aí eu pretendo fazer perfis de todas as colaboradoras e de todo mundo que quiser contribuir.

[00:54:34] Entrevistada: Legal! Ah, muito obrigada pelo convite, eu gostei muito de conversar com você. E é isso. Eu espero que tenha ajudado. Se tiver alguma dúvida, pode me escrever.

[00:54:45] Entrevistadora: Está bom. Você também, qualquer coisa me escreve e a gente fica em contato para o debate. Se você puder me passar o contato de mais alguém, eu agradeço

muito. E eu te mando depois que tiverem transcritas também, as conversas, aí eu te mando para você dar uma olhada, está bom?

[00:55:00] Entrevistada: Está bom, está ótimo! Obrigada!

[00:55:02] Entrevistadora: Muito obrigada. Boa noite!

[00:55:04] Entrevistada: Tchau, tchau!

[00:55:06] Entrevistadora: Beijo!

[00:55:07] Entrevistada: Beijo!

Malu Bassan - repórter *Lado M*

[00:00:01] Entrevistadora: Se você preferir que seu nome não apareça na pesquisa, no final, não tem problema nenhum (se você quiser ficar anônima) ou, se não tiver problema para você aparecer, o seu nome sai. Fica a seu critério.

[00:00:12] Entrevistada: Pode colocar o nome, sem problema.

[00:00:14] Entrevistadora: Beleza! Você é jornalista, certo?

[00:00:17] Entrevistada: Isso! Estudante.

[00:00:20] Entrevistadora: Você está na graduação ainda?

[00:00:22] Entrevistada: Isso! Eu estou na graduação. Eu estagio na área, mas estou na graduação ainda.

[00:00:26] Entrevistadora: Você está em qual semestre?

[00:00:28] Entrevistada: Eu estou no sexto.

[00:00:32] Entrevistadora: No sexto? Já está mais para o final do curso, então?

[00:00:35] Entrevistada: Isso!

[00:00:37] Entrevistadora: Você disse que você está estagiando na área. É um estágio além da sua contribuição para o *Lado M*?

[00:00:45] Entrevistada: Sim! É além da minha contribuição. Eu estagio também em comunicação na Cultura Artística, que é uma associação de cultura de São Paulo.

[00:00:56] Entrevistadora: Legal! E por que você decidiu trabalhar para uma iniciativa, como o *Portal Lado M*, que faz jornalismo feminista?

[00:01:05] Entrevistada: Eu gosto muito de escrever, então essa parte de redação é algo com o qual eu sempre quis trabalhar, ou, pelo menos, desejo ter um pouquinho dentro da profissão. Muitas pessoas dentro do jornalismo fazem esse tipo de iniciativas e o *Lado M* precisava de colaboradores. Como achar, por exemplo, um estágio na área de vídeo? Dificilmente você vai escrever 100% daquilo que te interessa? Eu acho que esse tipo de iniciativa me chamou bastante atenção. Eu sempre me interessei em ter produções escritas por mulheres e para mulheres, por isso eu quis colaborar, de alguma forma, com esse tipo de perfil e também, não só para eu ler mais sobre, mas eu também tenho interesse em escrever mais sobre, continuar aprendendo e me interessar por discussões que estavam fora da minha bolha (questões raciais, que eu não sabia muito e eu ainda sei pouco), mas que também foram motivando esse interesse e me fez ver como está tudo conectado: questões de gênero, questões raciais.

[00:02:17] Entrevistadora: Você já estagiou em uma redação de mídia tradicional, de mídia hegemônica?

[00:02:22] Entrevistada: Já! Eu estagiei na revista Carta Capital por um ano e meio.

[00:02:28] Entrevistadora: Como era? Você vê diferença entre a dinâmica do trabalho em um veículo mais tradicional, maior também, mais conhecido nacionalmente, e uma iniciativa como o *Lado M*?

[00:02:46] Entrevistada: Eu vejo algumas diferenças, sim. Como eu estagiei no site... O site tem um perfil um pouco mais aberto. Eu não cheguei a fazer parte da revista impressa e o conteúdo da revista impressa é muito fechado. A parte dos repórteres e dos editores é muito

mais fechada. Eles têm o tema da semana, e vai ser debatido aquilo, que é decidido por eles. Essa abertura de temas e discussões é muito mais difícil. No site, eu sentia que tinha uma abertura maior, mas, ao mesmo tempo, tinha que ser questões que eu via que tinha que ter questões mais nacionais - não podiam ser questões um pouquinho mais locais ou muito específicas ou de uma causa, em geral. Eu sentia que tinha um esforço grande em debater, por exemplo, questões de gênero, questões de classe, mas eu acho que ter um portal específico, como o *Lado M*, para colaborar, rende muito mais discussões. Às vezes, podem ser questões muito mais específicas e pouco éticas, do que a ponto de debater para um público geral. Acho que pelo fato de a *Carta Capital* também cobrir muito mais política do que questões de gênero, acho que isso ficava em segundo plano, então eu vejo essa diferença de abordagem e de aprofundamento das discussões. Eu acho que as discussões eram muito mais pensando em um tema do que realmente ver de perto as ramificações.

[00:04:34] Entrevistadora: Que currículo ótimo de estágios você tem, Malu. Aqui em Brasília, quando a gente ia fazer estágio, na época de graduação, quando eu estava na faculdade, a nossa opção de estágio era o *Correio Braziliense*, que é o que há de mais conservador na cobertura regional, aqui no DF.

[00:04:55] Entrevistada: Eu acho que eu dei muita sorte de começar logo na *Carta*. Eu sei que, quando a *CNN* abriu aqui em São Paulo, muita gente foi para lá. Ou vai para o *Novo*. É muito difícil alguém conseguir ir para uma mídia de segmento. É bem menos conservador. Mas eu acho que eu dei sorte também nesse quesito.

[00:05:21] Entrevistadora: Muito legal! Você gosta do trabalho que você faz, atrelado ao *Lado M*, dessa sua atuação dentro do jornalismo, que faz uma cobertura mais voltada para questões de gênero?

[00:05:37] Entrevistada: Eu gosto bastante. Eu acho que me fez pesquisar mais, ouvir mais pessoas. Como a iniciativa do *Lado M* é feita por diversas meninas, acho que fez ter esse interesse maior em ver a questão interseccional das discussões. Então, sempre que tem um debate maior, que envolve questões de gênero, sempre traz um grupo ou alguém se voluntaria para escrever sobre. É esse interesse que as pessoas têm: “Eu acho que sobre

esse assunto vale a pena escrever” ou “Vou me dispor a escrever sobre” ou “Alguém se disponibiliza para falar?”. Eu acho que é muito legal isso, essa iniciativa de se manter informado e também poder contribuir dentro da discussão. Acho que é legal também esse espaço do *Lado M*, que você pode escrever algumas coisas no sentido mais pessoal. Não é um artigo de opinião, mas escrever a sua vivência mesmo. Então, ter esse espaço de validação é bem legal também.

[00:06:49] Entrevistadora: Isso une tanto as pesquisas sobre gênero e feminismo quanto o jornalismo, por ter espaço para falar um pouco mais na primeira pessoa.

[00:07:00] Entrevistada: Sim! É muito legal. É legal que você vê que as discussões não precisam ser unicamente sobre política, só sobre gênero. Mas, por exemplo, tem uma série legal, então a pessoa pode analisar a série e trazer uma discussão para o lado de gênero. Eu acho que estimula você ficar com um olhar mais aguçado.

—

Ligação interrompida e, na sequência, retomada.

—

[00:00:01] Entrevistadora: Alô?

[00:00:02] Entrevistada: Alô.

[00:00:03] Entrevistadora: Me desculpa! Eu acho que a ligação caiu.

[00:00:04] Entrevistada: Agora voltou. Tinha caído de novo. É que às vezes aqui também cai o sinal do nada.

[00:00:11] Entrevistadora: Então, está bom! Retomando, você estava comentando sobre a sua atuação dentro do *Lado M*. Você me contou que você resolveu procurar, para fazer estágio, iniciativas com viés mais feministas. Eu queria saber se você se considera feminista e por quê.

[00:00:33] Entrevistada: Sim! Eu me considero feminista. Eu acho que, desde a pré-adolescência, quando você vai sentindo o porquê de você se sentir acuada na presença de muitos homens, por exemplo, ou até lidar com situações de assédio ou situações de machismo ou situações de desvalorização do seu trabalho. Você deixa aquilo de achar que

você é a única, aí você descobre com outras meninas que não, que é uma coisa muito maior e que, infelizmente, todas vão ser. Então, eu acho que é nesse sentido de buscar a união. Eu me considero feminista porque eu acredito muito na união das mulheres e na derrubada das barreiras e na revolução de situações de desigualdades de gênero e também porque eu acho que a gente já faz muita coisa e as mulheres já trazem tantas contribuições, mesmo com essa questão de desigualdade. Então, eu acho que se a gente tivesse um parâmetro de desigualdade, as coisas seriam completamente diferentes. Eu acho que é muito difícil você ser mulher e não ser feminista, porque tudo na nossa vida é atravessado por questões de desigualdade de gênero. Eu acho que, quando você entende isso, você questiona e você se une com outras mulheres para debater isso, analisar e tentar reverter a situação de alguma forma ou mesmo questionar, eu acho que já dá para enxergar uma mudança, nem que seja no seu microambiente.

[00:02:24] Entrevistadora: É engraçado porque eu estava colocando essa questão para uma leitora na semana passada. Ela me disse que ela não se considera feminista, embora ela acompanhe os portais que fazem coberturas com jornalismo mais feminista. Ela acha que ela não pode se dizer feminista porque ela é contrária à descriminalização do aborto, embora ela concorde com todo o resto. Eu fiquei pensando nisso depois: às vezes são só questões de interpretações sobre o que é o feminismo.

[00:02:54] Entrevistada: Sim! Eu já vi meninas negras que falam que não se consideram feministas porque muito do movimento feminista ainda é muito racista, e não dá para elas se identificarem com essa luta, então teria que ser outro movimento ou uma parcela do movimento negro, por exemplo. Então, entender essas diversas vertentes desse movimento faz você se identificar de uma forma maior. Eu acho que alguém se denominar feminista de uma forma abrangente é muito simples, mas quando você vai entendendo as camadas, faz você se questionar diversos aspectos da vida. Eu acho que é muito importante entender o movimento como algo cheio de vertentes, até para você conseguir enxergar as coisas por diversas lentes. Acho que é muito maior do que simplesmente desigualdade entre homens e mulheres.

[00:03:52] Entrevistadora: Com certeza! Pensando nisso, eu queria entender um pouquinho melhor o que é ser feminista para você, da sua perspectiva.

[00:04:02] Entrevistada: Para mim, ser feminista é estar sempre em uma posição de questionamento de por quê as coisas são assim: questionamentos diários, desde coisas que você ouve e assiste até entender o seu relacionamento com a sua família. Eu acho que ser feminista é estar nessa posição de questionamento e de buscar um direcionamento e entender que as coisas não devem ser do jeito que elas são. É se colocar nesse posicionamento de desconstrução também, de estar disposta a quebrar coisas, inclusive quebrar pensamentos mais pessoais, se colocar em posições desconfortáveis e entender que muito do que a gente vive está muito ligado a uma estrutura que não deveria existir. Quando você entende que muitas questões (desde autoestima até direitos trabalhistas, até o que faz sucesso na televisão e na música) estão ligadas ao machismo, por exemplo, faz você tentar sempre alimentar uma noção de mundo e também estar sempre disposto a ouvir outras pessoas. Eu acho que não dá para ser feminista no seu mundinho. Acho que você tem que estar sempre disposto a questionar a sua própria realidade e a realidade periférica e aquilo que sempre foi colocado para você como normal.

[00:05:56] Entrevistadora: Em que contexto da vida, você se lembra que você descobriu que você tinha afinidades com a pauta feminista?

[00:06:06] Entrevistada: Eu imagino que deva ter sido na época dos meus 13 ou 14 anos. Eu sempre fui uma grande usuária da internet, então eu sempre vi muito conteúdo produzido por mulheres. Eu acho também que, por eu ter figuras muito fortes na minha família (minha mãe e minha avó, por exemplo) e eu ouvi sempre dizer que elas tiveram que lidar com situações que elas tiveram que se reafirmar, reafirmar o trabalho delas e o valor delas. Quando eu perguntava: “Por que vocês fazem isso?”, elas me respondiam: “Porque eu sou mulher”. Você vê que tem alguma coisa errada. Então, eu tive que viver de perto essa luta de mulheres perto de mim. Além disso, passei por posição desconfortável, que, por exemplo, o meu irmão não lidava e que homens à minha volta não lidavam, mas que minhas amigas lidavam. Tive que ver que isso não eram situações que só eu tinha que lidar, mas era uma coisa muito maior.

Então, eu acho que essa coisa questionadora, que eu sempre tive, que eu acho que também me levou para o jornalismo, esse lado de “por que as coisas são assim?”, e de buscar uma mudança de certa forma... Eu acho que foi tudo muito junto. Eu também tive conversas com família. Quando você vai crescendo, você vai perguntando as coisas. Até de você assistir algumas coisas ou viver algumas situações que me deixavam incomodada e pensar: “Será que é coisa da minha cabeça ou será que isso está errado mesmo?”. Eu via que não. Eu via que são diversas situações que causam esse desconforto por eu ser mulher. Então, eu acho que foi tudo isso, nesse contexto de 13 ou 14 anos, que junta internet, juntar ler, por exemplo, relatos de meninas que sofreram situações de violência em relacionamentos ou por parte da família e também ter esse contato com situações fora da minha bolha também me fez ver que: “Espera aí! Não é porque eu não me incomodei com uma situação que ela não existe”. Acho que isso também me fez, por exemplo, tentar pesquisar bastante sobre questões de legalização do aborto, que eu nunca tinha parado para pensar. Isso pode não me afetar tanto, porque eu tenho acesso, eu sei o que é um método anticonceptivo ou, se acontecesse comigo, eu não pensaria em abortar, por exemplo (situação hipotética). Mas não está relacionado a mim. Isso está relacionado com todas as mulheres. Não é porque isso não me afeta de maneira tão direta que eu não tenho que lutar por aquelas que possam ser afetadas.

[00:09:16] Entrevistadora: Você me falou que foi na faixa dos 13 ou 14 anos. Você tem quantos anos hoje?

[00:09:21] Entrevistada: Hoje eu tenho 21.

[00:09:24] Entrevistadora: Então, você pegou bem essa fase quando começaram aquelas campanhas baseadas em *hashtags*, lá por 2015 ou 2016.

[00:09:33] Entrevistada: Sim!

[00:09:35] Entrevistadora: Você participou de alguma delas?

[00:09:38] Entrevistada: Acho que não participei como usuária, mas eu acompanhei a movimentação. Eu lembro, por exemplo, da “Chega de Fiu Fiu” da Think Olga, que foi bastante comentada. Eu lembro que eu tinha um blog na época, que era um blog pessoal, e

eu coloquei o *banner* no meu blog. Foi mais ou menos assim a minha participação, mas não de ter uma cobrança ativa.

[00:10:09] Entrevistadora: Você não chegou a compartilhar histórias pessoais, mas você compartilhou o movimento.

[00:10:14] Entrevistada: Isso!

[00:10:16] Entrevistadora: Você comentou da sua mãe e da sua avó, que você teve influência delas, para ser mais independente e para ter essa visão mais ampla sobre as questões de gênero. Elas se identificam como feministas?

[00:10:31] Entrevistada: A minha avó, eu não sei, porque a minha avó faleceu quando eu tinha 11 anos. Mas, pelas histórias da minha avó, por questão de trabalho, ela tinha que lidar com muitas situações de desigualdade, e ela sempre lutou pela posição dela. A minha mãe se considera, embora a gente tenha divergências sobre algumas pautas. Mas ela se considera, sim.

[00:11:00] Entrevistadora: Eu trouxe essa pergunta porque algumas outras mulheres que eu entrevistei também disseram que tiveram influência das mães e das avós. Eu mesma tenho também. Mas essas pessoas, muitas delas comentaram: "Porém minha mãe e minha avó não se dizem feministas, inclusive são contrárias ao movimento, mas eu vejo nelas muitos traços de mulheres feministas".

[00:11:25] Entrevistada: Eu acho que tem muito de não entender o que é o movimento ou de ter uma imagem errada. Eu lembro que, quando eu tinha 14 ou 15 anos, a Marcha das Vadias era uma coisa que fazia muito barulho aqui em São Paulo. Sempre que tinha - acho que era todo ano -, sempre tinha as meninas que iam na frente sem blusa. Aí, você falava: "Se você é feminista, então automaticamente você quer andar sem blusa na rua" - era uma coisa assim que as pessoas relacionavam. São os estereótipos dentro do próprio movimento. "Se você é feminista, você não se depila" - são coisas que reproduzem diversos estereótipos que as pessoas ficam: "Eu não me identifico com isso, então automaticamente eu não sou feminista". Mas não é bem por aí!

[00:12:18] Entrevistadora: Você falou também sobre o seu irmão e que você via diferenças entre vocês. Como o seu trabalho, quando você começou a produzir para o *Lado M* ou estagiar na *Carta Capital*, por exemplo, e essa atuação profissional afetaram o seu convívio familiar? Mudou alguma coisa em relação ao jeito que você pensava e a forma como você passou a interagir com a sua família?

[00:12:48] Entrevistada: Eu acho que eu sou muito privilegiada, no sentido de que a minha família toda, assim como eu, é de esquerda. A gente pensa muito igual em diversas situações. Mas eu acho que eu fui trazendo mais discussões e questionando mais coisas que, às vezes, para eles, não faziam tanto sentido. Por exemplo, a questão do aborto é uma. Desde que eu comecei a ler sobre - eu defendo a legalização do aborto -, é uma coisa que, sempre que eu trazia ou falava sobre ou comemorava a legalização em outro país, era algo que eu via que era delicado aqui dentro da minha família. Eu acho que eu passei a levantar mais pautas do que falar mais sobre assuntos relacionados à violência de gênero. Eu acho que, de certa forma, a minha mãe foi vendo que eu estava questionando mais e eu estava pendendo mais para o mundo, de certa forma. Eu acho que, para ela, seria pior se eu achasse que estava tudo normal.

[00:14:05] Entrevistadora: É verdade! Eu contribuo, de vez em quando, com a *Não Me Khalo*. A gente estava fazendo um levantamento para produzir vídeos e conteúdos sobre feminismo para o TikTok. Fizemos um levantamento de outros vídeos que podiam ser interessantes para servir de inspiração. A gente viu um que era, justamente, uma crítica dizendo: “Como pode existir jovem conservador?”. São duas coisas que absolutamente não combinam.

[00:14:35] Entrevistada: Exato!

[00:14:39] Entrevistadora: Voltando para a questão do *Lado M*: você acha que a sua visão sobre o feminismo mudou depois que você começou a atuar na iniciativa?

[00:14:50] Entrevistada: Acho que não. Quando eu comecei a atuar - acho que foi no ano passado -, como colaboradora, acho que não mudou. Eu só fui conhecendo sobre mais pautas, mas eu acho que a questão sobre a interseccionalidade. De que não dá para dissociar

as questões de gênero de questões raciais, de questões de classe, elas já estavam comigo. Elas só foram reforçadas, dentro da colaboração.

[00:15:21] Entrevistadora: Como você se sente quando você está desenvolvendo as atividades ou para o *Lado M* ou para iniciativas similares para as quais você já tenha contribuído?

[00:15:34] Entrevistada: Primeiro, eu fico muito revoltada de pensar “por que eu tenho que escrever sobre isso?”. Era uma coisa que não era para existir. Eu acho que o fato de você escrever sobre o tema ligado à causa feminista e ver as meninas se identificando e levantando debates sobre e vendo que você pode escrever alguma coisa que alguém da sua bolha, por exemplo, nunca tinha pensando sobre ou que alimentou um debate a mais, é muito legal. É essa sensação de não estar sozinha e de ver que tem mais gente questionando, mais gente disposta a fazer mudança na sua bolha. Eu acho que, de pouquinho em pouquinho, é que a gente consegue mudar as coisas.

[00:16:29] Entrevistadora: Quando você se depara com alguma pauta mais delicada ou quando você tem que escrever sobre ou quando você está trabalhando e lê sobre pautas relacionadas à violência contra a mulher, como isso afeta a sua rotina?

[00:16:45] Entrevistada: É uma coisa que me afeta às vezes até fisicamente, de ficar mal o dia inteiro. Eu acho que tem dois extremos: de você não conseguir nem ler aquilo, por ficar tão (inaudível) ou de você ler aquilo e ler mais coisas relacionadas porque você quer entender por que aquilo acontece. Eu lembro que, quando teve o caso da Mariana Ferrer, por exemplo, foi uma coisa que eu não conseguia parar de ler sobre. Eu ia atrás, via vídeos, conversava com as pessoas, compartilhava, porque eu estava indignada. “Como é possível todas essas coisas acontecerem e falarem que a culpa é dela?”.

[00:17:35] Entrevistadora: Com toda a estrutura do Estado corroborando...

[00:17:39] Entrevistada: Exato! Então, você fica muito, muito revoltada. É uma coisa que me afeta ao ponto de eu não conseguir pensar em outra coisa, de ficar mal e de parecer que o dia acabou. Isso é um caso noticiado, mas e todas as outras mulheres que passam por isso e têm que aguentar caladas, não vai para lugar nenhum e ninguém fala sobre? A coisa é

muito maior do que a gente imagina. É muita revolta. Eu fico muito nervosa de ter que escrever sobre. Mas, ao mesmo tempo, eu prefiro muito mais escrever do que deixar o assunto morrer. Eu acho que a gente tem que questionar e levar esses questionamentos para as outras pessoas. As pessoas estão falando sobre isso e não se cansam de falar. Eu acho que, quanto mais a gente fala, mais a gente tem a chance de fazer as outras pessoas questionarem também.

[00:18:43] Entrevistadora: Como você acha que o trabalho de vocês no *Lado M* atinge a sociedade?

[00:18:51] Entrevistada: Eu gosto muito da forma que as pautas não se estendem unicamente a situações políticas, por exemplo. São assuntos muito complexos, mas que são levados a diversas análises: alguém trazer um relato pessoal ou alguém falar de uma série (inaudível) o movimento feminista ou que outras mulheres deveriam saber. É esse exercício mesmo, de quando você é colaboradora, eu sempre penso: “O que eu posso escrever sobre isso?”, aí você passa a adotar essa lente para tudo aquilo que você vive e para tudo aquilo que você assiste. Acho que pelo fato de o debate não ficar só dentro da esfera política e ter esse lado cotidiano e ser estendido para meninas de diversos lugares, e não só para a cidade de São Paulo, por exemplo, abre um caminho muito grande para identificação e para compartilhamento de experiência.

[00:19:55] Entrevistadora: Isso de conseguir ser abrangente e chegar até tanto leitores como colaboradoras do país inteiro é muito sensacional. Eu fico que nem você: às vezes, eu fico muito desesperançosa com o mundo, quando eu vejo notícias relacionadas à violência contra a mulher ou da sociedade se mostrando muito conservadora e reacionária, mas, no sábado, por exemplo, eu entrevistei uma menina que é leitora do *Lado M*, uma menina de 17 anos, que mora no interior da Paraíba. Ela estava me contando como isso afetou a vida dela. Uma professora, no nono ano, começou a estimular a turma a debater mais questões de gênero e ela começou a levar esses debates para casa. Ela disse que teve vários embates com o pai dela, mas ela não aceitava como o pai tratava a mãe. Eu fiquei pensando: não tem mais jeito,

é um movimento que a gente não vai mais recuar, porque já está mudando a mentalidade das meninas desde novinhas.

[00:21:10] Entrevistada: Eu acho que também, (inaudível) dentro do espaço universitário, acho que muitas meninas já chegam tendo uma bagagem prévia, ou seja, um contato na pré-adolescência ou na adolescência. Pode ser até que a escola tenha um coletivo feminista ou de gênero. Então, às vezes, você sente: “Será que esse é o ponto máximo que a pessoa passa?”. A gente vê que não. Para a gente, pode ser coisa muito simples, mas tem meninas, que nem você falou, do interior ou de cidades muito pequenas, que fazem as mudanças por elas mesmas. É muito de pensar fora da bolha. Às vezes, a gente fica: “por que eu vou debater sobre esse assunto pela vigésima vez?”, mas aí você pensa: “para mim, pode ser a vigésima, mas para a pessoa que está ouvindo, pode ser a primeira”. Eu acho que a gente não pode deixar de falar nunca sobre essas questões.

[00:22:11] Entrevistadora: Você comentou de coletivos de militância feminista nas escolas, nas universidades. Você participa de algum? Você já participou de algum?

[00:22:21] Entrevistada: Não. Nunca participei. Tem o coletivo da faculdade, mas acho que até por indisponibilidade de tempo, eu nunca participei de coletivo.

[00:22:32] Entrevistadora: Antes, você comentou também que, quando você começou a se identificar com o movimento feminista, você falou de às vezes as mulheres se sentirem acuadas na frente dos homens. Você se sente ou já se sentiu de alguma forma acuada por se identificar com o movimento feminista?

[00:22:51] Entrevistada: Ah, já! Eu acho que, na adolescência, muitas pessoas tinham a visão de que o feminismo era muito radical, sei lá. Então, eu lembro que muitas pessoas falavam: “Nossa, amiga! Você é feminista? Então, você acha errado que toda mulher case e seja ‘do lar’?”. Então, parecia que você estava querendo substituir uma coisa pela outra. Não é nada disso. É, justamente, para que a mulher tenha direito de escolher aquilo para a vida dela, aquilo que ela sente mais confortável, sem que isso seja uma escolha de outras pessoas em cima dela ou que aquilo seja a única escolha que ela tenha. Eu, por exemplo, estudava em um colégio católico. Se eu chegasse e falasse que era feminista e que eu era a favor da

legalização do aborto, eles achavam que você não queria que nenhuma mulher casasse ou tivesse filho e que, se ficasse grávida, tinha que abortar. Tinha gente que pensava assim, na minha pré-adolescência. Acho que, principalmente, questionar cada coisinha. “Por que fulano falou tal coisa?”, “Por que tal pessoa está ‘olhando torto’? É por causa da roupa dela? É por causa do que ela falou?”. Eu também acho que esse questionamento constante, que eu lembro, logo que eu entrei... Eu me identifiquei como feminista. Então, eu acho que as pessoas também ficaram um pouco acuadas.

[00:24:41] Entrevistadora: Você nunca deixou de se posicionar então?

[00:24:43] Entrevistada: Oi?

[00:24:44] Entrevistadora: Você não deixava de se posicionar então?

[00:24:47] Entrevistada: Não! Às vezes, não era nem chegar e falar para a pessoa. Eu comentava com uma amiga minha ou comentava com alguém de perto. Então, de certa forma, eu estava sempre questionando as coisas. Às vezes, a pessoa falava: “Eu gostei de tal coisa”; aí eu falava: “Você percebeu o jeito que a mulher é retratada?”. Aí a pessoa: “Nossa! Nunca parei para pensar nisso”. Então, eu sempre ficava levantando umas pautas, umas visões das coisas, que muita gente não pensava.

[00:25:18] Entrevistadora: Você já chegou a sofrer algum tipo de ameaça, já teve embates ou até já viveu violência por se alinhar com o feminismo?

[00:25:28] Entrevistada: Não que eu me lembre. O máximo foi discussão, com a minha família, por exemplo. Mas nunca foi alguma coisa extrema, de alguém parar de falar comigo. “Você é feminista, então não fala mais coisa”, isso eu nunca tive. Mas teve discussão, embate. “Por favor, não vamos discutir porque não vai mudar nada e você não vai mudar o jeito que eu penso”. O máximo foi isso. Nunca foi uma coisa extrema.

[00:25:59] Entrevistadora: Mesmo na internet?

[00:25:01] Entrevistada: Mesmo na internet.

[00:26:03] Entrevistadora: O que te motiva, Malu, a trabalhar para o *Lado M*, a trabalhar para uma iniciativa que faz jornalismo feminista?

[00:26:11] Entrevistada: O *Lado M* me foi apresentado por amigas da faculdade. Eu faço USP. Acho que a criadora é da USP.

[00:26:26] Entrevistadora: Sim, ela é. Eu conversei com ela. É Mariana também o nome dela.

[00:26:30] Entrevistada: Isso! Ela apresentou nos grupos da faculdade. Eu vi que várias meninas, amigas minhas, também estavam tentando colaborar de alguma forma. É legal a sensação de poder escrever sobre uma coisa que eu gosto, dentro do viés que eu acredito que é importante: visão de gênero. Então, foi muito a identificação com a pauta e também saber que eu iria ter um espaço, que não fosse tão rígido, como ter o editor da revista falando o que eu tenho que escrever, por exemplo, ou que eu tenho que cobrir tal coisa. Acho que essa ideia de propor temas também me atraiu bastante.

[00:27:15] Entrevistadora: Como é a sua rotina de trabalho para o portal?

[00:27:19] Entrevistada: Todo mês ou a cada dois meses, a Mariana passa as sugestões de pauta. Às vezes, ela deixa alguns temas previamente ou ideias dela mesmo, aí você pode se candidatar para escrever. Normalmente, o tempo para escrever é até a próxima reunião de pauta. Mas, nesse tempo, você pode sugerir pautas. Por exemplo: alguma série ganhou um prêmio legal e essa série fala sobre questões de gênero, então alguém se voluntaria ou conversa com o grupo ou manda para a Mari diretamente. “Eu quero escrever sobre tal tema” ou “Alguém gostaria de escrever sobre tal tema?”. Também tem muito isso: “Eu não consigo escrever sobre tal tema agora, mas eu deixo como sugestão”. Aí, vai como uma coisa muito orgânica, muito espontânea. Se alguém vê uma ideia legal, procura escrever e pegar as ideias previamente. Aí, a gente vai escrevendo conforme a rotina. É uma coisa com um tempo bem livre. A não ser que tenha um gancho específico, não tem pressão de escrever dentro do prazo, que é uma coisa que também me ajuda bastante. Se eu tenho uma ideia e “eu quero me dedicar mais a ela”, aí eu fico demorando mais tempo com a pauta.

[00:28:45] Entrevistadora: As tarefas que você faz são mais atreladas a escrever mesmo, né?

[00:28:50] Entrevistada: Isso, escrever!

[00:28:53] Entrevistadora: Com quem que, geralmente, você interage? Com a própria Mariana?

[00:29:00] Entrevistada: Com a própria Mariana e às vezes com alguma amiga minha próxima, que sugeriu uma pauta. A discussão sobre o debate de pautas é maior dentro do grupo, mas às vezes de escrever junto, por exemplo, tem que ser com uma amiga ou alguém próximo, que também é colaboradora.

[00:29:21] Entrevistadora: Então, você também tem amigas que também contribuem. Como é a sua relação com as colegas do *Lado M*?

[00:29:30] Entrevistada: É bem legal! Eu não converso tanto com elas, mas todo mundo eu já conheço previamente da faculdade. É legal porque, às vezes, troca ideias de pauta: “Você acha que vale mandá-la para o *Lado M*?”; ou pergunta: “Você acha que tal ideia funciona?”, “Você acha que essa ideia vai ser legal?”. Então, tem essa coisa de às vezes alguém estar com um pouco de vergonha de perguntar e pergunta para a outra. Então, é legal ter essa rede de apoio também. Isso não é só na pauta. No grupo de WhatsApp, por exemplo, sei lá, alguém tem uma vaga para mulher, aí mandam lá no grupo; ou alguma iniciativa de apoio a alguma doença ou apoio a alguma causa; ou tem alguma organização relacionada à questão de gênero, aí manda lá no grupo também. Cria essa rede de contato!

[00:30:26] Entrevistadora: E a relação de vocês com fontes? Como vocês fazem para levantar fontes, para entrar em contato? É fácil entrar em contato quando vocês dizem que são do *Lado M*?

[00:30:39] Entrevistada: Eu propus duas pautas e em nenhuma delas eu precisei de fonte. Mas com amigas minhas que tiveram, foi sempre uma coisa muito tranquila. Muitas vezes é mais pelo tema do que pelo veículo em si. Eu acho que também é uma vantagem conversar com outras meninas, porque normalmente elas são muito abertas para falar sobre. Então, às vezes, elas participam de grupos que falam sobre questões de relacionamento, questões ligadas à sexualidade. É sempre um espaço muito aberto. Então, eu nunca vi um problema em falar que eu vou procurar alguma fonte por ser do *Lado M*. Acho que é mais pela pauta do que pelo veículo.

[00:31:24] Entrevistadora: Você considera que o que vocês fazem no *Lado M* é jornalismo?

[00:31:30] Entrevistada: Eu considero. Considero jornalismo. Tem desde o cuidado com a pauta e o cuidado com a relevância da pauta (“Vamos fechar um tema que é importante de discutir e que as pessoas deveriam conhecer mais”), até o cuidado com a fonte (procurar perfis diferentes para entrevistar), de trazer temas que a gente já falou muito sobre, mas a gente sabe que tem pessoas que não conhecem. Tem isso de usar os aspectos do movimento feminista de diversas maneiras, desde falar sobre alguma teórica feminista importante, até falar sobre uma personagem de uma novela. Eu acho que lidar com essa diversidade desse movimento também é muito legal e também é muito importante. Acho que todo o trabalho de atrair fonte, de apurar e de conferir informação está dentro do trabalho jornalístico. O *Lado M* preza por isso.

[00:32:39] Entrevistadora: Quem é o público de vocês? Para quem vocês escrevem?

[00:32:45] Entrevistada: Eu imagino que são garotas, da faixa dos 18 aos 35. É a época em que acontece muita coisa, em que a gente lida e está mais suscetível a esse tipo de questionamento. Acho que as classes sociais são diversas, tanto pelo perfil das meninas que escrevem quanto pela temática. Acho que é para o Brasil inteiro. Acho também que não é restrito a uma área. Acho que é para o país inteiro.

[00:33:29] Entrevistadora: Será que a iniciativa tem *haters*? Você considera que o *Lado M* recebe ataques de *haters*, nos comentários, no site?

[00:33:41] Entrevistada: Eu nunca vi e nem nunca soube. Mas eu acredito que, se for uma matéria que fica um pouquinho maior, já pode atrair esse tipo de comentário, infelizmente. Só de estar na internet já está suscetível a isso. Eu nunca vi acontecer com o *Lado M*, mas eu já vi acontecer com outros perfis, como a *Revista AzMina*, por exemplo. Então, eu acho que a gente está suscetível a isso.

[00:34:08] Entrevistadora: Eu já conversei com o pessoal da *AzMina* também. No *Lado M*, a Mariana me disse que no início tinha uns comentários, mas eram ameaças que nunca se concretizaram e que foram desaparecendo com o tempo e hoje praticamente não tem mais nada, que chega diretamente para ela, quando ela vai alimentar o portal e as mídias sociais. Uma das editoras da *AzMina* disse que elas recebem muitos ataques *hackers* no site, então

elas têm que ficar sempre lidando com essa realidade dos *haters*. Como é a relação do *Lado M* com outros grupos de mídia independentes e de midiativismo feminista? Você falou agora da *AzMina*. Existe esse contato e esse compartilhamento de experiências?

[00:35:04] Entrevistada: Eu nunca vi diretamente, mas eu acredito que exista. Eu não imagino que tenha uma concorrência, por exemplo, de um portal ser maior que o outro. Eu acredito que o compartilhamento de experiências deve ser muito maior, até, por exemplo, de ver algo na *AzMina* e querer postar no *Lado M* - acho que é uma coisa que poderia acontecer. Então, acho que não tem nenhuma concorrência nesse sentido. Acho que é sempre dizer que uma discussão levantada em um veículo vale a pena trazer para outro.

[00:35:36] Entrevistadora: O que te gera mais satisfação no trabalho para o *Lado M*?

[00:35:41] Entrevistada: Eu acho que é poder compartilhar pontos pessoais, desde uma coisa que eu achei interessante ou até eu posso ter vivido alguma situação e achar que isso vale como pauta, para as próprias meninas saberem e para rolar uma identificação, de não querer que as meninas se sintam sozinhas. Acho que também a liberdade de poder escrever sobre tudo. Eu lembro que a primeira pauta que eu peguei era um perfil da Oprah, uma coisa que é super da área cultural, que é uma coisa que me atrai bastante, mas que também me fez questionar diversas coisas em relação à violência de gênero e racial. É sempre esse processo de estar aprendendo. Acho que, desde que você se propôs a escrever uma pauta, eu acho que é muito difícil você começar e terminar com a cabeça do mesmo jeito. Acho que você aprende muito no processo e acho que isso é muito legal.

[00:36:53] Entrevistadora: O que te gera insatisfação quando você está trabalhando ou fazendo as suas atividades relacionadas ao *Lado M*?

[00:37:02] Entrevistada: Eu acho que foi uma coisa muito pessoal, que é que eu gostaria de contribuir mais, mas eu não consigo. Acho que é isso! Eu nunca tive uma situação de ter que lidar com uma questão negativa dentro do espaço. Acho que ele é muito aberto. Acho, inclusive, que eu poderia contribuir mais, mas eu não consigo por questão de tempo mesmo e de rotina minha.

[00:37:24] Entrevistadora: Você tinha comentado antes que você, desde novinha, está inserida nesse contexto de uso da tecnologia, da internet. Qual você acha que é o papel da tecnologia e da internet no desenvolvimento das atividades do *Lado M*?

[00:37:40] Entrevistada: Eu acho muito, muito importante. Eu acho que é uma ferramenta que não dá para não ser usada e que a gente tem que aproveitar todo o potencial que ela oferece. Ter perfis em redes sociais ajuda muito no acesso ao site, por exemplo; ter o convite para que outras meninas pudessem escrever também é muito legal, e se manter ativo e ter esse compartilhamento do conteúdo que é escrito. Não adianta só escrever; você tem que compartilhar para alguém ler. Acho que não tem o impacto desejado. Ter um veículo dentro da internet, com perfil no Facebook e no Instagram, eu acho que é muito importante e ajuda muito. Também é uma forma de as pessoas conhecerem. Às vezes, a pessoa pode conhecer o veículo não pelo nome, mas pelo *post* que foi compartilhado por alguém que escreve ou por alguém que leu, aí acaba conhecendo. Eu acho que é legal também para atrair mais leitores.

[00:38:48] Entrevistadora: Nesse contexto de pandemia, como você acha que a pandemia, em si, e toda a tragédia ocasionada pelo coronavírus se refletiu no trabalho do *Lado M*?

[00:39:07] Entrevistada: Eu imagino que as meninas passaram a pensar mais sobre a questão da mulher no contexto da pandemia, a questão do trabalho, por exemplo. Acho que até chegaram a falar sobre a questão da maternidade, como quando a mãe está em casa e tem que cuidar do filho, tem que cuidar da casa, e tem o trabalho. Eu acho que é um exercício para a gente olhar para a nossa própria realidade, com questionamentos que a gente levanta para escrever também. Então, fazer parte do *Lado M* e ver o que o *Lado M* produz faz a gente questionar essa realidade que a gente está enfrentando e como isso se reflete na sociedade. No exemplo da maternidade, por exemplo, acho que muita gente nem pensou sobre a carga de trabalho ou achou que era uma coisa normal - mas não deveria ser uma coisa normal o tanto que a mulher tem de trabalho, o tempo que ela tem que dispor dentro de casa, ainda mais nesse contexto de pandemia. Então, eu acho também que ter esse olhar crítico sobre a casa e o espaço de cada uma também foi levado para o *Lado M*, como sugestões de pauta

ou também como conteúdo que a gente consome. A questão da pandemia também fez as meninas verem muito mais séries e filmes e terem muito mais ideias nesse sentido.

[00:40:40] Entrevistadora: E para o movimento feminista, quais você acha que são os impactos da pandemia?

[00:40:47] Entrevistada: Nossa! Eu acho que a gente aprende bastante coisa. Essa questão de entender que ainda tem muita coisa para a gente perguntar: o trabalho, a questão da maternidade, que ficaram muito claras e muito em discussão. Eu acho que a gente tem que entender que ainda tem muito a se debater dentro do movimento e muito para ajudar. Eu acredito que a questão da pandemia fez a gente entender muito mais a importância da rede de apoio, de carga de trabalho, de carga emocional e como isso afeta, principalmente, as mulheres e pensar nessas questões dentro do ambiente (inaudível), pensar, por exemplo, em questões de violência de gênero, de violência doméstica, no sentido de ficar trancada em casa, sem ter o que fazer. Acho que evidenciou e reforçou muitos problemas e muitas dúvidas que a gente já tinha e fez a gente questionar e entender que a gente achava em alguns pontos que estava progredindo, mas ainda tem muita coisa para buscar.

[00:42:23] Entrevistadora: Com relação a essa conjuntura de ampla disseminação de notícias falsas, você acha que isso afeta como o *Lado M*?

[00:42:33] Entrevistada: Eu acho que não só o *Lado M*, mas todos os veículos de maneira geral. Para os veículos independentes é ainda mais difícil porque as pessoas leem as coisas e não acreditam ou questionam muito, então a gente tem que ter um trabalho redobrado de perguntar, de ir atrás para conseguir a informação e acho que de continuar a fazer o nosso trabalho, porque sempre vai ter alguém, em qualquer veículo, que vai falar: “Talvez, para o público, não é verdade”. Então, a gente tem que ter um cuidado ainda maior com o que a gente publica e de não desistir e continuar escrevendo, mesmo que a gente chegue e fale que é mentira por qualquer que seja a razão.

[00:43:23] Entrevistadora: Você falou como as *fake news* afetam o jornalismo e, em especial, o jornalismo independente. E o movimento feminista? Como você acha que as notícias falsas se refletem no movimento?

[00:43:38] Entrevistada: Eu acho que pode fazer muitas pessoas terem uma ideia errada, uma ideia extremista do movimento. Muitas vezes, eu ouvi gente falando: “O feminismo é o contrário do machismo”. Tem coisas muito simples dentro do movimento, até a própria deslegitimação das pessoas que estão falando... Por exemplo, alguém deu uma informação errada e, de repente, descobrem que ela é feminista. Aí falam: “Toda feminista vai dar informação errada” - falsos paralelos. É aquilo de acharem que uma pessoa fala pelo movimento inteiro. Acho que isso também são questões que podem prejudicar muito o movimento, ainda mais com as *fake news*.

[00:44:37] Entrevistadora: Na sua opinião, o que faz com que a iniciativa, o *Portal Lado M*, continue existindo? Muitos desses projetos duraram pouco tempo. Eles surgem, perduram por um ou dois anos, mas depois não conseguem se sustentar nem se manter.

[00:44:58] Entrevistada: Eu acho que ele está sempre aberto a colaboradores - acho que é anual, o processo para você ser colaboradora. Você pode só se candidatar, sem processo seletivo ou coisa do gênero. Eu acho que pela diversidade de temas abordados pela lente feminista e eu acho que também pela disposição das próprias meninas. Eu acho que sempre vai ter uma menina que vai querer falar sobre o assunto e que vai querer ler sobre. Eu acho que essa diversidade, esse cuidado e estar sempre trazendo meninas novas para falar para dentro do portal é legal e acredito que é um dos motivos que fazem o *Lado M* continuar.

[00:45:52] Entrevistadora: Malu, são essas as perguntas que eu tenho para fazer. Você tem alguma dúvida ou algo que você queira acrescentar?

[00:46:01] Entrevistada: Não tenho! Eu só quero agradecer pelo convite. As suas perguntas foram muito legais e me fizeram pensar sobre bastante coisa. Muita boa sorte no seu trabalho.

[00:46:14] Entrevistadora: Obrigada! Eu também quero agradecer muito pelo seu tempo e pela sua atenção e por você ter se disposto a conversar comigo durante uma hora. O trabalho vai ficar pronto só daqui um tempinho, porque eu estou no meio do doutorado. Caso você tenha mais alguma coisa para pontuar, algo que você lembre, que você queira acrescentar e me dizer, é só você me avisar. Eu fico totalmente à disposição, caso você queira compartilhar mais algum ponto, mais algum assunto.

[00:46:50] Entrevistada: Está certo! Qualquer coisa, se precisar, pode me chamar no Instagram e, agora que você tem meu número, pode me chamar no WhatsApp também.

[00:46:57] Entrevistadora: Então, está bom! Eu digo o mesmo: se você quiser acrescentar algo mais, é só me avisar. Pode ser pelo WhatsApp ou pelo Instagram também. Muito obrigada!

[00:47:07] Entrevistada: Eu que agradeço!

[00:47:08] Entrevistadora: Uma boa semana. Um beijo!

[00:47:10] Entrevistada: Obrigada! Para você também. Tchau, tchau!

[00:47:13] Entrevistadora: Tchau, tchau!

Mariana Miranda - editora *Lado M*

[00:00:01] Entrevistadora: Você é jornalista também, né?

[00:00:02] Entrevistada: Sim! Sou formada em Jornalismo.

[00:00:04] Entrevistadora: E você mora em São Paulo, certo?

[00:00:06] Entrevistada: Exato!

[00:00:08] Entrevistadora: Você mora em São Paulo capital mesmo?

[00:00:11] Entrevistada: Sim!

[00:00:14] Entrevistadora: Você começou trabalhando como jornalista em redação? Você saiu e resolveu montar o projeto? Como é essa trajetória profissional?

[00:00:30] Entrevistada: Na verdade, é um pouco diferente. O *Lado M* nasceu quando eu estava na faculdade ainda, junto com outra amiga minha. Eu sou formada, como eu falei, em Jornalismo. Eu fiz Jornalismo na USP. Quando eu estava na faculdade, lá para 2013 ou 2014, ainda não tinha rolado esse *boom* de todo mundo falar de empoderamento feminino, todo mundo falar de feminismo. Ainda era uma coisa - pelo menos na minha visão - voltada para as universidades, de ter coletivo feminista e de ter essas pautas sendo debatidas. As próprias revistas femininas mais tradicionais não trabalhavam esse tema tão fortemente, como elas trabalham hoje. Era uma coisa bem discreta e não era muito falado. Foi nesse ambiente universitário - eu conversando com uma amiga minha -, que a gente resolveu criar o *Lado M* com a cara que ele tem hoje: um portal voltado para mulheres, um portal que fala sobre empoderamento feminino e outras questões tabus para a sociedade e que promove esse debate. Então, na verdade, o *Lado M* nasceu na universidade e ainda é, até hoje, um projeto voluntário, que é escrito por voluntários. O projeto já tem hoje os seus seis ou setes anos, mas ele nunca foi um projeto que a gente conseguiu monetizar. A gente tentou, por um tempo, monetizar, mas eu nunca vivi, financeiramente falando, por conta do *Lado M*. Eu sempre precisei trabalhar em outros lugares para conseguir pagar as minhas contas e manter o *Lado M* vivo.

[00:02:28] Entrevistadora: Você chegou a atuar em redação, como jornalista?

[00:02:33] Entrevistada: Eu não cheguei a trabalhar em redação. Eu, desde o estágio, até hoje, trabalho mais com comunicação corporativa, trabalhando com assessoria de imprensa, dentro de empresa. Essa foi a minha trajetória profissional até aqui. Em redação mesmo, em jornalismo mais tradicional, eu nunca trabalhei.

[00:02:53] Entrevistadora: Você disse que é um projeto em que as pessoas estão inseridas de maneira voluntária. São mais de 50 colaboradoras no país inteiro?

[00:03:03] Entrevistada: Isso! Exato! Nós temos mais de 50 colaboradoras. Esse número vai alterando, justamente por ser um espaço voluntário, as mulheres que colaboram escolhem a

periodicidade que elas vão entregar. Algumas, eventualmente, saem, depois voltam. Depende muito da rotina e do momento da vida de cada uma.

[00:03:27] Entrevistadora: Mas você está desde o começo?

[00:03:30] Entrevistada: Eu estou desde o começo, sim.

[00:03:32] Entrevistadora: Foi você e mais uma amiga que criaram?

[00:03:34] Entrevistada: Quando a gente abriu a sociedade - a gente chegou a ter um CNPJ para o *Lado M*... Ele nasceu em 2014 ou 2015 e, em 2015, a gente resolveu abrir um CNPJ, porque a gente queria transformar o *Lado M* em uma empresa. A gente tinha esse desejo quando estava na faculdade. Só que a gente estava em um momento em que era muito difícil fazer isso acontecer. Primeiro, porque a gente era muito inexperiente da vida profissional, no geral; segundo, porque as empresas e os outros lugares que poderiam patrocinar o *Lado M* de alguma forma ainda estavam um pouco reticentes com essa temática. Então, a gente acaba não conseguindo ganhar dinheiro com o *Lado M*, em termos de patrocínio e por aí vai. Então, a gente acabou optando por fechar o CNPJ em 2018 e deixar o site como um blog mesmo e não algo que a gente queira ganhar dinheiro com isso. As minhas sócias acabaram saindo do projeto - eram duas. Uma saiu antes, lá para 2017, e a outra saiu em 2018 e foram fazer outras coisas da vida, foram priorizar outros projetos que elas tinham, e eu mantenho o *Lado M* como um *hobby* mesmo. Não é um negócio que toma um super tempo meu, mas eu ainda tenho um papel de edição do texto, de propor pautas para as colaboradoras, de ter um gerenciamento de parcerias com editoras, que mandam livros para a gente ou produtoras que oferecem cabine de filme para a gente assistir e resenhar. Por aí vai.

[00:05:12] Entrevistadora: Então, a sua atuação hoje é mais como editora, mas você escreve também para o portal?

[00:05:18] Entrevistada: Eu escrevo também. Eu escrevo e edito.

[00:05:23] Entrevistadora: Por que você decidiu, nessa fase ainda, antes da Primavera Feminista no Brasil e no mundo, antes de explodir essa temática, criar o *Lado M*? O que instigou você?

[00:05:40] Entrevistada: Eu acho que, na época, como eu falei, eu estava na universidade e esse debate feminista dentro da USP, dentro da ECA (Escola de Comunicação e Artes), que foi onde eu estudei, estava muito forte. Eu aprendi muito durante a faculdade. Na escola mesmo, eu não tive muito contato com esse assunto. Eu sei que as gerações atuais já têm bem mais, mas eu não tive contato com esse assunto nem na escola nem no cursinho. Eu comecei a ter mais contato durante a faculdade, tanto eu quanto essas outras amigas minhas. Acho que foi um processo de abrir a nossa cabeça para o mundo, de uma maneira que a gente não conhecia ainda, não via, até entender que algumas pessoas tratavam a gente diferente do que tratavam os homens, como algumas oportunidades eram mais fáceis para os homens, até rever algumas situações do passado, que poderiam ser consideradas situações machistas e a gente entender que aquilo estava errado e como a gente poderia fazer para melhorar. Foi uma junção de várias coisas: foi uma junção de um momento que a gente está aprendendo muito e querer divulgar esse conhecimento, querer que outras pessoas tivessem acesso a esse conhecimento que a gente estava tendo em uma universidade - ainda mais em uma universidade pública... A gente parte do pressuposto de que o que a gente aprende tem que ser retornado para a sociedade, afinal é a sociedade quem paga os nossos estudos. Então, teve esse momento de a gente querer divulgar o projeto, divulgar o *Lado M* como um site de empoderamento feminino e trazer essas questões tabus para serem debatidas fora da bolha universitária. A gente viu o formato texto como um formato que nos era confortável de fazer, porque, como a gente estava estudando jornalismo, a gente escrevia muito (tinha que fazer bastante apuração, entrevista), então era uma maneira de a gente exercitar o que a gente estava aprendendo na Escola de Comunicações e Arte e também, através do texto, fazer com que esse portal existisse, para, depois, ter um lugar para publicar esses textos, criar as redes sociais para divulgar esses materiais e por aí vai. Em linhas gerais, é uma junção de a gente querer extrapolar a bolha do feminismo universitário, até então, para levar esse conhecimento e esse debate para mais pessoas fora da universidade, e também exercitar o que a gente estava aprendendo, em termos de

produção de texto, em termos de audiovisual também, de poder fazer vídeos etc. Acho que foi uma junção de tudo isso, que foi bem bacana!

[00:08:28] Entrevistadora: Você diz que hoje você trabalha mais com assessoria, como forma de manutenção mesmo pessoal. Você acha que o seu trabalho para o *Lado M* dialoga, de alguma maneira, com esse seu outro trabalho?

[00:08:45] Entrevistada: Eu acho que dialoga, de uma forma mais voltada para a diversidade. Acho que todo esse aprendizado que eu tive com o *Lado M* e ainda tenho, faz com que eu fique muito mais aberta a questões que estão pipocando hoje em dia dentro das empresas - questões de diversidade, mais mulheres na liderança. Isso faz com que eu veja uma mudança no dia a dia mesmo, no mundo fora da universidade. Hoje, o que eu faço não tem necessariamente 100% a ver com diversidade e empoderamento feminino. Eu trabalho em uma multinacional americana e eu trabalho junto com finanças pessoais. As *startups* que a gente tem são voltadas para finanças pessoais e eu cuido da parte de comunicação e *branding* dessas *startups* - contato com a assessoria, comunicação interna com o colaborador e por aí vai. É óbvio que o conhecimento que eu adquiri por conta do *Lado M* - isso é um estudo que eu ainda tenho e ainda leio sobre isso - faz com que eu tenha uma visão mais diversa para o ambiente de trabalho, até para propor esses debates, propor sobre como a gente consegue criar um ambiente mais igualitário para as pessoas - tanto para as mulheres quanto para o público LGBTQIA+, para pessoas com deficiência. Então, acho que tem uma coisa que fica dentro da gente, quando a gente tem um projeto como esse, que é querer mudar o mundo para melhor. Isso também esbarra no ambiente de trabalho. Mas 100% a ver? Não dá para falar que é. Tem coisas minhas que eu quero trazer para o dia a dia, que eu acho que são importantes - e eu vejo a empresa aberta para isso também - e que o *Lado M* me facilita um pouco a entender até umas dinâmicas do trabalho.

[00:10:47] Entrevistadora: Você tenta imprimir o que você aprende no *Lado M* no seu trabalho?

[00:10:55] Entrevistada: Isso!

[00:10:57] Entrevistadora: Agora eu tenho umas perguntas mais do âmbito pessoal mesmo. Eu queria saber como o seu trabalho voltado para o *Lado M* afeta a sua vida, o seu convívio familiar.

[00:11:13] Entrevistada: Eu sempre tive um núcleo familiar muito aberto. Eu lembro que quando essa amiga quis criar o CNPJ do *Lado M* e eu ter entrado como sócia, eu ficava meio reticente. Eu queria ter o site, queria fazer as coisas, mas eu não queria, necessariamente, ser sócia naquele momento. Eu tinha 20 ou 21 anos até então. Eu lembro que meus pais me incentivaram a ir. Eles falaram: “Cria, poxa! Pode ser uma oportunidade para você. Pode ser legal. Vai ser bacana para você aprender e até ter um negócio”. Eu tive muito esse incentivo dos meus pais. Eu me lembro até de uma conversa, quando a gente estava viajando para o interior, para a casa dos meus avôs, e eles me disseram isso. Aquilo me deu muito o estalo: “Poxa! Eu tenho o apoio dos meus pais”. Minha mãe, principalmente, sempre se interessou muito pelo assunto de feminismo, de empoderamento, sempre quis estudar sobre isso. Acho que o *Lado M* foi uma maneira de ela ter contato com isso. De forma geral, a minha família sempre me apoiou muito no projeto. Nunca foi algo que eles criticaram, nunca foi algo que eles acharam bobo, sabe? Eu sou muito sortuda, nesse sentido, por ter uma família que me apoia. Óbvio que, se eu for mais distante no meu núcleo familiar, deve ter um ou outro que acha que é uma baboseira, que acha que é “mimimi” etc e tal. Mas eu acho que o meu núcleo acaba sendo mais importante, das pessoas que são mais próximas. Com isso, eu nunca tive problemas; só tive apoio!

[00:12:48] Entrevistadora: Que legal! Você acha que a sua visão sobre o feminismo, desde que você criou o portal lá em 2014, mudou, depois que você começou a desenvolver o trabalho na internet e para o público sobre o assunto?

[00:13:09] Entrevistada: Eu acho que sim. Eu acho que, quando você se propõe a fazer conteúdos e você se propõe a fazer um debate e a conversar sobre determinados assuntos, eu acho que é muito importante você saber o que as pessoas estão falando e estudar. Eu acho que a gente está em um momento, de forma geral, que as pessoas têm muita opinião embasada em nada. Eu acho que quando você se propõe a ser um produtor de conteúdo,

você tem que estudar sobre aquilo e você tem que realmente trazer um conteúdo que seja embasado para as pessoas. Então, isso fez com que eu tivesse que estudar muito mais. Então, eu estudava mais sobre o feminismo em linhas gerais, na universidade, mas também os seus diversos recortes (do mais radical para o mais liberal, e o interseccional ali no meio). Eu tive que estudar bastante, até para entender com qual eu me identificava mais e com qual eu me identificava menos, com o que eu achava que fazia mais sentido e fazia menos e o quanto isso esbarra em questões políticas, questões econômicas, questões que vão além da militância do feminismo, puramente dita. Esbarra também em questões raciais e em um milhão de coisas. Tem muitas ligações. Eu também sempre tentei abraçar essa coisa de “lugar de fala”. Eu não sou a melhor pessoa para escrever sobre feminismo racial ou feminismo negro. Não é o meu lugar de fala, porque eu sou uma mulher branca. Também não é o meu lugar escrever sobre questões LGBTQIA+, porque eu sou uma mulher que me considero heterossexual. Isso também me colocou no lugar de “Beleza! Vou estudar bastante, mas eu também tenho que entender onde é o meu lugar de fala e onde não é”. Eu acho que mudou muito do antes, do momento quando eu comecei a ter contato com o projeto e comecei a ter o *Lado M* mesmo, porque eu me forcei a estudar mais para não falar besteira, em linhas gerais, para realmente pautar um debate saudável, porque era essa a ideia, sem falar besteira, sem disseminar *fake news*, sem também falar sem nenhum embasamento.

[00:15:23] Entrevistadora: Você disse que você precisou estudar mais sobre as diferentes vertentes, até para entender onde você se posicionava e com a qual você se identifica mais.

E aí? Você descobriu?

[00:15:36] Entrevistada: Hoje em dia eu me vejo mais na vertente do feminismo interseccional, que faz toda a intersecção entre raça, gênero etc, para conseguir se posicionar e debater. Tem pessoas que se identificam mais com o feminismo liberal, que hoje em dia é o mais criticado, porque estão levando em consideração outras questões, políticas até. Tem pessoas que se identificam mais com o radical. Tem essa palavra “radical”, mas, na verdade, é só uma forma de ver as coisas. Mas eu fiquei mais nesse meio termo. Eu acabo não, necessariamente, vestindo essa bandeira. Eu sou “feminista” e pronto, e não “feminista

interseccional”. Mas hoje até eu acho que eu tenho uma visão menos romântica do que eu tinha na universidade, quando eu acho que as coisas estavam mais à flor da pele e a gente estava até debatendo de uma maneira bem insistente essas coisas. Eu acho que tem que continuar sendo debatido, mas eu acho que hoje eu tenho um olhar menos romântico para a militância de forma geral.

[00:17:01] Entrevistada: Eu te coloquei essa questão porque eu estava conversando com uma moça que é leitora dessas iniciativas que eu estou estudando - ela é jornalista também - e ela estava me contando que, toda vez que ela começava a ler sobre uma das vertentes do feminismo, ela se identifica muito e ela acha que ela está alinhada com aquela especificamente. Mas, depois, ela vai ler sobre outra e tem a mesma sensação e nunca sabe.

[00:17:30] Entrevistada: É, isso acontece. Eu também acho que isso pode ir mudando. No geral, as pessoas acabam entrando no feminismo pela porta do feminismo liberal. “Todas as mulheres, nós temos que nos unir”. Só que, na verdade, tem várias ramificações dentro do feminismo e várias mulheres, inclusive, com vivências extremamente diferentes. Não dá para falar que a mulher branca, de classe média alta, tem a mesma vivência da mulher negra periférica, mãe solo de quatro crianças. É quase impossível colocar essas duas mulheres no mesmo barco. Até as opressões que elas sofrem têm nuances diferentes. Eu acho que é uma coisa fluida, que você vai estudando e que depende muito do que você está vendo na sociedade e do momento em que você está também.

[00:18:15] Entrevistadora: Depende do contexto pessoal e do contexto social também e político. Como você se sente quando você está desenvolvendo as atividades para o projeto?

[00:18:27] Entrevistada: Eu gosto bastante. Além de ser um projeto no qual eu mergulho muito, por ser uma das fundadoras e manter até hoje... É óbvio que ele mudou muito do que ele era. Antes, ele era um portal no WordPress. Era outro esquema. Hoje em dia, ele já foi migrado para o Medium, que acaba sendo um portal gratuito, então, hoje, eu não tenho nenhum gasto com o *Lado M*. No passado, eu tinha gasto com servidor, com hospedagem de site, de marca. Hoje em dia, eu não tenho mais nenhum gasto, porque não tenho CNPJ e a gente migrou para o Medium, que é gratuito. Ele tem suas limitações, óbvio, mas acaba

deixando o mais importante vivo, que é o conteúdo em si. Eu fico muito feliz com ele, porque, durante muito tempo, quando a gente queria monetizar e não conseguia, acabava sendo frustrante. Hoje eu sinto que eu fico só com a parte boa, com a parte menos burocrática, que é a parte de pensar em pauta e ver se tem alguma coisa para ser falada. Acho que até um pouco mais que isso: de poder ter um espaço com outras mulheres, que vai além de puramente escrever texto. Acaba sendo uma rede de apoio. A gente tem um grupo no WhatsApp e no Facebook também. Vira e mexe, alguma colaboradora divulga alguma vaga de emprego ou pede alguma indicação de um profissional de direito ou médica etc., ou conversa sobre as outras coisas que estão sendo debatidas. Acaba sendo uma rede de apoio de mulheres que é bem bacana. Então, em linhas gerais, eu me sinto muito bem pelo projeto e é por isso que eu quero manter. Quero deixar aberto para quem quiser colaborar poder colaborar ou para quando achar que não dá mais para colaborar poder sair sem problema. Para mim, por mais que a gente fale de questões que nem sempre são leves, é algo que é muito gostoso de fazer.

[00:20:32] Entrevistadora: É muito interessante esse seu relato de que deixou de ser frustrante a partir do momento em que vocês assumiram como um trabalho voluntário, como um *hobby* mesmo, como algo que vocês fazem por prazer. Eu estou tentando ajudar as moças da *Não Me Khalo* a encontrar maneiras de viabilizar financeiramente o projeto. A criadora saiu do emprego dela no começo da pandemia, para viver disso e se dedicar inteiramente à *Não Me Khalo*. Começou a pandemia e deu tudo errado, desandou. Ela tem esse sentimento mesmo de frustração, de que as coisas não estão fluindo, não estão dando. Aí, acaba se perdendo o propósito de produzir conteúdo.

[00:21:24] Entrevistada: Exato! Eu acho que, quando a gente fala de ganhar dinheiro com produção de conteúdo, é uma crise que vai além do próprio feminismo. Eu acho que é uma crise do jornalismo de como ganhar dinheiro com produção de conteúdo, agora que todo mundo quer conteúdo gratuito: todo mundo quer ler a matéria inteira sem pagar, ninguém assina nenhum jornal. Eu acho que é um problema que vai além dos veículos feministas em si. Quando eu entrei na faculdade de jornalismo, já se estava debatendo, nesse sentido. Eu

acho que, ainda hoje, estão tentando arranjar formas disso. Eu senti muito uma leveza até quando a gente decidiu não ficar correndo atrás de patrocínio para manter o *Lado M* vivo, mas focando nas nossas carreiras paralelamente. Eu senti que é isso: o *Lado M* vai conseguir existir por muitos mais anos e continuar lá se ele não tiver, necessariamente, um retorno financeiro. Se a gente estivesse esperando um retorno financeiro, o *Lado M* já teria morrido há muito tempo. Hoje eu entendo que talvez a gente não tenha um volume de texto diário. Talvez a gente não tenha colaboradoras com aquela energia de quando estávamos na faculdade em outro momento de vida. As colaboradoras se formaram, todas já estão indo fazer outra coisa e escrevem - sei lá - a cada um mês, dois meses ou escrevem uma vez por ano, que é o que conseguem. Mas eu gosto de manter essa leveza. A gente já fala de assuntos mais tensos, às vezes de assuntos que são até gatilhos para as colaboradoras, então, que o projeto em si não seja algo com o qual elas são obrigadas a colaborar todo mês, toda semana, porque eu já acho que a vida em si é muito pesada, em vários aspectos, ainda mais na pandemia. Então, hoje eu vejo como um projeto que eu consigo levar numa boa, sem colocar grandes expectativas (“bater 20 mil seguidoras no Instagram” ou “virar o portal referência de feminismo no Brasil”). Eu não tenho essa ambição para o *Lado M*. Eu quero que o *Lado M* continue existindo enquanto fizer sentido para ele existir, enquanto a gente conseguir oferecer conteúdo de qualidade e gratuito para as pessoas. Em termos de ganhar dinheiro, eu ganho dinheiro de outras formas. Eu estudo sobre marketing também e estou fazendo uma pós atualmente na ESPM, tenho o meu trabalho CLT. As outras colaboradoras também têm. Isso acaba sendo muito mais tranquilo para a gente, sabe?

[00:24:04] Entrevistadora: Realmente existe há muito tempo. Das iniciativas que eu estou estudando, é a mais antiga e consegue perdurar. Várias delas acabam, com um ou dois anos, justamente porque as pessoas vão... São pouquíssimas colaboradoras, em sua maioria. O *Lado M* é a que mais tem das que eu comecei a estudar até agora. Nas outras que acabaram... Não sei se você já viu o Mapa do Jornalismo Independente da Agência Pública. Lá tem várias iniciativas de produção de conteúdo feminista. Mais de 20 acabaram nesses últimos anos, porque o pessoal não conseguiu se manter financeiramente.

[00:24:46] Entrevistada: Exato! Esse é um problema do jornalismo. Eu acho que, hoje em dia, a gente está vendo, cada vez mais, produção de conteúdo audiovisual, de vídeos curtos. Cada vez mais as pessoas ganham dinheiro com produção de conteúdo. São pessoas, são influenciadoras, são produtoras de conteúdo. Quando você tem um portal, se você vai monetizar, primeiro de tudo você vai ter que pagar os gastos do portal; segundo que, em algum momento, você vai ter que pagar as colaboradoras, porque, se tem dinheiro entrando, as colaboradoras vão querer ser remuneradas pelo trabalho delas - é 100% justo isso. Então, começa a ficar cada vez mais difícil de você viver daquilo, porque vai ter muito mais pessoas para você pagar. Aí, começa a ser um esquema como o *Estadão*, a *Folha* e por aí vai. Você precisa ter um volume de produção de texto gigantesco para poder justificar. Enfim, não é esse caminho que eu quero que o *Lado M* siga. Eu prefiro ter menos conteúdo, mas que seja algo que as colaboradoras curtam fazer, que sirva de portfólio para elas, que sirva de rede de apoio para elas, do que ser algo que, necessariamente, elas vão sentir que elas precisam ganhar algum dinheiro ali. Não vai rolar. É muito difícil!

[00:26:17] Entrevistadora: Você me falou que a vida é muito pesada - de fato, é - e que, por isso, você prefere optar por essa leveza na criação de conteúdo. Eu queria saber como você lida com pautas delicadas, como tratar violência contra a mulher, por exemplo. Como isso afeta a sua rotina e o seu dia a dia?

[00:26:40] Entrevistada: Sempre quando tem uma pauta mais delicada, é difícil não ficar brava com a situação nem ficar extremamente chateada. O que mais pega, para mim, hoje em dia, depois de tantos anos, é ver que nunca teve uma mudança para melhor. Eu acho que muita coisa aconteceu, mundialmente falando, para poder trazer esse assunto à tona e mostrar que não é um assunto passageiro. "Direito das mulheres é 'modinha' e depois vai passar", não! É um negócio pelo qual a gente segue lutando, tanto no ambiente de trabalho quanto no ambiente pessoal e por aí vai. Para mim, o que me entristece é quando eu vejo que eu estou falando - ou editando um texto - sobre um assunto em que eu já bati nessa tecla, quando o *Lado M* começou, em 2014 ou 2015. A gente já estava falando sobre aquilo e aquele ponto não mudou. Por exemplo: número de feminicídio, taxas altas, violência contra a mulher,

quando tem algum caso muito absurdo de estupro. Você olha aquilo e fala: “Meu Deus do céu!”. Ou quando algum político ou alguma pessoa pública fala alguma barbaridade horrível sobre movimento feminista ou sobre movimento de direitos humanos, em geral. Você fala: “Meu Deus do céu! A gente está falando sobre isso há tantos anos e ainda tem gente que tira a credibilidade dos projetos, tira a credibilidade da militância, no geral”. Isso me deixa um pouco mais aflita. Quando eu estou escrevendo sobre alguma pauta dessa, eu tento ser muito cuidadosa com o que eu estou escrevendo e apurar muito bem também. Eu lembro de uma pauta super delicada que eu escrevi, foi sobre pornô-vingança - as pessoas que usam fotos ou vídeos como chantagem, para realmente humilhar as pessoas ou até fazem edição de imagens, que pegam imagens que não são da pessoa e inserem o rosto da pessoa ali e usam aquilo como forma de chantagem. Aquilo tudo mexeu muito comigo. Não que eu tenha vivido algo assim, mas foi por uma questão até...

[00:29:02] Entrevistadora: ... de empatia, de identificação.

[00:29:03] Entrevistada: ... de ver o quanto aquelas pessoas realmente sofreram. Então, eu sempre tive muito cuidado de deixar as pessoas anônimas (tirar o nome delas), deixar a matéria de uma maneira que elas não se sintam expostas de alguma forma, mas que, ao mesmo tempo, a gente consiga conversar sobre aquele assunto. Eu sempre tentei muito nos textos que eu escrevi dar algum tipo de solução e não deixar uma coisa desamarrada, no sentido de “É ruim e acabou”. Tem algum número que você pode ligar? Como é fazer essa denúncia? Você consegue procurar uma advogada? Isso é uma coisa que eu sempre incentivei muito as colaboradoras: vamos falar das coisas trágicas, mas também vamos tentar trazer algum tipo de solução para aquilo, algum tipo de solução propriamente dita, alguma alternativa. No caso do *revenge porn*, o pessoal está passando por isso, procurou o texto, encontrou o texto do *Lado M*, se identificou com os relatos que estão ali. No final do texto, ela vai ter contatos de advogadas ou algum procedimento dado por alguma advogada sobre o que ela precisa fazer. Ela precisa printar? Ela precisa salvar todas as conversas? Ela precisa realmente ter todos os registros? Ela precisa procurar um advogado dessa forma? Ela precisa

procurar uma delegacia daquela forma? Quase dá um caminho para a pessoa que está vivendo aquilo para conseguir sair daquela situação.

[00:30:42] Entrevistadora: Vocês recebem relatos de leitoras? Vocês recebem pedidos de ajuda ou comentários agradecendo pelos textos?

[00:30:55] Entrevistada: Bastante, viu? Há alguns anos atrás, quando a pauta estava mais quente, a gente recebia até mais. Mas vira e mexe a gente recebe uma mensagem no *inbox* do Facebook ou do Instagram de alguma mulher pedindo ajuda ou querendo algum conselho. Isso acaba sendo meio delicado, porque nós não somos psicólogas e nós também não temos como fazer uma análise aprofundada dos casos das mulheres, ainda mais por mensagens. Eu acho que isso também acaba sendo outro trabalho. Nós também não somos advogadas, então também não podemos falar exatamente o que ela precisa fazer. O que a gente consegue fazer é sugerir textos e, nesses textos, a gente tem entrevistas com advogadas, com psicólogas e entrevistas com outros profissionais. A gente sempre dá preferência para profissionais mulheres, para dar visibilidade para elas, mas que são profissionais gabaritadas para ajudar. Então, a gente tem que ser muito cauteloso com o que a gente fala e com o que a gente aconselha, porque, no fim, a maioria das colaboradoras são profissionais de produção de conteúdo. Estamos ali para fazer um papel jornalístico, de trazer a informação, de trazer um canal, mas a gente acaba não conseguindo ser uma rede de apoio psicológica - digamos assim -, em uma mensagem de *inbox*, ou até uma rede de apoio de direito, porque nós não temos essa formação. Mas sempre que chega algum caso, a gente tenta sugerir números para a pessoa ligar, para fazer denúncia; a gente oferece os textos que a gente já escreveu que tem a ver com aquele momento que ela passa, e aí ela consegue encontrar por lá informações para ajudá-la. Enfim, a gente tenta trazer a produção de conteúdo como apoio.

[00:32:50] Entrevistadora: Como você acha que o trabalho do *Lado M* atinge a sociedade, de maneira geral?

[00:32:58] Entrevistada: O *Lado M*, eu acho que ele tem muito conteúdo, tanto conteúdo em texto quanto conteúdo em vídeo, no canal do YouTube, no Instagram. Eu acho que não é só

ensinar, mas apresentar conceitos, é apresentar o que é o feminismo e por que ele é benéfico, no que ele consegue ajudar para mudar uma sociedade para melhor (não só para mulheres, mas para todos que vivem nela). Eu acho que o *Lado M* acaba sendo um canal de conversa, de debate, onde as pessoas podem ler, procurar conteúdos. Vai desde conteúdos mais voltados para o feminismo mesmo e como aprender mais sobre os movimentos e sobre a militância, mas também engloba outros assuntos de direitos humanos, engloba também recomendações de leituras e filmes que são escritos por mulheres ou dirigidos por mulheres ou que trabalharam questões importantes para as mulheres. Eu vejo o *Lado M* como um portal de conteúdo que você pode ir lá para aprender uma coisa nova, mudar sua visão sobre determinado tema. Eu acredito que o *Lado M* é esse lugar onde você tem debates e possíveis desconstruções.

[00:34:29] Entrevistadora: Você me disse que você se considera feminista. Eu queria entender melhor o que é ser feminista, para você.

[00:34:38] Entrevistada: Para mim, ser feminista é você conseguir ter um olhar, no primeiro momento, mais empático e humanitário para a sociedade; é você também conseguir desmistificar e desconstruir coisas que foram faladas por muito tempo e conseguir mostrar para outras pessoas que não é bem assim. No mundo corporativo, tem muito o discurso da meritocracia. Já está mais do que provado que a meritocracia é mais meritocrática para algumas pessoas, mas para outras ela não é. Eu acho que o feminismo me abriu muito esse olhar, que começou com uma diferença entre mulheres e homens, mas que depois foi se ampliando para uma diferença entre brancos e negros, uma diferença entre pessoas da periferia e pessoas de classe média-alta, entre pessoas com deficiências e pessoas sem deficiências. Para mim, ser feminista não é só você lutar puramente pelas mulheres; eu acho que é você ir além dessas lutar e entender que tem o feminismo racial, que tem o feminismo das mulheres com deficiência; tem o feminismo das mulheres LGBTQIA+. Feminismo é você conseguir entender diferentes nuances e tentar criar uma sociedade mais justa e igualitária para todo mundo. Pode parecer um pouco utópico, mas, para mim, é um pouco isso. Para mim, ser feminista no meu dia a dia, no meu trabalho, por exemplo, é entender que, quando

eu estou fazendo processo seletivo, eu preciso ter um time diverso. Não adianta só ter um time de mulheres brancas, por exemplo. Eu preciso ter mulheres negras, mulheres asiáticas, eu preciso ter homens também no time (com quem a gente consiga conversar, consiga debater e consiga chegar a melhores soluções). Eu acho que é, realmente, ter esse olhar mais diverso.

[00:36:43] Entrevistadora: Que maravilhosa! Você me disse que na universidade você já tinha muito contato com a temática feminista, com os estudos e debates de gênero. Foi nessa época que você se descobriu feminista ou foi antes?

[00:36:59] Entrevistada: Foi bem nessa época. Eu entrei na faculdade em 2013. Eu lembro que, assim que eu entrei, eu não me identificava muito como feminista. Mas eu não me identificava porque eu não tinha estudado sobre isso. Eu me via em um lugar onde eu não tinha conhecimento de causa. Eu não estudei mesmo sobre isso. Eu estudei muito para o vestibular, para passar, consegui. Só que a luta feminista, em si, me foi apresentada lá no meu primeiro ano de faculdade e mais fortemente no meu segundo - em 2014. Foi a partir daí que eu comecei a estudar e a ter base para poder tocar o *Lado M*. Até então, eu não tinha. Então, eu agradeço muito a USP. Eu tenho uma irmã mais nova (sete anos mais nova que eu), que está na faculdade agora. Eu lembro que quando ela estava na escola, esse assunto já estava lá. Já era falado sobre feminismo, já tinha coletivos feministas dentro da escola. Na minha época de escola não tinha nada disso. Ainda tinha essa coisa de ter uma segregação gigantesca entre as mulheres, como se algumas mulheres fossem melhores que as outras. Para mim, eu sou muito grata à faculdade, por ter aberto meus olhos para tantas questões que vão além até do feminismo, propriamente dito, e vão para essas questões de diversidade mesmo.

[00:38:32] Entrevistadora: Comigo também foi muito a UnB, mas eu vejo que a virada tem sido muito rápida com as meninas e meninos também mais novos.

[00:38:43] Entrevistada: Exato! Eles já cresceram com o Facebook, com o Instagram, com essas temáticas vindo à tona muito fortemente. A gente, não. Quando eu estava na escola,

era o começo do Facebook. Eu nem entendia como funcionava aquilo. Eu não tinha acesso a isso.

[00:39:03] Entrevistadora: Sim, era outra realidade. A minha irmã é bem mais nova que eu. Ela tem 14 anos e eu tenho 29. Eu vejo que, hoje, nos grupinhos dela de WhatsApp entre amigos, eles não aceitam que qualquer coleguinha venha com discursos homofóbicos, racistas. É outra postura!

[00:39:24] Entrevistada: Exato! É outra realidade. Quando a gente estava na escola, isso era normal: piada homofóbica, piada racista, piada machista. Eu lembro de eu mesma fazendo piadas machistas na escola, porque era normal. Não tinha um senso crítico em cima disso. Hoje eu olho e fico horrorizada. Mas foi um processo também. Eu acho que para a Geração Z e para as próximas gerações, vai ser um tema parte da vida deles desde o começo.

[00:39:53] Entrevistadora: Que bom que vem mudando.

[00:39:55] Entrevistada: Com certeza! Isso, para mim, é uma das maiores conquistas: poder chegar nas escolas e poder chegar na fase da infância e da adolescência já questionando essas coisas... Nossa! Eu imagino que a quantidade de *bullying* deve ser muito menor e a quantidade de opressão que deve ter também. É uma opinião minha - não estou me baseando em nenhum dado estatístico. Mas eu imagino que deve ser muito mais legal estar na escola agora do que era alguns anos atrás.

[00:40:27] Entrevistadora: Isso é verdade! Você participa de algum grupo ou de algum coletivo de militância feminista?

[00:40:34] Entrevistada: Hoje eu não participo ativamente de nenhum. Eu acabo colocando toda a energia no *Lado M*, nesse sentido. Coletivo mesmo, eu acabo não participando.

[00:40:45] Entrevistadora: E você já participou?

[00:40:48] Entrevistada: Eu já participei de um coletivo da faculdade principalmente. A ECA tinha um coletivo feito por alunas e funcionárias. Eu participei até ativamente por um tempo. Depois eu acabei tendo que trabalhar ou fazendo outras coisas e eu deixei o *Lado M* como o meu canal de militância mesmo.

[00:41:07] Entrevistadora: Você se sente ou você já se sentiu, ao longo da sua trajetória no *Lado M*, de alguma forma acuada, por atuar no projeto ou mesmo em outros âmbitos da vida, por se identificar com a causa feminista?

[00:41:25] Entrevistada: Eu acho que quando a gente fazia uma pauta mais polêmica, vivia tendo *hacker/haters* que comentavam fazendo ameaça. Mas nunca virou nada aquilo. Óbvio que na primeira vez que você recebe um negócio desse, você fica mais assustada. “Meu Deus do céu”. Na época, eu morava com a minha família. Dá aquele receio mesmo.

[00:41:51] Entrevistadora: Como foi a primeira vez? Foi lá no início mesmo?

[00:41:53] Entrevistada: Foi mais no início. Acho que foi lá para 2015 ou 2016. De lá para cá, não teve muito mais, não. Às vezes, eu tenho um *hater* ou outro, em vídeo do YouTube, mas acaba sendo muita coisa de “boca para fora”. Não é algo mais que eu leio ou fico preocupada. “Olha o bobão fazendo graça, fazendo piada machista”. Eu lembro que, quando eu era mais jovem, eu ficava mais acuada. Quando eu entrei na empresa que eu estou hoje - já estou há três anos e meio -, eu entrei assim que eu saí da faculdade. Eu ainda estava com esse temor um pouco mais forte, para mim. Quando eu entrei, a empresa, que era uma empresa de tecnologia, era muito composta por homens brancos. Para mim foi um choque, porque eu estava acostumada a trabalhar com mulheres e com homens, mas a maioria eram homens gays ou bi, então acabava sendo outra dinâmica também. Eu não vou dizer que eu fiquei acuada, porque todo mundo sempre me recebeu muito bem, mas eu senti um pouco falta desses debates. Eu sentia falta dessa ligação com as pessoas nessas temáticas. Hoje em dia já mudou bastante a empresa do que era. Já entrou bastante mulheres, muito mais pessoas negras também. Já está um ambiente mais diverso, de forma geral. Acuada mesmo, acho que era mais no começo do projeto, quando tinha aqui ou ali um comentário mais pesado. Vou te dizer que nos últimos dois ou três anos, foi tranquilo.

[00:43:29] Entrevistadora: Não aconteceu mais, né?

[00:43:31] Entrevistada: Não, não. Se aconteceu, eu acho que nem vi, então também está tranquilo para mim.

[00:43:37] Entrevistadora: Eu acho que os *haters* focam mais em pessoas, em indivíduos, do que em projetos ou iniciativas.

[00:43:45] Entrevistada: Eu acho que sim. Eu acho que é mais no indivíduo. Também tem isso: acho que o *Lado M* não é amplamente conhecido nem é um negócio que é super vingado. A gente fala de feminismo? Claro, e a gente também fala de questões delicadas! Mas a gente também fala de outras coisas. A gente fala de livros, a gente também fala de filmes. Então, acaba tendo outros assuntos que permeiam o feminismo, mas não são falando de algum caso que aconteceu e por aí vai. Às vezes, permeia outras questões do universo feminino. Então, acho que acaba ficando mais tranquilo.

[00:44:35] Entrevistadora: Você sentia medo no começo, de se identificar, de colocar os próprios nomes das colaboradoras no portal, nas mídias sociais?

[00:44:45] Entrevistada: Eu sentia um pouco de receio no começo, por conta dos *haters* e por conta dessas ameaças. Eu tinha esse receio, sim. Eu tinha um receio também, na época, como era tudo muito novo (eu estava saindo da bolha da universidade, para chegar no mundo corporativo, para chegar em outras gerações que já tinham saído da universidade e ainda estavam na escola), de ser estereotipada, de ser colocada na caixinha de feminista e ser vista como algo negativo para outras pessoas, principalmente nesse começo. Vai ter gente que vai ser contra no começo e vai entender daqui a uns dois anos o que é isso. Eu tinha esse receio. Eu sempre assinei meus textos. A não ser que fosse um texto muito íntimo meu, eu preferia deixar anônimo. Mas, no geral, eu sempre assinei meus textos. Uso como portfólio vários, inclusive. Mas eu tinha esse receio, sim. Hoje em dia, acho que muita coisa mudou. É o que a gente estava falando: é uma pauta que já está nas escolas, é uma pauta que já está nas empresas, já está no corporativo. As pessoas veem com outros olhos. Não é olhada como extremamente radical, como era uns anos atrás. Hoje já é olhado, pelo menos na minha percepção, como algo que faz parte do dia a dia. Boa parte das mulheres já tiveram contato com essa temática e já se identificam de alguma forma. Então, eu acho que hoje é muito mais tranquilo.

[00:46:37] Entrevistadora: Mudou muito a percepção. Você não vai mais ser taxada de feminista em muitos ambientes, em especial no trabalho. Pode até ser como algo bom.

[00:46:48] Entrevistada: Exato! Eu lembro que, no passado, era muito comum as mulheres colocarem na bio delas: “Feminista”, “Feminista radical”, “Feminista liberal”. Era muito normal as mulheres colocarem aquilo. Hoje em dia que não vejo mais tanto, porque eu acho que é uma coisa que já está tão presente, que não é mais uma coisa que as pessoas sentem a necessidade gigantesca de colocar isso como uma parte importante da identidade delas, porque eu acho que já virou normal. Eu não sei se eu consegui explicar isso. Já virou: “você ser uma mulher feminista é normal”. Não é mais uma coisa que você precisa deixar em destaque na sua bio, porque é uma coisa que já faz parte - pelo menos nos ambientes em que eu convivo, com as pessoas que eu convivo, que acaba sendo um ambiente mais corporativo, com pessoas que também saíram da faculdade. Eu não vejo mais uma necessidade de a gente ficar batendo insistentemente nessa tecla o tempo todo porque eu acho que muita coisa já mudou e está mudando. Eu acho que precisa continuar sendo falado, precisa continuar acontecendo essa mudança, mas eu não vejo mais as mulheres, no geral, com essa necessidade de deixar escancarado isso, porque já é uma coisa que virou parte da vida delas.

[00:48:13] Entrevistadora: Sobre essas ameaças que você sofria no começo, eram em comentários de texto mesmo, nas postagens das redes sociais, nos vídeos?

[00:48:28] Entrevistada: Em comentários no YouTube, comentário em...

[00:48:30] Entrevistadora: O que eles diziam?

[00:48:31] Entrevistada: Eu não lembro muito de vários. Mas tinham vários diminuindo o que a gente estava falando, falando que era besteira, falando que a gente era idiota e que não entendia nada de nada; mas também tinham uns que eram tipo: “Você tem 24 horas para apagar esse vídeo - ou esse texto - senão você vai sofrer as consequências”. Eram coisas abertas, que não diziam nada, mas, quando você recebe isso pela primeira vez, você diz: “Meu, o que é isso?”. Mas nunca tivemos um ataque, nunca mandaram mensagem para a gente no pessoal. Eram realmente ameaças vazias ali.

[00:49:11] Entrevistadora: Mesmo de *hackers*? Vocês nunca sofreram ataques de *hackers*?

[00:49:15] Entrevistada: Não que eu me lembre, viu? Não que eu me lembre.

[00:49:19] Entrevistadora: Que bom! É melhor assim.

[00:49:22] Entrevistada: Exato! Se você pega outros veículos feministas que existiam na época, eu acho que eles eram até mais visados que o *Lado M*. Acho que o *Lado M* ficava em um lugar que você vai para conhecer sobre feminismo. Você vai saber de coisas ruins que aconteceram, com certeza, mas eu acho que os outros portais eram mais visados, nesse sentido de *hackers*, do que a gente era.

[00:49:53] Entrevistadora: Você me disse que varia muito a quantidade de trabalho e que as colaboradoras têm a opção de escolher quando vão escrever os seus textos. Como é um dia seu de trabalho para o *Lado M*?

[00:50:10] Entrevistada: Antigamente, era mais frenético. Lá para 2016, a gente tinha menos colaboradoras até e, como a pauta estava muito quente (o feminismo, no geral), a gente pensava até em semana temáticas, em que a gente falava de um tema. Então, teve a Semana da Saúde da Mulher, que só fazia texto sobre saúde; Semana sobre Machismo, aí a gente só falava sobre machismo. Tinham reuniões de pauta, uma coisa muito mais estruturada. As colaboradoras, realmente, tinham datas para entregar os textos, senão iam ter buracos na semana. A gente tinha mais tempo livre para olhar para o *Lado M*. Hoje em dia, muita coisa mudou. Como eu falei, muitas colaboradoras se formaram, já estão trabalhando, então não conseguem escrever com essa rotina. Hoje, como é mais ou menos o meu dia a dia? Eu trabalho normalmente no meu emprego, mas eu estou sempre de olho em coisas que estão acontecendo no mundo e no Brasil, para sugerir pautas. Pelo menos uma vez por mês ou a cada dois meses, eu faço um *post* no nosso grupo do Facebook e no grupo do WhatsApp, com sugestões de pauta. Vou desde pautas de coisas que aconteceram mais recentemente a pautas mais atemporais. Uma pauta que a gente está trabalhando agora é sobre como as freiras veem o feminismo e como isso afeta as freiras. Essa é uma pauta mais atemporal. Não tem nada recentemente sobre freiras no feminismo tão fortemente. Ela acaba ficando lá, aí, se alguma colaboradora quiser, ela pode fazer essa pauta e publicar no *Lado M*. Hoje fica

muito em uma situação disso: eu faço uma sugestão de pauta... Às vezes, as próprias colaboradoras querem dividir as vivências delas ou portar alguma coisa diferente ou sugerir alguma coisa que elas viram, aí a gente conversa e elas fazem a pauta e me mandam para eu subir no Medium. É uma coisa muito tranquila, sabe? Eu tirei uma pressão de cima de mim, que a gente tinha no passado, que era: “A gente tem que estar por dentro de 100% dos assuntos que estão acontecendo e estar por dentro de 100% dos debates e estar, realmente, sendo o primeiro veículo que vai soltar isso”, como se fosse um jornal ou um veículo jornalístico real, que tem que “dar o furo” etc. Eu tirei muito essa pressão das minhas costas. Eu falei: “Se eu colocar o *Lado M* em um lugar que vai exigir essa energia de mim, ele vai se tornar um peso, aí as chances de eu querer acabar com esse projeto para ele não ser um peso são maiores. Eu não quero isso. Eu quero que seja uma coisa realmente tranquila na minha rotina, que eu consiga levar”. Então, a gente sobe um texto por semana. Às vezes passam duas ou três semanas sem ninguém conseguir escrever um texto e está tudo bem. Tem semanas que têm três ou quatro textos. Vai sendo muito fluido nesse sentido. A gente tem uma parceria de muitos anos com a Companhia das Letras, em que eles enviam uns dois livros que a gente escolhe, que são livros escritos por mulheres. A colaboradora recebe o livro na casa dela, ela lê, faz a resenha e depois me manda o texto. Com filme é a mesma coisa. O meu dia no *Lado M* acaba sendo muito tranquilo. Eu vou dar uma olhada no que está acontecendo, faço sugestão de pauta; às vezes mando mensagem para as colaboradoras que estão escrevendo para perguntar como estão as pautas e se elas estão precisando de alguma ajuda. Não é algo que exige de mim todos os dias. Exige algumas horas na semana, mas é algo muito, muito tranquilo mesmo.

[00:53:54] Entrevistadora: Vocês chegam a fazer, de vez em quando, reuniões de pauta ou reuniões para conversar, entre vocês mesmas, sobre o projeto?

[00:54:02] Entrevistada: A gente já fez mais. Nessa época que eu te falei (2015 e 2016), a gente fazia reuniões presenciais até. Eu lembro que eu marcava na minha casa e o pessoal ia; eu colocava o computador na TV e passava para todo mundo e eu dividia as pautas lá mesmo. Era super legal. O que aconteceu? O projeto começou a crescer e a gente começou

a querer abarcar mulheres de outras partes do Brasil. Essas reuniões já não iriam funcionar muito bem, até porque, na época, não tinha essa coisa do Zoom, do jeito que é hoje. Hoje, a gente acaba conversando muito por mensagem e por áudio. A gente acaba não marcando reuniões, mas acaba tendo conversas por comentários do Facebook, debates por lá, ou comentários no WhatsApp. E funciona super bem para a gente. Aí, a gente não precisa necessariamente reservar um tempo, porque não é toda colaboradora que pode, aí tem que ficar aquela coisa de bater data. Como a gente faz os debates pelo grupo do Facebook e pelo WhatsApp, quando a colaboradora tiver um tempo, ela vai lá e pesquisa, se ela quiser. Eu acho que acaba funcionando melhor.

[00:55:08] Entrevistadora: Sim! Então, tem gente de todos os lugares do Brasil?

[00:55:14] Entrevistada: Tem! Acaba tendo mais da região Sudeste, mas, no geral, tem pessoas de todas as regiões. É isso que eu falei: acaba sendo meio fluido. Colaboradoras saem, colaboradoras entram. É bem aberto!

[00:55:31] Entrevistadora: Elas também têm a dinâmica de se organizar dentro do seu tempo, dos seus horários e das suas rotinas, né?

[00:55:37] Entrevistada: Exatamente! Eu acho que o principal para mim, que é o que eu falo muito para elas, é: “Cara, eu não quero que o *Lado M* seja um peso”. Eu entendo que a gente está vivendo um momento extremamente delicado do mundo, com a pandemia, com questões familiares, com questão do trabalho etc. O *Lado M* tem que ser uma coisa onde elas curtam escrever. Tem que ser um projeto que elas curtam participar, senão não faz sentido, porque não é remunerado. Se não for algo leve, que elas gostem, que elas curtam, que elas tenham orgulho do que elas estão fazendo, não faz sentido. Eu tento, ao máximo, evitar que seja um peso.

[00:56:12] Entrevistadora: É só você como editora dos conteúdos ou tem mais alguém?

[00:56:16] Entrevistada: Hoje, sou só eu. No passado, quando a gente tinha um fluxo maior, tinha as minhas outras sócias também. Elas saíram, como eu falei, há uns dois ou três anos. Então, hoje sou só eu editando e alimentando as redes sociais do *Lado M* também.

[00:56:30] Entrevistadora: E as redes sociais? Como você se organiza para fazer? Você programa, agenda? Ou você publica rotineiramente?

[00:56:39] Entrevistada: Eu faço da seguinte forma: eu programo textos antigos no Facebook e no Twitter. Então, eu estou sempre pegando vários textos antigos, principalmente os mais atemporais, e eu posto um por dia no Facebook - eu agendo. Eu sempre pego um dia no mês para programar vários textos para o mês inteiro. Aí, eu já deixo programado no Facebook e no Twitter do *Lado M*. O Instagram eu uso mais para divulgar textos novos. Quando a gente posta algum texto novo, eu divulgo ali no Instagram. O nosso Instagram é bem voltado para mulheres. Então, a gente posta foto de mulheres em manifestação e fazendo atos políticos, atos de militância na rua mesmo. Sempre que tem uma manifestação, eu posto lá. Se alguma colaboradora vai e manda foto, eu posto, o que é bem legal. Nos *stories*, eu acabo postando quando tem algum artigo novo, convidando as seguidoras para ler. Aí, eu posto o link no Facebook, o link no Twitter. Se for apropriado, eu posto também no nosso LinkedIn, a depender da pauta. Eu posto nos *stories* do Instagram também, para o pessoal ler. Acaba sendo eu que faço, mas, enfim, é bem rápido. Eu não tenho uma grande, super, ultra estratégia por trás, com campanhas, como existiam no passado. É realmente para divulgar os textos e convidar para o debate.

[00:58:22] Entrevistadora: Como é a relação de vocês? Você disse que vocês conversam muito por áudio, por WhatsApp - até por causa da conjuntura da pandemia. Vocês conversam sobre o trabalho, mas conversam também sobre a vida, né? Você disse que é uma rede de apoio.

[00:58:41] Entrevistada: Sim!

[00:58:43] Entrevistadora: Como vocês se relacionam entre si? Como é a fluidez dos contatos entre vocês?

[00:58:50] Entrevistada: É muito tranquila. Toda semana tem uma colaboradora mandando uma mensagem lá, seja com post de sugestão de pauta ou post para pedir livros da Companhia das Letras ou "Fiz um post de uma cabine de filme. Quem quiser assistir...". Vai desde algo assim até uma colaboradora fazendo algum desabafo, pedindo conselho, pedindo

indicação de profissionais, pedindo indicação de fontes, às vezes fazendo divulgação de vaga de emprego ou divulgação de alguma outra coisa (alguma manifestação que vai ter ou alguma *live*). É um canal extremamente aberto, que eu acho que todo mundo respeita bastante e cria um ambiente muito tranquilo. Não é um grupo flodado de mensagens, que você entra e tem 300 mensagens por dia. Eu sinto que tem um acordo não falado de mandar coisas que sejam relevantes para todas. É super tranquilo mesmo. Tem algumas colaboradoras que eu acabo sendo mais próxima, mas porque estão no projeto há muitos anos. Mas é muito livre para a colaboradora interagir como ela quiser. Se ela não quiser mandar mensagem nenhuma e só escrever um texto de vez em quando, beleza. Se ela quiser conversar mais, pedir conselho ou sugestão de pauta ou até mesmo debater alguma pauta que ela está escrevendo (“Gente, estou precisando de uma fonte assim” ou “Estou precisando de uma personagem daquela forma”) ou quer escrever o texto com outra colaboradora, é super livre para ter esse tipo de conversa.

[01:00:30] Entrevistadora: E com as fontes? Como são as relações de vocês com as fontes, quando vocês precisam contactar fontes para as matérias?

[01:00:38] Entrevistada: No geral, a gente tenta dar prioridade para fontes mulheres, porque a gente vê o *Lado M* como um canal de divulgação do trabalho de mulheres também. Então, a gente sempre vai dar prioridade, no geral, para assuntos femininos. Se não tiver, aí a gente pode ampliar para fontes masculinas também. É super tranquilo! No geral, a gente consegue entrevista, numa boa. Eu também recebo vários *releases* no e-mail do *Lado M*, de assessorias que mandam materiais que a gente pode aproveitar. Nunca tivemos problemas. A gente está também em grupos de Facebook também de assessoria, no geral, por termos duas colaboradoras formadas em jornalismo. Vira e mexe, a gente consegue encontrar uma fonte que dá entrevista para a gente também.

[01:01:31] Entrevistadora: Você considera o que vocês fazem jornalismo?

[01:01:38] Entrevistada: Considero, sim. Acho que ele esbarra no jornalismo mais raiz, muitas vezes quando a gente fala em reportagem, mas ele também esbarra muito na parte da coluna, do artigo. Às vezes, alguma colaboradora quer colocar a visão dela de determinada situação

ou a vivência dela ou como ela lidou com aquela situação, o que acaba tendo um caráter mais pessoal e menos imparcial, em alguns momentos. Imparcial, o que eu digo é por ser uma coisa muito pessoal da vida dela. Mas eu considero jornalismo, sim.

[01:02:17] Entrevistadora: Isso de trazer as experiências pessoais atravessa muito os estudos de gênero e dos feminismos.

[01:02:25] Entrevistada: Exatamente!

[01:02:27] Entrevistadora: Vem as duas coisas: o combo do jornalismo com o feminismo.

[01:02:30] Entrevistada: Eu acho que é por aí!

[01:02:34] Entrevistadora: Para quem vocês escrevem? Qual é o perfil da leitora ou do leitor? Eu conversei com um leitor homem, inclusive. Foi super legal a conversa! Foi um leitor exatamente do *Lado M*. Das outras mídias, eu só entrevistei mulheres. No *Lado M*, eu esbarrei com mais homens.

[01:02:57] Entrevistada: Que legal! Eu acho que o *Lado M*, no geral, acaba tendo esse caráter mais amplo, mas eu sinto que, no geral, as nossas leitoras são na maioria mulheres (naturalmente), que cresceram um pouco com o *Lado M*. Nos primeiros anos, quando teve as pesquisas de público, as leitoras ficavam mais na região Sudeste e um pouco na região Norte, porque uma das fundadoras é do Pará. Ela é de Belém. Ela se chama Ana Paula. Ela foi uma das fundadoras mais presentes, que puxou o *Lado M* mesmo, mais do que eu por muito tempo. Eu só persisti no *Lado M* por conta dela. Hoje em dia, o nosso público mudou bastante. Nosso público não é mais tão universitário. Acho que são pessoas que já estão se formando ou já se formaram, na casa dos 25 aos 30 anos. Mas ainda tem pessoas da faixa de até 24 anos que, por muito tempo, foi o nosso público prioritário. Era uma galera que estava saindo da escola e entrando na faculdade e estava na faculdade. Estava sendo esse público que mais lia a gente. Hoje em dia, deu uma envelhecida um pouco mais.

[01:04:25] Entrevistadora: Você acha, então, que tem muito a ver com a faixa etária de vocês, das colaboradoras?

[01:04:32] Entrevistada: Acho que tem também. A colaboradora de - sei lá - Pernambuco vai fazer um texto e vai compartilhar na rede dela, vai avisar os amigos que ela está colaborando

com aqueles veículos, e as pessoas vão seguindo naturalmente porque vão querer ler as coisas dela. É também uma forma de o próprio *Lado M* estar presente em outros lugares e não só em São Paulo.

[01:05:01] Entrevistadora: É você, então, que faz a parte da manutenção do site, da manutenção da página, das postagens nas mídias sociais, né? Atualmente, é você?

[01:05:12] Entrevistada: Isso!

[01:05:13] Entrevistadora: Como é a relação de vocês com outros grupos de mídias independentes ou de mídias feministas? Vocês têm contato?

[01:05:25] Entrevistada: A gente tem. Eu acho que, quando a gente estava colocando mais força total no *Lado M*, nesses anos que eu te falei, que teve campanhas etc, a gente conversava até mais. A gente acabava pedindo ajuda para divulgar *hashtag*, para divulgar artigos. Era uma via de mão dupla. Hoje em dia, eu ainda estou em vários grupos, canais de Twitter. Temos o grupo do Telegram também. Mas eu sinto que não é tão movimentado como era antes. Mas existem! Esses canais estão abertos, caso a gente precise de alguma ajuda ou alguma conversa. Eles podem ser utilizados tranquilamente. Mas eu não sinto que eu tenho uma mega proximidade, quase de caráter pessoal. Acaba sendo a gente interagindo através das páginas mesmo: eu entro na página uma vez e acabo interagindo através das páginas delas, sabe?

[01:06:29] Entrevistadora: Qual você acha que é o papel da tecnologia e da internet no desenvolvimento do projeto?

[01:06:38] Entrevistada: Você perguntou sobre o papel da internet, é isso? É que deu uma cortadinha.

[01:06:42] Entrevistadora: Isso! Sobre o papel da internet e da tecnologia.

[01:06:45] Entrevistada: Essencial! Eu acho que, se não fosse a internet e a tecnologia, eu acho que não iria dar o *boom* que deu há uns anos, com a Primavera Feminista, o Me Too nos Estados Unidos. Com certeza eles não teriam rolado na proporção que rolou. Eu acho que foi uma coisa muito positiva as redes sociais nesse sentido, por fazer com que, em muitos aspectos, pelo menos na época, esse assunto chegasse a muitas pessoas, saíssem da bolha

universitária que ele estava (pelo menos aqui no Brasil) e chegasse a pessoas mais velhas, em pessoas mais novas, que poderiam ler e debater sobre isso muito antes de chegar na faculdade ou até já tendo passado pela faculdade. Eu acho que as redes sociais e a internet, no geral, foram essenciais. Se não fosse isso, o *Lado M* não iria existir. Ia ser somente um jornalzinho que ia chegar na universidade e não ia escalar, não ia chegar em outras pessoas e não ia também ajudar a promover esse debate.

[01:07:48] Entrevistadora: E a pandemia atrapalhou o desenvolvimento do projeto ou colaborou para ampliar mais?

[01:07:56] Entrevistada: Para ser sincera, eu acho que não mudou muita coisa para a gente. Acho que a gente já estava em um formato 100% online. Eu acho que mais colaboradoras se sentiam na vontade de falar sobre a pandemia e como a pandemia estava afetando elas - a maioria negativamente, com questões de solidão, com questões de Covid na família. Apareceram mais pautas sobre Covid nessa época. Como ficavam as mães solo em relação à Covid? Como está essa relação de ter que criar o filho em casa e não poder sair? Eu acho que foi uma ferramenta para a gente ter mais pautas e debater sobre outros assuntos. Mas eu não acho que mudou drasticamente a nossa rotina ou nada disso. A gente já estava em um formato 100% online e só seguiu.

[01:08:51] Entrevistadora: Você acha que mais gente começou a procurar os conteúdos de vocês durante a pandemia? Ou você não chegou a perceber?

[01:09:00] Entrevistada: Eu não vejo uma grande diferença, não. Eu não senti uma grande diferença, não. Depende muito da pauta que a gente escreve - algumas vão ter mais acesso e outras vão ter menos. Eu não senti uma grande diferença, não.

[01:09:13] Entrevistadora: E quais você acha que são os impactos desses contextos de pandemia para o movimento feminista, como um todo?

[01:09:20] Entrevistada: Eu acho que a gente está contando ainda mais com a internet nesse momento. Tinha uma coisa muito bacana do feminismo em geral que era você poder se reunir presencialmente, trocar com as mulheres presencialmente em assembleias, poder ir para a rua para reivindicar os seus direitos. Eu acho que a pandemia afetou muito isso: afetou o

convívio e a troca presencial. A internet e as redes sociais se mostraram muito mais relevantes nesse momento, através das *lives* (teve o *boom* das *lives*, quando todo mundo queria ver e estar em *lives* e assistir *lives*), através de leituras de textos. Eu acho, por exemplo, que para a escola também acabava sendo uma dificuldade, porque as crianças e os adolescentes também estavam tendo aula *on-line*, então os movimentos feministas que todo mundo participava nas escolas ou presencialmente foram afetados. Teve um impacto, sim. Acho que impacta em outras questões também. Por exemplo: violência doméstica. Você passa muito tempo com o agressor, as coisas à flor da pele sempre; questão de solidão, questão de exaustão mental, por ter que lidar com muita coisa. Eu acho que afetou as mulheres de uma forma geral e fez com que muitas mulheres repensassem a vida que elas estavam levando e como elas queriam levar a vida delas daqui para frente. Quando terminar, ou quando todo mundo estiver vacinado, eu acho que muita coisa presencial vai voltar - manifestação (que já estão voltando as contra o Bolsonaro, o que já tem uma força motriz forte do movimento feminista também). Eu acho que isso já vai ajudando. Eu acho que afetou muito essa convivência presencial, que é importante.

[01:11:24] Entrevistadora: Sim! É verdade! Nesse sentido dos encontros físicos, realmente, afeta muito.

[01:11:31] Entrevistada: Não tem o que fazer.

[01:11:33] Entrevistadora: Como o projeto de vocês lida com essa conjuntura atual, que a gente vive, de ampla disseminação de *fake news*?

[01:11:46] Entrevistada: Eu acho que a gente tem um papel ainda mais importante, nesse sentido, por ter que fazer uma boa apuração do que a gente está falando. É uma coisa que eu sempre falo com as meninas: "Gente, vamos checar os dados, vamos pegar de fontes confiáveis de pesquisas, vamos entrevistar pessoas que são gabaritadas para falar desse assunto. Vamos divulgar realmente informação relevante, informação clara e objetiva para as pessoas", porque eu acho que a gente está em um momento de muita *fake news*. No WhatsApp, as pessoas estão compartilhando coisas para lá e para cá. E as *fake news* são

muito compartilháveis - esse é o poder das *fake news*. Todo mundo quer compartilhar coisas sensacionalistas...

[01:12:30] Entrevistadora: ... e bombásticas.

[01:12:31] Entrevistada: Pois é! Tem realmente uma grande instituição por trás de tudo que acontece. É muito compartilhável esse tipo de coisa, porque tem um senso de urgência absurda naquilo. Então, a gente tem um papel muito grande de realmente fazer conteúdo que importa e conteúdo relevante e apurado. Eu bato muito na tecla com as mulheres que colaboram e todas são muito alinhadas, nesse sentido.

[01:12:59] Entrevistadora: Como você acha que as notícias falsas afetam o movimento feminista, como um todo?

[01:13:05] Entrevistada: Desculpa! Deu uma cortadinha.

[01:13:07] Entrevistadora: Você está me ouvindo agora?

[01:13:09] Entrevistada: Agora estou.

[01:13:10] Entrevistadora: Como você acha que as notícias falsas afetam o movimento feminista, de maneira geral?

[01:13:17] Entrevistada: Eu acho que acaba descredibilizando. Eu acho que as *fake news* mais voltadas para a extrema-direita acabam sendo usadas para tirar a credibilidade de movimentos, no geral, tanto feminista, quanto movimentos sociais, como movimentos de direitos humanos no geral. Eu acho que elas são muito ruins - com certeza - , mas eu acho que quem já está no movimento, quem estuda isso, acaba pesquisando em outras fontes, que não vai ser o grupo do WhatsApp. Então, eu acho que as gerações mais novas acabam indo buscar outros canais, que são canais que não se afetam tanto por *fake news*. Mas, por exemplo, em áreas em que a informação não chega totalmente ou pessoas que já são de extrema-direita mesmo ou que não estão nem aí para assuntos de direitos humanos, elas acabam colaborando em compartilhar esse tipo de desinformação. Eu acho que o que afeta mais, no fim do dia, e que eu acho que afeta diretamente o movimento são as eleições, porque aí começa a baderna no zap. Aí a gente vê cenários em que pessoas como o Bolsonaro chegam à presidência. Uma pessoa como Bolsonaro, e todas as outras

peessoas que ele leva junto com ele, afeta diretamente o movimento, porque ele é uma pessoa claramente contra qualquer movimentação a favor dos direitos humanos. Então, tudo o que ele puder afetar, ele vai afetar. Eu acho que o problema não é a *fake news* ficar falando que feminismo é besteira. Eu acho que o problema está no poder que ela tem de eleger pessoas que concordam com isso e essas pessoas teriam um poder na mão delas de boicotar e encerrar lutas que estão aí há anos.

[01:15:27] Entrevistadora: A força de reafirmar os discursos de ódio, né?

[01:15:31] Entrevistada: Exatamente! Exatamente!

[01:15:33] Entrevistadora: O que gera mais satisfação no seu trabalho, na sua atuação para o projeto?

[01:15:41] Entrevistada: Eu acho que o que me dá mais satisfação é quando eu vejo um comentário positivo, alguém agradecendo, alguém falando que aquele texto, aquele post ou aquele vídeo ajudou de alguma forma no momento em que ela estava passando, que ela está revendo alguma situação que ela esteja vivendo, seja em relacionamentos amorosos, seja em amizades, seja em família, seja em trabalho. Isso, no geral, para mim, é muito gratificante.

[01:16:15] Entrevistadora: O que te gera insatisfação? Algo te gera insatisfação?

[01:16:21] Entrevistada: Para mim, a parte da insatisfação fica nítido mais quando você vê que você está tendo que falar de um assunto que você já falou há cinco anos e que pouco mudou de lá para cá.

[01:16:35] Entrevistadora: É aquilo que você tinha comentado antes.

[01:16:37] Entrevistada: Exato! Para mim, é muito doído ter que ficar falando do Bolsonaro, porque o Bolsonaro é inteiramente um retrocesso em tudo o que a gente vem lutando. É isso o que me dá mais insatisfação: ver que tem algumas pautas, alguns temas, que a gente sempre está repetindo, mesmo tanto tempo depois. Dá aquele desânimo. Você fala: "Por que eu estou fazendo isso, dado que olha quem está no poder agora?". Mas é por essas e outras que a gente tem que continuar.

[01:17:11] Entrevistadora: A pergunta é justamente essa: o que você acha que faz com que a iniciativa siga existindo? Por que você acha que vocês têm que continuar?

[01:17:22] Entrevistada: Eu acho que a gente tem que continuar porque, mais do que nunca, no momento em que a gente está hoje, é um momento de trazer essas pautas, é continuar dando visibilidade para as mulheres, é continuar falando de feminismo, mas também de direitos humanos e falando de sociedade, no geral. Eu acho que, mais do que nunca, é o momento de a gente fazer isso. Eu acho que, justamente pelo *Lado M* não ter esse peso de querer se monetizar, querer ganhar dinheiro com isso, isso faz com que fique muito mais tranquilo de manter o projeto. Como a gente conseguiu migrar o portal inteiro para o Medium, que é uma plataforma gratuita, a gente consegue ter os textos lá e não precisa ficar pagando nem nada. Isso também é outro fator que motiva. Você fala assim: “Eu vou escrever sobre isso...”. Eu também não preciso de nenhum apego de ficar esperando patrocinador ou esperando alguém doar dinheiro para o site. Isso dá uma liberdade muito maior. Então, para mim, são várias coisas, mas eu acho que pelo momento político que a gente vive hoje, é extremamente necessário a gente continuar batendo nessa tecla.

[01:18:35] Entrevistadora: Mari, são essas as perguntas que eu tinha para colocar para você. Eu queria agradecer muito pelo seu tempo, pela sua atenção e disponibilidade. Você tem alguma dúvida, alguma questão?

[01:18:48] Entrevistada: Não. Do meu lado, está tudo tranquilo. Se você precisar mais assunto, se você precisar de mais alguma coisa, você tem o meu telefone. É só falar.

[01:18:56] Entrevistadora: Eu preciso! Eu queria ver com você se você acha que outras colaboradoras topariam conversar comigo, se você pode me indicar os contatos ou falar com elas e passar o meu número, para elas me mandarem mensagem. Não tem problema nenhum.

[01:19:13] Entrevistada: Maravilha! Eu vou mandar mensagem no meu grupo que eu tenho com elas. Aí, eu te aviso. Mas eu imagino que sim. Imagino que não deva ser um problema, não.

[01:19:25] Entrevistadora: Obrigada! Eu acabei de fazer a qualificação do doutorado agora, então eu estou na metade dele. Eu devo fazer uma parte da minha pesquisa na França, comparando as iniciativas de midiativismo aqui e...

[01:19:56] Entrevistada: Que bacana!

[01:19:59] Entrevistadora: Tomara que dê certo. Por causa da pandemia, eu não sei. Mas eu pretendo, mais para frente, escrever perfis e perfilar algumas das entrevistadas. Se você topar e se a gente puder conversar de novo mais para frente.

[01:20:14] Entrevistada: Claro! Sem problemas. Podemos, com certeza!

[01:20:16] Entrevistadora: Então, está bom! Muito, muito, muito obrigada. Outra dúvida que eu falei: tem problema, para você, se seu nome aparecer na pesquisa ou você prefere ficar anônima?

[01:20:25] Entrevistada: Não, não. Não tem problema nenhum. Pode por.

[01:20:29] Entrevistadora: Então, está bom! Muito obrigada. Qualquer coisa, eu fico à disposição. Você tem o meu contato. Se você tiver alguma dúvida sobre a pesquisa, é só me falar ou, se quiser compartilhar também outros assuntos, eu estou à disposição.

[01:20:41] Entrevistada: Maravilha! Maravilha, Mariana. Muito obrigada!

[01:20:45] Entrevistadora: Eu que agradeço. Um bom resto de semana, um beijo, tchau.

[01:20:49] Entrevistada: Para você também.

[01:20:50] Entrevistadora: Obrigada! Tchau, tchau!

Marília Moreira – equipe de apoio *AzMina*

[00:00:01] Entrevistadora: Eu queria saber um pouco da sua trajetória, tanto pessoal quanto profissional, de como você foi parar na *AzMina*, quanto pessoal, também.

[00:00:11] Entrevistada: Então, eu tenho 31 anos. Vou fazer 32 em novembro. Sou de Salvador, moro em Salvador e comecei a minha vida profissional aqui, em estágios, na época da faculdade. Eu sou formada pela Universidade Federal da Bahia, então, por volta de 2011, 2010, eu comecei a estagiar em veículos locais e digitais. Eu comecei a trabalhar em sites locais. Aqui tem uma cobertura forte de Política. Eu não cheguei para cobrir Política, inicialmente. Eu sempre tive interesse na área de cultura, então nesses sites eu cobria shows, teatros, entrevistas com artistas e tal, mas, também tinha aquele esquema de plantões, de coberturas especiais. Como era um site especializado em Política, sempre tinha cobertura de eleições, de festas religiosas que os políticos estavam presentes, então sempre fui escalada para cobrir Política também. Mas, de fato, eu estava alocada na Editoria de Cultura. E, assim, a veia digital veio desde o início. Salvador tinha e tem dois veículos impressos grandes, que são o jornal *A Tarde* e o *Jornal Correio*. Mas eu achava, enquanto estudante de Jornalismo, um pouco difícil para entrar sem indicação e como eu vinha de uma trajetória muito acadêmica - na faculdade, eu participei de grupo de pesquisa, participei do Programa de Educação e Tutorial -, então, durante a minha graduação, eu estive muito na faculdade. Eu só consegui o

estágio no meu último período, no meu último semestre, que veio uma greve e, aí, eu consegui o estágio nesse site. Mas eu achava muito difícil, assim, trabalhar em jornal, em jornal impresso, que é aquele sonho de todo jornalista, assim, quando faz Jornalismo. Mas, também nesse período, um pouco antes de eu me formar, eu fiz um *trainee*, uma espécie de *trainee*, um programa chamado Correio do Futuro, que era do *Jornal Correio*, esse jornal impresso, e que a gente passava seis meses conversando com jornalistas da redação, tendo uma série de palestras, acompanhando esses repórteres e produzindo, ao final, um produto, um suplemento do jornal. Então, eu tive essa experiência também no jornal impresso, ainda na graduação, mas não fui contratada, diferente de outros colegas. Na minha turma, acho que tiveram uns 11 colegas desse projeto e acho que umas três foram contratadas inclusive por outras empresas da Rede Bahia, porque o *Correio* está dentro de uma rede junto com veículos, como *CBN* - hoje, não mais, mas na época tinha *CBN*, *G1*, as rádios *Globo FM*, enfim, então o *Correio* estava ali dentro desse grupo. Então alguns colegas desse programa de *trainee*, que foi a primeira turma, foram contratados naquela época, e eu acabei indo para esse site que eu te falei, e achava, realmente, difícil a experiência profissional em um jornal, mesmo tendo passado pela experiência de um *trainee* como esse. Mas assim, também não tinha esse sonho de trabalhar num jornal. Eu acho que eu gostaria de trabalhar com Jornalismo, nunca tive essa ideia de: “Ah! Eu preciso ter a minha matéria impressa”, sabe? Então, assim, foi essa a minha trajetória de estágio. Aí foi estágio no meu primeiro ano de formada. No meu primeiro ano de formada também, eu fui contratada pelo *Bahia Notícias*, então estagiei nesse site e, aí, realmente, fiquei em Cultura o tempo todo. Eu fiquei lá por dois anos, no meu estágio, contando meu primeiro emprego, aí, depois, pedi demissão e fui para o *Ibahia*. O *Ibahia* é um site especializado em entretenimento e cultura aqui, em Salvador. Sempre teve esse viés: cobrir festas, cobrir shows e tal e, na época, era a Copa do Mundo, e eles estavam fazendo a cobertura de comportamento e: “precisamos de *freelancer*, alguém que viesse se juntar na cobertura”. Então, eu fui contratada como *freela*, especificamente prestando serviços para a Copa de 2014. Eu entrei em junho de 2014.

[00:04:05] Entrevistadora: Essa é a pergunta que eu ia fazer: se tinha sido em junho de 2014.

[00:04:09] Entrevistada: Fiquei entre junho e setembro lá, enquanto PJ, prestadora de serviços e, depois, fui contratada pelo *Correio*, que foi o lugar que eu fiz o *trainee* lá em 2011 e que, quando eu voltei para a rede, para a mesma estrutura, as pessoas me viam e se lembravam de mim e tal. E, aí, uma colega estava saindo e tal, indo trabalhar no governo e eu assumi a vaga dela. Então foi essa a minha trajetória, assim, por onde eu trabalhei por quase seis anos. Saí no ano passado. Sempre em Cultura, mas cobrindo, também, Polícia, Cidade, tudo o que acontecia, principalmente aos finais de semana. Cheguei a monitorar, de certa forma, algumas turmas, tipo a minha. No *Correio*, de Cultura, esse *trainee* continua acontecendo, então eu vi muitas turmas se formarem lá, depois de mim repórter, eu supervisionei algumas delas. O que mais eu fiz? Eu fiz muita coisa, seis anos de trabalho é muita coisa, passa muito rápido, mas é muita coisa que a gente vive. E, aí, no ano passado, por conta da pandemia, essa coisa do *home office*, as pessoas trabalhando bastante precarizadas, eu também não via possibilidade de crescimento lá dentro. Eu já estava com várias questões, querendo mudar, com medo, não é? Aí, eu pensei: “é agora, a minha chance de sair daqui é não assinar o contrato de reajuste de salário e jornada”, porque, com o governo Bolsonaro, eles permitiram isso, que as pessoas trabalhassem menos e, também, ganhassem menos para as empresas poderem se manter. Só que eu não quis assinar isso, então eu fui demitida. Eu fui demitida com todos os meus direitos.

[00:06:03] Entrevistadora: Isso em 2020.

[00:06:04] Entrevistada: Em 2020. Então eu fiquei com a mão na cabeça: “pandemia, eu não vou conseguir mais nada, estou dando um chute super alto”, mas fui. E, aí, em setembro, *AzMina* me procurou, foi uma indicação de um colega aqui, de Salvador, e, hoje, está no UOL, Flávio Costa. *AzMina* queriam alguém aqui da Bahia, queriam ampliar o espectro mesmo de profissionais das regiões e tal, queriam alguém com um perfil mais sênior, que tivesse passado por redação algum tempo como eu tinha passado por quase sete anos. Elas queriam que tivesse esse perfil mais maduro, porque o que elas tinham visto das contratações anteriores é que as pessoas queriam fazer muito Jornalismo e a função que eu estou hoje não é só escrever reportagem, é gerenciar projetos, é pensar logística de produção de várias

coisas, cronogramas, supervisionar equipes... E, tanto por uma inexperiência quanto por uma abordagem dos profissionais mais jovens, elas achavam que esse perfil de vaga era para uma pessoa com uma experiência maior, que já tinha passado por outras fases do Jornalismo, enfim...

[00:07:01] Entrevistadora: Quando eu conversei com a Carol... Ah! Desculpa.

[00:07:03] Entrevistada: Fale.

[00:07:04] Entrevistadora: Quando eu conversei com a Carol, que foi no fim do ano passado, nessa época aí, eu acho, você tinha entrado há muito pouco tempo, porque elas estavam mesmo com essa preocupação de expandir um pouco, de tirar dali, Rio-São Paulo, e de ampliar para outras regiões do país. E, também, a equipe estava bem reduzida, com sete pessoas só.

[00:07:27] Entrevistada: Quando eu cheguei, tinham, eu acho, cinco pessoas. Tinha Carol, Helena, Thaís, Bárbara Libório... Estou esquecendo de mais alguém? E eu era a quinta, talvez.

[00:07:40] Entrevistadora: É, quando eu falei com a Carol já estava com sete pessoas na equipe. Eu acho que isso foi em outubro ou novembro. E mais as colunistas na equipe, não é?

[00:07:50] Entrevistada: Aí, depois que eu cheguei, chegou a Aimê e chegou Carol. Deve ter sido nessa época aí, porque eu cheguei em setembro, então.

[00:08:00] Entrevistadora: Isso, a Aimê tinha acabado de entrar, foi na semana que ela entrou.

[00:08:04] Entrevistada: Ah! Pronto. Porque a Aimê chegou duas semanas depois de mim. Então é isso: *AzMina* cresceu muito de lá para cá, nesse um ano. Hoje, nós temos 12 pessoas, junto com Carol, Helena e Thaís, que são as diretoras, a Aimê ainda continua. Houve algumas saídas e algumas entradas. Nem todo mundo se adaptou à rotina, tinha outros interesses, enfim. Então, a gente tem um núcleo de audiovisual se formando. Inclusive, ontem duas pessoas novas entraram na equipe, foram apresentadas, porque a gente tem alguns projetos de audiovisual para dar conta e decidimos que era melhor formar uma equipe de roteirista, diretora e editora para esses produtos do que ficar pensando em profissionais

para cada projeto. Então, como são esses três projetos que a gente precisa finalizar até o ano que vem, a gente decidiu fazer isso e quem sabe, uma vez com essa experiência, manter essas coisas, não é? É a nossa expectativa sempre. Porque *AzMina* não tem uma grana de fundo, assim, a gente capta por projeto, mas a nossa expectativa é que essa captação seja contínua e que a gente mantenha as nossas ideias.

[00:09:30] Entrevistadora: É, eu conversei com a Ray e com a Verena também e elas estavam me contando justamente sobre o trabalho de captação financeira. Eu já tinha conversado sobre isso com a Carol também, mas, na época, quando a equipe estava reduzida, a Carol estava muito esgotada com esses processos de busca de editais. Que bom que as meninas entraram para fazer esse trabalho.

[00:09:54] Entrevistada: Exatamente. Ray entrou depois de mim; Verena é uma amiga minha aqui, de Salvador. Quando eu vi a descrição dessa vaga, enfim, elas falavam dessa vaga de captação e eu: “tá, quando elas lançarem essa vaga, eu vou mandar para algumas pessoas conhecidas”, mas eu nunca tinha visto a descrição da vaga, assim, o que é que precisava fazer, sabe? Quando eu vi, tipo assim, eu falei: “gente, é a cara de Verena isso”. Verena estava passando por uma crise no trabalho dela, meu antigo trabalho, e eu falei: “Se candidate. Eu vou fazer o seu *lobby* aqui, mas, claro, é uma seleção e elas estão, realmente, dispostas a entrevistarem uma grande quantidade de pessoas pelo Brasil, porque elas estão nesse esforço, de fato, de pulverizar a equipe nacionalmente. E, aí, eu não sei quais as suas reais chances, mas você tem um currículo que é muito o que elas querem”. De fato, foi. Ela realmente foi contratada, está dando super resultado, está propondo várias coisas interessantes. Então, desde janeiro, Verena está com a gente. E, no final, somos 12 agora., 12 profissionais.

[00:10:37] Entrevistadora: Eu conversei com ela na semana passada.

[00:10:41] Entrevistada: Ai, que ótimo.

[00:10:43] Entrevistadora: Eu queria saber também a sua relação prévia com o feminismo e com os feminismos, assim. Teve algum momento... Primeiro, você se considera feminista? Por quê?

[00:10:57] Entrevistada: Sim. Não tem como não.

[00:11:00] Entrevistadora: E o que é ser feminista para você?

[00:11:02] Entrevistada: Então, minha relação com o movimento feminista eu acho que não existiu enquanto movimento, enquanto organização, articulação. Eu não participo de nenhuma iniciativa social, popular, assim, mobilizada. Não tenho essa experiência de ruas, de militância, mas eu entendo o feminismo enquanto essa postura que realmente acredita que as mulheres têm direitos iguais aos dos homens. Não só iguais, mas precisam desse, dessa... Equânimes, não é? Que não é exatamente igualar, mas entender que têm essas desvantagens históricas, atuais, contemporâneas e tentar compensar essas desvantagens de algum modo, não é? É reparação mesmo. Quando a gente pensar... Eu sou uma mulher negra. Quando a gente pensa em cotas, em tecer várias outras estratégias de reparação em relação à raça, a gente está pensando em todas as desvantagens históricas. Então, para mim, o feminismo é isso em relação ao machismo, na relação com o gênero. Então, eu acho que sempre... Sou educada por uma mãe que criou a mim e à minha irmã sem pai. Na verdade, o meu pai morou conosco até os 12 anos, mas, assim, minha mãe vem de uma criação também de uma mulher, minha avó. Minha vó teve outros cinco filhos e criou cinco filhos sozinha, então eu sempre ouvi essa história de como as mulheres conseguem cuidar das famílias, de zelar dos seus filhos e cuidar de inúmeras outras coisas, não só do âmbito doméstico. Minha história toda de tias, mães, avós é rodeada dessas narrativas, então eu acho que eu sempre fui feminista, eu sempre entendi que lugar de mulher é onde ela quiser. Sempre entendi que a gente pode conquistar nossas coisas, não merece ser tratada de tal forma, ou ter tal comportamento para estar com alguém, para manter um relacionamento, sabe? Eu acho que sempre foi isso, assim. E, aí, quando chegou *AzMin*, no ano passado, essa militância se direcionou um pouco para esse trabalho jornalístico. Acho que, antes, eu não tinha pensado em como toda essa minha educação feminista, que vem de berço, que não vem das teóricas, poderia contribuir de alguma forma para o meu trabalho: a forma como pensar uma pauta, a forma como eu faço uma pergunta para uma fonte, seja de que âmbito seja - um político, um artista -, eu acho que é tudo isso que está em jogo. Ontem mesmo

houve uma polêmica, no Twitter, de Vera Magalhães fazendo uma pergunta a Martinho da Vila, no Roda Viva, sobre as milícias. E as pessoas dizendo: “Ah! Mas por que você questiona Martinho da Vila, que é ícone do Samba, que poderia ter várias coisas para falar sobre cultura, sobre crime organizado? Você está fazendo uma associação”. E as pessoas fazendo essa ressalva de que cultura negra e periférica tem algum pezinho lá no crime, sabe? Ou de uma forma ou de outra se nutre disso. Sempre que chegam lá os políticos de colarinho branco, não se faz uma pergunta desse tipo. Então, assim, eu acho que todo esse repertório para o bem ou para o mal e, no caso do feminismo para o bem, está na minha atuação profissional desde sempre. Mas assim, direcionando como *AzMina* realmente faz é algo bastante novo. E, aí, nesse sentido, as articulações, do entendimento do quanto as articulações das organizações civis são importantes, para mim, assim, acho que se transformou radicalmente do ano passado para cá. Não que eu não soubesse, mas, hoje, eu entendo como é importante financiar, independente de jornalismo, o quanto é importante estar em grupos defendendo uma pauta e, às vezes: “Ah, você vai ficar batendo na mesma tecla?”. “Vamos ficar batendo na mesma tecla porque é importante”. Tipo assim, tem que ter pessoas em toda luta progressista, realmente, nessa compreensão, assim, falando das mesmas coisas, organizadas pelas mesmas causas, porque, senão, as coisas se dissolvem de uma forma muito complicada. Então, realmente, eu acho que... Eu vejo lá na redação como as meninas são jovens, são super jovens, que tem certa rotatividade, mas, ainda assim, com os mesmo ideais e novos ideais de 2015 para cá. É muito, muito revigorante. Eu gosto muito de trabalhar lá.

[00:15:41] Entrevistadora: Na sua experiência, assim, teve algum momento marcante que você percebeu que tinha afinidade com a causa feminista ou foi a partir do momento que você entrou na *AzMina* mesmo?

[00:15:56] Entrevistada: É isso. Eu fico pensando na minha trajetória enquanto profissional, inclusive, as questões que a gente sempre fala de assédio na redação, em ambiente profissional de forma geral. São ambientes que são muito mais masculinos no sentido de que geridos... Geralmente nossos chefes são homens, enfim. Tem toda essa questão da

progressão de carreira que, realmente, nesses lugares de chefia, os homens chegam mais rápido. Tem o momento da minha idade, foi na minha turma, quando eu comecei a trabalhar, eles já eram chefes, já tinham alguma posição de prestígio em alguns veículos locais, aqui, menores e que a progressão não seria nenhum critério. Então, dentro das redações, nessa relação profissional com colegas, eu fico me perguntando, assim, fazendo essa retrospectiva. Recentemente até saiu aquele caso de Marcos Melhem e Dani Calabresa, muito bizarro. A gente passa por muita coisa, na redação, assim. E eu acho que... Eu já vi colegas passarem também. Eu acho que tudo isso afeta a forma como a gente se porta no mundo, não é, enquanto profissional e no nosso fazer também. Eu não admitia certas brincadeiras; em alguns momentos eu me calei, também, enquanto profissional jovem, por medo de retaliação, medo de não conseguir determinados acessos. Mas, enfim, eu acho que a minha vida é curta, porque eu não tenho muitos anos de profissão, são 10 anos agora, mas eu acho que eu fui me construindo dessa forma e todas as experiências profissionais, assim, da relação de chefias de homens, me formaram bastante. Para o bem e para o mal, mas hoje eu consigo fazer com que as minhas colegas, não só colegas, assim, mas pessoas que eu tenho intimidade. Colega, eu falo de quem compartilha da mesma profissão, que chega com algumas angústias em mesas, em eventos que eu participo e eu acho que a gente consegue falar sobre essas coisas e é bem importante. Então, eu acho que o feminismo, ele chega antes na minha profissão, mas é isso: e não tanto enquanto temática, entende?

[00:18:05] Entrevistadora: Sim.

[00:18:07] Entrevistada: Temática do meu fazer, assim. “Ah! vou fazer uma pauta feminista essencialmente”. Mas acho que está tudo conectado e a forma como eu, uma profissional mulher, negra, jovem, no jornal mais tradicional da cidade, mais vendido na cidade, eu acho que todos esses rótulos, todos esses... Todas as instâncias, elas vão aproximando as pessoas, pelo menos de alguma forma, pessoas que se identificam. Já ouvi vários relatos de pessoas até no mestrado, do tipo: “Poxa, você faz o mestrado e tem uma carreira consolidada, importante, e escreve matérias boas e conversa com pessoas importantes...”. Então, eu acho que, assim, eu posso fazer mestrado, eu posso fazer. Várias colegas que

defenderam o mestrado, fizeram o mestrado por causa de mim, e eu que não defendi o mestrado ainda e, hoje, elas que estão aí, não é? Então, eu acho que assim: é isso. É isso que é fazer a roda do feminismo girar, que a gente pode ocupar a academia e o mercado, mesmo que digam que você é só jornalista, que você é só acadêmica... “Não, eu sou o que eu quero ser. Posso estar, posso confiar”. Têm profissões que não vão entender isso porque têm empresas que são super complicadas para essa vida dupla, que não é uma vida dupla, porque a gente precisa pagar as nossas contas. Mas, realmente, tem professor que quer dedicação exclusiva ali, na pesquisa, e, se você propõe trabalhar, você não consegue, mas é isso: quando você dá o exemplo, o exemplo de uma mulher, que a gente sabe que tem todas as outras demandas sociais, no âmbito doméstico, familiar, inclusive, você se sente encorajada. Eu acho que o feminismo atravessa minha profissão, de forma muito radical, antes da *AzMina*.

[00:20:08] Entrevistadora: E você me disse que a sua perspectiva sobre o feminismo mudou bastante nesse último anos, depois que você entrou para a redação da revista. Mudou como? Em que sentido?

[00:20:16] Entrevistada: Eu acho que muda nesse sentido do quanto a gente pode modificar estruturas. Eu atendo, hoje, o Penhas, que é o projeto de enfrentamento à violência contra a mulher. O Penhas é basicamente um aplicativo, mas não só. Cada vez mais, a gente quer reforçar que ele é tecnologia e informação na luta da vida das mulheres contra a violência. Então, assim, no aplicativo, eu posso, enquanto usuária comum, baixar o aplicativo lá e não estar passando por situação de violência e ver o relato de outra mulher, de outras mulheres e, ali, falar alguma coisa para elas, dizer assim: “Olha, força, esse momento vai passar. Olha, você mora onde? Se você quiser, eu posso procurar isso e isso na rede de atendimento mais próxima de você” ou puxar uma conversa no privado com essa mulher. Então, eu entendi assim, para além do núcleo familiar, para além das relações que você nutre no seu íntimo, você pode estar ativa num aplicativo como esse, seja numa rede social, seja no Facebook, realmente transformando a vida de mulheres, assim, transformando muito, porque, às vezes, é só aquilo que ela precisa ouvir. Eu entendi isso, principalmente para mulheres que estão

em situação de vulnerabilidade e de violência, não é muito o que a gente precisa fazer. Realmente, elas precisam ser assistidas, precisam serem asseguradas, não serem revitimizadas... E isso é muita coisa, mas, ao mesmo tempo, é pouco. Eu não sei se eu consigo me explicar, mas *AzMina* me provou que é possível fazer coisas grandiosas num plano individual, mas, claro, coordenado coletivamente. Então, é isso, comecei a entender a importância de doações para o jornalismo. Eu, enquanto consumidora de jornalismo, claro que pagava, não é, assinatura de jornais que eu lia: da *Folha*, do próprio *Correio*, enfim. Se tinha algum projeto bacana de algum amigo, eu ia lá e doava, mas não era algo sistemático. Com *AzMina* eu acho que eu passei a entender a questão do jornalismo independente, não só do feminismo, a financiar de forma sistemática alguns projetos e produtos e entender, também, que eu posso ser parte, não só com dinheiro, mas nessa lógica de que: o que eu faço aqui pode ser pouco, pode ser tirando cinco minutos do meu tempo, entrando no aplicativo, para mandar mensagem para uma pessoa, mas já é muita coisa. E eu acho que eu já fazia isso, anteriormente, de forma autônoma, mas isso passou a ser mais emblemático, porque *AzMina* transforma nesse lugar, assim. A primeira vez que eu cheguei na *AzMina*, o primeiro projeto que eu caí, para entender como funcionava, era o Fundo Vivas. A gente lançou ele em setembro do ano passado, por conta da descriminalização do aborto, da luta pela descriminalização do aborto, e era um projeto um projeto vinculado ao (inaudível). E, assim, a gente queria alcançar a meta de 30 mil reais, era um projeto de financiamento coletivo para gerir um fundo, que seria um fundo permanente de ajuda a essas mulheres que passaram por alguma violência no exercício do aborto legal. E meio que falar disso era difícil. Primeiro, falar sobre aborto é um tema super tabu. A gente não está falando de descriminalizar o aborto, mas, assim, do aborto que é previsto em lei, o aborto que já é uma garantia para o qual a sociedade brasileira já disse que sim, que está de acordo, caso aconteça, que é caso de estupro, caso de anencefalia, caso de perigo de risco da vida da mãe, enfim.

[00:24:12] Entrevistadora: Mas sobre essa questão, também teve o fato de a revista já ter passado por aquele processo ao tratar da descriminalização do aborto em outros países, não é?

[00:24:21] Entrevistada: Exatamente. Então tem toda uma questão que, realmente, tem a ver com a nossa trajetória essa questão, tem a ver com *AzMina*... A gente realmente acredita que aborto deveria ser descriminalizado, mas a gente vive em um país em que isso é crime, então a gente não orienta - e não pode, porque, se não, seríamos penalizadas por isso: como abortar ou o que o fazer -, mas a gente queria que esse direito fosse um direito garantido realmente. Não sendo, o que é lei, a gente quer que se cumpra. Muitas mulheres morrem por conta dessa criminalização e essa iniciativa desse financiamento coletivo, do ano passado, tinha esse objetivo de arrecadar para ser um fundo permanente de ajuda para essas vítimas. E eu falava que tem que comunicar isso de uma forma que as pessoas entendam isso E, uma vez entendendo a importância, não só entendendo a importância legal, paguem por isso. Então, eu comecei a entender o quão trabalhoso é fazer uma campanha de comunicação com temas tão difíceis, não é, como o próprio feminismo, que ainda é palavrão para muita gente, e a importância de financiar isso. Acho que, aí, foi a minha primeira experiência, assim, divisora de águas e, hoje, com todos os projetos que a gente faz, todos eles dependem muito de doação, eu acho que essa foi a grande transformação da *AzMina* na minha vida. Porque, sim, eu pagava, mas a gente vê muito mesmo da cultura da pirataria. A gente vê muito de: "Ah! Me dá isso assim, eu vou usar rapidinho" e não banca os projetos. Então, tem muita coisa assim e nem estou falando das outras plataformas, mas dos projetos que precisam de grana. Então, eu acho que essa foi a grande transformação da minha vida para sempre, assim. Verena também tem muito a ver com isso.

[00:26:04] Entrevistadora: E é um público muito jovem, não é, Marília? Porque, assim, eu estava tentando ajudar o pessoal da *Não Me Kahlo* a conseguir verbas e a conseguir formas para tentar manter a iniciativa financeiramente, porque elas estão com essa dificuldade. E é muito difícil você mobilizar pessoas para elas ajudarem todo mês ou recorrentemente. E elas

não têm CNPJ ainda, então elas não conseguem participar dos editais. Então, elas dependem só da ajuda mesmo das pessoas, das apoiadoras e apoiadores.

[00:26:48] Entrevistada: É, e eu falo isso de um lugar de privilégio. Privilégio, vírgula. E até o ano retrasado, passado, quando eu saí do *Correio*, eu ganhava muito mal. Hoje, eu acho que eu não é um luxo, mas eu ganhava muito mal. E, tipo assim, minha mãe desempregada. Eu moro com minha mãe sozinha e eu tipo banco a minha casa. E não tem condições a pessoa que ganha um salário, pouco mais que um salário mínimo, não chega nem a dois salários mínimos, ficar assinando um tanto de coisas, vários projetos que você ache fodas e importantes, não tem como. Hoje, eu acho que eu ganho uma remuneração justa, que é possível, também, bancar algumas coisas que eu realmente acredito. Então, essa questão de doação no Brasil é uma coisa que eu acho que, realmente, precisa mudar culturalmente, mas eu entendo, também, que o Brasil é um país muito desigual, um país financeiramente instável. Por mais que hoje eu possa pagar - essa questão da doação recorrente -, amanhã não é garantido. Então, hoje, que, realmente, eu posso, eu, realmente, transformei a minha mente e tenho tentado investir. Mas eu sei o quanto é difícil para as organizações se manterem, realmente, é um desafio. É um desafio para *AzMina* ainda hoje.

[00:28:02] Entrevistadora: Sim, em especial quando a gente fala de leitoras muito jovens que ainda estão tentando se colocar no mercado de trabalho e encontrar espaço.

[00:28:07] Entrevistada: Sim, no mercado. Exatamente.

[00:28:08] Entrevistadora: É, eu ia comentar com você que eu acho o PenhaS sensacional. Quando eu estava fazendo uma especialização, na FGV, eu até elaborei um trabalho inspirado no aplicativo, porque a gente tinha que fazer uma proposta de outro aplicativo e eu o usei como modelo. Foi antes de começar a fazer a tese, inclusive, sobre mídia e ativismo. Eu queria, também, entender um pouco mais, já que você me contou da sua mãe agora, sobre como o seu trabalho na revista e como a sua relação com o feminismo, ela se reflete na sua relação com a sua mãe, com a sua família e, também, com amigos.

[00:28:49] Entrevistada: Eu estava pensando bastante sobre isso. Desde que eu entrei na *AzMina* que penso sobre isso, mas eu estava pensando, especificamente, há algumas

semanas que uma amiga veio aqui em casa - uma amiga muito amiga, uma das minhas melhores amigas, uma das mais próximas -, e a gente não tem se visto muito por conta da pandemia, e ela chegou falando de uma situação que aconteceu no Uber, com ela: que ela estava no Uber e, aí, o cara viu uma menina que estava atravessando a rua, e a menina estava com uma roupa curta, bem apertada e ele começou a dizer para a minha amiga que estava no carro dele: “menina toda retalhada”, retalhada no sentido de que estava com a roupa em retalhos. “Comigo não sai assim. Mulher minha não sai assim.” E começou a falar um monte de coisas e tal, e ele se achando muito no direito, se achando muito certo, tanto que ele falou para a minha amiga que a mulher dele não sai daquela forma, mas, assim, a pessoa está ali enquanto cliente, sentindo-se exposta e vulnerável. Minha amiga não estava com a roupa mais composta no momento, estava com um decote, inclusive, ela disse até que, na hora, colocou um xale por cima. Enfim, e ele crescendo naquela conversa de como uma mulher deve se portar, de como a mulher dele deve se portar e minha amiga: “Daqui a pouco, ele deve se achar no direito de fazer algum comentário sobre mim, sobre minha roupa e tal”. E, aí, ela chegou aqui em casa contando essa história, revoltadíssima, com toda razão, e a gente passou o dia falando sobre homem fazendo “homice” - uma pauta comum das mulheres de 30. E, na mesma semana, eu tinha dado uma entrevista falando sobre o PenhaS, falando sobre a violência contra a mulher, que foi uma situação que eu achei, para mim, super complicada. Essa entrevista foi para dois homens que têm um programa consolidado aqui, numa rádio local, de grande audiência. E esses caras já começaram falando, antes de a gente entrar no ar, nas conversas de bastidores, durante um intervalo: “Olha, a gente não sabe conversar muito sobre isso, a gente tem medo de falar alguma besteira”. Então, assim, nos eduque é o que eles estavam praticamente querendo dizer. E eu disse: “não, fiquem tranquilos. Vocês vão conversar como qualquer homem em que a sociedade tem em sua maioria mulher. Como vocês vivem normalmente. Quais são suas dúvidas? Quais são suas questões? Coloquem também porque para a gente é importante saber”. Mas, enfim, começamos a conversar e, em alguns momentos, eles deram vários foras, o que era esperado, não esperava nada diferente. Mas é isso, eu comecei a pensar e refletir: o quanto

a gente pena por ser mulher, não é, para conseguir determinado emprego? Porque, assim, os caras são dois âncoras de um programa bem ouvido, bem escutado, consumido e não têm, tipo assim, a menor preocupação de chamar o nome das entrevistadas, porque anunciaram a mim e a outra convidada com os nomes trocados, falaram o nome do livro errado e, ainda, sem nenhum cuidado com o próprio tema, sabe?

[00:32:03] Entrevistadora: Não estudaram antes.

[00:32:05] Entrevistada: É, não estudaram antes e não fizeram questão de estudar. No fim das contas, durante o intervalo, pouco antes da nossa entrada, falaram: “ Olha, a gente não sabe falar, vamos ficar mais quietinhos”. Nem conseguiram ficar quietos, porque ninguém consegue. E, aí, eu fiquei pensando... Porque você perguntou da minha relação com minha mãe, com minha família, com minhas amigas e, aí, eu trago isso. Minha amiga é jornalista, eu sou jornalista, a gente pena para estar dentro do mercado, a gente faz o melhor que a gente pode, sabe? A gente trabalha para caramba para conseguir um trabalho que possa pagar as contas e, aí, uns caras desses conseguem, sabe? É isso, sabe? A gente compartilha muito dessas dores, da minha trajetória com o feminismo, da minha trajetória com *AzMina*, a minha história profissional como um todo, as minhas amizades - principalmente porque minhas amigas são jornalistas da área e tal. Acho que jornalista andar muito com jornalista é uma pressão, mas, no meu caso, é real. Está muito nesse lugar, assim, de empoderar, de poder falar dessa coisa e, de certa forma, se retroalimentar dessa energia, sabe? A gente não é ruim no que a gente faz, a gente é muito boa no que faz. Agora, a sociedade é estruturada para beneficiar os mesmos de sempre, porque eu não chegaria em uma entrevista sem saber o nome do meu convidado ou sem nem saber qual é o livro e sequer ter folheado o livro. Mas, ali, claramente isso não aconteceu. Claro, têm dias e dias, mas eu sei que é uma dinâmica daquelas pessoas, eu sei que é uma dinâmica daquele programa e, assim, uma mulher com aquela mediocridade, nunca chegaria a ter esses espaços. Então, com as minhas amigas, a gente está bem nesse lugar de compartilhar essas violências, essas vivências e, de certa forma, tentar transformar isso, buscar saídas. Com minha mãe, *AzMina* tem uma coisa bem simbólica, assim. Logo no começo, no final do ano passado, elas falaram

que a gente teria um regalinho, uma sessão de massagem, de autocuidado, de alguma terapia que a gente quisesse. Era só pedir o reembolso, mas a gente teria isso como presente de fim de ano. E foi a primeira vez que eu fiz uma massagem em mim. Aí, eu fiquei pensando: “Vou pegar para minha mãe e para minha irmã também. Vou dar de presente de Natal isso. Vai ser uma sessão de massagem para nós três”. Então, *AzMina* pagou a minha sessão e eu dei de presente para elas e marcamos no mesmo dia para fazer isso. E assim, Mariana, a minha mãe, também foi a primeira vez dela, e ela tem 57 anos. E ela, super emocionada, assim: “Nunca fui tocada dessa forma, nunca me proporcionei isso.” Minha mãe foi uma mulher que sempre trabalhou a vida inteira, enfermeira, também foi formada pela Universidade Federal da Bahia. Trabalhou mais de 20 anos na área, trabalhou em outras áreas, fez escola técnica, trabalhou na indústria também. É uma mulher que está prestes a se aposentar, mas, enfim, com o desemprego, aí, na faixa dos 50, não concluiu o tempo de serviço e, por consequência, o tempo de se aposentar. A gente está pagando o INSS para ela ter esse direito garantido. E assim, minha mãe trabalhou a vida toda, viveu em função da família e tinha o dinheiro dela e não eram subempregos, empregos de nível superior, nunca tinha se proporcionado isso, por uma série de questões estruturais aí também, inclusive de para onde esse dinheiro vai, para que você trabalha? Você trabalha para crescer, para sua família, para servir sua casa e para cuidar de você, no máximo, para fazer unha, para fazer cabelo, para ficar apresentável para o trabalho. Mas não é esse cuidar, realmente, de você ter uma sessão ali para você, uma sessão de cuidado, de meditação ou de atividade física. Minha mãe nunca fez atividade física, nunca pagou um pilates para ela, mesmo trabalhando a vida toda. Nem tinha tempo para isso. Então, assim, a experiência da *AzMina* logo no começo, foi no segundo mês, foi uma coisa que eu acho metafórica, de como um trabalho pode desencadear tantas outras coisas na vida de uma pessoa. E eu estou falando de uma coisa simbólica, do toque, da massagem, desse autocuidado, mas, assim, pensar a renda, pensar no sustento da casa. Eu sustento a minha casa. Eu sou bem melhor remunerada do que qualquer outro emprego que eu tivesse aqui, em Salvador, não é CLT, não tem as garantias de uma carteira de trabalho. A gente está tentando fazer isso lá, mas existem várias

burocracias, mas assim, hoje é algo que me permite, realmente, uma condição de vida poder pagar uma terapia para a minha mãe. Minha mãe não tem plano de saúde, mas está com todos os exames em dia, sabe? O que, há quatro anos, quando eu estava empregada no *Correio*, eu não conseguia pagar. Então, realmente, transformou o núcleo familiar a questão da *AzMina* na minha casa, enormemente, a minha chegada na *AzMina*. Não sei até quando isso continuará acontecendo. É, realmente, um emprego instável nesse sentido. Eu acho que a gente tem a estabilidade, realmente, de que, quando os projetos funcionarem, estamos lá. Elas estão gostando do meu emprego, do meu trabalho, estão dando sempre esses *feedbacks* positivos e eu, também, estou gostando de estar lá. Mas é isso, eu sei que os projetos são financiados. Projeto é projeto. Então, o PenhaS, por exemplo. É o PenhaS que me paga. Então tem sempre o drama da instabilidade, não é, do mercado e não só da *AzMina*, que me ronda. Então estou lá, o meu contrato é até dezembro e está tudo bem. Eu acho que, realmente, transformou em muitos âmbitos, âmbitos simbólicos e âmbitos materiais, a minha relação com a minha mãe, com a minha família, de um modo mais fechado, e com as minhas amigas. Acho, inclusive, que a possibilidade de eu estar trabalhando em *home office*, em Salvador, em uma empresa que valoriza o meu trabalho, que eu tenho essa abertura, tenho esse diálogo, tenho a chance de aprender. Porque eu nunca gerenciei projeto, porque eu fui fazer uma coisa que elas vislumbravam em um perfil que eu me encaixei e, de fato, que eu atendi. Mas, assim, eu não tinha essa experiência, então tudo isso eu estou aprendendo, precisa de tempo para pensar, porque a gente sabe que as empresas, de modo geral, não estão prontas para esperarem os funcionários aprenderem, elas querem o funcionário pronto. Então a possibilidade de isso estar acontecendo comigo incentiva, também, as minhas amigas a acreditarem, as minhas colegas que deveriam mudar de área a acreditarem mais um pouco. Enfim, é uma realidade bem difícil, assim, bem adversa para as colegas aqui de Salvador, para o mercado de jornalismo.

[00:39:30] Entrevistadora: Muito legal essa história da sua mãe, legal a metáfora. Eu queria, também, saber se você já se sentiu acuada, de alguma maneira, por se identificar com a

causa feminista? Você, provavelmente, vivenciou embates também, não só presencialmente, mas digitalmente? Você já sofreu algum tipo de ataque? Algum tipo de violência?

[00:39:56] Entrevistada: Acho que o acuamento que eu sinto e o medo, talvez, de acontecer alguma coisa, porque eu sei que a nossa vidraça, ela é mais fina mesmo, não é? E é mais visível. Então, realmente, desde quando a gente entrou na *AzMina*, uma das primeiras orientações é: “Coloque dupla verificação do fator de autenticação em todas as suas contas. Vocês gerenciam as redes da *AzMina*, então têm acesso às nossas contas”. Tudo bem, tudo isso está num chaveiro, todo mundo tem uma senha, esse negócio não é público. Não está compartilhado em drive ou algo, assim, mais acessível. Mas, assim, você passa a ser alvo mesmo, mais visada, está lá o seu nome no expediente do site, está lá você dando entrevista aqui e acolá. Enfim, você pode ser a próxima vítima. Passei a ficar mais temerosa de possíveis ataques, sobretudo, *on-line*. Mas eu nunca vivenciei isso. Eu tenho Instagram aberto, até. Publico bastante da minha vida pessoal, nunca tive *haters* e nada assim. Também eu acho que eu nunca fiz uma apuração que toque nesses melindres, assim. Nunca estive envolvida em muitas polêmicas, apesar de o feminismo já ser um grande melindre, eu nunca tive uma apuração que, realmente, chamasse esses *haters*. E, em relação ao dia a dia, fora desse ambiente *on-line*, o quanto eu me sinto acuada por me identificar enquanto uma pessoa feminista, uma mulher feminista, é isso: eu acho que o Brasil, o mundo, não é para as pessoas feministas. Eu acho que a gente sempre vai ter olho torto mesmo, sempre vai ter alguém: “Mas você está muito saidinha. Mas você é muito empoderada. Mas você, mas você, mas você”. A gente sempre vai ouvir, ou em tom de brincadeira, em tom sério, mas eu, realmente, não estou ligando muito. Eu não ligo para essas pessoas. Realmente quando alguém fala que sou empoderada nesse tom de deboche, de julgamento, eu já vejo que o ambiente não é para mim. Tento, de certa forma, passar a mensagem de que: “Empoderada como? Não é bom que uma mulher esteja empoderada?”. Tento confrontar, mas, realmente, não tento caber onde não há espaço, sabe? Enfim, eu não fico muito nesse lugar, não. Mas já ouvi bastante isso de que homem não gosta de mulher assim, não gosta de mulher assim para casar. Então, eu serei essa mulher. Tanto no âmbito de trabalho, quanto no âmbito familiar,

toda vez que eu ouvi isso, eu rebati, mas entendi que não é para mim. Não me sinto obrigada a ficar nesses lugares.

[00:42:51] Entrevistadora: Acontece, né? Às vezes, eu levo um susto de estar vivendo no Brasil atual. Eu estava em uma reunião de trabalho, ontem ou anteontem, eu acho. Eu trabalho na Anatel, sou servidora pública e a gente estava falando de tecnologia 5G e, aí, veio uma moça que era de fora e começou a fazer umas perguntas meio estranhas dizendo: “Não, porque a gente sabe que a legislação no Ocidente, ela é preparada para proteger os dados das pessoas, mas, no Oriente, é diferente”. Ela começou a desenvolver esse raciocínio e, assim, só faltou ela falar do fantasma do Comunismo. E eu, na hora, eu estava lá, trabalhando, assistindo a reunião enquanto eu fazia outros processos do trabalho e eu levei um susto, assim, e parei e fiquei prestando muita atenção naquilo e fiquei pensando: “Nossa, que realidade paralela a gente está vivendo”.

[00:43:38] Entrevistada: A gente está vendo as pessoas naturalizam esse eu, esse outro, não é, essa é feminista, essa é feminina. Realmente, cria um mundo de realidades fantasiosas.

[00:43:48] Entrevistadora: Sim. E o Ocidente e o Oriente.

[00:43:52] Entrevistada: O Oriente... Como se o Ocidente não estivesse ávido pelos seus dados. Questões e questões. Mas é isso: a gente tenta educar, tenta conversar, porque é do diálogo, mas tem gente que, realmente, não dá. É visão de mundo da pessoa. Para evitar não só conflitos, para evitar quedas de energia, porque isso gasta uma energia, eu evito, sabe? Como dizia o meme: eu prefiro ter paz a ter razão.

[00:44:24] Entrevistadora: Eu tenho uma grande amiga que ela é jornalista também, ela é de Salvador. Ela fez faculdade comigo aqui, na UnB, e voltou para Salvador, agora ela está morando aí. Aí, ontem, ela me mandou mensagem desesperada dizendo que o irmão dela está se recusando a se vacinar. Eu olhei para a mensagem e pensei: “O que eu vou dizer? Como eu vou dar um apoio?”. Porque não tem o que fazer, ele é um adulto.

[00:44:56] Entrevistada: Os antivacinas, realmente, estão tirando a nossa paciência.

[00:44:57] Entrevistadora: Sim. Mas voltando. Marília. eu queria entender um pouquinho mais sobre como funciona o seu dia a dia no trabalho. Como que é a sua rotina? Com quem você tem mais contato? Como que você organiza o seu horário? Você tem horário fixo?

[00:45:12] Entrevistada: Eu, geralmente, entro umas 9h00, no máximo, 10h30, mas depende do dia, assim. Marquei hoje contigo nesse horário porque 9h, geralmente, é o horário que eu começo a trabalhar. Levo até umas 17h. No almoço, eu paro uma hora, mais ou menos, uma hora e meia, depende se eu vou cozinhar ou se já tem comida pronta. Mas é isso: é o esquema *home office*, eu estou sempre em casa, em muitas reuniões. Então, sempre que eu falo com os meus amigos que trabalham no esquema presencial, mas estão em *home office* por conta da pandemia, sempre falam: Marília, mas você tem tanta reunião. E eu falo: Gente, mas o trabalho é remoto, se eu não estiver em reunião, então eu não sei. Eu acho que, realmente, o trabalho funciona por conta das reuniões. Para eles, reunião é sinônimo de tempo perdido, de blá-blá-blá. Mas, assim, eu acho que, na *AzMina*, as nossas reuniões são fundamentais, pois, realmente, são reuniões de execução, de planejamento e de alinhamento, e elas são fundamentais para manter a equipe integrada. A gente tem uma reunião semanal na terça-feira à tarde, e ela é bastante longa, inclusive estava até reservado o horário de 14h às 16h. É uma reunião de pauta, mas, também, de todo mundo contar como está o seu projeto, e o que está se passando, que resposta precisa, se tem prêmio para inscrever, se vai inscrever, se vai gastar dinheiro ou investir dinheiro. Enfim, essa é a reunião geral. Eu, geralmente, me encontro com Thais, também, em algum momento da segunda ou na terça, por uns 40 minutos, assim, para conversar sobre o que vai ser prioridade na semana, o que a gente precisa marcar de reunião com outras pessoas ou se batem os horários delas. Eu já saio dessa reunião mandando e-mail para todo mundo que a gente precisa conversar. Inclusive tenho até que responder um e-mail que eu mandei ontem, no final da tarde. A Thais, ela é a minha diretora de tecnologia, e como o meu é um projeto da área de tecnologia, sempre tem contato com a Thais, tem essa conversa que a gente tem durante a semana para alinhar as coisas. Mas, se, porventura, eu tiver necessidade de falar, a gente faz ligações rápidas, aqui pelo *zap*, e fechamos outras coisas. Helena é alguém que eu sempre estou em

contato também, porque ela é a gerente de jornalismo, está nessa faixa de conteúdo. Eu divido a minha carga horária entre PenhaS e jornalismo. No último mês, eu fiz um projeto ligado à auditoria da discussão sobre mulheres negras, latino-americanas e caribenhas. Em julho, a gente tinha essa data, temos um projeto aprovado sobre mulheres da periferia e, aí, esse projeto entrou como a minha parte de jornalismo no mês de julho. Não foi uma matéria, mas foi uma série de *podcasts* e, também, tinha uma matéria no final. E, enfim, deu um trabalhão, porque tive que trabalhar com organização, então eu tive bastante contato com a Helena. Ela é essa pessoa que gerencia conteúdo. Mas é isso: geralmente, as pessoas com quem eu tenho mais contato são Helena e Thais, enquanto minha superiores diretas, ligadas à tecnologia e ao jornalismo. Mas, assim, toda a equipe está envolvida, porque, se eu preciso de uma ilustração, eu vou acionar o pessoal da arte e vou ver se é Nazura, se é Bárbara que está disponível. Se eu estou tocando um projeto e, no final, desse projeto Verena avalia que seria legal ter mais dinheiro, mais doações, eu vou escrever uma *newsletter* com ela sobre esse projeto. Então, a gente marca uma conversa rápida, em 40 minutos a gente define a linha geral do texto, define o que a gente vai contar e tal, ela escreve e me manda e tal, a gente revisa. Então, tem isso: não sou eu quem escreve a *newsletter*, é a outra menina que está coordenando a parte que pensa tudo isso, mas a gente sempre está conectada. Então é arte, é redes sociais. A Aimê faz os textos e eu aprovo. Às vezes, eu faço, às vezes, ela: “não, Marília, coloca assim, no Twitter funciona mais dessa forma”. Então, é sempre um aprendizado também, porque é tanta coisa para a gente pensar: do conteúdo, da apuração, do formato, do que vai ter de composição audiovisual, no caso do *podcast*, e visual. Então, no final, você já fez tanta coisa, que é bom, realmente, ter uma pessoa da área, para te dar um chão e dizer como fazer. Até porque, a gente faz tudo. O jornalista faz tudo, e a gente não é formado para isso, sabe? Quem está mais na rede, quem está todo dia lá, ela sabe o que é uma enquete, que isso poderia virar uma enquete de uma forma melhor no Twitter, que isso poderia funcionar com uma caixinha de perguntas no *stories*, sabe, do que um textão no *feed*. Enfim, ela tem mais essa... A gente faz, também, conversas, geralmente, para planejar essas coisas quando têm campanhas e matérias grandes, a gente faz, assim, uma conversa inicial

de planejamento, que a gente coloca na mesa as nossas teses e cada uma vai dando os seus pitacos de como funcionaria melhor em suas áreas. E isso é muito bom também, porque, quando a gente, realmente, tem que desenvolver algo, as coisas saem mais facilmente. E eu acho que é isso: Thais e Helena, realmente, são as que eu mais converso, mas todas as outras estão envolvidas de algum modo, às vezes mais, às vezes menos. Agora mesmo para o PenhaS, eu estou muito envolvida com a arte, fazendo... Desculpa aí a furadeira, é que estão fazendo...

[00:50:44] Entrevistadora: Imagina. Aqui também têm os barulhos da rua, tem um posto aqui do lado, então o tempo todo tem carro.

[00:50:48] Entrevistada: E, aí, tipo assim, depende muito, mas eu acho, realmente, que a equipe é bastante regrada. Agora mesmo, a parte de vídeo, eu não sei até que ponto eu continuo nessa área de apuração, não é? Enquanto a equipe era pequena, eu estava muito com Helena nisso, pensando quem seriam as entrevistadas, roteiros... Agora, a gente tem uma roteirista, então, talvez, eu saia dessa, mas, talvez, eu entre e, aí, eu esteja colada. A gente tem quinzenalmente o Youtube. Eu gravo também para o Youtube, então eu gravo de dois em dois meses, mas, quando eu não estou gravando, eu estou editando as colegas, conferindo lá se o vídeo está todo certinho, a parte das intervenções gráficas. Enfim, a gente sempre está uma editando a outra, uma conferindo o trabalho da outra, então estamos sempre muito envolvidas. E é isso, a gente tem muita reunião. E eu falo isso por conta do estranhamento das outras pessoas, porque, hoje, eu já entrei nessa dinâmica, e é ela que funciona. Mas sempre que eu falo: “Ah, não! Não posso falar...”. Minha amiga: “Posso te ligar agora?” “Não, vou entrar em reunião”. “Posso ligar que horas?”. “Sei lá, quatro horas”. “Você tem reunião até esse horário”. “Não, mas eu tenho que parar para almoçar, mas tenho reunião em seguida, então liga às 4h”. Mas, às vezes, as pessoas estranham realmente.

[00:51:51] Entrevistadora: Mas é porque a equipe é menor, não é? Então, assim, as reuniões são mais fluidas, porque, por exemplo, no meu trabalho, eu tenho reunião com 50 pessoas. Não vai dar certo, porque reunião com 50 pessoas falando não dá.

[00:52:04] Entrevistada: É, não dá. A reunião com o pessoal de execução é de, no máximo, cinco pessoas. No máximo. E essa de alinhamento, que é com toda a equipe, 12.

[00:52:17] Entrevistadora: Que faz todo o sentido. E o que você mais gosta? O que mais te deixa satisfeita no trabalho?

[00:52:25] Entrevistada: Então, eu acho que é fazer coisas que realmente mudam a vida das pessoas. Assim, claro que o jornalismo sempre mexe de uma forma ou de outra com a vida das pessoas, e as pessoas ficam, realmente, felizes de se ver no jornal quando a matéria é positiva. Eu sempre tive retorno enquanto repórter nesse sentido, mas o que eu acho que eu mais gosto na *AzMina* é transformar isso, realmente, em níveis maiores. Realmente, quando eu vejo algum retorno em relação ao PenhaS. Essa semana mesmo chegou uma mulher dizendo que participou de uma situação de violência gestacional e ela se sentia muito sozinha, muito culpada, grávida e com várias questões: “Eu sempre pensei em conversar com pessoas que não me conhecessem, mas que tivessem um nível de interação, com muito cuidado e tal. E esse lugar de interação que vocês construíram é isso. É isso o que eu sempre imaginei e que eu não sabia como fazer e provavelmente seria uma coisa cara, então eu quero ajudar a divulgar, quero ajudar. Vocês pensaram exatamente o que eu pensava, talvez, até mais do que eu pensava”. E, aí, ela veio com esse relato lindíssimo, inclusive vou até pedir autorização para ela para usar esse áudio dela no nosso relatório, não é? No final do ano, a gente faz um relatório final de tudo o que rolou e, também, dos retornos de leitoras e das usuárias do PenhaS e, aí, eu estava pensando em fazer tipo uma mídia multimídia, assim, para botar o relato de áudio dela, porque foi muito emocionante. Então, assim, ela não está mais passando por essa situação de violência, mas ela entende a importância disso e quer ser uma propagadora. E não tem dinheiro envolvido nem nada, só a crença de que isso pode impactar a vida de outras mulheres tão positivamente quando ela precisou disso um dia. Então, realmente, retornos são sempre maravilhosos, não é? São sempre massa, mas eu acho que pega num lugar, talvez, o da vulnerabilidade, da situação de violência que, para mim, mexe de um jeito muito forte. Mexe muito de, às vezes, eu ler um relato, no PenhaS, e chorar e perder meu dia, de ficar pensando naquele caso, naquela história, em como poder

ajudar. Porque é isso, a gente, também, tem várias limitações, a gente consegue ajudar praticamente as pessoas, assim, com orientação, informação, pedidos de calma, de: “Olha, respira. Vai para a casa de alguém que você confia, converse com alguém que você confia. É importante compartilhar”. Esse é um momento muito importante, mas, assim, se a pessoa está numa situação muito difícil, de autoestima minada, é difícil, também, ela sair. Ela pode escutar ali, mas não vai se converter tão rapidamente, então dá uma sensação de impotência muitas vezes. Mas, de modo geral, eu acho que é isso. Até mesmo a impotência, acho que é isso o que eu mais gosto do PenhaS, assim, porque a impotência pode ser transformada em potência. É nesse momento que a gente percebe como o aplicativo pode melhorar, como a gente pode trabalhar dentro da área do PenhaS, mas fora do aplicativo. Recentemente, eu até conto essa história, a gente recebeu o relato de uma mulher, que chegou pelo WhatsApp. Ela não sabia ler, ela gravou áudio explicando a situação dela: ela precisava de pensão do filho, e ela estava sem os documentos do ex-companheiro, e ela achou que precisava para esse pedido de pensão e, aí, ela começou a gravar áudio sobre o que precisava e tal. Porque ela foi indicada pela UBS - Unidade Básica de Saúde, na qual ela foi consultada e, aí, indicaram *AzMina*, deram o Whatsapp da *AzMina* e ela mandou áudio. Então, tipo assim, a gente nunca chegaria numa mulher dessa pelo aplicativo, porque o aplicativo é só um texto e editar. Mas ela veio e a gente atendeu. Tipo, eu até marquei uma audiência na Defensoria Pública, estou aqui, até com o link, e vai ser em outubro e eu vou tentar acompanhar. E é isso, mas, realmente, eu não sei se ela vai conseguir estar na audiência, porque ela tem limitação de internet e o quanto isso, de fato, vai se transformar em um pedido de pensão. Mas está acontecendo, sabe? Seria uma limitação, eu posso lamentar muito por não conseguir fazer mais, mas, ao mesmo tempo, eu comemoro a potência de a gente ter conseguido atender uma mulher fora do aplicativo, dessas outras condições e, de uma forma ou de outra, tentar dar uma esperança. Eu acho que é sempre acreditar que as coisas podem melhorar. A gente não vai resolver tudo, mas elas podem melhorar.

[00:57:05] Entrevistadora: A parceria com o Twitter, também, tem um potencial gigantesco.

[00:57:09] Entrevistada: Sim, sim. Inclusive, eu estava até escrevendo um e-mail, ontem, para os financiadores e o Twitter é essa parceria, essa criação da identificação individual está dentro do PenhaS, mas fora do aplicativo. E a gente já entendeu, no PenhaS, a tecnologia e informação a serviço do enfrentamento contra a violência. E, aí, a gente, n'AzMina, tem uma política de fazer todas as tecnologias com o código aberto. Então, os servidores que a gente contrata deixam tudo organizado para que qualquer pessoa, qualquer organização, qualquer empresa que queira replicar essa experiência possa replicar e, aí, isso vai acontecer com o PenhaS. A gente já está organizando toda a documentação para colocar lá no TeamHub, para outros programadores conseguirem acessar e, se quiserem fazer algo parecido, terem essa pasta disponível. E, aí, o Twitter já disse que já está conversando com algumas praças da América Latina, porque a ideia é levar isso para outros lugares. Vamos ver, eu estou bem esperançosa. A gente fez um projeto - eu o considero piloto -, e eu acho que ele pode melhorar muito mais, a gente pode ter conversas ali dentro do PenhaS ainda mais minuciosas para cada tipo de violência. Porque o que a gente fez foi entender que têm três perfis que poderiam procurar o PenhaS: uma que quer saber mais sobre o relacionamento abusivo e só. Outra que acha que está em relacionamento abusivo, mas não tem certeza, então ela está querendo aquela informação para ela ou ela pode estar querendo para ajudar outra pessoa, e, aí, a gente segue esse caminho de dizer para ela como orientar, como escutar, a questão do tempo. Porque não é o tempo que você acha que a pessoa precisa, mas a pessoa tem que demandar isso e, às vezes, ela vai demorar muito. O ciclo de falência, ele é complexo, ele vai e volta, não é? É um ciclo de fato. Às vezes, você pensa que está ali na iminência de terminar, mas volta, enfim. Então, não se sentir culpada, não se sentir fracassada por isso, a gente dá essas orientações e conversa. E o terceiro momento é o momento em que a pessoas já se reconhece em situação de violência, em um relacionamento abusivo e, aí, está procurando saber como o cara para de perseguir ou como ter a guarda dos filhos - porque existe essa ameaça frequente de que a mulher vai perder os filhos -, então a gente coloca, ali, algumas situações de pessoas que estão em relacionamento abusivo, mas já separadas desse cara, costumam vir para a gente orientar. E, aí, enfim poderia

crescer muito mais essa conversa, mas, aí, seria um monstro. A gente não tinha tempo nem recurso hábil, mas eu acho que, para as próximas versões, pode ser que seja. O PenhaS tem chance de crescer nesse tipo de ajuda, de situações que ele prevê, sabe?

[01:00:00] Entrevistadora: Você comentou sobre até onde vai o alcance de vocês e eu tenho um *feedback* muito legal sobre isso quando converso e quando faço entrevistas em profundidade com as leitoras, porque, aí, a gente vê, de fato, como atinge amplamente a vida das pessoas. Por exemplo, eu conversei com uma moça que ela sofria violência doméstica e ela é leitora desses canais de midiativismo feministas e, hoje ela... Primeiro, ela começou a fazer Direito depois que ela conseguiu se libertar dessa situação em casa. Aí, ela foi estudar para tentar ajudar outras mulheres a conseguirem informação sobre isso. E, em paralelo, ela usa as mídias sociais dela como canal de divulgação da história dela, para tentar conscientizar outras mulheres de que é possível, sim, sair dessas situações.

[01:00:58] Entrevistada: Meu Deus, é isso! A gente não tem noção, assim, do que a gente alcança, do que a gente move, sabe? É muito bom quando essas leitoras trazem esses relatos como essa que me mandou um áudio. Ela, na verdade, deixou um recado lá no PenhaS. Ela deixou o número do celular dela, eu adicionei e falei: "Ai, que bom que você deu esse relato tão importante para a gente. Para a gente é sempre bom saber como o trabalho mobiliza e tal". Aí, ela gravou mais uns áudios, assim, e foi muito bom. Nem sempre é isso. Nem sempre a pessoa volta para dizer, não é? E a gente não se sente à vontade, às vezes, numa situação de vulnerabilidade, de ficar pedindo para a pessoa avaliar o aplicativo, ficar pedindo para a pessoa contar a sua experiência no aplicativo. Eu estava até falando com Vere, eu tenho pensando nessa base de comunicação com a usuária, principalmente aquela que não é a mulher em situação de violência, que é a que já passou por isso, que está lá no PenhaS para ajudar as outras, é como a gente pode coletar esses relatos para ir retroalimentando tanto a popularidade, a visibilidade do aplicativo, quanto o reconhecimento das instituições que nos financiam, de que ele está causando esse impacto. E, aí, enfim, é uma incógnita ainda de como fazer isso, de como gerenciar expectativas nossas também enquanto desenvolvedoras, enquanto pessoas que estão ali acolhendo, mas a gente vai

conseguir achar e vai conseguir convencer de que, realmente, o PenhaS impacta a vida de muita gente. A gente tem 6.400 usuárias hoje. Claro que nem todas têm cadastro ativo, claro que nem todas têm o aplicativo instalado no celular, mas são 6.400 pessoas que baixaram o aplicativo em algum momento da vida, e que perceberam a importância, que quiseram se informar, que quiseram entender como aquilo funcionava. Então, assim, eu acho que isso é muito poderoso: em três anos, uma organização que não tem uma grana de divulgação imensa para uma ferramenta como essa, que tem a tecnologia através de trancos e barrancos, assim, a partir de financiamentos. A gente também lutou com um aplicativo instável por muito tempo. Realmente, eu acho que é um feito. Eu acho que a gente tem que se aproveitar disso, se aproveitar para se promover para ficar uma ferramenta ainda mais potente.

[01:03:20] Entrevistadora: Por fim, Marília, eu queria saber se tem algo que te causa insatisfação no trabalho, na dinâmica do trabalho.

[01:03:27] Entrevistada: Não. Eu acho que insatisfação, não. Eu acho que a questão que eu fico pensando enquanto profissional hoje, com 30, 32 anos - é melhor falar 30 anos -, uma pessoa que já tem 10 anos de carreira, eu fico pensando assim: qual é a estabilidade, não é, de tudo isso? Eu acho que eu estou nessa perspectiva *millenium* ainda de querer estabilidade. Acho que não existe isso mais, mas eu, realmente, lamento, assim, pela precarização de tudo. Não é o contexto da *AzMina*, eu acho que, inclusive, as meninas estão muito preocupadas em irem ao contrário, no meu entender, enquanto feministas, enquanto mulheres feministas, mas a gente tem que garantir o direito das funcionárias. Enfim, eu acho que as meninas têm bastante essa preocupação. Todas nós temos, mas, ainda sim, estamos dentro dessa estrutura capitalista, que suga, ao máximo, recursos e pessoas. Eu acho que, pensando em uma perspectiva futura, sem ver essa estabilidade, essa garantia, eu acho que é isso que me deixa ansiosa demais, sabe? O que é que nos reserva o futuro enquanto profissionais de jornalismo? Mas eu acho que não é algo da *AzMina*, eu acho que é algo da nossa carreira mesmo. E, talvez, não só da nossa carreira, mas do nosso momento de trabalho, não é?

[01:04:50] Entrevistadora: Eu acho que pesa tudo isso sim.

[01:04:54] Entrevistada: Está tudo se transformando muito. E, aí, a gente vê essas coisas que aparecem nas mídias sociais: agora eu vou ter que virar tiktoker para vender meu trabalho. Não sei, eu realmente não sei o futuro, os rumos futuros do trabalho, mas eu sei que muita coisa está mudando e isso me deixa, realmente, ansiosa. O tempo parece mudar para menos garantias de direitos.

[01:05:20] Entrevistadora: Sim, é a precarização. Bom, eram essas as perguntas que eu tinha para te fazer. Você tem dúvidas? Você tem alguma inquietação?

[01:05:27] Entrevistada: Tenho dúvida em relação à sua pesquisa. Você está fazendo essas entrevistas tanto com profissionais quanto com leitoras? E a ideia é tipo... Eu queria saber o seu objeto, sobre o seu problema, para entender mais como isso se encaixa, sabe?

[01:05:35] Entrevistadora: Eu estou trabalhando de uma perspectiva bem sociológica, tentando entender como o mundo social do midiativismo feminista funciona. Por isso que eu falo tanto com colaboradoras quanto com públicos. E, aí, eu vou fazer a análise das entrevistas para tentar compreender o que motiva as pessoas a estarem nesse meio e o que motiva as pessoas a lerem esse tipo de conteúdo e a levarem isso para as suas rotinas, para o seu dia a dia.

[01:06:01] Entrevistada: Ótimo. É que eu sou curiosa. Mas não tenha pressa porque o motivo da sua pesquisa... Olha eu! Mas quando sair, eu quero ler, está bem?

[01:06:18] Entrevistadora: Está ótimo. Enfim, se você se lembrar de alguma coisa e quiser acrescentar alguma coisa, você me avisa, tá? Mas essa fase... Eu já fiz a qualificação, então, eu estou nessa etapa de fazer a pesquisa em si mesma quanto à parte de aplicação da metodologia e, depois, eu entro na análise. E eu, no fim do ano, devo ir, se tudo der certo, fazer uma cotutela na França, na Universidade de Rennes, para fazer uma comparação com os veículos de mídias de lá e os daqui. E, aí, no fim, eu espero que isso enriqueça um pouco mais a pesquisa, até para a gente ter ideias novas de quais podem ser os rumos.

[01:07:15] Entrevistada: Boa sorte na sua pesquisa.

[01:07:16] Entrevistadora: Obrigada.

[01:07:16] Entrevistada: Eu ia te falar uma coisa: a gente está com uma campanha de financiamento coletivo. Eu acho que você viu, não é? É a *Não é uma Cortina de Fumaça*, é uma série de, enfim, recompensas, reportagens, para manter o Elas no Congresso.

[01:07:30] Entrevistadora: E eu estou participando já.

[01:07:31] Entrevistada: E, aí, a gente vai fazer... Uma das sequências são dois *posts*, que a gente vai fazer aqui, um com Bárbara e outro, com Helena sobre introdução ao jornalismo feminino e o outro sobre jornalismo de dados. E, aí, a gente está querendo, enfim, divulgar isso, porque, enfim, é uma das sequências mais caras, também, da campanha, até por isso, não esteja saindo muito. Mas é um curso com duas jornalistas ótimas, porque elas são.

[01:07:49] Entrevistadora: Eu vi o da Helena.

[01:07:50] Entrevistada: E a gente está querendo divulgar isso em faculdade e tudo o mais. A Verena acabou de me mandar aqui o texto, uma espécie de *release* que ela fez. Eu queria saber se vocês têm algum grupo, aí, na UnB que você possa reforçar.

[01:08:02] Entrevistadora: Eu posso passar para as secretarias, para a secretaria da graduação e da pós, e posso mandar nos grupos de Whatsapp dos alunos, também.

[01:08:12] Entrevistada: Eu estou com ela aqui, acho que ela quer que eu confira. Depois que eu fechar isso, eu te mando no WhatsApp.

[01:08:17] Entrevistadora: Beleza. Eu repasso para as secretarias e peço para eles encaminharem. Certamente vai ter muitos alunos interessados.

[01:08:25] Entrevistada: Está bom. Obrigada, viu? Boa sorte no seu projeto e, qualquer coisa, me chama. E desculpa por não ter atendido antes. Realmente, semana passada foi difícil.

[01:08:32] Entrevistadora: Eu que agradeço pelo seu tempo, por conversar comigo por mais de hora. E qualquer coisa, também, se você tiver alguma dúvida, você me avisa, você tem o meu contato.

[01:08:42] Entrevistada: Pode deixar.

[01:08:43] Entrevistadora: E me manda o texto, que eu vou repassar.

[01:08:47] Entrevistada: Está bem, obrigada.

[01:08:49] Entrevistadora: Eu que agradeço, Marília. Tchau, tchau. Beijo.

[01:08:50] Entrevistada: Tchau, tchau.

Marjana Borges - relações públicas *Think Olga*

[00:00:02] Entrevistada: Então, eu sou formada em Relações Públicas. Eu saí direito do ensino médio e comecei a estudar na UFRGS.

[00:00:18] Entrevistadora: Você está fazendo outra graduação agora, em Diversidade?

[00:00:23] Entrevistada: Isso! Eu estou fazendo uma pós agora em Diversidade.

[00:00:26] Entrevistadora: Eu estava olhando o seu currículo. Achei muito legal!

[00:00:32] Entrevistada: Quando eu comecei a estudar, eu digo que eu expandi o meu mundinho, porque eu vivia no meu mundinho Guaíba, então eu não tinha acesso a muitas discussões de movimento social. Foi quando eu entrei na faculdade que eu comecei a entrar

mais em contato com isso. Desde então, a minha graduação foi marcada muito por participação em movimento social.

[00:01:10] Entrevistadora: Você chegou a participar de coletivo de militância, de algum grupo?

[00:01:15] Entrevistada: Sim! A gente foi para um congresso, o Encontro Nacional dos Estudantes de Comunicação, em 2015.

[00:01:26] Entrevistadora: O Intercom?

[00:01:29] Entrevistada: O Enecom.

[00:01:30] Entrevistadora: O Intercom é de pesquisa. Eu já fui ao Enecom também, só que foi um pouquinho antes, porque eu me formei em 2013.

[00:01:38] Entrevistada: Que legal!

[00:01:40] Entrevistadora: Era onde?

[00:01:42] Entrevistada: Pro Intercom, eu acabei não indo em nenhum.

[00:01:45] Entrevistadora: Era onde o Enem que você foi?

[00:01:48] Entrevistada: Era em Salvador.

[00:01:50] Entrevistadora: Ah, legal! O que eu fui era em João Pessoa.

[00:01:52] Entrevistada: É bom, né? A gente vai para a pesquisa, mas a gente também conhece o lugar, pode dar uma "turistada". Aí, a gente foi com esse grupo para o Enecom e tinha bastante colegas negros nesse grupo que foi. Quando a gente voltou, a gente voltou querendo fazer alguma coisa. Foi aí que a gente criou o Coletivo Afronta Fabico, que foi o primeiro coletivo de estudantes negros, que a gente criou dentro da Faculdade de Comunicação e de Biblioteconomia. Foi ali que começou mais ou menos a minha trajetória de movimento social. A gente fazia eventos, rodas de conversas.

[00:02:47] Entrevistadora: É recente, né, Marjana, a criação do coletivo de vocês?

[00:02:56] Entrevistada: Sim, sim! Foi super recente! A gente ficou muito apegada, até quando estava saindo da faculdade; muito apagada sobre como ia ser para ir tocando o coletivo e quem iam ser as próximas gerações que iriam tocar. Mas foi muito com as pessoas que estavam nesse encontro. O Enecom todos os anos tem um tema e ele estava muito focado na questão racial, no ano que eu fui, por ser em Salvador.

[00:03:36] Entrevistadora: Sensacional!

[00:03:37] Entrevistada: Eu não sei exatamente como é a escolha do tema. Eu sei que o lugar é sorteado. Eu não sei se é o lugar que tem o aval de escolher o tema.

[00:03:46] Entrevistadora: Sim, eu também não sei como funciona.

[00:03:53] Entrevistada: Pois é! Eu não sei. Foi esse tema. Daí a gente voltou querendo fazer alguma coisa e a gente criou e a gente sempre levava pessoas para ir ao Fabico, para conversar com os alunos. Aí, começou a ter esse movimento de outras faculdades, do nosso entorno. A Faculdade de Comunicação fica em um campus que fica perto da Faculdade de Saúde, de Enfermagem e de Farmácia. Não tem outras áreas que, geralmente, são mais próximas (Filosofia e outras áreas assim). Então, ficou meio distante dessas outras áreas, que são áreas que fazem mais esse tipo de discussão. Aí, a gente começou a receber bastante pessoas de outras faculdades e a cobrar muito dos professores que tivessem mais autores negros nas nossas aulas. Durante a faculdade inteira, a gente só estuda o Stuart Hall. Não sei como está agora, mas a gente só estudava o Stuart Hall. Era o único autor negro que tinha dentro do nosso conteúdo. Isso reverberou em várias coisas dentro da faculdade. Criamos um grupo de estudos com uma professora. A gente estudava mais essas matérias e tinha essa proposta de um dia se tornar uma disciplina, uma disciplina que fosse letiva.

[00:05:37] Entrevistadora: E se tornou?

[00:05:39] Entrevistada: Na minha época, ainda não tinha se tornado. Eu não sei se agora essa conquista já foi feita. Mas tinha essa proposta. Então, todo mundo que queria, em tese, se inscrever para essa matéria, já participava do nosso grupo de estudos.

[00:05:59] Entrevistadora: Eu estava vendo as disciplinas ofertadas esse semestre para a graduação na UnB e eu achei maravilhoso, porque tinha disciplina voltada para gênero, tinha disciplina para falar sobre racismo e combate ao racismo, tinham disciplinas muito diversas - coisa que não existia. Quando eu estava na graduação, esses assuntos eram só pautados pelos movimentos sociais e pelos coletivos dentro da Universidade, mas, no curso mesmo, a gente pouco falava sobre.

[00:06:39] Entrevistada: Sim! Era muito isso! A gente sentia muito que na faculdade existia uma discussão sobre gênero, que já acontecia. A gente tinha a Semana da Diversidade Sexual e de Gênero, que era uma semana que a galera super participava. Era um super evento! Mas sobre a questão racial não tinha essa abertura, não tinha essa adesão das pessoas para participarem. Então, foi um desafio aproximar essas duas discussões, tanto gênero quanto raça.

[00:07:24] Entrevistadora: Vocês sentiram resistência de alguém (dos professores, do departamento)?

[00:07:29] Entrevistada: A gente sentia muita dificuldade de ter adesão, de ter participação das pessoas. Fazendo um comparativo meio raso, mas a gente tinha auditórios lotados na Semana da Diversidade, mas nas semanas que a gente organizava para falar sobre Novembro Negro, por exemplo, a gente fazia em uma sala de aula. Então, tinha muito mais essa resistência. É muito uma característica gaúcha também.

[00:08:15] Entrevistadora: É isso o que eu ia falar. Eu não sei como está hoje. Eu cresci e morei até os dez anos em Jaguari, na minha cidade. É bem complicado o Rio Grande do Sul e a cultura enraizada do racismo. Eu me lembro que isso era bem marcante na minha infância. Eu sempre conto para as pessoas que eu tinha nove anos quando fizeram uma celebração do descobrimento do Brasil, na escola. Aí, separaram as crianças entre portuguesas, indígenas e as outras crianças eram escravas. A escola fez essa separação. Olha que absurdo! Botaram as crianças loirinhas e muito brancas para serem os portugueses, as crianças que eram ruivas para serem os indígenas. Eu fiquei no grupo das crianças que iam representar as pessoas negras escravizadas. Eu me lembro muito claramente disso. Eu lembro que eu fiquei separada da menina que era a minha melhor amiga na escola, porque ela ficou no grupo dos indígenas. Marjana, ela era tão branca, que ela tem sarda. Eu nunca esqueci esse episódio. Chama atenção esse negócio na cultura do Rio Grande do Sul e na realidade do estado.

[00:09:46] Entrevistada: É! É bizarro! Isso também se reflete muito no mercado de comunicação, como um todo. Fazendo um parêntese: eu fiz CTG. Eu participei do Centro de

Tradições Gaúchas, praticamente, por toda a infância e adolescência. Eu fiquei por uns dez anos. Eu saí desse lugar. Eu saí. Eu entrei na faculdade nesse lugar, de pessoa que dançava em CTG, de pessoa que frequentava grupo de jovens da igreja, então você imagina.

[00:10:24] Entrevistadora: O CTG é extremamente tradicionalista, né? Já está no nome.

[00:10:30] Entrevistada: Era a visão de mundo que eu tinha, antes de entrar na faculdade. Aí, eu comecei a participar do movimento e muita coisa parou de fazer sentido dentro do tradicionalismo, dentro da própria igreja. Eu acabei saindo.

[00:10:47] Entrevistadora: Qual era a igreja que você frequentava?

[00:10:49] Entrevistada: Igreja católica. Eu tenho muito histórico familiar: a minha mãe fez grupo de jovens, minha avó e toda a família era super envolvida com a igreja. Eu, na verdade, nunca tive, desde sempre, essa vontade de participar. Eu participei do grupo de jovens porque eu perdi um amigo muito nova - um grande amigo - e aquilo me abalou muito. Na época, fez sentido eu buscar alguma forma de sobrevivência e de voltar à vida normal. Então, eu participei do grupo de jovens e entrei nesse momento da minha vida. Aí, muda tudo! Muda completamente a vida, muda completamente a identidade. Crises!

[00:11:49] Entrevistadora: Crises familiares também? Você falou que a sua mãe participou do grupo de jovens.

[00:11:55] Entrevistada: Na verdade, aqui em casa é super de boa. Hoje, eu vejo a minha família mais como híbrida, porque a gente tem esse histórico de igreja católica, mas a gente frequenta umbanda também. Minha avó paterna frequenta espiritismo. Então, nunca foi uma super obrigação frequentar a igreja católica. Mas acabou acontecendo. Com todas essas mudanças e a chegada do momento de estagiar, de buscar emprego, de buscar colocação, ficou muito perceptível o que estava acontecendo, porque todos os colegas brancos já estavam conseguindo estágio, tanto homem quanto mulher - inclusive, as meninas até conseguiam mais rápido -, e o meu grupo, que era formado principalmente por pessoas negras, não conseguia os estágios, de forma alguma. Aí, entra muito o que hoje me deixa mais feliz em trabalhar na *Olga*, porque tinham duas Marjanas: a Marjana universitária do movimento social e a Marjana das entrevistas de emprego, que tentava se afastar

completamente disso, para ter alguma chance de atuação na área. Foi realmente um período bem difícil. O meu primeiro estágio que eu consegui demorou bastante. Eu acabei ficando mais tempo fazendo bolsas dentro da faculdade mesmo. Aí, eu entrei no Ministério da Cultura, super animada, para trabalhar com cultura, mas foi no mesmo ano em que aconteceu o *impeachment* da Dilma.

[00:14:13] Entrevistadora: Foi em 2016 então?

[00:14:15] Entrevistada: Isso!

[00:14:19] Entrevistadora: Você estava na graduação ainda?

[00:14:22] Entrevistada: Isso! Sim, sim. Foi completamente diferente do que eu esperava, porque foi no mesmo mês. Foi na mesma semana, se bobear, que eu comecei a trabalhar e que aconteceu esse golpe e que o Ministério começou a sofrer ataques mil, porque era a todo momento trocando quem ia assumir a pasta.

[00:14:48] Entrevistadora: Você assistiu *O Processo*, que lançaram faz pouco tempo na Netflix? É a trajetória da nossa vida nesse período.

[00:15:00] Entrevistada: Eu não assisti. Eu nem sabia que tinha.

[00:15:03] Entrevistadora: Eu nem sei se vale à pena, porque eu recomendei para uma amiga na semana passada e ela me mandou mensagem: “Tem cinco minutos e eu estou morrendo de chorar”. Começa com a votação do *impeachment*. A gente está aqui em Brasília, eu e essa amiga. Ela é gaúcha também. A gente estava juntas nas manifestações na época, então a gente viu a votação. A gente estava lá separadas dos outros manifestantes. Tinha aquele muro e a gente ouvia as pessoas gritando e comemorando do outro lado. É muito difícil lembrar! Foi um período muito delicado.

[00:15:33] Entrevistada: Eu lembro de ter assistido em casa a votação. Horrível! Era aquela sensação de “vai dar muita merda” e a sensação de que vai estragar tudo. “Finalmente eu consegui o estágio, mas vai estragar tudo!”. Foi muito ruim! Aí, eu comecei a trabalhar no Ministério da Cultura. Trabalhei lá por esse tempo. Tinha todas essas questões acontecendo, mas trabalhar no Ministério da Cultura me dava uma margem para continuar atuando mais no movimento social. As pessoas que trabalhavam no ministério eram super abertas. Tinha

vários espaços para ter conversas. Eu comecei a fazer conversar com estudantes da escola pública também, porque a minha mãe é professora, então eu voltava muito na escola onde eu estudei e onde minha mãe trabalha, para falar sobre questão racial, questão de gênero. Foi um período difícil, mas foi legal também, por poder voltar e poder fazer essas conversas. Mas eu não estava tendo a vivência que eu esperava de mercado de trabalho. Fiquei um ano e pouco... Ficou uma bagunça total! Não tinha atuação mais porque as pessoas de comunicação entravam e atuavam muito direto com a chefe da representação regional e não tinha chefe, porque, assim que a Dilma sofreu o *impeachment*, a chefe da representação do Rio Grande do Sul pediu exoneração em apoio à Dilma. Então, a gente ficou sem chefe da representação por muito tempo. A galera trabalhava sem saber o que estava acontecendo. Era o caos! Depois entrou um chefe para a representação, que foi indicado - não era uma pessoa concursada, mas um cargo de confiança. Era um empresário, completamente outra *vibe*.

[00:18:09] Entrevistadora: Eu lembro que, nessa época, eu tinha uma amiga que trabalhava no Ministério do Trabalho. De repente, o Ministério do Trabalho não existia mais e ficou toda aquela galera sem saber para onde ir. Ela ia todo dia para lá, mas eles não tinham o que fazer, porque eles estavam no limbo.

[00:18:24] Entrevistada: Foi exatamente isso o que aconteceu também. É porque agora Cultura não é só Cultura. Aí, eu comecei a procurar outros lugares. Eu tinha muito isso de chegar e ter receio de como falar o que eu sou ou o que eu gosto, porque eu sei que não é isso o que estão procurando. A comunicação tem muito isso: não querem saber muito mais da sua vida do que da sua experiência. Então, sempre tem aquelas perguntas: qual é a pessoa que você gosta do *pop*?

[00:19:05] Entrevistadora: Se gosta de horóscopo, né?

[00:19:07] Entrevistada: Tem muito isso. Foge totalmente da experiência da pessoa. Era sempre uma dificuldade as entrevistas de emprego. Eu acabei fazendo outro estágio. Acho que foi mais um estágio só que eu fiz: eu fazia comunicação para uma empresa que oferecia cursos para a área de Psicologia (cursos, testes, livros) e ali eu conseguia ter uma atuação

mais voltada para a comunicação, apesar de não ter uma chefe que fosse da área de comunicação também. Era um grupo de comunicação formado só por estagiários. Isso foi bom, deu para aprender bastante e aliviou um pouco aquela preocupação de sair da faculdade sem ter nenhuma experiência profissional dentro da área de comunicação.

[00:20:15] Entrevistadora: Que era a sua preocupação.

[00:20:18] Entrevistada: Era a minha maior preocupação. Eu já sabia que o mercado era muito racista, então eu precisava levar ao menos alguma comprovação de que eu tinha experiência na área, para ter argumento para conseguir trabalho. Quando a gente já tem uma super experiência, muitas vezes, não é valorizado por função do racismo, aí você imagina se a pessoa não tem o currículo que seja considerado “forte” - entre aspas -, para conquistar vagas.

[00:20:56] Entrevistadora: Ontem eu estava falando com uma moça que trabalha na *AzMina* e ela mora em Salvador. Ela estava me contando que ela escreveu sobre o racismo algorítmico. Ela estava fazendo pesquisas, porque ela trabalha com marketing digital, e foi procurar fotos para fazer uma *persona* para vender determinado produto. Era um produto para dentro de Salvador, então ela queria que fosse uma mulher negra, porque era muito mais representativo da população local. Ela foi nesses bancos de imagens e simplesmente não encontrava. Ela ficou dando F5 duzentas vezes até aparecerem as imagens que ela queria. Apareceram pouquíssimos homens negros e mulheres, então, menos ainda.

[00:21:47] Entrevistada: É complicado! Eu até fiz o meu TCC sobre isso. O meu TCC foi sobre coletivos de pessoas negras dentro de empresas e como isso pode ajudar as pessoas e a fortalecer as pessoas. Era muito pautado no Afronta também, na minha experiência de não ter desistido da faculdade por ter o coletivo. A gente se reunia e a gente falava sobre essas questões. Dentro dos Correios, elas criaram um coletivo de negros para trazer essas pautas. Eu estudei esse coletivo. Foi o meu TCC. Foi muito legal. Mas não tinha uma professora negra para eu colocar na minha banca nem para eu pedir orientação. Eles só tinham uma professora negra na Faculdade de Comunicação e ela é formada em jornalismo e trabalha com jornalismo esportivo. Tinha uma galera que botava ela na banca só por botar, para ter

uma pessoa negra. Mas eu não queria convidar ela só por ser negra. Eu queria ter uma professora que, de fato, pudesse trazer o olhar para o que eu estava fazendo e em relação à pesquisa. Eu tive que convidar uma professora de fora da Faculdade de Comunicação. Eu tive que pedir uma autorização - foi tudo muito complexo - para trazer uma professora de outra área. Ela era de dentro da UFRGS também, mas ela era da Sociologia, e ela estudava população negra e mercado de trabalho. Aí, eu a convidei para estar na minha banca, mas eu fui orientada por um homem branco. Foram vários processos, mas deu tudo certo no meu TCC. Mas tive que convidar essa pessoa de fora para poder avaliar o meu trabalho. Então, chegou a formatura e acontece o que eu mais temia em busca de emprego. Sempre foi um tema complexo, para mim, procurar emprego. Eu fiquei esse tempo pós-formatura...

[00:24:35] Entrevistadora: Você se formou em que ano?

[00:24:37] Entrevistada: Eu me formei em 2019.

[00:24:39] Entrevistadora: Nossa, ainda pegou esse período, muito complicado social e economicamente para o país.

[00:24:48] Entrevistada: Sim! Foi isso: eu procurei muito trabalho dentro da minha área dos sonhos. Eu queria muito trabalhar com terceiro setor, queria muito trabalhar com impacto social, porque é o que eu sou e era um lugar onde eu chegava na entrevista confiante em dizer quem eu sou, sem sofrer nenhum olhar torto nem nada.

[00:25:14] Entrevistadora: Sem retaliações.

[00:25:15] Entrevistada: Sem nenhuma retaliação, exato! No estágio que eu fiz durante a faculdade, por exemplo, eu tinha que bloquear diretoras no Facebook, na época, para não verem o que eu publicava. De vez em quando elas comentavam nos meus *posts* de Bolsonaro. Era um inferno! Eu fiquei fazendo *freela* e seguindo fazendo palestras nas escolas - nas escolas daqui e na que a minha mãe trabalha. Fui a escolas em outras cidades também. Participei da organização de eventos aqui em Guaíba, em relação a Novembro Negro. Mas completamente sem grana, porque não estava conseguindo entrar para o mercado de trabalho. Foi quando eu resolvi abrir um pouco a mente e parar de procurar trabalho só aqui,

no Rio Grande do Sul. É uma coisa boba, que qualquer um pode fazer, mas que não passava pela minha cabeça.

[00:26:28] Entrevistadora: Mas é uma coisa difícil de pensar mesmo. A gente nem estava vivenciando a pandemia e a possibilidade de trabalho remoto.

[00:26:38] Entrevistada: Exato! Exatamente! Eu comecei a procurar vagas em outros lugares. Fiz entrevistas em outros lugares e aí encontrei a *Olga* dessa forma. Foi um acolhimento desde o início: desde a entrevista do emprego, de falar sobre a importância de falar com impacto social, de trabalhar com esse propósito, com essa causa. Teve aquele *match* que foi direto, desde a entrevista, de poder ser o que eu quisesse ser e poder contar com elas, inclusive para isso, para me descobrir e para ser quem eu sou. Foi uma virada! Eu estou na *Olga* desde outubro do ano passado.

[00:27:39] Entrevistadora: Desde quando? Cortou um pouquinho.

[00:27:43] Entrevistada: Desde outubro do ano passado.

[00:27:51] Entrevistadora: Agora voltou! Agora eu estou ouvindo normal.

[00:27:55] Entrevistada: Eu entrei em outubro e eu entrei para trabalhar com relações institucionais, muito voltada para a área de importação de recursos mesmo. Hoje eu tenho ampliado um pouco mais essa área. Estou trabalhando com comunicação institucional como um todo, desde retornos de e-mails, redes sociais, relacionamentos com financiadores. Eu tenho ampliado um pouco esse universo de atuação.

[00:28:36] Entrevistadora: Voltando um pouquinho para falar sobre a sua relação com o feminismo, então você se descobriu feminista na faculdade ainda?

[00:28:46] Entrevistada: Isso, isso. Mas era muito mais uma questão de raça do que de gênero, para mim. Ainda é muito assim: eu ainda enxergo muito raça acima de gênero, quando eu estou fazendo pesquisa. Eu tenho me aproximado mais de feminismo, como um todo, dentro da minha atuação na *Olga*.

[00:29:22] Entrevistadora: Então, a sua visão sobre o feminismo mudou a partir do momento em que você começou a trabalhar na *Olga*?

[00:29:30] Entrevistada: Sim, sim. Eu tinha uma pesquisa muito mais focada em raça. Agora que eu comecei a me debruçar mais sobre a questão de gênero. Vou te dar um exemplo: quando eu fiz o meu TCC, que eu falei sobre coletivos negros, eu não fiz um recorte de gênero na minha pesquisa. Foi uma questão de população negra, no geral, e de questão racial no geral. O recorte de gênero começa a aparecer para mim mais agora, de ter o olhar do que é o feminismo interseccional mesmo. Eu entrei na *Olga* em uma época legal, porque foi esse o planejamento: houve um planejamento estratégico de trazer mais mulheres negras para dentro da ONG. A *Olga* foi formada pela Ju, que é uma mulher branca, e, depois, entraram as duas sócias, que são a Maíra e a Nana, que também são mulheres brancas. Então, permaneceu sendo um feminismo branco por muito tempo, até o momento em que começa a ter mais mulheres negras dentro da equipe. Hoje nós somos maioria: tem mais mulheres negras do que mulheres brancas e isso foi parte do planejamento.

[00:31:00] Entrevistadora: Que legal! Eu não sabia disso. Eu conversei com uma moça que trabalhou na *Olga* e que me disse que ela sentia muito esse incômodo. Ela é uma mulher branca também, mas ela olhava para a equipe - já faz um tempo que ela saiu - e pensava: "O que a gente está dizendo não é a mesma coisa que a gente está fazendo aqui. O nosso grupo não representa o nosso discurso". Ela me contou que ela tinha esse incômodo internamente.

[00:31:33] Entrevistada: Isso foi muito em função da pandemia, porque elas conseguiram trazer tanto essa diversidade racial quanto essa diversidade regional, porque hoje a *Olga* tem parte da equipe em vários lugares do Brasil.

[00:31:53] Entrevistadora: Antes era muito centrado em São Paulo, né?

[00:31:56] Entrevistada: Era muito, muito o eixo Rio - São Paulo.

[00:32:00] Entrevistadora: Todas começaram assim. Todas as que conseguiram se destacar mais. Agora, estão conseguindo ampliar.

[00:32:08] Entrevistada: Exatamente! Foi isso o que aconteceu. Agora a gente tem a maioria de mulheres negras e isso já reflete no nosso trabalho. Eu não sei se você chegou a ver, mas a gente fez, por exemplo, uma campanha do dia da mulher afrolatinoamericana e caribenha, no qual a gente conseguiu criar - porque a *Olga* e a *Eva* são muito juntas - uma campanha

direcionada para as mulheres negras no terceiro setor e uma campanha criada e pensada para as mulheres negras do setor corporativo, inclusive com relatos e artigo colaborativo, para cada uma das organizações, escritos pelas colaboradoras negras. Então, eu e mais duas meninas escrevemos a da *Olga*, com as inquietações que a gente tem sobre o terceiro setor e a recepção desse setor para mulheres negras. Também tiveram três colegas negras que fizeram isso voltado para a Eva - escreveram um artigo falando sobre a colaboração das mulheres negras para o setor corporativo e a importância de estarmos lá e estarmos juntas. São mudanças que estão acontecendo.

[00:33:29] Entrevistadora: No seu cotidiano, você costuma interagir mais com quem no trabalho? Você falou que a *Olga* e a Eva caminham muito juntas. Com quem, geralmente, você tem mais contato?

[00:33:43] Entrevistada: A gente considera uma equipe só para as duas organizações. Algumas são contratadas mais com esse viés de olhar a Eva, mais projetos estratégicos, e algumas são contratadas com olhar de ONG. Quando eu fui contratada, eu tinha mais esse olhar voltado para a *Olga*, muito porque eu estava focando na questão de captação de recursos. Hoje, como eu estou trabalhando com a comunicação institucional, de forma mais geral, eu acabo tendo contato com as duas organizações de forma mais parelho, digamos. Eu que atendo a parte de comunicação das duas.

[00:34:43] Entrevistadora: Como é, geralmente, a sua rotina e um dia típico de trabalho? Você tem um horário definido para entrar ou é mais flexível? O que você, geralmente, faz no seu dia a dia?

[00:34:59] Entrevistada: A gente tem horário fixo, mas é super flexível. Tudo é uma questão de combinar. Mas a gente tem horário fixo. A gente trabalha de segunda a sexta. Nas sextas, inclusive em função da pandemia, a gente trabalha meio turno. Na sexta é o dia que a gente tem esse tempo a mais para descanso. A rotina de trabalho é bem intensa. O meu dia a dia é muito focado nesse relacionamento com o nosso público, desde atendendo retorno que a gente precisa dar em rede social ou retorno que a gente precise dar em perguntas por e-mail, conversa com os parceiros, quando tem algum convite para palestra ou participação, o

planejamento de rede social (pensar quais são os assuntos que a gente vai abordar para as duas organizações) e fazer essa parte de ficar atenta a editais, para a gente conseguir captar recursos, e monitorar os nossos projetos para ter resultados que a gente possa apresentar tanto para os financiadores, quanto para dar esse retorno para a nossa comunidade de leitoras que a gente tem, contando como foi a parte dos nossos projetos.

[00:36:42] Entrevistadora: A captação de vocês vem mais dos editais?

[00:36:50] Entrevistada: Na verdade, ela é bem mista: tem editais, tem parte de doadores de pessoas físicas, tem doações de empresas privadas também. No ideal, ela seria até mais diversa. Mas ela tem esse mix, sim.

[00:37:12] Entrevistadora: Quando você está desenvolvendo o seu trabalho, o que te gera mais satisfação?

[00:37:22] Entrevistada: Na verdade, como eu trabalho muito com monitoramento dos projetos, para ver o impacto que eles estão tendo, o que me gera mais satisfação é ver que a comunicação faz diferença para mudança de comportamento. É até um desafio para nós, como ONG. A gente é uma ONG que trabalha com comunicação. Nem sempre os financiadores entendem, porque a gente não está fazendo uma assistência direta a alguém ou a uma comunidade; a gente está comunicando, porque a gente acredita que, sem conscientizar as pessoas sobre os problemas que a gente tem, a gente não vai ter aliados suficientes para participar dessa luta. Não existe luta sem antes as pessoas se conscientizarem, sem antes as pessoas saberem quais são os problemas que a gente precisa combater. Eu vou te dar um exemplo que é o que está mais latente em mim, que é o Laboratório Mulheres em Tempos de Pandemia, que a gente está fazendo. A gente percebe que, no início da pandemia, nós já alertamos a sociedade, por exemplo, sobre o perigo que a pandemia traria para os direitos sexuais e reprodutivos das mulheres e, principalmente, os perigos que as mulheres grávidas e puérperas estavam enfrentando, porque é uma fase da vida que a gente precisa estar muito atenta à saúde, precisa contar muito com o apoio da saúde pública. Com uma pandemia, isso se torna difícil. A gente começou a falar isso lá no início da pandemia. A gente vê que, em fevereiro deste ano, quando a gente começa a olhar

mais materiais falando sobre isso, a gente conta muito com o apoio da mídia, que enxerga os nossos materiais, da nossa comunidade de leitoras e da comunidade do terceiro setor, para causar essa pressão que resulta em tomada de decisão de deixar mulheres grávidas afastadas do trabalho, recebendo uma remuneração. A gente não pode dizer “Foi a gente que fez isso”, mas a gente percebe o impacto que tem quando a gente faz pressão e a gente vê outras pessoas vindo com a gente nessa pressão, falando sobre isso, visibilizando esses problemas.

[00:39:54] Entrevistadora: As leitoras da *Olga* que eu entrevistei, todas citaram esse trabalho que vocês têm feito durante a pandemia de falar sobre os impactos desse contexto pandêmico na vida das mulheres.

[00:40:10] Entrevistada: Que legal! Logo no início da pandemia, a gente fez umas pesquisas que mostravam que só 1% das matérias traziam lentes de gênero. Você imagina! São as mulheres que são a base da economia, porque, sem a economia do cuidado, sem a mulher que cuida e que cria, ninguém está apto para um dia chegar no mercado de trabalho. Sem a mulher, para. Sem a mulher negra, então, não existe economia. É um trabalho que a gente precisa estar muito atenta e que a gente precisa pensar rápido e tomar atitudes rápidas. Fez toda a diferença a gente começar a falar da pandemia no início da pandemia. Isso exige um esforço maior, uma correria, mas é bom ver o quanto isso faz diferença para muitas pessoas. A gente percebe muito! Eu estou sempre procurando quem eu cito e a gente vê que tem diversos trabalhos acadêmicos que falam sobre o nosso trabalho - inclusive, semana passada, saiu uma matéria sobre o casa da Valentina. Eu não sei se você se lembra da menina que participou do MasterChef.

[00:41:32] Entrevistadora: Era Schulz o sobrenome dela, né?

[00:41:34] Entrevistada: Oi?

[00:41:35] Entrevistadora: Era Valentina Schulz, a menininha do MasterChef.

[00:41:40] Entrevistada: É, eu acho que é. Saiu uma matéria sobre ela, no final de julho, falando sobre como foi para ela, na época (hoje ela está com 18 anos). Ela lembrou do

#MeuPrimeiroAssedio, que foi uma campanha que a gente fez em decorrência dos ataques que estavam acontecendo com ela no Twitter. Ela conta!

[00:42:04] Entrevistadora: Foi muito impactante a campanha.

[00:42:07] Entrevistada: É! “Meus pais me mostraram essa campanha, para me mostrar que, infelizmente, eu não estou sozinha. É uma realidade que muitas mulheres passam”.

[00:42:13] Entrevistadora: Eu não vi a matéria com ela.

[00:42:17] Entrevistada: Já se passaram seis anos que isso aconteceu e ela lembrou da *Think Olga*. Isso é muito legal.

[00:42:23] Entrevistadora: Eu pergunto para todas as leitoras com quem eu converso se elas se lembram de ter participado de alguma campanha dessas, alguma campanha voltada para o feminismo e pautada em *hashtag*, e muitas delas dizem que participaram ou acompanharam a do #MeuPrimeiroAssedio. O pessoal ainda lembra muito. Foi muito marcante!

[00:42:46] Entrevistada: Sim! Foram 82 mil *tweets* em cinco dias. Foi muito grande, naquela época. A Mah fala muito: “A gente chegou nas redes sociais quando tudo era mato”, porque, de fato, chegaram quando a galera estava começando a mexer em Twitter, Facebook. Tudo o que era trazido tinha muito resultado. Não tinha tanto essa questão de algoritmo, como a gente tem hoje. Hoje a gente não tem tanto alcance assim.

[00:43:25] Entrevistadora: Não tem a organicidade de antes, né?

[00:43:29] Entrevistada: Não é a mesma coisa. Mas a gente ainda tem um impacto muito grande para quem só trabalha com o orgânico.

[00:43:40] Entrevistadora: Tem alguma coisa no trabalho que te gere insatisfação?

[00:43:46] Entrevistada: Eu não sei te dizer. Eu sou meio apaixonada, você já deve ter percebido. Gosto muito do meu trabalho, gosto muito do que a gente faz. Mas a gente sempre tem coisas para melhorar. Eu acho que a gente está dando passos lentos em relação à questão racial. Acho que é uma coisa que a gente está começando a incluir dentro da pauta interseccional e ter de fato um olhar para as pessoas negras, como produtoras desse conhecimento. Mas já me sinto muito feliz por isso. Eu acho que o nosso maior desafio é conseguir trazer essa representativa de mulheres que a gente quer trabalhar e ter

interseccionalidade dentro da nossa pauta, em tudo: não só a questão racial, como para pessoas LGBTQIA+, como para pessoas com deficiência, para pessoas indígenas. São passos pequenos. A gente é uma equipe bem pequena: nós somos 11 mulheres para fazer tudo o que a gente faz. É pouca gente para fazer tudo o que a gente faz. Então, é uma rotina de trabalho agitada, mas o sentimento que prevalece é o de que vale a pena, quando a gente vê como a gente marca a vida das leitoras e como a gente tem influência dentro do debate de gênero.

[00:45:21] Entrevistadora: Com certeza! E *haters*? Vocês lidam com *haters* no dia a dia?

[00:45:28] Entrevistada: A gente já teve mais problema com isso. Acho que foi mais no início. Mas a gente tem, sim. Não tem como não ter. É uma questão difícil, inclusive de segurança. Quando a gente vai criar um site, a gente precisa ter várias etapas de segurança dentro do site. Nossos sites já foram atacados e a gente já perdeu conteúdo por conta de ataque. A gente está sempre de olho em comentários e nas mensagens que a gente recebe. As pessoas podem ser muito agressivas. A gente tem todo esse preparo interno para lidar com isso, para que isso não afete pessoalmente ninguém.

[00:46:20] Entrevistadora: A gente estava conversando um pouquinho sobre a pandemia. Você me contou que nas sextas-feiras vocês estão com o horário um pouco reduzido, por causa da pandemia. Você também estava falando de todas as pesquisas e trabalhos que vocês têm desenvolvido por causa da nossa situação atual. Eu queria saber como você acha que esse contexto afetou o trabalho de vocês. Como isso se refletiu no trabalho de vocês? Você entrou em outubro do ano passado, então você já entrou na pandemia, né?

[00:46:51] Entrevistada: Sim, sim. Foi uma super questão para mim. Por mais que eu tenha tido uma recepção com muito acolhimento das meninas... Eu sou uma pessoa que gosta do digital, claro. Não tenho muito como não gostar, ainda mais sendo comunicadora agora. Mas eu sou uma pessoa que gosta muito do olho no olho. Fez total diferença, para mim, começar na pandemia. Mas a gente tem tentado buscar estratégias para estar mais próximas. A gente tem reunião semanal, que é uma reunião só de encontro, para a gente conversar, para a gente ver todo mundo. As meninas contam que faz muita diferença, porque a gente tinha

muita discussão que envolvia todo mundo e, por estar no mesmo ambiente, isso era muito mais fácil do que agora no *on-line*.

[00:47:52] Entrevistadora: É uma reunião para além da reunião de pauta e para determinar as atividades? É uma reunião para conversar mesmo?

[00:48:00] Entrevistada: É, para se aproximar. É só para se aproximar, porque é proibido falar de trabalho. É para conversar sobre coisas da vida e ver o que está acontecendo uma com a vida da outra, ver as carinhas, se aproximar. É muito bom! É um momento em que a gente relaxa.

[00:48:21] Entrevistadora: Eu acho isso tão sensacional. Eu conversei com muita gente da *AzMin*a e elas tinham me contado que, no ano passado, mais ou menos nessa época, em outubro, elas estavam nesse movimento de fazer reuniões semanais também, só para elas conversarem, e não para falar sobre trabalho. Depois, elas começaram a fazer terapia em grupo nessas reuniões. Elas me disseram que está super dando certo. Elas estão fazendo de quinze em quinze dias, e está super legal para a equipe.

[00:48:54] Entrevistada: Sim! É muito bom. É sexta-feira, né? Na sexta-feira a gente tem o nosso momento, para falar da vida. É bem bom!

[00:49:05] Entrevistadora: Adorei! É muito diferente. Eu não consigo imaginar isso acontecendo no meu trabalho. Eu não consigo!

[00:49:12] Entrevistada: Tem umas coisas que a gente não consegue imaginar. Quando a gente entra, é muito estranho.

[00:49:21] Entrevistadora: Eu fico pensando no meu trabalho padrão. Eu sou servidora pública. Mas a gente está evoluindo também. Eu estou montando agora um fórum de diversidade dentro da Anatel, que é onde eu trabalho. É uma coisa que eu não acreditava que seria possível, mas que está dando certo e está se concretizando.

[00:49:43] Entrevistada: Que bom!

[00:49:45] Entrevistadora: Então, Marjana, eu não vou mais tomar o seu tempo também. Você falou que tinha até, mais ou menos, nove e meia para conversar. Você tem alguma outra questão, alguma dúvida, alguma colocação? Você está me ouvindo?

[00:50:05] Entrevistada: Eu só queria te perguntar, na verdade... Oi? Estou te ouvindo.

[00:50:13] Entrevistadora: É porque ficou mudo um pouquinho, aí eu não sabia se você estava me ouvindo, mas pode falar.

[00:50:18] Entrevistada: Eu queria só saber sobre a pesquisa. Como vão ser as próximas etapas? Como vai ser divulgado?

[00:50:28] Entrevistadora: Eu acabei de passar, agora, pela qualificação do doutorado, então eu cheguei no meio. A pesquisa foi aprovada para seguir do jeito que ela está indo. Eu tinha feito antes entrevistas prévias, mais com o pessoal da *AzMina* - por isso que eu falei com elas em outubro do ano passado, porque eu estava nessa primeira etapa. Agora, eu estou fazendo essa pesquisa com mulheres que colaboram, tanto com a *Olga* quanto para *AzMina* e também para o *Portal Lado M*. Já falei com muitas leitoras também. Aí, eu vou analisar essas entrevistas. Uma parte do meu doutorado, eu consegui uma bolsa para ir fazer na França. Então, eu devo fazer uma comparação entre as iniciativas...

[00:51:17] Entrevistada: Que legal!

[00:51:19] Entrevistadora: Espero que dê certo, porque, com a pandemia, não estão liberando visto. Mas agora, como eu acho que as vacinas começaram a andar mais, vai fluir.

[00:51:25] Entrevistada: Tomara! Vou estar na torcida aqui.

[00:51:27] Entrevistadora: Obrigada! Eu quero fazer uma comparação entre essas iniciativas de midiativismo lá e as iniciativas daqui. Então, acho que, no final, os resultados vão ser bem interessantes. Mas eu ainda estou no meio do doutorado, então ainda tem dois anos de pesquisa pela frente. O resultado final vai ficar disponível na biblioteca da UnB. O trabalho é um trabalho sobre o mundo social do midiativismo feminista, então ele tem características bem sociológicas mesmo. A minha ideia é tentar entender o que motiva vocês a estar trabalhando com isso, qual é a história de vocês por trás e qual é o perfil das colaboradoras e das leitoras. Eu quero entender quem são. Mais para frente, eu pretendo, ainda como uma etapa do trabalho, fazer perfis jornalísticos das colaboradoras e leitoras - de algumas que toparem falar comigo de novo, para eu conhecer um pouco mais de vocês. Se você estiver disposta mais para frente a conversar de novo, vai ser super legal.

[00:52:53] Entrevistada: Claro! A gente pode conversar, sim. Então tá! Era mais isso o que eu queria entender. Queria até te perguntar se você conseguiu falar com mais meninas da *Olga*. Se precisar de alguma ajuda, eu posso falar com elas. Não sei se você tem uma meta de respondentes.

[00:53:12] Entrevistadora: Na verdade, a minha meta é no mínimo quatro, mas quanto mais, melhor. Não tem problema nenhum. Na verdade, é muito bom inclusive. Eu tentei mandar mensagem no Instagram e o Instagram às vezes bloqueia. Os números de vocês eu fui levantando na internet - eu consegui encontrar de uma ou de outra, mas não de todo mundo. Se você puder me passar o contato de alguém que possa topa... Por enquanto, de quem está lá ainda, só com você que eu falei. Eu conversei com a Bárbara. Amanhã eu vou falar com a Paula, que saiu tem pouco tempo - ela me disse.

[00:53:55] Entrevistada: Sim! A Paula era a minha chefe.

[00:53:57] Entrevistadora: Ah é? Que legal! Eu vou falar com ela amanhã. Eu falei também com a Ana, mas a Ana me disse que estava doente, então ainda não consegui marcar com ela o dia da entrevista. Se você puder me indicar mais alguém, se você souber de alguém que tenha interesse e tope conversar...

[00:54:18] Entrevistada: Eu vou ver com as meninas e, qualquer coisa, eu te aviso e passo seu número para elas, pode ser?

[00:54:25] Entrevistadora: Pode! Pode, sim. Fica ótimo! Muito obrigada!

[00:54:27] Entrevistada: Eu, de repente, se conseguir mais alguém, indico para entrar em contato contigo direto no WhatsApp.

[00:54:33] Entrevistadora: Ótimo! Fica legal assim. Muito, muito obrigada, Marjana.

[00:54:38] Entrevistada: Eu que te agradeço. Desejo boa sorte nas próximas etapas da pesquisa. Se precisar de mais alguma coisa, estou à disposição. O contato comigo pelo WhatsApp é melhor. Eu perco mensagem no e-mail. É tanta coisa! No Instagram também. Então, se puder, quando quiser falar comigo, me chamar no Whats, eu agradeço.

[00:55:00] Entrevistadora: Ótimo! Que bom! Acho mais fácil também. É mais objetivo o WhatsApp. Então está bom. Muito obrigada!

[00:55:15] Entrevistada: Está bom! Perfeito! Muito obrigada, Mariana.

[00:55:17] Entrevistadora: Muito obrigada. Tchau, tchau. Bom dia e bom trabalho.

[00:55:21] Entrevistada: Para você também. Tchau, tchau!

[00:55:23] Entrevistadora: Boa reunião amanhã para vocês.

[00:55:26] Entrevistada: Valeu!

[00:55:28] Entrevistadora: Beijo. Tchau!

[00:55:29] Entrevistada: Um beijão!

Nana Soares - colaboradora *Think Olga* e *Lado M*

[00:00:00] Entrevistada: Capaz que tenham coisas que eu prefira que não entrem, que não publique depois, mas eu deixo sinalizado ao longo da conversa.

[00:00:10] Entrevistadora: Está bom! Você pode me avisar.

[00:00:14] Entrevistada: Você está fazendo doutorado, né?

[00:00:15] Entrevistadora: Isso. Eu estou fazendo doutorado na Universidade de Brasília e, agora, eu estou iniciando um processo de cotutela com a Universidade de Rennes 1, na França. Então, no final, eu devo entregar uma comparação de iniciativas do Brasil e da França e tentar trazer uma contribuição de como fazer essas iniciativas se manterem de maneira mais estável, né? Porque existe muito essa dificuldade de manutenção. Muitas delas foram desaparecendo com o tempo.

[00:00:46] Entrevistada: Exato. E o seu doutorado é em Comunicação?

[00:00:47] Entrevistadora: É em Comunicação mesmo, em Jornalismo.

[00:00:51] Entrevistada: Tá. Legal.

[00:00:52] Entrevistadora: Eu vi o seu currículo: que currículo sensacional! Mas eu queria que você me contasse um pouquinho, da sua perspectiva mesmo, sobre a sua trajetória profissional e também um pouco sobre a sua trajetória pessoal. Pelo que eu entendi, você tem trabalhado, desde sempre, com questões de gênero, né?

[00:01:18] Entrevistada: É, pois é. Eu fiz faculdade de Jornalismo também. Trabalho com comunicação até hoje. Eu fiz Jornalismo na USP. E aí, eu acho que foi na faculdade, no contexto de universidade, de discussões, reflexões sobre as coisas, que eu acho que eu fui entendendo e colocando no lugar essas inquietações que eu já tinha, a respeito, principalmente, do feminismo. Eu sou filha mais nova, sou filha caçula, muito mais nova que dois homens. Nós somos três. Hoje, eu tenho 29 e meus irmãos têm 39 e 42. Hoje, já é todo mundo adulto, então não faz tanta diferença, mas, enquanto eu crescia, tinha uma coisa de gênero ali, muito marcada, e eu acho que isso sempre me incomodou um pouco, e eu acho que, na faculdade, eu comecei a dar forma para isso, sabe? Então, logo no primeiro estágio, que eu comecei a trabalhar logo ali na USP mesmo, que a gente falava sobre a própria pesquisa produzida pela Universidade, eu percebi que eu já comecei a priorizar as que falavam sobre desigualdade, especialmente de gênero. Então, é uma coisa que eu não sei se precisar um ponto, sabe? Não teve um ponto de virada. Foi uma coisa muito orgânica, como

eu fui me voltando para essa grande área, para essa temática. De fato, foi isso: fui, fui e fui. Eu fiz muita matéria na faculdade sobre isso: acho que foram sete ou oito optativas. Praticamente todas as minhas optativas eram de estudos de gênero.

[00:02:53] Entrevistadora: E tinha essa opção, na USP, de você optar?

[00:02:55] Entrevistada: Tinha, tinha. Como eu fazia o campus principal lá, que é do Butantã, em São Paulo, você tem à disposição quase todas as unidades das faculdades da Universidade para fazer. No curso de Jornalismo, como você pode se especializar no que você quiser, então, em geral, podia fazer de qualquer lugar. Não podia fazer disciplinas - sei lá - de anatomia, porque você precisa de conhecimento prévio, mas você podia fazer meio que quase tudo da Universidade. Então, eu fiz muita coisa nas Ciências Sociais - Antropologia e na Sociologia, principalmente - e muita coisa na área da saúde. Então, eu fiz um ano inteiro de Psicologia e Sexualidade. Aí, eu fiz Enfermagem e Gênero. Eu fiz algumas coisas de Saúde e algumas coisas de Sociologia, tanto que, não por acaso, são as áreas que eu mais gosto mesmo: de Saúde Pública e Sociologia e Ciências Humanas. Eu gosto muito dessa intersecção. Então, quando chegou o fim da faculdade, eu já era especialista nisso, sabe? Já era a pessoa para quem as pessoas recorriam quando precisavam falar disso, quando precisavam saber quem contatar, essas coisas. Aí, eu fiz meu TCC sobre isso, que foi um livro sobre violências de gênero. Na época, eu era bem focada, também, em questões de violência. O que rolou foi que, depois que eu me formei, eu fiz o Focas do *Estadão*, que é um programa de *trainees* para jornalistas. Eu fiz o de Jornalismo Econômico. Na verdade, eu nunca me interessei particularmente por Economia, mas era de graça, e eu gostava de política. Eu achava que, para entender bem política, era importante entender o contexto de economia e tal. Enfim, fiz um Focas de Economia, e isso é importante porque eu estava no Focas de Economia, mas, mesmo no *Estadão*, quando ninguém me conhecia antes ali, naquele grupo, eu já fiquei um pouco conhecida por essa coisa do gênero, da pessoa que falava de gênero. Eu fazia muita coisa, fazendo uns trabalhos... Até então, nos meus estágios, eu não trabalhava especificamente com o tema de gênero.

[00:05:05] Entrevistadora: Isso foi em que ano?

[00:05:06] Entrevistada: Mas eu sempre pautava isso. Oi?

[00:05:09] Entrevistadora: Isso foi em que ano?

[00:05:10] Entrevistada: Olha, eu me formei no fim de 2014 e o Estadão, em 2015.

[00:05:15] Entrevistadora: Ah! Então foi bem ali na época da Primavera Feminista, né? Foi no auge.

[00:05:19] Entrevistada: Isso, exatamente. Exatamente. Exatamente. Aí, teve todo esse contexto e teve uma coisa que, no ano de 2014, teve um *boom* de denúncias de casos de assédio no metrô de São Paulo. Com isso, uma amiga minha de faculdade resolveu - eu tinha um contato no metrô, tinha um amigo no metrô de São Paulo - mandar um plano de comunicação para o metrô, com ideias do que dava para fazer para combater esse problema e me chamou para fazer isso. E, como eu te disse, eu já era bem conhecida no foco temático. Ela tinha muita coisa da forma, ela gostava de Comunicação Pública e não sei o quê; e eu era muito o campo temático, de gênero. A gente fez essa coisa juntas e foi uma coisa que levou tipo um ano e pouco, dois anos para ir para o ar. Foi para o ar uma campanha, que foi a primeira campanha do metrô de São Paulo, que se chamou Você Não Está Sozinha. Foi de incentivo a denúncias de casos de assédio sexual. Eu estou te contando isso, porque essa foi uma campanha que teve muita visibilidade, porque acabou que, quando foram fazer as fotos dessa campanha do metrô, o metrô chamou a gente - eu essa minha amiga, a Carol - para a gente fazer as fotos. Então, por um ano e pouco, foi a nossa cara estampada no Metrô de São Paulo. Foi uma época, então, que a gente deu muita entrevista, a gente foi na Fátima Bernardes e não sei o quê. Foi, basicamente, um ano e pouco de muito trabalho com o metrô, e a gente fez muita reunião com o metrô, que era, basicamente, um trabalho de convencimento do porquê eles precisavam falar de combate ao assédio sexual nos trens. Essa campanha foi para o ar no meio de 2015, quando eu estava no *Estadão*. Então, quando acabou esse Focas, eu também já estava conhecida com essa temática e essa campanha estourou. Estourou em mídia e tal, matéria na *BBC* e não sei o que, em tudo que era lugar e, a coordenadora do Focas na época falou: "Opa! Temos aqui uma pessoa especialista. Por

que não a convidar para ter um blog no Estadão?”. Eu fui, com 23 anos, e comecei a ter um blog que era de Gênero e Violência. Gênero e violência na sociedade, e eu comecei...

[00:07:36] Entrevistadora: Você era bem novinha quando começou, então, com o blog.

[00:07:37] Entrevistada: É, exato. Eu tinha 23 anos. Acho que isso é muito refletido no que eu escrevia também. Eu não tinha muito emprego fixo na maior parte do tempo que eu tive o blog. O blog, eu o tive por três anos. No fim, eu estava trabalhando fixo em alguns lugares, mas teve um tempo que eu fiquei meio de *freelancer*, então eu estava sendo muito convocada a trabalhar com gênero. Então, esse período do blog, como eu tinha muita visibilidade, porque era um blog no *Estadão* também, então eu era muito convidada a escrever e a colaborar com esses veículos, inclusive os da sua pesquisa: no caso, a *Olga* e o *Lado M*. Então, foi nesse contexto. Eu te contei tudo isso para te dar esse contexto porque eu já era muito conhecida pela temática. Quando eu estava no *Estadão*, eu tinha essa visibilidade, era um nome que vinha fácil para as pessoas. Foi, mais ou menos, nessa época: 2015, 2016. Eu comecei a trabalhar. Trabalhei numa agência, numa ONG e larguei porque eu queria, justamente, só trabalhar com gênero. Porque quando eu estava nesses lugares que não era a temática de gênero, eu continuava sendo chamada para fazer esses *freelas*, eu continuava com o blog... Quer dizer, a coisa continuava acontecendo e me dava, enfim, me dava mais tesão que o que eu estava sendo paga para fazer, sabe? Aí, em 2018, eu larguei o emprego fixo para virar *freelancer* só de gênero. Então, eu fiz Comunicação e Gênero. Então, em 2018, eu basicamente trabalhei e fiz coisas com a *Olga*. Trabalhei, basicamente, para projetos ou feministas ou eu escrevia sobre mulheres, gêneros etc., ou escrevia para mulheres. Mas eu fiquei bem focada nisso e parei quando eu fui fazer mestrado, na área gênero, claro. Mas é que o meu mestrado foi fora e eu interrompi um pouco isso, acabou o blog do *Estadão*. Então, eu acho que é, mais ou menos, essa parte da trajetória que interessa mais para a sua pesquisa.

[00:09:32] Entrevistadora: E onde você fez o mestrado?

[00:09:34] Entrevistada: Eu fiz na Inglaterra, na Universidade de Sussex, na cidade de Brighton, que é uma cidade de praia. Muito legal lá, no sul de Londres

[00:09:37] Entrevistadora: E você fez sobre gênero também, no caso?

[00:09:38] Entrevistada: É, Gênero e Desenvolvimento que chama o meu curso. É justamente como a gente de desenvolvimento se relaciona com a agenda de combate de violência de gênero, essas coisas.

[00:09:50] Entrevistadora: E quando você estava contribuindo para a *Olga* e, mesmo para o *Lado M*, as suas contribuições, mesmo para a *Olga*, eram no sentido de escrever mesmo?

[00:10:00] Entrevistada: Exato. Essa era uma coisa que me incomodava (não que me incomodava, porque era minha profissão, mas me incomodava internamente), que é no sentido assim: eu já tinha muito conhecimento acumulado e eu queria dar vazão para isso de outra maneira, que não fosse só Comunicação. Eu sentia que eu tinha potencial para isso, mas, por ser jornalista, por escrever, ter blog, eu sempre fui convidada para trabalhar e extravasar isso em forma de comunicação, escrevendo. Era uma coisa que eu não queria. Eu queria dar esse *shift* de carreira, porque eu gosto muito mais do tema do que da Comunicação. Eu prefiro. Eu tinha muito essa coisa, sabe? Não que eu não goste da Comunicação, sou muito feliz fazendo. Trabalho com isso até hoje, mas eu fui construindo conhecimento e bagagem mesmo. Eu comecei a ficar frustrada de só ficar fazendo matéria sobre. Não é que matéria seja algo simples - a gente sabe que não -, mas, enfim, eu queria dar vazão de outra maneira, tanto que eu fui fazer mestrado numa área que não era Comunicação. Agora, estou querendo entrar no doutorado também. Não sei se vai ser Sociologia - na verdade, Antropologia, ou se vai ser Saúde Coletiva. São sempre esses temas me acompanhando.

[00:11:24] Entrevistadora: Adorei. Mas, dentro do mestrado, e mesmo depois, quando você resolveu mudar um pouco o seu foco de atuação, você conseguiu atingir os seus objetivos de sair só da redação e ampliar?

[00:11:33] Entrevistada: Então, neste ano de 2018, que eu te falei que eu fiquei só de *freelancer*, escrevendo só sobre isso, foi um ano que eu fui muito feliz profissionalmente, porque foi um ano que eu percebi que dava. Era uma coisa que eu tinha medo, né, de não conseguir, porque vida de *freelancer* é muito incerta e tal, mas deu. Eu estava sendo muito

convidada para muitos lugares para escrever, eu tinha muito convite constante e tal. Então, eu estava conseguindo me sustentar.

[00:12:00] Entrevistadora: E isso foi em 2018?

[00:12:01] Entrevistada: Oi?

[00:12:02] Entrevistadora: E isso foi em 2018?

[00:12:04] Entrevistada: Foi em 2018. Foi que eu saí pro mestrado em setembro. Inclusive, quando tiveram as manifestações do #EleNão, eu já não estava no Brasil.

[00:12:10] Entrevistadora: Então, você nem votou?

[00:12:18] Entrevistada: É, exato. Eu já não estava no Brasil e eu nem votei naquela eleição porque eu não estava fora tempo suficiente para pedir transferência de voto. Então, as coisas foram assim. Foi um ano, realmente, inesquecível por motivos errados. Aí, demorou. Porque eu voltei para o Brasil no finzinho de 2019 e, em março de 2020, teve pandemia. Então, quando eu estava, assim... Na minha vida, aconteceu, literalmente, na semana que eu ia assinar o contrato para fazer análise de política pública, ou seja, mudar esse foco de atuação - eu ia fazer análise política pública em análise de violência de gênero, com foco em transporte, para você ver, transporte público e tal. Na semana que eu ia assinar esse contrato, foi a pandemia, que parou tudo, congelou a vaga e eu voltei a trabalhar com comunicação. Então, eu nunca deixei de trabalhar com comunicação na minha vida. Fiz algumas consultorias, inclusive nessa época do blog. Fiz e tal, mas, agora, eu estou mais voltada com pesquisas. Percebi que eu gosto muito de pesquisa, então, agora, eu trabalho com Comunicação e pesquisa, sabe? E é isso, assim. Mesmo que tenha mudado um pouco o foco, eu nunca deixei de escrever, a verdade é essa. Mesmo em pesquisa, tem que escrever, escrever artigos. Então, sempre foi isso o que eu fiz, de reunir dados e tal. Só mudou o tipo de texto, né?

[00:13:40] Entrevistadora: Nana, você me contou que você não teve um momento específico no qual você se descobriu feminista, foi um processo. Mas eu queria entender um pouco melhor: para você, da sua perspectiva, o que é ser feminista?

[00:13:55] Entrevistada: É muito... Primeiro que eu acho que é um conceito mutante. Eu acho que o que eu entendo por feminista hoje, não é, definitivamente, o que eu entendia na época do blog. Eu acho que como começou com esse processo de dentro para fora, de entender as coisas que me afetavam e a entender que essas coisas que me afetavam, não afetavam só a mim, era um processo coletivo. Então eu acho que começou muito relacionado a essas demandas que me pegavam, tanto que o livro do meu TCC foi de violência de gênero. Eu falei desde pequenas violências, violências institucionalizadas a feminicídio. A ideia do livro era, justamente, mostrar como tem todo um gradiente de violências que afetam as mulheres ao longo de suas vidas. Então, eu acho que eu comecei muito com isso, e muito focada na violência, nesse risco de violência, e muito nessa coisa do feminismo como um pensamento emancipatório, no sentido de que, eu não... É o que eu te falei, eu não tive um momento que apertou um botão e eu olhei o mundo com uns olhares feministas, mas eu percebi que olhar o mundo com essa lente, ter essa lente do feminismo muda totalmente o jeito como você enxerga o mundo e como você se posiciona no mundo, né? Então, tudo isso para te dizer que eu entendi, antes, como um processo mais pessoal e, hoje, eu entendo como algo mais coletivo, que acho que reflete nessa trajetória. Então, acho que, nesses anos, 2015 e 2016, eu focava muito nessas violências que afetavam uma pessoa. Claro que afeta o grupo de mulheres, o coletivo. Mas é isso o que uma pessoa pode sentir de violência de gênero ao longo de sua vida. Eu acho que, ao longo da minha trajetória, eu fui entendendo que o gênero não anda sozinho. Eu acho que é isso o que eu quero dizer: eu comecei muito esse processo de dentro para fora, de entender as violências de gênero e o que o meu gênero afeta a minha vivência e as vivências das mulheres. Comecei muito focada nesse gênero, que não é pouca coisa. Mas depois, eu fui entendendo que não é só gênero, e, hoje, eu acho até complicado. Antes, eu tinha um super orgulho de falar feminista, tal e não sei o que, e não é que eu não tenha orgulho hoje, não tenho vergonha de jeito nenhum, de nada, mas eu acho que é quase irrelevante. Por isso, eu até fiquei reticente com a entrevista, por falar com você, porque a minha trajetória, o gênero... A minha trajetória, também dizendo profissional, mas intelectual,

eu fui entendendo o gênero menos como a coisa, e cada vez mais, sabe, como um dos fatores das coisas de opressão e de como...

[00:16:54] Entrevistadora: Está atravessado na sua vida.

[00:16:56] Entrevistada: Exato. Então, absolutamente o gênero pode ser um fator irrelevante para algumas vivências, sabe, como raça, como sexualidade. Sexualidade ainda está mais relacionado com vivências de gênero, como no caso, sei lá, de mulheres lésbicas, das pessoas trans. Acho que o gênero está muito ali. Mas assim, classe, raça, principalmente de como o gênero pode ser... É que em bom português, eu ando com muita raiva de como o gênero pode ser usado como muleta para as pessoas oprimirem ou continuarem oprimindo outras pessoas, sabe? Tipo: “Ai, eu não posso ser uma cuzona porque eu sou uma mulher” ou “Eu não posso votar contra interesse coletivo porque eu sou uma mulher e você me atacar é machista”. Eu estou muito incomodada com isso.

[00:17:36] Entrevistadora: Você está muito incomodada com a criação desses discursos de gênero e dos feminismos, né?

[00:17:40] Entrevistada: Exato.

[00:17:41] Entrevistadora: É o que a gente tem visto agora.

[00:17:42] Entrevistada: A minha trajetória intelectual com o feminismo é muito isso. Tem um caminho, que eu acho que ele perde certo protagonismo. Eu entendo hoje que as lutas são muito mais... Muito menos o feminismo. Não é nem o feminismo, porque eu acho que o feminismo que eu, verdadeiramente, acredito é justamente um feminismo que entende que é muito mais do que gênero. Mas o que eu digo é que, assim, que essa minha atuação, principalmente nessa época, eu era mais jovem e tal, e tinha menos maturidade intelectual, tinha menos tempo de estrada, estava muito mais focada na minha experiência, de uma pessoa branca, de classe média, interior de São Paulo. Então, eu acho que eu precisei de muito mais tempo de estrada para entender que o gênero não era o fator predominante, sabe? Acho que isso que mudou fundamentalmente para mim.

[00:18:32] Entrevistadora: Você sabe que isso já foi muito debatido aqui no período do #EleNão? Uma parcela da esquerda tinha esse incômodo, dizendo que: “Ai, se levar as

causas identitárias para o palco, para o centro do debate, pode ser que as outras causas passem a não ganhar destaque”. Enfim, isso foi muito discutido. Mas eu acho que, de maneira geral, o que se concluiu é que, mesmo os veículos de mídias de ativismo feminista, está tudo entrelaçado mesmo, né? Como não falar sobre, quando for falar do feminismo, as mulheres negras e mesmo sobre os homens, também?

[00:19:21] Entrevistada: Exatamente. Eu acho que isso é capcioso e pode ser uma armadilha, porque eu, absolutamente, não estou dizendo que luta identitária não importa. É o contrário, porque o apagamento das identidades é absolutamente político. Então, eu estou dizendo o contrário, que importa para caramba se posicionar como mulher negra, como mulher trans, como mulher lésbica. O que estou dizendo é que essas coisas não andam sozinhas, não são muletas. Mulheres negras podem ser pessoas horríveis, mulheres lésbicas podem ser pessoas horríveis e não necessariamente toda crítica que você está lançando tem um cunho machista, sexista. Eu acho que é capcioso e é um dilema com as esquerdas, porque a esquerda clássica acha que luta identitária não interessa e tudo é só classe, e o que eu estou te dizendo é justamente o contrário: que não é isso; que luta identitária interessa, que não são os oprimidos que colocam - usando oprimido como um termo que já é um pouco problemático - essa etiqueta social em si. É justamente a estrutura social que faz essa etiqueta ser um fator de opressão. Você tem que visibilizá-la. Então, eu não estou dizendo que não tem que visibilizar. Eu ando muito irritada com esse discurso de feminismo liberal - em bom português: o que o que interessa é o feminismo individualizado, o salário igual. Mas chega numa discussão de previdência, de reforma da previdência, esse feminismo vai embora. Quer dizer, ele está focado apenas em um âmbito pessoal (de eu não sofrer assédio na rua) e não entendendo que tudo tem um contexto, não entendendo que têm várias coisas que são mulheres oprimindo mulheres ainda sim. É um todo mais complicado. Antes, eu acho que eu tinha uma relação mais ingênua com o feminismo, talvez. Não sei se ingênua ou romântica é a palavra. Mas acho que, hoje, eu tenho mais ressalvas. Não é com o feminismo, mas é com o jeito que as pessoas, com a palavra, com o tema feminismo pode ser cooptado, pode ser usado, sabe?

[00:21:39] Entrevistadora: Sei. É, eu estava lendo um livro muito interessante que falava sobre feminismo decolonial e que a autora traz essas abordagens e fala justamente sobre a preocupação dela, do capitalismo se apropriando dos ideais feministas e usando isso como ferramenta para gerar mais e mais lucro para poucos, né? Mas falando sobre a sua experiência: você, quando você tinha o blog, e quando você estava mais envolvida, se expondo mais para falar sobre esses assuntos, você chegou a sofrer algum tipo de violência, algum tipo de ataque? Você se sentiu acuada de alguma maneira?

[00:22:25] Entrevistada: Nada físico, mas os ataques virtuais eram extremamente cotidianos, dia sim e dia também em que eu estava escrevendo para o *Estadão*. Então, já é uma coisa que eu me habituei, tanto que eu criei uma casca, que eu nem sei se deveria ter criado. Eu sempre já espero que vai ter o pior nos comentários. Eu não me abalo, sabe? Todo mundo diz: “Não leia os comentários. Não se sinta mal”. Eu não sinto isso porque eu criei essa casca de: “É isso aí! O povo vai fazer isso”. Também, porque algumas coisas foram muito... A minha trajetória, Mariana, ela é... Eu ainda estou num processo ainda terapêutico de tentar colocar isso numa frase, de tentar resumir numa frase simples. O que estou querendo te dizer é que eu tinha muita visibilidade numa atuação que era muito individual e essa visibilidade me frustrou - não sei se frustrou é a palavra. Mas digamos que hoje eu prefiro não estar nos holofotes. Esse período de visibilidade me deu muita clareza de que *troll* de internet quer ganhar no grito. Coisas que ficaram muito nítidas nesse período é que talvez tenha muito mais gente concordando com o seu texto do que discordando, mas quem concorda, dificilmente mostra suporte. O que aparece, que está sempre ali, é *troll*, é bolsominion. Era muito nítido que, quando eu usava o termo “Bolsonaro” no texto, chovia de comentário. Então, era nítido o monitoramento que tinha e tal. Isso ficou muito claro. Então, a minha trajetória pessoal e, agora, falando particularmente da experiência do blog, porque o blog levava o meu nome, era muito pessoal, né? *Think Olga*, *Lado M* são outras coisas (eu fazendo coisas para outros veículos). Mas o blog, como é uma experiência muito pessoal, não sei se frustrante é a palavra, mas eu não sei exatamente aonde eu cheguei, porque eu nunca deixei de receber críticas. As críticas estavam sempre lá, a ponto que elas pararam de me afetar, mas dava

uma sensação de que eu estava falando sozinha, e isso era um pouco frustrante. Mas eu tenho críticas a mim também. Então, teve isso, muita ameaça, às vezes. Não, ameaça, até que nem tanto, vai. Ameaça, eu acho que devo ter recebido uma ou duas, mas eu não dava muita bola.

[00:24:51] Entrevistadora: Eu ia te perguntar das ameaças mesmo.

[00:24:54] Entrevistada: Era assim: mais comentários com muito, muito, muito ódio, de procurar minhas redes, me mandar e-mail me xingando, xingando minha família inteira. Isso era comum. Mas ameaça, eu acho que não consigo me lembrar de nenhuma. Teve um post meu que foi recordista absoluto de audiência, recebeu muito amor e muito ódio e aquele, eu brinco que o que ganhei de dinheiro com ele, foi o que pagou a terapia, porque eu passei, tipo, quatro semanas falando só da repercussão daquele post. Foi um post que eu falei sobre a Juliana... Foi na semana que saiu um vídeo do Vitor, do Vitor e Léo, do Léo, eu não me lembro, que saiu a primeira denúncia que ele agrediu a mulher e saíram as denúncias do José Mayer, e a Juliana Paes, que era embaixadora da ONU Mulheres, na época, falou uma merda do tipo: "Não sou feminista porque eu gosto de usar sutiã". Ela falou isso, cara. Ela falou isso.

[00:25:51] Entrevistadora: Juliana Paes sempre...

[00:25:54] Entrevistada: É, e assim, eu fiz um texto, como tudo isso foi na mesma semana, falando das três coisas, de como violência e antifeminismo e de como as mulheres são odiadas de diferentes jeitos, de como as pessoas entendem feminismo do jeito errado e tal. E eu gosto muito daquele meu texto, sinceramente. Só que, no título, eu coloquei: Juliana Paes, José Mayer e Victor e Léo - eu não sei a ordem - e as pessoas me mandaram muito ódio, como se eu tivesse criticando a Juliana Paes do mesmo jeito que eu estava criticando os dois agressores de mulheres. Eu lembro que aquele texto eu encerrei falando da Juliana Paes, falei dos homens agressores e os dois últimos parágrafos eram sobre a Juliana Paes. O primeiro, eu criticava, eu falava: "Não é possível, uma pessoa que é Embaixadora da ONU Mulheres pela eliminação da violência contra mulheres tem que ter mais responsabilidade no que ela fala. Isso é errado e continua estigmatizando o feminismo e não sei o quê". Logo no

parágrafo abaixo, que é o parágrafo que encerrava o texto, eu falava: “Tendo dito isso, meu ódio, tipo a minha crítica pra ela, de jeito nenhum é a mesma crítica do que para homens que batem em mulheres”.

[00:27:06] Entrevistadora: Mas as pessoas não chegaram até esse ponto do texto.

[00:27:10] Entrevistada: Exatamente. E por que eu estou te contando essa história? Porque esse foi um texto que eu recebi muito ódio, mas muito ódio de esquerda, de setores progressistas. Mas assim, eu fui muito xingada, e isso me frustrou muito. Então, eu acho que esse meu projeto do blog foi me abalando por causa disso. Poxa, eu dava tanto para aquilo lá e eu recebia tanto ódio como resposta - ódio é até mais visível que o apoio. Esse foi muito frustrante porque ficou muito nítido que as pessoas não leem. Hoje, eu até penso que eu mudaria o título, mas eu não mudaria uma vírgula do texto, exceto umas vírgulas que estavam mal posicionadas, mas, enfim, eu não mudaria o teor do texto. Mas eu mudaria o título. E ficou nítido isso: as pessoas só leem o título, e eu recebi um ódio. E eu me lembro especificamente de uma menina que veio, que era lésbica, toda de lutas, que me mandou um textão me xingando, mas me xingando, me xingando tanto e me xingando de umas coisas que estavam no texto. Essa eu respondi, porque eu falei: “Não é possível! Essa pessoa não foi alfabetizada”. E eu não respondi xingando, claro. Eu respondi na maior paciência. Eu falei: “Olha, isso aqui que você está falando está no texto e não sei o quê.” Ela respondeu com o rabinho entre as pernas: “Ah é, acho que tinha passado batido por mim. Obrigada”. Isso foi ali, mas é que, para mim, foi muito significativo para mim e eu não esqueço. Isso deixou explícito ali que as pessoas não leem nada além do título e é o suficiente para saírem xingando, entendeu? Então, digamos que eu sou mais infeliz para casos de holofotes.

[Trecho retirado porque entrevistada pediu para que não fosse divulgado na pesquisa]

[00:31:11] Entrevistadora: Não, mas vale muito a pena ouvir a sua experiência com o blog. Isso também é sobre o que eu pesquiso.

[00:31:15] Entrevistada: É, e foi bem nesse período, entendeu? O blog começou em novembro de 2015, e ele foi muito levado por causa dessa coisa da Primavera Feminista. Porque, como eu te falei, teve essa ação do metrô que eu e minha amiga fizemos e deu muita

mídia, e era nesse ano da Primavera Feminista, muita capa de revista, que não sei o quê. Então, foi nesse contexto que eu entrei nesse blog do *Estadão*. Isso é um achismo que eu estou dando, baseado em absolutamente nada, mas naquela época não tinha blog feminista no *Estadão* e na *Folha*. Eu comecei no *Estadão* e acho que um mês depois começou o Agora que São Elas, da *Folha*.

[00:31:57] Entrevistadora: Você sabe que, quando eu fui olhar o seu blog, no *Estadão*, eu vi que você... Acho que tinha algum texto lá que você falava “presidenta Dilma”. E eu ficava pensando: “Nossa! Mas, no *Estadão*, passou o presidenta?”.

[00:32:11] Entrevistada: Sim. O texto não passava por eles, tanto que eu publicava direto.

[00:32:14] Entrevistadora: Ai, que legal.

[00:32:15] Entrevistada: Enfim, mas é por isso. Claramente por isso. Eu fazia uma provocação mesmo! Eu sabia onde eu estava escrevendo. Mas, enfim, foi nesse contexto que veio a coisa do blog. Mas foi uma experiência que eu sou muito grata, que me abriu muitas portas. Olha que experiência a do meu mestrado: eu fui aprovada na bolsa que eu fui, eu fui para a Universidade que eu fui porque eu tinha esse espaço, eu tinha visibilidade, eu consegui escrever muita coisa legal, então eu sou muito grata. Mas, se eu te falar que eu carrego lembranças doces, eu estou mentindo, são lembranças agridoce. O que eu gosto é o que isso trouxe para minha vida depois, mas o período foi muito turbulento, porque é isso: o ativismo digital, falar de feminismo, não é fácil hoje e, na época, tinha menos gente falando, então era uma experiência muito solitária. Esse período foi muito solitário. Então, nesse sentido, era sempre legal quando eu trabalhava com *Olga* e com outras iniciativas, porque dava uma sensação de um pouco mais de apoio, porque essa coisa, especialmente blog, porque, por exemplo, *AzMina* é mais jornalismo... Claro que é jornalismo militante, mas são matérias, investigação, tal. Agora, texto opinativo, nossa, é um ódio recebido. Então foi um período bastante conturbado, nesse sentido. Não foram flores. Eu sou muito feliz por ele, de novo, eu sou grata, mas não repetiria. Acho que estou mais feliz hoje, fora de holofote. É isso.

[00:33:32] Entrevistadora: Você foi muito corajosa, né? Pode ter a ver também com a questão da idade.

[00:33:38] Entrevistada: Acho que tem um pouco a ver com isso, porque eu não sei se hoje eu toparia. Não sei se hoje eu seria tão indiferente às críticas. Ali, foi muito rápido, muito cedo eu parei de me importar. Acho que foi no primeiro mês, mais no primeiro mês, que eu percebi que tudo o que eu escrevesse ia ter muito comentário de ódio, ia ter, como padrão, muito comentário de homem doido. Foi isso: “Isso é normal, é isso que eu vou receber”. Então, a lembrança que eu tenho desse post que te falei da Juliana Paes é uma lembrança por ter saído do normal, mas o normal era receber muito ódio. De novo: essas iniciativas que você está pesquisando para a sua pesquisa são iniciativas que são voltadas para mulheres. Claro que também muda. *AzMina* mudou bastante de foco ao longo dos anos também, de como começou, de como está hoje, mas falando para mulheres, então assim, eu acho que tem uma comunidade de suporte, de apoio, de rede apoio maior. Eu estava escrevendo no *Estadão*, então rede de apoio não era uma realidade. Era uma coisa solitária mesmo. Então, era isso.

[00:35:03] Entrevistadora: Mas você sabe que, hoje, quando eu faço as entrevistas, e converso com o pessoal que está mais na linha de frente recebendo os ataques ao site ou então lendo os comentários, as editoras da *AzMina* fazem uma peneira para não chegar muito nas colunistas. Tem xingamento que não passa. Mas eu sinto, pelo que elas me relatam também, que a quantidade de ataques diminuiu muito de 2015 para cá. Agora, as coisas estão muito mais estabilizadas. Por exemplo, a Mariana, que é criadora do *Lado M*, ela me contou que, nos primeiros dois, três anos do *Lado M*, elas recebiam muitas ameaças. Depois, isso foi parando, parando, parando e, hoje, isso praticamente não tem mais. Mas eu conversei com uma moça que é colunista da *AzMina*, que escreve sobre esportes, e ela me disse que, no caso dela, que fala de futebol, por exemplo, e é uma mulher falando sobre futebol, até hoje, ela recebe muito ataque, muita crítica, muitos comentários extremamente violentos, porque esporte, ainda mais futebol no Brasil, é um espaço em que as mulheres não são bem vistas e bem recebidas, especialmente para comentar sobre.

[00:36:26] Entrevistada: Eu acho que eu consigo entender. Confesso que até me surpreende você me falar isso, porque eu acharia que o nível que está o debate público hoje, a arena pública hoje, eu acharia que seria um cenário ainda muito hostil. Mas, quando você fala isso

me surpreende, mas, ao mesmo tempo, eu consigo entender. Eu acho que ainda lá em 2015 era mais novo esse fenômeno das mulheres falando sobre, né? Então, eu consigo entender essa reação inicial, porque foi uma reação, né? Foi um estranhamento as mulheres ocuparem esses espaços. Hoje é mais normalizado. Hoje, eu não digo que é um nicho, mas, hoje, o desafio é justamente quebrar bolhas, furar bolhas. Então, eu consigo entender isso, mas hoje, eu acho que, também, tem um... Mas eu acho que depende também, justamente, do espaço que você está, porque eu acho que grupos extremistas estão mais extremistas, de extrema-direita.

[00:37:23] Entrevistadora: É o espaço, com certeza. Eu também fiquei surpresa com ela fazendo esses relatos, porque eu imaginei: "Nossa, agora, do jeito que as coisas estão, deve ser terrível". Mas não, parece que tem cada vez mais diminuído, só que têm alguns espaços específicos que estão ainda mais violentos. Mas ataques aos sites, isso é corriqueiro, tentando derrubar sites...

[00:37:50] Entrevistada: Exato.

[00:37:51] Entrevistadora: Mas parece que os ataques hoje, eles são muito mais personalizados, que pode ser o que aconteceu com você. Eles são dedicados, voltados para uma pessoa específica e não para o grupo, para o canal.

[00:38:04] Entrevistada: É, exatamente. Eu acho que tem isso que você comentou. Eu acho que hoje, se eu recebesse um convite, eu não sei se aceitaria, porque a gente vê o que acontece com as pessoas que são alvos, sabe? E não é pouca coisa. A Lola... Nossa, é impressionante!

[00:38:15] Entrevistadora: Eu lembro. Acho que é desde 2009, sofrendo.

[00:38:21] Entrevistada: É impressionante. Não são flores mesmo, não.

[00:38:29] Entrevistadora: Então, e com relação a sua família, com os seus ciclos pessoais mais próximos, como eles enxergam essa sua atuação e, depois que começou a trabalhar, começou a trabalhar com gênero e feminismo, como que isso mudou sua relação com amigos e familiares?

[00:38:48] Entrevistada: Eu acho que minha família se acostumou. Eu nem sei se eles sabem direito. Eles sabiam na época do *Estadão*. Eu saí de casa com 17 anos, eu era *freelancer*, aquela coisa que ninguém entende direito como é a sua vida. Mas facilitava muito porque todo mundo conhecia pelo *Estadão* e, então, ficava mais fácil de descrever. Mas acho que aceitaram. Eu acho que foi importante, inclusive, para... Eu nunca tive uma conversa, nesse sentido, eu e os meus pais falando sobre o meu despertar feminista e não sei o quê. Eu não tive. Mas eu acho que a atuação falou meio que por si e foi mudando um pouco a forma que eles viam as coisas também. Hoje dá para ver que as pessoas da família tomam mais cuidado nas coisas que falam ou, no mínimo, notam mais esses assuntos de violência e de desigualdade de um jeito que não notavam antes de eu me enveredar por esses caminhos. De resto, todo o meu ciclo social, praticamente, é de ativismo ou de algum tipo de ativismo. Metade de Comunicação, vindo da faculdade, porque eu fiz faculdade de jornalismo, mas, enfim, como foram esses os caminhos que eu percorri, influenciou totalmente o meu redor, porque foram as pessoas que eu fui conhecendo nessa trajetória. Tanto que, hoje, é uma coisa que eu não me sinto ativista o suficiente, colocando assim. Você passa a conviver com ciclos e com pessoas que estão tão na linha de frente e tal, que... Eu acho que isso é muito produtivo para mim intelectualmente mesmo, porque é isso do que estou falando. Acho que o fato, o jeito que eu mudei o meu entendimento de feminismo, foi graças a eu me cercar de pessoas que estão nessa luta e estão pensando sobre isso e estão produzindo sobre isso o tempo todo. É uma coisa viva esse pensamento e esse ativismo. Então, eu acho isso muito legal. E assim, até hoje me custa entender que eu estou tentando fazer mais... Eu gosto de pesquisa, uma coisa que não tem tanta visibilidade e é assim que eu prefiro que seja, mas eu acho que é isso. Acho que a maior mudança foi de família, porque, dos círculos sociais em si, o que mudou foi que eu passei a incorporar essas pessoas que eu fui conhecendo na trajetória e foi fazendo parte da minha vida também. Eu acho que isso, por si só, já cria um ambiente rico mesmo, um ambiente de reflexão, um ambiente de estar produzindo reflexão e de ficar repensando práticas e pensamento o tempo todo. Não sei se eu respondi a sua pergunta.

[00:41:42] Entrevistadora: Respondeu. Você colaborou com a *Olga* e com o *Lado M*. Como que era? Primeiro, no *Lado M*, você era voluntária, certo?

[00:41:58] Entrevistada: Não, então eu acho que eu escrevia... É, eu escrevia e nunca fui paga pelo *Lado M*, isso está certo. Mas eu escrevia... Eu não era fixa. Eu escrevi um ou dois textos. Eu não me lembro sobre o que era, na verdade. É porque o pessoal do *Lado M*, eles são bixetes de faculdade. Então, é isso que eu te falei: “teve uma época que eu era meio referência nisso, na faculdade, porque eu era muito focada nisso.” Então, elas são, eu acho, dois anos de faculdade mais novas do que eu, então, acho que eu era um nome que estava fácil ali, e elas me chamaram para escrever, e eu escrevi. É um projeto super corajoso e eu admirava bastante. Hoje, eu não sei muito da...

[00:42:42] Entrevistadora: Isso tudo dentro da USP, né?

[00:42:45] Entrevistada: Exatamente.

[00:42:46] Entrevistadora: Elas até continuam, mas, agora, está totalmente voluntário. Teve um tempo que elas tentaram monetizar, depois viram que não estava dando certo, que estava sendo estressante, então ficou melhor para elas funcionar como um trabalho voluntário, porque tem mais de 50 colaboradoras.

[00:43:00] Entrevistada: Exatamente. Eu acompanhava, mais ou menos, essa luta aí, porque eram pessoas de círculo de faculdade. Eu vi quando surgiu o site, quando os textos começaram a dar uma viralizada e tal. É isso. Eu estou tentando me lembrar do que foi o texto que eu escrevi. Foi até legal, mas, agora, não consigo me lembrar do que foi. E, depois, esse texto passou para o Medium. Estava no site delas e, depois, passou para o Medium. Agora, eu não estou me lembrando do que foi. Para a *Olga*, foi no sentido contrário. A *Olga* foi todo esse processo que eu te contei de eu ter visibilidade, está mais expresso nas minhas colaborações com a *Olga*, porque era uma coisa... Esse processo do metrô que eu te falei, eu e a minha amiga, a gente fez como cidadãs chatas, porque a gente foi falando com o metrô e tal. Na hora que o metrô teve que contratar alguém para ajudar com isso, eles contrataram a *Olga* - e acho que, no outro braço, contrataram a Eva que era de publicidade, e coisa assim. Então, nesses eventos do metrô, estava a gente, estava a *Olga* ali. Como eu te disse, eu fui

me especializando muito cedo, eu ainda estava na faculdade, então, eu ia em tudo que era evento, lançamento de livro e, em 2015, teve o blog e coisa assim. Então, tudo isso para te dizer que eu virei um rosto conhecido. Tinha um evento e eu estava lá, aí eu dava uma tietada na Juliana para falar: “Ah! Não sei o que, eu tenho um blog e não sei quê”, e eventualmente a gente se falava, se cumprimentava. A Juliana sempre foi muito querida comigo, pessoalmente, porque eu era isso: eu era uma pessoa de 23 anos em eventos cheios de promotora, juíza, que estavam discutindo violência contra a mulher. Eu era a pessoa na faculdade, ou recém saída da faculdade ali, toda nerdzinha, anotando tudo e estudando as coisas. A Juliana era muito querida. Ela super conversava e eu achava isso super legal, porque eu acho que foi a época de ouro da *Olga*.

[00:45:06] Entrevistadora: Sim. Ela estava em todos os lugares na época, dando mil entrevistas.

[00:45:12] Entrevistada: Exato. Essa é uma lembrança que eu tenho muito positiva. Ela era a pessoa que era visada; todos os holofotes na Juliana; ela conheceu o Obama. Mas era uma pessoa que vinha falar comigo numa boa e me tratava de um jeito muito querido. Até que a *Olga* me chamou para a primeira colaboração. Eu fiz algumas coisas. Acho que a primeira coisa que rolou, na verdade, é que elas faziam uma lista, no fim do ano, de mulheres inspiradoras e em 2016, me colocaram nessa lista por causa do blog. Me colocaram na categoria de Comunicação. Eu fiquei super feliz porque é isso: era um negócio que eu tocava sozinha, contra Deus e o mundo. Eu fiquei super feliz. Aí, depois, acho que, em 2017, começaram as coisas pagas. Primeiro, eu ajudei a fazer essa lista do ano seguinte, colaborei com alguns nomes e, depois, a gente fez... Acho que o maior projeto que a gente fez juntas foi o Conexões que Salvam. Foi junto com o Facebook. A gente fez, em 2018, que era sobre assédio e violência contra as mulheres *on-line*. Foi um trabalho junto com Facebook. Foi grande, de alguns meses. A gente gravou vídeo, fez site, teve arte, foi super legal. Foi isso: essa foi a trajetória da *Olga*, porque a gente estava ali nos eventos o tempo todo, então elas começaram a conhecer o meu rosto, eventualmente, eu falei com elas e mandava e-mail. Eu acho que mandei uns e-mails perguntando se... Porque era isso: eu comecei a tentar *freela*.

Acho que eu mandei alguns e-mails perguntando e avisando que eu estava disponível e elas eventualmente me chamaram. Então, foram essas colaborações. Eu lembro que eu gostava porque a *Olga* tinha uma coisa visual, de investir em *design*, então os projetos eram sempre muito bonitos e eu gostava muito disso. Gosto disso até hoje. Gosto das coisas bonitas e com o *design* bem feito. Eu gostava de trabalhar com elas. Depois, esse Conexões que saiu em 2018 – e acho que a gente entregou lá para junho de 2018 – e, como eu te disse, três meses depois, eu já saí do Brasil. Eu achei até bom.

[00:47:39] Entrevistadora: Foi um grande projeto, não é? Você recebeu, trabalhou.

[00:47:44] Entrevistada: A gente teve esse projeto juntas, mas eu tive essas colaborações. A gente estava sempre em conversas, de coisas de redes e de eventos, de conversar e tal. Mas projeto mesmo foi esse - acho que do fim de 2017 e a gente entregou em 2018. Aí, logo eu saí do país e me afastei um pouco. Ah! Teve outra coisa também: eu fiz um *e-book*. Eu fiz o Manual do Jornalismo Humanizado, que eu fiz do LGBT. Elas tinham uma série de guias e diretrizes para comunicadores e eu fiz o de LGBT, é verdade.

[00:48:18] Entrevistadora: Muito legal!

[Trecho retirado porque entrevistada pediu para que não fosse divulgado na pesquisa]

[00:48:19] Entrevistada: Elas se reposicionaram. Ficou uma coisa bastante empresarial agora. Eu lembro que, na época, tinham algumas feministas que criticavam isso, porque, quando a *Olga* veio, quando a *Olga* brilhou e ganhou reconhecimento e notoriedade, que foi com a questão da coisa do assédio, da pesquisa lá do Chega de Fiu Fiu, foi um movimento coletivo muito grande, uma mobilização coletiva muito grande. E elas foram trabalhando para se monetizar, para esse ativismo poder sustentá-las e foram encontrando esse braço mais empresarial e tal. E eu acho ok, acho extremamente válido, e, na época, quem criticava isso, que eram umas feministas comunistas e tal, eu lembro que eu achava meio: “Nossa! Mas a pessoa tem mesmo muita vontade de criticar, não sabe reconhecer muitas coisas”. Hoje, eu não sei se eu digo que dou razão, mas eu entendo mais essa crítica, sabe? Porque começou muito coletivo e acho que virou mais uma empresa. Eu acho que é válido - sei disso de primeira mão - no sentido de que você precisa se sustentar e você precisa viver. É muito

tempo de vida dedicado a uma causa e essa causa precisa voltar para você de alguma maneira. Não a causa, mas esse investimento não é baixo, não é pouco, e se ele pode retornar para você financeiramente, excelente. Não quer dizer que você vai fazer pelo dinheiro. Tudo isso para dizer que eu acho extremamente válido você ganhar dinheiro com uma coisa que você acredita e direcionar os seus esforços para isso. Mas, de fato, teve essa mudança: começou no movimento social e virou empresa, assim. Então, eu entendo as críticas que fazem, sabe?

[00:51:17] Entrevistadora: Eu conversei com uma moça que me contou que saiu de lá porque... Ela me disse que trabalhava lá com a captação e ela saiu de lá porque começou a sentir que era muito elitizado, era muito feito por mulheres brancas para mulheres brancas, então ela foi seguir outros rumos na vida.

[00:51:51] Entrevistada: É, então, mas é isso: é meio que a mesma percepção que eu tenho. Por isso, eu te falei desse meu amadurecimento, porque, antes, quando eu estava ali, nessa época, eu não enxergava tanto - porque eu também tenho a limitação de ser uma mulher branca. É difícil você enxergar a sua própria branquitude. Precisa de maturidade, precisa pensar, precisa refletir, refletir e refletir. Então, eu acho que eu estava mais alinhada, digamos assim, de não perceber essa problemática, e acho que, depois, foi ficando um pouco mais nítido, para mim. Eu acho que é isso: o caminho que elas encontraram foi para fazer uma empresa. Eu acho que - e agora é uma opinião -, é até por isso: porque foram perdendo a credibilidade enquanto ativismo; enquanto coletivo foram perdendo um pouco de credibilidade acho que por conta disso. Aí, encontraram essa saída e estão trabalhando e fazendo coisas legais, com o LinkedIn e tal. É isso.

[00:53:18] Entrevistadora: Eu não sei se elas estão tentando ou fizeram essa autocrítica e estão tentando mudar a estrutura interna do grupo, mas eu entrevistei uma moça que entrou lá esse ano e que ela participou de uma seleção que era, justamente, voltada para mulheres negras, então ela está lá.

[00:54:08] Entrevistada: Vamos torcer para isso. Sei que as dinâmicas de trabalho são mil e não necessariamente tem a ver com raça, não é? Às vezes, o santo não bate, muita coisa

pode acontecer. Mas digamos que eu fui... Desconfiança não é a palavra, mas com parcimônia. “Beleza! Colaborei. Sou muito feliz com as coisas que a gente fez em parceria, mas acho que, agora, realmente, as coisas são diferentes”. Não é nem uma educação falsa, não. Porque eu acho que isso é honesto. Elas tiveram um trabalho muito importante. Eu acho que a *Olga* foi essencial para mobilizar e trazer essa conversa, para colocar essa conversa na mesa, mesmo. De assédio sexual, acho que foi a *Olga*. Isso não quer dizer que outros grupos feministas não estão discutindo isso desde sempre, não estou dizendo nada disso. Só estou falando, assim: é indiscutível que a visualização em torno dessa pauta só veio por conta da mobilização da *Think Olga* naqueles anos, entendeu? Então, eu acho que é um trabalho que tem que ser extremamente respeitado por causa disso, assim. Mas eu acho que, como tudo, como nós, são pessoas que erram, porque são seres humanos. Eu acho que, se eu faço isso, se eu olho os meus textos do passado e falo: “Puts, que branca!”. Imagino que elas também o façam. Então, é a trajetória que a gente trilha.

[00:56:13] Entrevistadora: Sobre, então, sua dinâmica de trabalho dentro da *Olga*, você falou que participou de projeto, né? Para você, essas escolhas profissionais, elas eram viáveis financeiramente?

[00:56:37] Entrevistada: Então, elas foram. Por exemplo, essa coisa da *Olga* foi em 2018, que foi o ano que eu resolvi falar: “Deixa eu tentar fazer isso virar” e virou e foi. Então, é isso o que eu estou te falando: eu respeito essa ideia de elas terem uma coisa mais empresarial. Eu colaborava para muito lugar diferente e a *Olga* me pagou. Eu não me lembro quanto, por mais que eu tentasse, eu não vou conseguir falar, mas eu lembro que foi um valor justo pelo trabalho, entendeu? Ativismo é trabalho. Não ache que, necessariamente, ativismo tem que ser rentável, mas ativismo é trabalho e quando você envolve outras pessoas para fazer ativismo com você, essas pessoas precisam ser remuneradas ou reconhecidas de uma maneira justa. Então, eu acho que isso é uma crescente. Eu acho que as coisas estão cada vez mais viáveis financeiramente assim. *AzMina*, eu sei que batalham super por financiamento, mas está muito maior do que quando surgiu, sabe? Acho que se profissionalizou. Eu acho que ativismo é trabalho e tem muitos jeitos de fazer ativismo. Dá

para fazer jornalismo com ativismo, que ainda é jornalismo, que é o caso da *AzMina*. Nada mais justo do que remunerar as pessoas que estão fazendo, sabe? Porque é profissional, é feito profissionalmente, é feito por pessoas que dedicam tempo de suas vidas. Então, eu acho que não é rentável como deveria ser, porque, por ser um ativismo, muita gente trabalha de graça e, por mais que a gente queira pagar, a gente não pode. Eu tenho certeza que a *AzMina* queria poder pagar mais e mais gente, mas têm limitações para preservar alguns valores. Sei lá, talvez não aceite publicidade, enfim, não aceitem várias coisas. Acho que o fato de ser um trabalho ativista traz limitações financeiras. Acho que isso é um fato, acho que todo mundo vai dizer isso, mas eu acho que está cada vez mais possível remunerar ou de reconhecer as pessoas que estão envolvidas nessa rede. Porque eu acho que - é sempre uma opinião - o jeito de a gente usar a internet está caminhando para isso, essa coisa dos nichos, de você apoiar os conteúdos que você acredita, enfim, de mobilizar uma rede. Quando você tem uma base muito forte, muito engajada, você consegue viabilizar mais coisas. E eu era a ponta disso, no sentido de que eu não era nem a CEO nem a diretora da organização; eu era uma dessas pessoas que eram contratadas. Eu já escrevi muito de graça. Eu já escrevi textos que, para uma empresa jornalística, eu escreveria por um valor e fiz por um quinto do valor porque era o valor que aquelas pessoas tinham. Para alguns desses casos, eu não me arrependi, porque eu entendo que é o que as pessoas tinham e elas queriam me pagar de algum jeito. Em outros casos, eu me arrependo, porque era uma iniciativa empresarial, só que se travestia em uma causa e era uma desculpa para pagar menos para as pessoas. Isso acontece muito. Enfim, é que eu estou divagando, aqui, sobre o que você falou. Eu acho que é possível, o que não quer dizer que é fácil viver financeiramente assim. O contexto político brasileiro influencia muito, porque, depois do *impeachment* da Dilma, quando você tem cortes de verbas.... Primeiro, a Secretaria de Política para as Mulheres perde peso de Ministério e cada vez tem menos verbas, e tudo isso importa, porque tinha muito projeto financiado por essas instâncias, entendeu? Então tem muita organização que paga pessoas para fazer e que perdeu o financiamento. Então, a rede diminuiu muito, sabe? Era uma rede que tinha, sei lá, um número X de pessoas atuando nisso e a coisa tem que diminuir, tem que ficar mais enxuta,

porque você perde, literalmente, fonte de financiamento, sabe? Com essa caminhada conservadora do Brasil, é isso: empresa não querendo se envolver com algumas causas ou, pelo menos, não se envolver publicamente. Eu vou te dar um exemplo de outra organização que eu respeito muito, respeito demais, que são décadas de história, que é o Instituto Patrícia Galvão. Eu também já fiz coisa paga com elas. Como eu respeito! Eu gosto muito, muito, muito delas, eu devo muito a elas. Elas escreveram a minha carta de recomendação para o mestrado. Depois que voltei do mestrado, eu as procurei. Foi bem nesse contexto: tiveram que mudar de prédio, tiveram que tirar gente da equipe, porque era um financiamento que vinha da Secretaria de Política Para as Mulheres, que deixou de existir. Então, isso diminui as possibilidades de você remunerar sua rede, diminui, obviamente, a sua capacidade de atuação e de alcance. Então, eu respeito essa instituição. Por exemplo, *AzMina* e a *Think Olga* fizeram escolhas diametralmente opostas de como se sustentar. A *Think Olga* foi para o lado empresarial da coisa e *AzMina* decidiram confiar na base e confiar nos apoiadores “que acreditam e vão dar dinheiro para a gente”. Eu posso concordar mais, eu posso estar, intelectualmente, mais alinhada com uma que com outra, mas eu entendo as fontes de decisões de ambas, porque, justamente, as fontes de financiamento secaram muito. A *Think Olga* também fazia muito projeto apoiado por coisa de governo, sabe? Isso seca, sabe? E como é que você transforma todo esse tempo de vida e de trabalho em uma fonte de renda?

[01:02:50] Entrevistadora: É interessante isso que você falou, porque eu conversei com muita gente de captação de recursos, tanto da *AzMina* quanto da *Olga*. É verdade: são escolhas distintas, mas precisa de muita gente envolvida naquilo ali para conseguir viabilizar. *AzMina* trabalha muito com editais também.

[01:03:07] Entrevistada: É isso, exato. É totalmente. Assim, eu estou trabalhando com o terceiro setor hoje, estou fazendo Comunicação de terceiro setor, e é isso: você trabalha enquanto tem edital, às vezes, enquanto tem projeto financiado. Então, até outubro, eu estou na Cella Educativa, que é uma ONG de São Paulo. Por que até outubro? Porque o financiamento vai até outubro; depois disso não tem financiamento, entendeu? Então, tem uma coisa que é coisa de setor de desenvolvimento, é do campo do desenvolvimento, em

geral, e de causas. Isso é um problema nevrálgico. *AzMina* e a *Think Olga* são escolhas distintas, mas eu acho que a raiz do problema é a mesma, sabe? É essa coisa de você ter que transformar todo o seu trabalho. Você dá muito tempo de vida para aquilo. Como você vai ser reconhecida? Como que isso volta para você? Como você faz isso ser uma escolha de vida viável? É o tempo dedicado a isso. Acho que o pano de fundo é o mesmo e acho que o contexto do Brasil não está ajudando muito, porque perde as fontes de financiamentos oficiais e uma crise econômica também. Eu fico imaginando *AzMina* também, sabe? Quando você depende de financiamento coletivo... O Brasil está com a economia indo para um buraco. Eu fico muito interessada no que as pessoas de captação da *AzMina* falaram para você, sabe? Eu fico imaginando isso, sabe? Eu, hoje, como eu não estou mais no *front*, eu estou nos bastidores, eu, por exemplo, dou dinheiro para *AzMina*, eu sou apoiadora d'*AzMina*. Eu não sou a mais recorrente, mas faço sempre que posso e tal. Agora com o projeto *Elas* no Congresso e tal. É uma coisa que eu sempre fico pensando, sabe? "Como que deve estar sendo isso? Que perrengue!". Porque é um site muito estruturado, seria uma judiação não conseguir as coisas.

[01:05:05] Entrevistadora: Ele é muito estruturado mesmo, não é? Mas elas me contaram: elas dependem, para fazer os projetos, tocarem os projetos, dos editais, e para conseguirem fazer as reportagens, é dos colaboradores e colaboradoras mesmo. Elas falaram que isso é a base para conseguirem fazer tudo e fazer jornalismo. É muito impressionante elas conseguirem, porque eu estou tentando ajudar o pessoal da *Não Me Khalo*, que tem uma proposta muito diferente, é mais uma construção de conteúdo coletivo. Elas fornecem muito texto e tem formato de blog, né? Mas elas não conseguem, de forma alguma, muita gente para contribuir, para colaborar com o projeto, enquanto que *AzMina* têm que, assim... No Facebook, por exemplo, a *Não me Khalo* tem mais de 1 milhão de seguidoras; *AzMina* nunca chegou nem perto disso e, mesmo assim tem um público que é muito fiel, né, que vai lá e contribui.

[01:06:01] Entrevistada: É muito particular da *AzMina*. É admirável, porque é isso: é muito difícil você mobilizar, a ponto de conseguir se sustentar para isso, ainda mais tendo uma base

menor do que a *Não Me Khalo*, por exemplo. Ter base, até que muita gente consegue, mas uma base que está disposta a se engajar, inclusive financeiramente com você, é muito. Viver disso, confiar, contar com isso é corajoso. Eu acho que isso é muito corajoso no Brasil, sabe? Eu acho que isso é reflexo de um trabalho muito combativo. Porque tem muita organização feminista que pede apoio e é isso. Os recursos são finitos. Por que eu resolvi doar para *AzMina*? Porque lá eu sei que é combativo e é combativo a ponto de merecer menção da Damares, da Damares tentar boicotar. Então, é exatamente aqui que eu tenho que apoiar, sabe? Porque está fazendo. Eu acho que - e novamente é uma opinião -, mas eu gosto muito mais da *AzMina* depois desse reposicionamento que elas deram. No começo da *AzMina*, eu não gostava muito.

[01:07:31] Entrevistadora: Sim, eu entendo.

[01:07:35] Entrevistada: Eu gostei porque *AzMina* passou a ser um projeto coletivo, mais coletivo, pelo menos. Acho que *AzMina* ganha e fica combativa a partir do momento que vira uma coisa mais coletiva, sabe? Também, foi nesse mesmo cenário que eu saí de cena, porque eu achava que estava muito na minha pessoa e isso era ruim, tanto porque eu recebia todas as críticas do planeta, mas, também porque eu acho que é uma coisa mais coletiva - tem a ver com esse processo que eu te falei, e junta com a coisa do *Estadão*. Estou dizendo tudo isso para dizer que eu gosto desse reposicionamento da *AzMina*, de como elas estão fazendo mídia e ativismo, sabe?

[01:08:39] Entrevistadora: Você sabe que eu conversei com uma repórter que me contou que, quando ela começou a trabalhar para *AzMina*, passou, para ela, a ser muito melhor, em termos de salário, do que quando ela estava trabalhando, por exemplo, no maior e principal jornal da cidade dela.

[01:08:57] Entrevistada: É, eu acho que isso tem a ver. Isso é de quando o princípio realmente se coloca na prática, que é a gente reconhecer e valorizar o tempo das pessoas que estão ali fazendo. Então, eu acho que, a partir do momento que você se propõe a uma profissionalização, você tem que tratar as pessoas como profissionais. Isso é super problema de quando você mistura ativismo e trabalho - ativismo, teoricamente, você tem que fazer de

graça ou tem que fazer o tempo todo, não pode parar nunca - e não é. Se você se propõe a uma profissionalização, seja profissional, reconheça, remunere, ponha limites de trabalho e tal. Eu sinto que elas fazem isso. De qualquer maneira, é o que eu acho que é o adequado, o justo. Achei até interessante isso que você me contou do *Lado M*, porque é isso. Porque parando para pensar, refletindo conforme foi falando, foram três escolhas distintas, né? Uma foi para o lado empresarial; a outra apostou em ser bem combativa; e a outra falou: “Não, então é isso: vamos dar um passo atrás porque não vai dar para monetizar, não vamos virar para esse lado empresarial. É melhor que fique mais sossegado, que a gente faça do nosso jeito...”.

[01:10:15] Entrevistadora: E o *Lado M* é super organizado também. Elas conquistaram... Todas as colaboradoras me disseram que é muito organizadinho. Eu achei isso muito interessante, porque, por um lado, é um trabalho totalmente voluntário, não tem prazo, por exemplo, não tem uma demanda. Quando elas se propõem a escrever alguma coisa, elas têm que escrever dentro de um mês, por exemplo, mas não tem essa exigência de: “Fulana, você tem uma coluna, então tem que escrever de tanto em tempo.” Mas é bem...

[01:10:40] Entrevistada: Eu acho que isso é reconhecimento também, entende? Isso é reconhecer o limite, reconhecer a limitação do que você pode pedir para quem está nessa rede com você, o que você pode oferecer e, portanto, o que você pode pedir.

[01:10:54] Entrevistadora: É, enfim, eu acho muito legal. Elas disseram que tentaram criar o CNPJ, tentaram fazer com que funcionasse, que fosse viável para elas se sustentarem daquilo, mas não deu. Então, foram lá e desistiram do CNPJ e, a partir do momento que se tornou totalmente voluntário, a Mariana, que é a criadora, inclusive me disse que, para ela, ficou muito mais fácil, muito mais leve, que é uma coisa que, hoje, ela faz por prazer mesmo, não é estressante e que está fluindo, que está funcionando e continua em pé.

[01:11:27] Entrevistada: Também admiro essa postura, porque tem que saber os limites, né? O ativismo, você precisa ter uma postura, você precisa entender por quê você está fazendo aquilo. Se, a partir do momento que isso não vira, que não está voltando para você, que perde o sentido, que você não está fazendo agora porque você precisa se sustentar, que bom que

elas reconheceram isso e conseguiram voltar a encontrar esse prazer a partir do momento que reconheceram essa limitação, né? “Não precisa crescer tanto, então a gente pode ter o nosso impacto dessa maneira”. Eu acho admirável.

[01:12:09] Entrevistadora: Eu também acho. Mas eu também acho que são, realmente, escolhas diferentes de cada uma.

[01:12:14] Entrevistada: E acho que é isso, não é? É tudo com o mesmo plano de fundo, da dificuldade - com certeza, você vai abordar - de se sustentar, da relação de profissionalização e causa, de como essa relação de tempo, de valorização do seu tempo e exigir um conhecimento profissional. Para mim, pessoalmente, veio muito dessa... A chavinha... A Liliane Ferrari, se não me engano o nome dela, que é uma comunicadora, que, hoje, ela trabalha no Pinterest, tem blog desde 2001. Ela é precursora na internet e ela trabalha muito com *influencer*. Eu a conheci nessas andanças de quando eu tinha blog no *Estadão*, de eventos e de encontros. Um dia, ela postou a frase que eu carrego comigo que é: “não me peça para fazer de graça a única coisa que eu posso vender”. E, para mim, isso foi muito “*waking up call*”, porque a única coisa que eu faço é vender texto, sabe? Como eu iria fazer isso de graça? Não tinha como. Era uma coisa que eu fazia quase de graça para o *Estadão*, mas era quase de graça mesmo (R\$ 50,00 reais por mês). De graça, sabe? Porque eles não divulgavam, então eu fazia quase de graça porque vinham outras coisas a partir disso, tinha um porquê de eu estar fazendo, então, quando eu passei no mestrado, eu falei: “Meu, tchau!”. Mas é isso. Nesse contexto, eu fui trabalhar com a *Olga*, por exemplo, fui fazer esse projeto com a *Olga*, porque, cara, era isso: era pago, era bem pago, era justo. “Estamos contratando uma profissional para fazer. Estamos te tratando como uma profissional”. O que mais tem por aí é jornalista bem qualificada, disposta a escrever sobre feminismo e, enfim, mão de obra, inclusive, nem falta. Com certeza é capaz de encontrar alguém que faça de graça, então, acho justo quem tem esse reconhecimento de quem está fazendo parte da rede.

[01:14:18] Entrevistadora: Por fim, eu queria colocar uma pergunta que eu, geralmente, coloco para todo mundo. Eu acho que tem muito a ver com o que a gente está conversando agora, que é: por que você acha que essas iniciativas, elas ainda existem, elas perduram?

[01:14:32] Entrevistada: Eu acho que comunidade é a palavra. Como eu disse, eu acho que a internet foi caminhando para esses nichos. Em 2015, o que eu recebia era ódio, eu recebia muita crítica, ali, o tempo todo. Essas comunidades foram se situando, foram se normalizando, foram se estabilizando, fazendo parte desse ecossistema da internet. Eu acho que isso as torna viáveis até hoje, cada uma à sua maneira. Tem o famoso “tem público”, então elas estão aí. *AzMina* tem uma postura combativa, então atrai esse público combativo que quer dar o dinheiro para esse jornalismo combativo. A *Olga* continua existindo porque tem uma demanda empresarial que, no mínimo, fica bem, para parecer *cool*, para parecer legal. Tenho minhas dúvidas porque acho que não é todo o setor empresarial que tem, porque tem esse contexto político do Brasil, mas que tem essa demanda, as pautas estão crescendo. Estão sendo, principalmente agora, acho que a pauta de raça está sendo cada vez mais reconhecida, então você precisa de gente que fale a língua das empresas. Não adianta eu chegar com um discurso anticapitalista em uma multinacional, não adianta, não tem penetração. Então, você precisa também. É outro nicho. Então, eu acho que tem a ver com comunidades, com nicho. Tem uma demanda empresarial que a *Olga* foi suprir. Tem uma demanda ativista e que está ali e que precisa de *front* e *AzMina* foi suprir. Tem o ativismo pelo ativismo em si, que é o *Lado M*, que você estava me contando, entendeu? Que resolveu virar o ativismo e é isso: “Vamos escrever, vamos pensar juntas, sem ter o compromisso de fazer disso o nosso ganha pão”.

[01:16:21] Entrevistadora: Eu acho que ainda tem o foco nas universidades também. Tem muita estudante colaborando.

[01:16:24] Entrevistada: É, exatamente. A proposta já vira outra: é o espaço para as pessoas escreverem o que as pessoas pensarem, produzirem esse conhecimento juntas. Tinham outros sites, também, nessa pegada que virou o *Lado M*, especialmente de cultura *pop*. Esqueci os nomes. Como era? Não era o *Capitolina*. O *Capitolina* era bem direcionado para adolescentes, mas, enfim, tinham os outros que eram meio que essa pegada, também, de você escrevendo... “Você tem o texto para escrever sobre isso aqui, escreve para a gente, e a gente mantém a produção e a reflexão sobre esses temas sem pesar para ninguém”. Então,

eu acho que essas iniciativas existem porque tem demanda social para isso. Espero que continue tendo, espero que continue tendo. Espero que não deixe de ter nicho, entendeu? Mas eu acho que já tá deixando. Acho que essa virada, por exemplo, de olhar cada vez mais para a raça já é um reflexo do avanço da discussão, entendeu? Se a gente não discute mais isso hoje do que discutia em 2015, eu acho que isso é bom sinal, porque, ainda que tardio, ainda que tenha vindo tardiamente, é um total sinal das reproduções que estão sendo colocadas ali o tempo todo. Eu acho que isso é muito bom, me pega muito, porque eu acho isso muito importante. Tudo isso, todas essas produções, inclusive da Olga para o setor empresarial. É tudo muito vivo, e é a demanda que vai mudando, e a demanda é certo mecanismo que se retroalimenta, né? A gente vai produzindo a reflexão, vai tendo o seu impacto na sociedade e vão chegando novas demandas. Eu acho que é isso.

[01:18:08] Entrevistadora: Eu conversei com uma menina que ela está na graduação ainda, na USP. Ela faz jornalismo lá e contribui para o *Lado M* e ela é uma mulher negra. Ela me contou que, quando chegou na USP, primeiro ela foi procurar se entrosar com grupos de militâncias feministas e ela não se encontrou muito lá, porque era muito distante da realidade dela, ela mora na periferia, então não cabia muito dentro do contexto de vida dela. Depois, ela foi participar de debates e de discussões e grupos de estudos do movimento negro lá dentro e ela disse que fez muito mais sentido para ela do que ser parte do movimento feminista.

[01:18:59] Entrevistada: Então, e tem isso da limitação do discurso feminista. Era o que a gente estava falando no começo. Eu acho que ele está mais evidente e isso força, isso te obriga, enquanto feminista, a pensar para além do que você já estava pensando, entendeu? E eu acho que isso é super positivo.

[01:19:10] Entrevistadora: Sim, no *Lado M*, elas trazem esse tipo de pauta, né?

[01:19:12] Entrevistada: Sim, exato. Acho muito legal.

[01:19:14] Entrevistadora: Bom, são essas as perguntas que eu tinha para te fazer. Você tem alguma dúvida, alguma inquietação?

[01:19:19] Entrevistada: Não. Eu só queria entender em que estágio está o seu doutorado.

[01:19:24] Entrevistadora: Eu fiz a qualificação agora, em maio, então eu apresentei as minhas entrevistas piloto e a minha análise inicial, análise prévia. Para a qualificação, eu fiz só três entrevistas e fiz com a *AzMina*. Então, eu fiz com a Carol, que é a diretora, falei com uma jornalista e falei, também, com uma moça que é leitora. Aí, apresentei isso, foi aprovado para eu dar continuidade e, agora eu já fiz mais de 30 entrevistas, então já estou com muito material para analisar e, inclusive, sexta-feira eu encerro essa etapa das entrevistas e faço a última. Depois, eu começo a etapa de análise das entrevistas aqui, no Brasil. Mas eu vou para a França em dezembro e lá eu começo tudo de novo. Eu começo a fazer novas entrevistas para poder começar a fazer a comparação.

[01:20:09] Entrevistada: Você está com aqueles *softwares* que separam meio que automaticamente os temas das coisas? Porque, meu, coragem a transcrição, hein!?

[01:20:15] Entrevistadora: É. Não, as transcrições, eu tenho um amigo, um amigo de graduação que trabalha com isso. Ele transcreve, então eu o contratei para fazer a minha, porque para fazer sozinha é muito. Ele usa, e ele vai fazendo, relendo, para...

[01:20:37] Entrevistada: É, têm uns que colocam, que destacam as palavras chaves que são mais usadas, para você ter uma noção do que as pessoas, enfim... Era isso! É só porque eu fiquei, obviamente, curiosa. A gente quer ver como vai ser usado isso depois. Então, se você puder me enviar quando estiver pronto, quando você tiver material, eu vou ficar bastante feliz de ver, ler, até porque, não só porque eu dei a entrevista, óbvio, mas porque o tema me interessa mesmo.

[01:21:08] Entrevistadora: Sim, pode deixar! Muito obrigada pela sua contribuição e pelo seu tempo. Se você tiver qualquer outra coisa que você possa lembrar, que possa ser interessante de compartilhar comigo, aí você me manda. Se você tiver alguma dúvida sobre a pesquisa ou sobre outros estudos na área, você pode entrar em contato comigo. Eu fico à disposição.

[01:21:36] Entrevistada: Beleza! Espero ter te ajudado e boa sorte na sua pesquisa.

[01:21:41] Entrevistadora: Obrigada. Tchau, tchau.

[01:21:43] Entrevistada: Tchau.

Paula Chang - equipe de apoio *Think Olga*

[00:00:01] Entrevistadora: Então, é isso: eu queria ouvir um pouco de você sobre a sua trajetória, tanto profissional quanto pessoal também.

[00:00:06] Entrevistada: Eu sou formada em Comunicação, com especialização em Cinema. Aí, eu comecei a trabalhar nessa área, com produção de cinema e teatro. Depois de um tempo, comecei a entender que não dava para viver de cinema no Brasil. Eu não queria fazer Publicidade. Então, foi um momento em que eu falei: “Ou eu aceito fazer Publicidade ou eu mudo”. Aí, eu passei no mestrado na França, em Gestão Cultural.

[00:00:42] Entrevistadora: Você foi para a Sorbonne?

[00:00:44] Entrevistada: Isso!

[00:00:45] Entrevistadora: Que máximo!

[00:00:48] Entrevistada: Eu até brinco: “Agora eu volto a estudar”, porque faz dez anos que eu fiz esse mestrado. Eu estou com mais medo agora do que naquela época, em que eu não sabia de nada, mas saí me inscrevendo e fui aceita.

[00:01:02] Entrevistadora: Muito legal!

[00:01:04] Entrevistada: São muitas preocupações. “Será que vão me aceitar?”.

[00:01:09] Entrevistadora: Tem que se inscrever, sim. Uma parte da minha pesquisa, eu vou desenvolver na França. Eu consegui uma bolsa para fazer um cotutela em Rennes. Eu vou fazer uma comparação entre as mídias feministas de lá e as mídias daqui. Mas eu vou só no fim do ano, em dezembro.

[00:01:29] Entrevistada: Muito bom! Foi uma oportunidade incrível os dois anos que eu passei lá. Fiz um mestrado em Gestão Cultural, então tem toda essa trajetória de valorização da

cultura, então foi muito especial em relação a aprendizados e à experiência também de morar fora e tudo mais. Foi um período bem bacana.

[00:01:58] Entrevistadora: Em que ano você foi? Você falou que faz dez anos, né?

[00:02:01] Entrevistada: Isso! Foi de 2008 a 2010.

[00:02:04] Entrevistadora: Eles te receberam bem em Paris?

[00:02:07] Entrevistada: O curso na Sorbonne foi maravilhoso - melhores professores, o conteúdo. Eu aprendi muito. Mas lá tem esse negócio de master 1 e master 2. Não é porque você faz o master 1 em uma faculdade que você vai fazer o master 2 na mesma. Por exemplo, o master 1 da minha disciplina era com uma turma grande, mas eles só tinham poucas opções de master 2, porque poucas pessoas iam para aquelas disciplinas, aí vai ficando mais específico. Então, o master 2 eu fiz em Nanterre, que também é a grande Paris, mas não era a Sorbonne - era Paris 10. Eu fiz o meu master 1 na Paris 1 e fiz o meu master 2 na Paris 10. Na Paris 10, eu aprendi também, mas é diferente. Não é mais essa excelência da Paris 1, se você for falar sobre conteúdo-aula. Só que na Paris 1, as pessoas eram muito difíceis. Foi muito difícil, para mim, o primeiro ano, para fazer amizade. Você acaba de chegar em um país e não conhece ninguém e eles não eram muito abertos.

[00:03:34] Entrevistadora: Eles não são muito receptivos, né?

[00:03:36] Entrevistada: Na Paris 10, as pessoas já eram super. A gente se encontrava no final de semana ou, depois da aula, a gente ia almoçar juntos ou tomar uma cerveja juntos. Já foi outro relacionamento. Para mim, acabou que foi uma boa combinação, porque eu tive uma boa parte acadêmica no primeiro ano e foi bem difícil na vida pessoal; no segundo ano... a parte acadêmica não é que foi ruim. Não foi ruim! Mas tem uma diferença de qualidade. Só que a vida pessoal foi bem melhor. Foi um equilíbrio.

[00:04:19] Entrevistadora: Que legal que você conseguiu conciliar os dois e conseguiu conhecer pessoas lá.

[00:04:30] Entrevistada: Tenho umas amigas até hoje. Tenho até do mestrado 1. É o que eu ia te falar: eles demoram mais tempo. A gente é muito essa coisa de que logo todo mundo é amigo. Eles demoram um pouco mais para criar essa abertura e construir uma relação. Mas

até hoje eu tenho amigas do mestrado do primeiro ano também. Depois que você consolida a amizade, é uma coisa duradoura.

[00:05:00] Entrevistadora: O meu orientador diz isso. Se você for convidado para ir na casa de alguém na França é porque a amizade já chegou em um patamar superior.

[00:05:13] Entrevistada: Foi uma ótima experiência. Acho que você vai adorar. Para mim, valeu muito a pena. Eu estudei lá Gestão Cultural e fiz alguns estágios, que eram obrigatórios para o mestrado também. Aí, eu voltei para o Brasil e voltei a trabalhar em instituições culturais, então eu trabalhei no Teatro Alfa, em São Paulo, e depois na Pinacoteca de São Paulo. Mas acabei indo para essa área de parcerias, captação de recursos e financiamento, Lei de Incentivo (que é uma coisa que eu já tinha tido experiência antes, na produção de cinema e teatro). Eu fui cada vez mais me especializando, porque era uma coisa que não tinha tanto. Tinha poucas pessoas que faziam isso, então, se você sabia fazer, você ia fazer isso, porque tinha essa demanda. Depois, o meu marido passou em uma bolsa de mestrado. Isso foi em outro momento (casei). Quando eu estava na França, eu estava solteira. Aí, voltei solteira. A gente se conheceu, casei. Ele passou na bolsa de mestrado nos Estados Unidos, na Fulbright. A gente se mudou para Los Angeles. Eu pedi demissão e enxerguei isso como uma oportunidade de recomeço. “O que eu quero fazer?”. Eu tinha percebido que, trabalhando tanto no Alfa quanto na Pinacoteca, eu estava mais interessada, mais apaixonada, pelos projetos sociais que eles faziam. As duas instituições tinham a parte educativa. A Pinacoteca tinha uma iniciativa bem ampla que atendia a Comunidade da Luz, projetos para a população periférica. Eu estava muito mais interessada nesses projetos. Óbvio que, como expectadora, continuo amando a cultura, a arte, o espetáculo, as exposições, mas quando eu falava “Para quem eu quero buscar mais dinheiro?”, eu enxergava mais o meu coração ali nessa parte do social. Então, quando eu pedi demissão e lá nos Estados Unidos eu pude trabalhar - o meu marido tinha o visto de estudante e eu tinha o visto de trabalho -, eu trabalhei em uma ONG lá de educação musical. Ainda continua uma intersecção entre cultura e social, mas lá o social era o principal. Mudou só na balança: antes era o cultural mais e o social só um pouquinho, mas depois inverteu. Foi uma experiência

ótima. Eu aprendi muito. É uma diferença de recursos. Nos Estados Unidos circulam muito mais recursos para essas organizações da sociedade civil. Não tem a desconfiança que aqui no Brasil a gente tem - a gente, não; algumas pessoas têm essa desconfiança com ONGs. Lá, além de muitas fundações e institutos com doações relevantes, também tem as doações de pessoas físicas. É comum a população também fazer doações. Foi um aprendizado grande. Também era uma ONG maior. Dentro da grande Los Angeles, a gente tinha 11 locais onde tinha programas. Eram dois mil alunos de populações mais vulneráveis, crianças que ficam de oito aos 18 anos na organização. Era muito legal o trabalho! Eu gostei bastante e aprendi também. Acho que essa experiência de trabalhar fora foi bacana, para ver como as coisas funcionam. Para falar do feminismo, também foi nesse momento que eu comecei a me aproximar... Na verdade, não. Deixa eu voltar, Mariana. Foi na França. Na França, nem foi com o Movimento Feminista francês. Foi mais por experiências que eu vivi na França. No meu primeiro estágio obrigatório que eu consegui, eu sofri um assédio sexual dos meus chefes.

[00:09:53] Entrevistadora: Nossa! No seu estágio lá? No estágio do mestrado?

[00:09:58] Entrevistada: Isso! Eu era muito nova, e não estava nem sabendo de nada.

[00:10:05] Entrevistadora: Você tinha quantos anos, quando você estava lá?

[00:10:11] Entrevistada: Eu sou de 85. Em 2008? Eu sou péssima.

[00:10:17] Entrevistadora: Eu também! 23? Acho que é isso! A gente, da Comunicação...

[00:10:29] Entrevistada: Então, é isso! E era um momento pré-internet, democratizada. A minha inscrição para a Sorbonne, por exemplo, foi toda pelo correio. Eles mandaram a resposta pelo correio. Eu lembro quando eu recebi a carta de aprovação. É também porque a França resistiu um pouco à tecnologia. Naquele momento, naquela época, a gente não estava com o feminismo como a gente está hoje. Nem eu estava também. Eu acho que tinha a mudança da cultura, mas tinha também eu, individualmente. Eu acho que tinha essa questão de ser latinoamericana, brasileira. Infelizmente, os estrangeiros ainda têm essa imagem. Era eu e também outra estagiária que era de Gana - de outro país também. Eram dois homens e nós duas como estagiárias. Eu fiquei muito assim: "Nossa! Não acredito que

isso está acontecendo”. Eu saí e nunca mais voltei. Ela ficou: “Não! Eu quero entender o que aconteceu”. Ela até voltou. No fim, eu não me lembro se ela continuou trabalhando ou não, mas eu me lembro que ela queria voltar lá para conversar com eles e entender direito se tinha sido um mal-entendido, mas eu não. Eu já estava: “Não foi um mal-entendido. Nunca mais eu quero pisar naquele lugar”. Isso aconteceu e, para mim, foi bem difícil de lidar. Tem toda essa questão de estar em outro país. Ainda foi nesse primeiro ano, quando eu estava me sentindo mais isolada mesmo. No segundo ano, que já estava vivendo mais Paris e já estava tendo uma vida social legal, voltando um dia de um bar - a gente voltava de metrô -, tinha um menino bêbado, andando pela estação. Tinha sempre movimento, então eu não estava sozinha. Sabe quando você percebe? A gente sempre está atenta, né? Eu estava nessas baldeações de metrô, que você sai e faz muitos caminhos e tal. Aí, eu percebi esse menino bêbado. Eu até fiz essa nota mental: “Vou ficar longe desses meninos bêbados”. Eu estava andando, mas era uma baldeação longa. De repente, eu me vi na escada rolante e o menino estava atrás de mim - o que estava mais bêbado. Aí, ele enfiou a mão dele por dentro do meu casaco. Era inverno, então eu estava de casaco. Eu empurrei ele. Falei: “Você está louco?”. E eu fiquei com medo. O amigo dele estava na frente, só que o amigo dele nem estava se dando conta. Na minha cabeça, já era o amigo atrás enquanto o outro estava na frente: “Estou encurralada aqui”. Eu empurrei ele e fiquei ali assustada. “Você está louco?”. Quando eu virei para a frente, ele me deu um soco. Então, essa foi uma vivência muito traumática. De repente, eu só senti assim. Eu nunca tinha levado um soco na cara. Na hora, eu só senti uma dor muito grande. Eu nem sabia o que tinha acontecido. De repente, quando a gente chegou no final da escada, o amigo dele olhou para trás e falou: “Nossa! O que aconteceu?”. Eu falei: “Seu amigo acabou de me bater”. Estava sangrando. Foi aí que eu me dei conta: “Ele me deu um soco”. Depois, tem aquela coisa de entrar no vagão e estar sozinha. Eu estava com uma amiga, mas, na baldeação, ela foi para um lado e eu fui para outro.

[00:15:03] Entrevistadora: Então, ela não estava junto com você nessa situação toda?

[00:15:06] Entrevistada: Não, não. Eu estava sozinha. Eu entrei em um vagão sozinha e eles foram para um outro vagão. Um senhor viu: “O que aconteceu? Quem fez isso?”. Aí, eu

expliquei, e o moço até queria ir lá. Eu falei: “Não! Você é um senhor. Você também vai apanhar”. Depois, no dia seguinte, eu fui à polícia, fiz queixa, mas não deu em nada. Eu também senti que o policial desconfiou de mim, por eu ser brasileira. Eu não sei. Isso são percepções.

[00:15:45] Entrevistadora: Ou talvez sejam as dinâmicas da polícia.

[00:15:48] Entrevistada: Isso foi no começo. Não, não foi no começo. Teve alguns meses de distância. Antes de eu ir embora, eu até fui chamada pela delegacia da mulher. Foi uma policial para falar comigo. Tinha os vídeos daquela noite, então ela falou que deu para ver toda a dinâmica e que eles estavam enchendo todo mundo e, infelizmente, eu estava no lugar errado, naquela hora. Mostrou umas fotos para reconhecimento, mas não deu em nada, porque era muito difícil eu conseguir reconhecer o cara. Mas eu acho que foi importante ter essa conversa. Para mim, é muito isso a importância de ter uma delegacia da mulher. Eu me senti totalmente desacreditada quando eu fui falar com o policial homem, quando eu fui fazer a denúncia e o cara não estava nem aí; depois, teve esse fechamento com a policial mulher, que ela até falou: “Se tivesse a informação de em qual estação ele desceu, a gente conseguia nas câmaras também e poderia identificar”. Foi uma informação que eu dei para o cara, quando eu fiz o depoimento.

[00:17:11] Entrevistadora: Mas depois você não lembrava mais ou isso se perdeu?

[00:17:15] Entrevistada: Eu falei, mas as fitas perdem, porque é muito vídeo. Ela até falou: “A gente guarda por não sei quantos meses”. Naquele momento em que a gente estava falando, já não tinha mais o vídeo. Ela até falou: “Que pena! Se eles tivessem anotado, a gente teria identificado”. Mais uma vez tem essa importância de o cara escutar, porque eu tenho certeza que eu falei, pelo menos, umas três vezes para ele, e ele não anotou. Foi importante ter essa conversa com ela. Pelo menos alguém estava escutando. Foi aí que eu comecei a me interessar mais por feminismo, devido às situações que eu estava vivendo na vida. “Não é possível que eu esteja passando por essas coisas só porque eu sou mulher”. Aí, acabou o mestrado e eu voltei para o Brasil.

[Trecho de entrevista removido da transcrição a pedido da entrevistada]

[00:21:25] Entrevistada: Foram esses três eventos que foram momentos de virada, da minha experiência pessoal, que me levaram a prestar mais atenção nessas questões.

[Trecho de entrevista removido da transcrição a pedido da entrevistada]

[00:24:08] Entrevistada: Daí, eu fui para os Estados Unidos. O visto de trabalho eu só poderia pedir quando a gente estivesse lá. É um processo um pouquinho burocrático, que demorou quatro meses para sair. Depois, demorou um tempo até eu conseguir o trabalho.

[00:25:07] Entrevistadora: Você ficou quanto tempo lá, no total? Dois anos?

[00:25:11] Entrevistada: A gente ficou três anos. Eram dois anos do mestrado dele, mas depois, por causa do meu trabalho, a gente conseguiu estender um ano mais. Como eu tive esse período no começo, quando eu estava esperando o visto sair, eu aproveitei para ficar pesquisando sobre feminismo. Eu comecei a ler um monte de autoras feministas, eu me inscrevi em um curso *on-line* da Stanford, que era gratuito e fiz - *Women Rights and Global Health*. Fui cada vez mais entrando nesse universo. Peguei também como trabalho *part-time* (eles têm muito esse modelo) um trabalho em um abrigo para mulheres vítimas de violência, que também foi uma experiência bem forte. Eu era *staff* do abrigo nos finais de semana, então toda essa parte de atendimento emergencial (se alguma mulher está fugindo de casa)... É uma casa, para quando a pessoa sai da casa dela, porque está sendo vítima de violência. Tem essas casas-abrigo que elas podem ir e também podem levar os filhos. Toda parte do atendimento emergencial, para fazer o primeiro acolhimento, e também durante, no período em que elas estão na casa, ficava à disposição, para conversar e para estar lá para o que elas precisarem. Eu trabalhei por alguns meses lá antes de eu entrar para essa ONG - daí, era trabalho em tempo integral. Daí, eu acho que não tinha mais volta. Foi um pouco das minhas experiências pessoais, aí comecei estudar sobre e coloquei as lentes e nunca mais tirei. Quando a gente voltou para o Brasil, eu fiquei procurando organizações que eu me identificava e queria trabalhar. Entrei em contato com a Juliana, a fundadora da *Olga*. Elas estavam em um momento em que super casou e elas estavam precisando de alguém com o meu perfil, porque elas tinham passado por um programa da Fundação Humanity, que era para desenvolvimento da organização (desenvolvimento institucional, que a gente chama no

terceiro setor). O meu *background* vinha muito de acordo com isso - trabalhando em organizações do terceiro setor, com foco em financiamento e sustentabilidade financeira. A gente começou em um teste (“Vamos ver como vai”), mas, no fim, eu fiquei super bem. Eu fiquei lá por três anos.

[00:28:07] Entrevistadora: Você saiu agora, este ano?

[00:28:11] Entrevistada: Eu saí em maio de 2021 e eu entrei em 2018, quando eu voltei para o Brasil. Eu voltei com o meu filho. O Gael completou seis meses, eu voltei e comecei a trabalhar na *Think Olga*.

[00:28:26] Entrevistadora: Vocês estavam nos Estados Unidos quando ele nasceu?

[00:28:29] Entrevistada: Isso!

[00:28:30] Entrevistadora: Eu conversei ontem com a Marjana. Ela me falou que trabalhou com você.

[00:28:35] Entrevistada: Sim! Eu que contratei ela. A Marjana entrou como minha assistente.

[00:28:41] Entrevistadora: Ela me perguntou se eu já tinha conversado com mais pessoas. Eu falei que sim e fui contando. Aí eu falei: “Amanhã eu vou conversar com a Paula”. Aí ela: “A Paula era a minha chefe”. Ela ficou feliz! Você disse que é um caminho sem volta. Eu estava lembrando que eu conversei também com uma moça, que também é da área de cinema e ela trabalhou no *Lado M*. Ela estava me contando justamente isso mesmo com relação aos filmes. Eu disse para ela que, outro dia, eu estava procurando mais filmes de mulheres - dirigidos por mulheres - para assistir, porque o olhar muda totalmente, quando a gente começa a ter essas preocupações e a ter mais contato com esse tipo de produção cultural.

[00:29:33] Entrevistada: Dá muita aflição. Agora que eu sou mãe, eu vejo o conteúdo infantil. É uma graça! Essa aflição deixa a gente: “A gente tem que fazer tudo de novo”, mas a gente precisa de muito braço. Mas é devagar! Mas dava aflição esse momento.

[00:29:55] Entrevistadora: Tem uma frase da Joan Scott, a pesquisadora, que eu gosto muito. Ela diz que quando as mulheres começam a se apropriar, quando começam a fazer pesquisas, quando começam a escrever e assumir espaços de poder que antes eram muito

masculinizados, a gente vai reescrevendo a história do mundo, porque é contar de novo a história, só que de uma outra perspectiva.

[00:30:25] Entrevistada: Sim, sim! E desenhar o futuro sob outra perspectiva também.

[00:30:30] Entrevistadora: Também! Então, você entrou em 2018 e ficou até esse ano. Hoje, você está morando onde?

[00:30:37] Entrevistada: Eu estou em Campinas. Eu morava em São Paulo. Dos Estados Unidos, a gente foi para São Paulo. Minha família é de lá. Eu sempre morei em São Paulo, quando morava no Brasil. O meu marido morava em São Paulo também quando a gente se conheceu, mas a família dele mora em Campinas, em Barão Geraldo. Não sei se você conhece, mas é o bairro da Unicamp.

[00:31:00] Entrevistadora: Eu não sabia que esse era o nome do bairro. Eu conheço Campinas, mas não conheço muito. Eu só visitei.

[00:31:08] Entrevistada: A gente não está em Campinas, na cidade grande. Barão Geraldo é muito um bairrinho. É bem tranquilo, é bem como se fosse interior mesmo. É outra pegada. Campinas é uma cidade grande. A gente estava em São Paulo. Mas também teve esse choque inicial: se você sai de São Paulo, você se desacostuma de como São Paulo é caro. Quando a gente voltou dos Estados Unidos, os dois conseguiram trabalho. Rolou esse reajuste de voltar para o país, se estabilizar. Quando os dois já estavam estabilizados em trabalho, a gente começou a procurar outro apartamento maior, porque a gente morava em um apartamento de um quarto só para um casal e um bebê. A gente estava procurando outro apartamento, mas os preços eram ridículos! A gente ficou pensando sobre isso, se São Paulo faria sentido para a gente ou não - e a gente achou que não. A gente queria mudar, para buscar mais qualidade de vida e menor custo de vida.

[00:32:33] Entrevistadora: É tudo muito caro em São Paulo, né?

[00:32:38] Entrevistada: É! A criança também trouxe muito isso para as nossas vidas. Enquanto a gente estava solteiro, a gente aproveitou muitas coisas de São Paulo (vida noturna e tudo mais). Com a chegada do Gael, isso muda um pouco. A prioridade vai mais para parquinho ao ar livre. Então, a gente decidiu mudar, no começo de 2020.

[00:33:06] Entrevistadora: Coincidiu com o início da pandemia.

[00:33:10] Entrevistada: Então, foi antes da pandemia. Eu até tive que ter essa conversa na *Olga*, porque eu não sabia se elas iam aceitar ou não. Eu lembro que foi até um momento crítico: “A gente decidiu mudar de cidade. Eu estou disposta a vir alguns dias da semana, mas não viria todos os dias”. Naquele momento, imagina... Agora, a gente já está um ano e meio de pandemia, mas, naquele momento, não se pensava em trabalho remoto.

[00:33:40] Entrevistadora: Foi dois meses antes do início da pandemia.

[00:33:44] Entrevistada: Exatamente! Foi muito engraçado! A gente teve a conversa. Eu até achei que eu iria sair naquele momento, porque a primeira recepção delas foi tipo “Acho que não vai rolar”. Depois, elas conversaram de novo e falaram: “Vamos testar. Vamos ver por seis meses como vai ser”. Aí veio a pandemia e ficou todo mundo testando.

[00:34:12] Entrevistadora: Até então, vocês tinham a dinâmica de se encontrar sempre no escritório, né?

[00:34:17] Entrevistada: Isso!

[00:34:19] Entrevistadora: Era na Vila Madalena, né?

[00:34:25] Entrevistada: A *Olga* mudou bastante. Eu sei que elas brincam que elas já passaram por todos os *coworkings* da Vila Madalena, porque eles faliam - elas falavam. Elas mudaram, o lugar falia, aí tinha que procurar outro. Desde que eu entrei, a gente começou em Pinheiros. Era uma vila onde tinha várias ONGs. Era muito legal! O pessoal do *Nossas* estava lá, o *Catarse*, o *Pacto Pela Democracia* - várias organizações. A gente tinha um espaço lá, mas, como a organização estava crescendo, a gente precisou de um espaço maior. Elas fecharam uma sala no WeWork da Paulista, para testar, porque era um *coworking* mais profissional, que não tivesse muito esses perrengues dos *coworkings* que fechavam. A gente ficou um tempo no WeWork da Paulista, mas a gente viu que a vibe não era a nossa *vibe*. Era muito para *startup*, galera de tecnologia. A gente não gostou. A equipe, principalmente, não gostou do clima da WeWork. Aí, a gente mudou para a Impact Hub, que foi maravilhoso. É em Pinheiros, na Virgílio de Carvalho. O Impact Hub é um *coworking*, mas só para organizações de impacto social. Então, já era outro ambiente.

[00:35:58] Entrevistadora: Se encaixava melhor.

[00:35:59] Entrevistada: Muito melhor! E tinha uma estação lá perto. Na WeWork, a gente ficava o dia inteiro em um prédio com ar-condicionado. Lá no Impact tinha uma área grande, para onde você podia sair, tomar um sol, respirar ar puro. “Puro”, eu não sei, mas era ar. Você estava me perguntando onde era.

[00:36:35] Entrevistadora: E o seu trabalho dentro da *Olga*? Como era a sua rotina de trabalho? O que você fazia? Como você se organizava com os seus horários?

[00:36:34] Entrevistada: Era um trabalho normal, nesse sentido. A gente trabalhava das 10h às 19h. Eu vim com essa função de captação de recursos. A minha visão para capacitação é que, antes de você fazer ativamente a capacitação, você tem que preparar a organização para se apresentar para financiadores. A maioria das ONGs acham que o principal problema delas é falta de recurso - e é mesmo -, mas, para você pedir recurso (você está pedindo dinheiro para alguém), você também precisa estar com as coisas minimamente ajustadas dentro de casa. Na minha filosofia, o trabalho é muito mais esse do que ativamente estar buscando. É óbvio que ativamente você tem que estar buscando financiadores, mas isso é uma parte mais fácil de fazer, na minha visão. A parte mais difícil é você arrumar dentro de casa. A gente está sempre olhando para os projetos. Os projetos que não estão olhando para a organização (para dentro). Então, o meu trabalho foi muito nesse sentido. Cortou, Mariana?

[00:37:50] Entrevistadora: Cortou um pouquinho, eu acho. Congelou, mas agora voltou.

[00:37:56] Entrevistada: Antes, a *Think Olga* não pedia doação. Acho que isso era uma coisa importante: a organização não falava que dependia de doações e que precisava de doações. Não dava para fazer doação pelo site. Conseguir receber doação *on-line* pelo site, começar a falar que a organização depende de atuação... O posicionamento, antes, era muito visto como “as meninas”, “o coletivo”. Tinha essa questão de não acharem que eram levadas a sério, mas eu também trouxe a questão do posicionamento. “Vamos nos posicionar como organização e as pessoas vão entender que a gente é uma organização”. Então, a gente mudou a forma de falar sobre a *Think Olga* para o mundo - eu acho que teve essa mudança, realmente, para o mundo também. O processo de monitoramento e avaliação, a gente

também desenvolveu - eu que liderei isso. Não dá para você pedir financiamento sem ter essa parte de monitoramento e avaliação estruturada com os projetos. A gente contratou uma consultora e eu fui junto com essa consultora liderando todo esse processo de matriz avaliativa, indicadores e capacitar a equipe toda para trabalhar com isso. Além disso, tive que trabalhar na parte de captação mesmo: fazer articulação com financiadores. Quando eu entrei, o orçamento de *Olga* basicamente vinha de prestação de serviços, da Consultoria de Eva. Nesse último ano (2020), 95% do orçamento de *Olga* foi de financiamento. Só 5% veio do Think Eva. Então, acho que esse é o meu legado.

[00:40:01] Entrevistadora: Realmente! É grande o seu legado. Com todo mundo que eu falo, eles batem muito nessa tecla do financiamento e das formas de conseguir manter as iniciativas financeiramente. Por exemplo, o pessoal do *Lado M*, do portal. A criadora me disse que, a partir do momento em que elas desistiram de monetarizar e passaram a levar aquilo como um trabalho voluntário para todo mundo, ficou muito mais fácil para elas. Enquanto isso, o pessoal da *AzMina* me falou: “Era muito difícil quando a gente era voluntária. Quando a gente conseguiu se organizar, participar dos editais e começou a ganhar dinheiro com aquilo, para pagar colaboradoras, tudo ficou muito mais simples”. Então, acho que depende muito da dinâmica de cada projeto, de cada iniciativa. Como foi isso dentro da *Olga*?

[00:40:56] Entrevistada: Teve uma entrada de pessoas junto comigo. Não foi só eu. O financiamento da Humanity possibilitou outras pessoas virem. A Amanda, que ainda está lá, que é gerente de inovação, também contribuiu muito para esse novo posicionamento. Ela liderou a parte de teoria da mudança e a visão programática (que a gente chama de nova onda), que foi uma virada de posicionamento da *Think Olga* em 2018. O que a gente considera que era a *Olga* teve um modelo inovador desde o início. A *Olga* nasceu em 2013 e, em 2015, veio a Think Eva - elas criaram a Think Eva. A Juliana fundou a *Think Olga* e, em 2015, a Maíra, a Nana e a Juliana fundaram a Think Eva. Elas não são do terceiro setor, então por isso que a minha entrada veio muito nesse sentido de estabilidade no terceiro setor, porque elas não tinham conhecimento dessa área. A Juliana é jornalista e sempre trabalhou em veículos jornalísticos e, de repente, criou a *Olga* e foi uma coisa orgânica. A visão delas

de sustentabilidade era muito através de Eva. Fazendo essas apresentações de serviços, elas conseguiam ter recursos para bancar a *Olga*. O que acontece é que, conforme as organizações vão crescendo, tanto a *Olga* quanto a Eva, fica mais difícil manter só com os recursos da Eva. Com a organização crescendo, são mais funcionárias, são mais despesas. Eva precisa, basicamente, manter a Eva; *Olga* precisa ter certa independência, porque senão estrangula financeiramente a Eva. Eu acho que tem um modelo muito interessante de as duas se retroalimentarem. Eu acho que *Olga* é a parte livre, que consegue falar sobre qualquer coisa, explorar qualquer temática e ser realmente uma bússola do feminismo (“para onde a gente tem que estar olhando”) e que não deve prestar contas para ninguém e que não precisa ter medo de falar de nenhum assunto, enquanto Eva não. Eva é o lado corporativo da coisa. Ela vai falar mal de algumas coisas? Vai também, mas tem que ter mais cuidado. Eu acho que tem esse modelo muito interessante, mas eu acho que também precisa de uma parte do financiamento da sociedade civil para crescer. Se quiser estabilizar, dá, mas, para crescer, precisa ter essa visão de que a sociedade civil precisa estar junto.

[00:44:10] Entrevistadora: O pessoal da *AzMina* me falou que elas dependem muito dos editais para tocar os projetos específicos. Elas lançam uma plataforma ou lançam um aplicativo. Mas para fazer as reportagens que elas desenvolvem para a revista, elas precisam do apoio das leitoras, do próprio público, que é fundamental.

[00:44:33] Entrevistada: Sim! É muito difícil para uma empresa, por exemplo, falar sobre aborto.

[00:44:43] Entrevistadora: Vocês já enfrentaram algum problema - ou na *Olga* ou na Eva -, relativo a essas temáticas mais sensíveis socialmente?

[00:44:53] Entrevistada: De ataque, que você fala?

[00:44:45] Entrevistadora: Algum problema ou algum embate. Por exemplo, *AzMina* foi processada por causa de uma reportagem que elas fizeram que falava sobre a descriminalização do aborto em outros países. Elas mostravam como funcionava. Foi uma grande polêmica e seguem tentando processar a revista, até hoje. O pior é que foi

nominalmente: foi com a moça que escreveu a reportagem. Ela é quem está sendo processada.

[00:45:35] Entrevistada: A gente sofre ataques - ataques *on-line*. Eu acho que tem períodos. Depende do que vai para o mundo e depende de alcance. A Juliana sofreu muito ataque logo no início.

[00:46:02] Entrevistadora: Porque ela estava muito na linha de frente também. Ela aparecia em todos os jornais.

[00:46:08] Entrevistada: É. Ela aparecia em tudo. E era o começo. Acho que até tem um TED que ela fala sobre isso. Acho que ela fez dois TEDs. Em um deles, ela fala sobre os ataques. Quando ela começou a falar, mesmo os pares de imprensa começaram a falar que o que ela estava falando era uma besteira e tudo mais. Enquanto isso, ela recebia ameaças de estupro, de morte, na caixa de e-mail dela. Ela ficou em depressão, emagreceu muito. Ela fala em detalhes; eu não lembro. Mas é isso o que eu falo: quando está em evidência, aumenta o ataque. Quando elas lançaram o filme, o *Chega de Fiu Fiu*, a Amanda (que é a diretora do filme e a gerência de inovação da *Olga*)... O Alexandre Frota *tweetou* uma foto delas no lançamento do filme, falando merda. Aí, teve um monte de gente conversando, atacando. Acho que sempre tem ataques e tentativas de derrubar o site. Mas eu acho que faz tempo que não tem essas perseguições mais direcionadas, até onde eu sei. Eu lembro que mais recente teve uma questão de uma conta falsa feminista, que entrou em contato com mulheres, em nome da *Think Olga* e falou: "A gente está fazendo uns projetos para a *Think Olga*. Você me manda tais e tais dados?". Algumas leitoras avisaram a gente. Aí, a gente foi pedir ajuda da defensoria para saber como encaminhar. São coisas assim: dor de cabeça desnecessária, que fazem com que as organizações tenham apoio jurídico, até o apoio de tecnologia e segurança reforçada. A gente já não tem recurso, mas tem esse trabalho e recurso a mais.

[00:48:31] Entrevistadora: Pois é! Além do desgaste emocional, tem o desgaste financeiro também.

[00:48:36] Entrevistada: É!

[00:48:38] Entrevistadora: E você? Você já viveu algum embate por se identificar como feminista - algum embate ou mesmo alguma agressão de violência -, depois que você já se identificava como feminista, depois que você já se posicionava?

[00:48:56] Entrevistada: Não. Eu sempre brinco: “Você conhece agora as pessoas?” - só para dar risada. “Você trabalha com o quê?”. Eu: “Eu trabalho em ONG”. É assim desde a última eleição, com o Bolsonaro criminalizando ONG. Eu acho que eu tenho esse perfil um pouco diferente da maioria da equipe da *Olga*, porque eu me identifico como trabalhadora do terceiro setor. Eu acho que eu era a única de lá que vinha dessa experiência do terceiro setor.

[00:49:35] Entrevistadora: Você se apresenta como... Você voltou em 2018 para o Brasil. Você pegou bem esse período das eleições - esse período crítico.

[00:49:45] Entrevistada: Eu vi o Trump ser eleito lá.

[00:46:53] Entrevistadora: É mesmo! Você veio reviver aqui.

[00:49:56] Entrevistada: Eu vi o Trump sendo eleito lá e o Bolsonaro ser eleito aqui. Eu não sofri nenhum ataque igual você está falando. Mas é mais ou menos assim: você vai conversar com uma pessoa do Brasil de hoje e você fala “Eu trabalho com ONG”, ainda tentando deixar mais genérico, mas, dependendo da pessoa, já morre a conversa. A pessoa: “ONG de quê?”; aí eu: “ONG de direito das mulheres”... É bom que eu vou filtrando ou as pessoas vão filtrando. Acabou a conversa! Para quem é bolsonarista, acabou a conversa. Eu nunca sofri ataques, mas eu acho que tem uma linha bem delimitada.

[00:50:49] Entrevistadora: Com relação à pandemia - você pegou um pouco desse período da pandemia, dentro da *Olga* -, como foi que a pandemia se refletiu no trabalho de vocês?

[00:51:02] Entrevistada: A gente sempre teve um ritmo de trabalho bem intenso, porque é essa experiência mesmo. Tem muito mais trabalho do que dá para a gente fazer. Igual eu estava comentando com você: tem essa fome de resolver as coisas que, às vezes, não dá. A gente precisa dar tempo para resolver, mas tem que começar a resolver. Eu acho que tem muito essa sensação, quando você trabalha com causa em que todo mundo é sensível à causa ou apaixonado pela causa. Acho que tem muito isso de indignação mútua e também motivação mútua. Eu acho que a gente sempre teve um ritmo de trabalho intenso, mas

acabava ali. A gente saía do escritório e “vamos ter a nossa vida pessoal”. Eu acho que, com a pandemia, isso sofreu bastante. Eu acho que em todos os lugares. Acho que não foi só na *Think Olga* ou no campo feminista. Falando com outras organizações, eu ouvi que isso foi recorrente. As organizações tiveram que se ajustar a isso. Eu estou falando de você não ter essa quebra para a sua vida social. Você está trabalhando e você, simplesmente, continua trabalhando, porque você não tem a quebra para a vida social. Para mim, o que eu sentia é que a gente trabalhou muito mais no período de pandemia.

[00:52:41] Entrevistadora: Para o feminismo e para o movimento feminista em si, como você acha que a pandemia se refletiu e como a pandemia afetou a luta do movimento?

[00:52:54] Entrevistada: A luta em si? Sobre os direitos, a gente até pesquisou isso na *Olga*. A gente lançou um relatório logo no começo - acho que isso foi até um grande acerto nosso -, quando todo mundo estava meio perdido.

[00:53:13] Entrevistadora: Eu comentei isso ontem com a Marjana, que várias leitoras comentam e falam sobre isso. Elas ressaltam: “Eu gosto muito das pesquisas e a *Olga* fez várias pesquisas falando sobre a pandemia e como a pandemia afetou a vida das mulheres”. As leitoras, geralmente, lembram.

[00:53:34] Entrevistada: Exatamente! Foi em março e abril mesmo. A gente lançou muito rápido. Todo mundo ainda estava muito perdido. A gente também. Foi um momento de “E agora?”. Mas a gente sempre veio para esse lado: O que a gente gostaria de ver? Acho que tem sempre isso, porque nós somos o público da organização também. “O que a gente gostaria de ver?”. A gente pensou nisso: analisar outras crises e analisar com lentes de gênero, porque a gente sabia que não ia vir essa análise também. A gente olhou para onde seria interessante olhar. A gente sabe que as mulheres vão sofrer mais, principalmente as mulheres mais vulneráveis, então a gente precisa agir em relação a isso. Eu acho que foi um grande acerto esse relatório que a gente lançou no começo da pandemia. Em relação ao movimento, eu não sei. Estou tentando pensar só sobre o movimento feminista, deslocado de movimentos sociais.

[00:54:55] Entrevistadora: Se você achar que dá para fazer análise, pensando também nos movimentos sociais como um todo, não tem problema.

[00:55:07] Entrevistada: Quando a situação piora, as pessoas precisam melhorar em relação à organização. Eu acho que, em momentos de crise, as picuinhas perdem espaço - eu posso te dizer assim. No campo social como um todo, quando você percebe que o negócio está pegando fogo e está dando ruim, você para com os preciosismos. Você vai focar no que é realmente importante. Eu acho que isso aconteceu, de uma forma geral, com a eleição do Bolsonaro e a situação que o país se encontra hoje (risco de fim da democracia, retirada de direitos de mulheres, de pessoas negras, de LGBTs, de toda a população mais vulnerável). Eu acho que tem... Eu nem quero falar em "lado positivo", porque eu não acho que seja um lado positivo. Eu acho que tem uma força contrária, que, visto o desafio, precisa também se fortalecer. Como o risco está muito maior hoje, eu acho que a mobilização da sociedade civil também precisa se fortalecer para enfrentar esse risco grande.

[00:56:35] Entrevistadora: Essa semana foi difícil, né, Paula? Na terça-feira eu fui me vacinar e, na terça-feira, era o dia em que os tanques estavam na Esplanada, que é aqui do lado da minha casa. Eu fui com esse sentimento dúbio para o postinho.

[00:56:52] Entrevistada: É horrível! É horrível! Você mora em Brasília?

[00:56:54] Entrevistadora: Eu moro em Brasília.

[00:56:59] Entrevistada: Está mais perto aí!

[00:57:00] Entrevistadora: Eu estava lá, indo para o postinho com a minha camiseta de "Viva o SUS, Vacine-se e Fora Bolsonaro" Aí, eu pensei: "Acho que depois eu vou passar na Esplanada. Melhor não!".

[00:57:16] Entrevistada: Mas eu acho que é isso. Se no começo da pandemia, quando todo mundo estava sem saber o que aconteceu, a gente se sentiu abandonada (acho que teve essa sensação de abandono, no início)... Eu não sei como foi para as outras organizações. Mas depois eu senti que houve uma tomada de consciência, do tipo: "A gente precisa apoiar essas organizações".

[00:57:48] Entrevistadora: Então, acabou tendo um fortalecimento?

[00:57:51] Entrevistada: É. Você sabe que a *Olga* perdeu muita gente nesse momento de pandemia. A gente teve a Juliana, fundadora da organização, que saiu e três gerentes que saíram (eu e mais duas gerentes, que estava lá há mais tempo - uma gerente que entrou na mesma época que eu e a outra, que era a funcionária mais antiga da organização, a Mariana, que saiu agora, recentemente).

[00:58:26] Entrevistadora: Eu vi que ela saiu. Faz poucas semanas, né?

[00:58:31] Entrevistada: É! Teve também essa parte. Eu acho que a sociedade - o sistema todo - quer que a gente quebre. Ele não quer que existam feministas nem organizações feministas. Então, tudo isso que a gente está fazendo é força contrária. Mas eu acho que a pandemia também intensificou esses limites das forças contrárias. A gente já trabalhava muito intensamente; com a pandemia, a gente trabalhou muito mais intensamente. A gente está falando de todo mundo trabalhando sem parar, sem parar mesmo: final de semana, de noite. Eu acho que isso trouxe um desgaste muito grande para a equipe.

[00:59:36] Entrevistadora: Foi maluco também porque, ao mesmo tempo, a pandemia mostrou o quanto são essenciais tantas ferramentas e estruturas que estavam tentando apontar como desnecessárias: o próprio SUS, a ciência.

[00:59:56] Entrevistada: É porque também eu estava focando em coisas tão básicas. Não era mais para a gente estar discutindo sobre ciência.

[01:00:07] Entrevistadora: Não era nem para a gente ter começado a discutir. Eu digo que a gente vive uma distopia. Por fim, eu queria saber o que te deixava mais satisfeita, quando você estava desenvolvendo o seu trabalho na *Olga*, e se tinha algo que te gerava insatisfação.

[01:00:27] Entrevistada: Eu acho que o que me deixava satisfeita era cada conquista nossa do movimento, das pequenas coisas às grandes coisas. Acho que esse trabalho que eu liderei de monitoramento e avaliação trouxe muito para a equipe, porque a *Olga* faz muita coisa, muita coisa, em um ritmo muito rápido. Às vezes, a gente nem se dava conta do tamanho que eram certas coisas, porque a gente já estava na próxima. Celebrar essas pequenas conquistas, só receber uma mensagem de uma leitora falando qual foi a diferença na vida dela: isso é gigante. Também é positivo ver as mudanças institucionais mesmo, como o

Tribunal da União fazendo uma auditoria sobre assédio em todas as agências do governo. Isso é gigante! Me deixa feliz isso: a gente está trabalhando com um propósito para haver mudança. Acho que o desenho da Teoria de Mudança é isso: mudança é individual, mudança é cultural e mudança é sistêmica. Cada uma dessas me trazia alegria. Qual foi a palavra que você usou?

[01:02:06] Entrevistadora: “Insatisfação”.

[01:02:08] Entrevistada: “Insatisfação”. Insatisfação trabalhando? Insatisfação trabalhando? Eu acho que tem essa questão do financiamento, que é uma batalha mesmo. A gente tem...

[01:02:37] Entrevistadora: Acho que travou de novo. Você está me ouvindo agora?

[01:02:42] Entrevistada: Estou te ouvindo.

[01:02:43] Entrevistadora: Agora eu também estou ouvindo.

[01:02:46] Entrevistada: Eu não sei o quanto você é familiarizada com o terceiro setor, mas tem o censo do GEF, que é o Grupo das Entidades Financiadoras. Eles têm esse censo que fala qual é o perfil das organizações apoiadas. Lá mostra que organizações lideradas por mulheres recebem 5% do financiamento. É uma desigualdade gigante, ainda mais com todo mundo falando de ODS e promoção da igualdade de gênero. O dinheiro está mostrando onde estão as suas prioridades, nesse caso. É o que eu já trouxe antes: a gente está lutando contra o sistema. Às vezes, cansa um pouco você estar sempre batendo na parede e tudo mais. Mas é isso: quando a gente tem as pequenas e as grandes conquistas, dá motivação para continuar mesmo. Mas a insatisfação é o tamanho do problema que a gente tem que enfrentar.

[01:03:59] Entrevistadora: Agora que você decidiu sair, você segue trabalhando no terceiro setor?

[01:04:06] Entrevistada: Eu saí da organização, senão eu ia ter um *burnout*. Eu tenho o meu filho pequeno, que tem três anos, o Gael, e ele ficou sem escola por todo esse período. Eu e o meu marido estávamos trabalhando, então foi muito puxado mesmo para mim. Eu falei para elas: “Eu preciso sair, senão eu vou surtar aqui. Vai dar ruim”. Então, eu tirei uns meses para realmente não trabalhar com nada. Agora que eu estou voltando. Eu fiz algumas entrevistas.

Mas eu também não quero voltar ainda para um tempo integral de trabalho. Eu decidi ficar um pouco como consultora no terceiro setor. Tenho ainda muito interesse de trabalhar com o feminismo. Mas ativamente agora eu não estou atuando em nada. Estou tendo conversas e vendo quais vão ser os próximos passos.

[01:05:25] Entrevistadora: Que bom que você também teve essa consciência de saber os seus limites, de entender os seus limites.

[01:05:32] Entrevistada: Sim! Foi muito importante. Foi muito importante. É difícil a gente parar: "Vou parar de trabalhar pela causa". É legal também ver esse movimento. Agora a equipe toda é mais nova. As meninas que ficaram foram as que vieram mais recentemente. É importante ter essa renovação, sabe? Acho que vai ser um movimento interessante. É um time super especial. A gente cria relações muito fortes trabalhando lá. Isso é muito bonito de manter!

[01:06:14] Entrevistadora: Eram essas as perguntas que eu tinha para te fazer, Paula. Eu fiz a qualificação agora em maio, então eu ainda tenho mais dois anos para ir desenvolvendo. No fim do ano, eu vou fazer a cotutela. Depois, eu volto, faço a análise e defendo. Qualquer coisa que você precisar, você tem o meu contato, você pode me avisar. Se você lembrar de alguma coisa que você também queira compartilhar...

[01:06:58] Entrevistada: Qual é o seu enfoque mesmo, Mariana?

[01:07:00] Entrevistadora: Eu estou trabalhando com mundos sociais, então eu parto muito da Sociologia, para tentar entender o que motiva as pessoas que leem esse tipo de conteúdo e as pessoas que produzem a trabalharem com isso. Quero entender também como é o funcionamento dessas iniciativas: como vocês se organizam internamente, como são as rotinas, como são os convívios.

[01:07:31] Entrevistada: A gente começou a mapear também - é um trabalho que eu deixei, mas que eu tenho muito interesse - qual é o impacto de a gente colocar essas temáticas no mundo. A gente coloca uma temática e monitora como ela vai ganhar corpo ou não. A gente começou a ver, pelo o que a gente começou a mapear, que tem muito impacto colocar uma temática que ninguém estava falando. De repente, começa a sair nos grandes veículos

matérias sobre o mesmo tema, não mencionando a *Think Olga*, mas a temática que foi levantada e que ninguém estava falando antes.

[01:08:20] Entrevistadora: Eu adoro fazer as entrevistas com as leitoras porque elas são muito reveladoras de coisas que a gente nem imagina. Eu conversei com uma menina de 17 anos, que mora no interior da Paraíba. Ela me contou que, depois que ela começou a ter contato com esse tipo de conteúdo, com as iniciativas tipo a *Olga*, *AzMina*, o *Lado M*, mudou muito a cabeça dela e o convívio familiar. Ela começou a enfrentar o pai dentro de casa e dizer: “Você não pode tratar a minha mãe desse jeito”. Aí, ela foi mudando as relações familiares e as estruturas mesmo do convívio deles. Eu conversei também com uma moça que ela me contou que ela viveu uma violência. Ela saiu com um cara. Eles estavam tendo uma relação sexual e o cara tirou a camisinha sem avisar ela. Ela procurou uma delegacia da mulher e, por diversas vezes, ela foi atendida por homens e todos disseram: “Isso não é crime”. Riram na cara dela e disseram: “Não tem o que fazer. Vai embora. Você não tem como registrar boletim de ocorrência”. Ela ficou muito incomodada com aquilo e começou a procurar na internet o que ela poderia fazer. Aí, ela conheceu a revista *AzMina*, entrou em contato com as meninas de lá, conseguiu suporte emocional, conseguiu orientação jurídica do que fazer e isso mudou totalmente a cabeça dela. Quando eu conversei com ela, ela me disse que fazia poucos meses que ela estava se reconhecendo como feminista. Desde então, ela já fazia vídeos nas mídias sociais, falando sobre, contando as experiências dela, e publicava.

[01:10:05] Entrevistada: Muito bom! É um pouco isso: você coloca as lentes. Daí é um caminho sem volta. Só vai! Que bom, né?

[01:10:17] Entrevistadora: É muito legal fazer as entrevistas.

[01:10:21] Entrevistada: Com quem você falou da *AzMina*? Você falou com a Carol?

[01:10:23] Entrevistadora: Falei com a Carol, falei com a Luisa Toller. A Luisa, inclusive, foi a primeira. Fofíssima! Eu já falei com tanta gente da *AzMina*, porque eu estou conseguindo falar com várias. Eu falei com a Leandra também, que é uma colunista delas, que é uma mulher com deficiência. A entrevista com ela foi super interessante.

[01:10:44] Entrevistada: Eu não conheço.

[01:10:45] Entrevistadora: É uma visão de muitas coisas que, geralmente, a gente não para para pensar sobre.

[01:10:52] Entrevistada: Da *Olga*, você falou com a Marja.

[01:10:55] Entrevistadora: Eu falei com a Bárbara Fonseca. Ela já saiu também. Eu falei também, por telefone, com a Ana Tule. Mas ela estava doente nas últimas semanas, então a gente não conseguiu marcar entrevista.

[01:11:14] Entrevistada: A Bárbara está onde?

[01:11:15] Entrevistadora: A Bárbara está morando, pelo o que eu entendi, em uma chácara, perto de São Paulo, e ela tem uma cervejaria agora.

[01:11:24] Entrevistada: Ela fez aula para as Olgas de cerveja artesanal.

[01:11:28] Entrevistadora: Que legal!

[01:11:29] Entrevistada: A gente tem uma prenda com ela, aí ela pode ensinar algumas coisas. Que legal que ela está fazendo isso.

[01:11:38] Entrevistadora: Eu estava fazendo a entrevista e ela estava no meio do mato, com aquela paisagem linda atrás. Eu dizia: “Nossa! Está muito bonito o céu”. Oi? O que você disse?

[01:11:52] Entrevistada: Vou procurar a cerveja dela. Muito bom!

[01:11:54] Entrevistadora: Eu acho que é Catimba. Eu também procurei. Eu ia pedir, mas o frete é muito caro. Não valia à pena. Mas eu fiquei com vontade de experimentar. Então, está bom! Muito, muito obrigada pela sua ajuda.

[01:12:12] Entrevistada: Imagina! Boa sorte com a sua pesquisa.

[01:12:14] Entrevistadora: Obrigada! Qualquer coisa, qualquer dúvida, qualquer inquietação, é só você me avisar e entrar em contato. Obrigada! Bom fim de semana.

[01:12:25] Entrevistada: Para você também, Mariana.

[01:12:26] Entrevistadora: Tchau, tchau!

Rayana Burgos – equipe de apoio e captação *AzMina*

[00:00:01] Entrevistada: ...tinha uma instabilidade lá, mas eu já ajustei.

[00:00:02] Entrevistadora: Então, está bom! Eu queria que você me contasse um pouquinho da sua trajetória profissional. Eu estava dando uma olhada no seu currículo maravilhoso e queria entender melhor sobre como você foi parar na revista e qual é a história por trás.

[00:00:17] Entrevistada: Tá! Eu acho que a minha relação com a temática da *AzMina* hoje começou quando eu estava na graduação ainda, no meu terceiro período. Eu sou formada em Ciências Políticas, pela Universidade Federal de Pernambuco. No meu terceiro período, eu fui voluntária de uma campanha eleitoral de uma candidata à vereadora. Nessa campanha, eu percebi como as mulheres passavam por inúmeras dificuldades políticas, dentro do ambiente eleitoral. Sendo uma mulher, trabalhando em uma campanha de uma mulher, vários questionamentos surgiram durante esse período. Então, eu decidi que, durante a minha trajetória na graduação, eu iria estudar a questão da representação feminina, para tentar entender por que mulheres não são eleitas, por que o dinheiro não chega onde tem que chegar, por que as pessoas não votam em mulheres. O meu relacionamento com o feminismo começou daí - o formal, a parte de estudo. Sempre fui uma pessoa dedicada a defender o que é meu, a tentar ocupar espaços. Formalmente, começou na graduação. Eu comecei a estudar a questão da representação feminina e desenvolvi uma pesquisa em que eu analisei 18 países da América Latina (ao total, foram 182 eleições), para descobrir...

[00:01:55] Entrevistadora: No seu TCC?

[00:01:56] Entrevistada: Para um projeto de iniciação científica, que é um passo antes do TCC.

[00:02:00] Entrevistadora: Nossa! Mas foi muita coisa para uma iniciação científica, né? Bem ousado! Que legal!

[00:02:06] Entrevistada: Eu li todas essas leis desses países da América Latina e pude entender como funcionam as instituições e quais mecanismos existem na América Latina que podem favorecer a inclusão de mulheres. Então, eu construí um banco de dados com todas as cotas que existem na América Latina a favor das mulheres, até 2018: reserva de cadeiras, tempo de televisão, financiamento - tudo isso eu analisei na iniciação científica. Como esse foi um projeto muito grande e, durante a graduação, foi um projeto no qual eu consegui me

destacar muito dentro da temática, eu fui uma das duas brasileiras selecionadas para um congresso no México. Eu fui para Curitiba, no encontro de Ciência Política, para falar sobre esse PIBIC também. Foi um projeto com o qual eu me identifiquei muito, por causa da temática, e também porque ele, realmente, me dava uma visibilidade legal no tema. Eu conseguia me relacionar com pessoas que eu sempre admirei, como a Flávia Biroli. Eu me encontrei com ela e me encontrei com outras pesquisadoras pelo caminho.

[00:03:21] Entrevistadora: Que legal! Ela é daqui. Eu já fiz disciplina com a Flávia. Ela é ótima!

[00:03:27] Entrevistada: Eu nunca consegui conversar com ela, mas ela estava no mesmo ambiente que eu. Enfim, para um começo de graduação, você estar nesses espaços é bastante inspirador, sabe? O meu TCC foi um desdobramento desse PIBIC. Foi uma coisa um pouco menor. Eu me formei em 2019. Eu já tinha tido experiências em campanhas eleitorais e experiências de voluntariado durante a graduação. Ano passado, em 2020, eu tinha a previsão de fazer um mestrado, viajar.

[00:04:08] Entrevistadora: Você ia fazer fora?

[00:04:09] Entrevistada: Isso!

[00:04:10] Entrevistadora: Você tem quantos anos, Rayana?

[00:04:12] Entrevistada: 23.

[00:04:14] Entrevistadora: 23? Um bebê! Tem toda uma carreira acadêmica promissora.

[00:04:21] Entrevistada: Eu queria juntar a graduação direto com o mestrado, porque eu estava super dedicada ao tema e já tinha anos de pesquisa. Com a pandemia, eu tive que reorganizar as minhas prioridades.

[00:04:36] Entrevistadora: A sua ideia era fazer onde o mestrado?

[00:04:38] Entrevistada: Eu queria fazer o mestrado em Lisboa, em Portugal - no Instituto Universitário de Lisboa, que tem um mestrado específico em Ciências Políticas e tem uma parte de Governança Eleitoral bem legal. Então, eu queria fazer lá. Deu errado! A pandemia começou e a gente não sabia quando ia acabar. Aconteceu uma reviravolta na minha carreira. Eu comecei a me dedicar um pouco mais a tentar entender como mudanças climáticas se relacionavam com questões de gênero. Depois que eu entendi como as leis funcionavam na

América Latina, eu percebi que era um assunto muito distante da minha realidade. Apesar de saber como a Costa Rica ou como o Panamá fala das suas leis, isso não dialogava diretamente com a minha realidade. Eu não tinha conseguido trazer nenhuma transformação para as mulheres perto de mim. Eu comecei a tentar entender a questão de gênero de outras perspectivas. A perspectiva que eu estou adotando agora é a partir da mudança climática.

[00:05:50] Entrevistadora: É muito interessante! Dentro da minha pesquisa, que é sobre midiativismo feminista, eu estou fazendo um estudo em parceria com um professor de uma universidade francesa. Ele sugeriu que a gente fosse tentar pesquisar mais sobre a temática, sobre o movimento XR, que é um movimento que surgiu em 2019. Eles fazem umas intervenções nas cidades. Surgiu em países do norte global e eles tentam chamar a atenção fazendo peças ou representações artísticas. Eles fazem, inclusive, muitas coisas voltadas para a Amazônia. O objetivo deles é chamar atenção e eles querem ser detidos. Eles pagam fiança, saem, porque eles juntam um monte de gente. Isso começou antes da pandemia. Em Londres, rolou um que mais de 100 pessoas foram presas. Eles conseguiram chamar muita atenção. Em um país como o Brasil, por exemplo, é mais delicado de fazer isso, com o objetivo de as pessoas serem presas, porque a gente tem a problemática da violência policial. Aqui, esse movimento não tem crescido tanto. Mas a gente estava escrevendo junto um artigo sobre isso. Eu não tinha pensado ainda em analisar essa temática a partir da perspectiva de gênero também.

[00:07:22] Entrevistada: É um outro fator. A violência policial existe e, se for relacionada a pessoas negras, ela é muito maior; em relação às mulheres... É uma grande bola de neve. Vale à pena tentar entender a partir dessa violência.

[00:07:40] Entrevistadora: Sim! Muito legal!

[00:07:42] Entrevistada: Em 2020, ano passado, eu fiz um curso, chamado *Youth Climate Leaders* - YCL, como ele é carinhosamente apelidado. O objetivo dele era criar uma rede internacional de jovens, que passem por esse curso, recebam um treinamento, para aprender sobre mudanças climáticas e também entender como a sua carreira profissional dialoga com mudanças climáticas. Eu, enquanto cientista política, fiz o curso, mas na minha turma tinha

peessoas de oceanografia, de engenharia, de biologia - de diversas áreas - dialogando. Eram várias pessoas dialogando sobre o mesmo tema: mudanças climáticas. Durante o curso, a gente teve contato com várias áreas, com vários professores e palestrantes, que eu pude entender melhor como eu posso ser uma profissional do clima, trabalhar com consciência política, trabalhar com questões de gênero e ainda ter essa lente de mudança climática. É um fato: as mudanças climáticas afetam mais as pessoas que já estão em situação de vulnerabilidade. Se a gente olhar de uma perspectiva global, quem está em situação de vulnerabilidade e mais presente na linha da pobreza são mulheres, então existe a perspectiva de gênero muito forte dentro de mudanças climáticas. É nessa interseção que agora eu estou tentando trabalhar. Já tenho começado a desenvolver alguns projetos. Quando eu comecei a entender essa interseção entre gêneros e mudanças climáticas, eu comecei a participar de inúmeras iniciativas, fiz algumas consultorias também com relação a esse tema, fui uma das coautoras que escreveu a abordagem social e de gênero da NDC, da Sociedade Civil Brasileira, junto com o Observatório do Clima. Eu comecei a enxergar que existe esse campo de atuação, mas ele não é tão explorado ainda. Ele é pouco presente no poder público. É muito difícil ter esse relacionamento direto com governos, porque é um tema relativamente novo e desconhecido. Quando a gente fala de mudanças climáticas, a pessoa só pensa em aquecimento global, mas, na verdade, os efeitos das mudanças climáticas são as constantes enchentes que a gente vive em Recife... Eu não falei no começo, mas eu sou pernambucana.

[00:10:22] Entrevistadora: Sim, eu vi no seu currículo, e pelo seu sotaque também.

[00:10:28] Entrevistada: Aqui em Recife, a gente vive com o problema constante de enchente, de deslizamento de terra, de excesso de emissão de gás carbônico por causa do transporte (é uma mobilidade horrível, sem muita bicicleta). Tudo isso está relacionado com mudança climática, mas não é um índice direto para as pessoas. Isso respondeu a minha inquietação de quando eu acabei a faculdade. Eu estava fazendo coisas muito grandes, mas eu não estava conseguindo acessar a minha realidade. Eu não estava conseguindo enxergar uma melhora direta para as mulheres brasileiras. É aí que entra *AzMin*. Desde que eu comecei a fazer essas interseções entre gênero e clima, eu tenho procurado e participei de vários

processos seletivos de organizações, de governo, de terceiro setor, de setor privado - tudo o que pudesse me dar essa abordagem de trabalhar diretamente com questão de gênero no Brasil. Em dezembro, eu participei de um processo seletivo na *AzMina*. Não fui chamada, mas eu criei um bom relacionamento com Carol - você conheceu ela. A gente percebeu que poderia ter possibilidade de atuar em conjunto, mas o meu perfil não era para aquela vaga especificamente. Acabou que a gente ficou conversando...

[00:11:51] Entrevistadora: Você tinha tentado para qual vaga?

[00:11:54] Entrevistada: Eu tinha tentado para ser gerente de comunidade, que é para trabalhar com *membership* e com relacionamento de pessoas.

[00:12:04] Entrevistadora: Agora você está trabalhando como gerente de captação, né?

[00:12:06] Entrevistada: Isso! Agora eu estou como gerente de captação, responsável por apoiar a direção institucional na busca de projetos e financiadores. Eu entrei na *AzMina* justamente por isso. Esse cargo é interessante porque você tem que estar em constante diálogo com diferentes pessoas, com diferentes financiadores, pensando em diferentes projetos. É assim que eu costumo entender a minha carreira. Eu tento, na verdade, atuar de várias formas, com diferentes atores, porque eu entendo que tanto as questões de gêneros, quanto a questão climática são problemas muito complexos para a gente jogar a responsabilidade só para o governo, só para a prefeitura ou só para o Governo Federal. São problemas que exigem diversas etapas de atuação em diferentes campos. O campo do jornalismo é fundamental para atuar na qualificação da informação, falando de forma transparente com as mulheres, dizendo quais são os nossos direitos, quais são os nossos deveres, de que forma o Estado nos ajuda ou nos prejudica, da mesma forma, o setor privado tem o papel dele na implementação de medidas a favor da questão de gênero e que, ao mesmo tempo, reduzem os efeitos das mudanças climáticas. Foi mais ou menos esse o caminho que eu percorri para estar na *AzMina* hoje.

[00:13:36] Entrevistadora: Hoje você conseguiu. Você entrou como gerente de captação e você não é voluntária. Você é efetivamente contratada da revista. É isso?

[00:13:47] Entrevistada: Isso!

[00:13:48] Entrevistadora: Você começou, então, em 2020 ou em 2021?

[00:13:52] Entrevistada: Eu comecei em maio deste ano. Sou bem nova. Ainda estou me acostumando com a casa.

[00:14:00] Entrevistadora: Você me explicou um pouquinho qual é a proposta do gerente de captação, mas o que você tem feito? Quais são as atividades que você desenvolve no seu cotidiano?

[00:14:13] Entrevistada: No meu cotidiano, eu desenvolvo mais atividades relacionadas tanto à prestação de contas quanto relacionamentos. A gerente de captação tem um vasto campo de responsabilidades e de atuação. O que é mais comum eu fazer? Eu entro em contato com as pessoas que são lideranças dos projetos dentro da *AzMina*, entendo como aquele projeto funciona, para poder, por exemplo, ajudar na escrita de um edital; ajudar na escrita de uma proposta de projeto; pensar como, de fato, aquele projeto se encaixa com tal financiador. Quais são esses campos de diálogo? Como pode existir essa parceria entre *AzMina* e outras instituições? Esse tem sido o meu papel.

[00:15:06] Entrevistadora: Eu acho muito legal de você ter entrado para desenvolver esse trabalho, porque, quando eu conversei com a Carol, ela me disse que estava com a equipe restrita, com pouquíssimas pessoas, e dava para ver que ela estava exausta. Na época, era ela e a Thais encabeçando essa parte. Ela me contou que consumia demais o tempo delas, por só elas estarem fazendo aquilo e ainda terem que cuidar do resto da estrutura.

[00:15:33] Entrevistada: No ano passado, eu não estava na equipe, mas *AzMina* passou por uma reformulação interna: a equipe, agora, conta com 11 pessoas. Já é uma equipe bem mais estruturada.

[00:15:46] Entrevistadora: Antes eram sete contratadas.

[00:15:52] Entrevistada: Agora, a gente já conseguiu expandir de São Paulo. Já tem duas pessoas em Salvador e eu estou em Recife, justamente para a gente conseguir incorporar, dentro da revista, a diversidade que a gente defende. A diversidade precisa ser também territorial, não só sexual, não só de raça e de etnia, mas também de territórios. A minha vivência enquanto recifense é diferente da vivência de alguém que mora em São Paulo, que

é diferente de alguém de Salvador. A gente tem conseguido internalizar essa experiência, essa visão, de que a diversidade não é somente uma pauta que a gente tem que defender da boca para fora, mas a gente também tem que fazer no nosso dia a dia, que é o que a gente já tem feito muito bem.

[00:16:37] Entrevistadora: Eu fico contente. Eu acho que *AzMina* é uma iniciativa muito bem estruturada. Eu tenho tentado, por exemplo, dar um apoio para as meninas da *Não Me Khalo* conseguirem monetizar o trabalho, mas é muito difícil conseguir se estabelecer como *AzMina* conseguiu. Já com as moças do *Lado M* - eu conversei com a criadora do *Lado M* e com várias pessoas que colaboram -, todas são voluntárias, porque, quando elas tentaram manter a iniciativa financeiramente, não deu certo e acabou sendo desgastante para elas, então elas começaram a atuar e a tratar aquilo como um trabalho voluntário. A criadora até me disse que é um *hobbie* para ela e que é uma coisa que funciona super bem. É muito bem organizado também (elas têm calendário, elas têm estrutura de postagem, elas têm todo um planejamento), mas como elas não ganham dinheiro com aquilo, não tem a obrigação de pagar as pessoas no fim do mês, porque são todas voluntárias. Mas é muito restrito à São Paulo. A maioria das colaboradoras são de São Paulo, então não tem essa preocupação de expandir. Eu acho que elas até gostariam, mas elas não conseguem. Como é todo mundo voluntário, fica mais restrito à USP mesmo, que é de onde surgiu. Você falou um pouquinho sobre a sua identificação com o feminismo, que aconteceu na etapa do seu PIBIC. Eu queria saber se você se considera feminista e por quê.

[00:18:15] Entrevistada: Sim, eu me considero uma pessoa feminista, porque eu acredito que o meu papel, enquanto mulher, e as vivências que eu passei ao longo dos meus poucos anos me mostraram que existe uma diferença de tratamento entre homens e mulheres, principalmente entre homens e mulheres jovens. Eu sou uma mulher jovem e, na maior parte dos grupos que eu participo, eu sou sempre a caçula e existe uma diferença de tratamento entre um homem mais velho e eu, quando a gente tem que falar ou quando a gente tem que tomar uma decisão. Existe claramente isso, mas não só uma questão entre homens e mulheres, mas também uma diferença intergeracional também. Desde sempre, eu tive que

aprender a me posicionar muito bem e falar: “Eu estou aqui porque eu tenho capacidade e competência para estar aqui. Eu não estou aqui por um favor ou por qualquer outro fator”. Quando eu comecei a entender que essas diferenças existem, mas que não existem como um problema de uma pessoa “x” comigo (não é um problema pessoal), mas é um problema estrutural, que outra mulher da minha idade e nordestina também vai passar, que outra pessoa negra, jovem, mulher também vai passar, eu comecei a entender que é um problema muito maior e me identificando feminista e ocupando esses espaços eu consigo encontrar uma rede de apoio e encontrar soluções para tentar driblar essas situações. É assim!

[00:19:58] Entrevistadora: Eu sou servidora pública e eu trabalho na Anatel, que é a Agência Nacional de Telecomunicações. Eu passei em um concurso e assumi com 23, a sua idade - hoje eu tenho 29. Eu me lembro muito de, no começo, enfrentar essas dificuldades, de simplesmente não ser levada a sério, por ser mulher e por ser jovem também. As pessoas não me davam credibilidade. Eu tinha estudado muito, tinha passado em um concurso concorrido e estava lá com competências para oferecer, e as pessoas simplesmente não escutavam ou precisavam de alguém mais velha para reafirmar o que eu tinha dito.

[00:20:40] Entrevistada: Eu passei por uma situação dessa quando eu estava apresentando o meu PIBIC. Era uma pesquisa, de fato, muito grande para uma graduação, mas eu tinha conseguido cumprir o prazo e eu tinha conseguido entregar bons resultados. Em uma das vezes que eu estava apresentando, uma pessoa levantou a mão na plateia e falou: “Foi você mesmo que fez isso? Como você conseguiu fazer isso sozinha?”. Eu: “Por que eu não faria isso? Por que eu não conseguiria realizar essa atividade?”. Na hora, gerou um desconforto na plateia. Ficou aquele ruído. Eu fiquei: “Não estou entendendo. Sim, fui eu que fiz”. A pessoa: “Tem certeza que quem te orientou não faz uma parte?”. Eu: “Não! Eu fiz sozinha. Encerrou!”. Na hora, eu fiquei sem entender, primeiro, por qual razão eu estava sendo questionada, porque o projeto já estava pronto, tinha o meu nome, eu tinha feito; eu estava lá porque o projeto foi muito bom. Mesmo assim, duvidaram da minha competência, duvidaram da minha capacidade. Na hora, eu fiquei muito constrangida, mas hoje eu penso que foi totalmente desnecessário.

[0:21:55] Entrevistadora: Você me disse que você, sim, se considera feminista. Eu queria entender um pouco sobre o que é ser feminista para você.

[00:22:08] Entrevistada: Ser feminista, para mim, é entender que nós, enquanto mulheres, temos direito e autonomia sobre as nossas decisões. Por quê? Essa questão de ser feminista ou não passa muito pelo direito à escolha. Eu posso escolher trabalhar em casa; eu posso escolher trabalhar fora de casa; eu posso escolher emagrecer ou não. Isso tudo, para mim, passa pelo feminismo. Para mim, o feminismo é uma base que corrobora com a ideia de que eu tenho o direito de escolher a minha vida e de que não é o marido que vai escolher, que não é o meu pai que vai escolher e que não é o fato de eu ser mulher que vai decidir a minha carreira, mas, na verdade, são as minhas escolhas. Eu sou a responsável pelo meu destino e, apesar de eu ser mulher, não importa! Mesmo sendo mulher, não importa! Essa é a ideia que eu carrego! Eu carrego o feminismo como uma base para as minhas escolhas, como uma base para que as outras mulheres possam escolher quem elas querem ser e da forma como elas querem ser, sem ter que ser e viver dentro de uma regra ou com base em um padrão.

[00:23:31] Entrevistadora: Você me contou que você vem construindo a sua carreira pautada nas temáticas e nos estudos de gênero, de raça e, agora, de clima também. Eu queria entender um pouquinho também sobre como o seu trabalho e a sua carreira se refletem na sua vida familiar e na convivência com a sua família.

[00:23:54] Entrevistada: Muito boa pergunta! Eu acho que se reflete muito facilmente. A minha família me apoia muito. Eu venho de uma família em que a minha mãe é professora, então, para ela, o estudo é o mais importante. O meu pai é a pessoa que vai me apoiar em qualquer decisão. Eu: “Pai, vou cortar o cabelo”. Ele: “Lindo, filha. Vai ficar maravilhoso”. Eu: “Vou pintar de rosa”. Ele: “Lindo! Combina com você”. Eu cresci em um ambiente onde eu tinha liberdade e autonomia, então, por isso, eu defendo essa liberdade e essa autonomia até o fim. Na minha relação com a minha família, sempre foi muito fácil do ponto de vista do trabalho, de entender e de me posicionar. A minha opinião sempre foi considerada. Sempre me pediram opinião e a minha visão de mundo - o que eu acho e o que eu não acho. Com relação à minha carreira, quando eu comecei a estudar Direito das Mulheres, eu recebi apoio,

tanto do meu pai quanto da minha mãe. Os dois reconhecem a importância disso. Quando eu comecei a trabalhar com a questão das mudanças climáticas, foi até engraçado perceber como essa relação com a minha família conseguia ultrapassar só o eixo entre mim, minha mãe, meu pai e minha irmã. Uma tia minha estava conversando comigo sobre mudanças climáticas e ela falou: “Nossa! Eu não sabia que era um problema real. Agora que eu sei que existe, o que eu posso fazer?”. Eu conversei com ela sobre coisas que a gente pode fazer no dia a dia, de mudança de hábito e de comportamento, que aliviam na parte de mudanças climáticas. Uma das coisas que eu conversei com ela foi: “Tia, um dos maiores problemas do Brasil em relação às mudanças climáticas é a agropecuária - desperdício de água, emissão de gases, terra. Eu sei que a senhora gosta de carne, mas se você não comer carne uma vez na semana, você já está fazendo o bem para o meio ambiente”. Um dia, ela tirou uma foto de um prato sem carne e me mandou: “Ray, olha: não estou comendo carne hoje”.

[00:26:08] Entrevistadora: Adorei! Você é vegetariana, Ray? Posso te chamar de Ray?

[00:26:12] Entrevistada: Pode. Eu não sou, mas eu sou da turma do “pelo menos”. Eu não gosto muito de carne vermelha, então eu não como todo dia. Eu não faço questão de frango, então eu não como todo dia. Mas às vezes eu tenho vontade de comer espetinho com farofa e eu como tranquilamente.

[00:26:31] Entrevistadora: Faz muitos anos que eu sou vegetariana - desde que eu entrei na faculdade, em 2009. A minha irmã é bem mais nova que eu. A gente tem uma diferença grande de idade: ela fez 14 anos agora. Quando ela era criança, eu e meu pai éramos vegetarianos e ela ficava meio confusa. Ela não sabia se ela era ou se ela não era. Mas minha mãe era super carnívora e não abria mão. Eu vejo que tem esse quesito geracional em relação às mudanças climáticas. Recentemente, a minha irmã decidiu se tornar vegetariana e a minha mãe foi junto, uma coisa que eu nunca imaginei que fosse acontecer. A minha mãe também resolveu parar de comer carne.

[00:27:13] Entrevistada: Quando a gente entende que não precisa existir uma regra - você não tem que abolir a carne ou tomar medidas drásticas -, mas ter consciência daquele seu ato. Em um dia você escolhe o que comer; no outro dia está tudo bem você comer. Faz parte!

Esse foi o último episódio que eu vi como a minha carreira impactava a minha família, para além da minha casa e do meu pequeno círculo.

[00:27:42] Entrevistadora: Muito bom! Você falou que você tem irmã também.

[00:27:48] Entrevistada: Ela é mais nova. Ela tem 14 anos agora.

[00:27:50] Entrevistadora: É a idade da minha irmã. Ela já tem uma preocupação maior em relação a esses temas? Você percebe isso também?

[00:27:57] Entrevistada: Eu converso bastante com ela sobre isso, mas ela fala que ainda tem medo do tema. “O mundo vai acabar” ou “O mundo vai sumir” - é tudo coisa ruim. Ela fica naquela de “Eu entendo”, mas ainda está na parte do susto; não passou para a parte da ação. Só que é muito fácil conversar com ela. Ela já nasceu comendo pouca carne e não faz muita questão. Às vezes, a gente precisa brigar com ela: “Você precisa comer alguma coisa, porque a sua alimentação está indo por água abaixo”. Ela já nasceu com essa consciência alimentar e agora que a gente está conseguindo conversar com ela sobre os problemas grandes - o complexo: o almoço dela está relacionado a um problema muito maior, que ultrapassa as fronteiras da nossa casa. Mas ela é super aberta a conversas e a todos os temas.

[00:28:53] Entrevistadora: Eu tenho a impressão de que essa faixa etária tem uma consciência política maior e mais abrangente. Esse impacto da internet - acho que eles consomem muitas coisas diferentes que, por exemplo, a minha geração não tinha acesso... Você acha que, quando você entrou na *AzMina*, agora recentemente, a sua visão sobre o feminismo mudou, de alguma forma?

[00:29:24] Entrevistada: Sim! Eu acho que mudou muito, porque *AzMina* também costuma falar de feminismo além da mulher cisgênero, como questões de transgênero e transexuais, e outros temas que a sociedade considera tabu (fala sobre menstruação, fala sobre sexo). São temas que, no dia a dia, a gente não está acostumado a discutir, mesmo estando em um ambiente que trabalha com a questão do direito das mulheres. Quando eu entrei na *AzMina*, eu me deparei com esse cenário: é muito mais fácil de manter uma conversa e abrir um diálogo sincero e falar o que você entende sobre aquele tema e construir junto uma opinião sobre aquilo e estar constantemente melhorando sobre isso.

[00:30:14] Entrevistadora: Como você se sente quando você está desenvolvendo as suas atividades para *AzMina*? Qual é a sensação?

[00:30:22] Entrevistada: Eu acho que é uma sensação mista, na verdade. Às vezes, a gente foca muito no trabalho e esquece da causa. Quando o trabalho fica muito mecânico, a solução é chamar a causa. Eu me sinto muito feliz por estar contribuindo com a causa e estar desenvolvendo projetos e pensar nessas parcerias, porque eu entendo que é um benefício para muita gente. Eu consigo fazer o que eu queria fazer desde sempre, que é atingir mais mulheres brasileiras, de uma forma que eu não sabia. Agora, fazendo parte dos projetos, dando ideias, construindo editais e pensando em parcerias, eu consigo ver uma dimensão maior do meu trabalho e o impacto geral. Os nossos projetos impactam mulheres de diferentes espaços. Isso, para mim, é o que importa: trabalhar na *AzMina* pensando sempre na causa.

[00:31:18] Entrevistadora: Eu não sei se no seu cotidiano você precisa lidar com temáticas mais sensíveis, como abordar, por exemplo, a violência contra as mulheres. Quando você se depara com esse tipo de cobertura, de assunto, como isso te afeta? Como você se sente e como você faz para contornar? Trabalhar com gênero, de certa forma, também tem essa parte mais pesada, que nos atinge. Eu, quando fui fazer o trabalho de campo, de levantar todas as reportagens e ler, tinha horas que eu tinha que fazer pausas, porque eu terminava de ler uma e eu ficava mal e chorava; depois eu ia para outra. Acho que acontece muita empatia e a gente também se identifica. Também tem umas histórias que são tristes e às vezes a gente não sabe muito bem como vai contornar aquelas realidades.

[00:32:19] Entrevistada: É um trabalho muito bom, mas trabalhar com gênero, em geral, é bastante estressante, sabe? É muito mais como ficar com raiva de alguma coisa (“Não acredito que isso aconteceu de novo e parece que nada vai mudar”). Mas quando a gente consegue focar a nossa energia para tornar os nossos projetos melhores, tornar os projetos mais acessíveis, compensa um pouco pela raiva que a gente sente, o desgosto. É super comum alguém da equipe ficar abalada emocionalmente com alguma notícia. Às vezes, a gente precisa de um tempo. “O ritmo de trabalho foi afetado por causa de alguma notícia.

Vamos parar, beber uma água. Daqui a pouco a gente volta e pensa sobre isso depois”. É, de fato, muito sensível falar principalmente sobre violência, porque a gente nunca sabe de onde vem a violência. A gente nunca sabe se alguém que mora na minha casa ou alguém aleatório na rua vai me machucar de alguma forma. Quando a gente se depara com situações inusitadas e aleatórias que acontecem em algum momento de violência contra a mulher, você fica pensando: “Eu posso ser a próxima” ou “Quando vai acontecer comigo?” ou “Como eu posso me defender disso, se é um inimigo que eu não vejo, porque não tem como eu prever que eu vou sofrer uma agressão”. Então, é um peso constante que a gente carrega, não só dentro da *AzMina*, mas todas as mulheres, no geral, carregam. Parece que todo percurso que a gente faz tem esse obstáculo invisível. A gente não sabe se dentro do ônibus vai sofrer uma agressão, se vai vir da internet. Isso tudo deixa a gente muito insegura. Mas também não é um medo que tem que paralisar a gente; é um medo que a gente tem que tornar ele útil, fazendo com que o nosso medo seja contornado, para que não nos paralise, mas que nos dê mais força de agir contra ele.

[00:34:31] Entrevistadora: Você me disse que, por meio da *AzMina*, você começou a ver efetivamente o seu trabalho, as suas pesquisas e os seus estudos se refletindo nas mulheres próximas e nas mulheres do país. Eu queria saber como você acha que o trabalho de vocês atinge a sociedade.

[00:34:50] Entrevistada: A gente está sempre tentando levar informação qualificada sobre direitos políticos, a partir do monitoramento de leis; sobre violência contra a mulher, a partir do uso do aplicativo que a gente tem; sobre as próprias colunas, discutindo temas relevantes, mas que parece que as pessoas têm medo de falar sobre eles. O nosso trabalho, eu vejo como extremamente relevante e fundamental para esclarecer e para deixar as pessoas com menos medo de ser quem elas são e com menos medo de falar sobre os assuntos que são necessários. A gente precisa não só lutar pelos nossos direitos, mas também falar sobre os nossos direitos. Esse é o papel do jornalismo comprometido com o feminismo: é levar informação real, mostrando todo lado positivo e negativo daquilo e manter as mulheres, as nossas leitoras, informadas. Gira muito em torno disso: manter uma informação de qualidade.

A gente está ocupando um espaço em uma mídia que é tradicionalmente não a mídia da mulher. Sempre dá um jeito de usar as palavras “erradas no lugar errado” para amenizar uma situação, quando, na verdade, todos os problemas relacionados à mulher estão relacionados com um problema estrutural muito maior. A gente tenta tornar essa complexidade de problema mais fácil, para que chegue ao maior número de pessoas possíveis.

[00:36:31] Entrevistadora: Esse aplicativo de vocês é sensacional. Eu já fiz um trabalho sobre ele em uma pós, que eu fiz antes do doutorado. Você me contou que você começou a se identificar mais com as pautas feministas quando você foi fazer o seu PIBIC, quando você estava na graduação. Teve um marco ou teve algum momento em que você se descobriu feminista, um momento que fez “virar a chave” para você ou foi um processo mesmo?

[00:37:02] Entrevistada: Eu acho que foi um processo mesmo. Acho que a gente aprende a ser feminista ao longo do tempo, aprende como agir e aprende a identificar as situações constrangedoras. Mas existem vários marcos ao longo dessa trajetória, estudando gênero. Durante a minha graduação, em outro momento, aconteceu de um professor... Eu sou formada em Ciências Políticas e estava estudando na Faculdade de Ciências Políticas, que todo mundo falava “tem que ter muito método de pesquisa e tem que ter muita coisa relevante”. A gente estava falando diretamente do meu trabalho e um professor falou: “O seu campo de estudo não é aqui. Você tem que ir para a área de ativismo, da galera da militância, porque as Ciências Políticas não podem trabalhar com a temática de gênero. Temática de gênero é coisa de feminista militante”. Na hora, a turma toda ficou: “Ignora ele”. São coisas que toda vez que você escuta, você precisa se reafirmar. Cada vez que eu me reafirmava, eu sentia que é cada vez mais importante eu estar ocupando esse espaço e falando sobre isso, porque ainda tem pessoas, como esse professor e outras pessoas, que duvidaram da minha trajetória, que precisam escutar que eu estou lá, porque faz parte de mim essa temática. Estar lá é sinônimo de reconhecimento por todas as outras que não puderam estar. Todas as vezes que eu estudava sobre eleição feminina e que eu tentei entender por que a mulher não é eleita, não era para entender como uma mulher pode ser eleita, mas por que não mais mulheres eram eleitas e por que a gente sempre tem que estar em desvantagem.

É uma grande pergunta que eu tento responder ao longo do meu dia, mas nunca dá tempo. São muitos problemas!

[00:39:09] Entrevistadora: Muitas vezes as pesquisas acadêmicas, assim como o próprio jornalismo, tentam mascarar ou tentam se colocar como isentos ou imparciais, como se as pesquisas também tivessem que seguir esse rumo, sendo que, na realidade, não tem como a gente não trazer as nossas cargas e bagagens.

[00:39:28] Entrevistada: Exato! Eu escolhi o meu tema de estudo a partir de uma experiência pessoal. Eu defendo a representação feminina, eu falo sobre gênero, eu falo sobre feminismo e ocupo diferentes espaços falando sobre isso, porque eu me reconheço como uma pessoa que, se eu estou ocupando um espaço que outras mulheres não estão ocupando, é meu dever levar essa bandeira: “Aqui pode ter mais mulheres. Só não tem por problemas estruturais”. Não é escolha nossa não estar na política, entendeu?

[00:40:00] Entrevistadora: Você chegou a participar de algum coletivo ou de algum grupo de militância, dentro da faculdade ou fora também?

[00:40:08] Entrevistada: Não. Eu nunca fiz parte desses grupos, mas eu tinha uma atuação paralela. Eu sou da umbanda também, então os grupos que eu fazia parte eram muito mais voltados para ativismo religioso e para liberdade religiosa do que, necessariamente, para feminismo. Eu tentava manter essa distância.

[00:40:29] Entrevistadora: Você já se sentiu ou você se sente de alguma maneira acuada por se identificar com a causa feminista?

[00:40:40] Entrevistada: Não sei! Eu acho que sim. Eu não me sinto acuada. Não é uma coisa que eu tenho vergonha de falar, mas, às vezes, parece que tem ambientes que você não pode falar sobre isso porque você pode receber uma sanção ou você pode despertar reações indesejadas, só que eu acho que a gente precisa aprender a navegar nos diferentes grupos e entender que, para eu ser feminista, eu não preciso estar tatuada na testa “feminista”. Às vezes, a minha fala faz com que pessoas que não se identificam com o feminismo concordem comigo e eu estou falando um discurso feminista. A gente precisa aprender sinônimos às

vezes para a palavra “feminismo”, para conseguir atingir grupos que são normalmente muito afastados da causa.

[00:41:33] Entrevistadora: Eu estava conversando com outra moça, da *Think Olga*, e ela me falou que também não gosta de rotular por às vezes sentir que as pessoas... Ela escreve também para o Papo de Homem. Ela falou que às vezes colocam lá um rótulo e as pessoas se assustam, mas, quando você aborda o tema e vai conversando sobre, às vezes as pessoas se identificam com aquilo e pronto, já começa a gerar reflexão.

[00:42:01] Entrevistada: Quando você coloca um rótulo, você é necessariamente contra outra coisa. Se eu sou do time A, eu sou automaticamente contra o time B. Mas, na verdade, não! Quando a gente está falando de direitos das mulheres, a gente está falando da construção da luta de direitos que foram negados. Então, eu não preciso ter um inimigo declarado. Eu sei de onde vem o meu problema, mas eu não preciso ser o tempo todo combativa. Eu acho que é uma habilidade que a gente acaba aprendendo ao longo da vida, que é qual é o momento certo de comprar uma briga e qual é o momento certo de adaptar o seu discurso para atrair uma pessoa que está mais distante da causa.

[00:42:43] Entrevistadora: Você já sofreu algum embate ou até mesmo agressão ou violência, mesmo que digital, por você se identificar com os feminismos?

[00:42:55] Entrevistada: Sim! As eleições de 2018 foram extremamente marcadas por agressões e comentários *on-line*. Eu nunca sofri nenhuma agressão física nem nada que ferisse a minha integridade física. Em um período de eleição extremamente polarizado, você falar sobre direito de mulheres, direitos de pessoas LGBT, direitos de minorias, direitos de pessoas indígenas e ser da umbanda, automaticamente já me dava o carimbo de que pessoas bolsonaristas iriam me acertar em algum momento. Eu convivi com esse drama ao longo da eleição, porque parecia que era um crime ser quem eu sou. Se você falasse de qualquer coisa, já vinha um exército verde e amarelo. Não fazia muito sentido! Mas eu fui alvo várias vezes. Infelizmente, faz parte do caminho. É uma dificuldade que a gente sabe que uma hora ou outra vai ter que enfrentar.

[00:44:04] Entrevistadora: Eu vivi uma situação aqui em Brasília. Eu estava naquele movimento de virar voto, no segundo turno das eleições de 2018. Eu estava lá com o meu cartaz, parada, em um lugar no meio da rua e um moço com uma camiseta do Bolsonaro que estava ali, vendendo alguma coisa, ele me pediu para sair de onde eu estava. Eu falei: “Não. Aqui é um espaço público. Eu não vou sair daqui”. Aí, ele veio para cima de mim. No que ele veio para cima de mim, surgiram umas 15 pessoas que também estavam no vira-voto. Elas vieram não sei de onde. Elas vieram muito rápido para me ajudar. Foi uma coisa bem mágica. O cara não fez nada comigo, porque a gente estava em um grupo grande, mas teve essa tensão. Eu fiquei realmente assustada, porque os ânimos estavam muito exaltados. Eu queria entender, então, sobre a sua rotina de trabalho. Como é um dia típico do seu trabalho para *AzMina*?

[00:45:10] Entrevistada: Um dia típico de trabalho, normalmente... Na verdade, são dois modos de dia típico: tem o dia típico de quando a gente precisa cumprir algum prazo (algum edital ou alguma coisa super importante) e tem o dia típico de quando a gente não tem um prazo tão apertado assim. Quando eu entrei na *AzMina*, a gente estava em um período de fechar vários projetos para enviar, então eu já entrei naquele momento de tensão, com muita gente dedicada aos projetos, com a mão na massa mesmo, porque não podia dar errado e tinha muita coisa.

[00:45:47] Entrevistadora: Eram editais que estavam fechando, o prazo?

[00:45:50] Entrevistada: Eram editais para submeter propostas. Normalmente, quando você entra em uma organização, existe o período de *trainee*, que você vai treinando as habilidades que você vai desenvolver na sua carreira, dentro da organização. Eu brinco que, quando eu cheguei, eu não passei por *trainee*; eu já fui direcionada diretamente para o que eu tinha que fazer. Com uma semana ou um mês de casa, eu já estava colaborando na escrita de editais, eu já estava pensando em projetos, já estava conversando com as pessoas que são líderes desses projetos para conseguir inscrever eles e enviar para as outras pessoas revisarem. Então, foram umas primeiras semanas bastante agitadas e, ao mesmo tempo, bastante empolgantes, porque eu tinha acabado de chegar e a coisa estava acontecendo. Era tudo

novo, eram projetos legais. Eu estava gostando de entender, gostando de escrever. Então, foi um período de adaptação bastante agitado. Depois que a gente submete esses projetos, o meu dia típico agora é revisar o que a gente já tem de financiamento e de parcerias, tentar entender como esses projetos estão funcionando, quando acaba, prestar conta daquilo (quais são os questionários que tem que fazer, quais são as informações que a gente precisa). É uma parte um pouco mais burocrática. Em paralelo, eu também colaboro com outras atividades de outras equipes, sempre que necessário.

[00:47:31] Entrevistadora: Você se organiza como, na sua rotina? Você dedica horários para cada atividade? Você faz em um espaço de tempo certo? Ou a cada dia, a depender da demanda, você vai organizando o tempo?

[00:47:46] Entrevistada: Eu tento ter uma rotina de trabalho, porque, com uma rotina de trabalho bem definida, eu consigo ter uma rotina pessoal bem definida. Então, normalmente, eu tento manter um padrão de hora que eu começo a trabalhar e da hora que eu termino de trabalhar. Durante esse período, eu já tenho uma lista de tarefas prontas de um dia para outro ou de um período para outro. Me desculpa! Está fazendo barulho?

[00:48:11] Entrevistadora: Aqui também, volta e meia, passa um carro mais barulhento.

[00:48:16] Entrevistada: Dessa rotina de trabalho, quando eu entrei, já tinham muitas atividades para serem feitas e eu comecei a fazer atividades retroativas. Tinham coisas pendentes. Eu comecei a fazer essa parte pendente. A gente usa vários aplicativos de gestão de pessoas. A gente usa o Slack e a gente usa o Asana. A gente tenta ter essa questão de cuidado e transparência. Está muito alto o barulho agora?

[00:48:41] Entrevistadora: Não. Eu estou te escutando bem.

[00:48:46] Entrevistada: A gente tenta ter esse cuidado de rotina de trabalho, de forma transparente, para que uma pessoa da equipe veja o que a outra está fazendo, porque a equipe está toda em casa, então não tem aquela dinâmica de trabalho presencial, que você bate na porta da sua companheira e consegue entender o que ela está fazendo. Então, a gente precisou criar esse ambiente virtual, bem transparente, para conseguir dar andamento às atividades.

[00:49:11] Entrevistadora: As meninas tinham me explicado que existia um espaço físico antes (as colunistas voluntárias, nem tanto), onde as pessoas que estavam trabalhando remuneradamente se encontravam eventualmente. Agora, você me disse que tem duas pessoas na Bahia, tem você em Recife. Como vocês fazem? É tudo *on-line*, né? Não existe mais a dinâmica do presencial nem mesmo em São Paulo?

[00:49:41] Entrevistada: Agora que as diretoras já tomaram a primeira dose da vacina, elas se sentem confortáveis de sair de casa, existe um grupo pequeno que se encontra, uma ou duas vezes na semana, nesse escritório que a gente tem no *coworking*, para poder conversar, estar junto minimamente, conseguir resolver questões do dia a dia, de forma mais prática. Mas, por exemplo, as reuniões de equipe são todas online. A gente não tem esse espaço físico. Primeiro que no espaço físico não caberia as 11 pessoas, se fosse todo mundo para São Paulo agora. Segundo que a gente ainda está mantendo essa questão de *on-line* para poder dar opção: quem se sente confortável, pode ir presencialmente para a sala do *coworking*; quem não se sente, está tudo bem ficar em casa, porque não é obrigatório esse retorno.

[00:50:36] Entrevistadora: Com quem você interage, geralmente, no seu dia a dia?

[00:50:41] Entrevistada: No meu dia a dia, normalmente, eu estou em contato com Carol, já que ela é a diretoria institucional e é responsável pelas parcerias, pelos projetos e é ela quem responde institucionalmente pela *AzMina* nesses grandes editais e grandes projetos, e com a Verena, que é a gerente de comunidade. Nós três, juntas, fazemos parte do time de captação da *AzMina*. Eu e Carol estamos na parte mais institucional e Verena está na parte do relacionamento com pessoas.

[00:51:09] Entrevistadora: Eu estou com entrevista marcada com a Verena também para agosto, para daqui duas semanas.

[00:51:15] Entrevistada: Que é, justamente, para a gente conseguir unir a parte de captação, como um núcleo só. A gente entende que são diferentes atuações, diferentes frentes de contato, mas, no fim das contas, a gente está tentando a mesma coisa, que é manter *AzMina* recebendo algum tipo de apoio, para ter uma sustentabilidade ao longo prazo.

[00:51:38] Entrevistadora: Então, você interage com elas e interage mais *on-line*. Você disse que vocês fazem essas reuniões de equipe *on-line* também. Essas reuniões são semanais ou elas também vêm sob demanda, a depender da temática?

[00:51:42] Entrevistada: São reuniões semanais, fixas, com a equipe toda - com as 11. Mas também existem reuniões paralelas. Sempre que necessário, o time de jornalismo se reúne. A partir de agora, a gente vai criar essa rotina de reuniões do time de captação, então eu, Carol e Verena semanalmente também estaremos conversando sobre estratégias de captação, como sempre melhorar, no que a gente está errando, como a gente pode superar alguns desafios que possam estar acontecendo. Também existem reuniões paralelas. O único compromisso da gente é com essa reunião geral da equipe toda; fora isso, as outras subequipes têm sua autonomia para marcar conversas à parte e conseguir gerenciar as áreas.

[00:52:29] Entrevistadora: Eu estudo o midiativismo feminista me pautando nas pesquisas sobre mundos sociais, mais relacionadas à Sociologia. Então, a minha leitura é que o mundo social, por exemplo, do jornalismo independente feminista não é formado só pelas jornalistas em si (repórteres), mas por todo mundo que está por trás, por todo mundo que compõe a equipe. Eu queria entender como você enxerga o seu papel dentro da equipe para o funcionamento da revista, como um todo, e das dinâmicas de trabalho.

[00:53:06] Entrevistada: Eu enxergo o meu papel como um papel de colaboração direta com projetos, porque a minha atividade, meu cargo, é justamente manter a área de captação funcionando, realizando essas pequenas tarefas burocráticas e tomando domínio - me apropriando mais sobre a história da *AzMina*, sobre quem somos, para poder escrever cada vez melhor sobre a revista, para poder entender cada vez melhor qual é a nossa missão e qual é o nosso impacto. O meu papel na revista é exatamente esse: conseguir realizar atividades burocráticas, voltadas para a parte de captação de recursos e financiamentos, mas também sem ser só chato e burocrático, como todo mundo imagina. Você fala de burocracia, todo mundo acha que é uma coisa chata. Mas, na verdade, eu estou conseguindo colaborar com a revista, ajudando a criar uma narrativa, ajudando a reforçar a identidade que a gente

já tem e conseguir mostrar para as pessoas que o que a gente faz é de fato uma coisa relevante e importante para a sociedade.

[00:54:14] Entrevistadora: Quem você acha que é o público da revista? Quem você acha que lê vocês?

[00:54:21] Entrevistada: Normalmente, o nosso público são mulheres, jovens também, que se interessam pela temática, que estão dispostas a conversar sobre temas de forma mais aberta e falar sobre assuntos sensíveis de forma direta e clara (sem mistério) e também são pessoas que apoiam a causa feminista, que apoiam a luta e a defesa dos direitos das mulheres.

[00:54:52] Entrevistadora: Você acha que AzMina tem *haters*?

[00:54:56] Entrevistada: Total!

[00:54:58] Entrevistadora: Você percebe isso, então? Da sua posição, de onde você está trabalhando, você consegue observar que tem *haters*?

[00:55:05] Entrevistada: Sim. A gente precisa lidar, no nosso dia a dia de trabalho, pensando na repercussão, tanto positiva quanto negativa, de algo que a gente vai fazer. A gente tem que estar o tempo todo fazendo o trabalho de tentar prever como pode vir alguma repercussão ou de onde vai surgir algum *hater*, quem vai entrar na lista de detratores. Sempre existe essa preocupação, mas não é nada que impede o nosso trabalho. A gente existe, exatamente, porque essas pessoas existem.

[00:55:40] Entrevistadora: Como vocês lidam com elas?

[00:55:44] Entrevistada: É delicado! A gente mantém o nosso trabalho e a gente faz ele com toda seriedade possível e a gente lida com os *haters* de acordo com a intensidade desse *hater*. Se for um comentário ruim nas redes sociais, a gente não leva tanto a sério, e para para ponderar se foi uma crítica construtiva ou se foi alguém que só caiu na reportagem e simplesmente não gosta do tema. É bastante comum no Twitter a gente receber *retweets* e comentários no Instagram falando: “Galera de direita, olha aqui uma revista que a gente não pode entrar em contato. Sempre que você vê *AzMina*, não leia! Elas são abortistas”. Para esse tipo de comentário, não tem o que fazer. As pessoas estão fazendo uma propaganda

gratuita das *AzMina*, então a gente só lida. Às vezes, a gente só ri; às vezes, quando é necessária uma providência mais formal, a gente reage, mas sem muito medo.

[00:56:55] Entrevistadora: Eu me lembro que quando eu conversei com a Luisa Toller, ela me contou que às vezes ela até evita ler os comentários, para não ficar triste e para se preservar.

[00:57:05] Entrevistada: Eu comecei a não ler comentários há muito tempo. Desde o período das eleições, quando eu vi que eram comentários sem fundamentos, eu comecei a ignorar, em prol da minha saúde.

[00:57:17] Entrevistadora: O que te gera mais satisfação no trabalho?

[00:57:23] Entrevistada: São duas coisas, na verdade: a realização pessoal de poder estar em contato com pessoas diferentes de mim, que têm vivências diferentes, mas acaba que a gente converge na mesma luta e nos mesmos sonhos; e também eu gosto muito da parte profissional e do crescimento, de lidar com outras áreas. Eu sou cientista política e agora eu estou tendo que aprender a conviver em um ambiente de trabalho extremamente jornalístico, com pessoas de jornalismo, das artes, do audiovisual, que não era uma coisa que, ao longo da minha trajetória, eu tive. Eu sempre fui uma pessoa muito mais da área acadêmica, de estar produzindo só conhecimento formal, aquela escrita de *papers* e artigos. Agora, estar em um ambiente de jornalismo, acaba que exige de mim que eu me adapte a esse cenário, para conseguir continuar crescendo e realizando o meu trabalho.

[00:58:29] Entrevistadora: Tem alguma coisa que te gera insatisfação no trabalho para a revista?

[00:58:34] Entrevistada: Eu acho que não. Está muito cedo para pensar em insatisfação. Eu cheguei agora. Estou tentando me acostumar ainda. Não fez nem três meses com a equipe. Ainda está tudo muito novo. É tudo novidade. Eu não consigo pensar o que, de fato, pode ser uma coisa ruim em longo prazo ou que pode ser uma coisa extremamente boa. Eu estou chegando ainda. Ainda estou com aquele “friozinho na barriga” de novata.

[00:59:00] Entrevistadora: Para você, o que faz com que a iniciativa siga existindo? Muitas dessas iniciativas de midiativismo feminista duram pouco tempo e acabam não conseguindo se manter.

[00:59:13] Entrevistada: Eu acho que o que faz a gente continuar existindo é a parte do financiamento institucional - organizações que financiaram a gente em 2019 e 2018, porque acreditaram no nosso potencial, enxergaram na nossa atuação um tema relevante para a sociedade brasileira - e também o apoio de pessoas físicas - o apoio das doadoras, que são as pessoas que leem, que compartilham. Tudo isso gera também um retorno para a gente, mas não só um retorno financeiro e monetário, mas também pensando no lado qualitativo - a gente consegue impactar a vida de muitas mulheres, levando informação de qualidade, oferecendo um serviço de qualidade, que dialoga diretamente com elas e com os problemas reais que as mulheres têm.

[01:00:08] Entrevistadora: Essa questão do financiamento coletivo impacta bastante no orçamento final de vocês?

[01:00:17] Entrevistada: Sim! É super importante para a gente manter sempre a nossa base de doadoras, porque, no final das contas, as pessoas são porque elas acreditam. Então, não é só o retorno financeiro. A gente tem uma base de doadoras que consegue crescer a cada ano. Em toda campanha, a gente consegue aumentar o número de pessoas que doam. É, justamente, enxergar que a gente está conseguindo atingir mais pessoas que acreditam na causa. Está conseguindo converter esse apoio para não só apoio monetário, mas para o apoio que a gente precisa no dia a dia, construindo essa rede de mulheres.

[01:00:54] Entrevistadora: Você entrou agora na *AzMina*. Você acha que a pandemia impactou o trabalho de alguma forma? Se sim, como?

[01:01:05] Entrevistada: Impactou. Na verdade, superou as expectativas. A gente conseguiu ter um desempenho extraordinário no período da pandemia, porque foi um período que *AzMina* precisa passar por uma reformulação interna. Como eu te disse, a gente conseguiu crescer a equipe, conseguir entender quem a gente era, o que a gente estava errando e como a gente poderia melhorar. Então, o ano de 2020 foi extremamente decisivo nesse ponto, porque a gente conseguiu fazer uma análise de quem somos e onde estamos e o que queremos fazer a partir de agora - quem queremos ser. Foi turbulento ter que trabalhar em um período de pandemia. Tem toda a questão do peso da saúde mental mesmo. Você lidar

com uma pandemia não é fácil. Mas também foi um ano que *AzMina* conseguiu realizar grandes coisas: os projetos conseguiram ter bons retornos, a gente conseguiu ter atuação em diversas áreas.

[01:02:10] Entrevistadora: Por fim, eu queria saber também como você acha que essa conjuntura toda de ampla disseminação de notícias falsas impacta o trabalho da revista.

[01:02:23] Entrevistada: Eu acho que impacta diretamente no nosso trabalho, porque acaba que a gente está competindo com notícias falsas. A gente está falando sobre coisas verdadeiras, sobre problemas reais, mas o espaço que a gente precisa ocupar na mídia também pode estar extremamente focado em notícias falsas, o que acaba mudando o rumo da atenção. No lugar de as pessoas estarem focando em notícias que podem trazer benefícios a elas diretamente, as pessoas estão focando em notícias que estão muito além da nossa realidade. Isso, às vezes, prejudica, principalmente, a legitimidade sobre o tema. Se a gente fala com muita propriedade sobre um tema, que a gente demora anos para construir uma reputação, para construir a legitimidade da nossa presença, demora questões de segundos para alguém lançar uma notícia falsa e conseguir atrapalhar um trabalho que foi construído baseado na informação de qualidade.

[01:03:27] Entrevistadora: Com certeza! São essas as perguntas que eu tinha para colocar para você. Você tem alguma dúvida, Rayana?

[01:03:35] Entrevistada: Não. Eu estou tranquila. Eu, na verdade, estou mais feliz em saber que mais pessoas da *AzMina* estão sendo entrevistadas.

[01:03:42] Entrevistadora: Sim! Da *AzMina*, muita gente me respondeu e já marcou horário comigo. Super legal! Bastante gente já. Mas é que a equipe também é maior. Por exemplo, o da *Think Olga*, que a equipe é bem menorzinha, já é mais difícil conseguir horário com o pessoal porque é mais restrito. Do *Lado M*, eu também conversei com muita gente já, muitas das voluntárias. Todas são voluntárias. Eu conversei com muitas meninas que escrevem as matérias e os conteúdos e conversei também com as criadoras e com o pessoal que faz a edição dos conteúdos. É isso! Se você tiver qualquer dúvida, qualquer inquietação ou se você lembrar de alguma coisa que você queira acrescentar, você pode entrar em contato comigo

e me avisar. Se você quiser adicionar alguma coisa, se lembrar de algo que ficou para trás, me avisa, porque eu ainda estou fazendo as entrevistas. Depois, vou parar para transcrever. O trabalho ainda vai se estender por esse ano e pelo próximo provavelmente, mas eu fico inteiramente à disposição. Quando ele estiver pronto, eu também repasso para você.

[01:05:02] Entrevistada: Está bom! Eu super agradeço também por você ter me convidado. Eu gosto muito de conversar bastante.

[01:05:10] Entrevistadora: Eu adorei também a nossa conversa.

[01:05:13] Entrevistada: Eu espero ter te ajudado. Mas me manda, sim, quando o trabalho estiver pronto.

[01:05:22] Entrevistadora: Então tá! Muito, muito obrigada por toda a sua ajuda, por ter disponibilizado mais de hora para conversar comigo. Eu fico à disposição se você também quiser trazer algum conteúdo ou trazer algum material ou alguma sugestão. A gente fica em contato então, está bom?

[01:05:40] Entrevistada: Está! Obrigada!

[01:05:42] Entrevistadora: Muito obrigada! Tchau, tchau.

[01:05:44] Entrevistada: Tchau!

Vanessa Panerari - repórter *Lado M*

[00:00:01] Entrevistadora: Você mora em São Paulo, né?

[00:00:02] Entrevistada: Isso!

[00:00:03] Entrevistadora: Você é jornalista também, certo?

[00:00:04] Entrevistada: Sou.

[00:00:07] Entrevistadora: Quando foi que você atuou no *Lado M*?

[00:00:11] Entrevistada: A data, eu não me lembro direito. Vou ver se eu acho algum texto para pegar a data.

[00:00:23] Entrevistadora: Beleza! Mas já faz um tempinho ou é recente?

[00:00:26] Entrevistada: Faz um tempo. Eu me formei em 2016. Eu acho que eu comecei a escrever em 2014 ou 2015.

[00:00:35] Entrevistadora: Foi antes de você se formar. Você ainda estava na graduação.

[00:00:38] Entrevistada: Foi! Eu estava no meio da faculdade.

[00:00:40] Entrevistadora: Entendi! Você fez faculdade aí mesmo, em São Paulo?

[00:00:46] Entrevistada: Foi na PUC de São Paulo.

[00:00:48] Entrevistadora: Legal! Você pode me contar um pouquinho da sua trajetória profissional, com o jornalismo?

[00:00:57] Entrevistada: O *Lado M* foi a minha primeira experiência profissional, na verdade. Eu estava no meio da faculdade. Esse nicho já me interessava, mas eu senti dificuldade de achar um estágio nessa área, sabe?

[00:01:22] Entrevistadora: Na área para falar mais de feminismo?

[00:01:26] Entrevistada: Exatamente! Estágio, nesse sentido, eu achei um pouco complicado. Quando apareceu o *Lado M*... Elas abrem uma inscrição para colaboradoras, de tempos em tempos. Abriam, pelo menos. Agora, eu não sei. Aí, abriu uma dessas inscrições: tinha um formulário para preencher e a gente tinha que mandar um texto que a gente já tinha feito. Eu mandei um que eu tinha feito para a faculdade mesmo, eu acho.

[00:02:07] Entrevistadora: Falando sobre a temática de gênero?

[00:02:10] Entrevistada: Era sobre essa temática, mas eu também misturava com cinema, que é a minha área. Eu me lembro que eu mandei e elas falaram: "A gente queria que falasse um pouco mais sobre feminismo e menos sobre cinema" - porque eu acho que eu estava fazendo uma análise cinematográfica. Mas elas falaram: "Gostei muito do seu texto, então a gente quer você na equipe, se você topar". Aí, elas me explicaram: "A gente não pode pagar. É uma colaboração. O seu compromisso é o que você puder fazer". Era tudo muito organizado. Acho que isso me deixou bem confortável. Tinha um grupo no Facebook e elas deixavam tudo muito claro sobre o que a gente tinha que fazer e elas eram muito abertas. Como uma primeira experiência, eu acho que foi muito importante para mim.

[00:03:11] Entrevistadora: Depois você acabou parando de contribuir por causa das outras atividades profissionais, foi isso?

[00:03:18] Entrevistada: Eu fiquei um bom tempo colaborando. Mas eu já queria focar em cinema, aí todas as pautas que eu pegava no *Lado M* era sobre peça e cinema - inclusive, a primeira pauta que eu fiz para o *Lado M* foi entrevistando a diretora de um curta que se chama *Quem matou Eloé?*.

[00:03:44] Entrevistadora: Que interessante!

[00:03:45] Entrevistada: Foi muito legal, nesse sentido, para mim. Elas não podiam pagar e o dinheiro que entrava era para manter o site, mas sempre tinha cabine de imprensa, parceria com editora. Quem quisesse fazer resenha de livro ficava com o livro. Imagina como é ir em cabine de imprensa.

[00:04:11] Entrevistadora: Então, foi uma experiência que profissionalmente te acrescentou para depois, né?

[00:04:16] Entrevistada: É, foi. Eu saí porque eu me formei. Acho que eu fiquei por um ano ainda. Eu queria focar em cinema. Eu conversei bastante sobre o que eu queria fazer da vida com o meu orientador de TCC, e ele me falou: “Começa o seu próprio site. Faz para o seu espaço”. Aí, eu saí para isso, na verdade.

[00:04:52] Entrevistadora: Entendi! Hoje você tem um site, que é voltado para falar de cinema?

[00:04:56] Entrevistada: Exatamente!

[00:04:57] Entrevistadora: Legal! O que você acha que tem de diferente entre o *Lado M...* Você me contou que você procurou outras iniciativas jornalísticas que abordassem essa questão do feminismo, e foi um pouco difícil de encontrar. O que você acha que tem de diferença entre o trabalho no *Lado M* e o trabalho em outras redações mais tradicionais?

[00:05:25] Entrevistada: Eu acho que o ambiente que elas criaram, mesmo sendo majoritariamente *on-line*, que a gente organizava por um grupo no Facebook e um grupo no WhatsApp, era muito confortável para você aprender. Para mim, que estava na faculdade, foi muito importante para tirar dúvidas. “Como eu faço isso?”. Essa pauta que eu peguei, a primeira, da diretora de *Quem matou a Eloá?...* Eu nunca tinha entrevistado alguém a sério assim. Eu tinha feito algumas entrevistas para a faculdade, mas de entrevistar mesmo, de ser publicado e de as pessoas lerem o que eu publiquei, nunca tinha acontecido. Estava lá a pauta, e ninguém tinha pegado. O pessoal sugeria pauta e a gente podia levar também. Essa pauta estava no grupo e eu vi que ninguém tinha pego. Eu pedi ajuda e a Mariana me ajudou. “Procura quem é o seu contato”. Então, acho que o espaço sempre foi muito confortável, de organização, de deixar tudo muito claro sobre o que tinha que ser feito, qual era a nossa

responsabilidade e de ter disposição de ajudar – elas sempre foram muito legais, nesse sentido. Acho que foi isso!

[00:06:48] Entrevistadora: Eu conversei com a Mariana e achei muito, muito válida e perspectiva de, para conseguir manter por mais tempo - o *Lado M* é a iniciativa que eu estou pesquisando que perdurou por mais tempo e ainda perdura -, ela tentou deixar leve; ela tentou fazer com que as pessoas não se sintam sobrecarregadas, de um jeito organizado. Muitos projetos, em um curto espaço de tempo, acabam não conseguindo se sustentar, primeiro pelo quesito financeiro, porque, como são mídias independentes, é difícil; segundo, porque tem essa complicação de como organizar estrategicamente para as pessoas colaborarem.

[00:07:41] Entrevistada: Eu acho que era isso mesmo: era leve e era tudo muito claro. “Sua responsabilidade é você me entregar, pelo menos, um texto por mês. Mais do que isso, você faz se você quiser e se você puder”. Muitas meninas já trabalham com outras coisas e elas colaboraram quando dá. Não dá para ter uma periodicidade muito grande. Mas eu vejo que as pessoas se apegam muito ao *Lado M* e a gente fala com carinho dele. Realmente, é muito leve e muito legal para colaborar.

[00:08:16] Entrevistadora: Que legal mesmo. Vanessa, você começou a procurar, quando você queria fazer estágio, esse tipo de iniciativa. Você é feminista? Você se considera feminista?

[00:08:29] Entrevistada: Sim!

[00:08:30] Entrevistadora: Por quê?

[00:08:35] Entrevistada: Por uma questão de necessidade. Acho que não tem muita opção: ou é isso ou a coisa fica um pouco esquisita.

[00:08:49] Entrevistadora: O que é ser feminista, para você?

[00:08:56] Entrevistada: Eu acho que é um jeito de você se posicionar sobre tudo. Eu acho que às vezes a gente fala sobre um feminismo muito focado em lutar pelos direitos das mulheres e pela igualdade. Eu vejo o feminismo como uma maneira de interpretar o mundo, e não só como uma maneira de lutar pelo meu direito de abortar, se eu quiser. Mas em tudo! Por isso também, quando eu comecei o meu site sobre cinema, esse era o meu viés: eu vou

falar sobre cinema, mas eu vou falar sob este ponto de vista. Também, indo nas cabines do *Lado M*, você vai reparando algumas coisas. Por exemplo, eu nunca tinha ido a cabines de imprensa. De repente, eu estava ali e eu via que às vezes eu era a única mulher ali e os outros críticos eram todos homens. Eu estou falando de São Paulo, onde a maioria dos críticos de cinema do país está. Homens, são só homens. Você tem uma ou outra mulher, se fosse em uma cabine com mais gente. Outro aspecto é que, se fosse um filme dirigido por mulher, tinha pouquíssima gente.

[00:10:25] Entrevistadora: O interesse era menor quando o filme era dirigido por mulher?

[00:10:26] Entrevistada: Exatamente! As pessoas nem vão. Esses caras nem vão! Também não vão por uma questão de que não é interessante para o veículo deles - às vezes, não é uma escolha pessoal. É isso! A gente começa a reparar essas coisas. Eu falei: “O meu site vai ser focado em filmes e produções de mulheres”. Acho que é isso: ser feminista é um jeito de se posicionar no mundo sobre tudo.

[00:11:03] Entrevistadora: A proposta do seu site é muito atual. Ela dialoga muito com a nossa vida contemporânea.

[00:11:10] Entrevistada: Eu fui mudando mesmo ao longo do tempo. Faz uns três anos que eu estou com ele. Eu comecei com uma amiga que fez faculdade comigo. A nossa proposta era um site que falasse sobre filmes e séries dirigidos por mulheres ou protagonizados por mulheres. Mas eu fui mudando ao longo desse tempo. Hoje em dia, eu já tenho mais foco na América Latina.

[00:11:42] Entrevistadora: Eu vi! “América Latina” está no nome do site inclusive.

[00:11:48] Entrevistada: Isso já é outra coisa. Eu tenho uma *newsletter*, que é mais focada nisso. O site ainda não mudou tanto. Em conteúdo mudou, porque eu foco mais em produções latinoamericanas agora.

[00:12:05] Entrevistadora: Como o seu trabalho, que, como você disse, com viés mais feminista, tanto no *Lado M* quanto depois, no seu site, afetou a sua vida familiar, por exemplo?

[00:12:23] Entrevistada: Em que sentido?

[00:12:25] Entrevistadora: As suas relações com a sua família, por exemplo, mudam a partir do momento em que você passa a ter mais contato com esses assuntos, com essas questões de debates de gênero?

[00:12:41] Entrevistada: Eu acho que não. Na verdade, eu sempre tive sorte, porque eu nunca tive nenhum conflito em casa. O que eu penso sobre as coisas nunca foi um conflito.

[00:12:58] Entrevistadora: Vocês já conversavam sobre isso dentro de casa, aí não teve grandes alterações?

[00:13:05] Entrevistada: Eu acho que nunca foi um conflito. É que, na verdade, eu moro com mulheres, então isso nunca foi um ponto.

[00:13:17] Entrevistadora: Você acha que a sua visão sobre o feminismo mudou depois que você começou a trabalhar e a fazer jornalismo mais feminista?

[00:13:28] Entrevistada: Mudou, no sentido do ponto de vista das coisas que eu comecei a observar e do jeito que eu pensei que eu tinha que começar a agir. Essa coisa das cabines foi uma coisa que me marcou muito, por não ter mulheres aqui. Eu comecei a falar: “Para tudo! Eu vou entrevistar mulheres e vou procurar só mulheres”. Se tiver um filme dirigido por homem e um filme dirigido por mulher, eu vou dar prioridade para o filme dirigido por mulher.

[00:14:05] Entrevistadora: Sim! Como você se sente quando você está desenvolvendo o seu trabalho, falando sobre isso, ou quando o seu trabalho tangencia essas temáticas? Qual é a sensação, para você, de trabalhar com isso?

[00:14:21] Entrevistada: Eu gosto muito! Eu penso que é um trabalho de formiguinha. É complicado! Tem muitos fatores que influenciam. Por exemplo, eu tenho um site, então eu estou à mercê de algoritmos e de gente entrando para ler. Hoje, a renda que eu tiro é pouquíssima ainda e depende do Google, por exemplo. Pouca gente procura um filme dirigido por mulher. O que eu consigo fazer hoje é equilibrar: um filme menor que eu queira muito falar sobre ele e que eu ache que eu preciso falar sobre ele com uma série da Netflix.

[00:15:21] Entrevistadora: Você aborda as duas coisas.

[00:15:23] Entrevistada: É. Claro que, mesmo em uma série da Netflix, eu dou prioridade para uma série de mulheres. Mas a gente tenta equilibrar. Eu aprendi isso no *Lado M*, na verdade.

Eu lembro que eu fazia umas pautas assim... No final *Quem Matou Eloá?*, por exemplo, eu não tinha tanto acesso como quando eu escrevi sobre *As Telefonistas* da Netflix. Foram coisas que eu fui reparando no próprio *Lado M*: tem pauta que todo mundo faz e que o site não registra, então vamos ter que equilibrar. Mas é difícil!

[00:16:08] Entrevistadora: Sim! É difícil mesmo produzir conteúdo. A forma de manutenção do site também conta com financiamento coletivo com doações?

[00:16:20] Entrevistada: Ainda não.

[00:16:22] Entrevistadora: Entendi! Mas você pretende ampliar para isso?

[00:16:27] Entrevistada: Pretendo! Eu criei a *newsletter*, na verdade, para tentar criar uma comunidade e para chegar a isso.

[00:16:34] Entrevistadora: E como você acha que esse seu trabalho atinge a sociedade?

[00:16:51] Entrevistada: Eu sempre digo, quando eu vou apresentar, que é um trabalho de formiguinha, mas que eu espero que seja transformador, no sentido de olhar mesmo. O que eu faço nada mais é do que botar em uma vitrine coisas que não estão vendo, geralmente. No meu caso, que escrevo sobre filmes e sobre séries, são coisas que ficam perdidas em catálogos. Então, eu acho que é como botar foco - é o que eu tento fazer. Eu sei que é muito pouco, muito pequeno, mas eu estou tentando.

[00:17:47] Entrevistadora: Nossa! Com certeza eu vou colocar o seu site entre os meus favoritos agora, porque, muitas vezes, eu vou procurar filmes ou séries para assistir, e eu quero que seja um filme ou série feito por mulheres. É difícil de encontrar mesmo boas indicações. Não é uma coisa simples!

[00:18:07] Entrevistada: Você tem que garimpar. Eu garimpo, fico olhando o que estreou. Tem que fuçar o catálogo. Na Netflix mesmo, tem muita coisa que entra e nem aparece naquela tela.

[00:18:21] Entrevistadora: Sim, naquela tela principal, que vai dando indicações para a gente.

[00:18:28] Entrevistada: Exatamente! A gente fica perdido ali. A gente entra e fica ali.

[00:18:33] Entrevistadora: Tem uma frase de uma pesquisadora estadunidense, a Joan Scott, que diz que, quando as mulheres começam a contar histórias das suas perspectivas - quando

elas começam a escrever ou a produzir - muda totalmente a história do mundo, porque antes a história do mundo era contada só por homens. Agora é um novo jeito de contar a história do mundo inteiro.

[00:19:00] Entrevistada: Totalmente! Eu acho que é uma questão 100% de perspectiva, de mudar a perspectiva. Eu percebi isso mais ainda quando eu fui mais além e falei: “Vou focar em América Latina”, porque aí é uma terra sem lei.

[00:19:22] Entrevistadora: É uma proposta muito, muito legal mesmo. Eu vou colocar na minha lista e vou começar a acompanhar. Vou passar para as minhas amigas. Torço muito para que dê certo.

[00:19:35] Entrevistada: O site é “Francamente Querida”.

[00:19:38] Entrevistadora: “Francamente Querida”.

[00:19:40] Entrevistada: Isso! A *newsletter* é o “Era uma vez a América Latina”.

[00:19:47] Entrevistadora: Como você faz e como lida com esses assuntos de pautas mais delicadas, tipo quando você se depara com algo relacionado à violência contra a mulher, por exemplo? Isso afeta a sua rotina de que forma?

[00:20:07] Entrevistada: Eu tento lidar com algum distanciamento, porque eu era mais emocionada quando eu escrevia para o *Lado M*. Eu me lembro que, uma vez, eu escrevi uma pauta sobre aquele cara do Big Brother, que estava abusando da menina lá dentro - abuso psicológico. Acho que era o Marcos Harter. Eu me lembro que eu escrevi o texto em uma hora, com muito ódio no coração. Eu me lembro que eram sete horas da manhã, quando a Ana, que era a outra fundadora do *Lado M* - acho que ela saiu -, jogou no grupo: “Alguém pode escrever sobre isso?”. Eu falei: “Escrevo”. Foi em uma hora. Eu me lembro que fiquei uma hora inteira pensando: “Será que o texto ficou bom?”, porque eu tenho uma síndrome da impostora muito séria comigo. “Será que ficou bom?”. Ela postou no mesmo dia. Eu comecei a ler os comentários das pessoas, aí eu fiquei muito emocionada. Eu escrevi o texto muito emocionada e eu li os comentários muito emocionada. Faltou um distanciamento de pensar a situação. Não que o texto tenha ficado ruim. Não acho que seja porcaria, mas por uma questão de fazer com mais calma mesmo.

[00:21:55] Entrevistadora: Mas tem isso do jornalismo, de demandar esse imediatismo.

[00:22:01] Entrevistada: Exatamente! Hoje em dia eu sou um pouco pior nisso. Se eu vejo um filme sobre violência doméstica, eu não consigo escrever mais tão rápido. Eu fico pensando em mil coisas. Outro dia eu vi uma série no Prime Vídeos, que se chama *La Jauria*, que é chilena. "*La jauria*" é matilha em português. É sobre um grupo de homens que se organizam na internet para atacar mulheres.

[00:22:40] Entrevistadora: Tipo os incels, esses grupos assim?

[00:22:44] Entrevistada: Por aí. Lá é um pouco mais abrangente, porque é uma série policial. Mas é por aí. É uma série chilena que tem a protagonista, que é uma menina da elite, que estuda em um colégio católico e ela está liderando um movimento na escola contra um professor que está sendo acusado, por outras meninas, de abuso. Os caras da escola se organizam em grupos *on-line* e sequestram e estupram ela e tal. Eu me lembro que eu fiquei muito tempo pensando sobre como escrever esse texto, porque é uma série policial, com todo o formato de uma série policial, com toda a estrutura que uma série policial exige, que o formato exige, mas a temática era muito boa e eu achei muito palpável, embora o formato eu ache perigoso, porque você precisa arcar com comoção, reviravolta. Às vezes você cai na exploração da violência - violência de gênero, estupro. Eu paro para pensar um pouco mais em forma, conteúdo.

[00:24:19] Entrevistadora: Você já escreveu sobre essa ou ainda não?

[00:24:22] Entrevistada: Já.

[00:24:23] Entrevistadora: Vou olhar no site. Você me disse, Vanessa, que você se considera feminista e me explicou o que é o feminismo para você. Você se lembra quando foi que você descobriu que você tinha afinidade com a causa feminista? Quando e como?

[00:24:44] Entrevistada: Foi na faculdade, por convivência. Eu estudei em uma escola no ensino médio que era conhecida como a escola comunista, mas eu não tive contato com o feminismo, o que é curioso, mas foi assim. Então, a gente ter um posicionamento de esquerda chegou antes, para mim, do que o feminismo. Na faculdade, eu tive contato com meninas feministas. Por convivência, eu vi que isso já dialogava com o que eu já acreditava. Foi assim.

[00:25:37] Entrevistadora: Você participa ou já participou de grupos ou coletivos de militância feminista?

[00:25:41] Entrevistada: Não. De coletivo de militância, não.

[00:25:43] Entrevistadora: Você já se sentiu, de algum jeito, acuada por se identificar com a causa feminista?

[00:25:55] Entrevistada: Acuada?

[00:25:57] Entrevistadora: É, acuada, com medo. Você já sofreu algum tipo de ameaça, de violência...?

[00:26:06] Entrevistada: Acredito que não. Não! Às vezes, eu recebo alguns comentários no Instagram, mas aí eu delete.

[00:26:18] Entrevistadora: Comentários no seu perfil pessoal ou no site?

[00:26:21] Entrevistada: Já aconteceu no site. Mas eu dou risada e delete. Pessoalmente, eu acho que não. Acontecem situações pequenas, como, por exemplo, na faculdade, o professor falar: "Só faz grupo com meninas". Violência, não.

[00:26:49] Entrevistadora: Quando eu estava conversando com a Mariana, ela me contou que, no início, quando elas criaram o *Lado M*, tinha umas pessoas que apareciam comentando e fazendo umas ameaças. "A gente vai atrás de você, se você não tirar esse site do ar em 24 horas". Elas ficaram com medo. Depois o tempo foi passando e eram só ameaças vazias. Depois, inclusive, diminuiu e hoje praticamente não tem mais.

[00:27:18] Entrevistada: Eu acho que isso caía mais nelas, diretamente, porque elas que organizavam. Agora, no meu site sobre cinema, não - até porque não é muito grande e nem tem muito acesso. O *Lado M* é muito maior. Mas às vezes chega um ou outro falando: "Que lixo de texto". Mas eu dou risada e apago. Também já teve o cara comentando "Vocês não entenderam nada". Esse é um clássico: "Vocês não entendem nada!".

[00:27:52] Entrevistadora: Comentando sobre os filmes e as críticas que vocês fazem aos filmes e séries?

[00:27:56] Entrevistada: É. "Eu vi a série e acho ela uma bosta". Eu tenho o hábito de não escrever "amei o filme" ou "odiei o filme". Eu nem dou nota, na verdade. Eu tenho o hábito de

ir pontuando as coisas que eu pensei enquanto eu assistia. Não é “Veja! É maravilhoso” ou “Não veja! É horrível”. Eu, geralmente, escrevo um tantão de coisas. Mas aí chega um pessoal com “Vocês não entenderam nada! Esse filme é um lixo”.

[00:28:37] Entrevistadora: Geralmente homem?

[00:28:39] Entrevistada: É. Eles dão a atender que você não entendeu porque você é mulher e não tem referências.

[00:28:48] Entrevistadora: Eu queria saber também o que te motiva a seguir trabalhando e a seguir fazendo um jornalismo mais voltado para o feminismo, mesmo agora que você está...?

[00:29:01] Entrevistada: Eu não sei. Acho que, em certa altura, é indissociável e você não consegue mais voltar atrás, porque parece muito importante para mim, entendeu?

[00:29:22] Entrevistadora: Eu entendo!

[00:29:23] Entrevistada: O meu olhar já está treinado, então eu não consigo. Às vezes, eu escrevo sobre um filme que não tem mulher e que não tem o que falar sobre gênero ou isso não é um conflito do filme. Eu escrevo! Mas é bem raro. É só mesmo quando esse não é mesmo o conflito. Mas às vezes eu acho coisas como: a mulher morreu em 10 minutos de filme e só ficaram os caras - é uma coisa que eu acho que eu tenho que pontuar. Se torna indissociável o jeito que você pensa com o que você está enxergando.

[00:30:10] Entrevistadora: É. Eu acho que é bem o que você falou mesmo: chega um ponto em que a gente não consegue mais voltar atrás. Um dia, nessas buscas que eu estava fazendo para assistir filmes de mulheres, eu conversei com uma amiga - uma das minhas melhores amigas -, que faz faculdade de gênero na UFBA. A gente se formou juntas em jornalismo e ela foi para lá, para fazer outra faculdade. Eu perguntei para ela se ela tinha dicas e comentei: “Vai ficando estranho e difícil assistir filmes de homem, filmes feitos, dirigidos e produzidos por homens”, porque a gente fica querendo a perspectiva das mulheres. Ela comentou isso: “Chega a um ponto que realmente a gente viu como é e não consegue mais voltar ao que era antes”.

[00:30:57] Entrevistada: E perde todo sentido, porque às vezes aquele mundo que está ali você sabe que não existe. É tudo uma questão de sentido. Quando gira a chavinha na sua cabeça, o sentido que você dá para o filme é outro.

[00:31:16] Entrevistadora: Hoje, como é um dia típico seu de trabalho, para o seu site, produzindo conteúdo?

[00:31:23] Entrevistada: Hoje, hoje, eu causo confusão.

[00:31:26] Entrevistadora: Por quê?

[00:31:30] Entrevistada: Porque tem pandemia e tudo deu errado. Mas, geralmente, não tem muita rotina, não, na verdade. Eu tenho que escrever. Eu tenho rotina de escrever, basicamente, só que às vezes eu assisto em casa, porque na pandemia não tem cabine de frente. Às vezes, tem empresas que dão coletivas nas cabines de frente; às vezes tem entrevista que está marcada no escritório de assessoria. Se tiver entrevista, tem que digitar a entrevista. Eu também perco muito tempo pesquisando pautas, porque principalmente é um trabalho de garimpar coisas. Eu gasto mais um tempo olhando e-mail, para ver o que está acontecendo, o que vai ser lançado. Quando vai lançar um serviço, eu tenho que ficar correndo atrás da pessoa e pedindo “pelo amor de Deus”. É meio sem rotina. Eu vou fazendo o que vai aparecendo.

[00:32:52] Entrevistadora: É só você escrevendo?

[00:32:57] Entrevistada: Agora, estou só eu.

[00:32:59] Entrevistadora: Mas teve momentos em que tinha outras pessoas?

[00:33:03] Entrevistada: Quando o site começou, eu comecei com uma amiga da faculdade, mas, por problema de depressão, ela deu uma parada.

[00:33:15] Entrevistadora: E com quem você costuma interagir no seu dia a dia, procurando fontes?

[00:33:24] Entrevistada: Geralmente, são assessores de imprensa. Mas não são muitos, porque é difícil ter uma pauta... Como eu garimpo muita coisa, geralmente o que eles mandam não é o que eu estou procurando, sabe? Não sei nem explicar, na verdade.

[00:33:51] Entrevistadora: Você tem meta de produção de conteúdo? Você se impõe essas metas?

[00:33:57] Entrevistada: Gostaria, mas, agora, realmente, não tem mais como. Esse ano foi bem conturbado!

[00:34:07] Entrevistadora: Como é a sua relação com as fontes, já que o seu site é pequeno e você ainda está começando? Você me falou que às vezes tem que implorar para as pessoas te darem entrevista.

[00:34:20] Entrevistada: No geral, quando eu falo de filmes menores, costuma ser mais legal. O problema maior é com o assessor de imprensa mesmo, que às vezes não te dão muita trela. Mas se você vai direto atrás da diretora, elas costumam ser bem receptivas. Mas, às vezes, você tem que passar pelo assessor de imprensa, aí... Se for um filme menor, eles te dão atenção. Se for uma coisa maior, geralmente, não. É isso! O bom, quando eu comecei no site, é que eu já tinha contatos por causa do *Lado M*. Eu tinha contato com a assessoria de imprensa, porque eu ia nas cabines. Com a diretora de *Quem Matou Eloá?*, que foi a primeira entrevista que eu fiz. Eu nem acho o meu texto grande coisa. Ela me chamou no Facebook e tal. Muito tempo depois - acho que ano passado ou no ano retrasado -, ela me mandou um material de um curta que ela estava produzindo, em co-produção com a Espanha, era um curta de animação, sobre a experiência de cinco mulheres com seus corpos. Era um vídeo de animação muito bom mesmo. Ela me mandou o material. Eu falei: "Por que não?". Aí, eu perguntei para ela: "Será que a diretora não me dá uma entrevista?". Ela falou: "Claro!". Aí, eu consegui falar com a diretora, que é muito querida. Eu fiz a entrevista, publiquei. Depois, esse filme ganhou muitos prêmios. Já saiu até no *New York Times* sobre o filme dela.

[00:36:27] Entrevistadora: Nossa! Excelente, né? Você já tinha escrito antes e publicado?

[00:36:35] Entrevistada: É! Eu acho que a experiência de saber chegar nas pessoas...

[00:36:46] Entrevistadora: E sobre o público, Vanessa? Para quem você escreve? Qual é o perfil do seu leitor ou da sua leitora? Você tem ideia?

[00:36:58] Entrevistada: Hoje, pelo o que eu vejo, é bem equilibrado entre homem e mulher. Mas eu devo isso aos textos da Netflix. Eu acho que muita gente chega por eles. Então, pode ser homem ou pode ser mulher. Acho que a maior faixa é dos 20 aos 30 - até os 35.

[00:37:26] Entrevistadora: Você é responsável pela manutenção do site? Você que construiu? Você que atualiza a página? Você que posta nas mídias sociais? É tudo com você, né?

[00:37:36] Entrevistada: É! Eu faço tudo.

[00:37:40] Entrevistadora: A gente já tinha falado antes sobre ataques e violência. Você acha que o seu site não tem *haters*?

[00:37:51] Entrevistada: Eu acho que não. Mas eu devo isso a ser um site muito pequeno ainda.

[00:37:57] Entrevistadora: Como é a sua relação... Você tem contato com outros grupos de mídia independentes de ativismo feminista, além do *Lado M*?

[00:38:09] Entrevistada: Contato com grupo, não, mas eu tenho conhecidos aqui, ali. Eu conheço uma pessoa ou outra, e não tenho contato com o projeto.

[00:38:25] Entrevistadora: Você já repassou o seu site para a *Mídia Ninja*, para o *Jornalistas Livres*, para eles fazerem divulgação? Você já tentou fazer essa ponte?

[00:38:34] Entrevistada: Não. Sabe que não?

[00:38:38] Entrevistadora: Eu acho que, se eles chegarem a ver a mensagem, poderiam reproduzir.

[00:38:45] Entrevistada: Eu fico "meio assim" com esse tipo de grupo. Não por eles. Eu passei um tempinho pequeno, escrevendo para a revista *Fórum*. Não sei se você a conhece.

[00:38:58] Entrevistadora: Conheço!

[00:38:59] Entrevistada: Eu escrevi pouquíssima coisa. Acho que eu escrevi no máximo cinco textos para eles. Foi bem rapidinho! Foi um projeto que nasceu e morreu muito rápido.

[00:39:12] Entrevistadora: Você escreveu sobre cinema também?

[00:38:14] Entrevistada: Eu tentei, né? Eu fiz um sobre cinema; eu fiz um sobre leitura. Eu tentava dar mais enfoque em cultura - não só em cinema. Era mais voltado para cultura o que eu tentava escrever. Eu desanimei porque eu vi que não era o que o pessoal queria de mim,

sabe? Não dava *like*. Querendo ou não, é isso a métrica que a gente tem. Eu via que um *post* exaltando o Lula dava muito mais *likes* do que qualquer coisa que eu fosse escrever. Aí eu: “Então tá, né?”.

[00:40:00] Entrevistadora: Eu acho que tem mais a ver com o perfil e com o público da *Fórum* mesmo.

[00:40:05] Entrevistada: Sim, exatamente!

[00:40:08] Entrevistadora: No seu trabalho, atualmente, e também quando você estava no *Lado M*, o que te gera mais satisfação ou o que te gerava mais satisfação à época do *Lado M*?

[00:40:23] Entrevistada: Acho que ver que as pessoas estão lendo o que eu estou escrevendo e compartilhando, opinando. Eu via às vezes um ou outro comentário xingando. Mas as meninas apagavam, eu acho. Era bem satisfatório ver as pessoas chegando ao seu texto. Querendo ou não, o *Lado M* é um veículo importante. Era dialogar com as pessoas que estão lendo - isso era bem legal!

[00:41:01] Entrevistadora: O que te gera mais insatisfação nesse trabalho que você desenvolve?

[00:41:08] Entrevistada: Não poder ficar lá ganhando dinheiro, porque eu facilmente ficaria.

[00:41:18] Entrevistadora: No *Lado M*, pelo o que eu entendi na conversa com a Mariana, elas já desistiram de tentar monetarizar e viabilizar financeiramente e virou, em definitivo, um projeto de voluntárias mesmo.

[00:41:36] Entrevistada: É! Quando eu estava parando de escrever, elas estavam migrando o site, porque site tem custo, né? Elas estavam migrando o site para passar para o Medium. Eu até cheguei a transferir os meus textos. Eu cheguei a fazer isso.

[00:41:56] Entrevistadora: É bem difícil de manter mídia independente, ainda mais nessa conjuntura de internet. A própria Mariana falou: as pessoas estão procurando tudo de graça - texto de graça, acessar conteúdo de graça.

[00:42:13] Entrevistada: Sim! É difícil, porque nem os de graça chegam. O Instagram entrega pouco. A rede social que você mais consegue alcançar as pessoas agora eu diria que é o

Instagram, mesmo assim é muito difícil ficar com o Instagram. Eu tenho ranço muito grande do Instagram.

[00:42:31] Entrevistadora: Eu também tenho.

[00:42:34] Entrevistada: Esse ano, em que a vida está um caos, e a pandemia foi bem tensa aqui, eu meio que larguei a rede social do site. Eu posto um texto ou outro, porque eu tenho que escrever, mas eu não ando com cabeça. Aí, como eu não ganho dinheiro, parece que a desmotivação bate maior ainda. Eu larguei um pouco das redes sociais do site. Eu estou tentando reformular. Eu quero ver se eu continuo com o site do jeito que ele está. Até então, é um projeto meu com uma amiga, então a gente precisa conversar sobre o futuro dele, porque, se ela não quiser mais, eu mudo ele inteiro e faço o que me dá vontade de fazer: fazer virar um braço do Era uma vez a América Latina. Aí, eu já foco nisso. Mas eu não sei o que vai ser. É difícil rede social! É muito difícil!

[00:43:43] Entrevistadora: O algoritmo nos castiga muito. Mesmo que as pessoas invistam para dar visibilidade aos conteúdos, mesmo assim no Instagram e no Facebook, hoje não é fácil.

[00:43:58] Entrevistada: No começo, quando a gente estava mais empolgada, a gente até patrocinava *post* no Facebook. Aí, chegou a um ponto nada a ver em que eu não quero saber o que você está falando. Não achei válido e não acho que funciona.

[00:44:17] Entrevistadora: Qual você acha que o papel da tecnologia e da internet no desenvolvimento desse tipo de iniciativa, desse tipo de projeto, que tem o caráter de debater feminismo?

[00:44:32] Entrevistada: Eu vejo, pelo o que as pessoas comentam, que existe uma vontade de voltar para o texto. Eu acho que o futuro estaria em criar comunidades. Talvez *newsletter* seja um bom caminho. É a minha tentativa do momento. Acho que é meio por aí, porque rede social é tudo muito jogado. É muito difícil! Se for voltar para o texto, eu acho que talvez *newsletter* seja o caminho, porque chega ao seu e-mail e está ali, direto para você.

[00:45:18] Entrevistadora: E talvez criar públicos cativos, que é o que o pessoal dos *podcasts* conseguem fazer, por exemplo.

[00:45:25] Entrevistada: Exato! É ter alguém para acompanhar, aí você facilita mandando direto no e-mail as coisas, porque o Instagram não vai entregar. É isso: criar comunidade!

[00:45:40] Entrevistadora: Você comentou comigo que, por causa da pandemia, ficou tudo caótico, muito mais difícil. Como você acha que a pandemia se reflete nesse tipo de trabalho, nesse tipo de iniciativa, como a que você está tentando fazer com a sua amiga?

[00:45:58] Entrevistada: Eu acho que depende muito do tipo de projeto. Para mim, ficou muito mais solitário, porque antes eu via gente, eu ia à cabine de imprensa, eu conversava com alguém, eu entrevistava alguém ali, depois. Agora não tem isso. Acho que é pouco motivador. Na verdade, acho que o que mais afeta é que - eu até estava pensando em escrever sobre isso na próxima *newsletter* - parece que tem coisas tão mais urgente que parece bobo escrever sobre cinema. 500 mil pessoas morreram, as pessoas estão com fome, não tem vacina e você está falando: "O filme é sobre cinema feminista".

[00:47:13] Entrevistadora: Mas o cinema também é impactado e também está produzindo conteúdo sobre essa realidade.

[00:47:22] Entrevistada: Eu acho importantíssimo. Quando eu volto para a minha realidade, quando eu volto a raciocinar...

[00:47:29] Entrevistadora: É que dá uns desesperos, às vezes.

[00:47:30] Entrevistada: Às vezes, dá um desespero. Mas se eu raciocino, eu falo: "Não! A gente está registrando coisas e contando histórias. É muito importante, sim". Mas é que eu fico pensando: "Gente, quem vai ler sobre um filme agora?" É bem complicado!

[00:47:53] Entrevistadora: Como você acha que a pandemia impactou o movimento feminista como um todo - as ações, as atividades do movimento feminista?

[00:48:06] Entrevistada: Eu acho que possivelmente o contato pessoal, porque é só *on-line*. A organização deve ter ficado um pouco comprometida. Eu acho que mudança de urgência também - como eu estava falando -, de pautas, porque surgem novas questões: violência doméstica e as pessoas em casa apanhando.

[00:48:40] Entrevistadora: Como você, enquanto produtora de conteúdo na internet, lida com essa nossa conjuntura atual de ampla disseminação de *fake news*?

[00:48:57] Entrevistada: *Fake news* não costumam chegar tanto no meu trabalho. Tem uns casos, mas é mais de interpretação. Mas *fake news* não chegam a chegar, porque eu estou falando de filmes. Acho que não.

[00:49:29] Entrevistadora: E como você acha que as notícias falsas afetam o movimento feminista?

[00:49:35] Entrevistada: É um grande estrago!

[00:49:39] Entrevistadora: Por quê?

[00:49:44] Entrevistada: Como eu disse, eu acho que, nessa situação, surgem novas pautas e novas questões. Você ainda tem que lidar com mentira e com campanha de mentiras... São tantos obstáculos que vão aparecendo! Eu acho que a campanha é o pior, porque você está com problema de organização, você está no meio de uma pandemia. Organizar as pessoas já é complicado. É um obstáculo a mais.

[00:50:27] Entrevistadora: Por fim, eu queria saber, na sua opinião, no seu ponto de vista, o que faz com que o *Lado M* siga existindo.

[00:50:43] Entrevistada: Eu acho que a relevância que ele alcançou, porque geralmente quem está na internet e lê sobre feminismo procura conteúdo feito por mulheres. Acho que o *Lado M* tem grande relevância. Eu acho que ele continua justamente pelo formato dele. De alguma maneira, tem sempre alguém querendo escrever para o *Lado M*. Eu acho também que é muito plural.

[00:51:23] Entrevistadora: São muitas colaboradoras, né? Isso é legal!

[00:51:26] Entrevistada: São muitas colaboradoras, exatamente! Aí, tem pauta de tudo. Eu me lembro que tinha uma menina que trabalhava em bar. Ela trabalhava em um bar e escrevia sobre isso.

[00:51:48] Entrevistadora: Que diferente!

[00:51:49] Entrevistada: É muito diverso, muito! Tem gente para escrever sobre absolutamente tudo. Então, é uma grande revista *on-line*, eu diria.

[00:51:59] Entrevistadora: São essas as minhas perguntas. Você tem alguma dúvida ou tem algo que você queria acrescentar?

[00:52:08] Entrevistada: Acho que não. Não sei!

[00:52:11] Entrevistadora: Então, Vanessa, se você lembrar de alguma coisa, você me avisa.

[00:52:14] Entrevistada: Está bom!

[00:52:17] Entrevistadora: Caso tenha algo mais que você se lembrou e gostaria de pontuar, você pode me avisar. Eu fico à disposição se você quiser falar sobre mais alguma coisa, se quiser levantar mais alguma coisa. Você tem o meu contato. Quando a pesquisa estiver pronta, também, o que deve demorar um pouquinho, porque eu ainda estou no meio do doutorado. Quando estiver pronta, eu te mando também.

[00:52:46] Entrevistada: Está bom! Eu espero ter te ajudado.

[00:52:48] Entrevistadora: Ajudou! Ajudou muito. Com certeza! E eu vou começar a acompanhar o seu portal, o seu site.

[00:52:56] Entrevistada: Obrigada!

[00:52:57] Entrevistadora: Eu que agradeço pelo tempo, pela disposição.

[00:53:00] Entrevistada: Você entrevistou gente de mais veículos?

[00:53:05] Entrevistadora: Uhum! Eu estou entrevistando também o pessoal da *AzMina* e da *Think Olga*. Da *AzMina*, eu já falei com uma moça que é diretora-executiva e com uma colunista. Ainda devo falar com mais duas pessoas. Da *Think Olga* também. São pelo menos quatro pessoas.

[00:53:26] Entrevistada: Eu conheci na faculdade elas. A Juliana chegou a ir lá, conversar com a gente.

[00:53:33] Entrevistadora: Que legal!

[00:53:36] Entrevistada: Ela é muito legal!

[00:53:38] Entrevistadora: Eu também tenho contato com o pessoal da *Não Me Kahlo*. Às vezes, eu colaboro com elas e escrevo texto para elas também. São esses os canais que a princípio eu estou pesquisando. Uma parte do meu doutorado eu devo fazer na França, então eu devo fazer uma comparação dos canais aqui do Brasil e com os canais de lá. Então, eu também tenho que entrevistar o pessoal das mídias feministas na França.

[00:54:09] Entrevistada: Ai, que chiquérrima!

[00:54:10] Entrevistadora: Eu ainda tenho muito tempo de trabalho. Já se vão dois anos aí. Eu estou no meio. Já fiz a etapa da qualificação, então agora é só fazer as entrevistas, as análises e a pesquisa em si.

[00:54:25] Entrevistada: Entendi! Então, você está focando em Comunicação mesmo?

[00:54:29] Entrevistadora: Sim!

[00:54:32] Entrevistada: Eu fiz só a faculdade. Depois eu fiz uma extensão em Relações Internacionais.

[00:54:39] Entrevistadora: Você fez relações internacionais então. Focou em outra proposta.

[00:54:52] Entrevistada: Eu fiz jornalismo na PUC; aí eu fiz Relações Internacionais na Unifesp, mas foi extensão, com foco em América Latina.

[00:55:08] Entrevistadora: O seu foco é em América Latina? Que legal! Que interessante!

[00:55:13] Entrevistada: Foi engraçado porque eu estava lá para estudar cinema e o pessoal: "Vamos falar sobre o extrativismo e tal". Mas foi legal!

[00:55:27] Entrevistadora: Quantos anos você tem, Vanessa?

[00:55:29] Entrevistada: Eu tenho 27.

[00:55:31] Entrevistadora: Eu tinha me esquecido de perguntar no começo. Você, hoje, está trabalhando mais voltada para a América Latina, mais do que para o próprio feminismo? O feminismo entra como uma...

[00:55:49] Entrevistada: O feminismo é aquilo que eu te falei: mudou a perspectiva. A partir de agora, qualquer coisa que eu for fazer vai passar por aí. Eu foquei em América Latina, mas tem muita coisa de gênero.

[00:56:09] Entrevistadora: É bem legal o seu trabalho. Eu achei super inovador mesmo!

[00:56:15] Entrevistada: Obrigada!

[00:56:17] Entrevistadora: É isso! Se você tiver algo mais para colocar, você me avisa. Se você quiser fazer alguma outra contribuição, se você lembrar de algo... Está bom?

[00:56:34] Entrevistada: Está bem! Se você precisar de alguma coisa também, pode me falar.

[00:56:36] Entrevistadora: Muito obrigada!

[00:56:38] Entrevistada: Se você estiver precisando de mais alguém para falar do *Lado M...*

[00:56:43] Entrevistadora: Eu estou procurando mais gente, sim. Se você conhecer alguém que possa, que se interessa...

[00:56:49] Entrevistada: Eu conheço a Helena. Ela é maravilhosa!

[00:56:52] Entrevistadora: Você me passa o contato dela? Ou, se você quiser, passa o meu para ela também.

[00:56:55] Entrevistada: Eu te mando o arroba dela no Instagram.

[00:57:00] Entrevistadora: Ótimo! Aí, eu mando mensagem para ela.

[00:57:02] Entrevistada: Isso! Você manda mensagem. Ela é maravilhosa! Ela é uma das melhores pessoas que eu conheci no *Lado M*. Ela escreve qualquer coisa e eu aplaudo.

[00:57:10] Entrevistadora: Legal! Eu estou procurando, sim, mais gente. Eu já falei com muitas meninas que já saíram, aí acharam que não era o momento de contribuir.

[00:57:24] Entrevistada: Ela já saiu, mas ela ficou bastante tempo.

[00:57:25] Entrevistadora: Não é um problema já ter saído, porque eu estou falando sobre o *Lado M*, mas eu sei que depois os debates de gênero acabam atravessando o trabalho do pessoal que antes já atuou com isso. É válido para a pesquisa. Por isso que eu achei tão legal você ter topado, porque depois o seu trabalho teve continuidade e tem até hoje.

[00:57:52] Entrevistada: Pelo *Lado M*, eu tenho muito, muito, muito carinho. Foi muito importante para mim. Teve muitas coisas que eu aprendi.

[00:58:00] Entrevistadora: Muito bom você ter cruzado com essas temáticas em algum momento da sua graduação.

[00:58:11] Entrevistada: Foi até o meu TCC.

[00:58:14] Entrevistadora: Você falou sobre isso no TCC?

[00:58:16] Entrevistada: Eu falei sobre a representação [inaudível].

[00:58:24] Entrevistadora: Muito correlacionado com o que você cobria no *Lado M*, né?

[00:58:29] Entrevistada: Foi! Foi muito relacionado. Uma outra questão: achar orientador que vai falar sobre feminismo.

[00:58:42] Entrevistadora: O seu orientador era homem?

[00:58:44] Entrevistada: Todos quase eram homens.

[00:58:49] Entrevistadora: O meu orientador é homem também. Eu acho sensacional que ele apóia muito. O seu também apoiava?

[00:58:58] Entrevistada: Sim! Foi ótimo! Ele era maravilhoso. Mas eu me lembro que, um ano antes de a gente ter que fazer o TCC... O meu orientador orientava texto de reportagem e tinha um orientador que orientava vídeo e a gente tinha aula com eles. Em uma noite de TCC, ele fez uma rodinha na sala e pediu para todo mundo falar o tema que queria fazer para o próximo ano – se a gente já tinha alguma coisa em mente e tal. Aí, na minha sala tinha muito mais sobre mulheres, muito mais! Era muito diferente! Tinha uns dez caras e o resto era tudo mulher. Eu me lembro que surgiram muitos trabalhos sobre mulher e alguma coisa. Ele falou: “Mas vocês! Agora está na moda!”.

[00:59:55] Entrevistadora: Isso não foi o cara que te orientou. Era o moço que trabalhava com TV?

[01:00:00] Entrevistada: Isso! Mas foi aí que perdeu muitos orientandos que queriam fazer com ele.

[01:00:05] Entrevistadora: Ele falou em tom de crítica?

[01:00:07] Entrevistada: Em tom de crítica! Foi assim que ele perdeu muitos orientandos e meu orientador ficou com mais gente do que ele devia e teve que escolher. Acontece!

[01:00:23] Entrevistadora: É, acontece. Nas próximas, ele mensura melhor como colocar esse tipo de comentário. Eu não vou mais tomar o seu tempo. Eu quero agradecer muito mesmo pelas contribuições. Depois, se você puder me passar o Instagram da Helena também, eu agradeço bastante. Se você pensar em mais alguém que poderia colaborar, é só me mandar. Muito, muito obrigada, Vanessa.

[01:00:58] Entrevistada: Imagina! Qualquer coisa, você me avisa.

[01:01:00] Entrevistadora: Está bom! Boa semana.

[01:01:02] Entrevistada: Tá! Para você também. Bom trabalho.

[01:01:05] Entrevistadora: Obrigada! Tchau, tchau!

[01:01:07] Entrevistada: Tchau!

Verena Paranhos – equipe de apoio e captação *AzMina*

[00:00:01] Entrevistada: Eu nasci e cresci aqui em Salvador. Tenho uma irmã e uma mãe ainda vivas. Naquela fase de vestibular, eu... Antes disso, eu terminei ganhando uma bolsa de intercâmbio e fui fazer intercâmbio na Islândia, já no último ano do ensino médio.

[00:00:18] Entrevistadora: Eu vi! Você fala islandês? Achei tão diferente.

[00:00:22] Entrevistada: Eu morei um ano lá. Eu ainda falo. Se eu for lá, ainda vou saber me comunicar. Eu fui lá oito anos depois e achei que não ia falar nada, mas, em três dias, estava falando tudo. Está tudo na cabeça. Eu consigo entender e converso *small talks*. Coisa mais séria, eu não consigo entender tanto, mas, se eu chegar lá e ficar imersa, eu consigo falar. Eu ganhei a bolsa que era 95% do intercâmbio. Eu tinha que pagar 5%, que era bem barato - acho que era 200 dólares. Mas eu precisava de dinheiro para me manter. Eu sabia que ia sobrecarregar meus pais. Meu pai não tinha trabalho fixo e minha mãe era a única que tinha salário fixo, mas não ganhava bem. Eu estudava em uma escola pública técnica, CEFET (eu acho que em São Paulo é ETEC). Hoje, é a rede do IF – aqui é IFBA. Lá, eu tinha visto um cartaz falando dessa bolsa. Eu me inscrevi, participei e tinha sido selecionada para ganhar a bolsa e precisava de dinheiro para bancar aquilo ali. Eu sabia que ia sobrecarregar a minha família. Eu ia, de qualquer jeito, mas ia ser uma sobrecarga imensa, porque eles iam ter que se virar muito. Mas eu vi um concurso de redação que pagava R\$ 5.000,00 em prêmio. R\$ 5.000,00, em 2005, era muito dinheiro. Era muito dinheiro! Sei lá, eram uns 20 salários mínimos ou mais. Sei lá, o salário mínimo devia ser R\$ 400 e poucos reais - não sei. Mas era muito dinheiro! Eu era boa aluna e tinha estudado em escola particular até a oitava série e depois fui para o CEFET. Eu era boa aluna em tudo, mas a escola puxava mais para as exatas, mas eu gostava mais de humanas e eu sabia que não ia para a área de exatas. Eu fiz esse concurso de redação, me inscrevi, mandei a redação. Antes, pedi para uns dois professores olharem; eles fizeram algumas observações. Eu e minha amiga mandamos. Eu ganhei o primeiro lugar nacional. Eu ganhei R\$ 5.000,00. Fui para Brasília, receber o prêmio da mão do Lula, participei do 1º Fórum de Combate à Corrupção, que foi, justamente, na

semana que aconteceu o Mensalão, em que o Roberto Jefferson fez a denúncia. No voo para Brasília, estavam todos os deputados em pé, conversando, articulando. Foi uma confusão...

[00:02:42] Entrevistadora: Você tinha quantos anos?

[00:02:43] Entrevistada: Eu tinha 17. Aquilo me chamou a atenção de que eu era boa de escrita e que eu mandava bem de alguma forma. Eu fiz o intercâmbio. Eu saí em jornal, em entrevistas para um monte de coisas. Tive os meus cinco minutos de fama - brincadeira! Fui para o intercâmbio e voltei, mas aquilo ali me direcionou para eu fazer jornalismo. Eu estava pensando em fazer ou Relações Internacionais ou Direito ou Ciências Sociais ou Jornalismo. Mas aquilo foi o forte que me falou: "Você escreve bem, você argumenta bem". Isso poderia ser usado em qualquer área, claro, mas ficou forte. Quando eu voltei, eu ganhei outro concurso de redação, mas foi em Santa Rosa, pelo estado. Quem ganhou o nacional foi da Bahia, então eu fiquei com o prêmio do estado. Eu ganhei um computador de um concurso de redação, em que o tema era "Iniciativa do Combate à Corrupção", foi o primeiro, alguma coisa de gênero. Era da Secretaria Especial das Mulheres e do CNPq, que era sobre gênero. Naquela época, não tinha muita pesquisa na internet, então era muito de vivência do que eu via de machismo. Eu fiquei em primeiro lugar na Bahia. Eu vi que era um reforço de que eu escrevia bem e que eu iria ser uma boa jornalista, provavelmente.

[00:04:15] Entrevistadora: Eu vi esses seus prêmios no seu portfólio. Eu pensei que eles tinham sido ao longo da sua carreira enquanto jornalista já.

[00:04:20] Entrevistada: Não. Foi na escola. Aí, eu não passei no vestibular no primeiro ano. Fiz um ano de faculdade particular, com bolsa do Prouni, em Jornalismo. Depois, eu repeti o vestibular e passei - acho que não tinha mais pressão e tal. Na UFBA, eu fiz iniciação científica, fui do PET, fiz três bolsas de iniciação científica, então, se eu quisesse estar na academia hoje, seria um caminho tranquilo para eu entrar. Eu, inclusive, tenho vários amigos que participaram e continuam. Mas eu sentia que a pesquisa não era para mim - nem pesquisa nem ensino. Aquilo não era para mim, aí eu saí. No final da graduação, eu já estagiei em jornal, na editoria de Cultura. Depois, eu fui contratada para esse jornal, que é o *A Tarde*. Eu fiquei três anos lá. Depois eu fui para o *Correio* e fiquei menos de dois anos. No *Correio*,

eu já senti uma inquietação bem grande lá. Quando eu voltei do intercâmbio, eu fui por dez anos voluntária dessa organização que me deu a bolsa. Eu fiz tudo: eu selecionei mais de 15 intercambistas, fui presidente de comitê, fui diretora de comunicação. Fui muita coisa! Eu viajei bastante para congresso, para fazer treinamento. É uma rede muito bacana. Quando eu estava no *Correio*, já no meu segundo emprego como jornalista, que era um emprego bom, eu senti que só falava as histórias que as pessoas me contavam, então eu me sentia frustrada porque eu não fazia. Eu só estava contando o que alguém fazia e alimentando os interesses do patrão e da grande mídia, que são sempre famílias da política e com grande poder econômico. O *Correio* faz parte da Rede Bahia, que é da família do ACM. Não tem a censura: “É claro que você não pode falar disso”. Mas é tudo velado! Se você escreve de uma forma, alguém edita. Eu achava que eu não fazia; eu só falava o que os outros faziam, então eu me sentia frustrada por isso. Eu saí de lá e para ganhar menos. Fui trabalhar na comunicação de uma OS, que é a Liga Alvaro Bahia Contra A Mortalidade Infantil, que administra alguns hospitais de Salvador, inclusive administra o Martagão Gesteira, que é o maior filantrópico do Norte e Nordeste. É um hospital pediátrico. Foi uma experiência bem bacana, porque lá a comunicação fica dentro da captação, então toda a comunicação é dirigida para a captação de recurso. Toda, não, mas grande parte (comunicação interna, institucional). É tudo pensando na captação de recurso, em transformar esse funcionário ou colaborador... Era tudo isso e a gente estava montando do zero. Éramos o gerente, eu e mais três pessoas, quando começou e, hoje, a equipe tem 15 pessoas só na comunicação. Cresceu muito, mas foi a gente que estruturou toda a coisa. Depois, de lá, eu fui para o marketing da AMMA Chocolate.

[00:07:46] Entrevistadora: Eu vi! Eu adoro o chocolate deles.

[00:07:47] Entrevistada: É? É maravilhoso! Eu fiquei por quase dois anos lá. Fiquei muito pela questão da marca e pelo trabalho que faz. Foi muito bacana ficar lá, só que eu terminei fazendo muita coisa. No final, eu estava me sentindo muito sobrecarregada. Por exemplo, na pandemia, a gente colocou a loja virtual no ar. Eu estava cuidando, no final, de logística, respondendo tudo sobre a loja - estava sendo meio que a gerente da loja -, e ainda tentando

fazer coisas de comunicação. Eu estava muito sobrecarregada. Aí, eu pedi para sair, porque eu não estava dando conta. Eu tentei conciliar, tentei negociar horário, tentei negociar remuneração, mas não consegui. Aí, eu saí e, logo depois, eu fiz a seleção para *AzMina* e entrei. A minha experiência no Martagão me ajuda muito hoje no meu trabalho, porque tem muito a ver com a coisa da captação de recursos, que é o que eu faço. Mas eu acho que o feminismo está comigo desde sempre. A relação da minha família é um pouco complicada. Minha mãe é uma pessoa ativa, que produz e que realiza muita coisa, mas tem uma situação de casamento ruim e tem uma relação de poder ruim. As mulheres da minha família sofrem muito e sempre sofreram muito nesses relacionamentos abusivos, até hoje. Eu ter chegado na *AzMina*, eu voltei a procurar um lugar onde eu me sentisse bem, onde eu estivesse fazendo algo relevante para a sociedade e que eu estava mudando a vida de outras pessoas. Então, eu tenho seis meses na *AzMina* e me sinto super realizada. Na quarta ou na quinta, eu parei de trabalhar às nove da noite, gritando, feliz, animada, por estar realizada com o que estou fazendo, sabe? E sentir que a equipe... ainda mais que é toda formada por mulheres. Na segunda, quando eu abri, tinha um e-mail da sexta-feira, que eu só pude ver na segunda, da diretoria, agradecendo, porque a gente fez muita coisa na semana, lançou um *chatbot*, fez *live*, lançou campanha - e a campanha envolve toda a equipe, porque você tem que ficar ali pedindo dinheiro, porque senão não rola; tem também que ficar mandando para os seus contatos, senão não acontece. Foi uma campanha muito corpo a corpo.

[00:10:19] Entrevistadora: Foi essa campanha no Twitter, para que as mulheres que sofrem violência entrem em contato?

[00:10:26] Entrevistada: Não. Essa do *crowdfunding*, de financiamento coletivo.

[00:10:29] Entrevistadora: Ah! É porque as duas estão rolando em paralelo, né?

[00:10:32] Entrevistada: É, foram na mesma semana. Todo mundo da equipe recebeu um e-mail delas super fofo, super agradecendo. É um clima super positivo, um clima muito bacana. Além de estar realizada pelo que eu estou fazendo, eu sinto que eu estou realizada por estar em um lugar que é confortável, em que eu não tenho problema em dizer “não estou bem”, “estou triste” ou “estou mal”, porque eu sou acolhida, porque eu sou bem recebida. Então, o

clima de trabalho é super bacana, mesmo estando à distância (tem todo esse teletrabalho, que é tão ruim). Mas eu nunca trabalhei em um lugar que eu me sentisse tão bem. Talvez eu tenha pulado algumas respostas. Eu posso voltar, se você quiser.

[00:11:18] Entrevistadora: Quando eu conversei com a Carol, elas ainda estavam com esse processo de tentar ampliar a equipe. A Carol estava super sobrecarregada. Depois eu falei com a Rayana e agora eu estou falando com você, do pessoal novo que entrou. Eu fiquei feliz por elas terem conseguido fazer esses processos de ampliação.

[00:11:37] Entrevistada: Sim! Tudo isso porque a gente está conseguindo se estruturar, conseguindo financiamento. O financiamento da pessoa física é importante, é importantíssimo, porque se não tiver um fundo, se não tiver um investidor, quem vai financiar a organização, senão quem lê e quem apoia, que está ali o tempo todo?

[00:11:55] Entrevistadora: Os editais são as principais ferramentas, não são? Ou são as pessoas físicas mesmo?

[00:12:01] Entrevistada: Percentualmente, é fundação e edital, só que essa verba já vem destinada para coisas específicas - para tal projeto ou para contratar tal coisa. Para a estrutura da organização, para fazer reportagem, muitas vezes, a gente não consegue com verbas dos editais, por isso é importante ter a captação paralela de pessoas físicas, tanto para ter a comunidade forte e para ter a coisa maior ainda, para que as pessoas reproduzam, leiam, interajam, compartilham com mais pessoas que precisam ter acesso à comunicação, porque não adianta a gente produzir para ninguém ler - você deve saber muito bem disso. Então, a comunidade é muito importante de estar engajada. Mas a gente conseguiu crescer muito pelo apoio dos fundos e dos editais, que também têm várias exigências e várias demandas. A Carol foi muito feliz nisso, porque ela conseguiu estruturar de uma forma que... No início do ano passado, eram cinco pessoas; hoje são 11 e vão entrar mais quatro ou cinco.

[00:13:05] Entrevistadora: Quando eu falei com a Carol, eram sete. Eu falei com ela no final do ano passado.

[00:13:10] Entrevistada: Então, a Marília já estava. E a estagiária também já estava, provavelmente.

[00:13:16] Entrevistadora: Sim! Eu acho que a estagiária estava entrando. Ela comentou. Era na semana que a gente conversou.

[00:13:22] Entrevistada: A estagiária entrou em setembro, eu acho, e eu entrei em janeiro. Depois entraram as pessoas da arte e entrou a Ray. Agora, a gente ganhou o edital do YouTube, e a gente vai conseguir contratar uma equipe durante um ano - vamos ter o dinheiro para manter essa equipe durante um ano. É massa! Vão entrar no final do mês.

[00:13:44] Entrevistadora: Voltando um pouquinho para a sua história: você me disse que ganhou esse prêmio quando você ainda estava na escola, um prêmio voltado para gênero, e que você acha que o feminismo sempre esteve atravessando a sua vida e a sua história de vida. Mas teve algum momento específico em que você percebeu que você tinha afinidade com a causa feminista?

[00:14:09] Entrevistada: Não. Eu acho que não. Eu acho que as minhas atitudes sempre foram muito: “Essa menina é muito geniosa”. Hoje a gente traduz e sabe: “Essa menina tem opinião”, “Essa menina só faz o que quer”, “Ela vai desrespeitar o que está errado e vai dizer que está errado”. Eu me lembro de uma prima... Deixa eu ver quantos anos eu tinha. Eu tenho algumas histórias. Eu tinha 13 anos e uma prima que tinha um filho de três anos falou: “Meu bode está solto. Se você quiser, que prenda seus cabritos”. Eu tinha 13 anos. Eu me lembro que eu fiquei bem revoltada com isso! Eu também me lembro da história do marido de uma prima, que tinha um filho de uns três anos. Eu estava encostada perto da porta, na casa da minha avó, e ele falou para o filho: “Sua prima é gostosinha, né? Não quer namorar com ela?”. Essas coisas foram me causando revolta.

[00:15:33] Entrevistadora: Você era criança ainda.

[00:15:34] Entrevistada: Sim! Eu era muito nova ainda. Teve episódio em que meu pai agrediu a minha mãe. Eu sabia que aquilo era muito errado. Minha mãe foi para a delegacia com o olho roxo. Eu vivia situação de violência. Tive uma vida familiar bem violenta e eu meio que me fechei para tudo isso. Fiquei muito fechada! Faço análise hoje - já faço análise há uns sete anos. Mas essas questões estavam aí sempre. A minha família é uma família que não tem uma condição boa, então essas pessoas de quem eu estou falando não tinham muita

instrução - não que isso justifique -, mas era um contexto que eu tinha mais consciência que as outras pessoas, mesmo sendo tão nova. Eu não sei por que, mas isso, para mim, já era muito latente.

[00:16:26] Entrevistadora: Eu ia perguntar se você tinha ideia de onde surgiram esses estímulos para a reflexão. De onde vieram esses incômodos?

[00:16:36] Entrevistada: Eu sempre li bastante. Sempre fui muito “CDF”. Meus pais sempre incentivaram muito. Eu era aquela criança que, com cinco anos, no *impeachment* do Collor, eu era aquele papagaio, aquela criança que repete. Meu pai chegando nos lugares: “Fala para eles o que está acontecendo”. Então, eu era a criança que falava de política. Eu era uma criança que assistia jornal. Eu assistia *Jornal Nacional* todo dia ou o jornal do Boris Casoy. Acho que era o do Boris Casoy, porque eu dormia muito cedo, sete horas. Acho que o *Jornal Nacional* era muito tarde para mim. Ao mesmo tempo, eu era uma criança muito consciente dos problemas da realidade. Eu não tive muita imaginação ou acreditava em contos de fadas ou lia livros infantis. Eu era uma criança que sabia de tudo que estava acontecendo. Eu só estou te falando essas coisas porque isso aqui é etnografia, né?

[00:17:36] Entrevistadora: Essa é a ideia mesmo. Obrigada!

[00:17:38] Entrevistada: Eu era a criança que, em festa de aniversário, estava sentada na mesa dos adultos, ouvindo todas as conversas e sabendo da vida de todo mundo. Eu não estava brincando com as crianças; eu estava na mesa dos adultos ouvindo: “Aconteceu isso...”.

[00:17:56] Entrevistadora: Você tem irmãos ou irmãs?

[00:17:58] Entrevistada: Tenho uma irmã.

[00:17:59] Entrevistadora: Mais velha?

[00:18:00] Entrevistada: Uma irmã mais nova, dois anos mais nova. Eu era a criança que era madura ou muito atenta na realidade. Eu não era muito da fantasia. Talvez essa realidade eu tenha visto muito cedo, tanto em casa quanto nas notícias. Acho que o meu interesse em ser jornalista veio muito cedo também por causa disso.

[00:18:23] Entrevistadora: Sim, por gostar de assistir notícias desde novinha. Eu não gostava de assistir jornal, não quando criança. Você me contou sobre a sua relação com o feminismo, mas eu queria entender o que é ser feminista, na sua perspectiva.

[00:18:43] Entrevistada: Na minha perspectiva, ser feminista é querer ser respeitada, não querer ser reduzida ou querer ser diminuída, não querer ser limitada, cortada, por eu ser mulher. É ser um ser humano. Eu gostaria que não olhassem para mim diferente por eu ser mulher, mas me olham, e que me respeitassem como respeitam os homens. Eu já passei por umas situações de assédio no trabalho bem complicadas, de discutir, de brigar, acho que muito por eu ser mulher.

[00:19:23] Entrevistadora: Assédio moral mesmo?

[00:19:25] Entrevistada: É! Vou contar. Mas deixa eu só fechar. Eu não tenho muito estudo, como a Carol, ou muita leitura. Eu acho que é algo que eu quero aprender muito mais, que eu quero ler muito mais. Mas é o feminismo do respeito, da igualdade, de não precisar dizer que eu sou diferente. Eu gostaria que eu fosse igual e que eu fosse respeitada por igual. Eu gostaria que as tarefas de casa fossem iguais, então em casa eu estou sempre: “Por que eu tenho que fazer mais?”. As pessoas são muito diferentes e são muito acomodadas, e o meu próprio ritmo é acelerado, então eu tenho tentado aprender mais e conversar mais. Mas eu sinto que eu preciso disputar muito tudo, eu preciso conquistar muito tudo. A igualdade não está imposta. Eu tenho que conquistar, por exemplo, a lavagem da roupa (que uma pessoa lave um dia e que a outra lave no outro; ou que eu lave a roupa e você os pratos), senão fica tudo em cima de mim.

[00:20:37] Entrevistadora: Dentro das dinâmicas domésticas também, né?

[00:20:39] Entrevistada: Sim, sim. Eu acho que no trabalho isso não acontece, mas porque eu estou em uma organização que só tem mulheres, mas, se não fosse, com certeza isso aconteceria. A situação do trabalho que eu falei foi muito, muito bizarra mesmo. Tinha um colega que era de outro jornal e era da faculdade também. Eu estava nesse jornal, porque tinha trocado de cargo. Eu trabalhava em uma coluna com cultura, uma coisa mais *soft news*, e fui para a *home* do site. Eu ficava de 12h00 às 18h00, editando *home* do site, atualizando

e baixando as redes sociais, naquele ritmo frenético de *hard news*. Eu só fiquei quatro meses nessa função, porque eu vi que não era para mim. Então, eu acho que eu tenho uma culpa na eleição do Bolsonaro - isso é muito ruim -, de tanta manchete que a gente deu, por cada merda que ele falava. Hoje, em princípio, eu sinto uma culpa muito grande. Se a gente não tivesse ecoado tanta besteira que ele falava naquela época (2016 ou 2017), ele não estaria aí. Eu sinto muito e sou muito ressentida com isso e tenho a minha parcela de culpa.

[00:21:55] Entrevistadora: Se isso te conforta - eu não sei se conforta -, mas eu fiz a minha dissertação entre 2015 e 2017. Em 2015, eu fiz um levantamento: eu analisei mais de 500 perfis de pessoas que comentavam em notícias de jornais hegemônicos no Facebook. Majoritariamente, eram pessoas de direita e muitas delas já usavam aquela frase “Bolsonaro 2018” – isso lá em 2015 -, e já sustentavam armas nas suas fotos de capa do Facebook. Então, talvez não tivesse muito o que fazer. É claro que a mídia tradicional contribuiu também, mas é muito um reflexo de quem somos enquanto país.

[00:22:43] Entrevistada: Eu acho que é o capítulo quatro do episódio quatro do *Retrato Narrado*, o *podcast*. Você ouviu?

[00:22:49] Entrevistadora: Não, eu não ouvi ainda.

[00:22:51] Entrevistada: Escuta! Você vai amar. É a vida inteira de Bolsonaro em seis episódios. Ela vai para a cidade dele e reconstrói a cabeça dele, para saber por que ele é daquela forma.

[00:23:04] Entrevistadora: Eu já li uma matéria sobre ele e a cidade dele. Acho que foi uma grande reportagem do El País. Nada mudou! Os discursos são exatamente os mesmos.

[00:23:17] Entrevistada: Escuta esse *podcast* - *Retrato Narrado*. É maravilhoso! O quatro é essa coisa da mídia, das *fake news* e do Facebook dessa época. Você vai se encontrar. Ela fala dos grupos, dos caras que trabalhavam com ele, que era um dos caras que ficavam ali. Tinha uma comunidade e tinha um número envolvido. Eu não me lembro. Era muito bizarro! Mas voltando, eu sentava perto desse colega e, todo dia, a gente descia para lanchar umas cinco da tarde. A gente ficava conversando. Eu saí desse lugar fisicamente, então ele era quem eu conhecia ali. Ele trabalhava em uma coluna de política, local. Ele ficava abaixo do

colunista, que dava nome à coluna. Esse colunista chegou para ele e falou: “Ah, Luan, você precisa dar ‘uns pegadas’ em Verena, para ver se ela dá um destaque para a nota da gente”. Isso na primeira vez. Na segunda vez: “Você vai ter que comer a Verena para ela dar uma nota assim”. Nas duas vezes, eu fiquei assim: “Deixa para lá!”. Na terceira vez que ele falou isso (ele voltou em meia hora para falar isso, como brincadeira), eu me revoltei e comecei a gritar com ele: “Isso é falta de respeito! Não faça isso! Não desrespeite o meu trabalho”. As pessoas que estavam em volta não entenderam o que eu estava falando. Eu surtei e comecei a gritar literalmente: “Me respeite! Não faça isso! Você está me desrespeitando! Você não me conhece! Eu nunca te dei ousadia!”. O meu amigo ficou “sem chão”, falando: “Não, não, não. Não foi isso”. Mas uma coisa é você se expressar mal uma vez; outra coisa é você falar três vezes a mesma coisa: “Você vai ter que ‘comer’ Verena” - com essas palavras. Eu gritava: “Por que você disse que alguém vai ter que ‘me comer’ para eu fazer o meu trabalho? Que absurdo!”. Eu fiquei muito revoltada. Eu voltei, continuei o meu trabalho e desci para jantar. A chefe de redação estava lá em baixo e eu falei com ela o que tinha acontecido. Ela me falou: “Escreva por e-mail que eu vou encaminhar para o RH”. Ela encaminhou para o RH e nada aconteceu. Ela me falou depois que o RH chamou para conversar. Ela me perguntou se eu queria dar sequência a isso. Uns meses depois, eu pedi para sair. Ela perguntou: “Foi pelo que aconteceu?”. Ela queria que eu ficasse e até me ofereceu outra coisa: “Você saiu dessa função que você não está gostando e você vai para outra”. Eu falei: “Não, não! Não é por isso”. Ela me perguntou: “Foi por causa do que aconteceu com o Jairo?”. Eu falei: “Não, mas foi importante. Tem a ver, mas não foi por conta disso”. Foi bem bizarro! Essa foi a situação mais extrema, fora as situações de ser menina, ser mulher. Teve uma vez que, quando eu ainda era estagiária, eu estava no shopping e teve um tiro no shopping: as pessoas correndo, sangue. Eu liguei para a redação e falei: “Teve um tiro aqui; está uma confusão”. O chefe de redação falou: “Se você está aí, você vai fazer”. Eu estava bem menininha, de vestidinho, no fim de tarde. Nunca tinha feito polícia na vida; eu trabalhava com cultura. Lá fui eu tentar entrevistar as pessoas e entrevistar policiais. As pessoas achavam que eu era uma menina. Mesmo depois, quando eu já era formada. Eu não tenho cara de mulher ou perfil

e estereótipo de jornalista. Eu pareço uma menina ou uma mulher. Isso era bem complicado! Eu achava que as pessoas não me levavam tão a sério por eu não parecer mais velha. Se hoje eu vou fazer 34, eu ainda pareço ter menos. Quando eu tinha 22, eu parecia ter 18, 17.

[00:27:32] Entrevistadora: Eu conversei muito sobre isso com a Ray, porque ela é muito novinha. Ela disse que, em diversas situações, ela chegava para fazer apresentações, dentro da academia mesmo, e as pessoas duvidavam da capacidade dela por ela ser nova. Eu também vivenciei muito isso no trabalho. Eu sou servidora pública e trabalho na Anatel. Eu entrei com 23. Quando eu cheguei, ninguém levava a sério as coisas que eu tinha a dizer. Até hoje, ainda não levam muito, mas vai evoluindo aos poucos. Hoje, eu tenho 29.

[00:28:01] Entrevistada: Eu trabalhava com artistas, né? Eu tinha que entrevistar Gilberto Gil. Ele olhava e falava: “Mas você é tão novinha”. Não era o tom de desrespeito, claro, mas era como: “Eu esperava que fosse uma fã ou alguém que fosse conversar comigo, e não fazer uma matéria”. Isso já rolou comigo.

[00:28:25] Entrevistadora: Que legal! Você já entrevistou o Gil?

[00:28:27] Entrevistada: Já! Entrevistei Gil, Bethânia. Quando eu entrevistei Bethânia, eu falei: “Acabei! Não preciso de mais nada nessa vida de jornalista”. Mas não entrevistei Marisa Monte. Eu gostaria de ter entrevistado Marisa Monte.

[00:28:38] Entrevistadora: Você trabalhava com os artistas diretamente?

[00:28:42] Entrevistada: Eu trabalhava no Caderno Dois, que era o caderno que cobre cultura, então eu fazia teatro, cinema, televisão. No *Correio*, eu também trabalhava, na maior parte do tempo, com essa parte. No carnaval, por exemplo, a gente cobria camarote; quando tinha festa, o evento, e também lançamento de peça nova.

[00:29:05] Entrevistadora: Tem essa parte que é muito legal em redação.

[00:29:08] Entrevistada: Eu trabalhei na parte mais legal, mas, ao mesmo tempo, eu me sentia tão solitária. Por exemplo, se você está em um show, você está sozinha ali e não tem com quem comentar. Era bem massa, mas, na época, eu me sentia tão solitária. Também, eu acho que eu não deixei subir para a cabeça, do estilo: “Maravilha”. Eu falei: “Isso é só trabalho.

Se eu sair daqui, tudo isso acaba”. É o trabalho, não sou eu. É o posto, a posição. Eu nunca me deslumbrei. Acho que isso é bom!

[00:29:42] Entrevistadora: Você me contou um pouquinho da sua relação da família frente ao feminismo. Você me disse que a sua família enxerga essa questão como algo delicado? Foi isso? Eu entendi direito? O fato de você ser feminista é uma coisa que gera entrave nas suas relações familiares?

[00:30:02] Entrevistada: Eu acho que hoje não. Eu acho que eu sempre me coloquei bastante, sempre me posicionei, mas eu acho que hoje é diferente. Acho que tem muito tempo que eu não me misturo tanto assim. Eu sei o meu lugar. As pessoas me respeitam, me aceitam. Não é nada que seja difícil. Mas eu entendo que não é lugar para mim e que não são situações para mim. Me lembrei de outra história aqui. Em 2016, uma prima me ligou, em um feriado (acho que era Tiradentes), chorando, umas cinco ou seis da noite, dizendo que o marido estava tentando matar ela. É prima desse mesmo núcleo familiar – de pessoas próximas, mas não tanto (prima, primo). O marido estava tentando matar ela, ela não aguentava mais e eu era a única pessoa que podia tirar ela dali. Eu não pensei duas vezes, peguei o carro, fui na casa dela. Ela tem um filho, que hoje tem 22, e uma menina que hoje tem 8 (a menina tinha três ou quatro anos, na época). Eu tirei ela de casa e tirei a menina. O marido veio, quando viu que eu ia tirar a menina, mas eu enfrentei ele e trouxe ela.

[00:31:29] Entrevistadora: Você convivia com eles antes? Já tinha uma relação prévia? Desculpa pelo barulho da rua aqui.

[00:31:34] Entrevistada: Se eu convivia com eles? Sim! Eu convivia com ele desde criança. Ela começou a se relacionar com ele quando eu tinha uns oito anos, então eu vi acontecer. Era uma situação bem complicada! Ela traiu ele, ele descobriu e descobriu que a filha não era filha dele, então era uma situação bem complexa, mas que nada justifica. Ele estava sendo violento com ela psicologicamente e fisicamente há muito tempo. Toda a família comentava, toda a família falava. Minha mãe, que era tia dela, falava, mas naquele tom: “Ninguém se mete! Ninguém se mete! É problema deles!”. Eu também não me metia. Mas quando ela pediu ajuda, eu fui a pessoa que fui lá. Eu achava que ninguém mais tinha essa

coragem. Eu tirei ela da casa, trouxe para casa, consegui advogado, consegui medida protetiva. Ela voltou para casa e ele saiu da casa e foi para a casa da mãe dela - olha a situação. A mãe dela acolheu ele; ela não acolheu ela, mas acolheu ele. Olha que história! Mas não podemos julgar. A minha tia acolheu ele e ele ficou por um tempo. Ela não deu sequência às audiências. Ela, teoricamente, não vive com ele, mas vive na mesma casa - está batendo laje (ele fica na casa de cima e ela fica na casa de baixo). Ela se afastou um pouco. Ela não me diz nada, mas eu também não pergunto, mas eu estou disponível caso ela precise e ela sabe que pode contar. Ela não deu andamento na questão e não disse mais nada. A advogada que me contou, que é minha amiga. Alguns anos depois (acho que em 2019), no dia das mães, minha mãe ia para a casa dessa minha tia, a mãe dessa minha prima.

[00:33:33] Entrevistadora: Elas são irmãs?

[00:33:34] Entrevistada: Elas são irmãs. Eu falei: "Eu vou com você!". Minha mãe falou: "É melhor você não ir, porque fulano vai estar lá". Eu me tornei a persona non-grata. A família toda continua aceitando ele e continua aceitando os abusos. Eles se resolveram, ao que parece, e a família toda continua aceitando ele, como pessoa da família. Até vi ontem a filha dele postando *stories* que, no dia dos pais, ela fez café da manhã para o pai. Eu falei: "Ai, desgraçada!". Mas é o pai que ela tem. A menina ama o pai que tem. No Natal, se ele vai, eu também não vou. Eu me afastei um pouco recentemente. Eu acho que as pessoas devem achar o meu posicionamento forte de alguma forma, mas talvez com a coragem que eles não têm. Não sei.

[00:34:37] Entrevistadora: Muitas vezes, quem tenta tomar a iniciativa nesse tipo de caso é quem acaba ficando mal visto. Eu conversei com uma leitora que me contou uma situação similar, só que ela era a mulher que sofria violência e pediu ajuda para a prima. Ela conseguiu se libertar disso e hoje ela é extremamente grata à prima. No Instagram dela, ela faz várias campanhas voltadas ao combate à violência doméstica e para contar a história dela e ajudar as mulheres a sair dessas situações. Ela é super ativista e sempre conta da prima,

agradecendo a prima. Faz seis meses só, mas quando você começou a trabalhar na *AzMina*, você acha que de alguma forma a sua visão sobre os feminismos mudou?

[00:35:35] Entrevistada: Eu acho que sim. Acho que ficou mais ampla. Antes eu conhecia o feminismo mais fechado, aquele “meu corpo, minhas regras”. Hoje eu sei que existem muitas correntes, muitas teorias, muitos estudos, tem coisas sobre as mulheres trans. Tem muitas causas dentro do próprio feminismo e muito espaço para lutar ainda, para que a gente consiga esse respeito, essa igualdade. Os feminismos são muitos, as mulheres são muitas, então as histórias são muitas, as violências são muitas. Então, eu tive mais noção de todas as violências psicológicas, físicas, verbais. Eu acho que trabalhar na *AzMina* tem sido um processo de aprendizado ainda mais de feminismo, mas, pela minha própria experiência, eu sempre me defronto com isso. Isso já aconteceu comigo - essa violência já aconteceu comigo e já aconteceu com a minha família. É bem engraçado ver o quanto eu já sofri com machismos e com a desigualdade, mas também ver que, de alguma forma, eu me posicionei muito bem em algumas situações, mas em outras, não, e que tem muito ainda dormente e essas cicatrizes ainda estão aí. Fazer parte da *AzMina* me ensina muito a olhar para o que é diferente, olhar para outras mulheres, olhar para outras questões, e ver que o “buraco é muito mais embaixo” e que não é só superficial: as opressões são muitas - financeiras, econômicas, desigualdade salarial.

[00:37:29] Entrevistadora: Quando você estava trabalhando nas redações ou trabalhando com marketing, você, hoje, fazendo uma comparação com o trabalho na *AzMina*, o que você vê de diferente entre o seu trabalho jornalístico de antes e o seu trabalho atual, que é mais voltado para captação financeira? Mas você também já escreveu na revista, né?

[00:37:53] Entrevistada: Eu publiquei um artigo que, na verdade, eu publiquei no meu LinkedIn. A Carol viu e perguntou: “Por que você não publica?”. A Helena falou: “Vamos publicar”. Aí, elas publicaram. Mas eu nunca propus uma pauta ou escrevi uma pauta, mas é algo que eu posso fazer, de pegar algum tema que eu tenha interesse ou alguma história. Eu escrevo sempre as *newsletters*. Toda semana tem a *newsletter* de arrecadação. Mesmo que outra pessoa assine, sou eu que escrevo. Eu entrevisto a pessoa e depois escrevo, ou

escrevo do zero e a pessoa aprova, porque vai ter o nome dela. O que tem de diferente? Acho que o que tem diferente é o objetivo. No meu trabalho hoje, é bem claro o meu objetivo de converter e de captar e de trazer doadores. Ali, por trás, é o que vai financiar o trabalho da revista, o trabalho de outros profissionais. Então, eu acho que eu estou mais no *backstage*. O que tem diferente? Eu acho que é um ambiente bem horizontal: todo mundo propõe tudo, todo mundo opina sobre tudo. É um ambiente bem plural e bem aberto, no qual a gente se sente acolhido para falar, para conversar e para dizer “Estou me sentindo mal e não consigo fazer agora isso”. Não é: “Eu preciso disso para amanhã”; é “Você consegue me entregar isso para amanhã? Quando você acha que consegue entregar?”. Isso faz toda diferença! “Está bom para você?”, “Você está sobrecarregada?”, “Dá para fazer ou não dá?”. “Se não der, a gente pode deixar para o outro dia”. Elas são muito flexíveis, nesse sentido, mas, ao mesmo tempo, é bem organizado, bem planejado.

[00:39:42] Entrevistadora: Quando você está desenvolvendo as suas atividades... Você me contou que, na semana passada, teve dia que você ficou trabalhando até nove da noite. Como você se sente quando você está fazendo o seu trabalho para a revista?

[00:39:54] Entrevistada: Eu me sinto bem feliz e bem realizada. Até o mês passado, julho, eu trabalhava por seis horas por dia. A partir de agosto, eu estou trabalhando oito horas por dia, porque teve essa mudança no meu contrato. Eu acho que, a partir dessa mudança, eu estou me sentindo mais tranquila. Antes, como eram seis horas, era muito corrido. Eu tentava me concentrar no período da tarde, mas, geralmente, começava a trabalhar às dez ou 11. Se tinha uma reunião às 11, eu já chegava na reunião, já saía da reunião, almoçava e logo depois já tinha outra reunião. Hoje, se eu tenho uma reunião às dez, eu começo a trabalhar às nove e meia, eu leio os e-mails, vejo o que tem para o dia, aí eu vou para a reunião, depois saio e vou fazer as coisas que estavam planejadas. Então, é bem diferente essa carga-horária. Com oito horas, eu consigo me dedicar melhor, consigo me dedicar mais tempo a realizar uma tarefa (ficar três ou quatro horas para fazer alguma coisa, para fazer bem feita). É melhor do que fazer picado, várias coisinhas ao longo do dia. Mas tem dias que eu faço várias coisas diferentes.

[00:41:00] Entrevistadora: Você mesma pode definir o seu horário de trabalho?

[00:41:04] Entrevistada: Sim! Isso é. Geralmente, eu estou começando a trabalhar às nove e meia ou dez e terminando umas seis e meia ou sete. Eu paro uma hora para o almoço; às vezes uma hora e meia ou às vezes duas. Quando eu estava trabalhando seis horas, se eu começasse a trabalhar às dez da manhã, eu ia até doze ou uma e tirava duas horas de almoço ou três. Eram bem flexíveis. O que a gente tem mesmo fixa é uma reunião, toda terça-feira, na semana. As outras reuniões são marcadas - ou para projetos ou para acompanhamento. Eu, Carol e Ray temos uma reunião semanal também, que é para passar o que está acontecendo e o que cada uma está fazendo. Fora isso, são as reuniões que vão surgindo. Tem semana que tem muita reunião e tem muito treinamento. Uma coisa bacana na *AzMin* também: a gente compartilha muito conhecimento, então uma pessoa assiste um treinamento e depois reproduz para a equipe e replica, ou a gente contrata uma consultoria para ensinar a fazer tal coisa e três ou quatro pessoas participam, aprendem e ficam responsáveis por aquilo. Isso é bem bacana!

[00:42:12] Entrevistadora: Quando eu conversei com a Carol - isso já faz um tempo -, ela me disse que vocês estavam (não sei se continuam) fazendo uma reunião adicional por semana, que era uma reunião de conversa, de diálogos, de desabafos, por causa da situação de pandemia. Eu esqueci até de perguntar para a Ray sobre isso, mas essa dinâmica se mantém? Eu sei que era mais voltada para o pessoal que é efetivo mesmo do que para as colunistas.

[00:42:41] Entrevistada: Sim! É para a equipe interna mesmo, e se mantém. Começou com as meninas próprias, com elas se reunindo e conversando, porque, no começo da pandemia, estava muito foda no fim do ano. Todo mundo estava mal. Elas começaram e acho que viram que não foi muito legal não ter uma mediação de uma profissional, aí elas contrataram uma psicóloga, só que essa pessoa também não funcionou. Não funcionou! Aí, elas contrataram a Laura - se você quiser falar com ela depois, eu te passo o contato -, que é uma psicóloga daqui de Salvador. Ela é uma psicóloga negra, que tem uma rede de mulheres (Rede Dandara) de apoio psicológico para mulheres negras. A Laura começou na primeira semana

que eu comecei. Era quinzenal de duas horas o encontro. A gente fala de tudo. No começo, estava muito pesado: tudo era pandemia e “eu não aguento mais”. Mas o nome do encontro é A Tela Feliz. Essa semana, no convite de sexta, a Carol mudou o nome e colocou a observação: “A Tela Feliz não estava tão feliz assim. Estamos mudando para Encontro de Acolhimento da *AzMina*”. A gente fica duas horas falando de tudo. Tem gente que chora. É bem legal. Eu gosto! Tem gente que fica mais introvertido e não participa também, mas eu domino, porque eu falo muito.

[00:44:19] Entrevistadora: Eu adorei que é coletivo, tipo uma terapia coletiva, com colegas de trabalho. Legal!

[00:44:27] Entrevistada: A gente não discute nenhuma questão que rolou no trabalho. Isso nunca rolou. É muito pessoal. Surgem histórias de família, histórias de vida.

[00:44:40] Entrevistadora: Eu quero o contato dela, sim. Depois, se você puder me passar, eu agradeço. Como você acha que a sua função, em específico, atinge o trabalho da revista, como um todo?

[00:44:56] Entrevistada: A minha função, além de arrecadar dinheiro, é também estar em contato, que é o relacionamento com esses apoiadores, com essas leitoras. Então, eu sou muito quem escuta. Se chega alguém trazendo elogio ou trazendo crítica, sou eu quem responde. A Aimê, a estagiária, é quem responde os e-mails massivos que chegam. Então, ela filtra e passa para as pessoas. Eu tenho contato com os apoiadores, com quem me manda e-mail da *newsletter*. Se a Aimê recebe e tem dúvida sobre abuso ou assédio, aí manda para a Marília, que responde sobre o PenhaS. Se tem tal coisa, manda para outra pessoa. Mas eu sou a pessoa que pensa muito essa relação, que pensa muito esse contato, então eu acho que, de alguma forma, eu sou o intermédio entre o que a organização é hoje, onde ela quer chegar há algum tempo e esse leitor, apoiador, que está ali na base, que está ali do lado, lendo e apoiando. Quando eu pedi para sair da AMMA, eu pedi para sair porque eu não aguentava mais. O chocolate continua sendo maravilhoso, mas a empresa não é.

[00:46:03] Entrevistadora: Que pena!

[00:44:04] Entrevistada: É muito decepcionante, é muito frustrante. Eu saí esgotada, muito, muito. Eu tinha combinado que eu iria ficar até o fim do mês de dezembro, mas, no dia 10, eu falei: “Pessoal, eu não tenho mais condições. Eu estou saindo” e foi o meu último dia. Antes, eu tinha ido para São Paulo para montar a loja. Eu fui para a 25 de março para fazer compras. Eu voltei dessa viagem e eu não conseguia trabalhar; eu só fazia chorar, porque eu saí de lá e as coisas não estavam funcionando. Eu fiquei tão frustrada, mas era uma coisa que não tinha nada a ver comigo: montando loja física, comprando coisas de cozinha.

[00:46:50] Entrevistadora: Não é nem um pouco a sua função.

[00:46:51] Entrevistada: Eu voltei frustrada por não estar fazendo bem-feito e por não estar fazendo o meu trabalho. Eu só chorei por dois dias. Eu fui lá conversar, para tentar conciliar e fiz uma proposta para reduzir a carga horária. Isso é para falar que, nesse movimento de sair da AMMA, eu já queria procurar alguma coisa. Eu fiz um curso de *Product Manager*, na Udacity, por quatro meses, e também me inscrevi depois em outro curso de UX Design. Quando eu entrei agora, eu fiz algumas pesquisas para entender a audiência: fiz pesquisa com apoiador, pesquisa com leitor, pesquisa com... Era só formulário (questionário).

[00:47:34] Entrevistadora: Que legal! Então você vai conseguir me responder melhor. Eu sempre coloco a pergunta: “Você sabe quem é o público de vocês?”. As meninas, geralmente, respondem: “Eu acho que são mulheres, jovens”.

[00:47:48] Entrevistada: Essas pesquisas, eu as apresentei em um congresso também. São bacanas. Ainda é incipiente, é o início e ainda estão criando esses instrumentos. Mas tem alguém pensando nessas ferramentas, nesses mecanismos. A gente viu no formulário, que, na pesquisa de apoiadores, as pessoas tinham interesse em cursos sobre feminismo, curso sobre tecnologia, então, nessa campanha, a gente colocou dois cursos da gente: um da Bárbara e outro da Helena. Só que não saiu ainda. Então, a gente acha que talvez seja o custo que seja alto. A gente não pode mexer nesse valor da recompensa. A gente tem outros cursos de tecnologia. A gente vai abaixar um pouco o valor.

[00:48:31] Entrevistadora: Eu vi os cursos. Inclusive, a minha colaboração foi para fazer esse da Helena.

[00:48:37] Entrevistada: Ah, foi? Que bom! Eu tenho acesso à lista, mas eu não sei quem doou com cada coisa. A gente fez um esforço: “As pessoas têm interesse. Vamos testar”. A gente está vendo que talvez seja o preço mesmo. Vamos ver. A gente quer gravar e, de repente, colocar como recompensa fixa. Tem algumas coisas que a gente testou; e eu acho que é bom ter alguém olhando isso, pensando. Isso é bom para a gente se inscrever em edital e ter mais dados. A gente ganhou agora um edital do Google e da CNI. Lá tem alguns dados dessa pesquisa. “Nosso público é assim, assim, assim. Nosso público tem interesse nisso. A gente precisa investir nisso”. Isso foi bem bacana.

[00:49:25] Entrevistadora: Para manter o projeto, a iniciativa. Isso também é uma coisa que eu sempre pergunto: desde que eclodiu a Primavera Feminista, surgiram várias iniciativas, como *AzMina* - nenhuma tão grande quanto, mas surgiram diversas. Muitas delas desapareceram nesse meio tempo. Duraram um ou dois anos. *AzMina* consegue se manter. Por que você acha que isso acontece?

[00:49:53] Entrevistada: Ali, no início, todo mundo era voluntário e tinha um trabalho paralelo. Eu acho que Carol conseguiu organizar isso. Carol conseguiu fazer com que o dinheiro chegasse de uma conta. Conseguiu se especializar e aprender ali. Todo mundo ali era jornalista; ninguém sabia, ninguém empreende. A Carol trabalhava com economia no *Valor*, mas ela conseguiu ver que, naquele momento, o financiamento de fundações era importante. Então, elas aprenderam a escrever projetos, para submeter. Ela não conseguiu todos de primeira, mas foi conseguindo e foi se estruturando. Esse dinheiro era para “contratar consultoria para tal coisa”. Então, contratava a consultoria, entendia e passava para outra coisa. A verba vinha e também servia para ensinar a gente para aprender a fazer tal coisa - como fazer projeto, como fazer mais questões de RH, questão mais administrativas, de planejamento, de coisa ao longo prazo. Ano passado, elas tiveram consultoria de planejamento. Isso é bacana: ter um dinheiro e pegar esse dinheiro para investir. Foi legal porque *AzMina* conseguiu um financiamento institucional, e é isso o que faz a diferença, que é da Mama Cash e da OSF. Eles deram dinheiro: “faz o que você quiser”. É um dinheiro livre

para investir na instituição; não é um dinheiro para você criar um aplicativo ou criar um *chatbot*.

[00:51:44] Entrevistadora: Como geralmente são os outros editais?

[00:51:46] Entrevistada: Quando é o financiamento institucional, é para o desenvolvimento da instituição. Acho que essa foi a grande virada de chave, que, se eu não me engano, foi em 2019 – está acabando agora esse financiamento. Foi uma grana boa. Com o dólar alto, bem cotado, foi melhor ainda. Foi um momento bom - claro que, com isso, tudo aumenta -, mas, pensando no momento dólar alto, foi muito bom para a organização. O dólar estava a mais de cinco reais, o que foi muito bom nesse momento, porque eu vou receber em dólar.

[00:52:21] Entrevistadora: Faz muita diferença, por essa perspectiva. Teve uma pergunta, que acabou ficando para trás, que eu queria fazer para você e é ainda sobre a sua vida pessoal. Você já se sentiu acuada por se identificar com a causa feminista, em algum momento ou em alguma circunstância - não só fora do digital, mas também virtualmente?

[00:52:48] Entrevistada: Não. Não consigo pensar em nada.

[00:52:52] Entrevistadora: E já sofreu algum embate ou algum tipo de violência, por ter opiniões feministas?

[00:53:02] Entrevistada: Não.

[00:53:04] Entrevistadora: Beleza! Você me contou um pouco sobre a sua rotina. No seu dia típico de trabalho, você começa ali pelas 09h30 ou 10h00, e trabalha por oito horas, participa das reuniões. Com quem você tem mais contato, geralmente? Com a Carol e com a Ray mesmo?

[00:53:18] Entrevistada: Com a Carol e com a Ray. Agora que eu estou em campanha, estou tendo muito contato com a Helena, com a Bárbara Miranda, da arte. Nesse momento, eu estou pensando e criando conteúdo para a rede social, então tem que aprovar e propor. Tenho muito contato com a Aimê também, que é estagiária. Eu estou em um momento bem cheio de trabalho, bem produtivo, com muita coisa diferente. A gente lançou uma campanha também, no começo do ano, que foi um momento agitado, em março. Mas os outros meses foram para organizar, estruturar, de criar processos, de fazer o bê-á-bá, criar relatório, gerar

relatório, mandar e-mail toda semana, implementar a plataforma de e-mails automáticos, aprender a mexer na plataforma, implementar e-mails automáticos (por exemplo, hoje, quando a pessoa se cadastrar na *newsletter*, ela recebe um e-mail automático – “Oi. Seja bem-vinda”; depois, ela recebe a *newsletter*). Tudo isso – não está tão claro – foram coisas que eu fui criando e que fazem parte do relacionamento, que fazem parte dessa acolhida, de mostrar para a pessoa que ela está sendo vista, que ela tem um canal ali para ela conversar; mas também tem a estratégia de que ela vire um apoiador no futuro. Também fiz campanha de *lead*, para conseguir cadastro para a *newsletter*, então tive que aprender a fazer isso no Facebook. A gente vai configurando tudo e aprendendo. Às vezes não dá certo. Mexer com tecnologia, nossa! A gente acha que fez tudo em um segundo e está resolvido, mas não. É muito retrabalho!

[00:54:58] Entrevistadora: Tem muita coisa que tem que adaptar. O que te gera mais satisfação no trabalho?

[00:55:05] Entrevistada: É saber que o lucro do trabalho é para o social, que é para produzir conteúdos que vão ajudar mulheres ou para realizar projetos que vão ajudar uma mulher. É ver o impacto disso, é saber do impacto. Muito mais do que ter um *superávit* ou uma remuneração extra no fim do ano, é saber que o que eu estou fazendo está ajudando outras pessoas. Isso para mim é muito importante.

[00:55:30] Entrevistadora: Tem alguma coisa que te deixa insatisfeita no trabalho?

[00:55:35] Entrevistada: Não.

[00:55:37] Entrevistadora: Você entrou e a pandemia já estava aí há quase um ano. Mas como você acha que esse contexto de pandemia impactou o trabalho da revista e o movimento feminista, como um todo?

[00:55:55] Entrevistada: Eu acho que as meninas se adaptaram bem; conseguiram crescer nesse momento; conseguiriam continuar produzindo conteúdo e continuar fazendo projetos, então eu acho que o trabalho remoto não foi um empecilho para esse crescimento ou para esse desenvolvimento. Elas lançaram várias coisas nesse período, então eu acho que a equipe se adaptou bem também. E muito estar aberto para a escuta, para a acolhida e para

as questões do ser humano. Cada um ali é um ser humano, por mais que tenha um papel ali a cumprir, que tem questões pessoais. Nesses encontros a gente fala sobre quais são os problemas de cada um. O que mais? Como se adaptou e...?

[00:56:38] Entrevistadora: E também como a pandemia se refletiu no movimento feminista como um todo, para além da revista.

[00:56:44] Entrevistada: Eu acho que o movimento feminista também teve que... Eu faço algumas reuniões com um dos financiadores da gente e com o Fundo Elas. Foi muito legal, para mim, ver como as necessidades da causa da mulher são bem diferentes. Acho que o financiamento era de R\$ 6.000,00. Tem gente que recebeu esse financiamento e comprou cesta básica, acolheu mulheres, pagou aluguel e que fez panfletos para dar nas ruas e fez máscaras, porque as pessoas precisavam. Tem uma senhorinha da comunidade do Acre, uma comunidade indígena, que, com parte da verba, comprou uma canoa, porque o projeto dela precisava de uma canoa para atravessar o rio. Então, participar dessas reuniões para mim - é a tarde inteira e é bem cansativo ficar ali só ouvindo... A gente fala por trinta minutos e fica ouvindo o resto de 30 pessoas falando. Mas, para mim, me dá um senso de realidade muito grande e de ver o quanto o movimento feminista e as causas são completamente diferentes. *AzMina* hoje estão em um patamar de estrutura, de planejamento, que outras organizações não têm. Quem está fazendo o trabalho social de base tem outras demandas que são muito urgentes: o que comer, o que vestir, onde morar. Para a gente, isso já está superado, enquanto pessoa e enquanto profissional que está trabalhando, mas também enquanto entrega, porque a gente está entregando para uma pessoa que tem acesso à internet para baixar um aplicativo ou que tem internet para ler uma reportagem, porque ela é alfabetizada e consegue entender e consegue dialogar tendo um pensamento mais crítico. Então, a gente está em outro patamar - não que seja maior ou melhor -, que é outro estágio. Eu acho que todo mundo teve que se adaptar, porque foi um momento único (ninguém nunca tinha vivido uma pandemia) e as prioridades, de alguma forma, foram hierarquizadas ali. Eu acho que o movimento se fortalece de alguma forma, por ter mais gente disposta a ajudar, por ter mais gente disposta a olhar para o outro. Não estou dizendo que a pandemia foi boa.

Claro que não foi boa. Mas ela sensibilizou um pouco as pessoas - eu espero, pelo menos. Eu não tenho certeza, mas espero que as pessoas estejam mais sensíveis a acolher essas diferenças e todas essas questões.

[00:59:17] Entrevistadora: A coletividade, né? Com relação a essa conjuntura de ampla disseminação de *fake news*, como você acha que isso atinge a revista e o trabalho de vocês?

[00:59:33] Entrevistada: Que eu saiba, a gente não é alvo tão direto de *fake news*, a não ser no episódio da Damares e do processo da justiça lá.

[00:59:41] Entrevistadora: Do aborto, né?

[00:59:44] Entrevistada: Sim. Ali, eles vieram atacar. Teve dois processos de justiça, que foram arquivados. O deputado que abriu, entrou de novo. Ele entrou em várias varas. É assédio judicial. Então, a gente está recorrendo de novo. Já havia sido arquivado, mas ele está pegando vários processos e está abrindo em vários lugares. É surreal! Eu acho que esse foi o momento em que mais pesou.

[01:00:15] Entrevistadora: Além do emocional, tem todo um desgaste financeiro também para vocês.

[01:00:21] Entrevistada: Sim! A gente conta com um advogado *pro bono*, que é super bacana.

[01:00:25] Entrevistadora: Ótimo! Nas primeiras entrevistas que eu fiz, acho que, na primeira, eu conversei com a Luisa Toller. Ela me contou essa história e o quão impactante foi para todo mundo, inclusive para ela, que é colunista. Ela me falou sobre isso.

[01:00:43] Entrevistada: Sim, porque o processo é nominal, em nome da Helena. "Você está sendo intimada para depor". É a pessoa, né?

[01:00:50] Entrevistadora: Foi para a Helena ou para a Thais também?

[01:00:53] Entrevistada: Eu acho que foi só para a Helena.

[01:00:55] Entrevistadora: Eu achei que tinham sido as duas, nominalmente as duas.

[01:00:58] Entrevistada: Eu acho que foi só a Helena, tanto que voltou agora só para a Helena. Eu acho que esse momento, por mais que tenha sido ruim, também deu visibilidade. Não dá para negar que não deu.

[01:01:10] Entrevistadora: As experiências acabam dando visibilidade, né?

[01:01:13] Entrevistada: Sim! Ao mesmo tempo que tem gente atacando, tem gente defendendo. Isso é bom!

[01:01:18] Entrevistadora: Além desse episódio, eu me lembro da Carol contando que, com frequência, vocês enfrentam ataques ao site, por exemplo.

[01:01:28] Entrevistada: Sim! No ano passado, eu acho que teve uns dois, de gente querendo derrubar o site.

[01:01:37] Entrevistadora: Você acha que a iniciativa tem muitos *haters*?

[01:01:40] Entrevistada: Com certeza! Sem dúvida!

[01:01:44] Entrevistadora: É também porque *AzMina* é mais conhecida. Eu me lembro de quando eu conversei com a criada do *Lado M*. Ela me disse: “A gente, no início, tinha. A gente recebia muitas ameaças. As ameaças nunca saíram do papel nem se concretizaram, e acabaram desaparecendo. Nos três últimos anos, a gente nunca recebeu nada”, ela me contou. Mas eu acho que é diferente também, porque *AzMina* é bem maior que o *Lado M*.

[01:02:10] Entrevistada: É! E a gente falou de aborto, né? É um tema tão complicado ainda.

[01:02:19] Entrevistadora: Quando ganha essas dimensões também... Chegou na Damares.

[01:02:25] Entrevistada: Pois é! Que erro, né? Que pessoa errada!

[01:02:31] Entrevistadora: Pessoa errada e perigosa.

[01:02:34] Entrevistada: Ouça esse *podcast*. Tem uma fala dela... Eu não vou dar *spoiler*, mas é ela contando como ela travou uma votação na comissão. O que ela fez? Ela conversou com a Marinha e fez com que a Marinha fizesse um convite para “x” deputados, para conhecer a Antártida. Os deputados não foram e a sessão foi cancelada porque eles estavam na Antártida. É estrutural! Ela articulou a Marinha, para tirar a galera ali. Você não precisa enfrentar; é só fazer o convite ali. Talvez você nem saiba que eu estou por trás, mas você vai esvaziar e não vai ter votação.

[01:03:15] Entrevistadora: Eu tenho uma amiga que trabalha no Ministério dela. Ela diz: “Essa mulher é muito esperta. Ela é muito inteligente”. É diferente do Bolsonaro, porque ela vai fazendo tudo silenciosamente, e ela está conseguindo passar todos os estragos dela, sem dificuldade, porque ela sabe administrar e sabe levar as pautas para a frente.

[01:03:37] Entrevistada: O Bolsonaro também! Ele é um filho da puta, mas ele sabe. Ele não é estúpido. Ele não é burro, não.

[01:03:41] Entrevistadora: Eu acho o Bolsonaro, em particular, muito burro, mas os filhos não.

[01:03:47] Entrevistada: É! Eu acho que o Flávio, pelo menos, é esperto.

[01:03:50] Entrevistadora: Eu acho que o Carluxo também é.

[01:03:52] Entrevistada: O Carluxo! Mas é muito do mal, né?

[01:03:55] Entrevistadora: Muito! É triste. Nossa realidade é triste, mas espero que melhore. Eu estou feliz! Eu me vacinei ontem. Estou com mais esperanças.

[01:04:04] Entrevistada: Eu me vacinei tem 15 dias. É uma felicidade que eu nunca tinha sentido.

[01:04:08] Entrevistadora: Nossa! Eu saí chorando. É surreal! Na hora que a moça me chamou para sentar na cadeirinha para tomar a vacina, eu olhei para ela: “Sou eu?”. Ela começou a rir e disse: “É. Pode vir”. Então, é isso, Verena. Eram essas as perguntas que eu tinha para te fazer. Você tem alguma outra colocação?

[01:04:29] Entrevistada: Não. Estou tranquila. Obrigada!

[01:04:31] Entrevistadora: Eu que agradeço! Caso você queira ver ou caso você lembre de alguma coisa, você pode me dizer, pode entrar em contato.

[01:04:38] Entrevistada: Tá! Manda o trabalho também, no final.

[01:04:40] Entrevistadora: Com certeza! Ainda vai demorar um pouquinho.

[01:04:44] Entrevistada: Se você achar, de repente, um artigo, manda para a gente ou alguma análise que você consiga tirar. Acho que vale!

[01:04:55] Entrevistadora: Eu mando, sim. Eu acabei de passar pela qualificação, então estou no meio do doutorado. Eu consegui uma bolsa para fazer uma parte do doutorado em cotutela na França, então, no fim, o que vai sair é uma comparação dos veículos de midiativismo do Brasil e de lá. Eu acho que o trabalho vai ficar bem interessante.

[01:05:19] Entrevistada: Quando você vai?

[01:05:20] Entrevistadora: Em dezembro, se os vistos começarem a ser liberados.

[01:05:24] Entrevistada: Eu tenho uma amiga que tem um restaurante em Paris. É um restaurante brasileiro, que fica no mercado. Você vai ficar em Paris?

[01:05:33] Entrevistadora: Não, porque Paris é muito caro. Eu vou para Rennes.

[01:05:36] Entrevistada: Mas se você for a Paris, para passear, e quiser comer comida brasileira... Eu vou te mandar o link. Ela é maravilhosa. Ela é jornalista também. Trabalhou até na *Veja*. Depois foi fazer cozinha e abriu esse restaurante lá. Se você quiser os dados da pesquisa, eu posso ver o que eu posso te passar.

[01:05:56] Entrevistadora: Sim! Sim, por favor.

[01:05:58] Entrevistada: Me diz o que você quer.

[01:05:59] Entrevistadora: A dos públicos, que você fala?

[01:06:01] Entrevistada: É!

[01:06:02] Entrevistadora: Eu quero entender quem são as leitoras e qual é o perfil (faixa etária, região onde moram). Vocês têm esses dados?

[01:06:11] Entrevistada: A gente tem uma pesquisa que está no ar. A última vez que eu olhei, ela não tinha tanta amostragem. Não sei se para você serve. Ela tinha 170 respostas.

[01:06:23] Entrevistadora: Já ajuda. Eu acho que já ajuda. Eu falei com leitoras. Eu acho que eu falei mais com leitoras da *AzMina* do Sudeste e Sul. Eu me lembro, por exemplo, que do *Lado M...*

[01:06:42] Entrevistada: De São Paulo é a maioria.

[01:06:43] Entrevistadora: É a maioria. Mas no *Lado M*, o que me chamou atenção foi que, embora a maioria das colaboras sejam de São Paulo, as leitoras não necessariamente são. Eu falei com uma menininha - eu digo "menininha" porque ela tem 17 anos -, que foi uma das histórias que eu achei mais legal. Ela é da Paraíba, do interior. Ela me contou que tem 17 anos. É uma fofa a menina. Eu até continuo seguindo ela no Instagram e interajo com ela ainda. Ela trabalha como faxineira, ainda está na escola e, dentro do contexto familiar dela, quando ela começou a ter contato com esses conteúdos feministas, ela começou a perceber muita coisa errada dentro de casa, aí começou a enfrentar o pai dela, até que o pai dela expulsou ela de casa. Hoje ela já voltou para casa. Mas ela resolveu que ia entrar em embates

com ele, porque ela não gostava de ver ele tratando a mãe dela mal. Aí, dentro de casa, ela começou a se posicionar. A mãe dela começou também a entender certas coisas que, na relação dela com o pai, não eram legais. A menina está conseguindo mudar um pouquinho as relações familiares.

[01:07:58] Entrevistada: Que bom! É sobre isso, né? Então, está bom! Me escreve um e-mail que eu te respondo.

[01:08:04] Entrevistadora: Está bom! Muito, muito obrigada.

[01:08:06] Entrevistada: Por nada! Beijo!

[01:08:08] Entrevistadora: Qualquer coisa que você precisar, eu fico à disposição.

[01:08:10] Entrevistada: Está bom!

[01:08:12] Entrevistadora: Beijo! Tchau, tchau.

[01:08:14] Entrevistada: Tchau!

Apêndice G

Entrevistas com as leitoras e o leitor

Alícia - leitora *Think Olga*

[00:00:01] Entrevistadora: Obrigada! Depois - ou agora, você quem sabe - você pode me dizer se você prefere ficar anônima ou se não tem problema, para você, que saia o seu nome na pesquisa. Fica a seu critério, está bom?

[00:00:16] Entrevistada: Depois, você me explica como vai sair: se vai ser um site ou se vai ser uma tese. É só para eu ter uma ideia. Mas eu não me importo, não.

[00:00:24] Entrevistadora: A princípio, vai vir tudo transcrito na tese, no finalzinho. Se você quiser que eu cite o seu nome, ao longo do trabalho, eu posso fazer referência ao que a gente conversou, juntando com a parte teórica, de análise. Eu pretendo, depois de realizar todas as

entrevistas, fazer um perfil sobre as pessoas que toparem ser perfiladas - um perfil jornalístico mesmo, para depois juntar com a tese e, eventualmente, divulgar no final.

[00:01:01] Entrevistada: Está bom. Tranquilo!

[00:01:03] Entrevistadora: Então, está bom! Vamos, primeiro, para as perguntas gerais. Você mora em Minas, né?

[00:01:12] Entrevistada: Isso! Eu moro em Minas, em São João Del Rei.

[00:01:14] Entrevistadora: Você se formou agora, recentemente? Foi isso?

[00:01:19] Entrevistada: Isso! Me formei pela UFSJ, que é a Universidade Federal de São João Del Rei, que fica aqui. Ela está em outras quatro cidades, mas o campus onde eu estudei fica aqui, de Comunicação Social, com ênfase em Jornalismo.

[00:01:35] Entrevistadora: Você disse que está pensando em fazer o mestrado em Comunicação e Gênero também. Na UnB, está se fortalecendo mais o campo de Comunicação e Gênero. A gente tem disciplinas voltadas para isso, tem alguns grupos de pesquisa.

[00:01:52] Entrevistada: Tem um que se chama *Démodé* - alguma coisa assim.

[00:01:56] Entrevistadora: Eu participo de um que se chama Madalenas em Ação.

[00:02:01] Entrevistada: Eu já ouvi falar de um que se chama *Démodé*. Eu achei o máximo!

[00:02:08] Entrevistadora: Eu não conheço esse dentro da UnB, não. Lá na FAC tem esse Madalenas em Ação e uma professora, que inclusive é quem coordena esse projeto de pesquisa, dá a disciplina de Comunicação e Gênero. Mas tem muitas opções já dentro do país e tem a pós-graduação em Gênero na UFBA. Mas aí é mais voltada para gênero mesmo, só gênero.

[00:02:33] Entrevistada: Sim, sim. Eu fiz passagem acadêmica lá. Mas eu não consegui puxar, Mariana, para esse curso especificamente. Eu puxei para Jornalismo, no final.

[00:02:42] Entrevistadora: Eu tenho uma amiga que faz graduação lá, em gênero. Depois, ela quer tentar um mestrado.

[00:02:47] Entrevistada: Que massa!

[00:02:49] Entrevistadora: Qual é a sua idade (ou, se você preferir, pode falar a faixa etária)?

[00:02:54] Entrevistada: Eu tenho 23 anos.

[00:02:58] Entrevistadora: Você já está trabalhando? Você se formou agora. Já começou ou ainda não?

[00:03:03] Entrevistada: Eu estou procurando emprego. Eu estou temporária em uma companhia de teatro. Eu estudei lá em um curso técnico, e eles me chamaram para fazer a parte de assessoria de imprensa; na verdade, comunicação, em geral: assessoria de imprensa, redes sociais e projetos educacionais do teatro.

[00:03:25] Entrevistadora: Legal! Você atua também?

[00:03:28] Entrevistada: Não. Eu não dou muito bem para isso, não. Eu fico na parte de trás, na produção, na fotografia. Eu não atuo, não.

[00:03:38] Entrevistadora: Agora eu vou entrar um pouquinho mais nas questões que são sobre feminismo mesmo. Você se considera feminista?

[00:03:45] Entrevistada: Sim!

[00:03:46] Entrevistadora: Por quê?

[00:03:50] Entrevistada: Eu acho que o feminismo é um movimento social que é necessário, atualmente. Sempre foi necessário, mas com a onda de extrema-direita que está rolando no mundo, se torna mais necessário. Eu não tenho nem palavras. É um movimento que não é só em prol da melhoria de vidas das mulheres, mas de toda a sociedade. Se a gente apoiar as mulheres a terem direitos e a viverem com segurança, de forma justa e sem medo, a gente vai melhorar a sociedade como um todo. Aí também entra o movimento LGBTQIA+ e as gerações futuras. Então, eu me considero feminista e eu acho importante o feminismo, porque o mundo não está bom do jeito que está e algumas pessoas têm que se mobilizar para melhorar ele. As pessoas do gênero feminino, normalmente, são as que mais sofrem e as que não se encaixam no binarismo. Elas são as que mais sofrem com os padrões impostos pela sociedade. Não sei se eu respondi...

[00:05:09] Entrevistadora: Respondeu, sim. Você me falou que você se considera feminista, mas eu queria saber melhor o que é ser feminista para você.

[00:05:22] Entrevistada: Pergunta difícil! Eu estou me descobrindo aos poucos. Ao mesmo tempo em que eu me considero feminista sozinha, eu entendo que o feminismo não é um movimento de um só (de uma pessoa só). Eu tenho tentado entrar em coletivos e não ficar só no mundo acadêmico. Eu me considero feminista desde adolescente, mas eu fui entendendo melhor o feminismo com o tempo. Eu considero que ser feminista é lutar por um mundo mais justo e mais igualitário (igualitário no sentido de direito e de respeito à diversidade entre as pessoas) e que o mundo seja mais seguro para as mulheres e para as pessoas que não são do gênero masculino e não se consideram cisgênero. É lutar por uma sociedade melhor, por uma realidade melhor.

[00:06:22] Entrevistadora: Você falou que foi na adolescência que você se descobriu feminista. Você lembra como foi? Teve uma ocasião específica ou foi acontecendo gradativamente?

[00:06:36] Entrevistada: Eu sou bissexual ou pansexual - ainda não me defini bem. Tem gente que fala que é a mesma coisa; tem gente que fala que não é a mesma coisa. Mas o que for mais amplo é o que eu sou. Quando eu era adolescente, a primeira pessoa que eu namorei era uma menina. Na escola, eu tive que bater de frente com muita gente e em casa também e tive que me afirmar. Eu tive que levantar uma bandeira de uma coisa. Ser bissexual, na época, era como se fosse - desculpa a palavra - putaria. Eu tive que me expor e levantar bandeiras e falar: "Estou aqui. Não concordo com certas atitudes e com certos padrões de escola". Foi por uma questão de cunho pessoal. Muitas vezes a história de uma pessoa faz ela se tornar feminista. Infelizmente, a gente passa por certas frustrações, que fazem com que a gente decida se aproximar de teorias ou de correntes, para entender aquilo como não culpa nossa, mas como culpa de um sistema. Foi mais por questões pessoais. Eu me descobri não-hétero com 12 para 13 anos e, desde então, eu tive que bater de frente com algumas coisas, na escola, em casa...

[00:08:09] Entrevistadora: Você já morava em São João Del Rei?

—

Ligação caiu. Na sequência, a chamada foi retomada.

—
[00:00:01] Entrevistada: Desculpa! Você quer voltar para gravar de novo, porque perdeu a outra, ou não?

[00:00:03] Entrevistadora: Não, não. Não perdi, não. Ele fica salvo automaticamente. Me desculpa! Acho que caiu, né?

[00:00:08] Entrevistada: A minha avó ligou junto, aí a ligação dela desligou a sua.

[00:00:12] Entrevistadora: Entendi! Eu achei que tinha caído. Mas não tem problema, não.

[00:00:19] Entrevistada: Eu estava te falando como começou. Então, foi isso: eu tive que bater de frente com certas normas, padrões, na escola, em casa, na rua.

[00:00:28] Entrevistadora: Eu estava te perguntando se você já morava aí.

[00:00:32] Entrevistada: Já! Eu nasci no Rio de Janeiro, mas eu já morei em vários lugares, porque minha mãe é turismóloga. Tem 11 anos que eu moro em São João Del Rei. A minha adolescência foi aqui.

[00:00:49] Entrevistadora: Como essa identificação com o feminismo afetou a sua vida? Você já comentou um pouquinho que teve alguns embates dentro de casa, na escola.

[00:01:03] Entrevistada: Você pode repetir a pergunta?

[00:01:07] Entrevistadora: Como essa identificação sua com o movimento feminista afetou a sua vida?

[00:01:13] Entrevistada: Afetou de forma positiva. Obviamente, entram questões na mente, que eu ficava raciocinando: “Meu Deus! Como eu aceitava isso em tal época?”. Mas o mundo vai mudando e o feminismo vai chegando mais longe, então está conseguindo entrar de forma mais ampla na minha vida. Afetou de uma forma positiva, porque eu passei a não aceitar certos tipos de comportamentos e atitudes de outras pessoas. Por exemplo, quando eu era adolescente, eu namorei algumas meninas, né? Até com elas, eu enfrentei situações machistas vindo delas, que eu só fui entender muito tempo depois, porque eu não estudava feminismo. Eu me considerava feminista, mas eu não entendia que tinha uma genealogia toda por trás do feminismo e eu não tinha esse conhecimento.

[00:02:06] Entrevistadora: É muito enraizado, né? Me desculpa.

[00:02:10] Entrevistada: Pode falar. Não tem problema, não. No meu âmbito social, apesar de eu ainda não falar para os meus amigos que eu era LGBT, eu não tinha essa conversa sobre feminismo. No máximo, a gente tinha sobre o movimento LGBT. Mesmo assim, era mais sobre o movimento gay. Não tinha essa discussão. Eu estava com 14 e meus amigos tinham 21. Eles já estavam na faculdade, mas a gente não tinha essa discussão. Não chegava, se você considerar que eu moro no interior de Minas Gerais. Eu só não moro no interior, porque eu moro a quatro horas e meia do Rio e a três horas de Belo Horizonte. Não chegava! Eu estudava em uma escola particular, que era uma bolha, muito longe da realidade.

[00:03:02] Entrevistadora: Depois, você foi para a universidade e passou a ter mais contatos com esses debates?

[00:03:09] Entrevistada: Sim, sim. Na universidade, eu não tive nenhuma matéria específica de gênero, mas... Quando eu estava na universidade, no início, rolou um término de relacionamento muito, muito abusivo, muito tóxico. Aí eu tive que entender o que estava acontecendo. O menino que terminou comigo terminou colocando toda a culpa em mim, mas não era. Obviamente, em um relacionamento você considera as duas, e não uma pessoa de um lado só. Foi um processo muito difícil para entender tudo. Eu tive que começar a fazer terapia ou eu ficaria completamente louca. Eu fiquei em dúvida sobre o que fazer. Aí, eu fui, a partir da terapia e do convívio com a universidade, tendo acesso a textos feministas e a ideias feministas, que me indicaram como lidar com as coisas. Teve um canal no YouTube, que fez muita diferença na época - hoje em dia não está mais ativo -, que era o canal da Jout Jout.

[00:04:23] Entrevistadora: Então, você começou acessando conteúdos feministas pelo YouTube?

[00:04:30] Entrevistada: Quando saiu aquele vídeo “Não tira o batom vermelho” - ou alguma coisa assim -, eu estava no último ano da faculdade. Também foi em 2015 que foi lançado a campanha #MeuPrimeiroAssedio da *Think Olga*.

[00:04:44] Entrevistadora: Sim, quando teve a Primavera Feminista, né? Você comentou que você participa de coletivos de militância feminista.

[00:05:01] Entrevistada: Eu estou querendo entrar em coletivos de militância feminista, fora da academia. Eu tenho procurado alguns, mas é tudo muito fechado e não tem uma sede física. São encontros pontuais. Com a pandemia, ficou muito difícil de chegar. Tem o Instagram ali, mas, geralmente, não é uma pessoa de comunicação que fica por conta. Uma pessoa responde - sei lá - a cada duas semanas. Então, eu ainda não consegui entrar. Foi depois do meu TCC que eu falei: “Meu Deus! Eu preciso focar nisso. Eu preciso entrar em um coletivo porque eu sei que só ficar no *on-line* não funciona e não chega tão longe”. Eu não parava, e ainda tinha o teatro, então eu não tinha esse tempo para: “vamos sentar e estudar o feminismo”.

[00:05:57] Entrevistadora: Você se sente ou já se sentiu, de alguma forma, por você se identificar com a causa feminista, acuada?

[00:06:11] Entrevistada: Em que âmbito?

[00:06:13] Entrevistadora: No âmbito virtual ou mesmo nas suas relações interpessoais ou na rua, em alguma circunstância.

[00:06:23] Entrevistada: Na família, tem essa visão que eu sou feminista radical, mas eles não sabem o que é feminista radical. Eu já fui chamada de feminista radical algumas vezes, por falar questões muito básicas, como distribuição de tarefas entre casais dentro de casa. “A Alícia é feminista radical”.

[00:06:44] Entrevistadora: Isso, na sua família?

[00:06:45] Entrevistada: É! Isso mais pela minha mãe e minha avó, e meu padrasto. Meu pai faleceu com 30 anos e ele falava: “Alícia, mas tal e tal coisa?”. Ele era muito reacionário. Então, na família, rolava isso. Tanto que a minha família não sabe que eu sou bissexual. Imagina se eles soubessem.

[00:07:12] Entrevistadora: Você acha que seria mais grave a situação?

[00:07:19] Entrevistada: Eu acho que sim. Eu tenho uma bisavó, de 93 anos. Eu tenho muito medo de falar essas coisas e ela passar mal, entendeu?

[00:07:28] Entrevistadora: 93? Muito legal!

[00:07:32] Entrevistada: Eu tenho a minha avó e a minha bisavó por parte de mãe. Por parte de pai, eu não tenho. Por parte de pai, minha família é da Argentina e os meus bisavôs eu não conheci. Eu sou mais próxima da família da minha mãe, aí eu tenho medo de falar alguma coisa e a bichinha enfartar. Eu estou guardando! Eu não acho que ninguém precisa sair do armário. Eu acho que tem que sair, porque é muito válido, mas não acho que tenha que ter essa obrigação, tendo em voga a saúde das pessoas ou a saúde da própria pessoa que vai falar isso, porque tem gente que vai sair do armário e vai apanhar a todo momento.

[00:08:11] Entrevistadora: É delicado! Eu tenho uma prima que não se assume para a avó dela, embora toda a família saiba. A avó dela é minha tia-bisavó, e é extremamente conservadora, muito tradicionalista.

[00:08:31] Entrevistada: A minha avó é também.

[00:08:32] Entrevistadora: É também? A avó da minha prima já reclama. A minha prima leva a namorada para a casa da avó como se fosse amiga. A minha tia-avó já reclama, dizendo que não gosta daquela menina que vai lá.

[00:08:44] Entrevistada: Quem te agride não vai saber te respeitar. Boa parte da minha família sabe, mas tem outra parte que eu prefiro não contar porque são bolsonaristas. Eu já não queria contar antes; depois de 2018 que eu desisti mesmo.

[00:09:03] Entrevistadora: Você tem uma parcela da família que é da extrema-direita?

[00:09:10] Entrevistada: Tenho.

[00:09:12] Entrevistadora: Essas situações são mesmo delicadas.

[00:09:14] Entrevistada: Tem algumas pessoas que se consideram apolíticas, que oscilam muito; tem um pouco de pessoas que são bolsonaristas; e tem a minha mãe e meu padrasto que não são PT, que não têm um posicionamento político, mas não são pró-Bolsonaro ou pró acabar com os direitos humanos. Eles não têm posicionamento pró-esquerda, mas eles também não são a favor do desmanche do Brasil.

[00:09:54] Entrevistadora: A próxima pergunta é se você já sofreu algum tipo de ameaça ou algum tipo de violência, por se alinhar com o feminismo. De novo: não é necessariamente no mundo físico, mas também digitalmente.

[00:10:13] Entrevistada: Eu não sou tão atuante digitalmente sobre o feminismo. Eu compartilho alguns memes, eu compartilho publicações que envolvem a causa feminista. Mas eu não tenho, por exemplo, um *feed* que fale sobre isso. No meu Instagram, eu sempre compartilho publicações feministas nos *stories*. Eu não sei se você chegou a entrar lá no meu Instagram para me achar, na hora que você estava me procurando. Eu não sou muito adepta... Quem convive comigo sabe e as pessoas que me seguem também sabem. Mas eu nunca sofri nenhuma retaliação, não. No máximo, pessoas deixaram de me seguir, mas nada aberto ou direto contra mim. Eu tenho muito apoio de (inaudível) e de amigos. Concordam ou compartilham as coisas ou reagem de uma forma positiva, por mais que eu não seja tão atuante. Meus perfis são todos fechados, não dá para ver nada. Se fosse aberto, talvez.

[00:11:43] Entrevistadora: E fora da internet?

[00:11:48] Entrevistada: Fora da internet? Não. Eu tenho uma amiga minha que apresentou o TCC, há umas duas semanas, sobre o coletivo de lésbicas do Amazonas e do coletivo lésbico do Pará. Ela entrou para apresentar o TCC e deu os primeiros minutos e invadiram a apresentação dela.

[00:12:07] Entrevistadora: Era *on-line*, né?

[00:12:08] Entrevistada: Era *on-line* mesmo, com um doutorando e um doutorando da UFA e uma moça da USP, como avaliadores. Invadiram a banca, ligaram no futebol no compartilhamento de tela, xingaram ela de "filha da puta". O perfil dela é muito mais aberto; o meu é fechado.

[00:12:33] Entrevistadora: Aconteceu uma situação parecida aqui na UnB, só que era um moço que estava apresentando uma pesquisa - era graduação - sobre a comunidade LGBTQIA+ e foi assim também: invadiram no comecinho. Foi aquela situação que ninguém sabia o que fazer.

[00:13:01] Entrevistada: Ela fechou e abriu outro link. A avó dela queria entrar. Ela não sabia muito como funcionava o Google Meet, aí entrou e ficou lá com eles. Ela falou: “Meu Deus! O que está acontecendo aqui?”. Aí, ela falou: “Gente, espera aí, que minha avó quer ver. Eu vou ligar para ela, para ela entender que a gente está em outro link”. Foi isso o que aconteceu! Mas uma parte da família dela ficou lá, sabe?

[00:13:27] Entrevistadora: Horrível isso!

[00:13:30] Entrevistada: Ela já estava nervosa por causa da apresentação. Depois disso...

[00:13:33] Entrevistadora: Sim! Atrapalha tudo, desanda!

[00:13:38] Entrevistada: Você me perguntou se pessoalmente... Não! Eu nunca recebi uma retaliação. No máximo, recebi piadas idiotas que partem de professores da escola. Eu sempre fui abençoada com os meus grupinhos. Acontece mais na escola de professor falar alguma merda ou alguma coisa muito feia e olhar para a minha cara e falar: “Lá vem a feminista”. Mas, na rua, acho que não.

[00:14:25] Entrevistadora: Beleza! Você comentou que você convive com pessoas que partilham do seu ponto de vista. Você falou das suas “bolhas”. Como é a sua relação com essas pessoas (amigos, amigas, conhecidas)?

[00:14:42] Entrevistada: Que compartilham isso comigo?

[00:14:43] Entrevistadora: Isso!

[00:14:45] Entrevistada: Por parte de amigas LGBTs, rola um certo receio porque tem uma vertente do feminismo que não aceita, por exemplo, mulheres trans. Eu tenho amigos e amigas trans e não-binários, que acabam ficando com certo receio de falar sobre feminismo comigo. Eu não sou dessa corrente. Eu sou super a favor do que a gente considera interseccionista, que está dentro do feminismo. Homem feminista é uma coisa complicada. Mas se o cara é hétero e segue todos os padrões hétero-normativos e falar que ele acredita nas ideias feministas, ok! Eu não sou contra que a pessoa fale. A gente precisa de aliados, para poder chegar com a mensagem mais longe.

[00:15:45] Entrevistadora: Engraçado você comentar isso. Eu entrevistei uma moça mais cedo e ela estava me contando que ela teve um filho agora, um bebezinho, e que ela sempre

se imaginou sendo mãe de menina e que ela ia criar uma menina feminista. Ela não tinha na cabeça a possibilidade de ter um filho, mas veio um menino.

[00:16:09] Entrevistada: Eu já não sei de mais nada.

[00:19:12] Entrevistadora: A gente estava conversando sobre isso: abertura para receber os homens no movimento.

[00:16:22] Entrevistada: Tem que ter. Não é o lugar deles provavelmente de fala. Mas banilos? Isso pode causar certo risco, que depois vai ser difícil de resolver. A gente precisa fazer alianças com eles, para chegar mais longe, como, por exemplo, na política. Ter um partido só de mulheres - pelo que eu saiba - não chega muito longe. Ainda precisamos desse tipo de aliança. Pode chegar um lá que ele fale: "Mulher tem que depilar, sim". Sempre que rola um encontro na faculdade, tem o esquerdo-macho que levanta a mão para falar merda. Mas deixa eu voltar à sua pergunta. Dos meus amigos, a maior parte deles é a favor de pautas feministas, mas às vezes não se pronuncia sobre. Eu acho que a maior parte dos meus amigos héteros é pró-aborto legal, mas, nas discussões religiosas, preferem não se pronunciar a respeito, até porque tem gente na família que é da igreja católica, então rola essa pressão social em cima das pessoas. Dentro da faculdade, rolam alguns atritos entre correntes feministas. Mas eu, por exemplo, ainda não consegui estudar o suficiente para eu poder falar: "Eu sou feminista e tal, tal, tal". Talvez eu possa me considerar feminista interseccional, mas eu não posso me considerar feminista interseccional radical rad. Eu ainda não consigo me ver em alguma vertente. Eu também não sei aonde isso vai me fazer chegar, entendeu?

[00:18:32] Entrevistadora: Nossa! Isso é tão delicado, Alícia. Toda vez que eu começo a ler sobre uma ou sobre outra, eu me identifico e penso que eu sou daquela vertente.

[00:18:44] Entrevistada: Se sai uma vertente nova: "Meu Deus".

[00:18:47] Entrevistadora: Agora eu estou lendo um livro maravilhoso sobre feminismo decolonial, de uma autora francesa. Aí, eu fico: "Nossa! Eu acho que eu não sou mais feminista interseccional. Agora eu sou decolonial". Mas a gente vai ler sobre ecofeminismo também, e é muito legal.

[00:19:03] Entrevistada: Com isso, às vezes, a gente bate de frente na faculdade. Por ser um ambiente mais acadêmico, rolam essas discussões. Às vezes, entre mulheres, acontece - não eu - de uma apontar o dedo na cara da outra: "Você não devia ser isso" ou "Você não devia ser aquilo". Aí, o debate fica mais pesado. Mas no meu ciclo social, dentro da minha bolha, a gente consegue conversar com certa calma. A minha bolha é muito ampla, tá? Por eu ter estudado em diversos lugares, eu tenho amigos desde a França até o Rio Grande do Sul, entendeu?

[00:19:47] Entrevistadora: Você morou na França?

[00:19:49] Entrevistada: Não. Quando eu estive na Bahia, eu acabei me aproximando muito dos estrangeiros. Eles me colocaram no grupo de estrangeiros. Eu tenho cara de gringa, porque eu sou muito, muito, muito branca. Aí, eu fiz amizade com o pessoal da Espanha, da França, da Colômbia, então eu acabo acompanhado movimento em diversos lugares.

[00:20:16] Entrevistadora: Você fala francês? Eu vi que você compartilhou no Facebook...

[00:20:19] Entrevistada: Ainda não. Eu falo espanhol e inglês. No francês, eu ainda estou de olho. Depois eu te conto porque eu estou sofrendo com os meus amigos, mas é porque eu quero fazer mestrado fora.

[00:20:34] Entrevistadora: Eu ia te contar isso também. Eu estou em processo, e já foi aceito na França, mas aqui no Brasil, na UnB, ainda está caminhando: eu estou tentando conseguir uma cotutela, que é para fazer parte da minha pesquisa na Universidade de Rennes, na Bretanha, na França. Eu vou estudar tanto os veículos midiáticos daqui quanto os de lá, e vou fazer uma comparação. A ideia é expandir a pesquisa.

[00:21:07] Entrevistada: Depois vamos conversar, quando acabar essa gravação, porque eu quero fazer um programa do Erasmus, que se chama Gema.

[00:21:18] Entrevistadora: Que legal! Aí, você vai ficar em mais de um país? Geralmente, Erasmus é assim.

[00:21:23] Entrevistada: Isso! Eu estou desesperada pensando o que eu vou escrever para o meu projeto de mestrado. Se eu vou passar na Espanha ou na Polônia, o que eu escrevo?

[00:21:37] Entrevistadora: Eu posso te dar algumas dicas. A minha orientadora lá na França já está definida. Então, eu já tenho uns materiais que ela escreveu. Eu tenho contato também com algumas pesquisadoras da Bélgica. Eu tenho material para a gente trocar.

[00:22:01] Entrevistada: Enfim, depois a gente conversa. Vamos fazer a entrevista. É só para você não ficar decupando um monte de áudio.

[00:22:13] Entrevistadora: Obrigada! Você me falou dos amigos, mas falta você me falar sobre o trabalho. Você diz que começou a trabalhar agora no teatro. Como é o ambiente lá? Eles aceitam os seus posicionamentos feministas?

[00:22:33] Entrevistada: Lá aceita. O pessoal é bem aberto, inclusive em questão de orientação sexual. Sempre foi um grupo muito aberto e muito crítico. Não posso falar de teatro sem falar de política. É que nem a (inaudível). Eles estudam muito as questões políticas e tratam das questões políticas dentro das peças. Sempre vai ter alguma crítica ao sistema geral capitalista. É um grupo teatral focado em peças críticas. Podia ser infantil ou musical, mas não; ele é focado em textos que abordam a política e abordam críticas à política, independente de qual seja a vertente atuante.

[00:23:29] Entrevistadora: Entendi! Agora, entrando um pouco mais na pauta da mídia, eu quero saber como você acha que a mídia hegemônica aborda a temática da violência contra a mulher.

[00:23:45] Entrevistada: É interessante ter alguém perguntando isso. Na iniciação, um dos artigos que eu fiz foi justamente sobre isso. A mídia hegemônica não tem a pauta feminista em foco. Se você for olhar *O Globo* ou a *Folha de S.Paulo*, o *Estadão*, as pautas feministas são abordadas quando acontece um crime muito violento ou quando acontece alguma coisa com uma pessoa que é celebridade ou famosa ou no mês de março ou em novembro, no dia de conscientização sobre violência contra a mulher. Fora dessas pautas, é muito difícil a imprensa hegemônica levantar alguma bandeira. Eu tenho visto algumas mudanças, como no *G1*, que traz algumas pautas, mas é só em uma coluna que vai falar sobre assuntos de mulheres, que pode ser desde qual é a melhor papinha caseira para o seu bebê ou mulheres e maquiagem. Não tratam de temas feministas e não debatem temas feministas. Eu vi uma

coisa que tem evoluído com o tempo na *Universa UOL*. Mesmo assim, ainda é muito amplo. É muito difícil. Mas pautas feministas maiores, como direito à educação (que mulheres em situação rural ou de rua não têm acesso), (inaudível). A gente fica sem representatividade. Eu não sei se eu respondi a pergunta.

[00:26:04] Entrevistadora: Respondeu, sim.

[00:26:08] Entrevistada: Eu acho que, infelizmente, ela não trata muito das pautas feministas, como deveria. Nem tudo é só aborto. Tem várias outras pautas, mais tranquilas de serem discutidas que não chegam muito longe, porque a imprensa não ajuda e não apoia.

[00:26:27] Entrevistadora: Você já tocou nos próximos dois tópicos que eu tenho anotados, para te perguntar, que é se a mídia trata do machismo estrutural na sociedade (se você acha que sim ou que não) e como você acha que a mídia aborda da temática da descriminalização do aborto.

[00:26:45] Entrevistada: A descriminalização do aborto é o “bicho de sete cabeças”. Eu acho que é o que ninguém pode falar, porque é um tema que pauta várias questões, entre sociais, políticas, econômicas e religiosas. Quando se trata de religião, as coisas ficam mais difíceis de serem tratadas ou pelo menos de serem abordadas em grande contexto, uma vez que a mídia hegemônica vai chegar a vários lugares do Brasil e o Brasil é um país muito grande, então cada lugar tem uma realidade sua. Ele é considerado o tema que não pode ser falado.

[00:27:34] Entrevistadora: Eu coloco essa questão no roteiro, porque, inclusive, a revista *AzMina* sofreu um processo longo, porque elas fizeram uma matéria sobre aborto, explicando como acontece o aborto legal nos países em que é descriminalizado. Interpretaram, principalmente a bancada religiosa, como um tutorial de como fazer um aborto. A repórter que escreveu foi processada, a editora também. Elas se desgastaram bastante por causa disso.

[00:28:17] Entrevistada: E é uma besteira, né? Eu tenho uma amiga que mora em Portugal. Lá o aborto é legalizado já tem um bom tempo. Ela estava me falando: “Alícia, é só você chegar no posto de saúde e falar que você quer abortar. Eles vão te dar um remédio, vão mandar você para a cabeça e tomar o remédio em tal hora. Se tiver alguma complicação,

“você aparece lá. Mas ninguém te julga, não”. É como se você fosse pegar em um comprimido que é solúvel. Eu fiquei: “Meu Deus! Aqui eu estou acompanhando o processo dos remédios que são de farinha. Tem gente morrendo porque estão tomando dose do que não é o que vendem”. Quando eu estava no México, eu fiz um curso pela Maré Verde Digital, que é no estado, inclusive, que aprovou a lei na semana passada. A Maré Verde deu um curso de como fazer um aborto seguro de casa, usando essa técnica. (inaudível) é um estado ligado ao Estado do México. É tipo Brasília; é como se fosse um estado. Lá é legal, então às vezes você pode comprar e voltar para fazer na sua casa.

[00:29:38] Entrevistadora: Você foi para lá para fazer os cursos por causa das suas pesquisas de gênero?

[00:29:46] Entrevistada: Foi um intercâmbio. Eu sou “fominha”. Tudo o que eu posso fazer, eu faço. Lá, você compra comprimido na farmácia. Aqui não pode. Então, se você falar para alguém comprar para você e falar que você está com um problema de úlcera (questões estomacais), você consegue. Vou pesquisar para até te passar o material deste curso. É bem interessante. Lá fala: “é importante você ter o apoio de outras pessoas, mas se você for fazer, que, pelo menos, você faça direito”.

[00:30:27] Entrevistadora: Eu quero o material deste curso.

[00:30:29] Entrevistada: Não é para sair tomando chá de tudo. Os chás são muito legais, mas não é o procedimento correto.

[00:30:35] Entrevistadora: É extremamente perigoso!

[00:30:38] Entrevistada: Elas foram bem didáticas.

[00:30:43] Entrevistadora: Como o assunto não é colocado em debate, as pessoas acabam se arriscando muito.

[00:30:51] Entrevistada: Tem pessoas próximas que já passaram “perrengue” aqui no Brasil por falta de informação. “Meu Deus! Quem vende? O que faz? O que não pode?”.

[00:31:05] Entrevistadora: É difícil levantar essas informações.

[00:31:10] Entrevistada: Se você for para o hospital com um sangramento porque você fez aborto, você vai presa.

[00:31:18] Entrevistadora: Exato! Ainda a pessoa fica convivendo com esse medo, com esse terror. Seguindo para o próximo ponto: como a mídia aborda a posição das mulheres no mercado de trabalho?

[00:31:34] Entrevistada: Você pode repetir, por favor? “Como a mídia...?”.

[00:31:38] Entrevistadora: Como a mídia aborda, como a mídia cobre, a posição das mulheres no mercado de trabalho?

[00:31:46] Entrevistada: A posição?

[00:31:47] Entrevistadora: Isso! A posição. Se a mídia fala sobre a temática das mulheres no mercado de trabalho e como isso é retratado.

[00:31:56] Entrevistada: Eu acho que, no geral, quando é falado sobre mercado de trabalho, não tem o foco certo. Só se fala: “Tantos mil desempregados”. São poucos, pelo menos pelo o que eu tenho visto, os portais de notícias maiores que focam e falam: “São as mulheres pretas, da periferia, de 18 a 40 anos, que não encontram emprego”. Um ou outro faz essa análise por gênero, classe social ou por raça. Eu acho que não é falado muito sobre a questão das mulheres no mercado de trabalho, mas só quando são casos extraordinários. “A primeira mulher a assumir a curadoria do MASP”, aí faz. Ou a Magalu, da Luiza Trajano: “A mulher mais rica do Brasil”. Quando chega em um patamar alto (que a gente sabe que não é fácil uma mulher chegar em cargo de liderança em uma empresa muito grande), aí, sim, vira notícia, porque, em tese, seria um caso extraordinário. Mas quando falam sobre desemprego, não tem esse foco. O IBGE até permite pelas tabelas que eles divulgam, mas a pessoa tem que pesquisar cada tabela e fazer o cruzamento dos dados. Eu não vejo essa preocupação na maior parte dos veículos.

[00:33:43] Entrevistadora: Eu tenho ainda algumas questões que são mais voltadas para a *Think Olga* e para *AzMina*, enfim, para o midiativismo feminista, em si, mas eu tenho aula de francês daqui a cinco minutos. Eu queria ver com você se a gente pode marcar em outro horário. Pode ser hoje, mais tarde. A minha aula termina às nove. Se você preferir, pode ser amanhã. Tirando essa aula, eu tenho disponibilidade no resto dos horários.

[00:34:13] Entrevistada: Tranquilo! Eu não sei se fica muito tarde para você hoje.

[00:34:18] Entrevistadora: Não. Pode ser hoje. Não tem problema. Depois da aula, eu posso te ligar de novo?

[00:34:24] Entrevistada: Pode, pode.

[00:34:25] Entrevistadora: Eu te mando mensagem, só para ver se você está disponível. Se você estiver cansada e preferir amanhã, você me avisa, está bom?

[00:34:31] Entrevistada: Tá! Basicamente, eu não durmo muito. Eu estou sempre acordada. Pode me ligar. Mas, se você achar que está tarde para você, eu posso amanhã, antes de uma hora.

[00:34:46] Entrevistadora: Você que sabe. É o que você preferir. Então, pode ser hoje, que aí a gente já continua a conversa daqui a pouco. Depois a gente aproveita para conversar um pouco mais sobre esses outros pontos, das pesquisas internacionais. Muito obrigada, Alícia.

[00:35:06] Entrevistada: Obrigada você, Mari. Boa aula!

[00:35:08] Entrevistadora: Até daqui a pouco! Obrigada! Beijo.

[00:35:10] Entrevistada: Tchau, tchau!

[00:35:11] Entrevistadora: Tchau!

Ligação interrompida e, na sequência, retomada.

[00:00:01] Entrevistada: Alô?

[00:00:02] Entrevistadora: Oi, Alícia.

[00:00:03] Entrevistada: Oi de novo.

[00:00:04] Entrevistadora: Oi de novo. Perdão pela pausa no meio, pelo corte. Mas eu estou fazendo essas aulas de francês este mês, que são aulas de conversação, então sou só eu e o professor. Eu já tinha marcado e eu não podia remarcar em cima da hora.

[00:00:20] Entrevistada: Está tranquilo, de verdade.

[00:00:24] Entrevistadora: Obrigada! Então, vamos continuar? Agora, eu tenho algumas questões que são mais voltadas para as iniciativas de midiativismo feminista. Eu queria entender melhor o que te motiva a acompanhar o trabalho, tanto da *Think Olga* (que você me

falou que acompanha), mas você também me falou que pesquisa *AzMina*, enfim, de iniciativas de jornalismo feminista, como um todo.

[00:00:52] Entrevistada: Eu acho que são iniciativas muito importantes, acompanhando o que a gente conversou de que a mídia hegemônica não cobre pautas feministas com tanta frequência. Eu considero o trabalho delas muito sério, muito bem feito, responsável e preocupado com as leitoras. Eu vejo *AzMina*, porque o *Think Olga*, na verdade, é uma ONG e o conteúdo que elas produzem é mais para movimentar a imagem da ONG e não é, necessariamente, informativo ou noticioso. Tem o *Think Olga* e o *Think Eva*. A *Think Eva* eu acompanho mais pelo que ela publica no LinkedIn. O *Think Eva* é o braço empresarial da *Think Olga*. No caso da *Think Olga*, eu acho que é um conteúdo muito importante, para a gente conversar sobre mulher no mercado de trabalho e que traz um ponto de vista que, até onde eu tenho conhecimento, não costuma ser feito com foco. Então eu acompanho, porque eu considero os trabalhos delas muito sérios, necessários e responsáveis, com preocupação de realmente passar informação verídica e de qualidade - e não para ficar replicando publicações. Só o que é muito importante, normalmente, elas replicam. (inaudível). Eu não lembro o nome dos sites que eu sigo no Instagram aqui. Elas são mais de replicar *tweets*. Essas duas, não; elas produzem conteúdos, produzem pesquisas e fazem campanhas.

[00:02:49] Entrevistadora: É interessante você ter trazido esse ponto. Eu comecei agora, por causa do meu interesse pelas temáticas feministas e também por causa da pesquisa, a contribuir com a *Não Me Kahlo*, que também é uma ONG, voltada para a informação feminista e para informação de conteúdo para empoderamento das mulheres - é assim que elas se definem. Tem muito conteúdo opinativo e não tem a mesma produção de material jornalístico mesmo, que *AzMina* faz, por exemplo, então já é uma proposta um pouco diferente.

[00:03:35] Entrevistada: Não é uma coisa de jornalista, não é uma revista ou um site jornalístico.

[00:03:44] Entrevistadora: Tanto que surgiu como um blog. O primeiro produto foi um blog. Inclusive, acho que hoje, além de mim, que sou colaboradora faz poucos meses, tem só outra moça que é da comunicação também.

[00:04:02] Entrevistada: São mais colunistas, né?

[00:04:04] Entrevistadora: São mais colunistas. Tem gente do Direito. Tem gente de várias áreas, da Psicologia, mas do Jornalismo, não. Já é diferente da *AzMina*, que conta com várias comunicadoras e tem muitas colunistas também. Tem muitas colunistas, mas as colunistas são voluntárias, em sua maioria. As moças que produzem as reportagens trabalham mesmo remuneradamente na revista. Você me contou por que você acompanha, mas você se lembra quando e como você conheceu a *Think Olga* e a *AzMina* também? Como você começou a acompanhar esses trabalhos?

[00:04:52] Entrevistada: A *Think Olga* foi por causa da *hashtag* #MeuPrimeiroAssédio. Na verdade, eu não lembro se foi por causa da *hashtag* #ChegadeFiuFiu ou se foi por causa da *hashtag* #MeuPrimeiroAssédio. Mas foi por alguma campanha que, mesmo eu não tendo feito, chegou até mim. Chegou até ao Facebook ou chegou até ao Instagram, na época. Foi quando eu falei: “Gente, quem faz esse trabalho? Quem começou a fazer isso?”. Estavam meio turvas essas informações, porque no Twitter as informações vão para frente, vão para frente e você não sabe qual foi a fonte. Elas também não ficam procurando pelo mérito de quem iniciou. Mas a proposta é que essas correntes vão para frente e outras pessoas falem também, independente de quem tenha começado. Eu acho que eu comecei a acompanhar *AzMina* em 2015, mas eu lembro da #ChegadeFiuFiu. Então, eu não sei. Mas você pode colocar: a partir de 2015, com a *hashtag*, eu passei a acompanhar nas redes. O artigo que eu apresentei em dois congressos no México, que, infelizmente, não foi publicado, foi sobre a repercussão dessa campanha, que chegou às mídias tradicionais.

[00:06:24] Entrevistadora: Por isso que você já estudou os dois veículos.

[00:06:26] Entrevistada: Isso! Esse foi para uma disciplina de metodologia. Era Metodologia, que juntou com Jornalismo Político. Os professores deixaram a gente juntar e fazer um trabalho só, no lugar de fazer relatório. Foi uma excelente ideia. Na questão política, eu propus o ativismo feminista e estudei a repercussão do #MeuPrimeiroAssédio. *AzMina* eu estudei para a iniciação científica. Depois desse trabalho sobre o #MeuPrimeiroAssédio, o professor me convidou: “Eu estou com uma bolsa e eu acho que você é a pessoa que vai

querer ajudar ativismo digital e feminismo comigo”. Acabei de apresentar na semana retrasada em um congresso.

[00:07:21] Entrevistadora: Parabéns! É bem recente!

[00:07:28] Entrevistada: Eu estou caçando congresso, igual louca, mas eu não posso ficar replicando muito o trabalho (não dá para ficar replicando). O que eu tenho, eu estou tentando apresentar pontos de vista sobre ele. A *Think Olga* foi a partir de 2015; a *Think Eva* foi a partir do ano passado. Eu sabia que ela existia, mas eu passei a acompanhar a partir do ano passado, que foi quando eu criei o LinkedIn e quando eu comecei a acompanhar o trabalho que elas faziam sobre assédio dentro do ambiente de trabalho. *AzMina* eu conheci pouco tempo depois que elas foram lançadas. Se eu não me engano, foi através de um projeto da minha universidade, que se chamava *O Jornal Delas*, que era de Jornalismo e Feminismo. Já acabou e essas meninas já se formaram (inaudível). Aí, elas criaram *AzMina*. Eu acho que foi isso. Eu acompanho elas pelo YouTube há muito tempo, inclusive os vídeos que eu vi nem estão mais lá. É possível que seja em 2016 ou 2017. Eu não lembro quando elas começaram.

[00:08:45] Entrevistadora: Foi em 2015 também. Que curioso você contar isso do YouTube, porque realmente hoje o canal do YouTube delas não tem tanto material. O Facebook e o Instagram têm muito mais.

[00:09:01] Entrevistada: Acho que mudou o foco. Mas eu me lembro de acompanhar primeiro pelo YouTube. Eu comecei por lá. Na época, também, tinha aquela *Revista Capitolina*. Tinha algumas coisas que eu vinha acompanhando.

[00:09:19] Entrevistadora: Você me contou que você conheceu as iniciativas na época em que surgiram aquelas campanhas, que começaram a bombar as campanhas baseadas em *hashtag*. Você chegou a participar de alguma delas?

[00:09:35] Entrevistada: Eu não participei porque eu não tinha Twitter.

[00:09:38] Entrevistadora: Ah, sim!

[00:09:40] Entrevistada: Mas eu acompanhei as repercussões públicas. Eu sempre acompanho o Twitter, mas eu acho um ambiente muito tóxico. É tóxico no sentido de que todo mundo está tomando conta da opinião do outro e tem muitos gritos desnecessários e

muito ativismo para o lado errado. Eu tenho uma conta que não tem ninguém e eu uso ela para olhar alguns *tweets* pontuais, então eu acabei não participando.

[00:10:29] Entrevistadora: Beleza! Qual dispositivo que você usa para acessar os conteúdos desses veículos, desses canais de midiativismo feminista?

[00:10:42] Entrevistada: Dispositivo que você fala é o eletrônico mesmo?

[00:10:44] Entrevistadora: Celular, computador...

[00:10:48] Entrevistada: Notebook e celular.

[00:10:50] Entrevistadora: Geralmente, você acessa os conteúdos mais pelas mídias sociais ou você entra nos portais ou você procura por buscadores?

[00:11:03] Entrevistada: A Think Eva, eu acompanho mais pelo LinkedIn, porque elas publicam conteúdos que são preferíveis ali mesmo. Às vezes, são várias imagens ou PDFs, que você vai passando para o lado e vai vendo. É fácil a leitura ali. Quando elas saem em algum lugar da mídia tradicional, eu leio. A *Think Olga*, eu acompanho mais pelo Instagram mesmo, porque o site delas é institucional e não tem muita produção de conteúdo. Não tem conteúdo; é bem institucional!

[00:11:40] Entrevistadora: É mesmo!

[00:11:42] Entrevistada: Só quando elas lançaram o Relatório das Mulheres na Pandemia que li inteiro. Eu acabei usando ele para o TCC e para a iniciação. Eu foquei no midiativismo digital na pandemia. *AzMina*, geralmente, eu também entro no site para ler as matérias.

[00:12:03] Entrevistadora: Ótimo!

[00:12:04] Entrevistada: Eu acompanho até pouco nas redes sociais (eu não fico por conta de ficar vendo), mas, uma ou duas vezes por semana, eu entro no site delas e vejo as matérias. Não é diário ou sempre que tem matérias lá.

[00:12:20] Entrevistadora: Elas não conseguem alimentar diariamente. De onde você acessa? De casa? Da rua? Da faculdade? Do trabalho?

[00:12:32] Entrevistada: Normalmente, eu vejo no meu tempo livre. A faculdade, eu já terminei. Eu acesso no tempo em que eu estou em casa, que eu não estou no trabalho, senão eu fico lendo o site inteiro no trabalho.

[00:12:48] Entrevistadora: Você sabe, mais ou menos, em quais horários você costuma ver mais esse conteúdo ou o turno (de manhã, à tarde ou à noite, de madrugada)?

[00:13:00] Entrevistada: Eu estou pensando. Eu acho que é mais de manhã.

[00:13:08] Entrevistadora: Você pode - não sei se você lembra, mas caso você se recorde - descrever ou citar alguma matéria ou conteúdo que te marcou mais, de um desses canais?

[00:13:26] Entrevistada: O #MeuPrimeiroAssédio me marcou tanto que eu resolvi escrever sobre ele. Eu fiquei muito chocada com a repercussão, porque a partir dos relatos que elas tiveram - se eu não estou louca -, o dado que elas tiveram era que o primeiro assédio era com nove anos.

[00:13:47] Entrevistadora: Isso! Exatamente! É muito chocante mesmo!

[00:13:53] Entrevistada: Eu fiquei assim: “Meu Deus!”. Eu passei por situação de assédio de primo, com oito ou sete. Então, eu pensei: “eu me encaixo”. Não é longe da minha realidade isso. Amigas minhas também passaram, mas a vergonha de falar sobre assédio na infância é muito grande.

[00:14:16] Entrevistadora: Quando a gente começa a ter contato com o tema e começa a resgatar nas memórias...

[00:13:22] Entrevistada: E é primo. Você vai falar para alguém da sua família? Não. Ou vai falar e “quebrar o pau” ou não vai falar. A *hashtag* #MeuPrimeiroAssédio me chocou muito. A repercussão dela foi muito interessante - por isso eu quis escrever sobre ela, porque ela chegou a outros países. Da *AzMina*, a matéria que mais me chocou foi do ano passado. Ela começou a ser feita ano passado, com a cobertura da Covid e esse ano saiu o resultado: três mulheres foram mortas por dia por feminicídio durante a pandemia. A gente lê como acadêmica, para tentar não ficar mal. Mas teve uma época que eu tive que dar uma pausa de uma semana. “Eu não consigo mais ler. Está me machucando. Vou dar uma pausa aqui, orientador. Depois a gente conversa”. Eu não estava dando conta de digerir as informações.

[00:15:35] Entrevistadora: Quando eu estava fazendo o meu campo da *AzMina* (por causa da pandemia, foi só virtual), eu fiquei durante um mês acompanhando todas as mídias sociais

delas e todos os conteúdos, então eu tinha que ler todos. Em muitos deles eu chorava, porque era desesperador.

[00:16:03] Entrevistada: Sim! Mas essas duas foram as que mais me afetaram, porque envolvia a coisa de infância e de isolamento social - você não tem para onde ir e você é morta porque você não pode sair de casa. Se você não é morta pelo vírus, você é morta pelo seu marido. Da Think Eva, foi sobre a questão do assédio no trabalho.

[00:16:30] Entrevistadora: Quais são as diferenças que você vê entre a cobertura da *Think Olga*, da *AzMin*a e da Think Eva (se você também quiser falar sobre) e da mídia tradicional, a mídia hegemônica?

[00:16:47] Entrevistada: Eu percebo que a cobertura delas é mais focada. Não sei se é porque é de nicho, então o material que elas produzem é mais para um nicho. Elas sabem que as mulheres têm esse interesse. A mídia tradicional, eu acho, tem uma cobertura mais geral e que não aborda muito assuntos específicos e não foca (não tem nenhum foco), por querer atingir todo mundo. Delas é mais em nicho. A linguagem, às vezes, pode até ser mais complicada... Você vai falar, por exemplo, em patriarcado. Patriarcado em uma matéria do *G1*, uma série de pessoas não vai entender.

[00:17:36] Entrevistadora: É verdade!

[00:17:37] Entrevistada: Ou vai achar que é exagero. Vai ter alguns comentários por falta de entendimento e de ignorância mesmo em relação aos temas. Isso também é muito complicado, porque tem muitas mulheres que não vão entender dependendo da situação da qual elas vêm, porque são termos muito acadêmicos. Mas elas têm uma linguagem mais próxima às teorias feministas. Eu acho que, em todas elas, a produção para as redes sociais é bem fácil de ler. Não acho o conteúdo complicado de entender. Mas a questão é que eu tenho acesso a alguns termos que às vezes as pessoas não têm. "Sororidade": nem todo mundo vai entender.

[00:18:47] Entrevistadora: O vocabulário é mais específico, né?

[00:18:50] Entrevistada: O vocabulário é mais específico, mas eu acho que é a proposta para o público delas. Mas o conteúdo delas é mais direcionado e é esteticamente mais produzido

do que os das redes sociais das mídias tradicionais. Geralmente, nos *feeds* dos jornais, você tem a foto; no máximo um retângulo com uma manchete e embaixo vem a descrição. No delas, não. O conteúdo é feito para informar ali na hora. Se você ler, você vai receber a informação. O conteúdo delas é muito bonito. As *designers* por trás têm um propósito estético, me parece.

[00:20:03] Entrevistadora: Você me apontou as diferenças, mas o que você acha que tem de parecido entre a cobertura desses canais e a cobertura da mídia hegemônica?

[00:20:18] Entrevistada: *AzMina*, pode ser que se aproxime um pouco mais, no meu ponto de vista, porque é um portal jornalístico (é um jornal). Mas eu estava me questionando que não traz muitas semelhanças, não. Talvez eles sejam desligados...

[00:20:44] Entrevistadora: Não tem tanto as técnicas do jornalismo e não recorre tanto às técnicas?

[00:20:46] Entrevistada: Mas eu acho que o mais se aproxima é a questão de trazer dados, para provar que aquilo lá é verdade - elas trazem porcentagem e informação em forma de número mesmo, que a gente tenta trazer, enquanto jornalista, para explicar a gravidade ou a seriedade de algum assunto. Acho que pode ser essa a semelhança. *AzMina* tem a linguagem bem jornalística, pelo menos no site, porque é um site de notícias. Ele traz informações próximas do formato jornalístico. Você entendeu, né?

[00:21:29] Entrevistadora: Entendi, sim.

[00:21:31] Entrevistada: Enfim, traz uma linguagem mais jornalística...

[00:21:40] Entrevistadora: Você acha que as iniciativas interagem com o público? Não sei se você já chegou a tentar entrar em contato com elas ou se você já observou se elas respondem nas mídias sociais (no YouTube, Instagram, Facebook).

[00:21:58] Entrevistada: Eu não sou de comentar tanto, inclusive, não sei como você me achou, porque tem muito tempo que eu não comento.

[00:22:07] Entrevistadora: Eu te achei nos comentários da *Think Olga*, mas de uns tempos atrás mesmo, porque tem muito menos interação do público na página delas no Facebook do que na página da *AzMina*, por exemplo. Na *AzMina*, tem uma interação constante, tem muita

gente comentando frequentemente nas matérias mais recentes. Na *Think Olga*, não. Menos gente interage. Eu não sei porquê. Não sei se é pelo fato de ser ONG.

[00:22:43] Entrevistada: É ONG, né? Eles ganham mais seguidores quando começam com uma campanha, para serem notadas e vir mais gente. A única vez que eu comentei, que eu lembro de ter comentado, em uma *live* da *Think Olga*, foi: “Eu estou fazendo um TCC sobre vocês. Queria muito que vocês entrassem em contato”. Eu ia fazer sobre *Think Olga*, mas acabei mudando e indo para outra área. Mas eu queria entrevistá-las, sabe? Mas eu fiquei sem graça. Eu falei: “Eu comentei na *live*, mas ninguém falou nada. Vou fazer para quê?”.

[00:23:22] Entrevistadora: Elas não retornaram?

[00:23:26] Entrevistada: Não! Eu fiquei com aqueles olhinhos, sabe? Não houve uma resposta e também não houve esse contato. Eu não sei se é porque, normalmente, quem faz comunicação em qualquer lugar é só uma pessoa para fazer tudo, né?

[00:23:43] Entrevistadora: As equipes, geralmente, são muito pequenas. Eu ainda não entrevistei o pessoal da *Think Olga*, mas na *AzMina* são só sete pessoas fixas. É muito pouca gente para um trabalho gigantesco.

[00:23:56] Entrevistada: Eu acho que deve ser por isso. Mas eu não posso falar com propriedade, porque eu não fico comentando.

[00:24:06] Entrevistadora: Tudo bem! Você já me respondeu. Essa era a minha próxima pergunta: se você tem o hábito de interagir.

[00:24:15] Entrevistada: Interajo curtindo ou compartilhando, uma vez ou outra. No Instagram, nos *stories*, e, no Facebook, raramente. Eu acompanho elas mais no Instagram.

[00:24:31] Entrevistadora: Você compartilha, dá *like*, só não é de deixar comentários.

[00:24:36] Entrevistada: É.

[00:24:38] Entrevistadora: Beleza! Quais características positivas você destacaria de cada uma das iniciativas?

[00:24:50] Entrevistada: Deixa eu pensar. Eu quero responder na hora, mas... Eu acho que qualquer impacto que elas fizerem na sociedade já é positivo, porque elas abordam questões que não são abordadas no dia a dia e que precisam ser faladas. Eu acho que qualquer

impacto que elas tenham, seja da forma que for - seja uma pessoa lendo e falando: “É mesmo! Isso eu nunca tinha pensado antes” ou “Meu Deus! Eu sabia que tal coisa acontecia, mas eu não sabia o nível da agressividade na pandemia”. Elas tratam dados e analisam coisas, assim como a *Pública*, que também é uma plataforma de jornalismo de dados. Elas avaliam questões que não são vistas de outros lugares, de lugares maiores, meios de comunicação maiores. Então, qualquer impacto que elas tiverem, para mim, já é positivo, mesmo que chegue a poucas pessoas no início. Eu acho que todo o trabalho delas é muito importante. Na Think Eva, eu achei que foi muito interessante o jeito que elas trouxeram o trabalho, porque sai do mundo acadêmico ou da bolha feminista ou da bolha jovem. O conteúdo tem características (inaudível), então, pode ser que a minha mãe não seja atingida, mas, se minha mãe está no LinkedIn e vê a questão do assédio no trabalho... Eu falo a “minha mãe”, mas pode ser... Minha mãe não é, porque minha mãe não é senhora. Ela tem 46 anos.

[00:26:44] Entrevistadora: A minha mãe também tem 46.

[00:26:46] Entrevistada: Elas foram mães novas. Se outras mulheres, que estão no ambiente de trabalho, falar: “Eu não sou feminista. Eu não ligo para feministas”, mas elas verem, elas podem falar “Nossa! Eu já passei por isso, então pode ser que o feminismo seja uma boa ideia”. Então, eu acho que o trabalho da Think Eva foi bem importante e bem interessante. O da *Think Olga* foi o de ter compilado uma quantidade de informações sobre a situação das mulheres brasileiras na pandemia e de dar as questões de raça no meio. (inaudível) mais questões técnicas na abordagem delas e isso é um pouco hostil. Por exemplo, abordar que mulheres negras sofrem muito mais durante a pandemia do que mulheres brancas ou que mulheres negras de classe social mais baixa são mais afetadas que mulheres brancas de classe social alta. Parece óbvio pensar assim, mas quando você vê os números que elas extraem, é possível provar aquilo. É possível pensar em políticas públicas voltadas para uma parcela da sociedade que, às vezes, não é vista, não é ouvida. Eu acho que todos os impactos delas são positivos. Eu não lembro mais qual é a pergunta.

[00:28:19] Entrevistadora: Era essa mesmo, das características positivas. Agora é o inverso: se você destacaria alguma ou algumas características negativas e por quê?

[00:28:34] Entrevistada: Eu acho que acabei comentando um pouco no outro, que às vezes a linguagem traz algumas barreiras - como falar “patriarcado”. Eu acho que elas não usam palavras tão difíceis, em geral, mas pode ser que algumas palavras façam alguma barreira. Também não sei como é a questão delas de ser capacitista. *AzMina* tem mais esse foco, mas na *Think Olga* eu não vejo tanto. Mas é uma discussão nova. Não tem como obrigar todo mundo a ser. É capacitista.

[00:29:22] Entrevistadora: Elas tentam. Inclusive tem uma moça da *AzMina* que é colunista, que é uma pessoa com deficiência. Elas tentam ser mais inclusivas. Acho que é um movimento que todas as mídias feministas vêm fazendo, mas é bem recente.

[00:29:43] Entrevistada: É bem recente, bem mesmo! Então, acho que talvez só essa questão de linguagem e de estar preso na rede social.

[00:30:03] Entrevistadora: O fato de elas serem voltadas só para o digital?

[00:30:08] Entrevistada: Eu não desmereço nem um pingão do trabalho que elas estão fazendo. Mas é que, às vezes, por ser mídia digital, pode ficar preso ali e não ir tão longe. A *hashtag* #MeuPrimeiroAssédio começou porque uma menina do MasterChef foi sexualizada em redes sociais, aí teve todo o rebuliço. Mas e aí? Depois, chegou a algum lugar? Virou um projeto de lei? Óbvio que na vida de cada um que participou mudou alguma coisa. Mas e aí? É uma questão muito complicada e que, no meu trabalho, eu sempre fico: “Meu Deus! Será que eu estou estudando a coisa certa?”. Mas alguém tem que estudar as mídias, né?

[00:31:05] Entrevistadora: Tem uns trabalhos acadêmicos que apontam, justamente, esse fator como uma das principais falhas: elas não conseguem sair muito daquele círculo de mulheres feministas e também de não conseguem ir para além da militância, que é uma militância mais restrita a momentos, uma militância pontual, que não se torna políticas públicas efetivamente ou que não vira algo concreto. Mas é difícil chegar longe com tão pouca gente.

[00:31:42] Entrevistada: O resultado dele foi isso: não acontece nada se não for no mês da mulher ou se não for uma campanha feita por uma ONG. Depois, se você quiser, eu tiro.

[00:31:55] Entrevistadora: Sim, eu quero ver. É bom que a gente “troca figurinhas”.

[00:32:00] Entrevistada: Sim! Eu acho que isso é um problema, Mariana, mas isso não limita, não diminui. Não minimiza o trabalho! Tem alguém pensando aquilo, tem alguém produzindo aquilo para mudar. O ambiente digital também (inaudível) da sociedade, então ele também tem machismo, ele tem cibercrime. Eu não desconsidero! Mas talvez o foco delas não seja esse. A revista *AzMina* está ali dentro e esse é o objetivo delas, porque elas são uma revista virtual. Mas a *Think Olga* é uma ONG, que promove outras campanhas. A Think Eva atua dentro de empresas. Então, elas chegam mais longe. Elas são contratadas para fazer campanhas. Elas fizeram a campanha do Bradesco.

[00:33:02] Entrevistadora: Mas isso é algo a se pensar.

[00:33:06] Entrevistada: Eu não tenho uma resposta também.

[00:33:10] Entrevistadora: Exatamente! Segue em aberto.

[00:33:12] Entrevistada: Cabe a gente ser crítico para poder mudar, e ir organizando aos poucos.

[00:33:19] Entrevistadora: E ir fortalecendo também - conseguindo aumentar e fortalecer. Durante a pandemia, você observou se você começou a acompanhar mais ou menos esses trabalhos?

[00:33:34] Entrevistada: Eu acompanhei muito mais, porque eu estava mais presente e *on-line*. Eu passava mais tempo em frente ao computador.

[00:33:45] Entrevistadora: Então, você sentiu uma diferença brusca?

[00:33:49] Entrevistada: Sim! No dia a dia, obviamente, eu sou muito privilegiada, porque o estudante não está indo para a rua. Eu não preciso ir à rua para fazer as coisas e eu trabalhava em *home office* também. Eu ficava o dia inteiro dentro de casa, então eu tinha mais acesso às informações *on-line*. No dia a dia, antes de 2020, eram dias muito corridos, então eu acessava no fim de semana ou via algum conteúdo e salvava no Instagram ou guardava o link para depois olhar. Eu não tinha esse tempo para ficar me dedicando a ler. Com a pandemia, eu passei a ficar muito tempo *on-line*, quase o tempo todo.

[00:34:46] Entrevistadora: Você acha que a pandemia impactou de que forma essas iniciativas de midiativismo feminista?

[00:34:56] Entrevistada: Com a pandemia - isso é um dado que existe -, as pessoas passaram a usar muito mais as redes sociais. Acho que é um estudo da Unesco. Eu acho que o reflexo da pandemia foi que cresceu muito o número de usuários nas redes sociais, considerando Facebook, Twitter, Instagram, TikTok. Repete a pergunta, por favor.

[00:35:36] Entrevistadora: Na sua opinião, quais os impactos da pandemia para as iniciativas de mídias feministas?

[00:35:45] Entrevistada: Eu acho que, com o fato de todo mundo ter começado a usar mais as redes sociais e passar mais tempo em casa, as pessoas começaram a usar mais as redes sociais. Com isso, as plataformas tiveram que se adaptar a produzir um conteúdo com mais frequência e mais interessante para a leitura. Eu acho que a forma delas se comunicarem mudou e elas passaram a ser mais atuantes, já que não podia ir para a rua nem visitar certos espaços. O meio de comunicação mais acessível eram as redes sociais. Eu acho que aumentou muito a produção de conteúdo e o pensar o conteúdo de forma útil.

[00:36:37] Entrevistadora: Elas tiveram que se reestruturar. O último tópico é sobre *fake news*. Eu queria saber de você, enquanto leitora e enquanto jornalista, como você lida com essa conjuntura atual de ampla disseminação de notícias falsas.

[00:37:01] Entrevistada: Não é uma coisa fácil nem é uma questão fácil, mas eu sempre tento ler vários jornais diferentes ou de várias referências diferentes a mesma informação, para encontrar a origem dela ou entender por que ela foi publicada. O que acontece com essas mídias feministas é que só elas publicam, então não tem muito onde ir checar. Mas eu acredito que elas são muito sérias, então eu confio no material que elas entregam. No geral, sobre notícias gerais, eu pesquiso em mais de um site. Se eu leio uma publicação no Instagram ou no Facebook, eu falo: "Beleza! Agora eu vou pesquisar isso no Google e em notícias para ver onde isso está". Eu sei que é um hábito característico do jornalismo, mas é a minha arma para descobrir qual é a origem das informações ou onde elas foram replicadas, para ver se realmente elas são verdadeiras.

[00:38:00] Entrevistadora: Beleza! Como você acha que as notícias falsas afetam, têm afetado, atualmente, essas iniciativas de midiativismo feminista?

[00:38:35] Entrevistada: Sempre vai ter um contra! Sempre que tiver uma pauta progressista em pauta, vai ter um grupo contra, porque o mundo está bem polarizado. Não seria diferente no ciberespaço. Eu acho que pode afetar o trabalho delas em questão legal, jurídica, como sobre a menina que foi escrever sobre a questão do aborto e tomou um processo. Também pode afetar a imagem do movimento feminista para pessoas que não são muito abertas a ele. Por exemplo: se tem um grupo de pessoas na família (não estou falando da minha) que poderia se abrir um pouco ao feminismo se recebessem as notícias por fontes confiáveis, quando vem um grupo e cria *fake news* em cima de notícias falsas, falando: “A mulher foi morta porque ela provocou” ou “AzMina está mentindo! Não é assim que funciona” ou “E quantos jovens e onde foram mortos pela polícia?”... Eu acho que pode tentar deslegitimar o trabalho delas, mas não fazer com que falha a credibilidade delas; só talvez barrar a chegada dessas plataformas em um novo público.

[00:40:19] Entrevistadora: Ótimo!

[00:40:22] Entrevistada: Eu não sei se você vai conseguir tirar alguma coisa do que eu falei. Eu vou pensando e vou falando...

[00:40:25] Entrevistadora: Eu vou, com certeza! Tem muita coisa para extrair. Foi super legal! São essas as minhas perguntas do roteiro. Muito obrigada pelo tempo e paciência. Eu vou parar de gravar, aí a gente pode seguir conversando. Mas só para te explicar. Eu fiz a qualificação agora do doutorado (cheguei no meio), então ainda deve demorar uns dois anos para a minha tese sair. Ainda tem a cotutela. Eu vou te mandar ela. Mais adiante, eu pretendo fazer os perfis das pessoas, como eu tinha te falado. Se você topa, eu faço um perfil seu, enquanto leitora. Mas a gente conversa sobre isso mais para frente. Você tem alguma dúvida sobre o roteiro ou sobre as perguntas ou sobre a pesquisa?

[00:41:28] Entrevistada: Não. É tranquilo! Já estou ansiosa. Você deve estar tendo muito trabalho. Eu não tenho ideia de como seja um doutorado. Eu não imagino qual seja a rotina de estudos.

[00:41:47] Entrevistadora: Só um instante! Eu vou parar a gravação, aí eu te explico.

Carol - leitora *AzMin*a

[00:00:00] Entrevistadora: Prontinho. Você mora em São Paulo, não é? Pode falar.

[00:00:06] Entrevistada: Espera só um minutinho, Mariana. Deixa só eu pegar o meu fone, que, aí, eu fico mais à vontade para a gente conversar.

[00:00:16] Entrevistadora: Sim, sim.

[00:00:17] Entrevistada: Mas pode falar.

[00:00:19] Entrevistadora: Você mora em São Paulo, é isso?

[00:00:21] Entrevistada: Isso.

[00:00:22] Entrevistadora: São Paulo, capital mesmo?

[00:00:24] Entrevistada: É, capital.

[00:00:28] Entrevistadora: E qual é a sua profissão, Carol?

[00:00:29] Entrevistada: Eu sou designer de interiores. Eu tenho uma empresa de reformas.

[00:00:35] Entrevistadora: Sim. E você é formada em quê?

[00:00:40] Entrevistada: Então, essa não é a minha primeira formação. A minha primeira formação foi em Comunicação. Eu fiz Jornalismo.

[00:00:50] Entrevistadora: Eu também.

[00:00:51] Entrevistada: Depois, eu fui para Relações Públicas e, aí, depois, desencanei de tudo, desisti da carreira e fui para o Design de Interiores. Foi para uma área totalmente diferente, mas, também, eu tinha afinidade, porque meu pai é Engenheiro Civil, não é?

[00:01:17] Entrevistadora: Então, você se encontrou no Design de Interiores?

[00:01:20] Entrevistada: É.

[00:01:24] Entrevistadora: Então, está bom.

[00:01:28] Entrevistada: Até o momento, sim. Estou ouvindo, pode falar.

[00:01:30] Entrevistadora: Entrando um pouco mais nas questões sobre o feminismo, eu queria saber se você se considera feminista?

[00:01:37] Entrevistada: Eu sou bastante feminista.

[00:01:39] Entrevistadora: Por quê?

[00:01:40] Entrevistada: Por quê? Deixa só eu colocar o fone, aqui, só um segundinho.

[00:01:48] Entrevistadora: Pode ficar à vontade.

[00:02:05] Entrevistada: Oi. Está meu ouvindo direitinho?

[00:02:08] Entrevistadora: Estou, sim.

[00:02:09] Entrevistada: Eu acho que a gente tem que mudar muita coisa, em um nível de planeta Terra, não é? Porque a mulher sempre foi muito massacrada e vista com um ser de segundo plano, um objeto e, também, pelos casos de violência. Eu já tenho um caso de violência no meu histórico. Isso foi muito difícil. Tenho um caso de abuso também. Tenho isso no meu histórico de criança. Então, foi isso o que me levou a deixar de ser uma mulher machista, porque a gente cresce uma mulher machista e é educada com uma educação machista. Então tem que deixar de lado o machismo e passar a lutar pelos nossos direitos igualitários, pelo nosso papel na sociedade, por ter nossos direitos garantidos e também ter direito à justiça. Eu acho que é em um nível de planeta Terra também. As leis não defendem as mulheres, porque elas são feitas pelos homens. Então, tem muita coisa que precisa ser mudada. E não dá para se deixar assim.

[00:04:05] Entrevistadora: Que coisa! Você já vivenciou violência e assédios. Algumas outras moças com quem eu conversei, também, a essa altura da pesquisa, disseram a mesma coisa: que quando passaram por esse tipo de situação, começaram a perceber a relevância da luta feminista.

[00:04:34] Entrevistada: É. Não sei. Tem gente que coloca como terceira onda, quarta onda feminista e teve muito engajamento por causa da internet. Então, assim, no meu trabalho, a minha empresa - porque eu tenho uma empresa de reforma, que é um trabalho masculino - e eu atendo, assim, massivamente, mulheres. 90% do meu público, tanto do público que me acompanha quanto dos negócios que eu fecho, são mulheres. Às vezes, são famílias, maridos, filhos, mas são as mulheres que estão à frente de resolver o que vão investir na casa e o que querem transformar nessa casa. Quando eu comecei no meu negócio, eu

comecei a divulgar nos grupos feministas. Então, hoje, o meu trabalho, o meu ganha pão só acontece por causa de grupos feministas.

[00:05:49] Entrevistadora: Eu ia te perguntar isso: se você tem a sensação de que as mulheres já te procuram por saber que você tem um alinhamento maior com algo que elas acreditam? Porque você falou que a maioria das clientes são mulheres.

[00:06:06] Entrevistada: É. Hoje, como a empresa já tem de cinco para seis anos, eu recebo tanto indicação de quem já me conhece quanto dos grupos. Então, hoje, também faz parte da minha divulgação a reforma para mulher. Tanto que uma mulher, com esses assuntos de obra, de reforma, de fazer acabamento, por ser um serviço essencialmente masculino, ela fica muito refém de tratar com um homem sobre os reformadores, sobre os fornecedores. Então, eu faço isso: eu divulgo essas interfaces femininas para a mulher se sentir mais próxima de uma relação mais justa na hora de fechar o negócio.

[00:07:05] Entrevistadora: É muito legal o conceito, a proposta.

[00:07:10] Entrevistada: Então, é uma coisa que eu divulgo mesmo, para elas sentirem a diferença. Então, assim, elas sabem que é muito diferente tratar com uma mulher que sabe do assunto do que com um cara que vai querer te enganar, que ela não vai saber o que está comprando direito. Então, faz parte até da minha divulgação.

[00:07:30] Entrevistadora: Exato! Muito legal mesmo. Bom, você me disse que se considera feminista. Então, eu queria saber o que é ser feminista para você?

[00:07:40] Entrevistada: O que é? Eu acho que é a gente ter empatia pela outra, amar, sentir e acolher as mulheres que estão ao nosso lado e que também estão sofrendo provavelmente pelas mesmas coisas. Talvez, em diferentes aspectos e intensidades. É a gente estar junta pelo mesmo propósito, mas eu não posso ser generalista, porque o processo não é igual.

[00:08:20] Entrevistadora: E você lembra quando foi e como foi que você descobriu que tinha afinidades com a causa feminista?

[00:08:30] Entrevistada: É meio assim na primeira infância, porque eu lembro que eu sempre fui de contestar minha mãe e eu já falava assim: “Eu não quero ter filhos” e “Eu vou morar sozinha”.

[00:08:59] Entrevistadora: E ela?

[00:09:00] Entrevistada: Ela falava: “Mulher tem que ter filho, tem que ter família. Como você vai morar sozinha?” Aí, eu falava: “E se eu quiser ter um filho sozinha?”. Então, eu já tinha essa veia desde muito pequena. Eu acho que, quando a gente entra na fase adulta... Hoje, as meninas, até por causa da internet, as que estão, aí, entre 18 para 20 anos, elas já estão engajadas, não é?

[00:09:39] Entrevistadora: É, elas já estão em outro contexto.

[00:09:45] Entrevistada: Já na fase de crescimento, sobre o feminismo, talvez, elas tenham muito mais acesso e informação do que eu. No meu caso - eu tenho 41 anos - eu tomei conhecimento de que era muito relevante, de que não poderia ser evitado e de que eu teria que agir também, junto com as mulheres, na fase adulta. Depois dos 25, eu fui ver: tem assédio no meu trabalho, teve meu abuso quando eu era criança, sabe? Às vezes, pela busca da família mesmo, por não ser tão próxima e que deveria te acolher.

[00:10:30] Entrevistadora: É mais frequente essas situações se darem em casa, na família mesmo.

[00:10:37] Entrevistada: Pessoas que deveriam nos proteger e vêem a gente sofrendo o abuso... Então, a gente vai tomando consciência de que, desde criança, a gente vai sendo oprimida e suprimida, não é? Aí, começa, também, o abuso no trabalho e você fala: “Não, isso aqui está totalmente errado.”

[00:11:03] Entrevistadora: Você chegou a trabalhar na área da Comunicação?

[00:11:07] Entrevistada: Sim, eu não fui jornalista de redação, mas eu trabalhei com agência de comunicação. Agência de comunicação é um lugar que tem muita vaidade, então é assim: chefe abusador, gente querendo te passar para trás. Então, nessa idade adulta, a gente toma consciência de que as coisas estão muito erradas, que a gente tem que fazer alguma coisa para ter os nossos direitos, colocar em prática os direitos adquiridos e buscar os que estão sendo suprimidos. Então, eu acho que foi depois da faculdade, depois dos 25. Com 30, eu já estava totalmente feminista e engajada, porque feminista eu sempre fui. Mas

esse engajamento, com a terceira, quarta onda, com a ajuda da internet, bem nesse processo de Avenida Paulista...

[00:12:26] Entrevistadora: Ah! Você costuma participar dos protestos?

[00:12:30] Entrevistada: É, sempre que eu posso. Eu me lembro de quando começou ali, quando eu tinha... Acho que foi em 2010, quando teve aquele movimento Chega de Fiu Fiu. Foi em 2010 ou 2011.

[00:12:47] Entrevistadora: Foi em 2015 o Chega de Fiu Fiu, mas, antes, já estava começando a mobilização na internet, mas foi em 2015 que se consagrou mesmo.

[00:12:57] Entrevistada: Então, eu lembro que teve vários movimentos também. De artes, com a Marcha...

[00:13:06] Entrevistadora: A Marcha das Vadias? Essa foi em 2010, 2011.

[00:13:16] Entrevistada: É. Também, a que teve antes da Parada Gay, que é a Parada das Lésbicas. Então, tudo isso já foi um novo movimento de ebulição, para a gente se unir. Eu acho que foi muito para a gente se unir mesmo, tanto fisicamente quanto pela internet.

[00:13:45] Entrevistadora: Minha pergunta... Não, pode falar.

[00:13:47] Entrevistada: Com a onda dos grupos, os grupos feministas sérios e bem articulados, principalmente no Facebook, já de muitos anos, eu sou bem super ativa, sim. Tanto para compartilhar, para divulgar e, também, para ser eleitora. Já tive bastante, bem mais engajamento, já fui mais assídua, mas, por conta do trabalho, por questões pessoais, diminuí um pouco mais a frequência, mas, uma vez juntas, eu nunca mais deixei de estar fora dessas questões.

[00:14:35] Entrevistadora: Quando aconteceram essas campanhas, a Chega de Fiu Fiu, Meu Primeiro Assédio, você participou de alguma?

[00:14:41] Entrevistada: Eu participei de uma que foi muito forte. A Chega de Fiu Fiu. Eu lembro de ter ido na Marcha das Vadias...

[00:14:50] Entrevistadora: Você falou da Marcha das Vadias. Mesmo digitalmente, não necessariamente na rua, no presencial.

[00:15:01] Entrevistada: Sim, sempre acompanhando. Teve uma que foi muito forte, que eu até fiz um trabalho, eu fiz texto sobre isso: foi o protesto que teve sobre aquela menina que foi estuprada por 33 homens.

[00:15:18] Entrevistadora: Aham, no Rio, né? Essa foi uma história muito pesada, porque eu me lembro que, à época, eu estava fazendo a minha dissertação, porque eu estava no mestrado ainda. No mestrado, eu estava conversando com pessoas que eram leitoras de jornais da mídia hegemônica. Eu falei com vários caras que me disseram: “Ela tinha que ser estuprada mesmo. Ela mereceu”. Foi muito cruel ouvir esse tipo de coisa.

[00:15:49] Entrevistada: É, a gente sempre mereceu. Na perspectiva masculina, a gente sempre mereceu o abuso, sempre procurou o estupro. Foi uma coisa que eu mesma ouvi. É muito desolador esse tipo de coisa. A gente se sente muito sozinha e sem apoio. Porque as próprias mulheres dizem, também, que a menina procurou (mulheres machistas, que não têm empatia com a causa e tal, que a gente merece porque procurou a situação). É muito aterrador ouvir isso, em 2021, que a gente buscou sofrer a violência, que é a nossa culpa.

[00:16:49] Entrevistadora: É muito triste.

[00:16:50] Entrevistada: É um retrocesso cultural muito arraigado.

[00:16:52] Entrevistadora: Bom, eu queria saber como essa identificação com o feminismo afetou e afeta a sua vida até hoje? Você contou que participa dos grupos, que divulga o seu trabalho pelos grupos feministas.

[00:17:10] Entrevistada: Afetou toda a minha vida, porque, quando eu comecei a me engajar, comecei a ir às reuniões também, ir aos protestos, conheci muita gente. Fiz muitas amigas e, mesmo sendo muito pela internet, tenho muito contato, também, com todas que me acompanham pelos grupos, que a gente acaba conhecendo e se adicionando. Acaba acompanhando a vida da outra e tal. Mesmo que não tenha aquele encontro físico, fica aquele carinho, aquela lembrança de, de vez em quando, mandar uma mensagem, perguntar como é que está, o que está acontecendo. Então, a questão da rede social uniu muito, assim, todo mundo que se engaja e, também, serve para a gente trazer aquelas que ainda estão sozinhas, sem visualizar a importância disso e sofrendo as consequências de um mundo que não é

feito para mulheres. O mundo é feito por homens e para homens. No meu trabalho também, quando eu desisti da carreira de jornalismo, eu tinha sofrido um acidente e, também estava com depressão, estresse e ansiedade. Quando resolvi montar o planejamento do meu negócio e coloquei em prática e eu o vi acontecendo pelos grupos feministas, eu falei assim: “É isso o que eu tenho que fazer.” Aí, eu deixei o jornalismo e fui cuidar de fazer minha empresa crescer. Então, assim, é um contexto que a gente enfrenta mesmo, tanto afetivo, pelas amizades que a gente faz, no caminho que a gente trilha, com todo mundo que a gente acompanha, quanto na vida pessoal e profissional.

[00:19:36] Entrevistadora: Você disse que começou a participar de grupos. Você faz parte de algum coletivo de militância feminista?

[00:19:44] Entrevistada: Então, eu participei da Frente... Eu nem sei se ainda existe, a gente acabou... Enfim, tem essa coisa de a gente ter discrepância. Eu participava muito do Feminaria, eu ia até nas reuniões que tinham e, aí, eu acabei brigando, quando eu estava em um momento ruim e, aí, depois, eu não me engajei com outro grupo. Mas eu ia às reuniões, às vezes, tinha *happy hour*, tinham várias atividades para a gente se encontrar e se engajar. Eu participei ativamente quando o Feminaria começou a crescer. Conheci de perto a Ana. Também tive a oportunidade de prestar serviços para o Feminaria e arrumar emprego. Até terapia pelo Feminaria eu fiz. Eu era bastante ativa, até fisicamente. Não sei como está hoje, porque eu acabei saindo. Hoje, a minha atividade é mais assim: divulgar o meu trabalho nos grupos e acompanhar o que estão fazendo.

[00:21:18] Entrevistadora: Você divulga pelas mídias sociais?

[00:21:22] Entrevistada: Isso, pelo Instagram.

[00:21:23] Entrevistadora: Entendi. E você se sente ou já se sentiu, em alguma circunstância, de algum jeito, acuada por se identificar com a causa feminista?

[00:21:34] Entrevistada: Sempre. Sempre, porque o ódio pela mulher, ele está em qualquer lugar. Então, assim, eu tive um problema de briga com um dos meus vizinhos, um vizinho homem. É um condomínio com vários vizinhos. É um prédio que venta muito. Por incrível que

pareça, é ódio pela mulher. Foi uma coisa que eu tive que registrar vários boletins de ocorrência, tive que entrar na Justiça.

[00:22:16] Entrevistadora: Nossa, então foi realmente sério!

[00:22:21] Entrevistada: Foi. Eu fui à Delegacia das Mulheres várias vezes. (inaudível) de querer alucinar mesmo, sabe? De querer me desestabilizar. A gente percebe que, se fosse um homem, nada disso aconteceria, sabe?

[00:22:47] Entrevistadora: Você falou que precisou procurar a Delegacia da Mulher. Como foi o atendimento?

[00:22:49] Entrevistada: Sim! Olha, na Delegacia da Mulher, a gente sempre... Eu fui na delegacia central, porque eu moro por aqui, em São Paulo, então, eles têm um complexo aqui, na Baixada. É um complexo: tem a Delegacia da Mulher, tem um atendimento da Defensoria, tem um projeto para poder arrumar emprego, que é aquele Sem Saída, que foi trazido aqui para São Paulo, para as mulheres carentes.

[00:23:32] Entrevistadora: Eu não conheço. Aqui eu conheço outro, mas não é institucionalizado. São projetos de ONGs mesmo.

[00:23:43] Entrevistada: Esse Projeto Sem Saída, eles colocam as mulheres carentes na frente das listas de emprego. Então, tem até acolhimento para mulheres que, de repente, brigam com o marido, sofrem violência do marido, e vão lá atrás de assistência e podem passar uma noite lá, sabe? É um complexo bem interessante.

[00:24:08] Entrevistadora: Bem organizado, então, né? É uma estrutura grande.

[00:24:14] Entrevistada: Sim! Eu fui para lá. Eu fui muito bem atendida e, infelizmente, o problema que eu tive não é uma questão de relacionamento, então não pôde ser enquadrado na Lei Maria da Penha, e o meu processo está correndo em uma DP comum. Depois que eu abri uma representação, ele foi mandado para o Parque do Ipê, que é uma DP da Polícia Civil. Então, vai ser investigado pela Polícia Civil, não pela Delegacia da Mulher. Mas fui bem atendida, bem orientada, tive acolhimento com muita paciência.

[00:25:10] Entrevistadora: Que bom! Você foi atendida por mulher mesmo ou por homem?

[00:25:14] Entrevistada: Fui tanto atendida por mulheres quanto por homens.

[00:25:17] Entrevistadora: E os homens também tiveram uma postura acolhedora?

[00:25:21] Entrevistada: Sim!

[00:25:23] Entrevistadora: Que bom! Que bom saber.

[00:25:26] Entrevistada: Mas não acontece em todas as delegacias esse atendimento, por isso há muita reclamação.

[00:25:30] Entrevistadora: Por isso eu te perguntei. Duas entrevistadas já me contaram que recorreram à Delegacia da Mulher e sequer foram atendidas. Assim, não conseguiram passar ali do balcão da frente, porque foram atendidas por homens e os homens não tinham uma postura amigável.

[00:25:53] Entrevistada: Então, mas eu acho assim: Delegacia da Mulher só deveria ser mulher. Apesar de ser Delegacia da Mulher e você só ser atendida por mulher, tem uma truculência ali, uma falta de respeito. Às vezes, você está buscando algum conselho e encontra esse tipo de atendimento. Às vezes, o seu quadro, ele não pode ou ele não tem... Às vezes, tem gente que vai procurar a Delegacia da Mulher e não consegue registrar um boletim de ocorrência, porque as leis brasileiras não abarcam o seu pedido, entendeu?

[00:26:32] Entrevistadora: Exato!

[00:26:33] Entrevistada: Quando eu tive esse problema com o meu vizinho, tentei colocar o meu caso como perseguição. Embora a gente já tenha uma linha de entendimento que tipifique como crime, isso, dentro das delegacias, não é levado para uma investigação, porque vão te falar que perseguição não é crime, que não tem como enquadrar. Então, tudo bem que a gente... Tudo bem, não! Se a gente não tem lei suficiente, a gente não tem atendimento suficiente. Então fica muito difícil a gente buscar o que a gente procura, tanto na delegacia de atendimento à mulher quanto nas delegacias comuns.

[00:27:25] Entrevistadora: Nessa situação, ou em outras também, você chegou a sofrer ameaças?

[00:27:37] Entrevistada: Ameaças de que parte?

[00:27:41] Entrevistadora: Dos seus vizinhos, no caso. O que você está contando foi uma violência. Eles te perseguiram.

[00:27:48] Entrevistada: Você fala de ameaça de morte?

[00:27:51] Entrevistadora: Não, ameaça de alguma forma, porque você se sentiu....

[00:27:57] Entrevistada: Ah! Eu sofri retaliação na rua. Nós estamos... Eu sofri ameaça de me encontrarem na rua em um grupo e me encarar, sabe? Ou, então, ficarem gritando do andar de baixo: “Essa menina tem que morrer. Ela fez tudo”, “Vou tirar tudo dela”. Então, isso se tornou um caso de polícia mesmo, sabe? Infelizmente. E assim, eu só movimento mesmo para me fortalecer, para eu buscar o meu direito junto à Justiça e o meu direito de viver em paz dentro da minha casa.

[00:28:56] Entrevistadora: Sim! E essas relações com os vizinhos são muito complicadas. Eu conversei com uma moça - uma colunista da *AzMin*a - que citou para mim uma situação que elas tiveram que resolver lá, internamente. Foi uma moça que mandou uma mensagem para elas pedindo ajuda, dizendo que ela estava com um problema com os vizinhos, porque ela tinha acabado de ter um bebê, e o vizinho ficava reclamando do choro da criança, reclamando em um nível exacerbado. A moça não sabia o que fazer, ela tinha um bebê recém-nascido em casa. Então, foi um debate lá dentro sobre como ajudar a moça nesse tipo de circunstância.

[00:29:42] Entrevistada: É muito difícil, porque é uma relação que deveria ser amigável, afinal, somos vizinhos, moramos no mesmo lugar. Como você vai tipificar isso como um crime, como uma ameaça, sabe? Que lei vai nos garantir isso? É muito difícil, então a gente tem que ir sozinha e correr atrás de uma coisa que não existe, né? É bem desolador!

[00:30:16] Entrevistadora: Exato! Você me contou que você participa de alguns grupos e que você tem amizades, também, mais alinhadas ao seu ponto de vista. Como é a relação com essas pessoas que se aproximam mais do que você acredita?

[00:30:33] Entrevistada: Olha, é sempre de muito carinho, de muita união. A gente, às vezes, até se surpreende de, em uma microesfera, ter esse engajamento, de ter essa resposta, de as pessoas falarem: “Não, o seu trabalho é importante. Eu te indico. Eu faço boas referências de você. Eu me preocupo com você”. Então, às vezes, eu fico: “Nossa!”. Como se diz?

[00:31:23] Entrevistadora: Lisonjeada, não é?

[00:31:25] Entrevistada: Surpresa pelo impacto que a gente causa no outro.

[00:31:34] Entrevistadora: Sim. Às vezes, a gente nem percebe.

[00:31:37] Entrevistada: É uma responsabilidade, não é? Mesmo que, em uma microesfera, é uma responsabilidade, porque, vira e mexe, também, as pessoas vêm pedir ajuda, né? Um caso que me chocou foi o de uma menina que me abordou. Às vezes, a gente é abordada no inbox, para pedir ajuda... Não sei por que ela me procurou. E ela falou assim: "Olha, eu estou precisando de roupa para trabalhar".

[00:32:12] Entrevistadora: Caramba.

[00:32:13] Entrevistada: "Minha família é muito simples e eu trabalho em dois empregos. À noite, eu trabalho com eventos e estou precisando de roupas pretas, porque eu trabalho como bartender e estou sem roupa para trabalhar". Eu peguei 90% das minhas roupas pretas, botei em uma sacola e levei para ela no metrô.

[00:32:42] Entrevistadora: Ela mora aí, em São Paulo, e, por isso, vocês conseguiram se encontrar?

[00:32:45] Entrevistada: Isso. Eu a encontrei na Linha Vermelha, que, por acaso, é a linha que tem aqui perto da minha casa e levei para ela no metrô.

[00:32:56] Entrevistadora: E ela?

[00:32:57] Entrevistada: Então tem dessas coisas, que te pegam de surpresa e você fala: "Nossa!". A gente, às vezes, tem uma visibilidade que a gente não percebe.

[00:33:11] Entrevistadora: Sim.

[00:33:12] Entrevistada: Então é isso: com esse caso, eu fiquei muito chocada. É uma realidade, não é? Hoje, a gente está aí, vendo as mães solas, tendo que lidar só com a ajuda do auxílio. É lógico que tem golpe também, mas tem muita mãe que precisa de um meio para alimentar os filhos, não é?

[00:33:40] Entrevistadora: Uma coisa que me choca dessa... Desculpa, pode terminar.

[00:33:45] Entrevistada: Não, é por causa da crise, né?

[00:33:47] Entrevistadora: Sim.

[00:33:48] Entrevistada: Essas necessidades básicas, eu acho que elas são mais deficientes por causa dessa crise.

[00:33:56] Entrevistadora: Eu ia comentar que uma coisa que tem me chocado muito, é ver, nos comentários de notícias de jornal, as pessoas começaram a colocar os seus números de PIX, pedindo ajuda. Isso está muito frequente. “Eu estou desempregada. Preciso de ajuda e não tenho o que comer”, aí a pessoa coloca o número, na esperança de que alguém vá depositar algo.

[00:34:24] Entrevistada: Isso tem acontecido muito nos grupos também, de pedidos de mães, procurando os grupos, para dizerem que não têm comida em casa, que o trabalho está difícil e dando o número do PIX, para as meninas ajudarem. Ou, então, pedindo trabalho. Então, assim, está muito triste. Eu vi muitos desses casos agora nessa última quarentena.

[00:34:56] Entrevistadora: É, porque já está se arrastando, né? Já faz muito tempo que a gente está vivenciando essa situação.

[00:35:01] Entrevistada: Não está mudando. Estamos no segundo ano, finalizando o segundo ano de pandemia e ficou uma situação bastante delicada: mães solo, que moram na periferia, que têm vários filhos. É muito triste saber disso.

[00:35:25] Entrevistadora: Você tinha me falado um pouquinho de você, na infância, conversando com a sua mãe. Eu queria saber se a sua identificação com o feminismo se reflete na sua convivência com a sua família?

[00:35:36] Entrevistada: Aí, é uma complicação, porque a minha mãe é super machista e eu também tenho uma irmã, que é a do meio, que também é aquele espelho da Mulher Amélia para o marido. Minha mãe casou e só foi trabalhar fora por necessidade também, porque meu pai estava sem trabalho, e ela teve que arrumar um trabalho. Mas, mesmo assim, é aquela coisa: mulher depois dos 40 está velha, não pode ter filhos. “Por que você não arruma um emprego?”. O meu trabalho não é um trabalho.

[00:36:26] Entrevistadora: Elas não consideram o seu trabalho como um trabalho?

[00:36:28] Entrevistada: Têm todos esses aspectos ruins. “Por que você se expõe tanto?”. Porque, vira e mexe, eu abro a minha câmera e faço vídeos falando das minhas necessidades

e das minhas angústias e tal. “Por que você se expõe tanto? Não pode ficar se expondo desse jeito. O que as pessoas vão dizer?”. “O seu relacionamento é estranho. Como é que o seu marido concorda com isso?”. Então, tem muita coisa assim que vira um embate. Tudo isso que eu te passei, são os principais, sabe? É bastante conflituoso. A gente tem que ter muita paciência, procurar se colocar no lado do outro, porque senão vira embate a toda hora.

[00:37:28] Entrevistadora: Você comentou que a sua irmã do meio... Você tem mais de uma irmã, então?

[00:37:35] Entrevistada: Eu tenho uma irmã caçula, mas minha irmã caçula é sossegada. Não tem nenhum aspecto que te falei nesse sentido.

[00:37:47] Entrevistadora: Do seu núcleo familiar, então, é mais a sua mãe que discorda e uma das irmãs.

[00:37:55] Entrevistada: Isso!

[00:37:56] Entrevistadora: E na sua convivência com os seus amigos, como que o feminismo se reflete (amigos e amigas)?

[00:38:08] Entrevistada: Olha, Mariana, eu acho que eu não vou ter amizade que não seja feminista. Acho que é uma coisa natural. Mesmo que não seja, eu tento levar e mostrar: “Olha, você tem direito. Dá para a gente pensar diferente, porque, a gente pensando diferente, dá para buscar os nossos direitos, nossas igualdades e, saindo dessa esfera, você pode ter uma vida melhor, mais feliz, saindo dessas amarras limitantes, que foram impostas por família, culturalmente”. Então, eu sempre vou me relacionando para levar algo de melhor, falando de feminismo.

[00:39:14] Entrevistadora: E no seu ambiente de trabalho? Você comentou, não é, que tenta fazer essa intermediação das outras mulheres, das clientes. Mas vocês enfrentam situações de machismo ou não?

[00:39:32] Entrevistada: Sim, tem cliente que acha que a gente não é suficiente, que nosso trabalho tem que ser fiscalizado por alguém que seja mais competente. Tem muito absurdo do tipo: “Se eu soubesse que você era só *designer*, eu não teria te contratado. Teria

contratado o engenheiro” ou “Mas você tem documentação para comprovar a sua competência?”.

[00:40:17] Entrevistadora: Nossa!

[00:40:18] Entrevistada: A gente ouve isso praticamente toda semana.

[00:40:24] Entrevistadora: Você trabalha com outras pessoas também na equipe?

[00:40:28] Entrevistada: Eu tenho um empreiteiro que trabalha comigo e tenho uns assistentes, ajudantes de pedreiro e tenho uma menina que faz o carregamento e faz o frete, que retira entulho, que faz o frete de material. Tenho também outra profissional, que é uma arquiteta, que dá uma assistência em outras funções da obra. Então, eu tento também trazer outras meninas para trabalhar comigo na hora da execução. Acho que isso é importante.

[00:41:13] Entrevistadora: É verdade! Entrando agora no quesito mídia. Como você acha que a mídia, no sentido geral e, em especial, a mídia hegemônica tradicional, aborda a temática da violência contra a mulher?

[00:41:30] Entrevistada: Olha, de maneira geral, é um erro atrás do outro. Eu estava lendo uma notícia hoje e a jornalista falou de crime passional.

[00:41:54] Entrevistadora: Nossa! Hoje? Caramba!

[00:41:55] Entrevistada: É. É uma coisa que não existe.

[00:41:59] Entrevistadora: Exato! É uma coisa já superada ou que já deveria estar...

[00:42:02] Entrevistada: Sim. Ainda hoje, eles usam essas denominações para se referirem aos crimes de violência contra a mulher.

[00:42:12] Entrevistadora: É feminicídio!

[00:42:18] Entrevistada: É muito triste.

[00:42:19] Entrevistadora: Eu conversei com duas pesquisadoras da Argentina que estudam justamente isso: a mudança da terminologia, nos jornais de lá, de crime passional para feminicídio. Porque, lá, a lei do feminicídio é, mais ou menos, da mesma época que a nossa e os jornais também têm essa resistência de mudar as terminologias. No início, as pessoas sequer acreditavam na decisão judicial que optou pela alteração. Existia uma resistência

muito grande a acreditar no feminicídio, na concepção de feminicídio e na construção do termo e da ideia.

[00:42:58] Entrevistada: Por isso, eu acho que a *AzMina* é tão importante, porque traz a questão da violência e dos direitos da mulher à frente de todas as outras mídias, assim. É uma leitura que a gente tem para a gente, para nos informar, ao invés de abrir um canal qualquer e ouvir que é um crime passional, entendeu? Então, é muito importante manter essa luz, à frente das mídias.

[00:43:40] Entrevistadora: E você acha que a mídia tradicional trata do machismo estrutural na sociedade e que aborda essa temática?

[00:43:51] Entrevistada: A mídia tradicional nem deve saber o que é machismo estrutural.

[00:43:59] Entrevistadora: Acho que sabe, mas prefere se abster.

[00:44:01] Entrevistada: É tão machista... Tem gente que sabe, mas não reconhece. Então, eu acho, nesse exemplo, foi tão aleatório, mas escutei "crime passional" de novo.

[00:44:20] Entrevistadora: Mas não é isso!

[00:44:21] Entrevistada: É uma lástima! É uma lástima você ter que dar de cara com isso ainda nos dias de hoje. A gente tem que fazer a nossa parte, porque o outro, ele não vai... Não é obrigatoriamente que ele vai fazer também, entendeu? Infelizmente é assim.

[00:44:41] Entrevistadora: E como você acha que a mídia aborda a temática da descriminalização do aborto?

[00:44:45] Entrevistada: Olha, eu acho que a gente fica muito à mercê da linha editorial dos veículos, né? Aí, entra muito no contexto empresarial e político e também na lei que os homens fazem para eles próprios, não para nós. Então, eu acho que não existe abertura assim. Existe a discussão, mas não existe abertura para se dizer: "Sim, temos que externalizar". Ninguém tomaria essa bandeira imparcialmente. Com a pressão que a gente tem cultural, religiosa, empresarial e mesmo machista, ninguém tomaria essa fala imparcialmente. "Tem que ser legalizado para beneficiar o corpo da mulher, que é dela e é dela a decisão". Muito difícil.

[00:46:00] Entrevistadora: E a posição das mulheres no mercado de trabalho: como você acha que a mídia tradicional trata isso?

[00:46:07] Entrevistada: Existe o reconhecimento de que a mulher ganha até 30% menos do que um homem no mesmo cargo, né? Existe esse reconhecimento. Eu acho que é mais... Como é uma questão social mais prática, de prática social, fica mais fácil de reconhecer.

[00:46:39] Entrevistadora: Agora, entrando... Você ia complementar? Desculpa.

[00:46:44] Entrevistada: Não, não.

[00:46:46] Entrevistadora: Entrando já nas questões mais relativas ao midiativismo mesmo, eu queria saber o que te motiva a acompanhar o trabalho da *AzMina*?

[00:46:54] Entrevistada: O que me motiva? É a informação de ponta sobre assuntos relevantes para a gente, como a violência contra a mulher, como questões jurídicas, como fatos que estão borbulhando por aí. Eu acho que é o que eu te falei antes: é uma mídia de ponta para nos informar. Ela não vem com esses permeios sociais, culturais, machistas que uma mídia comum vai ter sempre. É uma revista para mulheres, que fala de assuntos relevantes que ninguém mais fala. Eu acho muito importante.

[00:47:40] Entrevistadora: Você lembra quando foi que você conheceu a iniciativa? E qual foi o contexto em que você começou a acompanhar o trabalho delas?

[00:47:50] Entrevistada: Foi pela divulgação no Facebook. Acho que é desde sempre que eu sigo, porque a revista *AzMina* deveria ter duas ou três colaboradoras quando comecei a seguir. Era um negócio muito embrionário ainda, que elas contavam e que, depois, foi ter site e outras colaboradoras e uma rede maior, entendeu? Hoje, elas fazem essas séries de reportagem e tal. Eu acho que veio desde sempre, desde que era uma coisa bem embrionária mesmo. Eu acho que não tinha nem *newsletter* ainda. Foi por divulgação do Facebook. Eu acho que já tem anos que eu acompanho.

[00:48:42] Entrevistadora: Elas têm uma equipe de colaboradoras flutuante de colunistas e voluntárias que é grande, mas a equipe fixa tem sete pessoas. Então, é muito conteúdo, muita temática, muito assunto diferente para abordar para pouca gente trabalhando. Elas fazem um

trabalho que é, realmente, impressionante. Eu também acho que as reportagens, elas são bem profundas.

[00:49:11] Entrevistada: Muito importante em questões de estatística. É trabalho de fôlego mesmo, sabe? É muito importante e tem muita riqueza no trabalho delas, então é fundamental.

[00:49:27] Entrevistadora: Você acompanha, assina ou escuta conteúdo de outras iniciativas semelhantes?

[00:49:36] Entrevistada: Olha, no momento, eu acho que, para lembrar para você, não mais. Não mais.

[00:49:48] Entrevistadora: E por qual dispositivo, geralmente, você acessa os conteúdos? Pelo computador, pelo celular, pelo notebook?

[00:49:56] Entrevistada: Pelo celular.

[00:49:57] Entrevistadora: Pelo celular.

[00:49:58] Entrevistada: Por causa do trabalho, eu estou o dia inteiro com o celular na mão, e vai pelo celular mesmo.

[00:50:06] Entrevistadora: E você costuma acessar entrando no portal ou acompanhando pelas mídias sociais?

[00:50:12] Entrevistada: Acompanhando pelas mídias sociais.

[00:50:18] Entrevistadora: Você falou que, o dia inteiro, você está no celular a trabalho. Então, você acessa mais de casa, na rua?

[00:50:27] Entrevistada: Em casa, porque eu trabalho em casa. Eu só saio quando tem cliente fora. Então, eu coloco o da *AzMina* para receber primeiro, sabe? Eu recebo tudo o que elas publicam.

[00:50:39] Entrevistadora: Legal. Você prioriza?

[00:50:43] Entrevistada: Isso.

[00:50:44] Entrevistadora: E com que frequência ou vai passando no seu *feed* e você vai vendo? É essa a dinâmica?

[00:50:50] Entrevistada: Isso. Eu coloco em “receber primeiro” e já vem para mim e, aí, eu já vejo o que elas estão fazendo de novo.

[00:50:59] Entrevistadora: E em qual turno do seu dia, você costuma acessar mais esses materiais? Tem um horário que você entra mais nas mídias sociais, dá uma conferida?

[00:51:08] Entrevistada: Olha, pela manhã, na hora em que estou vendo os meus e-mails e notificações, depois do almoço e no fim do dia. No fim do dia, lá para às 19h horas, mais ou menos.

[00:51:31] Entrevistadora: E você lembra de alguma série ou de algum conteúdo que elas publicaram que te marcou mais?

[00:51:46] Entrevistada: Ah! Eu lembrei também de um... Só voltando um pouquinho: eu lembrei de um coletivo de advogadas, que é o *Tamo Juntas*.

[00:51:52] Entrevistadora: Você participa?

[00:51:54] Entrevistada: Eu as acompanho também.

[00:51:56] Entrevistadora: Ah! Você só...

[00:51:57] Entrevistada: Eu as acompanho também. Sempre trazem questões jurídicas relevantes. Eu acho muito importante. De um ano para cá, eu estou acompanhando o que está acontecendo pelas redes sociais.

[00:52:12] Entrevistadora: Beleza!

[00:52:16] Entrevistada: O que me marcou mais? Eu acho que todas essas matérias que elas lançam sobre questões que contenham estatística, sabe? Porque elas juntam bastante material para fazer um pano de fundo. Porque eu acho assim: nenhuma outra mídia faz. Nenhuma mídia faz isso.

[00:52:45] Entrevistadora: Você viu que elas lançaram um mapa de delegacia das mulheres?

[00:52:50] Entrevistada: Ah, sim. Vi e divulguei também, compartilhei pelas minhas mídias. Nossa! É penoso demais, gente. Elas ligaram nas delegacias para ver como era o atendimento e tal. Essa matéria, eu vi, sim. Talvez... Não, talvez não. Com certeza é uma das mais importantes e é muito aterrador saber que têm cidades, cidades e cidades que não têm delegacia da mulher. Se tem, você não consegue atendimento digno, né?

[00:53:38] Entrevistadora: Sim. Elas receberam respostas do tipo o policial atender e elas perguntarem: “O atendimento de vocês é 24 horas?”, e o policial responder: “Não, só se você for bonita.”

[00:53:53] Entrevistada: É, então, é muito aterrador. Nossa, foi excelente! Essa foi, realmente, uma das reportagens que saiu faz pouco tempo.

[00:54:08] Entrevistadora: É, faz, faz.

[00:54:10] Entrevistada: Foi uma das mais importantes, realmente.

[00:54:13] Entrevistadora: Não sei se você já viu, elas têm uma lista de WhatsApp, aí, quanto mais relevante o assunto, elas mandam por WhatsApp a matéria. Você consegue se inscrever para receber.

[00:54:28] Entrevistada: Eu vou entrar lá para pegar o número.

[00:54:32] Entrevistadora: Se você quiser, eu te mando o contato, que elas te adicionam.

[00:54:37] Entrevistada: Por favor.

[00:54:38] Entrevistadora: Vou mandar.

[00:54:39] Entrevistada: Por favor, Mariana.

[00:54:40] Entrevistadora: Eu te mando.

[00:54:41] Entrevistada: Isso é muito importante. Eu, sempre que eu recebo, se eu posso, eu já pego e compartilho o que elas estão fazendo.

[00:54:52] Entrevistadora: Sim, tem muito conteúdo importante e relevante, não é? Bom, você vê diferença na cobertura da *AzMina*, então, e a da mídia tradicional?

[00:55:03] Entrevistada: Sim, sim. Sim, porque é um trabalho feito para mulheres e por mulheres, com pautas muitíssimo relevantes para levantar o que é importante para nós: o que está faltando, o que tem de negligência, o que está acontecendo de importante e ninguém está mostrando. É o que eu digo: é fundamental o trabalho delas, é um divisor de águas na mídia e na comunicação e no jornalismo brasileiro.

[00:55:42] Entrevistadora: E você consegue enxergar semelhanças também entre as duas coberturas, nas duas formas de fazer jornalismo?

[00:55:54] Entrevistada: Não, eu não acho que tem semelhança alguma. É o que eu te falei: é uma revista para mulher. Não é uma revista só feminina. É uma revista para mulher: eu acho que essa é a grande diferença. Quando a gente fala de revista feminina, a gente vai falar de moda, beleza, carreira, mas naquela coisa mais idealizada, sabe? É muito você ver o conto de fadas e a vida real, sabe? Então, eu não vejo semelhança nenhuma.

[00:56:29] Entrevistadora: Sim. E você acha que *AzMina* interage com o público? Você já observou se elas respondem, se elas dão *feedback* nas redes sociais?

[00:56:37] Entrevistada: Sim, respondem. Respondem, sim. Principalmente nos comentários, sempre respondem.

[00:56:46] Entrevistadora: Você já chegou a interagir com elas diretamente?

[00:56:50] Entrevistada: Já. Nas discussões das pautas. Elas têm alguém constante nos canais para falar com a gente. Isso é difícil.

[00:57:07] Entrevistadora: E quais características positivas da *AzMina* você destacaria?

[00:57:14] Entrevistada: Positivas? Alô?

[00:57:17] Entrevistadora: Você está me ouvindo?

[00:57:18] Entrevistada: Estou, sim.

[00:57:19] Entrevistadora: Está bem.

[00:57:20] Entrevistada: Positiva? Vamos lembrar tudo o que eu te falei. Eu acho que é necessário, fundamental, um trabalho de fôlego, sabe? É essencial para o público feminista, é um divisor de águas no jornalismo, porque é um jornalismo para mulher e é um jornalismo que trata da realidade da mulher, sabe?

[00:57:56] Entrevistadora: Você acha que atinge também as mulheres que não são feministas ou que ainda não se perceberam feministas?

[00:58:02] Entrevistada: Olha, você dá de cara com o mapa das delegacias no seu *feed*, você passar reto, eu acho meio que difícil.

[00:58:16] Entrevistadora: São temáticas muito sensíveis para nós.

[00:58:19] Entrevistada: É, são muito sensíveis, relevantes. Há tanto cuidado com a arte mesmo, com a arte digital, com a questão gráfica. É uma coisa que chama atenção. Você

olha e fala assim: "O que é isso? Uma revista de meninas? Uma revista para mulheres? Deixa eu ver o que elas estão falando". Então, tem toda uma linguagem gráfica por trás disso, que te leva à curiosidade, entende?

[00:58:59] Entrevistadora: Você consegue pensar também em alguma ou algumas características negativas que já te chamaram atenção?

[00:59:08] Entrevistada: Negativo? Às vezes, a gente tem que ter estômago com o que a gente está lendo, mas, infelizmente, é a realidade que a gente está lidando, né? A nossa realidade não é uma realidade fácil. A gente está todo dia lutando por um mundo igualitário, por um mundo de respeito, por um mundo de segurança, sabe? O que elas trazem é isso. Nem sempre o que elas trazem vai ser uma coisa bonita, que vai nos deixar felizes, mas é um trabalho necessário.

[00:59:56] Entrevistadora: Sim. Eu, quando fui fazer a primeira parte do campo da minha pesquisa, que eu tinha que acompanhar, todos os dias, tudo o que acontecia nos portais, nas mídias e nos veículos, eu me lembro que, em várias situações, eu abria as reportagens e, na hora que eu estava terminando de ler, eu estava aos prantos e não tinha força para ir para a próxima, porque é muito impactante as histórias que a gente lê, que refletem a realidade - como você falou.

[01:00:32] Entrevistada: Ali a gente está lidando com coisas que a gente não vai ver nos outros portais de notícias, no dia a dia.

[01:00:40] Entrevistadora: A gente está se encaminhando para o final do meu roteiro de perguntas. Eu queria só saber umas questões sobre a pandemia: se, durante a pandemia, você passou a acompanhar mais ou menos as iniciativas?

[01:00:58] Entrevistada: Eu acredito que a gente tenha acompanhado até mais, viu? Porque como eu tive essa questão, aí, com os vizinhos, que eu conheci o *Tamo Juntas* e outros coletivos, também de advogadas. A gente fica, também, mais tempo na internet também, né? Esse conteúdo vai sendo oferecido mais constantemente, né? E a gente está ali, na telinha, na TV.

[01:01:36] Entrevistadora: Como você acha que a pandemia impactou *AzMina*, a revista, o trabalho delas, e, também, de outros canais de midiativismo feminista que você acompanha?

[01:01:50] Entrevistada: Eu acho que *AzMina*, elas devem ter tido mais trabalho, porque aumentou muito o percentual de violência doméstica.

[01:02:04] Entrevistadora: Aumentou muito mesmo. Elas me contaram que, no começo, elas voltaram totalmente o foco da revista e da produção delas para a pandemia, porque era tanto assunto, tanta coisa que tinha para abordar. Depois que elas foram voltando a abranger outros conteúdos.

[01:02:21] Entrevistada: Então, eu acho que elas tiveram bastante trabalho, foram bem impactadas. Com essa coisa de confinamento, do isolamento social, muita violência doméstica, muita mulher sozinha sem ter onde se apoiar, então, eu acho que elas tiveram bastante pauta para lidar, em um nível pandêmico mesmo.

[01:02:51] Entrevistadora: E você, enquanto leitora, como você lida com essa nossa conjuntura atual de ampla divulgação de notícias falsas?

[01:03:00] Entrevistada: Desculpa! O seu áudio ficou ruim e eu não consegui ouvir a pergunta.

[01:03:06] Entrevistadora: Você está conseguindo ouvir agora?

[01:03:07] Entrevistada: Estou.

[01:03:07] Entrevistadora: Como leitora, como você lida com a nossa atual conjuntura de tanta disseminação de notícias falsas?

[01:03:18] Entrevistada: A gente que é jornalista, a gente sabe e só de olhar, a gente vai saber, né? Não tem fonte oficial, não tem o link do veículo conhecido nem as fontes, não tem os créditos. A gente que é jornalista consegue saber, mas, infelizmente, *fake news* pega muito, porque essa é uma coisa feita para enganar, né? Eles seguem todo um roteiro, ali, que vai fazer você acreditar na notícia que você está lendo, que vai fazer você apoiar e confiar naquilo que você está lendo - isso é o principal. Essa abordagem não é para gente que é jovem, uma população adulta e que tem esse esclarecimento do que é. É para quem é desinformado e não sabe identificar.

[01:04:22] Entrevistadora: Muitas vezes, eles se apropriam de técnicas do próprio jornalismo, para parecerem mais convincentes.

[01:04:30] Entrevistada: Sim. A gente que é da área, a gente sabe identificar, mas, infelizmente, uma pessoa que está isolada, já tem certa idade e não tem muito traquejo, ali, com a internet, vai ser facilmente pego por uma *fake news*.

[01:04:51] Entrevistadora: Sim. E como você acha que essas notícias falsas afetam a revista *AzMina* e outras iniciativas de midiativismo feminista?

[01:05:00] Entrevistada: Ah! É porque a *fake news* é feita para você, depois, criar um embate em cima daquilo que vem para refutar, não é? “A mamadeira de piroca: como vocês fazem isso?”. O fascismo vem para destruir não o que você está fazendo, mas o seu nome. À medida que destrói o seu nome, todo o resto do contexto da pessoa está manchado. Então, a *fake news* usa muito essa ferramenta, não é?

[01:05:48] Entrevistadora: E, depois, é difícil de voltar atrás, de desfazer.

[01:05:53] Entrevistada: É praticamente impossível. Para uma pessoa que lê uma *fake news* e acredita, é praticamente impossível.

[01:05:59] Entrevistadora: É, inclusive, um tanto quanto desesperador quando a gente para e pensa no nosso contexto e em como vamos conseguir reorganizar essa bagunça.

[01:106:10] Entrevistada: Eu acho que vai levar anos, Mariana.

[01:06:11] Entrevistadora: Eu também acho.

[01:16:12] Entrevistada: Vai levar anos para a gente conseguir se distanciar dessa dinâmica que foi criada de *fake news*.

[01:06:23] Entrevistadora: Até porque é em nível mundial, não é só aqui. É global.

[01:06:30] Entrevistada: Tirar essa ignorância, distanciar esse contexto nefasto, dessa ideia de desinformar, vai levar anos.

[01:106:46] Entrevistadora: Bom, Carol, as minhas perguntas eram essas. Você tem alguma dúvida? Você quer acrescentar alguma coisa?

[01:06:56] Entrevistada: Eu acho que a gente conversou um pouquinho sobre tudo. Eu queria te agradecer pela oportunidade de participar do seu trabalho. Espero que eu tenha contribuído bastante.

[01:07:05] Entrevistadora: Contribuiu muito. Eu agradeço pelo seu tempo, disposição. Eu vou te mandar agora o contato e eu fico inteiramente aberta. Você tem o meu WhatsApp, para qualquer dúvida que você tiver... Eu vou transcrever a entrevista e, aí, depois, eu te mando, para você dar uma olhada, para você dizer se está ok, se é isso mesmo.

[01:07:28] Entrevistada: Não, não precisa se preocupar quanto a isso. Eu tenho certeza que você vai fazer o seu trabalho direitinho. É mais para eu entender mesmo: é a sua pesquisa de Doutorado e você está abordando o impacto das mídias no feminismo?

[01:07:48] Entrevistadora: Exato! Se você quiser, eu até te mando. Eu já fiz a minha qualificação. Agora, eu estou nessa segunda etapa, com o trabalho já se encaminhando para o fim. Eu posso te mandar o documento da qualificação, se você quiser dar uma olhada, mas, assim, eu faço todo um retrospecto: primeiro dos estudos de Gênero, dos feminismos - para servir de base teórica, né? Aí, vou entrando em mídia e feminismo. Depois, eu entro na parte de mundos sociais, porque o meu referencial teórico é esse: eu quero entender o mundo social que gira em torno do midiativismo feminista. Por isso, eu estou conversando com as colaboradoras e com as produtoras de conteúdo, com o pessoal de apoio também desses canais e com as próprias leitoras para saber como que acontecem as interações e por que esse universo se sustenta, por que ele perdura e por que ele desperta interesse nas pessoas que fazem com que ele exista.

[01:08:49] Entrevistada: Se você puder me mandar, eu vou ficar muito agradecida, porque eu achei muito interessante a sua abordagem.

[01:08:54] Entrevistadora: Claro, eu te mando, sim.

[01:08:58] Entrevistada: É muito importante! Se eu me lembrar de mais alguma coisa, eu posso te dar um toque aqui, pelo WhatsApp também, Mariana.

[01:09:05] Entrevistadora: Claro, você pode me falar. Qualquer conteúdo que você quiser compartilhar também, você pode me mandar.

[01:09:10] Entrevistada: Se você se lembrar de mais alguma coisa que eu possa contribuir, é só falar também.

[01:09:14] Entrevistadora: Carol, muito obrigada. Mais adiante, depois que eu terminar essa etapa das entrevistas, das transcrições e análises, eu pretendo fazer um perfil das leitoras e colaboradoras - um perfil jornalístico mesmo. Então, eu devo entrar em contato de novo, para acompanhar um pouco mais a rotina, para, depois, perfilar. A minha ideia é não deixar a pesquisa só no âmbito acadêmico e ficar distante do resto das pessoas que poderiam acessar, também, esses resultados.

[01:09:51] Entrevistada: Ah! Muito legal. Muito legal mesmo. Faça isso! Vai ser muito legal poder acompanhar mais para frente.

[01:09:59] Entrevistadora: Então, está bem. Eu mantenho, então, o contato com você. Eu estou com o seu número aqui, salvo. Qualquer coisa que você precisar, pode falar comigo. Muito, muito obrigada pelo seu tempo, por ter aceitado participar. Eu vou te mandar, então, o WhatsApp da lista de transmissão da *AzMina* e vou te mandar o meu documento de qualificação.

[01:10:19] Entrevistada: Tá. Vamos nos falando sobre o perfil. Eu que te agradeço.

[01:10:27] Entrevistadora: Obrigada e bom fim de semana, Carol.

[01:10:30] Entrevistada: Obrigada. Para você também. Boa sorte!

[01:10:32] Entrevistadora: Obrigada. Um beijo e tchau, tchau.

[01:10:33] Entrevistada: Obrigada. Para você também.

Cecília - leitora *Lado M*

[00:00:01] Entrevistada: Você vai me fazer perguntas?

[00:00:03] Entrevistadora: Sim! Você tem quanto tempo, mais ou menos?

[00:00:09] Entrevistada: Até umas duas.

[00:00:12] Entrevistadora: Oi?

[00:00:13] Entrevistada: Até umas duas.

[00:00:14] Entrevistadora: Então está bom! Quantos anos você tem, Cecília?

[00:00:25] Entrevistada: Eu tenho 17.

[00:00:29] Entrevistadora: Você se considera feminista?

[00:00:33] Entrevistada: Olha, me considero, sim, mas não radical.

[00:00:41] Entrevistadora: Por que você se considera e por que você não se considera radical?

[00:00:47] Entrevistada: Pela luta das mulheres, né? A gente passa por muitas coisas. Esse radical confunde demais as mulheres e acaba tirando a unidade delas. Eu não sei se elas já

pararam para pensar... De um tempo para cá, eu parei para pensar que as mulheres querem seus direitos. Mas, no feminismo radical, elas, de certa forma, rebaixam os homens. Elas perdem a sua essência. A mulher, geralmente, é delicada, mais calma. Já esse tipo de mulher, principalmente as radicais, é agressivo, característica do próprio homem. Eu vejo que esse movimento é determinado para as mulheres. Você consegue me entender?

[00:02:09] Entrevistadora: Aham! Entendi! Você me disse que se considera feminista. Eu queria entender o que é ser feminista, para você. Na sua perspectiva, o que é o feminismo?

[00:02:22] Entrevistada: O feminismo, para mim, é uma luta. É um lance de igualdade. Eu fico mais no igualitário: na questão do salário, porque a gente é desmerecida. No que mais? Hoje em dia, tem muita coisa que a gente já conseguiu de direito, mas a gente também é muito desrespeitada. É o que a gente mais vê nos jornais. Recentemente, teve aquele caso do DJ, relacionado com violência doméstica. Mesmo com vídeos, com a prova concreta, ele demorou três dias para ser preso.

[00:03:37] Entrevistadora: Você é bem novinha, né? Você me disse que tem 17 anos. Você sabe como e quando você descobriu que tinha afinidade com a temática da pauta feminista?

[00:03:50] Entrevistada: Foi no final do ensino fundamental, no nono ano, quando você começa a falar sobre essas questões, essas terminologias. Eu tinha também uma professora que defendia isso. Eu acho que todas as mulheres - feministas radicais e femininas - apóiam isso. Já tem umas que são totalmente contra.

[00:04:19] Entrevistadora: É verdade! Você está em qual série agora?

[00:04:24] Entrevistada: Estou no terceiro ano.

[00:04:25] Entrevistadora: Você está acabando já a escola.

[00:04:28] Entrevistada: Se eu estou estudando?

[00:04:30] Entrevistadora: Não. Se você está acabando. Você já está finalizando a escola.

[00:04:34] Entrevistada: Isso! Sim!

[00:04:36] Entrevistadora: Como essa identificação com o feminismo afetou a sua vida? Como se refletiu na sua vida, desde o nono ano para cá?

[00:04:27] Entrevistada: No começo - não vou mentir -, eu fiquei muito impressionada. Eu dizia: “Nossa, cara! Que bacana!”. Isso era no finalzinho do nono ano e no começo do primeiro ano. No começo, eu comecei a observar dentro de casa, sobre como meu pai tratava a minha mãe (se ele tratava da forma correta), e comecei a falar sobre questões com ele. “Pai, o que você acha do feminismo?”. Ele falava de uma maneira que, a meu ver, era machista. Inclusive, eu cheguei até a discutir bastante com ele, de brigar. Então, isso me atrapalhou um pouco. Eu acho que eu me tornei um pouco rebelde e acabei me tornando o que eu menos queria, que era me tornar uma radical. A minha ideia, o que eu defendia - até hoje -, é o igualitário, mas não é aquele que chega a ser radical. Você sabe, né?

[00:06:10] Entrevistadora: Sim! Você propõe mais um diálogo e ter espaços para mudar pelas vias da conversa.

[00:06:16] Entrevistada: Isso! Exatamente! Até hoje, eu penso: eu não quero perder o meu lado feminino. É que nem eu te falei: não quero mudar drasticamente e acabar perdendo o meu lado de mulher. Tem aquelas feministas que lutam porque não querem ter casamento, porque não querem ter filhos. Eu já sou, digamos, do lado tradicional: eu quero isso, porque eu acho que é isso que faz uma mulher ser mulher.

[00:07:07] Entrevistadora: Você quer, mas você quer de uma forma que você seja respeitada e que você esteja no mesmo patamar de direitos dos homens.

[00:07:19] Entrevistada: Isso!

[00:07:20] Entrevistadora: Entendi! Você participa ou você já participou de algum grupo ou coletivo de militância feminista?

[00:07:30] Entrevistada: Olha, eu nunca participei, mas já me chamaram. Serve manifestação na rua?

[00:07:38] Entrevistadora: Também! Manifestação na rua e de grupos que se encontram para debater textos, para conversar sobre feminismo, sobre essas pautas.

[00:07:48] Entrevistada: Não! Nunca recebi esse convite. As minhas discussões, eu aprendi mais pela internet, lendo algumas páginas, sites também, e pela escola (minha professora trazia as pautas e os assuntos).

[00:08:15] Entrevistadora: Você me contou que você teve, em casa, esse problema com seu pai. Você se sente, de alguma maneira, acuada, com medo, por se identificar com a causa feminista?

[00:08:32] Entrevistada: Com medo? Você acha que isso me prejudicou?

[00:08:36] Entrevistadora: Se você já teve embates ou discussões com as pessoas, com os amigos, dentro de casa. Você me contou sobre essa situação com o seu pai. Isso é uma coisa que já te trouxe problema por você ter discutido com alguém, de ter ficado com medo, de você ficar com receio de dar outros problemas, por você ter falado a sua opinião?

[00:09:09] Entrevistada: Olha, eu acho que, do meio para o fim, sempre rolou umas discussões entre eles, sabe? No começo, ele até foi de boa, mas depois eu vi que o que ele falou não condizia com a maneira que ele tratava a minha mãe. Eu vi que era uma coisa [inaudível], sabe? Acho que também porque é a maneira dele de ser, sabe? Ele é um pouco ignorante também. Acho que é a maneira mesmo de ele ser. Ele é grosso também. Do meio para o final, acabei aceitando a realidade como ela é, e não discuti mais.

[00:10:03] Entrevistadora: E a sua mãe?

[00:10:06] Entrevistada: A minha mãe, em si, não opina muito, mas ela gosta. Quando eu comecei a entrar para esse assunto, ela ficou super feliz. Não tem nenhuma mulher que não fica, porque o feminismo tem o seu lado bom. Ele tem o seu lado bom!

[00:10:25] Entrevistadora: Você vive, então, com outras pessoas que pensam que nem você, que também concordam com essa noção de equidade de gênero, de igualdade entre homem e mulher?

[00:10:40] Entrevistada: Sim! A minha mãe mesmo. Eu diria que ela é igualitária.

[00:10:46] Entrevistadora: E os seus amigos? Ah não! Pode falar sobre a sua mãe. Desculpa!

[00:10:48] Entrevistada: Os meus amigos... Por causa dessa pandemia, eu me afastei um pouco também. Mas eu percebo que a minha geração está sendo consumida pelo radical. As pessoas estão se tornando um pouco agressivas, sabe? Eu creio que é por causa dessa violência. Os índices de violência aumentaram muito, por causa desse negócio de quarentena. Eu acho que o radical deixou as pessoas agressivas, por conta disso. Elas viram

qual é a realidade à sua volta, aí as pessoas ficaram revoltadas com isso. Tem o caso desse DJ, conhecido no Ceará - no Nordeste.

[00:12:19] Entrevistadora: Você ia me contar sobre a sua mãe: o que ela pensa sobre esse movimento de equidade, sobre as suas ideias feministas.

[00:12:33] Entrevistada: Um detalhe: minha mãe achou até que eu estava virando lésbica.

[00:12:40] Entrevistadora: Eu acredito! Eu acho que, muitas vezes, as pessoas associam uma coisa à outra, mesmo que não tenha nada a ver. É um estereótipo do movimento, né?

[00:12:53] Entrevistada: Isso foi uma coisa que eu me lembrei agora. Eu falei: “Não, mãe! Eu estou lutando pelos nossos direitos, para você não ser tratada dessa forma”. Aí, ela: “Ah, sim!”. Eu sempre gosto de falar sobre as questões de salários, a questão do direito. A Maria da Penha é uma lei que mudou. Antigamente, não tinha. A mulher sofria algum tipo de violência em casa, ela tinha que ficar até o final. Isso é muito triste! A mulher, se você for uma feminista radical, você - posso dizer - é apartada. Mas a gente é um sexo frágil. A gente não pode querer usar a força contra o homem - isso é muito claro. Eu sou mais novinha, mas a gente sabe. Teve uma vez que eu cheguei a brigar sério com o meu pai e avancei em cima dele. Eu estava tão com raiva! Com essas questões na minha cabeça. Eu vi que ele era mais forte, até pela minha altura. Meu pai tem 1,70 m e eu tenho 1,53 m. Agora você imagina: uma baixinha...

[00:14:55] Entrevistadora: Pois é! Você é pequenininha.

[00:14:57] Entrevistada: É, eu sou pequenininha. Era tipo um cachorro enorme na minha frente. A única forma que eu consegui mesmo... O meu pai é um homem, né? Ele parte logo para a agressão, se você se sentir demais. Se você começar a falar, falar, falar, daqui a pouco ele vai explodir e vai dar um tapa em você. Por isso que a mulher tem sempre que pensar e nunca entrar nesse jogo do homem. O homem já é mais machão. Ele não é muito de falar. Se ele se irritar, ele vai te atacar. Então, uma coisa que eu aprendi foi a ser uma pessoa mais calma. Se eu vejo que vai rolar discussão... A minha mãe mesmo: ela é muito calma. Ela é mais sensível. Então, quando ela vê, uma discussão... Ela tem uma frase que virou o mantra dela: “Eu prefiro ter paz do que razão”.

[00:16:10] Entrevistadora: O pai de um amigo meu diz isso também. Pode complementar. Pode falar.

[00:16:21] Entrevistada: Mas, sobre feminismo, eu acho importante, sim - mas não o radical. O radical - eu vou ser bem sincera -, eu sou contra. Eu não entendia isso antes, que tem todas essas escalas, né?

[00:16:43] Entrevistadora: Sim, tem. Tem várias vertentes de feminismo.

[00:16:49] Entrevistada: É esse nome aí mesmo.

[00:16:50] Entrevistadora: Tem o radical, tem o interseccional (que dialoga com outras causas, como machismo, homofobia), tem o feminismo liberal, tem o feminismo decolonial. Tem vários. O movimento se divide.

[00:17:10] Entrevistada: Acho que, se eu não me engano, ele envolve até o racismo, né?

[00:17:15] Entrevistadora: Qual deles? O interseccional, sim. É uma vertente do feminismo que tenta dialogar com essas outras pautas do movimento negro, do movimento LGBTQI+ e com as mulheres que têm diferentes vidas e diferentes realidades. Então, elas englobam tudo isso. Por isso que se chama interseccional. É uma forma de tentar apresentar o feminismo de um jeito que considere as mulheres e as diferenças delas entre si. As pessoas com quem eu estou falando têm se identificado mais com esse. Elas dizem que são feministas, mas interseccionais. Pelo o que eu estou entendendo, é o seu caso também.

[00:18:13] Entrevistada: Uhum!

[00:18:14] Entrevistadora: E no seu ambiente de trabalho? Você me disse que você trabalha, né? Como é lá? Essa sua identificação com o feminismo se reflete no seu trabalho também?

[00:18:29] Entrevistada: Eu acho que pouco. Como eu não tenho emprego fixo ainda, eu fico arrumando casa, lavando louças. A mulher que me chamou, ela é bem independente, sabe? Seria uma causa que ela defenderia também. Eu acho que, hoje em dia, é o feminismo que as mulheres querem para os seus direitos. Como eu posso dizer? Pronto! Falei agora de uma questão, da independência. Apesar de ela morar de aluguel mais o marido, ela tem o seu próprio dinheiro e ela faz o que ela bem entende. Eu acho que essa é uma característica que é importante para as mulheres. Eu fui a uma conversa sobre o feminismo, e a gente chegou

nesse lado da violência. A gente viu os gráficos e um deles dizia que a violência acontecia dentro de casa quando uma mulher era muito dependente do homem. Eu gosto sempre de pegar esse caso do DJ, porque foi o mais recente. Você vê que a mulher não tinha condição de dar o leite para o menino. Ele também tinha sido muito cruel: tinha tirado os cartões dela, daí ela estava sem nada praticamente. Ela estava em tudo dependente dele.

[00:20:44] Entrevistadora: Era uma forma de fazer com que ela ficasse totalmente dependente dele.

[00:20:52] Entrevistada: Isso! Por isso é importante a gente ter o nosso próprio dinheiro.

[00:21:05] Entrevistadora: Você me disse que agora você está morando na Paraíba, né?

[00:21:11] Entrevistada: Isso! Estou passando uns dias aqui.

[00:21:14] Entrevistadora: Você mora em João Pessoa?

[00:20:16] Entrevistada: Não. Aqui é Sousa. É interior.

[00:21:22] Entrevistadora: Você estava falando desse caso do DJ Ivis. Como você acha que a mídia, os jornais, o noticiário, abordam a temática da violência contra a mulher?

[00:21:39] Entrevistada: Como eles abordam?

[00:21:40] Entrevistadora: É! Como eles retratam e como eles mostram esse tema da violência contra a mulher - a mídia mais tradicional e os jornais mais tradicionais (*Globo, Record, Folha de S. Paulo*)?

[00:22:01] Entrevistada: Na Globo, se fala constantemente disso. Eu gosto da Globo por causa disso. Mas a Globo está sendo muito consumida. Ela pega uma notícia ou uma manchete bem bombástica e bate em cima só daquela manchete. Aí, fica uma coisa muito direta, direta na cabeça da gente. Por um lado, é bom. Imagina se eles pegassem uma propaganda relacionada a isso e entrasse na cabeça das pessoas de que violência doméstica não poderia acontecer. Talvez todo mundo parasse de fazer isso e de tratar a gente mal, nós, mulheres. Faz um tempinho que eu não vejo televisão, porque é só falando de morte, né? Antes, quando eu assistia, no SBT, eu nunca ouvi falar, a não ser no jornal mesmo.

[00:23:20] Entrevistadora: Mas é no jornal mesmo. No jornal, você via?

[00:23:21] Entrevistada: Via! Via tanto do SBT quanto na Record - só que Record era pouco. Era mais Globo mesmo. Você via que as temáticas de algumas novelas sempre estavam relacionadas. Eu não me lembro exatamente qual novela, mas tinha uma que acontecia o ato, a violência. No final, eles colocavam uma tela toda preta e colocavam o número: "Denuncie". Eu achei bem bacana.

[00:23:55] Entrevistadora: Sim! É importante. Você acha que os jornais falam sobre o machismo enraizado na sociedade, o machismo estrutural, do dia a dia?

[00:24:11] Entrevistada: Alguns. Não são todos. No nosso país, depois desse governo, se tornou um assunto mais ligado ao patriarcado. As pessoas começaram a falar mais disso. Eu acho que eu tinha consumido por causa disso também. Não sei se as pessoas normalizaram mais. Eu sei que, depois desse governo, eu observei que aumentou a violência. Ah, eu já achei! Foi por causa daquele decreto do armamento. Você vê que, logo em seguida que liberou as armas, aumentou a violência. Sempre teve, né? Mas nós não éramos acostumados a ter. Na verdade, as armas já estavam nas mãos de pessoas erradas. O que mais? Não era uma coisa comum todo mundo ter. Eu achei isso uma besteira. Ele se elegeu por causa disso. Mas, hoje em dia, na crise em que está o nosso país, não tem nem condição de comprar um arroz. Tem questões mais importantes, que são as velhas questões: saúde, educação e segurança. Não tinha necessidade disso agora.

[00:25:54] Entrevistadora: São prioridades que destoam e estão muito longe do que a população, efetivamente, precisa.

[00:26:03] Entrevistada: Isso! Como eu posso dizer? A sociedade não para para pensar no que realmente importa. Eu não achava que isso seria... Pelo contrário, só prejudicou: aumentou a violência e a polícia não consegue conter. É complicado!

[00:26:25] Entrevistadora: Bem complicado mesmo!

[00:26:26] Entrevistada: [inaudível] Me desculpa!

[00:26:31] Entrevistadora: Não! Imagina. Eu estou tentando direcionar a conversa para as questões voltadas para essas iniciativas de midiativismo feminista na internet, como o *Lado M*. Eu vou fazer as últimas perguntas, para também não tomar muito do seu tempo. Eu queria

saber o que te motiva a acompanhar o trabalho do *Lado M*. Por que você acompanha? E de outras iniciativas semelhantes também.

[00:27:00] Entrevistada: Eu comecei logo em seguida, quando eu estava nessa curiosidade para aprender. Eu aprendo bastante, olhando. A página é sua?

[00:21:19] Entrevistadora: Não. Eu conversei ontem com a moça que criou a página. É uma moça de São Paulo. Eu estou só pesquisando sobre essa e sobre algumas outras também. Mas não fui eu quem criou, não. Conversei ontem com a moça que criou. Ela estava no início da faculdade, aí ela resolveu fazer essa página. Não é o trabalho dela. É um *hobbie* dela, com várias outras mulheres que moram em diferentes lugares do país. Elas conseguem, desde 2014, manter a página. Você começou a seguir mais ou menos em que ano? Você se lembra?

[00:27:59] Entrevistada: Muito bacana! Bacana que tem várias pessoas de várias regiões, então elas se mantêm informadas. Bacana!

[00:28:09] Entrevistadora: Sim! São pessoas de todo o Brasil. É bem legal a iniciativa. São mais de 50 colaboradoras. Você começou a seguir quando você estava se inteirando sobre o movimento feminista. Foi há uns três ou quatro anos?

[00:28:27] Entrevistada: Isso! Vamos imaginar que é uma linha. O começo dessa linha foi o meu nono ano. O meio dessa linha foi, praticamente, o final do meu ensino médio. No final do meu ensino médio, não. Me desculpa! Foi no primeiro ano do ensino médio até o começo do segundo ano. A minha rebeldia veio mais no ano passado, no meio do ano passado. Inclusive, eu cheguei a sair de casa.

[00:29:00] Entrevistadora: Depois você voltou?

[00:29:05] Entrevistada: Voltei.

[00:29:08] Entrevistadora: Eu acho, Cecília, que isso é normal. Eu também tive discussões com o meu pai. O meu pai tem a cabeça muito aberta, sabe? Mas quando a gente toca nesse calo do machismo com os homens, e que eles têm que se reconhecer em um lugar de privilégio, é muito difícil. É muito difícil a pessoa enxergar que ela está ali se aproveitando, mesmo que ela não queira, mesmo que não seja consciente, de uma situação que ela tira

proveito e que acaba fazendo com que a mulher sofra mais do que ele (o homem). Não sei se eu me fiz entender, mas é muito delicado a pessoa conseguir enxergar e assumir que ela nasceu em uma posição de privilégio dentro da sociedade.

[00:30:09] Entrevistada: Verdade! Você falou tudo agora. É exatamente isso.

[00:30:15] Entrevistadora: Voltando a falar um pouquinho sobre essas iniciativas, além do *Lado M*, você segue outras também? Você conhece outras?

[00:30:24] Entrevistada: Olha, de cabeça, agora, não. Mas eu posso... Não só do feminismo, apenas, mas também relacionado ao feminismo. Mas eu seguia um bocado. Eu acho que, conforme eu fui clicando, surgiram outras.

[00:30:46] Entrevistadora: Ah, apareceram as sugestões.

[00:30:48] Entrevistada: Isso! Aí, eu não me lembro de cabeça, mas eu posso dar uma olhada. Mas o que eu mais vejo, que sempre aparece na minha tela, é o *M de Mulher*.

[00:31:02] Entrevistadora: Geralmente, você acessa pelo celular mesmo? Pelo computador?

[00:31:08] Entrevistada: Pelo celular. Outro site que eu sigo foi a *Capricho*. A *Capricho* é muito boa.

[00:31:18] Entrevistadora: Você segue também, né? Geralmente, você acessa esses conteúdos mais pelas mídias sociais ou navegando pela internet?

[00:31:25] Entrevistada: Isso! Pelo site.

[00:31:29] Entrevistadora: Ah, você vai no site mesmo.

[00:31:32] Entrevistada: Isso!

[00:31:37] Entrevistadora: Você costuma acessar de casa mesmo? Da rua? Quando você está no trabalho? De onde você acessa, geralmente?

[00:31:46] Entrevistada: De qualquer lugar, praticamente. Eu sempre ando com o celular na mão. Eu sou apaixonada por astrologia. Eu sempre olho algo relacionado a isso. Eu olhava mais. Hoje em dia costuma ser mais corrido. Eu olho quando eu me lembro, porque às vezes eu acabo esquecendo também. [inaudível].

[00:32:13] Entrevistadora: Com que frequência você acessa esses conteúdos? Todos os dias?

[00:32:19] Entrevistada: Antigamente, era mais. Você até está me fazendo lembrar. Antigamente era bem mais, sabe? Por semana, acho que umas cinco vezes, praticamente. Antes eu lia constantemente.

[00:32:40] Entrevistadora: Bastante mesmo!

[00:32:42] Entrevistada: Era bastante mesmo. Agora você imagine: minhas brigas eram constantes, porque eu lia sobre algumas situações que eu via dentro de casa. “Isso está errado! Você está sendo machista”. Aí, a gente já começava com a discussão.

[00:32:59] Entrevistadora: Você se lembra de alguma matéria ou de algum conteúdo que foi mais marcante para você, que te impactou mais?

[00:33:07] Entrevistada: Deixa eu ver. Queria tentar falar de algo diferente, porque até agora eu só bati na tecla da violência doméstica. Esse, eu acho, foi um dos mais relevantes. Deveria não ser tão rápido para isso. É muito rápido, porque os meios que tem são muito fracos. Deixa eu tentar pensar em outro.

[00:34:01] Entrevistadora: Claro! Você se lembra daquelas campanhas...?

[00:34:03] Entrevistada: Eu não consegui pensar em outro.

[00:34:04] Entrevistadora: Não tem problema! Você se lembra daquelas campanhas de *hashtag*: #MeuPrimeiroAssedio, #EuNãoMereçoSerEstuprada?

[00:34:12] Entrevistada: Uhum!

[00:34:14] Entrevistadora: Você chegou a participar de alguma delas?

[00:34:16] Entrevistada: Esses assédios sempre mexem com a cabeça da gente. Eles deixam a gente impactada. A gente fica esquecendo desse assunto, que é o assédio. É bem sério mesmo.

[00:34:34] Entrevistadora: Ontem eu falei com uma moça que me disse que, quando teve essa campanha, ela começou a lembrar das vivências dela e ela puxou na memória uma história de quando ela tinha de nove para dez anos, com ela indo para o mercadinho, para comprar algo que a mãe dela pediu, e uns caras começaram a mexer com ela na rua. Ela era uma criança!

[00:34:58] Entrevistada: Acho que é impossível uma mulher não se lembrar. Eu também me lembro de algumas situações que eu passei.

[00:35:06] Entrevistadora: A gente sempre tem história para contar. Essa moça ainda me falou: “Eu me sinto sortuda de, ao longo da minha vida até agora (ela tem 40 anos), nunca ter sofrido uma violência física e as pessoas só terem mexido comigo na rua”. Eu também me sinto assim, de achar que, no final das contas, é sorte, porque é uma sociedade tão violenta conosco, que nos assedia tanto.

[00:35:40] Entrevistada: É verdade!

[00:35:42] Entrevistadora: Você vê alguma diferença, Cecília, entre esses conteúdos que você acessa, como o *Lado M* (você falou também da *Capricho*) -, com a mídia mais tradicional (Globo, SBT, Record)? Você estava me contando antes que você acompanhava, mas agora acompanha menos.

[00:36:04] Entrevistada: Eles dão só uma “poeirinha”, sabe? É por cima. Não é uma coisa tão explicativa como tem nesses sites. Esses sites são criados por feministas mesmo.

[00:36:23] Entrevistadora: Sim, são. Você costuma interagir com essas iniciativas, comentando ou compartilhando as matérias?

[00:36:37] Entrevistada: Sim! Eu gosto muito de compartilhar isso, principalmente sobre a violência. Inclusive, na época em que eu vi que estava aumentando bastante os índices de violência (até com as pessoas dentro de casa), eu compartilhei sobre aquele sinal que as mulheres estavam fazendo.

[00:37:01] Entrevistadora: O sinal do “x” vermelho, né? É isso?

[00:37:04] Entrevistada: Isso! O sinal com a mão. Não sei se você chegou a ver, mas teve um vídeo que ficou bastante famoso.

[00:37:12] Entrevistadora: Um vídeo sobre o sinal?

[00:37:14] Entrevistada: Sobre o sinal, exatamente. Era um vídeo de uma mulher que dizia que ia falar com uma amiga sobre uma receita de bolo; aí ela faz esse sinal. A amiga chama a polícia para o marido dela. É uma loira.

[00:37:31] Entrevistadora: É muito legal terem criado esse sinal, porque ele está se espalhando. Ele foi feito para, no início, ser usado nas farmácias, mas as mulheres começaram a usar em vários outros ambientes, em vários outros espaços. Aqui, em Brasília, teve o caso de uma moça que foi ao banco e o companheiro não pôde entrar, porque só uma pessoa pode entrar por vez, por causa da pandemia, e ela mostrou a mão. Acho que ela não mostrou a mão, mas ela fez no extrato bancário o “x” e escreveu e apontou para o atendente: “Ele está ali fora”. O atendente foi à delegacia e conseguiram resgatar a moça.

[00:38:16] Entrevistada: Que situação! Eu acho que essa é uma das causas mais importantes.

[00:38:24] Entrevistadora: É uma das mais urgentes, né?

[00:38:29] Entrevistada: É! O pessoal fala muito também sobre violência doméstica. Ela pode acontecer em qualquer lugar, às vezes - que nem você falou - no próprio trabalho mesmo, com um chefe ignorante. Eu vi nesses sites e nessas páginas de Instagram que tem outras questões que são uma forma de rebaixar a mulher: botar mais trabalho do que ela pode fazer. Eles botaram algumas situações. Acho que esse vi eu na Capricho. “Se seu chefe manda você fazer tarefas que não condizem com seu trabalho, isso é...”.

[00:39:29] Entrevistadora: Isso é assédio!

[00:39:31] Entrevistada: Isso, exatamente! Eles estavam falando sobre assédio e abusos. As pessoas confundem muito isso. Eu mesmo confundia.

[00:39:38] Entrevistadora: Por ser mulher, às vezes os chefes homens começam a pedir “Vai buscar cafezinho”, sendo que esse não é o seu trabalho.

[00:39:48] Entrevistada: No caso das secretárias, né? O pessoal diz também que a maioria dos chefes também utiliza muito o abuso sexual: pede sexo em troca de aumento de salário.

[00:40:14] Entrevistadora: Pode falar. Me desculpa! Eu te interrompi.

[00:40:17] Entrevistada: De certa forma, isso é um preconceito contra a mulher, porque está olhando para ela como um objeto e não sabe o valor que a mulher tem, fazendo esse tipo de proposta indecente.

[00:40:34] Entrevistadora: Eu fico feliz por saber que você, com 17 anos, já tem essas preocupações e já reflete sobre essas questões.

[00:40:44] Entrevistada: Eu gosto, apesar de muitos da minha idade não terem essa cabeça. Eu gosto de ser “fora da caixinha”. Outras vezes, se você quiser... Me desculpe não ter atendido antes. Desde ontem, estavam me ligando. Eu nem me lembrava mais. Me desculpa! Desde ontem, eu estava recebendo ligações de um número de São Paulo.

[00:41:16] Entrevistadora: Das ligações de telemarketing, né?

[00:41:18] Entrevistada: Não é nem de telemarketing, porque eu atendo e ninguém responde. Acho que era um *hacker*. Tinha um número de Piauí. Eu atendi e não era nenhum cliente. Eu trabalhava com vendas lá. Lá, eu trabalhava nas ruas, sozinha. Você imagina a minha preocupação. Tinha número de Piauí, de São Paulo. Eu achei estranho: “Oxe! Distrito Federal?”. Eu até desliguei, porque eu achava que era esse número. Nem me lembrava. Mil perdões.

[00:41:56] Entrevistadora: Imagina! Faz parte!

[00:41:58] Entrevistada: Se tiver outros assuntos, pode me acionar. O que eu souber - a base... Eu vou tentar dar uma pesquisada, vou tentar conversar com outras pessoas. Eu gosto disso!

[00:42:12] Entrevistadora: Está bom! Eu volto a entrar em contato com você mais para frente. Agora, eu vou fazer essa primeira leva de entrevistas. Depois, mais adiante, eu vou voltar a conversar com as pessoas, para escrever mais sobre a vida delas, sobre o cotidiano e para ver como isso se correlaciona com o feminismo e com essas iniciativas, tipo o *Lado M*. Então, mais para frente, a gente conversa de novo. Se você se lembrar de alguma coisa e quiser acrescentar, você me avisa, está bom?

[00:42:54] Entrevistada: Está bom! Ótimo!

[00:42:56] Entrevistadora: Então, a gente se mantém em contato.

[00:42:58] Entrevistada: Eu adorei participar. Você é muito simpática.

[00:43:00] Entrevistadora: Eu também gostei muito de falar com você. Obrigada por ter aceitado participar e me desculpa por ter te incomodado nesse horário apertado, no seu horário de trabalho.

[00:43:13] Entrevistada: Deu certo!

[00:43:14] Entrevistadora: É, deu certo! Que bom! Qualquer coisa, você pode vir falar comigo. Você tem o meu Instagram e você tem o meu número agora. Se você tiver alguma dúvida ou se você quiser compartilhar alguma experiência, se você se deparar com alguma notícia que você achou interessante, você me fala, me manda, que eu estou totalmente à disposição, está bom?

[00:43:36] Entrevistada: Uhum!

[00:43:38] Entrevistadora: Muito obrigada!

[00:43:40] Entrevistada: Obrigada! Tchau!

[00:43:42] Entrevistadora: Tchau! Bom trabalho e bom fim de semana.

[00:43:45] Entrevistada: Para você também. O que você está fazendo mesmo? TCC?

[00:43:49] Entrevistadora: É um doutorado.

[00:43:53] Entrevistada: “Um doutorado”: olha que importante. É muita responsabilidade. Bom trabalho e bom estudo.

[00:44:00] Entrevistadora: Obrigada. Tchau, tchau.

[00:44:03] Entrevistada: Tchau!

Cristine - leitora *AzMina*

[00:00:01] Entrevistadora: Pronto! Então, eu vou começar com as perguntas gerais. Você mora no Paraná, certo?

[00:00:07] Entrevistada: Isso!

[00:00:08] Entrevistadora: Você mora em Curitiba ou no interior?

[00:00:10] Entrevistada: Curitiba!

[00:00:12] Entrevistadora: Ótimo! Qual é a sua idade ou faixa etária aproximada?

[00:00:20] Entrevistada: 30 anos.

[00:00:21] Entrevistadora: E a sua profissão?

[00:00:23] Entrevistada: Professora.

[00:00:25] Entrevistadora: Você é professora de que?

[00:00:27] Entrevistada: De química e ciências.

[00:00:29] Entrevistadora: Que legal! É para ensino fundamental ou ensino médio?

[00:00:34] Entrevistada: Ciências para o ensino fundamental e química para o ensino médio.

[00:00:39] Entrevistadora: Muito legal! E qual é a sua escolaridade, Cristine?

[00:00:44] Entrevistada: Eu estou fazendo doutorado agora.

[00:00:46] Entrevistadora: Você está fazendo doutorado também? Que ótimo! Então, eu vou começar com as questões que são voltadas para a temática do feminismo. Você se considera feminista?

[00:00:59] Entrevistada: Sim!

[00:01:00] Entrevistadora: Por quê?

[00:01:03] Entrevistada: Porque eu acredito e luto por uma sociedade de igualdade de direitos para homens e mulheres, de direitos e condições também.

[00:01:20] Entrevistadora: O que é ser feminista para você?

[00:01:26] Entrevistada: Ser feminista, para mim, é justamente colocar na prática, dentro do possível, no que eu posso colocar na prática, essa igualdade entre gêneros e, no que eu não posso, lutar para - o que estiver fora do meu alcance para colocar em igualdade e equidade de gênero, eu tenho que lutar para que atinja as esferas que possam dar igualdade. Por exemplo, eu tenho o meu filho agora. Eu penso em dar para ele uma educação feminista. Eu já ouvi comentários: "Como uma feminista vai criar um filho menino?". A gente cria filhos meninos, justamente, para serem pró-feminismo, para serem homens que, no futuro, tenham essa consciência de equidade de gênero, divisão de tarefas, igualdade no trabalho e das condições de estudo.

[00:02:37] Entrevistadora: Claro! Porque faz diferença para todo mundo, e não só para as mulheres.

[00:02:41] Entrevistada: Sim!

[00:02:43] Entrevistadora: Eu ia, justamente, te perguntar isso. Você comentou que tinha um bebê que nasceu há pouco. Eu ia perguntar se é menino ou menina. É o seu primeiro filho?

[00:02:53] Entrevistada: É o meu primeiro filho.

[00:02:55] Entrevistadora: Ouvi ele agora. Ele está com quantos meses?

[00:03:00] Entrevistada: Quatro meses.

[00:03:02] Entrevistadora: É muito bebezinho ainda. Já que você me explicou um pouco da sua perspectiva sobre o feminismo, eu queria entender quando foi que você descobriu que tinha afinidade com essa pauta feminista e como você descobriu também.

[00:03:23] Entrevistada: Eu me entendi realmente como feminista no dia em que eu saí da casa do meu pai. É claro que eu já estava entendendo algumas ideias, mas eu ainda tinha uma visão bem distorcida. Eu ainda não me enxergava enquanto feminista. Eu não entendia e achava que feminismo era algo muito radical, que aquilo não era para mim e que aquilo estava errado. Quando eu saí da casa do meu pai, que eu me vi em situação de violência (eu saí por uma questão de violência doméstica), ali eu entendi que eu era feminista, que eu deveria ser feminista e que precisamos do feminismo.

[00:04:10] Entrevistadora: Você saiu com quantos anos da casa dele?

[00:04:13] Entrevistada: 21.

[00:04:15] Entrevistadora: Porque você sofreu uma agressão?

[00:04:18] Entrevistada: Isso! Eu fui agredida. Eu denunciei na delegacia da mulher. Na delegacia da mulher, eu fui atendida por um homem; um homem que não queria fazer a denúncia; um homem que perguntou se eu estava grávida (se eu tivesse grávida, justificaria meu pai ter me batido); ele perguntou se eu trabalhava (como se se eu não tivesse emprego fosse justificável para o meu pai me bater); perguntou se eu estudava e em que ano eu estava da escola, mas eu já estava na faculdade e estava prestes a terminar a faculdade (como se se eu estivesse na escola ainda desse o direito de meu pai bater em mim). Ali, eu fui me entendendo como feminista. Eu passei por toda aquela violência em casa, depois eu passei por uma violência institucional. Eu tive que bater o pé para registrar uma ocorrência, para ser atendida por uma mulher na delegacia da mulher - eu sabia que era o meu direito ser atendida por uma mulher. A partir daí, eu comecei a me entender e comecei a ver como tinha muita coisa para a gente caminhar. Isso já faz uns dez anos. Embora a mulher já tenha galgado outros direitos... Eu achava que as mulheres já tinham galgado todos os direitos que a gente podia - a gente já votava, a gente já tinha o direito de ir e vir, a gente já tinha o direito de

trabalhar. Na minha visão, até então, era tudo o que a gente precisava. A partir dali, eu vi que a gente tem muito ainda para caminhar, se quiser alguma igualdade de gênero.

[00:05:56] Entrevistadora: Nossa, Cristine! Você não é a primeira entrevistada que me relata essa dificuldade de acionar a delegacia da mulher. Teve outra moça que também sofreu uma violência, foi tentar registrar um boletim de ocorrência e não conseguiu. Ela enfrentou dificuldades também, foi atendida por homens também.

[00:06:19] Entrevistada: É um absurdo!

[00:05:21] Entrevistadora: É um absurdo! *AzMin*a fez recentemente um mapa da delegacia das mulheres no país e elas próprias também contaram que, tentando ligar para as sedes das delegacias, elas vivenciaram situações do tipo: um policial atender e dizer... A moça perguntou: "Vocês atendem 24 horas?". O policial respondeu: "Só se você for bonita". É muito delicado! Eu queria entender, então, depois dessa situação, como você acha que essa identificação com o feminismo afetou a sua vida. Como isso mudou a sua vida, a partir de então?

[00:07:10] Entrevistada: Como mudou a minha vida? No sentido de me ajudar a superar esse trauma, quando eu comecei a ver que eu não era culpada de nada do que tinha acontecido. Eu não tive culpa nenhuma. Até então, eu tinha. Às vezes a gente apanha e acha que foi a gente. Quando a gente se entende, a gente vê que a culpa não é da gente. Apanhar nunca vai ser culpa de quem está apanhando. Existem várias formas de resolver um problema. Eu consegui superar isso, eu consegui não entrar mais em um ciclo de relacionamento abusivo. Até então, eu só me relacionava com caras abusivos. Eu não sei se, na minha cabeça, eu tinha a ideia de que se eu namorasse e casasse, eu iria conseguir sair da casa do meu pai. Mas eu acabava caindo em relacionamentos abusivos e eu sempre repetia aquilo que eu via em casa. Eu saí de relacionamentos abusivos. Eu consegui me relacionar com o meu atual marido. Eu conheci o meu atual marido e percebi: "Opa! Aqui é um cara gente boa, que provavelmente vai dar para namorar e vai dar para casar". Eu pensava em casar, mas eu já não queria casar só para sair da casa do meu pai. Foi mudando a minha perspectiva. Para

estudar, também. Ele me incentivou a estudar mais ainda. Aí eu me formei, fui fazer o mestrado, fui fazer o doutorado. Mudou toda a minha vida.

[00:08:44] Entrevistadora: É muito legal ouvir o seu relato e saber que hoje você conseguiu superar essas questões e que você está em uma relação saudável e que você conseguiu dar continuidade aos estudos. Muito legal mesmo!

[00:08:59] Entrevistada: Uma coisa que eu acho importante relatar é que eu fico pensando no meu filho. Eu fico pensando como o machismo é prejudicial inclusive para os meninos. Antes de engravidar, eu sempre pensei: “Eu vou engravidar de menina”, “Eu vou ter uma filha”, “Ela vai ser *girl power*”, “Ela vai ser super empoderada”, “Eu vou contar as histórias das mulheres cientistas para a minha filha”. Na hora que eu engravidei, eu pensei: “Eu estou grávida de um menino”. Eu pensei: “como eu vou criar?”. Na minha cabeça só existia a possibilidade de ser mãe de menina. Eu falei: “E agora? O que eu vou fazer? Eu vou ser mãe de menino. Como eu vou criar?”. Eu comecei a pensar na criação do menino, para que não seja machista e que seja pró-feminismo. Eu comecei a ter outros medos, sobre como o machismo é violento com os próprios homens (em uma proporção muito menor). Não dá para comparar a violência que as mulheres sofrem com o machismo com a violência que os homens sofrem com o machismo. Teve o caso de um menino que foi morto. Foram mortos ele, o pai e a mãe, porque ele estava namorando uma menina e o pai não aceitou o relacionamento. O pai dele está foragido até hoje e nunca mais acharam o cara. Eu fico pensando: como vai ser quando o meu filho quiser namorar? Da mesma forma que meu pai era muito ciumento comigo, e seu meu filho for namorar uma menina que vai ter pai muito ciumento? Como eu vou lidar com isso? Eu não quero que o meu filho sofra. Eu vou ensinar ele a respeitar, se ele for namorar meninas. Eu também já penso na possibilidade: e se ele for um menino gay? Como vai ser? Aqui dentro de casa ele não vai sofrer nada. Dentro de casa, as portas sempre vão estar abertas para ele, mas na rua a gente sabe que a coisa é complicada. “E se ele for um menino gay? Como vai ser?”. E se ele descobrir que ele não é um menino e se entender como uma mulher trans no futuro? Como vai ser a vida dele? Ele vai conseguir um emprego, se for uma mulher trans? A questão da empregabilidade para as

mulheres trans é tão difícil. Outras questões começaram a aparecer aí. Mas eu estou tentando fazer o possível. A gente faz o possível para dar uma criação correta. Por mais que lá fora o mundo seja violento e difícil, como homem hétero, como homem gay, como mulher trans, aqui dentro de casa ele sempre vai estar protegido, independente de qualquer questão, independente de qualquer orientação sexual dele. Aqui dentro ele sempre vai estar protegido. Mas a gente também vai ensinar ele a respeitar. Não adianta ele ser acolhido dentro de casa e, da porta para fora, ele reproduzir situações de violência. Ele vai crescer sendo ensinado a respeitar, respeitar ele mesmo e respeitar os outros.

[00:12:08] Entrevistadora: Que legal! Eu fico realmente muito feliz de ouvir você falando, porque dá esperança nas próximas gerações. Você estava comentando isso de ter filho menino e ter filha menina... Eu não tenho filhos, mas eu sempre me imagino tendo meninas. Eu entrevistei uma colunista da *AzMin*a e ela estava me contando que, antes de elas terem filhos (da equipe começar a ter filhos), elas tiveram um debate sobre se deveriam ou não abrir espaço para homens colunistas. Foi uma discussão muito grande, porque umas queriam, outras achavam um absurdo. Enfim, elas chegaram a um consenso de que não cabia e que não era a ideia abrir para os homens falarem na revista. Só que depois elas começaram a engravidar. Algumas já têm filhos e algumas têm filhos meninos, então elas estão repensando essa abordagem de como abrir espaço para os homens falarem sobre feminismo também e como inserir os homens no debate e na luta feminista, porque claramente é uma problemática que afeta todos.

[00:13:26] Entrevistada: Sim! Inclusive, o meu marido. É claro que ele nunca foi babaca comigo, mas ele não teve uma criação feminista. A partir do momento que ele começou a conhecer o feminismo... Eu não posso dizer para você que ele é feminista. Eu não tenho isso claro na minha cabeça, se homem pode ser feminista ou não. Mas, em todo caso, eu acredito que ele seja pró-feminismo, a partir do momento em que ele concorda com as ideias do feminismo e coloca isso na prática, junto comigo e dentro de tudo que pode. Por exemplo, ele já é um cara que, para os amigos dele, acaba sendo uma referência. Por exemplo: tem aquele cara lá na firma que não quer saber de nada, que é babacão. Às vezes, o meu marido falando

uma coisa aqui, falando uma coisa ali, ou dando um exemplo mesmo... Muita gente falando, quando a gente engravidou: "Agora você vai ter que trocar fralda". O meu marido só sorria e falava: "É o mínimo que eu vou ter que fazer - trocar fralda, ajudar no banho". Meu marido esteve comigo no parto. Antes do parto ele estava empenhado em entender como funcionava, como ia ser, como não ia, o que podia e o que não podia, o que eu queria e o que eu não queria. Ele se colocou sob esse mundo da maternidade e da paternidade, porque às vezes esse universo da criança é jogado todo em cima da mulher. Tem que começar a puxar isso para os homens também. Os filhos, as crianças, não são feitos sozinhos. Eu não acredito que uma criança vai ser incompleta se ela não tiver a presença do pai ou alguma coisa desse gênero, mas eu acredito que pode ser um lugar muito melhor, a partir do momento em que os homens comecem a assumir os seus papéis de pais na criação, que não tenha tanta criança abandonada de todos os sentidos: abandonada pelo pai que não registrou, abandonada pelo pai que não quis, abandonada pelo pai que paga uma merreca de pensão.

[00:15:35] Entrevistadora: Sim, com certeza!

[00:15:37] Entrevistada: Essa era uma preocupação minha: pensar qual tipo de pai eu queria para um filho ou uma filha minha. Depois de ter tido o pai que eu tive, eu ficava pensando assim: "será que eu quero repetir esse modelo?". Eu acho que uma criança não merece um pai que vá bater, independente de ser menino ou menina. Um filho não precisa apanhar. Então, isso tudo eu fui sondando ao longo do tempo.

[00:16:06] Entrevistadora: Que bom que você conseguiu resolver a questão. Você chegou a participar ou você faz parte de algum grupo ou coletivo de militância feminista?

[00:16:18] Entrevistada: Não. Não participo de nenhum. Eu acompanho vários. Já participei de uma ou outra roda, mas eu não digo que participo de algum. Eu não acompanho presencialmente nenhum com frequência. Eu acompanho vários, esporadicamente.

[00:16:38] Entrevistadora: Você se sente, de alguma maneira, ou já se sentiu, acuada por se identificar com a causa feminista?

[00:16:49] Entrevistada: A partir do momento em que eu me entendi enquanto feminista, eu sabia que muita gente ia “torcer o nariz”, mas eu nunca me senti acuada por isso. Eu sei que o problema não é eu ser feminista, mas o mundo ser machista.

[00:17:07] Entrevistadora: Sim! Com certeza! Então, você nunca sofreu nenhum tipo de ameaça ou qualquer tipo de violência por se alinhar com o feminismo, nem *on-line*, digitalmente, por meio de discussões, debates, comentários?

[00:17:24] Entrevistada: Às vezes, a gente tem umas brigas no Facebook. Comentário em Facebook é o que tem de pior e de mais podre na internet. Eu vivo arrumando briga no Facebook, mas não é uma coisa que me carrega. Eu deixo passar, nem fico pesada com isso.

[00:17:49] Entrevistadora: É melhor mesmo! É mais saudável. Você convive com outras pessoas que também partilham do seu ponto de vista? Você comentou do seu marido.

[00:18:00] Entrevistada: Sim! Tem o meu marido, que eu consegui trazer para essas reflexões feministas. Você me perguntou como eu me identifiquei com essas discussões feministas. Eu me identifiquei logo que eu saí da casa do meu pai. Eu precisei morar 15 dias na casa do meu tio e da minha tia. Essa tia, em 15 dias - os 15 dias que eu estava mais fragilizada, tinha acabado de apanhar, tinha saído da casa do meu pai, estava procurando um lugar para morar, levantando uma grana, arrumando coisas - foi tão especial. Ela já era feminista e já se identificava como feminista. Ela me mostrou as coisas de um jeito tão delicado que, então, eu me entendi feminista. Quando ela falou com a delicadeza e com a sutileza dela, foi assim que eu me entendi. Então, tem essa minha tia que é feminista. Eu tenho trazido a minha afilhada para o feminismo também. Ela é da parte da família do meu pai, que é bem machista, então eu estou conseguindo trazer ela para essas reflexões, de que ela pode estudar. Eu vi que ela estava namorando, então eu falo sobre o que ela pode esperar do namorado, o que não é legal em um namorado.

[00:19:22] Entrevistadora: Eu ia perguntar, justamente, isso: como a identificação com a causa se reflete no seu convívio familiar mesmo.

[00:19:30] Entrevistada: No meu convívio familiar é mais isso: todas as meninas que eu posso trazer urgentemente para o feminismo, eu tento trazer, sempre de uma forma sutil. Eu acho que a gente tem que ter a sutileza de mostrar que não é nada radical. Eu tenho a impressão que chega com muita radicalidade no discurso. Eu não tenho nada contra quem faz isso. Eu acho que cada um tem uma forma de se expressar, mas eu acho que, para mim, não funciona. Eu acho que o melhor jeito mesmo é ganhar na lábia, mostrar bons argumentos para as pessoas e elas perceberem que não é esse “bicho de sete cabeças” que foi pregado e é pregado ainda. Parece que o feminismo é um bicho papão. Isso também na escola. Eu comecei, nos últimos anos - acho que já tem uns cinco anos -... Como a minha área é de ciências, sempre me falavam: “Você tem que trabalhar gênero, você tem que trabalhar raça”. Além do ensino da cultura afro e indígena, é sempre bom falar... Na área de ciência e química, sempre tem umas ideias bem distorcidas, que não me convenciam por completo. Falaram: “Você tem que trabalhar isso na escola”. Eu ficava: “Poxa! Isso é tão abstrato”. Falavam: “Trabalhe as ervas dos índios”. Em um ano eu trabalhei as ervas indígenas; no outro ano eu ia trabalhar de novo o mesmo tema. Então, eu comecei a trabalhar com cientistas mulheres, cientistas negras e cientistas indígenas. Eu comecei a trazer os trabalhos dessas mulheres. Eu cheguei à conclusão e, inclusive, até escrevi um artigo que está para ser publicado agora, que, dos alunos - eu acabei fazendo uma pesquisa ali por cima -, mais de 80% nunca tinha estudado sobre uma cientista mulher ou mulher e negra. Então, eu comecei a trazer.

[00:21:36] Entrevistadora: Caramba! É muito, né?

[00:21:38] Entrevistada: Sim! Eu comecei a trazer para a escola os trabalhos dessas mulheres. Tem aquele livro “As Cientistas”.

[00:21:47] Entrevistadora: Sim! É ótimo! A minha irmã tem esse livro.

[00:21:51] Entrevistada: Eu peguei esse livro. Eu peguei, por exemplo, a história da que fez cirurgia de catarata e levei para a escola. “Alguém conhece alguém que já teve catarata na família?”. A maioria teve um avô ou uma avó que fez cirurgia de catarata ou que tem catarata. “Foi uma mulher negra que criou a cirurgia a laser da catarata”. Eles ficam chocados quando eles descobrem isso. Então, eu acabo levando isso para a escola, para trabalhar com eles.

Ainda está longe de a gente ter livros didáticos que tragam isso. É todo um trabalho de formiguinha que a gente tem que fazer, mas eu acho que é esse o caminho dentro da escola.

[00:22:34] Entrevistadora: Com certeza, é um caminho e a educação é uma ferramenta fundamental. Eu tenho uma amiga que ela estuda na UnB também, faz doutorado em física. Ela e outras colegas montaram um projeto que se chama “A Menina que Calculava”. Já tem alguns anos que elas fazem isso...

[00:22:54] Entrevistada: Eu conheço! Quem é essa sua amiga?

[00:22:55] Entrevistadora: É a Lilah. O nome da minha amiga é Lilah.

[00:23:01] Entrevistada: Eu conheço esse projeto.

[00:23:02] Entrevistadora: Sério?

[00:23:05] Entrevistada: Eu tenho uma amiga, que estudava comigo no Paraná. Ela foi para Brasília e participou um tempo, então eu acompanho a página da Menina que Calculava.

[00:23:13] Entrevistadora: Nossa! Que coincidência! Muito legal! Foi essa minha amiga que criou, quando elas ainda estavam saindo da faculdade. Perdura até hoje. Elas vão e dão aulas para menininhas do ensino fundamental, para criancinhas. Eu acho muito sensacional a ideia.

[00:23:33] Entrevistada: Sim! É bem inspirador para mim também. É um dos primeiros movimentos que eu vi nessa direção, de trazer as meninas para a matemática. Ainda tem esse estigma de que as mulheres não são boas em ciências ou exatas, e que as meninas são boas com artes, com português, com literatura. Na verdade, não! A gente pode ser boa também em ciências. É foda gostar de arte e de literatura, mas a gente também pode gostar de ciências e matemática e ser boa nisso.

[00:24:00] Entrevistadora: Claro! Exato! A minha irmã está fazendo 14 anos. Eu lembro que quando ela tinha cinco anos foi quando a gente começou a fazer esse estímulo para ela se interessar também pelas exatas, e não só pelas humanas. Hoje ela participa de Olimpíadas de Matemática e Olimpíadas de Astronomia. Agora que ela está entrando no ensino médio, ela vai começar a participar de Olimpíadas de Física também. Ela adora!

[00:24:29] Entrevistada: Que legal! Tem outro livro, que agora eu estou lendo, que é parecido com esse das cientistas, só que ele é em espanhol. Eu comprei quando eu fui para a Argentina, já pensando na menina que eu iria ter - um dia eu vou ter uma menina e eu vou contar essas histórias. Meu marido é colombiano, né? Então, a gente está tentando introduzir a língua espanhola para o meu filho também, para ele poder conversar com os avô e com os tios, sem precisar de tradutor. Então, todo dia a gente conta história para ele em espanhol. A gente começou, primeiro, com o livro do Pequeno Príncipe - El Principito. Meu marido leu todo o El Principito para ele. "Vai lendo para ele em espanhol, para ele se acostumar com as palavras". Eu fico pensando: "será que eu não estou mostrando para o meu filho que só mulher pode ser cientista e ele vai crescer o inverso?". Mas ele não vai crescer achando que só mulher pode ser cientista. Primeiro, o quarto dele é todo decorado de planetinha, de cientista, de bichinhos. Tem um astronauta com o nome dele. Então, ele não vai crescer achando que ele não pode ser um astronauta, que ele não pode ser um cientista. Ele vai saber que ele pode ser. Ele conhecer mulher, eu só vou estar construindo um menino que não vai ficar chocado quando, lá na frente, se ele quiser trabalhar com ciência, com trabalhar com outras mulheres ou inferiorizar as colegas dele.

[00:26:03] Entrevistadora: Tem uma série de livrinhos - acho que o nome é Anti-Princesas e Anti-Heróis. Eu sei que a primeira versão foi feita em espanhol, mas hoje tem também em português. São livros pequenininhos, que contam a história de diferentes personagens. Tem o da Frida, tem o da Clarice Lispector, tem o da Violeta Parra, tem o do Che também - são vários livros.

[00:26:31] Entrevistada: Eu acho que eu sei. Não é um livro com todos. São separados. Acho que eu já vi algumas das páginas.

[00:26:39] Entrevistadora: Eu dei para a minha irmã, quando surgiu. Eu comprei para ela em espanhol mesmo, porque ainda não tinha em português, mas hoje já tem.

[00:26:50] Entrevistada: Que legal! Vou procurar, para o Francisco.

[00:26:54] Entrevistadora: Você me contou um pouco sobre a convivência com a família, no ambiente de trabalho. E com os amigos, como é? Seus amigos também se alinham mais à causa do feminismo? Você já teve embates ou é uma convivência mais tranquila?

[00:27:13] Entrevistada: Na verdade, eu vou te falar que eu tenho convivência mais com amigas. Ao longo dos anos, eu acabei me afastando de muitas amizades que eu tinha, por questões mesmo de vida - “foi trabalhar em outro lugar”, “foi estudar em outras coisas”, “votou no Bolsonaro” (isso também é uma questão para me afastar porque, para mim, isso é inconcebível alguém ter votado no Bolsonaro). As eleições me afastaram de muita gente.

[00:27:50] Entrevistadora: É doloroso, na verdade.

[00:27:52] Entrevistada: Sim! Então, eu acabei me afastando. Hoje, eu não tenho muitas amizades. A única amiga com quem eu falo com mais frequência, eu não vejo ela se identificando com o feminismo e me dói. Ela não chega a ser machista, mas tem algumas ideias que vieram da criação dela. Quando a gente estava no ensino médio, a gente era muito alinhada nesse sentido, porque eu também tinha essa visão, só que eu acabei mudando com o tempo e ela ficou com aquelas visões. Hoje em dia, a gente apresenta visões de mundo diferentes. Então, eu acabo ficando até com dó, mas eu também não consigo ter tanta proximidade assim. Então, eu acabei me afastando dela também um tanto, principalmente nessas conversas que envolvem gênero.

[00:28:43] Entrevistadora: As amigas de quando a gente era muito novinha, às vezes os caminhos vão para direções muito diferentes e as pessoas também mudam muito.

[00:28:55] Entrevistada: Uma coisa que acontece: no meu trabalho, eu não faço amizade. Isso é uma coisa que eu já até levei para a terapia. Eu falei para a psicóloga: “Eu estou achando que eu sou autista, porque eu não faço amizade no trabalho”. Ela falou: “Não! Fique tranquila. Você não é autista, não”. Se fosse, não teria problema. Ela falou: “Não é o seu caso. Você não é autista”. Mas eu não consigo fazer amizades no trabalho justamente por eu trabalhar geralmente com uma galera bem mais velha do que eu. Eu trabalho na prefeitura da região metropolitana. Eu sou a professora mais nova. Geralmente, é um pessoal de 50 anos ou mais. Por mais que o pessoal tente desconstruir, ainda é muito enraizado, tanto de

machismo, quanto de racismo. Então, eu acabo não tendo afinidade para conversar. Eu dialogo quando precisa, mas eu não consigo criar laços com pessoas que ainda estão com esse tipo de pensamento. Então, eu não faço amizades. Daí, no meu outro emprego do Estado... Eu trabalhava mais à noite no Estado e, geralmente, quem trabalha mais à noite são homens. É claro que eu conheci muita gente legal, inclusive alguns professores de Filosofia, Sociologia, que entendiam sobre feminismo, mas quando você vai pegar o pessoal da minha área - Matemática, Química, Física... Eu ainda não dei a sorte de encontrar uma colega ou um colega que fosse pró-feminismo. É uma galera mais reaçã. Às vezes com o racismo escondido, com o machismo escondido. Então, eu acabo não fazendo muitas amizades no trabalho. Nesse momento, minhas amizades são mais com o pessoal da minha família. A pandemia ainda ajudou a gente a se afastar de mais gente, porque isolou a gente. Não é algo que me preocupa no momento.

[00:31:01] Entrevistadora: Eu me identifico muito com o seu relato em relação ao trabalho. Onde eu trabalho, o pessoal também tem uma cabeça muito conservadora. Muitas vezes, o racismo não é nem oculto, ele não é de leve; é bem explícito mesmo. No lugar onde eu trabalho (vai fazer seis anos agora), são pouquíssimas as pessoas com quem eu desenvolvi mais afinidade, porque, de maneira geral, é complicado!

[00:31:35] Entrevistada: Sim!

[00:31:36] Entrevistadora: Continuando: agora entrando um pouquinho mais no tópico da mídia mesmo. Como você acha que a mídia, no geral, a tradicional e hegemônica, aborda a temática da violência contra a mulher?

[00:31:50] Entrevistada: Eu acho que ela ainda é negligente. Eu não vejo mais a mídia tão machista, pelo menos pelo o que eu tenho acompanhado, mas eu vejo uma negligência em abordar esse tipo de assunto. Eu não vejo mais nenhum veículo dando a entender que, em um feminicídio, a culpa foi da mulher ou que a mulher que traiu merecia ser morta pelo companheiro. Eu nunca vejo, pelo menos dos que eu acompanho, falando assim. Mas eu também vejo uma negligência muito grande em não se falar. Não se fala contra a mulher, mas também não se fala a favor. Às vezes, é como se não existisse. Na questão da mídia

mais ampla (não estou falando da mídia direcionada e feminista, como *AzMina*, a *Gênero e Número* - que são as duas que eu mais acompanho), se você pegar o jornal da minha cidade, ele nunca vai colocar: “A mulher morreu porque estava traindo o marido” - coisa que eu via na minha infância. Isso eu já não vejo mais. Por outro lado, eu vejo muito pouco abordando conteúdos feministas.

[00:33:16] Entrevistadora: Eu conversei com algumas pesquisadoras argentinas, e elas estavam estudando, justamente, a abordagem das mídias tradicionais de lá sobre isso. Lá existia a mesma terminologia. Não se falava em feminicídio; se falava em “crime passional”. Agora, nos últimos anos, fizeram a lei do feminicídio lá também e começou a acontecer um movimento para a mídia mudar o tratamento e as terminologias. Mas as reportagens e as formas de cobrir os assuntos ainda são enviesadas lá, segundo a pesquisa dessas moças.

[00:34:01] Entrevistada: Superficial, por vezes.

[00:34:02] Entrevistadora: Exato! Você acha que a mídia trata do machismo estrutural da sociedade?

[00:34:11] Entrevistada: Do machismo estrutural, não. O que a mídia tem relatado nos últimos tempos é mais o machismo escancarado. “Um homem matou uma mulher” - ele vai falar que foi machista, esse tipo de coisa. Mas machismo estrutural? De forma alguma isso é abordado!

[00:34:31] Entrevistadora: É mais quando tem correlação com violências, né?

[00:34:37] Entrevistada: É, quando chegou no extremo.

[00:34:39] Entrevistadora: Violência física, né? Para você, como a mídia aborda a temática da descriminalização do aborto?

[00:34:52] Entrevistada: A mídia em massa se coloca contra. Aqui em Curitiba, o jornal maior que tem aqui, até então, era a *Gazeta do Povo*, que está conhecida no Brasil inteiro como um jornal super “reaça”. Eles ainda estão do lado do Bolsonaro, contrataram o Constantino e mantiveram o Constantino lá. É um jornal super “reaça”. Eles estavam fazendo propagando agora dizendo: “A gente tem coragem de falar o que ninguém mais tem coragem”, como se ninguém mais tivesse coragem de falar o papo da direita, ninguém mais tem coragem de falar

aquele papo pró-vida (contra o aborto), e eles têm coragem de ter. Esse jornal é totalmente “reaça”, contra a descriminalização do aborto. Outros, também.

[00:35:51] Entrevistadora: Embora eu more em Brasília há muitos anos (já tem 17 anos que eu estou aqui), eu sou gaúcha. Eu sei que, não só a mídia no Rio Grande do Sul (acho que no Sul, em geral), mas a população também é extremamente conservadora, muito tradicionalista. Acho que acaba entrando em um ciclo vicioso, porque a imprensa regional propaga isso e as pessoas vão disseminando também.

[00:36:25] Entrevistada: A mídia, para agradar os leitores, propaga mais isso e ensina. Eu acho que o no Rio Grande do Sul está um pouco mais avançado. Mas hoje eu vejo o Paraná como um dos antros dos reacionários no Brasil, infelizmente.

[00:36:45] Entrevistadora: E Santa Catarina eu acho que supera.

[00:36:49] Entrevistada: Ah, sim! Acho que está juntinho. No interior de Santa Catarina, tem os coronéis que se elegem. O governador, acho que ele é super aliado ao Bolsonaro - agora eu acho que ele está fora.

[00:37:05] Entrevistadora: O eleitorado é muito forte da extrema-direita.

[00:37:13] Entrevistada: Tem um cara que foi preso. Ele era professor de História, em Santa Catarina. Ele tem a piscina com o símbolo do nazismo. Aí, levaram ele só para prestar esclarecimentos. É normal ter uma piscina... Dá para ver até no Google Maps a piscina dele com a suástica.

[00:37:33] Entrevistadora: Gente, eu não sabia dessa história. Nossa! Parece que a gente vive uma distopia. É muito incômodo!

[00:37:44] Entrevistada: Sim!

[00:37:46] Entrevistadora: Dando prosseguimento então, ainda sobre a mídia, como você acha que a mídia retrata a posição das mulheres no mercado de trabalho?

[00:37:58] Entrevistada: Eu encaro que é propagada uma visão de que já tem uma igualdade, que as mulheres já podem sair para trabalhar, que não tem uma lei que fale que mulher não pode trabalhar com isso ou com aquilo, então já está ótimo! Eu não vejo trabalhando essa questão da diferença do mercado de trabalho. A mulher, na verdade, tem jornada dupla: ela

trabalha muitas vezes fora e trabalha em casa também; enquanto o marido só trabalha fora. Tem a questão também da licença-maternidade, que eu estou vivendo na pele agora, que também é pouco abordada. O pessoal dá quatro meses de licença-maternidade e acha que é demais. “Se for dar mais, não vão contratar as mulheres”. Às vezes, eu tenho até medo que seja verdade que se fosse dar licença-maternidade maior fosse contratar menos mulheres. Tem gente que já fala: “Não contrato mulher porque mulher fica grávida”. É um completo absurdo!

[00:39:07] Entrevistadora: É difícil!

[00:39:08] Entrevistada: Quatro meses não é nada!

[00:39:10] Entrevistadora: Não! É muito pouquinho! E sobrecarrega muito a mulher, porque os homens têm pouquíssimo tempo de licença.

[00:39:19] Entrevistada: Sim! O meu marido teve os cinco dias dele. Foi horrível! Eu precisei fazer uma cesárea de última hora, então eu já estava com todos aqueles hormônios, eu estava na pós-cirurgia, eu mal conseguia levantar para pegar o meu filho. Foram dias bem difíceis por não ter a companhia dele. Depois, ele conseguiu tirar férias, mas já tinham passado alguns dias. Nos primeiros 15 dias, eu fiquei sozinha, sem ajuda dele, com uma cirurgia. Não podia chamar ninguém de fora, por causa da pandemia. Foi bem complicado!

[00:39:59] Entrevistadora: Exato! Isso depois da cirurgia. Quando a minha mãe teve a minha irmã, também! Ela tinha só quatro meses de licença. Meu pai teve muito pouco tempo para ficar com ela. No parto, os médicos que fizeram o parto, quebraram duas costelas dela. Ela estava pós-cirúrgica e ainda machucada.

[00:40:27] Entrevistada: Gente! As costelas da sua mãe, no caso?

[00:40:30] Entrevistadora: Sim, com as costelas da minha mãe. Não foi da minha irmã. Pelo menos isso!

[00:40:38] Entrevistada: Foi apertando a barriga da sua mãe, provavelmente. É violência obstétrica isso aí.

[00:40:46] Entrevistadora: Sim! É bem complicado! Entrando agora nas questões relativas à *AzMin*a mesmo e ao midiativismo feminista, o que te motiva a acompanhar o trabalho da

AzMina e de iniciativas de jornalismo feminista, no geral (você falou que também acompanha a *Gênero e Número*)?

[00:41:08] Entrevistada: Eu nunca tinha parado para pensar sobre isso, até ler a sua mensagem. Por que eu acompanhava? Eu acompanhava e não sabia o por quê. Eu parei para pensar e, na verdade, a gente não tem dados na grande mídia - na mídia que não é direcionada para o feminismo. Então, quando a gente acompanhava esse tipo de jornal, que traz esse tipo de informação, é importante para a gente ter verdade sobre o que está acontecendo. Por mais que eu estude feminismo, que eu leia leitoras feministas, eu vou acabar lendo mais da minha área, que é de ciências. Eu não vou procurar como está o feminismo em psicologia ou nos estudos de mídia. Quando eu acompanho esse tipo de jornal, eu consigo ter um acesso a outras áreas também. Eu acho que a importância desse tipo de jornal, desse tipo de iniciativa, é - a gente chama no sentido de - a transposição didática. Eu não sei se tem um nome específico disso no jornalismo. Mas eu acredito que é mais ou menos isso o que eles fazem. Eu não teria tempo de acompanhar vários artigos e me aprofundar em todos os assuntos, mas, a partir do momento em que eu acompanho o jornal, o jornal tem esse papel de pegar diversos assuntos, entrevistar especialistas em cada área e trazer isso para uma pessoa que é leiga. Eu me considero leiga em outras áreas (direito, psicologia, medicina). Isso acaba trazendo uma linguagem acessível para quem é leigo. Então, na área que eu sou leiga, eu, lendo o jornal, consigo me informar sobre outras áreas, algo que está fora da minha bolha do pensamento feminista.

[00:43:04] Entrevistadora: Quando foi que você conheceu *AzMina*? Você se lembra mais ou menos quando e como foi a situação? Como você começou a acompanhar?

[00:43:17] Entrevistada: Deve fazer uns três anos. Eu acho que eu comecei acompanhar elas quando eu fui escrever o meu projeto para o doutorado. Eu entrei no doutorado em 2019, então eu comecei a acompanhar em 2018. Eu acredito que eu comecei a acompanhar em 2018. Foi quando eu comecei a escrever o meu projeto. Eu precisava de dados, muitos dados, então eu fui atrás das reportagens para fundamentar o que eu queria estudar.

[00:43:46] Entrevistadora: Sobre o que é o seu projeto?

[00:43:49] Entrevistada: Eu entrei com um projeto para falar sobre as cientistas mulheres. Eu queria desenvolver alguma coisa para a escola sobre cientistas mulheres - fazer um livro ou alguma coisa assim -, principalmente negras. Era sobre mulheres negras nas ciências. Eu queria levar isso para o doutorado e desenvolver alguma coisa nesse sentido.

[Trecho retirado a pedido da entrevistada]

[00:45:16] Entrevistadora: Você também lê, escuta, assiste conteúdos de outras iniciativas, além da *AzMina* e da *Gênero e Número* - iniciativa de midiativismo feminista? Você conhece mais alguma?

[00:45:31] Entrevistada: De cabeça, agora, eu não lembro de nenhuma. Mas eu acompanho, por exemplo, uma de educação sexual, que passa pelo feminismo. Quem levanta essas bandeiras de pautas feministas é a *Pipo & Fifi*, que é da Carolina Arcari. Eu acompanho as discussões dela. *A mãe que virou cientista*, eu também acompanho. Eu leio bastante ela. Deixa eu ver o que mais. Eu acabei também assistindo a muitos documentários. Eu assisti alguma coisa sobre violência obstétrica. Eu entrei em alguns grupos sobre essa questão de alienação de parto, que também é uma pauta feminista. Eu acompanhei alguns grupos e algumas páginas sobre isso.

[00:46:29] Entrevistadora: Por qual dispositivo você costuma acessar o conteúdo da *AzMina*? Geralmente, é pelo celular, pelo computador?

[00:46:38] Entrevistada: Celular e computador: 50% cada um.

[00:46:43] Entrevistadora: Como você acessa o conteúdo? Você entra pelas mídias sociais (Facebook, Instagram) ou você acessa o portal? O portal, você já chegou a acessar? Você conhece?

[00:46:58] Entrevistada: Facebook. Eu nunca entrei direto pelo portal.

[00:47:03] Entrevistadora: Geralmente, cai lá, quando você entra pelo Facebook.

[00:47:04] Entrevistada: Isso!

[00:47:06] Entrevistadora: Geralmente, você acessa de onde: casa, trabalho, da rua?

[00:47:15] Entrevistada: Hoje, é só de casa, desde que começou a pandemia. Mas antes eu acessava também no intervalo do trabalho.

[00:47:25] Entrevistadora: Você sabe, mais ou menos, com que frequência você acessa esses conteúdos?

[00:47:34] Entrevistada: Hoje, eu acredito que umas três vezes na semana.

[00:47:39] Entrevistadora: Você disse que é quando você está em casa. Você sabe, mais ou menos, se é mais à noite, de manhã, de tarde?

[00:47:50] Entrevistada: Não tem muito uma periodicidade. Por exemplo, agora, o Francisco é pequeno. Na hora que ele está mamando, eu fico olhando as notícias ou de madrugada, quando me dá insônia, depois de colocar ele para dormir, eu fico dando uma olhadinha também.

[00:48:11] Entrevistadora: Geralmente, é o horário que você tem disponível. Você acessa e esses conteúdos aparecem para você.

[00:48:18] Entrevistada: Antes da pandemia, quando eu estava trabalhando presencial, eu acessava bastante à tarde. Antes da pandemia, eu tenho certeza que era à tarde. Eu trabalhava de manhã e de noite, então à tarde eu tirava para ler, para assistir o que eu gostava.

[00:48:33] Entrevistadora: Beleza! Você se lembra de alguma matéria ou de algum conteúdo da revista que te marcou mais?

[00:48:47] Entrevistada: Eu acho que foi os dados que eu usei para a pesquisa do doutorado. Agora, eu não vou conseguir lembrar exatamente. Elas falavam sobre as mulheres cientistas e como é desigual na pós-graduação. No Paraná, são só nove mulheres negras dando aula na pós-graduação *stricto sensu*.

[00:49:11] Entrevistadora: Caramba!

[00:49:14] Entrevistada: É muito pouco!

[00:49:15] Entrevistadora: É muito pouco mesmo!

[00:49:16] Entrevistada: Isso me chocou. Eu não lembro se eu li na *AzMina* ou se eu li na *Gênero e Número*. Eu acho que foi na *Gênero e Número*. Mas esse foi um dado que me chocou. Na última semana, eu li na *AzMina* sobre mães narcisistas. Daí, eu me peguei refletindo sobre isso. Desde que eu tive o meu filho, eu fiquei pensando: “será que não existe

um amor tão grande quanto o de mãe?”. Eu fiquei idealizando. Eu li essa notícia e eu falei: “Calma! Eu não posso projetar o que eu sinto pelo meu filho e a relação que eu tenho com o meu filho para todos”. Eu não posso reproduzir um discurso que toda mãe é perfeita, que toda mãe vai amar o seu filho impecavelmente, porque não é. Em algum momento, eu vou falhar também com o meu filho. Eu até falei com a psicóloga: “Meu filho talvez também tenha que fazer terapia. Mas eu quero que ele faça por outros motivos, e não pelos que eu estou fazendo”. Pode até ser por minha causa, mas que seja por coisas mais leves.

[00:50:23] Entrevistadora: Eu vi essa matéria delas, sobre as mães narcisistas. Quais diferenças você enxerga entre a cobertura da *AzMina* e da mídia tradicional?

[00:50:39] Entrevistada: Eu vejo toda diferença. Na verdade, na mídia tradicional nunca houve esse levantamento dos dados da situação da mulher. A mídia tradicional não se preocupa em falar que licença-maternidade é pouco, que tem lugares que dão mais. Não é colocado, na mídia tradicional, que, se desse licença-maternidade maior, a produtividade poderia ser melhor e as relações trabalhistas poderiam ser melhor. Além de outras questões, como acesso à educação. Às vezes, eu acho que é mais complicado, não no sentido de não ter vagas para as mulheres. Mas eu ainda vejo que algumas meninas, além de trabalhar e estudar, ainda cuidam da casa. Algumas meninas casam cedo (casamento infantil). Eu não vejo isso sendo abordado tanto na grande mídia, na mídia tradicional.

[00:51:50] Entrevistadora: Você acha que tem semelhanças também entre a cobertura da *AzMina* e da mídia tradicional?

[00:52:00] Entrevistada: O que chega mais próximo, nessa discussão, é um jornal que a gente tem aqui, que se chama *Plural*. Ele é de um repórter que foi mandado embora da Gazeta do Povo, justamente por não concordar mais de pregar “bolsonarice” lá. Ele foi mandado embora e fundou o jornal dele. O *Plural* aqui, que não é nem semelhante, é o que eu vejo que tem alguns pontos que traz mais essas discussões do feminismo.

[00:52:38] Entrevistadora: Você costuma ou você já tentou entrar em contato com as *AzMina*? Você interage por comentários, por compartilhamentos?

[00:52:53] Entrevistada: Por comentário, eu não lembro muito de interagir tanto, porque às vezes eu me vejo mais interagindo nas notícias da mídia tradicional, brigando com o pessoal que é “reaça”, brigando com o pessoal que é machista, racista, homofóbico. Então, eu lembro muito mais de interagir nos veículos tradicionais, brigando com o pessoal nos comentários, do que comentando na revista *AzMina*. Eu não lembro qual foi a última vez que eu comentei lá.

[00:53:27] Entrevistadora: No perfil das *AzMina*, né? Lá você também responde os comentários que são mais machistas, misóginos?

[00:53:41] Entrevistada: Na mídia tradicional?

[00:53:42] Entrevistadora: Não, na *AzMina*. Você se lembra de já ter respondido?

[00:53:44] Entrevistada: Nunca vi um comentário machista em uma notícia da *AzMina*. Eu não me lembro.

[00:53:51] Entrevistadora: Que interessante isso! Eles não são tão frequentes mesmo. Mas de vez em quando, tem.

[00:53:57] Entrevistada: Eu não me recordo mesmo.

[00:54:00] Entrevistadora: Você acha que a revista interage com o público? Você acha que a revista dá um retorno quando as pessoas comentam? Ou você nunca observou?

[00:54:12] Entrevistada: Eu também nunca observei.

[00:54:15] Entrevistadora: Tudo bem! Não tem problema. Quais características positivas da *AzMina* você destacaria?

[00:54:24] Entrevistada: A abordagem dos roteiros. Os levantamentos que elas fazem são de uma qualidade excepcional.

[00:54:31] Entrevistadora: Quais características negativas você acha que a revista tem?

[00:54:38] Entrevistada: Eu acho que o *designer* é um pouco poluído. Eu acho que é uma questão de gosto pessoal. Mas o *designer*, eu acho um tanto quanto poluído.

[00:54:53] Entrevistadora: Que interessante a sua perspectiva. Ninguém tinha falado do *designer* ainda.

[00:54:59] Entrevistada: Eu lembro como se fosse uns recortes e eu acho que fica muito poluído. Me distraio às vezes. Me afeta de alguma forma.

[00:55:13] Entrevistadora: Beleza! Durante a pandemia, você acha que começou a acompanhar mais ou menos a revista? Você sentiu alguma diferença?

[00:55:27] Entrevistada: Eu acredito que eu estou acompanhando menos. Eu acessava muito no intervalo do trabalho. Eu tinha um intervalo muito grande no trabalho. Agora, na pandemia, além de não ter mais esse intervalo de trabalho, eu, de alguma forma, acabei me sobrecarregando em casa.

[00:55:45] Entrevistadora: Sim, com o bebê.

[00:55:46] Entrevistada: Por mais que a gente divida as tarefas, há uma sobrecarga em cima da mulher. Eu fiquei muito sobrecarregada na pandemia, então eu tenho acompanhado menos.

[00:55:57] Entrevistadora: Na sua opinião, quais foram os impactos da pandemia para *AzMina* ou para outras iniciativas de midiativismo feminista? Você acha que impactou?

[00:56:12] Entrevistada: O que eu tenho visto muito é que, desde o começo, não foi trazido em debate a questão de as mulheres que deveriam ficar sobrecarregadas e como a pandemia afetou de uma forma diferente a questão do gênero. Eu estou em uma bolha que eu posso falar: "Eu estou sobrecarregada com serviços domésticos, desde que começou a pandemia". A gente está com crise hídrica aqui também, então não é todo dia que tem água, não é todo dia que eu posso lavar roupa - daí, a roupa acaba acumulando e, no dia que eu vou lavar roupa, tem que lavar muita roupa e tem que secar muita roupa, mas no frio de Curitiba a roupa não seca. Tem toda essa questão que acabou me sobrecarregando. Eu vi já isso sendo trazido por elas, que é algo que eu não vi na mídia tradicional.

[00:57:10] Entrevistadora: Eu conversei com a diretora-executiva da revista, que me contou que, no início, quando começou a pandemia, todas as pautas, todas as reportagens, se voltaram para essa temática, porque realmente tem muito o que falar sobre isso, de reprodução social - as mulheres terem que fazer o trabalho doméstico e ainda assumirem muitas outras responsabilidades que vêm junto com o trabalho remoto - ou tentar equilibrar a

situação toda da crise sanitária dentro de casa, com a família em risco, por causa da pandemia.

[00:57:48] Entrevistada: Ter que cuidar das crianças e dos idosos. Muitas mulheres tiveram que se afastar dos trabalhos. “Quem vai se afastar do trabalho para ficar com as crianças em casa?”. É a mulher que se afasta.

[00:58:02] Entrevistadora: Geralmente é a mulher. Exatamente! Como leitora, como você lida com a atual conjuntura da ampla disseminação de notícias falsas?

[00:58:17] Entrevistada: Eu, na verdade, não tenho mais acesso a *fake news*, porque eu não tenho mais contato com esse pessoal que propaga notícias falsas. Eu cortei relações totalmente com quem propaga. Não tenho mais no Facebook. Então, para mim, não chega mais. O que chega para mim é o pessoal que comenta na mídia tradicional. “Tem essa *fake news*”. Ou quando meu marido me mostra no grupo do condomínio, porque nem no grupo do WhatsApp do condomínio eu estou. Quando meu marido me mostra, eu falo: “Que absurdo!”. Eu não tenho mais contato com *fake news*. Mas eu sei como é tenebroso. Eu justamente me afasto porque eu sei justamente que os efeitos são horríveis. Eu vou dar um exemplo para você. Eu tenho uma colega, professora, que no ano passado, no final do ano, chegou com *fake news* no grupo da escola de que limão curava Covid. A gente tinha uma colega que tinha acabado de perder o marido por Covid e daí vem a outra postar que limão cura a doença? Eu fiquei revoltada, mas ninguém falou nada. Ninguém tem coragem de falar: “Fulaninha, por favor! É claro que não cura”. Só que eu tive a coragem de peitar a fulaninha. Fazia um ano que eu trabalhava na escola e o pessoal que estava ali trabalhava vários anos juntos. Eu ainda sai como ruim quando eu fui peitar ela. Eu falei: “Cara, isso está errado! Você vir em um grupo de professores e escrever que limão cura Covid? Isso é absurdo! Se fosse tão fácil assim, era só a gente tomar suco de limão, comer ovo, que não estava todo mundo morrendo”. É vacina! A gente precisa de vacina! Na época, ainda não estava vacinando. Eu falei: “A gente precisa de vacina. Ela tem que chegar e a gente tem que se vacinar”. Ela me achou ruim. Ela falou que foi o amigo dela do hospital - deu o nome de um hospital famoso da cidade - que passou para ela. Eu liguei no hospital. Na hora que ela escreveu “é do hospital

tal”, eu liguei no hospital, passei todos os *prints* da *fake news*, falei que ela estava usando o nome do hospital. Aí, o hospital ligou para ela e ela ficou possessa, até me xingou no grupo da escola. Me tiraram do grupo da escola, porque eu denunciei a menina que estava usando o nome do hospital para fazer *fake news*. Será que eu estou errada, gente? Tem tanta gente morrendo. O pessoal mais de idade, que lê isso desavisado, acredita que se tomar limão, aumenta a imunidade e não dá Covid.

[01:01:01] Entrevistadora: Sim, acredita mesmo. Eu tenho uma colega de um grupo de pesquisa sobre feminismo que a avó dela pegou Covid, aí foi ao médico e o médico passou o kit cloroquina e ela teve complicações por causa dos remédios e morreu por sobrecarga nos rins. A família ficou extremamente revoltada, né?

[01:01:26] Entrevistada: Sim! A família do meu marido inteira está com Covid lá na Colômbia. Essa *fake news* do Bolsonaro chegou lá na Colômbia, porque os irmãos dele... E é uma galera que vota na esquerda, é uma galera que vai para os protestos. Chegou de um jeito a *fake news* lá que até o pessoal que é contra o Bolsonaro lá está acreditando nessas baboseiras do Bolsonaro. Não queriam dar paracetamol para baixar a febre da mãe do meu marido, a minha sogra, porque “a indústria farmacêutica só queria vender paracetamol”. Paracetamol não cura Covid, mas ele baixa a febre, tira a dor no corpo. Queriam dar cloroquina, ivermectina.

[01:02:19] Entrevistadora: Cristine, a gente está em uma situação em que dá medo, porque a gente não sabe como reverter mais, do jeito que se expandiu essa conjuntura de notícias falsas e pós-verdades. Saiu totalmente do controle!

[01:02:40] Entrevistada: E chegou na Colômbia!

[01:02:43] Entrevistadora: A última pergunta - eu já tomei bastante do seu tempo: eu queria saber como você acha que essas notícias falsas afetam a revista *AzMina* e outras iniciativas de midiativismo feminista.

[01:03:02] Entrevistada: O que eu percebo é que as *fake news* têm um poder muito grande nessas pessoas que acreditam, que não têm discernimento para refletir um pouquinho. Eu vejo que as *fake news* têm um poder muito grande. Não precisa nem necessariamente ser o

tradicional, que traga uma notícia que seja contra a *fake news* ou que fale algo contra a *fake news* ou a mídia feminista... A pessoa que leu a *fake news* que ela recebeu no WhatsApp, com um link totalmente aleatório, sem procedência nenhuma, ela acaba acreditando mais. Ela acredita mais na *fake news* do que em um veículo que já está consolidado.

[01:03:54] Entrevistadora: Entendi! São essas as minhas perguntas. Você tem alguma colocação a mais a fazer? Você tem alguma dúvida?

[01:04:04] Entrevistada: Não, nenhuma! Está tranquilo!

[01:04:06] Entrevistadora: Muito obrigada pelo seu tempo, pela sua atenção, pela sua disposição. Eu fiz a qualificação agora, no mês passado. Eu tinha feito as entrevistas-piloto, mas agora eu estou começando com as entrevistas mesmo para a tese. Eu vou transcrever as suas entrevistas nas próximas semanas. Quando a transcrição estiver fechada, eu te mando para você dar uma olhada e confirmar se é isso mesmo, para depois eu poder usar no trabalho. Depois que eu defender - ainda demora uns dois anos -, eu te mando também. Qualquer dúvida que você tiver...

[01:04:46] Entrevistada: Nós vamos defender juntas!

[01:04:48] Entrevistadora: Ah, é! Que ótimo!

[01:04:51] Entrevistada: O meu também está mais ou menos nesse pé. Eu não qualifiquei ainda, mas eu estou pretendendo, daqui a dois anos, defender o final.

[01:04:59] Entrevistadora: Muito bom! Eu vou querer ver o seu trabalho também.

[01:05:01] Entrevistada: Pode deixar! Eu mando, sim.

[01:05:03] Entrevistadora: Então, a gente fica em contato. Você tem o meu número. Eu estou inteiramente à disposição, se você tiver dúvidas e quiser me contatar.

[01:05:11] Entrevistada: Está bom!

[01:05:12] Entrevistadora: Melhoras para o seu marido e muito obrigada pela conversa. Foi um prazer! Um beijo. Tchau, tchau!

Dayane - leitora *Think Olga*

[00:00:01] Entrevistadora: Eu posso te chamar de Day?

[00:00:02] Entrevistada: Pode! Eu até prefiro. Eu gosto.

[00:00:05] Entrevistadora: Então, está bom! Você mora em Alagoas, é isso?

[00:00:10] Entrevistada: Isso! Eu moro em Maceió.

[00:00:13] Entrevistadora: Você mora em Maceió mesmo, né? Tem um mar lindíssimo, né?

[00:00:20] Entrevistada: Eu não entendi. Me desculpa!

[00:00:23] Entrevistadora: O mar daí é muito bonito.

[00:00:27] Entrevistada: É lindo!

[00:00:37] Entrevistadora: Oi? Me desculpa, mas eu não te ouvi direito.

[00:00:41] Entrevistada: O litoral daqui é tão lindo. Eu falei: "É mesmo".

[00:00:47] Entrevistadora: Sim! É impressionante, porque na cidade, em Maceió mesmo, o mar já é super bonito. Geralmente, não é assim em cidade maior.

[00:00:59] Entrevistada: Eu até acho isso - até conversei com o meu marido: não conheço outro lugar próximo em que as pessoas vão para ficar muito, sabe? A própria cidade é muito linda.

[00:01:13] Entrevistadora: Sim! É verdade. Eu queria saber algumas questões mais voltadas para a sua relação com o feminismo mesmo. Antes disso: qual é a sua profissão, Day?

[00:01:29] Entrevistada: Eu faço posicionamento digital. Eu tenho uma agência digital. Meu irmão atua na parte dos *softwares*, essas coisas, porque ele é de TI. Antes, eu fazia redes sociais, Insta, essas coisas. Esse ano eu resolvi priorizar um pouco mais isso e faço mais posicionamento digital, fico com as marcas voltadas ao [inaudível].

[00:02:01] Entrevistadora: Entendi! Você se considera feminista?

[00:02:06] Entrevistada: Não.

[00:02:07] Entrevistadora: Por quê?

[00:02:10] Entrevistada: Eu não me considero por alguns pontos, como, por exemplo, o aborto - é um dos pontos mais fortes. Eu acredito que existem inúmeras formas de a gente evitar. Eu penso na minha filha. Acredito que não é porque nós temos um corpo dentro do nosso corpo que nós temos o direito de decidir o que vai ser da vida dele ou não. Eu acho que esse é um ponto muito forte.

[00:02:51] Entrevistadora: Apesar disso, você segue mídias que se alinham ao feminismo (veículos, canais)?

[00:03:00] Entrevistada: Sim. Sim. Sigo e concordo muito com muitas partes, principalmente com a parte do machismo. Isso é decorrente das nossas falas, é decorrente desse sistema arcaico, é enraizado. Quando a gente procura, em até mesmo histórias antigas, dá para ver que isso é enraizado. Eu acho que essa luta pelos direitos das mulheres não é fácil.

[00:03:40] Entrevistadora: Você me disse que não se considera feminista, mas eu queria saber o que é ser feminista, da sua perspectiva. O que você acha que é o feminismo?

[00:03:53] Entrevistada: Eu acho que é finalmente as mulheres se alinharem e buscarem ter o mesmo valor, não só de produção, mas na forma como os homens são tratados. As mulheres [inaudível]. Para mim, o feminismo agrega pequenos pontos. Como eu posso dizer? Algumas coisas, a gente acaba evitando mais. Eu acredito que feminismo é isso: é a mulher se defender, as mulheres lutarem uma pelas outras e, cada vez mais, [inaudível]. É a forma como deveria ter sido desde sempre, sem essa desigualdade social que tem hoje.

[00:04:56] Entrevistadora: Quando e como foi que você descobriu que você tinha afinidade com essa pauta de buscar equidade de direitos entre homens e mulheres?

[00:05:06] Entrevistada: Desde sempre. Eu nunca gostei dessa diferença. Eu nunca gostei! Eu fui muito ativa, muito forte, joguei futebol e tudo. As meninas têm que ser santinhas e eu nunca gostei. Quando eu era pequena, eu fazia umas coisas que eram de homem e eu não achava isso certo. Então, eu falei: [inaudível]. Por incrível que pareça, minha filha é besta - não que eu tenha ensinado para ela, mas ela ainda é. Ela cresceu em São Paulo, onde era normal brincar de futebol. Aqui não é. Depois que ela começou a ir para as aulinhas de futebol, [inaudível], outras meninas passaram a entrar no futebol, aí ela não vai. [inaudível]. Ela acha que “isso é de homem e isso é coisa de mulher”.

[00:06:19] Entrevistadora: É engraçado isso, né? A minha irmã também, quando ela entrou na escolinha, pequenininha, tinha a opção de fazer balé ou fazer karatê. Ela queria porque queria fazer karatê, mas a escola não abria vagas para meninas. Minha mãe foi na escola, conversou com a coordenadora e aceitaram ela na turma. Depois disso, abriu espaço para mais meninas fazerem também.

[00:06:47] Entrevistada: Isso não precisa acontecer, né?

[00:06:50] Entrevistadora: Sim.

[00:06:51] Entrevistada: Eu acho que, se alguém chegar e quiser fazer, tudo bem, sim. Isso é importante na pauta feminista. Você sente a mulher mais [inaudível] à vontade de falar: “Eu quero fazer isso”. Às vezes, não fala porque tem medo. “Nenhuma menina faz, então eu não vou fazer” e nunca fala que quer fazer futebol, karatê, mas, se ela ver outra menina fazendo, ela vai lá e faz.

[00:07:39] Entrevistadora: Como essa sua identificação com esse tipo de temática (de mais equidade de gênero) afetou a sua vida? Quando você percebeu que tinha uma identificação com essas causas, sua vida foi, de alguma forma, influenciada?

[00:07:58] Entrevistada: Não. Ficou sempre assim. Na minha cabeça, eu continuei defendendo o que eu sempre defendi, continuei lutando pelo o que eu sempre lutei e passei a [inaudível]. Hoje em dia, você tem nome: tem a direita, tem a esquerda; o direito, a diretriz. Tudo tem nome. Na verdade, eu acho que tem o certo e o errado, o que é e o que não é correto fazer. Para mim, feminismo que leva o nome é o que [inaudível]. Por exemplo, independentemente de você ser mulher ou não [inaudível], para você ter o seu dinheiro, você ter o seu valor. Pronto! Ninguém vai tirar o seu direito. A partir do momento que a mulher fica sem fazer nada, o risco dela vai lá para baixo, porque o homem não para de trabalhar por ela. [inaudível] e ela não conseguia emprego. Ela apanhava, mas ela estava certa, porque ela não tinha mais o que fazer na cabeça dela. Hoje, quando as pessoas lutam pelos segmentos, elas se segmentam [inaudível]. Se você tiver filho, você vai conseguir [inaudível]. A mulher, hoje, é sempre quem para: é ela quem para na escola, no trabalho. O homem nunca para, então o dinheiro dele está resolvido nessa questão. A mulher, dificilmente, está.

[00:10:35] Entrevistadora: A sua filha tem quantos anos?

[00:10:37] Entrevistada: Minha filha tem 11 anos.

[00:10:39] Entrevistadora: Tem quantos?

[00:10:41] Entrevistada: 11. O meu filho já tem 12.

[00:10:51] Entrevistadora: Eu tenho uma irmã, que a nossa diferença é grande. Minha irmã tem 14. É uma fase em que eles já têm bastante discernimento e já estão entendendo bastante essas questões.

[00:11:08] Entrevistada: Os meus são de um ano e 10 meses só. A diferença.

[00:11:17] Entrevistadora: Day, você convive com outras pessoas que partilham desse ponto de vista que você está me relatando?

[00:11:25] Entrevistada: Sim! Eu tenho uma amiga [inaudível] ela dizia que era a favor de aborto. [inaudível]. Todas as mulheres que ela ajudava, ela falava muito mal, para mim. Ela falava muito mal mesmo. Eu não via uma sinceridade.

[00:12:39] Entrevistadora: Era um discurso diferente da ação, né?

[00:12:41] Entrevistada: Sim. Então, eu sou muito de analisar [inaudível]. Tem muitas pessoas envolvidas. Então, eu acho muito legal ler sobre o fato de as mulheres, durante a pandemia. Eu acho que essa é a pauta. Ninguém tira das mulheres. Então, eu acho que a pauta não é a mulher fazer café, um aborto ou qualquer outra coisa. Não! [inaudível]. Essa é a verdadeira pressão que deveria existir. Em vários pontos [inaudível], mas...

[00:13:55] Entrevistadora: Antes de a gente falar mais sobre as mídias de caráter feminista, como você acha que a mídia no geral - a mídia tradicional - aborda a temática da violência contra a mulher?

[00:14:10] Entrevistada: Não aborda! Eu acho que é muito forte também para gerar publicidade. Aqui mesmo, em Maceió, na sexta-feira, estava frequente na mídia que muitos casos de mulheres [inaudível].

[00:14:34] Entrevistadora: Você acha que a mídia trata do machismo estrutural na sociedade?

[00:14:40] Entrevistada: Eu acho que sim. Acho que, a partir do momento que isso não é escancarado, ela não deve apoiar o homem no combate com a mulher. A partir do momento que aquele homem [inaudível]. Quando já é escancarado, [inaudível], aí, sim, a mídia [inaudível], para falar dela. Então, eu acho que tudo gira em torno disso.

[00:15:20] Entrevistadora: Eu sei que você já começou a falar um pouquinho, mas eu queria entender melhor: o que te motiva a acompanhar o trabalho dessas mídias independentes feministas, como a *Think Olga*, que você me disse que acompanha.

[00:15:37] Entrevistada: Acho que é o conhecimento. Elas colocam muitas pesquisas, né? De tudo que [inaudível]. Eu vejo que tem muitas entrevistas grandes. É contextualizado, então não é uma coisa que eles pegaram na internet e jogaram um pedaço. [inaudível], eu acredito que [inaudível].

[00:16:24] Entrevistadora: Você se lembra quando foi que você conheceu a *Think Olga*? Em que contexto você conheceu? Como você começou a acompanhar o trabalho delas?

[00:16:34] Entrevistada: Se eu não me engano, foi ano passado ou retrasado. Foi o meu marido quem me apresentou, por incrível que pareça.

[00:16:41] Entrevistadora: Ah é? Que legal!

[00:16:44] Entrevistada: Ele viu [inaudível]. Eu não acompanho muito os outros, não. Só esse mesmo. Eu não me lembro se foi ele ou uma das meninas que trabalham com ele. “Nossa! É legal!” [inaudível]. Já vem do marido dela, então eu vou continuar acompanhando.

[00:17:46] Entrevistadora: Que legal! Por qual dispositivo, geralmente, você acessa: pelo computador, pelo celular, pelo notebook?

[00:17:55] Entrevistada: Pelo celular. Pelo notebook, eu não acessei ainda.

[00:18:02] Entrevistadora: É mais pelas mídias sociais que você acompanha ou você costuma ir até o portal?

[00:18:09] Entrevistada: Eu vou. Às vezes, eu boto até salvo. Quando eu acho alguma coisa que, realmente, tem um valor maior, eu vou, sim, até o portal.

[00:18:22] Entrevistadora: Você acessa, geralmente, mais de casa, da rua, do trabalho? Eu não sei se você está trabalhando em casa, com esse contexto de pandemia.

[00:18:31] Entrevistada: Estou, estou em casa.

[00:18:33] Entrevistadora: Eu também.

[00:18:34] Entrevistada: [inaudível] as crianças, o marido e vai, né? Supercarregada, né? [inaudível].

[00:19:00] Entrevistadora: Como que frequência você acessa mais ou menos? Você sabe?

[00:19:06] Entrevistada: Eu acho que toda semana eu vejo alguma coisa.

[00:19:12] Entrevistadora: Tem algum conteúdo, alguma matéria ou algo que te marcou mais?

[00:19:17] Entrevistada: Tem, tem. Teve uma que falou sobre qual o valor que a mulher gerava para o Estado. A mulher saía para trabalhar, a mulher cuidava da casa [inaudível]. Eu me lembro que... Vou até procurar o texto, mas era um texto muito interessante, sabe? Eu não me lembro bem, mas era sobre isso: o valor que ela gerava, uma coisa assim.

[00:19:57] Entrevistadora: Interessante! Você consegue ver e apontar as diferenças da cobertura que a *Think Olga* faz e a cobertura feita pela mídia tradicional?

[00:20:11] Entrevistada: Sim. Eu acho que tem mais manipulação, e a *Think Olga* não tem influência. Ela aborda o que, realmente, acontece; ela traz para as pessoas e os fatos; mostra também os dados... Como eu ia falar? Acabei de falar, mas perdi o nome.

[00:20:36] Entrevistadora: Você me falou dos dados. É isso?

[00:20:40] Entrevistada: Isso! Ela mostra os dados.

[00:20:45] Entrevistadora: Alô? Você está me ouvindo?

[00:20:48] Entrevistada: Alô?

[00:20:49] Entrevistadora: Oi? Acho que deu uma cortada, né? Você está me ouvindo?

[00:20:52] Entrevistada: Você está me ouvindo?

[00:20:53] Entrevistadora: Agora, sim.

[00:20:56] Entrevistada: Eles sempre colocam alguma coisa ligada ao que as mulheres falam, não só para humanizar, mas também colocam projetos. Tem algo relacionado à laboratório. Acho que é o laboratório deles, que é algo que é muito legal. As pesquisas que eles têm dado. Então, eu acho que são as matérias. São poucas mulheres que falam sobre isso, então eu acho muito interessante.

[00:21:33] Entrevistadora: Tem um embasamento.

[00:21:35] Entrevistada: Não há manipulação.

[00:21:36] Entrevistadora: Você enxerga alguma semelhança entre os conteúdos delas e os conteúdos da mídia tradicional?

[00:21:46] Entrevistada: Eu acho que não muito. Eu acho que, como eu disse, tem mais transparência e é mais [inaudível].

[00:22:07] Entrevistadora: Você considera que a *Think Olga* interage com o público? Você acha que elas respondem nas mídias sociais? Você acha que elas usam os materiais que o público sugere para fazer suas matérias, suas reportagens, suas pesquisas?

[00:22:27] Entrevistada: Acredito que sim. Pelo o que eu vejo, é aleatório, que às vezes aparece e faz uma *live* e, com outra pessoa, ela comenta. Eu acredito que eles dão muita voz

para as seguidoras. Eu acho que são as seguidoras que acabam fazendo com que seja esse sucesso.

[00:23:05] Entrevistadora: Você tem o hábito de... Ai, me desculpa! Eu achei que você já tinha terminado. Pode completar.

[00:23:08] Entrevistada: Pode falar. Depois eu falo.

[00:23:12] Entrevistadora: Era só para saber se você tem o hábito de interagir também: deixar comentários, compartilhar os conteúdos.

[00:23:21] Entrevistada: Compartilho e, algumas vezes...

[00:23:27] Entrevistadora: Você o quê? Você compartilha e...?

[00:23:28] Entrevistada: Eu compartilho algumas vezes, quando eu gosto muito do que está na coluna.

[00:23:35] Entrevistadora: E você comenta também com alguma frequência?

[00:23:38] Entrevistada: Comento, sim. Mas eu não me lembro onde foi que eu comentei. Mas eu comento, sim. Não tenho nenhum problema.

[00:23:48] Entrevistadora: Tem alguma característica negativa da *Think Olga* que você destacaria? Você me falou sobre os dados e que você gosta de ver dados e que você acha que elas têm um conteúdo mais honesto. Mas de negativo, tem algo que você se lembra?

[00:24:06] Entrevistada: Não. Eu gosto bastante delas. Que eu tenha parado para perceber, não. Talvez agora, com essa pergunta, eu passe a perceber...

[00:24:23] Entrevistadora: Agora, durante esse período de pandemia, você passou a acompanhar mais ou menos os materiais da iniciativa? Você se lembra? Você reparou?

Ligação interrompida. Chamada retomada na sequência.

[00:00:01] Entrevistada: [inaudível]

[00:00:03] Entrevistadora: Eu achei que a ligação tinha caído. Mas sem problema. Acontece. Durante a pandemia, você passou a acompanhar mais ou menos o trabalho delas?

[00:00:18] Entrevistada: Acho que foi igual. Não teve mais ou menos, não.

[00:00:23] Entrevistadora: Na sua opinião, quais são os impactos da pandemia para a iniciativa? Como a pandemia impactou o trabalho da *Think Olga*?

[00:00:34] Entrevistada: Eu acho que teve como ter, por exemplo, dados de violência doméstica. Muitas mulheres ficaram apenas dentro de casa, durante esse período de pandemia. Não dava para receber visitas, não dava para levar as crianças para a escola. Muitas vezes, não dava para trabalhar. [inaudível], que ficaram sabendo através do compartilhamento.

[00:01:43] Entrevistadora: Enquanto leitora, como você lida com essa conjuntura atual de ampla disseminação de notícias falsas?

[00:01:56] Entrevistada: Eu tento não interagir muito [inaudível]. Eu não! Eu já sou uma pessoa pessoalmente fria para esses temas. Quando eu vejo algum comentário ou uma pessoa que eu gosto muito, [inaudível].

[00:02:30] Entrevistadora: Você acha que essas notícias falsas impactam, de alguma maneira, o trabalho da *Think Olga*?

[00:02:39] Entrevistada: [inaudível], mas eu acho que é sempre fazer o que é certo, ser bom, conquistar a confiança e continuar com essas pautas.

[00:03:02] Entrevistadora: Day, são essas as perguntas que eu tinha para fazer. Você tem alguma dúvida? Você gostaria de acrescentar algo?

[00:03:12] Entrevistada: Eu gostaria que você visse... Você já deve ter visto. Mas a matéria se chama "24 vezes maior que o Vale do Silício", que é o valor que as mulheres têm dado.

[00:03:41] Entrevistadora: Caramba! Eu vou procurar essa matéria. Eu ainda não vi ela.

[00:03:48] Entrevistada: Eu gostei bastante. Eu achei você muito simpática.

[00:03:53] Entrevistadora: Ah, obrigada! Eu vou terminar o trabalho ainda. Eu comecei agora a fase das entrevistas. Eu fico à disposição, caso você se lembre de algo e queira me falar, queira acrescentar alguma informação.

[00:04:26] Entrevistada: Tudo bem!

[00:04:27] Entrevistadora: Se você tiver qualquer outra dúvida, se você quiser entrar em contato comigo por algum outro motivo, se você se lembrar de algo, você tem o meu número.

Eu fico inteiramente à disposição. Eu queria agradecer, mais uma vez, pelo seu tempo e por você ter se disposto a participar.

[00:04:47] Entrevistada: Imagina. Eu que tenho que agradecer pelo seu trabalho.

[00:04:51] Entrevistadora: Obrigada!

[00:04:54] Entrevistada: E por você disponibilizar essa pesquisa. Parabéns!

[00:04:56] Entrevistadora: Muito obrigada.

[00:04:57] Entrevistada: Imagina!

[00:05:00] Entrevistadora: Eu fico à disposição, está bom?

[00:05:03] Entrevistada: Combinado! Obrigada, tá?

[00:05:05] Entrevistadora: Eu que agradeço. Um beijo. Tchau, tchau.

Fany - leitora *Lado M*

[00:00:01] Entrevistadora: Fica a seu critério também se você prefere que seu nome apareça ou se você quer ficar anônima no estudo. Você pode me dizer no final.

[00:00:14] Entrevistada: Pode aparecer. Não tem problema, não.

[00:00:15] Entrevistadora: Então, está bom. Você mora em São Paulo, certo?

[00:00:20] Entrevistada: Certo!

[00:00:22] Entrevistadora: São Paulo, a capital, mesmo?

[00:00:23] Entrevistada: Capital.

[00:00:25] Entrevistadora: Qual é a sua profissão, Fany?

[00:00:28] Entrevistada: Eu sou publicitária.

[00:00:30] Entrevistadora: Ah, sim! Eu sou jornalista.

[00:00:34] Entrevistada: Tudo primo.

[00:00:36] Entrevistadora: Exatamente! Eu não sei como é aí, mas eu, quando entrei na comunicação, na UnB, a gente escolhia a partir do meio do curso, se a gente ia para o Jornalismo ou ia para a Publicidade ou para o Audiovisual. Então, as primeiras disciplinas eram todas juntas. Todo mundo fazia junto e não tinha distinção.

[00:00:56] Entrevistada: Na ECA, não. Você já entra na turma certa. Até tinham algumas matérias juntas. Mas Jornalismo era bem diferente de Publicidade. Bem diferente!

[00:01:10] Entrevistadora: Na UnB, hoje, mudou também.

[00:01:14] Entrevistada: Você acaba tendo mais matérias em comum com Relações Públicas do que com Jornalismo.

[00:01:20] Entrevistadora: Aí ainda tem Relações Públicas?

[00:01:23] Entrevistada: Ixi! Eu não sei, amiga. Eu tenho mais de 40 anos. Eu não posso mais comentar.

[00:01:30] Entrevistadora: É porque aqui na UnB a gente tem o curso de Comunicação Organizacional, que é mais abrangente, mas ele é separado, inclusive, do Jornalismo e da Publicidade. Você tem quantos anos?

[00:01:42] Entrevistada: Eu tenho 42.

[00:01:44] Entrevistadora: 42? Beleza! Eu tenho 29. Também já faz um tempinho que eu saí da graduação. Já estou desatualizada. Mas eu acho que já mudou. Cada curso tem sua própria grade e o seu próprio currículo. Antes, era tudo junto, na minha época de graduação. Entrando nas questões da nossa conversa sobre feminismo, eu queria saber se você se considera feminista e por quê?

[00:02:17] Entrevistada: Me considero! Se a gente for no básico do significado de feminismo, é igualdade. Qualquer pessoa que acredita em igualdade entre os gêneros, igualdade de oportunidades e de obrigação, é feminista, mesmo que não se enxergue como. É um fato! Só que eu só fui me descobrir feminista quando eu comecei a trabalhar um pouco. Como é o meu histórico no feminismo? Eu trabalhava no Banco Itaú, na área de marketing. De repente, me colocaram para cuidar do projeto "Itaú - Mulher Empreendedora". Nessa época, eu ainda tinha aquela visão: "Imagina, gente! Isso é besteira! Não tem preconceito de gênero". Aí, eu comecei a ver muitos dados dos estudos que estavam sendo feitos. Aí, eu me deparei com a diferença absurda de gênero, que eu não enxergava. Dentro do meu mundinho de classe média, branca, eu não enxergava. Aí, eu comecei a ficar meio chocada. "Mulheres ganham 70% que os homens, com mesmo nível de escolaridade". Oi? Sério? Para mim, era algo impossível - ainda mais na área de marketing, que só tem mulher. Por mais que eu estivesse dentro do banco, que é machista, eu era da área de marketing, então a minha visão não era diferente, porque eu estava em uma bolha. De repente, eu comecei a me deparar com dados e ficar chocada. Foi aí que eu comecei a procurar me informar. Foi aí que eu comecei a seguir

diversas páginas, para entender um pouco e para sair da bolha e parar também de falar besteira.

[00:04:30] Entrevistadora: Então, até esse período...

[00:04:34] Entrevistada: Isso a gente está falando de 2013. Já faz um certo tempo, mas também nem tanto.

[00:04:45] Entrevistadora: Você achava, até esse período da sua vida, que já estava resolvida essa questão de equidade e que era um assunto superado.

[00:04:55] Entrevistada: Eu achava que era uma coisa distante de mim. Eu achava que era uma coisa para quem vivia uma realidade muito distante da minha.

[00:05:00] Entrevistadora: Sim! Entendi!

[00:05:03] Entrevistada: Que era para pessoas que estavam subjugadas, em casamentos, em subempregos. Eu via dessa forma. Depois que eu percebi que não: está por todos os lados na nossa realidade. Eu não enxergava isso.

[00:05:23] Entrevistadora: Eu ia te perguntar, justamente, isso que você já começou a introduzir: quando você se descobriu feminista. Você me falou um pouquinho que você se considera feminista, sim, e que, para você, feminista é a pessoa que acredita na equidade entre os gêneros. Eu queria entender um pouquinho melhor essa perspectiva do que é ser feminista.

[00:05:50] Entrevistada: Eu entendo o feminismo como um movimento que luta pela equidade de gênero. Não é exatamente igualdade, porque igualdade não significa justiça. Não, nós não somos todos iguais - somos diferentes - e cada um tem que ser tratado dentro das suas diferenças. O feminismo busca a equidade de oportunidades, de obrigações. Eu entendo que isso é o movimento feminista, mas muita gente acha que é ser contra o homem ou que feminismo é o oposto do machismo. Não é esse o caminho. Mesmo quem fala e reluta: "Não sou feminista" (aqueles discursos que, com certeza, você que está estudando isso já ouviu muitas vezes), mas "Eu sou humanista".

[00:07:07] Entrevistadora: Eu já ouvi, sim.

[00:07:09] Entrevistada: Três tapas na cara da pessoa.

[00:07:11] Entrevistadora: Sim! É desesperador.

[00:07:15] Entrevistada: Passa por tudo. Passa por essa construção social que a gente tem de casamento, como a única forma de a mulher ser feliz: só vai ser feliz quando tiver marido e filhos. Passa pela obrigação dentro de casa: obrigação de ser sempre perfeita e ficar felizona quando o homem ajuda (como se ajudar fosse uma boa coisa). Cada vez mais, eu vou mais para o lado mais radical, de tentar enxergar as coisas de outra forma, enxergar que a gente tem essa construção do que é ser mulher. Isso foi inventado, em algum momento, pela igreja e pelo Estado, para dominação de poder. Cada vez mais eu enxergo e tento enxergar e tento fazer essa desconstrução interna, para enxergar isso que a gente está subjugada. Mesmo assim, muitas vezes, a gente cai nessa, por mais que a gente tente lutar contra. De repente, você está lá no dia dos namorados e pensa: “Eu preciso de um namorado”.

[00:08:51] Entrevistadora: Sim! É uma constante desconstrução de nós mesmas também. Eu entrevistei uma moça que é colunista da *AzMina* e ela me falou isso: para ela, o maior desafio do feminismo é ela se desafiar e se desconstruir. Ela me contou uma situação que ela vivenciou recentemente. Ela tem uma filhinha, bebê, e a menina dela não tem a orelha furada e usa roupas coloridas (não usa só rosa para sair na rua). Ela disse que fica chateada quando as pessoas vêem a criança e acham que é um menino, porque não está de rosa e não tem a orelha furada. Um dia ela estava na rua e viu uma criancinha nas mesmas condições e achou que era um menino, enquanto, na realidade, era uma menina. Ela ficou refletindo: a gente cai nessas armadilhas também das construções sociais.

[00:09:47] Entrevistada: Sim! A gente está inserida em uma sociedade. A gente nasceu no século XX e a gente tem essa construção. Não adianta! Por mais que a gente tente lutar contra, a gente está imerso nessa sociedade. O tempo inteiro a gente tem que pensar para agir diferente. Não é natural!

[00:10:10] Entrevistadora: Como é essa sua identificação com o feminismo, que é relativamente recente - de 2013 para cá? Como isso tem afetado a sua vida?

[00:10:23] Entrevistada: Eu acho que foi um pouco despertador, porque eu venho de uma construção familiar não tradicional. Minha mãe era mãe solteira, então eu fui criada pela minha mãe e madrinha. Eu não sou casada e não tenho filhos. Então, eu já venho de toda uma construção familiar não tradicional. Me deparar com isso foi uma libertação. “Não, eu não preciso seguir os padrões. Eu não preciso ter uma família Dorian para ser feliz. Isso foi o que colocaram na minha cabeça. Isso foi uma construção, na Idade Média, da igreja, para dominar. Eu não preciso disso! Tem outras coisas para eu ser feliz”.

[00:11:18] Entrevistadora: Você já sentia essa pressão antes?

[00:11:20] Entrevistada: Sim, sentia! “Sou diferente, estou fora do padrão, estou errada”.

[00:11:30] Entrevistadora: Você ia falar alguma coisa, mas eu te interrompi.

[00:11:35] Entrevistada: Espera aí, que agora eu preciso lembrar. Por outro lado, é aquilo: é a luta constante. Às vezes, é angustiante, porque, quanto mais você consome conteúdo, mais você vai entrando na bolha. De repente, você abre o seu Facebook e, todos os dias, só vê... Os brasileiros não têm um dia de paz. Você abre o Facebook: “Mulher foi espancada e o agressor ganha 250 mil seguidores”. Não é possível que eu viva neste país. Aí, você se lembra: olha quem está sentado na Presidência da República. Eu ainda me choco com algumas coisas? Não! Pelo mesmo motivo que é libertador como indivíduo, é angustiante enquanto membro de uma sociedade. Eu não sei dizer o quanto ainda falta, porque a ignorância é uma benção. Quando você não sabe muito, você fica mais tranquilo.

[00:12:46] Entrevistadora: E em resposta ao feminismo e à ascensão do feminismo, começam aparecer os movimentos antifeminismo, anti-equidade de gênero. Eles são fortes também. Eles não são grandes em número de pessoas que se dizem abertamente alinhadas a esses movimentos, mas eles conseguem fazer estragos.

[00:13:19] Entrevistada: Sim! Se a gente for olhar o que foi 2018, foram 60 milhões de pessoas dizendo que são contrárias à evolução da sociedade. Foram 60 milhões de pessoas chancelando aquela conjuntura, chancelando o preconceito, chancelando a discriminação, chancelando a violência. Não vem com essa de que era “Uma Escolha Muito Difícil”.

[00:13:52] Entrevistadora: Não era! Com certeza, não!

[00:13:54] Entrevistada: Não era uma escolha muito difícil! Era uma questão de ética. Era uma questão do que você acredita, de caráter. É isso que é o nosso país. “A gente não é isso o que a gente está passando”. Claro que é! 60 milhões de pessoas escolheram o que a gente está passando. Então, é isso! O “tio do pavê”, que é quem está sentado na cadeira da presidência, é o que reflete o que é a nossa sociedade.

[00:14:22] Entrevistadora: É muito triste!

[00:14:23] Entrevistada: É uma sociedade machista, é uma sociedade misógina, é uma sociedade violenta.

[00:14:28] Entrevistadora: A gente ainda é. Quando eu falo desses grupos antifeministas, eu falo desses que se constituem, de maneira organizada, para praticar atos de violência, como esses ataques em massa contra as mulheres, como a gente tem visto em escolas. Mas - claro - o machismo estrutural é muito enraizado socialmente.

[00:15:00] Entrevistada: Sim, sim. A gente está falando de feminismo, mas a gente está falando de tudo. Não é só o feminismo, mas a bandeira LGBTQIA+, o preconceito religioso, racismo. A gente está falando de tudo. Eu vejo também o outro lado. Eu não sou cristã. Então, isso também acaba afetando você também. Eu sou de uma religião de matriz africana. A gente sente o preconceito. As pessoas te olham como: “Você é o Capeta e vai arder no mármore do inferno”.

[00:15:41] Entrevistadora: Isso ficou muito explícito. Não sei se você chegou a acompanhar o Caso Lázaro, que estavam divulgando no país inteiro. Começaram a dizer que ele era satanista e que ele fazia rituais de magia negra. De novo toda essa história que, com frequência, a mídia traz à tona, tentando vincular as religiões de matriz africanas com o satanismo. Foi muito triste de ver, porque a população começou a se revoltar, aqui no entorno do DF, por causa disso. Foi quando as pessoas ficaram mais estimuladas a começar uma caça generalizada ao Lázaro. Quando a polícia pegou ele, a polícia matou ele com mais de 38 tiros e as pessoas soltaram fogos comemorando - uma coisa muito cruel com a mãe dele. Ela teve três filhos e perdeu os três porque todos acabaram entrando nessa lógica de violência que o Estado impõe para as pessoas mais pobres, em especial para os homens.

[00:17:10] Entrevistada: Sim. É muito sutil a linha de quem é o algoz e de quem é a vítima, quando você fala de uma linha de pobreza quando as pessoas não têm a base de uma pirâmide alimentar atendida. Como você vai falar do que é certo e errado? Primeiro que a gente tem essa visão maniqueísta, do que é certo e do que é errado. Mas quem é o agressor e quem é a vítima? É claro que ele está errado, é claro que ele tinha que pagar pelos seus crimes. Em um confronto direto, ok, morreu. Mas ele foi executado!

[00:17:51] Entrevistadora: Ele foi executado! Exato! Em paralelo, o mandante dos crimes ainda não foi identificado, né?

[00:18:02] Entrevistada: E nem vai, né? A gente sabe que nem vai. Deixa para lá.

[00:18:09] Entrevistadora: Voltando para a temática do feminismo, eu queria saber se você participa de grupos, de coletivos de militância feminista ou se você já participou.

[00:18:16] Entrevistada: Não, eu não participo.

[00:18:21] Entrevistadora: E você conhece, acompanha algum desses?

[00:18:25] Entrevistada: Eu não conheço nada específico. Eu tenho um monte de página e um monte de coisas. Inclusive, esse é o ponto de crise para mim (“Não vou ler só do feminismo, mas da política”): o quanto eu sou ativista de mídia social e o quanto eu faço para mudar de fato a realidade. É uma luta interna. É muito fácil ficar postando na rede social e não ir lá dar a cara.

[00:18:59] Entrevistadora: Nessas últimas manifestações que aconteceram e as manifestações de 2018, você chegou a participar na rua, presencialmente, de alguma delas?

[00:19:09] Entrevistada: Não. Não. Eu nunca fui presencialmente em nada. Aí vem o meu lado banana. Eu tenho medo. Eu tenho medo de violência policial. Para mim, em 2018, a gente ia ter um golpe militar. Então, eu tenho medo de consequências.

[00:19:30] Entrevistadora: Eu também tenho medo. Eu entendo!

[00:19:33] Entrevistada: Aí, pelo meu lado banana... Depois das eleições, eu deletei praticamente as minhas mídias sociais todas, tudo o que eu tinha de conteúdo, com medo de represálias e do que vinha pela frente.

[00:19:44] Entrevistadora: De represália no trabalho, inclusive?

[00:19:46] Entrevistada: Não, não, não, não. Política. Para mim, a gente ia ter um golpe militar em 2018. Aí, vem a contradição: é muito bonitinho ficar se falando, mas na hora do vamos ver, abandona o barco, né?

[00:20:05] Entrevistadora: Mas eu acho que somos todas contraditórias. Eu entendo a sua contradição e eu também tenho muito medo de polícia.

[00:20:16] Entrevistada: Eu tenho bastante medo, apesar de - de novo - viver na bolha de classe média, branca. Mas tenho medo!

[00:20:23] Entrevistadora: Dessas campanhas pautadas em *hashtags*, você chegou a participar de alguma (#MeuPrimeiroAssédio, #NãoMereçoSerEstuprada)? Você aderiu? Você contou alguma história pessoal ou você compartilhou histórias?

[00:20:41] Entrevistada: Eu me lembro de participar, há bastante tempo, daquele #MeuAmigoSecreto. Ali eu postei sobre o meu pai, que nunca apareceu, então foi sobre ele. Nas outras, não. Nas outras, não.

[00:21:09] Entrevistadora: Você postou nas suas redes sociais mesmo?

[00:21:16] Entrevistada: É, postei no meu Face.

[00:21:19] Entrevistadora: Você se sente, de alguma forma, acuada, por se identificar com a causa feminista? Você acabou de me contar que ficou com muito medo, em 2018, de a gente sofrer um golpe militar efetivamente.

[00:21:33] Entrevistada: O medo maior é na parte política (da represália política). Eu trabalhei, em uma época, em uma empresa em que até as cadeiras eram crentes. O dono da empresa era crente e 90% dos funcionários eram crentes. Eles achavam que eu era crente e, por isso, eles me contrataram.

[00:21:55] Entrevistadora: Por que eles acharam que você era crente?

[00:21:58] Entrevistada: Porque eu já fui de igreja. Eu já fui de igreja e eu estava mudando de religião, na época, então eles achavam que eu era crente. Enfim, eu fui contratada na época. Todo mundo votava no Bolsonaro. Foi quando eu me deparei com a realidade de que: "Meu, esse cara não é louco". Quer dizer, louco ele é. "Cara, as pessoas apoiam esse cara". Até então, o Bolsonaro era aquele deputado medíocre.

[00:22:39] Entrevistadora: Do baixo clero e que ninguém dava credibilidade.

[00:22:42] Entrevistada: É! Para mim, falar do Bolsonaro era que nem falar do Enéas. Era uma piada! Era uma piada na política. “Ha-ha-ha”. Eu já fazia hashtag #ForaBolsonaro quando ainda não era tendência, mas, para mim, era como o Enéas. Em 2018, eu me deparei com uma empresa, praticamente inteira, que defendia arduamente, porque ele “era o enviado de Deus”. Calma! Espera aí. Vocês não devem ter lido a mesma bíblia que eu li. Vamos voltar um pouco no tempo, porque o Jesus que eu conheço prega amor e não ódio.

[00:23:21] Entrevistadora: É muito maluca a situação em que a gente veio parar.

[00:23:26] Entrevistada: É muito, muito maluca! As pessoas acreditaram - e acreditam ainda! Na boa, para mim, corre sério risco de ele ser reeleito ano que vem.

[00:23:41] Entrevistadora: Ainda falta bastante tempo e, até lá, as pessoas podem esquecer a situação, a pandemia e a CPI que está rolando.

[00:23:51] Entrevistada: Se a eleição fosse hoje, entre Bolsonaro e Haddad, elas votariam de novo no Bolsonaro - ou iam anular e dizer “tanto faz”. “Nossa! Ele é horrível”, “Nossa! Olha lá o que ele está fazendo”, mas se eu tiver que votar no PT, não!

[00:24:17] Entrevistadora: É arrasador! Você sabe que, em 2015, eu estava fazendo o meu mestrado e eu estava fazendo esse mesmo movimento de entrevistar as pessoas, de falar com as pessoas leitoras de jornais, que interagiam com os jornais, mas eram de jornais tradicionais e hegemônicos (*G1, Estadão, Folha*). Na época, eu entrei em contato com mais de 500 pessoas e fiz um montão de entrevistas também. As pessoas já tinham, em suas redes sociais (a capa do Facebook, a foto de perfil), em 2014 e 2015, aquelas faixinhas de “Bolsonaro Presidente, 2018”. Foi quando eu comecei a ficar assustada. Tinha gente segurando armas nas fotos do Facebook. Esse tipo de movimento já estava acontecendo. As falas das pessoas nas entrevistas eram um tanto quanto assustadoras. Bem na época aconteceu aquele estupro coletivo de uma moça no Rio. Tinha homens dizendo “Ela mereceu ser estuprada”.

[00:25:30] Entrevistada: “O que ela estava fazendo lá?”.

[00:25:32] Entrevistadora: Esses discursos eram persistentes nas conversas.

[00:25:40] Entrevistada: De novo: o Bolsonaro representa essas pessoas. Não é porque “não tinha opção”. É porque ele representa o que as pessoas pensam e a tradicional família brasileira.

[00:25:53] Entrevistadora: Eu estava vendo uma análise outro dia - muito triste -, dizendo que as pessoas alegam que votaram no Bolsonaro por ele ser religioso, por ele ter valores morais, mas, se fosse por isso, elas poderiam ter votado no Cabo Daciolo, mas elas compram o Bolsonaro pelo discurso de violência mesmo, pela agressividade, por ele ser misógino, homofóbico.

[00:26:27] Entrevistada: Ele faz o que grande parte das pessoas gostariam de fazer. Eu me lembro que, na semana seguinte à eleição, um casal de amigos meus, gays, andando na rua, na Praça Benedito Calixto. Acho que você não é daqui de São Paulo. É outro planeta: é todo alternativo e não sei o quê. O pessoal passando nos carros: “Isso vai acabar, seus gays. O Bolsonaro vai acabar com vocês”. Isso foi com uma semana depois da eleição. Naquele mesmo mês, a gente teve gira do meu terreiro. O meu terreiro é no Rio. Não é em São Paulo.

[00:27:15] Entrevistadora: Você vai até lá, então? Você viaja até lá?

[00:27:20] Entrevistada: É assim: a nossa casa, aqui em São Paulo, é espiritualista generalista, então não tem ritual de umbanda. Aqui é tudo, aqui é passe. É uma coisa mais parecida com o espiritismo. O nosso templo, que tem as pessoas, fica em Paraty - na estrada entre Paraty e Angra. Então, uma vez por mês, despenca todo mundo para lá, para fazer a gira lá. Quer dizer, desde fevereiro de 2020 não acontece.

[00:27:57] Entrevistadora: Sim! Após a pandemia, né?

[00:27:58] Entrevistada: Mas a gente fazia uma vez por mês. Sempre acaba bem tarde e é no meio da estrada. É um sítio no meio da estrada e a gente para os carros em um terreno do lado. A gente saindo, de branco... A gente sempre brinca que o pessoal deve achar que a gente é um bando de fantasma, por causa do branco. A gente estava de branco, uniformizado, no meio da estrada, à noite. Passou um ônibus e os caras começaram a mexer, a xingar a gente. O Bolsonaro chancelou toda a violência. Ele representa todo o ódio que as pessoas têm pelo diferente.

[00:28:47] Entrevistadora: Você está me contando dessa situação de preconceito religioso que você viveu. Eu queria saber se você já sofreu também algum tipo de ameaça ou algum tipo de violência por se alinhar com o feminismo.

[00:29:01] Entrevistada: Não. Não. Diretamente, não. Tem piadinhas de amigo de amigo, mas nada muito sério.

[00:29:13] Entrevistadora: Nem digitalmente?

[00:29:15] Entrevistada: Nem digitalmente. Eu não considero comentário de Facebook como sendo... Quando você comenta alguma coisa e alguém vem e te responde, sabe? Eu não considero isso como agressão. Para mim, isso é alguém covarde, que está ali atrás de uma mídia social, mas nunca foi agressivo e direto à minha pessoa.

[00:29:37] Entrevistadora: Você convive com outras pessoas que partilham do seu ponto de vista em relação ao feminismo, certo?

[00:29:44] Entrevistada: Sim!

[00:29:45] Entrevistadora: Como é a relação com essas pessoas?

[00:29:51] Entrevistada: Com as pessoas que têm a mesma opinião que eu?

[00:29:55] Entrevistadora: Isso! Exato! Com essas pessoas que estão alinhadas com você, em relação ao feminismo, com o que você acredita.

[00:30:05] Entrevistada: Acaba, no nosso grupo da casa, por ter muita gente, a gente compartilhando da opinião, porque em religiões de matriz africana a figura feminina é forte (a mãe de santo é forte), então a gente mantém matérias na casa sobre feminismo.

[00:30:40] Entrevistadora: Que legal!

[00:30:42] Entrevistada: É! Eu falo para todo mundo, que você adoraria a casa, porque, primeiro, é espiritualista generalista, então não tem esse preconceito com religião de ninguém. Não interessa quem você é, de onde você veio. A gente tem uma visão de que não existe uma verdade; existe o que faz sentido para mim nesse momento.

[00:31:09] Entrevistadora: É acolhedor então.

[00:31:11] Entrevistada: É muito acolhedor. A casa tem os cursos e os dois primeiros anos do curso chamam-se Introdução ao Pensamento Espiritualista, então ele traz esse processo

de desconstrução, porque a gente vem de uma sociedade judaico-cristã, com toda a construção que a gente tem de sociedade. Então, a gente não estuda religião; a gente estuda diversas coisas: tem uma matéria sobre feminismo, uma matéria sobre racismo, matéria sobre origem das religiões na História (desde a pré-história e de como as religiões foram evoluindo com a política). É uma coisa muito [inaudível].

[00:31:56] Entrevistadora: Nossa! Super interessante!

[00:31:58] Entrevistada: Isso é só para abrir a cabeça: “entenda que você é manipulado”. Depois que você entender que você é manipulado, aí você pode decidir o que quiser. “Escolha qual manipulação você quer seguir”, porque, de toda forma, é um dogma. Qual você quer seguir? Qual faz sentido para você? Mas, primeiro, entenda que você é manipulado.

[00:32:22] Entrevistadora: Fiquei curiosa com essa matéria que mostra a evolução das religiões e da política, simultaneamente.

[00:32:33] Entrevistada: Eu tive essa matéria no primeiro ano. A professora faz doutorado em Ciências da Religião. Também, ela é formada em gastronomia. É uma loucura. Ela pega um elemento, que, para ela, é central, que é a comida, e ela traz, desde a pré-história até os dias atuais, como a linha mestra. Cada vez que você tem uma alteração política, que, geralmente, vem por causa da economia, que, normalmente, vem por causa da fome (quando você fala das civilizações antigas), isso vai mudando. Com isso, até antes de ontem, o conceito de Estado Laico não existia, então, se você morava em determinado lugar, você tinha determinada religião. Então, as religiões foram evoluindo por causa da política e a política evoluiu por causa da Economia e da fome. Então, na Grécia, você tinha o deus do arroz, deus do trigo, deus da uva, porque era o que as pessoas precisavam adorar para ter a colheita, para ter comida.

[00:31:01] Entrevistadora: Nossa! Adorei a abordagem dela.

[00:31:03] Entrevistada: Isso para desenvolver a economia. Quando a economia está bem desenvolvida, o Estado está forte. Quando você tem uma crise econômica, quando você tem problema, o Estado se enfraquece...

[00:34:15] Entrevistadora: ...e o retrocesso acontece.

[00:34:17] Entrevistada: ...o retrocesso acontece e você acaba tendo outro grupo tomando o poder e se unindo à crença religiosa.

[00:34:25] Entrevistadora: Que é o que estamos vivendo.

[00:34:27] Entrevistada: Que é o que estamos vivendo, exatamente! Por que a Igreja Católica é tão forte? Porque ela tinha mais armas. É simplesmente isso! Porque eles mataram todo mundo que era contra.

[00:34:38] Entrevistadora: E foram conseguindo concentrar e fazer o poder perdurar na mão deles.

[00:34:45] Entrevistada: Sim! Exatamente! Essa visão de que Deus mandou matar todo mundo, para viver naquelas terras santas. É isso o que faz o Oriente Médio ser o que é. Deus não mandou nada.

[00:35:01] Entrevistadora: Achei muito interessante mesmo essa perspectiva de estudar religião e política, através da comida.

[00:35:11] Entrevistada: É muito legal!

[00:35:14] Entrevistadora: Você tinha me contado antes que você foi criada pela sua mãe e pela sua madrinha. Eu queria saber como a sua identificação com o feminismo se reflete nessa sua convivência com a família.

[00:35:27] Entrevistada: Para mim, antes, com a visão cristã que eu tinha (eu fui criada na igreja, quando adolescente), eu tinha uma perspectiva ruim, de que estava fugindo da regra, da família tradicional brasileira. Depois, quando eu fui ficando mais velha, eu fui entender e aceitar isso. "Calma! O errado é o outro". O feminismo veio com essa visão para mim e também ver o papel do homem e parar com essa coisa de que a gente coloca a culpa de tudo na mulher.

[00:36:35] Entrevistadora: Você chegou a conhecer o seu pai?

[00:36:38] Entrevistada: Conheci ele, mas depois de adulta.

[00:36:41] Entrevistadora: Na infância, você não conviveu.

[00:36:42] Entrevistada: É, na infância, eu não convivi e não era registrada. Depois de adulta, depois de 20 e poucos anos, eu fui atrás, aí a gente fez o processo de paternidade e de inclusão do nome dele nos meus documentos.

[00:37:02] Entrevistadora: Você tem contato com ele ainda? Você mantém contato?

[00:37:07] Entrevistada: Não mantenho mais. Faz uns dez anos que eu não falo com ele ou com a família dele. A gente tentou ali, mas era um pouco forçar a barra.

[00:37:19] Entrevistadora: É, depois de tanto tempo...

[00:37:21] Entrevistada: É! Depois de tanto tempo. Ele nunca procurou. Eu fui atrás, porque eu precisava resolver essas questões, mas não faz sentido.

[00:37:37] Entrevistadora: Também tudo se resolveu entre você, sua mãe e sua madrinha. Tudo deu certo!

[00:37:46] Entrevistada: Sim! Mas eu tinha essa necessidade, por causa da construção social, de resolver isso e deixar isso limpo e claro. Eu tinha essa necessidade de conhecê-lo.

[00:37:57] Entrevistadora: Eu também fui criada pela minha mãe e pela minha avó. O meu pai ficou mais ou menos presente até os meus dois anos. Depois, ele se casou com outra moça, teve outra família e aparecia, eventualmente, muito atrasado nos meus aniversários ou, então, me procurava na data errada para dar os parabéns, mas só era esse tipo de presença. Como a sua relação e a sua afinidade com o feminismo se reflete na sua convivência com amigos e amigas? Você me contou que, antes, você era evangélica e que um amigo te levou para a religião. Você ainda tem contato com esse amigo?

[00:38:48] Entrevistada: Tenho contato com essas amigas e é difícil, porque, quando a gente passa a não ter mais a ignorância e passa a conhecer as coisas, as coisas começam a incomodar demais. Você não pode se meter na vida das pessoas, o que causa uma revolta intensa. Eu nunca passei por ninguém apontar o dedo para mim, com relação ao que eu penso, mas você vê as pessoas e dá vontade de apontar o dedo para as pessoas. Por exemplo, neste final de semana, eu virei madrinha.

[00:39:42] Entrevistadora: Que legal! Parabéns!

[00:39:44] Entrevistada: Obrigada! A minha afilhada nasceu, filha de uma amiga minha. Ela é evangélica e eu não concordo com um monte de coisas sobre a visão dela. E eu já estou querendo assinar aquele livrinho “Minha Pequena Feminista”, para quando minha afilhada crescer tendo um pouco mais de noção da vida. Eu já estou discutindo com a minha terapeuta...

[00:40:20] Entrevistadora: Sobre como você vai fazer a abordagem, né?

[00:40:23] Entrevistada: Eu discuti semana passada na minha terapia que eu não quero nem ver quando a Alice começar a crescer e como eu vou querer me meter. Eu vou ficar revoltada com algumas coisas acontecendo, mas ela não é a minha filha. Eu não tenho esse direito. Eu acho que tem a fase de quando você começa a ver as coisas e você quer mudar o mundo e catequizar todo mundo. Mas não é assim que as coisas funcionam. Cada pessoa tem o seu tempo e nem todo mundo vai mudar e enxergar o mundo da mesma forma que você. Mas é difícil!

[00:41:05] Entrevistadora: Eu acho que você pode ir tentando, com discrição, indo pelas bordas. Eu tenho uma amiga que a prima dela é evangélica, é bolsonarista e teve um filho. Essa minha amiga é madrinha. Minha amiga também é feminista, é anti-bolsonaro, é de esquerda. A minha amiga vai dando presentinhos para o afilhado, como um livro sobre ciência, porque já vai mostrando para a criança a importância da ciência para a sociedade. Ela vai fazendo assim. Tem uma coleção também - não sei se você conhece - que se chama Anti-herói e Antiprincesas, que conta a história de figuras de relevo na história do mundo. Tem a história da Frida, da Clarice Lispector, do Che Guevara - e é tudo voltado para crianças.

[00:42:03] Entrevistada: Que legal!

[00:42:04] Entrevistadora: É bem legal. Eu dei para a minha irmã, quando ela era pequena. Minha irmã é bem mais nova do que eu. Acho que funciona tentar assim. É uma possibilidade.

[00:42:19] Entrevistada: Quero tentar colocar um pouco de conceito, de quebrar os estereótipos de beleza. Essa minha amiga tem uma filha de 15 anos e agora tem a bebê. A filha dela não é uma princesa.

[00:42:37] Entrevistadora: Isso que eu ia dizer...

[00:42:39] Entrevistada: Não sei de onde saiu.

[00:42:40] Entrevistadora: Provavelmente da internet. A minha irmã tem 14 anos. Essas gerações novas têm contato com muito conteúdo feminista e é sensacional (YouTube, TikTok).

[00:42:53] Entrevistada: Mas eu vejo que minha amiga fica falando: “Olha quanto pêlo na perna. Que coisa horrível! Você tem que se depilar”. Eu tenho vontade de dar na cara dela, porque não é nada demais. “Para de ficar falando isso para a sua filha. A única coisa que você vai fazer é abaixar a autoestima e vai ficar reforçando os estereótipos”. Aí eu tenho que parar e falar: “Não é a sua filha. Você não tem nada com isso e você não pode se meter nesse nível. Daqui a pouco você sai no braço e perde a afilhada também”. Quebrar os estereótipos de beleza que são criados para distinguir o que é bonito do que é feio. Você não tem que falar: “Você é lindo”. Não é assim que você vai fazer a pessoa ter autoestima. Você tem que falar que aparência não importa. Você é bonita independente de ter cabelo crespo ou cabelo liso, se você é alto ou se é baixo. Você é linda e ponto. O outro também é lindo, e tudo bem, ainda que ele seja o oposto de você. Só assim você cria autoestima nas pessoas, principalmente nas crianças. Coitada da minha [inaudível].

[00:44:09] Entrevistadora: Tadinha mesmo!.

[00:44:11] Entrevistada: Vai ser mais que três vezes.

[00:44:16] Entrevistadora: Você falou dos seus amigos, da sua família. Mas e no seu trabalho? Como é a relação com os colegas, agora que você tem essa visão diferente do mundo ao seu redor?

[00:44:33] Entrevistada: Quando eu estava no banco, que eu tinha esse projeto, era uma coisa mais tranquila, porque - de novo - eu estava imersa nesse mundo. Todo mundo ali estava igual. Depois que eu saí do banco, em 2016, eu comecei a trabalhar em *startup* de tecnologia. Ou seja, eu só trabalho com homem. Eu saí do universo de marketing, de só trabalhar com mulher, para ir para um universo de só trabalhar com homem. Desde 2019 que eu só trabalho com homem. Antes, eu trabalhava na empresa de crenças - não dava para considerar aquilo o que era. Mas, desde 2019, eu só trabalho com homens. Não tem nenhuma

mulher para contar história. É contraditório: eles te respeitam, mas respeitam da forma errada, porque você não tem que não falar palavrão para ser mulher; você tem que não falar palavrão porque você não pode falar palavrão, independente se eu sou homem ou você é mulher. Se meu chefe fala alguma coisa, ele já me pede desculpa. Não tem que pedir desculpas para mim. Tem que pedir desculpas para as pessoas todas. Ou pede para as pessoas todas ou não pede para mim. Tem as piadinhas. Homem, qualquer coisa tem motivo para fazer piadinhas, sobre a camiseta rosa ou qualquer coisa assim. Para mim, é tentar não rir, para eles entenderem que não é legal fazer esse tipo de piadinha, mas também é difícil ser a única.

[00:46:37] Entrevistadora: Ser a única mulher entre eles?

[00:46:39] Entrevistada: Ser a única mulher entre eles, exatamente. Eu tenho sorte de trabalhar com pessoas muito bacanas e nada escrotas. Eu não trabalho com ninguém escroto, nem machistinha. Eu trabalho em duas empresas ao mesmo tempo. Eu sou PJ, então eu trabalho em duas empresas ao mesmo tempo. Não tem nenhuma pessoa, em nenhuma das empresas, que seja bolsonarista, crente. A gente trabalha *on-line* - faz um ano e meio. Na hora que ele começou a falar, eu falei: "Não vou escutar sobre política bolsonarista. Se você quiser, você vai ficar falando sozinho, porque eu não vou escutar". Nunca mais puxou assunto.

[00:47:36] Entrevistadora: Funcionou!

[00:47:37] Entrevistada: Funcionou! Nunca mais puxou assunto. Mas eu tenho sorte de não trabalhar com pessoas escrotas. Então, eu não tenho grandes dificuldades. Mas você sabe o que as pessoas pensam com relação ao machismo (essas piadinhas), com esse caráter preconceituoso em relação a gays. Eu fui contratar agora uma pessoa para trabalhar comigo e pedi para contratar uma mulher, negra, baixa renda, para dar oportunidade. Mas também é difícil você conseguir fazer isso, porque querem que você contrate alguém de faculdade de primeira linha. Cara, uma pessoa com experiência, que fala dois idiomas, nunca vai ter esse perfil. Tem essa luta também de fazer isso do que eu tenho, no meu quadrado, de oportunidade. Mas tem que ir contra. "Então, eu recebi esse currículo bom, mas eu não vou

olhar para ele, porque eu vou procurar uma pessoa que eu queira dar oportunidade”. É difícil? É bem difícil!

[00:48:56] Entrevistadora: Sim! Mas que legal que você está fazendo esforços para implementar esse tipo de ação dentro do seu trabalho.

[00:49:03] Entrevistada: É uma empresa pequena, uma *startup*, mas eu quero conseguir dar oportunidades. A gente vê que, para pessoas que você dá oportunidade, elas desempenham muito melhor do que a galera que acha que vai conquistar o seu primeiro milhão antes dos 20 anos.

[00:49:28] Entrevistadora: Sim! Entrando agora no quesito mídia, como você acha que a mídia, no geral, a mídia mais tradicional mesmo, aborda a temática da violência contra a mulher?

[00:49:43] Entrevistada: A gente vê um movimento de inclusão do tema, mas, para mim, é clareamento por necessidade, não por concordar.

[00:50:01] Entrevistadora: Como assim “por necessidade”?

[00:50:02] Entrevistada: Por necessidade de se adequar à sociedade que está mudando. “Eu preciso trazer as pautas feministas, LGBTQIA+, racistas, porque isso é o que está na moda agora. Se eu não trazer esse tipo de pauta, vai parecer que eu sou ‘quadrado’”. A gente sabe que a grande mídia é dominada pelo pensamento liberal. Outro tipo nem conversa! Eu vejo que estão trazendo, mas não porque concordam.

[00:50:47] Entrevistadora: É por uma questão de adequação e de mercado mesmo.

[00:50:49] Entrevistada: Isso! É uma questão de adequação. Exatamente! Agora que as pessoas acham que a Globo é comunista... É o fundo do poço!

[00:51:05] Entrevistadora: Isso é um negócio muito maluco e sem sentido. É uma distopia.

[00:51:11] Entrevistada: Muito! A gente está vivendo em uma distopia. Exatamente! Falou tudo. Eu sou de São Paulo. Aqui, a gente tem como governador o João Dória Júnior. Cara, o João Dória Júnior é um cara mega capitalista, de direita total, PSDB e ele está na disputa direta para disputar a presidência no ano que vem com o Bolsonaro. O *slogan* dele para governador foi “BolsoDória”.

[00:51:47] Entrevistadora: Sim! Eu me lembro.

[00:51:49] Entrevistada: Aí, agora as pessoas estão chamando o Dória de comunista. Em que mundo eu estou vivendo? Espera aí! Não é possível.

[00:52:01] Entrevistadora: É uma realidade tão distópica que, quando o Dória vacinou a primeira brasileira, eu fiquei emocionada. Nunca na vida eu imaginei que eu me emocionaria com uma atitude do Dória.

[00:52:20] Entrevistada: A página que eu mais gosto no Facebook é “Eu não aguento mais concordar com o Dória”.

[00:52:24] Entrevistadora: Eu não conheço. Vou procurar!

[00:52:28] Entrevistada: Tem ótimas páginas. Tem a “Eu não aguento mais concordar com o Dória”. A outra é “Eu odeio o Bolsonaro porque ele me faz concordar com pessoas que eu odeio”.

[00:52:41] Entrevistadora: Sim! Rodrigo Maia.

[00:52:45] Entrevistada: A gente está achando o Renan Calheiros um cara moderado.

[00:52:46] Entrevistadora: Sim! Exatamente! E essas pessoas não mudaram. Foi só a sociedade que foi indo para o fundo do poço e a gente está tendo que se alinhar ao Renan.

[00:53:03] Entrevistada: Exatamente! Abriram o compartimento do fundo do poço. Pois é! Eu não aguento mais concordar com essas pessoas. Eu odeio cada vez mais o Bolsonaro porque ele me faz concordar com o Dória. De repente, eu estou achando o Dória sensato. Olha isso!

[00:53:26] Entrevistadora: Exato! É bem difícil!

[00:53:35] Entrevistada: É bem difícil! A gente sabe que está nesse movimento todo manipulando as pessoas para serem contra o Bolsonaro, mas não é porque são boazinhas, não. Ano que vem elas vão estar apoiando os candidatos do PSDB, provavelmente o Dória. É tudo uma construção. Assim como em 2013 os 20 centavos foi a construção do *impeachment*, o Dória é uma construção para o ano que vem, para conseguir eleger o candidato do PSDB - provavelmente o Dória.

[00:54:14] Entrevistadora: Eles se apropriaram com muita força.

[00:54:20] Entrevistada: Pelo menos uma vez na vida, eu estou do lado da manipulação a favor da vida - pelo menos eu estou a favor da vida.

[00:54:28] Entrevistadora: Você falou da Globo. Eu queria saber como a Globo e a mídia tradicional têm tratado do machismo estrutural, na sociedade. Ou você acha que não - que eles só passam rapidamente pela temática e não vão mais a fundo?

[00:54:48] Entrevistada: Eu acho que tentam trazer. Por exemplo: você pega um BBB, que traz o tema para discussão, de uma forma completamente torta e que vira essa aberração que foi o *Big Brother*. Rola uma baita manipulação. Vou pegar uma coisa de 2017. Não sei se você acompanhou o MasterChef, da Band.

[00:55:20] Entrevistadora: Não, mas eu acompanhei aquela polêmica da menininha - tanto que originou a campanha do #MeuPrimeiroAssedio, a Valentina, eu acho.

[00:55:29] Entrevistada: Isso! O da Valentina foi em 2016 durante o MasterChef, que teve essa polêmica toda. Em 2017, teve a edição dos profissionais. Trouxeram um dos personagens... Porque são todos personagens; aquilo não é real. Aquilo é um *reality show*. Trouxeram um dos personagens com teor machista, porque ela falou para uma das participantes mulher para ir varrer a cozinha. Quem ganhou foi essa mulher que foi mandada para varrer a cozinha. Coincidentemente, naquele mês, a Ana Paula Padrão, que é a dona da porra toda, estava lançando o projeto Escola Brilhante, que é o projeto dela da escola feminista, para ser um MasterChef. O MasterChef é só para ela aparecer. Foi muito coincidência - veja você. Então, é uma manipulação, que eles se aproveitarem. Ela se aproveitou. Ela é a dona do MasterChef. Ela se aproveitou da visibilidade do programa para falar do assunto, aí, no perfil dela, ela lançou um negócio comercial.

[00:56:46] Entrevistadora: É toda uma apropriação: o capitalismo se apropriando do discurso feminista para propagar ainda o poder e o espaço do capital.

[00:57:02] Entrevistada: Sim! Eles trouxeram toda essa temática. Naquela edição, eles fizeram um pós e a Ana Paula trazia isso o tempo inteiro, o conceito de gênero. Os participantes não concordavam, iam contra ela. Todas as participantes para quem ela pergunta se sofreu machismo respondia "não". Foi bem bizarro! Ela saiu por cima de tudo,

porque ela é muito manipuladora e muito inteligente. Mas era tudo com um objetivo comercial de lançar o projeto dela, que tinha o patrocínio da marca Brilhante. A mídia, de fato, está mudando, mas por necessidade de mudar, mas não exatamente de uma forma legítima e aprofundada.

[00:58:03] Entrevistadora: Você acha que a mídia hegemônica aborda a questão temática da descriminalização do aborto? Como ela aborda?

[00:58:16] Entrevistada: Eu não vejo ela sendo abordada de forma correta. Se você estiver falando de tevê, eu praticamente não assisto.

[00:58:26] Entrevistadora: Eu estou falando de portais também. Eu não sei se você acompanha o impresso.

[00:58:30] Entrevistada: Eu assisto, basicamente, *Discovery Home & Health*, que é o que eu assisto pela tevê. Mas não é claro para as pessoas o que significa a descriminalização do aborto. Eu vejo não sendo claro. Não é claro porque as pessoas - primeiro - não leem e, depois, porque não é colocado para elas de forma correta. Achem que, com a descriminalização do aborto, estão mandando abortar, sendo que eu só não quero que as pessoas sejam presas e, se elas abortarem, que as mulheres não morram. As pessoas não entendem que é possível você ser contra o aborto e ser a favor da descriminalização do aborto. Eu sou terminantemente contra o aborto e de uso de entorpecente de forma geral, mas eu sou a favor da legalização.

[00:59:23] Entrevistadora: Para, justamente, dar o direito de escolha às pessoas.

[00:59:27] Entrevistada: Não é nem pelo direito de escolha, mas para elas pararem de morrer. Porque elas já fazem. Quem não conhece, pelo menos, uma amiga que fez aborto?

[00:59:40] Entrevistadora: É uma questão de saúde pública mesmo.

[00:59:42] Entrevistada: É questão de saúde pública, exatamente! Assim como a descriminalização de drogas, que eu sou totalmente contra o uso de qualquer forma de entorpecente - inclusive álcool -, eu sou a favor de descriminalizar para haver a redução de tráfico. Mas isso não é abordado de forma clara. Isso não é colocado de maneira informativa,

aí fica essa discrepância de “Ai, suas abortivas!” ou “Bota camisinha”. Não, não é isso, amigo. Volta duas casas e vamos conversar de novo”.

[01:00:20] Entrevistadora: E a posição das mulheres no mercado de trabalho? Você acha que a mídia tradicional aborda como?

[01:00:34] Entrevistada: Estou tentando lembrar. Eu vejo algumas coisas aparecendo, de pesquisa e tal, mas ainda muito incipiente. Você vê quando tem alguma polêmica: a CEO do Nubank falou besteira no RodaViva, aí vem pesquisa, vem matéria específica. Mas isso não é normalizado. Não vejo como uma constante para as pessoas entenderem o que acontece no mercado de trabalho e tentar mudar, tentar reverter essa situação. De novo, não são só mulheres: a gente está falando de cotas, de inclusão, de tudo. Às vezes, é um assunto que a gente fica na bolha - a gente fala só para a gente mesmo. Isso me incomoda um pouco em todas as discussões: parece que a gente só fala para a gente mesmo e só fala para as pessoas que já compartilham da sua opinião. Então, você só fica reforçando, reforçando. Quando você está na sua bolha, você acha que todo mundo pensa dessa forma. Quando você coloca a cabeça para fora da bolha, você vê o mundo lá fora e você fala: “Caceta!”. As pessoas não têm acesso à informação. Não ultrapassa a parede da bolha.

[01:02:11] Entrevistadora: É, inclusive, o que eu me questiono sobre essas mídias feministas, se elas só atingem mulheres que já são feministas. Mas você sabe que eu já conversei e entrevistei pessoas que, antes, não se identificavam como feministas, mas sofreram algum tipo de problema ou algum tipo de violência, encontraram alguma dessas mídias na internet e começaram a refletir mais sobre o assunto e foram mudando suas visões, suas perspectivas. Então, eu acho que um pouquinho a gente consegue extrapolar da nossa bolha.

[01:02:51] Entrevistada: Mas de novo: só se a pessoa procura. Ela teve um problema, aí ela foi atrás, aí ela encontrou. Mas sair de uma visão do que a pessoa já procura para si ou do que pensa ou do que precisa, é mais difícil.

[01:03:10] Entrevistadora: Já encaminhando a gente para o final da entrevista, eu queria fazer umas perguntinhas mais relativas às iniciativas de midiativismos feministas. Eu queria saber

o que te motiva a acompanhar o trabalho do *Lado M* e de outras iniciativas de jornalismo feminista também.

[01:03:36] Entrevistada: Eu procuro acompanhar para ter informação, para saber o que está acontecendo, o que a gente tem rolando no mundo de iniciativas, saindo da bolha da hegemonia. Em alguns momentos, eu confesso que eu preciso parar um pouco, porque tem um tempo que você está tão imersa. [inaudível]. Aí, eu me sinto sufocada, então eu tenho que sair disso um pouco, me afastar um pouco, baixar um pouco a minha adrenalina, para depois voltar. É aquilo: cada dia você liga para um parente, você vê alguém que morreu, alguém que foi estuprado, ou alguma idiotice que o Bolsonaro fala. Eu chego a um nível de estresse interno muito grande, aí eu tenho que sair um pouco para depois voltar. Mas o meu objetivo é saber o que está acontecendo para conseguir, inclusive, argumentar e ter repertório.

[01:04:56] Entrevistadora: Você se lembra quando você conheceu a iniciativa *Lado M*? Como você conheceu? Como você começou a acompanhar o trabalho do grupo?

[01:05:08] Entrevistada: O *Lado M*, especificamente, eu não sei exatamente quando, mas eu comecei a ir atrás de todas essas iniciativas em 2013, quando eu comecei a trabalhar no projeto de mulheres empreendedoras. Aí, eu comecei a conhecer muita coisa: [Think] Olga, Rede de Mulheres Empreendedoras. Eu comecei a conhecer várias coisas e uma leva a outra. O momento certinho, eu não sei, mas uma coisa sai levando a outra. A gente fazia muitos eventos com palestras e trazendo sempre o tema, aí acabava conhecendo. Então, foi em algum momento, nesse período, de 2014 a 2016, que as coisas foram aparecendo e eu comecei a seguir.

[01:06:00] Entrevistadora: Por quais dispositivos geralmente você acessa os conteúdos de midiativismo feminista? É pelo computador? Pelo celular? Pelo notebook?

[01:06:09] Entrevistada: A maior parte do tempo, de mídia social, é pelo celular. Mas eu trabalho com marketing. Então, acaba que as mídias sociais ficam abertas no meu computador praticamente o tempo inteiro.

[01:06:26] Entrevistadora: Então, você acessa mais pelas mídias sociais também, né? Você tem o hábito de ir até os portais e ler os conteúdos lá ou você vai a partir das redes sociais?

[01:06:36] Entrevistada: Não, não. Eu vou a partir das redes sociais. Dificilmente eu vou direto ao portal.

[01:06:46] Entrevistadora: De onde você acessa? Você me falou que no seu trabalho fica aberto. Quando você está no trabalho, você acompanha também? Ou é quando você está em casa descansando? Quando você está na rua?

[01:06:55] Entrevistada: Eu sou aquela péssima pessoa que passa o dia nas mídias sociais. Sabe aquela estatística de quantas vezes você desbloqueia o seu celular por dia? Com certeza eu estou no topo dessa estatística.

[01:07:09] Entrevistadora: Mas tem a ver com o trabalho também, né?

[01:07:12] Entrevistada: Eu tenho um pouco desse vício de ficar o tempo inteiro, de assistir televisão com o celular na mão e de estar sempre com o celular na mão, de estar sempre acessando. Por conta do trabalho, eu fico com WhatsApp, Facebook e LinkedIn, com tudo aberto no meu navegador, o tempo inteiro. Então, você passa, para ali e dá uma olhadinha. Por opção, seria o celular. Mas eu tenho a facilidade de ter o *notebook* aqui na minha cara, o tempo inteiro. Mas, por hábito, seria o celular.

[01:07:55] Entrevistadora: Você se lembra de alguma matéria do *Lado M* ou de alguma outra mídia feminista que te marcou mais e que foi mais impactante para você?

[01:08:09] Entrevistada: Eita! Essa foi difícil!

[01:08:11] Entrevistadora: Às vezes, a gente não lembra na hora ou já passou muito tempo e não sabe mais qual foi a matéria.

[01:08:23] Entrevistada: Eu não vou me lembrar, não.

[01:08:25] Entrevistadora: Não tem problema, não. Depois, se você lembrar, você me avisa.

[01:08:29] Entrevistada: Normalmente, o que eu faço é passar na *timeline* de matérias, olho. Eu abro o navegador, pah, pah, pah. Depois eu volto e leio tudo o que é interessante. Aí, eu acabo me confundindo qual é a mídia que eu estou lendo.

[01:08:50] Entrevistadora: Eu entendo! Eu falei com uma moça que acompanha muito o *Think Olga* e *AzMinia*. Quando ela foi me citando as matérias, ela me disse: “Esse eu não sei em qual das duas que foi”. A gente vai confundindo mesmo e, às vezes, elas até abordam os mesmos temas.

[01:09:11] Entrevistada: É!

[01:09:12] Entrevistadora: Você consegue pensar em semelhanças entre a cobertura do *Lado M* e a cobertura da mídia tradicional?

[01:09:24] Entrevistada: Semelhança? É isso?

[01:09:26] Entrevistadora: Eu vou perguntar tanto as semelhanças quanto às diferenças.

[01:09:36] Entrevistada: Como eu te falei, eu não presto atenção sobre qual é o canal. Normalmente, eu vou passando o olho e vendo os títulos de matérias que me interessam e vou indo para ler. Aí, eu acabo dando *unfollow* quando é algo muito bizarro. De repente, chega uma hora em que você vê que a CNN é *over* bolsonarista. “Não quero mais lidar com isso”. Aí, eu vou lá e dou *unfollow*. Mas eu acabo não prestando atenção sobre qual é o canal.

[01:10:22] Entrevistadora: Você vai misturando as mídias (mídias tradicionais e mídias independentes)?

[01:10:25] Entrevistada: Vou misturando. Exato! Mas o que eu vejo de mídia tradicional é que aborda-se muito pouco, só quando tem alguma coisa muito bizarra acontecendo. O próprio caso de ontem, da Pâmela. Eu só vi comentários de pessoas. Eu não vi nenhuma matéria. Eu só vi o *print* das pessoas comentando. “Que absurdo! O cara ganhou 250 mil seguidores”. Eu: “Espera aí! Do que vocês estão falando?”. Aí, comecei a caçar a informação. Eu não fui impactada pela notícia, mas eu fui impactada pelos efeitos da notícia.

[01:11:09] Entrevistadora: É porque as notícias são mais focadas na agressão em si do que nesses efeitos (dos seguidores, da repercussão).

[01:11:18] Entrevistada: Sim. Eu acabei não vendo e não sendo impactada pelo o que tinha acontecido, mas eu vi que estava tendo uma movimentação. “Beleza! Vamos pesquisar o que aconteceu”. Aí, eu descobri a causa e vi o que tinha acontecido. Mas a gente está tão imerso nesse momento de política e saúde, que os outros assuntos acabam ficando abafados.

[01:11:50] Entrevistadora: É verdade! Muitos assuntos.

[01:11:54] Entrevistada: O boletim de número de mortes pela COVID nas últimas 24 horas, a gente vê umas 20 vezes por dia. Aí, ocupa a sua *timeline*. O algoritmo faz com que você só fique vendo isso. Você clica uma vez e vai ver outras 50.

[01:12:12] Entrevistadora: Você acha que essas iniciativas que fazem mídia ativista interagem com seus públicos? Eu não sei se você já observou se elas respondem, se elas publicam materiais que o público pede.

[01:12:34] Entrevistada: Não. Não que eu tenha reparado.

[01:12:36] Entrevistadora: Não tem problema se você não se lembra.

[01:12:40] Entrevistada: Não que eu tenha percebido.

[01:12:41] Entrevistadora: E você tem o costume de interagir com os jornais da internet (comentar ou compartilhar os conteúdos)?

[01:12:56] Entrevistada: Compartilhar, sim. Comentar, eu fazia mais, só que estava me fazendo mal.

[01:13:03] Entrevistadora: Por quê?

[01:13:04] Entrevistada: Porque tudo o que você escreve lá, vem outras 50 pessoas comentando embaixo. Então, estava começando a me fazer mal ficar imersa nisso. Então, eu evito entrar nos comentários, evito olhar comentários, para não me estressar. São sempre os robôs bolsonaristas que dominam os comentários. Em uma matéria da Pâmela, vai ter 50 pessoas falando: "O que ela fez para o cara chegar a esse limite e fazer isso?". Isso me faz mal. Eu comecei a me afastar de comentários por causa disso.

[01:13:48] Entrevistadora: Especialmente, em comentários dos portais dos jornais, já vem bloqueados os comentários, porque realmente estava um discurso de ódio muito amplificado.

[01:14:02] Entrevistada: Tem, sim. Está muito bizarro isso. Eu tenho evitado. No começo, eu comentava. Depois eu ficava batendo boca com as pessoas. Aí, eu comecei a ver os comentários e eu respondia, mas eu não publicava (eu desabafava e escrevia tudo o que eu queria escrever, mas eu não publicava). Agora, eu já não estou mais abrindo a caixa de comentários, evitando ao máximo.

[01:14:34] Entrevistadora: Realmente! Se não estava te fazendo bem, tem que deixar de lado mesmo.

[01:14:41] Entrevistada: Você fica revivendo aquilo muitas vezes.

[01:14:45] Entrevistadora: Eu sei que você já veio falando ao longo da conversa, mas eu queria que você fizesse uma síntese de quais características positivas dessas iniciativas de jornalismo feminista você destacaria.

[01:15:04] Entrevistada: Trazer a pauta para assuntos que a gente não vê na mídia de massa, sobre nuances que às vezes as pessoas não percebem. Eu fui perceber só em 2013 (antes de ontem) e muita gente não percebe. Então, você traz ali e, com isso, você gera a discussão. Você faz com que as pessoas comecem a pensar. Você interage, compartilha, aí você vai amplificando. Eu acho que essa é a principal qualidade, de sair mesmo desse circuito tradicional das matérias tradicionais.

[00:15:59] Entrevistadora: Tem alguma característica negativa que você observa também?

[01:16:05] Entrevistada: Eu acho que a nuance de entrar no discurso de ódio contrário é bem sutil. É claro que, quando você está em uma guerra, os dois lados atiram. Mas, muitas vezes, acaba ficando de uma forma agressiva, aí gera aquele pensamento de que feminista é super mal-amada, que feminista odeia homem, que feminista não quer que eu cuide do meu marido. Tem essa linha sutil entre cair para o outro lado. Não é que isso invalida o movimento, mas faz com que as pessoas fiquem mais contrárias.

[01:17:04] Entrevistadora: Você acha que, durante a pandemia, você passou a acompanhar mais ou menos esse tipo de iniciativa?

[01:17:13] Entrevistada: Eu acho que menos, porque o assunto Política e Saúde domina muito.

[01:17:16] Entrevistadora: É o que você estava falando, né?

[01:17:18] Entrevistada: É! O começo, para mim, foi bem difícil. Fiquei muito “bitolada” com isso, então acabou que os meus esforços ficaram todos focados para lá. É aquilo: como eu acompanho por mídia social, o algoritmo, conforme você mais interage, mais ele te mostra aquilo. Então, acabou apagando um pouco, para mim.

[01:17:53] Entrevistadora: Quais você acha que são os impactos da pandemia para esse tipo de jornalismo (jornalismo feminista)?

[01:18:11] Entrevistada: A pandemia, como um todo, impactou muito as mulheres, de forma geral. Quando a gente fala de classes mais baixas, esse foi o nível mais afetado pelo desemprego, com a obrigação na casa, com a responsabilidade com os filhos. Foi diretamente a mulher. Esse assunto acaba tendo que ser trazido à tona. Não só esse, como violência. Mais do que nunca, tem-se a necessidade de mostrar e trazer esses assuntos.

[01:19:05] Entrevistadora: Eu conversei com a diretora d'*AzMina*, a revista, e ela me contou que, no início da pandemia, elas ficaram com a cobertura totalmente focada nessas questões de aumento da violência contra as mulheres, de as mulheres estarem recebendo mais demanda e assumindo mais tarefas de reprodução social dentro de casa. Só depois elas foram normalizando as coberturas delas e voltando a tratar de outras temáticas. Mas, primeiro, era tudo focado na pandemia.

[01:19:40] Entrevistada: É porque foi muito forte. “Beleza! A escola fechou. Vamos todo mundo ficar em casa”. Oi? “O papai tem reunião. O papai tem que trabalhar. Não pode atrapalhar o papai”. A mulher que lute! A responsabilidade ficou mais forte ainda, de cuidar e de arrumar a casa para a mulher.

[01:20:07] Entrevistadora: As mulheres pobres tiveram que se desdobrar e resolver suas situações econômicas e financeiras, diante da crise.

[01:20:19] Entrevistada: É. Racionalmente, eu sou contra abrir escolas até hoje. Se eu não saio da minha casa para trabalhar, por que eu vou deixar uma criança. Mas, ao mesmo tempo, é muito fácil. Eu falo isso de dentro da minha bolha.

[01:20:39] Entrevistadora: É muito delicada essa situação da pandemia.

[01:20:41] Entrevistada: Muito delicada. Exato! Eu estou aqui na minha casa, não tenho filho, minha mãe mora comigo (na hora em que ela abre a porta, o almoço está na mesa), estou aqui no escritório dedicado, com uma internet rápida, um chefe bacana, posso passar uma hora e meia no telefone, porque eu não tenho um chefe que vai ficar me enchendo a paciência. É muito fácil falar isso do alto da minha vida.

[01:21:08] Entrevistadora: Exato! É um negócio... Enfim, eu vejo as pessoas desesperadas, porque precisam trabalhar e não têm mais emprego, em especial as mulheres de trabalho informal (as diaristas que fazem faxina).

[01:21:25] Entrevistada: Sim! Eu fui uma criança que, com sete anos de idade, estava sozinha em casa, porque minha mãe tinha que trabalhar e não tinha quem cuidasse de mim. Tinha sete anos de idade e ficando em casa sozinha. Olha o risco que era isso! Era um risco absurdo. Mas era isso.

[01:21:44] Entrevistadora: Porque era a realidade.

[01:21:47] Entrevistada: Era a realidade! Eu ficava sozinha em casa, me aprontava para a escola, a perua passava e me pegava. Era bom que minha mãe conseguia pagar a perua e pagar uma escola particular. Eu passava o dia todo na escola, aí a perua me pegava e me devolvia. Eu chegava em casa sozinha. Não é uma coisa simples de você administrar. A responsabilidade de uma criança é muito dinheiro.

[01:22:11] Entrevistadora: Eu não vou mais tomar do seu tempo. Vou fazer a última pergunta.

[01:22:17] Entrevistada: Não foi uma indireta...

[01:22:20] Entrevistadora: Eu também tenho as demandas do trabalho. Mas eu queria super agradecer por você ter ficado uma hora e meia. Geralmente as entrevistas estão sendo um pouquinho mais rápidas.

[01:22:35] Entrevistada: É porque eu falo mais do que o homem da cobra.

[01:22:37] Entrevistadora: Mas foi super legal a nossa conversa. Eu falei também e compartilhei as minhas experiências. Mas eu queria saber como você, enquanto leitora, tem lidado com a nossa atual conjuntura de tanta notícia falsa e de ampla disseminação de *fake news*.

[01:22:53] Entrevistada: Primeiro, eu procuro entender a fonte, para ver de onde vem, antes de acreditar. Segundo, é o bom senso, né? "Passaram um satélite para medir a temperatura das pessoas para tudo quanto é lado e você tem que ter a sua carteira de vacinação do lado de fora". Mano, para de compartilhar isso, cara. Dá um tempo! Para e analisa se você acha que isso é minimamente viável, antes de mais nada. As pessoas são tão enlouquecidas que

elas esqueceram do bom senso. Tudo bem! A gente está vivendo uma pandemia. Tem coisas que você olha e fala “isso é mentira”, mas é verdade. Mas sempre tem que entender a fonte. Não tem dizendo de onde é? A chance de ser notícia falsa é muito grande. Tem dizendo de onde é? Joga no Google para ver se realmente é, porque pode ser um *print* mentiroso. É tentar rastrear a informação, antes de qualquer coisa, antes de compartilhar.

[01:24:22] Entrevistadora: Você acha que esse contexto de *fake news* atinge as iniciativas de jornalismo feminista?

[01:24:40] Entrevistada: Você diz de as coisas serem divulgadas no mesmo canal?

[01:24:47] Entrevistadora: Não! De que acaba afetando o trabalho delas e a forma de produzir conteúdos, tanto do que elas recebem de sugestão de matéria quanto por ataques que advém dessas notícias falsas.

[01:25:10] Entrevistada: Eu imagino que sim, porque a gente está vivendo um período de disseminação de ódio. Qualquer pauta feminista é atacada diretamente. Imagina o que acontece com a distorção grande das coisas que são publicadas e colocadas ali. Imagina a quantidade de besteira que chega. A gente, como leitor, tem que averiguar o que é verdade e o que é mentira, imagina para quem produz conteúdo a importância que tem você não cair nessa e não estar divulgando uma coisa falsa. Às vezes a gente divulga uma coisa, para e fala: “Putá! Tenho que apagar isso”. Aí, você vai e deleta e não está atingindo muita gente. Agora, quem produz conteúdo não pode cometer esse tipo de erro. Imagina o trabalho que tem para conseguir separar.

[01:26:23] Entrevistadora: É, bem trabalhoso mesmo. São essas as perguntas. Você tem alguma dúvida ou alguma outra colocação?

[01:26:35] Entrevistada: Eu acho que não, Mari. Acho que a gente já falou demais.

[01:26:41] Entrevistadora: Então, Fany, eu vou transcrever.

[01:26:47] Entrevistada: Isso vai para a sua tese, né?

[01:26:48] Entrevistadora: Isso! Vai para a minha tese. Depois vai ficar no repositório da biblioteca da UnB. Por isso, se você preferir ficar anônima, não tem problema nenhum. Se

você quiser, também pode ter o seu nome divulgado. A análise não vai ser tão individual das entrevistas. Vai ser mais uma análise do todo, do conjunto.

[01:27:12] Entrevistada: Tranquilo! Não tem problema! Se você precisar que eu assine alguma coisa, pode me mandar.

[01:27:23] Entrevistadora: Obrigada! A gente está trabalhando da seguinte forma: uma vez que vocês concordaram, a gente não está pedindo nenhuma assinatura de termo. Mas eu vou, de qualquer maneira, te mandar depois da transcrição, o texto para você ver se é aquilo mesmo, se está tudo ok. Talvez você queira acrescentar algo.

[01:27:51] Entrevistada: Resumido? Senão vai dar 25 laudas. Imagina transcrever uma hora e meia de fala.

[01:28:00] Entrevistadora: Ainda bem que agora os trabalhos estão vindo digitais. Não tem mais que imprimir, porque isso tudo entra nos apêndices do trabalho - cada transcrição. Então, é um universo de conversa. A minha dissertação do mestrado ficou uma bíblia, porque tinha também muita entrevista e todas elas estavam lá anexadas. Mas é isso! Se você tiver qualquer dúvida, se você quiser entrar em contato comigo, se você lembrar de alguma coisa para me falar, é só você falar comigo. Pode ser no WhatsApp, pode ser no Facebook. Eu fico totalmente à disposição. Muito, muito obrigada, pelo seu tempo, pela sua atenção, por você ter aceitado participar.

[01:28:55] Entrevistada: Eu que te agradeço por você ter me procurado. Pode contar comigo, se você precisar de qualquer coisa.

[01:29:02] Entrevistadora: Está bom!

[01:29:04] Entrevistada: Qualquer coisa, me chama.

[01:29:06] Entrevistadora: Obrigada!

[01:29:08] Entrevistada: Sucesso para você na sua tese.

[01:29:10] Entrevistadora: Muito obrigada! Tchau, tchau. Um beijo!

[01:29:11] Entrevistada: Um beijo! Tchau!

Karla - leitora *Think Olga*

[00:00:01] Entrevistadora: Aí, depois, se você preferir que seu nome apareça ou se você achar melhor ficar anônima na pesquisa, é só me avisar no final da conversa a forma que você prefere, está bom?

[00:00:13] Entrevistada: Está bom!

[00:00:15] Entrevistadora: Você mora em qual estado?

[00:00:16] Entrevistada: Em Pernambuco.

[00:00:18] Entrevistadora: Em Recife mesmo?

[00:00:21] Entrevistada: Jaboatão dos Guararapes. É ao lado.

[00:00:26] Entrevistadora: Qual é sua profissão, Karla?

[00:00:28] Entrevistada: Eu sou educadora financeira. Ultimamente, eu faço consultoria de finanças e dou aula online para uma turminha do sétimo ano.

[00:00:40] Entrevistadora: Que legal! Sétimo ano e educação financeira? Muito, muito interessante!

[00:00:48] Entrevistada: Alguns se interessaram. Aí, eu estou fazendo particular para um colégio. Eles se interessaram porque acham importante saber o por quê tem que ter uma educação financeira.

[00:01:07] Entrevistadora: Eu trabalho na Anatel (Agência Nacional de Telecomunicações) na área para educação para o consumo. Recentemente, a gente estava fazendo um levantamento de iniciativas pelo mundo (*benchmarking*), aí eu encontrei alguns países que têm, nos seus currículos, a disciplina de educação financeira. Achei super legal já começar desde criança.

[00:01:33] Entrevistada: Com certeza!

[00:01:35] Entrevistadora: Antes de entrar um pouquinho no tema das mídias feministas, eu queria conhecer um pouco melhor você e a sua história. Você se considera feminista, Karla?

[00:01:48] Entrevistada: Sim! Eu abraço essa causa. Eu acredito que, quando a mulher está na liderança, ela enxerga melhor algumas questões, que talvez ela tenha passado ou algum familiar tenha passado. Então, eu abracei há pouco tempo. Não vou dizer que eu conheço tudo, porque eu tinha uma visão distorcida do feminismo. Depois que eu comecei a estudar e a acompanhar determinadas pesquisas, eu sei que é uma causa que a gente precisa abraçar para que tenha as melhores políticas para as mulheres.

[00:02:38] Entrevistadora: Como assim você tinha uma versão distorcida?

[00:02:41] Entrevistada: Eu não sabia o que era. Quando a gente não tem conhecimento, a gente pré conceitua determinadas situações. Quando eu via determinados protestos a favor do feminismo, eu dizia: o quê? Para que a mulher vai ter a exposição do seu corpo? Mas o assunto não é esse. Eu entendo hoje que não é dessa forma. Ela pode se expressar da forma que ela quiser. Lugar de mulher é onde ela quiser estar. Eu acredito que foi por um conceito religioso que eu tinha na época. Eu acreditava que era um anarquismo. Agora, depois de certo (inaudível) e depois que a gente abre a nossa mente para o novo e a ouvir o que são determinadas questões, as perspectivas mudam. A nossa visão muda em relação àquilo porque já tem um determinado conhecimento.

[00:04:03] Entrevistadora: Que engraçado você me falar isso sobre os estereótipos. Eu me lembro que, uma vez, eu comentei, em um grupo no trabalho, que eu estava estudando feminismo e alguém virou para mim e disse: “Mas o feminismo, hoje em dia, é só para as mulheres poderem usar short mais curto”.

[00:04:22] Entrevistada: Infelizmente, ainda tem essa divulgação do feminismo.

[00:04:31] Entrevistadora: O que é o feminismo? O que é ser feminista, para você?

[00:04:37] Entrevistada: Para mim, ser feminista é você lutar pelos seus direitos, por igualdade, é estar em cargo de liderança - principalmente, no lado político -, é ter mais respeito com a mulher por ela ser mulher e que ela ocupa um determinado posicionamento na sociedade pelas conquistas e não por as pessoas acreditarem que mulher tem que estar em casa, em determinadas situações julgando em relação à roupa, julgando em relação ao

tipo de comportamento. Eu acredito que o feminismo vem para desmistificar esse tipo preconceituoso que as pessoas têm em relação à mulher.

[00:05:32] Entrevistadora: Eu vi que você desenvolve todo um trabalho no Instagram, voltado ao combate à violência contra a mulher.

[00:05:41] Entrevistada: Isso! Isso mesmo!

[00:05:46] Entrevistadora: Você já sofreu violência?

[00:05:47] Entrevistada: Sim! Eu vivi em um casamento em que a pessoa, no início... É tudo aquilo que fala. Era um relacionamento abusivo. A pessoa era gentil, delicada, mas depois vai tomando determinadas proporções que você não reconhece. Você se olha no espelho e não sabe mais quem é você. Não tem uma posição sobre si, não decide mais as coisas. Até de determinadas coisas simples a pessoa começa a ter medo, porque prefere evitar, abaixar a cabeça. Chegou a uma questão que eu tive que ter uma medida protetiva (que eu ainda tenho), para, realmente, não ser intimidada. Aí, eu estou estudando Direito agora.

[00:06:41] Entrevistadora: Que legal! Foi por causa disso que você resolveu começar a estudar?

[00:06:44] Entrevistada: Isso! Porque muitas mulheres desconhecem os seus direitos. Eu pretendo seguir essa área para mostrar às mulheres que o Direito está na vida delas e elas têm todo um aparato para que elas tenham a sua vida como cidadã e como mulher.

[00:07:10] Entrevistadora: Que sensacional! É um caminho sem volta, né, Karla? Eu estava conversando ontem com outra moça. Ela escreve (é jornalista) sobre filmes produzidos e dirigidos por mulheres. Ela criou um site para apresentar esses trabalhos. Ela faz críticas de cinema. A gente estava conversando sobre isso: sobre como o nosso olhar vai mudando quando a gente começa a ter contato com esses assuntos. Depois, não tem mais como voltar atrás. Quando a gente está muito inserida, toda a nossa perspectiva de mundo muda.

[00:07:46] Entrevistada: É isso mesmo!

[00:07:50] Entrevistadora: Foi nesse momento da sua vida (quando você se percebeu em um relacionamento abusivo) que você descobriu as suas afinidades com a pauta feminista?

[00:07:58] Entrevistada: Não! Nada! Nesse momento, eu não tinha cabeça para nada, infelizmente. É igual a água turva: quando vai assentando, vai clareando e você enxerga que determinadas situações que você vivenciou servem para um bem comum (um bem maior). Eu não pude deixar de fazer isso, de propagar o bem, depois que aconteceram determinadas situações desafiadoras na minha vida, para conscientizar as mulheres, para esclarecer o que é um relacionamento abusivo (o que, no momento, eu não tinha consciência). Quais são os seus direitos como mãe? A partir dessa vivência que eu tive, por um incentivo da minha esposa (faz três anos que eu sou casada com uma mulher). Ela disse: “Eu acho que você seria uma excelente advogada”. Eu fiquei relutando. Achava que não, porque achava que a área jurídica era de pessoas arrogantes. Eu fiquei com certo medo de entrar. Uma colega minha falou: “Tenta. É uma profissão muito bonita e, pelo o que você vivenciou e a causa que você quer abraçar, eu acredito que você vai se dar muito bem. Você vai ter muito sucesso”. Foi isso o que eu fiz. Estou no começo agora - terceiro semestre. Mas eu tenho aquela visão: a visão além do alcance em relação ao que eu posso atuar, ao que eu posso ajudar, como mulher, e sobre como eu posso ajudar essas mulheres.

[00:10:07] Entrevistadora: Muito legal! Como a identificação que você foi desenvolvendo nos últimos anos com o feminismo tem afetado a sua vida? Como tem se refletido no seu cotidiano?

[00:10:23] Entrevistada: Como tem afetado? Em determinadas situações que, antes eu achava que não era... de fechar os olhos para isso, porque não é da minha competência. A gente, geralmente, acha que é só uma questão financeira, que a gente pode ajudar mulheres ou a causa. Mas não! Não precisa de dinheiro para abraçar ou, então, para propagar um bom conceito do feminismo. É preciso você saber o que você está falando, estudar mais, praticar para ter uma sociedade justa. Eu acredito que não é só o fator financeiro. Você pode conversar, conversar com os filhos. Eu tenho um menino e converso com ele.

[00:11:23] Entrevistadora: Você tem dois filhos?

[00:11:26] Entrevistada: Tenho, tenho. A minha filha de 22 anos é extremamente posicionada. É aquela pessoa (inaudível). Eu acredito que eu me sinto orgulhosa porque aquilo que eu

gostaria de ser quando eu estava casada eu não fui, mas eu transformei a minha filha. Quanto ao meu filho, ele tem sete anos. A diferença é bem desproporcional.

[00:12:00] Entrevistadora: É a minha diferença para a minha irmã também é bem grande. Eu tenho 29 e ela fez 14 agora.

[00:12:05] Entrevistada: Pronto! Para Lucas, eu quero que ele respeite as pessoas pelo o que elas são; não por gênero, por orientação, por opção. Eu quero que ele seja um homem do bem e que ele consiga entender que nós somos seres humanos e temos que ter respeito com o todo.

[00:12:37] Entrevistadora: O desafio de criar homens. Eu estava falando com outra moça também, mãe. Ela me disse que o menininho dela estava chegando na adolescência e que ela fica com isso na cabeça de como ela vai mostrar para um homem, crescendo em uma sociedade tão patriarcal, que as coisas precisam ser diferentes e que isso, inclusive, vai ser bom para ele. O machismo também afeta muito os homens.

[00:13:05] Entrevistada: Muito, muito mesmo. Eu acredito que aqui, por ser a região Nordeste, tem muita questão machista. Ainda tem aquelas crianças que são ensinadas que rosa é para menina e azul é para menino. Eu educo o Lucas para que ele não siga determinadas pessoas... Não tem isso! Tem que acabar com essa história de que determinadas coisas são só para homens ou que determinadas coisas são só para mulheres.

[00:13:47] Entrevistadora: Sim! Você participa de algum coletivo de militância feminista, Karla?

[00:13:53] Entrevistada: Aqui, não. Só nas redes sociais que eu participo.

[00:13:58] Entrevistadora: Só digitalmente, né?

[00:14:00] Entrevistada: Só, só! Não sei se é porque eu ainda não pesquisei. Também tem a questão da pandemia. Eu acho que, por aqui, deve ter. Às vezes deve até ter uma oportunidade de trocar ideias, trocar conhecimentos.

[00:14:24] Entrevistadora: Você se sente, de alguma maneira, acuada por se identificar com a causa feminista?

[00:14:31] Entrevistada: Não! Não me sinto. Oi? Não entendi!

[00:14:37] Entrevistadora: Eu ia falar, mas você começou a falar também, aí eu te interrompi. Me desculpa! Ia perguntar se nem mesmo na internet... se nunca aconteceu um tipo de debate, por causa da sua identificação com o movimento.

[00:14:55] Entrevistada: Não, não. Eu não tive ainda essa situação, mas eu acho que, caso aconteça, eu acho que a pessoa, primeiro, precisa estudar para vir debater alguma coisa comigo. Eu sou meio assim: "Se você não tiver argumento, então não tem porquê você vir conversar comigo sobre determinadas coisas".

[00:15:32] Entrevistadora: Até porque não se constrói um diálogo sem os argumentos.

[00:15:37] Entrevistada: Isso! Eu sou bem da paz, sabe? Mas é isso: nunca aconteceu, não.

[00:15:45] Entrevistadora: Que bom! É melhor assim.

[00:15:47] Entrevistada: Eu me sinto muito feliz e muito satisfeita por viver em uma época, que eu acredito que minha mãe não viveu, em que nós temos voz. Minha mãe era empregada doméstica e meu pai (na verdade, o meu padrasto) proibiu ela de trabalhar, mas não por uma questão de que ela não podia trabalhar, mas porque ela vivia doente e ele dizia que não precisava trabalhar. Ainda naquele tempo, minha mãe, por ser uma pessoa muito ativa, começou a empreender (começou a vender tapioca e comida junina). Ela nunca deixou de ter o dinheiro dela. Ele dizia que não precisava, mas ela era bem consistente. É também para valorizar também as raízes de mulheres que vieram da minha época, como a minha avó, que lavava roupa para sustentar 13 filhos. Então, tem que honrar as raízes das mulheres da nossa ancestralidade.

[00:17:09] Entrevistadora: Eu acho isso muito legal nas conversas que eu tenho feito, porque muitas das pessoas com quem eu falo fazem essa valorização e contam sobre suas mães e sobre suas avós. Mesmo que as suas ancestrais não se identificassem como feministas, elas tinham traços fortes de mulheres em busca de independência ou, de alguma forma, tentando alcançar uma equidade de gênero.

[00:17:40] Entrevistada: É isso mesmo!

[00:17:41] Entrevistadora: Você convive com outras pessoas que partilham desse seu ponto de vista com relação ao feminismo?

[00:17:49] Entrevistada: Sim!

[00:17:51] Entrevistadora: Você falou da sua filha, né?

[00:17:52] Entrevistada: Tem a minha filha, tem a madrinha do meu filho, tem a minha esposa também. Quando a gente senta para conversar, são longas histórias.

[00:18:06] Entrevistadora: Então, na sua vivência com a família, a sua identificação e o seu envolvimento com a causa é algo positivo?

[00:18:15] Entrevistada: Sim! É positivo.

[00:18:18] Entrevistadora: E com os seus amigos?

[00:18:22] Entrevistada: Eu tenho um primo, que também é dessa área. Ele é assistente social, então ele gosta do seu exercício profissional. Faz muito tempo que eu não vejo ele, mas quando a gente senta para comer alguma coisa e conversar, são altas conversas. Em relação a amigos, quando não existem afinidades em relação a determinadas coisas, a gente acaba respeitando e não entra em questão nem debate. Mas são poucos, viu? Esses daí eu não posso nem considerar como amigos. Pode ser uma roda de trabalho, ou alguma coisa assim. Se não for realmente meu amigo... Geralmente, os amigos são esses que eu tenho mais afinidade, então a gente tem os pensamentos de forma construtiva para determinados temas, nada que vá denegrir um ao outro. Isso não tem.

[00:19:43] Entrevistadora: Você falou de uma roda no trabalho, com colegas. O seu ativismo se reflete também no seu ambiente de trabalho?

[00:19:59] Entrevistada: Agora, durante essa pandemia, está bem complicado. Se reflete, sim. Se reflete no meu comportamento. Determinados comentários quem escuta muito é a minha esposa porque ela trabalha na área de automóvel. Quando vê que é uma mulher que está entregando um carro e está falando tudo sobre o que tem naquele carro, os próprios homens acham... Uns se assustam. Outros dizem que já sabem (acho que é uma questão de arrogância).

[00:20:44] Entrevistadora: Sim! Não querer admitir que ela sabe mais.

[00:20:46] Entrevistada: Isso! Então, para ela isso está muito mais presente do que eu. Como eu vivo na área de educação, os professores já têm uma consciência que é melhor. Outra coisa: a minha área, como é adolescência, é muito mais suscetível a isso.

[00:21:15] Entrevistadora: São! Eles são muito mais abertos à diversidade.

[00:21:20] Entrevistada: Com ela, não. Vem gente do interior e de todo lugar. Geralmente, são os homens que compram mais carros. Quando a mulher compra, é para o marido dirigir, e não ela. Então, ela chega aqui fazendo determinados comentários, que ela achou um absurdo.

[00:21:40] Entrevistadora: Sim, são. Eu falei também com uma moça que trabalha na área de construção civil. Ela me disse que, muitas vezes, as pessoas ficam duvidando que ela seja capaz de fazer o trabalho dela por ela ser mulher. Ela, inclusive, montou um nicho na empresa dela, em que o trabalho é todo voltado para mulheres que querem fazer reforma em casa contratar outra mulher para fazer a reforma.

[00:22:10] Entrevistada: É ótimo isso! Acho que gera mais confiança. Eu até falei com a minha esposa: “Se existisse uma mecânica, eu levaria o meu carro para essa mulher e não para um homem, porque gera mais confiança”.

[00:22:26] Entrevistadora: E tem surgido alguns movimentos assim no mercado. Lá perto da minha cidade - eu sou gaúcha -, tem uma cidade próxima à minha onde já existe uma mecânica de mulheres, para mulheres, e as clientes mulheres procuram muito mais.

[00:22:48] Entrevistada: Eu morei em Santa Maria.

[00:22:49] Entrevistadora: É lá em Santa Maria mesmo.

[00:22:52] Entrevistada: Ah é? Eu amo Santa Maria. Meu Deus, como eu gosto daquele lugar! Eu fui para lá para estudar.

[00:22:57] Entrevistadora: Você estudou na UFSM?

[00:22:58] Entrevistada: Eu fui tentar o mestrado lá, em Administração. Eu sou formada também em Administração, aí fui tentar o mestrado lá. Passei um ano e voltei para casa. Mas que cidade linda!

[00:23:10] Entrevistadora: Eu adoro Santa Maria também. Mas a minha cidade é perto de Santa Maria. Não é Santa Maria. É Jaguari. Fica ali na região. É muito pequenininha a cidade.

[00:23:27] Entrevistada: Que bom!

[00:23:29] Entrevistadora: Entrando, agora, no aspecto da mídia: como você acha que a mídia no geral, a mídia tradicional, aborda a temática da violência contra a mulher?

[00:23:41] Entrevistada: A mídia, agora, está se diversificando mais, o sistema. Antes, a mulher que vivia, que passava a violência dentro de casa, era como se fosse uma coisa normal e aceitável. Eu até conversava com a minha filha sobre determinadas músicas, do tempo do meu pai... "Cala a boca, menino", "Ai, ai". Olha! Agora, a mídia está batendo em cima, está divulgando para, realmente, as mulheres não se calarem. Não fiquem omissas a esse tipo de situação, não normalizem a violência doméstica, justificando que a pessoa é nervosa, que ele perde a cabeça rápido. Eu acho que, quando a mídia faz o seu papel de informar que a pessoa precisa combater a violência doméstica como justificativa, justificando que a pessoa é nervosa, que ela perde a cabeça rápido. Não, não é nada disso. Eu acredito que a mídia faz o seu papel de informar que a pessoa precisa combater a violência doméstica, independentemente do comportamento do parceiro e, aí, ele vai pensar mais vezes antes de fazer aquilo. Tanto é que a pessoa não é pavio curto ou "Ah, eu estava com a cabeça quente". A pessoa muda. Ele pode estar com a discussão que for. Se for o chefe ou alguma pessoa, ele muda o comportamento, ele muda o jeito de falar. Por que não dentro de casa, com quem ele diz que é a pessoa que mais ama. Aí fala qualquer coisa de qualquer jeito. Precisa bater mais em cima disso. Ontem eu até estava fazendo um questionamento. Se alguém de fora, que você nunca viu, te mostrar aquele sinal na mão, o que você vai fazer?

[00:25:58] Entrevistadora: O do "x", né?

[00:25:59] Entrevistada: Isso! Você está preparado para ajudar uma mulher que está ali, mostrando aquele sinal para você? Então, precisa se aprofundar mais. Está sendo divulgado? Está, mas a gente tem muitas dúvidas ainda.

[00:26:15] Entrevistadora: Sim, sobre as ferramentas e do que fazer na hora.

[00:26:18] Entrevistada: Isso! Sobre o que fazer, de como agir diante de uma mulher que está sofrendo violência, quais são os meios que a gente pode tomar com uma mulher que está sendo violentada, de várias formas. Você sabe como se portar, sabe como agir? Ou vai fechar os olhos e fingir que não é com você? “Não quero meter a colher”. Tem que ser mais divulgado.

[00:26:51] Entrevistadora: Você sabe que aqui, em Brasília, teve uma situação que uma moça chegou em uma agência do Banco do Brasil, ela fez o “x” no extrato bancário e entregou para o atendente - um caixa - e o caixa saiu da agência na hora com um colega e foi direto em uma delegacia da mulher. Não foi em uma delegacia da mulher. Me desculpa! Foi em uma delegacia comum. Na delegacia, não souberam orientar. Disseram: “Essa história é muito esquisita. Você não sabe se essa mulher está falando a verdade”. Aí, o moço não sabia o que fazer e ele foi na delegacia da mulher. Acho que ele teve que pedir ajuda para um conhecido policial. Só então se mobilizaram. Eu conversei também com outra pessoa, quem eu entrevistei agora, para o doutorado, e ela me contou que ela sofreu uma situação de violência. Ela foi na delegacia da mulher e foi atendida por um homem, que também duvidou do caso dela e também não quis registrar boletim. Então, tem que ter todo um aparato do Estado para receber essas denúncias. Muitas vezes, o Estado não está preparado, não tem políticas públicas que consigam dar conta de oferecer um apoio para as pessoas.

[00:28:13] Entrevistada: Tem que ter. A mídia tem um papel importante nessa parte, porque ela pode chamar a atenção das autoridades, mostrar que a mulher, quando vai pedir ajuda, está passando por uma situação que só ela que sabe. Mesmo que ela esteja ali sofrendo violência, ela ainda vai continuar, porque ela tem esperança que alguma coisa mude; ela se sente culpada porque ela pensa que é o jeito dela ou a forma dela de fazer ou tratar. Então, ela procura “n” formas de contornar uma situação que está visível que é uma violência doméstica, mas ela não tem consciência disso. Ela internaliza como “a educação de antigamente”: “Aceite” ou “É feio dizer não” ou “Você tem que entender” - essas coisas de abaixar a cabeça. Nós fomos educadas desse jeito, aí a gente fica querendo “passar o pano” em uma situação que é nítido de violência, mas ela não está enxergando ali. Então, quando

uma mulher vem pedir socorro, é porque as coisas complicaram mesmo. Eu só vim criar consciência de que eu vivia violência doméstica porque minha prima abriu os meus olhos. Quando ele me ameaçou de morte e queria encontrar comigo em um lugar escuro, em um lugar deserto - com ele tendo arma... eu fui direto na delegacia.

[00:30:07] Entrevistadora: Que bom que você teve essa consciência e essa coragem para procurar a delegacia.

[00:30:12] Entrevistada: Foi! Mas eu não fui só. Eu fui porque a minha prima, que é psicopedagoga, disse: "Você está sofrendo violência doméstica. Dê um basta nisso. Ele vai fazer coisas piores". Eu procurei me proteger porque ela me deu essa ajuda e me trouxe a consciência de que aquilo era violência doméstica. Daqui que uma mulher venha pedir socorro, é porque a coisa está complicada.

[00:30:48] Entrevistadora: Sim! É muito delicado, porque também envolve toda uma conjuntura de sentimentos. Tem toda uma estrutura psicológica e emocional envolvida.

[00:31:03] Entrevistada: Sim! Muitas que estão em um relacionamento porque têm esperança que mude, porque têm dependência financeira. É principalmente a dependência financeira. Mesmo que ela trabalhe, a pessoa sente que o companheiro está administrando o dinheiro dela e começa a jogar crenças que mulher não sabe administrar dinheiro, que mulher não entende de finanças. No início da minha carreira, foi justamente isso: ajudar mães que queriam se divorciar, para ter uma reserva financeira - ter um respaldo financeiro para o momento em que elas decidirem se divorciar. Quando eu vi que o meu assunto era muito mais profundo que isso, que era ajudar essa mãe em situação de violência doméstica, fiz disso um leque de atividades que ela pode fazer, ter asseguradas, como ter uma reserva financeira, saber seus direitos, saber onde buscar os direitos. Não dá para ficar calada para isso.

[00:32:13] Entrevistadora: É sensacional o seu trabalho.

[00:32:15] Entrevistada: Obrigada!

[00:32:17] Entrevistadora: Você acha que a temática do machismo estrutural é abordada pela mídia?

[00:32:30] Entrevistada: É abordada de forma muito sutil, eu acho. Eu já venho de muito tempo, de muitos anos... Quando a gente começa a mudar alguma coisa... Para existir a revolução, a pessoa precisa (inaudível) alguma coisa daquilo que está acontecendo. Ainda está daquela forma: nós estamos nos despertando para a questão, porque nós achávamos aquilo normal; mas a gente agora quer mudar, a gente quer estar também em uma questão de igualdade. O machismo, como tomou conta por muito tempo, por muitos anos... Se você for por aquele lado religioso que está na bíblia, muitas mulheres vão fechar a casa para isso... Isso vem de muito tempo, de muitos anos. Para a gente mudar, que esse processo leve esse tempo, mas que a gente consiga. Mas essa situação deveria ainda ser mais debatida? Sim, deveria ser!

[00:34:02] Entrevistadora: Agora, falando um pouquinho mais sobre as questões relativas às iniciativas de midiativismo feminista, o que te motiva a acompanhar esses trabalhos? O que te motiva a seguir e a interagir com a *Think Olga*, por exemplo, e com outras iniciativas do gênero?

[00:34:21] Entrevistada: É a esperança que eu tenho de ver uma sociedade de forma igualitária, de ver mais mulheres no poder, de ver mulheres em lugares... Aqui, o pessoal se espanta quando a mulher é motorista de ônibus. Eu tenho essa esperança dessa mudança. Vai começar agora, mas eu não sei quando vai terminar, se vai passar de filha para neta, mas é dessa forma. Eu acredito que, a partir do momento em que a gente abraça a causa e que ela é para uma forma justa para a sociedade, que ela não pare por aqui. Que ela continue!

[00:35:14] Entrevistadora: Você se lembra quando foi que você conheceu a *Think Olga*? Como foi que você conheceu essa iniciativa e como você começou a acompanhar o trabalho delas?

[00:35:22] Entrevistada: Foi através da *hashtag*.

[00:35:28] Entrevistadora: Daquelas campanhas de *hashtag*?

[00:35:29] Entrevistada: Isso! Eu vi que falava de políticas públicas para as mulheres, da liderança, melhor desempenho na empresa. Achei legal e baixei, também, o *e-book* que tem lá e estou sempre acompanhando, porque faz sentido.

[00:35:58] Entrevistadora: Você assiste, escuta ou lê conteúdos de outras mídias semelhantes?

[00:36:06] Entrevistada: Leio. Eu leio um que eu não estou mais lembrada o nome. Mas tudo que é relacionado para o benefício das mulheres, eu estou sempre olhando. Tem até uma juíza em Israel da (inaudível). É a Maria Constantino. Eu estou sempre acompanhando o perfil que ela tem: *Vamos Mulherar*. Tem outras nessa mesma área.

[00:36:51] Entrevistadora: Sempre sobre o mesmo tema, né?

[00:36:53] Entrevistada: Isso! Mesmo tema.

[00:36:54] Entrevistadora: Geralmente, você acessa por qual dispositivo: é pelo celular, pelo computador?

[00:37:00] Entrevistada: Os dois.

[00:37:02] Entrevistadora: Você acessa mais entrando no portal, nos sites, ou você acessa mais pelas mídias sociais?

[00:37:10] Entrevistada: Eu acesso pelas mídias sociais. Quando tem alguma coisa na bio, eu também acesso, dou uma olhada, baixo temas relevantes, porque isso também me ajuda para que eu possa compor conteúdos também, para que eu tenha mais respaldo. Eu acesso o site, acesso o e-book.

[00:37:40] Entrevistadora: Você acessa, geralmente, quando você está em casa? Agora, na pandemia, você está mais em casa, né?

[00:37:46] Entrevistada: É! Eu acesso, geralmente, à noite ou no final de semana. Agora, não, porque os meninos estão de férias, então eu também estou de férias, aí eu posso acessar em qualquer horário. Mas, diariamente, eu acesso à noite e nos finais de semana.

[00:38:12] Entrevistadora: Geralmente, é no contra turno ou nos horários de folga.

[00:38:14] Entrevistada: Isso!

[00:38:18] Entrevistadora: Você se lembra de alguma matéria ou de algum conteúdo da *Think Olga* que te marcou mais?

[00:38:17] Entrevistada: Quando ela fala sobre as mulheres que estão na liderança política. Eu até comentei lá.

[00:38:38] Entrevistadora: O “Elas no Poder”.

[00:38:40] Entrevistada: Isso, isso.

[00:38:41] Entrevistadora: Por que te marcou mais?

[00:38:44] Entrevistada: Eu acho que pela habilidade que nós temos... Parece que a gente tem um *feeling*, uma coisa que é mais rápida. Nos outros países fizeram e deram certo. Eu fico imaginando: “E se fosse aqui?”. Eu não sei onde foi que eu li a pesquisa que diz que, com as mulheres que estão no governo, o nível do Covid reduziu - uma coisa assim.

[00:39:20] Entrevistadora: Nos países liderados ou governados por mulheres, né?

[00:39:24] Entrevistada: Isso, isso! Eu disse: “Caramba! Se fosse aqui, provavelmente a atitude também seria outra”.

[00:39:36] Entrevistadora: A realidade seria outra.

[00:39:39] Entrevistada: Eu aposto! Eu achei bem marcante.

[00:39:46] Entrevistadora: Quais são as diferenças entre a cobertura desse tipo de iniciativa que faz ativismo feminista e a cobertura da mídia tradicional?

[00:39:57] Entrevistada: É bem mais aprofundado. Faz com que a gente entenda mais a problemática, as soluções que poderiam acontecer. Eu estou bem mais direcionada.

[00:40:00] Entrevistadora: E semelhanças? Você vê alguma?

[00:40:25] Entrevistada: A aceitação entre as mulheres, eu acho que é maior. Não sei se existe semelhança em relação a isso. A mulher, a feminista, aquela que se interessa mais por esse assunto, ela vai ser mais direcionada para esse conteúdo voltado do que a mídia em geral.

[00:40:50] Entrevistadora: Você acha que essas iniciativas (como a *Think Olga*) interagem com o seu público, nas mídias sociais, no portal?

[00:41:00] Entrevistada: Sim, interagem.

[00:41:02] Entrevistadora: Por quê?

[00:41:04] Entrevistada: Porque quando eu faço um questionamento ou digo “Bacana” ou “Legal”, elas estão sempre respondendo. É mais acessível!

[00:41:18] Entrevistadora: Você fez pelo Instagram mesmo?

[00:41:20] Entrevistada: Foi.

[00:41:21] Entrevistadora: Foi um comentário?

[00:41:22] Entrevistada: Foi.

[00:41:23] Entrevistadora: Aí elas te responderam?

[00:41:25] Entrevistada: Aham!

[00:41:26] Entrevistadora: E você costuma interagir com a iniciativa, por comentário, compartilhando?

[00:41:32] Entrevistada: Compartilhando, com comentários. Algumas vezes eu coloco no meu perfil também, porque é uma forma de esclarecer as mulheres. Eu estou sempre dando apoio. É isso: a gente precisa propagar o que é bom.

[00:41:49] Entrevistadora: Quais as características positivas da *Think Olga* você destacaria?

[00:41:56] Entrevistada: Credibilidade, relevância do tema, disponibilidade de tirar dúvidas, tem uma linguagem clara que aborda qualquer mulher com qualquer nível de escolaridade.

[00:42:25] Entrevistadora: Você acha que é mais acessível e mais fácil de ler?

[00:42:31] Entrevistada: É!

[00:42:33] Entrevistadora: E de negativo? Tem algo que você apontaria, que você se lembra?

[00:42:40] Entrevistada: Até agora, não.

[00:42:42] Entrevistadora: Durante a pandemia, você acha que você passou a acompanhar mais ou menos a iniciativa?

[00:42:48] Entrevistada: Muito mais.

[00:42:50] Entrevistadora: Por quê?

[00:42:51] Entrevistada: Porque dentro de casa, a gente faz nossos horários, e a gente sempre passa ali, vai nas redes sociais. Quando é algo que desperta a atenção, eu já paro para ler. Quando eu estou em sala de aula, eu não paro para fazer isso.

[00:43:16] Entrevistadora: Você acha que a pandemia impactou de que forma esse tipo de projeto de jornalismo feminista?

[00:43:24] Entrevistada: Impactou de uma forma positiva, onde nós, mulheres, estamos a maioria dentro de casa, cuidando dos nossos filhos, mas também está sendo informada.

[00:43:38] Entrevistadora: Enquanto leitora, você recebe notícias falsas? Como você lida com essa nossa conjuntura atual de ampla disseminação de *fake news*?

[00:43:39] Entrevistada: *Fake news*? Quando é alguma coisa em grupo... (inaudível) de grupos lá no WhatsApp. Se eu não tiver um conhecimento que eu vejo que é aquilo ali e que não foi divulgado por algum lugar sério, eu nem abro e nem discuto. Para lidar com *fake news*, eu faço isso: "tem algum embasamento que comprove que aquilo ali é verídico?". Ou, então, abstrai, segue adiante, não se prende a tudo o que é falso, porque demanda até uma energia da gente sem necessidade.

[00:44:50] Entrevistadora: É verdade! Como as notícias falsas, na sua perspectiva, afetam projetos como a *Think Olga* e essas iniciativas de ativismo feminista?

[00:45:05] Entrevistada: Como afetam?

[00:44:07] Entrevistadora: É, como afetam no sentido de: você acha que elas sofrem? Elas são vítimas de *fake news*, por exemplo? Ou elas tiveram que se organizar profissionalmente para combater as *fake news*? É nesse sentido, profissionalmente.

[00:45:28] Entrevistada: Se você tem um comentário, eu acredito que a melhor forma de mostrar a transparência, é que a gente vê que a *Think Olga* mostra seriedade. Eu, com meu lado jurídico, é meio descabido para fazer com que acabe com essa situação de *fake news*. Mas a gente faz o que é desgastante. Eu acho que a melhor forma de mostrar é sendo o mais claro possível, mostrando a seriedade do conteúdo.

[00:46:32] Entrevistadora: Já estão começando a surgir também estratégias de como combater esses conteúdos. A gente não pode problematizar muito, porque é complicado esse nosso contexto... São essas as minhas perguntas, Karla. Eu quero te agradecer muito pelo seu tempo, pela sua atenção. O trabalho deve demorar mais um pouco para ficar pronto. Eu estou, agora, no meio do doutorado. Caso você queira falar comigo ou se você lembrar de algo que você queira me dizer ou queira acrescentar, você tem o meu número e tem o Instagram também. Eu fico inteiramente à disposição. Sobre o seu nome: você prefere que seu nome apareça ou você prefere que seu nome não apareça?

[00:47:30] Entrevistada: Pode, pode. Pode aparecer, sim.

[00:47:34] Entrevistadora: Você tem alguma outra questão ou alguma dúvida?

[00:47:37] Entrevistada: Não, não. Só a gente precisa levantar essa bandeira e trabalhar mais, para que chegue não apenas a nós, nas nossas redes sociais aqui e na capital, mas sim no interior. Tem mulheres ainda que...

[00:47:58] Entrevistadora: ...não têm acesso a esses debates.

[00:48:01] Entrevistada: Isso! Não têm acesso.

[00:48:03] Entrevistadora: Olha, eu entrevistei uma menininha de 17 anos. Eu falo “menininha” porque ela é adolescente. Eu achei muito legal porque ela mora no interior do Piauí e ela estava me contando como ela teve contato com essas discussões sobre feminismo. Foi uma professora que começou a levar esses debates para a sala de aula. Ela estava no nono ano. Hoje ela já está no terceiro ano do ensino médio.

[00:48:30] Entrevistada: Está vendo? Os professores fazem um papel...

[00:48:33] Entrevistadora: ...muita diferença.

[00:48:34] Entrevistada: Com certeza! É por isso que eu acredito na educação.

[00:48:40] Entrevistadora: Eu também! É uma ferramenta fundamental para as mudanças.

[00:48:45] Entrevistada: Com certeza! Eu que agradeço, viu?

[00:48:49] Entrevistadora: Obrigada. Eu fico à disposição. Qualquer dúvida ou se quiser compartilhar algum conteúdo que você achar interessante também, você tem os meus contatos, então é só falar comigo. Muito obrigada!

[00:49:06] Entrevistada: Por nada!

[00:49:07] Entrevistadora: Tchau, tchau! Boa tarde.

[00:49:09] Entrevistada: Tchau! Boa tarde.

[00:49:10] Entrevistadora: Até mais.

[00:49:12] Entrevistada: Até.

Keyla - leitora *AzMin*a

[00:00:01] Entrevistadora: Depois, você me diz se você prefere ficar anônima ou se tudo bem, por você, se seu nome aparecer.

[00:00:09] Entrevistada: Pode aparecer. Não tem problema.

[00:00:11] Entrevistadora: Então tá! Você mora em qual estado? Você mora em São Paulo, né?

[00:00:16] Entrevistada: Isso! Eu moro em São Paulo.

[00:00:17] Entrevistadora: Em São Paulo, capital, mesmo?

[00:00:19] Entrevistada: Eu moro em Osasco.

[00:00:22] Entrevistadora: Qual é a sua profissão, Keyla?

[00:00:25] Entrevistada: Eu sou produtora executiva.

[00:00:27] Entrevistadora: “Produtora executiva”? Beleza! Entrando nas questões sobre o feminismo, eu queria saber se você se considera feminista e por quê.

[00:00:38] Entrevistada: Sou! Eu me considero feminista. Eu me considero por quê? Porque, como mulher, que trabalha na área artística da comunicação, eu sempre escuto, na minha área profissional, mulheres recebendo menos que homens. Então, desde o começo, quando eu me vi como produtora - isso quando eu comecei a fazer faculdade, com 17 ou 18 anos -, eu entendi a minha posição perante a minha profissão e parente à sociedade também. Então, desde que eu comecei a estudar e a entender um pouco mais, eu percebi que a mulher é sempre encarada como uma pessoa que tem menos valor, tanto profissional, em comparação

com o homem, quanto para a sociedade. Eu me considero feminista para mudar todos esses paradigmas, para me colocar como uma pessoa capaz, como uma pessoa capaz de transformar o seu mundo profissional e qualquer outro.

[00:01:39] Entrevistadora: Você é formada em Comunicação?

[00:01:42] Entrevistada: Isso! Eu sou formada em “Produção Cultural”, na verdade. Hoje em dia, eu faço pós-graduação em Gestão de Comunicação Digital.

[00:01:49] Entrevistadora: Entendi! Eu fiz uma pós em Marketing Digital recentemente.

[00:01:55] Entrevistada: Eu não entendi a pergunta. Perdão!

[00:01:56] Entrevistadora: Eu estou só comentando que eu fiz uma pós recentemente na área de mídia digital.

[00:02:02] Entrevistada: Ah, legal!

[00:02:04] Entrevistadora: Você me contou que você se considera feminista. Eu queria saber o que é ser feminista, para você.

[00:02:11] Entrevistada: Para mim, ser feminista vai de como você se comporta com outras mulheres, em questão de justiça e questão de pluralidade, e como você age, enquanto mulher, na sociedade. Para mim, hoje em dia, ser mulher na sociedade é fazer tudo como um ato político, como um ato feminista, desde o meu trabalho e o que eu faço na minha profissão, desde o que eu faço para as outras mulheres e para outras pessoas, para outros homens. Ser feminista é, basicamente, isso tudo. É como eu me comporto com a mídia que eu leio, com o portal de comunicação que eu escuto, com as músicas que eu escuto, com o político que eu escolho, como eu ajo com o meu trabalho. Então, para mim, engloba tudo, no geral.

[00:03:07] Entrevistadora: Você me disse que você se descobriu feminista e começou a se identificar com a causa quando você entrou na faculdade. Foi isso?

[00:03:17] Entrevistada: Isso!

[00:03:19] Entrevistadora: Beleza! Como a sua identificação com o feminismo afetou a sua vida, na época, e tem afetado até hoje?

[00:03:27] Entrevistada: Quando você entende o que é o feminismo, lendo um pouco mais, ou quando você vai vivendo as diferenças da sociedade na pele, você vai abrindo os olhos

para algumas situações que antes passavam despercebidas. Então, você consegue entender um pouco mais como funciona a mulher nos relacionamentos, como funciona a mulher no mercado de trabalho, como é a relação da mãe no mercado de trabalho voltando para o mercado de trabalho. Perceber o feminismo, que me foi trazido no início da faculdade, tem me transformado em uma pessoa atenta aos detalhes que antes passavam despercebidos. Quando você presta atenção nos detalhes, tudo muda. Muda a sua relação com todo tipo de coisa, que você acaba consumindo, e toda situação que você acaba vivenciando, ou apenas mesmo sendo um observador da situação.

[00:04:27] Entrevistadora: Você se lembra de algum evento ou de alguma situação específica que te fez ficar mais atenta a esses detalhes que você citou agora?

[00:04:38] Entrevistada: Sim! Eu lembro, sim. Foi em uma das primeiras entrevistas de trabalho, quando eu estava entrando no ramo da profissão. Eu estava com algumas outras mulheres e algumas eram um pouco mais velhas e tinham mais experiência na área em questão. Eu me lembro que a gente estava fazendo uma entrevista coletiva. Para algumas mulheres que demonstraram um pouco mais de idade - que já tinham quase 30 anos nessa entrevista -, as perguntas principais eram se elas já tinham filhos, se elas eram casadas, se elas pensavam em ter filhos. Ali, eu já comecei a observar que, dependendo das respostas que elas dessem naquele momento, seria com uma negativa para elas conseguirem aquela oportunidade, sabe?

[00:05:24] Entrevistadora: Isso para uma entrevista de emprego?

[00:05:26] Entrevistada: Isso, sim!

[00:05:30] Entrevistadora: Você participa, Keyla, de algum grupo ou de algum coletivo de militância feminista?

[00:05:36] Entrevistada: Atualmente, eu não participo. Eu acompanho alguns. Eu acompanho muito o "Siriricas", que é de uma amiga minha, que participa de algumas pesquisas e tudo mais. Agora, efetivamente, eu não participo de nada.

[00:05:53] Entrevistadora: Mas você já participou?

[00:05:56] Entrevistada: De coletivos, não. Na verdade, eu trabalhei com teatro. A gente tinha algumas peças mais voltadas para o feminismo na companhia. Mas era mais no trabalho mesmo.

[00:06:09] Entrevistadora: Você se sente ou você já se sentiu em algum momento da sua vida acuada, de alguma forma, por se identificar com a causa feminista?

[00:06:21] Entrevistada: Isso com certeza! Acho que os momentos em que eu me senti acuada mesmo foram até dentro da minha própria família, de quando surge algum assunto envolvendo a mulher - que a mulher não é capaz de fazer tal coisa. Eu venho de uma família tradicional, que é nordestina. Quando algum desses assuntos vem à mesa no almoço ou até mesmo durante a tarde, eu já me senti acuada muitas vezes, de não querer debater sobre isso, porque parecia que a minha opinião ia ser irrelevante.

[00:06:56] Entrevistadora: Entendi! A sua família é de onde?

[00:07:00] Entrevistada: A minha família é do Ceará.

[00:07:02] Entrevistadora: Todo mundo foi para São Paulo?

[00:07:03] Entrevistada: Isso! Vieram para São Paulo. Já faz bastante tempo.

[00:07:11] Entrevistadora: Você já nasceu aí?

[00:07:12] Entrevistada: Eu já nasci aqui.

[00:07:14] Entrevistadora: Mas você já sofreu algum tipo de ameaça ou algum tipo de violência, por se alinhar com o feminismo - não só no mundo físico, mas no digital também?

[00:07:26] Entrevistada: Digitalmente, nas redes sociais. Isso quando eu me posiciono perante alguma situação que já ocorreu com alguma mulher. Eu fui atacada por mensagens, seja no *direct* do Instagram ou no Facebook. Já aconteceu!

[00:07:43] Entrevistadora: Por que você saiu em defesa de alguma outra mulher, aí você acabou sendo atacada?

[00:07:49] Entrevistada: Sim. Isso mesmo.

[00:07:51] Entrevistadora: Fisicamente, no mundo não virtual, nunca aconteceu?

[00:07:58] Entrevistada: Não. Violência, não.

[00:08:02] Entrevistadora: Nem violência emocional, psicológica?

[00:08:06] Entrevistada: Deixa eu tentar pensar aqui. Violência psicológica e emocional aconteciam no começo dos meus relacionamentos, de não conseguir lidar com algumas situações. Depois que eu me entendi mesmo como feminista e que eu entendi que eu precisava falar sobre isso, me posicionar, isso, nos meus relacionamentos, hoje em dia, não acontece.

[00:08:30] Entrevistadora: Você convive com outras pessoas que partilham do seu ponto de vista feminista? Você falou agora da sua amiga, que tem um coletivo. Queria saber se você tinha uma relação com essas pessoas.

[00:08:40] Entrevistada: Com outras mulheres e com outras pessoas que apoiam o movimento, a gente faz uma “troca de figurinhas”, podemos dizer assim. Cada um fala de situações diferentes que já viveu, e a gente monta essa aliança de se ajudar. Cada uma traz uma coisa que aconteceu. É um ambiente de ouvir, de compartilhar, de tentar passar um pouco o conhecimento e de passar colo também, porque eu acho que isso é super importante.

[00:09:08] Entrevistadora: Você me falou um pouquinho sobre a sua família e que a sua família é mais tradicionalista. Eu queria saber como, no dia a dia, na rotina familiar, a sua identificação com o feminismo se reflete na convivência com a família.

[00:09:23] Entrevistada: É como eu te falei da minha família, afinal. Eu venho de uma família em que a minha mãe nunca trabalhou. O meu pai meio que a privou de trabalhar, porque eles se casaram e ela logo em seguida engravidou. Depois, logo em seguida, ela teve mais um. Então, ela sempre foi cuidadora do lar, que não pode trabalhar, tem que ficar em casa, cuidar dos filhos. “O seu futuro, a partir de hoje, é esse: você não vai ter uma carreira. Agora, a sua carreira é ser mãe. Você tem que cuidar de tudo e manter tudo em ordem”, enquanto um cara - que é o meu pai - vai para a rua fazer a vida, fazer dinheiro e trazer tudo para dentro de casa. Esses papos aqui em casa têm melhorado um pouco, porque eu tenho outros irmãos e a gente consegue falar um pouco mais sobre isso. Mas, ainda assim, é um avanço muito devagar. O meu pai tem essa cabeça ainda que a mulher deve ficar em casa e tem que se dedicar integralmente ao cara, à família. Eu e minhas irmãs, a gente já pensa totalmente

diferente, porque eu trabalho, estudo, falo outra língua, porque é, realmente, um tipo de futuro que eu não espero para mim (só ficar dentro de casa, com os filhos).

[00:10:44] Entrevistadora: Vocês são quantos filhos, Keyla?

[00:10:46] Entrevistada: Só em quatro.

[00:10:49] Entrevistadora: Quantas meninas?

[00:10:51] Entrevistada: São três.

[00:10:52] Entrevistadora: Três e um menino?

[00:10:53] Entrevistada: Isso!

[00:10:54] Entrevistadora: Os seus pais têm que idade?

[00:10:56] Entrevistada: O meu pai tem 57.

[00:10:59] Entrevistadora: Ele é jovem ainda!

[00:11:01] Entrevistada: Pois é! Ele está aceitando ainda.

[00:11:08] Entrevistadora: E a sua mãe?

[00:11:09] Entrevistada: A minha mãe tem 50.

[00:11:11] Entrevistadora: Os dois são muito jovens ainda.

[00:11:13] Entrevistada: A minha mãe está um pouco mais adiantada agora.

[00:11:18] Entrevistadora: Com os seus amigos, como a sua relação com a causa feminista se reflete na convivência com amigos e amigas?

[00:11:29] Entrevistada: Eu posso te dizer que eu tenho a minha bolha. Eu acho que, hoje em dia, é muito difícil a gente sair dessa bolha para lidar com pessoas que pensam diferente da gente, tanto sobre o feminismo quanto na política. A gente tem que trabalhar isso, mas ainda assim é muito difícil, ainda mais no atual momento, no qual a gente está passando por cada coisa. A minha relação com os meus amigos e minhas amigas é ótima. Quando a gente precisa conversar sobre tal assunto, cada um tem opiniões divergentes e a gente se respeita muito. A gente aprende muito um com o outro. Isso é uma coisa que eu valorizo bastante: trazer experiências e cada um falar sobre ela. Tem esse ponto de vista em comum: entender o feminismo e entender as diferenças e partindo desse princípio que conversa e conflito, a gente tem que resolver da melhor forma.

[00:12:26] Entrevistadora: Você, então, consegue manter amizades, mesmo que elas tenham uma posição política e ideológica divergente da sua?

[00:12:37] Entrevistada: Sim, eu consigo. Alguns extremos, eu posso dizer que não. Eu acho que, hoje em dia, eu não tenho amigo perto de mim que apoie o Bolsonaro, por exemplo.

[00:12:48] Entrevistadora: Eu já ouvi vários relatos das pessoas dizendo que acabaram se afastando de amigos queridos e próximos por causa disso. É, realmente, muito delicado. E no seu ambiente de trabalho?

[00:13:02] Entrevistada: O meu ambiente de trabalho é predominantemente masculino. Sempre foi, desde o começo, de caras que estão nessa posição de diretoria, de coordenação, e as mulheres estão mais na produção, tentando agilizar algumas coisas. Eu sempre trabalhei nesse meio masculino. Ele pode até estar se desconstruindo ainda, mas, ainda assim, você percebe que não tem uma mulher perto, então eles estão falando alguma coisa, fazendo algum tipo de comentário.

[00:13:40] Entrevistadora: De comentário machista?

[00:13:41] Entrevistada: Isso! De comentários machistas sobre o nosso trabalho. A Comunicação ainda é um ambiente que falta muito... Tem muita gente que ainda esquece. Apoiar uma causa e falar que apoia uma causa... Não é só esse apoio que a gente precisa. A gente precisa de pessoas que realmente se posicionem em algum momento de conversa ou quando alguma situação passou do limite.

[00:14:14] Entrevistadora: São pessoas que dizem que apoiam a luta feminista das mulheres, do grupo, entretanto, nas suas ações, eventualmente, o inverso. É isso?

[00:14:28] Entrevistada: Exatamente!

[00:14:30] Entrevistadora: Entrando um pouquinho no âmbito da mídia mesmo, como você acha que a mídia, no geral, tradicional e hegemônica, aborda a temática da violência contra a mulher?

[00:14:43] Entrevistada: A mídia, no geral, para mim, eu ainda vejo como uma mídia que é totalmente contra a mulher. A mulher é sempre a culpada por estar em um relacionamento abusivo, por ser morta por um cara vivo, por ter sofrido feminicídio, a mulher é a culpada por

ser estuprada (porque ela estava andando muito tarde na rua). Algumas chamadas de notícias dão a entender que o cara está sempre mais protegido do que a mulher. Se a mulher passa por uma situação e demora para denunciar, “a culpa é dela”. Se ela demora um pouco mais para denunciar, mas não porque ela estava com medo, mas porque ela não tinha outra opção, a mídia coloca a mulher como: “Ela demorou tanto tempo para denunciar, então a gente tem que ver isso direito. Vamos dar uma olhada nisso direito”. Nunca é um olhar mais afetivo para a situação das mulheres e para o que ela está passando.

[00:15:55] Entrevistadora: Sim! Com certeza. Já começam a duvidar, né?

[00:15:58] Entrevistada: Exatamente! Exatamente! Se você denuncia na hora, já duvidam; se você denuncia depois, duvidam ainda mais.

[00:16:07] Entrevistadora: Você acha que a mídia hegemônica trata do machismo estrutural na sociedade?

[00:16:14] Entrevistada: Não. Eu acho que ela evidencia o machismo estrutural, mas ela, efetivamente, não faz nada para modificar.

[00:16:24] Entrevistadora: Na sua perspectiva, como a mídia tradicional aborda a temática da descriminalização do aborto?

[00:16:33] Entrevistada: A mídia tradicional, basicamente, só noticia o que está acontecendo em alguns países que já tiveram essa liberação, mas em nenhum momento ela se posiciona quanto a isso. Ela traz essa informação para a gente, ela coloca alguns protestos, mas, a partir daí, ela sempre deixa claro que: “Com essas informações, vocês entendem como vocês quiserem. Vocês podem criticar, vocês podem apoiar. O meu papel como mídia é apenas informar”. Então, a mídia não faz um trabalho para que isso melhore. Ela só joga a bomba no meio e a gente que lide com isso.

[00:17:17] Entrevistadora: E sobre a posição das mulheres no mercado de trabalho, como você acha que a mídia tradicional trata o assunto?

[00:17:24] Entrevistada: Posição das mulheres no mercado de trabalho? Isso é um tipo de coisa que eu posso dizer que tem mudado um pouco mais. Eu tenho acompanhado muito, desde o começo desse ano - até nas redes sociais eu percebi - e eu tenho visto muitas

notícias que algumas empresas têm contratado mulheres para cargos de liderança, têm contratado mulheres que já estão grávidas e estendem um pouco mais o período do puerpério para a mulher conseguir ficar em casa, para a mulher não precisar trabalhar. Isso eu vejo que teve uma leve mudança: essa movimentação de empresas maiores para agregar mulheres nos cargos e se preparem para isso (programas de *trainee* voltados para mulheres, mulheres pretas e mulheres mais marginalizadas). Mas, ainda assim, a gente vê poucas empresas aderindo o que a gente já esperava que fosse o normal, no século XXI, em 2021.

[00:18:25] Entrevistadora: Sobre as questões mais relativas ao midiativismo feminista, *AzMina*, no seu caso, eu queria saber o que te motiva a acompanhar o trabalho de uma iniciativa que faz jornalismo feminista.

[00:18:44] Entrevistada: O que me motiva a acompanhar é esse olhar sensível para pautas e temas que a gente não está acostumado a ver nessa mídia tradicional. Então, a gente passa desde mães que têm problemas para lidar com os filhos, desde relatos de mulheres que não são felizes em sua perspectiva como mãe, no seu trabalho, que não se identificam com diversas situações. Então, o que me faz realmente acompanhar é esse olhar sensível para algumas situações, que a gente não vai ver no cotidiano, que a gente não vai ver em um grande portal de notícias ou na televisão ou se deparando com isso na tevê. São tantos assuntos e tantos segmentos que a mulher vai se identificando e não se subordinando a determinadas situações sendo abordados por um jornalismo especializado, com mulheres e para mulheres, que entendem essa situação verdadeiramente.

[00:19:42] Entrevistadora: Você se lembra quando foi que você conheceu *AzMina* e como você começou a acompanhar?

[00:19:50] Entrevistada: Olha, tem um tempo que eu acompanho, como mídia, nas redes sociais, se eu me deparar com alguma coisa.... Eu posso dizer que tem uns três anos.

[00:20:06] Entrevistadora: Você se lembra de alguma situação específica que te fez chegar até elas ou você só estava navegando, encontrou e começou a seguir?

[00:20:16] Entrevistada: Isso eu não vou lembrar, de verdade. Eu nem consigo! Eu sei que, em algum momento, eu me interessei e assinei a *newsletter* deles, para receber no meu e-

mail. Mas isso faz tempo. Eu não me lembro o que eu estava fazendo, nem como eu cheguei a eles.

[00:20:33] Entrevistadora: Você também lê, assiste ou escuta (por meio de *podcast*) outras iniciativas semelhantes?

[00:20:44] Entrevistada: Sim. Vai além da mídia como internet. Eu acabo traduzindo para as músicas que eu escuto - os artistas que me passam alguma coisa, principalmente no Brasil - e nos *podcasts*. Eu tento me antenar um pouco mais nesse assunto, principalmente com algumas culturas que tocam o meu coração e conseguem falar sobre isso.

[00:21:12] Entrevistadora: Por qual dispositivo (celular, computador, notebook) geralmente você acessa esses conteúdos de mídia ativista?

[00:21:22] Entrevistada: Geralmente, é sempre pelo celular.

[00:21:23] Entrevistadora: Como você acessa: você vai até os portais ou é mais pelas mídias sociais? Você me falou que você também acompanha música, né?

[00:21:32] Entrevistada: Isso! Vai muito pelas mídias sociais, quando você está procurando uma novidade por ali. Mas a iniciativa também parte da minha própria pesquisa pessoal: de escutar música, de ir atrás de alguma notícia que eu vi em um portal de mídia maior, mas que eu sei que, em algum tipo de portal, que toca outra notícia, vai me trazer um outro olhar sobre essa mesma notícia.

[00:21:58] Entrevistadora: De onde você acessa, geralmente, Kelya: de casa, do trabalho, da rua? Você sabe a frequência, mais ou menos, com que você acessa?

[00:22:07] Entrevistada: Sim! Eu, geralmente, acesso do trabalho, enquanto estou me dirigindo ao trabalho. Eu trabalho um pouco longe de Osasco. Demora uma hora, uma hora e vinte no metrô, para chegar, para voltar, então, é o momento de eu me antenar das novidades.

[00:22:26] Entrevistadora: Você consegue citar alguma matéria ou algum conteúdo dessas iniciativas de midiativismo feminista que te marcou mais? Pode ser uma matéria ou uma imagem, algo que você tenha visto que foi marcante.

[00:22:44] Entrevistada: Claro! Eu posso citar um *podcast*. O *podcast* citava a mulher no período pós-parto, o puerpério, e como esse período poderia trazer diferentes situações para a vida da mulher e como ela iria se comportar diante de cada situação (a mulher que se encontra sempre em casa e não tem apoio de amigos e família ou pessoas que se afastam dessa mulher porque ela é mãe; depois ela não consegue desenvolver a sua carreira, porque ela é mãe). A maternidade, no geral, é um assunto que sempre me deixa mais atenta e que me interessa bastante.

[00:23:38] Entrevistadora: Você tem filhos ou ainda não?

[00:23:40] Entrevistada: Não tenho filhos, ainda.

[00:23:43] Entrevistadora: Mas você tem planos de ter?

[00:23:45] Entrevistada: Tenho planos. Ainda assim, eu fico querendo me antenar um pouco mais, para entender que tipo de mulher eu vou me tornar, depois que eu me tornar mãe. Não é só ser mãe hoje em dia. Então, eu queria entender um pouco mais sobre tudo o que eu vou abrir mão ou perder durante o caminho, para me tornar mãe, porque, na sociedade que a gente vive, parece que eu não vou conseguir ter tudo ao mesmo tempo.

[00:24:16] Entrevistadora: Então, você pesquisa para, justamente, desromantizar a maternidade e descobrir como é, de fato?

[00:24:24] Entrevistada: Exatamente!

[00:24:25] Entrevistadora: Ainda sobre *AzMina* e sobre midiativismo feminista, eu queria saber se você consegue ver a diferença de cobertura desse tipo de iniciativa e da mídia tradicional, e quais diferenças.

[00:24:42] Entrevistada: Deixa eu ver como eu posso organizar aqui. A diferença mesmo é que, quando eu me deparo com um portal feminista, que tem essa escrita voltada para esse público que também é feminista, é como se fosse um papo sincero. É como se realmente você estivesse lendo como aquela notícia realmente aconteceu e como aquele relato realmente foi descrito e foi falado. Não parece que eu estou “pisando em ovos”, como eu vejo na mídia tradicional, que sempre vai endeusar a maternidade ou sempre vai tratar a mulher com diferenciação. Quando eu entro em um portal feminista, eu estou vendo um relato

sincero. Isso me traz a identificação. Eu quero mais acessar esse tipo de conteúdo e conhecer ainda mais esse tipo de conteúdo.

[00:25:43] Entrevistadora: Você vê semelhanças entre a cobertura da mídia tradicional e das iniciativas que fazem mídia feminista?

[00:25:53] Entrevistada: Todas elas estão ligadas ao mesmo lugar, que eu posso dizer que é a internet, a TV ou um podcast. Fora esse campo de comunicação onde elas estão centradas, eu não consigo pensar em nenhuma outra semelhança, porque eu me sinto enganada pela mídia tradicional de uma forma que eu jamais me sentiria enganada por uma mídia que é voltada para a causa feminista e é feminista.

[00:26:26] Entrevistadora: Elas são assumidamente feministas, né?

[00:26:29] Entrevistada: Exato!

[00:26:30] Entrevistadora: Você considera que *AzMina* interage com o público?

[00:26:37] Entrevistada: Considero! Considero, sim. Não só pela publicação de matérias e nem só porque é voltada para o feminino e ter o público feminista, mas de ter todo esse trabalho de ter um conteúdo exclusivo para uma *newsletter* que eu possa assinar e ter gratuitamente esse tipo de conteúdo a qualquer momento, quando eu precisar. Também por ter esse canal de comunicação aberto, de ser respondida, de mandar mensagem e até mesmo se tornar colaboradora. Eu já vi que elas fazem alguns programas para isso e alguns concursos também, sabe? Então, é um contato aberto, que é ótimo.

[00:27:22] Entrevistadora: Você já foi respondida, depois de ter deixado algum comentário ou alguma mensagem?

[00:27:28] Entrevistada: Já! Já fui.

[00:27:32] Entrevistadora: Isso em qual contexto? Você entrou em contato com elas e elas te deram um retorno?

[00:27:37] Entrevistada: *AzMina*, acho que no ano passado, elas tiveram um concurso para você que tinha algum texto (tipo uma crônica), para mandar para eles, que eles iriam colocar aquilo no site; eles iriam publicar o seu texto. Eu tentei participar desse concurso. Eu não fui para a frente, mas eu tive respostas (eles me explicaram direitinho como funcionava).

[00:28:06] Entrevistadora: Muito legal! Você escreveu sobre o quê?

[00:28:08] Entrevistada: Na verdade, era um texto sobre a visão que eu tinha da minha mãe, como mulher, e como tudo o que ela fez pelos meus irmãos e pela minha família, no geral, me trouxe uma perspectiva do feminismo.

[00:28:23] Entrevistadora: Que bonito! Mesmo com a sua mãe não se identificando como feminista, né?

[00:28:26] Entrevistada: Exatamente! Eu tenho muito isso na minha cabeça: a minha mãe não é feminista. Ela teve toda essa vida dela como mulher roubada, para se dedicar a outras coisas, mas, ainda assim, é a mulher que mais me ensina coisas sobre a minha vida.

[00:28:45] Entrevistadora: Eu vejo que isso atravessa muito os nossos discursos. Quantos anos você tem, Keyla?

[00:28:50] Entrevistada: Eu tenho 24.

[00:28:54] Entrevistadora: Eu tenho 29. Eu conversei com outras pessoas de 30, 40, 50. Várias delas me falaram que percebem nas suas mães, nas suas avós, que elas não se intitulam feministas, mas que as ações delas foram as ações que inspiraram as moças que eu conversei a serem feministas.

[00:29:16] Entrevistada: Sim! Exatamente! Posso dizer que foi um pivô e é um pivô muito importante, para a gente se identificar com alguma causa que a gente acredita, olhando a nossa mãe, olhando a mulher que a gente mais ama no mundo. A minha mãe me ensinou demais, mesmo ela não se identificando como feminista.

[00:29:40] Entrevistadora: Sobre *AzMina*, você me contou que tentou participar do concurso. Você tem o hábito de interagir, compartilhando, comentando nas matérias, além de curtir?

[00:29:55] Entrevistada: De vez em quando, sim. Quando eu vejo uma matéria muito interessante, eu acabo deixando a minha opinião, acabo curtindo. Eu compartilho com as minhas amigas, sim, só para a gente trocar figurinha.

[00:30:10] Entrevistadora: Quais características positivas do *AzMina* você destacaria? Você já citou algumas, né? Queria saber se você poderia fazer uma síntese.

[00:30:22] Entrevistada: Deixa eu pensar como eu posso elaborar. São perguntas difíceis. *AzMinas*, além de ter essa comunicação sincera, tem uma comunicação direta com os públicos que elas estão conversando. Você consegue passar por vários assuntos diferentes, desde o feminismo, sexualidade, a questão da maternidade, a questão profissional. E todos eles são voltados para as mulheres diretamente. Eles falam com você diretamente e não dão voltas, para que você entenda o que está sendo passado. Então, por ter essa direção tão alinhada, é uma matéria que eu sei que eu vou abrir, eu vou ler e, depois que eu terminar essa matéria, eu não vou ficar com uma dúvida, eu não vou ficar com algum receio ou com a sensação de que eu não fui informada inteiramente sobre isso. O que está ali na matéria realmente me prende e, se eu quiser pesquisar um pouco mais sobre o assunto, eu posso pesquisar um pouco mais sobre o assunto. Mas a matéria já me dá todo o conteúdo que eu quero.

[00:31:33] Entrevistadora: Tem alguma característica negativa que você destacaria - ou mais de uma?

[00:31:38] Entrevistada: Característica negativa? Eu não sei. Eu posso colocar como característica negativa talvez essa direção para a mulher e essa falta de conteúdo voltada para o público que é feminino e é mais jovem e o público feminino que é mais velho, e que acessa o celular às vezes só para ter contato com algumas mídias sociais um pouco mais fáceis de lidar. Eu acho que eu sinto um pouco de falta de que esse conteúdo também seja montado para outras idades: desde mulheres idosas a adolescentes - e que consiga falar com mais pessoas, de mais idades.

[00:32:23] Entrevistadora: Você sabe que elas mesmas, em conversas que eu já tive com o pessoal da equipe de produção de conteúdo, já me falaram dessa carência que elas têm de fazer conteúdos para mulheres mais velhas e que elas gostariam de suprir isso.

[00:32:40] Entrevistada: Ah, legal! Ótimo!

[00:32:42] Entrevistadora: Achei interessante você apontar isso, porque realmente é uma coisa que elas percebem.

[00:32:47] Entrevistada: Eu imagino que seja extremamente difícil chegar a esse público, né? Não só porque talvez eles tenham vivido um começo de adolescência e juventude totalmente diferente da minha (com mais acesso e mais contato com algumas coisas).

[00:33:09] Entrevistadora: Também tem esse distanciamento todo que essa parcela da população vai ter com a tecnologia.

[00:33:18] Entrevistada: Com certeza!

[00:33:21] Entrevistadora: *AzMina* está na internet, então fica difícil mesmo de atingir esse público. A gente já está se encaminhando para o final. Agora, eu queria fazer duas perguntinhas sobre a pandemia. Durante a pandemia, você passou a acompanhar mais ou menos a iniciativa?

[00:33:38] Entrevistada: Durante a pandemia, eu passei a acompanhar mais.

[00:33:42] Entrevistadora: Por quê? O que você acha que mudou?

[00:33:45] Entrevistada: Durante a pandemia, eu vi bastante matérias de como a pandemia afetava cada vez mais mulheres, porque a parcela masculina, na mulher que está dentro de casa, ela não consegue trabalhar, por várias razões, e como a saúde mental dessas mulheres ficou afetada com a pandemia.

[00:34:12] Entrevistadora: Você acha que esses impactos para *AzMina* ou para outras iniciativas que fazem jornalismo feminista, você acha que a pandemia impactou muito o trabalho delas?

[00:34:29] Entrevistada: Da mídia tradicional? Eu não entendi!

[00:34:31] Entrevistadora: Não. Da mídia feminista mesmo. Você acha que a pandemia impactou e como você acha que impactou no trabalho geral delas?

[00:34:43] Entrevistada: Eu acho que, da minha experiência, por consumir mais esse conteúdo para entender como as mulheres lidaram com a pandemia, eu acredito que ter trabalhado com esse tipo de conteúdo na pandemia pode ter dado algum tipo de perspectiva para esse tipo de portal, de trazer um outro público (mulheres na pandemia, mulheres que vão ficar sequeladas na pandemia) para acessar e conseguir se identificar com esse

conteúdo. Eu acho que o acesso pode ter aumentado; a procura por esse tipo de conteúdo deve ter aumentado, porque, falando sobre isso, você consegue buscar mais ajuda.

[00:35:24] Entrevistadora: Pelo o que elas me relataram, no começo, em especial, elas voltaram totalmente a cobertura só para essa temática, porque a das mulheres estava mudando muito com as demandas de ter que lidar com o trabalho, em casa ou, então, com o fato de não poder trabalhar na rua e ainda assumindo mais responsabilidades sem as escolas funcionando. Então, no começo, elas ficaram totalmente sufocadas nisso. Depois, elas foram retornando para as demais pautas, porque a pandemia também foi se estendendo por tempo demais. Mas, no início, elas trabalharam bastante essas temáticas.

[00:36:00] Entrevistada: Legal, legal.

[00:36:02] Entrevistadora: Você, enquanto leitora, como lida com essa conjuntura atual de ampla disseminação de notícias falsas?

[00:36:12] Entrevistada: Como leitora que também consome essas notícias da grande mídia, eu acho que o meu maior costume é, sempre que eu me deparo com uma notícia, é ler ela em um site, ir para um outro e talvez ir para um outro, para ter certeza que três grandes portais vão passar uma mesma informação. Com essa disseminação de *fake news* e de pessoas que se beneficiam cada vez mais com elas, eu sou uma pessoa que realmente não confia na primeira informação que me é dada pela grande mídia - de forma alguma. Eu sempre estou pensando em encontrar mais portais, mais fontes, principalmente quando eu não leio de um site, que geralmente tem essa comunicação direta, que vai fazer a abordagem de uma forma diferente.

[00:37:04] Entrevistadora: Na sua opinião, como as notícias afetam o trabalho d'*AzMina* e de quem faz jornalismo feminista?

[00:37:13] Entrevistada: Eu acredito que essa disseminação de notícias falsas só atrapalha. *AzMina* pode trabalhar e trabalha para construir uma fonte de disseminação segura para as mulheres. Só que, em um determinado momento, essa mulher pode ter se visto perdida em uma conversa com alguém ou alguém que duvidou dessa mulher ou, no meio de uma conversa, ela duvidou do próprio conhecimento dela (porque a gente duvida de si mesmo o

tempo inteiro)... com essa disseminação de notícias falsas, a gente pode entender que as mulheres e as pessoas, no geral, acabaram se perdendo no que elas acreditavam, no que elas liam, de como elas consumiam isso. Isso vai gerando uma cadeia de impactos, de exceções, de coisas, que a gente sabe que só beneficia quem dissemina essas notícias. Eu não sei se eu consegui responder.

[00:38:27] Entrevistadora: Deu para entender, sim. Deu para entender a ideia. São essas as minhas perguntas. Você tem alguma dúvida, alguma outra questão ou algo que você gostaria de acrescentar?

[00:38:39] Entrevistada: Não. Acho que é só isso mesmo. Eu quero ver depois, quando você transcrever, por favor. Mas é isso! Eu espero ter te ajudado de alguma forma.

[00:38:48] Entrevistadora: Ajudou, com certeza. Muito, muito obrigado pelo seu tempo, por você ter aceitado participar, em um domingo. Eu sei que, na semana, você estava com a agenda bem apertada.

[00:38:59] Entrevistada: Estava! Essa semana estava uma loucura. Eu estou em um projeto novo. Trabalhei até ontem até tarde.

[00:39:06] Entrevistadora: Nossa! Mas você conseguiu resolver?

[00:39:08] Entrevistada: Eu consegui. Eu estou em uma pré-produção, então é cenário, equipe. Está bem corrido. Mas hoje eu estou descansando, então está tudo bem.

[00:39:18] Entrevistadora: Então está bom. Pode deixar que eu vou te mandar. Depois que eu fizer a transcrição, eu te envio para você dar uma olhada e me dar um *feedback* se é isso mesmo e se está tudo certo. Depois, também, eu te envio o trabalho quando estiver pronto. Isso ainda vai demorar um pouquinho mais, mas eu vou te reencaminhar, para você dar uma olhada também.

[00:39:37] Entrevistada: Está ótimo! Muito obrigada, viu?

[00:39:39] Entrevistadora: Eu que agradeço. Qualquer coisa, você tem o meu número, se você quiser entrar em contato ou mandar mensagem. Pode ser pelo Facebook também. Eu fico à disposição. Muito, muito obrigada.

[00:39:49] Entrevistada: Está ótimo! Bom trabalho para você.

[00:39:52] Entrevistadora: E bom descanso.

[00:39:53] Entrevistada: Obrigada. Tchau, tchau!

[00:39:57] Entrevistadora: De nada! Tchau.

Maria Cecília - leitora *Think Olga*

[00:00:01] Entrevistadora: Você prefere que eu te chame de Maria ou de Maria Cecília ou de Cecília?

[00:00:05] Entrevistada: Pode ser de Cecília. Me chamam de todas as formas. Vai "Cecília".

[00:00:13] Entrevistadora: Está bom, Cecília. Você mora no Paraná, certo?

[00:00:18] Entrevistada: Isso! Não sou daqui, mas estou aqui há quase 40 anos.

[00:00:22] Entrevistadora: Você é de onde?

[00:00:25] Entrevistada: Minha família é de Minas, mas eu morava no Rio. Eu morava no Rio, mas casei, fui para São Paulo. Morei em São Paulo e depois vim para cá. A família do meu marido, que já é ex-marido, falecido, era daqui.

[00:00:44] Entrevistadora: Você está aí tem muito tempo já. É no interior, né?

[00:00:47] Entrevistada: É Toledo, que é uma região do chamado Oeste do Paraná, próximo de Foz do Iguaçu - 150 quilômetros de Foz do Iguaçu.

[00:00:58] Entrevistadora: Qual é a sua profissão, Cecília?

[00:01:02] Entrevistada: Eu sou advogada e sou licenciada também em Filosofia, mas nunca dei aula. Eu também me aposentei em 2016, então atualmente eu faço muito pouca coisa na advocacia. Tenho uma atuação da Ordem na subseção daqui: desde o ano passado, eu estou

presidindo uma comissão de estudos sobre violência de gênero. O Paraná foi o pioneiro na criação dessa (inaudível). Ela foi criada no âmbito da seccional do estado. Ela funciona desde 2013. Depois, algumas seções da OAB criaram. Nós tivemos a proposição e ela foi criada em 2019, mas foi instalada só em 2020, bem no período que começou a pandemia - foi em março.

[00:02:04] Entrevistadora: Eu vi que você é bem atuante, nas suas mídias sociais, no Facebook, com relação às temáticas de políticas voltadas para as mulheres.

[00:02:19] Entrevistada: Sim! Eu fui Secretária de Política para as Mulheres, em 2013, 2014.

[00:02:26] Entrevistadora: A Secretaria foi extinta?

[00:02:28] Entrevistada: Está sendo. Ela existe desde 2005. Agora, tem um projeto na Câmara, que foi votado ontem, em primeiro turno, para extinção. Vão criar uma coisa grande, unindo Juventude, Mulheres, Idosos, Crianças. Vai virar algo confuso.

[00:02:57] Entrevistadora: E genérico, né?

[00:02:59] Entrevistada: É a única Secretaria que existe nessa nossa região. Não tem outra em outros municípios.

[00:03:11] Entrevistadora: Então, tem uma relevância bem grande.

[00:03:16] Entrevistada: É, nesse aspecto simbólico. Ela hoje está com bastante dificuldade. Sempre teve (problema de orçamento e essa coisa toda). Agora está sofrendo esse desmonte que há das políticas, a nível nacional. Refletiu também aqui. Esse prefeito que entrou, a gestão atual, foi o prefeito na época em que eu fui secretária, resolveu desmontar. É bem complicado!

[00:03:53] Entrevistadora: Entrando um pouquinho nas perguntas que eu tenho para te fazer, eu queria saber se você se considera feminista e por quê.

[00:04:06] Entrevistada: Eu me considero. A minha atuação toda tem sido nesse sentido: buscar produzir e trazer para o cotidiano essas lutas das mulheres. Não sou do movimento feminista, mas do movimento de mulheres, para que a gente tenha uma atuação conjunta. Eu tenho mais de 60 anos, né? Teve um período em que a prática era feminista, a gente estudava e argumentava em relação às questões feministas, mas não se dizia feminista, como todo mundo acaba se declarando. Eu penso que é fundamental a gente ter uma posição

em relação a essa questão e buscar ter relações mais - não é só a questão da igualdade - de reduzir também as desigualdades que tem, essas relações hierárquicas de comportamento, de valores, essa desvalorização das mulheres. Eu tenho atuado muito mais em relação à questão de violência de gênero. Eu acho que o feminismo tem essa coisa libertadora para as mulheres de compreenderem o seu papel na sociedade, de compreenderem que devam atuar politicamente, para tentar algumas mudanças. É nesse sentido.

[00:06:17] Entrevistadora: Sim, sim. Eu achei interessante esse seu relato de como era antes e a diferença com a contemporaneidade. Eu tenho uma professora que estuda comunicação e gênero e que ela tem também por volta de 60 anos. Ela me disse, ao longo da vida dela, por mais que ela se identificasse como feminista quando ela estava na faculdade, depois ela foi mudando de ideia, porque ela achou que no mercado de trabalho aquilo não era bem visto. Com o tempo, ela foi amadurecendo, pesquisando mais sobre o assunto, aí voltou a se declarar como feminista, ainda antes dessa Primavera Feminista, que teve no Brasil e no mundo. Aí, ela começou a realmente virar pesquisadora do assunto.

[00:07:10] Entrevistada: Ali, durante a ditadura, houve algumas dificuldades, até porque muitas feministas, na época, estavam fora do país, porque foram exiladas. Eu não sei se você conhece a Moema Viezzer, que escreveu aquele livro “Se me deixam falar”.

[00:07:31] Entrevistadora: Não conheço. É Moema o quê?

[00:07:34] Entrevistada: Viezzer: V - I - E - Z - Z - E - R.

[00:07:41] Entrevistadora: “Viezzer”, vou pesquisar.

[00:07:43] Entrevistada: Esse livro, na área da assistência social, é muito conhecido. Ele está esgotado. Ela até vai reeditá-lo agora. Tem tradução no Japão e em vários idiomas. Foi um livro muito importante, em que ela entrevistou essa comitiva, na Conferência do México. Esse livro teve um impacto muito grande no movimento de mulheres. A Moema é daqui de Toledo. Ela tem mais de 80 anos, mas é uma pessoa super ativa e é muito minha amiga. Ela também é feminista, foi exilada. Ela tinha um trabalho com o Paulo Freire, no período...

[00:08:35] Entrevistadora: Nossa! Que sensacional, o trabalho, e não o fato de ela ter sido exilada. Eu estou vendo que ela é de Caxias do Sul. Eu sou gaúcha também.

[00:08:45] Entrevistada: Ah tá! Aqui, a região nossa, é toda do pessoal do Rio Grande. Aqui é uma região nova do Paraná. Os municípios têm 60 anos ou um pouco mais. São pessoas que vieram do Rio Grande do Sul, a maioria.

[00:09:10] Entrevistadora: Eu moro em Brasília há muitos anos, mas eu sou gaúcha. Nasci no Rio Grande do Sul.

[00:09:21] Entrevistada: Nesse período da ditadura, com aquela perseguição toda, houve um certo isolamento dos movimentos sociais. Eu fui para São Paulo e participei do Congresso da Mulher Paulista. Mas as pessoas não se declaravam. Em regra, não havia isso. Hoje eu participo de reunião de coletivos etc. As mulheres mais jovens fazem questão de se afirmar como feministas. Elas falam: “Eu sou feminista”. Em todo o início de fala: “Eu sou feminista”, aí faz as considerações. Eu acho que mudou também isso. Primeiro, mudou a compreensão do que é. Muitos livros foram reeditados, que, no passado, você não tinha acesso. Hoje, você tem uma produção imensa de artigos. As próprias redes sociais possibilitaram também esse diálogo maior, e até intergeracional, das feministas que vieram antes da gente com as que estão aí, e os novos grupos que foram surgindo. Essa questão de se afirmar, de se colocar, como feminista - e também travar a luta, porque também é um embate contra esses grupos conservadores, que deturpam e distorcem as posições...

[00:11:26] Entrevistadora: Com certeza! Você me disse que você se considera feminista. Eu queria saber o que é ser feminista, para você.

[00:11:39] Entrevistada: No meu modo de entender é dominar algumas concepções filosóficas e políticas e entender o feminismo como esse movimento político, filosófico, social amplo, que visa... Às vezes, a gente fala em “a libertação da mulher” ou a “igualdade”, mas não é só a igualdade formal, mas materialmente também. Que a gente possa fazer com que a sociedade tenha mais respeito pelas mulheres, pela compreensão do papel que nós temos - um papel de ser submissa, mas de estar em um campo de igualdade.

[00:12:57] Entrevistadora: Você consegue se lembrar, mais ou menos, de alguma situação em que você percebeu que você tinha afinidades com a causa, mesmo que você não se

declarasse feminista? Como e quando você descobriu que você tinha um alinhamento com a pauta feminista?

[00:13:19] Entrevistada: Não tem um momento que eu poderia dizer: “Esse momento foi determinante”.

[00:13:29] Entrevistadora: Foi um processo então.

[00:13:30] Entrevistada: É, foi um processo. Eu já atuava e tinha relações com muitas mulheres, no próprio Movimento de Mulheres, na década de 80, com a criação do Conselho da Condição Feminina - que são hoje os Conselhos dos Direitos das Mulheres. Aqui também nós criamos um, em 85, que é o segundo conselho do Paraná. A gente sempre teve um envolvimento com essas questões. Então, não posso te dizer: “Teve esse momento” ou “Teve esse dia”. Eu participei de vários eventos e a gente tinha contato com muita gente, então você vai amadurecendo algumas posições e lendo também.

[00:14:30] Entrevistadora: Como essa identificação sua com o feminismo tem afetado a sua vida?

[00:14:36] Entrevistada: Como tem afetado? Sempre foi positivo. O sentido sempre foi de afetar positivamente a minha vida e a minha prática política. Tem esses embates políticos, porque a sociedade é plural, então tem pessoas que não concordam com os seus pontos de vista. Morando no interior, em uma cidade, que é pequena, que tem 152 mil habitantes mais ou menos, que é conservadora (se você pegar o resultado da eleição, vai ver que o Bolsonaro teve um monte de votos aqui), tem embates políticos que você faz no cotidiano das ações.

[00:15:44] Entrevistadora: Você me contou que você participa de algumas reuniões de coletivos e de grupo de militância feminista. Você participa aí mesmo, em Toledo?

[00:15:55] Entrevistada: Aqui mesmo! Aqui na nossa região, eu conheço bastante gente, de outros municípios também. Tem pessoas em Foz do Iguaçu que criaram aquelas Promotoras Legais Populares. A gente tem muita relação com os outros municípios, aí faz palestras, discursos para as pessoas, conferências municipais de mulheres. Eu participei bastante na nossa região, fazendo palestras nos municípios onde ocorreram as conferências municipais.

Tem coletivos aqui, mas os coletivos estão bem complicados por causa da pandemia. As universidades têm coletivos de mulheres.

[00:17:04] Entrevistadora: Os encontros têm sido virtuais, nesse contexto de pandemia?

[00:17:09] Entrevistada: Se tem, eu não estou sabendo. Eu acho que não. Eu acho que desmobilizou muito. No que eu tenho atuado, é nessa comissão da OAB que eu te falei. No nosso caso, por enquanto, são só advogadas e advogados que participam. A comissão ligada à seccional da OAB Paraná tem um caráter interdisciplinar, então, além de advogados, tem antropólogas, sociólogas e pessoas ligadas à área de educação. Ela tem outra estrutura. Mas nós, que começamos agora e começamos em plena pandemia, não temos. Está sendo um processo de formação dos advogados, porque a maioria não tem conhecimento de muita coisa. Eu só ia completar que, nas faculdades de Direito, nas Universidades, às vezes, nem a Lei Maria da Penha você estuda e muito menos essa discussão de gênero e outras. Estamos aqui nesse processo de formação dessas pessoas também.

[00:18:43] Entrevistadora: Claro! Eu vejo que, hoje, na UnB, pelo menos na comunicação, começam a surgir umas disciplinas que visam debater essas temáticas sobre gênero e diversidade. Mas é tudo muito novo ainda. Antes, quando eu me formei, isso não existia.

[00:19:06] Entrevistada: Algumas universidades têm aqueles núcleos de gênero mais consolidados, tipo a Federal de Santa Catarina.

[00:19:18] Entrevistadora: Na UFBA tem também.

[00:19:20] Entrevistada: São grupos bastantes consolidados, com pesquisadoras dessas áreas.

[00:19:34] Entrevistadora: Mas de disciplinas mesmo, nas grades curriculares, não costuma ter. Você me contou um pouco da sua experiência com a militância feminista. Você já chegou a se sentir, de alguma forma, acuada por se identificar com essas temáticas feministas, até por causa da sua atuação profissional?

[00:20:04] Entrevistada: Acuada, não. Sempre há muitos embates. Como eu estou aqui há muito tempo... Eu fui vereadora também, de 93 a 96, então eu sou conhecida aqui. Não tem como não ser conhecida. Eu fui a primeira mulher vereadora.

[00:20:37] Entrevistadora: Que máximo!

[00:20:39] Entrevistada: Tem essa coisa! Por mais que não queiram falar de mim, tem que falar. Sem qualquer vaidade, eu acabei ficando na história como a primeira mulher vereadora. As pessoas sabem: “Maria Cecília tem condições”. Eu sempre atuei politicamente. Na época, eu fui vereadora pelo PDT. Hoje eu sou filiada ao PT, já há alguns anos. Então, sempre teve embates com outras correntes, porque eu tenho posições políticas claras. Quando você faz defesa de outras questões ligadas ao feminismo e às mulheres, de modo geral, você tem os embates. Às vezes, é muito nas conferências municipais - que eu atuo bastante nisso - ou participando de conferências, não só de mulheres...

[00:21:57] Entrevistadora: Já faz muito tempo que você está nessa atuação política aí na região.

[00:22:04] Entrevistada: Já! Bastante tempo. Desde que eu vim para cá. Na verdade, desde antes. Depois que eu cheguei aqui, fomos continuando a atuação.

[00:22:18] Entrevistadora: Você já sofreu algum tipo de ameaça ou violência por se alinhar com o feminismo - não necessariamente aí ou profissionalmente, mas mesmo na internet ou nas mídias sociais?

[00:22:32] Entrevistada: Na internet, sim. Na internet, sim. É bem desagradável porque é um ódio gratuito...

[00:22:49] Entrevistadora: Alô?

[00:22:50] Entrevistada: Oi? Está me ouvindo?

[00:22:51] Entrevistadora: Agora, sim. Eu acho que cortou um pouquinho.

[00:22:53] Entrevistada: A gente que não é mais jovem...

[00:23:04] Entrevistadora: Imagina! É, sim!

[00:23:05] Entrevistada: Eu não tenho problema em relação a essa questão. O que eu quero te falar é das agressões que tem. Me chamam de velha: “sua velha”, “vai lavar uma roupa”, “vai cozinhar”.

[00:23:28] Entrevistadora: Isso no seu perfil pessoal?

[00:23:30] Entrevistada: É! Algumas pessoas, a gente acaba bloqueando ou denunciando. Teve um caso de um sujeito. Faz um tempo já. Depois o sujeito parou. Eu até pensei em processá-lo, mas deixei.

[00:23:54] Entrevistadora: O que ele fez?

[00:23:55] Entrevistada: Xingamentos.

[00:23:59] Entrevistadora: Repetidamente?

[00:24:00] Entrevistada: É! Coisas desrespeitosas, xingando. É bem...

[00:24:13] Entrevistadora: Ele era daí?

[00:24:14] Entrevistada: Não, não. Não era daqui, não.

[00:24:17] Entrevistadora: Era da internet mesmo, uma pessoa que nem te conhecia.

[00:24:20] Entrevistada: Nem me conhecia. Normalmente, é assim. Com as pessoas daqui a gente tem discussão, mas não chega nesse nível de agressão, de xingamento. A gente diverge, mas as pessoas se conhecem, então "seguram um pouco a onda". Até tem vontade de falar, mas não falam, quando se estressam. De modo geral, nas redes sociais, é meio terra de ninguém mesmo. Isso foi em um período de campanha eleitoral, que você acaba se posicionando mais e acaba esbarrando nisso. Até que, nos últimos tempos, está tudo tranquilo, para mim. Eu sei que, para as outras pessoas, não. Deputadas, parlamentares, amigas que a gente conhece estão passando por situações absurdas.

[00:25:35] Entrevistadora: A situação está tão complicada que as pessoas têm que ir embora do Brasil.

[00:25:42] Entrevistada: Exatamente! Eu estava vendo a Márcia Tiburi, em um debate na Unila, aqui em Foz de Iguaçu, que é a Universidade Latinoamericana. Eles fizeram um seminário, acho que até no YouTube. Ela estava muito à vontade. Foi um papo bem informal. Ela falou bastante. A gente tem acompanhado a trajetória dela: bem ruim. Ela e a Débora Diniz, que é daí.

[00:26:20] Entrevistadora: Isso! Eu ia falar sobre a Débora Diniz. Eu sempre acompanho. É uma situação muito triste a pessoa ter que largar tudo e se esconder.

[00:26:32] Entrevistada: Porque recebem ameaças de morte etc. É uma coisa muito pesada.

[00:26:39] Entrevistadora: A Débora Diniz, veio junto com tentativas de atos terroristas contra a universidade, como um todo. Iam tentar atacar o Instituto de Ciências Sociais, para atingir também os alunos. Teria sido uma tragédia muito grande, se tivessem conseguido. Bom, você me contou que convive com pessoas que partilham do seu ponto de vista. Você me falou da Moema. Como é essa relação com esses amigos, com essas pessoas companheiras de militância?

[00:27:18] Entrevistada: A gente tem uma amizade, de muitos anos. Além da visão política que a gente compartilha e outros aspectos, isso gera amizade, no âmbito do partido, que agora eu estou afastada, mas tenho uma militância, que é bastante atuante; e também nesses coletivos, que eu te falei. Por exemplo, os últimos eventos que a gente participou foi na universidade. Tem alguns coletivos lá. Aqui tem um curso de Medicina, que é da Federal do Paraná. A maioria das alunas eram mulheres, aí elas criaram um coletivo. Elas chamam a gente para ter aquela roda de conversa. Há uns dois anos, aqui na universidade estadual, que é bem antiga, a Unoeste, veio uma professora de Santa Catarina - agora o nome dela me fugiu. Ela trabalha com essa questão do feminismo na filosofia. Ela é ligada à área de filosofia. Ela fez uma formação, durante uma semana, e teve várias rodas de conversa, além do curso. Depois eu lembro. Esqueci o sobrenome dela. São esses os eventos que a gente compartilha e partilha dos debates e conversas, sobre os temas variados.

[00:29:17] Entrevistadora: E as experiências mesmo. Essa sua identificação com o feminismo se reflete como na sua convivência familiar?

[00:29:31] Entrevistada: Eu tenho duas filhas.

[00:29:36] Entrevistadora: Duas filhas? Que bom!

[00:29:40] Entrevistada: E um filho. Eles não moram comigo mais. Eu moro sozinha. Elas são super feministas também. Uma é assistente social e trabalha em Santos, coordenadora do CREA. A outra está morando fora do país - está no Japão. Essa não teve uma atuação tão política. A prática dela e aquilo que ela acredita têm a ver com o feminismo.

[00:30:25] Entrevistadora: Ela está no Japão? Que diferente!

[00:30:27] Entrevistada: Está. Está no Japão há quatro anos já.

[00:30:31] Entrevistadora: E o seu filho?

[00:30:34] Entrevistada: O meu filho também é muito...

[00:30:38] Entrevistadora: Oi? Alô?

[00:30:41] Entrevistada: Oi? Está me ouvindo?

[00:30:42] Entrevistadora: Agora, sim. Cortou de novo.

[00:30:45] Entrevistada: Fica dando eco nessas ligações por WhatsApp. Meu filho mora em Curitiba. Ele é muito parceiro. Ele fica muito indignado por conta dos ataques às mulheres ou situações de violência.

[00:31:09] Entrevistadora: Ele apoia a causa também então?

[00:31:11] Entrevistada: Apoia, sim.

[00:31:14] Entrevistadora: E no seu ambiente de trabalho, como é?

[99:31:19] Entrevistada: Eu estou aposentada. Eu trabalhei durante muitos anos em uma universidade daqui - não era dando aula; eu trabalhei na parte técnica da Unoeste, que é a Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Ela é multicampi, então ela tem campos aqui em Toledo e outros quatro municípios e a reitoria é um município próximo, que é Cascavel. Eu trabalhava na reitoria. Lá, na verdade, eu nunca tive problema, porque, na verdade, essa questão não se colocava muito presente. Todo mundo sabia das minhas posições políticas, mas nunca tive problema no ambiente de trabalho, até porque era uma universidade, com pessoas um pouco mais esclarecidas.

[00:32:36] Entrevistadora: Entrando um pouco mais no tópico da mídia, como você acha que a mídia, no geral, a tradicional, aborda a temática da violência contra a mulher?

[00:32:48] Entrevistada: Eu acho que avançamos muito. Hoje, alguns sites de jornais grandes, como, por exemplo, a *Folha de S.Paulo*, o *UOL* (que até criou aquele *Universa*, que é uma área só de violência contra as mulheres, que traz muita informação e tem um acompanhamento bastante constante)...

[00:33:17] Entrevistadora: Trazem os casos de feminicídios.

[00:33:22] Entrevistada: E também algumas articulistas, as pessoas que escrevem diariamente ou... Eu não sei qual é a periodicidade.

[00:33:36] Entrevistadora: Sim! Que escrevem regularmente para o jornal. Alô? Alô?

[00:33:9] Entrevistada: Alô?

[00:33:50] Entrevistadora: Agora eu estou te ouvindo.

[00:33:52] Entrevistada: Essas ligações... Eu estou parada, no mesmo lugar.

[00:33:57] Entrevistadora: Eu também! Que estranho! Eu estou fazendo uma ligação convencional mesmo.

[00:34:04] Entrevistada: Convencional? Achei que era WhatsApp. Estranho!

[00:34:09] Entrevistadora: Deu para ouvir agora de novo. Voltou.

[00:34:13] Entrevistada: Eu acho que os veículos de comunicação, nesse campo, nessas áreas, avançaram muito. O G1 tem aquele Monitor da Violência, que acompanha, do ponto de vista estatístico, os crimes. É um monitoramento mesmo.

[00:34:44] Entrevistadora: Eles vão mapeando.

[00:34:46] Entrevistada: E colhendo dados em todo o Brasil. Essa é uma dificuldade que tem, porque não há uma unificação no país desses dados, então você fica com essa dificuldade. Melhorou muito, se você for comparar a alguns anos atrás. Tem o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, o próprio Ipea, que faz um Atlas da Violência (junto com o fórum). Os jornais, de um modo geral... Até porque você tem jornalistas que se posicionam hoje como feminista e têm uma atuação. Houve uma abertura maior nos veículos de comunicação para tratar dessa temática, até porque é escandaloso no Brasil o tanto que a gente tem!

[00:35:49] Entrevistadora: São assustadores os dados! Você acha que a mídia, além de abordar essa temática da violência contra a mulher, ela trata também do machismo estrutural na sociedade?

[00:36:03] Entrevistada: Eu acho que, em parte, sim. Eu acho que tem tratado, falando de um modo geral. Você, provavelmente, vai fazer uma análise mais criteriosa e mais detalhada. Mas eu acho que, de um modo geral, sim. Eu acho que isso tem se sobressaído nessas matérias, especialmente de violência contra as mulheres que essas análises se sobressaem.

[00:36:43] Entrevistadora: Como você acha que a mídia tradicional aborda a temática da descriminalização do aborto?

[00:36:52] Entrevistada: Algumas pessoas expressam as suas opiniões, ou até articulistas que não são funcionárias daquele veículo ou site. Eu vejo que há uma abertura maior para pluralizar as várias ideias. Há articulistas que escrevem para esses veículos, como, por exemplo, a Djamila escrevendo na *Folha*. Ela fala do racismo estrutural etc., e entra também nas questões do machismo. Eu acho que há hoje uma abertura maior, procurando trazer esse debate, para que se expressem, nem que sejam por articulistas de fora (que não são funcionários do veículo).

[00:38:05] Entrevistadora: Você acha que os jornais e os veículos de comunicação têm começado a tratar mais sobre a posição das mulheres no mercado de trabalho?

[00:38:16] Entrevistada: Sem dúvida! Eu acredito que sim, porque eu acompanho. Na verdade, esses grandes grupos de mídia (*O Globo*, a *Folha*)... *O Estadão*, eu acompanho pouco, mas não muito. Os que eu acesso mais são o *G1* e a *Folha*. O que eu vejo, por esses... Claro que é uma ótica reduzida. Eu eventualmente vejo outros. Agora a gente tem facilidade para acessar sites. Às vezes, o *El País* traz bastante coisa interessante; o *Metrópoles*. Tem uma variedade maior. Eu acho que houve uma abertura. Essas pautas estão muito mais presentes na mídia tradicional, do que se você for olhar há alguns anos.

[00:39:38] Entrevistadora: No *Metrópoles*, eles fazem uma campanha que se chama “Elas por Elas”, que eles vão trazendo os casos de violência contra a mulher, vão mapeando os feminicídios que acontecem, principalmente aqui na região do DF, justamente para tentar conscientizar as pessoas sobre a problemática da desigualdade de gênero e da necessidade de se debater o machismo estrutural.

[00:40:12] Entrevistada: Se você for pegar uma década atrás (nem precisa ir muito longe), é uma diferença bem grande, até porque a sociedade cobra isso. Eu acho que mudou bastante. E tem essa possibilidade de acesso mais rápido. Antigamente, a gente lia jornal, em papel. Você não tinha site, não tinha Facebook, Instagram e todas essas redes, que, claro, têm os seus problemas também. Mas o acesso hoje à informação é muito maior. É até complicado você administrar, porque é muita coisa. Você não consegue dar conta de olhar tudo. Nas

universidades, também. Você mesma está fazendo uma tese, mas tem muito mais produção acadêmica dessas temáticas, no âmbito das universidades, de um modo geral.

[00:41:31] Entrevistadora: Entrando um pouco mais nessas questões de iniciativas de jornalismo feminista e de jornalismo independente feminista, eu queria saber o que te motiva a acompanhar o trabalho da *Think Olga* e também de outros veículos de midiativismo feminista.

[00:41:58] Entrevistada: Em razão das minhas atividades, eu faço muitas palestras. Agora, por conta da pandemia, ficou um pouco complicado. Eu sempre preciso de dados, então eu estou sempre acompanhando esses sites ou as redes sociais ou para pegar dados mais precisos, no Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Eu estou sempre acompanhando, também para saber quais as discussões que estão mais presentes e como as análises podem nos ajudar na nossa atividade também. É nesse sentido de acompanhar o que está acontecendo no Brasil e no mundo.

[00:43:04] Entrevistadora: Você se lembra quando e como você conheceu a *Think Olga* e como você começou a acompanhar o trabalho delas?

[00:43:12] Entrevistada: Se eu não me engano, foi pelas redes sociais mesmo. Depois eu assinei a *newsletter*, que é por e-mail. Eu tenho. Às vezes, a gente acaba esquecendo, aí, quando abre, tem aquela enxurrada de mensagens. Normalmente, eu acesso por Facebook, porque aparece para mim. Se não aparece, eu acesso a página. Do *Think Olga*, eu não sei se elas não fazem muito ou se aqueles algoritmos...

[00:43:11] Entrevistadora: O algoritmo do Facebook? Alô?

[00:44:17] Entrevistada: ...pouca interação. Alô?

[00:44:18] Entrevistadora: Oi. Cortou de novo. Você está falando sobre o algoritmo do Facebook.

[00:44:23] Entrevistada: Eu não vejo muita interação da página do Facebook da *Think Olga*. Às vezes, eu vejo lá coisas importantes e tem uma ou duas ou três curtidas. É um número pequeno, se você comparar com outras páginas. Elas têm um conteúdo interessante, mas

pouco acessado. Qual é a razão? Por que isso? Não sei se você vai analisar isso. É por que elas não estão fazendo mais postagens? Eu não sei como isso se dá.

[00:45:08] Entrevistadora: Na verdade, o Facebook já perdeu muita organicidade nos últimos anos, então não são todos os conteúdos que ele entrega para o usuário e para as pessoas que estão ali acessando a linha do tempo. Tem muita coisa que se perde. Quanto menos a publicação tem de visibilidade, menos ela vai aparecendo para os usuários e para as pessoas que vão acessando. Então, acaba sendo uma opção usar mais YouTube, Instagram do que o Facebook. No Facebook, elas ainda têm muitos seguidores, mas os conteúdos não são entregues.

[00:45:53] Entrevistada: Eu acesso, normalmente, pelo site. Sempre que eu vou tratar de uma questão ou preciso de informações, eu acesso o site. Às vezes, tem coisas que estão ali e não aparecem no Facebook.

[00:46:23] Entrevistadora: Você usa, geralmente, celular para acessar ou computador mesmo?

[00:46:28] Entrevistada: Eu prefiro no computador. No celular, no dia a dia... Agora, por conta da pandemia, eu acabo ficando muito em casa, então vai pelo *laptop* mesmo. Mas às vezes você recebe mensagens no grupo do WhatsApp. Nessas comissões da OAB, a gente tem os grupos no WhatsApp. Muitas coisas são compartilhadas nesses grupos.

[00:47:04] Entrevistadora: Você acessa mais de casa, atualmente, por causa da pandemia, ou antes já estava acessando mais de casa também?

[00:47:12] Entrevistada: É de casa.

[00:47:13] Entrevistadora: Você sabe com que frequência você procura esses conteúdos?

[00:47:18] Entrevistada: Diariamente. Eu procuro dar uma geral.

[00:47:31] Entrevistadora: E tem um turno específico (de manhã, de tarde ou de noite) em que você procura acessar mais?

[00:47:40] Entrevistada: De manhã e à noite. À tarde, não muito. Agora, eu tenho um uso mais intensivo. Como eu te falei, eu não trabalho fora, então fico em casa. Nesse isolamento,

acabei ficando mais ainda. Então, eu fico ligada o dia inteiro, no *notebook* e no celular, que virou um acessório corporal.

[00:48:20] Entrevistadora: Nossa extensão, né?

[00:48:27] Entrevistada: É! Esses contatos e informações, vem muita coisa por ali. Esses grupos que têm os seus objetivos mais definidos (não são grupos aleatórios) têm a informação mais dirigida para determinadas temáticas. Então, eu acompanho por ali.

[00:48:58] Entrevistadora: Você também lê, assiste ou até mesmo escuta conteúdos de outras iniciativas que fazem jornalismo feminista?

[00:49:08] Entrevistada: Ler: mais livros. Nós temos aqui - eu preciso falar - aquele grupo "Leia, Mulheres".

[00:49:25] Entrevistadora: É um da cidade, né? Ou é da região?

[00:49:29] Entrevistada: Nós temos aqui na cidade.

[00:49:31] Entrevistadora: Geralmente, é por cidade.

[00:49:33] Entrevistada: É por cidade. Começou em São Paulo, se eu não me engano. É um grupo de lá. Depois, se espalhou no país inteiro. Aqui, nós temos há quase quatro anos.

[00:49:46] Entrevistadora: E você participa?

[00:49:47] Entrevistada: Participo, desde o início. Os nossos encontros eram presenciais. Se definia um título ou um livro, você faz a leitura e os encontros são mensais. O "Leia, Mulheres" tem esse caráter de trazer as temáticas feministas para o debate. Mês passado, por exemplo, o livro era *O Calibã*.

[00:50:19] Entrevistadora: *O Calibã e a Bruxa*?

[00:50:21] Entrevistada: *O Calibã e a Bruxa*, exato. São várias, várias. Cada vez um livro é escolhido coletivamente. É muito interessante também essa possibilidade de discussão com esse grupo. Agora, a gente fica fazendo só pelo Zoom, então não tem os encontros presenciais.

[00:50:55] Entrevistadora: Era isso que eu ia perguntar: se continua tendo, mesmo *on-line*.

[00:51:02] Entrevistada: Sim. Nesse grupo, tem gente de várias áreas, então é super interessante.

[00:51:12] Entrevistadora: Sim. É engraçado porque você já é a segunda pessoa que eu entrevisto nos últimos dias, que me disse que está participando do grupo “Leia Mulheres” nas suas cidades e que o livro eleito foi *O Calibã*. Eu também estou lendo *O Calibã e a Bruxa* aqui.

[00:51:31] Entrevistada: Eu até já tinha lido antes. Aqui tem uma coordenadora, que não sou eu, que é uma professora. Mas tem um pessoal de São Paulo que meio que dá as coordenadas. Não é uma imposição: “leia isso ou aquilo”.

[00:51:59] Entrevistadora: É uma sugestão.

[00:52:01] Entrevistadora: É, então às vezes acontece mesmo isso de o mesmo livro estar sendo lido e debatido em vários lugares. A gente lê artigos também de universidades. Como é o nome mesmo? Eles auxiliam também quando artigos acadêmicos são colocados na plataforma. Eles avisam.

[00:52:54] Entrevistadora: Aí você recebe artigos feministas?

[00:52:58] Entrevistada: Artigos feministas, sim. Pode ir falando também.

[00:53:11] Entrevistadora: Você pode falar depois também. Ainda sobre a *Think Olga* e sobre jornalismo feminista, você lembra de alguma matéria ou de algum conteúdo que tenha sido marcante para você?

[00:53:28] Entrevistada: Eu lembro daquela Chega de Fiu Fiu e depois o #meuprimeiroassedio.

[00:53:34] Entrevistadora: As campanhas de *hashtags*, né?

[00:53:38] Entrevistada: Isso! Aquelas foram bem marcantes. Teve muita interação nelas.

[00:53:49] Entrevistadora: Você chegou a participar de alguma? Você chegou a escrever?

[00:53:54] Entrevistada: Eu não cheguei a escrever.

[00:53:56] Entrevistadora: Só acompanhou?

[00:53:58] Entrevistada: Só acompanhei. Teve aquela lá do Anísio, da questão do aborto.

[00:54:08] Entrevistadora: Sim, do Instituto Anísio.

[00:54:10] Entrevistada: Da menina que já tinha realizado aborto. Esse caso teve bastante repercussão.

[00:54:21] Entrevistadora: Aí você também acompanhou?

[00:54:24] Entrevistada: Acompanhei.

[00:54:28] Entrevistadora: Quais as diferenças que você vê entre a cobertura desses tipos de iniciativas e a cobertura da mídia tradicional?

[00:54:39] Entrevistada: Você fala do...?

[00:54:42] Entrevistadora: Da *Think Olga* e dessas iniciativas que se propõe a fazer midiativismo feminista.

[00:54:52] Entrevistada: O conteúdo da *Think Olga* e dos outros procura aprofundar mais essas discussões. O próprio texto é diferente. Eu acho que aprofunda mais o tema, com essa visão mais feminista. Nas outras, tem um pouco de tudo.

[00:55:32] Entrevistadora: Você consegue enxergar semelhanças também entre as coberturas entre os veículos de mídia feminista e dos veículos de mídia tradicional?

[00:55:51] Entrevistada: Eu percebo o que você está querendo dizer, mas é aquilo que a gente falou antes. Por exemplo, violência contra as mulheres está mais presente hoje em toda a mídia, mas é claro que o site que tem essa orientação feminista se debruça mais sobre a violência de gênero (as implicações que ela tem, as razões pelas quais a lei existe na nossa sociedade). A mídia traz aquele conteúdo mais jornalístico. Não é aprofundado, do ponto de vista mais teórico. É a informação.

[00:56:52] Entrevistadora: É a informação mais rápida, né?

[00:56:54] Entrevistada: É. "Morreu e não sei o quê". Às vezes até entrevistam pessoas, fazem análises e, nessas análises, propõem ou dão informação, para caracterizar por que está acontecendo isso. É diferente do que o *Think Olga* e o outro. Eu também acompanho muito a... Se bem que elas fazem muito a... É direcionado, mas é pegando as informações jornalísticas, na Agência Patrícia Galvão. Elas filtram as notícias que saem sobre determinado tema, relativas às mulheres ou à violência e colocam lá.

[00:58:02] Entrevistadora: Elas fazem um trabalho que se aproxima desses outros veículos, tipo *Think Olga*, *AzMin*a. Eu já li alguns artigos acadêmicos, que, inclusive, fazem

comparações com a Agência Patrícia Galvão e essas outras. Você acha que essas iniciativas interagem com o público?

[00:58:31] Entrevistada: Eu acredito que sim.

[00:58:36] Entrevistadora: Você já viu interações nas redes sociais? Você acha que elas recebem as sugestões de pauta, de matérias e depois publicam sobre aquilo?

[00:58:52] Entrevistada: Eu não poderia te dizer, porque eu nunca prestei muita atenção. Alô?

[00:59:01] Entrevistadora: Você está me ouvindo?

[00:59:03] Entrevistada: Estou, estou ouvindo. Pode falar.

[00:59:12] Entrevistadora: Não, sem problemas. Você falou que não poderia dizer, então eu só iria dizer que não tem problema se você acha que não observou.

[00:59:19] Entrevistada: Eu realmente não observei. O que eu vejo, como eu te falei, é que há uma preocupação da mídia tradicional em trazer essa temática para o público mais geral (o caso do *UOL*, por exemplo, criando aquele espaço para mulher). Eu sinto isso. Pelo menos do ponto de vista de trazer a informação, eu acho que a gente melhorou muito. A informação vem um pouco mais qualificada, mais aprofundada, com textos que têm enfoque mais acadêmico. Isso envolve a *Think Olga* e outros.

[01:00:12] Entrevistadora: Você costuma interagir com esses canais que fazem jornalismo feminista, por meio de comentários ou compartilhando as postagens?

[01:00:23] Entrevistada: Geralmente, pelo Facebook. Quando eu comento, é ali. No *UOL*, eu já cheguei a comentar alguma coisa. Mas às vezes dá problema porque você tem que entrar com seu *login*. Sempre dá uma confusão com senha, aí eu acabo fechando. Mas no Facebook e no Instagram, eu comento. Não sempre, mas eu comento, sim. Eu também parabenizo por alguma coisa, porque eu acho que dar força também é importante. Ou faço também de burro para outras pessoas. “Dá uma olhada naquela outra matéria ou naquele projeto que estão criando”.

[01:01:37] Entrevistadora: Você já falou, ao longo da nossa conversa, um pouco sobre isso, mas eu queria que você fizesse uma síntese e me dissesse quais características positivas desse tipo de iniciativa de canal de midiativista feminista você destacaria.

[01:01:58] Entrevistada: Quais as características positivas? Eu acho que é trazer temas para o debate e aprofundar a compreensão de determinados temas. As análises de sistemas me parecem ser mais aprofundadas. Os artigos são mais profundos, as análises são mais elaboradas. Lá no *Think Olga*, eles dividem entre Violência, Economia e Trabalho, Mulher e Saúde.

[01:02:47] Entrevistadora: E trazem os dados, né? Alô? Alô?

[01:02:56] Entrevistada: Alô!

[01:02:57] Entrevistadora: Oi! De novo! Ficou mudo, né? Agora você está ouvindo?

[01:03:02] Entrevistada: Estou. Eu estou ouvindo bem. Eu estou ouvindo tranquilamente.

[01:03:07] Entrevistadora: De característica negativa, você consegue apontar alguma coisa? Você se lembra de algo?

[01:03:05] Entrevistada: Às vezes, e para outras pessoas isso também pode ocorrer, o site por exemplo, não é muito amigável. Você se perde procurando as coisas. Você abre um negócio e “Onde está o resto do artigo?”.

[01:03:43] Entrevistadora: Você se perde no meio do conteúdo, né?

[01:03:45] Entrevistada: Tem muita coisa, às vezes. Essa coisa da interatividade, de ter facilidade do acesso... É algo que não compromete. Eu não tenho muita dificuldade, mas às vezes sinto isso. “Aqui poderia estar mais amigável”, “O negócio aqui poderia ser mais fácil”. É a questão da configuração do site.

[01:04:31] Entrevistadora: Você acha que, durante a pandemia, você passou a acompanhar mais ou menos esse tipo de conteúdo?

[01:04:39] Entrevistada: Mais.

[01:04:40] Entrevistadora: Mais? Você sabe o porquê?

[01:04:45] Entrevistada: Porque a gente tem mais tempo livre. O meu caso é muito particular, porque eu sou aposentada etc. Mas eu saía muito mais, passava muito mais tempo fora do que agora. Agora, a pandemia nos confinou muito na residência, então você acaba ficando o dia inteiro ali.

[01:05:37] Entrevistadora: Você acha que, durante a pandemia, para essas iniciativas de midiativismo feminista, foi impactante o contexto de pandemia, de isolamento? Quais você acha que foram os impactos da pandemia para esses canais?

[01:05:59] Entrevistada: O impacto para eles? Eu não saberia te dizer. Não sei se teve. Eu acredito que tenha aumentado o número de interações, considerando que essa questão que a gente falou do algoritmo, que...

[01:06:43] Entrevistadora: Não leva o conteúdo.

[01:06:45] Entrevistada: ...não leva o conteúdo. Eventualmente, algumas iniciativas... Por exemplo, o Instituto Patrícia Galvão realiza eventos, promove eventos.

[01:07:01] Entrevistadora: Financeiramente, elas dependem de fazer palestras, seminários, para dar continuidade ao trabalho.

[01:07:10] Entrevistada: Isso eu acho que comprometeu bastante e dificultou a atividade. Tem um número enorme de canais, de veículos que têm, então é difícil se sobressair nesse universo, porque há muitas iniciativas, ainda que o Think Olga e outras - eu não conheço direito - pareçam estar consolidadas. Tem dificuldades? Tem! É natural. Mas já são mais conhecidas.

[01:07:59] Entrevistadora: Mas é tão delicado conseguir se manter, porque, como elas fazem jornalismo independente, elas dependem muitas vezes ou de editais de fomento ou então de campanhas de financiamento coletivo. Por exemplo, a Não Me Khalo, que tem proposta semelhante, mas é mais conteúdo colaborativo (elas recebem conteúdos de várias pessoas e vão alimentando o portal e as redes sociais)... Até o ano que vem, se elas não tiverem encontrado forma de se manter financeiramente, elas não vão conseguir dar continuidade à iniciativa, porque não tem como. São poucas colaboradoras...

[01:08:50] Entrevistada: Isso eu acho que foi um problema para todos. A gente recebe, quando entra no site, um aviso: "Nos ajude, senão nós vamos fechar". O *Vi o Mundo*. O *Pragmatismo Político* mudou bastante a orientação... Mas várias fazem campanha: "Contribuam conosco".

[01:09:15] Entrevistadora: Para elas conseguirem se manter. Você queria complementar? Pode falar.

[01:09:26] Entrevistada: Não, não. Pode seguir.

[01:09:27] Entrevistadora: Indo para a última pergunta, para eu também não tomar mais do seu tempo: eu queria saber de você, enquanto leitora, como você lida com a conjuntura atual de ampla disseminação de notícias falsas.

[01:09:43] Entrevistada: A gente acaba sabendo quando é farsa. Logo de cara, você sabe que é notícia falsa. Tem que ter discernimento para ver que a coisa ali é absurda. Quando é uma *fake* muito bem feita, eu sempre procuro verificar nessas agências de checagem ou no (inaudível). Eu sempre procuro verificar. É que tenho muita coisa absurda e as pessoas que não têm muita informação acabam caindo e divulgando. Então, a gente recebe muita informação inverdadeira, até de pessoas esclarecidas. Se eventualmente eu tiver dúvida de alguma coisa que eu recebo, eu checo. Agora, com essa questão da vacina, andou circulando muita coisa, e até com cara de que não era bobagem, mas quando você vai ver está distorcido.

[01:11:23] Entrevistadora: Tem essa problemática também: às vezes, é só uma informação que está ali no meio distorcida, junto com o restante que realmente aconteceu ou que está no nos outros veículos.

[01:11:39] Entrevistada: Infelizmente, é uma praga! É muito ruim! Ainda, a gente sabe que há grupos que são financiados e que produzem esse tipo de conteúdo.

[01:12:00] Entrevistadora: Existe todo um mercado por trás.

[01:12:06] Entrevistada: E muito bem remunerado. Isso influencia o jogo político, porque eles usam as informações falsas ou deturpadas.

[01:12:25] Entrevistadora: E a gente não sabe como vai conseguir contornar, para evitar todo esse caos e desastres que as notícias falsas têm ocasionado.

[01:12:41] Entrevistada: É uma situação complicada. Eu cansei de ver as amigas me falando: "eu denunciei". Aquilo é uma palhaçada, esse negócio de denunciar. Eu já denunciei. Às vezes até eu escrevo alguma coisa, insisto na denúncia, mas não funciona.

[01:13:10] Entrevistadora: É porque eles próprios ganham muito dinheiro com isso. No YouTube, por exemplo, quanto mais o conteúdo estiver vinculado a discurso de ódio, mais acesso e visibilidade ele vai ganhar dentro da plataforma.

[01:13:28] Entrevistada: Agora, Esse DJ lá que espancou a esposa...

[01:13:41] Entrevistadora: O DJ Ivis e a Pâmela, mas não sei o sobrenome dela.

[01:13:44] Entrevistada: O cara fez tudo aquilo e, de uma hora para outra, tem mais de 100 mil seguidores e a plataforma não faz nada. O pessoal está discutindo: “Vamos denunciar”, mas... Tem iniciativas interessantes, como o *Sleeping Giants*.

[01:14:09] Entrevistadora: Sim, que foram de dois estudantes.

[01:14:12] Entrevistada: É, eles são até do Paraná. É uma iniciativa bem interessante que tem conseguido resultados bem expressivos.

[01:14:20] Entrevistadora: Tem mesmo.

[01:14:24] Entrevistada: Eles, eu acho, foram para um caminho que deu repercussão e deu resultado. Derrubaram um monte de porcaria, de programas. Agora, teve o cara do Siquêra, que é um absurdo. Já conseguiram tirar patrocínio.

[01:14:49] Entrevistadora: Quando começa a mexer com os patrocinadores e com muito dinheiro, começa a mobilizar. É delicado! Ainda dentro dessa questão das notícias falsas, você acha que essa conjuntura atinge as iniciativas de midiativismo feminista ou iniciativas semelhantes? Como você acha que elas são afetadas pelas *fakes news*, esses canais e veículos jornalísticos?

[01:15:27] Entrevistada: Eu acho que com a deturpação da informação. Acaba passando para o público e para outras pessoas, de modo geral, informações errôneas. Tem aquela coisa grotesca, quando falam do feminismo: “Elas são contra os homens”, “Todas são sapatas”, “Todas usam termos pejorativos”, “São um bando de velhas e mal-amadas”. Usam até expressões chulas, que impactam uma parcela da população. Se o Instituto ou o site se declararem feminista, aí: “Mas o feminismo é contra isso, contra aquilo”. Tentam criar uma imagem negativa. Se aproveitam dessa gama enorme de informações que circulam no Brasil e no mundo inteiro. Então, ninguém consegue dar conta. No meio disso, tem toda essa

porcariada, que existe, por “n” razões - políticas, econômicas, sociais - e que reflete esse embate na sociedade, com as visões de mundo e interesses políticos. É bem difícil.

[01:17:24] Entrevistadora: Sim, é! Ainda mais nesse tempo em que há crises. Agora a gente está vivenciando a pandemia e o Brasil voltando para o mapa da fome. Eu estava conversando com um amigo, que é francês e que mora no Brasil. Ele estava me contando que lá, até pouquinhos anos, 2% da população se declarava de extrema-direita; hoje já é 40% do eleitorado.

[01:17:58] Entrevistada: Há um crescimento dessas ideias conservadoras...

[01:18:04] Entrevistadora: No mundo todo!

[01:18:09] Entrevistada: ... e extremistas, né? Esses ataques também à comunidade LGBTQI+, com muitos assassinatos... Realmente, tem muita intolerância. É absurdo! É o que todo mundo fala e eu concordo: “A existência das pessoas incomoda”. As pessoas se incomodam pelo outro existir como ele é. Há quem estimule essa intolerância, preconceito, discriminação. Isso acontece em todo lugar.

[01:19:04] Entrevistadora: São essas as minhas perguntas, Cecília. Você tem algo mais a colocar, algo mais a acrescentar, alguma dúvida?

[01:19:16] Entrevistada: Não, não. Se você tiver alguma dúvida depois ou se algo não ficou bem esclarecido... Eu também falei muito sem muita reflexão, mas dialogando com você. Mas estou à sua disposição, se você precisar de mais alguma coisa. Queria agradecer.

[01:19:39] Entrevistadora: Muito, muito obrigada. Eu queria agradecer também pelo seu tempo. Foi uma conversa longa. Falamos sobre bastante coisas e entramos em vários tópicos. Se você quiser acrescentar alguma coisa também, você me fala. Eu fico inteiramente à disposição. Se você quiser me mandar alguma coisa que você lembrou ou se você tiver alguma dúvida, é só você entrar em contato comigo. Pode ser pelo WhatsApp, pode ser pelo Facebook, pode ser por telefone. Eu fico por aqui. Muito, muito obrigada!

[01:20:21] Entrevistada: Está legal! Bom trabalho para você. Não é fácil, né?

[01:20:27] Entrevistadora: Não, não é fácil. Mas vai dar certo. Agora eu estou trabalhando com um tema que eu adoro. Acho que vai fluir bem. Muito obrigada!

[01:20:39] Entrevistada: Por nada! Um grande abraço para você e tudo de bom.

[01:20:42] Entrevistadora: Abraço! Tudo de bom também. Tchau, tchau.

Patrícia - leitora *Think Olga*

[00:00:01] Entrevistadora: Prontinho! Você mora no Rio Grande do Sul, né?

[00:00:04] Entrevistada: Sim!

[00:00:05] Entrevistadora: Eu sou gaúcha também. Eu moro em Brasília já tem 20 anos, mas eu sou gaúcha e estou sempre por aí, visitando a família.

[00:00:12] Entrevistada: Que legal!

[00:00:13] Entrevistadora: É em Porto Alegre mesmo que você mora?

[00:00:15] Entrevistada: Não. Eu moro em Novo Hamburgo, na região metropolitana.

[00:00:20] Entrevistadora: Qual é a sua profissão, Patrícia?

[00:00:22] Entrevistada: Eu sou psicóloga.

[00:00:26] Entrevistadora: Você fez faculdade então. Você tem pós-graduação?

[00:00:32] Entrevistada: Eu tenho mestrado.

[00:00:33] Entrevistadora: Ah, sim! Você tem mestrado. Legal!

[00:00:37] Entrevistada: Eu tenho mestrado, sou psicóloga, sou psicoterapeuta e sou professora universitária.

[00:00:43] Entrevistadora: Ah é? Onde? Alô?

[00:00:48] Entrevistada: Oi. Estou te ouvindo.

[00:00:50] Entrevistadora: Você é professora universitária aí mesmo?

[00:00:54] Entrevistada: Sim! Eu sou professora aqui em Novo Hamburgo, na Faculdade de Psicologia da IENH, Instituição Evangélica de Novo Hamburgo.

[00:01:06] Entrevistadora: Muito legal! Entrando agora nas perguntas que eu tenho para te fazer, eu queria saber primeiro se você se considera feminista e o porquê.

[00:01:17] Entrevistada: Sim! Eu me considero feminista. Por quê? Deixa eu ver se eu consigo resumir, senão a gente poderia ficar o tempo inteiro conversando. Eu acho que é a possibilidade de me construir mulher. Como já dizia a Simone, “não se nasce mulher; se

constrói essa mulher”. Acho que não basta ser mulher, para se construir feminista também, para, enfim, diminuir diferenças de gênero e minimamente pensar na possibilidade de um mundo diferente, que não seja baseado no patriarcado capitalista. Resumidamente, é isso.

[00:02:28] Entrevistadora: Beleza! Você disse que se considera feminista, mas eu queria entender o que é ser feminista para você.

[00:02:39] Entrevistada: Ser feminista, para mim, é lutar contra as opressões contra as mulheres; é lutar para acabar com a desigualdade de gênero; é lutar contra tanta violência, não só contra as mulheres, mas para uma série de minorias, que não são tão minorias assim em número e quantidade. É essa possibilidade de um mundo mais justo, mais igual, sem tanta violência e sem tanta opressão. Eu acho que isso se dá, fundamentalmente, a partir da forma que as mulheres se posicionam, mas não só. São as mulheres pretas, são os indígenas, são os LGBTQIA+, os usuários do serviço de saúde mental (que têm sofrimento mental), todas as pessoas que não estão em uma posição hegemônica, de maior dominação. Eu sou uma mulher branca, com uma série de privilégios. Como eu posso te dizer? Eu me reconheço nesse lugar, mas, ao mesmo tempo, sinto uma necessidade de me desconstruir desse lugar o tempo inteiro, para, não exercer uma sororidade, mas para enxergar as diferenças das pessoas, principalmente das menos privilegiadas, que também estão muito perto de mim e que eu faço um esforço para enxergar elas todos os dias, para elas não passarem em branco. Acho que o feminismo me ajuda a rever que lugar é esse.

[00:05:08] Entrevistadora: Interessante isso que você falou. Eu fiz uma entrevista com uma colunista da *AzMin* e, quando eu coloquei essa pergunta para ela, sobre o que é feminismo, ela fez uma reflexão dizendo que ela acha que o maior desafio do feminismo, para ela, é justamente se desconstruir. Ela comentou que ela teve um filho há pouco tempo - uma menina, e que a menina dela não tem a orelha furada e não anda sempre de rosa e que, muitas vezes na rua, as pessoas acham que é um menino. Ela fica com raiva, não gosta. Mas ela comentou que um dia ela estava andando na rua, viu um bebê vestindo uma roupa verde, o bebê não estava de brinco, e ela achou que fosse um menino, mas era uma menina.

[00:06:03] Entrevistada: Eu acho muito isso: o feminismo, para mim, é um processo intelectual, prático, da vida, de sair desse lugar que eu ocupo, para conseguir ver o mundo de outra forma, para além de uma questão teórica. Eu não tenho uma formação teórica sobre o feminismo, mas eu venho me aproximando cada vez, por leituras, grupos de leituras coletivas que leem algumas autoras feministas. Eu tento esse exercício, tanto na construção da minha vida - eu tenho um filho homem... Mais ainda, eu tenho a preocupação de tentar educar um menino de um jeito não machista, mas eu acho que a gente se depara com isso em todos os momentos. Como eu lido com a criação do meu filho, que ainda é criança, mas que vive no mundo em que nós todos vivemos? Eu tenho que pensar o que eu consigo reverter minimamente esse processo. O momento que a gente vive já é bastante; não é pouco.

[00:07:56] Entrevistadora: Eu queria saber se você se lembra - pode ser mais ou menos - de uma ocasião específica que tenha te despertado para essa sua afinidade com a pauta feminista. Quando e como você se descobriu feminista? Você se lembra?

[00:08:15] Entrevistada: Não tem uma situação, em especial, mais marcante, mas tem uma série de vivências. Eu não sei se eu me descobri feminista, para poder falar isso. Eu tenho 46 anos e isso é relativamente recente. Mas eu sempre me vi assim. Uma coisa que eu tenho me lembrado, desde o ano passado para cá, é que eu fiz na escola um trabalho com mais de três amigas - eu nem me lembro exatamente qual era a proposta do trabalho - que era sobre alguns personagens da literatura, da arte. A gente fez sobre Joana D'Arc, Maria Bonita e agora não me lembro quem eram as outras. Enfim, eram quatro mulheres marcantes na história da humanidade. Eu não me lembro de pensar: "Vamos colocar as mulheres, por uma questão biológica, feminista". Era algo que aparecia na minha vivência. Acho que eu sempre fui uma pessoa que exerci certa liderança e sempre precisei batalhar para que a mulher pudesse ocupar espaços de liderança. A outra experiência que eu tenho importante na minha vida foi de uma mãe, que nunca se disse feminista - muito pelo contrário -, mas, no meu entendimento, teve algum comportamento em busca de liberdade e de autonomia da mulher, que foram muito marcantes, no sentido de fazer cursos que ela gostaria. Na década de 80,

ela deixava filhos e maridos em casa, para estudar em Porto Alegre, porque ela queria estudar. Não era um curso que exigia no trabalho dela, porque isso ela já fazia. Era uma mãe que gostava do seu trabalho, que gostava de trabalhar, que não se sentia tão identificada com a maternidade, que sempre me intrigou, desde criança; e uma mãe que depois opta por uma separação, mesmo com a dor de viver isso. Ela sai de casa, em um modelo pouco comum naquela época, que é os filhos que ficam com o pai. Isso marcou muito a minha vida pessoal e me fez repensar uma série de coisas enquanto a mulher que eu me construí.

[00:11:58] Entrevistadora: Sua mãe, você diz que ela gostava muito do trabalho. Ela trabalhava com o quê?

[00:11:53] Entrevistada: Ela era professora.

[00:11:54] Entrevistadora: Ela era professora também?

[00:11:56] Entrevistada: É!

[00:11:57] Entrevistadora: Legal! Como você acha que essa sua identificação com o feminismo afetou e afeta ainda a sua vida?

[00:12:08] Entrevistada: Eu acho que afeta muito. Demais! Cada vez mais! Cada vez que eu leio mais mulheres, estudo mais mulheres. Como psicóloga e como psicoterapeuta, a grande maioria das pessoas que a gente recebe no consultório são mulheres ainda. Então essa escuta de mulheres tem se qualificado muito a partir do meu conhecimento sobre feminismo, né? Eu trabalho também com políticas públicas. Não é algo específico sobre políticas para mulheres, mas eu trabalho com políticas de segurança. Essa relação com o feminismo, na verdade, traz muitas alegrias e muitas dificuldades para a gente, porque a gente fica cada vez mais crítica e enxergando coisas que não gostaria de ver. É uma lente de aumento que faz a gente olhar o mundo com outros olhos. Ao mesmo tempo, a gente vira certo alvo. Eu escrevo no jornal da cidade também. São questões que aparecem de uma forma muito evidente na minha escrita, no meu fazer profissional, no meu trabalho e na minha vida pessoal. Na verdade, o feminismo me causa uma série de problemas, mas são aqueles problemas necessários e importantes, para a gente conseguir ficar com mais liberdade, com mais autonomia. É, ao menos, uma tentativa de busca.

[00:14:08] Entrevistadora: Eu vi que você escreve. Eu vi no seu perfil no Facebook os seus textos, que são de uma sensibilidade, de uma delicadeza tocante. Eu queria saber se, além da escrita e do seu trabalho, você participa de algum grupo ou coletivo de militância feminista ou que aborda a temática do feminismo.

[00:14:33] Entrevistada: Eu participo do grupo de leitura Leia Mulheres de Nova Hamburgo. É um grupo que funciona em todo o Brasil, mas o que eu participo é aqui na minha cidade. Eu comecei a participar no final de 2019. Isso tem mudado. É claro que eu não leio só mulheres, mas nesse grupo sim. Através desse grupo, no ano passado, o da pandemia, eu acabei participando de outros grupos também. Tive a possibilidade de ler Simone de Beauvoir, de ler *O Calibã e a Bruxa*. Na verdade, eu participo de alguns coletivos que não têm essa questão específica do feminismo, mas grupos de consumo consciente, que tem a questão do feminismo que atravessa o tempo inteiro; tem o Leia Mulheres, que é pela via da literatura. Tem outros grupos que eu participo, mas não de maneira permanente, mas quando eu consigo, que é o coletivo Para Todas. As organizadoras não são cariocas, mas moram no Rio de Janeiro. Enfim, tenho cada vez mais me aproximado de movimentos e de pessoas. Tem um grupo daqui da cidade, chamado Mulheres na Resistência, que é um grupo progressista - é um grupo dos partidos de esquerda da cidade. Eu, por exemplo, não sou filiada a nenhum partido, então não é só para pessoas filiadas. É uma tentativa de tentar aproximar mulheres para discutir ideias e para se mobilizar para algumas coisas. Na verdade, eu estou lembrando que eu também participo de outro coletivo feminista, que é o Elza Soares, aqui da cidade também. Eu acabo, pelas demandas de trabalho, nem sempre conseguindo participar ativamente. Por exemplo, nas manifestações agora do Fora Bolsonaro, eu sempre me fazia presente também, através dos coletivos. Mas eu gostaria de participar bem mais.

[00:17:21] Entrevistadora: Essas suas participações são presenciais? Por causa da pandemia, está mais complicado, mas você falou que foi às manifestações. Está tendo encontro presencial? Os grupos já voltaram?

[00:17:36] Entrevistada: Para as manifestações, sim. Não só do Fora Bolsonaro, mas também em algumas outras situações, mas poucas ainda.

[00:17:45] Entrevistadora: Sim! Aqui também.

[00:17:52] Entrevistada: Nesses coletivos, tem algumas amigas, colegas de trabalho, advogadas. Eu tenho também me aproximado de um trabalho, que eu não faço muito e é relativamente novo, mas que é também trabalhar com advogadas feministas, já que eu me considero também uma psicóloga feminista. A gente tem feito alguns trabalhos juntas de pleitear ações, de arrecadar alimentos e algumas questões de trabalho mais voltadas para mulheres. A partir disso, eu vou te falar: quando você entrou em contato, eu fiquei feliz. Achei muito legal esse seu olhar, o seu objeto de pesquisa, de pensar em uma questão que a gente fala sempre, que eu imagino que você já tenha escutado e já tenha falado que é o quanto as mulheres têm avançado, mas, ao mesmo tempo, o quanto a gente está engatinhando.

[00:19:07] Entrevistadora: É uma contradição.

[00:19:09] Entrevistada: É, é muito paradoxal. No *Think Olga*, eu estou sempre indo ali para pensar coisas que, até então, eu não tinha pensado. Eu acho que é uma referência super importante. Eu não vejo políticas públicas para as mulheres sendo executadas, sendo comentadas. Eu acho que o *Think Olga* denuncia isso, dizendo: por que só investir em termos de dinheiro em políticas para as mulheres? Isso eu enxergo cotidianamente na minha cidade, que é onde eu realmente circulo, que não existe esse investimento.

[00:20:01] Entrevistadora: Elas trazem muitos dados. Eu já li alguns estudos também que apontam justamente isso: essa limitação dos canais, tanto de produção de conteúdo noticiosos quanto os de ativismo feminista, que muitas vezes não conseguem ir além daquilo de mobilizar as pessoas digitalmente, fazer alguns atos pontuais. São dificuldades, é verdade, mas, ao mesmo tempo, elas têm uma equipe muito pequena. Eu já conversei com algumas moças até agora. Eu já comecei a conversar com as produtoras de conteúdo e é complicado, porque é muito assunto, é muita coisa para abordar e pouca gente. Então, na verdade, elas fazem um trabalho sensacional.

[00:20:52] Entrevistada: Sim! Aqui em Porto Alegre também. Eu acho que é isso: a gente precisa falar disso. Para falar disso, você pode também chamar a Amanda.

[00:21:17] Entrevistadora: Eu vi que você compartilhou que ia acontecer a entrevista. Eu também assisti. Foi ótimo!

[00:21:26] Entrevistada: É isso também do nosso cotidiano, e não só quem está nessa frente militante. Eu, por exemplo, nem sempre consigo estar, apesar de querer estar. Mas que a gente faça a desconstrução no cotidiano mesmo.

[00:21:43] Entrevistadora: Você me contou que ser feminista, para você, muitas vezes acarreta problemas. Eu queria entender se, de alguma forma, você se sente acuada por se identificar com a causa feminista.

[00:21:57] Entrevistada: Em alguns momentos, sim.

[00:22:01] Entrevistadora: Como?

[00:22:04] Entrevistada: No olhar repressor de algumas mulheres.

[00:22:08] Entrevistadora: De mulheres mesmo?

[00:22:10] Entrevistada: É, de mulheres mesmo. Acho que é o que mais me pega.

[00:22:19] Entrevistadora: Eu acho que é o que mais nos dói, né?

[00:22:21] Entrevistada: É! Dói, exatamente, como se isso fosse uma briga. Principalmente de mulheres que se sentem muito solitárias - o pessoal da minha família; minha própria mãe, por exemplo, que já fez a sua caminhada de vida; e mulheres que não enxergam a questão da sororidade e que ficam perpetuando aquilo que eu acho que todas nós já reproduzimos em algum momento, que é essa situação do patriarcado, que é a competição feminina, a aniquilação da força feminina, essa sensação da síndrome de impostora (que parece que todas temos e que precisamos lutar contra). Então, eu acho que os momentos em que eu me senti mais acuada foram com aquela sensação de que ainda dói, que questiona o quanto você pode e o quanto você vai sustentar a sua posição, em relação a algumas mulheres. Mas eu já tive alguns ataques por manifestações - em redes sociais, por exemplo - de homem de poder da cidade, por conta de eu ter uma voz ativa e querer me posicionar, com, inclusive, ameaças: que condição eu achava que eu tinha de exercer o meu trabalho, falando que eu estava questionando determinadas coisas e sendo agressiva? Eu falar o que eu pensava era

ser agressiva. Eu cheguei a ficar bastante abalada - foi em dezembro do ano passado - e fiquei esgotada.

[00:24:36] Entrevistadora: Isso foi no digital, essa violência?

[00:24:40] Entrevistada: Foi! Foi em uma rede social e depois eu recebi um e-mail dessa pessoa, dizendo que poderia me expor. Era um jornalista conhecido da cidade, então ele poderia fazer uma matéria sobre essa situação.

[00:25:03] Entrevistadora: É difícil, né? Essa era justamente a minha próxima pergunta: se você já teria sofrido algum tipo de ameaça ou violência por se alinhar com o feminismo.

[00:25:12] Entrevistada: Eu acho que essa foi uma excelente situação, apesar de sofrer várias outras, no trabalho. Eu estou nesse momento em uma corporação de segurança pública municipal, na qual o efetivo é maioria homem. Eu fui questionada sobre comportamentos. Eu me senti de certa forma ameaçada também. Mas consegui lidar com isso no meu trabalho. É uma espécie de assédio, tanto ascendente quanto descendente.

[00:25:56] Entrevistadora: Que bom que você conseguiu contornar, sem deixar de expor as suas perspectivas.

[00:26:07] Entrevistada: Eu tento. É uma batalha cotidiana.

[00:26:09] Entrevistadora: No meu trabalho, a gente está tentando criar agora... O meu trabalho é um ambiente bem tradicionalista. Eu sou servidora pública. Neste ano, no dia das mulheres, a gente fez uma roda de conversa para falar sobre feminismo, só que a gente não podia denominar que era feminismo. Deu super certo! Mas teve gente que achou um absurdo. Mandaram e-mail para o RH, dizendo que era inaceitável. Mas várias mulheres adoraram a iniciativa. A gente fez de novo no dia das mães, para falar de maternidade de um jeito mais sincero, e agora eu estou conseguindo criar um fórum de equidade, de inclusão e de diversidade, dentro do trabalho.

[00:26:58] Entrevistada: Aqui, é uma corporação para trabalhar com prevenção à violência, que representa as forças de segurança do nosso país. Então, tem muitos servidores que têm situações de Maria da Penha e por aí vai. Antes da pandemia ainda, eu solicitei ao município vizinho... Eles tinham produzido uma exposição de fotos de mulheres agredidas, que, na

verdade, foram fotos produzidas. Eu não lembro exatamente o nome da exposição, mas era um diário com trechos de músicas conhecidas e machistas, com a figura das mulheres agredidas. Eu pedi emprestado para a gente fazer essa exposição aqui no trabalho. Teve toda uma negociação. Eu tive que pedir autorização para o diretor, o que é de praxe. O diretor estava de férias, então eu tive que pedir para o diretor interino. A montagem da exposição aconteceu no dia em que o diretor voltou de férias. Ele estava voltando. A exposição durou duas horas.

[00:28:23] Entrevistadora: Duas horas?

[00:28:25] Entrevistada: É! Mandaram retirar! Eu fiquei muito impactada, mas eu já esperava. Óbvio que eu não sabia que ia ser tão rápido. Ele me trouxe que foram algumas servidoras mulheres, que se queixaram. Estava em um espaço que era um espaço público aqui dentro, mas era uma intervenção institucional que eu estava fazendo. Foi bem impactante!

[00:29:00] Entrevistadora: Sim, com certeza! Triste!

[00:29:03] Entrevistada: Mas teve um efeito! Teve um efeito!

[00:29:07] Entrevistadora: Embora tenha durado só duas horas, porque não deixaram continuar, acho que devem ter falado bastante do assunto depois. Repercutiu! Você me contou que você participa de coletivos. Eu queria saber se você convive com pessoas que partilham do ponto de vista feminista e como é a sua relação com essas pessoas.

[00:29:30] Entrevistada: Sim! Graças a mim e a essas pessoas, o meu ciclo de amizade, de certa forma tem mudado. (inaudível) também é um dos problemas, mas são escolhas que a gente vai tendo que fazer, o que não me impede de manter um afeto por amigas, mas não são mais essas pessoas que eram as minhas melhores amigas, por conta do que eu tenho compartilhado, que é o sentimento de (inaudível). Então, há uma renovação de pessoas na minha vida, por conta disso também. O feminismo tem lugar importante para essa mudança. Não só em relação a mulheres, mas a homens também. Eu me esforço para pensar que possam existir homens feministas, mas eu não estou convencida disso.

[00:30:24] Entrevistadora: Que engraçado! Já é a terceira pessoa que comenta isso comigo, que é necessário ter os homens apoiando a luta feminista, mas com essa dúvida se é possível que eles sejam feministas também.

[00:30:59] Entrevistada: É uma dúvida que eu tenho. Acho que não é simples. Eu não quero perder as esperanças, entendeu? Talvez nem seja uma dúvida, mas seja uma certeza. Mas eu quero manter as esperanças. Até porque eu tenho um filho homem.

[00:31:18] Entrevistadora: É um desafio para todo mundo, já que estamos todos dentro de uma sociedade patriarcal.

[00:31:25] Entrevistada: Mas eu convivo com homens. O meu pai é uma referência de homem que divide tarefas. O pai do meu filho também, que é um homem com quem eu fui casada por bastante tempo. Um namorado recente também. Eu acabo escolhendo homens para conviver que tenham uma sensibilidade em relação a isso e que se esforçam. Nem sempre eles conseguem, mas se esforçam.

[00:32:02] Entrevistadora: Você tinha falado um pouquinho sobre a sua mãe. Agora, você comentou sobre o seu pai. Eu queria saber como essa identificação com a causa feminista se reflete no seu convívio familiar.

[00:32:14] Entrevistada: Muito! O meu pai é um homem muito legal. Em compensação, o meu irmão, não. O meu irmão é um homem extremamente machista.

[00:32:28] Entrevistadora: Você só tem um irmão?

[00:32:29] Entrevistada: É! Inclusive, eu já fui agredida por ele, em uma situação anterior. Não era a intenção, mas foi. É algo bem difícil na minha vida essa relação com esse irmão, que teve uma separação recente da sua esposa, que também estava em uma situação de violência, não física, mas psicológica. Eu participei e precisei ter um papel muito ativo, para variar, na família. Há uma proteção, mesmo que tenha um sofrimento, desse homem e, ao mesmo tempo, das dificuldades dele. Há uma proteção extrema! Isso, nas minhas relações familiares, também... Não só na família pequena, mas na família maior também. É isso: cada vez salta mais aos olhos a questão do machismo.

[00:33:49] Entrevistadora: O seu filho tem quantos anos?

[00:33:52] Entrevistada: Meu filho tem nove.

[00:33:53] Entrevistadora: Nove! Bonitinho! Você tenta imprimir, na sua rotina e no seu convívio com ele, preceitos feministas?

[00:34:02] Entrevistada: Eu tento. Mas eu já fui mais incisiva com isso, na minha primeira fase de mãe, porque era uma coisa que me alardeava. Hoje em dia, eu estou tentando ser mais inteligente, porque senão ele repele. “Ai, mãe! Segura essas suas ideias e suas ditaduras”. Ele fala: “Está parecendo Bolsonaro”, “Você está sendo uma ditadora”. Ele sabe que vai pegar em uma ferida. Eu tenho tentado fazer um pouco o que eu te falei antes, em relação ao feminismo, que é mostrar alguma coisa do cotidiano mais do que só falar disso. Mas ele tem um pai que lava louça, que lava roupa, que cuida dele, e tantas outras coisas, que eu valorizo no pai dele e valorizo nele. Eu já tento desconstruir nele, mas eu penso que é um grande desafio. Eu tento falar com ele sobre quem é a Frida Khalo. Ele ficou muito impressionado, porque aconteceu um acidente muito grave. A gente traz um pouco histórias de algumas mulheres. Mas eu também faço isso com artistas em geral, e não só com mulheres, ou com grandes figuras. Eu tenho tentado fazer isso de uma maneira... como eu posso te dizer?

[00:35:56] Entrevistadora: Menos enfática?

[00:35:57] Entrevistada: Talvez menos estereotipada. Eu acho que às vezes o feminismo cai um pouco nisso. Eu acho que às vezes isso é necessário, mas às vezes eu tento trazer uma certa suavidade.

[00:36:12] Entrevistadora: É engraçado isso com criança! A minha irmã está fazendo 14 anos agora. Quando ela tinha essa faixa etária do seu filho, eu lembro que, todo dia, quando eu ia buscar ela na escola - eu estava me descobrindo muito fortemente feminista e estava empolgada com o assunto - no caminho, eu ia conversando sobre mulheres e sobre os direitos das mulheres e tentando incutir na cabeça dela os ideais feministas. Um dia, a minha mãe foi buscar ela na escola. Acho que elas ouviram uma notícia na rádio e elas foram falar sobre isso também (sobre mulheres e o espaço das mulheres na sociedade). Minha irmã olhou para a minha mãe e disse: “Mamãe, a gente podia só hoje falar sobre outra coisa? É porque todo dia a Mariana conversa sobre isso comigo”.

[00:37:05] Entrevistada: É tipo isso! Esse ativismo nosso precisa, de certa forma... Não sei! É uma coisa que eu tenho pensado há pouco tempo e só comigo mesmo. As crianças já têm tanta informação e o mundo está mudando tanto em relação a essa questão. Acho que elas têm muito acesso, então acho que a gente precisa ajudar elas a reivindicar isso no cotidiano mesmo.

[00:37:38] Entrevistadora: Acho que tem formas mais sutis de fazer.

[00:37:42] Entrevistada: É! Na separação do tio e da tia, por exemplo: “O que está acontecendo?”. Eu tentei conversar, explicar algumas coisas. Exemplos de situações não nos faltam para esclarecer.

[00:37:59] Entrevistadora: Você tinha comentado também sobre as suas amigas de antes de você se aproximar do feminismo. Eu queria entender um pouco mais sobre como o seu alinhamento com a causa feminista se reflete na sua convivência com amigas e com amigos também.

[00:38:21] Entrevistada: Eu moro em uma cidade um tanto conversadora. Sou de classe média-alta, branca, de origem alemã. Você pode ter uma ideia. Isso não é a primeira vez que acontece na minha vida de ter uma mudança significativa nas relações, em função das coisas que eu estudei. Psicologia é um curso que muda muito as pessoas que vão para o curso. Tem um processo de mudança pessoal muito intenso. Ali já foi uma primeira etapa. Depois da minha separação e me assumir uma mãe solo, apesar da presença permanente do pai do meu filho na vida dele e na minha também, acho que tive outra grande mudança na minha vida. Com isso, algumas novas amizades, uma necessidade de estabelecer amizades com pessoas que conseguiam estar mais próximas de mim e desse tipo de pensamento. Tenho amigas e maridos de amigas que são amigos também. Não há onde pensar em homem em uma relação homem-mulher, uma relação amorosa. Isso eu acho que eu sempre fiz e que é algo que sempre me acompanhou - homens que valorizam as mulheres, homens que respeitam, homens que têm esse senso de equidade na sua vida. Eu acho que isso só se reforçou.

[00:40:22] Entrevistadora: E no seu trabalho?

[00:40:25] Entrevistada: No meu trabalho, também. A psicologia é uma área que tem muitas frentes interessantes, mas, ao mesmo tempo, também tem muita gente conservadora. Claro que eu vou me aproximar das pessoas que conseguem considerar essas situações. Para você ter uma ideia, essa semana - segunda-feira -, teve um evento na faculdade em que eu trabalho, sobre a interface da Psicologia com o Direito, pegando principalmente a questão do direito da mulher e das famílias, que é algo que tem mudado tanto. Tivemos que escutar uma advogada e uma psicóloga mulher, que era as convidadas do evento, falando de situações muito machistas ou tendo um discurso - tentando não ter uma prática, mas com um discurso muito machista ainda, do tipo: "Quem faz alienação parental é a mulher".

[00:41:47] Entrevistadora: Elas que estavam apresentando?

[00:41:52] Entrevistada: É! Eram convidadas de fora, para falar da temática. Essa questão da alienação parental - eu não trabalho com crianças, mas com adultos -, não é o meu foco de trabalho, mas eu me sinto comprometida com isso, até porque eu atendo mulheres, de repensar essa questão da alienação parental. Inclusive, eu fui buscar no *Think Olga* também e em outros, para ver o quanto isso está sendo falado.

[00:42:32] Entrevistadora: É pouco falado mesmo!

[00:42:34] Entrevistada: No Brasil, ainda acho que é um dos lugares mais atrasados. Eu falei com uma amiga advogada também, que também é crítica desse machismo. Mas eu procurei entender também e ver que as pessoas não conseguem dar conta de todas essas mudanças que estão acontecendo e não conseguem processar tudo com a velocidade que as mudanças estão ocorrendo. Então, a gente precisa falar e escutar melhor, para que as pessoas tenham oportunidade de entender.

[00:43:13] Entrevistadora: Às vezes, o que falta é o debate e a reflexão. As pessoas não tiveram a oportunidade de parar e pensar sobre.

[00:43:21] Entrevistada: Exatamente! Foi até nessa semana, que eu fiz um movimento de tentar marcar um café com uma colega, que é psicóloga, que é professora nessa faculdade, que trabalha na prefeitura também, na psicologia jurídica, para conversar sobre isso: o que

ela está pensando a respeito dessa questão de alienação parental, como ela está enxergando isso. Foi no sentido de começar a travar esse diálogo, de criar esse diálogo.

[00:43:56] Entrevistadora: Entrando, agora, um pouquinho mais na temática da mídia mesmo. Como você acha que a mídia tradicional, hegemônica, aborda a temática da violência contra a mulher?

[00:44:11] Entrevistada: Eu vou ser bem honesta. Eu quase não vejo mais essa mídia. Eu não assisto TV, por exemplo; em jornal, por exemplo, eu só vejo as coisas que me interessam (*Folha de S.Paulo* e um ou outro que eu acompanho nas redes sociais). Eu cansei! Nesse sentido, eu vou mais pontualmente naquilo que eu tolero, naquilo que me interessa, porque eu acho que é extremamente massificadora a violência contra a mulher nessas situações. Acho que tem alguns pequenos movimentos de mudanças, que se representam bastante, mas que não estão livres. Na verdade, nenhum de nós está livre de se equivocar, de se atrapalhar. Acho que é preciso construir ideias e vivências mais sólidas para isso. Eu acho que a mídia é assim: ela alimenta a opressão contra as mulheres, a violência contra a mulher, coloca a mulher nesse lugar de consumidora (o que não deixa de ser uma objetificação da mulher), tem a questão da ditadura da magreza e da imagem corporal da mulher.

[00:45:41] Entrevistadora: São muitas imposições, né?

[00:45:55] Entrevistada: Da moda. Então, eu acho que, no geral, é tudo muito pesado. Eu tento focar bastante, para não me importar com isso. Eu não quero perder tanto tempo.

[00:46:14] Entrevistadora: Você falou que filtra e que você não acompanha muito, mas eu queria, mesmo assim, perguntar se você acha que a mídia, como um todo, trata do machismo estrutural na sociedade. Se você acha que sim, como?

[00:46:32] Entrevistada: Não. Eu acho que não. Eu acho que tem algumas mídias alternativas que tentam tratar. Mas eu acho que a mídia geral, não. Pelo contrário!

[00:46:45] Entrevistadora: Além das mídias feministas, você acompanha outras mídias alternativas?

[00:46:50] Entrevistada: Sim! Eu acompanho *Mídia Ninja*, eu acompanho o *El País*, eu acompanho... Eu tento acompanhar.

[00:47:15] Entrevistadora: Como você acha que a mídia aborda (pode ser a mídia tradicional ou a independente) a temática da descriminalização do aborto?

[00:47:30] Entrevistada: Eu acho que a mídia tradicional é bem tradicional. Talvez ela até tente trazer o outro lado, mas sempre tem esse olhar que culpabiliza a mulher; também tem a questão religiosa. Já as mídias alternativas, eu vejo que elas têm conseguido trazer mais dados, sobre os movimentos da América Latina, como um todo, para mostrar o quanto o Brasil está em retrocesso, em relação aos outros países, que têm feito alguns projetos.

[00:48:28] Entrevistadora: Entrando um pouco mais nas questões relativas às iniciativas de midiativismo feminista, o que te motiva a acompanhar os trabalhos da *Think Olga* ou de outros canais de midiativismo feminista?

[00:48:45] Entrevistada: Eu acho que são canais que eu confio e que me dão uma referência para eu pensar sobre as questões que venho pensando ou que eu não tinha pensado ainda, como, por exemplo, essa questão da alienação parental, que é relativamente recente que eu estou pensando sobre. Eu acho que são canais que trazem pessoas, mulheres, que pensam, que conseguem ser transversais às disciplinas, que não vão pensar só a partir do olhar da psicologia, ou só a partir do olhar da sociologia ou da educação, mas vão pensar a nível de movimento social mesmo. Eu acho que são algumas contas que eu consigo, que eu acho que são confiáveis, mas que eu ainda acho que tem preciosidades nisso, para a gente buscar, compartilhar. Eu acho que é fundamental pensar.

[00:50:08] Entrevistadora: Quais são as que você confia?

[00:50:12] Entrevistada: *Think Olga*, (inaudível) daqui de Porto Alegre, tem a Clínica Feminista da UFRGS - de psicólogas, professoras, colegas e amigas.

[00:50:25] Entrevistadora: Eu não conheço. Eu vou procurar inclusive.

[00:50:28] Entrevistada: É no Instagram! Se você não achar, você faz contato comigo.

[00:50:34] Entrevistadora: É Clínica Feminista?

[00:50:35] Entrevistada: Clínica Feminista da UFRGS, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tem a Bancada Feminista, que é do PSOL. O que mais? Tem a do Instituto

Se Eu Fosse Você, que é um instituto da Manu. Também algumas mulheres que estão na política.

[00:51:06] Entrevistadora: Algumas figuras específicas, né?

[00:51:08] Entrevistada: É! A Manu, a Maria do Rosário, a Melchionna - são essas as que eu acabo acompanhando um pouco mais.

[00:51:25] Entrevistadora: Você acompanha a *Think Olga*. Você se lembra quando você conheceu o trabalho da iniciativa e como foi?

[00:51:41] Entrevistada: Eu acho que deve ter uns dois ou três anos. Eu não lembro, para te dizer como foi. Acho que foi no meu percurso de trabalho, como psicóloga ou trabalhadora da segurança.

[00:52:01] Entrevistadora: Pesquisando sobre essas temáticas, né?

[00:52:06] Entrevistada: É. Ou em alguns seminários de gênero, que eu acompanho. Algumas iniciativas acabam trazendo. Como é aquele movimento?

[00:52:30] Entrevistadora: Essas campanhas pautadas em *hashtags* (#MeToo)? Elas fizeram a Chega de Fiu Fiu, em 2015, quando surgiu a *Think Olga*. Você chegou a participar ou você acompanhou alguma dessas campanhas?

[00:52:51] Entrevistada: Eu acompanhei um pouco.

[00:52:55] Entrevistadora: Mas não escreveu suas histórias, né?

[00:52:58] Entrevistada: Não.

[00:53:00] Entrevistadora: Você sabe por qual dispositivo (computador, celular, *notebook*) geralmente você acessa os conteúdos de midiativismo feminista?

[00:53:11] Entrevistada: Geralmente, do celular. Mas do computador também. Eles aparecem nas redes sociais, aí eu entro mais pelo celular. Quando eu vou no site, eu faço isso quando estou trabalhando no computador.

[00:53:37] Entrevistadora: Você acessa mais pelas redes sociais ou pelo portal mesmo?

[00:53:41] Entrevistada: Eu acesso mais pelas redes sociais. Mas se tem alguma coisa mais específica que me interessa para ler a matéria inteira, para comprar alguma coisa ou para pesquisar alguma coisa, eu prefiro ir pelo site pelo computador.

[00:53:58] Entrevistadora: De onde você costuma acessar: de casa, do trabalho, da rua?

[00:54:04] Entrevistada: De casa e do trabalho. Eu trabalhei bastante de casa. Agora que eu estou voltando.

[00:54:13] Entrevistadora: Você sabe, mais ou menos, com que frequência você acessa os conteúdos?

[00:54:19] Entrevistada: Várias vezes por semana.

[00:54:26] Entrevistadora: É mais de manhã, de tarde, de noite?

[00:54:30] Entrevistada: Não tem horário definido.

[00:54:36] Entrevistadora: Depende muito, né? Você lembra de alguma matéria ou algum conteúdo da *Think Olga* que te marcou mais?

[00:54:46] Entrevistada: Sim! Uma que falava de um 0800 e do 153, que é aquela ligação direta contra violência doméstica contra a mulher. Estava sendo tão falado do ano passado para cá.

[00:55:15] Entrevistadora: Porque aumentaram muito os casos.

[00:55:17] Entrevistada: Ao mesmo tempo, eu fiquei impactada por esse conteúdo. Tinha isso, mas “O que eu faço com isso? Que encaminhamento eu dou para isso?”. É o que eu enxergo, quando se vai olhar os fluxos de violência nos municípios. “O que você faz com isso?” Que estrutura que tem? Que investimento tem para pensar em um abrigo que acolha a mulher em uma cidade que não tem, em uma cidade grande como essa, que é de médio porte, mas é referência aqui no Vale? O que você faz? Eu vejo as mulheres...

[Trecho retirado a pedido da entrevistada]

[00:58:31] Entrevistadora: Esse número - 153 - é o da Maria da Penha, né?

[00:58:38] Entrevistada: É. Eu acho que é o número de violência doméstica. Tem o 180. Não! É o *HeForShe* o que eu te falei.

[00:58:55] Entrevistadora: A *hashtag*?

[00:58:56] Entrevistada: O He For She é um programa, né?

[00:59:01] Entrevistadora: Da ONU, né?

[00:59:02] Entrevistada: Exato! Tem até um *folder* aqui na minha sala de termômetro do perigo, da Procuradoria das Mulheres e da Prefeitura de Novo Hamburgo, para ligar para o 180 ou buscar Procuradoria da Mulher. Esses números todos, que se divulgam como possibilidade: O que você faz com isso? Que encaminhamento se dá? Para onde se leva? Como se protege? Que recursos a gente tem mesmo para proteger as mulheres?

[00:59:48] Entrevistadora: É muito delicada essa situação! É complicada! Falando mais da cobertura da *Think Olga* e dos veículos de ativismo feminista: você consegue apontar diferenças que você enxergue entre a cobertura da mídia tradicional e desse tipo de iniciativa?

[01:00:13] Entrevistada: Sim! É muito mais crítico, muito mais fundamentado. Tem todo um conhecimento que fundamenta essas matérias, com informações, dados. Não me parece que há uma manipulação. É o contrário! São iniciativas confiáveis. Não tem - eu, ao menos, não enxerguei - notícias falsas, que é diferente da imprensa tradicional, que a gente não confia mais. Também tem todo um caminho, que parece que é da militância, dessas iniciativas.

[01:01:05] Entrevistadora: Você consegue ver semelhanças entre elas?

[01:01:26] Entrevistada: Não. As que eu acompanho são as que eu considero mais fidedignas. Acho que elas... Como eu posso te dizer? Deixa eu pensar. Não sei se é uma semelhança, mas eu vou te dizer uma coisa que eu não tenho certeza. Eu sempre fico pensando: "O que faz?". Claro que fornecer conteúdos e matérias é algo prático. Mas o que a gente faz para mudar o que incomoda? A gente cutuca os movimentos, os poderes, para isso acontecer. Eu não vejo algo mais concreto. Eu acho, por exemplo, que a *Think Olga* faz um grande trabalho. Não sei se dá para chamar de semelhança. Eu acho que a mídia tradicional está super acomodada.

[01:02:45] Entrevistadora: Você fala de efetivamente tornar aquilo em uma política pública?

[01:02:49] Entrevistada: É, uma prática de melhores iniciativas para as mulheres. Em geral, seria política pública, mas não só necessariamente.

[01:03:03] Entrevistadora: Você sabe que a diretora executiva da *AzMina*, com quem eu falei, me contou que uma das grandes alegrias delas é esse sentimento de que elas efetivamente conseguem fazer algo pelas mulheres, porque elas recebem semanalmente mensagens de

mulheres agradecendo e contando histórias, falando que sofriam alguma violência e, ao se depararem com o conteúdo da revista, mudaram, conseguiram vislumbrar coisas para a vida delas, que antes não enxergavam. Isso foi uma mudança.

[01:03:40] Entrevistada: Que bom! Em Porto Alegre tem uma ocupação de mulheres - que agora me fugiu o nome, que eu acompanho também. Acho que é legal também se aproximar.

[01:03:58] Entrevistadora: É uma ocupação de algum movimento - uma ocupação física mesmo?

[01:04:03] Entrevistada: É uma ocupação mesmo de mulheres que, com a pandemia... Já era anterior, pelo que eu sei. Elas foram morar no prédio que estava desocupado em Porto Alegre. Elas correram risco mesmo de perder. Elas foram retiradas, no inverno antes da pandemia. Depois eu posso te passar. Chega no final da semana, eu não lembro.

[01:04:46] Entrevistadora: Acontece! A gente vai cansando mesmo.

[01:04:50] Entrevistada: Sim! Mas depois eu te passo.

[01:04:52] Entrevistadora: Está bom! Obrigada! Você acha que a *Think Olga* ou esses outros veículos de midiativismo feminista, com os quais você tem algum contato, interagem com o público? Você já observou isso?

[01:06:12] Entrevistada: Acho que pouco. Acho que eu observei pouco. Me chamou atenção quando você entrou em contato por isso. Eu sou uma pessoa que curto as coisas para que isso apareça mesmo, para que as pessoas enxerguem (gente olhando, gente conhecendo, gente compartilhando). Mas eu acho que isso poderia ter acontecido mais.

[01:05:40] Entrevistadora: Tem alguns artigos que eu li... Eu fico acompanhando as outras pesquisas a respeito desses canais que eu estou estudando, para entender o que já foi feito até agora. Geralmente, elas apontam que as respostas e os retornos que as iniciativas dão para o público são restritos. Pelo que eu conversei com o pessoal que trabalha nos canais, é realmente porque "falta braço". Elas têm muita coisa para fazer, muito assunto para cobrir e não conseguem se organizar para dar *feedback*. Você costuma interagir? Você falou que você curte. Eu vi que você comentou. Você compartilha os conteúdos também?

[01:06:29] Entrevistada: Sim!

[01:06:33] Entrevistadora: Quais são as características positivas da *Think Olga* ou de outras iniciativas feministas, que você destacaria?

[01:06:44] Entrevistada: Desculpa! Eu não entendi. Quais as características o quê?

[01:06:47] Entrevistadora: Quais características positivas que você destacaria?

[01:06:52] Entrevistada: Eu acho que tem uma linguagem clara. Também tem uma identidade visual que facilita, que convida, que convoca. Acho que tem matérias que é muito fácil de entender, para explicar. Também não é um perfil que eu ache que fique colocando muita coisa, excesso de conteúdo. Eu acho até que poderia ter um pouco mais. Mas eu acho que elas são precisas no que vai estar sendo colocado ali - são pontos importantes que orientam as pessoas que foram ali ou que foram buscar informação. O que está ali é importante. Acho que elas são muito precisas.

[01:08:05] Entrevistadora: E de característica negativa? Você destaca alguma coisa? Tem algo que você consiga apontar?

[01:08:14] Entrevistada: Para mim, não é que seja negativo, mas eu tenho um pouco de dificuldade quando vêm muitos números, aí a gente se embaralha e perde um pouco aqueles dados quantitativos. Não que eles não sejam importantes, mas parece que viram só um número, sabe? Acho que tem que cuidar em relação à capacidade de síntese para ler uma matéria. Tem a questão da imagem, que é tão importante, o *design*, para otimizar o leitor, para valorizar o seu conteúdo. Não é que seja uma coisa negativa, mas é uma coisa que eu fico sempre atenta.

[01:09:15] Entrevistadora: Sim!

[01:09:19] Entrevistada: Às vezes, eu olho e fico: “acho que não é isso” ou “acho que está muito grande” ou “é muito pesado” ou “tem muito número”. Eu fico às vezes com essa sensação.

[01:09:32] Entrevistadora: Sim! Eu também tenho...

[01:09:35] Entrevistada: São assuntos menos digestivos. Então, têm que ser pensados estrategicamente para viabilizar esses conteúdos.

[01:09:46] Entrevistadora: Porque às vezes é muito denso, né? A gente já está se encaminhando para o final. Eu tenho só mais dois tópicos rápidos. Durante a pandemia, você acha que você começou a acompanhar mais ou menos esse tipo de iniciativa?

[01:10:03] Entrevistada: Acho que mais. Ainda mais.

[01:10:07] Entrevistadora: Porque você passou a ter mais disponibilidade de tempo em casa ou porque você passou a se interessar mais pelo assunto?

[01:10:18] Entrevistada: Porque eu senti necessidade de saber mais sobre o que estava acontecendo e como as mulheres estavam, sobre o que estava sendo feito, o que estava sendo viabilizado. Eu me preocupei muito com as notícias, tanto do Brasil quanto de fora. É uma temática que eu acompanhei com uma preocupação a mais, durante toda a pandemia.

[01:10:45] Entrevistadora: Quais são os impactos da pandemia para esse tipo de iniciativa, como a *Think Olga*?

[01:10:54] Entrevista: Eu não sei como a *Think Olga* está em nível de estrutura. Tem braço? É uma estrutura que, com a pandemia, pode ser mantida ou não? Mas eu acho que acaba tendo mais visibilidade. Eu acho que não deixa de ser uma oportunidade de se colocar ainda mais pela triste realidade que a gente vive. Caçar mais espaço, divulgar mais, se popularizar mais. Tem muitas mulheres feministas que eu conheço que não conhecem a *Think Olga*. Como chegar mais nessas mulheres? Eu acho que, com a pandemia, acho que isso deveria se acentuar. Não sei te dizer se isso aconteceu ou não.

[01:12:03] Entrevistadora: Com o pessoal da *Think Olga*, eu ainda não conversei. Eu faço trabalho voluntário para a *Não Me Khalo*. Elas não fazem jornalismo, mas é midiativismo feminista também, de um jeito colaborativo.

[01:12:23] Entrevistada: Acho que eu já acompanhei.

[01:12:25] Entrevistadora: Eu sei que agora, na pandemia, tem mais gente interagindo com os conteúdos, tem aparecido mais gente procurando esse tipo de temática - tem uma procura mais acentuada. Eu acho que tem correlação com a nossa atual conjuntura, inclusive político-social.

[01:12:49] Entrevistadora: Sim.

[01:12:51] Entrevistada: Por fim, eu queria saber de você, enquanto leitora, como você lida com esse contexto de ampla disseminação de notícias falsas.

[01:13:03] Entrevistadora: É algo muito difícil, né? Mas é o que eu te falei antes: eu tenho um conteúdo selecionado e eu vou naqueles que eu já sei que isso não ocorre. Eu foco no feminino, principalmente em questões de WhatsApp. Para que algumas relações familiares se mantenham, eu tento não entrar muito nessas discussões. Mas eu questiono. “Você investigou se isso aqui não é uma *fake news*?”. Na maioria das vezes, eu questiono e devolvo em forma de pergunta. Se não me interessa, eu nem vou pesquisar. Eu acabo não pesquisando muito porque eu me sinto confiante nos canais que eu busco. Me dá só um segundo, por favor.

[01:14:18] Entrevistada: Claro!

[00:14:36] Entrevistadora: Desculpa!

[00:14:37] Entrevistada: Imagina! A minha última pergunta era como você acha que as notícias falsas afetam essas iniciativas de midiativismo feminista.

[01:14:48] Entrevistadora: Eu acho que afetam diretamente. Elas estão nesse bojo, cercadas de capitalismo, da pós-verdade, desse momento fascista, de ascensão da extrema-direita. Eu acho que é um dos alvos intencionais.

[00:15:14] Entrevistada: Sim! É verdade!

[00:15:10] Entrevistadora: Querem fazer com que a mulher fique em casa, recatada, com a família cristã preservada. Então, eu acho que é muito sério isso. É uma ameaça a nossa liberdade e a nossa possibilidade de nos expressarmos.

[00:15:38] Entrevistada: Com certeza! Patrícia, são essas as minhas perguntas. Eu queria agradecer muito pelo seu tempo e por você ter aceitado participar da pesquisa, por toda a sua atenção. Você tem alguma dúvida ou alguma questão?

[01:15:55] Entrevistadora: Não. Eu só me lembrei de te falar que, quando eu escrevo para o jornal, eu sou colunista - eu não recebo para isso. Mas eu escrevi algo que foi censurado. Eu acho que foi a única vez que eu fui censurada, que foi o último parágrafo do meu texto. Eu falava sobre a questão do feminismo, que foi retirada uma parte do meu texto.

[01:16:37] Entrevistada: Faz muito tempo que você é articulista, que você colabora com o jornal?

[00:16:42] Entrevistadora: Sim!

[00:16:43] Entrevistada: E nunca aconteceu antes?

[00:16:44] Entrevistadora: Não. Tem algumas questões, como redução de partes. Foi uma outra editora. Foi uma editora mulher também. “A gente cai na questão ideológica”. Claro que o ego era grande. Então, foi retirado e eu questionei para o chefe depois. Questionei, não. “Aconteceu isso. Não foi bom”, eu disse para ele, sempre com aquele receio de que se perca o espaço. Eu me lembrei de acrescentar isso porque eu acho que foram três linhas marcantes na vida.

[01:17:34] Entrevistada: Que bom que você lembrou.

[01:17:39] Entrevistadora: Foi justamente no *É Mulher*.

[01:17:41] Entrevistada: Muito simbólico, né?

[01:17:43] Entrevistadora: Muito, muito. Eu que agradeço! Para mim, é uma alegria poder conversar sobre isso, articular relações por esse país imenso, sabendo que tu és daqui também.

[01:18:03] Entrevistada: Sim! Sou do interior. Sou de uma cidadezinha chamada Jaguari, que fica perto de Santa Maria.

[01:18:08] Entrevistadora: Ah, sim! Eu estive em Santa Maria, há uns dois meses, para fazer um trabalho. Enfim, eu poderia ficar até amanhã conversando. Fico super à disposição. Quando você tiver o material, se puder compartilhar...

[01:18:29] Entrevistada: Claro! Era isso o que eu ia te falar. Depois de transcrever a entrevista, eu vou te mandar, lembrando, inclusive, de tirar aquela parte sobre a sua paciente. Eu te envio, para você ver se você está de acordo. A pesquisa deve sair só daqui mais um tempo, porque eu ainda estou no meio do doutorado. Antes disso, eu estou tentando acrescentar à minha metodologia a escrita de perfis jornalísticos sobre as pessoas que eu estou entrevistando. Então, eu volto a entrar em contato com você, para conhecer um pouco melhor você e a sua vida, para depois escrever os perfis.

[01:19:11] Entrevistadora: Que legal! Fico muito feliz de ver mulheres doutoras. Hoje em dia, uma amiga me falou: “Levei meu filho ao médico”, mas nem sabia se era médico ou doutor - parece que é homem. Eu fico feliz de poder contribuir. Sei do seu lugar de pesquisa, apesar de não ter feito doutorado. Mas acho que é super importante e eu fico super feliz que a gente esteja se achando e se aproximando.

[01:19:47] Entrevistada: Muito obrigada! Eu fico inteiramente à disposição também, se você quiser compartilhar qualquer conteúdo, se você tiver alguma dúvida sobre as pesquisas ou sobre as temáticas feministas. É só entrar em contato.

[01:20:01] Entrevistadora: Você está no Instagram também?

[01:20:02] Entrevistada: Estou, sim. Eu posso te passar o meu Instagram no WhatsApp mesmo, aí a gente continua em contato.

[01:20:10] Entrevistadora: Isso! Aí, eu te envio algumas coisas que eu acho que talvez eu não tenha citado que eu não tenha lembrado.

[01:20:16] Entrevistada: Então, está bom! Muito obrigada!

[01:20:20] Entrevistadora: Imagina! Bons estudos!

[01:20:21] Entrevistada: Obrigada, obrigada.

[01:20:23] Entrevistadora: Beijo!

[01:20:24] Entrevistada: Tchau! Um beijo! Bom resto de semana.

[01:20:28] Entrevistadora: Obrigada! Igualmente.

[01:20:30] Entrevistada: Tchau, tchau.

Suzana - leitora *Lado M*

[00:00:01] Entrevistadora: Então, Suzana, no meu trabalho, eu vou transcrever e analisar todas as entrevistas depois. Fica a seu critério se você quer que seu nome apareça (se tudo bem por você) ou se você prefere ficar anônima. Você pode me dizer agora ou no final.

[00:00:17] Entrevistada: Eu acho que, por enquanto, tudo bem. À medida que a gente for conversando, se surgir algum tópico que eu não queira, eu te aviso.

[00:00:23] Entrevistadora: Aí, você me avisa. Você mora em Pernambuco, né?

[00:00:30] Entrevistada: Isso! Eu moro em Recife!

[00:00:31] Entrevistadora: Que legal! É linda a sua cidade. Você é daí mesmo?

[00:00:36] Entrevistada: Eu sou daqui. Eu gosto da cidade. Eu gosto daqui. Hoje é até feriado, dia do Padroeiro.

[00:00:44] Entrevistadora: Ah, é verdade! Eu trabalho na Anatel e eu recebi mesmo mensagem sobre. A gente recebe sempre, no jornal da agência, os feriados dos outros estados e tinha o aviso dizendo que era feriado aí. A gente recebe isso e quem não está no lugar que tem feriado fica com invejinha.

[00:01:09] Entrevistada: Verdade!

[00:01:10] Entrevistadora: Qual é a sua profissão, Suzana?

[00:01:13] Entrevistada: Eu sou jornalista também.

[00:01:16] Entrevistadora: Ah, você é jornalista também? Legal! Eu queria entrar com você um pouquinho nas questões mais voltadas para o feminismo. Eu queria saber se você se considera feminista e por quê.

[00:01:30] Entrevistada: É aquilo que eu te falei: sim, eu me considero. O que eu não posso puxar esse crédito para mim é como uma ativista ou uma pessoa que está envolvida em um movimento ou uma ONG. Eu me considero feminista no sentido de acreditar que homens e mulheres devem ter direitos iguais ou semelhantes. É um modo de pensar, que eu acho, inclusive, bem básico e nada de outro mundo. Eu acho bem básico. Mas o que eu não posso dizer é que eu estou na linha de frente do movimento em si.

[00:02:11] Entrevistadora: Você se alinha com o movimento, você acredita nos ideais, mas você só não está na militância. É isso?

[00:02:19] Entrevistada: Isso! Eu não estou na militância.

[00:02:21] Entrevistadora: Entendi! Você já começou a me explicar um pouquinho o que, na sua cabeça, na sua concepção, é ser feminista, mas...

—
Ligação interrompida. Na sequência, a chamada foi retomada.

—
[00:00:00] Entrevistadora: Alô!

[00:00:01] Entrevistada: Oi, Mariana, caiu a ligação. Não sei o que aconteceu.

[00:00:03] Entrevistadora: Sim, caiu a ligação. Mas, enfim, eu não sei até que parte você escutou...

[00:00:10] Entrevistada: É, me diga a pergunta de novo.

[00:00:14] Entrevistadora: Sim. Eu queria saber o que é ser feminista para você. Você já começou a introduzir um pouquinho a ideia, mas eu queria entender um pouco melhor.

[00:00:23] Entrevistada: Tá. Eu não fui muito atrás de conceitos teóricos e tal. Mas, na minha vida pessoal, eu acho que a gente pode até ter duas linhas, assim. Por isso, eu sempre separo: eu acho que tem aquela pessoa feminista, que é a pessoa que é ativista. É uma forma de você descrever a ativista, da mesma forma que você fala ambientalista para uma pessoa que é ativista, que trabalha com meio ambiente, e a feminista, que é uma pessoa que tem essas crenças, que tem essa, enfim, essa filosofia de vida. Então, para mim, o feminismo é isso: é uma coisa, uma ideia muito básica de que homens e mulheres merecem e devem ter direitos iguais. Direitos e inclusive, obrigações, também, iguais, porque são pessoas com o mesmo valor no mundo.

[00:01:18] Entrevistadora: E quando foi que você descobriu, assim, que você tinha afinidade com essa causa e que você acreditava na existência de equidade entre mulheres e homens? Você tem lembrança disso, com que idade, em que situação da vida?

[00:01:36] Entrevistada: É até difícil de lembrar, sabia? Porque eu acho que, talvez, a primeira vez que eu tenha tido contato com a ideia de “Opa, mulheres deveriam ter iguais”, acho que foi quando eu percebi que não tinha, né?

[00:01:55] Entrevistadora: Sim.

[00:01:56] Entrevistada: “Não é igual? Como assim?” Eu fui criada pela minha mãe. Meus pais são separados, então eu não tive pai, a figura do pai em casa. Eu fui criada com a minha

mãe e com a minha avó, e era eu e meus irmãos pequenos em casa. Então, assim, a liderança da família sempre foi... Alô.

[00:02:15] Entrevistadora: Estou ouvindo, pode falar.

[00:02:16] Entrevistada: Fez um barulho aqui e eu pensei que tinha caído de novo. A liderança, digamos, quando eu era criança, era sempre da minha mãe e tinha minhas tias ao redor. Então, eu sempre tive muitas figuras femininas na minha vida. Eu acho que eu nunca parei para pensar, criança, eu nunca parei para pensar o papel da mãe, o papel do pai, o papel da mulher. Eu acho que eu não vivi assim, na minha infância, muito óbvia essa diferença. Então, para mim, era muito: “Então está bom! Eu tenho minha mãe, tem gente que tem o pai, tem gente que tem a tia. Tem o professor, a professora”. Para mim, acho que quando eu era pequena, isso era muito... Isso não fazia parte da minha vida. Não parei para pensar sobre isso. Aí, eu acho que só mais velha, eu fui ver que, realmente, tinham algumas diferenças, né? Não era uma coisa que: “Ah! Não faz diferença”. Eu acho que, em contato, ter contato com o movimento feminista, com leitura sobre o feminismo e, enfim, ir atrás de seguir as contas que você viu lá no Instagram, isso é uma coisa bem mais recente para mim, eu acho... É uma coisa de, vamos dizer, sei lá, 10 anos para cá. Então, não foi uma coisa em que eu cresci, não. Eu acho que eu cresci muito enganada, digamos assim, de que existia uma igualdade no mundo, de que: “Qual é? O que está acontecendo? Qual é a diferença? Não, não tem, tem uma diferença?”. E, aí, só mais velha, eu fui perceber que sim, que tem. Talvez quando eu tenha entrado na faculdade, no mercado de trabalho, quando eu mesma comecei a perceber algumas coisas ao meu redor, é que as diferenças ficaram aparentes. Ter pesquisado sobre isso (“Vamos ler sobre isso. Vamos atrás”), é uma coisa mais recente mesmo.

[00:04:08] Entrevistadora: Engraçado que você fala isso de você ter a percepção hoje de que você cresceu achando que já existia essa igualdade.

[00:04:17] Entrevistada: Sim.

[00:04:18] Entrevistadora: Eu conversei com uma moça que também é produtora de

conteúdo, do *Lado M*, e ela me disse também que ela tinha essa sensação. Só depois, mais velha, que ela começou a perceber: “não é bem assim”.

[00:04:31] Entrevistada: Engraçado, né? Eu não senti que é uma coisa de geração. Eu tenho 40 anos (eu nasci em 1980), então, eu fui criança e adolescente nos anos 80/90. Não sei se a pessoa que você entrevistou, de repente, tem uma idade parecida. Mas eu não sei. Eu acho que eu tinha essa sensação de que, assim: “conquistamos uma coisa - o feminismo ou uma onda mais recente do feminismo. Conquistamos várias coisas! Que maravilha!”. Mas depois teve aquele de: “Ah não, espera! O trabalho não acabou coisíssima nenhuma”.

[00:05:03] Entrevistadora: Exato! Essa moça tem, mais ou menos, 30. Eu estava até conversando com ela: é muito diferente para as nossas gerações. A minha irmã, por exemplo, ela tem 14 anos - ela é bem mais nova que eu -, e ela estava me contando outro dia que, no grupinho dela e das amigas do WhatsApp, elas não aceitam quando as pessoas vêm com discurso de ódio, quando vêm com discurso homofóbico, racista. Elas sentam, conversam com a pessoa, tentam gerar reflexão. Mesmo na escola, existem esses estímulos.

[00:05:38] Entrevistada: Que legal! Que legal!

[00:05:39] Entrevistadora: Mas é muito diferente. Quando eu estava na escola, nunca se pensava nisso.

[00:05:42] Entrevistada: É muito diferente. Esses dias, eu estava conversando com uma amiga sobre racismo. Ela é, mais ou menos, da minha idade e nenhuma de nós somos negras. A gente estava pensando (eu acho que cai e que dá no mesmo que o feminismo): nós, pelo menos eu e ela, não nos consideramos racistas; aí, a gente chegou a um “mas”; “Não, pera! Acho que o melhor jeito de dizer é o seguinte: a gente não é racista de propósito”. A gente tenta não ser racista de propósito, tenta não ser essa pessoa, mas uma coisa que a gente tem que admitir é que a gente tem criado um mundo racista. A mesma coisa acontece com mulheres, no feminismo: eu tento não ser machista de propósito. Eu estou estudando, estou indo atrás. Eu sou uma mulher, mas a gente foi criada desse jeito. Essas piadas, coisas que... Tomara que essa geração aí de 14 anos que não aceite, mas a gente via essas piadas em filmes. Isso era muito machista! Como que a gente via isso? Programa de criança que

tinha coisa machista, e a gente assistia e não achava nada, não falava nada. É um absurdo, né?

[00:06:52] Entrevistadora: É todo um trabalho constante de desconstrução de nós mesmas.

[00:06:56] Entrevistada: É total, total. É desconstruindo, de você olhar e dizer: “Não, gente! Isso não era legal, não. Como é que passava?”. Que bom que as próximas gerações estão dizendo: “Não, isso não é legal, não. Nós não vamos aceitar essa piada. Isso não tem graça”. Que bom! Que bom!

[00:07:12] Entrevistadora: Como é essa sua identificação com o feminismo (você me falou que é recente na sua vida)? Ainda tem te afetado? Tem se refletido na sua rotina?

[00:07:27] Entrevistada: Caramba! Você fala de dizer pra uma pessoa “Eu sou feminista?”

[00:07:32] Entrevistadora: Não.

[00:07:34:] Entrevistada: Que tipo de resposta eu recebo ou eu consigo mesma?

[00:07:35] Entrevistadora: Não, com você mesma. Como você passou a ver o mundo depois que suas perspectivas mudaram. Se mudaram as suas relações com as outras pessoas.

[00:07:42] Entrevistada: Eu acho que, pelo menos para mim, na minha vida, é bem difícil eu separar para você o que é eu ser feminista, a mulher que tenha essa ideia e eu ser uma mulher. Então, várias coisas que me fizeram repensar, as várias coisas que eu enfrentei (“Não, isso foi um problema!”, “Isso foi uma porta fechada”, “Isso foi uma piada”, “Isso foi um assédio”)... Várias pequenas coisas acontecem porque eu sou mulher e, enfim, são problemas e coisas que eu tenho que enfrentar, relações que eu tenho que mudar ou terminar. É engraçado que, às vezes, sei lá, tenho um problema no trabalho: cliente que fala de certo jeito, que eu tenho que reclamar que não é assim e meio que dá aquela hora que você tem que exigir o respeito, botar o limite e tal. Muitas vezes, eu tenho essa dúvida: se isso está acontecendo comigo porque eu sou mulher? Isso está acontecendo comigo porque sou eu?”. Esses dias, eu estava também conversando com uma amiga e dizendo assim... Eu faço terapia e ela faz também e a gente troca figurinhas. Eu estava brincando com ela, dizendo assim: “Amiga, você já percebeu que várias coisas que a gente fala tem um fundo do machismo? Isso que aconteceu tem que ser investigado ou isso é um problema porque é

como o mundo trata as mulheres?”. Por isso, de vez em quando, eu digo: “Olha lá o machismo, de novo!”. Então, assim, em pequenas coisas da vida: nas relações de trabalho, relações com os homens da família, relações que... Eu acho muito difícil. Eu não consigo dizer para você, assim, separado: “Isso acontece assim, porque, sei lá, o meu cliente tem um problema assim, assim, assado” ou se é uma coisa que tem o machismo ali nele, porque tem uma relação entre um homem e uma mulher, sabe?

[00:09:49] Entrevistadora: Eu tenho essas dúvidas. A gente fica refletindo mais. Você trabalha com Comunicação, né? Você faz assessoria?

[00:10:00] Entrevistada: Eu sou formada em Jornalismo e já, desde a faculdade, eu trabalho com assessoria. Eu comecei com assessoria de imprensa e, agora, eu trabalho criando conteúdos para empresas, crio *posts* e tal. Eu tenho essas relações com clientes, que - você é de Comunicação, então você vai saber também -, mesmo a pessoa, mesmo que você diga: “Não, fulaninha é a estagiária que atualiza o Instagram da empresa”. Por ela ser de Comunicação, eu acho que a nossa área tem uma conexão muito forte com os propósitos da empresa, com as estratégias da empresa, então, isso tudo no trabalho acaba fazendo com que eu tenha que estar sempre muito próximo de quem manda, dos clientes. Então, eu estou falando com o dono da empresa, com o diretor, com não sei o quê. Então, são muitos homens, né? Infelizmente, ainda são muitos homens e, dependendo das minúcias, são muitos homens ou mais velhos ou homens que estão ali e é coisa de família, não sei o quê. Então, assim, têm muitas relações que, às vezes, é difícil nessa coisa de trabalhar com Comunicação de empresa e, aí, eu sempre tenho essa dúvida: “Você é menosprezada porque você é a menina da Comunicação”, sabe? A menina da Comunicação, meu Deus! Acho que quando eu completar 100 anos, vão me chamar de a mulher da Comunicação. Aí, é um pouco difícil. Não sei que idade que é para deixar de ser menina, né? Eu não entendi isso ainda. Mas, aí, eu não sei, sabe? Eu fico: “É por que eu sou de Comunicação e o diretor da empresa é de Engenharia”? (Engenharia é melhor, entre aspas). É por que ele é um cara mais velho do que eu? Por que ele é um homem e eu sou uma mulher?”. Eu tenho essa dúvida.

[00:11:43] Entrevistadora: É. Têm muitas nuances mesmo nas relações. Muitas vezes, no trabalho, também, eu sinto que há um tratamento diferente porque eu sou mais nova que a pessoa que está falando comigo, por exemplo. E tem essa diferença entre as áreas também. Eu trabalho com telecom, então tem muita gente da Engenharia, muitos homens de exatas.

[00:12:09] Entrevistada: É difícil, né?

[00:12:10] Entrevistadora: É difícil. Você estava me falando, então, dessas suas experiências no trabalho. Eu queria saber se, de alguma forma, você se sente acuada por se identificar com a causa feminista.

[00:12:27] Entrevistada: Eu acho que com a causa feminista em si, não. Mas eu acho que eu já me senti acuada várias coisas. Mas é também parte da minha personalidade e da minha história. Então, eu acho que a causa em si, do feminismo, não, mas a causa que é de levantar a bandeira, ela acabou entrando na minha vida em um ponto que eu também estava querendo não me acuar mais - não me esconder, digamos assim, mais. Então, eu acabo que não... Eu acho que... Eu já escondi, por exemplo, muito o meu sotaque, porque eu trabalho com pessoas, com entrevistados e eu ia para São Paulo, quando era criança, porque meu pai mora lá e tal, então eu escondia o meu sotaque. Ser nordestina era uma coisa que eu detestava.

[00:13:26] Entrevistadora: Eu não acredito! Esse sotaque lindo daí.

[00:13:31] Entrevistada: Eu, hoje, eu gosto. Hoje, eu gosto muito de todos os sotaques do Brasil, sabe?

[00:13:37] Entrevistadora: É muito variado. E é muito legal, né?

[00:13:42] Entrevistada: Claro! São muitos sotaques, é tão legal. O Brasil é um país tão sofrido, gente. Vamos valorizar o que ele tem de legal. É muito legal que a gente tenha muitos sotaques diferentes, palavras, gírias. Então, tinha coisinhas na minha vida que eu escondia mesmo. Essa coisa de não querer ser a menina da Comunicação: então, desde estagiária, eu tentava me vestir mais adulta; eu tentava meio que me proteger de várias possíveis agressões, digamos assim. Eu acho que o feminismo é uma coisa que eu não falava quando eu era recém formada, jovenzinha, trabalhando. Não era uma coisa que eu levantava, não.

Mas eu fui mudando isso com o tempo e comigo mesma e eu acho que foi um pouco... O feminismo entrou um pouco nessa mesma época. Então, hoje eu não me escondo, não. Eu não tenho problema de um cliente ver que eu sigo certas páginas. Se entrar numa conversa, eu falar. Não sinto a necessidade de me esconder ou de não levantar essa bandeira, não.

[00:14:53] Entrevistadora: E você já vivenciou embates? Já teve algum problema? Já sofreu, inclusive, algum tipo de violência por você se identificar com esses ideais de equidade e com a luta por direitos para as mulheres?

[00:15:14] Entrevistada: Eu só me lembro de uma ocasião que eu fui xingada de feminista. O cara me disse? “Você é muito feminista.”

[00:15:22] Entrevistadora: “Xingada de feminista” é ótimo!

[00:15:24] Entrevistada: Ele não falou outra coisa. O xingamento era “feminista”. “Você é muito feminista”, como se fosse: “você é muito burra” ou uma coisa negativa. Eu disse: “Muito obrigada”. Essa foi a única vez que eu lembro. Mas não foi uma situação de trabalho ou alguma coisa que eu tenha ficado prejudicada, não. Foi uma discussão com a turma da pós-graduação (era outro aluno). Não entendo e não me lembro de jeito nenhum o contexto de onde veio esse negócio. Ah! Eu acho que a gente estava falando sobre convenções de quando você está saindo com alguém. Sabe aquela coisa, assim, se está num jantar, uma bobagem assim.

[00:16:07] Entrevistadora: Sim.

[00:16:08] Entrevistada: Teve esse xingamento, que me deixou... Eu fiquei meio com vergonha, porque ele falou muito alto. Ele não gritou, mas ele falou muito alto. Teve um eco no corredor. Eu fiquei meio com vergonha de as pessoas me olharem, mas não foi uma coisa que me prejudicou ou uma violência. Era mais um bobão que estudava lá, comigo. Eu me lembro que, na hora que ele falou isso - porque ele falou alto, a gente estava num corredor que fez eco e tal e as pessoas ouviram -, uma professora, que é uma super bambambam, doutora, super maravilhosa, estava passando na hora, e ela me salvou. Eu fiquei com vergonha naquele segundo de ter ouvido o cara ter falado muito alto. Ela me salvou, porque

ela falou assim: “Nada, não discute com esse cara aí, não. Esse cara é muito bobão e não sei o quê. Pelo amor de Deus!”

[00:16:57] Entrevistadora: Descredibilizou ele e aí o assunto acaba.

[00:17:00] Entrevistada: Descredibilizou na hora! Ela: “Não perde tempo com esse cara, não. Vá simhora!” Aí, todo mundo riu e não sei o que, e pronto. Então, por dizer “sou feminista”, por dizer uma coisa que fica muito óbvia na questão da igualdade entre homens e mulheres, eu não me lembro de receber uma resposta muito forte a isso, não. O que a gente tem - acho que você não vai conseguir conversar com nenhuma mulher no mundo e que não tenha - são histórias de comportamento inadequado de pessoas no trabalho, ir pra reunião com um homem e o cara vir com um assunto nada a ver.

[00:17:44] Entrevistadora: De assédio.

[00:17:45] Entrevistada: De assédio, exatamente! Eu acho que eu tenho muita sorte que eu nunca sofri nenhuma violência nem nada. O meu ambiente de família é bem pacífico. É mais aquela coisa de... Sei lá, eu já fui para reunião e o cara ficar botando a mão na minha perna, sabe, no meio da reunião.

[00:18:01] Entrevistadora: Caramba!

[00:18:02] Entrevistada: Queria me dar uma carona e você dizendo que não, e o cara ficar com raiva de você. “Ah! Você é muito metida porque não quer pegar uma carona comigo”. Isso é uma situação de trabalho, né? Então, essas pequenas picuinhas, sim. Mas de eu dizer: “Sou feminista” ou “Eu acredito nessa igualdade” e eu ouvir uma resposta assim, não. Não tenho essa experiência, não.

[00:18:22] Entrevistadora: Sabe que eu achei muito engraçado você relatar essa sua história da pós-graduação? Tem um livrinho da Chimamanda - eu acho que é o *Sejamos Todos Feministas* mesmo. Sabe a Chimamanda, a escritora nigeriana?

[00:18:37] Entrevistada: Sim. Sim. Nossa, sou muito fã dela.

[00:18:40] Entrevistadora: Eu também adoro ela. Ela conta uma história muito parecida. Ela diz que ela estava conversando, adolescente, com um amigo, e ele xingou ela de feminista. Ela não sabia o que era, então ela ficou quieta, desconversou. Aí, chegou em casa e ela foi

procurar, no dicionário, o que era o feminista e ela encontrou que: feminista é a pessoa que acredita na igualdade de direitos entre homens e mulheres. Ela disse: “É, eu sou feminista mesmo. Eu descobri naquele dia”.

[00:19:09] Entrevistada: Então, eu sou, né?

[00:19:14] Entrevistadora: Mas você me contou...

[00:19:18] Entrevistada: O que eu também não sei é... As palavras, elas têm diferentes significados, dependendo da boca de quem está falando. Eu não sei o que a pessoa que xinga está falando para você quando ela diz que você é muito feminista.

[00:19:31] Entrevistadora: Sim! Ela deve ter uma ideia deturpada.

[00:19:34] Entrevistada: Não é uma coisa: “Você é uma pessoa que acredita demais em direitos iguais”.

[00:19:35] Entrevistadora: Com certeza, não é isso.

[00:19:38] Entrevistada: Não é, não é.

[00:19:39] Entrevistadora: Eles têm uma outra concepção. Você me contou que, com as suas amigas, você conversa sobre o assunto também. Então, você convive com outras pessoas que partilham desse seu ponto de vista, né?

[00:19:50] Entrevistada: Sim, sim, sim.

[00:19:53] Entrevistadora: E como é a relação com essas pessoas?

[00:19:56] Entrevistada: Eu brinco que eu vivo em uma bolha de amor. Às vezes, eu estou conversando com os amigos e está todo mundo meio chateado, e eu sou sempre a otimista do grupo. Eu que fico: “Não...”. Com a pandemia, e eu estava super desesperada com o Brasil uns meses atrás, uma amiga minha falou: “Se a Su tá preocupada, então o mundo está se acabando, porque até ela está reclamando”. Eu falei: “Então, está ruim. Então, está ruim mesmo”. Na verdade, é isso: eu vivo muito numa bolha de amor. Então, eu convivo com pessoas que, ou pensam parecido - que pensam igual, é difícil, mas pensam parecido. As minhas amigas, ao meu redor, são, também, mulheres independentes, que buscaram a própria educação, o próprio trabalho, dinheiro, carreira e tal. Não tenho na família aquela coisa da tia que fica perguntando quando é que vou ter filho. Não tenho isso, sabe? Então,

ao meu redor, é interessante. Eu sinto que tenho muita sorte e eu percebo que, às vezes, nas conversas, a gente tem até discordâncias sobre o movimento em si, sabe? Às vezes, sobre uma campanha ou sobre uma fala de alguém... Dias atrás, eu estava conversando sobre filme com a minha mãe e minha mãe disse que eu tinha achado o filme machista, e ela não achou. Eu acho que eu fiquei meio que no meio do caminho. “Essa parte eu achei, essa parte eu não achei.” Então, assim, mesmo com essas discordâncias... “O filme é ou não é machista? Vamos sentar e conversar”. Tem essas discordâncias, mas não tem aquela piada: “É bolsonarista, que fica falando...”. Não tenho, eu não tenho isso no meu ciclo de convivência, não. É uma bolhinha de amor.

[00:20:08] Entrevistadora: Que maravilha! O meu também. Assim, eu fico triste pelas...

[00:20:12] Entrevistada: Eu admito que é muita sorte.

[00:20:14] Entrevistadora: É muita sorte mesmo. Eu fico muito triste com as minhas amigas que têm os pais que são bolsonaristas. Elas relatam todos os embates que elas têm em casa. Eu fico, assim, comovida, porque é muito diferente da minha situação.

[00:22:32] Entrevistada: Deve ser muito difícil.

[00:22:35] Entrevistadora: Deve, deve ser muito.

[00:22:38] Entrevistada: Muito difícil! Eu, na época das eleições, falei com o meu pai. Hoje, eu não sou super próxima do meu pai, não, mas a gente conversa, né? Não tem nenhum conflito. Eu te falei que meu pai mora lá em São Paulo, e ele não gosta do PT e tal? Eu fui falar com ele, e ele: “Você não está se bandeando pro lado errado, não?”. Ele, bem calmo: “Não! (incompreensível)”. Eu sei que até as pessoas ao meu redor que não votam igual a mim, por exemplo, não se bandearam totalmente para um lado impossível de conversar, sabe? Então, eu acho que, na minha bolhinha, até as pessoas que pensam diferente ou votam diferente - também, não tem problema nenhum -, ninguém sai muito da bolhinha, não. Ainda está dentro do que é possível conversar.

[00:23:38] Entrevistadora: Na sua família, então, você não tem problemas de embates ideológicos.

[00:23:46] Entrevistada: Não. Não.

[00:23:48] Entrevistadora: Muito melhor assim, né? Muito mais amor mesmo.

[00:23:53] Entrevistada: Muito mais tranquilo. Agora, também acontece... Enfim, pode ser, também, da minha personalidade. Eu tenho relações muito fortes com as pessoas. Eu não sou uma pessoa muito de amizade casual. Por exemplo, se eu vou chamar para uma festa de aniversário, eu vou chamar cinco pessoas. Eu não tenho 30 pessoas que eu chamo. As pessoas com quem eu convivo são pessoas que, realmente, são próximas a mim de verdade, são amigos que eu sei que eu posso ligar se eu tiver com algum problema e não sei o quê, sabe? Então, assim, essas pessoas, são pessoas que pensam parecido comigo.

[00:24:30] Entrevistadora: E pessoas que você já conhece há muito tempo, né?

[00:24:34] Entrevistada: Sim.

[00:24:37] Entrevistadora: E, no seu ambiente de trabalho, você já teve algum tipo de problema com relação a essas questões políticas, ideológicas ou de feminismo? Você me disse que não diretamente, mas mais casos de assédio, né?

[00:24:55] Entrevistada: É, eu acho que, em ambiente de trabalho, eu me mantive muito neutra por muito tempo. Primeiro porque, no começo, quando eu era recém formada, não sei se porque eu era “a menina da Comunicação”, “a jovencinha que estava aprendendo”, eu me mantinha muito como: “É melhor que não me vejam”. Desde 2014, eu comecei a trabalhar autônoma. Eu trabalho para mim e eu tenho o meu próprio CNPJ. Então, só de 2014 para cá que eu comecei a dizer: “Não, espera! Se eu sou a minha própria empresa, posso...”.

[00:25:29] Entrevistadora: ...fazer as suas próprias regras, né?

[00:25:31] Entrevistada: Sim, eu fui fazer as minhas próprias regras e falar das formas que eu acho melhor. Eu ainda tenho um pouco de receio porque é isso: como a gente trabalha com Comunicação, às vezes, a gente é muito a ponte de relacionar o cliente com outras pessoas. Enfim, o jornalista tem uma coisa de querer, pelo menos uma ideia antiga, não se filiar a um partido, de não levantar uma bandeira específica para não prejudicar o trabalho de ser uma ponte de comunicação, né? Mas, de 2014 para cá, eu estou um pouco mais livre. As pessoas com quem eu trabalho acabam sendo pessoas que também dão abertura. Elas mesmas são outras empresárias ou outros empresários que têm seus posicionamentos. Eu

acho que o feminismo, nesse sentido de ser, de acreditar nos direitos iguais, é uma coisa tão básica, que não tem como nem fazer diferente. Então, eu não vou dizer assim: “Na minha página da empresa, eu posto frases de feminismo...”. Não é uma coisa que eu estou levantando essa bandeira ou essa causa porque não tem nada a ver com o que eu faço, mas não é uma coisa que eu precise esconder mais, não. Eu não preciso fazer nada nesse sentido. Também, se eu ouvir uma oposição muito forte a isso, será o tipo de trabalho que eu não vou querer continuar fazendo, não.

[00:27:24] Entrevistadora: É engraçado a gente pensar no que é o feminismo nas interpretações de cada um, né? Eu entrevistei, ontem, uma moça, que foi a primeira a me dizer que ela não se considera feminista. Ela me falou que ela se alinha com quase todos os preceitos, só que ela é terminantemente contra aborto e, por isso, ela não poderia se considerar feminista, na perspectiva dela. Anteontem, eu conversei com uma moça, que me disse que ela se considera feminista, que ela é favor da descriminalização do aborto, mas que ela, também, é terminantemente contra. Então, cada um tem a sua interpretação do que é e a sua visão do que é ser feminista.

[00:28:08] Entrevistada: Sim, sim. É interessante isso, né? Porque é uma discussão que passa por tantos aspectos da vida...

[00:28:18] Entrevistadora: ...das pessoas.

[00:28:19] Entrevistada: Das pessoas, da mulher. Engraçado isso que você falou agora dessa questão que os entrevistados falaram de aborto. Isso é uma questão que eu não tinha pensado agora. Em toda a nossa conversa, essa questão não surgiu. Eu falei: “Realmente, talvez uma pessoa possa achar que ser feminista é ruim, se ela tiver sido ensinada ou convencida que, por exemplo, ser feminista é ser a favor do aborto e ela é contra, né?”.

[00:28:41] Entrevistadora: É. Exato.

[00:28:42] Entrevistada: Então, ela vai dizer: “Você é a favor do aborto e eu sou contra esse seu pensamento”. Mas, poxa, o feminismo é tantas outras coisas que não só isso, né?

[00:28:52] Entrevistadora: Sim. Eu achei diferente que essa moça falou que, com todo o resto, ela concorda; com esse ponto específico, não. Então, para ela, ela não poderia se dizer

feminista. Eu achei diferente. Ela foi a primeira que me disse que não era. Eu estou entrando em contato com todo mundo que interage com essas páginas e esses perfis por meio de comentários.

[00:29:16] Entrevistada: São pessoas que geralmente vão dizer que são, né?

[00:29:20] Entrevistadora: Exato! Mas eu achei muito legal ela ter falado que não também, porque já entra uma perspectiva nova na pesquisa.

[00:29:30] Entrevistada: Sim, com certeza. Com certeza.

[00:29:31] Entrevistadora: Falando, agora, um pouquinho mais sobre a mídia, e como a mídia retrata as temáticas relacionadas às mulheres, como você acha que a mídia hegemônica, a mídia mais tradicional, aborda o tema da violência contra a mulher?

[00:29:47] Entrevistada: Eu acho que eu sou uma pessoa ruim para responder a essa pergunta, porque eu acho que eu consumo pouca mídia *mainstream* porque também, desde 2014, por coincidência, eu não tenho TV aberta.

[00:30:06] Entrevistadora: Ah! Eu também não tenho.

[00:30:10] Entrevistada: Eu não tenho. Agora, que eu me mudei, eu não tenho TV. O aparelho de TV, eu não tenho.

[00:30:12] Entrevistadora: Fiquei muito tempo sem TV também. Agora, eu tenho para poder assistir filmes sem ser na telinha do computador.

[00:30:19] Entrevistada: Pois é! Também estou sentindo muita falta disso. Mas como eu me mudei faz pouco tempo, aí você quer comprar geladeira, fogão, que são coisas mais essenciais que a TV. Mas uma hora vai chegar na TV, porque ela está na fila. Então, eu não assisto TV aberta há muito tempo. TV a cabo, há menos, mas faz um tempo que eu não tenho. Então, novela, *Jornal Nacional*, *Fantástico* faz anos, anos que eu não assisto. Caramba!

[00:30:55] Entrevistadora: E você acompanha mais trabalho de mídia independente? Você acessa mais os conteúdos pela internet?

[00:31:04] Entrevistada: Caramba, que situação difícil! Eu quero não ser a super alienada, que não sabe o que está acontecendo. Eu acabo assistindo muita coisa pela internet (Netflix,

Amazon, Google Play e tal). De notícia, eu acabo... Eu não vejo muita notícia no formato TV, formato de vídeo. Notícia, eu acabo lendo mais. Eu recebo *newsletter*, acesso o site e acabo vendo notícias em rede social, no Instagram. Mas, notícia em formato vídeo, eu peguei até um pouco de abuso, eu não gosto do formato. Então, eu assisto pouco.

[00:31:53] Entrevistadora: Então, você não tem muita percepção de como a mídia trata sobre a temática do machismo estrutural na sociedade?

[00:32:04] Entrevistada: É, eu acho que, em uma situação de violência contra uma personagem, numa novela, isso acaba repercutindo e tal... Esse tipo de coisa, eu não acompanho, realmente, não. Às vezes, uma treta no Big Brother, eu não vou ver. Eu acabo sabendo que teve ou vendo uma discussão sobre isso nas redes sociais e, às vezes, nos grupos feministas que trazem essa discussão. Eles falam: “Na novela tal, a personagem tal, tal, tal...”. Aí, traz essa discussão. Então, eu acabo pegando isso meio filtrado, né? Filtrado, meio que interpretado, assim.

[00:32:46] Entrevistadora: É verdade.

[00:32:47] Entrevistada: Eu não tenho isso de estar assistindo à novela e ver o negócio. Realmente, eu não tenho esse contato.

[00:32:54] Entrevistadora: Falando um pouquinho mais sobre as iniciativas de midiativismo feminista, o que te motiva a acompanhar o trabalho desse tipo de projeto, como o *Lado M*, desses jornais que fazem Jornalismo e ativismo feminista?

[00:33:12] Entrevistada: Eu acho que, para mim, são duas coisas. Uma é que algum tempo atrás, de alguns poucos anos para cá, eu comecei a ficar muito preocupada com ações reais, com ações práticas. Então, eu comecei a seguir vereador, deputado, chapas coletivas feministas que surgiram; porque eu comecei a me preocupar com consequências de vida real. Novamente, como eu não sou uma ativista, como eu não estou dentro do movimento, como que eu posso fazer alguma coisa que, realmente, tenha uma consequência real na vida de alguém de verdade, nem que seja pequena? Porque um cidadão sozinho não consegue fazer tanta coisa. Então, eu comecei a seguir vereador, deputado, essas coisas, e vereadoras e deputadas. Eu também comecei a seguir os veículos, como *AzMina*... Em alguns casos, eu

apoiar, porque elas fazem campanhas de financiamento, de assinatura. O que me motivava a assinar e a ler e a ver o que eles estavam fazendo era isso: saber que têm coisas que vão ter ações práticas (era uma denúncia que vai levar a uma investigação; era um financiamento para uma série de reportagens, que vão, realmente, mostrar a história de algumas mulheres que precisa ser mostrada ou vai financiar o trabalho de mulheres jornalistas independentes). Outro lado que me faz acompanhar esse grupo feminista e páginas feministas nas redes sociais é o sentimento de acolhimento, no sentido de “estamos juntas”, sabe?

[00:35:14] Entrevistadora: Sim.

[00:35:15] Entrevistada: É aquela coisa de chamar de “mana”. Eu acho maravilhoso. Eu me sinto “mana”. Eu não tenho irmãs... Engraçado isso, porque a palavra “mana” lembra que eu não tenho irmã. Eu só tenho irmãos - tenho três irmãos mais novos.

[00:35:28] Entrevistadora: Ah! Você tem três irmãos.

[00:35:29] Entrevistada: Eu tenho três irmãos mais novos, só meninos. E eu sou a única menina.

[00:35:34] Entrevistadora: Nossa!

[00:35:35] Entrevistada: É engraçado, né? Por enquanto, eu só tenho sobrinhos meninos também.

[00:35:44] Entrevistadora: Ah! Não tem nenhuma... Não apareceu nenhuma menina ainda.

[00:35:48] Entrevistada: Não apareceu nenhuma menina. Está difícil! O time menina está perdendo, porque só eu e minha mãe somos mulheres. Meu pai é um homem; meu irmão mais próximo é um homem também; aí meu pai se casou de novo e teve mais dois meninos. Então, o time menina está perdendo. Mas eu sigo alguns grupos que é um pouco isso: para um pouco de acolhimento. Então, eu até acabo seguindo, entre aspas - não sei se é a palavra certa -, mas eu acabo seguindo grupos mais fofinhos, que é, por exemplo, o canal que vai falar sobre autoimagem (sobre como a gente cresce com a imagem do corpo feminino que é totalmente maluca, que a gente tem que se aceitar e pensar o corpo feminino de outro jeito - isso é acolhimento) ou o grupo que vai falar sobre a mulher no dia-a-dia de trabalho e as coisas que a gente enfrenta e o estresse que a gente enfrenta (É aquele: “Estamos juntas”)

ou grupo que vai falar sobre as mulheres em relacionamentos com homens e aquela coisa das milhões de responsabilidades que a mulher tem num relacionamento e que eles não têm (“Vamos repensar isso”). Então, eu sigo por esses dois motivos. Os canais de jornalismo independentes que são feitos por mulheres e sobre mulheres, eu sigo, porque eu acho, realmente, que geram consequências reais na vida (eu sinto que estou ajudando um pouquinho que seja para uma coisa realmente boa acontecer para alguém) e os outros grupos, eu sigo por esse sentimento de “manas”, de sororidade, de acolhimento.

[00:37:32] Entrevistadora: Sim. De pertencimento também, né?

[00:37:35] Entrevistada: Isso! É verdade, é verdade. Não estamos sós; estamos juntas.

[00:37:39] Entrevistadora: Eu achei muito legal que você me disse que, de vez em quando, você colabora com as campanhas, com os financiamentos coletivos. Muitas delas dependem totalmente só dos financiamentos e não têm outras formas de se manter.

[00:37:55] Entrevistada: Não têm. Não têm outra fonte, né? Aí, eu acho que entra a coisa de ser jornalista também, de eu saber como é essa luta. Então, se eu puder ajudar com alguma coisa para que outra mulher jornalista possa fazer um trabalho massa e com uma consequência importante para o Brasil, ótimo.

[00:38:13] Entrevistadora: Você lembra quando foi que você conheceu essas iniciativas, o *Lado M*, *AzMina*?

[00:38:22] Entrevistada: Vixe!

[00:38:23] Entrevistadora: Como e quando, mais ou menos, você começou a acompanhar os trabalhos? Se não lembrar, não tem problema, não.

[00:38:30] Entrevistada: Caramba! Eu não lembro, mas eu acho que o *Lado M* é mais antigo, né?

[00:38:36] Entrevistadora: É, de um pouquinho antes.

[00:38:38] Entrevistada: *AzMina* que é mais recente. É, eu não sei.

[00:38:44] Entrevistadora: Você lembra se você chegou a compartilhar, a acompanhar aquelas campanhas de *hashtags* que surgiram lá em 2015: o *#MeuPrimeiroAssédio* ou o *#EuNãoMereçoSerEstuprada*?

[00:39:00] Entrevistada: Será que foi por aí que eu comecei a apoiar? Eu não lembro.

[00:39:04] Entrevistadora: Eu estou te perguntando delas porque muita gente começou a ver o trabalho justamente nessa fase, que foi quando elas começaram a surgir e ganhar mais visibilidade.

[00:39:14] Entrevistada: É, mas eu acho que... Foi em 2015 que você falou, o #MeuPrimeiroAssedio?

[00:39:22] Entrevistadora: Foi em 2015 ou 2016. É porque começaram as *hashtags* em 2015. Aí, eu não sei direito qual foi o ano. O #MeuPrimeiroAssedio, eu acho que foi em 2015.

[00:39:24] Entrevistada: Tá. Porque eu lembro que na do #MeuPrimeiroAssedio, eu já acompanhava e eu já seguia. Então, não foi pela *hashtag* que eu comecei a ver. Foi um pouquinho antes.

[00:39:49] Entrevistadora: Porque você começou a se interessar pelo tema e, aí, foi pesquisar ou se deparou com canais na internet?

[00:39:55] Entrevistada: Pois é, eu estou tentando lembrar agora como foi. Eu não sei. Talvez, eu tenha chegado nesses canais um pouco pelo lado do jornalismo independente, de pesquisar quais veículos são esses, o que eles fazem. Eu tenho amigas que trabalham em veículos de jornalismo independente. Então, talvez, eu tenha chegado pelo lado do jornalismo e, aí, entrando num *AzMiná* da vida, que foi abrindo a porta para outros. Eu não me lembro de ter uma campanha, como #MeuPrimeiroAssedio, por exemplo, que eu diga: "Eita! O que é isso? Eu vou lá ver".

[00:40:39] Entrevistadora: E você lembra de ter participado de alguma delas?

[00:40:42] Entrevistada: A do #MeuPrimeiroAssedio, eu lembro de ter participado, porque foi muito chocante, né?

[00:40:49] Entrevistadora: Foi muito.

[00:40:50] Entrevistada: Eu lembro de ter esse movimento de pensar assim: "Caramba! Começa muito cedo".

[00:40:53] Entrevistadora: É, porque foi quando a *Think Olga* fez a pesquisa e descobriu que as meninas, em média, começam a ser assediadas aos nove anos.

[00:41:03] Entrevistada: Sim, sim. Muito difícil. Eu acho que uma coisa que me tocou nisso, é que assim: eu te falei que eu fui criança e adolescente nos anos 80 e 90. Então, com nove anos, eu não sei, mas eu me lembro de coisas de muito cedo. Não de assédio, de a pessoa vir lá e mexer em mim e tal. Eu não sofri essa violência, mas de ouvir coisas na rua, de ouvir grito...

[00:41:30] Entrevistadora: De você passar...

[00:41:32] Entrevistada: É de muito nova. Eu fiquei lembrando uma vez que eu fui com as minhas amigas... Porque anos 80 é o ano que eu lembro, né? Eu lembro que eu fui para um boteco, um barzinho, que tinha na esquina da rua da minha casa; só que o boteco também era tipo um mercadinho. Era uma coisa realmente sem regras, né? Era meio bar, era meio mercadinho, criança entra, enfim, aquela coisa. Era na esquina da minha rua. Eu conhecia a família, porque era, também, a casa da família e tal. Eu me lembro que, quando eu entrava nesse negócio para comprar sabão, para comprar alguma coisa para casa, que minha mãe pedia para comprar, de ter uns caras lá e os caras ficarem falando: "Ei, qual o seu nome?". Eu me lembro de pensar: "Nem vou dizer meu nome. Vou falar que meu nome é Ana Maria. Vou falar que é outro nome".

[00:42:17] Entrevistadora: Inventar, né?

[00:42:18] Entrevistada: Inventar qualquer coisa e tal. Só que eu era tão pequena e eu não sei se eu tinha nove, mas eu devia ter por aí, porque eu era pequena e estava com meus amigos brincando na rua e minha mãe falou: "Ah! Vai na esquina comprar não sei o quê". Eu só fui pensar: "Gente, mas que coisa inadequada esse homem. Nada a ver!". Muito... Sei lá, na época do Meu Primeiro Assédio da vida, de você dizer assim: "Gente, está muito errado isso". Na hora, eu não me liguei, não. Eu falei: "Oxe! Que cara nada a ver". Eu não falei pra minha mãe. Não foi nada, não foi nada.

[00:42:50] Entrevistadora: Sim. Às vezes, a gente não percebe. A gente não para para pensar porque a gente é muito nova e é, depois, que cai a ficha.

[00:43:00] Entrevistada: Super! Eu acho que algumas campanhas fizeram muito cair a ficha, por exemplo. Esse é um que eu lembro. Como tinha esse boteco na esquina da minha rua,

eu lembro que idade eu tinha, mais ou menos, nessa época. Mas, assim, daí, eu lembro que foi uma coisa muito cedo e eu acho que foi uma coisa que eu comecei a pensar na campanha do #MeuPrimeiroAssedio, tentar pensar o mais jovem que você era quando isso aconteceu. Mas milhões de outras vezes aconteceu isso. Sei lá, digamos que eu tivesse 10 anos, com 11, 12, 13, 14, 15, sempre, sempre! Normal, normal. Sempre teve o homem enxerido da rua que falava ou, quando você estava no ônibus voltando do colégio, alguém gritava na rua. Normal, super normal. Depois que eu parei para pensar: “Não, normal nada. O que é isso?”.

[00:43:50] Entrevistadora: Então, na época, você chegou a parar e retomar e lembrar as suas histórias. E você escreveu sobre? Você participou?

[00:43:58] Entrevistada: Não. Eu me lembro que da *hashtag* Meu Primeiro Assédio, eu participei assim: partilhando, concordando, dizendo que é muito cedo - lembrando dessa história lá do boteco e tal. Eu acho que essa foi uma que eu parei para pensar mesmo. Eu disse: “Espera aí. Opa!”.

[00:44:19] Entrevistadora: Não está certo!

[00:44:20] Entrevistada: Não está certo!

[00:44:21] Entrevistadora: Não é isso.

[00:44:22] Entrevistada: E você tem aquelas outras milhares de vezes que acontece. Eu tive a sorte - até parece que é sorte - de não ter uma violência, de não acontecer uma coisa na minha vida, mas eu ouvi coisas na rua muito nova.

[00:44:36] Entrevistadora: Muito maluco isso de a gente se sentir com sorte por não ter vivido nada mais grave. Eu também tenho isso e eu penso: “Nossa, é muita sorte ser mulher nesta sociedade e não ter vivido uma violência efetivamente, sem ser isso de mexerem com a gente na rua e tal”, porque tantas vivem, né?

[00:44:56] Entrevistada: É maluco, né? “Só mexeram comigo, então está numa boa. Que bom, que sorte!”. Realmente, é muito louco.

[00:45:06] Entrevistadora: É muito. Bom, então falando um pouco sobre a parte mais prática dos seus acessos a esse tipo de conteúdo, por qual dispositivo, geralmente, você olha esses canais? É pelo computador? É pelo celular?

[00:45:20] Entrevistada: Pelo celular.

[00:45:24] Entrevistadora: Você acompanha pelas mídias sociais? Você tem o hábito de entrar nos portais?

[00:45:30] Entrevistada: Eu recebo algumas *newsletter* da *AzMina*, da *Mulher das Galáxias*. Na maior parte das vezes, eu vejo pelo Instagram.

[00:45:47] Entrevistadora: Você recebe por e-mail ou por WhatsApp?

[00:45:49] Entrevistada: A *newsletter*, eu recebo por e-mail.

[00:45:51] Entrevistadora: É porque *AzMina* tem um...

[00:45:52] Entrevistada: Tem o grupo no WhatsApp, né? É, mas eu não participo, não.

[00:45:56] Entrevistadora: Elas enviam as matérias novas por WhatsApp. Elas têm...

[00:46:00] Entrevistada: É verdade. Eu acho que já vi na página do Insta, mas eu não recebo, não. Eu recebo as minhas *newsletters* por e-mail e vejo no Instagram.

[00:46:07] Entrevistadora: Beleza! Você acessa geralmente de casa? Ou na rua? Ou no trabalho? Você trabalha de casa, né?

[00:46:17] Entrevistada: Agora é tudo em casa. Mas, mesmo antes... Casa, trabalho, lazer, tudo é a casa. Não, mas, mesmo antes, eu acessava mais de casa.

[00:46:27] Entrevistadora: E com que frequência você acessa os conteúdos, mais ou menos?

[00:46:32] Entrevistada: Ai, Jesus, eu estou tão viciada no meu celular.

[00:46:36] Entrevistadora: Todos estamos, na verdade, né?

[00:46:38] Entrevistada: É verdade. Olha que vergonha! Eu acho que todo dia eu vou ver... Não, digamos, o *Lado M*, todo dia que eu vou lá ver o que elas estão colocando, mas como eu estou todo dia, no fim do dia, eu vou brincar de Instagram, eu acabo vendo.

[00:46:54] Entrevistadora: Então, aparece para você.

[00:46:56] Entrevistada: É, vai acabar aparecendo o do *Lado M*, o da *AzMina* ou de outro grupo. Eu acho que todo dia.

[00:47:05] Entrevistadora: É, até porque, nessa conjuntura, só em casa, acaba acessando mais.

[00:47:10] Entrevistada: É, acaba sendo tudo *on-line*.

[00:47:13] Entrevistadora: Você acha que, durante a pandemia, você passou a acompanhar mais esses canais ou você acha que não mudou?

[00:47:20] Entrevistada: Não. Eu acho que não mudou.

[00:47:27] Entrevistadora: E tem alguma matéria, algum conteúdo específico que te marcou mais? Você falou agora da campanha do Meu Primeiro Assédio, né? Não sei se é essa mesma ou se tem outra.

[00:47:39] Entrevistada: É, eu acho que a do #MeuPrimeiroAssédio, que você falou, que eu lembrei. Eu acho que o último conteúdo que marcou muito, muito, muito mesmo foi... Fiz um grupo de amigas para conversar. Foi *on-line*, porque foi no meio da pandemia. A gente marcou uma hora, assim, para todo mundo conversar e foi o último *podcast* do Praia dos Ossos. Não sei se você viu. Foi bem elogiado. Era sobre a história do assassinato de Ângela Diniz, a *socialite*, lá nos anos 70 e sobre como - ela foi assassinada pelo namorado dela - o cara foi julgado, uma vez que ele cumpriu uma pena relativamente pequena. Ele meio que foi idolatrado. A galera achava ele bonitão, gente boa e não sei o que e como teve a estratégia de diminuir a vítima: "ela que era louca, que era interesseira". Ela era divorciada, então, ser divorciada nos anos 60 era um horror. Depois, ele teve um segundo julgamento, aberto. Teve uma onda feminista dizendo: "Não, espera aí, não é possível! O cara matou a namorada dele, confessou, teve uma pena leve e ainda está saindo de bonitão da história?". Aí, ele teve um julgamento de novo e, aí, ele foi condenado. Não foi a pena ideal do mundo, mas ele passou alguns anos preso, e o *podcast* conta essa história e tal. Eu não conhecia o crime, mas foi uma coisa bem conhecida nos anos 70, mas eu não conhecia a história, então, para mim, cada episódio era: "Meu Deus, o que vai acontecer agora?" - embora seja uma coisa que tenha acontecido 40 anos atrás. O *podcast*, nos principais episódios dele - são seis episódios só e acabou! -, aconteceu, no ano passado, mais ou menos na mesma época, teve o caso de Mariana Ferrer. Ela foi destratada durante o julgamento dela e ela foi feita como... Ela, sendo a vítima, sabendo-se que ela era a vítima também, o juiz... Não, acho que o juiz, não. O próprio advogado destratando ela, meio que querendo jogar alguma culpa nela, no comportamento dela e tal.

[00:50:12] Entrevistadora: O juiz também estava compactuando. Foi um episódio muito horrendo. Alô? Oi? Você está me ouvindo?

[00:50:22] Entrevistada: Oi? Desculpa, cortou um pouquinho o que você estava dizendo.

[00:50:25] Entrevistadora: Não, não. É que eu estava lembrando aqui que o juiz também, ele reforçava. Estava compactuando também.

[00:50:31] Entrevistada: O juiz também, né? Ai, meu Deus do céu! Eu acho que repercutiu bastante. Eu acho que isso é um produto de comunicação sobre violência contra mulher que me marcou muito, porque eu me lembro que teve essa infeliz coincidência de eu estar ouvindo um *podcast* sobre o caso de uma mulher quando isso aconteceu na vida real, de novo. O caso do *podcast* em si tem mais de 40 anos atrás. Então, assim, é como se fosse um *post* de mais de 40 anos e, hoje, está acontecendo a mesma coisa. Esse *podcast* foi muito bem feito. Muito bem feito. Têm os áudios do julgamento antigo.

[00:51:10] Entrevistadora: Eu não ouvi. Vou até colocar na minha lista para tentar ouvir no fim de semana já. Eu conheço a história só por alto, de noticiar na mídia.

[00:51:25] Entrevistada: Eu também não conhecia a história. É uma história famosa, realmente. O *podcast* é muito bem feito, muito bem feito mesmo. Eu fiquei com admiração pelo trabalho jornalístico da Branca Vianna. Elas são da Rádio Novelo. Para mim, ganhariam todos os prêmios do mundo. Eu recomendo! Mas ouça quando você estiver de boas; não ouça em um final de semana que você não possa se estressar, porque estressa.

[00:51:54] Entrevistadora: É muito pesado?

[00:51:55] Entrevistada: É bem feito. Não é aquela coisa pesada, forçada, não. Não é aquela coisa super sensacionalista, não. É super bem feito. Foi bem pensado. O episódio do julgamento, eu assisti... Eu saí pra caminhar e fui ouvindo, feito uma louca. Eu fiquei xingando sozinha na rua. Eu disse: "Meu Deus, o povo vai me prender, porque eu estou xingando aqui, não estou conseguindo ficar polida com esse negócio". Dá vontade de chorar. É isso! Aconteceu de, no ano passado, ter esse caso muito parecido, acontecendo na hora. Então, eu pensei: "Poxa, 40 anos se passaram, e a mesma situação machista está acontecendo. Não é possível".

[00:52:58] Entrevistadora: Não, e não muda. E é meio que uma situação que está no mundo inteiro. Tem um documentário, na Netflix - eu não sei se você já viu -, ele se chama Amanda Knox, que é o caso de uma moça, que vai fazer intercâmbio na Itália e, na segunda semana em que ela estava lá, uma colega de quarto dela é assassinada. A polícia chega para investigar a cena do crime e por ver essa moça lá fora da casa beijando o namorado, eles começam a desconfiar dela, porque acham que ela está sendo muito fria. A colega de quarto acabou de morrer e ela está beijando o namorado na porta de casa. Aí, começam a tentar incriminar ela por causa disso. É um negócio horrendo. Começam a dizer: "Ah, não! Ela que mandou o namorado matar. Ela enfeitiçou o homem e ele foi lá e fez o que ela queria". Todo o enredo da investigação policial é baseado nisso. Entrevistam o investigador anos depois. A moça ficou presa durante um tempão; depois, ela foi solta e foi presa de novo. Isso se estendeu por anos. Hoje, a Justiça pediu desculpas - a Justiça da Itália - e ela foi totalmente inocentada. Mas entrevistaram o investigador e ele fala que ele ainda acha que foi ela por causa dessas coisas, de discurso misógino.

[00:54:04] Entrevistada: Que chato! E isso foi recente. Esse nome me é familiar.

[00:54:06] Entrevistadora: É muito recente a história. Eu acho que é de 2018 ou 2019 o documentário.

[00:54:12] Entrevistada: Eu vou procurar o documentário.

[00:54:14] Entrevistadora: É irritante também. Você vai assistindo e vai ficando com uma raiva daquele sistema de justiça na Itália. E você pensa: "Não é só na Itália, é no mundo todo."

[00:54:26] Entrevistada: É no mundo. Não sei se é pelo momento que estamos vivendo, é tão difícil, mas parece que teve uma ressurreição das coisas que a gente achou que já tinha morrido. Elas voltaram do nada. É daquelas coisas que a gente pergunta: "A gente já não tinha superado, não? Não? Que bom, então vamos lá".

[00:54:51] Entrevistadora: Sim. Parece que não.

[00:54:52] Entrevistada: Parece que não, né? Mas uma coisa que eu acho, para mim, pessoalmente - não sei se isso ajuda na sua pesquisa -, mas o machismo tem unido (incompreensível)... É o que estou percebendo muito recorrente na minha vida e, novamente,

eu sou uma pessoa de bolhinha de amor, de classe média, branca, sem grandes horrores para contar, é que, neste ambiente de privilégio, o machismo que eu percebo, que acontece recorrentemente, é esse que eu estou falando do policial que descobre sobre o namorado, mas foi a Amanda que enfeitiçou ele, que o obrigou. É essa coisa de responsabilizar a mulher pelo erro que não é de responsabilidade nossa. Isso é uma coisa que eu sinto recorrente na minha vida, de estar carregando umas coisas que talvez não sejam toda minha responsabilidade. Então, você ser responsabilizada... Tem a coisa do cuidado, né? Sempre é a mulher que tem que cuidar das crianças, dos idosos, dos doentes, da família inteira. É a mulher que faz a conexão, é a mulher que faz a comida. Tem a coisa do cuidar até da emoção da outra pessoa. Aquela coisa de: “Não deixe seu pai nervoso. Não o irrite com tanta pergunta” ou “Seu namorado teve algum problema... Não, mas por que você não faz alguma coisa?”. Esses dias, eu briguei com a minha mãe, depois, eu falei: “Vixe! Eu irritei a minha mãe só porque eu estou nervosa. Ela está recebendo a patada”. O meu irmão foi se vacinar, e, em São Paulo tem fila para vacinar; aqui não tem. Aí, ela estava aqui...

[00:56:52] Entrevistadora: Aí é por agendamento?

[00:56:53] Entrevistada: É agendamento e não teve fila. O meu irmão passou pouco tempo na fila e disse que foi a coisa mais tranquila. Tem essa coisa da fila porque você agenda o dia, mas não o horário. É assim: tal dia, aí você vai na hora que você puder, o tanto que demorar na fila e tal. Era o dia da vacinação do meu irmão e, em alguma hora, ele iria mandar uma mensagem dizendo que estava vacinado. A minha mãe me perguntou assim: "Você sabe do seu irmão?". Eu falei: “Mãe, eu não sei. Quem tem que saber dele é ele. Eu moro longe dele igual você mora. Vixe, mãe, eu não sei”. “Está bem!”. Eu não respondi mais nada. Aí, ela me encaminhou uma mensagem da minha cunhada dizendo: “ele saiu agora...”, umas coisas assim, dando notícias do paradeiro do meu irmão. Aí, eu falei: “Que legal, mãe, beleza, mas você deveria ter perguntado para ele, não para a minha cunhada”. Aí, ela: “ Não, mas eu sei que ele estava dormindo.” E eu: “Mesmo assim”. Eu fiquei brigando com ela, mas depois eu falei: “Não vou ficar brigando com minha mãe, né?”. Mas um pouco isso, sabe? Por que eu ou a minha cunhada tem que responder se o meu irmão se vacinou ou não? É um exemplo

besta, mas tem muito essa coisa de a gente ter que carregar uma responsabilidade que não é nossa.

[00:58:03] Entrevistadora: Recai sobre a mulher.

[00:58:05] Entrevistada: Muito. Muito. Em relacionamento é assim. “Você deixou o seu namorado nervoso”, “Você influenciou tal coisa”, “Você o levou a...”. Poxa! O outro não é adulto?

[00:58:21] Entrevistadora: Mas acho que tem muito isso de não considerarem... De considerarem as mulheres mais maduras, mais responsáveis, que são construções sociais para nos sobrecarregar já, para tirar um pouco do peso dos homens

[00:58:40] Entrevistada: É meio que um “elogio” (entre aspas) dizer que as mulheres são mais maduras, mas é um jeito de dizer que os homens não vão se responsabilizar. Acho que isso é uma coisa que, para mim, eu reconsidero mais agora. “Homens, vocês têm que assumir mais responsabilidades nas suas vidas. Se você ficar nervoso com alguma coisa, você vai ter que dizer. ‘É, estou nervoso, não gostei’”. Aí, você pega e se estabiliza. Aí, a gente entra num acordo. Não é sempre jogar no outro, né?

[00:59:13] Entrevistadora: Sim, sim. Exatamente. Então falando agora um pouco... Bom, eu não sei se você vai conseguir me responder, porque você falou que não acompanha tanto a mídia tradicional, né? Você consegue enxergar diferenças entre a cobertura da mídia tradicional e dos canais de ativismo feminista?

[00:59:37] Entrevistada: Eu acho que eu não fico fazendo uma comparação. Eu acho que eu não sei comparar e te dizer: “Eu assisto o *Jornal Nacional* e eu assisto um vídeo no canal feminista tal e eu percebo as diferenças”. O que acabo percebendo, recebendo, na verdade, não percebendo, de alerta de “a mídia cobriu de tal jeito”, já é uma coisa que chega para mim, sabe? Grupo feminista que eu sigo no Instagram fazer aquela coisa de corrigir a manchete, sabe? Eu já recebo assim: “Olha, a *Folha de S.Paulo*, o jornal tal e tal publicou tal notícia e a gente cortou e escreveu certinho assim”. Então, eu não faço essa comparação. Eu realmente não posso te dizer: “Assisti *Jornal Nacional* ontem e percebi tal coisa”. Eu recebo isso filtrado, de os grupos que eu sigo fazerem isso e me informarem, sabe?

[01:00:41] Entrevistadora: Entendi. Então, você não consegue apresentar as diferenças e as semelhanças?

[01:00:50] Entrevistada: Não, não.

[01:00:51] Entrevistadora: Tudo bem.

[01:00:52] Entrevistada: Mas o que eu tenho sentido é que tem essa discussão, né? Eu não lembro de ter essa discussão quando eu estava na faculdade, por exemplo, de discutir como a mídia cobre a violência contra mulher, por exemplo. Não lembro de ter essa discussão. Então, eu acho que, comparando para bem ou para mal, eu acho até positivo que a gente está, pelo menos, tendo essa discussão, sabe?

[01:01:16] Entrevistadora: Sim. Bom, você já me falou de algumas características positivas dessas iniciativas desses canais. Você quer fazer uma síntese, assim, do que você acha dessas características positivas? E se você lembrar, também, de algo negativo que você observa nos canais de mídia feminista.

[01:01:40] Entrevistada: Tá. Eu acho que a única característica negativa que eu percebo - e eu até deixo de seguir, eu não fico entrando na briga, não, porque eu tenho até relutância em apontar críticas ao movimento feminista, porque se você juntar 10 pessoas para brigarem por um copo d'água, vai ter dois no meio que vão fazer uma maluquice; é o ser humano... Mas eu acho que, no geral, é tão mais importante que qualquer erro que eu possa apontar, que eu prefiro nem... Às vezes, eu penso: "Não gostei de tal coisa", mas é tão irrelevante, que eu fico na minha. Eu acho que é irrelevante qualquer besteira que eu venha a falar dentro do cenário que a gente vive, inclusive no cenário que a gente vive, de feminicídio, inclusive, literalmente, são pessoas que estão morrendo e eu estou aqui apontando que eu não gostei de tal coisa. Eu não acho legal.

[01:02:40] Entrevistadora: Você considera mais o todo, né? A importância do trabalho.

[01:02:41] Entrevistada: Exato, exato. Eu considero mais o todo e o tamanho da causa. O que eu deixei de seguir, falei: "Eu não consigo, eu não vou seguir mais". Aí, é tipo eu. Eu fico preocupada, inclusive. Eu não sigo não é porque eu discordo, não. Eu fico estressada é

quando eu vejo o próprio movimento brigar entre si. Então, o Feminismo Branco contra o Feminismo Liberal, o Feminismo... Eu digo: “Vamos não brigar sobre isso?”.

[01:03:09] Entrevistadora: É, dá uma angústia quando começam a brigar.

[01:03:10] Entrevistada: Dá angústia. Eu, quando começou a discussão do Feminismo Negro, eu falei: “Putz! Vou dar a cara a tapa aqui, que, realmente, é outra vivência que passou batido na minha cabeça. Vou aprender e vou entrar nesse negócio. Beleza. Vou aprender mais sobre isso e não vou mais passar batido sobre o que é uma experiência diferente sobre você ser uma mulher branca e você ser uma mulher negra”. Mas eu botava tudo no mesmo bolo. Eu achava que era isso: vamos incluir, vamos botar no bolo, vamos abrir e não vamos fechar. Aí, começou Feminismo Liberal. Eu falei: “Que diabo é isso?”. Chegou num ponto que eu nem sei qual é mais a diferença. Não, não. Não é que eu discorde: “A feminista liberal está errada por isso e a feminista negra...”. Enfim, eu não estou entrando no concordo/discordo. Eu parei de seguir algumas coisas. Eu falei: “Não, não. Eu não quero. Isso está me estressando. Não estou conseguindo processar isso neste momento. Não vou seguir”. Não sei se é uma crítica ao movimento, mas uma coisa que me angustia é isso: quando tem discussão entre si, e divisões. “Vamos fazer tribozinhas dentro de uma coisa...”. Aí, eu fico estressada.

[01:04:35] Entrevistadora: Essas segmentações, né? Eu também fico chateada com isso, porque enfraquece.

[01:04:40] Entrevistada: Enfraquece. E eu me sinto até, algumas vezes, pessoalmente excluída, e como eu sigo algumas coisas pelo sentimento de acolhimento, falo: “Poxa, realmente, eu não sou uma mulher negra, pobre, por exemplo. Então, eu não vou ter essa experiência”. Eu também não sou nenhuma milionária, mas só de você ter casa, trabalho e acesso às coisas, você já é privilegiado no Brasil. Então, eu, na minha condição de privilegiada, não sou, realmente, uma pessoa negra que mora na favela e o que eu tenho que fazer é entender que a vivência dela é totalmente diferente da minha em muitas coisas e totalmente válida e a gente tem que torcer por ela. Então, quando é para incluir e dizer: “Olha, vamos abrir o nosso leque e perceber que têm outras diferenças, massa. Beleza”. Agora,

quando é para excluir, eu começo a ficar: “Não, espera. É muito complicado! Vamos não fazer isso?”.

[01:05:47] Entrevistadora: Já que a gente está falando dessas temáticas mais atuais, com relação às *fake news*, você acha que as notícias falsas prejudicam o trabalho dessas iniciativas?

[01:06:06] Entrevistada: Eu acho que eu não me lembro de ter uma discussão ou de ver algum caso de *fake news* sobre algum tema feminista. Eu não me lembro! Está tão dentro de *fake news* da pandemia, que eu não sei se outro assunto chegou para dominar o universo da *fake news*.

[01:06:40] Entrevistadora: As *fake news* estão mais voltadas para a temática da saúde, né?

[01:06:42] Entrevistada: Isso. Eu não lembro de ver uma *fake news* contra uma pessoa. Eu não lembro.

[01:06:55] Entrevistadora: E você enquanto leitora, como é que você faz para lidar com essa conjuntura de ampla divulgação de *fake news*?

[01:07:05] Entrevistada: Eu acho que eu estou numa bolhinha boa. Eu sigo muitas agências de checagem e, também, porque tenho amigas que trabalham em agências de checagem. Geralmente, quando chegam para mim... Eu recebo a *newsletter*, né? Eles destacam as notícias da semana. “Não é verdade que a vacina...”. Muitas vezes, eu não vi essa notícia e eu fico: “Quem está falando essa loucura aqui?”. Então, eu vejo a checagem, mas eu não vejo a *fake news*. Eu já fui atrás, por causa da pandemia, de parentes mais velhos, de amigos da minha mãe, de eu dizer: “Mãe, não é para ficar vendo porcaria no WhatsApp. Se liga!”. Eu evangelizei minha mãe contra *fake news*, que é uma beleza. Ela tem o grupo dela no Facebook e eu falo: “Mãe, o Facebook tem muita *fake news*, o WhatsApp...”. Aí, minha mãe agora: “Agora eu tenho que checar!”. Minha mãe virou uma checadora.

[01:08:05] Entrevistadora: Ai, que bom!

[01:08:08] Entrevistada: Que maravilha, né? Eu fui atrás de quem eu achava que poderia ser mais alvo e receber essas coisas inocentemente, mas eu não recebo e eu não vejo. Eu vejo a checagem depois. “Nossa! Estavam falando isso? Que coisa maluca!”.

[01:08:30] Entrevistadora: É porque eu acho que a gente, enquanto jornalista, tem outra dinâmica.

[01:08:34] Entrevistada: Sim! E eu sigo as checagens. Enfim, eu acho que é outra dinâmica. Não sei se porque a gente não é o grupo alvo, digamos assim, desse tipo de notícia, de *post*.

[01:08:41] Entrevistadora: É, talvez.

[01:08:43] Entrevistada: Mas eu acabo não vendo. Eu não vejo.

[01:08:52] Entrevistadora: Que bom! Melhor assim. Eu também não tenho muito contato, não.

[01:08:57] Entrevistada: Isso é bom.

[01:09:01] Entrevistadora: São essas, Suzana, minhas perguntas. Você tem algo mais que você gostaria de acrescentar? Alguma dúvida? Alguma inquietação?

[01:09:11] Entrevistada: Não, não. Eu estou tranquila. Eu falo muito também. Meu Deus, eu já falei demais. Eu queria, depois, ter essa entrevista, saber da pesquisa e tal.

[01:09:21] Entrevistadora: Claro, claro. Depois que eu transcrever, eu te mando a transcrição para você dar uma olhada, para ver se é isso mesmo, para ver se você lembra de alguma coisa ou se tem algo que você queira acrescentar. A pesquisa ainda demora um pouquinho. Eu ainda estou na metade do doutorado agora, mas, assim que tiver, eu vou te repassar. Ainda, durante esse período, mais para frente, eu pretendo, na hora de entregar os resultados, perfilar algumas das pessoas com quem eu estou conversando. Então, eu quero fazer um perfil jornalístico. Aí, se for tudo bem por você, a gente volta a conversar mais para frente para eu conhecer um pouquinho melhor de você, da sua vida, da sua rotina, para eu poder escrever sobre.

[01:10:05] Entrevistada: Ah, legal! Queres anotar o meu e-mail? Porque, aí, você pode mandar esse material depois.

[01:10:12] Entrevistadora: Ótimo! Sim, sim, sim. Pode falar.

[01:10:17] Entrevistada: É [informação privada suprimida].

[01:10:26] Entrevistadora: Então, está bom. Eu te mando assim que eu tiver e a gente se mantém em contato também. Você tem o meu número, então, qualquer coisa, você pode me mandar mensagem. Eu fico totalmente à disposição, está bom?

[01:10:43] Entrevistada: Está bom. Massa! Obrigada.

[01:10:45] Entrevistadora: Eu que agradeço. Tenha um bom dia e um bom fim de semana.

[01:10:51] Entrevistada: Bom feriado. Aqui é tudo feriado.

[01:10:53] Entrevistadora: É verdade, você falou no começo. Bom feriado! Aproveita aí.

[01:10:55] Entrevistada: Ai, que alegria! Eu já posso começar o final de semana.

[01:11:00] Entrevistadora: Então está bom. Beijo e bom feriado. Tchau, tchau.

[01:11:03] Entrevistada: Tchau, tchau.

Tamara – leitora *AzMina*

[00:00:04] Entrevistada: Alô?

[00:00:05] Entrevistadora: Alô?!

[00:00:08] Entrevistada: Oi!

[00:00:09] Entrevistadora: Oi, aqui é Mariana. Tudo bem?

[00:00:11] Entrevistada: Tudo bom!

[00:00:12] Entrevistadora: Você está me ouvindo bem?

[00:00:15] Entrevistada: Estou sim. Você está me ouvindo?

[00:00:17] Entrevistadora: Estou!

[00:00:18] Entrevistada: Ah, que bom!

[00:00:20] Entrevistadora: Então é o seguinte, você disse que chegou a ver a mensagem, né?

Eu faço doutorado na Universidade de Brasília e o meu tema de pesquisa são mídias independentes de caráter feminista. E aí, eu estou conversando, já conversei com algumas das moças que colaboram para a revista as *AzMina*, e estou conversando com leitoras também. Eu vou pesquisar outras mídias também, a ONG *Think Olga*, o portal *Lado M*. E eu queria conversar com você para entender... Eu vi que você interage lá na página da revista *AzMina* e no Facebook, né? E aí, eu queria entender assim um pouquinho mais como que funciona essa sua interação e o seu envolvimento com a iniciativa e com o feminismo mesmo. Então, como é uma entrevista, depois eu vou precisar transcrever, para fazer o trabalho, para fazer a parte da análise. Você se importa se eu gravar?

[00:01:16] Entrevistada: Não, não. Pode gravar.

[00:01:18] Entrevistadora: Ah, então tá bom. Obrigada!

[00:01:20] Entrevistada: De nada.

[00:01:22] Entrevistadora: Se você preferir eu posso deixar seu nome em anônimo também. Não tem problema nenhum se você não quiser que seu nome seja vinculado ao trabalho. Ou, se você não se importar, coloco seu nome. O que você preferir, tá bom?

[00:01:40] Entrevistada: Tá bom.

[00:01:41] Entrevistadora: Você prefere qual? Ou você prefere falar no final?

[00:01:45] Entrevistada: É, eu prefiro ver como a gente vai conversar.

[00:01:48] Entrevistadora: Tá bom então. Beleza. Primeiro queria saber o estado onde você mora.

[00:01:51] Entrevistada: São Paulo.

[00:01:54] Entrevistadora: Qual é a sua idade?

[00:01:57] Entrevistada: Tenho 40.

[00:01:59] Entrevistadora: E a sua profissão?

[00:02:00] Entrevistada: Minha profissão... Bom, de formação, eu sou pedagoga, mas o que eu exerço mesmo, eu sou artista.

[00:02:09] Entrevistada: Ah sim, que legal. Você trabalha em São Paulo mesmo, né?

[00:02:18] Entrevistada: Sim.

[00:02:18] Entrevistadora: Capital?

[00:02:19] Entrevistadora: Capital.

[00:02:20] Entrevistadora: Beleza. Você se considera feminista?

[00:02:25] Entrevistada: Então, até uns meses atrás, eu não me considerava. Mas depois de observar algumas coisas que aconteceram com algumas amigas e até mesmo comigo, hoje eu posso dizer que sim.

[00:02:38] Entrevistadora: E porquê?

[00:02:41] Entrevistada: Porque eu tenho observado cada vez mais como é difícil a mulher ter voz na sociedade e o quanto a gente sofre preconceito por ser mulher, o quanto a gente sofre violência, de vários tipos, por sermos mulheres. E eu observo que, se a gente não começar a tomar as esferas públicas, mudar as leis, as coisas vão ficar cada vez piores.

[00:03:04] Entrevistadora: E o que é ser feminista para você?

[00:03:08] Entrevistada: Ser feminista para mim é exigir respeito. É não ser julgada por ser mulher, porque se o homem fizer uma coisa e eu fizer uma coisa, ele pode e eu não. Então feminista para mim é lutar por respeito, é lutar por estudo para as meninas, é lutar por escolhas, pelas mulheres poderem fazer escolhas e não as pessoas fazerem por elas.

[00:03:39] Entrevistadora: Você me contou que você é artista. Você transmite isso na sua arte? Desde que você se descobriu feminista, você consegue transmitir?

[00:03:50] Entrevistada: Sim, sim. Eu sou contadora de histórias, né? E atriz. E nos meus trabalhos eu tento passar isso tanto para as crianças quanto para as mulheres adultas.

[00:04:01] Entrevistadora: Você trabalha com os dois públicos?

[00:04:03] Entrevistada: Sim.

[00:04:07] Entrevistadora: Você me disse que descobriu recentemente essa sua afinidade com a pauta, então, né?

[00:04:13] Entrevistada: Uhum.

[00:04:15] Entrevistadora: E como isso afetou sua vida?

[00:04:20] Entrevistada: Olha, é como tirar uma venda dos olhos, sabe? É você sair da *matrix*. Coisas que antes, para mim, passavam despercebidas, porque eu pensava: “ah, a sociedade é assim mesmo, os homens são assim mesmo”. Hoje em dia, qualquer diálogo, qualquer filme que eu vejo, qualquer livro que eu leio, qualquer atitude de um amigo eu já consigo enxergar ali o machismo. Isso tem me afetado muito.

[00:04:43] Entrevistadora: É, eu entendo quando você diz que é como tirar uma venda mesmo. Porque eu acho que a gente como mulher, em algum momento da vida, tem essa catarse, né. A gente se descobre.

[00:04:54] Entrevistada: É, e não volta mais ao que era.

[00:04:59] Entrevistadora: É. Você participa de grupos, algum coletivo de militância feminista?

[00:05:05] Entrevistada: Nunca participei. O que eu participei são de alcateias que fazem estudos do livro *Mulheres Que Correm Com Os Lobos*, que é um livro feminista, que é um livro que fala do resgate ao feminino. Isso eu participei já vários anos, mesmo antes de me

sentir uma feminista. E grupos também de culto à deusa, ao feminino, isso também já participei antes.

[00:05:34] Entrevistadora: E como foram essas experiências?

[00:05:38] Entrevistada: É bom, é um lugar em que a gente se sente segura, porque só tem mulheres e a gente coloca várias situações ali e uma ouve a outra, uma ajuda a outra. Mas apesar disso, eu percebo que muitas ainda não conseguem se desvincular, né. Acha que, se não tiver um homem, eu não tenho valor, se eu não tiver um homem ao lado para mostrar para a sociedade, eu não tenho valor, se eu não quiser ser mãe, eu sou uma menos mulher. Então essas ideias ainda são bem firmes ainda, na cabeça da maioria das mulheres.

[00:06:08] Entrevistadora: E você se sente, de algum modo, acuada por se identificar com a causa feminista no seu círculo de amigos?

[00:06:17] Entrevistada: Sim. Recentemente mesmo, com o caso da Mariana Ferrer, eu fiz um vídeo no meu Facebook, porque eu estava muito triste quando eu soube dessa situação.

[00:06:27] Entrevistadora: Eu assisti o seu vídeo!

[00:06:31] Entrevistada: É, eu já estava passando por uma situação pessoal, que estava me deixando muito mal e juntou com o caso da Mariana. Eu fiquei muito triste, eu fiz um desabafo e eu vi que muitos homens me criticaram por isso. Eles falaram que “ah, não é bem assim”, que eu estou muito brava, que se eu ficar desse jeito nenhum homem vai me querer, esse tipo de coisa. E as mulheres falam que “não é bem assim”, porque elas nunca passaram por isso, né?

[00:06:57] Entrevistadora: Esse caso foi muito chocante mesmo. Quando eu assisti o vídeo da situação... Não sei se você chegou a ver o vídeo, né? Depois eu até fiquei pensando: eu não devia ter visto porque eu fiquei tão mal, comecei a chorar. Dá uma desesperança, né?

[00:07:15] Entrevistada: Mas é assim mesmo.

[00:07:17] Entrevistadora: Mas depois a gente vê também as reações, a gente se anima.

[00:07:26] Entrevistada: E eu digo mais: ali foi um caso que estava ela com homem e eu já passei por isso em delegacia de mulher. Então não é diferente. As pessoas falam que se aconteceu alguma coisa, você tem que procurar ajuda. Mas, às vezes, na própria delegacia

das mulheres, as mulheres te julgam, elas riem de você, não tem conhecimento da lei, porque elas acham: "Ah, isso assim não é crime, imagina, mas foi você que quis". Então a justiça no Brasil está bem atrasada.

[00:07:53] Entrevistadora: Você foi fazer uma denúncia e foi atendida por uma mulher e ela teve essa reação?

[00:07:59] Entrevistada: Ela nem me deixou entrar na sala para conversar mesmo com o pessoal para fazer o BO, porque ela falou que eu não deveria fazer BO porque aquilo não era crime.

[00:08:09] Entrevistadora: Eu não sei se você viu, mas a *AzMina* mesmo fez um mapa das delegacias das mulheres no Brasil e elas entraram em contato com todas as delegacias no país. Teve situações em que elas ligaram para perguntar se lá funcionava 24h e o policial respondeu: "funciona só se você for bonita".

[00:08:30] Entrevistada: Ai, que horror!

[00:08:31] Entrevistadora: Que horror, né?

[00:08:32] Entrevistada: Então, nesse caso que eu passei era num domingo, aí a delegacia da mulher no domingo é fechada, aí juntou no feriado na segunda, fechada. Eu só pude ir lá na terça-feira e na terça-feira não me atenderam.

[00:08:49] Entrevistadora: Então realmente não estava funcionando nem no período do dia, né?

[00:08:55] Entrevistada: Não, elas não quiseram atender. Elas falaram que o que eu estava reclamando não era um crime, sendo que fora é crime e a pessoa pode até ser presa por isso.

[00:09:06] Entrevistadora: Entendi. Eu achei que você nem tinha encontrado a delegacia aberta.

[00:09:11] Entrevistada: Não. Encontrei aberta, mas, ao mesmo tempo, fechada.

[00:09:17] Entrevistadora: Mas você convive com outras pessoas que partilham desse ponto de vista?

[00:09:23] Entrevistada: Sim! A maioria das mulheres que são do meu convívio, elas têm esse ponto de vista, sim.

[00:09:28] Entrevistadora: E como é a relação com essas pessoas? E tem homens também?

[00:09:33] Entrevistada: Não. Os que têm tentam chegar e dizem que eles são desconstruídos e etc. A gente vê que pelo andar da carruagem, não é bem assim. Eles falam esse papo para tentar conquistar as mulheres, para tentar se aproximar. Mas, no final das contas, é o que eu falo: esquerdistas, direitistas, são homens, não muda muito não o jeito de pensar. Porque eles não querem perder direitos, né. Os homens têm muitos direitos e eles se encobertam. Foi o que a gente viu ali no caso da Mariana.

[00:10:03] Entrevistadora: É. É complicado lidar com tirar privilégios, né?

[00:10:08] Entrevistada: Sim, eles não querem perder. É, os homens são muito unidos. As mulheres, elas estão começando a aprender a ser unidas.

[00:10:15] Entrevistadora: Sim. E com a sua família? Como a identificação com essa causa se reflete no ambiente familiar?

[00:10:26] Entrevistada: Então, a minha mãe já é falecida. Mas minha mãe era uma mulher extremamente machista. Meu pai é muito machista. Mas, assim, moram eu e a minha filha em casa. Eu sou divorciada. Então para mim é bem tranquilo isso. Dou várias dicas para a minha filha, mesmo ela sendo criança. Como ela tem que proceder em vários momentos.

[00:10:44] Entrevistadora: Quantos anos ela tem?

[00:10:45] Entrevistada: Ela tem 10 anos.

[00:10:47] Entrevistadora: Eu tenho uma irmãzinha de 13 anos e também faço esse trabalho em casa.

[00:10:54] Entrevistada: Sim, eu sempre falo para ela estudar, ter uma profissão, para ela poder se virar, né? Nunca abandonar as coisas que ela acredita por causa de um homem. Sempre eu falo essas coisas para ela.

[00:11:06] Entrevistadora: E na sua convivência com os amigos, você diz que tem várias amigas que também se identificam com o feminismo. Tem algumas que não, você já encontrou algum problema?

[00:11:16] Entrevistada: Sim. Eu tenho muita amiga também de igrejas, evangélicas. Mas é aquilo, eu não toco muito nesses assuntos com elas, porque eu sei que eu vou ser julgada, então eu não toco muito. Temos amizade normal, mas não eu toco nesses assuntos.

[00:11:33] Entrevistadora: Você é de alguma igreja também?

[00:11:37] Entrevistada: Então, eu fui durante muito tempo e, quando eu me divorciei, eu vi que não tinha muito lugar na igreja para mulheres divorciadas. Eu não conseguia me encontrar ali dentro e eu acabei saindo.

[00:11:50] Entrevistadora: Entendi. E no ambiente de trabalho, você trabalha sozinha, você trabalha em grupo?

[00:11:56] Entrevistada: Eu trabalho tanto sozinha quanto em grupo. Eu faço eventos e trabalho também de segunda à sexta. Sou funcionária pública também. Mas, como a gente está na pandemia, a gente faz escala. E, assim, é a mesma coisa: tem pessoas de cabeça muito aberta e tem pessoas que são casadas, têm um monte de filho, não querem trabalhar, se pudessem ficariam em casa, cuidando do marido e dos filhos. Tem de tudo.

[00:12:21] Entrevistadora: E como você acha que a mídia no geral, a grande mídia, aborda a temática da violência contra a mulher?

[00:12:29] Entrevistada: Eu acho que às vezes eles usam isso para conseguir audiência, mas não é uma coisa efetiva. Porque se fosse uma coisa tão efetiva, a gente não ia passar o que a gente passa na delegacia da mulher ou quando a gente vai abrir uma causa na justiça. Então, eu acho que a mídia deveria falar mais sobre isso. Mas não talvez para fazer uma repercussão tão grande, mas para ter uma coisa mais séria mesmo, sabe? Não só para ganhar audiência.

[00:12:59] Entrevistadora: E como você acha que a mídia trata a questão do machismo estrutural na sociedade?

[00:13:09] Entrevistada: Como é que eu posso dizer? Eu acho que elas, principalmente algumas redes de TV, têm muito isso, né, de: “ah, por que que isso pode? Está tudo liberal, as pessoas estão desconstruídas”. Mas eu acho que acaba sendo uma farsa, porque, como eu falei, eu tenho amigos que têm um discurso lindo, mas na prática não é aquilo, né? A gente

só vai saber mesmo como é isso quando um homem estiver em uma situação que ele vai abrir mão de um direito por uma mulher, e até então eu não tenho visto isso.

[00:13:41] Entrevistadora: E qual é a sua visão sobre a descriminalização do aborto?

[00:13:47] Entrevistada: Olha, eu penso que, se nós fôssemos um país sério, né, eu acredito que isso já tinha sido uma coisa resolvida. Porque eu não sigo, na verdade como é que eu penso isso, eu acho que o brasileiro precisa de estudo, né? Ter uma educação sexual na escola, para ele tentar se prevenir. Porém, eu mesma conversando com uma amiga, ela falou que só engravida quem quer e isso não é verdade. E uma mulher também pode pensar que: “é, eu fui violentada”, aí ela pensa em tudo que ela vai ter que passar na delegacia, em tudo que vai acontecer, talvez ela queira resolver o problema ali, rapidamente. Se a gente fizesse aborto legalizado era muito fácil, não ia precisar de nada disso. Porém, ao mesmo tempo, por a gente ser um país que não tem tanta educação, eu tenho muita preocupação de o aborto legalizado no Brasil, ele virar um meio de você acabar com a camada mais pobre. Quer dizer, a mulher engravidou, ela é pobre e manda abortar, abortar, e virar um meio de contracepção se a pessoa não tiver educação, que ela pensa: “é muito fácil, vou transar aqui e vou abortar ali”. Então isso eu tenho medo.

[00:14:57] Entrevistadora: Entendi. É, o que você falou que já não deveria mais ser uma questão, realmente. Tem países, como a França, por exemplo, em que desde 1970 já é descriminalizado. E o que você acha sobre a posição das mulheres no mercado de trabalho?

[00:15:19] Entrevistada: Ah, eu acho que a gente tem avançado muito mal, muito mais, pelo menos assim, nos lugares que eu trabalho, as mulheres elas sempre estão acima dos homens.

[00:15:28] Entrevistadora: Hum, que interessante.

[00:15:29] Entrevistada: Fazendo faculdade, geralmente nos primeiros lugares das universidades, todas mulheres, só que isso deixa os homens numa posição totalmente desconfortável.

[00:15:42] Entrevistadora: Agora questões relativas à revista *AzMina* ou a alguma outra que você acompanha, outra iniciativa semelhante: o que te motiva a acompanhar este tipo de veículo que faz jornalismo feminista?

[00:15:58] Entrevistada: Eu me identifico, né? É como se a gente tivesse lendo, é algo que nos, como eu posso dizer? A questão da ligação com aquilo, é como se desse voz aos nossos pensamentos, então a gente se vê ali, naquilo que as meninas escrevem.

[00:16:16] Entrevistadora: E quando que você conheceu a iniciativa, quando e como?

[00:16:21] Entrevistada: Ah, eu acho que tem uns três meses.

[00:16:24] Entrevistadora: Ah sim, é, realmente muito recente, então.

[00:16:27] Entrevistada: Uma situação que aconteceu comigo e eu joguei no Google, Facebook e fui parar na página que falava dessa situação.

[00:16:36] Entrevistadora: Uhum, entendi. É, e você lê, assiste, escuta algum conteúdo de outra iniciativa parecida?

[00:16:46] Entrevistada: Deixa eu ver. Acredito que não. Só os livros de psicologia: *Mulheres Que Correm Com Os Lobos*, *A Ciranda Das Mulheres Sábias*, que a gente faz as alcateias.

[00:16:56] Entrevistadora: Beleza. E por onde, por qual dispositivo que você acessa esses conteúdos, pelo celular, pelo computador?

[00:17:02] Entrevistada: Pelo celular.

[00:17:06] Entrevistadora: E geralmente você vai até o portal ou você vai por alguma rede social, você vai pelo Facebook, Instagram?

[00:17:13] Entrevistada: Eu vou pela rede social Facebook, aí eu vou pro portal.

[00:17:18] Entrevistadora: Uhum, e você costuma acessar de casa, da rua, de algum outro lugar?

[00:17:23] Entrevistada: Eu uso em qualquer lugar.

[00:17:25] Entrevistadora: De onde você tiver, né? E qual é a frequência com que você acessa o conteúdo?

[00:17:31] Entrevistada: Ai, eu acho que de dois em dois dias, talvez.

[00:17:36] Entrevistadora: Mais ou menos em que horário assim, você sabe? Quando você tá com tempo livre?

[00:17:41] Entrevistada: Costumo acessar à noite, à noite.

[00:17:44] Entrevistadora: Você se lembra de alguma matéria, de algum conteúdo delas que tenha te marcado?

[00:17:51] Entrevistada: Ah, foi o conteúdo que eu estava procurando, que falava sobre a prática dos homens de retirarem o preservativo sem as mulheres verem.

[00:18:01] Entrevistadora: Sim. E quais são as diferenças que você vê entre a cobertura da *AzMina* e da mídia tradicional?

[00:18:10] Entrevistada: Ah, eu acho que o delas é bem mais verdadeiro. É mais verdadeira e, talvez, não seja tão polida, é mais direta, é mais verdadeira.

[00:18:21] Entrevistadora: Uhum. Verdadeiro em que sentido?

[00:18:25] Entrevistada: Dá para ver que você não está, como eu posso dizer, floreando nada para tentar não chocar alguém. Os depoimentos das meninas ali são bem verdadeiros, não tem como você não se ver naquilo, é como eu falaria mesmo.

[00:18:41] Entrevistadora: Entendi, e você vê alguma semelhança entre a cobertura da *AzMina* e a da mídia tradicional ou de outras revistas femininas?

[00:18:51] Entrevistada: Olha, bem pouco. Assim, não, eu acho que mais os livros mesmo feministas que a gente lê e só.

[00:19:02] Entrevistadora: E você acha que a *AzMina* interage com o público?

[00:19:08] Entrevistada: Ah, elas demoram um pouco, mas elas até explicam que é porque elas têm poucas pessoas trabalhando.

[00:19:15] Entrevistadora: É, elas são uma equipe bem pequenininha sim.

[00:19:18] Entrevistada: Sim.

[00:19:19] Entrevistadora: E você costuma interagir com elas?

[00:19:23] Entrevistada: Ah, nessa matéria, né? E no caso que eu me identifiquei, eu mandei algumas coisas, sim.

[00:19:29] Entrevistadora: Uhum, por comentário, foi no privado?

[00:19:33] Entrevistada: Foi no privado.

[00:19:37] Entrevistadora: E quais são as características positivas da *AzMina* que você destacaria além dessa questão que você já falou de serem mais verdadeiras nos conteúdos?

[00:19:50] Entrevistada: Ah, eu acho que ser atual. Como eu posso dizer? É ter sensibilidade no modo que fala com a mulher e para as mulheres e não só para as mulheres, né? Também a gente lá trata do público GLS, então é uma revista inclusiva.

[00:20:09] Entrevistadora: Sim, e tem alguma característica negativa da iniciativa que você gostaria de destacar?

[00:20:17] Entrevistada: Talvez só isso: a demora para interação.

[00:20:21] Entrevistadora: É, você comentou que foi nos últimos três meses, né? Que você procurou e conheceu. Você acha que de alguma maneira a pandemia teve correlação com essa sua descoberta ou não?

[00:20:36] Entrevistada: Ah, acredito que não, porque, como eu te falei, por eu ter passado por essa situação eu fiquei confusa e eu queria saber se realmente era um crime ou não. Eu comecei a fuçar no Google, e aí eu fui parar na revista das meninas.

[00:20:51] Entrevistadora: Uhum, entendi. E na sua opinião, que impactos a pandemia trouxe para *AzMina*?

[00:20:59] Entrevistada: Ah, eu acredito que talvez tenha ficado mais conhecida, né? Porque, como as pessoas têm mais tempo, elas começaram a procurar mais coisas na internet. E também eu acredito que pela pandemia aumentou muito a violência doméstica, violência sexual e em casa, né? Porque tem maridos que cometem estupro contra a mulher. Então eu acredito que, talvez por conta disso, as pessoas tenham procurado mais esse tipo de assunto.

[00:21:25] Entrevistadora: É, elas têm feito mais matérias mesmo. Eu fiz algumas entrevistas já, e elas até me contaram que, nos primeiros meses, tudo era voltado para a pandemia justamente porque tinha esse aumento muito grande de violência. Mas depois tudo foi se estabilizando.

[00:21:42] Entrevistada: Ainda mais porque muitos homens podem ter perdido emprego, e o homem, ele se sente mais incapaz ainda do que ele já é quando ele perde o emprego, aí ele desconta na mulher que está do lado dele.

[00:21:53] Entrevistadora: Sim. E, enquanto leitora, como você lida com essa conjuntura tão ampla de disseminação de notícias falsas no país?

[00:22:05] Entrevistada: Ah, eu sou muito, como é que eu falo, que eu fico brincando de ser detetive, então eu sou... Eu fuço muito. Quando eu vejo uma coisa, eu vou em várias fontes para ver se é aquilo mesmo, eu sou muito curiosa assim. Mas eu sei que a maioria das pessoas não é, elas recebem uma coisa e já saem passando para todo mundo.

[00:22:24] Entrevistadora: Você procura saber a origem então, né?

[00:22:27] Entrevistada: Sim, eu sou muito curiosa.

[00:22:30] Entrevistadora: E como você acha que essas notícias falsas afetam a revista *AzMina*? Ou o midiativismo feminista como um todo?

[00:22:41] Entrevistada: Então, como eu falei, os homens não querem perder nunca, né? Então tudo o que eles puderem fazer para anular a causa feminista, para desmerecer, para ridicularizar, eles vão fazer. Então, às vezes, você lê uma coisa e eles tiram aquilo do contexto e começam a passar para frente e não é bem assim. Se você for perguntar para a maioria dos homens o que é ser uma feminista, eles não vão saber falar, eles vão falar coisas que eles acham que são, quando muitos deles são casados com mulheres que são feministas. Eles acham que feministas são aquelas moças que tiram os seios para fora, ficam gritando na frente da igreja. E não é, é bem diferente. E eles têm essa imagem estereotipada.

[00:23:22] Entrevistadora: Com certeza. Então são essas as minhas perguntas. Você tem algo a acrescentar?

[00:23:28] Entrevistada: Não, só isso. Foi super ótimo.

[00:23:32] Entrevistadora: Tá bom. Foi ótimo! Muito, muito obrigada. Eu fico muito feliz que você tenha descoberto a revista nos últimos meses, se identificado com o feminismo.

[00:23:41] Entrevistada: E não foi por um motivo bom, foi uma fase bem difícil.

[00:23:47] Entrevistadora: Mas hoje você está bem?

[00:23:49] Entrevistada: Mas a gente tem que tirar coisas boas disso.

[00:23:51] Entrevistadora: Você conseguiu conversar com o pessoal lá da revista, elas te orientaram?

[00:23:57] Entrevistada: Sim, sim.

[00:23:58] Entrevistadora: Bom, se você precisar de dicas de livros, se você quiser conversar, eu fico à disposição. E se você quiser que eu te mande também a conversa depois que ela for transcrita, eu posso te mandar para você ver se está tudo ok. Você quer que eu te mande?

[00:24:14] Entrevistada: Ah, eu quero. Ah, então pode ser.

[00:24:18] Entrevistadora: Então está bom, vou anotar aqui. E aí, se você quiser me dizer só depois de ler também, se você prefere que seja anônimo ou não.

[00:24:27] Entrevistada: Uhum, tá bom.

[00:24:29] Entrevistadora: Então tá bom, então eu te mando e aí eu fico à disposição para o que você precisar. Muito obrigada.

[00:24:36] Entrevistada: Tá ótimo, eu que agradeço. Até mais!

[00:24:39] Entrevistadora: Bom fim de semana. Tchau, tchau!

Tayná - leitora *AzMina*

[00:00:01] Entrevistadora: ...aí fica mais fácil de memorizar as coisas depois. Então, a gente está fazendo esse projeto. A ideia é fazer algumas oficinas com professores e com alunos também da Unesp para tentar inserir mais esse debate sobre educação midiática. É um projeto da UnB, que agora a Unesp está entrando também.

[00:00:18] Entrevistada: Gente, que legal! É muito bom saber disso, porque eu adoro comunicação, Mariana. Eu entrei no curso de Letras, justamente, por essa afinidade (facilidade de comunicação). Mas sem saber o que quer direito da vida fica difícil. Eu falei assim: "Vou fazer Letras porque vai me abrir um leque de oportunidades, inclusive talvez na área de Comunicação. Depois, se for o caso, eu faço, mais amadurecida, uma especialização em jornalismo".

[00:00:49] Entrevistadora: Agora, você já terminou a graduação?

[00:00:51] Entrevistada: Eu estou terminando. Eu estou no último ano. Eu já entreguei o meu TCC, a minha monografia, mas ainda faltam cinco matérias para eu concluir, no segundo semestre. Aí, acabou.

[00:01:01] Entrevistadora: Entendi! Eu também pensei em fazer Letras. Fiquei em dúvida entre Comunicação e Letras.

[00:01:08] Entrevistada: É bem relativo e são bem relacionadas as duas coisas.

[01:01:13] Entrevistadora: Sim! Dialogam bastante, né? Você está terminando o seu curso de Letras. Você mora no interior de São Paulo, né? Eu queria saber se você se considera feminista.

[00:01:31] Entrevistada: Eu me considero feminista.

[00:01:32] Entrevistadora: Por quê?

[00:01:34] Entrevistada: Eu falo assim sem medo. Se alguém me parar na rua e me perguntar “Você é feminista?”, eu falo “Sim! Óbvio! Com certeza! Por que não?” - eu vou responder assim. Eu vou achar estranha até a pergunta. “Oi? O quê?”, porque, para mim, é como perguntar “Você é humana?”.

[00:01:54] Entrevistadora: Você tem quantos anos?

[00:01:56] Entrevistada: Eu tenho 25.

[00:01:59] Entrevistadora: Eu acho que, para as gerações mais jovens... Eu tenho 29 e eu conversei com um pessoal que tem 40 e poucos, 50, 60. Eu percebo que, quando a gente fala com os adolescentes ou com os jovens adultos, todas respondem: “É uma coisa tão normal, tão naturalizada já”, enquanto as pessoas com 50 ou 60 anos dizem: “Eu falo que sim, hoje, sem problemas, mas antes eu tinha receio de falar que eu era feminista” ou “Antes eu pensava que eu não era feminista porque eu tinha uma interpretação totalmente diferente do que é o feminismo”. Então, eu acho que isso vai mudando de acordo com as gerações.

[00:02:41] Entrevistada: Com certeza! Eu acho que as pessoas mais velhas, Mariana, são atingidas por esse fenômeno... Eu não sei explicar porque, com certeza, você deve ter muito mais conhecimento, experiência e resposta para isso do que eu. Mas simplesmente pela minha experiência, eu vejo que essas pessoas mais velhas são muito mais acometidas pelo

fenômeno das *fake news* - não sei por qual motivo, se é por causa da falta de experiência como internauta - aquela coisa que navegar na internet sem saber direito o que está fazendo. Talvez as gerações mais novas tenham mais desenvoltura na internet e consigam filtrar melhor. Mas também esbarra em outro argumento, que é que as pessoas mais velhas deveriam ter os filtros muito mais aguçados. Eu não sei o que acontece.

[00:03:38] Entrevistadora: Eu acho que tem essa problemática de estar começando a lidar com a tecnologia.

[00:03:45] Entrevistada: É. Eu percebo que as mulheres mais velhas ficam nesse impasse, mas por falta de saber lidar com a informação, entendeu? Porque elas ficam perdidas naquelas falsas informações que circulam sobre feminismo, no meio dessa galera mais velha. Os homens mais velhos talvez sejam mais tacanhos. Então, fica todo mundo preso naquela bolha dos mais velhos, aí elas ficam perdidas nessas informações: “o feminismo é a mulher ter pelos debaixo do braço”. Talvez elas tenham medo desse julgamento de ser considerada feminista por ser julgadas no meio deles, naquela faixa etária. Eu não sei.

[00:04:33] Entrevistadora: Você falou sobre a interpretação do conceito do que é o feminismo.

[00:04:42] Entrevistada: Essas mulheres mais velhas pecam aí, na interpretação do que é o feminismo. Elas ficam colhendo, se alimentando, se nutrindo de informações erradas a respeito.

[00:04:56] Entrevistadora: Para você, da sua perspectiva, o que é ser feminista?

[00:05:01] Entrevistada: Nossa! Como eu falei para você, ser feminista, para mim, é ser gente. Eu acho que o ser humano deveria ser feminista. Lógico! Eu demorei um pouco, um pouco mais do que eu acho que deveria, para chegar a essa conclusão que eu vou te falar agora: de que as mulheres são o centro da sociedade. Já enxergam isso, mas muito poucas enxergam que a mulher é a base e o centro.

[00:05:38] Entrevistadora: Até porque tem muitos movimentos para tentar fazer com que as pessoas não enxerguem as mulheres nessa posição de seres que estão também fazendo com que a sociedade se movimente.

[00:05:50] Entrevistada: Exato!

[00:05:52] Entrevistadora: “Elas estão apenas escondidas, dentro de casa, fazendo o serviço de reprodução social”.

[00:05:56] Entrevistada: E a História sempre colocou a mulher nesse lugar de coadjuvante, mas, na minha perspectiva, elas ocupam o papel central; elas são protagonistas da história. Não existe igualdade, na minha visão feminista. Não existe: “Os homens e as mulheres são iguais”. Não! As mulheres são protagonistas. As mulheres são muito mais importantes para a espécie humana, para a humanidade enquanto espécie, no nível biológico, no nível cultural, no nível social. As mulheres são mais importantes em todos os sentidos. Eu acho que é por isso que a História tratou de colocar elas em escanteio, porque senão os homens ficariam sem lugar.

[00:06:56] Entrevistadora: Você já leu *O Calibã e a Bruxa*?

[00:06:58] Entrevistada: Não.

[00:06:59] Entrevistadora: Esse livro está aqui. Inclusive, eu estou lendo ele. É muito bom. Dá para ver?

[00:07:08] Entrevistada: Dá! Deixa eu anotar. Eu adoro! Espera aí. Eu tirei o meu estojo aqui para estudar.

[00:07:15] Entrevistadora: Ele é da Silvia Federici, que é uma pesquisadora italiana. Ela traz, justamente, essa questão da perseguição às mulheres, da caçada às bruxas, e ela coloca muito esse ponto de que existia um medo da sociedade com relação ao potencial das mulheres. Por isso, era necessário perseguir aquelas mulheres que tinham um pouco mais de independência, principalmente as mulheres que sabiam usar a Medicina, mas a medicina com base em plantas e em coisas que elas retiravam da floresta, e as mulheres que sabiam induzir aborto em outras mulheres. Todas essas mulheres, muitas vezes senhoras mais experientes, de zonas rurais, eram perseguidas. Aí, começa todo o processo de caça às bruxas. É interessantíssimo o livro. Muito bom! Muito bem escrito!

[00:08:13] Entrevistada: Muito obrigada pela indicação. Vou procurar!

[00:08:19] Entrevistadora: Você me explicou um pouquinho sobre o que você pensa, o que é o feminismo e o que é ser feminista para você. Como foi, quando foi que você se descobriu com afinidades com essa causa do movimento feminista?

[00:08:34] Entrevistada: Poxa! Essa é uma pergunta que exige reflexão da minha parte. Eu acho... Eu acho, Mariana, que eu sempre me soube feminista. Acho que desde pequena.

[00:08:54] Entrevistadora: Por quê?

[00:08:55] Entrevistada: Porque eu nunca gostei das mesmas coisas que as meninas gostavam. Deixa eu procurar a palavra certa, porque eu acho que é muito clichê falar isso (“nunca gostei do que as outras meninas gostavam”). Mas eu nunca me submeti ao lugar da menina, sabe? “O lugar da menina é dentro de casa, ajudando a mãe, limpando a casa”. “O lugar da menina na escola é ficar quietinha. É nas humanidades, e não nas exatas”. Embora eu seja de humanas, eu sempre fui muito bem em exatas na escola. Inclusive, eu prestei vestibular para Engenharia, junto com Letras. Passei nos dois, mas optei por Letras. Eu gosto de exatas também. Eu não tenho esse problema. “O lugar da menina é quieta, recatada”. Sabe todo esse paradigma que impõem para a gente?

[00:10:05] Entrevistadora: Você tinha influência dentro de casa, para pensar um pouco diferente?

[00:10:12] Entrevistada: Sim! Vou te contar: eu fui criada majoritariamente pela a minha avó materna, porque os meus pais se divorciaram quando eu era bem pequena e eu passei a morar com a minha avó, mas sempre com a minha mãe por perto também, embora ela tivesse que trabalhar. Eu acho que a minha maior influência feminista foi a minha mãe, por não ter aceitado um relacionamento abusivo, com um marido agressor. A minha mãe sendo divorciada já era uma situação diferente. Acho que eu já respondi. É que dá vontade de ficar aqui divagando.

[00:11:00] Entrevistadora: Eu acho interessante isso: muitas das pessoas com quem eu estou conversando trazem as figuras das suas mães e avós para as conversas, para relatar sobre a influência delas.

[00:11:12] Entrevistada: A minha avó materna não era uma mulher de impulso feminista. Eu acho que ela se sabia muito forte e muito resiliente - tudo aquilo que as grandes mulheres são -, mas eu não sei por qual motivo ela achava que isso não era bom e não era suficiente ainda. Eu não sentia, por parte dela, uma exaltação disso, nem uma valorização disso, nem nela mesma e nem nas mulheres com quem ela convivia.

[00:11:55] Entrevistadora: Na minha avó também não, Tayná. É até curioso porque ela me fazia questionamentos... Eu fui criada pela a minha avó também, até os dez anos. Minha mãe estava fazendo faculdade. Na nossa cidadezinha não tinha faculdade à época, então ela passava a semana fora e voltava para ficar com a gente nos fins de semana. E eu ficava em casa com a minha avó. Minha avó colocava sempre umas questões e algumas demandas que me faziam refletir. Por exemplo, ela me dizia que, se ela tivesse nascido homem, ela seria caminhoneiro. Eu perguntava para ela: “Por que você não vai ser caminhoneira então?”. Ela dizia: “Não pode! Eu sou mulher. Isso é profissão de homem”. Isso me fazia pensar sobre. Mesmo que ela não tivesse consciência, ela tinha essas vontades e esses desejos de libertação, de sair daquela estrutura patriarcal que ela estava presa, mas ela não podia porque ela tinha filhos e netos e tinha que cuidar da sua família e da sua vida, que já estava dada. Por outro lado, isso fez com que eu pensasse diferente e a minha tia, a minha mãe e as minhas primas também.

[00:13:12] Entrevistada: É incrível refletir sobre isso porque você percebe como elas trazem aquilo enraizado nelas e elas se colocam dentro da jaula. Parece que é uma gaiolinha. Sabe aquelas armadilhas de passarinho? Ela entrou dentro sozinha e fechou a porta, e ela mesma pode abrir na hora que ela quiser ou fechar, mas ela não abre. É incrível isso! A minha avó foi criada no sítio, aqui no interior de São Paulo, em Piracicaba. Ela foi criada no sítio. Ela era uma de seis irmãos: três homens e três mulheres. Ela era uma das mais velhas. O meu avô era um homem muito rígido. O pai veio da Itália - o meu bisavô veio da Itália para cá -, conseguiu prosperar aqui. Ele tinha fazenda, tinha gado. Daí, o que acontecia? Ela traía a esposa e acabou perdendo tudo em jogo. Então, o meu bisavô, o pai da minha avó, acabou se tornando uma pessoa muito revoltada por isso. Ele exigia muito dos filhos, porque eles

tinham que trabalhar nas terras dos outros. Eles não tinham mais a terra deles para cultivar; eles tinham que cultivar a terra dos outros. Foram vindo os filhos e os filhos acabaram sendo submetidos àquela mesma vida dura, tendo que trabalhar na terra dos outros, para enriquecer os outros, enquanto eles estavam subsistindo ali. Ele exigia muito dos filhos e se tornou essa pessoa carrancuda, rude e extremamente rígida, por causa dessa amargura. Ele depositava muito isso nos filhos. A minha avó, pelas histórias que ela contava da infância dela, e que os irmãos dela, meus tios-avôs, contavam e ainda contam, eu percebia que ele a tinha como um braço direito. Ela fazia mais do que os irmãos homens dela faziam na roça. Ela se portava como homem, como um dos irmãos.

[00:15:33] Entrevistadora: Ela era a única mulher?

[00:15:35] Entrevistada: Não! Eram três mulheres e três homens. Então, as duas irmãs ficavam em casa. Iam para o rio lavar roupa, ajudavam a fazer comida, limpar a casa e a cuidar dos irmãos. Ela ia para a roça com o pai. Eu, hoje, ouvindo essas histórias, percebo talvez um complexo do feminino dela. Ela já tinha isso de ser mais como um homem desde pequena. Então, eu reflito sobre a trajetória dela, hoje, a partir desse ponto de vista de como talvez ela tenha suprimido o feminino dela e talvez tenha sido dura com o lado feminino dela e se obrigado a ser mais masculina, para dar mais orgulho para o pai, para ser o braço direito do pai, para ter aquele reconhecimento masculino. Quando eles vieram morar na cidade, ela foi trabalhar numa fábrica de tecido, ela trabalhou como empregada doméstica em casa de pessoas de mais posses. Aí, com 24 anos, ela fugiu de casa. Ela fugiu para se casar, porque o pai dela não deixava ela se casar.

[00:17:05] Entrevistadora: Por que não deixava?

[00:17:08] Entrevistada: Outro ponto: eu acho que ele tinha tanto apego nela, por ela ser essa referência de filho, que talvez ele não quisesse que ela fosse embora e que ela se casasse. Ela tinha uma coisa com o primo. Então, a desculpa dele para não deixar ela se casar é que eles eram primos e que não podia. Aí, ela conheceu meu avô, que era dentista. Ela foi ao dentista, em um belo dia, e conheceu ele. Só que ele era muito mais velho: ela tinha 24 anos e ele tinha 60 já. Aí, ela acabou fugindo com ele de casa, porque o pai dela também não

permitiu, porque ele era muito mais velho, então “não pode casar”. Imagina: o meu avô era mais velho que o meu bisavô. Ele era mais velho que o pai dela, então o pai dela falou: “Não vai casar com ele”. Então, ela fugiu. Ela casou, teve quatro filhos com o meu avô. Ficaram juntos a vida inteira. O meu avô morreu muito antes dela, é lógico. Depois de 20 ou 25 anos de casados, meu avô acabou falecendo. A minha avó se casou e se tornou dona de casa e o meu avô não tinha esse pensamento retrógrado - talvez por ser formado ou por ser de outra classe social. Ele tinha a mente mais aberta em relação às mulheres. Então, ele queria que ela estudasse; ele gostaria que ela aceitasse ter uma empregada doméstica em casa; que ela não ficasse presa em casa naquela redoma doméstica, se preocupando com essas trivialidades; que ela tivesse tempo para se cuidar ou para estudar. Eu vejo que ela não aproveitou essa oportunidade. Ela mesma se confinou e continuou sendo a dona de casa, aquilo que ela foi programada para ser, mesmo talvez não gostando daquilo. Ela também fez muita diferença entre os filhos. Ela teve três filhos homens e só a minha mãe como a única menina. Ela fazia muita diferença. A minha mãe, ela queria criar como uma menina, dentro daquele fechado. Ela queria que minha mãe ficasse em casa, que minha mãe limpasse a casa, que a minha mãe fosse aquele padrão de menina, enquanto os três irmãos podiam tudo.

[00:19:55] Entrevistadora: Essa diferenciação na criação, né?

[00:19:57] Entrevistada: É muito forte essa diferenciação. Minha mãe se ressentiu disso até hoje, por minha avó ter feito essa diferença, porque foi realmente uma diferença muito forte. Foi uma diferenciação sem censura: “Você vai fazer isso, porque você é mulher”.

[00:20:19] Entrevistadora: Você hoje, que você já tem essa consciência sobre o feminismo, que você já tem um certo alinhamento com a causa, como isso se reflete na sua vida, na sua rotina, no seu cotidiano?

[00:20:34] Entrevistada: Nossa! De tantas maneiras, Mariana. É um pouco deprimente, para ser sincera.

[00:20:44] Entrevistadora: Como assim?

[00:20:45] Entrevistada: Quando você se torna consciente de que você é oprimido, é muito deprimente, porque você começa a enxergar isso em todas as situações. Qual metáfora eu poderia usar aqui para te explicar? Uma coisa é você estar preso sem saber que você está. “O que os olhos não veem, o coração não sente” - é aquela história. Mas quando você sabe e não pode fazer muito a respeito, é doído. A mente fica fervendo, procurando maneiras de contornar aquilo, seja no trabalho, seja nos relacionamentos. Eu sou mãe também.

[00:21:35] Entrevistadora: Você é mãe? De menino?

[00:21:37] Entrevistada: Eu sou mãe. A minha filha tem sete anos. Eu tive ela com 18.

[00:21:43] Entrevistadora: Muito novinha. A minha mãe engravidou de mim com 16. É um desafio, né? Tanto para a mãe quanto para a filha.

[00:21:52] Entrevistada: Eu também fiquei assim, igualzinha a sua mãe: fazendo faculdade em Araraquara e vinha só aos finais de semana para casa. Ela ficava com a minha mãe. Ela era muito bebê, muito novinha. Mas foi sofrido para ela também, com certeza. Às vezes, bate um desespero terrível. Dá vontade de morrer, porque você conversa com advogada, você vê postura de juízes e às vezes você conversa até com médicos. Ontem, eu levei a minha filha ao endocrinologista, porque ela vai fazer sete anos em outubro e eu me preocupo porque a janela da menarca é entre os oito e os dezesseis anos. Eu quero poder prolongar a infância dela ao máximo. Uma menina ficar menstruada aos oito anos, para mim, parece um pesadelo.

[00:22:54] Entrevistadora: Para a menina?

[00:22:55] Entrevistada: Eu morro de medo que isso aconteça. Então, eu quis levar ela ao endocrinologista para fazer exames, para fazer acompanhamento, para eu poder ter um prognóstico de quando isso pode acontecer. Se eu perceber que vai acontecer muito cedo, quero poder fazer um tratamento ou alguma coisa, para retardar e permitir que ela tenha uma infância mais tranquila, nesse sentido. Eu ouvi cada coisa do médico.

[00:23:31] Entrevistadora: Era um médico homem?

[00:23:33] Entrevistada: Era um médico. Eu saí de lá desconcertada, com uma raiva, com um ódio, com uma vontade de explodir aquela clínica. Ele falava cada coisa! “Por que você está

preocupada com isso?”. Eu falei: “Porque eu acho que é melhor para ela”. Ele: “Mas não é você que tem que achar. É a natureza que é assim...”.

[00:23:53] Entrevistadora: Biologismo.

[00:23:55] Entrevistada: Eu falei assim para ele: “É mesmo? Então por que você existe? Então, eu não vou tomar remédio. Vamos todo mundo morrer? Fico doente, morre. É natural. Assim é a natureza, né?”.

[00:24:11] Entrevistadora: Ele não entendeu por que você estava levando ela lá com a sua pauta?

[00:24:15] Entrevistada: Ele entendeu, mas ele quis deslegitimar os meus argumentos, as minhas motivações. “A sua preocupação não é legítima. Para de frescura! Se ela tiver que menstruar com oito anos, ela vai menstruar e pronto! Você não pode fazer nada”. Foi mais ou menos assim que ele disse, mas não com essas palavras. Eu fiquei arrasada! Que ódio desse cara! Esse é só um exemplo de situações que a gente enfrenta enquanto mulher, que revoltam, revoltam muito.

[00:24:56] Entrevistadora: Com certeza! Esse contato com a classe médica é extremamente difícil, porque existe um distanciamento gigantesco entre o que se ensina na área de saúde e o que a gente estuda dentro das humanas. Isso vai criando barreiras...

[00:25:16] Entrevistada: Eu não quis entrar em uma discussão maior, porque aquele não era o meu objetivo ali. Eu captei a mensagem, eu percebi o tipo de pessoa que ele era e falei: “Aqui não é o meu lugar. Estou falando com a pessoa errada. Vou procurar outra”.

[00:25:30] Entrevistadora: Acho, realmente, que é a postura mais adequada, já que é para atender a sua filha e ajudar a sua filha.

[00:25:36] Entrevistada: Exatamente! Eu tenho um convênio médico e, no guia do convênio, só tinha uma médica que era endócrino-pediatra, especialista, então a lista dela é muito grande - demora para a consulta. A consulta que eu consegui marcar com ela era só para outubro. Aí, eu fiquei ligando nos outros e perguntando: “Você atende criança?”, até encontrar quem atende criança. Por isso que eu acabei caindo nele. Mas eu falei: “Nunca mais!”.

[00:26:08] Entrevistadora: É super válida a sua preocupação. Achei super legal!

[00:26:11] Entrevistada: Nossa! Com certeza! Eu fui até ler depois, Mariana, e fui pesquisar na internet. Eu falei: “Será que eu realmente estou...?”. Eu já sabia que não, mas uma outra pessoa te falar isso te desestabiliza um pouco. Você fica pensando: “Será que eu realmente estou tão louca assim?”, até porque ele não é qualquer pessoa; ele é um médico. Então, eu fui pesquisar a respeito e eu vi que, realmente, essa preocupação está aumentando com o adiantamento da menarca das meninas e tal. Tem muita gente procurando retardar mesmo. Muitas motivações são estéticas, para a menina crescer mais, senão vai ficar muito baixinha. Eu acho super válido também. Não é só porque é uma questão estética que não é válida. A gente faz tanta coisa por estética. As empresas, as multinacionais, as grandes empresas capitalistas vendem cada produto para a gente, fazem cada propaganda ridícula, em nome da estética. As pessoas fazem botóx, fazem plásticas em nome da estética. O que tem eu usar aparelho nos dentes em nome da estética? Por que eu não posso interferir nisso, em nome da estética? Não faz sentido! É claro que, se houver um risco real à saúde, eu também acho que não vale a pena. Mas vai de cada um! O problema é seu, a sua filha, o corpo é dela. Você que resolva, enquanto mãe, enquanto família. Cada um decide por si. Eu fui pesquisar a respeito e é uma preocupação crescente e que é possível de se fazer para retardar. Você faz um tratamento hormonal na menina. Não é um bicho de sete cabeças. Ela toma tipo um anticoncepcional, que é uma coisa tão anormal, que ninguém quase toma. Vivem 20 mil anos tomando anticoncepcional. A mulher está há 40 anos tomando anticoncepcional e os médicos não falam nada. Você vai ao ginecologista, ele fala: “Imagina! Não tem efeito colateral nenhum. Pode tomar”.

[00:28:29] Entrevistadora: Sobre os anticoncepcionais, tem esse debate sobre os efeitos colaterais. Voltando um pouco para a temática do feminismo, você me disse que passou a se identificar com a causa. Você chegou a participar de coletivos ou de algum grupo de militância feminista na faculdade?

[00:28:52] Entrevistada: Não! Nunca participei, Mariana, e, sinceramente, eu detesto.

[00:28:56] Entrevistadora: Por quê?

[00:28:57] Entrevistada: Eu não gosto! As minhas experiências mais próximas com coletivos feministas foram na faculdade. Eu não gosto dos debates promovidos pelo corpo estudantil na faculdade. Eu não acho que eles sejam democráticos.

[00:29:20] Entrevistadora: Em que sentido?

[00:29:23] Entrevistada: No sentido político mesmo da palavra, sabe? Opiniões diferentes não são bem aceitas, entendeu? Aí, você acaba tendo medo de se manifestar. Você acaba indo ao coletivo só para ouvir, como se aquele não fosse um espaço de debate, sabe?

[00:29:48] Entrevistadora: Você chegou a ir conhecer?

[00:29:50] Entrevistada: Nem cheguei a tentar, por ver conversas: vejo uma aqui no corredor, vejo outra ali, vejo coisas na página do coletivo no Facebook. Eles estão muito fechados. Acaba virando um clubismo, sabe? Acho que a galera não tem muita maturidade para isso.

[00:30:20] Entrevistadora: Você se sente ou já se sentiu, de alguma forma, no seu cotidiano, acuada por se identificar com a causa feminista?

[00:30:31] Entrevistada: Sim!

[00:30:32] Entrevistadora: Até mesmo dentro desses grupos, como você está falando.

[00:30:36] Entrevistada: Até dentro desses grupos, em ambientes de trabalho, dentro da família, principalmente por causa das mulheres mais velhas - elas não entendem o conceito. Eu fiz estágio no Sesc, em Araraquara e, no corpo de estagiários, tinha uma transexual. Aí, acabava sendo um tema recorrente. Eu acabei percebendo que existem divergências entre o movimento feminista e esses outros movimentos LGBTQIA+.

[00:31:24] Entrevistadora: Existem mesmo! A depender da vertente do feminismo, pode ser até que haja um preconceito com mulheres trans. Então, você já viveu embates, tanto no trabalho quanto na família?

[00:31:39] Entrevistada: Já!

[00:31:41] Entrevistadora: Como foi que você contornou isso?

[00:31:45] Entrevistada: Nossa, Mariana! Eu acho que eu nunca contornei de frente. Hoje em dia, eu procuro não me manifestar muito na família.

[00:32:00] Entrevistadora: Pessoalmente ou inclusive digitalmente?

[00:32:07] Entrevistada: Pessoalmente mais do que digitalmente, mas ultimamente também digitalmente eu reduzi drasticamente. Eu só me manifesto onde eu acho que eu me sinto à vontade mesmo.

[00:32:25] Entrevistadora: Por quê? Para evitar esse tipo de problema de divergências?

[00:32:30] Entrevistada: Para evitar, porque nem todo mundo, como eu falei para você, tem maturidade para discutir. Quantas vezes eu já vi coisas que eu não concordo e resolvi não comprar a briga, passei reto. “Beleza! Você pensa assim”. Ou, se eu vou discutir, eu sou educada. Não tem por que eu xingar ou ser rude com uma pessoa que eu nem conheço. No máximo, eu sou irônica ou sarcástica. Isso “pistola” qualquer um. Você responder com ironia e sarcasmo, “pistola” as pessoas. Eu gosto de ser respondida com ironia e sarcasmo, quando é inteligente. Eu adoro! Eu tomo aquele tapa de bom grado. “Pode me dar!”.

[00:33:24] Entrevistadora: Você já viveu embates com pessoas que você sequer conhecia?

[00:33:31] Entrevistada: Com certeza! Houve mesmo. Eu inventei de comentar em uma publicação de uma página que não é feminista nem nada. É uma publicação que está rolando em várias páginas, sobre uma mãe que criou um grupo de apoio para mulheres que não gostam de ser mãe - que são, mas não gostam de ser. É batata! Toda vez que eu comento alguma coisa ou eu respondo algum comentário de uma mulher... eu respondo de uma forma que possa fazer ela enxergar e eu não respondo com acusação, com ofensas gratuitas. Jamais! Esse não é o nosso propósito. Eu respondo de uma forma que faça ela refletir. “Você já pensou por esse lado?”.

[00:34:22] Entrevistadora: Você está falando de uma pessoa que estava se opondo ao grupo?

[00:34:26] Entrevistada: Isso! Estava se opondo à matéria. Eles sempre usam Deus nesse tipo de publicação. Falam: “Que triste para essa criança. A filha dessa mulher que criou esse grupo de apoio vai crescer. Imagina como vai ser para ela” ou “A resposta dela virá”. Eu pensei assim: uma mulher que diz que ama ser mãe também se beneficia dessa relação. “Eu vou ver jogo de futebol com meu marido ou com o meu irmão, porque eu amo futebol”, então é óbvio que você também está se beneficiando disso. Você vai fazer companhia para aquela pessoa, mas você também se beneficia porque você ama futebol. É lógico! Se você fala

assim: “Eu detesto futebol, mas eu vou por ele”, você está fazendo isso pela pessoa, né? Então, eu acho que é a mesma coisa. Você já parou para pensar que uma mãe que diz que ama ser mãe está se beneficiando nessa relação da maternidade; agora, uma mãe que diz que não gosta de ser mãe e, mesmo assim, estar sendo mãe e estar fazendo o melhor para aquela criança, ela entendeu o que é amor. Isso realmente é amor. Ela está fazendo pura e simplesmente porque ama a criança, porque ela não gosta de ser mãe. É só por amar a criança. Esse seu argumento de “essa criança vai ficar traumatizada, porque a mãe não gosta de ser mãe” não tem validade nenhuma. Isso não tem cabimento. Caiu por terra!

[00:36:21] Entrevistadora: Isso é a reprodução de um discurso raso, mas fácil.

[00:36:25] Entrevistada: Me falam assim: “Você nem é mãe. No dia em que você tiver filho, você volta aqui e a gente conversa”. “Oi? Você me conhece da onde mesmo? Você me conhece? Você já me viu?”. Eu sou mãe! Aí, você desbanca a pessoa. Ela não sabe o que responder mais. Acho que ela até excluiu o comentário. Todo mundo me vê na internet e fala: “Essa menina tem 16 anos”, porque eu aparento. “Cala a boca, sua pirralha”: só faltam me responder assim. “Você nem sabe o que está falando”.

[00:37:00] Entrevistadora: Você já sofreu algum tipo de ameaça ou já rolou algo mais sério ou algum problema que foi além?

[00:37:08] Entrevistada: Graças a Deus, não. Mas eu tenho medo, Mariana. Minhas contas são todas privadas; eu não deixo nada em aberto. Inclusive, eu tenho consciência de que eu posso sofrer.

[00:37:21] Entrevistadora: Por que você não deixa de se posicionar?

[00:37:23] Entrevistada: Sim!

[00:37:24] Entrevistadora: E é algo que você gosta de fazer. Você se sente instigada a abrir os debates?

[00:37:31] Entrevistada: Eu me sinto, porque eu acho que é necessário a gente quebrar esses preconceitos. Eu acho que a única maneira de quebrar é através do diálogo, através da conversa. Se a pessoa está indo lá e está se manifestando contra a publicação, ela está se

dispondo àquilo, ela está se dando ao trabalho de fazer aquilo. Eu acho que, no fundo, ela quer ser confrontada. Posso estar fazendo uma análise incorreta.

[00:38:08] Entrevistadora: Pelo menos, já está abrindo espaço, porque ela já expôs a sua opinião.

[00:38:12] Entrevistada: Eu acho também. Talvez ela não tenha consciência disso, mas deveria ter. Todo mundo que se manifesta publicamente deveria ter a consciência de que pode ser refutado também publicamente.

[00:38:28] Entrevistadora: É, pode. Você me contou que, dentro da sua família, você tem também alguns embates com o pessoal mais velho e que você prefere deixar para lá e não dar prosseguimento com as discussões, ao contrário do seu posicionamento *on-line*.

[00:38:44] Entrevistada: Sim! Eu acabei até excluindo todos os meus familiares do meu Facebook. Todo mundo que se manifestava contra nas minhas publicações - até amigos... Sabe aquela pessoa que nunca comenta em nada, nunca curte uma foto. Agora, se você publicou um negócio e a pessoa não concordou, ela sai do bueiro. É aquela pessoa que você nem lembrava que existia. Ela vem e faz comentários. Eu odeio isso! Eu detesto! Se é um amigo próximo que chega ali e fala: "Você está doida. Olha a merda que você está falando", não tem problema. Ele pode me xingar. Ele pode falar: "Tayná, você bebeu? Ficou louca?". Ele pode me escorraçar, se ele é aquele amigo ou amiga. Não tem problema! Agora, uma pessoa que está fazendo número no meu Facebook, de repente, vai e comenta um negócio... Eu falo: "Esse quer encrenca. Ele quer palco. Mas aqui não!".

[00:39:57] Entrevistadora: No ambiente de trabalho, como é? Você mantém contato com os seus colegas de trabalho nas mídias sociais? Eu tenho uma amiga, por exemplo, que cria uma opção para publicar só para os amigos. Sabe aquela lista de opções de amigos próximos? Como ela é professora, ela tem medo de publicar as coisas mais pessoais e os posicionamentos político-ideológicos dela abertamente para todo mundo, então ela coloca só na lista de amigos.

[00:40:31] Entrevistada: Com certeza! Eu também sou seletiva assim, Mariana, porque eu acho mais inteligente. Não que eu tenha medo da discussão e não porque eu tenha medo de

expor a minha opinião - não é isso -, mas é porque, infelizmente, vai ter gente que vai usar aquilo como pedra de arremesso em outras situações. Vai ter gente que vai levar aquilo para o lado pessoal. Então, eu acho mais inteligente fazer isso por causa da hipocrisia alheia, e não porque eu seja hipócrita e não queira me posicionar, entendeu?

[00:41:07] Entrevistadora: Essa amiga tem medo de sofrer represálias no trabalho.

[00:41:14] Entrevistada: Muito inteligente da parte dela, porque acontece mesmo. A pessoa vai ficar com raiva de você, vai levar aquilo para o lado pessoal e vai tentar te prejudicar da maneira que ela puder, simplesmente, por não concordar com o seu posicionamento.

[00:41:28] Entrevistadora: Sim! Agora, falando um pouquinho mais sobre mídia. Como você acha que a mídia hegemônica fala, aborda e cobre a temática da violência contra a mulher?

[00:41:43] Entrevistada: Você poderia me explicar mais ou menos qual é o conceito de mídia hegemônica?

[00:41:49] Entrevistadora: Mídia hegemônica é a mídia tradicional. São os grandes veículos que dominam a pauta do jornalismo: *G1, Folha de S.Paulo, Estadão, Zero Hora* - são esses jornais maiores, esses jornais que têm um alcance muito mais amplo. É diferente da mídia independente. Dentro da mídia independente tem, por exemplo, as mídias feministas - que eu estou estudando - tipo *AzMina, a Think Olga, o Lado M, a Não Me Khalo*. Tem uma gama de várias outras mídias. Tem a *Mídia Ninja* também, os *Jornalistas Livres*. Eles dependem de financiamento coletivo e dependem de outras fontes para se manterem, enquanto a mídia hegemônica, a mais tradicional, se sustenta com base em lucro de publicidade. É mais ou menos isso.

[00:42:49] Entrevistada: Eu acompanho. Eu acompanho tanto as mídias hegemônicas... Eu acompanho o *Estadão*. O que mais? O *G1* eu não sigo em rede social, mas eles têm uma presença muito forte. Se você abre o navegador, aparece uma notícia do *G1*, que você acaba clicando. Então, eu acabo seguindo. Eu acho que eles ainda tratam com sensacionalismo, com certeza. Eles tratam com sensacionalismo essas matérias sobre violência doméstica. Não tem um posicionamento claro da parte deles. É sempre aquela coisa distante, imparcial.

[00:43:45] Entrevistadora: Você acha que eles falam, por exemplo, sobre o machismo estrutural na sociedade?

[00:43:49] Entrevistada: Com certeza, não. Jamais! Eu nunca vi. Nunca vi nenhuma matéria do *Estadão* falando sobre machismo. Nunca vi nenhuma matéria do *G1* falando dessa forma. Eu estou falando com cuidado, porque eu sigo muita coisa, como *O Pessoal é Político*. Eu sigo aquele outro que é espanhol.

[00:44:10] Entrevistadora: O *El País*?

[00:44:11] Entrevistada: O *El País*, isso mesmo. Às vezes, eu posso confundir a matéria dos dois, por isso eu estou sendo cuidadosa. É isso: eles não tratam com posicionamento.

[00:44:28] Entrevistadora: O que te motiva a acompanhar o trabalho de iniciativas de jornalismo independente e que fazem uma cobertura mais voltada para as temáticas feministas?

[00:44:39] Entrevistada: Reforçar a minha visão de mundo, enquanto feminista; me apoiar. É eu ver o trabalho daquelas pessoas e eu me reconhecer, é identificação mesmo - acho que a palavra é essa. É me identificar e, através dessa identificação, me fortalecer.

[00:45:12] Entrevistadora: Sobre *AzMina*, você se lembra quando foi que você conheceu a iniciativa? Como foi que você foi parar lá no site delas ou nas redes sociais?

[00:45:22] Entrevistada: Nossa, Mariana! Eu não me lembro. Deve ter sido por acaso, porque eu não fico procurando essas páginas.

[00:45:30] Entrevistadora: Aparecem como sugestões para você.

[00:45:33] Entrevistada: Como?

[00:45:35] Entrevistadora: Aparecem sugestões para você e você acaba entrando.

[00:45:39] Entrevistada: Isso! Pelas minhas interações, já aparecem como sugestões para mim, com certeza!

[00:45:47] Entrevistadora: Você se lembra se você chegou a participar de alguma campanha pautada em *hashtag*, tipo *#EuNãoMereçoSerEstuprada*, *#PrimeiroAssédio*?

[00:45:50] Entrevistada: Não.

[00:45:53] Entrevistadora: Você não acompanhou o processo das campanhas?

[00:45:55] Entrevistada: Não.

[00:45:58] Entrevistadora: Você lê, assiste ou escuta algum *podcast* de outras iniciativas semelhantes à *AzMina*?

[00:46:13] Entrevistada: Não.

[00:46:14] Entrevistadora: Por onde que você geralmente acessa os conteúdos delas? Você usa o computador? Você usa o celular?

[00:46:23] Entrevistada: Eu uso o computador. Agora, eu estou falando com você pelo computador. Mas eu também uso bastante o celular. Acho que o que eu mais uso é o celular. Eu ia falar que eu acesso pelo Facebook. Eu sigo a página das *AzMina* só pelo Facebook. No Instagram, eu sigo *O Pessoal é Político*. Deixa eu ver qual outra. Tem alguma coisa. Mas eu acho que o mais forte é *O Pessoal é Político*.

[00:46:54] Entrevistadora: Você acessa, então, pelas mídias sociais. Você tem o hábito de, eventualmente, ir até o site, por exemplo, quando aparece alguma coisa que te interessa?

[00:47:04] Entrevistada: Não!

[00:47:05] Entrevistadora: É mais pelas mídias sociais mesmo. De onde você acessa, geralmente? De casa? Da faculdade? Do trabalho? Agora a faculdade é em casa, né?

[00:47:15] Entrevistada: É mais de casa, viu, Mariana? Às vezes, pode ocorrer de eu estar esperando uma consulta, na sala de espera, e rolar o *feed* e ver uma matéria. Se me interessar, eu paro e leio, sim. Às vezes, salvo algum link. Eu tenho pastinha de links de matérias que me interessam. Eu envio para mim mesma no WhatsApp ou envio para mim mesma no Facebook.

[00:47:44] Entrevistadora: Com que frequência você costuma acessar esses conteúdos?

[00:47:48] Entrevistada: Eu não sou muito seletiva em relação a esses conteúdos. Eu acesso o que aparece, para mim.

[00:47:55] Entrevistadora: Vai aparecendo no seu *feed* e você vai entrando, né?

[00:47:57] Entrevistada: Isso! É até por uma falta de tempo mesmo. Acho que é uma falta de HD na cabeça. Não cabe.

[00:48:07] Entrevistadora: É muita informação!

[00:48:09] Entrevistada: É muita informação. É tanto livro para ler da faculdade. Mariana, eu tive que mandar o projeto para o CNPq, para ser aprovado e tal. Tem que fazer uma ficha - você sabe - para submeter o projeto. Eu tinha que colocar lá quantas matérias eu já fiz, quantas eu fui reprovada, quantas eu fui aprovada. Eu estava contando: eu já cursei 95 matérias.

[00:48:40] Entrevistadora: Nossa!

[00:48:44] Entrevistada: “O quê?”. O que eu tenho de livro, de coisas impressas e de xérox, não cabe tudo na cabeça. Não cabe! É muita coisa.

[00:48:57] Entrevistadora: Você me falou que você tem um banco dos conteúdos que você gosta mais, das matérias que mais te chamam a atenção. Tem alguma que você se lembre que foi a mais marcante para você? Pode ser mais de uma também, se você se lembrar de mais de uma.

[00:49:17] Entrevistada: Nossa, Mariana! De pronto, eu não me lembro. Eu tenho essa matéria das mães, que é uma coisa que me toca muito: falar de maternidade e feminismo, porque é um tabu gigantesco. Essa matéria das mães é uma coisa que me pega.

[00:49:37] Entrevistadora: É um tabu, Tayná. Eu trabalho na Anatel, que é a Agência Nacional de Telecom, que é um serviço público, um negócio um pouco mais engessado. No começo desse ano, em março, eu consegui organizar uma roda de conversa com as mulheres, para a gente falar sobre feminismo e equidade de gênero e trazer esse tipo de questão para começar a implementar. As mulheres gostaram tanto - as servidoras -, e eu achava que não ia ter uma boa receptividade. Muita gente adorou e pediram para a gente fazer novas iniciativas. Fizemos uma no dia das mães, para falar sobre maternidade de um jeito mais sincero. Causou aquela comoção. Muita gente adorou. O RH, que é quem me ajuda a fazer esse tipo de projeto lá dentro, recebeu uns e-mails tenebrosos de gente falando “Isso é um absurdo”, “Vocês não deveriam estar falando sobre isso” ou xingando a gente enquanto organizadoras do evento. Tem muita resistência.

[00:50:40] Entrevistada: Isso é o “calcanhar de Aquiles” do próprio feminismo, porque já era o “calcanhar de Aquiles” da sociedade. Toda essa repressão às mulheres, essa repressão ao

feminismo, gira em torno da maternidade. É o “x” da questão de tudo, entendeu? Eu sou abertamente, francamente, sinceramente a favor do aborto - da legalização do aborto.

[00:51:13] Entrevistadora: Eu também sou. É uma questão muito profunda, socialmente.

[00:51:17] Entrevistada: Aí as pessoas querem meter a religião no meio. Não dá certo! Não cabe!

[00:51:22] Entrevistadora: Não é sobre isso! Mas são muitas formas de tentar controlar nossos corpos e nossas vidas.

[00:51:31] Entrevistada: As mulheres não enxergam. O que mais me incomoda dentro do feminismo, dentro da sociedade... O problema não é machismo, Mariana. Muitas feministas não sabem mirar. Elas miram no machismo. Eu falo assim: “Gente, o problema não é o machismo. O problema não são os homens. O problema somos nós”.

[00:51:53] Entrevistadora: Mas as mulheres são muito influenciadas por essa conjuntura patriarcal. Se você está inserida naquilo, você aprende que aquilo é certo. Isso é mais simples de desconstruir. Eu considero mais simples. Eu faço esses ensaios: você tentar conversar com mulheres que se dizem machistas. Por exemplo, eu tenho uma grande amiga, no trabalho mesmo, que, quando eu cheguei, ela dizia: “Eu sou machista”. Ela achava que feminismo era o oposto de machismo. Ela não entendia nem nunca tinha falado de feminismo, por exemplo. Eu comecei a conversar com ela e eu entreguei para ela ler aquele livrinho da Chimamanda, *Sejamos Todos Feministas*, que é maravilhoso. Ela teve uma filha. No primeiro ano da filha dela, a menina ganhou de aniversário vários presentes que eram totalmente atrelados à vida doméstica (ganhou uma pia de lavar louça, ganhou um monte de panelinhas, ganhou bonecas, ganhou carrinho de bebê). Ela tinha um menino mais velho e com o menino foi totalmente diferente: o menino ganhava quebra-cabeça, joguinho, bola, coisa para estimular a criatividade. Ela ficou muito chateada com aquilo. Quando ela pegou o livrinho da Chimamanda, leu e fechou - ele é um livro muito rápido -, ela virou para mim e disse: “É, você tem razão. Eu sou feminista”.

[00:53:19] Entrevistada: É lógico!

[00:53:23] Entrevistadora: São mudanças que acontecem.

[00:53:25] Entrevistada: O que eu percebo, Mariana, é que não é tão fácil quando a mulher não tem uma relação empática com a outra. Por exemplo: ela foi tocada, porque ela tem uma filha; ela tem uma relação empática com a própria filha. Mas quando a mulher não tem uma relação empática com a outra é muito difícil, mesmo entre as mulheres que se dizem feministas. É muito difícil você construir uma relação empática entre as mulheres. Isso é o que me machuca.

[00:54:00] Entrevistadora: Até porque nós somos estimuladas a não ter empatia umas com as outras, que é a grande arma do patriarcado.

[00:54:09] Entrevistada: Exatamente! É isso que me incomoda. Eu falo: “O trunfo do machismo são as mulheres que ele coopta, são as mulheres que ele recruta”. O machismo recruta mulheres. Essas mulheres que o machismo recruta é que são o escudo deles, entendeu? É o trunfo deles. Eu até publiquei uma coisa no meu Instagram. Eu publico nos *stories*, porque os *stories* têm um tempo de aparecer e depois some, aí todo mundo esquece e a vida segue. Tudo o que eu quero vomitar, eu publico nos *stories*. Eu falei sobre isso, por causa do caso da Pâmela, que foi agredida pelo DJ Ivis. Até lançaram uma *hashtag* #NãoSeCale ou alguma coisa assim. Eu falei assim: “Tem muita mulher que gosta de ser trouxa, porque tem mulher que fica dentro de casa, apanhando do marido e defende ele”.

[00:55:22] Entrevistadora: Esse é um assunto muito delicado. São relações muito delicadas.

[00:55:25] Entrevistada: Ver uma mulher denunciando o próprio marido ou não aceitando uma situação de abuso ou de agressão, e acham que a mulher está errada. São mulheres querendo que a outra mulher se submeta a uma situação assim. O problema não é você querer e aceitar isso para a sua própria vida. O problema é que muitas mulheres querem que as outras aceitem também. Muitas mulheres são assim: acham que você tem que ficar quieta mesmo, “porque é assim mesmo”. “Eu me fodi, eu me ferrei, eu me dei mal na vida, então você que se dê mal agora” - principalmente das mulheres mais velhas para as mulheres mais jovens. Eu vejo muito isso.

[00:56:10] Entrevistadora: Eu conversei hoje com uma moça. Ela escreve para o *Lado M* e ela estava me contando que a mãe dela tinha muita dificuldade de aceitar a separação da

irmã, mesmo que o casamento da irmã estivesse cheio de problema. Era isso de não querer que a irmã estivesse separada, porque tinha um filho envolvido. Ela dizia: “Vai ser ruim para o seu filho, se você se separar”. Com o tempo e com ela dialogando mais sobre o feminismo, conversando com a mãe sobre a necessidade de as mulheres terem a sua independência, se posicionarem e assumirem a dianteira das vidas, a mãe foi entendendo. Hoje, ela apóia a filha ter sido separada.

[00:56:52] Entrevistada: Está vendo só? Também há uma relação empática, porque é mãe e filha. Agora, tem umas situações em que a outra mulher não está preocupada com o bem-estar do filho ou daquela outra mulher. Não é isso! O problema é: “Eu não tenho coragem de sair do meu relacionamento problemático, eu não tenho coragem de deixar a minha vida ou eu não quero, e você também não pode ter essa coragem. Você também não pode fazer isso. Tem que ficar e aguentar”.

[00:57:29] Entrevistadora: Já que a gente está falando sobre empatia, eu entrevistei ontem uma moça que sofreu violência doméstica e hoje ela faz um trabalho de tentar estimular outras mulheres que estão nessa mesma posição a saírem dos seus casamentos. Eu achei tão legal. Ela fala que foi a prima dela que abriu os olhos dela e falou: “Olha, você está vivendo uma situação de violência doméstica”. Quando ela se tocou, ela foi à delegacia e pediu ajuda. Hoje, ela está fazendo Direito, para poder ajudar outras mulheres que vivem na mesma situação.

[00:58:10] Entrevistada: Nossa! Maravilhosa! Precisamos de mais gente assim, Mariana. A minha ex-sogra, mãe do genitor da minha filha, vivia essa situação de violência doméstica. Então, ela criou os filhos dela na mesma mentalidade e ela defendia com unhas e dentes esses filhos.

[00:58:38] Entrevistadora: O seu ex não tem contato com a sua filha ou eles ainda...?

[00:58:43] Entrevistada: Ela não conhece o pai dela, embora ela seja registrada no nome dele. Ele paga pensão, via judicial, porque eu processei. Ele fez algumas visitas no começo, mas depois não veio nunca mais. Recentemente, ele tentou entrar com um processo de

revisão de visita, para começar a visitar ela, só que eu falei: “Não! Aqui não vai rolar”. Aí, eu resolvi me mudar. Eu vou me mudar daqui, para impedir que ele visite ela.

[00:59:16] Entrevistadora: É muito delicado. Eu não sei como é a sua relação com ele. O meu pai biológico, quando eu tinha dois anos, ele e minha mãe se separaram e ele se casou com outra moça. Minha mãe conta que - eu tinha três anos quando ele se casou - ele não me chamou para o casamento. Eu gostava muito dele, porque a gente viveu juntos os meus primeiros anos de vida. Ela falou que eu fiquei tão doente quando, na rua, eu ouvi falar do casamento. Eu fiquei com febre, fiquei mal. Eu não me lembro de nada disso, porque eu era muito pequena. Conforme eu fui crescendo, as vezes que ele apareceu foram só para me dar problema, ao longo da vida. Foi só para incomodar.

[00:59:57] Entrevistada: Os homens são criados como se eles tivessem uma estrebaria. Eu até fiz um comentário assim na rede social esses dias, em alguma publicação. Mas era um grupo fechado de mulheres. Acho que foi no “Advocacia para Elas”, que é de advogadas feministas. Eu falei: “Os homens parecem que saem de uma estrebaria”.

[01:00:26] Entrevistadora: O que é “estrebaria”?

[01:00:27] Entrevistada: Estrebaria é um lugar onde põe cavalo para domar - cavalo xucro. Eles saem mal-educados, ignorantes, xucros. Parece que a gente vive em outro mundo: as mulheres vivem em um mundo e eles, em outro. Aquela história de que homens são de Marte e as mulheres são de Vênus: é exatamente assim. Eles são de outro mundo, cara. A maioria - a grande, massiva e esmagadora maioria - não sabe o que é amor, não sabe o que é paternidade, não sabe. Não sabe! Eu sigo uma página que, inclusive, está meio sumida (acho que ela foi derrubada), que é da Lara Dupont. Não sei se você já ouviu falar.

[01:01:19] Entrevistadora: Não, não conheço.

[01:01:20] Entrevistada: A Lara é uma blogueira, que escreve livros feministas e escreve histórias. Hoje em dia - não sei se ela sempre fez isso -, ela se baseia nas histórias que as mulheres trazem para ela no *inbox*. Ela não divulga nome, mas ela reconta essas histórias, para ajudar as outras mulheres a cair na realidade. Ela traz essa realidade dos homens. Ela é totalmente contra casamento. Ela fala: “Gente, não casem! É o suicídio para a mulher casar.

Ter filhos? Se enforcem, mas não tenham filho, porque é um suicídio social”. Tem muita mulher que nega isso totalmente. “Imagina! Casamento é maravilhoso. Ter filhos é maravilhoso”, e não é. É um suicídio social para a mulher.

[01:02:22] Entrevistadora: É porque recai muito sobre a mulher.

[01:02:24] Entrevistada: Tudo, tudo. Os homens não tomam partido nenhum nisso; eles não têm responsabilidade nenhuma, em relação à sua família ou em relação aos filhos. Ele simplesmente sai andando.

[01:02:41] Entrevistadora: Em uma das últimas vezes que meu pai biológico apareceu, ele me mandou uma mensagem. Foi lá em 2014, então estavam rolando as eleições e ele veio fazer propaganda política, falando sobre responsabilidade. Eu acho que ele mandou uma mensagem genérica para todo mundo e eu recebi. Eu respondi: “Meu Deus! Quem é você para falar de responsabilidade comigo?”. Ele respondeu: “Apesar de você me dizer isso, eu não me arrependo de, quando a sua mãe engravidou, ter dito ‘não’ para quando sua tia marcou um aborto para a sua mãe fazer”. Eu já sabia dessa história, porque, quando eu era mais nova, minha mãe me contou e, inclusive, eu pensava: “Deveria ter feito, porque deve ter sido muito difícil para ela”. Aí, eu respondi: “Eu sei que você está tentando causar intrigas familiares, mas isso, para mim, nunca foi um problema. Eu, inclusive, acho que minha mãe, na época, deveria ter optado pela orientação da minha tia, porque ela teria sofrido menos na vida. Foi muito difícil para ela ter que me assumir praticamente sozinha”. Ela tinha ajuda da avó e financeiramente do meu avô, mas meu avô não se envolvia emocionalmente. Eram as duas me criando.

[01:04:12] Entrevistada: Era uma atitude muito mais responsável do que a dele. “Não vamos fazer o aborto, mas...”

[01:04:20] Entrevistadora: “...não vamos criar”. As vezes pontuais que ele aparece na minha vida foram com esse tipo de intervenção. Mas eu também acho que existem casos e casos, e o meu é que meu pai biológico, basicamente, me atrapalha. Em paralelo, desde os meus quatro ou cinco anos, minha mãe tem um companheiro que eu considero meu pai. Ele me criou. Eles estão juntos desde essa fase da minha vida - e ele é meu pai.

[01:04:53] Entrevistada: Que delícia, Mariana! Muito bom!

[01:04:57] Entrevistadora: É muita sorte. Eu tenho o nome do meu pai biológico na minha certidão. Eu queria colocar o meu pai efetivamente, mas eu também fiquei “meio assim” de tirar o sobrenome da minha família paterna, porque eu tenho também contato com os meus avôs e eu tenho contato com um tio muito querido, então é meio “climão”.

[01:05:26] Entrevistada: Não é uma decisão fácil. Eu gostaria muito de fazer isso pela minha filha, inclusive estou tentando. O máximo que eu consigo até agora foi um acordo com ele, para que ele abra mão do direito de visita e, em troca, eu estou abrindo mão das pensões. Ele não tem que pagar pensão, mas também não tem mais direito de visitar nem nada.

[01:05:49] Entrevistadora: Ele aceitou, sem maiores questionamentos?

[01:05:51] Entrevistada: “Você não precisa mais pagar pensão”. “Só se for agora”. Eles pensam, Mariana, que eles estão comprando alguma coisa. Eles pagam a pensão como se eles tivessem comprando alguma coisa. É incrível como funciona a mente deles.

[01:06:13] Entrevistadora: Como se fosse uma troca pelo afeto por parte da criança.

[01:06:17] Entrevistada: Não é nem o afeto. É assim: “Eu estou pagando, então eu vou exercer o meu direito”. É uma coisa bizarra, bizarra! Eu não entendo! Eu queria muito tirar. Eu cheguei a oferecer para tirar o sobrenome, porque esse negócio é, praticamente, um acordo de cavalheiros. A partir do momento que alguém quiser desistir, beleza! Eu gostaria muito que ele tirasse o sobrenome, mas ele já falou que não, porque, quando ela crescer, ele vai ser amigo dela.

[01:06:57] Entrevistadora: Pois é! Tem isso! Meu pai biológico me mandou, acho que no ano passado, um e-mail de aniversário, mas ele mandou no mês errado - ele mandou no dia certo, mas um mês antes. Ele fez uma cópia da minha dedicatória da dissertação do mestrado. Ele copiou e colou e colocou ali. Ele plagiou meu texto. Eu mostrei para a minha mãe e ela: “Pelo menos está bem escrito”. Eu falei: “Claro que está bem escrito! Fui eu que escrevi!”. No final, ele assinou com “Abraços fraternais”. Então, eu acho que isso: eu acho que ele está querendo ser meu amigo na vida adulta.

[01:07:39] Entrevistada: Que ridículo! Gente do céu! Não faz sentido. Tem que rir para não agredir, porque é passível de um soco na cara, você querer ser amigo do seu filho. Seja amigo, mas seja pai também!

[01:08:00] Entrevistadora: Voltando aqui para o fio da meada, Tayná, porque a gente desviou um pouco o foco. Falando sobre mídia, você acha que existe diferença dessa mídia tradicional (hegemônica) e das mídias independentes e feministas?

[01:08:18] Entrevistada: Como é a pergunta? Se existe mais cobertura por parte da mídia hegemônica?

[01:08:26] Entrevistadora: Não! Pensando tanto no formato da mídia hegemônica quanto das mídias feministas (por exemplo, *AzMina*), você acha que existe diferença no jeito que elas cobrem o assunto, nas reportagens?

[01:08:38] Entrevistada: Com certeza! É bem nítida a diferença de como é abordada pelas mídias independentes e como é abordado pelas mídias hegemônicas. É muita diferença!

[01:08:49] Entrevistadora: O que você vê de diferente?

[01:08:52] Entrevistada: A linguagem é diferente; a escolha do vocabulário utilizado é diferente. O que mais? Essa abordagem política do assunto é diferente - é muito mais enviesada, com aquela tentativa de parecer neutra pelas mídias hegemônicas. É bem evidente!

[01:09:21] Entrevistadora: Você me contou que você deixa comentários e você também compartilha as publicações, é isso? Você percebe, quando você comenta, se *AzMina*, por exemplo, interage com o público? Você acha que elas dão algum *feedback* ou algum retorno? Você já observou?

[01:09:42] Entrevistada: Eu nunca parei para prestar atenção nisso. Eu acho que nunca interagi tanto com a página das *AzMina* ao ponto disso. Mas eu acho que sim. Eu percebo que sim.

[01:09:56] Entrevistadora: Quais coisas positivas da *AzMina* você destacaria e o que você destacaria de negativo também?

[01:10:10] Entrevistada: Eu destacaria como positiva a maneira como elas abordam os assuntos. É uma abordagem feminista, é uma abordagem diferente, então eu destacaria isso como positivo. Agora, de negativo... não sei te dizer, cara. Acho que eu não acompanho a página o suficiente para responder, Mariana.

[01:10:43] Entrevistadora: Tudo bem! Não tem problema. Durante esse período de pandemia e essa fase de isolamento, você acha que você começou a acompanhar mais ou menos os conteúdos?

[01:11:01] Entrevistada: Você está me perguntando quando, nessa fase, eu comecei a acompanhar?

[01:11:03] Entrevistadora: Não! Se você começou a acompanhar mais ou menos. Você já acompanha *AzMin*a desde antes da pandemia, não é?

[01:11:14] Entrevistada: Acho que sim. Deixa eu ver...

[01:11:19] Entrevistadora: Eu queria entender se você acha que aumentou a quantidade de interações e de acesso que você fazia durante a pandemia.

[01:11:28] Entrevistada: Agora, durante a pandemia? Da minha parte ou o que eu percebo do geral?

[01:11:30] Entrevistadora: Da sua parte.

[01:11:40] Entrevistada: Acho que sim. Acho que eu comecei a acompanhar elas, agora, na pandemia. Então, eu acho que aumentou, sim.

[01:11:48] Entrevistadora: Você, enquanto leitora, como você lida com essa conjuntura atual, de ampla disseminação de *fake news*? A gente tinha falado no começo sobre as pessoas mais velhas, que não sabiam muito bem lidar com *fake news*. Mas você lida como?

[01:12:06] Entrevistada: Primeiro, eu sigo várias páginas diferentes, com abordagens diferentes. Então, eu sigo a mídia hegemônica com o propósito da comparação. Eu vejo a matéria nessa, vejo naquela - vejo como é a visão. A gente tem que conhecer o inimigo, né? "Conheça o seu inimigo e mantenha o seu inimigo perto". Então, eu acho que é muito importante a gente entender, Mariana, por mais que a gente queira e saiba como é o mundo ideal, como é o mundo real. Aí, eu lido daquela forma que eu te falei antes: hoje em dia, eu

procuro me posicionar menos na mídia social, principalmente, me expor menos, para correr menos riscos.

[01:12:59] Entrevistadora: Você acha essas *fake news* afetam, de alguma forma, o movimento feminista?

[01:13:06] Entrevistada: Com certeza! Com certeza! Essa disseminação de informações falsas ou de “meias-informações” vai mitigar o movimento. Eu percebo que as pessoas mais velhas que, com certeza não acompanham as mídias independentes e que acompanham mais as mídias hegemônicas, vão ficar com essa impressão do movimento, o que prejudica a imagem do feminismo, com certeza.

[01:13:48] Entrevistadora: Tayná, são essas as perguntas que eu tinha para fazer. Você tem alguma dúvida, alguma observação, alguma inquietação?

[01:13:56] Entrevistada: Não. Achei muito legal participar. Eu te agradeço por participar disso. Queria saber onde vai sair. Vai sair na sua pesquisa, né?

[01:14:06] Entrevistadora: Eu que super te agradeço por você ter disponibilizado o seu tempo e por ter me respondido. Foi muito legal que a gente fez por vídeo. Eu estou conversando com as outras pessoas por telefone mesmo, porque, geralmente, o pessoal não se sente muito à vontade para fazer por videochamada.

[01:14:22] Entrevistada: Já eu não me sentiria à vontade de fazer por chamada, porque eu acho tão legal você ver a pessoa.

[01:14:27] Entrevistadora: É legal mesmo!

[01:14:28] Entrevistada: Já que a gente não pode se encontrar... Se a gente morasse na mesma cidade, eu ia falar: “Vamos tomar um café”. Mas já que não dá para se encontrar, por aqui é muito melhor.

[01:14:38] Entrevistadora: A ideia da pesquisa, na real, era propor para as pessoas fazer por videochamada. Eu vejo que as pessoas ficam tímidas, então eu acabo fazendo por ligação. Mas, sim, vai sair. Eu acabei de passar pela metade do doutorado, pela qualificação. Já aprovaram a minha pesquisa do jeito que está se encaminhando, então eu estou entrando na etapa final. Eu estou fazendo as entrevistas agora; depois eu faço as análises. Mais para o

final, eu devo voltar a entrar em contato com parte do pessoal que eu entrevistei agora, para tentar fazer perfis jornalísticos, para perfilar as pessoas, então eu tenho que conversar mais, conhecer um pouco mais sobre a vida das pessoas. Então, eu entro em contato com você de novo, daqui um tempinho, para fazer uma nova conversa, se você tiver disponibilidade.

[01:15:27] Entrevistada: Com certeza! Eu vou esperar. Como sai essa entrevista na sua entrevista? Sai com nosso nome? Eu não tenho problema com isso. É só para saber mesmo.

[01:15:38] Entrevistadora: Se você quiser, a sua entrevista fica anônima. Se você se sentir à vontade para deixar o nome, também pode deixar. Você me diz. Você pode me dizer agora ou você pode me dizer quando eu for enviar a transcrição. Eu vou fazer todas as transcrições e depois eu envio para as pessoas. Se você quiser dar uma olhada primeiro ou se você lembrar, inclusive, de alguma coisa para acrescentar, eu coloco na nossa conversa, que vai ser anexada ao trabalho final. Mas são só anexos. No trabalho mesmo, eu vou fazer análises, e vou trazer os nomes e os números das entrevistas, para fazer as referências nos gráficos. Faço uma análise das conversas, porque é um trabalho qualitativo, então eu vou comparando, vou pontuando uma fala que vale destacar, esse tipo de coisa. Você quer me dizer agora se você prefere que seu nome apareça ou não ou você prefere primeiro olhar...?

[01:16:42] Entrevistada: Eu não tenho problema nenhum em divulgar o meu nome, mas eu gostaria de ver a transcrição. Se eu me lembrar de alguma coisa, eu falaria para acrescentar. Achei muito bacana!

[01:16:52] Entrevistadora: Eu estou mandando as transcrições para todo mundo. Ela só deve demorar mais um tempo para ficar pronta, porque eu estou na fase de realizar as entrevistas, mas, mês que vem, eu paro para transcrever tudo.

[01:17:04] Entrevistada: Está joia! Que bom que deu tempo. Como a gente não tinha amizade no Facebook... Eu falei para você: eu tranco todas as minhas redes. Fica tudo bloqueado. Então, a sua mensagem tinha ido para aquelas caixas de solicitações, sabe? Eu quase não vejo. Já é difícil eu ver o Messenger do Facebook; a caixa de solicitações então... Mas que bom que deu tempo, para eu ver. Achei muito legal

[01:17:28] Entrevistadora: Foi muito legal mesmo! Eu adorei conversar com você.

[01:17:32] Entrevistada: Vou te adicionar lá. Posso te adicionar?

[01:17:34] Entrevistadora: Claro! Qualquer coisa, você tem o meu número também.

[01:17:40] Entrevistada: Sim! Se você precisar de mais alguma coisa, me fala pelo WhatsApp e a gente vai conversando.

[01:17:46] Entrevistadora: Eu vou te mandar por lá a transcrição, quando estiver pronta.

[01:17:49] Entrevistada: Combinado! Boa sorte com a pesquisa. Tomara que dê tudo certo. Parabéns por ela e pela sua qualificação.

[01:17:59] Entrevistadora: Muito obrigada! Boa sorte para você também, na sua empreitada com a sua filha no endócrino. Eu espero que dê certo!

[01:18:12] Entrevistada: A gente tem que saber ser insistente e saber contornar, Mariana. Como eu falei para você, é por isso que eu sigo também as mídias hegemônicas, porque é importante a gente saber como as pessoas pensam, para lidar com elas e para não ter surpresas. Nós ainda somos o lado mais fraco. Não adianta a gente ficar batendo de frente, porque a gente vai se prejudicar. Se expor ou bater de frente não vai nos ajudar nesse momento.

[01:18:40] Entrevistadora: Tem que ter estratégia, para a gente conseguir mudar a estrutura de como estão dadas as coisas. Então, está bom, Tayná. Qualquer coisa, eu fico à disposição, agora que a gente tem os contatos uma da outra. A gente vai se falando. Você pode me mandar, se você lembrar de alguma coisa, ou se tiver algum conteúdo que você queira compartilhar comigo. Pode me mandar que eu estou totalmente aberta.

[01:19:01] Entrevistada: Pode deixar! Se você precisar, de repente, fazer as perguntas por formulário... porque deve ser difícil você ficar escutando de novo a entrevista toda, para fazer a transcrição. Então, se você precisar que responda que responda de forma mais objetiva, você me avisa também.

[01:19:19] Entrevistadora: Está bom! Muito obrigada! Tchau, tchau! Até a próxima!

[01:19:22] Entrevistada: Tchau! Boa tarde!

[01:19:25] Entrevistadora: Boa tarde!

Victor - leitor *Lado M*

[00:00:01] Entrevistado: ... o áudio fica tranquilo, bem fácil para ouvir.

[00:00:06] Entrevistadora: Ótimo! Eu vou procurar.

[00:00:07] Entrevistado: Vou te escrever direitinho o nome depois.

[00:00:09] Entrevistadora: Está bom! Obrigada! Então, Victor, eu estou fazendo o doutorado e o tema da minha tese são iniciativas de midiativismo feministas. Eu vi que você interage com o portal *Lado M*, com as publicações no Instagram, nas mídias sociais. Por isso que eu entrei em contato com você. Fica a seu critério que seu nome apareça na pesquisa ou se você prefere que fique anônimo. Você pode me dizer agora ou no final, como você achar melhor.

[00:00:46] Entrevistado: Pode colocar! Não tem problema nenhum.

[00:00:47] Entrevistadora: Então, está bom! Você mora em São Paulo, é isso?

[00:00:52] Entrevistado: Eu moro em Santo André, na verdade.

[00:00:56] Entrevistadora: Entendi! E você é escritor e roteirista?

[00:01:00] Entrevistado: Isso! Eu sou educador e roteirista de quadrinhos, mas também já escrevi alguns contos. No caso, só um deles eu publiquei.

[00:01:07] Entrevistadora: Que legal! Eu também escrevo. Eu sou jornalista, mas eu prefiro ficção inclusive.

[00:01:18] Entrevistado: Eu gosto bastante também.

[00:01:20] Entrevistadora: Quantos anos você tem, Victor?

[00:01:22] Entrevistado: Eu tenho 29.

[00:01:24] Entrevistadora: Eu também. Você se formou em quê?

[00:01:30] Entrevistado: Na verdade, eu comecei o curso de História. Eu fiz três anos, mas conta como dois, porque em um ano eu fiquei fazendo só uma matéria, por questão financeira. Daí, eu tranquei. Eu botei o plano de voltar a estudar, mas talvez eu vá para a área de Educomunicação, que é um curso que tem na USP, ou Pedagogia.

[00:01:56] Entrevistadora: Eu sei qual é esse curso. É super interessante. Eu faço parte de um projeto, na UnB, que se chama Observatório Estudantil da Informação, e a gente usa muito material de lá, desse curso específico de Educomunicação.

[00:02:14] Entrevistado: É importante para pensar nas mídias e nos contatos que as pessoas têm e que isso pode ser um ótimo instrumento pedagógico. É uma das minhas áreas, que eu tenho discutido e tenho algumas produções, nada muito acadêmico (coisa de internet).

[00:02:30] Entrevistadora: Então, você começou a fazer História, mas ainda não finalizou, e pensa em voltar, né? Está bom! Legal! Eu vou entrar nas questões sobre feminismo. Eu vou ser sincera com você: você é o primeiro homem que topa participar. Eu queria saber se você se considera feminista e por que e se você acha que é possível um homem ser feminista.

[00:03:05] Entrevistado: Eu me considero uma pessoa que apoia todas as pautas feministas, assim também como uma pessoa que apoia todas as pautas relacionadas aos indígenas, aos negros, às diferentes camadas da sociedade. Mas eu não me considero feminista, porque eu acho que feministas, para mim, são as mulheres. Eu estudo e, como eu produzo conteúdo também, muito dessas produções tem o olhar de um homem. Essas desconstruções acabam me ajudando no que eu preciso para o meu trabalho e para a desconstrução, porque eu acho que todo homem precisa estar se olhando, assim como todo branco tem que se olhar, todo heterossexual tem que se olhar, porque a gente acaba reproduzindo questões históricas. Essas questões de preconceitos, seja racial, de gênero etc., são uma construção histórica, então eu estou sempre olhando blogs que falam sobre pautas feministas dentro da cultura pop, pautas negras dentro da cultura pop e assim por diante.

[00:04:29] Entrevistadora: Você me disse que você apoia a causa. Então, eu queria saber, da sua perspectiva, o que é ser feminista.

[00:04:39] Entrevistado: Ser feminista, eu acredito, é acreditar – e não só acreditar – e também lutar pela igualdade de gênero e que as mulheres sejam tratadas da mesma forma respeitosa que os homens são tratados, que tenham direito pelos seus corpos, que tenham direitos básicos, à vida e aos seus direitos.

[00:05:13] Entrevistadora: Você sabe quando e como foi, mais ou menos, que você descobriu que você tinha afinidades com a pauta feminista?

[00:05:22] Entrevistado: Acho que foi mais no período da faculdade mesmo, conversando com amigas. Foi por aí que eu comecei a me desconstruir. Eu hoje tenho perspectivas

políticas bem diferentes das que eu tive no passado. Foi através do contato dentro da faculdade de História, e de conversas e dessa pesquisa anterior, que eu acabei me desconstruindo e vejo que esse processo de desconstrução é continuado, porque tem muitas coisas que são aprofundadas e tem coisas que a gente nem percebe, que a gente ainda nem olhou. Eu acredito que esse processo, eu ainda estou passando por ele.

[00:06:04] Entrevistadora: É uma constante, né? Você disse que foi na época da faculdade, com as amigas. Foi conversando com as amigas? Elas que foram te mostrando outras possíveis visões e perspectivas?

[00:06:22] Entrevistado: Sim, sim! Não, necessariamente, a conversa era sobre isso, mas através do contato com essa perspectiva e de coisas que aconteciam. Daí, eu comecei a tomar mais... Eu nunca tive tanto contato. A minha família tem uma perspectiva bem mais conservadora. Foi na faculdade que eu comecei a ter mais esse olhar. Antes, eu replicava muito esse machismo incorporado na gente. Eu era muito machista! Eu comecei a olhar, a ter conversas e aprendizados, e a sempre estar aberto às questões que a gente não tem conhecimento. Muita coisa a gente precisa aprender para construir esse conceito.

[00:07:10] Entrevistadora: Por que você acha que você era muito machista antes?

[00:07:24] Entrevistado: Vejamos!

[00:07:30] Entrevistadora: É muito interessante ouvir a sua colaboração. Até agora, eu só falei com mulheres, então você é o primeiro a trazer uma realidade diferente, esse contraponto.

[00:07:45] Entrevistado: Sim, sim. Geralmente, a maioria dos homens que não se desconstruíram, como eu tenho me desconstruído, vê o machismo de uma forma muito caricata, de ofender a mulher, como isso tem a ver com sexualidade. Eu acho que o machismo é uma coisa mais profunda, então, hoje em dia, enquanto machista, no sentido de falas mesmo. “Essa mulher é para casar” ou “Essa mulher não é”. Isso acaba sendo reproduzido em filmes. Eu lembro de uma conversa com um amigo meu. Eu sempre fui inserido nesse universo da cultura pop. Ele falou que a... Qual é o nome da atriz? Aquela que fez Cisne Negro e que agora vai fazer o novo Thor. Eu esqueci o nome dela. Mas eu lembro de comentários dele falando que “aquela mulher era para casar” e que a Megan Fox, do

Transformers, era para fazer sexo. E eu concordava com isso, apesar disso não ter saído da minha boca. Com esse mesmo amigo, a gente teve um conflito, quando eu já estava nesse processo de desconstrução. Ele entrou na faculdade antes de mim, mas acabou virando uma pessoa diferente. Eu comecei a buscar essa desconstrução na faculdade. Teve um comentário sobre a Margot Robbie, a atriz que fez a Arlequina. Eu estava no carro com esses dois caras, que eram meus amigos, e ele fez esse comentário. Eu falei: “Não, mano! Como assim?”. Aí, começou aquela chuva... Eu estava de carona e acabei sem saber como reagir. Depois eu vi que não é só o contato que vai fazer a desconstrução, mas tem que ter a vontade própria da pessoa também. Eram pessoas que estavam na mesma faculdade que eu, no mesmo curso que eu e não tinham essa busca, esse olhar. Eu me vejo enquanto alguém que era machista porque eu ouvia essas coisas e eu não falava nada, e também porque eu replicava essas coisas em outros momentos.

[00:10:04] Entrevistadora: De reforçar esse tipo de estereótipo de gênero, né?

[00:10:09] Entrevistado: Sim! De que mulher tem que ter o corpo assim... O que eu tenho a ver com o corpo da mulher? A mulher é linda do jeito que ela é, entende?

[00:10:20] Entrevistadora: Como você acha que essa sua identificação com o feminismo tem afetado a sua vida, esse seu alinhamento e apoio à causa?

[00:10:31] Entrevistado: Primeiramente, ter esse olhar me ajuda a pensar na questão da masculinidade tóxica. Eu acredito que tem muito a ver essa questão da mulher feminina e do homem macho - esse contraponto do homem que não chora, do homem que não tem medo. Eu sempre me sinto mal porque eu sou uma pessoa que se emociona fácil. Eu tenho emoções bem fortes. Muitas vezes, eu não colocava para fora e ficava com essa coisa de ficar “jogando para debaixo do tapete”. No final, ficou um bolo enorme. Eu comecei a fazer terapia e a desconstruir essas coisas. Eu posso ser um homem, eu posso ser sensível, eu posso não ser musculoso, eu posso ter medo de lagartixa, igual eu tenho (eu tenho pavor). Eu acho que esse contato me ajudou bastante a saber que essa questão do gênero também pega na questão do que é ser homem.

[00:11:47] Entrevistadora: Então, você passou a se sentir mais à vontade para você se colocar como você é mesmo e para expor os seus sentimentos. É isso?

[00:11:58] Entrevistado: Aham!

[00:12:01] Entrevistadora: Você se sente, de alguma forma – ou já se sentiu –, acuado em algum grupo, com amigos, na família ou até mesmo digitalmente, por se identificar e por apoiar a causa feminista?

[00:12:18] Entrevistado: Sim, sim. Teve esse grupo de amigos, de quem eu acabei me afastando posteriormente. Mas, por exemplo, eu gostava de estar presente em blogs que discutiam cinema, quadrinhos etc. Eu participava de um blog, mas eu acabei me afastando dele por causa dessas pautas bem complicadas que eles levavam e eu não gostava. Foi bem nesse momento da faculdade. Eu acabei me afastando por conta disso. Eles sempre falam que eu estou sumido etc. Tempos depois, eu acabei voltando porque eles se desconstruíram também e eu senti que é um lugar mais tranquilo de estar. Eu acho que todo mundo tem o seu tempo. Eu fico feliz que eles também traçaram o mesmo caminho, porque não foi todo mundo. Teve parte desse grupo que saiu, porque eram pessoas que não queriam mudar. Isso acabou me afastando de algumas pessoas e de alguns grupos, tanto digitais como físicos (de ter contato pessoal mesmo).

[00:13:34] Entrevistadora: Mas você chegou a viver embates diretos? Você citou esse grupo de amigos. Chegou a ser uma questão de embate mesmo, para você, ou em outros ambientes também?

[00:13:50] Entrevistado: Teve essa experiência do carro, que eu te falei. Com esse grupo, como eu não era mais tão participante, eu simplesmente falei: “Galera, eu vou dar uma pausa. Eu estou em outra *vibe* agora”. Eles entenderam. Não perguntaram nem nada. Até porque, dentro da terapia, eu descobri algumas questões minhas de fugir desses embates e de fugir de conflitos. Isso também é uma coisa que eu também estou me forçando mais: demonstrar o que eu penso e o que eu acho. Tanto que eu não imaginei a reação daquele momento. Quando veio assim, eu até fiquei sem saber como reagir, por causa desse meu problema que eu vi na terapia e fui conseguir entender um pouco melhor.

[00:14:43] Entrevistadora: Você convive com outras pessoas que partilham desse seu ponto de vista de apoio ao movimento feminista? Como é essa relação com essas pessoas (tanto homens quanto mulheres)?

[00:15:00] Entrevistado: Com certeza, com certeza! Eu busco andar em meios muito progressistas, e não em meios de pessoas que têm uma concepção mais reacionária e conservadora. Fora a minha família, onde eu acabo tendo esses problemas e falo. Ali, eu acho que eu já fiz a minha parte de me manifestar e de me colocar. Fora da minha família, de breves momentos, quando tem comentários machistas, homofóbicos etc., eu me coloco. Mas fora, como eu acabo tendo essa escolha de escolher os grupos e os lugares que eu estou, eu acabo não tendo esse tipo de situação.

[00:15:48] Entrevistadora: Na sua família então, o contexto é mais conservador. É isso?

[00:15:54] Entrevistado: Sim!

[00:15:55] Entrevistadora: Que tipo de vivências, de problemáticas, você enfrenta dentro de casa, por causa desse conservadorismo deles?

[00:16:04] Entrevistado: Tem bastante dessas questões - machismo e homofobia -, mas também questões políticas. Eu vivo em um ambiente bolsonarista complicado, apesar de ter um completo amor pela minha mãe e pela minha família. Mas eu ainda fico dividido, porque o que eles pregam vai contra a minha vida. Eu sou socialista e tal, então é uma coisa bem complicada de acabar lidando. Acho que, nesses movimentos de desconstrução, é uma coisa que a gente vai tentando, e na terapia, aprende como lidar com isso. Por ter esse lado sentimental muito forte... Tanto eu quanto meu irmão somos muito expressivos e explosivos. Parece até que a gente (inaudível) e, muitas vezes, a gente faz isso. Eu acabei, pelo menos dentro de casa, me afastando desse assunto. A gente não conversa mais, depois de muitas brigas. Fora isso, eu costumo me posicionar. Eu faço isso dentro de casa, senão a relação acaba se tornando impossível.

[00:17:24] Entrevistadora: A sua mãe apoia o Bolsonaro ainda?

[00:17:28] Entrevistado: Aham!

[00:17:31] Entrevistadora: Como você acha que esse seu apoio à causa feminista se reflete na sua convivência com amigos e amigas, de forma geral? Você me contou desse grupo, que já não era tão próximo. E os demais grupos de amigos?

[00:17:57] Entrevistado: O que eu posso dizer, pelo menos do que eu penso, é de observar que nos espaços ainda faltam mulheres, né? Ainda faltam elas nos espaços. O ambiente de discussão da cultura pop é muito masculinizado em vários lugares e acaba sendo importante trazer isso também. Na minha produção, eu busco. Se eu vou conversar com um educador ou professor, eu chamo homem e chamo mulheres. Então, eu tenho lidado dessa forma. Quando eu vou marcar RPG com os amigos, eu digo: “Se você chamar uma amiga, será que ela não vai curtir jogar também?”. É essa questão de introduzir e de não respeitar nenhum tipo de movimentação e comentário machista. “Está errado!”. Deixar isso passar, eu vejo como aliado aos reacionários, aliado à opressão. Então, realmente, é algo que precisa se falar. Só complementando: é mais ou menos dessa forma que eu tenho buscado e pensado. Mas eu acredito que devam ter outras formas.

[00:19:24] Entrevistadora: Dentro do universo dos *gamers*, você acha que tem existido mais espaço para as mulheres?

[00:19:35] Entrevistado: Do RPG, que é o que eu jogo mais, eu não fico muito no mundo *on-line*. No máximo, eu tenho um videogame antigo, que é o PlayStation 3. Eu não jogo muito *on-line*. Mas eu vejo que é um espaço muito forte. Muitas mulheres não falam que são mulheres, para não sofrer nenhum tipo de ataque, porque esse ataque acontece. Homem, quando está no anonimato, coloca para fora tudo aquilo que ele pensa de verdade. Infelizmente, acho que a gente está em um momento - ou pelo menos, estava, com a ascensão do bolsonarismo - em que as pessoas estavam se colocando em suas cavernas (gostavam de olhar mais para si). No ambiente digital, eu vejo muito desse envolvimento, mas eu não consigo te informar. No RPG, que é o que eu jogo bastante, eu vejo muitas mulheres jogando, participando, fazendo eventos. A gente tem o Mídia Memória, que é um grupo de mulheres que falam e que fazem RPG. Eu vejo uma participação bem significativa, sim.

[00:21:02] Entrevistadora: Dentro do universo dos HQS?

[00:21:08] Entrevistado: Também! Quando você vai a um evento, para as pessoas mostrarem os seus trabalhos... Eu não tive ainda a oportunidade de estar do outro lado da mesa, mostrando o meu trabalho, porque eu comecei a publicar na pandemia. Mas, nos eventos, eu percebo também uma presença bem significativa de mulheres. Tem muitos *bloggers* e pessoas que falam de quadrinhos voltados para a questão feminista. O *Meio Nerd* tem, mas é com outro nome: *Nébula*. Nesses eventos que eu costumo ir, essa pauta está sempre colocada - a questão da mulher e da diferenciação, do negro. Tem muitas mesas e muitas conversas para essa desconstrução. Quando eu comecei a produzir ("Eu vou começar a produzir sozinho as minhas histórias"), eu fui muito a essas conversas, nessas rodas, nesses eventos. Acabou me ajudando bastante também a pensar. A gente tem as produções que são publicadas em blogs, em vídeos, lives etc., mas também acontecem bastante essas discussões dentro dos eventos. Tem muitas quadrinistas ótimas. Eu poderia falar várias aqui, que são muito competentes.

[00:22:46] Entrevistadora: Entrando um pouquinho no quesito da mídia, como você acha que a mídia no geral, a mais tradicional mesmo, aborda a temática da violência contra a mulher?

[00:23:08] Entrevistado: Recentemente, saiu um filme novo da Marvel, a *Viúva Negra*, que esse assunto é bem presente. Apesar de eu ter muitas ressalvas em relação às questões políticas do filme, mas nessa pauta é realmente necessária, porque é a questão do corpo e do não-direito ao corpo. Isso é uma agressão. As pessoas pensam que agressão é um tapa ou um soco, mas existem várias formas de agredir alguém, que não é só agressão física. Eu vejo que está tendo uma movimentação de filmes, de produção. Quando acontece essa movimentação, principalmente na cultura pop, existe muita agressão, como, por exemplo, no filme das *Caça-Fantasmas*. Eu assisti e achei um filme muito bom, mas muita gente não acha. Eu até leio, porque eu gosto bastante do *Choque de Cultura*. Eles começam, em uma resenha que eles estão fazendo, falando que "até as mulheres têm o direito de fazer um filme ruim". No caso, é. Por que você vai achar, só porque está sendo discutido, que tem que ser perfeito etc.? Todo mundo tem espaço para fazer os filmes e as produções das mais variadas qualidades, apesar de eu ter gostado do filme, mas pensando que seria um filme ruim. Então,

eu vejo que está tendo essa produção e principalmente quando é uma questão de colocar uma personagem feminina, existe um ataque muito grande ao filme, mas não pela qualidade em si do filme, mas simplesmente por ser protagonizado por mulheres. Isso aconteceu com *Capitã Marvel*, com a *Viúva Negra*, com *Caça-Fantasmas* e com muitos outros, que agora me fugiram à mente, mas eu também lembro de acabar vendo isso. É bom também ver que um canal nerd acabou tendo uma crítica muito dura ao filme da *Capitã Marvel* e depois as mulheres foram lá, fizeram vídeos, falas e, depois, eles até se retrataram e fizeram quase um *mea-culpa*, mas ainda assim mantiveram a opinião deles. É uma crítica nesse meio, que você vê muito forte no filme da mulher, mas em um filme que é protagonizado por um homem que tem os mesmos problemas ninguém fala nada e acha o filme maravilhoso. Eu acho que esse tipo de agressão também tem que ser olhado, tem que ser apontado.

[00:25:57] Entrevistadora: Você acha que essas reações vêm do público ou é mais da crítica?

[00:26:11] Entrevistado: Eu consigo falar com uma maior certeza sobre a crítica. Do público, eu não sei, porque eu me vejo em espaços onde as opiniões não são de ataque. Eu não me vejo em espaços mais reacionários. Então, eu não sei dizer se é a minha bolha pessoal (porque a gente vai se colocando em bolhas). Se você for olhar as minhas redes sociais, todo mundo é comunista, todo mundo apoia as coisas, mas a sociedade não é assim. Então, eu tenho um pouco de dificuldade de dizer se o público reage da mesma intensidade, mas eu acredito que sim, porque eu acho que acaba tendo um reflexo. A gente tem, em muitos lugares, críticos que têm produções reacionárias que, se você olhar, tem muitos seguidores. Isso acaba sendo uma forma que a gente pode pensar sobre o quão as pessoas acessam isso e acabam reproduzindo. Então, pode ser dos dois lados.

[00:27:13] Entrevistadora: Você acha que a mídia e os produtos de comunicação tradicionais tratam do machismo estrutural na sociedade?

[00:27:28] Entrevistado: A minha crítica enquanto a isso é que, como essas produções vêm dessas grandes empresas, bilionárias, eu vejo que eles não querem mexer no *status quo*, eles não querem mexer na base da sociedade. Eu vejo um movimento bem liberal, no sentido do tipo: "Tem negros e tem mulheres aqui que são de alto cargo da empresa", mas, se você

for olhar a exploração dos trabalhadores, a grande maioria das mulheres e dos negros vão receber menos. Então, tem essa tinta, para esconder essa estrutura que é realmente esmagadora, para essas pessoas que acabam tendo mais esse problema da exploração etc. Eu vejo da forma: “eles estão fazendo isso para vender também”. Eu acho que é importante ter esse tipo de representação, mas, ao mesmo tempo, é uma galera que não está a fim de tocar em pautas sensíveis economicamente. Todo mundo quer ver uma mulher no filme, mas nem todo mundo quer ver uma mulher que trabalha na limpeza recebendo bem, tendo dinheiro e condição financeira. Então, eu vejo dessa forma bem crítica mesmo essas produções liberais. Inclusive, eu vou ser polêmico agora: eu acho muito complicado quando se utilizam dessa pauta feminista, liberal, para falar de personagens que foram mulheres opressoras, como a Margaret Thatcher, que era colonialista, apoiava o regime de *apartheid* na África do Sul. Ela era uma mulher que estava em um ambiente masculinizado etc., mas utilizar isso como “Ela foi uma grande mulher”, eu também não acho certo. Acho que essa “grande mulher” explorou muitas outras grandes mulheres que estavam na base dessa pirâmide.

[00:29:52] Entrevistadora: Sim! Tudo isso precisa ser pensado mesmo.

[00:29:55] Entrevistado: Eu acho que isso tem que ser pensado e tem que ser colocado.

[00:29:59] Entrevistadora: Pode falar. Eu te interrompi.

[00:30:02] Entrevistado: Imagina! Só terminando: eu tinha falado do filme da Viúva Negra porque eu vi essa crítica do filme. “É um filme que fala sobre feminilidade etc.”. Eu concordo! Mas, ao mesmo tempo, está reproduzindo uma ideia... Eu acredito bastante que as mídias (filmes, desenhos, séries) acabam influenciando bastante a opinião pública. Muitos americanos até hoje acham que venceram a Guerra do Vietnã. Eles acham isso por causa da mídia. Quando a gente tem essa grande produção de pautas que a gente está tendo, não é à toa que um Bolsonaro da vida ou uma pessoa qualquer olha e fala: “Seu comunista”, porque acaba [inaudível]. A minha crítica era essa. Aí, a pessoa comentou isso. Tem que olhar o outro lado também.

[00:31:01] Entrevistadora: O pior é que olham para o Dória e dizem que o Dória é comunista.

[00:31:08] Entrevistado: Exatamente! Olha a problemática que é isso.

[00:31:13] Entrevistadora: Eu ia comentar que eu estou lendo um livro para a tese, que se chama *Feminismo Decolonial*, que é de uma autora francesa. É muito interessante porque ela coloca justamente essas questões que você chamou de polêmicas, mas que é preciso pensar as pautas feministas de uma perspectiva anticapitalista e incluir todas as demandas e as questões das mulheres pobres, das mulheres negras, das mulheres que dentro da nossa sociedade são colocadas em posições periféricas e que, muitas vezes, não têm suas necessidades consideradas. Ela faz uma análise bem legal, que ela diz que, ao mesmo tempo que o capitalismo impõe que as classes médias e altas acordem às seis da manhã e façam as suas aulas de yoga e vão para a academia e tomem seus sucos detox e depois entrem em seus escritórios e trabalhem com alta produtividade durante oito horas corridas, precisa ter gente para sustentar todo esse mecanismo e, geralmente, são mulheres pobres, que ficam duas horas no metrô para ir trabalhar e mais duas horas para voltar, sendo expostas a serviços, como, por exemplo, as mulheres da limpeza, que usam produtos químicos extremamente nocivos. Elas ganham pouquíssimo, e mal têm dinheiro para comer e não têm espaço para refletir sobre sua condição. É muito delicado!

[00:32:57] Entrevistado: Muito! Eu acho também que são pautas que a gente tem que olhar com o olhar classista e também social. O feminismo não vai ser igual para todo mundo. Os problemas de uma mulher negra, que vive na periferia, em Jacarezinho, onde a sua comunidade é invadida por policiais e vê seus filhos sendo mortos, são diferentes dos problemas de uma mulher que vive no Morumbi, que é branca, de classe média alta. Eu até entendo, Mariana, quando eu digo na questão dessa coisa. Por exemplo, vou pegar o caso do Pantera Negra, que foi muito importante. Se você ver um filme assim, você acaba com o tabu. Qual é o último filme que você vê uma sociedade negra, super desenvolvida, que realmente, é um filme super legal, mas a gente pode também criar discussões através dele? Eu digo “polêmica” de brincadeira, mas é porque as pessoas realmente não se sentem representadas, mas elas querem ver isso. Às vezes pensar nessa questão da crítica acaba

sendo um pouco mais delicado em alguns casos, por causa dessa necessidade de querer ser...

[00:34:22] Entrevistadora: O Pantera Negra gerou muita identificação. É muito sensível também esse ponto da representatividade.

[00:34:31] Entrevistado: Exato! E também é um filme que marginaliza muito qualquer tipo de movimento revolucionário. É um filme que também tem uma proposta para se manter o *status quo*. Eu diria até que ele é quase social-democrata. “Essas pautas aqui são importantes, mas não vamos mexer na estrutura capitalista de exploração”. Acaba sendo complicado!

[00:34:59] Entrevistadora: Eu queria saber também, com relação aos jornais, para além dos filmes e das séries, se você acha que eles tratam da posição das mulheres no mercado de trabalho. Como é feita essa abordagem?

[00:35:20] Entrevistado: Sobre o mercado de trabalho, em si, eu não tenho olhado tanto. Eu acompanho algumas mídias, sim - *Mídia Ninja*. Não os conglomerados, porque eles acabam sempre reproduzindo a linguagem do opressor.

[00:35:46] Entrevistadora: Você acompanha mais a mídia alternativa, mídia independente?

[00:35:49] Entrevistado: Acompanho. Alternativas, independentes. Eu não vejo uma preocupação da pauta. O último caso agora, teve a menina que foi espancada pelo DJ Ivis. Acompanhei pelas mídias alternativas. Como eu não vejo a *Folha* e essas coisas, eu não sei o quanto eles olham para isso. Então, eu não sei se eu conseguiria opinar muito bem.

[00:36:28] Entrevistadora: Entrando mais na temática das mídias feministas mesmo e do midiativismo feminista, o que te motiva a acompanhar esse tipo de iniciativa, tipo o *Lado M*?

[00:36:49] Entrevistado: Principalmente, pela questão da minha desconstrução. Eu quero ser uma pessoa mais saudável comigo mesmo, com as outras pessoas e com as mulheres. Acho que ver esse tipo de representação, que são nocivas para a sociedade, ou com um olhar que eu sei que eu não vou ter, porque, ao mesmo tempo, eu tenho as minhas limitações e tenho muito para aprender. Então, acaba me incentivando, por saber que eu sou um produtor de conteúdo também (eu escrevo histórias), para eu não cair nesses mesmos problemas, porque eu entendo que nós somos seres históricos e do lugar em que vivemos. Eu [inaudível] de

desenhos, de quadrinhos... Deve ter muitas coisas ali que, através do meu olhar, eu não percebi. Sempre ter uma crítica com essa perspectiva acaba me ajudando na desconstrução, para que eu seja uma pessoa melhor.

[00:37:57] Entrevistadora: Você se lembra quando foi e como você conheceu o *Lado M* e como você começou a acompanhar o trabalho desse canal?

[00:38:08] Entrevistado: O *Lado M*? Eu comecei a seguir tudo mais ou menos na mesma época - o *Lado M* e alguns outros blogs. Acho que foi em 2014 ou 2015. Acabei de ver que foi entre 2014 e 2015.

[00:38:38] Entrevistadora: Deve ter sido em 2015, quando eclodiu a Primavera Feminista e surgiram várias iniciativas desse tipo.

[00:38:51] Entrevistado: Pode ser. Deve ser em 2015 mesmo.

[00:38:54] Entrevistadora: Eu imagino que sim, porque várias delas são justamente dessa época. Você falou que você também acompanha outros conteúdos parecidos e com proposta semelhante.

[00:39:08] Entrevistado: Sim, sim. Pelo 98, eu acompanhei bastante o *Game of Thrones*. Eu sempre achei muito interessante porque elas tinham uma perspectiva feminina e feminista, através tanto da série quanto da série de livros, principalmente elogios à construção do George R. R. Martin, por causa da construção do enredo da série. Tinha muitas questões ali problemáticas. Além dessa questão da desconstrução, eu acho muito interesse você também entender a sociedade e entender os problemas da sociedade, através dessas produções culturais da cultura pop. Isso me marcou bastante. Eu lia bastante. Elas publicavam *podcast* também e eu ouvia todos. Foi muito bacana!

[00:40:09] Entrevistadora: Então, você acompanhava *podcast* também. Por qual dispositivo (celular, computador, notebook) que você acessa esse tipo de conteúdo?

[00:40:26] Entrevistado: Normalmente, é pelo *notebook* e pelo computador. No máximo, eu faço isso. Ou quando eu ia para o trabalho, que eu ouvia *podcast* indo para o trabalho também. Eu baixava no computador e mandava para o celular, porque eu não tinha Spotify na época.

[00:40:45] Entrevistadora: Você acessa, geralmente, direto pelas redes sociais ou você entra nos portais e dá uma olhada?

[00:40:58] Entrevistado: É, normalmente, pelos portais. Mas às vezes tem umas postagens novas, aí eu vejo pelo Instagram. Também na época do Facebook, que eu não uso mais tanto, eu também via muito por lá.

[00:41:11] Entrevistadora: Você disse que acessa mais de casa, mas antes era indo para o trabalho também, na rua, quando você estava a caminho do trabalho.

[00:41:21] Entrevistado: Isso!

[00:41:23] Entrevistadora: Com que frequência você acessa esses conteúdos? Você sabe, mais ou menos?

[00:41:34] Entrevistado: Atualmente, é em menor frequência, por causa de pesquisa, de trabalho. Agora, eu estou trabalhando em casa. Agora a frequência está mais baixa do que antigamente. Antigamente, eu já li mais sobre.

[00:41:55] Entrevistadora: Você se lembra de alguma matéria, de algum conteúdo, que te marcou mais, de algum tema específico?

[00:42:06] Entrevistado: Eu lembro que eu achei muito interessante, porque eu vi... Tem um blog chamado *Preta, Nerd & Burning Hell* da Anne Quiangala. Ela fez uma apresentação bem legal da Riri Williams, que seria a nova "Homem de Ferro" - entre aspas. O nome dela virou Coração de Ferro. Mariana, posso só ir na cozinha pegar água? Eu estou com um probleminha de garganta. Só um segundinho. Eu já volto!

[00:42:40] Entrevistadora: Tudo bem! Fica à vontade.

[00:42:41] Entrevistado: Obrigado! Já volto.

[00:42:43] Entrevistadora: Está bom!

[00:43:34] Entrevistado: Voltei, voltei.

[00:43:35] Entrevistadora: Olá! Você está resfriado?

[00:43:40] Entrevistado: Não. Na verdade, como eu sempre trabalhei em exposição de aula, eu ficava falando muito alto, aí minha garganta ficava muito seca. Daí, eu acho que eu acabei criando algum problema. Eu ia no médico, mas acabou tendo a pandemia. Mas, quando eu

fico falando por muito tempo, eu preciso ficar bebendo água, porque a minha garganta fica muito seca, aí eu começo a tossir.

[00:44:07] Entrevistadora: Cuidado! Fica de olho para ver se não tem outros sintomas. Com a pandemia, a gente tem que ficar bem atento.

[00:44:17] Entrevistado: Sim! Vou ficar atento, mas, por enquanto, estou conseguindo me isolar ainda. Ainda bem!

[00:44:23] Entrevistadora: Que bom! Você estava me falando de um conteúdo que você viu e que te marcou mais.

[00:44:31] Entrevistado: Sim! Era da Riri Williams, que, posteriormente, ficou conhecida como *Iron Heart* (“Coração de Ferro”). Eu lembro até hoje que uma das críticas... Não tinha nem saído o quadrinho ainda, mas tinha saído umas imagens da personagem, que era uma menina de 15 anos, mas ela não parecia uma menina de 15 anos. Ela parecia uma adulta de 22 ou 23 anos. Uma das críticas era sobre pensar no rosto da mulher negra como algo totalmente sexualizado, sendo que ela era só uma adolescente. Pela estética, que eu lembro até hoje, não tinha nada de adolescente ali. Eu lembro que essa me marcou bastante, e foi aí que eu comecei a seguir o trabalho das meninas, da Anne Quiangala e da Camila Cerdeira.

[00:45:32] Entrevistadora: Eu não conheço. Vou até procurar aqui.

[00:45:36] Entrevistado: É *Preta, Nerd & Burning Hell*. É muito legal!

[00:45:38] Entrevistadora: Eu vou procurar. Você consegue destacar semelhanças desses veículos de jornalismo feminista e do jornalismo mais tradicional - semelhanças e diferenças também? Você me contou que você tem o hábito de acompanhar muito mais mídias independentes, né?

[00:46:13] Entrevistado: Sim, mídias independentes. Para eu falar da mídia tradicional, é um pouco mais difícil, porque geralmente eu não passo muito da manchete, então eu não saberia dizer.

[00:45:25] Entrevistadora: Você acha que essas iniciativas de midiativismo feminista interagem com seus públicos? Elas respondem nas mídias sociais? Elas recebem as

sugestões de pautas e de notícias para abordar? Ou você nunca observou? Às vezes, tem o pessoal que diz que nunca notou e nunca parou para olhar.

[00:46:56] Entrevistado: Eu não consigo notar, porque eu não leio muitos comentários. Eu também acho que não vou conseguir responder essa questão.

[00:47:12] Entrevistadora: Você não lê muito, mas você costuma deixar comentários e compartilhar os conteúdos e interagir de alguma forma?

[00:47:20] Entrevistado: Eu compartilho mais do que escrevo ou comento nos blogs ou, pelo menos, na época em que eu fazia mais isso. Como eu disse, eu não estou mais tão ativo. Eu fico mais nas notícias e tal, principalmente quando sai um filme ou um pepino. Por exemplo, o caso da Viúva Negra, que eu fui dar uma olhada para entender um pouco mais essa questão das pautas e, através disso, fazer as minhas próprias conclusões. Entender como essas pautas identitárias são assimiladas ao capitalismo para manter o *modus operandi* desse sistema.

[00:48:08] Entrevistadora: Quais são as características positivas do *Lado M* e de outras iniciativas e de outros veículos de jornalismo feminista que você destacaria?

[00:48:29] Entrevistado: Eu acho que a maior é a desnaturalização do machismo que a gente encontra na cultura pop. Eu não lembro quem foi que escreveu, mas era uma matéria bem interessante que desconstruía esses personagens de romance, de pessoas maravilhosas, que são homens que vão encontrar a sua mulher e [inaudível]...

[00:49:00] Entrevistadora: Na verdade, são meio obsessivos.

[00:49:07] Entrevistado: Isso! Obsessivos e não respeitam liberdade, abusam. Foi muito importante ler esse texto. Tinha muitas coisas antigas ali e algumas delas eram coisas que a gente via na infância. Por exemplo, o próprio Snape... É complicado porque a própria autora acaba romantizando muito, mas o personagem, em si, tinha muito toxicidade. Eu acho muito importante esse objetivo de neutralizar esse machismo que a gente vê na cultura pop e acabar reproduzindo, porque você vê na cultura pop, vê em casa, vê com os amigos na rua. Então, é importante para isso também.

[00:49:56] Entrevistadora: Quais características negativas desses canais de jornalismo feminista você consegue destacar? Se é que você acha que tem características negativas.

[00:50:10] Entrevistado: Eu sinto que ainda falta bastante o recorte de classe, na maioria deles. Acho que ainda faltam comentários sobre classe... a pauta identitária é um processo político que está acontecendo dos últimos anos para cá, e a gente tem sempre que olhar com cuidado, para os interesses econômicos e políticos. Eu vejo isso como uma coisa [inaudível]. Com pautas de... É até um lugar que eu não entendo. Não é que eu não entendo. Eu não participo. Eu, como homem, branco, hétero, o que eu mais tive na minha vida foram personagens que eu olhava e conseguia me identificar. Acaba sendo um campo complicado para eu criticar, porque não envolve o meu emocional e o meu psicológico, como envolve o das pessoas que acabam curtindo isso. Mas se eu pudesse apontar uma causa, eu diria que essa desconsideração de classes é a parte negativa.

[00:51:39] Entrevistadora: Victor, elas mesmas fazem essa mesma crítica que você colocou. Eu conversei com uma diretora da *AzMin* e com uma colunista e as duas colocaram exatamente isso: elas disseram que o trabalho que elas fazem ainda é muito elitista e restrito a uma classe média-alta, branca, de bairros nobres das grandes cidades. Elas entendem que é preciso expandir e procuram mecanismos para isso, só que a maioria desses canais ainda conta, por exemplo, com poucas colaboradoras que são mulheres negras. Outra reflexão que elas fazem é com relação à internet, que é o espaço que elas acabam tendo para divulgar os seus trabalhos e os seus conteúdos, mas, por outro lado, não chega massivamente nas pessoas.

[00:52:37] Entrevistado: Com certeza, com certeza! É importante que esses conteúdos cheguem, principalmente, nas escolas e tal. Bacana que elas fazem essa reflexão.

[00:52:48] Entrevistadora: Elas fazem. Elas não sabem direito como contornar a problemática. Durante a pandemia, você comentou que passou a acessar um pouco menos esses conteúdos, por causa do seu trabalho agora em casa. Você acha que, durante a pandemia, você acompanhou menos essas iniciativas? Tem alguma correlação com o contexto da conjuntura da pandemia? Alô?

[00:53:28] Entrevistado: Eu estou refletindo.

[00:53:30] Entrevistadora: Ah, me desculpa!

[00:53:32] Entrevistado: Imagina! Eu não sei se é uma correlação direta. Acho que esse contexto de pandemia, para geral, fora alguns assuntos muito específicos, ficou na superficialidade de ler o título da matéria. Eu não vou muito a fundo, não. Alguns casos, como um evento de quadrinhos daqui, eu uso muito a discussão de várias coisas, vejo quadrinhos de várias regiões do Brasil (quadrinistas do Norte, quadrinistas que produzem na África). Daí, eu assisti as *lives*, mas, no meu cotidiano, separando o tempo, eu estou focado mais naquela coisa do *fic* mesmo, que a gente acaba criticando, mas acaba passando por isso, que é olhar por cima e não pesquisar tanto. Até porque, quando eu vejo um assunto e pesquiso mais, é mais voltado para política. Para isso, eu tenho uma pesquisa mais aprofundada. Também para os meus trabalhos, com a questão de usar mais os quadrinhos dentro da sala de aula. Coisas que envolvem quadrinho e educação, eu também pesquiso mais. Sobre a questão da pauta feminista, eu estou atualmente mais social, vendo as notícias e, em um ponto ou outro, que eu vou ver um vídeo ou ler um texto.

[00:55:24] Entrevistadora: Na sua opinião, quais são os impactos da pandemia para esse tipo de iniciativa de midiativismo feminista ou para iniciativas semelhantes?

[00:55:35] Entrevistado: Das que eu acompanho, que são muito de cultura pop, o maior impacto é que, durante muito tempo, nós não tivemos produções novas - só tinha cinema. Críticas feministas através do cinema etc., por muito tempo, ficou sem. Eu acho que isso deve ter prejudicado bastante. Sempre vai ter uma coisa que não [inaudível]. Mas de ter algo novo, algo que vai ter o público... Quando eu vejo que saiu tal filme que eu não consegui ver ainda, eu dou sempre uma olhada nas críticas. Como isso não tem mais, eu acho que isso deve ter prejudicado bastante.

[00:56:29] Entrevistadora: Enquanto leitor, como você lida com essa conjuntura atual que a gente está vivenciando de ampla disseminação de notícias falsas?

[00:56:49] Entrevistado: É bem complicado, porque eu vejo que tem uma dificuldade de conversar. Eu passo por isso em casa. Se eu for desconstruir cada uma das mentiras... Eu

vou desconstruir uma, mas vai surgir outra. Aí, vira uma bola de neve e vem uma outra e uma outra. Eu acabo tendo esse problema, porque o processo de desconstrução não é uma coisa que é rápida. Você tem que embasar aquilo que você está falando e mostrar que você está aliado à verdade, aliado a documentos etc. Sobre a questão da internet, eu não sei se eu passo muito por isso ou não, de ler alguma coisa e descobrir que é falsa. Pelo menos, eu tenho bastante confiança nos portais. Não é um apenas; eu vejo de várias. “Aqui é um lugar que dá para acreditar”.

[00:58:02] Entrevistadora: Você não costuma se deparar com as *fake news*.

[00:58:08] Entrevistado: Aham! No máximo, quando eu me deparo com a *fake news* é a pessoa já desconstruindo ela. “Isso aqui é uma *fake news*”. É mais ou menos nesse formato.

[00:58:26] Entrevistadora: Na sua opinião, como essas notícias falsas afetam o portal *Lado M* ou essas outras iniciativas de midiativismo feminista? “Afetam”, no sentido não só delas receberem sugestões de pauta e de conteúdo para publicar, baseados em *fake news*, mas também delas serem atingidas e terem sua credibilidade atingida por causa de *fake news*. Você acha que isso acontece?

[00:59:03] Entrevistado: Eu não sei nem como responder, na verdade. Pelo menos do que eu acompanho, *fake news* são mais voltadas à questão de notícias e não do jornalismo da crítica, que é o que eu acabo acompanhando mais. Então, eu não vou ter essa informação para te passar.

[00:59:30] Entrevistadora: Não tem problema! São essas as minhas perguntas. Você tem alguma dúvida, alguma questão, algo que você queira acrescentar?

[00:59:40] Entrevistado: Eu só queria agradecer pela oportunidade de fazer parte desse estudo acadêmico. Acho que é extremamente importante esse tipo de pesquisa.

[00:59:50] Entrevistadora: Eu que agradeço muito por você ter se disponibilizado a participar, por você ter aceitado. Eu fico inteiramente à disposição, se você lembrar de alguma coisa, se você tiver alguma dúvida, se você quiser me acionar por alguma outra questão que você achou interessante. Você pode me mandar perguntas ou entrar em contato. Muito obrigada mesmo. Foi super legal, super construtiva a nossa conversa. Acho que ajudou bastante ouvir

a perspectiva de um homem. Espero que outros aceitem participar. Eu convidei várias pessoas para participarem e você foi o primeiro homem a topar. Eu já falei com várias mulheres.

[01:00:47] Entrevistado: Eu já estou preocupado. A gente fica muito com essa coisa de lugar de fala. O lugar de fala é realmente importante, na questão de se passar por aquilo, mas também é importante os homens terem um papel, porque eles estão na condição de opressores também.

[01:01:10] Entrevistadora: É super legal poder ouvir a perspectiva de um homem. As moças da *AzMina* até me contaram que houve um momento em que, na revista, começou um debate interno entre as produtoras de conteúdo, se elas podiam abrir espaço para homens escreverem matérias também. Decidiram que não cabia e que eram só mulheres escrevendo. Se passaram alguns anos e elas começaram a ter filhos e elas começaram a ter filhos homens, inclusive. Elas resolveram repensar, porque elas viram que é preciso englobar todo mundo no debate. Agora, elas estão se questionando e estão querendo, realmente, abrir espaço para homens escreverem também.

[01:02:04] Entrevistado: Eu fiquei um pouco nervoso por causa disso, mas foi um desafio.

[01:02:09] Entrevistadora: Muito obrigada mesmo. Foi super legal!

[01:02:13] Entrevistado: Eu que agradeço. Eu gostei bastante. Se você precisar de alguma coisa, é só me chamar.

[01:02:19] Entrevistadora: Então, está bom. Muito, muito obrigada, Victor.

[01:02:23] Entrevistado: Imagina. Até uma próxima, Mari. Bom trabalho!

[01:02:27] Entrevistadora: Até! Obrigada! Para você também. Bom trabalho. Tchau, tchau.

[01:02:30] Entrevistado: Obrigado! Tchau, tchau!

